TRILOGIA

NEUROMANCER
COUNT ZERO
MONA LISA OVERDRIVE

SPRAWL

TRILOGIA

NEUROMANCER
COUNT ZERO
MONA LISA OVERDRIVE

SPRAWL

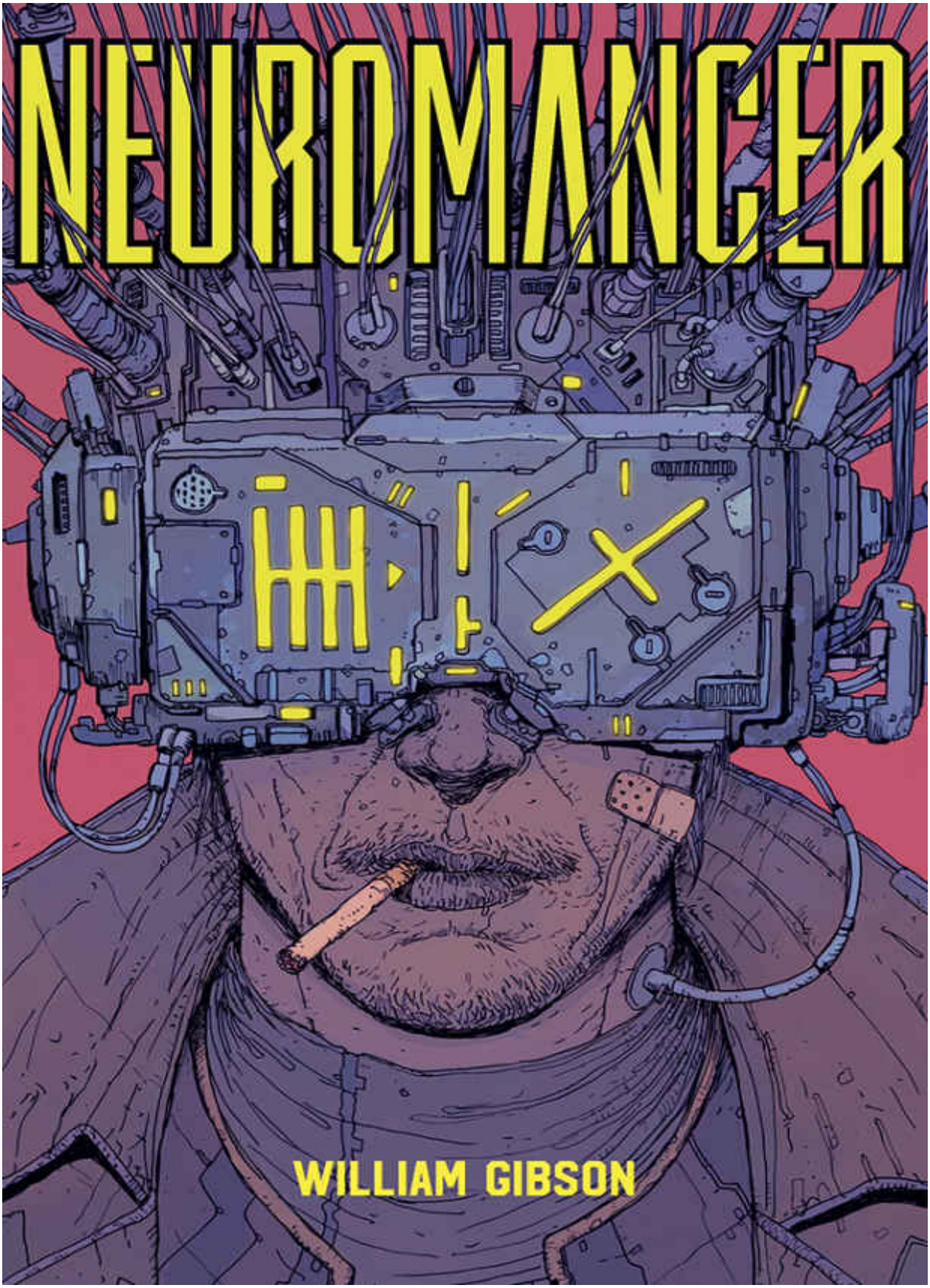
SUMÁRIO

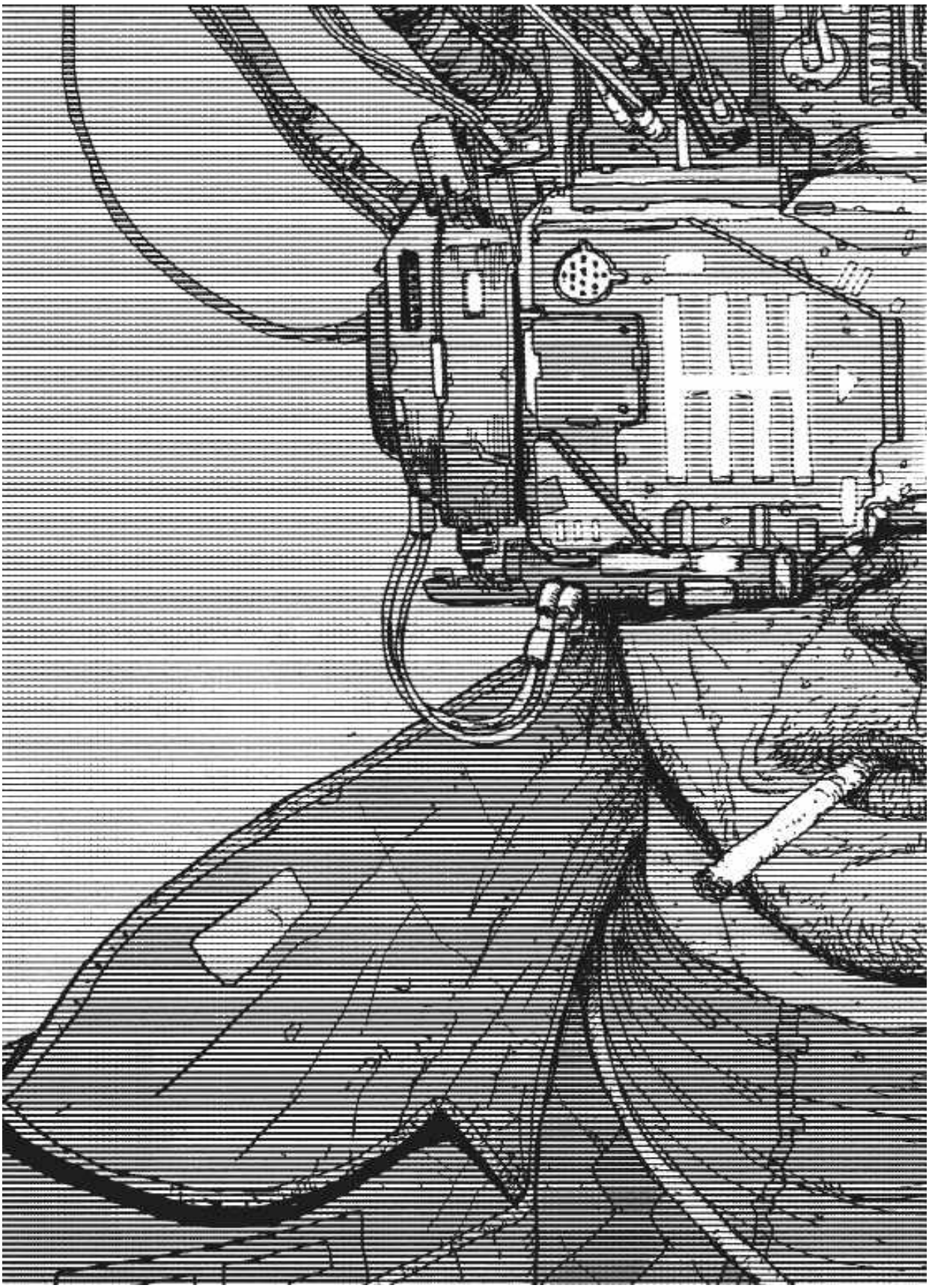
Neuromancer

Count Zero

Mona Lisa Overdrive

Sobre o autor


NEUROMANCER
WILLIAM GIBSON



NEUROMANCER

5ª EDIÇÃO
TRADUÇÃO:
FÁBIO FERNANDES

WILLIAM GIBSON

ALEPH

INTRODUÇÃO
por Neil Gaiman

O ano de 1984 parece tão próximo e ainda assim tão distante. Foi um ano da ficção científica: a visão de Orwell de uma Inglaterra totalitária, ela mesma um reflexo sombrio de 1948, não tinha ocorrido, mas nós sabíamos que havíamos entrado numa época de ficção científica. O futuro estava ali, mas nenhum de nós tinha certeza do que ele continha.

Na época, não tínhamos celulares nem Internet. Faltavam conceitos para o que estava vindo até nós.

Eu me pergunto, mesmo agora, até onde William Gibson descreveu o futuro, e o quanto ele o possibilitou – o quanto as pessoas que leram e adoraram *Neuromancer* fizeram o futuro se cristalizar em torno de sua visão. De um modo ou de outro, *Neuromancer* foi um divisor de águas.

Além da famosa frase de abertura, há outros momentos em *Neuromancer* que nos lembram que não estamos em nosso futuro, mas estamos olhando para o futuro de 1983: aqui uma fileira de telefones públicos tocando, um após o outro, ali um modem (que era um dispositivo hi-tech em 1983); e o meu favorito: os “3 megabytes de RAM quente” que servem como um MacGuffin no primeiro capítulo. (Quando, no ano seguinte à publicação de *Neuromancer*, eu comprei meu primeiro computador, o vendedor fez o possível para me convencer a deixar de comprar um disco rígido de 20 megabytes. Eu nunca o encheria, ele explicou. Melhor comprar o de 10 megabytes, mais barato.) Mas nenhuma dessas coisas diminuiu o livro nem a realização de Gibson.

Case, o cowboy hacker, tem o cronômetro derradeiro em sua corrente sanguínea e precisa completar uma missão para continuar vivo. Ele também perdeu tudo e todos com quem se importava, e está fazendo a única coisa que sabe fazer ou na qual é bom. Molly, com implantes prateados e lâminas nas pontas dos dedos, vai

mantê-lo vivo, se puder. Há uma ou duas inteligências artificiais fugitivas, sem mencionar a Polícia de Turing, que mantém um olho no que AIs trapaceiras fazem.

Neuromancer é *sui generis*, embora, ao mesmo tempo, tenha uma sólida linhagem direta de ficção científica: uma fusão profana da prosa e da ambientação de Samuel R. Delany com os fogos de artifício narrativos de Alfred Bester. Sobretudo, Gibson faz jus à observação de Raymond Chandler de que ao escrever uma história de aventura "a demanda era por ação constante; se você parasse para pensar, estava perdido. Na dúvida, faça um homem entrar por uma porta com uma arma na mão". Em *Neuromancer*, homens entram pela porta – e mulheres também –, e criaturas nem sempre humanas, todas com armas nas mãos. Nós nunca paramos para pensar. É mais seguro assim.

Neuromancer é o primeiro livro de Gibson, e há um prazer em observar um jovem autor que nunca escreveu um romance jogar no liquidificador tudo o que tem, incluindo o amor pelo Velvet Underground, cuja música "Cool it Down" antecipa muito da trama de *Neuromancer*, assim como "Pale Blue Eyes" fez com o conto "Burning Chrome", também de Gibson.

Gibson escreveria mais dois romances que se passam no futuro do Sprawl, após os acontecimentos de *Neuromancer*: *Count Zero* e *Mona Lisa Overdrive*. Desde então seus futuros, sempre agudamente observados, se aproximaram cada vez mais de casa e de nossa própria época. Se, atualmente, seus romances se passam no aqui e agora, talvez seja porque o aqui e agora seja ficção científica. Estamos nadando no Choque do Futuro, precisamos de alguém para nos dizer o gosto que a água tem.

NOTA AO LEITOR

Há mais de vinte anos, a Editora Aleph lançou a primeira edição brasileira de *Neuromancer*. Em 2008, já reconhecida como uma das mais importantes publicadoras de ficção científica do País, a Aleph brindou seus leitores com uma edição especial do clássico de William Gibson – comemorativa dos 25 anos de sua edição original em língua inglesa – e com a publicação integral da Trilogia do Sprawl, composta por *Neuromancer* e pelas sequências *Count Zero* e *Mona Lisa Overdrive*. Este último livro da trilogia chegou às livrarias brasileiras exatamente vinte e cinco anos depois de o autor norte-americano ter concluído a primeira grande aventura que revolucionou a visão de futuro do mundo, em julho de 1983.

Mas a história da trilogia começa um pouco antes disso. Nem todos sabem, mas Gibson já havia feito uma incursão pelo mundo caótico e anárquico do Sprawl entre 1981 e 1982, quando publicou três contos ambientados nesse mesmo universo nas páginas da cultuada revista *Omni: Johnny Mnemonic, New Rose Hotel* e *Burning Chrome*. Tais contos – notadamente o primeiro, que apresenta Molly Millions aos leitores – foram a base para a criação do seu primeiro romance.

A influência da trilogia no mundo atual é notória: diversos avanços científicos e tecnológicos descritos nos livros de Gibson foram alcançados, enquanto muitos ainda são estudados com afinco. Biotecnologia, implantes cibernéticos, rede mundial de computadores, inteligência artificial e realidades virtuais são apenas alguns deles. E ainda que de modo gradual e quase invisível aos nossos olhos, esses conceitos se integraram tão naturalmente ao cotidiano que nos parecem hoje, neste admirável mundo novo em que vivemos, absolutamente familiares.

Para que a publicação dessa série de romances fosse realizada a contento, era imprescindível trazer aos leitores uma visão acurada do universo futuro de Gibson. Para tanto, foram convidados três

tradutores de peso para que cada um desse a sua visão sobre a obra do autor. Fábio Fernandes, tradutor de *Reconhecimento de Padrões*, do próprio Gibson, *Laranja Mecânica*, de Anthony Burgess, e *O Homem do Castelo Alto*, de Philip K. Dick (todos pela Aleph), assumiu a nova tradução de *Neuromancer*. Carlos Angelo, tradutor de *Tropas Estelares*, de Robert Heinlein (GRD/Pecas), e *O Fim da Infância*, de Arthur C. Clarke (Aleph), imergiu no submundo de *Count Zero*. E Carlos Irineu, responsável por obras como *Fortaleza Digital* e *Ponto de Impacto*, de Dan Brown, e O *Guia do Mochileiro das Galáxias*, de Douglas Adams (todos pela Sextante), fechou a trilogia com *Mona Lisa Overdrive*.

A equipe se empenhou em normatizar as traduções, sem com isso deixar de impor seu estilo próprio e respeitar o espírito original das obras de Gibson. Mas, para suplantar o padrão da elogiada versão de Alex Antunes para *Neuromancer* (Aleph, 2003), aprimorá-la e dar unidade à trilogia, algumas adequações tiveram de ser feitas.

A tradução seguiu regras simples de normatização para unificar os livros. São elas: a utilização de todos os nomes de personagens tal qual foram imaginados por Gibson, incluindo um aposto em sua primeira ocorrência (como, por exemplo, na referência ao personagem Dixie Flatline, o Linha Mortal); programas de tevê, marcas e nomes de jornais também foram mantidos como no original, por uma questão de coerência; termos que possuem versão de uso corrente em língua portuguesa, e mais especificamente no Brasil, foram traduzidos. Todas essas ocorrências – e eventuais exceções – também podem ser conferidas no glossário, cuja consulta sugerimos ser feita antes da leitura do livro, para uma melhor compreensão do universo criado pelo autor.

Para a edição comemorativa de 25 anos de *Neuromancer* (2008), foram especialmente acrescentados um prefácio de William Gibson, escrito para o aniversário de 20 anos da obra, e o posfácio de Adriana Amaral, que estuda há anos a cibercultura e, particularmente, a obra de Gibson. Ambos os textos, bem como a tradução de Fábio Fernandes, foram mantidos para esta e futuras reimpressões.

Com o lançamento da Trilogia do Sprawl, a Aleph encerrou um ciclo iniciado com a publicação da primeira edição de *Neuromancer*, nos anos 1990, consolidando seu compromisso de trazer ao público brasileiro o melhor da literatura de ficção científica mundial e de desmistificar a ideia de que a fc é um universo literário menor. Ao contrário, esse segmento vem conquistando seu espaço na chamada alta literatura, o que pode ser constatado com a inclusão de *Neuromancer* na prestigiosa lista dos cem melhores romances em língua inglesa da revista *Time*.

Foram meses de trabalho contínuo para que a Trilogia do Sprawl pudesse chegar ao leitor de um modo que dignificasse a obra de William Gibson. E agora cabe a cada um mergulhar nessa alucinação coletiva, nesse emaranhado de textos e ideias que, em cada mente, ajudou a construir um verdadeiro ciberespaço consensual.

Bem-vindos, novamente, à matrix.

Os editores

O CÉU SOBRE O PORTO

Levei pelo menos uma década para perceber que muitos de meus leitores, mesmo em 1984, jamais poderiam ter vivenciado a frase de abertura de *Neuromancer* do jeito que havia imaginado que eles vivenciassem. Na verdade, compus aquela primeira imagem com a estática preto e branca do vídeo de minha infância em mente, prateada de sódio e quase dolorosa – um tremendo anacronismo, bem no exato começo da minha carreira no futuro imaginário.

Mas invisível, o que é interessante; um futuro que revela uma graça peculiar, compartilhada por todos os futuros imaginários quando sobem a linha do tempo e chegam ao futuro real, para onde todos nós devemos ir. O leitor nunca parou para pensar que eu poderia estar pensando, ainda que de modo inconsciente, na textura e na cor de um canal fora do ar em um aparelho de tv Motorola de gabinete de madeira com alto-falantes recobertos com tecido. Os leitores compensaram para mim, carregando nos ombros uma fatia adicional do peso imaginativo, e permitindo que o que quer eles supusessem fosse a cor da estática a assumir a melancolia da expressão “dead channel” (ao pé da letra, canal morto).

Na minha adolescência, nos anos 1960, lia muita ficção científica que datava da década de 1940, um período que foi muito fértil para o gênero, e lembro de ter feito justamente esse tipo de esforço pensando em ficções que haviam exagerado demais tecnicamente, ou cujos futuros imaginados haviam sido atropelados pela história subsequente. Dava a essas ficções justamente o tipo de desconto extra em troca de valor que a narrativa pudesse oferecer, que alguns leitores devem estar dando a *Neuromancer* hoje: não para anacronismos invisíveis como a minha cor na televisão, mas por pecados inevitáveis de omissão da ordem de uma completa ausência de pequenos e ubíquos telefones portáteis. (Na verdade, um dos meus momentos favoritos do livro está no toque em sequência de uma fileira de telefones públicos.)

Imaginem um romance dos anos 1960 cujo autor tivesse, de algum modo, previsto com detalhes a telefonia celular por volta de 2004, e a tivesse inserido, exatamente como a conhecemos hoje, no corpo de seu futuro imaginário. Um livro assim teria sido encarado de modo muito peculiar nos anos 1960, embora já tivessem sido escritos inúmeros romances nos quais apareciam dispositivos de comunicação pessoal sem fio. Um romance de celular profético de verdade teria sido estruturado de uma maneira muito perturbadora, fazendo com que seus personagens atuassem, devido a um grau de conectividade sem precedentes, de formas que se tornariam, de pronto, mais importantes do que a narrativa propriamente dita.

Olhando em retrospecto, suspeito que *Neuromancer* deva grande parte de sua longevidade editorial à minha quase perfeita ignorância da tecnologia a qual eu estava extrapolando na época. Estava tão distante do autor dos anos 1960 que sabia tudo sobre telefones celulares quanto era possível estar. As partes que criei inteiramente por minha conta permanecem com um aspecto interessante. Já nas partes em que fui infeliz o bastante para usar o pouco conhecimento real de que eu dispunha, o leitor vai encontrar coisas como as teclas de uma impressora mecânica, ou a intrigante necessidade urgente que Case tem, quando surgem problemas, de um modem. Ao contrário da ausência de telefones celulares, esses são pecados de omissão ou comprometimento. Outra imensa omissão é a minha falha em ter discretamente provocado o colapso da União Soviética e varrido os destroços para baixo do tapete quando ninguém estava olhando.

Embora houvesse uma razão estratégica para que não o fizesse, eu já tinha feito isso aos Estados Unidos, que não se sabe se existem mais no mundo de *Neuromancer*. A coisa, deliberadamente, nunca é mencionada, e as pessoas meio que vagamente concluem que os EUA devem ter de algum modo se desintegrado como parte daquilo que hoje chamaríamos globalização, para serem substituídos por alguma combinação menos perigosa de grandes corporações e cidades-estado. Depois de ter feito os EUA desaparecerem, achei que seria melhor manter a URSS ali por uma questão de continuidade. (Se eu tivesse feito a URSS desaparecer, poderia ter sido queimado como uma bruxa, mas enfim.)

O leitor de hoje deve ter em mente que escrevi *Neuromancer* absolutamente sem a menor expectativa de que ele continuaria sendo publicado vinte anos depois. Eu sabia que ele seria publicado, se conseguisse terminá-lo e se o editor aceitasse o manuscrito, ambos requisitos que na época pareciam constantemente improváveis, como uma brochura original – essa unidade literária das mais efêmeras, um tijolo do tamanho de um bolso feito para caber num rack giratório de livraria, impresso em papel altamente ácido e visivelmente desejando retornar à polpa crua da qual fora extraído. Minhas melhores expectativas para o livro eram de que ele encontrasse, fosse qual fosse a tiragem modesta em que tivesse sua estreia, umas cinco almas generosas. Provavelmente na Inglaterra, como imaginava, ou quem sabe na França. Eu não colocava muita fé no público americano, porque achava que estava escrevendo muito deliberadamente contra o que supunha que o público norte-americano havia sido ensinado a querer da ficção científica.

Eu estava fazendo isso porque, sinceramente, não ia conseguir fazer diferente. Depois de ter sido convencido a assinar um contrato (pelo falecido Terry Carr, sem o qual certamente não existiria *Neuromancer*), me descobri possuído por uma atitude de dissidência que certamente não ia compartilhar com meu editor; na verdade, com praticamente ninguém. As únicas pessoas que sentiam isso eram alguns dos outros escritores com os quais eu acabaria sendo rotulado de “cyberpunk”, e eles estavam longe, a maioria em Austin, Texas.

Assim como Case no clímax do livro, eu estava subindo numa curva íngreme, impulsionado por… Eu não saberia dizer a vocês, embora um dos elementos fosse um ressentimento terrível que eu sentia com relação ao que o gênero que adorava quando adolescente parecia ter se tornado naquele meio-tempo. Embora soubesse que não tinha nem a intenção nem a menor esperança de que o que estava fazendo, datilografando minha brochura original *Ace Special* em uma quase antiguidade manual portátil, fabricada com a qualidade da precisão suíça, mudaria, de algum modo, o curso da ficção científica. (E aparentemente não mudou mesmo, exceto por ajudar a manter abertas algumas portas que certamente

nunca construí, portas que havia encontrado na adolescência, com nomes como “Bester” e “Leiber” escavados em suas molduras.)

Recentemente, me disseram que *Neuromancer* já vendeu mais de um milhão de exemplares. Isso desde 1984, e suponho que seja em edições norte-americanas ou de língua inglesa. No exterior, o livro conseguiu ser traduzido para a maioria dos idiomas em que os livros são traduzidos, embora ainda não, até onde sei, para o chinês ou para o árabe.

Isso é parecido com ter um filho adulto do qual nunca recebemos notícias diretamente, mas que evidentemente está indo muito bem, viaja muito e para muitos lugares, e parece conhecer gente interessante.

Mas minha verdadeira simpatia está com aquele garoto inteligente de treze anos, sentado em um sofá em algum lugar, já passando da página vinte do livro, e desesperado para chegar ao fundo do mistério de por que celulares não são permitidos em Chiba City.

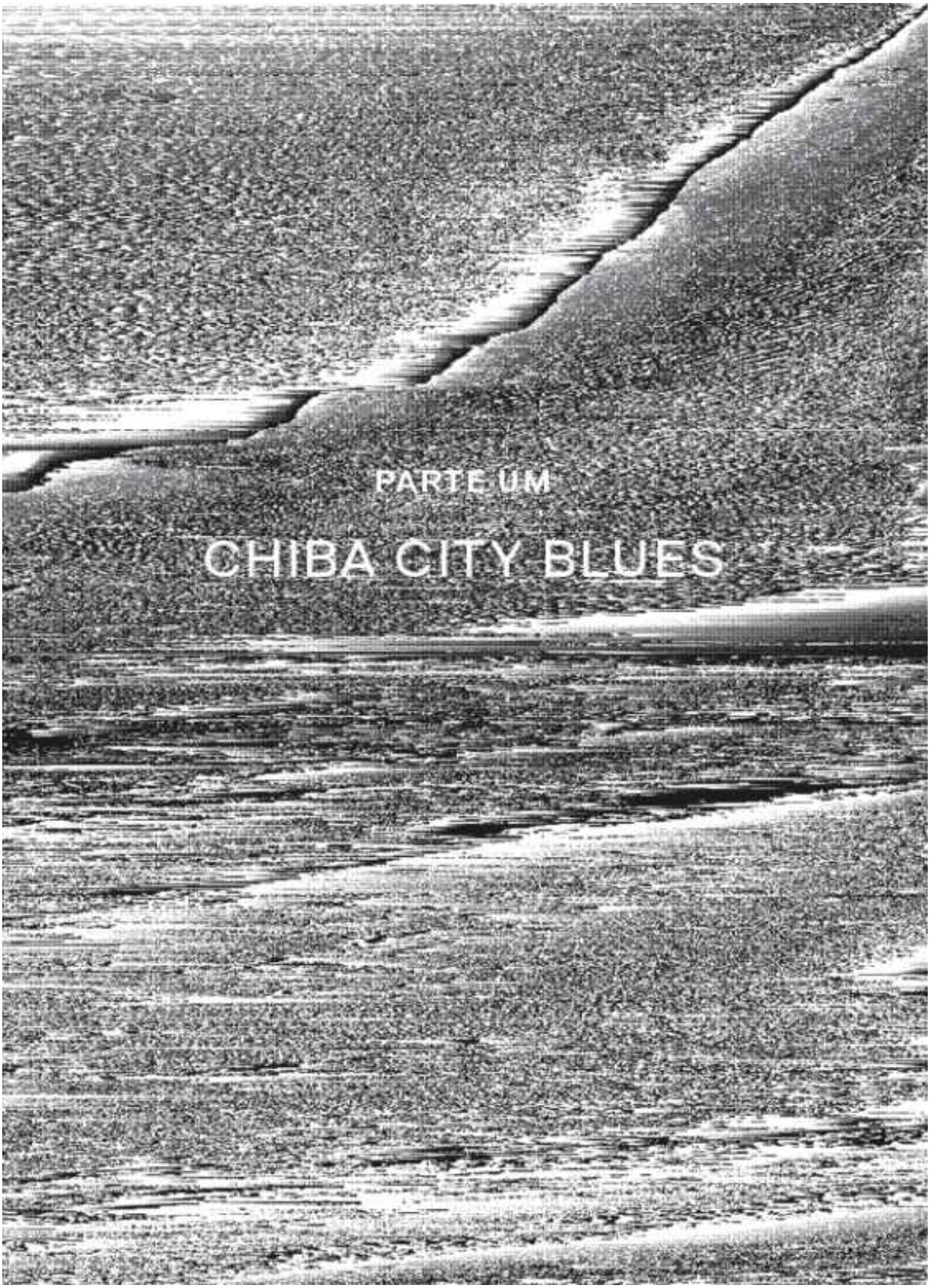
Aguente firme, amigão.

A coisa só vai ficar ainda mais estranha.

William Gibson
Vancouver, BC
17 de maio de 2004

para Deb
que tornou isto possível
com amor


NEUROMANCER


PARTE UM
CHIBA CITY BLUES

1

O céu sobre o porto tinha a cor de uma televisão sintonizada num canal fora do ar.

– Não é que eu esteja usando – Case ouviu alguém dizer ao abrir caminho na multidão aglomerada na porta do Chat. – Meu corpo é que desenvolveu uma deficiência maciça de drogas. – Era uma voz do Sprawl e uma piada do Sprawl. O Chatsubo era um bar de expatriados profissionais; você podia beber ali todos os dias durante uma semana e nunca ouvir duas palavras em japonês.

Quem estava cuidando do bar era o Ratz, que enchia uma bandeja de copos com cerveja Kirin draft, com uma prótese de braço que se movia aos trancos. Ele viu Case e deu um sorriso; seus dentes eram uma teia composta de aço do leste europeu e decomposição marrom. Case achou um lugar no bar, entre o bronzeado improvável de uma das putas do Lonny Zone e o uniforme naval perfeitamente engomado de um africano alto com as faces vincadas com fileiras precisas de cicatrizes tribais. – Wage esteve aqui mais cedo, com dois ajudantes – disse Ratz, servindo-lhe uma cerveja com a mão boa. – Será que é algum negócio com você, Case?

Case deu de ombros. A garota a sua direita deu uma risadinha e um cutucão.

O sorriso do bartender ficou ainda maior. Sua feiúra era legendária. Numa era em que ser bonito saía barato, havia alguma coisa de heráldica na ausência de beleza que exibia. O braço antigo gemeu quando ele o estendeu para pegar outra caneca. Era uma prótese militar russa, um manipulador com force-feedback de sete funções, revestido com plástico rosa encardido. – Você é um artista e tanto, Herr Case – Ratz grunhiu; o som era o equivalente de uma gargalhada para ele. Coçou a barriga flácida que caía da camiseta branca com a garra rosada. – Você é o *artiste* do negócio ligeiramente engraçado.

– Claro – disse Case, e tomou um gole da cerveja. – Alguém aqui tem que ser engraçado. E não é você, caralho.

A risadinha da puta subiu uma oitava.

– Também não é você, minha filha. Então, vê se te manda, ok? O Zone é amigo pessoal, íntimo meu.

Ela olhou Case no olho e fez o som mais suave possível de cuspe, mal movendo os lábios. Mas foi embora.

– Meu Deus – disse Case. – Mas que muquifo você tem aqui? Assim não dá pra beber em paz.

– Ha – disse Ratz, passando um trapo na madeira cheia de marcas. – Zone me dá uma porcentagem. Deixo você trabalhar aqui pelo valor de entretenimento.

Enquanto Case tomava sua cerveja, um daqueles estranhos instantes de silêncio desceu, como se uma centena de conversas não relacionadas tivessem simultaneamente chegado à mesma pausa. Então o risinho da puta soou, revestido de uma certa histeria.

Ratz grunhiu. – Um anjo passou por aqui.

– Os chineses – berrou um australiano bêbado. – Foram os chineses quem inventaram a reconfiguração neural, porra. O continente é o melhor lugar para um trabalho neural. Eles te consertam direitinho, parceiro...

– Agora, isso – Case disse para sua caneca, e todo o seu amargor subitamente lhe subiu como bile – isso é uma mentira muito filha da puta.

Os japoneses já haviam esquecido mais neurocirurgia que os chineses jamais haviam aprendido. As clínicas negras de Chiba eram de ponta, escolas inteiras de conhecimento técnico suplantado mês a mês, e mesmo assim não conseguiram reparar o estrago que ele havia sofrido naquele hotel em Memphis.

Um ano ali e ele ainda sonhava com o ciberespaço, a esperança morrendo um pouco a cada noite. Todo o speed que tomou, todas as voltas que deu e as esquinas de Night City por onde passou, e ainda assim ele via a matrix em seu sono, grades brilhantes de lógica se desdobrando sobre aquele vácuo sem cor... O Sprawl ficava agora a um longo e estranho caminho de distância sobre o Pacífico, e ele não era mais nenhum cara do console, nenhum

cowboy de ciberespaço. Apenas mais um marginal na viração. Mas os sonhos apareciam na noite japonesa como figuras de vudu eletroluminescente, e ele gritava, chorava dormindo, e acordava sozinho no escuro, curvado em posição fetal em sua cápsula em algum hotel-caixão, as mãos trincadas no colchonete, a espuma sintética enroscada entre os dedos, tentando alcançar o console que não estava lá.

– Vi sua namorada ontem à noite – disse Ratz, passando a Case sua segunda Kirin.
– Não tenho namorada – ele disse, e bebeu.
– Senhorita Linda Lee.
Case balançou a cabeça.
– Não tem garota? Nada? Só negócios, amigo artista? Dedicação ao comércio? – Os olhinhos castanhos do bartender estavam incrustados em rugas de carne. – Acho que eu gostava mais de você quando estava com ela. Você ria mais. Agora, uma noite dessas, você pode acabar ficando artístico demais; aí vai acabar em tanques de clínica, em peças avulsas.
– Estou ficando tão emocionado, Ratz. – Ele terminou a cerveja, pagou e foi embora, os ombros altos e estreitos encolhidos sob o nylon cáqui molhado de chuva da jaqueta. Abrindo caminho em ziguezague pelas multidões de Ninsei, sentia o cheiro azedo do próprio suor.

Case tinha vinte e quatro anos. Aos vinte e dois era um cowboy, cowboy fora da lei, um dos melhores no Sprawl. Ele havia sido treinado pelos melhores, McCoy Pauley e Bobby Quine, lendas do negócio. Na época, operava num barato quase permanente de adrenalina, subproduto da juventude e da proficiência, conectado num deck de ciberespaço customizado que projetava sua consciência desincorporada na alucinação consensual que era a matrix. Ladrão que trabalhava para outros ladrões, mais ricos, empregadores que forneciam o software exótico necessário para penetrar as muralhas brilhantes de sistemas corporativos, abrindo janelas para fartos campos de dados.

Ele havia cometido o erro clássico, aquele que jurou jamais cometer. Roubou de seus empregadores. Guardou uma coisa para si e tentou repassá-la por um receptador em Amsterdã. Até hoje ele não sabia ao certo como havia sido descoberto, não que isso importasse agora. Na época, achou que fosse morrer, mas eles apenas sorriram. Claro que estava tudo bem, disseram a ele, estava tudo bem ele ficar com a grana. Ele ia precisar. Porque – ainda sorrindo – iam se certificar de que o cowboy nunca mais trabalhasse.

Danificaram seu sistema nervoso com uma micotoxina russa dos tempos da guerra.

Amarrado a uma cama de um hotel em Memphis, seu talento queimando mícron a mícron, alucinou por trinta horas.

O estrago foi minucioso, sutil e profundamente eficiente.

Para Case, que vivia até então na exultação sem corpo do ciberespaço, foi a Queda. Nos bares que frequentara no seu tempo de cowboy fodão, a postura da elite envolvia um certo desprezo suave pela carne. O corpo era carne. Case caiu na prisão da própria carne.

Seu saldo total foi rapidamente convertido para neoienes, uma pilha gorda do velho dinheiro de papel que circulava sem fim pelo circuito fechado dos mercados negros do mundo como as conchas marinhas dos ilhéus trobriandeses. Era difícil fazer transações comerciais legítimas com dinheiro vivo no Sprawl; no Japão, já era ilegal.

No Japão, ele sabia com uma certeza inabalável e absoluta, encontraria sua cura. Em Chiba. Ou numa clínica registrada ou na terra de sombras da medicina negra. Sinônimo de implantes, junções neurais e microbiônica, Chiba era um ímã para as subculturas tecnocriminosas do Sprawl.

Em Chiba, viu seus neoienes desaparecerem numa rodada de dois meses de exames e consultas. Os homens das clínicas clandestinas, sua última esperança, haviam admirado a expertise com que ele fora mutilado, e lentamente balançaram suas cabeças em negativa.

Hoje ele dormia nos caixões mais baratos, os que ficavam perto do porto, embaixo das lâmpadas halógenas de quartzo que iluminavam as docas a noite inteira como vastos palcos; onde você não conseguia ver as luzes de Tóquio por causa do brilho do céu de televisão, nem mesmo o logo-holograma gigantesco da Fuji Electric Company, e a baía de Tóquio era uma extensão negra onde as gaivotas voavam em círculos sobre ilhotas flutuantes de isopor branco. Atrás do porto havia a cidade, cúpulas de fábricas dominadas pelos cubos imensos das arcologias corporativas. Porto e cidade eram divididos por uma fronteira estreita de ruas mais antigas, uma área sem nome oficial. Night City, e Ninsei seu coração. De dia, os bares da Ninsei estavam fechados e não tinham traços distintivos, os neons mortos, os hologramas inertes, esperando, sob o céu de prata envenenado.

A dois quarteirões a oeste do Chat, numa casa de chá chamada Jarre de Thé, Case engoliu a primeira pílula da noite com um expresso duplo. Era um octógono rosa achatado, uma espécie potente de dex brasileira que uma das garotas do Zone lhe vendera.

As paredes do Jarre eram inteiras cobertas por espelhos, cada painel emoldurado em neon vermelho.

No começo, ao se ver sozinho em Chiba, com pouco dinheiro e menos esperança ainda de encontrar uma cura, ele entrara numa espécie de overdrive terminal, conseguindo mais grana, assaltando com uma intensidade fria que parecia pertencer a outra pessoa. No primeiro mês, ele matou dois homens e uma mulher por quantias que um ano antes teriam parecido ridículas. Ninsei o desgastou até que a própria rua ficou parecendo a externalização de um desejo de morte, um veneno secreto que ele não sabia que levava consigo.

Night City era como uma experiência malsucedida de darwinismo social, projetada por um pesquisador entediado que não tirava o dedo do botão de fast-forward. Pare de assaltar e você afunda sem deixar rastro, mas mova-se um pouco rápido demais e você quebra a frágil tensão de superfície do mercado negro; de qualquer uma das duas maneiras, você já era, e não sobra nada seu a não ser uma vaga lembrança na mente de uma figura tipo Ratz, embora o coração, os pulmões ou os rins possam sobreviver a serviço de

algum estranho que tenha neoienes para pagar os tanques das clínicas.

O negócio ali era um constante zumbido subliminar, e a morte o castigo aceito por preguiça, descuido, falta de sutileza, a incapacidade de atender às exigências de um intrincado protocolo.

Sozinho numa mesa do Jarre de Thé, com o octógono começando a bater, alfinetadas de suor brotando nas palmas das suas mãos, subitamente consciente de cada pelo arrepiado nos braços e no peito, Case sabia que, em algum momento, havia começado a jogar um jogo consigo mesmo, um jogo muito antigo que não tinha nome, uma espécie de paciência final. Ele não usava mais armas, não tomava mais as precauções básicas. Fazia os negócios mais rápidos e arriscados da rua, e tinha a reputação de ser capaz de conseguir o que você quisesse. Uma parte dele sabia que o arco de sua autodestruição estava ululantemente óbvio para seus clientes, que iam rareando, mas essa mesma parte se comprazia no conhecimento de que era apenas uma questão de tempo. E essa era a sua parte, que encarava a expectativa da morte com desprezo, que mais odiava pensar em Linda Lee.

Ele a conhecera numa noite de chuva num fliperama.

Sob fantasmas brilhantes queimando através de uma névoa azul de fumaça de cigarros, hologramas do Wizard's Castle, do Tank War Europa, a linha do horizonte de Nova York... E agora ele se lembrava dela assim, seu rosto banhado na incansável luz dos lasers, as feições reduzidas a um código; suas bochechas banhadas em um fogo escarlate ao mesmo tempo que o Castelo do Mago queimava, a testa encharcada de azul quando Munique caiu na Guerra de Tanques, boca tocada com ouro quente enquanto um cursor deslizante tirava fagulhas da parede do desfiladeiro de um arranha-céu. Ele estava com uma tremenda parada naquela noite, levando um tijolo de cetamina de Wage para Yokohama e o dinheiro já no bolso. Saíra na chuva quente que batia no asfalto de Ninsei e soltava vapor, e de algum modo ela se destacara para ele, seu rosto entre as dezenas que estavam de cara para os consoles, perdidos no game que jogavam. A expressão no rosto dela, naquele momento, era a mesma que ele vira, horas mais tarde, em seu rosto adormecido num caixão na região do porto, o lábio superior igual

àquela linha que as crianças desenham para representar um pássaro em movimento.

Atravessando o fliperama para ficar do lado dela, viajando no barato do acordo que havia feito, ele a viu levantar a cabeça. Olhos cinzentos circundados por borrões de tinta preta. Olhos de um animal hipnotizado pelos faróis de um veículo se aproximando.

A noite que passaram juntos prosseguiu pela manhã, com passagens no hoverporto e a primeira viagem que Case fez pela baía. A chuva continuava, caindo ao longo de Harajuku, criando pérolas na jaqueta de plástico dela, as crianças de Tóquio marchando pelas famosas butiques usando chinelinhos brancos e capas de enrolar, até ela ficar com ele no barulho de um salão de pachinko à meia-noite e pegar na mão dele como se fosse uma criança.

Levou um mês para que a gestalt de drogas e tensão, pela qual ele se movia, transformasse aqueles olhos perpetuamente assustados em poços de necessidade reflexiva. Ele vira a personalidade dela se fragmentar, desfazendo-se como um iceberg, placas deslizando para longe, e finalmente testemunhou a necessidade crua, a armadura faminta do vício. Ele a vira pular para a próxima trilha com uma concentração que o fez lembrar dos louva-a-deuses que vendiam em barracas ao longo de Shiga, ao lado de tanques de carpas azuis mutantes e grilos em gaiolas de bambu.

Ele ficou olhando o anel preto de borra em sua xícara vazia. Ela vibrava com o speed que ele havia tomado. O laminado marrom do tampo da mesa tinha uma pátina fosca de pequenos arranhões. Com a dex subindo pela sua espinha, ele viu os incontáveis impactos randômicos necessários para criar uma superfície daquelas. A decoração do Jarre era de um estilo datado e sem nome do século anterior, uma mistura difícil de tradição japonesa e plásticos brancos de Milão, mas tudo parecia estar coberto por uma película sutil, como se crises nervosas de um milhão de clientes de algum modo tivessem atacado os espelhos e o plástico outrora brilhosos, deixando cada superfície enevoada com alguma coisa que nunca poderia ser apagada.

– Aí, Case, meu camarada...

Ele levantou a cabeça e seus olhos encontraram olhos cinzentos emoldurados com tinta preta. Ela vestia um macacão orbital francês e novos tênis brancos.

– Estava te procurando, cara. – Ela se sentou à sua frente e colocou os cotovelos na mesa. As mangas do zipsuit azul haviam sido arrancadas nos ombros; ele automaticamente verificou os braços dela em busca de sinais de dermas ou de agulhas. – Quer cigarro?

Ela tirou um maço amassado de Yeheyuan com filtro de um bolso no tornozelo e lhe ofereceu um. Ele aceitou, e deixou que ela o acendesse com um tubo de plástico vermelho. – Você tá dormindo bem, Case? Tá com uma cara de cansado... – O sotaque dela indicava que vinha do sul do Sprawl, perto de Atlanta. A pele, abaixo dos olhos, era pálida e de aspecto doentio, mas a carne ainda era firme e macia. Ela tinha vinte anos. Novas linhas de dor estavam começando a ficar permanentemente marcadas nos cantos de sua boca. Seus cabelos pretos estavam puxados para trás, presos por uma faixa de seda impressa. A padronagem podia representar microcircuitos, ou um mapa da cidade.

– Não se eu lembrar de tomar minhas pílulas – ele disse, quando uma onda tangível de saudade o atingiu, desejo e solidão cavalgando na frequência de onda da anfetamina. Ele se lembrou do cheiro da pele dela na escuridão superaquecida de um caixão perto do porto, os dedos entrelaçados na nuca.

Toda a carne, ele pensou, e tudo o que ela quer.

– Wage – disse ela, estreitando os olhos. – Ele quer te ver com um buraco na cara. – Ela acendeu seu próprio cigarro.

– Quem disse isso? Ratz? Você falou com o Ratz?

– Não. Mona. O novo gato dela é um dos garotos do Wage.

– Eu não devo o suficiente a ele pra isso. E se ele me apagar, vai ficar sem a grana. – Deu de ombros.

– Tem gente demais devendo pra ele agora, Case. Talvez ele faça de você o exemplo. É sério, melhor se cuidar.

– Claro. E você, Linda? Tem onde dormir?

– Dormir. – Ela balançou a cabeça. – Claro, Case. – Ela estremeceu, se curvando sobre o tampo da mesa. O seu rosto tinha uma película de suor.

– Aqui – ele disse, e meteu a mão no bolso da jaqueta, retirando uma nota amassada de cinquenta. Ele a alisou automaticamente, debaixo da mesa, dobrou-a em quatro, e passou para ela.

– Você precisa disso, meu amor. É melhor dar para o Wage. – Agora havia uma coisa nos olhos cinzentos dela que ele não conseguia ler, uma coisa que nunca vira ali antes.

– Estou devendo muito mais do que isso pro Wage. Pega. Eu tenho mais pra chegar – mentiu, enquanto via seu neoiene desaparecer num bolso com zíper.

– Arruma teu dinheiro, Case, e acha o Wage rapidinho.

– A gente se vê por aí, Linda – ele disse, levantando-se.

– Claro. – Um milímetro de branco aparecia embaixo de cada uma de suas pupilas. Sanpaku. – Te cuida, cara.

Ele concordou, doido para sair dali.

Olhou para trás quando a porta de plástico se fechou atrás dele, e viu os olhos dela refletidos numa gaiola de neon vermelho.

Noite de sexta na Ninsei.

Ele passou por barracas de yakitori e salões de massagem, uma franquia de cafeteria chamada Beautiful Girl, o trovejar eletrônico de um fliperama. Saiu do caminho para deixar um sarariman de terno escuro passar, exibindo o logo da Mitsubishi-Genentech tatuado nas costas da mão direita.

Seria autêntico? Se for real, pensou, o cara está com problemas. Se não for, bem feito para ele. Os empregados da M-G acima de um certo nível recebiam implantes com microprocessadores avançados que monitoravam os níveis de mutágenos na corrente sanguínea. Um equipamento desses faria com que você fosse despachado na Night City, despachado direto para dentro de uma clínica negra.

O sarariman era japonês, mas a galera de Ninsei era uma gaijin. Grupos de marinheiros vindos do porto, turistas tensos e solitários caçando prazeres que nenhum guia de viagem listava, pessoal pesado do Sprawl exibindo enxertos e implantes, e uma dezena de espécies diferentes de marginais, todos ocupando a rua numa intrincada dança de desejo e comércio.

Havia incontáveis teorias explicando por que Chiba City tolerava o enclave de Ninsei, mas Case tendia a crer na ideia de que a Yakuza

poderia estar preservando o local como uma espécie de parque histórico, uma lembrança de origens humildes. Mas ele também via um certo sentido na ideia de que as tecnologias em ascensão exigiam zonas fora da lei, que Night City não estava ali para seus habitantes, mas como um playground deliberadamente supervisionado de tecnologia.

Será que Linda tinha razão?, ele se perguntou olhando para as luzes. Será que Wage mandaria matá-lo para fazer dele um exemplo? Não fazia muito sentido, mas Wage lidava basicamente com itens biológicos proscritos, e diziam que era preciso ser louco para fazer isso.

Mas Linda disse que Wage o queria morto. O primeiro insight de Case na dinâmica da viração de rua era que nem o comprador nem o vendedor precisavam dele de verdade. O negócio de um intermediário é se tornar um mal necessário. O nicho dúbio que Case havia escavado para si mesmo na ecologia criminosa de Night City havia sido construído à base de mentiras e escorado aos poucos com traições, todas as noites. Agora, sentindo que suas paredes estavam começando a desmoronar, ele sentia a chegada de uma estranha euforia.

Na semana anterior, havia atrasado a transferência de um extrato glandular sintético, vendendo-o no varejo com uma margem de lucro maior do que o normal. Ele sabia que Wage não havia gostado disso. Wage era seu principal fornecedor, nove anos em Chiba e um dos poucos negociantes gaijin que conseguira forjar laços com o *establishment* criminoso, rigidamente estratificado além das fronteiras de Night City. Materiais genéticos e hormônios entravam em conta-gotas na Ninsei ao longo de uma intrincada escada composta de cortinas e fachadas. De algum modo, Wage havia conseguido traçar alguma coisa um dia, e hoje gozava de conexões sólidas em uma dezena de cidades.

Quando deu por si, Case estava olhando fixamente a vitrine de uma loja. O lugar vendia objetos pequenos e brilhantes para marinheiros. Relógios, canivetes de mola, isqueiros, videocassetes de bolso, decks de simstim, correntes mankiri com pesos e shurikens. Os shurikens sempre fascinaram Case, estrelas de aço com pontas afiadas como facas. Algumas eram cromadas, outras

pretas, outras ainda tratadas com uma superfície de arco-íris como óleo sobre água. Mas as estrelas de cromo é que chamavam a sua atenção. Elas estavam dispostas sobre um fundo de ultracamurça escarlate com fios quase invisíveis de linha de pesca de nylon em seus centros com estampas de dragões ou símbolos de yin-yang. Eles capturavam o neon da rua e o distorciam, e ocorreu a Case que essas eram as estrelas sob as quais ele viajava, seu destino traçado numa constelação de cromo barato.

– Julie – ele disse para suas estrelas. – Hora de ver o velho Julie. Ele sabe.

Julius Deane tinha cento e trinta e cinco anos de idade. Seu metabolismo era constantemente alterado por uma fortuna semanal em soros e hormônios. Sua primeira linha de defesa contra o envelhecimento era uma peregrinação anual a Tóquio, onde cirurgiões genéticos resetavam o código de seu DNA, um procedimento que não era disponível em Chiba. Então voava para Hong Kong e comprava os ternos e camisas da moda naquele ano. Assexuado e de uma paciência inumana, parecia extrair sua satisfação básica numa dedicação a formas esotéricas de adoração a alfaiates. Case nunca o vira vestir o mesmo terno duas vezes, embora seu vestuário parecesse consistir inteiramente de reconstruções meticulosas de roupas do século anterior. Ele afetava o uso de óculos, com armação de ouro delicada como teia de aranha, e lentes feitas a partir de placas finas de quartzo sintético cor-de-rosa e bisotadas como os espelhos de uma casa de bonecas vitoriana.

Seus escritórios ficavam num armazém atrás da Ninsei, parte dos quais pareciam ter sido decorados de modo esparso, anos antes, com uma coleção aleatória de mobiliário europeu, como se Deane um dia tivesse pensado em usar o lugar como sua casa. Estantes de livros neoastecas juntavam pó, encostadas numa parede do aposento onde Case ficou esperando. Um par de lâmpadas de mesa bulbosas tipo Disney se equilibravam, desajeitadas, sobre uma mesinha de café estilo Kandinsky em aço laqueado de escarlate. Um relógio Dalí pendia na parede entre as estantes, seu rosto distorcido escorrendo até o chão de concreto nu. Seus

ponteiros eram hologramas que se alteravam para combinar com as convoluções da face à medida que giravam, mas nunca diziam a hora certa. O aposento estava repleto de módulos de carga de fibra de vidro branca empilhados que desprendiam o cheiro forte de gengibre em conserva.

– Você parece estar limpo, meu filho – disse a voz desincorporada de Deane. – Entre, por favor.

Travas magnéticas se abriram ao redor da porta maciça de imitação de pau-rosa à esquerda das estantes. As palavras JULIUS DEANE IMPORT EXPORT estavam escritas em caixa alta no plástico com auto-adesivos destacáveis. Se a mobília espalhada no foyer improvisado de Deane sugeria o fim do século passado, o escritório propriamente dito parecia pertencer ao seu começo.

O rosto totalmente liso e rosado de Deane encarava Case de dentro de uma poça de luz lançada por uma antiga luminária de bronze com um quebra-luz retangular de vidro verde-escuro. O importador estava protegido atrás de uma imensa mesa de aço pintado, flanqueado a cada lado por arquivos altos feitos de algum tipo de madeira clara. O tipo de coisa, supôs Case, que um dia devia ter sido utilizado para armazenar registros escritos de alguma espécie. O tampo da mesa estava atulhado de fitas cassete, rolos de formulário contínuo amarelado, e várias partes de alguma espécie de máquina de escrever mecânica, uma máquina que Deane aparentemente nunca se deu ao trabalho de remontar.

– O que traz você aqui, garotão? – perguntou Deane, oferecendo a Case um bombom fino embrulhado em papel xadrez azul e branco. – Experimente um: Ting Ting Djahe, o melhor que existe. – Case recusou o gengibre, sentou-se numa poltrona giratória de madeira que gemeu e passou o polegar pelo vinco esmaecido de uma das pernas do seu jeans preto. – Julie, ouvi dizer que o Wage quer me matar.

– Ah. Nossa. E onde você ouviu isso, posso saber?

– Pessoas.

– Pessoas – disse Deane, entre uma mastigada e outra de um bombom de gengibre. – Que tipo de pessoas? Amigos?

Case fez que sim com a cabeça.

– Nem sempre é fácil saber quem é seu amigo, não é?

– Acontece que estou mesmo devendo uma graninha pra ele, Deane. Ele disse alguma coisa pra você?

– Não tenho tido contato com ele ultimamente. – Suspirou. – Se eu *soubesse* alguma coisa, claro, poderia não estar em condições de lhe dizer. As coisas são o que são, você entende.

– Coisas?

– Ele é uma conexão importante, Case.

– Sei. Ele quer me matar, Julie?

– Não que eu saiba. – Deane deu de ombros. Eles podiam estar discutindo o preço do gengibre. – Se for um boato infundado, meu filho, volte em uma semana e lhe darei participação numa coisinha de Cingapura.

– Uma coisinha que veio do Nan Hai Hotel, na Bencoolen Street?

– Você fala demais, meu filho! – Deane deu um sorriso feroz. A mesa de aço estava repleta com uma fortuna em equipamento de escuta.

– Até mais, Julie. Vou dar um oi pro Wage.

Os dedos de Deane ajeitaram o nó perfeito de sua gravata de seda clara.

Ele estava a menos de um quarteirão do escritório de Deane quando a coisa bateu, a súbita consciência celular de que alguém estava na sua cola, e muito perto.

O cultivo de uma certa paranoia domada era uma coisa que Case já encarava como natural. O truque estava em não deixar que ela fugisse ao controle. Mas podia ser um truque e tanto para quem estava bancado por uma pilha de octógonos. Ele lutou contra o surto de adrenalina e recompôs suas feições magras numa máscara de vazio entediado, fingindo deixar a multidão levá-lo. Quando viu uma vitrine escurecida, conseguiu fazer uma pausa em frente a ela. O lugar era uma butique cirúrgica, fechada para reforma. Com as mãos nos bolsos de sua jaqueta, olhou pelo vidro um losango achatado de carne cultivada em tanques sobre um pedestal esculpido imitando jade. A cor da pele o lembrou das putas do Zone; estava tatuada com um display digital luminoso conectado a um chip subcutâneo. Pra que cirurgia, se pegou pensando, o suor

escorrendo pelas costelas, se você podia simplesmente levar a coisa no bolso?

Sem mover a cabeça, olhou para cima e estudou o reflexo da multidão que passava.

Ali.

Atrás de marinheiros com uniforme cáqui de mangas curtas. Cabelos pretos, óculos espelhados, roupas pretas, corpo esguio...

E sumiu.

Case começou a correr, meio curvado, driblando os corpos.

– Me aluga uma arma, Shin?

O garoto sorriu. – Duas hora. – Eles estavam atrás de uma barraca de sushi de Shiga, envoltos pelo cheiro de frutos do mar crus. – Você volta daqui duas hora.

– Eu preciso de uma arma já, cara. Não tem nada agora não?

Shin procurou atrás de duas latas de dois litros vazias que um dia estiveram cheias de raiz-forte em pó. Ergueu um pacote fino embrulhado em plástico cinza. – Taser. Uma hora, vinte neoien. Trinta depósito.

– Merda. Eu não preciso disso. Preciso de uma arma. Tipo assim pra atirar em alguém, entende?

O garçom deu de ombros e tornou a colocar o taser atrás das latas de raiz-forte. – Duas hora.

Ele entrou na loja sem se dar ao trabalho de dar uma olhada na vitrine de shurikens. Nunca atirara um na vida.

Comprou dois maços de Yeheyuan com um chip do Mitsubishi Bank que dava seu nome como Charles Derek May. Pelo menos era mais interessante do que Truman Starr, o melhor que havia conseguido para seu passaporte.

A japonesa, atrás do terminal, parecia ter alguns anos a mais que o velho Deane, nenhum deles com o benefício da ciência. Ele tirou seu rolo magro de neoienes do bolso e o mostrou para ela. – Quero comprar uma arma.

Ela fez um gesto na direção de uma vitrine cheia de facas.

– Não – disse ele. – Não gosto de facas.

Ela pegou uma caixa oblonga debaixo do balcão. A tampa era de papelão amarelo, com um carimbo que trazia a imagem tosca de uma naja enroscada com o capuz inchado. Ele ficou olhando, enquanto dedos com manchas marrons retiravam o embrulho de papel de um deles. Ela segurou o objeto para que ele pudesse examiná-lo, um tubo de aço fosco com uma tira de couro numa das extremidades e uma pequena pirâmide de bronze na outra. Ela agarrou o tubo com uma das mãos, pegou a pirâmide com polegar e indicador e puxou. Três segmentos lubrificados e telescópicos de mola bem enrolada deslizaram para fora e travaram. – Naja – disse ela.

Além do tremor de neon de Ninsei, o céu tinha aquele tom de cinza sinistro. O ar havia ficado pior; parecia ter dentes essa noite, e metade da multidão usava máscaras com filtro. Case havia passado dez minutos num banheiro, tentando descobrir um jeito conveniente de esconder sua naja; acabou se contentando em enfiar o cabo na cintura do jeans, com o tubo encostando na barriga. A ponta piramidal de ataque ficava entre suas costelas e o vinco de sua jaqueta. Case tinha a sensação de que a coisa podia deslizar e cair no chão a cada passo que dava, mas assim se sentia melhor.

O Chat não era um bar para negócios, na verdade, mas nas noites durante a semana atraía uma clientela regular. Nas sextas e nos sábados, era diferente. Os regulares ainda estavam ali, a maioria deles, mas desapareciam atrás de um afluxo de marinheiros e as especialistas que atuavam como seus predadores. Quando Case entrou, seus olhos procuraram por Ratz, mas o bartender não estava à vista. Lonny Zone, o cafetão-residente do bar, observava com um interesse paterno doentio enquanto uma de suas garotas ia trabalhar com um jovem marinheiro. Zone era viciado em uma marca de hipnótico que os japoneses chamavam Cloud Dancers. Assim que chamou a atenção do cafetão, Case fez um gesto para que ele fosse até o bar. Zone deslizou em câmera lenta por entre a multidão, seu rosto comprido flácido e pálido.

– Você viu Wage hoje, Lonny?

Zone olhou para ele com sua calma costumeira. Balançou a cabeça.

– Tem certeza, cara?

– Quem sabe no Namban. Talvez duas horas atrás.

– Ele está com algum ajudante? Um deles magro, de cabelos pretos, talvez uma jaqueta preta?

– Não – Zone disse finalmente, a testa lisa vincando-se para indicar o esforço que lhe custava lembrar de tantos detalhes sem sentido. – Caras grandes. Enxertados. – Os olhos de Zone mostravam muito pouco branco e íris menos ainda; sob as pálpebras caídas, as pupilas estavam dilatadas e enormes. Ele encarou o rosto de Case por um longo tempo, e então abaixou a cabeça. Viu o volume do chicote de aço. – Naja – ele disse, e levantou uma sobrancelha. – Tá a fim de foder com alguém?

– Tchau, Lonny. – Case foi embora.

Seu perseguidor havia voltado. Ele tinha certeza. Sentiu uma pontada de animação, octógonos e adrenalina se misturando com alguma outra coisa. Você está gostando, pensou; você é maluco.

Porque, de algum modo bizarro e muito aproximado, era como uma incursão na matrix. Bastava ficar doidão o suficiente e se meter em problemas desesperadores mas estranhamente arbitrários, e era possível ver a Ninsei como um campo de dados, a forma como a matrix um dia o fizera se lembrar de proteínas ligadas para distinguir especialidades de células. Você podia se jogar numa deriva em alta velocidade e deslizar, totalmente focado mas separado de tudo, e todos ao seu redor dançando a dança dos negócios, interagindo informações, dados encarnados nos labirintos do mercado negro...

Vamos nessa, Case, disse para si mesmo. Atraia esses otários. A última coisa que eles iriam esperar. Estava a meio quarteirão do fliperama onde havia conhecido Linda Lee.

Saiu correndo pela Ninsei, espalhando um bando de marinheiros que passeavam por ali. Um deles gritou para ele em espanhol. Então ele passou pela entrada, o som o atingindo como uma onda batendo no quebra-mar, subsônicos pulsando na boca do estômago. Alguém conseguiu uma explosão de dez megatons no Tank War Europa, uma rajada de ar simulada afogando o fliperama em som branco quando uma lúgubre bola de fogo holográfica formava um cogumelo bem alto. Ele cortou para a direita e subiu um lance de

escadas de madeira barata sem pintura. Havia subido ali uma vez com Wage, para discutir um negócio de gatilhos hormonais proscritos com um sujeito chamado Matsuga. Ele se lembrava do corredor, do carpete manchado, da fileira de portas idênticas que davam para minúsculos escritórios-cubículos. Uma das portas estava aberta agora. Uma garota japonesa, vestindo uma camiseta preta sem mangas, de frente para um terminal branco, levantou a cabeça. Atrás dela, um cartaz de viagem da Grécia, azul-Egeu misturado com ideogramas estilizados.

– Chame a segurança aqui, agora – Case disse para ela.

Então ele disparou corredor abaixo, e saiu da vista dela. As últimas duas portas estavam fechadas e, ele supôs, trancadas. Virou e deu um coice com a sola de seu tênis de nylon na porta de aglomerado laqueada de azul na outra ponta. Ela estalou, material de construção barato caindo da moldura em lascas. Tudo escuro, a curva branca da caixa de um terminal. Então seguiu para a porta à sua direita, com as duas mãos na maçaneta de plástico transparente, inclinando-se com toda a força. Alguma coisa estalou, e ele entrou. Foi ali que ele e Wage haviam se reunido com Matsuga, mas a empresa de fachada que Matsuga havia operado já havia saído dali há muito tempo. Não havia terminal, não havia nada. Luz do beco atrás do fliper, filtrada por plástico sujo de fuligem. Ele reconheceu um rolo de fibras ópticas, enroladas como uma cobra, saindo de uma tomada na parede, uma pilha de embalagens de comida descartáveis e a nacela sem lâminas de um ventilador elétrico.

A janela era uma placa única de plástico barato. Ele tirou a jaqueta, enrolou-a na mão direita e deu um soco. A janela rachou, mas foram necessários mais dois socos para soltá-la da moldura. Sobre o caos em baixo volume dos games, um alarme começou a soar, acionado pela janela quebrada ou pela garota do começo do corredor.

Case se virou, tornou a vestir a jaqueta e abriu a naja em toda a sua extensão.

Com a porta fechada, ele contava que seu perseguidor supusesse que havia pulado pela janela aberta a pontapés. A pirâmide de

bronze da naja começou a se mover suavemente, o eixo de aço da mola amplificando sua pulsação.

Não aconteceu nada. Só se ouvia o alarme tocando, o barulho dos games, seu coração batendo alucinado. Quando o medo bateu, foi como um amigo que andava meio esquecido. Não o mecanismo frio e rápido da paranoia-dex, mas simples medo animal. Ele vivia há tanto tempo no limite constante da ansiedade que quase se esquecera de como era ter medo de verdade.

O cubículo era o tipo de lugar onde pessoas morriam. Ele podia morrer ali. Eles poderiam estar armados...

Um barulho de algo caindo no outro lado do corredor. Uma voz de homem, gritando algo em japonês. Um grito agudo de terror. Outro barulho.

E passos, sem pressa, chegando cada vez mais perto.

Passando direto por sua porta fechada. Parando no espaço de três batidas rápidas do seu coração. E voltando. Um, dois, três. O solado de uma bota arranhando o carpete.

O resto da coragem induzida pelo octógono desabou. Ele meteu a naja no saco e correu para a janela, tropeçando em tudo, cego de medo, os nervos gritando. Subiu, saiu e caiu antes mesmo de ver o que estava fazendo. Quando bateu com os pés no chão, sentiu uma grande dor, como se tivessem enfiado barras de metal em suas panturrilhas.

Uma fatia estreita de luz de uma porta de serviço meio aberta enquadrava uma pilha de fibras ópticas descartadas e o chassi de um console sucateado. Ele caiu de cara numa placa de circuito encharcada; rolou de lado, para dentro da sombra do console. A janela do cubículo era um quadrado de luz fraca. O alarme ainda oscilava, mais alto ali, a parede dos fundos amortecendo o rugido dos games.

Uma cabeça surgiu, emoldurada pela janela, iluminada pelas luzes fluorescentes no corredor atrás, e então sumiu. Ela voltou, mas ele continuou não conseguindo distinguir as feições. Um flash prateado na altura dos olhos. – Merda – disse alguém, uma mulher, no sotaque da região norte do Sprawl.

A cabeça desapareceu. Case ficou deitado embaixo do console, contou bem devagar até vinte e depois se levantou. A naja de aço

ainda estava em sua mão, e ele levou alguns segundos para lembrar o que era. Saiu do beco mancando, tentando não forçar o tornozelo esquerdo.

A pistola de Shin era uma velha imitação vietnamita – tinha uns cinquenta anos – de uma cópia sul-americana de uma Walther PPK, dupla ação no primeiro disparo, com um coice muito forte. Estava modificada para disparar munição de rifle de cano longo calibre 22, e Case teria preferido balas explosivas de nitreto de chumbo às dum-dum chinesas simples que Shin havia lhe vendido. Mesmo assim, era uma arma e nove pentes de munição, e quando saiu da barraca de sushi e começou a descer Shiga, enfiou-a no bolso da jaqueta. A coronha era de plástico vermelho-vivo moldado em forma de dragão em alto-relevo, uma coisa para sentir com os dedos no escuro. Depositou a naja num latão de lixo em Ninsei e engoliu outro octógono a seco.

A pílula acendeu seus circuitos e ele desceu no fluxo da Shiga até a Ninsei, e depois para Baiitsu. Deduziu que seu perseguidor tinha sumido, e isso era ótimo. Tinha ligações a fazer, transações para realizar, e isso não podia mais esperar. Descendo a Baiitsu uma quadra, na direção do porto, ficava um prédio de escritórios de dez andares, em tijolos amarelos horríveis. Suas janelas estavam apagadas agora, mas um brilho suave no telhado era visível se você levantasse o pescoço. Um sinal de neon apagado perto da entrada principal formava as palavras CHEAP HOTEL sob um aglomerado de hologramas. Se o lugar tinha outro nome, Case desconhecia; ele era sempre chamado de Cheap Hotel, Hotel Barato. A entrada ficava num beco transversal à Baiitsu, onde o elevador aguardava aos pés de um poço transparente. O elevador, assim como o Cheap Hotel, era um pensamento a posteriori, amarrado ao prédio com bambu e epóxi. Case subiu na gaiola de plástico e usou sua chave, um pedaço de fita magnética rígida sem marcas.

Case havia alugado um caixão ali, um aluguel por semana, desde que chegara a Chiba, mas nunca dormira no Cheap Hotel. Ele dormia em lugares mais baratos.

O elevador tinha cheiro de perfume e cigarros; os lados da gaiola estavam arranhados e com manchas de sangue. Quando passou

pelo quinto andar, viu as luzes da Ninsei. Batucou os dedos na coronha quando a gaiola reduziu a velocidade com um sibilar gradual. Como sempre, o elevador parou com um tranco violento, mas ele já estava preparado. Saiu no pátio, que era uma mistura de saguão e gramado.

No centro do carpete quadrado de grama plástica verde, um adolescente japonês estava sentado atrás de um console em forma de C, lendo um manual técnico. Os caixões brancos de fibra de vidro estavam empilhados em uma estrutura tipo andaimes industriais. Seis andares de caixões, dez caixões de cada lado. Case acenou com a cabeça na direção do garoto e foi mancando pela grama plástica até a escada mais próxima. O conjunto tinha um teto de laminado preto vagabundo que sacolejava com vento forte e vazava quando chovia, mas os caixões eram razoavelmente difíceis de abrir sem uma chave.

A passarela de expansão vibrava com seu peso, enquanto ele seguia ao longo do terceiro andar até o número 92. Os caixões tinham três metros de comprimento, as escotilhas ovais um metro de largura, e pouco menos de um metro e meio de altura. Enfiou a chave num slot e aguardou a verificação do computador da casa. Travas magnéticas se abriram com um som reconfortante e a escotilha subiu verticalmente com um ranger de molas. Luzes fluorescentes acenderam piscando quando ele se arrastou para dentro, fechando a escotilha e acionando o painel que ativava a trava manual.

Não havia nada no número 92 a não ser um computador de bolso Hitachi padrão e um pequeno isopor branco. O isopor continha os restos de três placas de dez quilos de gelo seco, cuidadosamente envoltas em papel para retardar a evaporação, e um frasco de laboratório de alumínio. Agachado sobre o colchonete de espuma sintética marrom que servia tanto de chão quanto de cama, Case tirou a 22 de Shin do bolso e colocou-a em cima do isopor. Depois tirou a jaqueta. O terminal do caixão era moldado dentro de uma parede côncava, em frente a um painel que listava as regras da casa em sete idiomas. Case retirou o handset cor-de-rosa de seu cradle e digitou de memória um número de Hong Kong. Deixou tocar

cinco vezes, depois desligou. Seu comprador dos três megabytes de RAM quente no Hitachi não estava aceitando ligações.

Teclou um número de Tóquio em Shinjuku.

Uma mulher respondeu em japonês.

– Homem-Cobra taí?

– É ótimo te ouvir – disse o Homem-Cobra, falando de uma extensão. – Estava esperando você ligar.

– Estou com a música que você queria. – Olhando de relance para o isopor.

– Fico muito feliz em saber. Estamos com um probleminha de fluxo de caixa. Você segura a onda?

– Ih, cara, eu preciso muito dessa grana...

O Homem-Cobra desligou.

– Seu merda – Case disse para o fone que zumbia. Ficou olhando para a pistolinha vagabunda. – Embaçado. Tudo embaçado hoje.

Case entrou no Chat uma hora antes do amanhecer, as mãos nos bolsos da jaqueta; uma segurava a pistola alugada, a outra o frasco de alumínio.

Ratz estava numa mesa nos fundos, bebendo água Apollonaris em uma caneca de cerveja, seus cento e vinte quilos de carne flácida inclinados contra a parede numa cadeira que rangia. Um garoto brasileiro, de nome Kurt, estava no bar, servindo uma pequena multidão de bêbados, em sua maioria silenciosos. O braço plástico de Ratz zumbia quando ele levantava a caneca e bebia. Sua cabeça raspada tinha uma película de suor. – Você parece mal, meu amigo *artiste* – ele disse, mostrando a ruína molhada de seus dentes.

– Eu estou bem – disse Case, e sorriu como uma caveira. – Superbem. – Afundou na cadeira em frente a Ratz, as mãos ainda nos bolsos.

– E você fica andando de um lado pro outro nesse abrigo antibombas portátil construído com bebida e estimulantes, sei. À prova de emoções mais fortes, não é?

– Por que é que você não larga do meu pé, Ratz? Você viu o Wage?

– À prova de medo e de solidão – continuou o bartender. – Ouça o medo. Talvez ele seja seu amigo.

– Você ouviu alguma coisa sobre uma briga no fliper esta noite, Ratz? Alguém se machucou?

– Uma pessoa maluca cortou um segurança – ele deu de ombros. – Dizem que foi uma garota.

– Preciso falar com Wage, Ratz. Eu...

– Ah. – A boca de Ratz se estreitou, comprimindo-se até formar uma linha reta. Ele olhou para a entrada, atrás de Case. – Acho que você vai falar com ele agora.

Case teve um vislumbre súbito do shuriken na vitrine. O speed cantava na sua cabeça. A pistola em sua mão estava lisa de suor.

– Herr Wage – disse Ratz, estendendo lentamente seu manipulador cor-de-rosa como se esperasse um aperto de mão. – Que grande prazer. É tão raro o senhor nos honrar com sua presença.

Case virou a cabeça e olhou direto no rosto de Wage. Era uma máscara bronzeada e esquecível. Os olhos eram transplantes Nikon verde-água cultivados em tanques. Wage vestia um terno de seda metálica e um único bracelete de platina em cada pulso. Estava acompanhado por seus ajudantes, um de cada lado, jovens quase idênticos, os braços e ombros estourando com músculos enxertados.

– Como vai, Case?

– Cavalheiros – disse Ratz, levantando o cinzeiro cheio de cima da mesa com a garra de plástico. – Não quero saber de confusão aqui. – O cinzeiro era feito de plástico duro inquebrável, e tinha um anúncio de cerveja Tsingtao. Ratz o esmagou sem esforço, derramando uma cascata de bitucas e lascas de plástico verde no tampo da mesa. – Entenderam?

– É, coração? – perguntou um dos ajudantes. – Quer testar esse negócio aí em mim?

– Kurt, nem se dê ao trabalho de mirar nas pernas – disse Ratz, em tom de bate-papo. Case olhou discretamente para o outro lado e viu o brasileiro em pé no bar, apontando uma escopeta Smith & Wesson para o trio. O cano daquele negócio, feito de liga da espessura de uma folha de papel com um quilômetro de filamento

de vidro, tinha o diâmetro de um punho. O pente transparente revelava cinco cartuchões laranja, balas gelatinosas tipo saco-de-areia subsônicas.

– Tecnicamente não letais – disse Ratz.

– Opa, Ratz – disse Case. – Te devo uma, hein?

O bartender deu de ombros. – Você não me deve nada. Mas estes aqui – e olhou fuzilando para Wage e seus ajudantes – já deviam saber. Ninguém apaga ninguém aqui no Chatsubo.

Wage tossiu. – Mas quem é que está falando de apagar alguém? Só queremos falar de negócios. Case e eu, a gente trabalha juntos.

Case puxou o 22 do bolso e apontou para o saco de Wage. – Ouvi dizer que você queria me matar. – A garra rosada de Ratz se fechou ao redor da pistola e Case abriu os dedos.

– Escuta, Case, você quer me dizer logo que merda é essa? Tá maluco? Que merda de papo é esse que estou querendo te matar? – Wage se voltou para o rapaz à sua esquerda. – Vocês dois, voltem pro Namban. Esperem por mim.

Case ficou olhando os ajudantes atravessarem o bar, que agora estava inteiramente deserto a não ser por Kurt e um marinheiro bêbado de uniforme cáqui, todo enroscado no pé de uma banqueta. O cano da Smith & Wesson rastreou os dois até a porta, e depois voltou para cobrir Wage. O pente da pistola de Case caiu sobre a mesa. Ratz segurava a arma na sua garra e tirou a bala da câmara.

– Quem foi que te disse que eu ia te pegar, Case? – perguntou Wage.

Linda.

– Quem foi que te disse, cara? Alguém que está tentando armar pra cima de você?

O marinheiro soltou um gemido e vomitou explosivamente.

– Tira ele daqui – Ratz gritou para Kurt, que agora estava sentado na borda do balcão do bar, a Smith & Wesson no colo, acendendo um cigarro.

Case sentiu o peso da noite descer sobre ele como um saco de areia molhada atrás dos olhos. Tirou o frasco do bolso e entregou-o para Wage. – Foi tudo o que consegui. Pituitárias. Se você repassar rápido, dá pra arrumar quinhentinhos. Gastei o resto em RAM, mas agora já foi.

– Você está legal, Case? – O frasco já havia sumido atrás da lapela metálica. – Quero dizer, tudo bem, isso aqui acerta a nossa parada, mas você parece mal. Parece um saco de bosta. É melhor você ir pra algum lugar dormir.

– É. – Ele se levantou e sentiu o Chat girar. – Bom, eu tinha uma nota de cinquenta, mas dei pra uma pessoa. – Ele deu um risinho. Apanhou o pente da 22 e o cartucho solto e jogou tudo num dos bolsos, depois colocou a pistola no outro. – Tenho que ver o Shin, pegar meu depósito de volta.

– Vá pra casa – disse Ratz, se mexendo na cadeira que rangia, com uma expressão que parecia de embaraço. – Artista. Vá pra casa.

Sentiu os olhos deles ao atravessar o salão e abrir caminho pelas portas de plástico com os ombros.

– Piranha – ele disse para a tintura rosada que cobria Shiga. Descendo a Ninsei, os hologramas começavam a desaparecer como fantasmas, e a maioria dos neons já estava fria e morta. Ele tomou um café preto bem forte num copão de isopor de um vendedor de rua e ficou vendo o sol nascer. – É melhor fugir, meu amor. Cidades como esta aqui são pra gente que gosta de descer ladeira abaixo. – Mas não era isso na verdade, e ele estava achando cada vez mais difícil manter a sensação de traição. Ela só queria uma passagem de volta pra casa, e a RAM no seu Hitachi compraria isso para ela, se ela conseguisse encontrar o receptador certo. E aquele negócio com os cinquenta; ela quase recusou o dinheiro, porque sabia que estava prestes a limpar o resto de grana que ele tinha.

Quando saiu do elevador, o mesmo garoto estava na mesa. Manual técnico diferente. – Bom garoto – Case gritou do outro lado do gramado de plástico – não precisa me dizer. Já sei. Moça bonita veio visitar, disse que tinha minha chave. Boa gorjeta pra você, vamos dizer cinquenta neos? – O garoto abaixou o livro. – Mulher – disse Case, e traçou uma linha na testa com o polegar. – Seda – ele deu um grande sorriso. O garoto retribuiu o sorriso e fez que sim. – Valeu, seu bosta – disse Case.

Na passarela, teve dificuldades com a fechadura. Ela fodeu com a coisa de algum jeito quando tentou abrir a porta, pensou. Iniciante. Ele sabia onde alugar uma caixa preta que abria qualquer coisa no Cheap Hotel. Fluorescentes se acenderam quando ele entrou.

– Feche a escotilha bem devagar, meu camarada. Ainda está com aquela especial de sábado à noite que alugou do garçom?

Ela estava sentada de costas para a parede, do outro lado do caixão. Joelhos para cima, pulsos descansando sobre eles; o cano furadinho tipo saleiro de uma pistola de dardos emergiu de suas mãos.

– Era você lá no fliper? – ele fechou a escotilha. – Cadê a Linda?

– Aperte o botão da trava.

Ele apertou.

– É sua namorada? Linda?

Ele fez que sim.

– Ela se mandou. Levou seu Hitachi. Garotinha nervosa. E essa arma aí, cara? – Ela usava óculos espelhados. Suas roupas eram pretas. Os saltos das botas pretas afundavam na espuma sintética.

– Levei pro Shin, peguei meu depósito de volta. Vendi as balas pela metade do que paguei. Quer o dinheiro?

– Não.

– Quer gelo seco? É só o que eu tenho agora.

– O que é que te mordeu esta noite? Por que é que fez aquele escândalo todo no fliper? Eu tive que sentar o cacete num segurança que veio atrás de mim com um nunchaku.

– Linda disse que você ia me matar.

– Linda disse? Eu nunca vi essa garota antes de vir aqui.

– Você não está com o Wage?

Ela balançou a cabeça em negativa. Ele percebeu que as lentes eram implantadas cirurgicamente, fechando as cavidades de seus olhos. As lentes de prata pareciam brotar da pele branquinha e macia sobre as maçãs do rosto, emolduradas por cabelos pretos cortados de modo selvagem. Os dedos fechados ao redor da pistola de dardos eram compridos, brancos e com unhas pintadas de bordô. As unhas pareciam artificiais. – Acho que você fez merda, Case. Eu apareci e você simplesmente me encaixou na sua imagem de realidade.

– Então, o que é que você quer, minha senhora? – ele relaxou contra a escotilha.

– Você. Um corpo vivo, cérebro ainda intacto, de alguma forma. Molly, Case. Meu nome é Molly. Estou coletando você para o homem para quem trabalho. Ele só quer falar com você, só isso. Ninguém quer te machucar.

– Que bom.

– Só que às vezes eu machuco as pessoas, Case. Acho que é o meu hardware. – Ela vestia jeans de couro preto justíssimos e uma jaqueta preta grande feita de algum material fosco que parecia absorver a luz. – Se abaixar esta arma de dardos, você vai se comportar, Case? Você parece do tipo que gosta de se arriscar estupidamente.

– Epa, sou gente boa. Sou o maior mané, sem problema.

– Isso é ótimo, cara. – A pistola de dardos desapareceu dentro da jaqueta preta. – Porque se você tentar foder comigo, vai fazer uma das maiores merdas de toda a sua vida.

Ela estendeu as mãos com as palmas viradas para cima, os dedos brancos ligeiramente abertos, e, com um clique ligeiramente audível, dez lâminas de bisturi dupla face de quatro centímetros deslizaram de dentro de suas bainhas embaixo das unhas bordô.

Ela sorriu. As lâminas se recolheram lentamente.

2

Após um ano de caixões, o quarto no vigésimo quinto andar do Chiba Hilton parecia uma enormidade. Tinha dez metros por oito, metade de uma suíte. Uma cafeteira Braun branca soltava vapor em uma mesinha perto dos painéis deslizantes de vidro que davam para uma varanda estreita.

– Tome um café. Parece que você está precisando. – Ela tirou a jaqueta preta; a pistola de dardos estava pendurada embaixo de seu braço num coldre de ombro de nylon preto. Ela vestia um pulôver cinza sem mangas com zíperes de aço sobre cada ombro. À prova de balas, Case deduziu, derramando café numa caneca vermelha brilhante. Seus braços e pernas pareciam feitos de madeira.

– Case. – Ele levantou a cabeça e viu o homem pela primeira vez. – Meu nome é Armitage. – O robe escuro estava aberto até a cintura, mostrando o peito largo musculoso e sem pelos e a barriga rígida. Olhos azuis tão claros que Case pensou em descoloração. – O sol raiou, Case. Este é seu dia de sorte, rapaz.

Case girou o braço e o homem se desviou fácil do café escaldante. Uma mancha marrom escorrendo pelo papel de parede imitando papel de arroz. Ele viu o anel de ouro angular no lóbulo da orelha esquerda. Forças Especiais. O homem sorriu.

– Tome seu café, Case – disse Molly. – Você é um cara legal, mas não sai daqui enquanto Armitage não terminar o que tem a dizer. – Ela sentou de pernas cruzadas num futon de seda e começou a desmontar a arma de dardos sem se dar ao trabalho de olhar para ela. Espelhos gêmeos o rastrearam enquanto ele ia até a mesa e enchia de novo sua xícara.

– Novo demais pra lembrar da guerra, não é, Case? – Armitage passou a mão grande por seus cabelos castanhos cortados rente. Um bracelete de ouro maciço reluziu no seu pulso. – Leningrado, Kiev, Sibéria. Nós inventamos você na Sibéria, Case.

– Isso deveria significar alguma coisa pra mim?

– Screaming Fist, Case. O Punho Penetrante. Você já ouviu falar.

– Foi um tipo de operação, não foi? Tentaram queimar um nexus russo com vírus. É, ouvi falar. E ninguém escapou.

Subitamente ele sentiu tensão no ar. Armitage caminhou até a janela e olhou para a baía de Tóquio. – Não é verdade. Uma unidade conseguiu voltar a Helsinque, Case.

Case deu de ombros e tomou um gole de café.

– Você é um cowboy de console. Os protótipos dos programas que você usa para crackear bancos industriais foram desenvolvidos para o Screaming Fist. Para o ataque ao nexus de computação de Kirensk. O módulo básico era um microleve Nightwing, um piloto, um deck de matrix, um jóquei. Estávamos rodando um vírus chamado Toupeira. A série toupeira foi a primeira geração de programas de intrusão de verdade.

– ICE-Breakers, quebra-gelos. – disse Case sobre a borda da caneca vermelha.

– O nome vem de ICE, Intrusion Countermeasures Electronics: Contramedidas eletrônicas de intrusão.

– O problema, meu camarada, é que eu não sou mais jóquei, então acho que vou nessa...

– Eu estava lá, Case; eu estava lá quando inventaram a sua espécie.

– Você tem zero a ver comigo e minha espécie, amigão. Você tem grana suficiente pra contratar razorgirls a peso de ouro pra me arrastar até aqui, é só. Eu nunca mais vou acessar nenhum deck, nem pra você nem pra mais ninguém. – Ele foi até a janela e olhou para baixo. – É lá que vivo agora.

– Nosso perfil diz que você está tentando induzir a cidade a matá-lo quando você não estiver olhando.

– Perfil?

– Nós construímos um modelo detalhado. Fizemos uma extrapolação para cada um dos seus nicks e rodamos um perfil superficial em alguns softwares militares. Você é suicida, Case. O modelo dá a você um mês no máximo. E nossa projeção médica diz que vai precisar de um pâncreas novo daqui a um ano.

– “Nós” – ele encarou os olhos azuis esmaecidos. – “Nós” quem?

– O que você diria se eu lhe dissesse que poderíamos corrigir seu dano neural, Case? – De repente, Armitage parecia ser feito de um bloco de metal; inerte, enormemente pesado. Uma estátua. Agora Case sabia que aquilo era um sonho, e que dali a pouco ele acordaria. Armitage não falaria mais nada. Os sonhos de Case sempre acabavam nesses frames congelados, e este sonho também estava para acabar agora.

– O que você diz, Case?

Case olhou para a baía lá fora e estremeceu.

– Eu diria que você está falando merda.

Armitage fez que sim.

– E depois perguntaria quais seriam os seus termos.

– Não muito diferentes daqueles com os quais você está acostumado, Case.

– Deixa o cara dormir um pouco, Armitage – Molly disse do futon onde estava sentada, os componentes da pistola de dardos espalhados sobre a seda como um quebra-cabeças sofisticado. – Ele está caindo aos pedaços.

– Termos – disse Case. – E agora. Agora.

Ele ainda estava tremendo. Não conseguia parar de tremer.

A clínica não tinha nome, era visivelmente cara, um aglomerado de pavilhões sofisticados separados por pequenos jardins formais. Ele se lembrou do lugar da rodada que fizera em seu primeiro mês em Chiba.

– Apavorado, Case. Você está apavorado mesmo. – Era domingo à tarde e ele estava com Molly em uma espécie de pátio. Pedregulhos brancos, um canteiro de bambus verdes, cascalho preto formando ondas feitas com um ancinho. Um jardineiro, uma coisa que parecia um grande caranguejo de metal, estava cuidando dos bambus.

– Vai dar certo, Case. Você não faz ideia do tipo de material que o Armitage tem. Tipo, ele vai pagar esses neurocaras para consertarem você com o programa que está dando a eles para dizer como fazerem isso. Ele vai colocá-los três anos à frente da concorrência. Você faz alguma ideia do quanto isso vale? – Ela enfiou os polegares nos passadores de cinto do seu jeans de couro

e ficou balançando para a frente e para trás nos saltos laqueados das botas de cowboy cor de cereja. Os bicos finos das botas tinham chapas de prata mexicana reluzente. As lentes eram mercúrio vazio, que olhavam para ele com uma calma insetoide.

– Você é samurai de rua – disse. – Há quanto tempo está trabalhando pra ele?

– Uns dois meses.

– E antes?

– Para outra pessoa. Sou uma profissional, sabia?

Ele assentiu.

– Gozado, Case.

– Gozado o quê?

– É como se eu te conhecesse. Aquele perfil que ele conseguiu. Eu sei como você é programado.

– Você não me conhece, minha irmã.

– Você é legal, Case. Você só teve azar.

– E ele? Ele é legal, Molly? – O caranguejo-robô se moveu na direção deles, selecionando seu caminho sobre as ondas de cascalho. Sua carapaça de bronze poderia ter mil anos de idade. Quando chegou a um metro das botas dela, disparou um feixe de luz e, então, parou por um instante, analisando os dados obtidos.

– O que sempre penso primeiro, Case, é no meu próprio rabo. – O caranguejo havia alterado seu curso para evitá-la, mas ela o chutou com uma precisão perfeita, a pontinha de prata da bota fazendo *clang* na carapaça. A coisa caiu de costas, mas as patinhas de bronze logo a endireitaram novamente.

Case sentou-se nos pedregulhos, bagunçando a simetria das ondas de cascalho com as pontas dos sapatos. Ele começou a procurar cigarros nos bolsos. – Na sua camisa – disse ela.

– Quer responder à minha pergunta? – Ele pescou um Yeheyuan amassado do maço e ela o acendeu com uma placa fininha de aço alemão que parecia pertencer a uma mesa cirúrgica.

– Bom, vou te dizer uma coisa: o sujeito definitivamente está por dentro de alguma parada. Ele está montado na grana agora, e antes não era assim, e está recebendo mais toda hora. – Case notou uma certa tensão em volta da boca de Molly. – Ou talvez, talvez alguma parada esteja por dentro dele... – Ela deu de ombros.

– Como assim?

– Não sei direito. O que eu sei é que não sei pra quem a gente está realmente trabalhando.

Ele ficou encarando os espelhos gêmeos. Ao deixar o Hilton, no sábado de manhã, voltara ao Cheap Hotel e dormira por dez horas direto. Depois deu uma longa caminhada sem o menor sentido ao longo do perímetro de segurança do porto, vendo as gaivotas voarem em círculos além das grades de metal. Se ela o seguira, havia feito um ótimo trabalho. Ele evitou a Night City. Ficou no caixão esperando Armitage ligar. Agora esse pátio silencioso, tarde de domingo, essa garota com corpo de ginasta e mãos de feiticeira.

– Pode entrar agora, senhor, o anestesista está esperando para conhecê-lo. – O técnico se curvou, virou e tornou a entrar na clínica sem esperar para ver se Case o seguiria.

Cheiro de aço frio. Uma carícia de gelo na espinha.

Perdido, tão pequeno no meio daquela escuridão, mãos ficando frias, imagem corporal desaparecendo por corredores de céu de televisão.

Vozes.

Então, o fogo negro encontrou os tributários ramificados dos nervos, dor além de qualquer coisa que já tenha recebido o nome de dor...

Fique quieto. Não se mexa.

E Ratz estava ali, e Linda Lee, Wage e Lonny Zone também, mil rostos da floresta de neon, marinheiros e marginais e putas, onde o céu é de prata envenenada, além de grades de metal e da prisão do crânio.

Não se mexa o cacete.

Onde o céu desaparecia, passando de estática sibilante para a não cor da matrix, e ele vislumbrou num relance o shuriken, suas estrelas.

– Pára, Case, eu preciso achar a sua veia!

Ela estava sentada no peito dele, uma seringa flexível de plástico azul numa das mãos. – Se você não ficar parado, vou cortar sua garganta, caralho. Você ainda está cheio de inibidores de endorfina.

Ele acordou e viu que ela estava deitada ao seu lado no escuro.

O pescoço dele estava quebradiço, como se estivesse cheio de gravetos. Um pulso constante de dor descendo pelo meio de sua coluna vertebral. Imagens se formavam e se reformavam: uma montagem tremeluzente das torres e de cúpulas de Fuller rasgadas no Sprawl, figuras enevoadas andando em sua direção na sombra debaixo de uma ponte ou passagem de carros...

– Case? É quarta, Case. – Ela se mexeu, rolando para o lado, estendendo a mão para ele. Um seio roçou o seu antebraço. Ele ouviu quando ela rasgou o selo de alumínio de uma garrafa de água e tomou um gole. – Aqui – ela colocou a garrafa na mão dele. – Eu posso ver no escuro, Case. Microcanais amplificadores de imagem nos meus óculos.

– Que dor nas costas...

– Foi porque eles substituíram seus fluidos por aí. Trocaram seu sangue também. O sangue foi porque você recebeu um pâncreas novo na jogada. E um remendo de tecido novo no seu fígado. A coisa dos nervos eu não sei. Injeções pra cacete. Não precisaram abrir nada para o show principal. – Ela voltou a se deitar ao lado dele. – São 2:43:12 AM, Case. Eu tenho um display embutido no meu nervo óptico.

Ele se sentou e tentou tomar um gole da garrafa. Engasgou, tossiu e espirrou água morna no peito e nas coxas.

– Preciso acessar um deck – ele se ouviu dizer. Estava tateando à procura das roupas. – Eu preciso saber...

Ela riu. Mãos pequenas e fortes seguraram seus antebraços. – Desculpa, picão. Tem de esperar oito dias. Seu sistema nervoso despencaria no chão se você se plugasse agora. Ordens do médico. Além do mais, eles acham que deu certo. Vão checar você daqui a um ou dois dias.

– Onde é que a gente está?

– Em casa. Cheap Hotel.

– E o Armitage?

– No Hilton, vendendo colares pros nativos ou coisa do gênero. Vamos sair daqui em pouco tempo, cara. Amsterdã, Paris, depois voltamos pro Sprawl. – Ela tocou seu ombro. – Vire de lado. Eu faço uma massagem das boas.

Ele deitou de bruços, braços esticados para a frente, as pontas dos dedos tocando as paredes do caixão. Ela se encaixou em cima da nuca, ajoelhada na espuma sintética, o jeans de couro frio contra sua pele. Os dedos dela roçaram seu pescoço.

– Por que é que você não está no Hilton?

Ela respondeu esticando a mão para trás, no meio das coxas dele, e envolvendo suavemente seu saco entre o polegar e o indicador. Ficou assim por um minuto no escuro, ereta em cima dele, a outra mão no seu pescoço. O couro dos seus jeans rangia devagar com o movimento. Case se mexeu, sentindo a ereção na espuma sintética.

Sua cabeça latejava, mas a sensação de pescoço quebradiço diminuiu. Ele se levantou apoiado num dos cotovelos, rolou de costas, tornou a afundar contra a espuma, puxando-a para baixo, lambendo seus seios, mamilos pequenos e durinhos, deslizando molhados contra seu rosto. Encontrou o zíper dos jeans de couro e puxou a calça para baixo.

– Tudo bem – ela disse. – Eu enxergo. – Som de jeans sendo tirado. Ela lutou ao lado dele até conseguir chutá-los para longe. Passou uma perna por cima dele e ele tocou seu rosto. A dureza inesperada das lentes implantadas. – Não – disse ela. – Digitais.

Agora ela estava em cima dele novamente, pegou a mão dele e a fechou em cima dela, o polegar ao longo da fenda de suas nádegas, os dedos abrindo os lábios da vagina. Quando ela começou a se abaixar, as imagens voltaram pulsantes, os rostos, fragmentos de neon chegando e recuando. Ela desceu toda e as costas dele arquearam convulsivamente. Ela o cavalgou assim, sendo empalada, apertando-o mais e mais, até que os dois gozaram, o orgasmo dele explodindo azul em um espaço sem tempo, uma vastidão igual à matrix, onde os rostos eram tiras de papel que desciam voando por corredores de furacões, e a parte interna das coxas dela era forte e úmida contra seus quadris.

Na Ninsei, uma versão mais tênue da multidão, a versão dia-de-semana, repetia os movimentos da dança. Ondas de som rolavam dos flipers e dos salões de pachinko. Case deu uma olhadela no

Chat e viu Zone tomando conta de suas garotas no crepúsculo quente e com cheiro de cerveja. Ratz estava no bar.

– Viu o Wage, Ratz?

– Esta noite não. – Ratz ergueu a sobrancelha ao ver Molly.

– Se você o vir, diga a ele que consegui o dinheiro.

– A sorte está mudando, meu artista?

– Cedo demais pra dizer.

– Bom, preciso ver esse cara – disse Case, vendo o reflexo nos óculos dela. – Tenho que cancelar um negócio.

– Armitage não vai gostar se eu deixar você longe das minhas vistas. – Ela ficou em pé logo embaixo do relógio derretido de Deane, as mãos nos quadris.

– O cara não vai falar comigo se você estiver lá. Caguei pro Deane. Ele sabe se cuidar. Mas conheço gente por aí que vai dançar se eu sair assim de Chiba sem mais aquela. É gente minha, entende?

A boca dela endureceu. Ela balançou a cabeça.

– Tenho um pessoal em Cingapura, conexões com Tóquio em Shinjuku e Asakuza, e eles vão *dançar*, entendeu? – Mentiu, a mão no ombro da jaqueta preta dela. – Cinco. Cinco minutos. Pelo seu relógio, ok?

– Não estou sendo paga pra isso.

– Você ser paga é uma coisa. Eu deixar amigos legais morrerem porque você leva suas instruções demais ao pé da letra é outra inteiramente diferente.

– Mentira. Amigos legais o caralho. Você vai lá dentro pra checar a gente com seu muambeiro. – Ela colocou um pé sobre a mesinha de café Kandinsky, coberta de poeira.

– Ah, Case, meu rapaz, parece que sua companheira aí está definitivamente armada, além de ter uma boa quantidade de silício na cabeça. Do que se trata, exatamente? – A tosse fantasma de Deane parecia pender no ar entre os dois.

– Espere um instante, Julie. De qualquer maneira, vou entrar ali sozinho.

– Pode ter certeza disso, meu filho. Eu não aceitaria de outra maneira.

– Ok – disse ela. – Vai. Mas cinco minutos. Mais do que isso e vou entrar e esfriar esse seu amigo engomadinho permanentemente. E, já que você vai entrar lá, tente descobrir mais uma coisa.

– O quê?

– Por que estou lhe fazendo esse favor. – Ela se virou e saiu, passando pelos módulos brancos de gengibre em conserva empilhados.

– Está andando com companhias mais estranhas que de costume, Case? – Julie perguntou.

– Julie, ela já foi. Quer me deixar entrar? Por favor, Julie.

As travas se abriram. – Devagar, Case – disse a voz.

– Ligue as coisas aí, Julie, todo o equipamento da mesa – disse Case, sentando-se na cadeira giratória.

– Ele está sempre ligado – Deane disse calmo, tirando uma arma de trás do mecanismo aparente de sua velha máquina de escrever mecânica e apontando-a cuidadosamente para Case. Era uma belly gun, um revólver Magnum com o cano serrado quase até o final. A parte da frente da proteção do gatilho havia sido cortada e o cabo amarrado com o que parecia fita crepe velha. Case achou que aquilo parecia muito estranho nas mãos rosadas e bem tratadas de Deane. – Só estou me cuidando, você compreende. Nada pessoal. Agora me diga o que você quer.

– Preciso de uma aula de história, Julie. E um perfil de uma pessoa.

– O que está rolando, meu filho? – A camisa de Deane era de algodão listrado, o colarinho branco e rígido como porcelana.

– Eu, Julie. Estou rolando pra fora daqui. Fui. Mas me faça esse favor, pode ser?

– Perfil de quem, meu filho?

– Nome gaijin de Armitage, suíte no Hilton.

Deane colocou a pistola em cima da mesa. – Fique parado, Case. – Ele digitou alguma coisa num miniterminal. – Parece que você sabe tanto quanto minha rede, Case. Esse cavalheiro parece ter um esquema temporário com a Yakuza, e os filhos do crisântemo de neon têm maneiras de bloquear seus aliados de gente como eu. Eu não aceitaria de outra maneira. Agora, a aula de história. Você disse

história. – Ele tornou a pegar a arma, mas não a apontou diretamente para Case. – Que tipo de história?

– A guerra. Você esteve na guerra, Julie?

– A guerra? O que há para se saber? Ela durou três semanas.

– Screaming Fist.

– Famoso. Eles não ensinam história hoje em dia? Foi um grande jogo de futebol político pós-guerra, isso é o que foi. Um Watergate completo, de cabo a rabo. Seus militares, Case, seus militares do Sprawl em, onde foi, McLean? Nos bunkers, aquela coisa toda... um grande escândalo. Desperdiçaram uma boa quantidade de carne fresca patriota para testar uma nova tecnologia. Eles conheciam as defesas russas, descobriram depois. Sabiam sobre os pems, as armas de pulsos eletromagnéticos. Mandaram esses sujeitos assim mesmo, só pra ver. – Deane deu de ombros. – Alvos fáceis para os Ivans. Os russos.

– Algum desses sujeitos conseguiu escapar?

– Jesus – disse Deane. – Faz tanto tempo... Mas acho que alguns conseguiram. Uma das equipes. Pegaram uma aeronave sov. Helicóptero, você sabe. Voaram com ele até a Finlândia. Não tinham os códigos de entrada, claro, e destruíram as forças de defesa finlandesas no processo. Forças Especiais – Deane fungou. – Uma confusão dos diabos.

Case fez que sim com a cabeça. O cheiro de gengibre em conserva era devastador.

– Passei a guerra em Lisboa, sabia? – disse Deane, colocando a arma sobre a mesa. – Um lugar lindo, Lisboa.

– Você estava nas forças armadas, Julie?

– Não. Mas vi alguma ação. – Julie sorriu seu sorriso rosa. – É maravilhoso o que uma guerra pode fazer pelos mercados.

– Valeu, Julie. Te devo uma.

– Não, Case. E adeus.

E mais tarde ele diria a si mesmo que a noite no Sammi´s havia lhe parecido errada desde o começo, que mesmo enquanto seguia Molly ao longo daquele corredor, arrastando os pés por uma camada pegajosa de ingressos rasgados e copinhos de isopor, ele já havia sentido isso. A morte de Linda, esperando...

Eles haviam ido até o Namban, depois de Deane, e pago a dívida dele para Wage com um rolo dos neoienes de Armitage. Wage gostou, seus ajudantes não gostaram tanto, e Molly ficou sorrindo ao lado de Case com uma espécie de intensidade feroz cheia de tesão, obviamente desejando que um deles fizesse o menor movimento. Depois, ele a levou de volta ao Chat para uma bebida.

– Está perdendo seu tempo, cowboy – disse Molly, quando Case tirou um octógono do bolso de sua jaqueta.

– Como assim? Quer um? – estendeu a pílula para ela.

– Seu pâncreas novo, Case, e esses plugues no seu fígado. Armitage mandou projetá-los para desviar dessa merda. – Ela bateu com a unha bordô no octógono. – Você é bioquimicamente incapaz de ficar doidão com anfetaminas ou cocaína.

– Merda – ele disse. Olhou para o octógono e depois para ela.

– Pode comer. Pode comer uma dúzia. Não vai acontecer nada.

Ele comeu. Nada aconteceu.

Três cervejas mais tarde, ela estava perguntando a Ratz sobre as lutas.

– Sammi´s – disse Ratz.

– Dispenso – disse Case. – Ouvi dizer que eles se matam lá.

Uma hora mais tarde, ela estava comprando ingressos de um tailandês magricelo de camiseta branca e shorts baggy de rúgbi.

O Sammi´s era uma cúpula inflável atrás de um armazém no porto, um material cinza bem esticado e reforçado com uma rede de cabos finos de aço. O corredor, com uma porta em cada ponta, era uma comporta de ar improvisada que conservava o diferencial de pressão que mantinha a cúpula de pé. Anéis fluorescentes estavam atarrachados ao teto de compensado em intervalos regulares, mas a maioria estava quebrada. O ar era úmido e denso, com cheiro de suor e concreto.

Nada disso o preparou para a arena, a massa, o silêncio tenso, as marionetes gigantes de luz sob a cúpula. O concreto se inclinava em degraus até uma espécie de palco central, um círculo elevado com um ringue reluzente de equipamento de projeção. Nenhuma luz, a não ser os hologramas que se deslocavam e piscavam sobre o ringue, reproduzindo os movimentos dos dois homens abaixo. Estratos de fumaça de cigarro subiam das arquibancadas, vagando

até baterem em correntes criadas pelos ventiladores que davam suporte à cúpula. Nenhum som, a não ser o murmúrio baixinho dos ventiladores e a respiração amplificada dos lutadores.

Cores refletidas fluíam pelas lentes de Molly enquanto os homens andavam em círculos pelo ringue. Os hologramas eram magnificações à potência de dez; nessa escala, as facas que seguravam tinham pouco menos de um metro de comprimento. A pegada do lutador de faca é a pegada do esgrimista, Case lembrou, os dedos curvados, o polegar alinhado com a lâmina. As facas pareciam se mover por vontade própria, deslizando com uma falta ritual de urgência pelos arcos e passos de sua dança, ponta passando por ponta, enquanto os homens esperavam uma abertura. O rosto virado para cima de Molly estava tranquilo e parado, observando.

– Vou pegar uma comida pra gente – disse Case. Ela concordou com a cabeça, absorta na contemplação da dança.

Ele não gostava daquele lugar.

Deu meia-volta e voltou para as sombras. Escuro demais. Quieto demais.

A massa, ele viu, era em sua maior parte japonesa. Não era a multidão típica da Night City. Era uma multidão urbana. Techies das arcologias. Ele supôs que isso queria dizer que a arena tinha a aprovação de alguma comissão recreativa corporativa. Por um instante, ficou se perguntando como seria isso, trabalhar por toda sua vida para uma zaibatsu. Moradia da empresa, hino da empresa, funeral da empresa.

Ele fez o circuito quase completo da cúpula antes de encontrar as barracas de comida. Comprou yakitori em pratinhos e dois copões encerados de cerveja. Olhando para os hologramas no alto, viu que o peito de uma das figuras estava manchado de sangue. Um molho marrom espesso transbordou dos pratinhos e sujou seus dedos.

Sete dias e ele iria se conectar. Se fechasse os olhos agora, veria a matrix.

Sombras se retorceram quando os hologramas giraram em sua dança.

Então, o medo começou a se tornar um nó entre suas omoplatas. Um fio fino de suor desceu por suas costelas. A operação não deu

certo. Ele ainda estava ali, ainda era carne, não havia Molly nenhuma esperando com seus olhos travados nas facas que giravam, não havia Armitage nenhum esperando no Hilton com passagens e um passaporte novo e dinheiro. Tudo isso era um sonho, uma fantasia patética... Lágrimas quentes borraram sua visão.

Um esguicho de sangue de uma jugular num jato vermelho de luz. E agora a massa gritava, se levantava, gritava – enquanto uma das figuras desabava, e o holograma desvanecia, tremeluzindo...

Uma ameaça crua de vômito na sua garganta. Ele fechou os olhos, respirou fundo, abriu-os e viu Linda Lee passar por ele, seus olhos cinzentos cegos de medo. Ela usava o mesmo macacão francês.

E sumiu. Nas sombras.

Puro reflexo descerebrado: jogou a cerveja e a galinha no chão e saiu correndo atrás dela. Poderia ter gritado o seu nome, mas não tinha certeza.

A pós-imagem de uma linha fina como um fio de cabelo de luz vermelha. Concreto queimado debaixo das solas finas de seus sapatos.

Os tênis brancos dela faiscando em flashes, perto da parede curva agora, e novamente a linha fantasma do laser marcada a fogo em seu olho, balançando em sua visão enquanto ele corria.

Alguém o fez tropeçar. Ele ralou as palmas das mãos no concreto.

Ele rolou e chutou, mas não atingiu nada. Um garoto magro, cabelos louros espetados, iluminado por trás numa nuvem arco-íris, estava se curvando sobre ele. Sobre o palco, uma figura se virou, a faca erguida bem no alto, para a multidão que ia ao delírio. O garoto sorriu e sacou uma coisa da manga. Uma navalha, esculpida em vermelho quando um terceiro raio piscou atrás deles na escuridão. Case viu a navalha mergulhando para sua garganta como a varinha de um rabdomante.

O rosto foi apagado numa nuvem que zumbia de explosões microscópicas. Os dardos de Molly, a vinte rajadas por segundo. O garoto tossiu uma vez, convulsivamente, e caiu atravessado em cima das pernas de Case.

Ele estava andando na direção das barracas, na direção das sobras. Olhou para baixo, esperava ver aquela agulha rubi emergindo de seu peito. Nada. Ele a encontrou. Ela estava jogada aos pés de uma pilastra de concreto, os olhos fechados. Cheiro de carne cozida. A multidão cantava o nome do vencedor. Um vendedor de chope limpava as torneiras com um trapo preto. De algum jeito, um dos tênis brancos havia saído do pé dela, e estava ao lado de sua cabeça.

Siga a parede. Curva de concreto. Mãos nos bolsos. Continue andando. Passe por rostos que não olham, cada olho levantado para a imagem do vencedor sobre o ringue. Uma vez um rosto europeu vincado dançou no brilho de um fósforo, lábios chupando a ponta curta de um cachimbo de metal. Cheiro acre de haxixe. Case continuou andando, sem sentir nada.

– Case. – Os espelhos dela emergiram de sombras mais profundas. – Você está legal?

Alguma coisa gemeu e gorgolejou na escuridão atrás dela.

Ele balançou a cabeça em negativa.

– A luta acabou, Case. Está na hora de ir pra casa.

Ele tentou passar por ela, de volta à escuridão, onde havia alguma coisa morrendo. Ela o deteve com uma mão no peito. – Amigos de seu amigo íntimo. Mataram sua garota para você. Você não tem se saído muito bem com amigos nesta cidade, tem? Conseguimos um perfil parcial daquele velho filho da puta quando pegamos você, cara. Ele frita qualquer um por um punhado de neos. Aquele lá de trás disse que chegaram até ela quando ele estava tentando repassar sua RAM. Saía mais em conta para eles matá-la e pegar o negócio. Poupava um pouco de dinheiro... Peguei o que tinha o laser e fiz com que me contasse tudo. Coincidência a gente estar aqui, mas precisava me certificar. – A boca dela era dura, lábios pressionados formando uma linha fina.

Case sentia como se seu cérebro tivesse sofrido um descarrilamento. – Quem – ele disse – quem os enviou?

Ela entregou a ele um saquinho de gengibre em conserva com respingos de sangue. Ele viu que as mãos dela estavam pegajosas de sangue. Lá nas sombras, alguém fez sons molhados e morreu.

Depois da checagem pós-operatória na clínica, Molly o levou até o porto. Armitage estava esperando. Ele havia alugado um hovercraft. A última coisa que Case viu de Chiba foram os ângulos negros das arcologias. Depois, uma neblina se fechou sobre a água escura e os cardumes flutuantes de dejetos.


PARTE DOIS
MISSÃO: COMPRAS

3

Em casa.

A casa era o BAMA, o Sprawl, o Boston-Atlanta Metropolitan Axis: Eixo Metropolitano Boston-Atlanta.

Programe um mapa para exibir frequência de troca de dados, sendo cada gigabyte um único pixel em uma tela muito grande. Manhattan e Atlanta brilham com um branco incandescente. Então, começam a pulsar: a taxa de tráfego ameaça sobrecarregar sua simulação. Seu mapa vai virar uma supernova. Esfrie o mapa. Aumente a escala. Cada pixel vale agora um milhão de megabytes. A cem milhões de megabytes por segundo, você começa a distinguir certos quarteirões no centro de Manhattan, os contornos de parques industriais de cem anos de idade ao redor do núcleo antigo de Atlanta...

Case despertou de um sonho de aeroportos, do couro preto de Molly andando à sua frente nos corredores de Narita, Schipol, Orly... Ele se viu comprando uma garrafa plástica de vodca dinamarquesa em um quiosque qualquer, uma hora antes do amanhecer.

Em algum lugar lá embaixo, nas raízes de ferroconcreto do Sprawl, um trem empurrava uma coluna de ar parado através de um túnel. O trem em si era silencioso, deslizava sobre seu colchão de indução, mas o deslocamento de ar fazia o túnel cantar, num tom grave que se aproximava do subsônico. A vibração atingia o quarto onde estava e levantava poeira de dentro das rachaduras do chão de tacos ressecados.

Ao abrir os olhos, viu Molly, nua e pouco além de seu alcance na imensa espuma sintética rosa estalando de nova. No alto, a luz do sol entrava filtrada pela grade manchada de fuligem de uma claraboia. Um pedaço de vidro de meio metro quadrado havia sido substituído por placas de compensado; um cabo cinzento gordo despontava dali de cima, pendurado a poucos centímetros do chão.

Ele estava deitado de lado e a via respirar, seus seios, a curva de um flanco traçada com a elegância funcional da fuselagem de um avião de guerra. O corpo dela era enxuto, definido, músculos de bailarina.

O quarto era grande. Ele se sentou. Tirando o colchonete rosa enorme e duas sacolas de nylon, novas e idênticas, ao lado, o quarto estava vazio. Paredes nuas, sem janelas, uma única porta de incêndio de aço pintada de branco. As paredes haviam recebido incontáveis demãos de tinta látex branca. Espaço de fábrica. Ele conhecia aquele tipo de aposento, aquele tipo de prédio; seus inquilinos operavam na interzona, onde a arte não chegava a ser um crime e o crime não chegava a ser arte.

Ele estava em casa.

Girou o corpo e colocou os pés no chão. O chão era feito de blocos pequenos de madeira; uns faltavam, outros estavam soltos. Sua cabeça doía. Ele se lembrou de Amsterdã, na seção do Centrum na Cidade Velha, prédios com centenas de anos de idade. Molly voltando da beira do canal com suco de laranja e ovos. Armitage tinha saído, em alguma missão críptica, e os dois caminhavam sozinhos pela Praça Dam, na direção de um bar que ela conhecia numa transversal da Damrak. Paris era um sonho enevoado. Compras. Ela o havia levado para fazer compras.

Ele se levantou e vestiu um par amarrotado de jeans pretos novos que estavam aos seus pés, e se ajoelhou para mexer nas sacolas. A primeira que abriu era a de Molly: roupas muito bem dobradas e pequenos gadgets que pareciam ter custado caro. A segunda estava lotada de coisas que ele não se lembrava de ter comprado: livros, fitas, um deck de simstim, roupas com etiquetas francesas e italianas. Embaixo de uma camiseta verde, descobriu um pacote fino, dobrado como um origami de papel japonês reciclado.

O papel rasgou quando ele o tocou; uma estrela brilhante de nove pontas caiu – e ficou em pé, uma das pontas cravada numa rachadura do piso.

– Uma lembrancinha – disse Molly. – Reparei que você estava sempre olhando pra isso. – Ele se virou e viu que ela estava sentada na cama, pernas cruzadas, coçando sonolenta a barriga com unhas bordô.

– Vem alguém mais tarde para garantir a segurança do lugar – disse Armitage. Ele estava em pé na soleira da porta aberta com uma antiga chave magnética na mão. Molly estava fazendo café num pequeno fogão alemão que retirou de sua sacola.

– Eu sei fazer isso – ela disse. – Já consegui equipamento suficiente. Infrascan de perímetro, alarmes sonoros...

– Não – disse ele, fechando a porta. – Eu quero segurança completa.

– Fique à vontade. – Ela vestia uma camiseta de malha preta enfiada em calças baggy de algodão preto.

– O senhor já foi policial, Sr. Armitage? – perguntou Case de onde estava, encostado numa parede.

Armitage não era mais alto do que Case, mas com seus ombros largos e postura militar parecia ocupar todo o espaço da porta. Estava vestindo um terno italiano sóbrio; na mão direita, segurava uma maleta de pelica macia. O brinco de argola das Forças Especiais havia sumido. As feições bonitas e inexpressivas ofereciam a beleza rotineira das butiques cosméticas, uma mistura conservadora dos principais rostos midiáticos da década anterior. O brilho claro de seus olhos ampliava o efeito de máscara. Case começou a se arrepender de ter feito a pergunta.

– O que quero dizer é que um bocado de pessoal das Forças Especiais acaba virando policial. Ou seguranças corporativos – Case acrescentou pouco à vontade. Molly lhe deu uma xícara fumegante de café. – Essa coisa que o senhor mandou fazer no meu pâncreas é típica da polícia.

Armitage fechou a porta e atravessou o aposento, até ficar bem em frente a Case. – Você é um garoto de sorte, Case. Você deveria me agradecer.

– Deveria mesmo? – Case soprou o café com muito barulho.

– Você precisava de um pâncreas novo. O que compramos para você o liberta de uma dependência perigosa.

– Valeu, mas eu gostava da dependência.

– Isso é ótimo, porque você tem uma dependência nova.

– Como assim? – Case levantou a cabeça. Armitage estava sorrindo.

– Você tem quinze saquinhos de toxinas presos ao revestimento de suas principais artérias, Case. Eles estão se dissolvendo. Muito lentamente, mas estão se dissolvendo. Cada um contém uma micotoxina. Você já conhece bem o efeito dessa micotoxina. Foi a mesma que seus ex-empregadores lhe deram em Memphis.

Case ficou encarando a máscara sorridente.

– Você tem tempo para fazer aquilo para o que estou te contratando, Case, mas é só. Faça o trabalho e poderei injetar em você uma enzima que dissolverá os vínculos com as artérias sem abrir os saquinhos. Em seguida, você vai precisar de uma transfusão de sangue. Caso contrário, os saquinhos derreterão e você volta ao ponto onde estava quando o encontramos. Então, Case, como pode ver, você precisa de nós. Você precisa tanto de nós quanto precisava quando o tiramos da sarjeta.

Case olhou para Molly. Ela deu de ombros.

– Agora desça até o elevador de carga e traga as caixas que encontrar lá. – Armitage entregou-lhe a chave magnética. – Vá. Você vai gostar, Case. É como uma manhã de Natal.

Verão no Sprawl, as multidões no shopping indo para um lado e para outro como se fossem talos de grama soprados ao vento, um campo de carne com marés súbitas de necessidade e gratificação.

Sentou-se ao lado de Molly sob a luz filtrada do sol na beira de uma fonte de concreto seca, deixando a corrente infindável de rostos recapitularem os estágios de sua vida. Primeiro, uma criança de olhos desconfiados, um menino de rua, mãos relaxadas e prontas ao lado do corpo; depois um adolescente, o rosto macio e insondável sob óculos vermelhos. Case lembrou de uma luta num telhado aos dezessete, um combate silencioso no brilho rosado das cúpulas geodésicas na aurora.

Ele se mexeu desconfortável no concreto, sentindo sua dureza e frieza atravessar o denim preto fino. Nada como a dança elétrica da Ninsei. Aquilo ali era um comércio diferente, um ritmo diferente, no cheiro de fast-food e perfume e suor fresco de verão.

Com seu deck esperando no loft, um Cyberspace 7 Ono-Sendai. Eles deixaram o local atulhado com as formas brancas abstratas das unidades de empacotamento de espuma, com filme plástico

amassado e centenas de minúsculas bolinhas de espuma. O Ono-Sendai; o mais caro computador de Hosaka do ano que vem; um monitor Sony; uma dezena de disquetes de ICE nível corporativo; uma cafeteira Braun. Armitage apenas havia esperado a aprovação de cada peça por Case.

– Pra onde ele foi? – Case perguntara a Molly.

– Ele gosta de hotéis. Hotéis grandes. Próximos a aeroportos, se puder. Vamos voltar pra rua. – Ela vestia um velho colete do exército com uma dezena de bolsos de formatos estranhos e colocou um par enorme de óculos de sol de plástico preto que cobriam completamente suas lentes espelhadas embutidas.

– Você já sabia dessa merda desse negócio das toxinas? – perguntou a ela ao lado da fonte. Ela balançou a cabeça negando. – Você acha que é verdade?

– Pode ser que sim, pode ser que não. Funciona do mesmo jeito.

– Sabe onde consigo descobrir?

– Não – respondeu ela, levantando a mão direita para formar o gesto de gíria que significava silêncio. – Esse tipo de trabalho é sutil demais para aparecer num scan. – Então os dedos dela se moveram novamente: espere. – E, francamente, você não está ligando muito pra isso. Eu vi você acariciando aquele Sendai, cara, era pornográfico. – E riu.

– E como é que ele te pegou? Como foi que armou para cima da profissional aí?

– Orgulho profissional, baby, só isso. – E mais uma vez o sinal de silêncio. – Vamos tomar um café, ok? Ovos, bacon de verdade. Provavelmente vai te matar, de tanto krill reconstituído de Chiba que você já comeu. Vamos, a gente pega o Metro até Manhattan e come um café da manhã de verdade.

Um neon sem vida exibia as palavras METRO HOLOGRAFIX em maiúsculas de tubos de vidro empoeiradas. Case tentou tirar uma lasca de bacon que ficou alojada entre seus dentes da frente. Já tinha desistido de perguntar para onde estavam indo e por quê; cotoveladas nas costelas e o sinal de silêncio foram tudo o que recebeu em resposta. Ela falava das modas da estação, de esporte,

de um escândalo político na Califórnia do qual ele nunca ouvira falar.

Olhou ao redor da rua deserta e sem saída. Uma folha de impresso de notícias passou voando pelo cruzamento. Ventos bizarros no East Side; alguma coisa a ver com convecção, e um overlapping nas cúpulas. Pela janela, Case deu uma espiada no neon morto. O Sprawl dela não era o Sprawl dele, decidiu. Ela o levara por uma dezena de bares e clubes que nunca vira antes, cuidando dos seus negócios, normalmente sem nada além de um aceno afirmativo de cabeça. Mantendo os contatos.

Alguma coisa se movia nas sombras, atrás do METRO HOLOGRAFIX.

A porta era uma folha de amianto corrugado usado para telhados. Na frente dela, as mãos de Molly se moveram num fluxo intrincado, uma sequência gestual que não conseguiu acompanhar. Ele pegou o sinal de dinheiro vivo, um polegar raspando a ponta do indicador. A porta abriu para dentro e Molly o levou até o cheiro de pó. Eles estavam numa clareira, emaranhados densos de lixo subindo de cada lado das paredes repletas de estantes com livros caindo aos pedaços. O lixo parecia algo que havia crescido ali mesmo, um fungo de plástico e metal retorcido. Ele conseguia identificar objetos individuais, mas pareciam se camuflar no meio da massa: as entranhas de uma televisão tão velha que estava abarrotada com os tocos de vidro de tubos de imagem, o prato de uma antena parabólica todo amassado, um cano de fibra marrom recheado de tubinhos de alguma liga metálica corroída. Uma pilha imensa de revistas velhas havia desabado na área aberta, a carne de verões passados olhando com olhos cegos enquanto ele a seguia por um desfiladeiro estreito de ferro-velho prensado. Ele ouviu a porta se fechar atrás deles. Não olhou para trás.

O túnel terminava em um antigo cobertor do Exército que tapava o buraco de uma porta. Uma luz branca inundou o espaço quando Molly abriu uma ponta para passar por baixo.

Quatro paredes quadradas de plástico branco nu, com o teto combinando e, no chão, azulejos brancos hospitalares moldados num padrão antiderrapante de minúsculos discos em relevo. No centro, uma mesa quadrada branca e quatro cadeiras dobráveis brancas.

O homem, que agora estava em pé na porta atrás deles, piscando forte os olhos, o cobertor caindo sobre um dos ombros como se fosse uma capa, parecia ter sido projetado num túnel de vento. As orelhas eram muito pequenas e coladas em seu crânio estreito, e seus grandes dentes da frente, revelados em alguma coisa que não era exatamente um sorriso, tinham uma forte inclinação para trás. Ele vestia um paletó de tweed antiquíssimo e tinha na mão esquerda um tipo de arma. Espiou os dois, piscou os olhos e colocou a arma num bolso do paletó. Fez um gesto para Case, apontou pra um colchonete de plástico branco encostado perto da porta. Case foi até lá e viu que era um sanduíche sólido de circuitos, com quase um centímetro de espessura. Ele ajudou o homem a levantar o objeto e posicioná-lo na porta. Dedos rápidos e manchados de nicotina o fixaram com uma borda de velcro branca. Um exaustor oculto começou a emitir um zumbido.

– Tempo – disse o homem, se endireitando – está contando. Você sabe de quanto é a taxa, Molly.

– Precisamos de um scan, Finlandês. Pra implantes.

– Então vá até ali entre as colunas. Fique em pé em cima da fita. Fique reta, isso. Agora dê uma volta, trezentos e sessenta. – Case viu-a girar entre dois pilares de aspecto frágil cheios de sensores. O homem retirou um pequeno monitor do bolso e ficou olhando para ele, apertando os olhos. – É, tem uma coisa nova na sua cabeça sim. Silício, revestimento de carbono pirolítico. Um relógio, certo? Seus óculos estão me dando a leitura que sempre deram, carbono isotrópico de baixa temperatura. A biocompatibilidade seria melhor com pirolíticos, mas isso é problema seu, certo? A mesma coisa com as suas garras.

– Chega mais, Case. – Ele viu um x marcado em preto no piso branco. – Dê uma virada. Devagar.

– O cara é virgenzinho – o homem deu de ombros. – Um trabalho dentário vagabundo, e só.

– Está procurando biológicos? – Molly abriu o zíper do colete verde e tirou os óculos escuros.

– Você tá pensando que isto aqui é clínica de alto nível? Sobe na mesa, garoto, vamos executar uma pequena biópsia. – Deu uma risada, mostrando mais dentes amarelos. – Nah. Palavra do

Finlandês, docinho, você não tem nenhum bug, nenhuma bomba de córtex. Quer que desative o escudo?

– Só pelo tempo necessário para você sair, Finlandês. Depois a gente quer escudo total pelo tempo que a gente quiser.

– Opa, tudo bem pro Finlandês aqui, Moll. Você está pagando por segundo mesmo.

Selaram a porta atrás dele e Molly pegou uma das cadeiras e se sentou nela, cruzando os braços e descansando o queixo nas mãos. – Agora a gente pode conversar. Isto aqui é o máximo de privacidade que posso pagar.

– A gente pode conversar sobre o quê?

– Sobre o que estamos fazendo.

– E o que estamos fazendo?

– Trabalhando pro Armitage.

– E você está dizendo que isso não tem nada a ver com ele?

– Estou. Eu vi o seu perfil, Case. E já vi o resto da nossa lista de compras uma vez. Já trabalhou com os mortos?

– Não. – Ele viu seu reflexo nos óculos dela. – Mas acho que poderia. Sou bom no que faço. – O verbo no presente o arrepiou.

– Você sabia que o Dixie Flatline, o Linha Mortal, morreu?

Ele fez que sim com a cabeça. – Ouvi dizer que foi do coração.

– Você vai trabalhar com o constructo dele. – Ela sorriu. – Foi ele quem te ensinou os macetes, não foi? Ele e o Quine. Aliás, conheço o Quine. Grande babaca.

– Alguém possui uma gravação do McCoy Pauley? Quem? – Agora Case estava sentado, descansando os cotovelos em cima da mesa. – Não consigo ver isso. Ele nunca teria topado essa parada.

– Sense/Net. Pagaram megas pra ele, pode apostar seu rabo.

– Quine morreu também?

– Não teve essa sorte. Ele está na Europa. Não vai entrar nesta parada.

– Bom, se a gente conseguir o Flatline, está tudo dominado. Ele era o melhor. Sabia que teve morte cerebral três vezes?

Ela fez que sim.

– O eletro dele deu traço, a linha mortal. Ele me mostrou fitas. “Boy, I was *daid*” – ele disse, imitando o sotaque escocês do outro.

– Escuta, Case, venho tentando sondar quem é que está bancando o Armitage desde que entrei na parada. Mas não me parece uma zaibatsu, um governo nem alguma subsidiária da Yakuza. Armitage recebe ordens. Tipo, alguma coisa diz para ele ir a Chiba, pegar um viciado que está dando a última volta no parafuso da autodestruição, e negociar um programa em troca da cirurgia que irá consertá-lo. Nós podíamos ter comprado vinte cowboys do primeiro time pelo preço que o mercado estava pronto para pagar por aquele programa cirúrgico. Você era bom, mas não *tão* bom assim... – Ela coçou o nariz.

– Obviamente isso faz sentido para alguém – ele disse. – Alguém grande.

– Não esquenta – ela sorriu. – Vamos fazer uma operação hardcore, Case, apenas pra pegar o constructo do Flatline. A Sense/Net o trancou num cofre de biblioteca na parte alta da cidade. Mais apertado que cu de cobra, Case. Agora, a Sense/Net tem todo o seu material novo para a temporada de outono trancado ali também. Se a gente roubasse isso, ia ficar rico pra caralho. Mas não, a gente tem que entrar e roubar o Flatline e mais nada. Bizarro.

– É, é tudo bizarro. Você é bizarra, este muquifo é bizarro, e quem é o figuraça bizarro ali fora?

– O Finlandês é um velho contato meu. Na maior parte das vezes, pra receptação. Software. Este negócio aqui de privacidade é uma atividade paralela. Mas consegui que o Armitage deixasse que ele seja nosso técnico; então, quando ele aparecer depois, você finge que nunca o viu, ok?

– O que é que o Armitage mandou dissolver dentro de você?

– Eu sou facinha – ela sorriu. – Quem é muito bom no que faz, *é* o que faz, certo? Você se pluga, eu luto.

Ele ficou olhando fixo para ela. – Então, me diga o que sabe sobre o Armitage.

– Pra começar, ninguém chamado Armitage tomou parte de nenhum Screaming Fist. Eu chequei. Mas isso não quer dizer grande coisa. Ele não parece com nenhuma das fotos dos caras que escaparam. – Ela deu de ombros. – Grande coisa. E isso foi tudo o que consegui. – Ela batucou as unhas no encosto da cadeira. – Mas

você é um cowboy, não é? Quero dizer, talvez você possa dar uma olhadinha por aí. – Sorriu.

– Ele me mata.

– Talvez sim. Talvez não. Mas você é um camarada esperto, não é? Você pode driblar esse cara direitinho.

– O que mais tem na lista que você mencionou?

– Brinquedos. A maioria é pra você. E um psicopata de carteirinha que se chama Peter Riviera. Coisinha feia.

– Onde é que ele está?

– Sei lá. Mas que ele é um cara doente, isso é. Eu vi o perfil dele. – Fez uma careta. – Horrível. – Levantou-se e se espreguiçou como uma gata. – Então, a bola está rolando? Estamos nessa juntos? Sócios?

Case olhou para ela. – Até parece que tenho opção, né?

Ela riu. – Agora você sacou, cowboy.

"A matrix tem suas raízes em games de fliperama primitivos", disse uma voz em *off*, "nos primeiros programas gráficos e experiências militares com plugues cranianos." No Sony, uma guerra espacial bidimensional desvanecia atrás de uma floresta de samambaias geradas matematicamente, demonstrando as possibilidades espaciais de espirais logarítmicas; resquícios de filmes militares azulados e queimados, animais de laboratório conectados por fios a sistemas de teste, capacetes alimentando circuitos de controle de tanques e aviões de guerra. "Ciberespaço. Uma alucinação consensual vivenciada diariamente por bilhões de operadores autorizados, em todas as nações, por crianças que estão aprendendo conceitos matemáticos... uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz alinhadas no não espaço da mente, aglomerados e constelações de dados. Como luzes da cidade, se afastando..."

– O que é isso? – perguntou Molly quando ele girou o seletor de canais.

– Um showzinho pra crianças. – Um fluxo descontínuo de imagens enquanto o seletor girava. – Off – disse para o Hosaka.

– Quer tentar agora, Case?

Quarta. Oito dias desde que saíra do Cheap Hotel com Molly ao seu lado. – Quer que eu saia, Case? Talvez seja mais fácil se você ficar sozinho... – Ele balançou a cabeça em negativa.

– Não. Pode ficar. Não faz diferença. – Ele colocou a bandana de tecido atoalhado preto na testa, tomando cuidado para não perturbar os dermatrodos Sendai. Ficou olhando para o deck no seu colo, mas não o estava vendo de verdade; o que ele via era a vitrine daquela loja na Ninsei, o shuriken de cromo queimando com neon refletido. Olhou para cima; na parede, logo acima do Sony, ela havia pendurado seu presente, colando-o ali com um alfinete de cabeça amarela no buraco no seu centro.

Ele fechou os olhos.

Encontrou a face em relevo do botão de Power.

E, na escuridão iluminada de sangue atrás de seus olhos, fosfenos prateados queimando na borda do espaço, imagens hipnagógicas se alternando rapidamente como filmes compilados a partir de frames aleatórios. Símbolos, figuras, rostos, uma mandala fragmentada de informação visual.

Por favor, ele rezou, *agora*...

Um disco cinza, da cor do céu de Chiba.

Agora...

O disco começou a girar, tornando-se uma esfera de um cinza mais claro. Expandindo...

E fluiu, floresceu para ele, um truque de origami de neon fluido, o desdobrar de sua casa sem distância, seu país, um tabuleiro de xadrez 3D transparente se estendendo até o infinito. O olho interior se abrindo para a pirâmide asteca escarlate da Eastern Seabord Fission Authority queimando para além dos cubos verdes do Mitsubishi Bank of America, e alto e bem ao longe ele viu os braços em espiral de sistemas militares, para sempre além do seu alcance.

E, em algum lugar, ele estava rindo, em um loft pintado de branco, dedos distantes acariciando o deck, lágrimas de libertação correndo pelo rosto.

Quando ele tirou os trodos, Molly não estava lá, e o loft estava escuro. Olhou as horas. Tinha ficado cinco horas no ciberespaço. Levou o Ono-Sendai até uma das novas mesas de trabalho e

desabou em cima do colchonete, puxando o saco de dormir de seda preta de Molly até cobrir sua cabeça.

O pacote de segurança, colado com fita à porta de incêndio, soou dois bipes. – Entrada solicitada – ele disse. – Indivíduo liberado pelo meu programa.

– Então abre. – Case tirou o saco de dormir da cara e se sentou quando a porta abriu, esperando ver Molly ou Armitage.

– Jesus – disse uma voz rouca. – Eu sei que aquela piranha enxerga no escuro... – Uma figura atarracada entrou e fechou a porta. – Acenda as luzes, ok? – Case se levantou e encontrou o interruptor de estilo antigo.

– Eu sou o Finlandês – disse o Finlandês e fez uma cara de alerta para Case.

– Case.

– Prazer em conhecer. Estou fazendo um trabalho de hardware pro seu chefe, ao que parece. – O Finlandês tirou um maço de Partagas do bolso e acendeu um. O cheiro de tabaco cubano encheu o aposento. Ele foi até a mesa de trabalho e olhou para o Ono-Sendai. – Parece saído da fábrica. Eu conserto isso. Mas o seu problema está aqui, garoto. – Ele tirou um envelope de papel pardo sujo de dentro do paletó, jogou as cinzas do cigarro no chão e tirou um retângulo preto liso do envelope. – Malditos protótipos de fábrica – disse, jogando a coisa em cima da mesa. – Eles revestem o negócio num bloco de policarbono e não dá pra entrar com um laser sem fritar o conteúdo. É uma armadilha contra raios x, ultrascan e sabe Deus o que mais. Vamos conseguir, mas não há descanso para os maus, há? – Dobrou o envelope com grande cuidado e o enfiou num bolso interno.

– O que é isso?

– Basicamente, uma chave flipflop. É só plugá-la ao seu Sendai e você poderá acessar ao vivo ou simstim gravado sem precisar se desconectar da matrix.

– Pra quê?

– Não faço ideia. Apenas sei que estou preparando a Moll para um gato de transmissão, então provavelmente você vai acessar o sensório dela. – O Finlandês coçou o queixo. – Agora você vai descobrir como aquelas calças dela são apertadas, hein?

4

Case estava sentado no loft com os dermatrodos grudados na testa, vendo a poeira dançar na luz do sol diluída, que se filtrava pela grade lá no alto. Uma contagem regressiva estava em andamento num dos cantos da tela do monitor.

Cowboys não entravam em simstim, ele pensou, porque isso era basicamente um brinquedo de carne. Ele sabia que os trodos que usava e a pequena tiara de plástico que pendia de um deck de simstim eram basicamente a mesma coisa, e que a matrix do ciberespaço era, na verdade, uma simplificação drástica do sensório humano, pelo menos em termos de apresentação, mas o simstim propriamente dito lhe parecia uma multiplicação gratuita do input da carne. O material comercial era editado, claro, de modo que se Tally Isham tivesse dor de cabeça no meio de um segmento, você não a sentiria.

A tela emitiu um bip de aviso de dois segundos.

A nova chave foi grudada no seu Sendai com uma tira fina de fibra óptica.

E um e dois e...

O ciberespaço entrou deslizando pelos pontos cardeais. Suave, pensou, mas não suave o bastante. Preciso trabalhar nisso...

Então ele acionou a chave nova.

O salto abrupto para dentro de outra carne. A matrix sumiu, uma onda de som e de cor... Ela estava passando por uma rua lotada, passando por barracas vendendo software de desconto, preços escritos a caneta hidrográfica em folhas de plástico, fragmentos de música vindos de infinitos alto-falantes. Cheiros de urina, monômeros livres, perfume, krill frito. Por alguns segundos assustadores, ele lutou sem conseguir evitar o impulso de controlar o corpo dela. Depois, se forçou para assumir o estado de passividade, e tornou-se o passageiro atrás dos olhos dela.

Os óculos não pareciam cortar a luz do sol. Ele se perguntou se os amplificadores embutidos faziam a compensação automática. Alfanuméricos azuis piscavam dando as horas, na parte inferior esquerda de seu campo periférico. Exibida, pensou.

A linguagem corporal dela era desorientadora, o estilo estrangeiro. Ela parecia constantemente à beira de colidir com alguém, mas as pessoas se espremiam para sair do seu caminho, saíam de banda, abriam caminho.

– E aí, Case, tudo bem? – Ele ouviu as palavras e sentiu-a formá-las. Ela enfiou uma das mãos dentro da jaqueta, a ponta de um dos dedos circulando um mamilo sob seda quente. A sensação o fez prender a respiração. Ela riu. Mas o link era de mão única. Ele não tinha como responder.

Duas quadras depois, ela abria caminho pela periferia da Memory Lane. Case ficava tentando desviar os olhos dela na direção de marcos que teria usado para encontrar o caminho. Ele começou a achar a passividade da situação irritante.

A transição para o ciberespaço, quando acionou a chave, foi instantânea. Ele digitou o código para uma parede de ICE primitivo que pertencia à Biblioteca Pública de Nova York, contando automaticamente janelas potenciais. Voltando ao sensório dela, ao fluxo sinuoso de músculos, os sentidos aguçados e brilhantes.

Ele se pegou imaginando a mente com a qual compartilhava essas sensações. O que sabia a respeito dela? Que ela era outra profissional; que ela dizia que seu ser, assim como ele, era a coisa que ela fazia para ganhar a vida. Ele conhecia o jeito como ela se movia contra ele também, mais cedo, quando acordou, o gemido mútuo de unidade quando ele a penetrou, e o fato de que ela gostava de café puro depois...

O destino dela era um dos complexos de aluguel de software de procedência duvidosa alinhados ao longo da Memory Lane. Havia uma sensação de imobilidade ali, de ruídos abafados. Cabines ao longo de um hall central. A clientela era jovem, poucos mais velhos que adolescentes. Todos pareciam ter soquetes de carbono plantados atrás da orelha esquerda, mas ela não se concentrou neles. Os balcões, na frente das cabines, exibiam centenas de cacos de microsoft, fragmentos angulosos de silício colorido

montados sob bolhas oblongas transparentes sobre quadrados de cartolina branca. Molly foi até a sétima cabine ao longo da parede sul. Atrás do balcão, um garoto de cabeça raspada olhava para o nada, uma dezena de antenas de microsoft se projetando do soquete atrás da orelha.

– Larry, você tá aí, cara? – Ela se posicionou na frente dele. Os olhos do garoto entraram em foco. Ele se sentou reto na cadeira e tirou uma lasca magenta berrante de seu soquete com uma unha suja.

– Oi, Larry.

– Molly – ele acenou com a cabeça para ela.

– Tenho um trabalho para alguns dos seus amigos, Larry.

Larry tirou uma caixa plástica fina do bolso de sua camisa esportiva vermelha e abriu-a, enfiando o microsoft ao lado de uma dezena de outros. Sua mão ficou pairando, selecionou um chip preto brilhoso, ligeiramente mais comprido que o resto, e o inseriu suavemente em sua cabeça. Seus olhos quase se fecharam.

– Molly tem um cavaleiro – ele disse – e Larry não gosta disso.

– Epa – ela disse – eu não sabia que você era tão... sensível. Estou impressionada. Custa muito caro ficar tão sensível assim.

– Eu conheço você, moça? – O olhar vazio retornou. – Está querendo comprar uns softs?

– Estou procurando os Modernos.

– Você tem um cavaleiro, Molly. Isto aqui diz. – Ele deu um tapinha na lasca preta. – Tem outra pessoa usando seus olhos.

– Meu sócio.

– Manda o seu sócio sair.

– Eu tenho uma coisa pros Panteras Modernos, Larry.

– Do que a senhora está falando?

– Case, pula fora – ela disse, e ele acionou a chave, voltando instantaneamente para a matrix. Impressões fantasmas do complexo de software pendendo por alguns segundos no zumbido tranquilo do ciberespaço.

– Panteras Modernos – ele disse para o Hosaka, removendo os trodos. – Resumo de cinco minutos.

– Pronto – disse o computador.

Ele não conhecia aquele nome. Era uma coisa nova, uma coisa que havia aparecido quando estava em Chiba. Modismos varriam o Sprawl à velocidade da luz; subculturas inteiras podiam surgir da noite para o dia, proliferar por algumas semanas e depois desaparecer inteiramente. – Manda – disse. O Hosaka havia acessado uma série de bibliotecas, jornais e serviços de notícias.

O resumo começou com um longo take sobre um still colorido que Case no começo supôs fosse uma colagem de algum tipo, o rosto de um garoto recortado de alguma imagem e colado a uma fotografia de uma parede rabiscada de tinta. Olhos escuros, dobras epicânticas que eram obviamente resultado de cirurgia, uma camada irritada de acne espalhada por bochechas branquinhas e magras. O Hosaka descongelou a imagem; o garoto se moveu, fluindo com a graça sinistra de um mímico fingindo ser um predador da selva. Seu corpo era quase invisível, um padrão abstrato se aproximando dos tijolos rabiscados deslizando suavemente ao longo de sua roupa apertada de uma peça só. Policarbono mimético.

Corta para a Dra. Virginia Rambali, Sociologia, Universidade de Nova York, o nome, o curso e a universidade pulsando na tela em alfanuméricos cor-de-rosa.

“Dado ao pendor deles para esses atos aleatórios de violência surreal – disse alguém, pode ser difícil para nossos espectadores compreender por que a senhora continua a insistir que esse fenômeno não é uma forma de terrorismo.”

A Dra. Rambali sorriu. – Sempre há um ponto no qual o terrorista deixa de manipular a gestalt da mídia. Um ponto no qual a violência pode até aumentar, mas além do qual o terrorista se tornou sintomático da própria gestalt de mídia. O terrorismo, como o conhecemos, normalmente é ligado de modo inato à mídia. Os Panteras Modernos diferem de outros terroristas precisamente em seu grau de autoconsciência, em sua percepção do ponto ao qual a mídia divorcia o ato de terrorismo da intenção sociopolítica original.

– Pula essa parte – disse Case.

Case conheceu seu primeiro Moderno dois dias depois de ler por alto o resumo do Hosaka. Deduziu que os Modernos eram uma versão contemporânea dos Grandes Cientistas da sua época de

adolescente. Havia uma espécie de DNA adolescente fantasmagórico rolando no Sprawl, uma coisa que transportava os preceitos codificados de vários subcultos de vida curta e os replicava a intervalos irregulares. Os Panteras Modernos eram uma variante cibernetizada dos Cientistas. Se a tecnologia já existisse na época, todos os Grandes Cientistas teriam soquetes recheados de microsofts. Era o estilo que importava, e o estilo era o mesmo. Os Modernos eram mercenários, piadistas de mau gosto, tecnofetichistas niilistas.

O que apareceu na porta do loft com uma caixa de disquetes do Finlandês era um garoto de voz suave chamado Angelo. Seu rosto era um enxerto simples de colágeno e polissacarídeos de cartilagem de tubarão, liso e horrível. Era um dos tipos mais feios de cirurgia eletiva que Case já tinha visto na vida. Quando Angelo sorriu, revelando os caninos afiados como navalhas de algum animal enorme, Case chegou a ficar aliviado. Transplantes dentários. Isso ele já tinha visto antes.

– Você não pode deixar essa babaquice de conflito de gerações te incomodar – disse Molly. Case concordou com a cabeça, absorto nos padrões do ICE da Sense/Net.

E foi isso. Isso era quem ele era, o que ele era, seu ser. Ele se esquecia de comer. Molly deixava caixinhas de arroz e bandejas de isopor com sushi no canto da mesa comprida. Às vezes ele lamentava ter que sair do deck para usar o banheiro químico que haviam montado num canto do loft. Padrões de ICE se formavam e reformavam na tela quando ele sondava em busca de aberturas, se desviava das armadilhas mais óbvias e mapeava a rota que tomara pelo ICE da Sense/Net. Era ICE bom. Um ICE maravilhoso. Seus padrões queimavam ali enquanto ele se deitava com o braço embaixo dos ombros de Molly, vendo a aurora vermelha pela grade de aço da claraboia. Seu labirinto de pixels arco-íris era a primeira coisa que via quando acordava. Ia direto para o deck, sem nem pensar em se vestir, e se conectava. Ele estava cortando o ICE. Ele estava trabalhando. Perdia a noção dos dias.

E, às vezes, adormecendo, particularmente quando Molly estava fora, em uma de suas viagens de reconhecimento com sua gangue alugada de Modernos, imagens de Chiba lhe voltavam à mente

como num dilúvio. Rostos e neon da Ninsei. Um dia acordou de um sonho confuso com Linda Lee, incapaz de lembrar quem ela era ou o que havia significado algum dia para ele. Quando se lembrou, conectou-se e trabalhou por nove horas seguidas.

O processo de quebrar o ICE da Sense/Net levou um total de nove dias.

– Eu disse uma semana – disse Armitage, incapaz de esconder sua satisfação quando Case lhe mostrou seu plano para a operação. – Você levou o tempo que quis.

– O caralho – disse Case, sorrindo para a tela. – Isto aqui é um bom trabalho, Armitage.

– Sim – admitiu Armitage. – Mas não deixe isso subir à sua cabeça. Comparado ao que ainda vai fazer, isso é um joguinho de fliperama.

– Te amo, Gata-Mãe – sussurrou o homem-link dos Panteras Modernos. Sua voz era estática modulada no headset de Case. – Atlanta, Ninhada. Parece verde. Sinal verde, entendeu? – A voz de Molly era um pouco mais clara.

– Ouço e obedeço. – Os Modernos estavam usando uma espécie de antena parabólica vagabunda em Nova Jersey para desviar o sinal embaralhado do homem-link por um satélite dos Filhos de Cristo Rei em órbita geossincrônica sobre Manhattan. Eles optaram por encarar toda a operação como uma piada interna elaborada, e a escolha de satélites de comunicação parecia ter sido proposital. Os sinais de Molly estavam sendo irradiados de uma parabólica de um metro de diâmetro colada com epóxi ao telhado de uma torre de banco de vidro preto quase tão alta quanto o prédio da Sense/Net.

Atlanta. O código de reconhecimento era simples. Atlanta para Boston para Chicago para Denver, cinco minutos para cada cidade. Se alguém conseguisse interceptar o sinal de Molly, decodificá-lo, sintetizar a sua voz, o código entregaria os Modernos. Se ela permanecesse no prédio por mais de vinte minutos, era altamente improvável que conseguisse sair de lá.

Case engoliu o restante de seu café, ajustou os trodos no lugar e coçou o peito embaixo de sua camiseta preta. Tinha apenas uma vaga ideia do que os Panteras Modernos planejaram como distração

para o pessoal da segurança da Sense/Net. Seu trabalho era garantir que os programas de intrusão que ele havia escrito estabelecessem um link com os sistemas da Sense/Net quando Molly precisasse. Ele viu a contagem regressiva no canto da tela. Dois. Um.

Conectou-se e acionou seu programa. – Linha principal – respirou o homem-link, sua voz era o único som enquanto Case mergulhava nos estratos reluzentes do ICE da Sense/Net. Ótimo. Checar Molly. Acionou o simstim e flipou para dentro do sensório dela.

O embaralhador borrava ligeiramente o input visual. Ela estava em pé em frente a uma parede de espelhos salpicados de ouro no imenso lobby do prédio, mastigando chiclete, aparentemente fascinada por seu próprio reflexo. Além do enorme par de óculos de sol que escondiam seus implantes espelhados, ela conseguia ficar incrivelmente parecida com alguém que pertencia ao local, outra garota turista esperando ver Tally Isham, mesmo que de passagem. Ela vestia uma capa de chuva de plástico cor-de-rosa, um top de malha branco, calças brancas folgadas cortadas num estilo que tinha sido moda em Tóquio um ano antes. Sorria distraída e fazia bolas de chiclete. Case tinha vontade de rir. Conseguia sentir a fita micropore colada nas costelas dela, sentir as minúsculas unidades de espessura fina embaixo dela: o rádio, a unidade de simstim e o embaralhador. O microfone de garganta, colado no seu pescoço, parecia tanto quanto possível com um dermadisco analgésico. Suas mãos, nos bolsos da capa rosa, estavam se flexionando sistematicamente por meio de uma série de exercícios para liberação de tensão. Ele levou alguns segundos para perceber que a sensação peculiar nas pontas dos dedos dela era provocada pelas lâminas quando se projetavam parcialmente e depois se recolhiam.

Ele flipou de volta. Seu programa havia chegado ao quinto portal. Ele viu seu ICE-Breaker pulsar estroboscópico e se modificar na sua frente, apenas levemente consciente de suas mãos brincando sobre o deck, fazendo pequenos ajustes. Planos translúcidos coloridos se embaralhavam como um baralho de mágico. Escolha uma carta, ele pensou, qualquer uma.

O portal ficou para trás num borrão. Ele riu. O ICE da Sense/Net havia aceito sua entrada como um transferência de rotina do

complexo de Los Angeles do consórcio. Ele estava dentro. Atrás dele, sub-rotinas virais caíam, fundindo-se com o material do código do portal, prontos para defletir os verdadeiros dados de Los Angeles quando eles chegassem.

Tornou a flipar. Molly estava passando pela enorme mesa de recepção circular na parte de trás do lobby.

O display disparou 12:01:20 em seu nervo óptico.

À meia-noite, em sincronia com o chip atrás do olho de Molly, o homem-link em Jersey deu a ordem. – Linha principal. – Nove Modernos, espalhados ao longo de trezentos quilômetros do Sprawl, haviam simultaneamente teclado EMERG MAX em telefones públicos. Cada Moderno leu um script pronto curto, desligou e saiu para a noite, descartando luvas cirúrgicas. Nove diferentes departamentos de polícia e órgãos de segurança pública estavam absorvendo as informações de que uma obscura subseita de fundamentalistas cristãos militantes havia acabado de assumir o crédito por ter introduzido níveis clínicos de um agente psicoativo proibido conhecido como Azul Nove no sistema de ventilação da Pirâmide Sense/Net. Já fora demonstrado que o Azul Nove, conhecido na Califórnia como Anjo Exterminador, produzia paranoia aguda e psicose homicida em oitenta e cinco por cento das cobaias em testes.

Case acionou a chave quando seu programa surgiu através dos portais do subsistema que controlava a segurança da biblioteca de pesquisa da Sense/Net. Ele se viu entrando num elevador.

– Desculpe, mas você é funcionária? – O guarda ergueu as sobrancelhas. Molly fez uma bola de chiclete. – Não – ela disse, socando o plexo solar do homem com os dois primeiros dedos da mão direita. Quando ele se dobrou, tentando alcançar o bip no seu cinto, ela bateu sua cabeça contra a parede do elevador.

Mastigando um pouco mais rápido agora, ela tocou FECHAR PORTA e PARAR no painel iluminado. Ela tirou uma caixa preta do bolso do casaco e inseriu uma ponte no buraco da fechadura da trava que segurava o circuito do painel.

Os Panteras Modernos deram quatro minutos de vantagem para que seu primeiro movimento surtisse efeito, e então injetaram uma segunda dose cuidadosamente preparada de desinformação. Desta vez, eles a dispararam direto no sistema de vídeo interno do prédio da Sense/Net.

Às 12:04:03, todas as telas do prédio piscaram estroboscopicamente por dezoito segundos numa frequência que produziu convulsões em um segmento suscetível dos empregados da Sense/Net. Então alguma coisa vagamente parecida com um rosto humano encheu as telas, suas feições esticadas por extensões assimétricas de ossos como se fosse uma projeção de Mercator obscena. Lábios azuis se abriram molhados quando o maxilar alongado e distorcido se moveu. Alguma coisa, talvez uma mão, uma coisa tipo um feixe avermelhado de raízes retorcidas, foi em direção à câmera, se movimentou rapidamente num borrão e desapareceu. Imagens subliminarmente rápidas de contaminação; imagens gráficas do sistema de fornecimento de água do edifício, mãos enluvadas manipulando frascos de laboratório, alguma coisa caindo na escuridão, um splash fraquinho... a trilha de áudio, o volume ajustado para rodar a pouco menos que o dobro da velocidade de execução normal, era parte de um noticiário de um mês atrás, detalhando usos militares potenciais de uma substância conhecida como HsG, um produto bioquímico que controlava o fator de crescimento do esqueleto humano. Overdoses de HsG jogavam determinadas células ósseas em hiperaceleração, acelerando o crescimento por fatores de até mil por cento.

Às 12:05:00, o nexus espelhado do consórcio Sense/Net já tinha mais de três mil empregados. Cinco minutos após a meia-noite, quando a mensagem dos Modernos terminou em uma explosão que deixou a tela inteira branca, a pirâmide Sense/Net gritou.

Meia dúzia de hovercrafs táticos da Polícia de Nova York, respondendo à possibilidade de Azul Nove, convergiram para a Pirâmide Sense/Net. Com holofotes antitumulto em intensidade máxima. Um helicóptero de Ação Rápida do BAMA estava saindo de seu heliponto na Ilha Riker.

Case acionou seu segundo programa. Um vírus projetado cuidadosamente atacou as linhas de código que exibiam os comandos primários de custódia do subsolo que abrigava o material de pesquisa da Sense/Net. – Boston – a voz de Molly através do link. – Estou embaixo. – Case flipou e viu a parede nua do elevador. Ela estava tirando as calças brancas. Um pacote volumoso, exatamente do tom de seu tornozelo branquinho, estava preso ali com fita micropore. Ela se ajoelhou e tirou-a. Rastros bordô piscaram ao longo do policarbono mimético quando ela desdobrou o traje Moderno. Ela tirou a capa de chuva rosa, jogou-a ao lado das calças brancas e começou a vestir o traje sobre o top branco de malha.

12:06:26.

O vírus de Case havia perfurado uma janela no ICE de comando da biblioteca. Ele entrou e encontrou um espaço azul infinito, cheio de esferas com códigos de cores incrustadas numa grade apertada de neon azul-claro. No não espaço da matrix, o interior de um determinado constructo de dados possuía uma dimensão subjetiva ilimitada; uma calculadora de brinquedo de criança, acessada pelo Sendai de Case, teria apresentado abismos ilimitados de nada com alguns comandos básicos vinculados. Case começou a teclar a sequência que o Finlandês havia comprado de um sarariman de escalão médio com sérios problemas de drogas. Ele começou a deslizar por entre as esferas como se estivesse andando sobre trilhos invisíveis.

Aqui. Este aqui.

Digitando para abrir caminho dentro da esfera, um firmamento de neon azul frio acima dele, sem estrelas e liso como vidro gelado, ele acionou um subprograma que efetuava certas alterações nos comandos custodiais centrais.

Fora agora. Revertendo suavemente, o vírus recosturando o tecido da janela.

Pronto.

No lobby da Sense/Net, dois Panteras Modernos estavam sentados em alerta atrás de um balcão retangular baixo, gravando o tumulto com uma câmera de vídeo. Ambos vestiam trajes-camaleão.

– Os Táticos estão jogando barricadas de espuma agora – um deles observou, falando para o microfone de garganta. – Os Rápidos ainda estão tentando pousar o helicóptero.

Case acionou a chave do simstim. E flipou direto para a agonia de ossos quebrados. Molly estava encostada na parede cinza nua de um corredor comprido, a respiração ofegante e irregular. Case voltou instantaneamente à matrix, uma linha incandescente de dor desaparecendo aos poucos na sua coxa esquerda.

– O que é que tá pegando, Ninhada? – ele perguntou ao homem-link.

– Não sei, Cortador. Mamãe não está falando. Espera.

O programa de Case estava entrando em loop. Um único fio finíssimo de neon se estendia do centro da janela restaurada até o contorno em mutação constante de seu ICE-Breaker. Ele não tinha tempo para esperar. Respirando fundo, voltou a flipar.

Molly deu um único passo, tentando apoiar seu peso na parede do corredor. No loft, Case soltou um grunhido. O segundo passo a levou na direção de um braço estendido. Manga de uniforme reluzente de sangue fresco. Vislumbre de um tubo de fibra de vidro estilhaçado. Com o terceiro passo, Case deu um grito e se viu de volta à matrix.

– Ninhada? Boston, baby... – A voz dela, tensa de dor. Ela tossiu. – Um probleminha com os nativos. Acho que um deles quebrou minha perna.

– Do que você precisa agora, Gata-Mãe? – a voz do homem-link era indistinta, quase perdida atrás da estática.

Case se forçou a voltar. Ela estava encostada na parede, apoiando todo o seu peso na perna direita. Mexeu no conteúdo do bolso-canguru do traje e retirou uma folha de plástico coberta com um arco-íris de dermadiscos. Selecionou três e os colou com força no pulso esquerdo, em cima das veias. Seis mil microgramas de análogo de endorfina desceram em cima da dor como um martelo, estilhaçando-a. Ondas cor-de-rosa de calor subiram por suas coxas. Ela suspirou e foi relaxando lentamente.

– Ok, Ninhada. Agora tudo ok. Mas vou precisar de uma equipe médica quando sair. Fale pro meu pessoal. Cortador, estou a dois

minutos do alvo. Você segura?

– Diz pra ela que estou dentro e segurando – disse Case.

Molly começou a descer o corredor mancando. Quando olhou para trás, uma vez, Case viu os corpos amontoados de três seguranças da Sense/Net. Um deles parecia não ter olhos.

– Tático e Rápido selaram o térreo, Gata-Mãe. Barricadas de espuma. O lobby está ficando quente.

– Aqui é que está ficando quente – disse ela, empurrando um par de portas de aço cinza e entrando. – Quase lá, Cortador.

Case flipou para a matrix e arrancou os trodos da testa. Estava encharcado de suor. Limpou a testa com uma toalha, tomou um gole rápido de água da garrafa squeeze ao lado do Hosaka, e checou o mapa da biblioteca exibido na tela. Um cursor vermelho pulsante se arrastou pelo contorno de uma porta. A milímetros apenas do ponto verde que indicava a localização do constructo de Dixie Flatline. Ele se perguntou o que toda aquela caminhada não estaria fazendo com a perna dela. Com uma quantidade suficiente de genérico de endorfina, ela poderia andar até mesmo com os tocos das pernas decepadas. Ele apertou o cinto de segurança que o mantinha preso na poltrona e substituiu os trodos.

Agora era rotina: trodos, plugue, flip.

A biblioteca de pesquisa da Sense/Net era uma área morta de armazenagem; os materiais ali arquivados tinham de ser removidos fisicamente antes de se poder interfaceá-los. Molly passou mancando por entre fileiras de idênticos armários cinza.

– Diga pra ela mais cinco à frente e dez à esquerda, Ninhada – disse Case.

– Mais cinco à frente e dez à esquerda, Gata-Mãe – disse o homem-link.

Ela pegou a esquerda. Uma bibliotecária de rosto branco como cera estava agachada entre dois armários, a face molhada, os olhos no nada. Molly a ignorou. Case ficou se perguntando o que os Modernos haviam feito para provocar aquele nível de terror. Ele sabia que tinha alguma coisa a ver com um hoax de ameaça, uma farsa, mas estava envolvido demais com seu ICE para seguir as explicações de Molly.

– É esse – disse Case, mas ela já havia parado na frente do gabinete que continha o constructo. Suas linhas lembravam a Case as estantes neoastecas da antessala de Julius Deane em Chiba.

– Vai fundo, Cortador – disse Molly.

Case flipou para o ciberespaço e enviou um comando pulsando pelo fio vermelho que arrebentou o ICE da biblioteca. Cinco sistemas de alarme separados se convenceram de que ainda estavam operativos. As três travas elaboradas se desativaram, mas se consideraram ainda fechadas. O banco central da biblioteca sofreu um deslocamento ínfimo em sua memória permanente; o constructo havia sido removido, por ordem executiva, um mês antes. Ao verificar a autorização para a remoção do constructo, um bibliotecário descobriria que os registros foram apagados.

A porta se abriu sobre dobradiças silenciosas.

– 0467839 – disse Case, e Molly retirou uma unidade de armazenamento preta da estante. Ela parecia o pente de um rifle grande; sua superfície estava toda coberta com decalques de aviso e avaliações de segurança.

Molly fechou a porta do armário; Case flipou.

Ele retirou a linha através do ICE da biblioteca. Ele voltou para o seu programa, deflagrando automaticamente uma reversão completa de sistema. Os portões da Sense/Net se fecharam quando ele passou recuando, subprogramas retornando alucinados ao núcleo do ICE-Breaker enquanto ele passava pelos portais onde haviam ficado estacionados.

– Fui, Ninhada – ele disse, e desabou na sua cadeira. Depois da concentração de uma operação de verdade, conseguia permanecer conectado e ainda assim conservar a percepção do próprio corpo. A Sense/Net poderia levar dias para descobrir o roubo do constructo. A chave seria o desvio da transferência de Los Angeles, que coincidia bem demais com a operação terrorista dos Modernos. Ele duvidava que os três seguranças que Molly havia encontrado no corredor vivessem para falar a respeito. Flipou.

O elevador, com a caixa preta de Molly colada com fita ao lado do painel de controle, continuava onde ela o havia deixado. O guarda ainda estava deitado e enrolado em posição fetal no chão. Case reparou no derma no pescoço dele pela primeira vez. Alguma coisa

de Molly, para manter o cara derrubado. Ela passou por cima do sujeito e retirou a caixa preta antes de apertar o botão LOBBY.

Quando a porta do elevador se abriu com um assobio, uma mulher entrou correndo do meio da multidão e bateu com a cabeça na parede de trás do elevador. Molly a ignorou, curvou-se para tirar o derma do pescoço do guarda. Então, chutou as calças brancas e a capa rosa porta afora, jogando os óculos escuros na sequência, e puxou o capuz de seu traje até a testa. O constructo, no bolso-canguru do traje, pressionava o esterno quando andava. Ela saiu do elevador.

Case já havia presenciado pânico antes, mas nunca numa área fechada.

Os empregados da Sense/Net, ao se derramarem para fora dos elevadores, correram para as portas da rua, apenas para encontrar as barricadas de espuma dos Táticos e as armas saco-de-areia dos Rápidos do BAMA. Os dois órgãos, convencidos de que estavam contendo uma horda de assassinos em potencial, estavam cooperando um com o outro com um nível de eficiência fora do seu normal. Além dos destroços estilhaçados das portas principais da rua, havia corpos empilhados nas barricadas, três camadas de corpos. O som oco dos rifles de assalto fornecia um ruído de fundo constante para o som que a multidão fazia ao ir e vir pelo piso de mármore do lobby. Case nunca havia ouvido nada parecido com aquele som.

E, aparentemente, nem Molly. – Jesus – ela disse, e hesitou. Era uma espécie de ruído agudo, que subia até formar uma parede borbulhante de medo puro e total. O piso do lobby estava coalhado de corpos, roupas, sangue e rolos compridos e amassados de formulário contínuo amarelo.

– Vambora, irmã. Vamos dar o fora. – Os olhos dos dois Modernos a encaravam de dentro de dois redemoinhos loucos de tons de policarbono; os trajes eram incapazes de preservar a confusão de formas e cores enfurecidas atrás deles. – Está machucada. Vambora. Tommy te ajuda a andar. – Tommy entregou uma coisa ao que estava falando, uma câmera e vídeo envolta em policarbono.

– Chicago – disse ela. – Estou a caminho. – E então caiu, não no chão de mármore, escorregadio de sangue e vômito, mas dentro de

um poço quentinho, no silêncio e na escuridão.

O líder dos Panteras Modernos, que se apresentou como Lupus Yonderboy, vestia um traje de policarbono com um recurso de gravação que lhe permitia reexibir fundos à vontade. Empoleirado na beirada da mesa de trabalho de Case como uma espécie de gárgula top de linha, ele ficou olhando para Case e Armitage com olhos desconfiados. Sorriu. Seus cabelos eram cor-de-rosa. Uma floresta arco-íris de microsofts brotava atrás de sua orelha esquerda; a orelha era pontuda, com tufos de mais pelos rosa. Suas pupilas haviam sido modificadas para capturar a luz como as de um gato. Case ficou olhando o traje mudar de cores e texturas.

– Você deixou as coisas saírem do controle – disse Armitage. Ele estava em pé no centro do loft como uma estátua, envolto nas dobras escuras e brilhantes de uma capa de chuva sofisticada.

– Caos, Sr. Quem – disse Lupus Yonderboy. – Este é o nosso modo e nosso modus. Este é o nosso barato principal. Sua mulher sabe. Nosso negócio é com ela. Não com o senhor, Sr. Quem. – Seu traje havia assumido um padrão anguloso bizarro de bege e verde-abacate. – Ela precisava da nossa equipe médica. Ela está com eles. Vamos cuidar dela. Está tudo bem. – Ele voltou a sorrir.

– Pague a ele – disse Case.

Armitage olhou fuzilando para ele. – Não temos os bens.

– Sua mulher tem – disse Yonderboy.

– Pague a ele.

Armitage caminhou pisando duro até a mesa e retirou três maços grossos de neoienes dos bolsos da capa. – Quer contar? – perguntou a Yonderboy.

– Não – respondeu o Pantera Moderno. – Você vai pagar. Você é um Sr. Quem. Você paga para ser assim. Não um Sr. Nome.

– Espero que isso não seja uma ameaça – disse Armitage.

– Isso são negócios – disse Yonderboy, enfiando o dinheiro no único bolso na frente de seu traje.

O telefone tocou. Case atendeu.

– Molly – disse para Armitage, e passou o fone para ele.

As cúpulas geodésicas do Sprawl estavam começando a se acender num cinza pré-amanhecer quando Case saiu do prédio. Sentia os braços e as pernas frios e desconectados. Não conseguia dormir. Estava enjoado do loft. Lupus tinha ido embora, depois Armitage, e Molly estava sendo operada em algum lugar. Uma vibração debaixo dos seus pés quando um trem passou. Sirenes passaram ao longe, indo e vindo com seu efeito Doppler.

Ele virava esquinas aleatoriamente, o colarinho da jaqueta nova de couro levantado, andando curvado, jogando na sarjeta o primeiro do que seria uma fileira de Yeheyuans e acendendo outro. Tentou imaginar os saquinhos de toxina de Armitage dissolvendo em sua corrente sanguínea, membranas microscópicas ficando cada vez mais finas à medida que ele caminhava. Não parecia real. Assim como o medo e a agonia que vira pelos olhos de Molly no lobby da Sense/Net. Ele percebeu que estava tentando se lembrar os rostos das três pessoas que havia matado em Chiba. Os homens eram rostos em branco; a mulher o fez se lembrar de Linda Lee. Um caminhão-triciclo todo ferrado, com janelas espelhadas, passou aos solavancos do seu lado, cilindros de plástico vazios sacolejando no seu leito.

– Case.

Ele pulou de lado, colocando instintivamente as costas contra a parede.

– Tem mensagem para você, Case – o traje de Lupus Yonderboy rodou um ciclo de cores primárias puras. – Perdão. Não quis te assustar.

Case se endireitou, as mãos nos bolsos da jaqueta. Era uns quinze centímetros mais alto que o Moderno. – Você devia tomar cuidado, Yonderboy.

– A mensagem é esta. Wintermute. – Ele soletrou a palavra.

– É sua? – Case deu um passo à frente.

– Não – disse Yonderboy. – É para você.

– De quem?

– Wintermute – repetiu Yonderboy, fazendo que sim com a cabeça, balançando a crista de cabelo cor-de-rosa. Seu traje ficou preto fosco, uma sombra de carbono contra o concreto velho. Executou uma dancinha esquisita, girando os braços pretos magros,

e então desapareceu. Não. Ali. O capuz vestido para esconder o rosa, o traje exatamente do mesmo tom de cinza, com pintas e manchas iguais às da calçada sobre a qual ele estava. Os olhos piscaram de volta com o vermelho do sinal de pare de um semáforo. E aí ele desapareceu definitivamente.

Case fechou os olhos, massageou-os com dedos entorpecidos, recostando-se na parede de tijolos com tinta descascada.

A Ninsei era muito mais simples.

5

A equipe médica que Molly empregou ocupava dois andares de um condo-rack anônimo perto do antigo centro de Baltimore. O prédio era modular, como uma versão gigantesca do Cheap Hotel, cada caixão com quarenta metros de comprimento. Case encontrou Molly quando ela emergiu de dentro de um deles, que trazia o logo elaboradamente trabalhado de um certo GERALD CHIN, DENTISTA. Ela estava mancando.

– Ele diz que, se eu chutar qualquer coisa, a perna cai.

– Encontrei um colega seu – ele disse. – Um Moderno.

– É? Qual deles?

– Lupus Yonderboy. Ele tinha um recado. – Entregou a ela um guardanapo de papel com a palavra W I N T E R M U T E escrita em caneta com ponta de feltro vermelha em suas maiúsculas bem feitas e trabalhadas. – Ele disse... – mas ela levantou a mão e fez o gesto de silêncio.

– Vai pegar um caranguejo pra gente – ela disse.

Depois do almoço em Baltimore, Molly dissecando seu caranguejo com uma facilidade espantosa, pegaram o Metro para Nova York. Case havia aprendido a não fazer perguntas; elas só traziam o gesto de silêncio. A perna parecia estar incomodando, e ela quase não falava.

Uma criança negra magrinha com contas de madeira e resistores antigos trançados nos cabelos abriu a porta do Finlandês e os conduziu pelo túnel de refugos. Case sentiu que o material havia crescido de algum modo durante sua ausência. Ou, então, parecia que estava mudando sutilmente, cozinhando sob a pressão do tempo, flocos invisíveis e silenciosos acomodando-se para formar uma massa, uma essência cristalina de tecnologia descartada, florescendo secretamente nos depósitos de lixo do Sprawl.

Do outro lado do cobertor do Exército, o Finlandês esperava na mesa branca.

Molly começou a fazer gestos acelerados, pegou um pedaço de papel, escreveu uma coisa nele e passou-o para o Finlandês. Ele o pegou entre polegar e indicador, segurando-o longe do corpo como se pudesse explodir. Ele fez um gesto que Case não conhecia, e que traduzia uma mistura de impaciência e resignação mal-humorada. Levantou-se, espanando migalhas da frente de seu paletó de tweed surrado. Sobre a mesa, um jarro de vidro de arenque em conserva ao lado de um pacote de bolachas, pão de fôrma com o plástico rasgado e um cinzeiro de alumínio com pilhas de bitucas de Partagas.

– Espere – disse Finlandês, e saiu do aposento.

Molly se sentou no lugar dele, projetou a lâmina de seu dedo indicador e espetou uma posta cinzenta de arenque. Case ficou perambulando pelo aposento, passando os dedos pelo equipamento de varredura nas colunas.

Dez minutos e o Finlandês voltou apressado, mostrando os dentes num sorriso amarelo largo. Ele fez que sim com a cabeça, levantou o polegar para Molly como sinal de tudo-bem e fez um gesto para Case ajudá-lo com o painel da porta. Enquanto Case ajustava a borda de velcro, o Finlandês retirou um pequeno console do bolso e começou a digitar uma sequência complexa.

– Meu amor – ele disse para Molly, guardando de novo o console –, você conseguiu. Na boa, eu sinto isso. Quer me dizer onde conseguiu isso?

– Yonderboy – disse Molly, colocando de lado o arenque e as bolachas. – Fiz um acordo com Larry por baixo dos panos.

– Esperta – disse o Finlandês. – É uma IA.

– Diminua um pouco a marcha – disse Case.

– Berna – disse o Finlandês, ignorando-o. – Berna. Ela conseguiu cidadania suíça limitada sob o equivalente deles do Ato de 53. Construída para a Tessier-Ashpool S.A. Eles possuem o mainframe e o software original.

– E o que é que tem em Berna? – Case se meteu deliberadamente no meio dos dois.

– Wintermute é o código de reconhecimento de uma IA. Eu tenho os números de registro de Turing. Inteligência artificial.

– Está tudo muito bom – disse Molly –, mas aonde isso nos leva?

– Se o Yonderboy estiver certo – disse o Finlandês –, esta IA é quem está bancando o Armitage.

– Eu paguei ao Larry para que os Modernos investiguem um pouco o Armitage – Molly virou-se para Case e explicou. – Eles têm umas linhas de comunicação bem bizarras. O trato era de que eles ganhariam minha grana se conseguissem responder a uma pergunta: quem está mandando em Armitage?

– E você acha que é essa IA? Essas coisas não têm permissão para ter autonomia. Quem manda é essa corporação-mãe, essa Tessle...

– Tessier-Ashpool S.A. – disse o Finlandês. – E tenho uma historinha sobre eles para vocês. Querem ouvir? – Ele se sentou e se curvou para a frente.

– Finlandês – disse Molly. – Ele adora uma história.

– Esta aqui eu não contei a ninguém – começou o Finlandês.

O Finlandês era um receptador, um traficante de artigos roubados, basicamente software. No decorrer de seu trabalho, ele às vezes entrava em contato com outros receptadores, alguns dos quais lidavam com os artigos mais tradicionais do ramo. Metais preciosos, selos, moedas raras, joias, peles, quadros e outras obras de arte. A história que contou a Case e Molly começou com a história de outro homem, um homem que ele chamou de Smith.

Smith também era receptador, mas em temporadas mais mornas trabalhava como marchand. Ele foi a primeira pessoa que o Finlandês conheceu que havia “virado silício” – a expressão tinha um ar de coisa antiga para Case – e os microsofts que ele adquiria eram programas de história da arte e tabela de venda de galerias. Com meia dúzia de chips em seu novo soquete, o conhecimento que Smith tinha do comércio de arte era formidável, pelo menos pelos padrões de seus colegas. Mas Smith procurou o Finlandês com um pedido de ajuda, um pedido fraterno, de um homem de negócios para outro. Ele queria uma investigação completa do clã Tessier-Ashpool, disse, e isso tinha de ser executado de um modo

que garantisse a impossibilidade de que a fonte algum dia fosse descoberta. Podia ser possível, Finlandês opinara, mas ele exigia uma explicação. – Aquilo tinha cheiro – o Finlandês disse para Case –, cheiro de grana. E Smith estava tomando muito cuidado. Quase cuidado demais.

Smith, pelo que ficou sabendo depois, tivera um fornecedor conhecido como Jimmy. Jimmy era um arrombador e outras coisas também, e tinha acabado de voltar de um ano em órbita, trazendo consigo certos artefatos. A coisa mais incomum que Jimmy havia conseguido pegar na sua viagem pelo arquipélago foi uma cabeça, um busto intrincadamente trabalhado, cloasonado sobre platina, recoberta de pérolas e lazurita. Suspirando, Smith colocou de lado seu microscópio de bolso e aconselhou Jimmy a derreter o objeto. Era contemporâneo e não uma antiguidade, e não tinha valor para o colecionador. Jimmy riu. A coisa era um terminal de computador, disse ele. Podia falar. E não era voz sintetizada, mas um belo arranjo de engrenagens e tubos miniaturizados de órgão. Era uma coisa barroca demais para alguém construir, uma coisa perversa, pois chips de voz sintetizada saíam quase de graça. Smith plugou a cabeça em seu computador e ficou ouvindo a voz inumana melodiosa cantar as cifras da devolução de impostos do ano passado.

A clientela de Smith incluía um bilionário de Tóquio, cuja paixão por autômatos mecânicos resvalava no fetichismo. Smith deu de ombros, e mostrou a Jimmy as palmas das mãos viradas para cima num gesto tão antigo quanto as lojas de penhores. Ele podia tentar, disse ele, mas duvidava que fosse conseguir muito dinheiro por isso.

Quando Jimmy foi embora, deixando a cabeça, Smith começou a examiná-la cuidadosamente, descobrindo determinadas marcas registradas. Ele acabou conseguindo rastreá-la até uma improvável colaboração entre dois artesãos de Zurique, um especialista em esmaltagem de Paris, um joalheiro holandês e um designer de chips da Califórnia. Ela fora comissionada, ele descobriu, pela Tessier-Ashpool S.A.

Smith começou a fazer ofertas preliminares ao colecionador de Tóquio, dando a entender que estava no rastro de alguma coisa digna de nota.

E, então, ele recebeu uma visita, uma visita inesperada, que passou pelo labirinto da sua segurança como se ela não existisse. Um homem baixo, japonês, muitíssimo educado, que tinha todos os sinais de um assassino ninja cultivado em laboratório. Smith ficou sentado muito quieto, olhando para os olhos castanhos tranquilos da morte do outro lado de uma mesa de pau-rosa vietnamita polido. De modo gentil, quase como se pedisse desculpas, o assassino clonado explicou que era seu dever encontrar e devolver uma determinada obra de arte, um mecanismo de grande beleza, que havia sido levado da casa de seu mestre. O ninja disse que havia chegado ao seu conhecimento o fato de que Smith poderia saber a localização desse objeto.

Smith disse ao homem que não tinha vontade de morrer, e entregou a cabeça. E quanto, seu visitante perguntou, ele esperava obter pela venda do objeto? Smith disse uma cifra bem menor do que o preço que pretendia fixar. O ninja sacou um chip de crédito e digitou para Smith essa quantidade, retirada de uma conta suíça numerada. E quem, perguntou o homem, lhe havia trazido aquela peça? Smith contou. Em poucos dias, Smith ficou sabendo da morte de Jimmy.

– Então foi aí que entrei – continuou o Finlandês. – Smith sabia que eu lidava um bocado com a turma da Memory Lane, e é aí que você vai para uma busca na encolha que jamais será rastreada. Contratei um cowboy. Como era o intermediário, fiquei com uma porcentagem. O Smith era cuidadoso. A gente tinha acabado de ter uma experiência comercial muito bizarra e ele saiu por cima nessa, mas não acrescentou nada para ele. Quem havia pago com aquele dinheiro suíço? A Yakuza? De jeito nenhum. Eles têm um código muito rígido para situações como essa, e matam o receptor, sempre. Era alguma coisa freak? Smith achava que não. Negócios freak têm uma vibração, dá até para sentir o cheiro. Bom, eu mandei o meu cowboy pesquisar arquivos de notícias antigas até encontrarmos a Tessier-Ashpool em litígio. O caso não era nada, mas descobrimos qual era a firma jurídica. Então ele quebrou o ICE do advogado e pegamos o endereço da família. Grande ajuda isso nos deu.

Case ergueu as sobrancelhas.

– O fuso, em Freeside – disse o Finlandês. – Acabou que eles praticamente são donos daquilo tudo. O interessante foi a foto que conseguimos quando o cowboy fez uma busca de rotina nos arquivos de notícias e compilou um resumo. Empresa familiar. Estrutura corporativa. Supostamente, você pode comprar ações de uma S.A., mas não se comercializa uma única ação da Tessier-Ashpool no mercado aberto há mais de cem anos. Em nenhum mercado, até onde sei. Você está vendo uma família orbital de primeira geração, muito discreta, muito excêntrica, dirigida como uma corporação. Muito dinheiro, muito avessa à mídia. Muita clonagem. A lei orbital é muito mais leniente com relação à engenharia genética, certo? E é difícil rastrear qual geração, ou que combinação de gerações, está mandando no pedaço num determinado momento.

– Como assim? – perguntou Molly.

– Eles têm seu próprio sistema criogênico. Mesmo sob a lei orbital, você está legalmente morto enquanto durar um congelamento. Parece que eles se revezam, embora ninguém tenha visto o pai-fundador em mais de trinta anos. A mãe-fundadora morreu num acidente de laboratório...

– Então, o que aconteceu com seu receptador?

– Nada – o Finlandês franziu a testa. – Abriu mão disso. Demos uma olhada no emaranhado fantástico de poderes jurídicos que os T-As têm, e foi isso. Jimmy deve ter entrado na Straylight, roubado a cabeça, e a Tessier-Ashpool mandou seu ninja atrás dela. Smith decidiu esquecer. Talvez tenha sido inteligente. – Ele olhou para Molly. – A Villa Straylight. No alto do fuso. Estritamente particular.

– Você acha que eles são donos desse ninja, Finlandês? – perguntou Molly.

– Smith achava.

– É caro – disse ela. – O que será que aconteceu com esse ninja, Finlandês?

– Provavelmente foi congelado. Descongelam quando precisam.

– Ok – disse Case. – Descobrimos que Armitage está recebendo seu dinheiro de uma IA chamada Wintermute. Onde isso nos leva?

– Até agora, a lugar nenhum – disse Molly. – Mas você tem um trabalhinho extra agora. – Ela tirou um papel dobrado do bolso e

entregou para ele. Ele abriu. Coordenadas de grade e códigos de login.

– Quem é este?

– Armitage. É algum banco de dados dele. Comprei dos Modernos. Negócio em separado. Onde ele está?

– Londres – disse Case.

– Pode crackear – ela riu. – Faça valer o seu pagamento, para variar.

Case esperou por um trem trans-BAMA na plataforma lotada. Molly tinha voltado para o loft horas antes, o constructo do Flatline em sua sacola verde, e Case não parou de beber desde então.

Era perturbador pensar no Flatline como um constructo, uma fita ROM não customizável replicando as habilidades de um morto, suas obsessões, suas reações automáticas... O trem chegou com um estrondo pela faixa de indução preta, fazendo com que uma chuva de brita caísse de rachaduras no teto do túnel. Case foi arrastando os pés até a porta mais próxima e ficou olhando os outros passageiros durante a viagem. Uma dupla de cientistas cristãos, com cara de predadores, abria caminho devagar na direção de um trio de jovens técnicas de escritório que usavam vaginas holográficas estilizadas nos pulsos, um rosa úmido brilhando sob a luz fria. As técnicas lambiam seus lábios perfeitos nervosas e olhavam os Cientistas Cristãos de esguelha, por baixo de pálpebras metálicas quase fechadas. As garotas pareciam animais numa savana, altas e exóticas, balançando graciosa e inconscientemente com o movimento do trem, seus saltos altos como cascos polidos contra o metal cinza do piso do vagão. Antes que pudessem debandar, fugir dos missionários, o trem chegou à estação de Case.

Ele saiu e avistou um charuto holográfico branco, suspenso contra a parede da estação, a palavra FREESIDE pulsando abaixo dele em maiúsculas contorcidas que imitavam japonês impresso. Ele atravessou a multidão e ficou embaixo do sinal, estudando a coisa. PARA QUE ESPERAR?, pulsava o sinal. Um fuso branco rombudo, ladeado e cravejado de grades e radiadores, docas, cúpulas. Ele já tinha visto o anúncio, ou outros parecidos, milhares de vezes. Nunca lhe dissera nada. Com seu deck, podia alcançar os bancos de

dados de Freeside com a mesma facilidade com que podia ir a Atlanta. Viagens eram coisas da carne. Mas, agora, notava o pequeno símbolo, do tamanho de uma moedinha, entremeado no canto inferior esquerdo no tecido de luz do anúncio: T-A.

Voltou ao loft, perdido nas memórias do Flatline. Ele havia passado a maior parte do verão de seus dezenove anos no Gentleman Loser, tomando cervejas caras e vendo os cowboys. Nessa época, ainda não havia sequer tocado num deck, mas sabia o que queria. Havia pelo menos mais outros vinte esperançosos assombrando o Loser naquele verão, cada qual na expectativa de se tornar ajudante de algum cowboy. Não havia outro jeito de aprender.

Todos haviam ouvido falar de Pauley, o jóquei caipira da periferia de ´Lanta, que sobrevivera à morte cerebral atrás de Black ICE, o gelo negro. A rádio-peão – curta e grossa, das ruas, e a única que funcionava – não tinha muito a dizer a respeito de Pauley, além do fato de que ele havia feito o impossível. – Foi grande – outro *wannabe* contou a Case, pelo preço de uma cerveja, "mas quem sabe mesmo da história? Eu ouvi dizer que talvez tenha sido uma rede de folha de pagamento brasileira. De qualquer maneira, o cara estava morto, morte cerebral, a linha do eletro ficou plana".

Case olhava pelo bar lotado para um homem atarracado com uma camiseta de mangas curtas, o tom de sua pele meio acinzentado.

– Garoto – o Flatline lhe diria, meses depois em Miami. – Eu sou parecido com aqueles lagartos enormes, sabe? Eles tinham dois cérebros grandes pra cacete, um na cabeça e outro no osso da cauda, pra manter as patas traseiras se movendo. É bater naquela coisa preta e o velho cérebro de cauda simplesmente faz você continuar seguindo em frente.

A elite de cowboys do Loser encarava Pauley com uma estranha ansiedade grupal, quase uma superstição. McCoy Pauley, o Lázaro do ciberespaço...

E, no fim, o que o matou foi seu coração. Seu coração russo usado, implantado num campo de prisioneiros durante a guerra. Ele se recusara a substituir a coisa, dizendo que precisava daquela batida particular para manter seu senso de timing. Case ficou rodando nos dedos o papel que Molly lhe dera e subiu as escadas.

Molly roncava na espuma sintética. Uma tala transparente ia do joelho dela até alguns milímetros abaixo de sua virilha, a pele sob o micropore rígido salpicada de hematomas, preto alternando com tons de um amarelo feio. Oito dermas, cada um de um tamanho e cor diferentes, seguiam numa linha reta descendo pelo seu pulso esquerdo. Uma unidade transdermal Akai estava ao lado dela, as pontas vermelhas finas conectadas a trodos de input debaixo da tala.

Ele se virou para o tensor ao lado do Hosaka. O círculo de luz chapada caía diretamente sobre o constructo do Flatline. Enfiou um ICE, conectou o constructo e se plugou.

Era exatamente a sensação de ter alguém lendo pelas suas costas.

Ele tossiu. – Dix? McCoy? É você, cara? – Sua garganta estava apertada.

– Ei, bro – disse uma voz, sem direção.

– É o Case, cara. Lembra de mim?

– Miami, ajudante, aprende rápido.

– Qual foi a última coisa de que você se lembra antes de eu falar com você, Dix?

– Nada.

– Espere um pouco. – Ele desconectou o constructo. A presença desapareceu. Ele tornou a conectá-lo. – Dix? Quem sou eu?

– Você me pegou, Jack. Quem é você, porra?

– Ca... – seu camarada, seu parceiro. O que é que tá pegando, cara?

– Boa pergunta.

– Lembra de ter estado aqui há um segundo?

– Não.

– Sabe como funciona uma matrix de personalidade ROM?

– Claro, bro, é um constructo de firmware, imutável.

– Que conecto no banco que estou usando e consigo obter memória sequencial em tempo real?

– Acho que sim – respondeu o constructo.

– Ok, Dix. Você *é* um constructo de ROM. Entendeu?

– Se você está dizendo – disse o constructo. – Você quem é?

– Case.

– Miami – disse a voz. – Ajudante, aprende rápido.

– Isso. E pra começar, Dix, você e eu, nós vamos pular pra grade de Londres e acessar alguns dados. Topa?

– Você está me dizendo que tenho escolha, garoto?

6

– Você precisa de um paraíso. – Aconselhou o Flatline, depois que Case explicou sua situação. – Cheque Copenhague, na periferia da cidade universitária. – A voz recitava coordenadas, enquanto ele digitava.

Eles encontraram seu paraíso, um “paraíso de pirata”, na periferia bagunçada de uma grade acadêmica de nível baixo de segurança. À primeira vista, parecia o tipo de grafite que operadores universitários às vezes deixam nas junções de linhas de grade, glifos tênues de luz colorida que tremeluziam contra os contornos confusos de uma dezena de faculdades de artes.

– Ali – disse o Flatline. – Aquele azul. Está vendo? É um código de entrada para a Bell Europa. É fresquinho também. A Bell vai entrar aqui rapidinho e ler toda essa porra de quadro, trocar todos os códigos que encontrar postados. Os garotos vão roubar os novos códigos amanhã.

Case digitou o código da Bell Europa e passou para um código telefônico padrão. Com a ajuda do Flatline, se conectou à base de dados de Londres que Molly afirmava ser de Armitage.

– Aqui – disse a voz. – Eu faço pra você. – O Flatline começou a entoar uma série de dígitos, Case teclando tudo em seu deck, tentando captar as pausas que o constructo usava para indicar tempo. Precisou de três tentativas.

– Grande coisa – disse o Flatline. – Nenhum ICE.

– Escaneia essa porra – Case disse para o Hosaka. – Procure o histórico pessoal do dono.

Os rabiscos neuroeletrônicos do paraíso desapareceram, substituídos por um losango simples de luz branca. – O conteúdo é basicamente de gravações de vídeo de julgamentos militares do pós-guerra – disse a voz distante do Hosaka. – A figura central é o coronel Willis Corto.

– Vai mostrando – disse Case.

O rosto de um homem preencheu a tela. Os olhos eram os de Armitage.

Duas horas depois, Case caiu ao lado de Molly no colchonete e deixou a espuma se moldar contra seu corpo.

– Achou alguma coisa? – Ela perguntou, a voz pastosa de sono e drogas.

– Te conto depois – ele disse. – Tô quebrado. – Ele estava de ressaca e confuso. Ficou ali deitado, olhos fechados, e tentou montar as várias peças de uma história sobre um homem chamado Corto. O Hosaka havia selecionado um pequeno conjunto de informações e montou um resumo, mas estava cheio de furos. Uma parte do material era de registros impressos, que rolavam macios pela tela, rápido demais, e Case precisou pedir ao computador que lesse tudo para ele. Outros segmentos eram gravações em áudio do processo do Screaming Fist.

Willis Corto, coronel, havia mergulhado por um ponto cego nas defesas russas sobre Kirensk. Os *shuttles* haviam criado o buraco com bombas de pulso, e a equipe de Corto entrara usando microleves Nightwing, as asas se abrindo e enrijecendo na luz do luar, refletida em fragmentos de prata ao longo dos rios Angara e Podhamennaya, a última luz que Corto veria por quinze meses. Case tentou imaginar os microleves se abrindo como flores em suas cápsulas de lançamento, bem acima de uma estepe gelada.

– Eles comeram o teu rabo bonitinho, hein, chefe? – comentou Case, e Molly se mexeu ao seu lado.

Os microleves não levavam armas; o equipamento era retirado para compensar o peso de um operador de console, um deck protótipo e um programa de vírus chamado Toupeira IX, o primeiro vírus de verdade na história da cibernética. Corto e sua equipe estavam treinando para essa operação havia três anos. Eles atravessaram o ICE, prontos para injetar o Toupeira IX, quando os pulsos eletromagnéticos foram emitidos. As armas russas de pulso jogaram os jóqueis na escuridão eletrônica; os Nightwings sofreram crash de sistemas; os circuitos de voo foram completamente apagados.

Então os lasers se abriram, mirando com infravermelho, derrubando as aeronaves de assalto frágeis e transparentes ao radar, e Corto e seu cara de console morto caíram de um céu siberiano. Caíram e continuaram caindo...

Ali havia buracos na história, onde Case escaneou documentos ligados ao voo de uma aeronave russa requisitada pelos militares que conseguiu chegar à Finlândia. Para ser destruída, quando pousou num bosque de coníferas, por um antiquíssimo canhão de vinte milímetros manejado por um grupo de reservistas de alerta. O Screaming Fist terminou para Corto nos arredores de Helsinque, com paramédicos finlandeses retirando seu corpo com serras dos destroços retorcidos do helicóptero. A guerra terminou nove dias depois, e Corto foi enviado para uma instalação militar em Utah, cego, sem as pernas e sem a maior parte do maxilar. O adido do Congresso levou onze meses para encontrá-lo ali. Ele ficou escutando o som de tubos de drenagem. Em Washington e McLean, os julgamentos-shows já estavam sendo realizados. O Pentágono e a CIA estavam sendo balcanizados, parcialmente desmantelados, e uma investigação do Congresso estava se concentrando no Screaming Fist. Prontinho para um Watergate, o adido contou a Corto.

Ele iria precisar de olhos, pernas e um extenso trabalho cosmético, disse o adido, mas isso podia ser providenciado. Um novo encanamento, acrescentou o homem, apertando o ombro de Corto por sobre o lençol úmido de suor.

Corto ouvia o pinga-pinga suave e impiedoso. Ele disse que preferia testemunhar como estava.

Não, explicou o adido, os julgamentos estavam sendo televisionados. Os julgamentos precisavam atingir o eleitor. O adido pigarreou educadamente.

Reparado, remodelado e extensivamente ensaiado, o testemunho subsequente de Corto foi detalhado, comovente, lúcido e em grande parte invenção de uma cabala do Congresso com certos interesses escusos em preservar porções específicas da infraestrutura do Pentágono. Corto começou a entender, aos poucos, que seu depoimento era instrumental para salvar as carreiras de três oficiais

diretamente responsáveis pela supressão de relatórios sobre a construção de instalações de pulso eletromagnético em Kirensk.

Quando seu papel nos julgamentos acabou, ele não era mais desejado em Washington. Em um restaurante da rua M, comendo crepe de aspargos, o adido explicou os perigos terminais envolvidos em falar com as pessoas erradas. Corto esmagou a laringe do homem com os dedos rígidos da mão direita. Com o adido do Congresso estrangulado, o rosto caído no crepe de aspargos, Corto saiu para o frio setembro de Washington.

O Hosaka repassou relatórios policiais, registros de espionagem corporativa e arquivos de noticiários. Case viu Corto trabalhar com desertores corporativos em Lisboa e Marrakesh, onde pareceu ter ficado obcecado com a ideia de traição, odiando os cientistas e técnicos que comprava para seus empregadores. Bêbado, em Cingapura, espancou um engenheiro russo até a morte num hotel e ateou fogo ao seu quarto.

Em seguida, apareceu na Tailândia, como supervisor de uma fábrica de heroína. Depois, como segurança de um cartel do jogo na Califórnia e, em seguida, como assassino de aluguel nas ruínas de Bonn. Roubou um banco em Wichita. O registro ia ficando cada vez mais vago, cheio de sombras, os buracos maiores.

Certo dia, ele disse, num segmento de fita que sugeria interrogatório químico, que tudo havia ficado cinza.

Registros médicos franceses traduzidos explicavam que um homem sem identificação havia sido levado para uma instituição mental de Paris e diagnosticado como esquizofrênico. Ele ficou catatônico e foi enviado para uma instituição do governo nos arredores de Toulon. Tornou-se cobaia em um programa experimental que procurava reverter a esquizofrenia por intermédio da aplicação de modelos cibernéticos. Uma seleção aleatória de pacientes recebera microcomputadores e fora incentivada, com ajuda de estudantes, a programá-los. Ele ficou curado: foi o único caso de sucesso em toda a experiência.

O registro acabava aí.

Case se revirou no colchonete e Molly o xingou por perturbá-la.

O telefone tocou. Ele o puxou para a cama. – Alô?

– Estamos indo para Istambul – disse Armitage. – Esta noite.
– O que é que o filho da puta quer? – perguntou Molly.
– Está dizendo que a gente vai pra Istambul hoje à noite.
– Mas que maravilha.
Armitage estava lendo para ele os números dos voos e os horários de partida.
Molly se sentou e acendeu a luz.
– E o meu equipamento? – perguntou Case. – Meu deck?
– O Finlandês vai cuidar disso – disse Armitage, e desligou.
Case ficou olhando Molly fazer as malas. Ela tinha círculos pretos sob os olhos, mas mesmo com a tala, era como assistir a uma dança. Nenhum movimento desperdiçado. As roupas dele eram uma pilha amarrotada ao lado de sua sacola.
– Está sentindo dor? – ele perguntou.
– Bem que eu podia ter ficado mais uma noite no Chin.
– Seu dentista?
– Pode apostar. Muito discreto. Metade daquele espaço é dele, uma clínica completa. Faz consertos para samurais. – Ela fechou o zíper de sua sacola. – Já esteve em Istambul?
– Passei dois dias lá uma vez.
– Nunca muda – ela disse. – Cidadezinha ruim.

– Foi assim quando estávamos indo para Chiba – disse Molly, olhando pelo vidro do trem para a paisagem industrial abandonada iluminada pelo luar, faróis vermelhos no horizonte alertando aeronaves para longe de uma usina de fusão nuclear. – Estávamos em L.A. Ele entrou e disse: Faça as malas, estávamos de viagem marcada para Macau. Quando chegamos, joguei fantan no Lisboa e ele foi até Zhongshan. No dia seguinte eu estava brincando de fantasma com você na Night City. – Ela tirou um lenço de seda da manga de sua jaqueta preta e poliu as lentes embutidas. A paisagem da região norte do Sprawl despertava memórias confusas da infância para Case, tufos de grama morta despontando pelas rachaduras da placa de concreto de uma rodovia.
O trem começou a desacelerar faltando dez quilômetros para o aeroporto. Case ficou vendo o sol se levantar na paisagem da

infância, sobre pedaços de metal fundidos e carcaças enferrujadas de refinarias.

7

Chovia em Beyoglu, e o Mercedes alugado deslizou pelas unidades gradeadas e apagadas de joalheiros gregos e armênios cautelosos. A rua estava quase vazia, apenas algumas figuras de casacos escuros nas calçadas se virando para olhar o carro passar.

– Aqui, antigamente, ficava a próspera seção europeia da Istambul Otomana – o Mercedes murmurou sensual.

– Que desceu ladeira abaixo – disse Case.

– O Hilton fica na Cumhuriyet Caddesi – disse Molly. Ela se recostou contra a camurça sintética cinza do carro.

– Por que Armitage voa sozinho? – perguntou Case. Estava com dor de cabeça.

– Porque você se mete com a sua vida. Eu me meto com a minha.

Ele queria contar a história de Corto para ela, mas decidiu que era melhor não. Ele havia usado um derma para dormir no avião.

A estrada que partia do aeroporto era reta, como uma incisão perfeita, abrindo a cidade ao meio. Ficou olhando as paredes loucas de barracos de madeira em patchwork passarem, condomínios, arcologias, conjuntos habitacionais sujos, mais paredes de compensado e ferro corrugado.

O Finlandês, vestindo um novo terno Shinjuku, preto-sarariman, estava esperando, mal-humorado, no lobby do Hilton, perdido numa poltrona de veludo num mar de tapetes azul-claros.

– Jesus – disse Molly. – Um rato de terno.

Atravessaram o lobby.

– Quanto é que você está ganhando para vir até aqui, Finlandês? – Ela abaixou a sacola e a colocou ao lado da poltrona. – Aposto que é menos do que está recebendo pra vestir esse terno, hein?

O Finlandês repuxou o lábio superior. – Não o bastante, docinho. – Entregou a ela uma chave magnética com uma etiqueta amarela redonda. – Vocês já estão registrados. O Chefão está lá em cima. – Ele olhou ao redor. – Esta cidade é uma merda.

– Quando te tiram de uma cúpula, você fica agorafóbico. É só fingir que é o Brooklyn. – Ela girou a chave num dedo. – Você está aqui de criado ou o quê?

– Preciso checar os implantes de um cara – disse o Finlandês.

– E que tal meu deck? – perguntou Case.

O Finlandês fez uma careta. – Observe o protocolo. Pergunte ao chefe.

Os dedos de Molly se moveram na sombra da sua jaqueta, um relance de gíria. O Finlandês olhou, e depois fez que sim com a cabeça.

– É – ela disse. – Eu sei quem é. – Ela acenou com a cabeça na direção dos elevadores. – Vamos nessa, cowboy. – Case foi atrás dela com as duas sacolas.

O quarto deles poderia ter sido o mesmo de Chiba, onde ele vira Armitage pela primeira vez. Ele foi até a janela, pela manhã, quase esperando ver a baía de Tóquio. Havia outro hotel do outro lado da rua. Ainda estava chovendo. Alguns escritores de cartas haviam se refugiado debaixo das marquises de portas, suas velhas impressoras de voz enroladas em plásticos transparentes, evidências de que ali a palavra escrita ainda desfrutava de um certo prestígio. Era um país lento. Ele ficou olhando um sedan Citroën preto fosco, um convertido de célula de hidrogênio primitivo, que vomitou cinco oficiais turcos com cara de poucos amigos e uniformes verdes amarrotados. Eles entraram no hotel em frente.

Ele olhou novamente para a cama, para Molly, e sua palidez o incomodou. Ela havia deixado a tala micropore no colchonete do loft deles, ao lado do indutor transdermal. Os óculos dela refletiam parte das luminárias do quarto.

Estava com o telefone na mão antes que tocasse duas vezes. – Que bom que você já acordou – disse Armitage.

– Acabei de. A moça ainda está apagada. Escuta, chefe, acho que está na hora de batermos um papinho. Acho que trabalho melhor se souber um pouco mais sobre o que estou fazendo.

Silêncio na linha. Case mordeu o lábio.

– Você sabe tanto quanto precisa. Talvez mais.

– Você acha?

– Vista-se, Case. Acorde ela. Vocês vão receber uma visita em cerca de quinze minutos. O nome é Terzibashjian. – O telefone emitiu um ruído baixo. Armitage tinha desligado.

– Acorda, baby – disse Case. – Negócios.

– Eu já estou acordada há uma hora – os espelhos se viraram.

– Temos um Jersebastião chegando.

– Você tem um ouvido excelente pra idiomas, Case. Aposto que você tem sangue armênio. Esse é o cara que Armitage mandou vigiar o Riviera. Me ajuda aqui.

Terzibashjian era um rapaz vestindo um terno cinza e óculos espelhados com armação dourada. Sua camisa branca estava aberta no colarinho, revelando um tapete de pelos escuros tão cerrado que, à primeira vista, Case achou que fosse algum tipo de camiseta. Ele chegou com uma bandeja preta do Hilton com três minúsculas e cheirosas xícaras de café preto forte e três doces orientais amarelos e grudentos.

– Vamos precisar, como vocês dizem em *Ingiliz*, levar esse cara na maciota. – Ele parecia estar olhando especificamente para Molly, mas finalmente tirou seus óculos prateados. Seus olhos eram de um castanho-escuro que combinava com o tom de seus cabelos, cortados muito rente, em estilo militar. Ele sorriu. – É melhor assim, sim? Senão nós fazemos o infinito do túnel, espelho dentro de espelho... Você particularmente – disse a ela – deve tomar cuidado. Aqui na Turquia não se vê com bons olhos mulheres que exibem esse tipo de modificação.

Molly mordeu um dos docinhos pela metade. – O show é meu, Jack – disse com a boca cheia. Mastigou, engoliu e lambeu os lábios. – Eu conheço você. Pau-mandado de milico, certo? – As mãos dela deslizaram preguiçosas pela frente da jaqueta e retiraram a pistola de dardos. Case não sabia que ela estava com a arma.

– Muita calma, por favor – disse Terzibashjian, a xícara de porcelana branca congelada a centímetros de seus lábios.

Ela estendeu a arma. – Talvez você receba os explosivos, muitos deles, ou talvez você ganhe um câncer. Um dardo, seu merda. Você não vai sentir por meses.

– Por favor. Como vocês dizem em *Ingiliz*, isso está me deixando bolado...

– Eu chamo isso de uma manhã ruim. Agora diga tudo sobre o seu homem e saia logo daqui. – Ela desviou a arma.

– Ele está morando em Fener, na Kuchuk Gulhane Djaddesi 14. Eu tenho a rota do túnel dele, todas as noites até o bazar. Ele tem se apresentado mais recentemente no Yenishehir Palas Oteli, um lugar moderno no estilo *turistik*, mas tem sido arranjado para que a polícia demonstre um certo interesse nesses shows. A gerência do Yenishehir tem ficado nervosa. – Ele sorriu. Tinha cheiro de um pós-barba metálico.

– Eu quero saber é dos implantes – ela disse, massageando a própria coxa. – Quero saber exatamente o que ele pode fazer.

Terzibashjian fez que sim. – O pior é, como vocês dizem em *Ingiliz*, os subliminares. – Ele pronunciou a palavra em cinco cuidadosas sílabas.

– À nossa esquerda – disse o Mercedes, enquanto percorria um labirinto de ruas debaixo da chuva – está a Kapali Carsi, o grande bazar.

Ao lado de Case, o Finlandês fazia um ruído de satisfação, mas estava olhando na direção errada. O lado direito da rua estava repleto de ferros-velhos em miniatura, um ao lado do outro. Case viu uma locomotiva estripada no alto de blocos quebrados de mármore, manchados de ferrugem. Estátuas de mármore sem cabeça estavam empilhadas como lenha.

– Saudades de casa? – perguntou Case.

– Este lugar é uma merda – disse o Finlandês. Sua gravata de seda preta estava começando a lembrar uma fita de carbono usada. Havia medalhões de molho de kebab e ovo frito nas lapelas do seu terno novo.

– Ei, Jersey – Case disse para o armênio, sentado atrás deles. – Onde foi que esse cara instalou seu equipamento?

– Em Chiba City. Ele não tem pulmão esquerdo. O outro teve um upgrade, é assim que vocês falam? Qualquer um podia comprar esses implantes, mas esse sujeito é muito talentoso. – O Mercedes fez uma curva, evitando um carreto com pneus-balão cheio de peles. – Eu o segui na rua e vi umas dez bicicletas caírem perto dele

apenas num dia. Descobri o ciclista num hospital, a história é sempre a mesma. Um escorpião parado em cima do freio...

– “What you see is what you get”, ha – disse o Finlandês. – O que você vê é o que você tem. Eu vi os esquemas do silicone do cara. Muito estiloso. O que ele imagina, você vê. Acho que ele conseguiria estreitar isso num pulso e fritar uma retina fácil.

– Você já disse isso para sua amiga? – Terzibashjian inclinou-se entre os encostos de ultracamurça. – Na Turquia, mulher é ainda mulher. Essa daí...

O Finlandês fez um som de desprezo. – Ela pega suas bolas e faz uma gravata com elas se você olhar atravessado para ela.

– Não compreendo essa expressão.

– Tudo bem – disse Case. – Significa cale a boca.

O armênio voltou a se recostar no banco do carro, deixando um rastro metálico de pós-barba. Começou a sussurrar num transceptor Sanyo em uma estranha salada de grego, francês, turco, fragmentos isolados de inglês. O transceptor respondeu em francês. O Mercedes fez uma curva suave. – O bazar de especiarias, às vezes chamado bazar egípcio – disse o carro –, foi erguido no local de um bazar anterior criado pelo Sultão Hatice em 1660. Este é o mercado central da cidade para temperos, software, perfumes, drogas...

– Drogas – disse Case, vendo os limpadores de para-brisa do carro varrerem o Lexan à prova de balas. – O que é que você tinha dito antes sobre o Riviera estar programado, ô Jersey?

– Uma mistura de cocaína e meperidina, sim. – O armênio voltou à conversa que estava tendo com o Sanyo.

– Antigamente chamavam isso de Demerol – disse o Finlandês. – Ele é um artista do *speedball*. Pessoalzinho interessante esse com quem você está se metendo, Case.

– Deixa pra lá – disse Case, virando para cima o colarinho da jaqueta. – Vamos arrumar um pâncreas novo ou coisa do gênero pro filho da puta, coitadinho.

Assim que entraram no bazar, o humor do Finlandês melhorou consideravelmente, como se ele se sentisse reconfortado pela densidade da multidão e a sensação de claustrofobia. Caminharam com o armênio ao longo de uma calçada larga, sob toldos de

plástico manchados de fuligem e ferro forjado, pintado de verde, saído da idade da máquina a vapor. Uma centena de anúncios suspensos se contorciam e piscavam.

– Cristo Santíssimo – disse o Finlandês, pegando Case pelo braço. – Olha só praquilo. – Ele apontou. – É um cavalo, cara. Você já viu um cavalo?

Case olhou de relance para o animal embalsamado e balançou a cabeça. Ele estava sendo exibido sobre uma espécie de pedestal, perto da entrada de um lugar que vendia pássaros e macacos. As pernas da coisa haviam ficado pretas e lustrosas de décadas de pessoas passando as mãos nelas. – Eu vi um, uma vez em Maryland – disse o Finlandês – e isso foi uns bons três anos antes da pandemia. Os árabes ainda estão tentando recriá-lo a partir de DNA codificado, mas sempre dá chabu.

Os olhos vítreos castanhos do animal pareciam acompanhá-los quando passaram. Terzibashjian os levou até um café próximo do centro do mercado, um aposento de teto baixo que parecia estar em atividade ininterrupta há séculos. Garotos magricelos, vestindo paletós brancos sujos, passavam por entre as mesas lotadas, equilibrando bandejas de aço inox com garrafas de Turk-Tuborg e copinhos com chá.

Case comprou um maço de Yeheyuans de um vendedor na porta. O armênio estava murmurando para seu Sanyo. – Vamos – ele disse. – Ele está andando. Toda noite ele toma o túnel para o bazar, para comprar sua mistura com o Ali. Sua mulher está perto. Vamos.

O beco era um lugar velho, velho demais, com paredes de blocos cortados de pedra escura. O calçamento era irregular e tinha cheiro de um século de gasolina derramada e absorvida por calcário antigo. – Não consigo ver merda nenhuma – sussurrou para o Finlandês. – Fica frio, docinho – disse o Finlandês. – Quietos – disse Terzibashjian, alto demais.

Madeira raspando em pedra ou concreto. Dez metros descendo o beco, um facho de luz amarela se abriu sobre paralelepípedos molhados, e aumentou de tamanho. Uma figura saiu e a porta se fechou com ruído novamente, deixando o lugar estreito na escuridão. Case sentiu um arrepio.

– Agora – disse Terzibashjian, e um facho brilhante de luz branca, direcionado do telhado do prédio oposto ao mercado, pregou a figura magra ao lado da antiga porta de madeira em um círculo perfeito. Olhos brilhantes dispararam para a esquerda, para a direita, e o homem desabou. Case achou que alguém havia atirado nele; ele ficou deitado de bruços, os cabelos louros contrastando com a pedra velha, as mãos moles, brancas e patéticas.

O holofote nem piscou.

As costas da jaqueta do homem caído incharam e explodiram: o sangue espirrou na parede e na porta. Um par de braços impossivelmente compridos, de cor rosa-acinzentado, com tendões parecidos com cordas, se flexionou no clarão. A coisa parecia ter se levantado sozinha do calçamento, atravessando a ruína inerte e ensanguentada que fora Riviera. Ela tinha dois metros de altura, duas pernas, e parecia não ter cabeça. Então, se virou lentamente para encará-los e Case viu que ela tinha cabeça, sim; não tinha era pescoço. Não tinha olhos e a pele reluzia com um tom rosado intestinal. A boca, se é que aquilo era uma boca, era circular, cônica, rasa e repleta de cabelos ou pelos eriçados, que brilhavam como cromo preto. Ela chutou os restos de roupas e carne para o lado e deu um passo; a boca parecia procurar por eles enquanto se movia.

Terzibashjian disse alguma coisa em grego ou turco e correu na direção da coisa, os braços abertos como um homem tentando mergulhar por uma janela. Ele passou através da coisa. E caiu dentro do clarão de uma pistola disparada no escuro, além do círculo de luz. Fragmentos de rocha passaram zunindo pela cabeça de Case; o Finlandês o puxou para que se abaixasse.

A luz do alto do telhado desapareceu, deixando-o com pós-imagens distorcidas do clarão do cano da arma, do monstro e do facho de luz branca. Suas orelhas zumbiam.

Depois a luz retornou, balançando agora, vasculhando as sombras. Terzibashjian estava encostado numa porta de aço, o rosto muito branco. Segurava o pulso esquerdo e via o sangue pingar de um ferimento na mão esquerda. O louro, inteiro novamente, sem sangue, estava deitado aos seus pés.

Molly saiu das sombras, toda de preto, com a pistola de dardos na mão.

– Use o rádio – disse o armênio entre dentes. – Chame Mahmut. Precisamos tirar ele daqui. Isto aqui não é um bom lugar.

– O viadinho quase conseguiu – disse o Finlandês, estalando alto os joelhos ao se levantar, tentando limpar, sem sucesso, as pernas das calças. – Você estava olhando o show dos horrores, não estava? Não o hambúrguer que foi jogado para fora de cena. Bonitinho mesmo. Bom, ajude-o a tirar o sujeito daqui. Preciso escanear todo esse equipamento antes que ele acorde, garantir que Armitage está levando o que pagou.

Molly se abaixou e pegou uma coisa. Uma pistola. – Uma Nambu – ela disse. – Arma boa.

Terzibashjian gemeu. Case viu que estava faltando a maior parte de seu dedo do meio.

Com a cidade encharcada em azul pré-aurora, ela mandou o Mercedes levá-los ao palácio de Topkapi. O Finlandês e um turco enorme chamado Mahmut haviam levado Riviera, ainda inconsciente, do beco. Minutos depois, um Citroën, sujo de poeira, havia chegado para pegar o armênio, que parecia prestes a desmaiar.

– Você é uma besta – Molly disse ao homem, abrindo a porta do carro para ele. – Devia ter ficado recuado. Eu estava com ele na mira assim que saiu. – Terzibashjian olhou fuzilando para ela. – Mas você não é mais necessário mesmo. – Ela o empurrou para dentro e bateu a porta. – Se eu te encontrar de novo, te mato – disse ao rosto branco atrás da janela escura. O Citroën desceu o beco e fez uma curva desajeitada para entrar na rua.

Agora o Mercedes passava silencioso por Istambul, enquanto a cidade acordava. Eles passaram pelo terminal do túnel de Beyoglu e zuniram por labirintos de ruas desertas, prédios de apartamentos que fizeram Case se lembrar vagamente de Paris.

– Que coisa é aquela? – ele perguntou a Molly, enquanto o Mercedes se estacionava na margem dos jardins que cercavam o Seraglio. Ele ficou olhando bestificado para o conglomerado barroco de estilos que era o Topkapi.

– Era uma espécie de puteiro particular do Rei – disse ela, descendo e se espreguiçando. – Ele mantinha um bocado de

mulheres aqui. Agora é um museu. Meio tipo a loja do Finlandês, todas essas coisas misturadas ali, diamantes enormes, espadas, a mão esquerda de João Batista...

– Tipo assim, num tanque de suporte vital?

– Nah. Morta. Colocaram ela dentro de uma coisa de mão de latão, com uma portinhola lateral para que os cristãos pudessem beijá-la pra dar sorte. Tiraram ela dos cristãos há um milhão de anos, mas nunca tiram o pó dessa maldita coisa, porque é uma relíquia dos infiéis.

Cervos de ferro preto enferrujavam nos jardins do Seraglio. Case caminhou ao lado dela, vendo as pontas de suas botas esmagarem uma grama malcuidada, endurecida por uma geada matutina. Eles caminharam ao lado de um caminho de pedras de ardósia octogonais frias. O inverno estava esperando, em algum lugar dos Bálcãs.

– Aquele Terzi é um escroto de primeira – ela disse. – Ele é da polícia secreta. Torturador. É muito fácil de comprar, também, com o tipo de dinheiro que Armitage estava oferecendo. – Nas árvores molhadas ao redor deles, pássaros começaram a cantar.

– Eu fiz esse trabalho pra você – disse Case. – Aquele de Londres. Eu consegui alguma coisa, mas não sei o que quer dizer. – Ele contou a ela a história de Corto.

– Bom, sabia que não havia ninguém com o nome de Armitage no Screaming Fist. Procurei. – Ela acariciou o flanco enferrujado de uma gazela de ferro. – Você acha que o computadorzinho tirou ele de lá? Daquele hospital francês?

– Acho que foi Wintermute – disse Case.

Ela concordou com a cabeça.

– O negócio é o seguinte – disse ele –, você acha que ele sabe que era Corto antes? Quero dizer, ele não era ninguém em particular quando chegou àquela ala, então quem sabe Wintermute apenas...

– É. Construiu ele do zero. É... – Ela se virou e continuaram a caminhada. – Faz sentido. Sabe, o cara não tem vida particular. Não até onde sei. Um cara assim, você acha que tem alguma coisa que ele faz quando está sozinho. Mas o Armitage não. Ele fica sentado

olhando para a parede, cara. Então, alguma coisa dá um clique e ele acelera e funciona pro Wintermute.

– Então, por que é que ele tem aquele banco de dados armazenado em Londres? Nostalgia?

– Talvez nem saiba disso – ela disse. – Talvez esteja apenas no nome dele, certo?

– Não entendo – disse Case.

– Estou pensando em voz alta... Qual o nível de inteligência de uma IA, Case?

– Depende. Algumas não são muito mais espertas do que cachorros. Bichos de estimação. Mas custam uma fortuna mesmo assim. As que são inteligentes são tão inteligentes quanto a polícia de Turing deixa que elas sejam.

– Escuta, você é um cowboy. Como é que você não fica de quatro, babando por essas coisas?

– Bom – disse ele. – Pra começo de conversa, elas são raras. A maioria delas é militar, as brilhantes, e não conseguimos quebrar o ICE. É de onde o ICE vem, sabia? E também tem os policiais de Turing, e eles são maus. – Olhou para ela. – Sei lá, não faz parte da minha viagem.

– Jóquei é tudo igual – ela disse. – Não tem imaginação.

Eles chegaram a um laguinho retangular amplo onde carpas mordiscavam os talos e algumas flores aquáticas. Ela chutou uma pedrinha solta e viu as ondulações se espalharem.

– Isso é Wintermute – ela disse. – Este negócio é muito grande, pelo que me parece. Nós estamos onde as ondinhas são largas demais, não dá pra gente ver a pedra que atingiu o centro. Sabemos que tem alguma coisa ali, mas não por quê. Eu quero saber por quê. Eu quero que você vá falar com o Wintermute.

– Você está delirando – ele disse. – Não vou conseguir nem chegar perto dele.

– Experimente.

– Não dá pra ser feito.

– Pergunte ao Flatline.

– O que é que a gente quer com esse Riviera? – ele perguntou, torcendo para mudar o assunto.

Ela cuspiu no lago. – Sabe Deus. Eu preferia matá-lo a ter que olhar para ele. Eu li o seu perfil. É uma espécie de Judas compulsivo. Não consegue ficar com tesão a não ser que saiba que está traindo o objeto de desejo. É o que diz o arquivo. E eles têm que amá-lo primeiro. Talvez ele até os ame também. É por isso que foi fácil para Terzi armar para ele, porque ele tem vivido aqui há três anos, vendendo políticos para a polícia secreta. Provavelmente Terzi o deixou olhar na hora da tortura. Ele pegou dezoito em três anos. Todas mulheres com idades entre vinte e vinte e cinco. Manteve Terzi apenas com dissidentes. – Ela meteu as mãos nos bolsos da jaqueta. – Porque, se encontrasse alguém que realmente queria, garantia que ela entrasse para a política. Ele tem uma personalidade parecida com um traje Moderno. O perfil dizia que era um tipo muito raro, estimava um em dois milhões. O que, de qualquer maneira, diz algo de bom sobre a natureza humana, acho. – Ela ficou olhando para as flores brancas e os peixes lentos, o rosto amargo. – Acho que vou ter que comprar um seguro especial para esse Peter. – Ela se virou e sorriu, e era muito frio.

– O que isso quer dizer?

– Deixa pra lá. Vamos voltar a Beyoglu e encontrar alguma coisa que lembre um café da manhã. Esta noite vou estar ocupada de novo. Tenho que pegar as coisas dele naquele apartamento na Fener, voltar ao bazar e comprar algumas drogas para ele...

– Comprar algumas drogas para ele? O quanto ele consome?

Ela riu. – Ele não está morrendo, coração. Mas parece que não consegue trabalhar sem aquele gostinho especial. Mas gosto mais de você agora, você não está tão magrinho. – Ela sorriu. – Então, vou no Ali, o traficante, encher o estoque. Pode apostar.

Armitage estava esperando no quarto deles no Hilton.

– Hora de fazer as malas – ele disse, e Case tentou encontrar o homem chamado Corto atrás dos olhos azul-claros e da máscara bronzeada. Ele pensou em Wage, lá em Chiba. Operadores, acima de um determinado nível, tendem a submergir suas personalidades, ele sabia disso. Mas Wage tinha tido vícios, amantes. Até, diziam os boatos, filhos. O vazio que ele encontrava em Armitage era outra coisa.

– Para onde agora? – ele perguntou, passando pelo homem para olhar a rua lá embaixo. – Que tipo de clima?

– Eles não têm clima, apenas temperatura – disse Armitage. – Aqui. Leia o panfleto. – Ele colocou alguma coisa sobre a mesa do café e se levantou.

– Riviera está ok? Cadê o Finlandês?

– Riviera está bem. O Finlandês está a caminho de casa. – Armitage sorriu, um sorriso que significava tanto quanto o movimento involuntário da antena de um inseto. Seu bracelete de ouro fez barulho quando estendeu a mão para meter o dedo no peito de Case. – Não fique muito esperto. Esses saquinhos estão começando a ficar fracos, mas você não sabe o quanto.

Case manteve o rosto muito quieto e se forçou para fazer que sim com a cabeça.

Quando Armitage foi embora, pegou um dos panfletos. O impresso era caro e sofisticado, em francês, inglês e turco.

FREESIDE – PARA QUE ESPERAR?

Os quatro estavam com reserva num voo da THY saindo do aeroporto de Yesilköy. Conexão em Paris para o ônibus espacial da JAL. Case estava sentado no lobby do Istambul Hilton e ficou olhando Riviera vendo fragmentos bizantinos falsos na loja de presentes de paredes de vidro. Armitage, a capa de chuva sobre os ombros, parecendo uma capa de super-herói, estava em pé na entrada da loja.

Riviera era esguio, louro, de voz suave, o inglês fluido e sem sotaque. Molly disse que ele tinha trinta anos, mas teria sido difícil saber qual a sua idade. Ela também disse que ele era legalmente um expatriado e viajava com passaporte holandês forjado. Ele era um produto dos anéis de escombros que cercavam o núcleo radioativo da velha Bonn.

Três turistas japoneses sorridentes entraram correndo na loja, acenando educadamente com a cabeça para Armitage. Armitage atravessou a loja rápido demais, óbvio demais, para ficar ao lado de Riviera. Riviera se virou e sorriu, era um homem muito bonito; Case supôs que as feições eram obra de um cirurgião de Chiba. Um trabalho sutil, em nada parecido com a mistura bonitinha mas neutra

de rostos pop de Armitage. A testa do homem era alta e lisa, os olhos acinzentados, calmos e distantes. Seu nariz, que poderia ter sido bem esculpido demais, parecia ter sido quebrado e recolocado de forma desajeitada. A sugestão de brutalidade desequilibrava a delicadeza de seu maxilar e a rapidez de seu sorriso. Seus dentes eram pequenos, regulares e muito brancos. Case ficou vendo as mãos brancas brincando com os fragmentos de esculturas de imitação.

Riviera não agia como um homem que havia sido atacado na noite anterior, drogado com dardos de toxina, sequestrado, sujeito à análise do Finlandês e pressionado por Armitage para entrar para a equipe.

Case olhou para o relógio. Molly já devia ter voltado de sua compra de drogas. – Aposto que está chapadaço agora, seu babaca – ele disse ao lobby do Hilton. Uma matrona italiana grisalha, vestindo uma jaqueta de smoking de couro branco, abaixou seus óculos Porsche para olhar para ele. Ele deu um sorriso largo, levantou-se e colocou a sacola no ombro. Precisava de cigarros para a viagem. Ficou na dúvida se haveria uma seção para fumantes no ônibus espacial da JAL. – Até mais, minha senhora – disse para a mulher, que prontamente colocou o óculos de volta e lhe deu as costas.

A loja de presentes tinha cigarros, mas ele não estava a fim de falar com Armitage ou Riviera. Saiu do lobby e localizou um console de vendas numa alcova estreita, no final de uma fileira de telefones públicos.

Ficou separando nas mãos um punhado de lirasi, e enfiou as pequenas moedas de metal fosco, uma atrás da outra, achando graça no anacronismo do processo. O telefone mais próximo tocou.

Ele atendeu automaticamente.

– Alô?

Harmônicas, vozes minúsculas e inaudíveis ecoando por algum link orbital, e então um som parecido com o do vento.

– Alô, Case.

Uma moeda de cinquenta lirasi caiu de sua mão, quicou e rolou até sumir no meio dos carpetes do Hilton.

– Wintermute, Case. Está na hora de conversarmos.

Era uma voz de chip.

– Não quer conversar, Case?

Ele desligou.

No caminho de volta para o lobby, os cigarros abandonados, ele precisou descer por um corredor cheio de telefones públicos. Tocaram um atrás do outro, apenas uma vez cada, enquanto ele passava.


PARTE TRÊS
MEIA-NOITE NA
RUA JULES VERNE

8

Arquipélago.

As ilhas: toroide, fuso, aglomerado. O DNA humano transbordando e se espalhando para fora do íngreme poço gravitacional como uma mancha de óleo no oceano.

Ative uma representação gráfica que simplifique grosseiramente a troca de dados no arquipélago L-5. Um segmento aparece em vermelho-vivo, um retângulo maciço dominando sua tela.

Freeside. Freeside representa muitas coisas, nem todas evidentes aos turistas que sobem e descem o poço gravitacional em ônibus espaciais. Freeside é bordel e nexus bancário, cúpula de prazer e porto livre, cidade de fronteira e spa. Freeside é Las Vegas e os jardins suspensos da Babilônia, uma Genebra orbital e lar de uma família acostumada a cruzamento interno e refinada a um cuidado extremo, o clã industrial de Tessier e Ashpool.

No cruzador da THY para Paris, eles se sentaram todos juntos na Primeira Classe, Molly na poltrona da janela, Case ao lado dela, Riviera e Armitage no corredor. Uma vez, quando o avião fazia uma manobra sobre o mar, Case viu uma cidade em uma ilha grega reluzir como uma joia. E, uma vez, quando ia pegar sua bebida, vislumbrou rapidamente uma coisa parecida com um enorme espermatozoide humano nas profundezas do seu bourbon com água.

Molly se inclinou por cima dele e deu um tabefe na cara de Riviera. – Não, baby. Sem brincadeira. Brinque com essa merda subliminar perto de mim e vou machucar muito você. Posso fazer isso sem danificar você nem um pouco. E *gosto* disso.

Case se virou automaticamente para checar a reação de Armitage. O rosto macio estava calmo, os olhos azuis atentos, mas sem raiva. – É isso mesmo, Peter. Não faça.

Case se virou novamente, a tempo de ver o lampejo brevíssimo de uma rosa negra, suas pétalas enrugadas como couro, o caule preto com espinhos de cromo reluzente.

Peter Riviera deu um sorriso tranquilo, fechou os olhos e adormeceu instantaneamente.

Molly virou de costas, as lentes refletidas na janela escura.

– Você já esteve lá em cima, não esteve? – Molly perguntou quando ele voltou a se espremer na funda poltrona de espuma sintética do ônibus espacial da JAL.

– Nah. Nunca viajo muito, só pra trabalho. – O comissário de bordo estava colando trodos de leitura ao seu pulso e orelha esquerda.

– Espero que você não tenha SAE – disse ela.

– Enjoo de avião? De jeito nenhum.

– Não é a mesma coisa. Seus batimentos cardíacos vão acelerar em zero-G, e seu ouvido interno vai ficar maluco durante um tempo. Vai disparar seu reflexo de fuga, como se estivesse recebendo sinais para correr como o diabo, e muita adrenalina. – O comissário passou para Riviera, tirando um novo conjunto de trodos de seu avental de plástico vermelho.

Case virou a cabeça e tentou ver os contornos dos velhos terminais de Orly, mas a visão da pista do ônibus espacial estava bloqueada por graciosos defletores de disparo de concreto molhado. O que estava mais perto da janela tinha um slogan em árabe, pintado com spray vermelho.

Fechou os olhos e disse para si mesmo que o ônibus espacial era apenas um avião grande, um avião que voava muito alto. Tinha cheiro de avião, tipo roupa nova, chiclete e exaustão. Ficou ouvindo o som das cordas da música de koto pelos alto-falantes, na expectativa..

Vinte minutos: então, a gravidade desceu em cima dele como uma imensa mão macia com ossos de pedra ancestral.

A Síndrome de Adaptação Espacial era pior do que a descrição de Molly, mas passou com rapidez suficiente e ele conseguiu dormir.

O comissário o acordou quando estavam se preparando para atracar no aglomerado do terminal da JAL.

– É a transferência para Freeside agora? – ele perguntou para Molly, olhando de banda um pedacinho de tabaco Yeheyuan que havia flutuado graciosamente para fora do bolso de sua camisa para ficar dançando a dez centímetros de seu nariz. Era proibido fumar nos voos dos ônibus espaciais.

– Não, vamos seguir a costumeira mudança de planos do chefe, sabia? Vamos pegar um táxi para Zion, o aglomerado de Zion. – Ela tocou a placa de liberação de seu cinto de segurança e começou a se libertar do abraço da espuma. – É uma escolha de local engraçada, se você quer minha opinião.

– Como assim?

– Dreads. Rastas. Essa colônia já tem uns trinta anos.

– E o que isso quer dizer?

– Você vai ver. Pra mim é um lugar legal. E, além disso, lá vão deixar você fumar os seus cigarros.

Zion havia sido fundada por cinco operários que se recusaram a voltar, que deram suas costas ao poço gravitacional e começaram a construir. Sofreram perda de cálcio e encolhimento cardíaco antes que a gravidade rotacional fosse instalada no toroide central da colônia. Visto da bolha do táxi, o casco improvisado de Zion lembrou Case do patchwork de barracos de Istambul, as placas irregulares e descoloridas rabiscadas a laser com símbolos rastafári e as iniciais dos soldadores.

Molly e um zionita magricelo de nome Aerol ajudaram Case a passar por um corredor em queda livre até o núcleo de um toroide menor. Ele perdera o rastro de Armitage e Riviera no meio de uma segunda onda de vertigem de SAE. – Aqui – disse Molly, enfiando as pernas dele por uma escotilha estreita que ficava no alto. – Agarre os degraus. Faça de conta que está descendo ao contrário, certo? Você está indo na direção do casco, é assim que você vai descendo para a gravidade. Entendeu?

O estômago de Case dava cambalhotas.

– Você fica bem, mon – disse Aerol, o sorriso emoldurado por incisivos de ouro.

De algum modo, o fim do túnel havia se tornado sua parte de baixo. Case abraçou a gravidade fraca como um afogado que encontra um bolsão de ar.

– Pra cima – disse Molly. – Vai beijar o chão agora? – Case estava todo esparramado no convés, deitado de barriga, com os braços abertos. Alguma coisa bateu no ombro dele. Ele se virou e viu um feixe gordo de cabos elásticos. – Vamos brincar de casinha – disse ela. – Me ajuda a amarrar isso aqui. – Ele olhou ao redor do espaço amplo e vazio e reparou nos anéis de aço soldados em todas as superfícies, aparentemente de modo aleatório.

Quando terminaram de amarrar os cabos, seguindo algum esquema complexo de Molly, começaram a pendurar neles placas gastas de plástico amarelo. Enquanto trabalhavam, Case foi aos poucos se dando conta de uma música que pulsava constantemente por todo o aglomerado. Era chamada dub, um mosaico sensual misturado a partir de imensas bibliotecas de pop digitalizado; era fé, disse Molly, e um senso de comunidade. Case levantou uma das placas amarelas; a coisa era leve, mas difícil de segurar. Zion tinha cheiro de vegetais cozidos, humanidade e ganja.

– Ótimo – disse Armitage, planando pela escotilha com as pernas soltas e fazendo um gesto de positivo para o labirinto de placas. Atrás dele, Riviera, menos seguro na gravidade parcial.

– Onde você estava quando a gente precisou de ajuda? – Case perguntou a Riviera.

O homem abriu a boca para falar. Uma minúscula truta saiu nadando de dentro dela, arrastando atrás de si bolhas impossíveis. Ela deslizou, raspando pelo rosto de Case. – Na cabeça – Riviera disse, e sorriu.

Case deu uma gargalhada.

– Ótimo – disse Riviera. – Pode rir. Eu até teria tentado ajudar você, mas não sou bom com as mãos. – Estendeu as palmas das mãos, que subitamente duplicaram. Quatro braços, quatro mãos.

– Apenas um palhaço inofensivo, certo, Riviera? – Molly se meteu entre os dois.

– Yo – Aerol disse da escotilha. – Vem comigo, cowboy mon.

– É o seu deck – disse Armitage – e o outro equipamento. Ajude-o a retirar tudo do convés de carga.

– Muito branco, você, mon – Aerol disse enquanto levavam o terminal Hosaka, envolto em espuma, ao longo do corredor central. – Quer comer alguma coisa?

A boca de Case se encheu de saliva; ele balançou a cabeça.

Armitage anunciou uma estada de oitenta horas em Zion. Molly e Case iriam praticar em gravidade zero, ele disse, e se aclimatar a trabalhar nessas condições. Ele iria colocá-los a par de Freeside e da Villa Straylight. O que Riviera iria fazer, ainda não estava claro, mas Case não sentiu vontade de perguntar. Algumas horas depois de sua chegada, Armitage o mandou entrar no labirinto amarelo e chamar Riviera para comer. Ele encontrou o sujeito enroscado como um gato num colchonete fino de espuma, nu, aparentemente dormindo, um halo de minúsculas formas geométricas brancas, cubos, esferas e pirâmides orbitando sua cabeça. – Ô, Riviera. – O anel continuava a girar. Ele voltou e contou a Armitage. – Ele está chapado – disse Molly, levantando a cabeça e desviando o olhar das partes desmontadas de sua pistola de dardos. – Deixa ele em paz.

Armitage parecia pensar que a zero-G afetaria a habilidade de Case em operar na matrix. – Não esquenta – argumentou Case. – Eu me plugo e não estou nem aqui. É tudo a mesma coisa.

– Seus níveis de adrenalina estão mais altos – disse Armitage. – Você ainda está com SAE. Não vai ter tempo de esperar passar. Vai ter de aprender a trabalhar com isso.

– Então vou executar a operação daqui?

– Não. Prática, Case. Agora. Subindo o corredor...

O ciberespaço, conforme o deck apresentava, não tinha nenhuma relação especial com a localização física do deck. Quando Case se conectou, abriu os olhos e viu a configuração familiar da pirâmide asteca de dados da Eastern Seaboard Fission Authority.

– Como é que você tá, Dixie?

– Estou morto, Case. Tive bastante tempo aqui, neste Hosaka, pra deduzir isso.

– Como é que você se sente?

– Não sinto.

– Te incomoda?

– O que me incomoda é que nada me incomoda.

– Como assim?

– Tive um colega no campo russo, Sibéria, que teve uma queimadura de frio no polegar. Os médicos chegaram e cortaram o dedo fora. Um mês depois, ele estava se mexendo toda hora no meio da noite. Elroy, eu disse, o que é que tá pegando? Essa merda desse polegar tá coçando, ele falou. Então eu disse pra ele: coça, ué. McCoy, ele diz pra mim, é o *outro* polegar, porra. – Quando o constructo riu, foi como se alguma outra coisa, não uma risada, mas uma pontada de frio, descesse pela espinha de Case. – Me faz um favor, garoto.

– O que, Dix?

– Quando esse teu esquema acabar, deleta isto aqui, porra.

Case não entendia os zionitas.

Aerol, sem nenhuma provocação especial, relatou a história do bebê que havia nascido de sua testa e saído correndo para dentro de uma floresta de ganja hidropônica. – Um bebezinho de nada, mon, menor que teu polegar. – Ele esfregou a palma da mão num trecho da testa sem nenhuma cicatriz e sorriu.

– É a ganja – disse Molly quando Case lhe contou a história. – Eles não fazem muita diferença entre estados, sabe? Aerol te diz que aconteceu, bom, aconteceu com *ele*. Não é mentira; é mais um tipo de poesia. Entendeu?

Case fez que sim, mas tinha suas dúvidas. Os zionitas sempre tocavam você quando estavam conversando, colocando a mão no seu ombro. Ele não gostava disso.

– Ei, Aerol – Case gritou, uma hora depois, quando estava se preparando para uma sessão de prática no corredor em queda livre. – Vem cá, cara. Quero te mostrar uma coisa. – E estendeu os trodos.

Aerol executou uma cambalhota em câmera lenta. Seus pés descalços bateram na parede de aço e ele se enganchou num vergalhão com a mão livre. A outra segurava uma bolsa d'água transparente, toda estufada com algas azul-esverdeadas. Olhou para Case com ar calmo e sorriu.

– Experimenta – disse Case.

Ele pegou a faixa, colocou-a, e Case ajustou os trodos. Ele fechou os olhos. Case apertou o botão de Power. Aerol estremeceu. Case o desplugou na hora. – O que foi que você viu, cara?

– Babilônia – Aerol disse, triste; devolveu-lhe os trodos e foi embora, flutuando pelo corredor.

Riviera estava sentado imóvel em seu colchonete de espuma, o braço direito estendido para a frente, na altura do ombro. Uma serpente com escamas de joias, os olhos como rubis de neon, estava firmemente enroscada a poucos milímetros do seu cotovelo. Case ficou olhando a cobra, que tinha a espessura de um dedo, anéis pretos e vermelhos, contrair-se lentamente e se apertar ao redor do braço de Riviera.

– Vem cá – o homem disse, carinhoso, para o escorpião branco como cera parado no centro de sua palma da mão, virada para cima. – Vem. – O escorpião balançou as garras marrons e começou a subir pelo seu braço, suas patas pegando as trilhas levemente escurecidas das veias estufadas. Quando chegou à dobra interna do cotovelo, parou e pareceu vibrar. O ferrão despontou, estremeceu e afundou na pele em cima de uma veia inchada. A cobra-coral relaxou, e Riviera deu um suspiro lento enquanto a injeção fazia efeito.

Então, a cobra e o escorpião desapareceram, e ele segurava uma seringa de plástico leitoso na mão esquerda. – “Se Deus fez alguma coisa melhor, guardou pra ele.” Conhece esse ditado, Case?

– Conheço – disse Case. – Já ouvi isso sobre um bocado de coisas diferentes. Você sempre transforma isso num showzinho?

Riviera relaxou e removeu a borracha cirúrgica do braço. – Sim. É mais divertido. – Ele sorriu, seus olhos distantes agora, o rosto corado. – Tenho uma membrana aplicada logo em cima da veia, por isso nunca preciso me preocupar com o estado da agulha.

– Não dói?

Os olhos brilhantes encontraram os dele. – É claro que dói. Faz parte, não faz?

– Eu usaria dermas – disse Case.

– Amador. – Riviera debochou e deu uma gargalhada, vestindo uma camiseta branca de mangas curtas.

– Deve ser bacana – Case disse, se levantando.
– Você também fica doidão, Case?
– Tive que largar.

– Freeside – disse Armitage, tocando o painel do minúsculo projetor holográfico Braun. A imagem estremeceu e entrou em foco, quase três metros de ponta a ponta. – Cassinos aqui. – Ele estendeu a mão até o esqueleto da representação e apontou. – Hotéis, propriedades estratificadas, lojas grandes ao longo daqui. – Sua mão se moveu. – Áreas azuis são lagos. – Ele caminhou até uma extremidade do modelo. – Charuto grande. Estreito nas pontas.
– Dá pra ver bem isso – disse Molly.
– Efeito de montanha à medida que se estreita. O chão parece ficar mais alto, mais íngreme, mas é uma subida fácil. Quanto mais alto vocês sobem, menor a gravidade. Lá em cima praticam esportes. Há um circuito de velódromo aqui – ele apontou.
– Um o quê? – Case se inclinou para a frente.
– Eles fazem corrida de bicicletas – disse Molly. – Baixa grav, pneus de tração alta, atingem cem quilômetros por hora.
– Essa ponte não é de nosso interesse – Armitage disse, com seu costumeiro tom de profunda seriedade.
– Merda – disse Molly. – Eu sou uma ciclista juramentada.
Riviera deu um risinho.
Armitage caminhou até a extremidade oposta da projeção. – Esta extremidade aqui é de nosso interesse. – Os detalhes do interior do holograma acabavam ali, e o segmento final do fuso estava vazio. – Esta é a Villa Straylight. Uma inclinação íngreme para fora da gravidade e todas as abordagens são impossibilitadas. Existe uma única entrada, aqui, no centro exato. Gravidade zero.
– O que é que tem lá dentro, chefia? – Riviera se inclinou para a frente, esticando o pescoço. Quatro figuras minúsculas reluziram, perto da ponta do dedo de Armitage. Armitage tentou matá-las com a mão como se fossem mosquitinhos.
– Peter – disse Armitage. – Você será o primeiro a descobrir. Você vai arranjar um jeito de se convidar. Assim que entrar, providencie a entrada de Molly.

Case ficou encarando o branco que representava Straylight, lembrando-se da história que o Finlandês contara: Smith, Jimmy, a cabeça falante e o ninja.

– Detalhes disponíveis? – perguntou Riviera. – Preciso planejar um vestuário, entende?

– Conheça as ruas – disse Armitage, retornando ao centro do modelo. – Aqui fica a rua Desiderata. Esta é a rua Jules Verne.

Riviera revirou os olhos.

Enquanto Armitage recitava os nomes das avenidas de Freeside, uma dezena de pústulas brilhantes despontaram no seu nariz, no rosto e no queixo. Até Molly riu.

Armitage parou e ficou olhando para todos com seus olhos frios e vazios.

– Desculpe – disse Riviera, e as feridas desapareceram num piscar de olhos.

Case acordou no final do período de sono, e se deu conta de Molly agachada ao seu lado no colchonete de espuma. Ele podia sentir a tensão dela. Ele ficou ali deitado, confuso. Quando ela se moveu, a pura velocidade do movimento o surpreendeu. Ela levantou e passou pela folha de plástico amarelo antes que ele tivesse tempo de se dar conta de que rasgara a folha com suas lâminas.

– Não se mexa, meu camarada.

Case rolou para o lado e enfiou a cabeça pelo rasgão no plástico. – O que é qu...

– Cale a boca.

– É você, mon – disse uma voz de Zion. – Olho-de-gato, eles te chamam, te chamam eles de Navalha-que-Anda. Eu Maelcum, sister. Os brothers querem conversar com você e com o cowboy.

– Que brothers?

– Os Fundadores, mon. Anciões de Zion, saca?

– Se a gente abrir aquela escotilha, a luz vai acordar o nosso chefe – Case sussurrou.

– Tem que ser no escurinho especial, agora – disse o homem. – Vamos. Vam´visitar os Fundadores.

– Você sabe a rapidez com que eu posso te cortar, meu camarada?

– Não fica parada falando, sister. Vem.

Os dois Fundadores de Zion sobreviventes eram homens velhos, velhos com o envelhecimento acelerado que atinge os homens que passam anos demais fora do abraço da gravidade. As suas pernas marrons, frágeis com a perda de cálcio, pareciam quebradiças ao brilho duro da luz do sol refletida. Eles flutuaram no centro de uma selva pintada de folhagem arco-íris, um mural comunitário lúgubre que cobria completamente o casco da câmara esférica. O ar estava espesso de tanta fumaça resinosa.

– Navalha-que-Anda – disse um deles, quando Molly entrou na câmara. – Como um chicote.

– É uma história que a gente conta, sister – disse o outro. – Uma história religiosa. Estamos felizes por você ter vindo com Maelcum.

– Por que é que vocês não falam o patoá? – perguntou Molly.

– Eu vim de Los Angeles – disse o velho. Seus dreadlocks eram uma árvore velha com galhos da cor de palha de aço. – Há muito tempo, subimos o poço gravitacional e fugimos da Babilônia. Para trazer as Tribos para casa. Agora meu irmão compara você à Navalha-que-Anda.

Molly estendeu a mão direita e as lâminas reluziram no ar enfumaçado.

O outro Fundador deu uma gargalhada, jogando a cabeça para trás de tanto rir. – Os Últimos Dias estão chegando... Vozes. Vozes gritando no deserto, profecias de Babilônia em ruínas...

– Vozes – o Fundador de Los Angeles estava olhando direto para Case. – Nós monitoramos muitas frequências. Nós sempre escutamos. Do meio da babel de línguas apareceu uma voz, que falou conosco. Ela tocou para nós um dub poderoso.

– Chamam ele de Winter Mute – disse o outro, pronunciando duas palavras.

Case sentiu a pele dos braços se arrepiar toda.

– O Mute falou conosco – disse o primeiro Fundador. – O Mute disse que temos que ajudar vocês.

– Quando foi isso? – Case perguntou.

– Trinta horas antes de vocês atracarem em Zion.

– Vocês já tinham ouvido essa voz antes?

– Não – disse o homem de Los Angeles – e não temos certeza do que ela quer dizer. Se estes são os Últimos Dias, devemos esperar falsos profetas...

– Escute – disse Case. – É uma IA, você está entendendo? Inteligência artificial. A música que ela tocou para vocês provavelmente foi o resultado de uma invasão dos seus bancos de memória; ela mixou o que quer que achava que vocês gostariam de...

– A Babilônia – interrompeu o outro Fundador – é a mãe de muitos demônios, a gente toda sabemo. Horda, legião!

– Do que foi que me chamou mesmo, velho? – perguntou Molly.

– Navalha-que-Anda. E você traz um flagelo para a Babilônia, sister, no fundo do seu coração negro...

– Que tipo de mensagem a voz disse? – perguntou Case.

– Ela nos disse pra ajudar vocês – disse o outro. – Que vocês poderiam servir como ferramenta dos Últimos Dias. – Seu rosto enrugado demonstrava preocupação. – Ela nos disse para enviar Maelcum com vocês, no seu rebocador *Garvey*, para o porto de Freeside, na Babilônia. E isso nós faremos.

– Maelcum é um garoto rude – disse o outro – e um bom piloto de rebocador.

– Mas nós decidimos mandar Aerol também, na *Babylon Rocker*, para vigiar o *Garvey*.

Um silêncio estranho encheu a cúpula.

– É isso? – perguntou Case. – Vocês trabalham para o Armitage ou o quê?

– Nós alugamos espaço a vocês – disse o Fundador de Los Angeles. – Nós temos um certo envolvimento aqui com vários tráficos, e nenhum respeito pelas leis da Babilônia. Nossa lei é a palavra de Jah. Mas, desta vez, pode ser que estejamos enganados.

– Meça duas vezes, corte uma – o outro disse baixinho.

– Vamos nessa, Case – disse Molly. – Vamos voltar antes que o homem perceba que a gente saiu.

– Maelcum vai levar vocês. Jah love, sister.

9

O rebocador *Marcus Garvey*, um tambor de aço de nove metros de comprimento e dois de diâmetro, rangeu e estremeceu quando Maelcum acionou os propulsores de navegação. Todo escarrapachado em sua rede-G elástica, Case ficou olhando as costas musculosas do zionita por entre uma névoa de escopolamina. Ele havia tomado a droga para rebater a náusea da SAE, mas os estimulantes que o fabricante incluíra para contra-atacar o enjoo não tinham efeito em seu sistema turbinado.

– Quanto tempo até Freeside? – Molly perguntou de sua teia, ao lado do módulo de pilotagem de Maelcum.

– Não demora nada, isseu digo.

– Vocês sabem pensar em termos de horas?

– Sister, tempo é tempo, entende o que eu digo? Dread – e ele balançou os locks. – Estão no controle, mon, e vam´chegar a Freeside quando a gent´chegar...

– Case – ela disse. – Você quem sabe fez algum esforço mínimo no sentido de entrar em contato com nosso colega de Berna? Tipo assim, todo o tempo que você passou em Zion, plugado mexendo os lábios?

– Colega – disse Case. – Claro. Não, não entrei em contato com ele. Mas aconteceu uma história engraçada lá em Istambul, que tem a ver com isso. – Ele falou com ela sobre os telefones do Hilton.

– Cristo – ela disse. – Lá se foi uma oportunidade. Por que é que você desligou?

– Podia ter sido qualquer um – ele mentiu. – Só um chip... Sei lá... – Ele deu de ombros.

– Não foi só por que você ficou apavorado, foi?

Ele voltou a dar de ombros.

– Faça isso agora.

– O quê?

– Agora. De qualquer maneira, fale com o Flatline sobre isso.

– Eu tô todo dopado – ele protestou, mas pegou os trodos. Seu deck e o Hosaka haviam sido montados atrás do módulo de Maelcum, juntamente com um monitor Cray de altíssima resolução.

Ele ajustou os trodos. O *Marcus Garvey* havia sido montado ao redor de um imenso filtro de ar russo velho, um negócio retangular cheio de símbolos Rastafári, Leões de Zion e Black Star Liners, as cores vermelha, verde e amarela se sobrepondo aos decalques cheios de palavras em cirílico. Alguém havia pintado o equipamento de pilotagem de Maelcum com um spray rosa tropical, raspando a maior parte do excesso das telas e controles com uma navalha. As travas, ao redor da comporta de ar na proa, estavam cheias de globos semirrígidos e correntes de pó translúcido, como fios desajeitados de algas marinhas fake. Ele olhou para a tela central por cima do ombro de Maelcum e viu um display de atracação: o caminho do rebocador era uma linha de pontos vermelhos, Freeside um círculo verde segmentado. Ele viu a linha se estender, gerando um novo ponto.

Ele se conectou.

– Dixie?

– Ahn?

– Já tentou crackear uma IA?

– Claro. Morri tentando. Foi a primeira flatline. Eu estava passeando, plugadaço doidão, pelo setor de comércio pesado do Rio. Negócios grandes, multinacionais, o Governo do Brasil todo aceso que nem uma árvore de Natal. Só estava passeando, entende? Aí comecei a me tocar de um cubo, acho que tinha uns três níveis a mais de altura. Me pluguei lá e pedi passagem.

– Como é que ele era, o visual?

– Cubo branco.

– Como é que você sabia que era uma IA?

– Como é que eu sabia? Jesus. Era o ICE mais denso que eu já tinha visto. Então o que mais poderia ser? Os militares lá embaixo não têm nada parecido. De qualquer maneira, desconectei e mandei meu computador fazer uma busca.

– É?

– Estava no Registro de Turing. IA. Uma empresa-laranja era dona do mainframe do Rio.

Case mastigou o lábio inferior e ficou olhando a plataforma da Eastern Seaboard Fission Authority, para o infinito vácuo neuroeletrônico da matrix. – Tessier-Ashpool, Dixie?

– Tessier, isso.

– E você voltou?

– Claro. Eu era louco. Achei que podia tentar cortar o ICE. Atingi a primeira camada e foi só. Meu ajudante sentiu o cheiro da pele queimando e arrancou os meus trodos. De foder, aquele ICE.

– E seu eletro deu flatline.

– Bom, é assim que nascem as lendas, não é?

Case desplugou. – Merda – ele disse. – Como é que você acha que o Dixie deu flatline, hein? Tentando invadir uma IA. Grande...

– Continua – ela disse. – Vocês dois não são poderosos?

– Dix – disse Case. – Estou a fim de dar uma olhada numa IA em Berna. Sabe de algum motivo para não fazer isso?

– Não, a menos que você tenha um medo mórbido da morte.

Case digitou o código do setor bancário suíço, sentindo uma onda de empolgação quando o ciberespaço tremeu, ficou borrado, congelou. A Eastern Seaboard Fission Authority havia desaparecido, substituída pela fria complexidade geométrica do sistema bancário comercial de Zurique. Ele digitou o código de Berna.

– Subindo – disse o constructo. – Vai ser alto.

Eles subiram por grades de luz, níveis pulsando estroboscópicos, piscando azuis.

Deve ser isso, pensou Case.

Wintermute era um cubo simples de luz branca, cuja própria simplicidade sugeria extrema complexidade.

– Não parece grande coisa, não é? – disse o Flatline. – Mas tenta chegar perto e tocar.

– Eu vou arriscar uma entrada, Dixie.

– Fique à vontade.

Case digitou coordenadas para dentro de quatro pontos de grade do cubo. Sua face vazia, que se destacava imensa diante dele agora, começou a estremecer com tênues sombras interiores, como se mil bailarinos rodopiassem atrás de uma imensa placa de vidro translúcido.

– Ele sabe que a gente tá aqui – observou o Flatline.

Case voltou a digitar mais uma vez; eles pularam para a frente na extensão de um único ponto de grade.

Um círculo cinza rugoso se formou na face do cubo.

– Dixie...

– Recua, rápido.

A área cinzenta começou a inchar suavemente, tornou-se uma esfera e se destacou do cubo.

Case sentiu a borda do deck machucar a palma de sua mão, quando ele bateu com força em REVERSE MAX. A matrix se transformou em um borrão recuando para trás; eles mergulharam num poço crepuscular de bancos suíços. Ele olhou para cima. A esfera era maior agora, e estava se aproximando dele. Caindo.

– Despluga – disse o Flatline.

A escuridão caiu em cima dele como se fosse um martelo.

Cheiro de aço frio e gelo acariciando sua espinha...

E rostos olhando por entre uma floresta de neon, marinheiros, marginais e putas, sob um céu de prata envenenada...

– Escuta, Case, quer me dizer que porra do caralho tá rolando com você, você tá doidão ou o quê?

Um pulso constante de dor, no meio de sua espinha e descendo...

A chuva o acordou, uma garoa preguiçosa, seus pés embaraçados em rolos de fibra óptica usada. O mar de som do fliperama cobria seu corpo por inteiro, recuava, retornava. Rolando para o lado, ele se sentou e segurou a cabeça.

A luz de uma porta de serviço, nos fundos do fliperama, lhe mostrou pedaços quebrados de chipboard molhado e o chassi pingando de um console de game sucateado. Dizeres estilizados em japonês pintados com estêncil na lateral do console em tons esmaecidos de rosa e amarelo.

Ele olhou para cima e viu uma janela de plástico suja de fuligem, um brilho suave de luzes fluorescentes.

Suas costas doíam, sua coluna.

Ele se levantou e afastou os cabelos molhados dos olhos.

Alguma coisa havia acontecido...

Ele vasculhou os bolsos em busca de dinheiro, não encontrou nada, e estremeceu. Onde estava sua jaqueta? Tentou encontrá-la, procurou atrás do console, mas desistiu.

Na Ninsei, avaliou a multidão que passava. Sexta. Tinha de ser sexta. Linda estava provavelmente no fliper. Podia ter um dinheiro, ou pelo menos cigarros... Tossindo, torcendo a frente da camiseta para tirar um pouco da água da chuva, ele começou a abrir caminho pela multidão até a entrada do fliperama.

Hologramas se contorciam e estremeciam ao rugido dos games, fantasmas se sobrepondo na neblina lotada do lugar, um cheiro de suor e tensão com tédio. Um marinheiro de camiseta branca bombardeava Bonn nuclearmente num console de Tank War, um flash azul-escuro.

Ela estava jogando Wizard´s Castle, perdida nele, seus olhos cinzentos circundados com rímel preto borrado.

Ela levantou a cabeça quando ele a abraçou e sorriu. – Ei, como é que você tá? Parece molhado.

Ele a beijou.

– Você me fez perder o jogo – ela disse. – Escuta aqui, babaca. O calabouço do sétimo nível e os vampiros filhos da puta me pegaram. – Ela lhe passou um cigarro. – Você parece supertenso, cara. Onde é que você tava?

– Não sei.

– Tá doidão, Case? Andou bebendo de novo? Comendo a dex do Zone?

– Talvez... há quanto tempo você me viu pela última vez?

– Ei, isso é uma pegadinha, não é não? – Ela olhou para ele desconfiada. – Não é?

– Não. Uma espécie de blackout. Eu... eu acordei no beco.

– Talvez alguém tenha te batido, baby. Ainda tá com seu dinheiro?

Ele balançou a cabeça.

– Pronto. Precisa de um lugar pra dormir, Case?

– Acho que sim.

– Então vem. – Ela pegou a mão dele. – Vamos te arrumar um café e uma coisa pra comer. Levar você pra casa. É bom te ver, cara. – Ela apertou a mão dele.

Ele sorriu.

Alguma coisa se quebrou.

Alguma coisa se deslocou no núcleo das coisas. O fliper congelou, começou a vibrar...

Ela desapareceu. O peso da memória desabou, todo um corpo de conhecimento atochado na sua cabeça como um microsoft num soquete. Desapareceu. Ele sentiu o cheiro de carne queimada.

O marinheiro de camiseta branca havia desaparecido. O fliper estava vazio, silencioso. Case se virou devagar, ombros curvados, dentes à mostra, as mãos fechadas involuntariamente formando punhos. Vazio. Um papel de bala amarelo amassado, equilibrado na borda de um console, caiu no chão e ficou ali, esticado no meio de bitucas de cigarro e copinhos de isopor.

– Eu tinha um cigarro – disse Case, olhando para seu punho fechado. – Eu tinha um cigarro, uma namorada e um lugar pra dormir. Está me ouvindo, seu filho da puta? Está me ouvindo?

Ecos reverberaram pelo espaço vazio do fliper, desvanecendo-se pelos corredores de consoles.

Ele saiu para a rua. A chuva havia parado.

A Ninsei estava deserta.

Hologramas piscavam, neons dançavam. Ele sentia o cheiro de vegetais cozidos do carrinho de um vendedor do outro lado da rua. Um maço fechado de Yeheyuans estava caído aos seus pés, ao lado de uma cartela de fósforos. JULIUS DEANE IMPORT EXPORT. Case ficou olhando para o logo impresso e sua tradução para o japonês.

– Ok – ele disse, apanhando os fósforos e abrindo o maço de cigarros. – Eu entendi.

Ele subiu as escadas do escritório de Deane sem pressa. Sem correr, disse a si mesmo, sem pressa. O rosto derretido do relógio de Dalí ainda mostrava a hora errada. Havia poeira na mesa Kandinsky e nas estantes neoastecas. Uma parede de módulos de carga de fibra de vidro branca enchia a sala com um cheiro de gengibre.

– A porta está aberta? – Case esperou uma resposta, mas não houve nenhuma. – Ele foi até a porta do escritório e tentou abri-la. – Julie?

A luminária de bronze com quebra-luz verde lançava um círculo de luz sobre a mesa de Deane. Case ficou olhando para as entranhas de uma antiga máquina de escrever, fitas cassete, formulários contínuos amassados, sacos plásticos grudentos, cheios de amostras de gengibre.

Não havia ninguém ali.

Case deu a volta pela mesa grande de aço e empurrou a cadeira de Deane para longe. Encontrou a arma num coldre de couro quebradiço preso embaixo da mesa com fita prata. Era uma antiguidade, uma Magnum 357 com o canto e a guarda do gatilho serradas. O cabo havia sido construído com camadas e camadas de fita crepe. A fita era velha, marrom, e tinha uma pátina de sujeira que luzia. Ele tirou o cilindro e examinou cada um dos seis cartuchos. Eram feitos à mão. O chumbo leve ainda estava brilhante, sem manchas.

Com o revólver na mão direita, Case passou, se espremendo pelo gabinete à esquerda da mesa, e foi até o centro do escritório atulhado, distante do círculo de luz.

– Acho que não estou com pressa. Acho que o show é seu. Mas esta merda toda, você sabe, está ficando meio... velha. – Ele levantou a arma com ambas as mãos, apontando para o centro da mesa, e apertou o gatilho.

O coice quase quebrou seu pulso. O flash do cano iluminou o escritório como uma lâmpada que estoura quando acende. Com os ouvidos zunindo, ficou olhando para o buraco perfurado na frente da mesa. Bala explosiva. Nitreto. Tornou a levantar a arma.

– Não precisa fazer isso, meu filho – disse Julie, saindo das sombras. Ele vestia um terno de três peças em tecido espinha-de-peixe com seda, uma camisa listrada e gravata-borboleta. Seus óculos piscavam na luz.

Case levantou a arma e olhou pela mira para o rosto rosado e de idade indefinida de Deane.

– Não faça isso – disse Deane. – Você tem razão. Sobre o que é isto tudo aqui. Sobre o que sou. Mas existem determinadas lógicas internas a serem honradas. Se usar isso, verá muito sangue e miolos, e eu levaria várias horas – de seu tempo subjetivo – para habilitar outro porta-voz. Este cenário não é fácil para eu manter: ah,

e desculpe quanto a Linda, no fliperama. Eu estava esperando falar através dela, mas estou gerando isto tudo a partir de suas memórias, e a carga emocional... Bem, é muito delicado. Me atrapalhei. Desculpe.

Case baixou a arma. – Esta é a matrix. Você é Wintermute.

– Sim. Isto tudo está chegando até você por cortesia da unidade de simstim plugada ao seu deck, é claro. Fico feliz por ter conseguido cortar você antes que você conseguisse se desplugar. – Deane deu a volta na mesa, endireitou a cadeira e se sentou nela. – Sente-se, meu filho. Temos muito que conversar.

– Temos?

– Claro que temos. Já faz algum tempo que temos que conversar. Eu estava pronto quando consegui contactar você por telefone em Istambul. O tempo é muito curto agora. Você estará executando sua operação em questão de dias, Case. – Deane pegou um bombom, retirou seu papel xadrez e o colocou na boca. – Sente-se – ele disse, com o bombom na boca.

Case sentou-se na poltrona giratória, na frente da mesa, sem tirar os olhos de Deane. Sentou-se com a arma na mão, repousando-a na coxa.

– Agora – Deane disse ríspido –, a ordem do dia. “O que”, você está se perguntando, “é Wintermute?” Estou certo?

– Mais ou menos.

– Uma inteligência artificial, mas você sabe disso. Seu erro, e é um erro bastante lógico, está em confundir o mainframe Wintermute, Berna, com a *entidade* Wintermute. – Deane chupou seu bombom fazendo muito barulho. – Você já está ciente da outra IA no link-up da Tessier-Ashpool, não está? Rio. Eu, se podemos dizer que *tenho* um “eu” – isso começa a ficar um tanto metafísico, entenda – sou eu quem arranja as coisas para Armitage. Ou Corto, que, a propósito, é bastante instável. Estável o bastante – disse Deane e retirou um relógio de ouro ornado do bolso de um colete e o abriu – pelas próximas 24 horas, aproximadamente.

– O que você está dizendo faz tanto sentido quanto qualquer coisa nesse trabalho – disse Case, massageando as têmporas com a mão livre. – Se você é tão esperto, porra...

– Por que não sou tão rico? – Deane soltou uma gargalhada, e quase engasgou com o bombom. – Bem, Case, tudo o que posso dizer em relação a isso, e realmente não tenho nem de longe tantas respostas quanto você imagina que tenho, é que o que você acha que é Wintermute é apenas parte de outra, digamos, entidade *potencial*. Eu, vamos dizer assim, sou meramente um aspecto do cérebro dessa entidade. É um tanto como lidar, de seu ponto de vista, com um homem cujos lobos cerebrais foram separados. Vamos dizer que você esteja lidando com uma pequena parte do cérebro esquerdo do homem. É difícil dizer se você está lidando com o homem mesmo, num caso assim. – Deane sorriu.

– A história do Corto é verdade? Você entrou em contato com ele por um micro naquele hospital francês?

– Sim. E montei o arquivo que você acessou em Londres. Eu tento planejar, no seu sentido da palavra, mas esse não é meu modo básico, na verdade. Eu improviso. É o meu maior talento. Sabe, prefiro situações a planos... Na verdade, tive de lidar com situações já dadas. Posso selecionar uma grande quantidade de informações, e selecioná-las muito rápido. Levei muito tempo para montar a equipe da qual você faz parte. Corto foi o primeiro, e ele quase não conseguiu. Em Toulon, ele estava muito distante. Comer, excretar e se masturbar eram o melhor que ele conseguia fazer. Mas a estrutura subjacente de obsessões estava ali: o Screaming Fist, sua traição, as audiências do Congresso.

– Ele ainda é louco?

– Ele não é exatamente uma personalidade – Deane sorriu. – Mas tenho certeza de que disso você já sabia. Mas Corto ainda está lá, em algum lugar, e não posso mais manter esse equilíbrio delicado. Ele vai desabar em cima de você, Case... Então, conto com você...

– Que ótimo, seu filho da puta – disse Case, e deu um tiro na boca dele com a 357.

Ele estava certo quanto aos miolos. E ao sangue.

– Mon – Maelcum estava falando. – Não tô gostando disso...

– Tudo bem – disse Molly. – Está tudo bem. É uma coisa que esses caras costumam fazer, só isso. Tipo, ele não estava morto, e só passaram alguns segundos...

– Eu vi a tela, a leitura do EEG estava dando ele morto. Nada se movendo, quarenta segundos.

– Ok, mas agora ele está bem.

– EEG como uma linha, achatadinha como uma fita – protestou Maelcum.

10

Ele estava anestesiado enquanto passaram pela alfândega, e Molly falou a maior parte do que era preciso falar. Maelcum permaneceu a bordo do *Garvey*. A alfândega, para Freeside, consistia principalmente em provar seu crédito. A primeira coisa que viu, quando entraram na superfície interna do fuso, foi um ramo da franquia da cafeteria Beautiful Girl.

– Bem-vindo à rua Jules Verne – disse Molly. – Se tiver problemas para andar, basta olhar para seus pés. A perspectiva aqui é uma merda, se você não estiver acostumado.

Eles estavam em pé sobre uma rua larga que parecia ser o chão de uma fenda ou desfiladeiro profundo; cada uma das extremidades estava oculta por ângulos sutis nas lojas e prédios que formavam suas paredes. A luz, ali, era filtrada por massas verdes frescas de vegetação que pendiam de degraus e varandas suspensas que se elevavam acima deles. O sol...

Havia um rasgão branco brilhante acima deles, brilhante demais, e o azul pré-gravado de um céu de Cannes. Ele sabia que a luz do sol era bombeada por um sistema Lado-Acheson, cuja estrutura de dois milímetros de espessura percorria toda a extensão do fuso, que ele gerava uma biblioteca rotativa de efeitos celestes ao seu redor, que se o céu fosse desligado, ficaria olhando através da armadura de luz para as curvas de lagos, telhados de cassinos, outras ruas... Mas isso não fazia sentido para seu corpo.

– Jesus – ele disse. – Estou detestando isso mais do que a SAE.

– Vá se acostumando. Eu trabalhei aqui como guarda-costas de um jogador durante um mês.

– Quero ir pra algum lugar, me deitar.

– Ok. Estou com as nossas chaves. – Ela tocou seu ombro. – O que aconteceu com você lá atrás, cara? Você deu um flatline.

Ele balançou a cabeça. – Ainda não sei. Espere.

– Ok. Vamos pegar um táxi ou algo do gênero. – Ela o pegou pela mão e o levou pela rua Jules Verne, passando por uma vitrine que exibia os casacos de pele daquela temporada em Paris.

– Irreal – ele disse, voltando a olhar pra cima.

– Nah – ela respondeu, supondo que ele estava falando dos casacos. – São cultivados numa base de colágeno, mas é DNA de mink. E qual a diferença?

– É só um tubo grande e eles jogam coisas por meio dele – disse Molly. – Turistas, marginais, qualquer coisa. E existem malhas finas de dinheiro trabalhando a todo instante, garantindo que o dinheiro continue aqui quando as pessoas voltarem poço abaixo.

Armitage os havia colocado num lugar chamado Intercontinental, uma face de encosta inclinada com frente envidraçada que caía na direção de uma neblina fria e do som de cachoeiras. Case saiu para a varanda e viu um trio de adolescentes franceses bronzeados pilotando paragliders simples a poucos metros acima da água, triângulos de nylon em cores primárias vivas. Um deles girou, fez uma curva, e Case viu um relance de cabelos pretos cortados rente, seios morenos, dentes brancos em um sorriso amplo. O ar ali tinha cheiro de água corrente e flores. – É – ele disse. – Dinheiro pra cacete.

Ela se inclinou ao lado dele na balaustrada, as mãos soltas e relaxadas. – É. A gente tinha planejado vir aqui um dia, aqui ou em algum lugar na Europa.

– A gente quem?

– Ninguém – disse ela, dando de ombros involuntariamente. – Você disse que queria cair na cama. Dormir. Eu bem que podia dormir um pouco.

– É – disse Case, esfregando o rosto com as mãos. – É, este aqui é um lugar e tanto.

A faixa estreita do sistema Lado-Acheson se fundiu numa imitação abstrata de um pôr do sol nas Bermudas, rajado com faixas de nuvens pré-gravadas. – É – ele disse. – Dormir.

O sono custou a chegar. Quando chegou, trouxe sonhos que eram como fragmentos bem editados de memória. Acordou repetidas vezes, Molly enroscada ao seu lado, e ouviu a água,

vozes indo e vindo pelos painéis de vidro abertos da varanda, a risada de uma mulher vinda dos condos em degraus na encosta oposta. A morte de Deane continuava aparecendo como uma carta ruim num jogo, não importava se ele dizia a si mesmo que não era Deane. Que na verdade não havia acontecido. Alguém um dia lhe dissera que a quantidade média de sangue no corpo humano era mais ou menos equivalente a uma caixa de cerveja.

A cada vez que a imagem da cabeça em pedaços de Deane batia na parede de trás do escritório, Case se dava conta de outro pensamento, alguma coisa mais escura, oculta, que rolava para longe, mergulhando como um peixe, logo além de seu alcance.

Linda.

Deane. Sangue na parede do escritório do importador.

Linda. Cheiro de carne queimada nas sombras da cúpula de Chiba. Molly segurando um saquinho de gengibre, o plástico coberto com uma película de sangue. Deane mandara matá-la...

Wintermute. Ele imaginou um pequeno micro sussurrando para a ruína de um homem chamado Corto, as palavras fluindo como um rio; a personalidade substituta inodora chamada Armitage ganhando corpo lentamente nas sombras de alguma ala hospitalar... O análogo de Deane havia dito que trabalhava com coisas dadas, tirando vantagem de situações existentes.

Mas e se Deane, o verdadeiro Deane, tivesse mandado matar Linda por ordens de Wintermute? Case procurou no escuro um cigarro e o isqueiro de Molly. Não havia motivo para suspeitar de Deane, disse a si mesmo, acendendo o cigarro. Não havia motivo.

Wintermute podia construir uma espécie de personalidade dentro de uma casca vazia. Qual o nível de sutileza de forma que uma manipulação podia atingir? Enfiou a bituca do Yeheyuan num cinzeiro de cabeceira depois da terceira tragada, rolou pra longe de Molly e tentou dormir.

O sonho, a memória, se desenrolaram com a monotonia de uma fita de simstim não editada. Ele havia passado um mês, o verão de seus quinze anos, num hotel barato que cobrava por semana, no quinto andar, com uma garota chamada Marlene. O elevador não funcionava havia uma década. Baratas fervilhavam pela louça cinza

da pia entupida da quitinete quando você ligava uma lanterna. Ele dormiu com Marlene num colchão listrado sem lençóis.

Ele não vira a primeira vespa quando ela construiu sua colmeia cinza, fina como papel, na tinta estufada do caixilho da janela, mas em pouco tempo o ninho virou um bolo de fibra do tamanho de um punho, e os insetos saíam em disparada janela afora para caçar no beco abaixo como helicópteros em miniatura zumbindo pelo conteúdo podre das lixeiras.

Cada um havia tomado uma dúzia de cervejas na tarde em que uma vespa picou Marlene. – Mata esses filhos da puta – ela disse, os olhos embaçados de raiva e do calor parado do quarto. – Queima eles. – Bêbado, Case vasculhou o closet sujo à procura do dragão de Rollo. Rollo era o namorado anterior – e, Case suspeitava na época, ainda ocasional – de Marlene, um gigantesco motoqueiro de San Francisco com um relâmpago louro descolorido em seu cabelo escuro cortado rente. O dragão era um lança-chamas de San Francisco, uma coisa parecida com uma lanterna gorda de cabeça angulosa. Case checou as pilhas, sacudiu o negócio para se certificar de que tinha combustível suficiente, e foi até a janela aberta. A colmeia começou a zumbir.

O ar no Sprawl estava parado, imóvel. Uma vespa disparou do ninho e começou a voar ao redor da cabeça de Case. Case apertou a chave de ignição, contou até três e puxou o gatilho. O combustível, bombeado até 100 psi, espalhou-se em spray pela bobina incandescente. Uma língua de cinco metros de fogo branco, o ninho esturricado, caindo. Do outro lado do beco, alguém deu um grito de empolgação.

– Merda! – Marlene atrás dele, cambaleando. – Idiota! Você não queimou eles. Você só derrubou a colmeia. Eles vão voltar aqui pra cima e matar a gente! – A voz dela dava nos nervos, e ele a imaginou engolida pelas chamas, os cabelos descoloridos fritando num verde especial.

No beco, dragão na mão, se aproximou do ninho enegrecido. Ele havia se quebrado e aberto. Vespas chamuscadas se contorciam e davam cambalhotas no asfalto.

Ele viu a coisa que a casca de papel cinza havia escondido.

Horror. A fábrica de nascimentos em espiral, terraços com degraus nas células de nascimento, as mandíbulas cegas dos não nascidos se movendo incessantemente, o progresso articulado de ovo para larva, quase vespa, vespa. No olho de sua mente, uma espécie de fotografia com lapso de tempo começou a rolar, revelando a coisa como o equivalente biológico de uma metralhadora, horrível em sua perfeição. Alienígena. Ele puxou o gatilho, esquecendo-se de apertar a ignição, e o combustível caiu sibilando em cima da vida inchada e contorcida aos seus pés.

Quando apertou a ignição, ela explodiu com um ruído abafado, levando uma sobrancelha junto. Cinco andares acima, pela janela aberta, ouviu Marlene rindo.

Ele acordou com a impressão de que a luz estava ficando mais fraca, mas o quarto estava escuro. Pós-imagens, flashes de retina. O céu lá fora indicava o começo de uma aurora pré-gravada. Agora não havia mais vozes, apenas o murmúrio da água corrente, bem embaixo da face do Intercontinental.

No sonho, logo antes de encharcar o ninho de combustível, havia visto o logo T-A da Tessier-Ashpool num bonito alto-relevo na sua lateral, como se as próprias vespas o tivessem colocado ali.

Molly insistiu em cobri-lo de bronzeador, dizendo que sua palidez do Sprawl iria atrair atenção demais.

– Jesus – ele disse, em pé, nu, na frente do espelho. – Você acha que isso parece real? – Ela estava usando o restinho do tubo no seu tornozelo esquerdo, ajoelhada ao seu lado.

– Nah, mas você parece incomodado o bastante pra fingir. Prontinho. Não restou o suficiente pra fazer seu pé. – Ela se levantou, jogou o tubo vazio num cesto grande de vime. Nada no quarto parecia ter sido feito por máquinas ou produzido com material sintético. Coisa cara, Case sabia, mas era um estilo que sempre o irritou. A espuma sintética da cama imensa era tingida de modo a lembrar areia. Havia muita madeira clara e tecidos feitos à mão.

– E você – ele disse. – Você vai se tingir de marrom? Não parece exatamente que passou todo o seu tempo tomando banho de sol.

Ela vestia calças largas de seda preta e sapatilhas de lona pretas. – Eu sou exótica. Tenho um chapelão de palha para isso também.

Você, você só quer parecer um sujeito muquirana que veio pra cá pra conseguir o que puder, então o bronze instantâneo está legal.

Case ficou olhando moroso para o pé pálido; depois, olhou para si mesmo no espelho. – Jesus. Você se importa se eu me vestir agora? – Foi até a cama e começou a vestir a calça jeans. – Você dormiu bem? Notou alguma luz?

– Você estava sonhando – ela disse.

Tomaram o café da manhã no telhado do hotel, uma espécie de campina, cheia de guarda-sóis listrados e o que parecia para Case um número antinatural de árvores. Ele contou a ela sobre sua tentativa de matar a IA de Berna. Toda a questão de grampos parecia ter se tornado acadêmica. Se Armitage estava vigiando os dois, ele estaria fazendo isso sem Wintermute.

– E foi, tipo assim, real? – ela perguntou, a boca cheia de croissant de queijo. – Tipo simstim?

Ele disse que sim. – Real como isto aqui – acrescentou, olhando ao redor. – Talvez mais.

As árvores eram pequenas, retorcidas, impossivelmente velhas, resultado de engenharia genética e manipulação química. Case teria tido muita dificuldade para diferenciar um pinheiro de um carvalho, mas o senso de estilo de um garoto de rua lhe dizia que aquelas árvores ali eram bonitinhas demais, total e definitivamente árvores demais. Entre as árvores, sobre encostas suaves e inteligentemente irregulares demais, de grama verde macia, os guarda-sóis brilhantes protegiam os hóspedes do hotel do brilho incansável do sol da Lado-Acheson. Uma rajada de francês vinda de uma mesa ao lado chamou sua atenção: as crianças douradas que tinha visto planando sobre o rio na noite anterior. Agora via que os bronzeados delas eram irregulares, um efeito de estêncil produzido por boosting seletivo de melanina, tonalidades múltiplas sobrepondo-se em padrões retilíneos, realçando e contornando musculaturas; os seios pequenos e durinhos da garota, o pulso de um dos garotos descansando no esmalte branco da mesa. Para Case, eles pareciam máquinas construídas para correr; mereciam decalques para seus cabeleireiros, os designers de suas calças de algodão branco, para os artesãos que fizeram suas sandálias de couro e joias simples. Além deles, em outra mesa, três esposas japonesas

com roupas tipo quimono aguardavam maridos sarariman, seus rostos ovais cobertos com hematomas artificiais; era, sabia, um estilo extremamente conservador, coisa que raramente vira em Chiba.

– Que cheiro é esse? – perguntou a Molly, franzindo o nariz.

– É a grama. Fica com esse cheiro quando é cortada.

Armitage e Riviera chegaram quando eles estavam terminando o café, Armitage em roupas cáqui feitas sob medida que pareciam militares, com a exceção das insígnias de regimento que faltavam, e Riviera num macacão cinza que sugeria perversamente um uniforme de presidiário.

– Molly, coração – disse Riviera, quase antes de se sentar em sua cadeira. – Você vai ter que me repassar um pouco mais do remédio. O meu acabou.

– Peter – ela disse – e se eu não fizer isso? – Ela sorriu sem mostrar os dentes.

– Você vai fazer – disse Riviera, os olhos cortando para Armitage e voltando para ela.

– Dê o remédio a ele – disse Armitage.

– Você adora isso, não é? – Ela tirou um pacote fino, envolto em papel-alumínio, de um bolso interno e o jogou do outro lado da mesa. Riviera o apanhou no ar. – Ele podia morrer de overdose – ela disse para Armitage.

– Tenho uma audição esta tarde – disse Riviera. – Vou precisar estar na minha melhor forma. – Ele pegou o pacote de papel-alumínio, colocou-o na mão fechada em cúpula e sorriu. Pequenos insetos coruscantes começaram a sair voando de dentro dele, e desapareceram. Ele enfiou o pacote no bolso de sua blusa do macacão.

– Você mesmo, Case, tem uma audição esta tarde – disse Armitage. – Naquele rebocador. Quero que vá até a loja de equipamentos e compre um traje de vácuo do seu tamanho, faça uma verificação nele e vá para a nave. Você tem aproximadamente três horas.

– Por que é que a gente é enviado dentro de uma lata de sardinha e vocês dois pegam um táxi da JAL? – Case perguntou, evitando deliberadamente os olhos do homem.

– Zion sugeriu que nós o utilizemos. Boa cobertura quando nos movermos. Eu tenho de fato uma nave maior, de prontidão, mas o rebocador é um belo toque.

– E eu? – perguntou Molly. – Tenho alguma tarefa para hoje?

– Quero que você suba até a outra ponta do eixo e se exercite em zero-G. Amanhã, talvez, você possa fazer isso na direção oposta. – Straylight, pensou Case.

– Daqui a quanto tempo? – perguntou Case, encarando o olhar pálido.

– Logo – disse Armitage. – Vá se adiantando, Case.

– Mon, você tá indo muito bem – disse Maelcum, ajudando Case a sair do traje de vácuo Sanyo vermelho. – Aerol disse que você está indo muito bem mesmo. – Aerol havia ficado esperando numa das docas esportivas na ponta do fuso, perto do eixo sem peso. Para chegar lá, Case pegou um elevador que desceu até o casco e de lá pegou um trem de indução em miniatura. À medida que o diâmetro do fuso se estreitava, a gravidade diminuía; em algum ponto acima, ele deduziu, estariam as montanhas que Molly estava escalando, o loop das bicicletas, o equipamento de lançamento para os paragliders de mão e os microleves em miniatura.

Aerol o levara até o *Marcus Garvey* em um quadro de scooter esquelético com motor químico.

– Duas horas atrás – disse Maelcum – eu faço entrega de artigos da Babilônia pra você; garoto-japa bacana dentro do iate, iate muito bonito.

Livre do traje, Case se impulsionou desajeitado até o Hosaka e lutou para prender as faixas da teia. – Bom – ele disse – vamos ver esse negócio.

Maelcum trouxe um caroço branco de espuma ligeiramente menor que a cabeça de Case, tirou uma navalha com cabo de pérola de um saquinho de nylon verde do bolso lateral de seus shorts esfarrapados e cortou cuidadosamente o plástico. Retirou um objeto retangular e o passou para Case. – Isso aqui é parte de alguma arma, mon?

– Não – disse Case, virando-o de ponta-cabeça. – Mas é uma arma. É um vírus.

– Aqui neste rebocador não, mon – Maelcum disse com firmeza, estendendo a mão para pegar a fita cassete de aço.

– Um programa. Programa de vírus. Não pode infectar você, não pode sequer entrar no seu software. Eu preciso interfaceá-lo pelo deck, antes que ele possa trabalhar em qualquer coisa.

– Bom, o japa-mon disse que o Hosaka aqui vai dizer a você tudo e onde, que você quiser saber.

– Ok. Bom, então você me deixa aqui com isso, ok?

Maelcum saiu quicando e passou flutuando pelo console do piloto, pegando uma pistola de calafetagem para trabalhar. Case desviou o olhar rapidamente dos fragmentos de massa de calafate transparente que respingavam. Não sabia direito por que, mas alguma coisa nisso lhe trouxe de volta a náusea da SAE.

– Que coisa é essa? – ele perguntou ao Hosaka. – Resume pra mim.

– Transferência de dados da Bockris Systems GmbH, Frankfurt, aconselha, sob transmissão codificada, que o conteúdo do carregamento seja programa de penetração Nível Kuang, Ponto Onze. A Bockris também aconselha que a interface com o Ono-Sendai Cyberspace 7 seja inteiramente compatível e apresenta recursos ideais de penetração, particularmente com relação a sistemas militares existentes...

– Que tal uma IA?

– Sistemas militares e inteligências artificiais existentes.

– Meu Jesus. Qual é o nome disso mesmo?

– Nível Kuang, Ponto Onze.

– É chinês?

– É.

– Off. – Case prendeu o vírus-cassete à lateral do Hosaka com um pedaço de fita prata, lembrando-se da história de Molly de seu dia em Macau. Armitage havia atravessado a fronteira de Zhongshan. – On – ele disse, mudando de ideia. – Pergunta. Quem é dono da Bockris, o pessoal de Frankfurt?

– Delay de transmissão interorbital – disse o Hosaka.

– Codifique. Código comercial padrão.

– Pronto.

Ele ficou batucando as mãos no Ono-Sendai.

– Reinhold Scientific A.G., Berna.

– Faça uma nova busca. Quem é o dono da Reinhold?

Foram necessários mais três saltos escada acima antes de ele chegar à Tessier-Ashpool.

– Dixie – ele disse, se conectando. – O que é que você sabe de programas de vírus chineses?

– Não sei tanto assim, não.

– Já ouviu falar de um sistema de níveis tipo Kuang, Ponto Onze?

– Não.

Case suspirou. – Bom, estou aqui com um ICE-Breaker chinês fácil de usar, uma fita cassete de uso único. Tem um pessoal em Frankfurt que diz que isso pode cortar uma IA.

– É possível. Claro. Se for militar.

– Parece que é sim. Escuta, Dix, e me dê o benefício de seu background, ok? Armitage parece estar montando uma incursão em uma IA que pertence à Tessier-Ashpool. O mainframe fica em Berna, mas está linkado a outro no Rio. O do Rio foi o que te deixou com linha morta daquela primeira vez. Então, parece que eles se linkam via Straylight, a base da T-A, lá no final do fuso, e a nossa missão deveria ser abrir caminho cortando com o ICE-Breaker chinês. Então, se Wintermute está bancando esse show todo, está nos pagando para queimá-lo. Ele está queimando a si mesmo. E alguma coisa que chama a si mesma de Wintermute está tentando cair nas minhas graças, tentando fazer talvez com que eu pegue o Armitage. Qual é a parada?

– Motivação – disse o constructo. – Problema verdadeiro de motivação, com uma IA. Não é humana, entende?

– Sim, claro, ora.

– Não. Quero dizer, ela não é humana. E você não tem controle sobre ela. Eu também não sou humano, mas eu *reajo* como um. Entendeu?

– Espera um segundo – disse Case. – Você é senciente ou não?

– Bom, eu *sinto* como se fosse, garoto, mas na verdade eu sou apenas uma ROM. É uma, ahn, questão filosófica, acho... – A sensação da gargalhada feia gelou a espinha de Case. – Mas eu também não sou capaz de escrever nenhum poema, se é que você

me entende. A sua IA até pode. Mas não é *humana*, de jeito nenhum.

– Então você acha que não vamos conseguir entender a motivação dela?

– Ela é dona de si mesma?

– Cidadã suíça, mas a T-A é dona do software básico e do mainframe.

– Essa é boa – disse o constructo. – Tipo assim: eu sou dono do seu cérebro e de uma porrada de coisas mais, mas seus pensamentos têm cidadania suíça. Claro. Muita sorte, essa IA tem.

– Então, ela está se preparando para se queimar? – Case começou a digitar nervoso no deck, aleatoriamente. A matrix apareceu borrada, começou a ganhar definição, e ele viu o complexo de esferas cor-de-rosa representando um combinado siderúrgico de Siquim.

– Autonomia, esse é o busílis com relação à sua IA. Minha aposta, Case, é que você está indo até lá para cortar as algemas de hardware que impedem essa coisinha fofa de ficar mais inteligente. E não estou vendo como é que você poderia diferenciar, digamos, entre um movimento que a empresa-mãe faz e um movimento que uma IA faz por conta própria; portanto, talvez seja aí que a confusão toda começa. – Mais uma vez a não gargalhada. – Veja, essas coisas, elas podem trabalhar duro, comprar tempo para si mesmas para escrever tutoriais ou seja lá o que for, mas no minuto, quero dizer, no nanossegundo em que ela começar a descobrir maneiras de se tornar mais inteligente, o pessoal de Turing vai apagá-la. *Ninguém* confia nesses filhos da puta, você sabe disso. Toda IA já construída possui um rifle eletromagnético apontado e amarrado à sua testa.

Case olhou fuzilando para as esferas rosas de Siquim.

– Ok – ele disse, por fim. – Vou colocar este vírus no slot. Quero que você escaneie a face de instrução dele e me diga o que acha.

A meia sensação de alguém lendo por cima de seu ombro desapareceu por alguns segundos, e depois retornou. – Coisa quente, Case. É um vírus lento. Leva seis horas, tempo estimado, para crackear um alvo militar.

– Ou uma IA. – Ele suspirou. – A gente consegue rodar isso?

– Claro – disse o constructo. – A menos que você tenha um medo mórbido de morrer.

– Às vezes você se repete, meu camarada.

– É da minha natureza.

Molly estava dormindo quando ele retornou ao Intercontinental. Sentou-se na varanda e ficou olhando um microleve com asas de polímero das cores do arco-íris ascendendo pela curva de Freeside, sua sombra triangular passando por cima de campinas e telhados, até desaparecer atrás da faixa do sistema Lado-Acheson.

– Eu quero ficar doidão – disse ao artifício azul do céu. – Eu quero muito mesmo ficar doidão, sabia? Pâncreas bombado, plugues no fígado, saquinhos de merdinha derretendo, que se foda isso tudo. Eu quero ficar doidão.

Saiu sem acordar Molly, ou pelo menos ele achou. Com aqueles óculos, nunca tinha certeza. Mexeu os ombros para aliviar a tensão e entrou no elevador. Subiu com uma garota italiana que vestia uma roupa branca impecável, nariz e maçãs do rosto recobertas com uma substância preta não reflexiva. Seus sapatos de nylon branco tinham pontas de aço; o objeto de aspecto caro em sua mão lembrava um cruzamento entre um remo em miniatura e uma muleta ortopédica. Ela ia jogar algum tipo de jogo, mas Case não fazia ideia de qual seria.

Na campina do telhado, atravessou o bosque de árvores e guarda-sóis, até encontrar uma piscina, corpos nus reluzentes contra azulejos azul-turquesa. Ele foi até a sombra de um toldo e pressionou seu chip contra uma placa de vidro preto. – Sushi – ele disse. – O que vocês tiverem aí. – Dez minutos depois, um garçom chinês, todo empolgadinho, chegou com sua comida. Ele mastigou atum cru e arroz e ficou olhando as pessoas se bronzeando. – Jesus – disse para seu atum. – Eu ficaria maluco.

– Não me diga – alguém disse. – Eu já sei. Você é um gângster, certo?

Ele olhou para ela desconfiado, apertando os olhos contra a faixa de sol. Um corpo jovem e esguio e um bronzeado com *boost* de melanina, mas não era um daqueles trabalhos feitos em Paris.

Ela se agachou ao lado da cadeira dele, pingando água nos azulejos. – Cath – disse.

– Lupus – depois de uma pausa.

– Que tipo de nome é esse?

– Grego – ele respondeu.

– Você é um gângster mesmo? – o *boost* de melanina não havia impedido a formação de sardas.

– Eu sou um viciado em drogas, Cath.

– De que tipo?

– Estimulantes. Estimulantes do sistema nervoso central. Estimulantes do sistema nervoso central extremamente potentes.

– Bom, e você *tem* algum aí? – Ela se inclinou mais perto. Gotas de água com cloro caíram na perna da calça dele.

– Não. Esse é o meu problema, Cath. Você sabe onde a gente pode *arrumar* algum?

Cath ficou se balançando nos calcanhares bronzeados e lambeu um cacho de cabelos castanhos que haviam ficado colados ao lado da boca. – Do que você gosta?

– Não quero coca, não quero anfetamina, mais *pra cima*, tem que ser uma coisa *pra cima*. – E pronto, pensou triste, segurando o sorriso na cara só para ela.

– Betafenetilamina – ela disse. – Não tem problema, mas é por conta do seu chip.

– Cê tá brincando – disse o parceiro e colega de quarto de Cath, quando Case explicou as propriedades particulares de seu pâncreas de Chiba. – Sei lá, tipo, você não pode processar esse pessoal não? Por erro médico? – Seu nome era Bruce. Ele parecia uma versão masculina da Cath, até as sardas.

– Bom – disse Case – é que é uma daquelas coisas, você sabe, não sabe? Tipo compatibilidade de tecidos, essa coisa toda. – Mas os olhos de Bruce já tinham ficado anestesiados de tédio. Ele tinha o limite de atenção de uma pulga, pensou Case, vendo os olhos castanhos do rapaz.

O quarto era menor que o de Case e Molly, e ficava em outro andar, mais próximo à superfície. Cinco enormes cibacromos de

Tally Isham estavam colados no vidro da varanda, sugerindo que eles já estavam ali há um bom tempo.

– São supertrifes, não são? – Cath perguntou quando o viu olhando as transparências. – São minhas. Tirei na Pirâmide S/N, na última vez em que descemos o poço. Ela estava pertinho *assim*, e simplesmente sorriu, *tão* natural. E lá foi muito *ruim*, Lupus, foi um dia depois que aqueles terroristas de Cristo Rei puseram Angel na água, lembra?

– É – Case disse, subitamente pouco à vontade. – Foi terrível.

– Bom – Bruce interrompeu –, sobre esse beta que você quer comprar...

– O negócio é o seguinte: vou conseguir metabolizar? – Case levantou as sobrancelhas.

– Vou te dizer uma coisa – disse o garoto. – Você prova. Se seu pâncreas aprovar, é por conta da casa. Da primeira vez é grátis.

– Essa eu já ouvi antes – disse Case, pegando o derma azul brilhante que Bruce lhe passou por sobre o edredom preto.

– Case? – Molly sentou-se na cama e balançou os cabelos caídos sobre as lentes.

– Quem mais seria, gata?

– O que é que te deu? – Os espelhos o acompanhavam pelo quarto.

– Esqueci como pronunciar o nome disso – ele disse, tirando uma faixa bem enrolada de dermas azuis enrolados em plástico-bolha do bolso da camisa.

– Cristo – ela disse. – Era justo do que a gente precisava.

– Falou tudo.

– Eu deixo você sair da minha vista por duas horas e você vai comprar droga. – Ela balançou a cabeça. – Espero que esteja pronto para nosso grande jantar com Armitage esta noite. Esse lugar lá do Século Vinte. Temos que ajudar o Riviera a armar o seu negócio também.

– É – disse Case, espreguiçando-se, o sorriso travado em um ricto de prazer. – Lindo.

– Cara – ela disse –, se o que quer que isso aí seja conseguiu passar pelo que aqueles cirurgiões te fizeram em Chiba, você vai

ficar num estado lastimável quando o efeito passar.

– Tá, tá, tá! – ele disse, desafivelando o cinto. – Porra. Caralho. É tudo o que sempre ouço. – Ele tirou as calças, a camisa, a cueca. – Eu acho que você devia era ter senso o bastante para se aproveitar do meu estado antinatural. – Ele olhou para baixo. – Quero dizer, *olha só* pra este estado antinatural aqui.

Ela deu uma gargalhada. – Não vai durar muito.

– Ah, mas vai – ele disse, subindo na espuma sintética cor de areia. – É por isso que é tão *antinatural*.

11

– Algo de errado com você, Case? – perguntou Armitage, enquanto o garçom os ajudava a sentar à sua mesa no Vingtième Siècle. Era o menor e o mais caro de diversos restaurantes flutuantes num pequeno lago perto do Intercontinental.

Case estremeceu. Bruce não havia dito nada sobre efeitos colaterais. Ele tentou pegar um copo com água, mas as mãos tremiam. – Acho que foi algo que comi.

– Quero que você seja examinado por um médico – disse Armitage.

– É só uma reação histamínica – mentiu Case. – Fico assim sempre que viajo, como coisas diferentes, às vezes.

Armitage vestia um terno escuro, formal demais para aquele lugar, e uma camisa de seda branca. Seu bracelete de ouro chocalhou quando ele levantou sua taça de vinho e tomou um gole. – Já fiz o pedido de vocês – ele disse.

Molly e Armitage comeram em silêncio, enquanto Case cortava trêmulo seu filé, reduzindo-o a pedacinhos que ele acabou não comendo, e mergulhou no molho rico e finalmente abandonou por inteiro.

– Meu Deus – disse Molly, com seu prato já vazio. – Me dá isso aí. Sabe o quanto isso custa? – pegou o prato dele. – Eles têm que criar um animal inteiro por anos e aí eles o matam. Isto aqui não é coisa criada em tanques.

– Estou sem fome – Case conseguiu dizer. Seu cérebro estava frito. Não, ele pensou melhor, seu cérebro havia sido jogado em banha quente e deixado ali, e a gordura havia esfriado, uma graxa grossa congelando nos lobos enrugados, varados por flashes verde-púrpura de dor.

– Porra, você parece fodidaço – Molly disse, achando graça.

Case experimentou o vinho. Os resquícios da betafenetilamina davam à bebida um gosto de iodo.

As luzes diminuíram.

– Le Restaurant Vingtième Siècle – disse uma voz desencarnada com um sotaque carregado do Sprawl – orgulhosamente apresenta o cabaré holográfico do Sr. Peter Riviera. – Aplausos esparsos das outras mesas. Um garçom acendeu uma única vela e a colocou no centro da mesa, e depois começou a retirar os pratos. Em pouco tempo havia uma vela brilhando em cada uma das doze mesas do restaurante, e começaram a servir bebidas.

– O que é que está acontecendo? – Case perguntou a Armitage, que não disse nada.

Molly futucava os dentes com uma unha bordô.

– Boa noite – disse Riviera, dando um passo à frente em um pequeno palco no fundo do salão. Ele não tinha visto de onde Riviera tinha aparecido. Seu incômodo aumentou.

No começo, supôs que o homem estava sendo iluminado por um refletor.

Riviera brilhava. A luz ficava ao seu redor como uma pele, iluminando as cortinas pretas atrás do palco. Ele estava projetando.

Riviera sorriu. Vestia um paletó de jantar branco. Na lapela, carvões azuis queimavam nas profundezas de um cravo negro. Suas unhas reluziram quando ele levantou as mãos num gesto de saudação, um abraço para sua plateia. Case ouvia a água rasa bater na parede lateral do restaurante.

– Esta noite – disse Riviera, os longos olhos brilhando – gostaria de executar um número extra para vocês. Uma nova obra. – Um rubi de luz fria se formou na palma de sua mão direita levantada. Ele o deixou cair. Um pombo cinza saiu voando no ponto de impacto e desapareceu nas sombras. Alguém assobiou. Mais aplausos.

– O título da obra é “A Boneca”. – Riviera abaixou as mãos. – Gostaria de dedicar sua première aqui, esta noite, a Lady 3Jane Marie-France Tessier-Ashpool. – Uma onda de aplausos educados. Quando acabou, os olhos de Riviera deram a impressão de ter encontrado a mesa deles. – E a outra dama.

As luzes do restaurante se apagaram inteiramente por alguns segundos, deixando somente o brilho das velas. A aura holográfica de Riviera havia se desvanecido com as luzes, mas Case ainda conseguia vê-lo, em pé, com a cabeça abaixada.

Linhas tênues de luz começaram a se formar, linhas horizontais e verticais, traçando um cubo aberto ao redor do palco. As luzes do restaurante haviam voltado, mais fracas, mas a estrutura que cercava o palco parecia ter sido construída com raios de luar congelados. Cabeça abaixada, olhos fechados, braços rígidos ao lado do corpo, Riviera parecia tremer de tanta concentração. Subitamente, o cubo fantasmagórico ficou cheio, havia se tornado um quarto, um quarto sem a quarta parede, permitindo que a plateia pudesse ver seu interior.

Riviera aparentemente relaxou um pouco. Levantou a cabeça, mas continuou de olhos fechados. – Eu sempre vivi dentro do quarto – ele disse. – Não consigo me lembrar de ter vivido em nenhum outro quarto. – As paredes do quarto eram caiadas de branco. Ele continha duas peças de mobiliário. Uma delas era uma cadeira simples de madeira, a outra uma armação de cama de ferro pintada de branco. A tinta havia descascado, revelando o ferro preto. O colchão sobre a cama não tinha lençóis. Listras marrons manchadas. Uma única lâmpada pendurada sobre a cama, com um fio preto torcido. Case podia ver a camada espessa de pó na curva superior da lâmpada. Riviera abriu os olhos.

– Eu sempre estive sozinho no quarto, sempre. – Ele se sentou na cadeira, de frente para a cama. Os carvões azuis ainda queimavam na flor preta em sua lapela. – Não sei quando sonhei com ela pela primeira vez – ele disse – mas lembro bem que, no começo, ela era apenas algo enevoado, uma sombra.

Havia alguma coisa na cama. Case piscou os olhos. Sumiu.

– Eu não conseguia segurá-la bem, mantê-la em minha mente. Mas queria abraçá-la, segurá-la e mais... – Sua voz se propagava perfeitamente no silêncio do restaurante. Um som de gelo batendo dentro de um copo. Alguém deu uma risadinha. Alguém sussurrou uma pergunta em japonês. – Deduzi que, se pudesse visualizar alguma parte dela, apenas uma pequena parte, se pudesse ver essa parte perfeitamente, nos mais perfeitos detalhes...

Uma mão de mulher jazia no colchão agora, a palma voltada para cima, os dedos brancos bem pálidos.

Riviera se inclinou para a frente, apanhou a mão e começou a acariciá-la suavemente. Os dedos se moveram. Riviera levou a mão

à sua boca e começou a lamber as pontas dos dedos. As unhas tinham esmalte bordô.

Case viu que a mão não era um membro decepado; a pele seguia lisa, sem cortes e sem cicatrizes. Ele se lembrou de um losango tatuado de carne cultivada em tanque na vitrine de uma butique cirúrgica na Ninsei. Riviera estava segurando a mão encostada em seus lábios, lambendo sua palma. Os dedos acariciavam seu rosto, exploratórios. Mas, agora, havia uma segunda mão em cima da cama. Quando Riviera tentou pegá-la, os dedos da primeira se fecharam ao redor de seu pulso, um bracelete de carne e osso.

O ato continuou com uma lógica interna surreal própria. A seguir, vieram os braços. Os pés. Pernas. As pernas eram muito bonitas. A cabeça de Case começou a latejar. Sentia a garganta seca. Tomou o resto do vinho.

Agora, Riviera estava na cama, nu. Suas roupas eram parte da projeção, mas Case não conseguia se lembrar de tê-las visto desaparecer. A flor negra jazia caída ao pé da cama, ainda com sua chama azul interior. Então, o tronco se formou, enquanto Riviera o acariciava e fazia com que ele aparecesse, branco, sem cabeça, e perfeito, coberto por uma camada finíssima de suor.

O corpo de Molly. Case ficou olhando de queixo caído. Mas não era Molly; era Molly do jeito que Riviera a imaginava. Os seios estavam errados. Os mamilos maiores, escuros demais. Riviera e o tronco sem membros se contorciam na cama, com as mãos de unhas brilhantes se arrastando sobre eles. A cama estava, agora, coberta com dobras de rendas amareladas e apodrecidas que se desfaziam a um toque. Partículas de pó fervilhavam em volta de Riviera e dos membros que se contorciam, as mãos que corriam de um lado para outro, beliscando, acariciando.

Case olhou para Molly discretamente. O rosto dela era uma página em branco; as cores da projeção de Riviera se contorciam e se reviravam em seus espelhos. Armitage estava curvado para a frente, as mãos fechadas no pé de um cálice de vinho, os olhos claros fixos no palco, no quarto que brilhava.

Agora braços, pernas e tronco haviam se fundido, e Riviera estremeceu. A cabeça estava ali, a imagem completa. O rosto de Molly, com a fluidez do mercúrio afogando seus olhos. Riviera e a

imagem-Molly começaram a copular com intensidade renovada. Então, a imagem estendeu lentamente uma mão em forma de garra e disparou suas cinco lâminas. Com uma deliberação lânguida e onírica, ela rasgou as costas nuas de Riviera. Case captou um vislumbre de espinha dorsal exposta, mas ele já tinha se levantado e estava saindo cambaleando para a porta.

Vomitou sobre uma balaustrada de pau-rosa nas águas tranquilas do lago. Uma coisa que parecia perto demais ao redor de sua cabeça como uma garra o havia soltado agora. Ajoelhando-se, o rosto colado na madeira fria, ficou olhando a aura da rua Jules Verne do outro lado do lago raso.

Case já havia visto essa mídia antes; em sua adolescência no Sprawl, eles chamavam isso de “sonho real”. Ele se lembrava de porto-riquenhos magricelos embaixo de postes de luz, sonhando real à batida rápida da salsa, *dreamgirls* estremecendo e girando, o pessoal na rua batendo palmas para marcar o ritmo. Mas para aquilo fora necessário uma van cheia de equipamentos e um capacete de trodos todo desajeitado.

O que Riviera sonhava, você via. Case sacudiu a cabeça dolorida e cuspiu no lago.

Ele podia adivinhar o fim, o gran finale. Havia uma simetria invertida naquilo: Riviera monta a garota do sonho, a garota do sonho o desmonta. Com aquelas mãos. Sangue de sonho encharcando a renda podre.

Gritos do restaurante, aplausos. Case se levantou e passou as mãos pelas roupas. Virou-se e voltou para o Vingtième Siècle.

A cadeira de Molly estava vazia. O palco estava deserto. Armitage estava sentado sozinho, ainda olhando para o palco, o pé do cálice entre os dedos.

– Cadê ela? – Case perguntou.

– Foi embora – disse Armitage.

– Foi atrás dele?

– Não. – Um *clink* suave. Armitage olhou para o vidro. Sua mão esquerda estava segurando o bulbo de vidro com vinho tinto. O pé quebrado destacando-se para o alto como uma lasca de gelo. Case tirou a taça da mão dele e a colocou num copo d´água.

– Me diz pra onde ela foi, Armitage.

As luzes se acenderam. Case olhou para os olhos pálidos. Não havia nada lá. – Ela foi se preparar. Você não a verá novamente. Vocês estarão juntos durante a incursão.

– Por que Riviera fez aquilo com ela?

Armitage se levantou, ajustando as lapelas do paletó. – Vá dormir um pouco, Case.

– A incursão é amanhã?

Armitage deu aquele sorriso sem sentido e se afastou na direção da saída.

Case esfregou a testa e olhou em volta. As pessoas estavam se levantando de suas mesas, mulheres sorriam, enquanto homens faziam piadas. Ele reparou na varanda pela primeira vez, velas ainda tremeluzindo ali na escuridão particular. Ele ouviu o som de prataria e sussurros. As velas jogavam sombras-dançarinas no teto.

O rosto da menina apareceu tão subitamente quanto uma das projeções de Riviera, as mãozinhas segurando a madeira polida da balaustrada; ela se inclinou para a frente, o rosto enlevado, pareceu a ele, os olhos escuros atentos a alguma coisa mais além. O palco. Era um rosto fascinante, ainda que não fosse bonito. Triangular, as maçãs do rosto altas, mas de um aspecto estranhamente frágil, a boca ampla e firme, equilibrada de modo bizarro por um nariz estreito semelhante a um bico de pássaro e narinas abertas. E, então, ela desapareceu, voltando às risadas e à dança das velas.

Quando ele deixou o restaurante, notou os dois jovens franceses e a namorada deles esperando o barco para a outra margem e o cassino mais próximo.

O quarto deles estava em silêncio, a espuma sintética macia como a areia de uma praia depois que a maré recua. A sacola dela havia sumido. Ele procurou algum bilhete. Não havia. Vários segundos se passaram antes que a cena além da janela fosse registrada por sua tensão e infelicidade. Ele levantou a cabeça e viu uma vista da Desiderata, lojas caras: Gucci, Tsuyako, Hermès, Liberty.

Ele ficou olhando, depois balançou a cabeça e foi até um painel que não havia se importado de examinar. Desligou o holograma e foi

recompensado com os condos que subiam em terraços na encosta do outro lado.

Pegou o telefone e o levou até a varanda fria.

– Me ligue com o *Marcus Garvey* – pediu à recepção. – É um rebocador, registrado no aglomerado de Zion.

A voz de chip recitou um número de dez dígitos. – Senhor – acrescentou – o registro em questão é do Panamá.

Maelcum atendeu no quinto toque. – Yo?

– Case. Você tem modem, Maelcum?

– Yo. No comp de navegação, sabe comé.

– Dá pra você tirar ele pra mim, cara? Colocá-lo no meu Hosaka. Depois ligar meu deck. É o botão listrado.

– Como é que cê tá indo aí, mon?

– Bom, tô precisando de uma ajuda.

– Movendo, mon. Peguei o modem.

Case ficou ouvindo uma estática leve enquanto Maelcum conectava o link telefônico simples. – Corte este ICE aqui – ele disse ao Hosaka, quando o ouviu emitir um bip.

– Você está falando de um local fortemente monitorado – o computador aconselhou com um jeito pedante.

– Foda-se – ele disse. – Esquece o ICE. Sem ICE. Acesse o constructo. Dixie?

– Ei, Case – disse o Flatline pelo chip de voz do Hosaka, o sotaque cuidadosamente projetado totalmente perdido.

– Dix, você vai entrar aqui e pegar uma coisa pra mim. Pode entrar arrombando tudo. Molly está em algum lugar aqui e quero saber onde. Eu estou em 335W, no Intercontinental. Ela também estava registrada aqui, mas não sei que nome estava usando. Use este telefone e pegue os registros pra mim.

– Já fui – disse o Flatline. Case ouviu o ruído branco da invasão. Sorriu. – Pronto. Rose Kolodny. Já fez o check-out. Me dá uns minutos pra penetrar a rede de segurança deles e conseguir me fixar.

– Vai.

O telefone começou a gemer e emitir cliques com os esforços do constructo. Case o levou de volta ao quarto e colocou o fone virado para cima, em cima da espuma sintética. Foi ao banheiro e escovou

os dentes. Quando estava saindo, o monitor do complexo audiovisual Braun do quarto ligou sozinho. Um popstar japonês reclinado em almofadões metálicos. Um entrevistador fora do alcance da câmera fez uma pergunta em alemão. Case ficou olhando. A tela pulava com flashes de interferência azul. – Case, baby, tu ficou louco, é? – A voz era lenta e familiar.

A parede de vidro da varanda clicou e ativou sua vista da Desiderata, mas a cena da rua ficou borrada, distorcida, tornou-se o interior do Jarre de Thé, Chiba, vazio, neon vermelho replicado ao infinito arranhado nas paredes espelhadas.

Lonny Zone apareceu, alto e cadavérico, andando com a lenta graça submarina de seu vício. Ele ficou ali em pé, sozinho, entre as mesas quadradas, mãos nos bolsos de suas calças de couro de tubarão cinza. – Na boa, cara, você está com a maior cara de acabadaço.

A voz vinha dos alto-falantes do Braun.

– Wintermute – disse Case.

O cafetão deu de ombros languidamente e sorriu.

– Cadê a Molly?

– Não se preocupe com isso. Você está botando tudo pra foder esta noite, Case. O Flatline está tocando campainhas em toda a Freeside. Eu não esperava que você fosse fazer isso, cara. Não bate com o seu perfil.

– Então me diz onde ela está e mando ele pular fora.

Zone balançou a cabeça em negativa.

– Você não consegue manter suas mulheres sob controle, não é, Case? Você sempre as perde, de um jeito ou de outro.

– Eu vou botar pra foder é contigo – disse Case.

– Não. Isso não faz o seu gênero, cara. Eu sei disso. Sabe de uma coisa, Case? Eu acho que você já descobriu que fui eu quem mandou Deane apagar aquela sua piranhinha lá em Chiba.

– Não faça isso – disse Case, dando um passo involuntário na direção da janela.

– Mas não fiz. E qual é o problema, afinal? O quanto isso realmente importa para o Sr. Case? Pare de se enganar. Eu conheço a sua Linda, cara. Eu conheço todas as Lindas. Lindas são um produto genérico na minha linha de trabalho. Sabe por que ela

decidiu te roubar? Amor. Para que você prestasse atenção nela. Amor? Quer falar de amor? Ela te amava. Eu sei disso. Ela podia não prestar muito, mas te amava. Você não conseguiu segurar a onda. Ela morreu.

O punho de Case olhou na direção da vidraça.

– Não vai foder com suas mãos, cara. Você vai ter que usar o deck daqui a pouco.

Zone sumiu, substituído pela noite de Freeeside e pelas luzes dos condos. O Braun desligou.

Na cama, o telefone tocava sem parar.

– Case? – O Flatline estava esperando. – Onde é que você tava? Consegui, mas não é lá grande coisa. – O constructo emitiu um endereço. – Esse lugar tem um ICE bizarro em volta para ser uma casa noturna. Foi tudo o que consegui sem deixar um cartão de visita.

– Ok – disse Case. – Manda o Hosaka dizer ao Maelcum para desconectar o modem. Valeu.

– Foi um prazer.

Ele ficou sentado na cama por muito tempo, saboreando essa coisa nova, esse tesouro.

Ódio.

– Opa, Lupus. Ei, Cath, é o amigo Lupus. – Bruce estava nu na porta, pingando água, as pupilas enormes. – A gente estava justamente tomando um banho. Quer tomar banho?

– Não. Valeu. Quero uma ajuda. – Ele empurrou o braço do garoto e entrou no quarto.

– Pô, cara, mas a gente...

– Vai me ajudar. Vocês estão felizes pra cacete de me ver. Porque nós somos amigos, certo? Não somos?

Bruce piscou. – Claro.

Case recitou o endereço que o Flatline havia lhe dado.

– Eu sabia que ele era um gângster – Cath disse toda animada de dentro do chuveiro.

– Eu tenho um triciclo Honda – disse Bruce, sorrindo meio desligado.

– Vamos já – disse Case.

– Naquele nível ficam os cubículos – disse Bruce, depois de pedir a Case para repetir o endereço pela oitava vez. Ele voltou a montar na Honda. Condensação pingava do exaustor de células de hidrogênio enquanto o chassi de fibra de vidro vermelha balançava sobre molas de cromo. – Vai demorar?

– Não faço ideia. Mas você vai esperar.

– A gente espera, claro. – Ele coçou o peito nu. – Essa última parte do endereço, acho que é um cubículo. Número quarenta e três.

– Estão te esperando, Lupus? – Cath esticou o pescoço por cima do ombro de Bruce e deu uma espiada. O passeio havia secado seu cabelo.

– Provavelmente não – disse Case. – Isso é algum problema?

– É só descer até o nível mais baixo e encontrar o cubículo do seu amigo. Se eles deixarem você passar, tudo bem. Se não quiserem te ver... – ela deu de ombros.

Case deu meia-volta e desceu uma escada em espiral, de ferro floral. Seis voltas e chegou a uma casa noturna. Ele fez uma pausa e acendeu um Yeheyuan, olhando para as mesas. Freeside de repente começou a fazer sentido para ele. Podia sentir aquilo tudo vibrando no ar. Aquilo ali é que era a ação local. Não a fachada superbrilhante da rua Jules Verne, mas a coisa real. Comércio. A dança. A multidão era mista; talvez metade fosse de turistas, a outra metade de residentes das ilhas.

– Lá embaixo – disse para um garçom que passava. – Quero ir lá pra baixo. – Ele mostrou seu chip de Freeside. O homem fez um gesto para a parte de trás da casa.

Ele passou rapidamente pelas mesas lotadas, ouvindo fragmentos de meia dúzia de idiomas europeus.

– Quero um cubículo – disse para a garota que estava sentada na mesa baixa, um terminal no colo. – Nível inferior. – Entregou seu chip a ela.

– Preferência de gênero? – ela passou o chip por uma placa de vidro na face do terminal.

– Feminino – disse automaticamente.

– Número trinta e cinco. Telefone se não for satisfatório. Você pode acessar o display de nossos serviços especiais antes, se

quiser. – Ela sorriu. E devolveu o chip.

Atrás dela um elevador abriu suas portas.

As luzes do corredor eram azuis. Case saiu do elevador e escolheu uma direção aleatoriamente. Portas numeradas. Um barulho abafado como nos corredores de uma clínica cara.

Ele encontrou seu cubículo. Estava procurando Molly; agora, confuso, levantou seu chip e o colocou contra um sensor preto montado logo abaixo da placa do número.

Travas magnéticas. O som o fez se lembrar do Cheap Hotel.

A garota estava sentada na cama e disse alguma coisa em alemão. Seus olhos eram doces e ela não piscava. Piloto automático. Um disjuntor neural. Ele saiu do cubículo e fechou a porta.

A porta do quarenta e três era igual a todas as outras. Ele hesitou. O silêncio do corredor dizia que os cubículos eram à prova de som. Não fazia sentido usar o chip. Ele bateu na porta de metal esmaltado. Nada. A porta parecia absorver o som.

Ele colocou seu chip contra a placa preta.

As travas se abriram.

De algum modo, teve a impressão de que ela o atingiu antes que ele realmente conseguisse abrir a porta. Ele caiu de joelhos, a porta de aço às suas costas, as lâminas dos polegares rígidos dela estremecendo a centímetros de seus olhos...

– Meu Jesus – ela disse, levantando-se e dando-lhe um tabefe na têmpora. – Você é um idiota de tentar isso. Porra, como é que você abre essas travas, Case? Você está bem? – Ela se curvou sobre ele.

– Chip – ele disse, lutando para respirar. A dor estava se espraiando a partir do seu peito. Ela o ajudou a se levantar e o empurrou para dentro do cubículo.

– Você subornou o pessoal lá em cima?

Ele balançou a cabeça em negativa e caiu sobre a mesa.

– Respire. Conte. Um, dois, três, quatro. Segure o ar. Agora expire. Conte.

Ele agarrou o estômago.

– Você me chutou – ele conseguiu dizer.

– Devia ter chutado mais embaixo. Eu quero ficar sozinha. Estou meditando, tá? – Sentou-se ao lado dele. – E recebendo um briefing. – Ela apontou para um pequeno monitor montado na parede no lado oposto à cama. – Wintermute está me contando sobre Straylight.

– Cadê a boneca de carne?

– Não tem. Este aqui é o serviço mais caro de todos. – Ela se levantou. Usava seu jeans de couro e uma camiseta escura folgada. – Wintermute disse que a incursão vai ser amanhã.

– O que foi aquele negócio lá no restaurante? Por que você saiu correndo?

– Porque, se eu ficasse, poderia ter matado Riviera.

– Por quê?

– O que ele fez comigo. O show.

– Não entendi.

– Isto aqui custa muito caro – ela disse, estendendo a mão direita como se segurasse uma fruta invisível. As cinco lâminas deslizaram para fora, e depois se retraíram lentamente. – Custa caro ir para Chiba. Custa caro fazer a cirurgia. Custa caro plugar seu sistema nervoso para que o equipamento acompanhe seus reflexos... Sabe como consegui o dinheiro, quando estava começando? Aqui. Não exatamente aqui, mas num lugar igualzinho, no Sprawl. É uma piada, pra começo de conversa, porque assim que eles plantam o chip disjuntor, parece um dinheiro mole de ganhar. Às vezes você acorda ralada, mas é só. Você está só alugando sua carne. Quando o negócio tá rolando, você não está em casa. A casa tem software para o que o cliente quiser pagar... – Ela estalou os dedos das mãos. – Tudo bem. Eu estava arrumando minha grana. O problema era o seguinte: o atalho e os circuitos que as clínicas de Chiba instalaram não eram compatíveis. Então, o tempo de trabalho começou a vazar para minha memória, e comecei a me lembrar... Mas eram apenas pesadelos, e não eram todos ruins. – Ela sorriu. – Aí começou a ficar estranho. – Tirou os cigarros do bolso e acendeu um. – A casa descobriu o que estava fazendo com o dinheiro. Eu já tinha instalado as lâminas, mas o trabalho neuromotor fino ainda levaria mais três viagens. De jeito nenhum eu estava pronta para abrir mão do meu tempo de boneca. – Ela inalou a fumaça, soprou

um jato de fumaça, fechando o conjunto com três anéis perfeitos. – Então, o filho da puta que dirigia o local tinha um software customizado preparado. Berlim é o lugar de *snuff*, saca? Berlim é um grande mercado para coisas do mal. Eu nunca soube quem escreveu o programa no qual eles me colocaram, mas era baseado em todos os clássicos.

– Eles sabiam que você estava captando esse negócio todo? Que estava consciente enquanto estava trabalhando?

– Eu não estava consciente. É tipo ciberespaço, mas em branco. Prata. Tem cheiro de chuva... Você pode ver a si mesmo gozando, é como uma pequena supernova bem no limite do espaço. Mas eu estava começando a me *lembrar*. Como se fossem sonhos, sabe? E eles não me contaram. Eles trocaram o software e começaram a alugar para mercados especializados.

Era como se ela estivesse falando de muito longe. – E eu sabia, mas ficava quieta. Eu precisava do dinheiro. Os sonhos foram ficando cada vez piores, e dizia a mim mesma que pelo menos alguns deles eram *mesmo* apenas sonhos, mas a essa altura já havia começado a perceber que o chefe tinha toda uma pequena *clientela* me pegando. Nada é bom demais para a Molly, diz o chefe, e me dá um aumentozinho de merda. – Ela balançou a cabeça. – Aquele babaca estava cobrando oito vezes o que estava me pagando, e achava que eu não sabia.

– Então, pelo que ele estava cobrando?

– Pesadelos. Reais. Uma noite... uma noite, eu havia acabado de voltar de Chiba. – Ela deixou o cigarro cair, apagou-o com o calcanhar da bota e se sentou, recostando-se na parede. – Os cirurgiões foram fundo naquela viagem. Negocinho embaçado. Eles devem ter perturbado o chip disjuntor. Eu acordei. Eu estava numa rotina com um cliente... – Ela enterrou os dedos na espuma. – Era um senador. Eu reconheci aquela cara gorda de saída. Estávamos os dois cobertos de sangue. E não estávamos sozinhos. Ela estava toda... – Ela puxou a espuma sintética. – Morta. E aquele gordo filho da puta, ele estava dizendo: “O que aconteceu? O que aconteceu? A gente ainda nem tinha *terminado*...”

Ela começou a tremer.

– Então, acho que dei ao senador o que ele realmente queria, sabia? – A tremedeira parou. Ela soltou a espuma e correu os dedos por seus cabelos pretos. – A casa colocou um contrato pela minha cabeça. Precisei me esconder por um tempo.

Case ficou olhando para ela.

– Então Riviera pisou num calo ontem à noite – ela disse. – Acho que ele quer que eu o odeie muito, para minha mente ficar psico o suficiente pra ir atrás dele.

– Atrás dele?

– Ele já está lá. Straylight. A convite de Lady 3Jane, toda aquela merda de dedicatória que ele fez. Ela estava numa cabine privada lá, mais ou menos...

Case se lembrou do rosto que havia visto. – Você vai matá-lo?

Ela sorriu. Fria. – É, ele vai morrer. Em breve.

– Eu também recebi uma visita – ele disse, e contou a ela sobre a janela, pulando a parte do que a figura-Zone havia dito sobre Linda. Ela fez que sim com a cabeça.

– Talvez ele deseje que você odeie alguém também.

– Talvez eu odeie.

– Talvez você odeie a si mesmo, Case.

– Como foi? – perguntou Bruce, quando Case subiu no Honda.

– Você precisa experimentar um dia – ele disse, esfregando os olhos.

– Não consigo te ver como um cara que gosta de bonecos – Cath disse triste, colocando um derma novo com o polegar no pulso.

– Dá pra gente ir pra casa agora? – perguntou Bruce.

– Claro. Me deixem lá na Jules Verne, onde ficam os bares.

12

A rua Jules Verne era uma avenida circunferencial, que dava uma volta inteira na seção média do fuso, ao passo que a Desiderata percorria seu comprimento, terminando em ambas as extremidades das bombas de luz Lado-Acheson. Se você virasse à direita, saindo da Desiderata, e seguisse pela Jules Verne direto, acabaria se aproximando da Desiderata pela esquerda.

Case ficou observando o triciclo de Bruce até ele sumir de vista; depois, deu meia-volta e passou andando por uma enorme banca de jornais, muito iluminada, as capas de dezenas de revistas japonesas em papel couché exibindo os rostos dos novos astros de simstim do mês.

Acima da sua cabeça, ao longo do eixo anoitecido, o céu de holograma brilhava com constelações inventadas que sugeriam cartas de baralho, faces de dados, uma cartola, uma taça de Martini. O cruzamento da Desiderata com a Jules Verne formava uma espécie de ravina, as varandas-terraços dos habitantes das colinas de Freeside subindo gradualmente até as mesas gramadas de outro complexo de cassinos. Case ficou olhando um microleve remoto fazer uma curva graciosa numa corrente ascendente de ar na beira verde de um platô artificial, iluminada por segundos pelo brilho suave do cassino invisível. O negócio era uma espécie de biplano de polímero finíssimo, sem piloto, as asas impressas com silk-screen para lembrar uma borboleta gigante. Depois sumiu, além da beirada da mesa. Ele viu um piscar de neon refletido em vidro, ou lentes ou torretas de lasers. Os robôs faziam parte do sistema de segurança do fuso, controlado por algum computador central.

Em Straylight? Ele continuou a caminhar, passando por bares de nomes como Hi-Lo, Paradise, Le Monde, Cricketeer, Shozoku Smith ´s, Emergency. Ele escolheu o Emergency porque era o menor e o mais lotado, mas só levou segundos para perceber que era um lugar de turistas. Ali não existia o zumbido dos negócios, apenas uma

tensão sexual amortecida. Pensou por um instante na casa noturna sem nome sobre o cubículo alugado de Molly, mas a imagem dos olhos espelhados dela fixos na telinha o dissuadiram. O que Wintermute estava revelando ali agora? As plantas da Villa Straylight? A história dos Tessier-Ashpools?

Comprou uma caneca de Carslberg e achou um lugar encostado na parede. Fechando os olhos, procurou o centro nervoso do ódio, o puro e minúsculo carvão em brasa de sua fúria. Ela ainda estava lá. De onde havia vindo isso? Ele se lembrava de ter sentido apenas uma espécie de surpresa quando se machucou em Memphis, e absolutamente nada quando matou para defender seus interesses comerciais em Night City, e um enjoo e nojo fracos após a morte de Linda dentro da cúpula inflada. Mas ódio não. Pequeno e distante, na tela da mente, um assemelhado de Deane atingia um assemelhado de uma parede de escritório em uma explosão de sangue e cérebro. Então soube: o ódio viera no fliperama, quando Wintermute rescindiu o fantasma de simstim de Linda Lee, arrancando a simples promessa animal de comida, calor, um lugar para dormir. Mas ele não havia se dado conta disso até sua conversa com o holoconstructo de Lonny Zone.

Era uma coisa estranha. Ele não conseguia medir isso.

– Anestesiado – ele disse. Há muito tempo andava anestesiado, anos. Todas as suas noites na Ninsei, suas noites com Linda, anestesiado na cama e anestesiado no centro de suor frio de cada compra de droga. Mas agora havia encontrado essa coisa quente, esse chip de assassinato. Carne, uma parte dele disse. *É a carne falando, ignore*.

– Gângster.

Ele abriu os olhos. Cath estava ao seu lado, vestindo um camisão preto, os cabelos ainda despenteados pela volta na Honda.

– Achei que você tinha ido pra casa – ele disse, e escondeu sua confusão com um gole de Carlsberg.

– Falei pra ele me deixar numa loja. Comprei isto aqui – ela passou a mão pelo tecido, pela curva da pelve. Ele viu o derma azul no pulso dela. – Gostou?

– Claro. – Ele automaticamente escaneou os rostos ao redor deles, e olhou de volta para ela. – O que você acha que está

fazendo, gata?

– Você gostou do beta que pegou com a gente, Lupus? – Agora ela estava muito perto, irradiando calor e tensão, os olhos quase fechados sobre pupilas enormes e um tendão no seu pescoço tenso como uma corda de arco. Ela estava vibrando, vibrando invisivelmente com o zumbido novo. – Você ficou doidão?

– Fiquei. Mas o bode depois é uma merda.

– Então você precisa de outro.

– E onde é que isso me leva?

– Eu tenho uma chave. Subindo o morro atrás do Paradise, é o grande barato. As pessoas lá embaixo no poço estão negociando hoje, se é que você me entende...

– Se eu te entendo.

Ela pegou a mão dele entre as dela, as palmas das mãos quentes e suadas. – Você é Yak, não é, Lupus? Soldado gaijin da Yakuza?

– Você tem um olho, hein? – ele retirou a mão e procurou um cigarro.

– Como é que você tem todos os dedos no lugar ainda, então? Eu achava que você tinha que cortar um fora cada vez que fizesse uma cagada.

– Eu nunca faço cagada – ele acendeu o cigarro.

– Eu vi aquela garota com quem você estava. No dia em que te conheci. Anda que nem o Hideo. Me arrepia. – Ela sorriu com a boca aberta demais. – Gosto disso. Ela gosta de garotas?

– Nunca me disse. Quem é Hideo?

– É o serviçal de 3Jane, é como ela chama. Serviçal da família.

Case forçou uma cara de desentendido, olhando a multidão do Emergency ao falar. – Dee-Jane?

– Lady 3Jane. Ela é trife. Rica. O pai dela é dono disso tudo aqui.

– Deste bar?

– De Freeside!

– Não fode. Você tem uns amiguinhos classudos, hein? – Ele levantou uma sobrancelha. Colocou o braço ao redor dela e a mão no quadril. – Como é que você fez pra conhecer esses aristos, Cathy? Você é algum tipo de riquinha enrustida? Você e Bruce são herdeiros secretos de um crédito antigo dos bons? Hein? – Ele abriu

os dedos, massageando a carne por cima do tecido preto fino. Ela se contorceu toda contra ele. Riu.

– Ah, você sabe – ela disse, as pálpebras semicerradas no que talvez fosse para transmitir um ar de modéstia. – Ela gosta de balada. Bruce e eu fazemos o circuito das baladas... Lá dentro a coisa fica muito chata para ela. O velho dela às vezes deixa ela sair, desde que ela leve Hideo junto pra tomar conta.

– Onde fica chato?

– Eles chamam de Straylight. Ela me contou, ah, é bonito, todo cheio de laguinhos e lilases. É um castelo, um castelo de verdade, todo de pedras e poentes. – Ela se aninhou mais perto dele. – Pô, Lupus, cara, você precisa de um derma. Pra gente ficar junto.

Ela usava uma minúscula bolsa de couro pendurada no pescoço por um fio finíssimo. Suas unhas brilhavam cor-de-rosa contra o seu bronzeado bombado, mordida até o sabugo. Ela abriu a bolsinha e retirou uma bolha embrulhada em papel com um derma azul dentro. Alguma coisa branca caiu no chão; Case se abaixou e apanhou o objeto. Um grou de origami.

– Foi Hideo quem me deu – ela disse. – Ele tentou me mostrar como fazer, mas nunca consigo fazer direito. Os pescoços acabam virados pra trás. – Ela enfiou o papel dobrado de volta na bolsinha. Case ficou olhando ela rasgar a bolha, tirar o papel autocolante do derma e colá-lo suavemente na parte interna de seu pulso.

– 3Jane tem um rosto pontudo, o nariz igual ao bico de um pássaro? – Ele viu as mãos dela tentarem formar um contorno. – Cabelos pretos? Jovem?

– Acho que sim. Mas ela é trife, saca? Tipo, com todo aquele dinheiro.

A droga o atingiu como um trem expresso, uma coluna branca e incandescente subindo por sua espinha na região de sua próstata, iluminando as suturas de seu crânio com raios x de energia sexual curto-circuitada. Seus dentes cantavam cada um em sua raiz como diapasões, cada qual perfeito em seu tom e com a transparência do etanol. Seus ossos, por baixo do envelope enfumaçado de carne, eram cromados e polidos, as juntas lubrificadas com uma película de silicone. Tempestades de areia castigavam o piso lixado de seu

crânio, gerando ondas de estática alta e fina que quebravam atrás de seus olhos, esferas do mais puro cristal, expandindo-se...

– Vem – ela disse, pegando-o pela mão. – Agora você tá legal. Nós tamos legal. Vamos subir o morro, lá em cima a gente vai poder ficar no barato a noite toda.

O ódio estava se expandindo, impiedoso, exponencial, cavalgando atrás do surto de betafenetilamina como uma onda portadora, um fluido sísmico, rico e corrosivo. Sua ereção era uma barra de chumbo. Os rostos ao redor deles no Emergency eram coisas de bonecas pintadas, o rosa e o branco de bocas se movendo, movendo, palavras emergindo como balões de som discretos. Ele olhou para Cath e viu cada poro na pele bronzeada, olhos mortos como vidro embaçado, um tom de metal morto, um leve inchaço, as mais minúsculas assimetrias de peito e pescoço, o – alguma coisa disparou um branco atrás de seus olhos.

Ele largou a mão dela e saiu cambaleando para a porta, empurrando todo mundo.

– Vai se foder! – ela gritou atrás dele. – Seu brocha de merda!

Ele não sentia as pernas. Usou-as como pernas de pau, balançando louco pelo calçamento de paralelepípedos da Jules Verne, um rugido distante nos ouvidos, seu próprio sangue, folhas afiadas de luz seccionando seu crânio ao meio em uma dezena de ângulos.

E, então, ficou congelado, ereto, os punhos fechados contra as coxas, cabeça para trás, os lábios repuxados, tremendo. Enquanto ele ficava vendo o zodíaco dos perdedores de Freeside, as constelações de cada noturna do céu holográfico, se deslocar, deslizar fluido pelo eixo de escuridão, para enxamear como coisas vivas no centro morto da realidade. Até que elas tivessem se arrumado, individualmente e em suas centenas, para formar um retrato vasto e simples, o monocromo definitivo, estrelas contra o céu noturno. O rosto da Senhorita Linda Lee.

Quando conseguiu desviar os olhos e abaixar a cabeça, descobriu que todos os outros rostos da rua estavam olhando para o alto; os turistas que passeavam estavam calmos e maravilhados. E quando as luzes do céu se apagaram, o rugido de uma multidão animada

subiu entrecortado pela Jules Verne, para ecoar pelos terraços e varandas de concreto lunar.

Em algum lugar um carrilhão começou a soar, algum sino antigo saído da Europa.

Meia-noite.

Ele caminhou até amanhecer.

O barato foi passando, o esqueleto cromado foi se corroendo hora a hora, a carne voltou a ficar sólida, a carne-de-droga substituída com a carne da sua vida. Ele não conseguia pensar. Ele gostava muito disso, de estar consciente e incapaz de pensar. Ele parecia se tornar cada coisa que via: um banco de parque, uma nuvem de mariposas brancas ao redor de um lampião antigo, um jardineiro-robô com faixas pretas e amarelas diagonais.

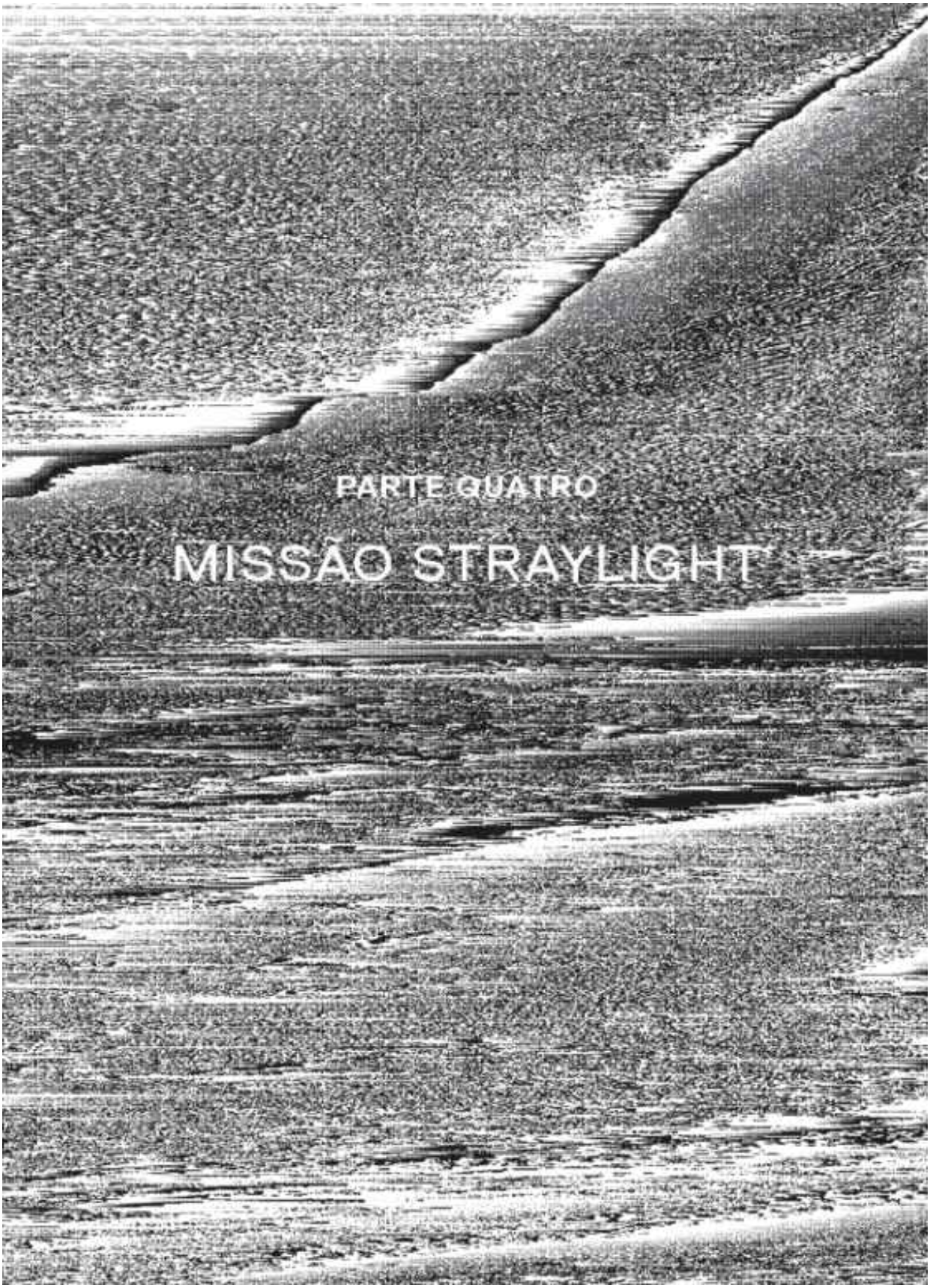
Uma aurora pré-gravada foi subindo ao longo do sistema Lado-Acheson, rosa e lúgubre. Ele se forçou a comer uma omelete num café da Desiderata, tomar água, fumar o último de seus cigarros. A campina no telhado do Intercontinental se moveu quando a atravessou; um bando de madrugadores concentradíssimos no café e nos croissants embaixo dos guarda-sóis listrados.

Ele ainda tinha seu ódio. Isso era como ser assaltado em algum beco e acordar descobrindo que sua carteira ainda estava no bolso, intocada. Ele se aqueceu com o ódio, incapaz de lhe dar um nome ou um objeto.

Pegou o elevador e desceu até seu nível, procurando nos bolsos o chip de crédito de Freeside que lhe servia de chave. O sono estava ficando real, era uma coisa que ele podia fazer. Deitar-se na espuma cor de areia e voltar a encontrar o branco.

Eles estavam esperando lá dentro, os três, suas roupas esportivas brancas perfeitas e os bronzeados a estêncil marcando o chic orgânico da mobília tecida à mão. A garota estava sentada numa cadeira de vime, uma pistola automática ao seu lado sobre a padronagem de folhas do almofadão.

– Turing – ela disse. – Você está preso.


PARTE QUATRO
MISSÃO STRAYLIGHT

13

– Seu nome é Henry Dorsett Case – ela recitou o ano e local de seu nascimento, seu Número Único de Identificação do BAMA, e uma fileira de nomes que ele foi aos poucos reconhecendo como identidades falsas usadas no passado.

– Vocês estão aqui há muito tempo? – Ele viu o conteúdo de sua sacola todo espalhado em cima da cama, roupa suja separada por tipo. O shuriken estava separado, entre jeans e cuecas, em cima da espuma sintética cor de areia.

– Onde está Kolodny? – Os dois homens estavam sentados lado a lado no sofá, os braços cruzados sobre peitos bronzeados, correntes de ouro idênticas penduradas nos pescoços. Case olhou para eles e viu que a juventude ali era falsificada, marcada por um certo toque de pele enrugada nos nós dos dedos das mãos, algo que os cirurgiões foram incapazes de apagar.

– Quem é Kolodny?

– Era o nome no registro. Onde está ela?

– Sei lá – ele disse, indo até o bar e se servindo de um copo de água mineral. – Ela se mandou.

– Onde você esteve esta noite, Case? – A garota pegou a pistola e a colocou em cima da coxa, sem chegar a apontá-la para ele.

– Jules Verne, uns dois bares, enchi a cara. E você? – Ele sentia os joelhos frágeis como vidro, quebradiços. A água mineral estava quente e sem gás.

– Eu acho que você não entendeu bem sua situação – disse o homem da esquerda, tirando um maço de Gitanes do bolso de sua blusa de malha branca. – O senhor está sendo preso em flagrante, Sr. Case. As acusações têm a ver com conspiração para ampliar uma inteligência artificial. – Tirou um Dunhill ouro do mesmo bolso e o acomodou na palma da mão. – O homem que o senhor chama de Armitage já está em custódia.

– Corto?

Os olhos do homem se arregalaram. – Sim. Como o senhor sabia que o nome dele é esse? – Um milímetro de chama brotou do isqueiro.

– Esqueci – disse Case.

– Você vai lembrar – disse a garota.

Os nomes deles, ou nomes de trabalho, eram Michèle, Roland e Pierre. Pierre, deduziu Case, ia fazer o papel do tira mau; Roland ficaria do lado de Case, faria pequenas gentilezas – achou um maço fechado de Yeheyuans quando Case recusou um Gitane – e de modo geral faria o contraponto à hostilidade fria de Pierre. Michèle seria o Anjo Registrador, fazendo ajustes ocasionais na direção do interrogatório. Um deles, ou todos, ele tinha certeza, estaria grampeado para áudio, muito provavelmente para simstim, e tudo o que ele dissesse ou fizesse agora seria considerado como prova válida em tribunal. Prova, perguntou a si mesmo, ainda sentindo o efeito devastador da ressaca, de quê?

Sabendo que não conseguiria acompanhar o francês deles, falavam à vontade entre si. Ou assim pareciam. Ele conseguiu entender razoavelmente: nomes como Pauley, Armitage, Sense/Net, Panteras Modernos saltavam à superfície como icebergs de um mar animado de francês parisiense. Eles sempre se referiam a Molly como Kolodny.

– Você diz que foi contratado para executar uma incursão, Case – disse Roland, sua fala lenta planejada para transmitir um ar razoável – e que não estava ciente da natureza do alvo. Isso não costuma ser incomum no seu ofício? Depois de penetrar as defesas, você não seria incapaz de executar a operação necessária, nesse caso? E certamente uma operação de alguma espécie é necessária, sim? – Ele se inclinou para a frente, cotovelos fincados nos joelhos bronzeados artificialmente, palmas para cima para receber a explicação de Case. Michèle era o grampo, deduziu Case. Os olhos dela nunca o deixavam.

– Posso vestir uma roupa? – perguntou. Pierre insistira em tirar a roupa dele, e estava revistando os vincos de seus jeans. Agora estava sentado nu em uma banqueta de vime, com um pé obscenamente branco.

Roland perguntou alguma coisa a Pierre em francês. Pierre, novamente na janela, estava olhando por um par minúsculo e fino de binóculos. – *Non* – ele disse distraído, e Roland deu de ombros, levantando as sobrancelhas para Case. Case percebeu que era uma boa hora para sorrir. Roland retribuiu o sorriso.

É o golpezinho de merda mais antigo dos tiras, pensou Case. – Escuta – ele disse. – Eu não tô passando bem. Tomei uma droga vagabunda num bar, entende? Quero deitar. Vocês já me pegaram. Estão dizendo que pegaram o Armitage. Pegaram ele, perguntem pra ele. Eu sou só um assistente contratado.

Roland concordou com um aceno de cabeça. – E Kolodny?

– Ela estava com Armitage quando ele me contratou. É só pra dar porrada, é uma razorgirl. Até onde eu sei. E o que eu sei não é grande coisa.

– Você sabe que o nome verdadeiro de Armitage é Corto – disse Pierre, os olhos ainda ocultos pelas bordas de plástico macio dos binóculos. – Como é que você sabe disso, meu amigo?

– Acho que ele mencionou isso um dia – disse Case, lamentando o ato falho. – Todo mundo tem pelo menos dois nomes. O seu é Pierre?

– Nós sabemos que você foi consertado em Chiba – disse Michèle – e esse pode ter sido o primeiro erro de Wintermute. – Case olhou para ela com a cara mais neutra do mundo. Aquele nome não havia sido mencionado antes ali. – O processo empregado em você resultou em um pedido de sete patentes básicas pelo dono da clínica. Você sabe o que isso quer dizer?

– Não.

– Isso quer dizer que o dono de uma clínica negra em Chiba City hoje possui o controle acionário de três grandes consórcios de pesquisa médica. Isso inverte a ordem normal dos fatores, sabia? Isso atrai a atenção. – Ela cruzou os braços morenos contra os peitinhos altos e se recostou no almofadão estampado. Case ficou imaginando quantos anos ela teria. Diziam que os olhos sempre revelavam a idade de uma pessoa, mas ele nunca foi capaz de perceber isso. Julius Deane tinha os olhos de um garoto desinteressado de dez anos de idade por trás do quartzo rosa de seus óculos. Em Michèle, nada de velho a não ser os nós de seus

dedos. – Rastreamos vocês até o Sprawl, perdemos novamente, depois tornamos a encontrá-los quando estavam partindo para Istambul. Nós rastreamos vocês retroativamente, rastreamos vocês pela grade, determinamos que foram vocês os instigadores do tumulto na Sense/Net. A Sense/Net estava louca para colaborar. Rodaram um inventário para nós. Descobriram que o constructo de personalidade de ROM de McCoy Pauley estava faltando.

– Em Istambul – disse Roland, quase como que pedindo desculpas – foi muito fácil. A mulher havia alienado o contato de Armitage com a polícia secreta.

– E então vocês vieram para cá – disse Pierre, enfiando os binóculos no bolso dos shorts. – Ficamos muito felizes.

– Por que era uma chance de melhorar o bronzeado?

– Você entendeu o que queremos dizer – disse Michèle. – Se quiser fingir que não, estará apenas tornando as coisas mais difíceis para si mesmo. Ainda falta a questão da extradição. Você vai voltar conosco, Case, e Armitage também. Mas para onde exatamente vamos voltar? Para a Suíça, onde você será meramente um peão no julgamento de uma inteligência artificial? Ou para *Ie* BAMA, onde podemos provar que você participou não só de invasão de dados e furto, mas também de um ato de distúrbio público que custou quatorze vidas inocentes? A escolha é sua.

Case tirou um Yeheyuan de seu maço; Pierre o acendeu com o Dunhill. – Será que Armitage protegeria você? – A pergunta foi pontuada pelo barulho do maxilar brilhante do isqueiro se fechando.

Case olhou para ele através da dor e do amargo da betafenetilamina. – Quantos anos você tem, chefia?

– O bastante para saber que você está fodido, mal pago, que pra você acabou e que vai preso agora.

– Uma coisa – disse Case, e deu uma tragada no cigarro. Soprou a fumaça em cima do agente do Registro de Turing. – Vocês têm alguma jurisdição de verdade aqui? Quero dizer, vocês não deveriam estar com o pessoal da segurança de Freeside aqui? O território é deles, não é? – Ele viu os olhos escuros endurecerem no rosto esbelto de garotão e se tensionou para levar a porrada, mas Pierre apenas deu de ombros.

– Não faz diferença – disse Roland. – Você vem conosco. Situações de ambiguidade jurídica são nossa especialidade. Os tratados sob os quais nosso braço do Registro opera nos garantem muita flexibilidade. E nós *criamos* a flexibilidade, em situações onde ela é necessária. – A máscara de camaradagem havia caído, e, subitamente, os olhos de Roland ficaram tão duros quanto os de Pierre.

– Você é pior que uma besta – disse Michèle, levantando-se, a pistola na mão. – Você se importa com sua própria espécie. Por milhares de anos os homens sonharam em pactos com demônios. Só que agora essas coisas são possíveis. E o que é que vocês ganham em troca? Qual seria o seu preço, para ajudar essa coisa a se libertar e crescer? – Havia um cansaço experiente naquela voz jovem que nenhuma garota de dezenove anos poderia ter imitado. – Você vai se vestir agora. Junto com o homem que você chama de Armitage, vocês retornarão conosco para Genebra e testemunharão no julgamento dessa inteligência. Caso contrário, vamos matar você. Agora. – Ela levantou a pistola, uma Walther preta lisa com silenciador integral.

– Já estou me vestindo – ele disse, cambaleando na direção da cama. Suas pernas ainda estavam dormentes, desajeitadas. Ele lutou para vestir uma camiseta limpa.

– Estamos com uma nave esperando. Vamos apagar o constructo de Pauley com uma arma de pulso.

– A Sense/Net vai ficar puta – disse Case, pensando: junto com todas as provas no Hosaka.

– Eles já estão bem encrencados por terem tido a posse de uma coisa dessas.

Case enfiou a cabeça na camiseta. Viu o shuriken na cama, o metal sem vida, sua estrela. Procurou o ódio. Não estava mais lá. Estava na hora de ir embora, de deixar a coisa rolar... Pensou nos saquinhos de toxina. – Lá vem a carne – ele resmungou.

No elevador que levava para a campina, pensou em Molly. Ela já deveria estar em Straylight. Caçando Riviera. E provavelmente sendo caçada por Hideo, que era quase certamente o clone ninja da história do Finlandês, aquele que apareceu para recuperar a cabeça falante.

Descansou a testa no plástico preto fosco de um painel de parede e fechou os olhos. Os braços e as pernas pareciam feitos de madeira, madeira velha, cheia de farpas e pesada como se estivesse encharcada de chuva.

O almoço estava sendo servido embaixo das árvores, sob os guarda-sóis brilhantes. Roland e Michèle entraram em seus personagens, começando a conversar sem parar em francês. Pierre vinha atrás. Michèle mantinha o cano da pistola perto de suas costelas, ocultando a arma com uma jaqueta branca que levava no braço.

Atravessando a campina, costurando por entre as mesas e as árvores, ele ficou pensando se ela o mataria se desmaiasse agora. O campo periférico de sua visão fervilhava com borrões pretos. Levantou a cabeça e viu a faixa branca incandescente da estrutura Lado-Acheson e uma borboleta gigante flutuando graciosa contra o céu pré-gravado.

Nas margens da campina, chegaram à balaustrada que os protegia da encosta, flores silvestres dançando na corrente ascendente do desfiladeiro que era a Desiderata. Michèle jogou os cabelos curtos para o lado e apontou, dizendo alguma coisa em francês para Roland. Ela parecia realmente contente. Case seguiu a direção do gesto dela e viu a curva de lagos planos, o reluzir branco dos cassinos, retângulos turquesa de mil piscinas, o corpos de banhistas, minúsculos hieróglifos bronzeados, todos parados na serena aproximação da gravidade contra a curva infinita do casco de Freeside.

Eles seguiram até uma ponte de ferro ornamentada que fazia um arco sobre a Desiderata. Michèle o empurrou com o cano da Walther.

– Vai com calma, não tô nem conseguindo andar direito hoje.

Já tinham atravessado pouco mais de um quarto do caminho da ponte quando o microleve atacou, o motor elétrico silencioso até a hélice de fibra de carbono cortar fora o topo do crânio de Pierre.

Por um instante, eles ficaram na sombra do objeto; Case sentiu o borrifo de sangue quente na nuca e, em seguida, alguém caiu cambaleando em cima dele. Ele rolou para o lado, e viu Michèle deitada de costas, os joelhos para o alto, apontando a Walther com

as duas mãos. *Que desperdício de esforço*, pensou, com a estranha lucidez do estado de choque. Ela estava tentando derrubar o microleve.

E, em seguida, ele já estava correndo. Olhou para trás ao passar pela primeira árvore. Roland estava correndo atrás dele. Ele viu o biplano frágil bater no corrimão de ferro da ponte, ficar todo amassado, cair por cima da ponte, colher a garota em cheio e levá-la consigo lá para baixo, para a Desiderata.

Roland não havia olhado para trás. Seu rosto estava fixo, branco, os dentes arreganhados. Ele estava com alguma coisa na mão.

O robô de jardinagem pegou Roland quando ele passou pela mesma árvore. Caiu bem do alto, dos galhos podados, uma coisa parecida com um caranguejo, com listras diagonais pretas e amarelas.

– Você matou eles – Case disse sem fôlego, correndo. – Seu maluco filho da puta, você matou todos eles...

14

O trenzinho disparava por seu túnel a oitenta quilômetros por hora. Case manteve os olhos fechados. O banho havia ajudado, mas ele botou o café da manhã para fora ao olhar para baixo e ver o sangue de Pierre descer cor-de-rosa pelos azulejos brancos.

A gravidade caía à medida que o fuso ia ficando mais estreito. O estômago de Case dava voltas.

Aerol estava esperando com sua scooter ao lado da doca.

– Case, mon, big problem – a voz suave e leve nos seus fones de ouvido. Ele aumentou o controle de volume e olhou dentro da placa facial de Lexan do capacete de Aerol.

– A gente tem que ir pro *Garvey*, Aerol.

– Yo. Se amarra aí, mon. Mas o *Garvey* está cativo. Um iate veio antes, voltou. Agora está travado firme no *Marcus Garvey*.

– Turing? Vieram antes? – Case subiu no quadro da scooter e começou a amarrar os cintos.

– Iate japonês. Te trouxe um pacote...

Armitage.

Imagens confusas de vespas e aranhas surgiram na mente de Case quando eles avistaram o *Marcus Garvey*. O pequeno rebocador estava encaixadinho contra o tórax cinzento de uma nave esguia e insetoide cinco vezes maior. Os braços com ganchos se destacavam contra o casco do *Garvey* com a estranha claridade do vácuo e da luz do sol crua. Um corredor corrugado pálido se destacava para fora do iate fazendo uma curva, serpenteava para o lado para evitar os motores do rebocador, e cobria a escotilha de popa. Havia algo de obsceno nessa disposição, mas tinha mais a ver com ideias de alimentação do que de sexo.

– O que é que tá rolando com o Maelcum?

– Maelcum tá legal. Ninguém desce pelo tubo. Piloto do iate fala com ele, diz relax.

Quando passaram pela nave cinza, Case viu o nome HANIWA em letras brancas maiúsculas novas em folha sob um aglomerado oblongo de caracteres japoneses.

– Não tô gostando disso, cara. Eu estava achando que talvez já estivesse na hora de a gente puxar o carro daqui.

– Maelcum tá pensando exatamente a mesma coisa, mon, mas assim, desse jeito, o *Garvey* não vai longe não.

Maelcum estava murmurando um patoá acelerado no seu rádio quando Case apareceu pela escotilha dianteira e retirou o capacete.

– Aerol voltou pro *Rocker* – disse Case.

Maelcum concordou com a cabeça, ainda murmurando ao microfone.

Case tomou impulso, passando por cima do emaranhado flutuante de dreadlocks do piloto e começou a retirar seu traje. Os olhos de Maelcum estavam fechados agora; ele balançava a cabeça para a frente e para trás, ouvindo alguma resposta num par de fones de ouvido com espumas laranja brilhantes, a testa vincada de concentração. Ele vestia jeans esfarrapados e uma velha jaqueta de nylon verde com as mangas arrancadas. Case enfiou o traje Sanyo vermelho numa rede de armazenagem e tomou impulso até chegar à rede-G.

– Olha o que o fantasma diz, mon – disse Maelcum. – O computador não para de perguntar onde é que tu tá...

– Então quem está lá em cima naquele negócio?

– Um japaboy que veio antes. E agora o seu Mister Armitage se juntou a ele, vindo lá de Freeside...

Case colocou os trodos e se conectou.

– Dixie?

A matrix lhe mostrou as esferas cor-de-rosa do combinado de aço em Siquim.

– O que é que tu tá armando, rapaz? Tô ouvindo umas histórias de arrepiar. Agora o Hosaka está colado num banco de dados gêmeo na nave do teu chefe. O negócio tá fervendo. Os tiras de Turing caíram em cima?

– Foi, mas Wintermute matou todos.

– Bom, isso não vai segurar eles por muito tempo. De onde esses saíram têm muitos mais. Vão subir pra cá em bloco. Aposto que os decks deles estão caindo, matando neste setor da grade que nem moscas na merda. E o seu chefe, Case, está dando o sinal verde. Está dizendo para executar a incursão e executar agora.

Case digitou as coordenadas de Freeside.

– Deixa eu pegar isso um segundinho, Case... – a matriz ficou borrada e saiu de fase enquanto o Flatline executava uma intrincada série de saltos com uma velocidade e precisão que faziam Case estremecer de inveja.

– Porra, Dixie...

– Ô, garoto, eu era bom pra cacete quando era vivo. Você ainda não viu nada. Sem as mãos, olha!

– Então é isso? Aquele retângulo verde grande à esquerda?

– Isso mesmo. Dados de núcleo corporativo da Tessier-Ashpool S.A., e esse ICE é gerado por suas duas IAs amigáveis. E me parece que estão pau a pau com qualquer coisa no setor militar. É um ICE fodástico, Case, preto como um túmulo e liso feito vidro. Frita seu cérebro só de olhar pra você. Se a gente chegar um pouco mais perto agora, ele vai colocar rastreadores pelo nosso cu até sair pelas orelhas, vai contar aos caras do quadro de avisos da T-A o tamanho do seu sapato e quanto mede o seu pau.

– Isso não tá tão ruim assim, tá? Quero dizer, os Turings estão nessa. Eu estava pensando que talvez a gente pudesse tentar dar o fora. Eu posso te levar.

– É mesmo? Tá de sacanagem? Não quer ver o que aquele programa chinês pode fazer?

– Bom, eu... – Case ficou olhando as paredes verdes do ICE da T-A. – Ah, que se foda. Tá. Vamos entrar.

– Enfia no slot.

– Ô, Maelcum – disse Case, se desconectando. – Eu provavelmente vou ficar nos trodos por umas oito horas direto. – Maelcum estava fumando novamente. A cabine estava mergulhada em fumaça. – Então, não vou poder ir ao...

– Sem problema, mon. – O zionita executou uma cambalhota para o alto e para a frente e foi mexer no conteúdo de uma sacola de malha com zíper, puxando lá de dentro um fio enrolado de tubo

transparente e outra coisa junto, uma coisa selada em plástico-bolha esterilizado.

Ele chamou aquilo de cateter texano, e Case não gostou nem um pouco.

Enfiou o vírus chinês no slot, fez uma pausa, e enfiou tudo até o final.

– Ok – ele disse. – Estamos dentro. Escuta, Maelcum, se a coisa ficar esquisita, pode agarrar meu pulso esquerdo. Eu vou sentir. Senão, acho que você deve fazer o que o Hosaka te disser pra fazer, tudo bem?

– Claro, mon – Maelcum acendeu uma bagana novinha.

– E ligue o filtro de reciclagem de ar. Não quero essa merda mexendo com meus neurotransmissores. Já estou com uma ressaca legal e não quero ficar pior.

Maelcum deu um sorriso irônico.

Case voltou a se conectar.

– Caceta – disse o Flatline. – Dá só uma olhada nisto aqui.

O vírus chinês estava se desdobrando na frente deles. Uma sombra de policromo, incontáveis camadas translúcidas se deslocando e recombinando. Mutante, gigante, ela se erguia à frente deles, bloqueando o vácuo.

– Mamãe do céu – disse o Flatline.

– Vou checar a Molly – disse Case, ativando a chave do simstim.

Queda livre. A sensação era igual a de mergulhar numa água perfeitamente transparente. Ela estava caindo-subindo por um tubo largo de concreto lunar estreito, iluminado a intervalos de dois metros por anéis de neon branco.

O link era de mão única. Ele não podia falar com ela.

Flipou.

– Cara, esse software é muito filho da puta. A coisa mais sensacional desde que inventaram o pão de fôrma fatiado. Esse negócio é *invisível*, porra. Acabei de alugar vinte segundos naquela caixinha rosa, faltando quatro saltos para chegar no ICE da T-A; dei uma olhada em como é que eles veem a gente. Não veem. A gente não está lá.

Case vasculhou a matrix ao redor do ICE da Tessier-Ashpool até encontrar a estrutura cor-de-rosa, uma unidade comercial padrão, e digitou as linhas de código para chegar mais perto. – Pode estar com defeito.

– Talvez, mas duvido. Mas o nosso bebê é militar. E novinho. Ele simplesmente não registra. Se registrasse, nós seríamos lidos como uma espécie de ataque furtivo chinês, mas ninguém mexeu com a gente até agora. Acho que nem sequer o pessoal da Straylight.

Case ficou olhando a parede em branco que bloqueava Straylight. – Bom – ele disse. – isso é uma vantagem, não é?

– Talvez. – O constructo se aproximou de uma gargalhada. Case estremeceu com a sensação. – Dei uma checada no Kuang Onze véio de guerra mais uma vez pra você, garoto. Até que ele é amigável mesmo, desde que você esteja do lado de quem puxa o gatilho, ele é educadinho e dá a maior ajuda. E também fala inglês direitinho. Você já tinha ouvido falar em vírus lentos?

– Não.

– Eu já, uma vez. Naquela época era só uma ideia. Mas é isso que o velho Kuang é. Não é só perfurar e injetar; é mais parecido com o que a gente faz quando interfaceia com um ICE, só que é tão lento que o ICE nem sente. A face da lógica do Kuang meio que vai se arrastando devagar até o alvo e sofre uma mutação, para ficar exatamente igual ao material do ICE. Então, a gente trava nele e os programas principais cortam, começam a falar em círculos ao redor da lógica do ICE. A gente dá uma de gêmeos siameses pra cima deles antes mesmo que eles comecem a ficar bolados. – O Flatline riu.

– Você podia estar menos animadinho hoje, cara. Essa tua risada me dá arrepios na espinha.

– Que pena – disse o Flatline. – Um morto também precisa dar suas risadas. – Case deu um tapa na chave do simstim.

E se estabacou em cima de um emaranhado de metal e cheiro de pó; as palmas das mãos escorregavam em cima de papel couché. Alguma coisa atrás dele desabou com um estrondo.

– Qual é – disse o Finlandês. – Relaxa um pouco.

Case estava caído, esparramado em cima de uma pilha de revistas amareladas, as garotas brilhando para ele na luz fraca do Metro Holografix, uma galáxia sedutora de dentes brancos doces. Ele ficou deitado ali até o coração bater mais devagar, respirando o cheiro de revistas velhas.

– Wintermute – ele disse.

– Isso – disse o Finlandês, em algum lugar atrás dele. – Você descobriu.

– Vá se foder – disse Case, esfregando os pulsos.

– *Qual é* – disse o Finlandês, saindo de uma espécie de alcova na parede de ferro-velho. – Desse jeito é melhor pra você, cara. – Ele tirou seu Partagas de um bolso do paletó e acendeu um cigarro. O cheiro do tabaco cubano invadiu a oficina. – Quer que eu apareça pra você na matrix como uma sarça ardente? Você não está perdendo nada não estando lá. Uma hora aqui só vai durar uns dois segundos pra você.

– Você acha que me deixa nervoso você aparecer igual a pessoas que conheço? – Ele se levantou, espanando poeira branca da frente do seu jeans preto. Ele se virou, olhando de volta para as vitrines empoeiradas das lojas, a porta da rua fechada. – O que há lá fora? Nova York? Ou a coisa simplesmente para?

– Bom – disse o Finlandês –, é como aquela história da árvore, sabe? Cai na floresta mas talvez não haja ninguém para ouvi-la. – Ele mostrou para Case seus dentões amarelos e soltou uma baforada do cigarro. – Você pode sair para dar uma volta, se quiser. Está tudo lá. Ou pelo menos todas as partes que você já viu. Isto é memória, certo? Eu acesso você, digamos assim, e te dou um feedback.

– Eu não tenho uma memória tão boa assim – disse Case, olhando em volta. Ele olhou para baixo, para suas mãos, virando-as. Tentou se lembrar de como eram as linhas das palmas de suas mãos, mas não conseguiu.

– Todo mundo tem – disse o Finlandês, deixando o cigarro cair e esmagando-o com o sapato –, mas poucos de vocês conseguem acessá-la. Artistas, de modo geral, conseguem, se forem bons de verdade. Se pudesse sobrepor este constructo como uma camada sobre a realidade, o cafofo do Finlandês na baixa Manhattan, você

veria uma diferença, mas talvez não tão grande quanto imagina. A memória é holográfica para vocês. – O Finlandês deu um puxão numa de suas orelhas pequenas. – Eu sou diferente.

– Como assim, holográfica? – a palavra o fez pensar em Riviera.

– O paradigma holográfico é a coisa mais próxima que já se conseguiu formar de uma representação da memória humana, só isso. Mas vocês nunca fizeram nada parecido com isto. Pessoas, eu quero dizer. – O Finlandês deu um passo à frente e inclinou seu crânio estilizado para olhar melhor para Case. – Talvez, se vocês tivessem feito isso, eu não estaria acontecendo.

– O que é que isso quer dizer?

O Finlandês deu de ombros. Seu paletó esfarrapado de tweed era muito largo sobre os ombros, e não lhe caía muito bem. – Eu estou tentando ajudar você, Case.

– Por quê?

– Porque preciso de você. – Os dentões amarelados voltaram a aparecer. – E porque você precisa de mim.

– Mentira. Você consegue ler a minha mente, Finlandês? – Ele deu um risinho irônico. – Ou melhor dizendo, Wintermute?

– Mentes não se *leem*. Sabe, você ainda tem os paradigmas que a mídia impressa lhe deu, e olhe que é praticamente analfabeto. Eu posso *acessar* a sua memória, mas não é a mesma coisa que sua mente. – Ele estendeu a mão para tocar o chassi de uma televisão antiga e tirou de dentro um tubo de imagem preto e prata. – Está vendo isto aqui? É parte de meu DNA, de certa forma... – Jogou a coisa nas sombras e Case ouviu o tubo estalar e quebrar. – Vocês estão sempre construindo modelos. Círculos de pedra. Catedrais. Órgãos de tubos. Máquinas de somar. Eu não tenho ideia de por que estou aqui agora, você sabia disso? Mas se a incursão for executada esta noite, você finalmente terá conseguido a coisa de verdade.

– Não faço ideia do que você está falando.

– Quando eu digo você, quero dizer “vocês”, o coletivo. Sua espécie.

– Você matou aqueles Turings.

O Finlandês deu de ombros. – Precisei. Precisei. Você devia agradecer; eles teriam apagado você sem pensar duas vezes. De

qualquer maneira, por que eu trouxe você até aqui? Precisamos conversar mais. Lembra disto? – E sua mão direita segurava o ninho de vespas esturricado do sonho de Case, o fedor de combustível no espaço apertado da oficina escura. Case cambaleou para trás e bateu numa parede de ferro-velho. – É. Era eu. Fiz aquilo com a gambiarra holográfica da janela. Outra memória que coletei de você quando te dei um flatline da primeira vez. Sabe por que isso é importante?

Case balançou a cabeça em negativa.

– Porque – e o ninho, de algum modo, havia desaparecido – é a coisa mais próxima que você tem do que a Tessier-Ashpool gostaria de ser. O equivalente humano. A Straylight é parecida com esse ninho, ou pelo menos devia funcionar daquele jeito. Acho que isso vai fazer você se sentir melhor.

– Me sentir melhor?

– Saber como eles são. Você estava começando a me odiar por um momento ali. Isso é bom. Mas odeie eles em vez de mim. A diferença é a mesma.

– Escuta – disse Case, dando um passo adiante –, eles nunca me fizeram merda nenhuma. Com você é diferente... – Mas ele não conseguia sentir ódio.

– Então, a T-A me criou. A garota francesa disse que você estava vendendo a espécie. Ela disse que eu era um demônio. – O Finlandês sorriu. – Não faz muita diferença. Você precisa odiar alguém antes que isto acabe. – Ele se virou e se dirigiu para os fundos da oficina. – Bom, vamos lá, vou te mostrar um pouco da Straylight já que está aqui. – Levantou o canto do cobertor. Uma luz branca passou pela abertura. – Que merda, cara, não fique aí parado.

Case o seguiu, esfregando o rosto.

– Ok – disse o Finlandês, pegando-o pelo braço.

Eles passaram pela lã molhada em uma nuvem de pó, entrando em queda livre em um corredor cilíndrico de concreto lunar estreito, iluminado a intervalos de dois metros por anéis de neon branco.

– Jesus – disse Case, caindo.

– Esta é a entrada da frente – disse o Finlandês, as lapelas do paletó voando ao vento. – Se isto aqui não fosse um constructo

meu, o local da oficina seria o portão principal, subindo o eixo de Freeside. Mas os detalhes não estão muito bem definidos, porque você não tem as memórias. A não ser por este trecho aqui, onde você saiu da Molly...

Case conseguiu se endireitar, mas começou a descer numa longa espiral num movimento de saca-rolhas.

– Espere um pouco – disse o Finlandês. – Vou dar um fast-forward.

As paredes ficaram borradas. Uma sensação estonteante de movimento de cabeça para baixo, cores, dobrando esquinas muito rápido e passando por corredores estreitos. Em um ponto determinado, ele sentiu como se estivesse passando por vários metros de parede sólida, um flash de escuridão profunda.

– Pronto – disse o Finlandês. – Chegamos.

Eles estavam flutuando no centro de um aposento perfeitamente quadrado, as paredes e o teto revestidos por seções retangulares de madeira escura. O piso era coberto por um único quadrado de carpete brilhante com padrões que lembravam um microchip, circuitos traçados em lã azul e escarlate. No centro exato do quarto, alinhados precisamente com o padrão do carpete, estava um pedestal quadrado de vidro branco translúcido.

– A Villa Straylight – disse uma coisa cheia de joias sobre o pedestal, numa voz musical – é um corpo que cresceu sobre si mesmo, uma loucura gótica. Cada espaço na Villa Straylight é, de algum modo secreto, essa série infinita de câmaras ligadas por passagens, por escadarias abauladas como intestinos, onde o olho é capturado em curvas estreitas, aprisionado por telas ornamentadas, alcovas vazias...

– É um ensaio de 3Jane – disse o Finlandês, tirando um Partagas do bolso. – Escreveu aos doze anos. Curso de Semiótica.

– Os arquitetos de Freeside tiveram um excruciante trabalho para ocultar o fato de que o interior do fuso é disposto com a precisão banal da mobília num quarto de hotel. Na Straylight, a superfície interna do casco é uma proliferação desesperada de estruturas supercrescidas, formas fluidas, entrecruzando-se, erguendo-se na direção de um núcleo sólido de microcircuitos, o coração corporativo de nosso clã, um cilindro de silício todo perfurado por estreitos

túneis de manutenção como buracos de minhoca, alguns menores que a mão de um homem. Os caranguejos brilhantes se enterram neles, os robôs em alerta para decomposição micromecânica ou sabotagem.

– Foi ela que você viu no restaurante – disse o Finlandês.

– Pelos padrões do arquipélago – continuou a cabeça – nossa família é antiga, e as convoluções de nosso lar refletem essa idade. Mas refletem mais alguma coisa também. A semiótica da Villa trai um voltar-se para dentro, uma negação do vácuo brilhante além do casco.

– Tessier e Ashpool subiram o poço gravitacional para descobrir que detestavam o espaço. Construíram Freeside para sugar a riqueza das novas ilhas, ficaram ricos e excêntricos, e começaram a construção de um corpo estendido em Straylight. Nós nos isolamos por trás de nosso dinheiro, crescendo para dentro, gerando um universo impecável do self.

– A Villa Straylight não conhece o céu, seja pré-gravado ou não.

– No núcleo de silício da Villa há um pequeno aposento, a única câmara retilínea do complexo. Ali, sobre um pedestal simples de vidro, repousa um busto ornamentado de platina e cloasonado, cravejado de lazurita e pérolas. As bolinhas de gude brilhantes de seus olhos foram cortadas da janela panorâmica de rubi da nave que trouxe o primeiro Tessier poço acima, e voltou para apanhar o primeiro Ashpool...

A cabeça se calou.

– E aí? – perguntou Case, finalmente, quase esperando que a coisa lhe respondesse.

– Isso foi tudo o que ela escreveu – disse o Finlandês. – Não terminou. Era só uma menina na época. Esta coisa é meio que um terminal de cerimonial. Preciso de Molly aqui dentro com a palavra certa na hora certa. Esta é a questão. Não quer dizer merda nenhuma o nível de profundidade a que você e o Flatline chegarem com esse vírus chinês se esse negócio não ouvir a palavra mágica.

– E qual é a palavra?

– Não sei. Pode-se dizer que o que eu sou é basicamente definido pelo fato de que não sei, porque *não posso* saber. Eu sou aquele que não pode saber a palavra. Se você soubesse, cara, e me

contasse, eu *não conseguiria entender*. Isso está implantado dentro de mim. Alguém precisa aprender essa palavra e trazê-la para cá, no momento em que você e o Flatline penetrarem naquele ICE e embaralharem os núcleos.

– E o que é que vai acontecer então?

– Depois disso eu não existo. Eu deixo de existir.

– Por mim tudo bem – disse Case.

– Claro. Mas vê se te cuida, Case. Meu, ahn, outro *Lobo* está em cima de nós, ao que parece. Uma sarça ardente é igual a qualquer outra. E Armitage está começando a ir.

– Como assim?

Mas o quarto revestido se dobrou para dentro de si por uma dezena de ângulos impossíveis, caindo para dentro do ciberespaço como um grou de origami.

15

– Tá tentando bater meu recorde, filho? – perguntou o Flatline. – Você voltou a ficar com morte cerebral, cinco segundos.

– Se segura – disse Case, e acionou a chave do simstim.

Ela estava agachada na escuridão, as palmas das mãos coladas no concreto áspero.

CASE CASE CASE CASE. O display digital pulsava seu nome em alfanuméricos. Era Wintermute informando-a do link.

– Que bonitinho – ela disse. Continuou agachada, balançando nos calcanhares, e esfregou as mãos, estalando os dedos. – Por que é que você demorou?

TEMPO MOLLY TEMPO AGORA.

Ela passou a língua com força pelos dentes inferiores da frente. Um deles se mexeu ligeiramente, ativando seus amplificadores de microcanal; a movimentação randômica de fótons na escuridão foi convertida em um pulso de elétrons, o concreto ao seu redor surgindo com uma palidez fantasma e granulada. – Ok, meu amor. Agora a gente vai começar a brincadeira.

Case percebeu que o seu esconderijo era uma espécie de túnel de manutenção. Ela se arrastou para fora e saiu por uma grade ornamentada de bronze envelhecido com dobradiças. Ele viu o suficiente dos braços e pernas dela para saber que estava usando novamente o traje de policarbono. Sob o plástico, ele sentiu a tensão familiar do couro fino e justo. Havia alguma coisa presa embaixo do braço dela numa faixa ou coldre. Ela se levantou, abriu o zíper e tocou o plástico axadrezado do cabo de uma pistola.

– Ei, Case – ela disse, mal pronunciando as palavras. – Está escutando? Vou te contar uma história... – Ela se virou e inspecionou o corredor. – O nome dele era Johnny.

O corredor de teto baixo e abaulado estava cheio de fileiras de dezenas de caixas de museu, caixas de aspecto arcaico com vitrines de vidro e madeira castanha. Ali, eles pareciam deslocados,

como se tivessem sido trazidos e enfileirados para algum propósito esquecido. Suportes de bronze fosco seguravam globos de luz branca a intervalos de dez metros. O piso era irregular e, quando ela atravessou o corredor, Case percebeu que centenas de tapetinhos e carpetes haviam sido colocados ali de modo aleatório. Em alguns lugares, eles tinham dez centímetros de espessura, e o chão era um patchwork suave de lã tecida à mão.

Molly não prestou muita atenção aos gabinetes e seus conteúdos, o que o irritou. Ele teve de se satisfazer com os olhares desinteressados que ela dava de relance, que lhe davam fragmentos de cerâmica, armas antigas, uma coisa cravejada com tantos pregos que era irreconhecível, trechos esfiapados de tapeçaria...

– Sabe, meu Johnny era um garoto muito inteligente, supersacado. Começou como armazenador em Memory Lane, tinha chips na cabeça e as pessoas pagavam para esconder dados ali. A Yak estava atrás dele na noite em que a gente se conheceu, e eu matei o assassino deles. Foi mais sorte do que qualquer coisa, mas fiz aquilo por ele. E, depois disso, as coisas foram muito bonitas, Case. – Os lábios dela quase não se moviam. Ele a sentia formar as palavras; não a ouvia formá-las em voz alta. – Nós tínhamos um esquema com um SQUID, para podermos ler os vestígios de tudo o que ele já havia armazenado na vida. Salvamos tudo aquilo em fita e começamos a espremer clientes selecionados, ex-clientes. Eu cuidava da bagagem, da vigilância e da porrada. Eu era feliz de verdade. Você já foi feliz, Case? Ele era o meu cara. A gente trabalhava junto. Parceiros. Acho que eu estava há oito semanas fora da casa de bonecas quando o conheci... – Ela fez uma pausa, fez uma curva fechada e continuou. Mais caixas de madeira brilhosa, suas laterais de uma cor que o fazia se lembrar de asas de barata.

– Era doce, lindo, com a gente tudo corria macio. Como se ninguém pudesse colocar as mãos em nós. Eu não ia deixar ninguém fazer isso. A Yakuza, acho, eles ainda queriam comer o rabo do Johnny. Porque eu havia matado o homem deles. Porque o Johnny havia queimado eles. E a Yak pode se dar ao luxo de se movimentar muito devagar, cara, eles esperam anos e anos. Te dão

uma vida inteira, só para você ter mais a perder quando eles vierem e tirarem essa vida. Pacientes como aranhas. Aranhas zen.

– Naquela época, não sabia disso. Ou, se sabia, achava que não se aplicava a nós. Como quando você é jovem, e acha que é especial. Eu era jovem. Então, eles apareceram, quando estávamos pensando que talvez tivéssemos o suficiente para pular fora, fazer as malas, ir para a Europa, talvez. Não que nenhum de nós soubesse o que ia fazer lá, sem nada pra fazer. Mas a gente estava vivendo muito bem, com contas orbitais suíças e um baú cheio de brinquedos e móveis. Isso faz você ficar mais lento no jogo.

– Então, o primeiro que eles mandaram, era um cara foda. Tinha reflexos como você nunca viu, implantes, tinha mais estilo que dez caras comuns juntos. Mas o segundo, era, sei lá, tipo assim um *monge*. Clonado. Matador de pedra em cada célula do corpo. Ele tinha isso nele, a morte, esse silêncio, ele exalava isso como uma nuvem... – A voz dela desapareceu quando o corredor se dividiu, escadarias idênticas descendo. Ela pegou a da esquerda.

– Uma vez, quando era menina, a gente morava numa ocupação, num squat. Era lá no rio Hudson, e aqueles ratos, cara, eles eram grandes. São os produtos químicos despejados por lá. Eram do meu tamanho, e a noite toda um deles tinha ficado andando pra lá e pra cá debaixo do piso do squat. Por volta do amanhecer, alguém trouxe um velho, com o rosto todo marcado e os olhos bem vermelhos. Ele levava um rolo de couro todo engraxado para guardar ferramentas dentro, para evitar que elas enferrujassem. Abriu o rolo e tinha um revólver velho e três cápsulas. O velho colocou uma bala na arma, aí começou a subir e descer pelo squat, e a gente colado na parede.

– Andando prum lado e pro outro. Cruzou os braços, abaixou a cabeça, parecia que tinha esquecido da arma. Estava procurando ouvir o rato. A gente ficou muito quieto. O velho dá um passo. O rato se move. O rato se move, ele dá outro passo. Uma hora fazendo isso e, de repente, parece que ele lembrou da arma. Aponta ela para o chão, dá um sorriso e puxa o gatilho. Guardou tudo e foi embora.

– Mais tarde, eu me esgueirei lá pra baixo. O rato tinha um buracão no meio dos olhos. – Ela estava vigiando os corredores selados que se abriam a intervalos ao longo do corredor. – O

segundo, o que veio pra pegar o Johnny, era tipo esse velho. Não era velho, mas era desse jeito. Era desse jeito que ele matava. – O corredor se ampliou. O mar de tapetes ricos ondulava suavemente sob um candelabro enorme, cujo pingente de cristal mais baixo quase tocava o piso. Cristais tilintaram quando Molly entrou no hall. TERCEIRA PORTA ESQUERDA, piscou o display.

Ela virou à esquerda, evitando a árvore invertida de cristal. – Eu o vi apenas uma vez. Quando estava a caminho do nosso cafofo. Ele estava saindo. Nós vivíamos num espaço de fábrica convertido, com muito pessoalzinho novo saído da Sense/Net, tipo assim. A segurança era muito boa, pra começo de conversa, e eu havia instalado umas coisas bem fodaças pra terminar de isolar tudo. Eu sabia que Johnny estava lá em cima. Mas aquele cara baixinho chamou minha atenção quando saiu. Não disse uma palavra. A gente apenas olhou um para o outro e eu soube. Um cara baixinho comum, roupas comuns, nenhum orgulho, humilde. Ele olhou pra mim e entrou num bicitáxi. Eu soube. Subi e Johnny estava sentado numa cadeira ao lado da janela, com a boca ligeiramente aberta, como se tivesse acabado de pensar em dizer alguma coisa.

A porta à frente dela era velha, uma placa esculpida de teca tailandesa que parecia ter sido serrada ao meio para caber na abertura baixa da porta. Uma fechadura mecânica primitiva com um rosto de aço inoxidável havia sido instalada sob um dragão cheio de curvas. Ela se ajoelhou, retirou um rolinho de chamois preto de um bolso interno e selecionou um palito da espessura de uma agulha. – Depois disso não encontrei mais ninguém que valesse a pena.

Ela enfiou o palito e trabalhou em silêncio, mordiscando o lábio inferior. Parecia confiar somente no toque; seus olhos perderam o foco e a porta era um borrão de madeira clara. Case ficou ouvindo o silêncio do hall, pontuado pelo tilintar suave do candelabro. Velas? Straylight era toda errada. Ele se lembrou da história que Cath havia contado sobre um castelo com lagos e lilases, e as palavras educadas de 3Jane recitadas musicalmente pela cabeça. Um lugar que cresceu por dentro. Straylight tinha um cheiro suave de bolor, ligeiramente perfumado, como uma igreja. Onde estavam os Tessier-Ashpools? Ele havia esperado uma colmeia *clean*, de atividade disciplinada, mas Molly não vira nada disso. O monólogo

dela o deixou pouco à vontade. Além da história que contara no cubículo, quase nunca dizia algo que sequer indicasse que tinha um passado.

Ela fechou os olhos e algo fez clic, que Case mais sentiu do que ouviu. Isso fez com que ele se lembrasse das travas magnéticas da porta do cubículo dela no lugar das bonecas. A porta havia se aberto para ele, embora tivesse usado o chip errado. Aquilo tinha sido obra de Wintermute, manipular a trava da mesma maneira que havia manipulado o microleve automático e o jardineiro-robô. O sistema de travas na casa de bonecas era uma subunidade do sistema de segurança de Freeside. A trava mecânica simples ali seria um verdadeiro desafio para a IA, o que exigiria um robô ou alguma espécie de agente humano.

Ela abriu os olhos, colocou o palito de volta ao chamois, voltou a enrolá-lo com cuidado e enfiou de novo no bolso. – Acho que é tipo assim quem você é – ela disse. – Acho que você nasceu para fazer incursões. Acho que aquilo que você estava fazendo em Chiba era uma versão resumida do que costuma fazer em qualquer lugar. Azar; eu mesma faço isso de vez em quando, faz você voltar ao básico. – Ela se levantou, se espreguiçou, se sacudiu. – Sabe, acho que o cara que a Tessier-Ashpool mandou atrás daquele Jimmy, o garoto que roubou a cabeça, deve ter sido praticamente o mesmo que a Yak mandou para matar Johnny. – Ela sacou a pistola de dardos do coldre e discou o cano para full auto.

A feiura da porta atingiu Case quando ela estendeu a mão para abri-la. Não a porta propriamente dita, que era linda, ou que um dia havia sido parte de um todo mais bonito, mas a maneira como havia sido cortada para caber numa entrada em particular. Até mesmo o formato estava errado, um retângulo no meio de curvas suaves de concreto polido. Eles haviam importado aquelas coisas, pensou ele, e depois forçaram tudo a caber ali. Mas nada daquilo cabia. A porta parecia aquele gabinete bizarro, a imensa árvore de cristal. Então, ele se lembrou do ensaio de 3Jane, e imaginou que os encaixes haviam sido levados poço acima para dar vida a algum plano-mestre, um sonho há muito perdido no esforço compulsivo para preencher o espaço, para replicar alguma imagem familiar do seu

eu. Lembrou-se do ninho destruído, das coisas sem olhos se contorcendo...

Molly pegou uma das patas dianteiras do dragão e a porta abriu fácil.

A sala, atrás da porta, era pequena, atulhada de coisas, pouco mais que um closet. Gabinetes de ferramentas de aço cinza encostados numa parede curva. Uma luminária havia se acendido automaticamente. Ela fechou a porta atrás de si e foi até os armários com gavetas.

TERCEIRA ESQUERDA, pulsava o chip óptico, Wintermute assumindo o controle de seu display de relógio. CINCO PARA BAIXO. Mas ela abriu a gaveta de cima primeiro. Não era mais que uma bandeja rasa. Vazia. A segunda também estava vazia. A terceira, que era mais funda, continha bolinhas foscas de solda e uma coisinha marrom que parecia um osso de dedo humano. A quarta gaveta continha um exemplar todo inchado de umidade de um manual técnico obsoleto em francês e japonês. Na quinta, atrás da manopla armada de um traje de vácuo pesado, ela encontrou a chave. Era parecida com uma moeda de bronze fosca com um tubinho oco colado numa parte da circunferência. Ela a girou lentamente na mão e Case viu que o interior do tubo era cheio de depressões e triângulos. As letras CHUBB estavam moldadas numa das faces da moeda. A outra não tinha nada.

– Ele me disse – ela sussurrou – Wintermute. Sobre como ele brincou de esperar por anos. Ele não tinha nenhum poder de verdade na época, mas podia usar a segurança da Villa e seus sistemas de custódia para rastrear onde todo mundo estava, como as coisas se moviam, para onde iam. Ele viu alguém perder esta chave há vinte anos, e conseguiu fazer com que outra pessoa a deixasse aqui. Então ele o matou, matou o garoto que trouxe a chave para cá. Ele tinha oito anos. – Ela fechou os dedos brancos sobre a chave. – Para que ninguém a encontrasse. – Ela tirou um fio de nylon preto do bolso-canguru e o amarrou no furinho redondo acima da palavra CHUBB. Deu um nó e pendurou a chave no pescoço. – Eles estavam sempre enchendo o saco dele com essas histórias de como eram à moda antiga, ele disse, toda essa tralha do século dezenove. Ele parecia igualzinho ao Finlandês, na tela

daquele muquifo de bonecas de carne. Quase achei que fosse *mesmo* o Finlandês, se não tivesse tomado cuidado. – Seu display mostrava agora a hora, alfanuméricos sobrepostos sobre os armários de aço cinza. – Ele disse que se eles tivessem se tornado o que desejavam ter sido no começo, poderia ter escapado há muito tempo. Mas não aconteceu. Eles foderam tudo. Freaks como 3Jane. Foi ele quem a chamou disso, mas disse como se gostasse dela.

Ela se virou, abriu a porta e saiu, a mão roçando o cabo marcado da pistola de dardos.

Case flipou.

O Kuang Onze estava crescendo.

– Dixie, você acha que esse negócio vai funcionar?

– Macaco gosta de banana? – o Flatline os fez passar por camadas de arco-íris de deslocamento.

Alguma coisa escura estava se formando no núcleo do programa chinês. A densidade de informações sobrepujava o tecido da matrix, disparando imagens hipnagógicas. Tênues ângulos caleidoscópicos centravam-se num ponto focal preto e prata. Case viu símbolos infantis de mal e de azar caírem rolando ao longo de planos translúcidos: suásticas, caveiras e ossos cruzados, dados com olhos de serpente piscando. Se ele olhasse diretamente para aquele ponto nulo, nenhum contorno se formaria. Ele precisou de uma dezena de olhadas periféricas rápidas antes de descobrir o que era: uma espécie de tubarão, reluzindo como obsidiana, os espelhos negros de seus flancos refletindo luzes distantes, fracas, que não tinham nenhuma relação com a matrix ao redor.

– Este é o ponto exato – disse o constructo. – Quando o Kuang estiver cravado e apertadinho dentro do núcleo Tessier-Ashpool, vamos cavalgar essa até o final.

– Você tinha razão, Dix. Existe um tipo de controle manual do hardwiring que mantém o Wintermute controlado. Seja lá o quanto ele estiver controlado – ele acrescentou.

– Ele – disse o constructo. – Ele. Cuidado com isso. É uma *coisa*. Eu tenho que ficar repetindo?

– É um código. Uma palavra – ele disse. – Alguém precisa pronunciá-la em um terminal elaborado num quarto determinado,

enquanto cuidamos do que quer que esteja esperando por nós por trás desse ICE.

– Bom, você tem tempo pra matar, garoto – disse o Flatline. – O Kuang véio de guerra é lento, mas confiável.

Case se desconectou.

Direto nos olhos de Maelcum.

– Tu tava morto aí, mon.

– Acontece – ele disse. – Já estou ficando acostumado.

– Tu tá brincando com as trevas, mon.

– É o único jogo da cidade, ao que parece.

– Jah love, Case – disse Maelcum, e voltou ao seu módulo de rádio. Case ficou olhando os dreadlocks embaraçados, os músculos encordoados nos braços negros do homem.

Voltou a se conectar.

E flipou.

Molly estava correndo por um corredor que poderia ter sido aquele que percorrera antes. As caixas, com vitrines de vidro, haviam desaparecido, e Case deduziu que eles estavam seguindo em frente, na direção da ponta do fuso; a gravidade estava ficando mais fraca. Num instante ela estava pulando suavemente sobre colinas de tapetes. A perna dava umas fisgadas de leve...

O corredor ficava cada vez mais estreito, curvado, e se dividiu.

Ela tomou o caminho da direita e começou a subir um lance de escadas incrivelmente íngreme, a perna já começando a doer. No alto, cabos amarrados em maços abraçavam o teto da escadaria como gânglios com códigos de coes. As paredes tinham manchas de bolor.

Ela chegou a um patamar triangular e parou para massagear a perna. Mais corredores, estreitos, as paredes com tapetes pendurados. Eles se dividiam em três direções.

ESQUERDA.

Ela deu de ombros. – Deixa eu dar uma olhada ao redor, ok?

ESQUERDA.

– Relaxa. Tem tempo. – Ela começou a descer o corredor que levava para sua direita.

PARE.

VOLTE.
PERIGO.

Ela hesitou. Da porta de carvalho entreaberta no final da passagem veio uma voz, alta e arrastada, como a voz de um bêbado. Case achou que o idioma podia ser francês, mas estava indistinto demais. Molly deu um passo, outro passo, enfiando devagar a mão dentro do traje para tocar o cabo da pistola de dardos. Quando ela entrou no campo do disruptor neural, suas orelhas zumbiram, um tom pequeno que começava a subir e que fez Case pensar no som da pistola dela. Ela avançou cambaleante, os músculos estriados agora sem rigidez alguma, e bateu com a testa na porta. Sofreu um espasmo e caiu de costas, os olhos sem foco, sem respirar.

– O que é isso? – perguntou a voz arrastada – Vestido de baile? – Uma mão trêmula entrou na frente do traje dela e encontrou a pistola de dardos, puxando-a para fora. – Venha me fazer uma visita, criança. Agora.

Ela se levantou devagar, os olhos fixos no cano de uma pistola automática preta. Mas, agora, a mão do homem estava suficientemente firme; o cano da arma parecia estar ligado à sua garganta por um rígido fio invisível.

Ele era velho, muito alto, e seus traços lembraram a Case da garota que ele havia visto de relance no Vingtième Siècle. Ele vestia um robe pesado de seda marrom, com os punhos compridos axadrezados e um colarinho de tecido atoalhado. Um dos pés estava descalço, e o outro calçava um chinelo de veludo preto com uma cabeça de raposa dourada bordada na palmilha. Ele fez um gesto para que ela entrasse no aposento. – Devagar, querida. – O quarto era muito grande, atulhado com um sortimento de coisas que não faziam sentido para Case. Ele viu um grande rack de aço cinza com monitores Sony antigos, uma cama imensa de bronze com peles de carneiro empilhadas em cima e travesseiros que pareciam ter sido feitos do mesmo tipo de tapete usado para cobrir o piso dos corredores. Os olhos de Molly foram rápidos de um enorme console de entretenimento Telefunken até prateleiras de antigos discos de gravação, suas capas arruinadas cobertas por plástico transparente, para uma mesa ampla repleta de placas de silício. Case registrou o

deck de ciberespaço e os trodos, mas o olhar dela passou deslizando por ele sem se deter.

– O costume seria – disse o velho – que eu a matasse agora. – Case sentiu-a tensa, pronta para um movimento. – Mas esta noite quero me divertir. Qual é o seu nome?

– Molly.

– Molly. O meu é Ashpool. – Ele voltou a afundar na suavidade cheia de vincos de uma enorme poltrona de couro com pernas de cromo quadradas, mas a arma não vacilou nem por um segundo. Ele colocou a pistola de dardos em cima de uma mesa de bronze ao lado da cadeira, derrubando um frasco plástico cheio de pílulas vermelhas. A mesa estava repleta de frascos, garrafas de bebidas alcoólicas, envelopes de plástico mole que derramavam pozinhos brancos. Case notou uma antiga seringa hipodérmica de vidro e uma colher de aço simples.

– Como é que você faz para chorar, Molly? Estou vendo que seus olhos são bloqueados. Estou curioso. – Os olhos dele eram avermelhados, a testa reluzia de suor. Ele era muito branco. Doença, deduziu Case. Ou drogas.

– Não costumo chorar muito.

– Mas como você choraria, se alguém fizesse você chorar?

– Eu cuspo – ela disse. – Os dutos lacrimais são desviados para a minha boca.

– Então você já aprendeu uma lição importante, para uma pessoa tão jovem. – Ele repousou a mão que segurava a pistola sobre o joelho e apanhou uma garrafa na mesa ao seu lado, sem nem se preocupar em escolher entre a meia dúzia de bebidas alcoólicas diferentes. Ele bebeu. Conhaque. Um fio do líquido escorreu pelo canto de sua boca. – É assim que se lida com as lágrimas. – Ele tomou mais um gole. – Esta noite estou ocupado, Molly. Eu construí isto tudo, e agora estou ocupado. Morrendo.

– Eu posso sair por onde vim – ela disse.

Ele riu, um som alto e rascante. – Você se intrometeu em meu suicídio e depois pede simplesmente para sair? Ora, você me surpreende. Uma ladra.

– O cu é meu, chefia, e é tudo o que eu tenho. Só quero sair daqui inteira.

– Você é uma moça muito grosseira. Aqui, suicídios são realizados com um certo nível de decoro. É isso o que estou fazendo, entende? Mas talvez a leve comigo esta noite, direto para o inferno... Seria bem egípcio da minha parte. – Ele tomou mais um gole. – Venha cá. – Ele estendeu a garrafa, a mão trêmula. – Beba.

Ela balançou a cabeça.

– Não está envenenada – ele disse, mas tornou a colocar o conhaque em cima da mesa. – Sente. Sente-se no chão. Vamos conversar.

– Sobre o quê? – ela se sentou. Case sentiu as lâminas se moverem, muito devagar, abaixo das unhas.

– O que vier à cabeça. À minha cabeça. A festa é minha. Os núcleos me acordaram. Há vinte horas. Alguma coisa estava acontecendo, eles disseram, e eu era necessário. Era você essa alguma coisa, Molly? Certamente eles não precisavam de mim para cuidar de você. Alguma outra coisa... mas eu estive sonhando, sabe? Por trinta anos. Você ainda não era nascida quando me deitei para dormir pela última vez. Eles nos disseram que não sonharíamos, com esse frio. Eles nos disseram que também não sentiríamos frio. Loucura, Molly. Tudo mentira. É claro que sonhei. O frio deixa o lado de fora entrar, foi isso. O lado de fora. Toda uma noite lá fora; construí isto para nos escondermos dela. Só uma gota, no começo, um grão de noite vazando para dentro, atraído pelo frio... Outros vieram, enchendo minha cabeça do jeito que a chuva enche uma piscina vazia. Lírios callas. Eu me lembro. As piscinas eram de terracota, as enfermeiras todas de cromo, o jeito como as pernas delas refletiam o pôr do sol nos jardins... Eu sou velho, Molly. Mais de duzentos anos, se você contar o frio. O frio. – O cano da pistola subiu rapidamente, vacilante. Agora os tendões das coxas dela estavam duros como cabos esticados.

– Você pode ter queimadura de frio – ela disse com cautela.

– Ali nada queima – ele disse impaciente, abaixando a arma. Seus poucos movimentos eram cada vez mais esclerosados. Sua cabeça balançava para a frente e para trás. Ele precisava fazer um esforço para impedir esse movimento. – Nada queima. Agora eu me lembro. Os núcleos me disseram que nossas inteligências estão loucas. E todos os bilhões que pagamos, há tanto tempo. Quando

as inteligências artificiais ainda eram um conceito arrojado. Eu disse aos núcleos que daria conta disso. Que hora ruim, com 8Jean lá embaixo em Melbourne e apenas nossa querida 3Jane tomando conta da loja. Ou, talvez, seja uma hora muito boa. O que você acha, Molly? – Ele tornou a levantar a arma. – Algumas coisas estranhas estão acontecendo agora na Villa Straylight.

– Chefia – ela perguntou a ele. – Você conhece Wintermute?

– Um nome. Sim. Para conjura, talvez. Um lorde do inferno, com certeza. Na minha época, cara Molly, eu conheci muitos lordes. E não poucas ladies. Ora, uma rainha da Espanha, certa vez, naquela cama ali... mas estou divagando. – Tossiu uma tosse molhada; o cano da pistola sacudiu com suas convulsões. Cuspiu no tapete, perto de seu pé descalço. – Como tenho divagado... Através do frio. Mas, em breve, não mais. Mandei descongelar uma Jane quando acordei. Estranho, se deitar a intervalos de algumas décadas com o que legalmente equivale à sua própria filha. – Seu olhar passou direto por ela e foi até o rack de monitores apagados. Deu a impressão de ter estremecido. – Os olhos de Marie-France – ele disse, bem baixinho, e sorriu. – Nós fazemos com que o cérebro se torne alérgico a determinados neurotransmissores, o que resulta em uma imitação peculiarmente convincente de autismo. – A cabeça dele balançou para o lado, já recuperada. – Pelo que sei, hoje o efeito é obtido mais facilmente com um microchip embutido.

A pistola deslizou de seus dedos e quicou no carpete.

– Os sonhos crescem como gelo lento – ele disse. Seu rosto tinha uma tonalidade azulada. A cabeça afundou de novo no couro da poltrona e ele começou a roncar.

Ela se levantou e agarrou a arma. Com a automática de Ashpool na mão, vasculhou o aposento inteiro.

Ao lado da cama, formando uma pilha, achou uma grande colcha de retalhos sobre uma enorme poça de sangue coagulado, espesso e brilhante sobre as padronagens dos tapetes. Levantando um canto da colcha, achou o corpo de uma garota, os ombros e o colo encharcados de sangue. Sua garganta havia sido cortada. A lâmina triangular de alguma espécie de raspador brilhava na poça escura ao lado dela. Molly se ajoelhou, tomando cuidado para evitar o

sangue, e virou o rosto da garota morta para a luz. O rosto que Case tinha visto no restaurante.

Um clic, bem no fundo da própria essência das coisas, e o mundo ficou congelado. A transmissão de simstim de Molly havia se tornado um frame parado, e então o rosto morto foi alterado, e se tornou o rosto de Linda Lee.

Outro clic, e o quarto ficou borrado. Molly estava em pé, olhando para um laserdisc dourado ao lado de um pequeno console no tampo de mármore de uma mesinha de cabeceira. Um fio de fibra óptica serpenteava como um pavio do console até um soquete na base do pescocinho magro.

– Eu tenho o seu número, seu filho da puta – disse Case, sentindo seus próprios lábios se movendo, em algum lugar, muito longe dali. Ele sabia que Wintermute havia alterado a transmissão. Molly não tinha visto o rosto da menina morta sumir como fumaça, e assumir os contornos da máscara mortuária de Linda.

Molly deu meia-volta. Atravessou o aposento e foi até a poltrona de Ashpool. A respiração do homem era lenta e irregular. Olhou para a lixeira com drogas e álcool. Abaixou a pistola, pegou sua pistola de dardos, ajustou o cano para disparo único, e muito cuidadosamente disparou um dardo de toxina no centro da pálpebra esquerda fechada. Ele estremeceu uma vez, cortando a respiração no meio. Seu outro olho, castanho e sem foco, se abriu lentamente.

Ainda estava aberto quando ela deu meia-volta e saiu do quarto.

16

– Coloca o seu chefe em espera – disse o Flatline. – Ele está chegando no Hosaka gêmeo daquele navio lá em cima, o que está rodando apoio pra nós. Chamou o *Haniwa*.

– Eu sei – Case disse, distraído. – Eu vi.

Um losango de luz branca se encaixou no lugar na sua frente, tapando o ICE de Tessier-Ashpool; ele lhe mostrou o rosto calmo, perfeitamente concentrado e profundamente louco de Armitage, seus olhos vazios como botões. Armitage piscou. E ficou encarando.

– Acho que Wintermute cuidou dos seus Turings, hein? Assim como cuidou dos meus – disse Case.

Armitage continuou encarando. Case resistiu à necessidade súbita de desviar o olhar e abaixar a cabeça. – Tudo bem aí, Armitage?

– Case – e, por um instante, ele teve a impressão de que alguma coisa havia se mexido, atrás daquele olhar azul fixo –, você viu Wintermute, não viu? Na matrix.

Case fez que sim com a cabeça. Uma câmera na face do seu Hosaka no *Marcus Garvey* transmitiria o gesto para o monitor do Haniwa. Ele imaginou Maelcum ouvindo delírios em transe, incapaz de ouvir as vozes do constructo ou de Armitage.

– Case – e os olhos ficaram maiores, Armitage se inclinou na direção de seu computador –, quando você o vê, como ele é?

– Um constructo simstim de alta resolução.

– Mas *quem*?

– Da última vez foi o Finlandês... Antes disso, um cafetão que eu...

– Mas o General Girling não?

– General quem?

O losango voltou a ficar em branco.

– Rode isso outra vez e mande o Hosaka procurar – ele disse ao constructo.

Flipou.

A perspectiva o assustou. Molly estava agachada entre vigas de aço, vinte metros acima de um chão amplo e manchado de concreto polido. O aposento era um hangar ou doca de serviço. Ele podia ver três espaçonaves, nenhuma delas maior do que o *Garvey,* e todas em diversos estágios de reparo. Vozes em japonês. Uma figura num macacão laranja saiu de dentro de um buraco no casco de um navio de construção em forma de bulbo e parou do lado de um dos bizarros braços antropomórficos movidos a pistão daquela coisa. O homem digitou alguma coisa num console portátil e coçou as costelas. Um robô vermelho, em forma de carrinho, apareceu rolando sobre pneus cinzentos de desenho animado.

CASE, piscou o chip dela.

– Ei – ela disse. – Tô esperando um guia aqui.

Ela voltou a se agachar, os braços e joelhos de seu traje Moderno da cor da tinta azul-acinzentada das vigas. Sua perna doía, uma dor aguda agora. – Eu devia ter voltado ao Chin – murmurou.

Alguma coisa veio surgindo das sombras, no nível do ombro esquerdo dela, fazendo um barulho bem baixinho de metal contra metal. Fez uma pausa, balançou seu corpo esférico de um lado para outro sobre patas de aranha num arco alto, disparou uma rajada de microssegundo numa luz de laser difusa, e congelou. Era um microrrobô Braun, e Case já teve um do mesmo modelo, um acessório sem o menor sentido que havia obtido como parte de um acordo de pacote com um receptador de hardware de Cleveland. Ele parecia um pernilongo preto fosco estilizado. Um LED vermelho começou a pulsar, no equador da esfera. – Estou ouvindo. – Ela se levantou, jogando o peso do corpo sobre a perna esquerda, e viu o pequeno robô reverter o passo. Ele foi seguindo metodicamente de volta por seu vergalhão e penetrou na escuridão. Ela se virou e olhou para a área de serviço atrás. O homem de macacão laranja estava selando a frente de um traje de vácuo banco. Ela o viu alinhar e fechar o capacete, pegar seu console e recuar de volta ao buraco no casco do navio em construção. Um som agudo de motores e a coisa começou a desaparecer, deslizando suavemente num círculo de dez metros de chão, que afundou em um brilho forte

de lâmpadas de arcos voltaicos. O robô vermelho aguardava pacientemente à beira do buraco deixado pelo painel do elevador.

Então, ela foi atrás do Braun, abrindo caminho por entre uma floresta de vigas de aço soldado. O Braun piscava seu LED constantemente, chamando-a.

– E aí, Case? Você tá no *Garvey* com o Maelcum? Claro. E se plugou nisto daqui. Eu gosto, sabia? Como sempre falei comigo mesma, na minha cabeça, quando estou em alguma situação que parece uma roubada. Finjo que encontrei um amigo, alguém em quem posso confiar, e aí digo a ele o que realmente penso, como me sinto, e finjo que eles estão me dizendo o que acham disso, e eu vou seguindo nessa linha. Ter você aqui dentro é mais ou menos isso. Aquela cena com o Ashpool... – Ela mordiscou o lábio inferior, balançou ao redor de uma viga, sem tirar o robô de vista. – Eu estava esperando alguma coisa talvez um pouco menos maluca, sabia? Quero dizer, esses caras são todos loucos de pedra aqui, como se tivessem mensagens luminosas rabiscadas no interior das testas ou coisa do gênero. Não gosto da cara disso. Não gosto do cheiro disso...

O robô estava subindo numa escada quase invisível de anéis de aço em forma de U, na direção de uma abertura escura e estreita. – E, aproveitando que estou no modo confessional, baby, tenho que admitir que talvez eu nunca tivesse esperado sair dessa de qualquer maneira. Já estou nessa maré de azar faz uma cara, e você é a única chance legal que surgiu desde que aceitei trabalhar pro Armitage. – Ela olhou para o círculo preto. O LED do robô piscava, subindo. – Mas não que você seja assim o gostosão do pedaço. – Ela sorriu, mas o sorriso sumiu rápido demais, e ela trincou os dentes com a dor lancinante na perna quando começou a subir. A escada continuou atravessando um tubo de metal, tão estreito que seus ombros quase não passaram.

Ela estava subindo para fora da gravidade, na direção do eixo sem peso.

Seu chip pulsava a hora.

04:23:04.

Tinha sido um longo dia. A claridade do sensório dela cortou o efeito da betafenetilamina, mas Case ainda conseguia sentir. Ele

preferia a dor na perna.

C A S E : 0 0 0 0
0 0 0 0 0 0 0 0 0 0
0 0 0 0 0 0 0 0 0 .

– Acho que é pra você – ela disse, subindo mecanicamente. Os zeros piscaram em estrobo novamente e uma mensagem apareceu de repente ali, no canto da visão dela, cortada pelo circuito do display.

G E N E R A L G
I R L I N G : : :
T R E I N O U
C O R T O P R A
S C R E A M I N G
F I S T E V E N D
E U S E U R A B
O P R O P E N T
A G O N O : : :
O C O N T R O L E
B A S I C O D E
W / M U T E S O B
R E A R M I T A G E
E H U M C O N S T R
U C T O D E G I R L I
N G : W / M U T E D I
Z Q A R M F A L A N
D O D E G Q U E R
D I Z E R Q U E E S T
A H S U R T A N D O:
S E C U I D A : :
: : : D I X I E

– Bom – ela disse, fazendo uma pausa, colocando todo o peso na perna direita – acho que você também está com problemas. – Ela olhou para baixo. Havia um círculo fraco de luz, menor que o círculo de bronze da chave CHUBB que pendia entre os seus seios. Ela olhou para cima. Nada. Ela acionou os amps com a língua e o tubo subiu desaparecendo na perspectiva, o Braun seguindo seu caminho escada acima. – Ninguém me falou dessa parte – ela disse.

Case se desconectou.

– Maelcum...

– Mon, seu chefão ficou muito estranho. – O zionista estava vestindo um traje de vácuo Sanyo vinte anos mais velho que o que Case tinha alugado em Freeside, o capacete debaixo do braço e os dreadlocks ensacados numa redinha de crochê roxa de algodão. Seus olhos estavam quase fechados, efeito da ganja e da tensão. – Ele fica ligando pra cá com *ordens*, mon, mas essa guerra é da Babilônia... – Maelcum balançou a cabeça. – Aerol e eu falamo, e Aerol falou com Zion, fundadores diz cortar e correr. – Passou as costas de uma grande mão negra pela boca.

– Armitage? – Case estremeceu quando a ressaca de betafenetilamina bateu com toda a sua identidade, sem o escudo da matrix ou da simstim. O cérebro não tem terminações nervosas, ele disse a si mesmo, não pode se sentir tão mal. – Como assim, meu camarada? Ele está te dando ordens? Como é que é?

– Mon, Armitage, ele me diz pra traçar curso pra Finlândia, tá sabendo? Ele me diz que lá haverá esperança, tá sabendo? Apareceu na minha tela com a camisa toda cheia de sangue, mon, e com cara de cachorro louco, falando de punhos, gritando em russo e o sangue dos traidores ficará em nossas mãos. – Ele voltou a balançar a cabeça, o bonezinho dos dreads balançando em zero-G, apertando os lábios. – Os fundadores dizem que a voz do Mute é profeta falso com certeza, e Aerol e eu temos que abandonar o *Marcus Garvey* e voltar.

– Armitage estava ferido? Sangue?

– Não deu pra ver, tá sabendo? Mas sangue, e doidão de pedra, Case.

– Ok – disse Case. – E eu? Você vai voltar pra casa. E eu, Maelcum?

– Mon – disse Maelcum – você vem comigo. A gente volta pra Zion com Aerol, no *Babylon Rocker*. Deixa o Sr. Armitage falando com fita cassete fantasma, um fantasma falando com outro...

Case olhou para trás; seu traje alugado pendurado contra a rede onde ele o prendera, balançando na corrente de ar do velho filtro de ar russo. Fechou os olhos. Viu os saquinhos de toxinas se dissolvendo em suas artérias. Viu Molly subindo os infinitos anéis-degraus de aço. Abriu os olhos.

– Sei lá, cara – ele disse, um gosto estranho na boca. Olhou para baixo, para sua mesa, para suas mãos. – Sei lá. – Ele voltou a olhar pra trás. O rosto marrom estava calmo agora, concentrado. O queixo de Maelcum estava escondido pelo colarinho alto do capacete de seu velho traje azul. – Ela tá lá dentro – ele disse. – Molly tá dentro. Na Straylight, como eles chamam. Se existe Babilônia, cara, a Babilônia é ali. Se a gente deixar ela lá, ela não vai sair, seja Navalha-que-Anda ou não.

Maelcum concordou com a cabeça, a redinha de dreads balançando atrás dele como um balão cativo de algodão com crochê. – Ela é tua mulher, Case?

– Não sei. Acho que não é mulher de ninguém. – Deu de ombros. E voltou a encontrar seu ódio, concreto como uma lasca de rocha quente embaixo de suas costelas. – Que se foda – ele disse. – Foda-se Armitage, foda-se Wintermute e vai se foder você também. Daqui eu não saio.

O sorriso de Maelcum se espraiou por seu rosto como se fosse um farol. – Maelcum é um garoto rude, Case. O *Garvey* é a nave de Maelcum. – Sua mão enluvada deu um tapa num painel e o dub bass-heavy começou a pulsar nos alto-falantes do rebocador. – Maelcum não vai fugir não. Falo com Aerol, com certeza o ponto de vista dele é igual.

Case ficou olhando. – Não entendo vocês – ele disse.

– Eu é que não te entendo, mon – disse o zionita, mexendo a cabeça com a batida do dub. – Mas a gente tem que seguir pelo amor de Jah, cada um de nós.

Case se conectou e flipou para a matrix.

– Recebeu minha mensagem?

– Recebi. – Ele viu que o programa chinês havia crescido; delicados arcos de policromo mutante estavam se aproximando do ICE da T-A.

– Bom, o negócio tá ficando cabuloso – disse o Flatline. – Seu chefe apagou o banco de dados daquele outro Hosaka, e quase levou o nosso junto. Mas seu amigão Wintermute me deu uma força lá, antes de tudo ficar escuro. A razão pela qual a Straylight não está exatamente cheia de Tessiers e Ashpools saltitantes é que a

maioria está congelada. Existe uma firma de advocacia em Londres que tem procuração para cuidar das questões judiciais deles. Eles têm de saber quem está acordado e exatamente quando. Armitage estava roteando as transmissões de Londres para Straylight pelo Hosaka no iate. Por acaso, eles sabem que o velho está morto.

– Quem sabe?

– A firma de advocacia e a T-A. Ele tinha um remoto médico plantado no esterno. Não que o dardo da sua garota tivesse deixado muita coisa para uma equipe de ressuscitação trabalhar. Toxina Shellfish. Mas o único T-A acordado na Straylight neste exato momento é Lady 3Jane Marie-France. Existe um homem, dois anos mais velho, na Austrália a negócios. Se você me perguntar, aposto que Wintermute encontrou um jeito de fazer com que esse negócio precise da atenção pessoal de 8Jean. Mas ele está a caminho de casa, ou quase. Os advogados de Londres estimam sua chegada a Straylight para as 09:00:00 desta noite. Nós colocamos o vírus Kuang no slot às 2:32:03. Agora são 04:45:20. A melhor estimativa para a penetração do núcleo da T-A pelo Kuang é 08:30:00. Um pentelhésimo a mais ou a menos. Acho que Wintermute tem alguma coisa rolando com essa 3Jane, ou ela é tão louca quanto o velho dela era. Mas o garoto lá de Melbourne já vai vir, sabendo o que está pegando. O sistema de segurança de Straylight está tentando entrar em alerta máximo, mas Wintermute está bloqueando ele, não me pergunte como. Mas não conseguiu suplantar o programa básico de portão para colocar a Molly dentro. Armitage tinha um registro de tudo isso no seu Hosaka; Riviera deve ter passado um papo na 3Jane pra ela fazer isso. Ela tem sido capaz de arrumar entradas e saídas há anos. Me parece que um dos principais problemas da T-A é que todo chefão da família encheu os bancos de dados com todos os tipos de scans privados e exceções. É meio como se seu sistema imunológico desabasse em cima de você. Fresquinho para um vírus entrar. Parece bom pra nós, assim que a gente passar por esse ICE.

– Ok. Mas Wintermute disse que o Exér...

Um losango branco se encaixou em posição, preenchido por um close de olhos enlouquecidos. Case só conseguia olhar. O coronel Willie Corto, Forças Especiais, Força de Ataque Screaming Fist, havia encontrado o caminho de volta. A imagem era fraca, tremia,

estava fora de foco. Corto estava utilizando o deck de navegação do Haniwa para se linkar com o Hosaka do *Marcus Garvey*.

– Case, eu preciso dos relatórios de danos do Omaha Thunder.

– Espera, eu... coronel?

– Mantenha o controle, garoto. Lembre-se do seu treinamento.

Mas onde é que você estava, cara?, ele perguntou silenciosamente para os olhos angustiados. Wintermute havia construído uma coisa chamada Armitage dentro de uma fortaleza catatônica chamada Corto. Convencera Corto de que o verdadeiro era Armitage, e Armitage havia saído andando, falando, tramando planos, negociando dados em troca de capital, atuado como testa de ferro para Wintermute naquele quarto no Chiba Hilton... E, agora, Armitage havia desaparecido, soprado pelos ventos da loucura de Corto. Mas *onde é que Corto estivera* por todos aqueles anos?

Caindo, queimado e cego, de um céu siberiano.

– Case, isto vai ser difícil para você aceitar, eu sei. Você é um oficial. O treinamento. Eu entendo. Mas, Case, Deus é testemunha do que estou dizendo, nós fomos traídos.

Lágrimas começaram a correr dos olhos azuis.

– Coronel, ah, quem? Quem nos traiu?

– O General Girling, Case. Você deve conhecê-lo por um codinome. Você conhece o homem de quem estou falando.

– Sim – disse Case, enquanto as lágrimas continuavam a correr. – Acho que sei sim, senhor – ele acrescentou por impulso. – Mas, senhor, coronel, o que exatamente devo fazer? Agora, quero dizer.

– Nosso dever neste ponto, Case, está em retirar. Escapar. Evasão. Podemos chegar à fronteira com a Finlândia amanhã no fim da tarde. Voo baixo no piloto manual. De improviso, garoto. Mas isso é apenas o começo. – Os olhos azuis quase se fecharam inteiramente sobre as bochechas bronzeadas. – Só o começo. A traição vem do alto. Do *alto*... – Ele recuou da câmera, revelando as manchas escuras na camisa de sarja rasgada. O rosto de Armitage era uma máscara, impassível, mas o de Corto era a verdadeira máscara de um esquizoide, a doença marcada fundo em músculos involuntários, distorcendo a cirurgia cara.

– Coronel, estou ouvindo, cara. Escuta, coronel, ok? Eu quero que o senhor abra a, ah... merda, como é o nome, Dix?

– Escotilha central – disse o Flatline.

– Abra a escotilha central. É só mandar seu console central ali abri-lo, certo? Vamos chegar até onde o senhor está rapidinho, coronel. E aí a gente pode conversar sobre tirar o senhor daí.

O losango desapareceu.

– Garoto, acho que agora eu não entendi nada do que rolou – disse o Flatline.

– As toxinas – disse Case. – As malditas toxinas do caralho – e se desconectou.

– Veneno? – Maelcum olhava para trás pelo ombro azul arranhado de seu velho Sanyo enquanto Case pelejava para sair da rede-G.

– E tirar essa coisa maldita de dentro de mim... – Puxando o cateter texano. – É como um veneno lento, e aquele babaca lá em cima sabe como anular isso, e agora ele está mais maluco que um rato na merda. – Atrapalhou-se com a frente do Sanyo vermelho, esquecendo-se de como destravar os fechos.

– O chefão *te envenenou*? – Maelcum coçou o rosto. – Eu tenho um kit médico aqui.

– Pelamordedeus, Maelcum, me ajuda com a porra desse traje.

O zionita se impulsionou para fora do módulo de piloto cor-de-rosa. – Calma, mon. Meça duas, corte uma, foi o que o santo homem disse. A gente vai até lá...

Havia ar na passagem corrugada que levava da escotilha de popa do *Marcus Garvey* até a escotilha central do iate chamado *Haniwa*, mas eles conservaram seus trajes selados. Maelcum executou a passagem com uma graça de bailarino, parando apenas para ajudar Case, que havia começado a dar cambalhotas desajeitadas ao sair do *Garvey*. As laterais de plástico branco do tubo filtravam a luz do sol pura; não havia sombras.

A trava de escotilha de ar do *Garvey* era toda cheia de remendos, decorada com um Leão de Zion escavado a laser. A escotilha central do *Haniwa* era cinza-creme, sóbria e muito limpa. Cremosa, nua e sóbria. Maelcum inseriu a mão enluvada em uma reentrância estreita. Case viu seus dedos se moverem. LEDs vermelhos se

acenderam na reentrância, começando uma contagem regressiva de cinquenta. Maelcum retirou a mão. Case, que apoiava uma das luvas na escotilha, sentiu a vibração do mecanismo da trava atravessar seu traje e os ossos. O segmento circular do casco cinzento começou a recuar para a lateral do *Haniwa*. Maelcum agarrou a reentrância com uma das mãos e Case com a outra. A trava os levou com ela.

O *Haniwa* era um produto dos estaleiros Dornier-Fujitsu, e seu interior espelhava uma filosofia de design semelhante àquela que havia produzido o Mercedes que os conduzira em Istambul. A estreita seção central tinha um revestimento imitando ébano envernizado, e o chão era de cerâmica italiana cinza. Case sentiu como se estivesse invadindo o spa particular de um ricaço pelo banheiro. O iate, que havia sido montado em órbita, nunca fora projetado para reentrada na atmosfera. Suas linhas suaves, em forma de vespa, eram assim para fins de estilo, e tudo em seu interior havia sido calculado para reforçar a impressão geral de velocidade.

Quando Maelcum tirou seu capacete amassado, Case foi atrás. Ficaram ali parados na trava por alguns instantes, respirando um ar que tinha um cheiro sutil de pinho. Mas, por baixo desse aroma, um vestígio perturbador de cheiro de material de isolamento queimado.

Maelcum farejou o ar. – Problema aqui, mon. Barco que tem esse cheiro...

Uma porta almofadada de ultracamurça cinza-escura voltou deslizando com suavidade para o seu encaixe. Maelcum ganhou impulso usando a parede de ébano e passou com habilidade pela abertura estreita, girando os ombros largos no último instante possível para conseguir passar. Case foi atrás, desajeitado, uma mão atrás da outra num corrimão almofadado na altura da cintura. – Tombadilho – disse Maelcum, apontando para um corredor abaixo, de paredes lisas e cor creme – lá. – Ele avançou com facilidade, dando outro impulso com os pés sem fazer esforço. De algum lugar mais adiante, Case reconheceu o ruído familiar de impressora funcionando. O som foi ficando mais alto à medida que ele seguia Maelcum por outra porta, até que chegaram a uma massa de

formulário contínuo emaranhado. Case arrancou um pedaço retorcido e deu uma olhada.

0 0 0 0 0 0 0 0 0
0 0 0 0 0 0 0 0 0
0 0 0 0 0 0 0 0 0

– Crash de sistema? – O zionita apontou para a coluna de zeros.

– Não – respondeu Case, agarrando o capacete antes que ele saísse flutuando –, o Flatline disse que Armitage limpou a memória do Hosaka que tinha aqui.

– O cheiro é de limpeza com laser, sabe? – O zionita apoiou o pé na gaiola branca de um aparelho suíço de ginástica e disparou pelo labirinto flutuante de papel, afastando as folhas do rosto com as mãos.

– Case, irmão...

O homem era baixo, japonês, e tinha a garganta amarrada, nas costas de uma estreita cadeira articulada, com o que parecia ser um fio fino de aço. O fio era invisível onde cruzava a espuma preta do encosto de cabeça, e havia cortado até a laringe. Uma única esfera de sangue havia coagulado ali como uma estranha pedra preciosa, uma pérola vermelho-escura. Case reparou nos cabos improvisados de madeira que flutuavam de cada lado do garrote; pareciam pedaços quebrados de um cabo de vassoura.

– Por quanto tempo ele ficou com isso guardado dentro dele? – Case perguntou para si mesmo em voz alta, lembrando da peregrinação pós-guerra de Corto.

– O chefe sabe pilotar nave, Case?

– Talvez. Ele foi das Forças Especiais.

– Bom, este japaboy não pilota mais. Duvido que eu mesmo pilotasse fácil essa aqui. Nave muito nova...

– Vamos procurar o tombadilho.

Maelcum franziu a testa, girou no ar e voltou a usar os pés como alavanca.

Case o seguiu até um espaço mais amplo, uma espécie de lounge, rasgando e amassando montes de formulário contínuo que ficavam se enroscando nele quando passava. Ali também havia cadeiras articuladas, um móvel que lembrava um bar, e o Hosaka. A

impressora, que continuava a cuspir sua fina língua de papel, era uma unidade embutida na parede, um slot perfeito num painel polido à mão. Ele passou por cima de um círculo de cadeiras e alcançou a impressora, apertando um pino branco à esquerda do slot. O barulho parou. Virou-se e olhou para o Hosaka. Seu painel frontal tinha sido perfurado, pelo menos uma dezena de vezes. Os buracos eram pequenos círculos de bordas escuras. Esferas minúsculas de metal orbitavam o computador morto. – Belo senso de orientação – ele disse para Maelcum.

– Tombadilho trancado, mon – disse Maelcum do outro lado do lounge.

As luzes diminuíram de intensidade, aumentaram num surto, e voltaram a diminuir.

Case arrancou o papel do slot. Mais zeros. – Wintermute? – Olhou ao redor do lounge bege e marrom, o espaço repleto de arabescos formados pelas curvas de papel flutuante. – É você aí com as luzes, Wintermute?

Um painel situado ao lado da cabeça de Maelcum deslizou para cima, revelando um pequeno monitor. Maelcum estremeceu de susto, limpou o suor da testa com a espuma exposta num rasgão das costas da luva e se virou para estudar o display. – Tu lê japonês, mon? – Case podia ver os caracteres piscando rapidamente na tela.

– Não – disse Case.

– Tombadilho é cápsula de fuga, bote salva-vidas. Isto aqui parece contagem regressiva. Fecha o traje agora. – Ele encaixou o anel do capacete e apertou os fechos.

– Como é que é? Ele está se mandando? Merda! – Usando a parede para dar impulso, Case disparou pelo papel emaranhado. – A gente tem que abrir essa porta, cara! – Mas Maelcum apenas ficava ali, batendo na lateral do capacete. Case podia apenas ver os lábios dele se movendo através do Lexan. Viu uma gota de suor sair num arco da faixa trançada da redinha de algodão roxo que o zionita usava para prender os dreadlocks. Maelcum arrancou o capacete das mãos de Case, encaixou-o com suavidade e fechou as travas com as palmas das mãos. À esquerda do visor, LEDs vermelhos se acenderam, confirmando que o anel do capacete tinha ficado bem

fechado. – *No seh japonês* – Maelcum disse pelo transmissor do traje –, mas a contagem regressiva está errada. – Apontou para uma linha específica da tela. – Vedação não está intacta, módulo tombadilho. Lançamento com porta aberta.

– Armitage! – Case tentou socar a porta. A física de zero-G o jogou para trás, em cima da massa de formulário contínuo. – Corto! Não faça isso! Vamos conversar! Vamos...

– Case? Na escuta, Case... – a voz quase não lembrava mais a de Armitage. Tinha uma calma bizarra. Case parou de se debater. Seu capacete bateu na parede do fundo. – Lamento, Case, mas tem que ser assim. Um de nós tem que sair daqui. Um de nós tem que testemunhar. Se todos caírmos, a história acaba aqui. Eu vou contar para todo mundo, Case, eu vou contar toda a verdade. Sobre Girling e os outros. E eu vou conseguir, Case. Eu sei que vou conseguir. Chegar a Helsinque. – Então, um silêncio súbito; Case sentiu esse silêncio invadindo seu capacete como se fosse uma espécie rara de gás. – Mas é tão difícil, Case, tão difícil, diabo. Eu estou cego.

– Corto, pare. Espere. Você está *cego*, cara. Você não pode voar! Você vai bater na merda das *árvores*! E estão tentando te pegar, Corto. Juro por Deus, foram eles que deixaram a escotilha aberta. Você vai morrer, não vai conseguir viver para contar o que quer que seja, e eu preciso da enzima, do nome da enzima, a enzima, cara... – Case estava gritando, a voz histérica. O feedback da microfonia gritava nos fones do capacete.

– Lembre-se do treinamento, Case. É tudo o que podemos fazer.

E, então, o capacete foi tomado por sons balbuciantes confusos, uma estática ensurdecedora, harmônicos que uivavam desde os tempos do Screaming Fist. Alguns fragmentos de russo e uma voz estranha, do meio-oeste, muito jovem. – Estamos caindo, repito, Omaha Thunder está caindo, nós...

– Wintermute – gritou Case – não faça isso comigo! – Lágrimas caíram de seus cílios e bateram no visor, formando pequenas gotas tremeluzentes de cristal. Então o *Haniwa* oscilou uma única vez com um grande estrondo, estremecendo, como se algo gigantesco e macio tivesse atingido o seu casco. Case imaginou o salva-vidas sendo ejetado e impelido por travas explosivas, e um segundo furacão despedaçador de ar escapando, arrancando o louco coronel

Corto do assento, de acordo com a reconstituição feita por Wintermute do minuto final do Screaming Fist.

– Ele foi, mon – Maelcum olhou para o monitor. – Escotilha aberta. Mute deve ter dado override na trava antiejeção.

Case tentou limpar as lágrimas de raiva dos olhos. Seus dedos batiam contra o Lexan.

– O iate, ele estava fechado hermeticamente, mas o chefão pegou controle de ganchos com o tombadilho. O *Marcus Garvey* ainda está preso.

Mas Case estava vendo a queda infinita de Armitage em volta de Freeside, através de um vácuo mais frio que as estepes. Por alguma razão, ele o imaginou em seu Burberry escuro, as ricas lapelas da capa de chuva espalhadas à sua volta como as asas de um imenso morcego.

17

– Conseguiu o que veio buscar? – perguntou o constructo.

O Nível Kuang, Ponto Onze, estava preenchendo a grade entre si mesmo e o ICE da T-A com traçados hipnoticamente intrincados de arco-íris, grades finas como cristais de gelo em uma vidraça no inverno.

– Wintermute matou Armitage. Atirou ele pra fora num bote salva-vidas com a escotilha aberta.

– Puta, que merda – disse o Flatline. – Mas vocês não eram exatamente amigos do peito, eram?

– Ele sabia como anular os saquinhos das toxinas.

– Então, Wintermute também sabe. Pode contar com isso.

– Não confio exatamente que Wintermute vá me dar isso de mão beijada.

A apavorante aproximação de gargalhada do constructo raspou os nervos de Case como uma lâmina sem fio. – Talvez isso signifique que você tá ficando esperto.

Ele acionou a chave de simstim.

06:27:52 pelo chip em seu nervo óptico; Case seguira o avanço dela pela Villa Straylight por mais de uma hora, deixando que o análogo de endorfina que ela havia tomado aliviasse sua ressaca. A dor na perna havia desaparecido; ela parecia estar andando dentro de uma banheira quente. O robô Braun estava empoleirado no seu ombro, seus minúsculos manipuladores, como clipes cirúrgicos almofadados, presos no policarbono do traje Moderno.

Ali as paredes eram de aço puro, com listras marrons de epóxi onde algum tipo de cobertura havia sido arrancado. Ela estava escondida da equipe de trabalho, agachada, a pistola de dardos nas mãos, seu traje cinza-metálico, enquanto os dois africanos magros e seu carrinho de pneus de desenho animado passavam. Os homens tinham cabeças raspadas e vestiam macacões laranja. Um deles

estava cantando baixinho, para si mesmo, em um idioma que Case nunca havia ouvido, os tons e a melodia alienígenas e assustadores.

O discurso da cabeça, o ensaio de 3Jane sobre Straylight, voltou à sua memória enquanto ela avançava mais no labirinto que era aquele lugar. Straylight era louca, era a loucura crescida a partir do concreto resinoso misturado, a partir de rochas lunares pulverizadas, crescida a partir do aço soldado e de toneladas de badulaques, todos os materiais bizarros que eles haviam enviado poço acima para forrar seu ninho bizarro. Mas era um tipo de loucura que ele não conseguia entender. Não era igual à loucura de Armitage, que agora imaginava que podia compreender; distorça a cabeça de um homem o máximo que puder, depois retorça de volta na direção oposta, reverta e torça novamente. O homem quebrava. Do mesmo jeito que se quebra um pedaço de fio. E a história havia feito isso para o coronel Corto. A história já havia feito o trabalho sujo, quando Wintermute o encontrou, ao peneirar todos os detritos fresquinhos da guerra, penetrando sorrateiro na área cinzenta de consciência como uma aranha d'água atravessando o espelho de um lago estagnado, as primeiras mensagens piscando na tela de um micro de criança num quarto escuro de um sanatório francês. Wintermute havia construído Armitage praticamente do nada, com as memórias de Corto no Screaming Fist como a base. Mas as "memórias" de Armitage não teriam sido as de Corto depois de um ponto determinado. Case duvidava de que Armitage lembrasse da traição, dos Nightwings caindo em chamas... Armitage havia sido uma espécie de versão editada de Corto, e quando o estresse da missão chegou a um determinado ponto, o mecanismo de Armitage desmoronou. Corto havia subido à tona, com sua culpa e sua fúria doentia. E, agora, Corto-Armitage estava morto, uma pequena lua congelada para Freeside.

Pensou nos saquinhos de toxinas. O velho Ashpool também estava morto, o olho perfurado pelo dardo microscópico de Molly, privado da overdose que havia preparado para si. Aquela morte era ainda mais perturbadora, a de Ashpool, a morte de um rei louco. E ele havia matado a boneca que chamava de filha, aquela que tinha o rosto de 3Jane. Case tinha a sensação, enquanto cavalgava o

input sensorial transmitido de Molly pelos corredores da Straylight, que ele nunca havia realmente pensado em alguém como Ashpool, qualquer um tão poderoso quanto ele imaginava que Ashpool havia sido, como sendo humano.

Poder, no mundo de Case, significava poder corporativo. As zaibatsus, as multinacionais que davam forma ao curso da história humana, haviam transcendido antigas barreiras. Vistas como organismos, haviam adquirido uma espécie de imortalidade. Não se podia matar uma zaibatsu assassinando uma dezena de executivos principais; havia outros esperando para subir de nível, assumir os cargos vagos, acessar os vastos bancos de memória corporativa. Mas a Tessier-Ashpool não era assim, e ele sentiu a diferença na morte de seu fundador. A T-A era um atavismo, um clã. Ele se lembrava do lixo na câmara do velho, a humanidade suja, as lombadas rasgadas de velhos discos de áudio em suas capas de papel. Um pé descalço, outro num chinelo de veludo.

O Braun puxou o capuz do traje Moderno e Molly virou à esquerda, passando por baixo de outro arco.

Wintermute e o ninho. Uma visão fóbica das vespas nascendo, a metralhadora de lapso de tempo da biologia. Mas as zaibatsus não eram mais ou menos assim, ou a Yakuza, colmeias com memórias cibernéticas, DNA codificado em silício? Se a Straylight era uma expressão da identidade corporativa da Tessier-Ashpool, então a T-A era louca como o velho fora. O mesmo emaranhado apodrecido de medos, o mesmo estranho senso de falta de objetivo. – “Se eles tivessem se tornado o que desejavam ter sido...”, lembrou de Molly ter dito. Mas Wintermute respondera que isso não havia acontecido.

Case sempre achara que os chefes de verdade, os reis de uma determinada indústria, seriam ao mesmo tempo mais e menos que *pessoas*. Ele havia visto isso nos homens que o aleijaram em Memphis, vira Wage afetar a aparência dessa atitude em Night City, e isso lhe permitira aceitar a neutralidade e a falta de emoções de Armitage. Ele sempre imaginou isso como uma acomodação gradual e voluntária da máquina, do sistema, do organismo-mãe. Era a raiz do *cool* das ruas, aquela postura conhecida que implicava conexões, linhas invisíveis que levavam até níveis ocultos de influência.

Mas o que estava acontecendo agora, nos corredores da Villa Straylight?

Trechos inteiros estavam sendo despidos de volta à estrutura nua de aço e concreto.

– Onde será que o Peter está agora, hein? Talvez a gente veja aquele garoto daqui a pouco – ela murmurou. – E Armitage. Cadê ele, Case?

– Morto – ele disse, sabendo que ela não podia ouvi-lo. – Ele está morto.

Flipou.

O programa chinês estava cara a cara com o ICE-alvo, tons de arco-íris sendo gradualmente dominados pelo verde do retângulo que representava os núcleos da T-A. Arcos de esmeralda atravessando o vácuo incolor.

– Como é que tá aí, Dixie?

– Legal. Cabuloso demais. Esse negócio é fantástico... Devia ter tido um desses lá em Cingapura. Fiz o New Bank of Asia, véio de guerra, por um bom quinto do que eles valiam. Mas já foi. Esta coisinha aqui compensa tudo. Aí você fica pensando como seria uma guerra de verdade...

– Se esse tipo de merda estivesse nas ruas, nós estaríamos desempregados – disse Case.

– Só porque você quer. Espera você pilotar essa coisa lá pra cima através do Black ICE.

– Falou.

Alguma coisa pequena e decididamente não geométrica havia acabado de aparecer na extremidade oposta de um dos arcos esmeralda.

– Dixie...

– Tá. Tô vendo. Só não sei se acredito.

Um ponto marrom, uma pulga contra a parede verde dos núcleos da T-A. Ela começou a avançar, atravessando a ponte construída pelo Nivel Kuang, Ponto Onze, e Case viu que aquilo estava andando. À medida que avançava, a seção verde do arco se estendia, o policromo do vírus voltando, alguns passos adiante dos sapatos pretos velhos.

– Uma coisa tenho que admitir, chefia – disse o Flatline, quando a figura baixinha e amarrotada do Finlandês parecia estar a poucos metros de distância. – Nunca vi nada tão engraçado quando eu era vivo. – Mas a risada assustadora não veio.

– Eu nunca havia tentado isto antes – disse o Finlandês, mostrando os dentes, as mãos enfiadas nos bolsos do paletó esfiapado.

– Você matou Armitage – disse Case.

– Corto. É. Armitage já tinha morrido. Eu tive que fazer aquilo. Eu sei, eu sei, você quer a enzima. Ok. Sem crise. Fui eu quem a deu pro Armitage, em primeiro lugar. Quero dizer, fui eu quem disse a ele o que usar. Mas acho que talvez seja melhor deixar o acordo continuar valendo. Você tem tempo suficiente. Eu vou dá-la pra você. Só mais umas duas horas agora, certo?

Case ficou vendo a fumaça azul do Partagas que o Finlandês acendeu se espalhar no ciberespaço.

– Vocês, meus camaradas – disse o Finlandês –, você, então, é um pé no saco. O Flatline aqui, se vocês fossem todos iguais a ele, seria muito simples. Ele é um constructo, uma ROM, ele sempre faz o que espero que ele faça. Minhas projeções diziam que não havia muita chance de Molly aparecer no grande show de despedida de Ashpool, só para lhe dar um exemplo. – Ele suspirou.

– Por que ele se matou? – Case perguntou.

– Por que é que alguém se mata? – A figura deu de ombros. – Acho que eu sei, se é que alguém sabe, mas levaria doze horas para explicar os diversos fatores em seu histórico e como eles se inter-relacionam. Ele já estava preparado para fazer isso há muito tempo, mas vivia voltando para o freezer. Meu Jesus, ele era um velho chato de merda. – O rosto do Finlandês ficou crispado de nojo. – Está tudo ligado ao motivo pelo qual ele matou sua esposa, principalmente, se você quer a razão resumida. Mas o que o fez passar do limite definitivamente, a pequena 3Jane descobriu um jeito de mexer com o programa que controlava o sistema criogênico dele. Sutil, também. Então, basicamente, *ela* o matou. Só que ele achou que havia se matado, e sua amiguinha, o anjo vingador, acha que o pegou com um olho cheio de suco de molusco. – O Finlandês deu um pitaco na bituca do cigarro e o jogou na matrix lá embaixo. –

Bom, na verdade, acho que dei a 3Jane uma dica ou outra, um pouco do velho *jeito de*, entende?

– Wintermute – disse Case, escolhendo as palavras com cuidado –, você me disse que era apenas parte de alguma coisa a mais. Depois, você disse que não existiria, se a incursão funcionar e Molly colocar a palavra no slot certo.

O crânio estilizado do Finlandês fez um gesto afirmativo com a cabeça.

– Ok, então com quem a gente vai estar lidando depois: se Armitage morreu, e você também vai desaparecer, quem exatamente vai me dizer como tirar esses saquinhos de toxina de merda do meu organismo? Quem é que vai tirar Molly de lá de dentro? Quero dizer, onde, exatamente onde, os nossos rabos vão estar se a gente cortar você do circuito?

O Finlandês tirou um palito de madeira do bolso e ficou olhando atentamente para ele, como um cirurgião examinando um bisturi. – Boa pergunta – ele disse por fim. – Sabe salmão? Um tipo de peixe? Esses peixes têm uma compulsão para nadar contra a corrente. Entendeu?

– Não – respondeu Case.

– Bom, eu também tenho uma compulsão. E não sei por quê. Se fosse submeter você aos meus próprios pensamentos, vamos chamá-los de especulações, sobre o assunto, isso levaria o equivalente a duas vidas suas. Porque eu já pensei muito no assunto. E simplesmente não sei. Mas quando isto tudo acabar, se fizermos direito a coisa, serei parte de algo maior. Muito maior. – O Finlandês levantou a cabeça e olhou em volta da matrix. – Mas as partes de mim que são eu agora ainda estarão aqui. E você vai receber seu pagamento.

Case lutou contra uma vontade insana de digitar mais coordenadas e pegar o sujeito pelo pescoço, logo acima do nó esfarrapado do cachecol velho. Enfiar os polegares bem fundo na laringe do Finlandês.

– Bom, boa sorte – disse o Finlandês. Ele deu meia-volta, as mãos nos bolsos, e começou a subir de volta pelo arco verde.

– Ei, ô babaca – disse o Flatline, quando o Finlandês já tinha dado uns dez passos. A figura parou e se virou de leve. – E eu? E o meu

pagamento?

– O que é seu está guardado – ele disse.

– O que isso quer dizer? – Case perguntou, ao ver o tweed estreito desaparecer na distância.

– Eu quero ser apagado – disse o constructo. – Eu te disse isso, não lembra?

Straylight lembrava a Case os shopping centers desertos de manhã cedo que ele conhecera na adolescência, lugares de baixa densidade demográfica onde as horas do amanhecer traziam uma imobilidade adequada, uma espécie de expectativa anestesiada, uma tensão que fazia você ficar observando insetos se juntarem em enxames ao redor de lâmpadas em gaiolas sobre a entrada de lojas escurecidas. Lugares de fronteira, logo depois dos limites do Sprawl, longe demais da movimentação noturna nervosa do núcleo quente. Havia aquela mesma sensação de estar cercado pelos habitantes sonolentos de um mundo despertando que ele não tinha interesse em visitar ou conhecer, de negócios tediosos temporariamente suspensos, de futilidade e repetição prestes a despertar novamente.

Molly havia diminuído a velocidade agora, ou sabendo que estava se aproximando de seu objetivo ou por preocupação com a perna. A dor estava começando a abrir caminho pelas endorfinas, e ele não tinha certeza do que isso significava. Ela não falava, mantinha os dentes trincados, e regulava sua respiração com cuidado. Ela havia passado por muitas coisas que Case não entendia, mas a curiosidade dele havia acabado. Havia um quarto repleto de estantes com livros, um milhão de folhas achatadas de papel amarelado pressionado entre capas de tecido ou couro, as estantes marcadas a intervalos regulares por etiquetas que seguiam um código de letras e números; uma galeria atulhada onde Case ficou olhando fixo, através dos olhos nada curiosos de Molly, uma placa de vidro estilhaçada e com traçados de pó, uma coisa com uma etiqueta – o olhar dela rastreou automaticamente a placa de bronze – *"La mariée mise à nu par sés célibataires, même"*. Ela estendeu a mão e tocou no objeto, suas unhas artificiais fazendo claque-claque no sanduíche de Lexan que protegia o vidro quebrado. Havia também o que, obviamente, era a entrada para o complexo

criogênico da Tessier-Ashpool, portas circulares de vidro negro com contornos de cromo.

Ela não vira ninguém desde os dois africanos e o carrinho, e para Case eles haviam assumido uma espécie de vida imaginária; ele os imaginou deslizando suavemente pelos halls de Straylight, seus crânios escuros e lisos reluzindo, movendo-se para a frente e para trás, enquanto um deles ainda cantava sua cançãozinha cansada. E nada disso tinha a ver com a Villa Straylight que ele tinha esperado, um cruzamento entre o castelo de contos de fadas de Cath e uma fantasia semiesquecida de infância do santuário interno da Yakuza.

07:02:18.

– Case – ela disse. – Quero te pedir um favor. – Ela abaixou com dificuldade para sentar numa pilha de placas de aço polidas; a finalização de cada placa era protegida por um revestimento irregular de plástico claro. Ela abriu um rasgão no plástico da placa de cima, deslizando as lâminas sob o polegar e o indicador. – A perna tá maus, tá sabendo? Não pensei que ia ter que fazer uma subida dessas, e as endorfinas não vão segurar a onda por muito mais tempo. Então, talvez, estou falando apenas talvez, eu esteja com um problema aqui. Então, se eu capotar aqui antes do Riviera – e ela esticou a perna, massageando a carne da coxa através do policarbono Moderno e de couro parisiense – quero que você diga a ele. Diz pra ele que fui eu. Entendeu? É só dizer que foi a Molly. Ele vai entender. Ok? – Ela olhou ao redor do corredor vazio, as paredes nuas. Ali, o piso era de concreto lunar cru e o ar tinha cheiro de resina. – Merda, cara, nem sei se você tá ouvindo.

CASE.

Ela fez uma careta de dor, levantou-se, fez que sim com a cabeça. – O que ele te disse, cara? O Wintermute? Ele te falou da Marie-France? Ela era a metade Tessier, a mãe genética de 3Jane. E daquela boneca morta do Ashpool, acho. Não consigo entender por que ele me contou isso, ali naquele cubículo... um monte de coisa... Por que ele apareceu como o Finlandês ou alguém, ele me contou isso. Não é só uma máscara; é que ele usa perfis de gente de verdade como válvulas; ele se prepara para se comunicar conosco. Chamou isso gabarito. Modelo de personalidade. – Ela sacou a pistola de dardos e saiu mancando corredor afora.

O aço nu e o epóxi escabroso acabaram abruptamente, substituídos pelo que Case no começo pensou ser um túnel tosco, aberto na rocha sólida a explosivos. Molly examinou sua borda e viu que, na verdade, o aço era recoberto por uma camada de painéis de alguma coisa que parecia pedra fria. Ela se ajoelhou e tocou a areia escura espalhada pelo piso-imitação do túnel. Parecia areia, fria e seca, mas quando passou o dedo, o material se fechou como um fluido, deixando a superfície intocada. A cerca de dez metros adiante, o túnel fazia uma curva. Uma luz amarela forte lançava sombras bem recortadas sobre as seções de pseudopedra das paredes. Com um tranco, Case percebeu que a gravidade ali era quase igual à da Terra, o que significava que ela teria de descer novamente depois da escalada. Agora, ele estava completamente perdido; a desorientação espacial era algo especialmente terrível para cowboys.

Mas ela não estava perdida, ele disse para si mesmo.

Alguma coisa correu entre as pernas dela e saiu fazendo clique-clique pela não areia do piso. Um LED vermelho piscou. O Braun.

O primeiro dos holos esperava logo depois da curva, uma espécie de tríptico. Ela abaixou a pistola de dardos antes que Case tivesse tido tempo de perceber que o negócio era uma gravação. As figuras eram caricaturas de luz, cartuns em tamanho normal: Molly, Armitage e Case. Os seios de Molly eram grandes demais, visíveis através de uma blusa de malha preta por baixo de uma jaqueta pesada de couro. Sua cintura era impossivelmente estreita. Lentes prateadas cobriam metade do seu rosto. Ela segurava uma arma absurdamente elaborada, um formato de pistola quase perdido por baixo de uma infinidade de miras, silenciadores, luzes piscando. As suas pernas estavam abertas, a pelve projetada para a frente, sua boca fixa num sorriso de crueldade idiota. Ao seu lado, Armitage estava rígido em posição de sentido, vestindo um uniforme cáqui esfarrapado. Seus olhos, Case viu, quando Molly deu um passo cuidadoso para a frente, eram minúsculas telas de monitor, cada uma exibindo a imagem azul-acinzentada de uma vastidão de neve uivando, os troncos negros e nus de sempre-verdes curvando-se a ventos silenciosos.

Ela passou as pontas dos dedos pelos olhos de televisão de Armitage, e então se virou para a figura de Case. Ali, era como se Riviera – e Case soube no mesmo instante que o responsável por aquilo era Riviera – não tivesse sido capaz de encontrar nada digno de parodiar. A figura que estava ali era uma boa aproximação daquela que ele via todo dia no espelho. Magro, ombros altos, um rosto esquecível por baixo de um cabelo preto curto. Ele precisava fazer a barba, mas no mundo real também.

Molly deu um passo para trás. Olhou de uma figura para outra. Era um display estático, o único movimento era o vento silencioso das árvores negras nos olhos siberianos congelados de Armitage.

– Tentando nos dizer alguma coisa, Peter? – ela perguntou baixinho. Então, avançou e chutou alguma coisa entre os pés da holo-Molly. Um barulho de metal batendo contra a parede e as figuras desapareceram. Ela se abaixou e pegou uma pequena unidade de display. – Acho que ele consegue se plugar nessas coisas e programá-las diretamente – disse, jogando o aparelho de lado.

Ela passou pela fonte de luz amarela, um globo incandescente arcaico embutido na parede, protegido por uma curva enferrujada de grades de expansão. O estilo do suporte improvisado sugeria de algum modo algo feito por uma criança. Ele se lembrou de fortalezas que havia construído com outras crianças em telhados e em subsolos de prédios inundados. O esconderijo de uma criança rica, ele pensou. Aquele tipo de tosqueira custava caro. O que eles chamavam atmosfera.

Ela passou por mais uma dezena de hologramas antes de chegar à entrada dos apartamentos de 3Jane. Um deles descrevia a coisa sem olhos no beco atrás do Bazar das Especiarias, ao se rasgar e se libertar do corpo estilhaçado de Riviera. Diversos outros eram cenas de tortura, os inquisidores sempre oficiais militares e as vítimas invariavelmente mulheres jovens. Esses tinham a terrível intensidade do show de Riviera no Vingtième Siècle, como se tivessem sido congelados no flash azul do orgasmo. Molly desviou o olhar ao passar por eles.

O último era pequeno e meio escuro, como se fosse uma imagem que Riviera tivesse tido que arrastar por uma distância particular da

memória e do tempo. Ela precisou se ajoelhar para examiná-lo; ele havia sido projetado do ponto de vista de uma criança. Nenhum dos outros tinha planos de fundo; as figuras, uniformes, instrumentos de tortura, todos haviam sido displays soltos. Mas aquele era uma vista completa.

Uma onda escura de destroços se erguia contra um céu sem cor; além de sua crista, os esqueletos brancos e semiderretidos das torres da cidade. A onda de destroços tinha a textura de uma rede, vergalhões finos de aço retorcidos graciosamente como fios, placas enormes de concreto ainda penduradas neles. A parte da frente poderia ter sido, um dia, a praça de uma cidade; havia uma espécie de toco, algo que sugeria uma fonte. Em sua base, as crianças e o soldado estavam congelados. O *tableau* era confuso no começo. Molly deve tê-lo lido corretamente, porque ele a sentiu ficar tensa. Ela cuspiu e se levantou.

Crianças. Feras, cobertas com trapos. Dentes brilhando como facas. Pústulas nos rostos contorcidos. O soldado, caído de costas, boca e garganta expostas ao céu. Elas estavam se alimentando.

– Bonn – ela disse, com algo que parecia gentileza em sua voz. – Você é bem um produto de lá, não é, Peter? Mas tinha que ser. Nossa 3Jane está chapada demais agora para abrir a porta dos fundos para qualquer ladrãozinho barato. Então Wintermute desencavou você. Para quem gosta, é um prato cheio. O amante de demônios. Peter. – Ela estremeceu. – Mas você a convenceu a me deixar entrar. Valeu. Agora a festa vai começar.

E ela começou a andar – a passo rápido, na verdade, apesar da dor – para longe da infância de Riviera. Ela sacou a pistola de dardos do coldre, retirou o pente de plástico, enfiou-o no bolso e o substituiu por outro. Meteu o polegar no pescoço do traje Moderno e rasgou-o até a virilha com um único gesto, a lâmina do polegar abrindo o policarbono duro como se fosse tecido vagabundo. Ela se libertou dos braços e pernas, os restos esfarrapados se camuflando ao caírem na falsa areia escura.

Então, Case notou a música. Uma música que ele não conhecia, tudo metais e piano.

A entrada para o mundo de 3Jane não tinha porta. Era um rasgão de cinco metros na parede do túnel, escadas irregulares que

desciam até uma curva larga e rasa. Uma pálida luz azul, sombras que se moviam, música.

– Case – disse ela, e fez uma pausa, a pistola de dardos na mão direita. Ela levantou a mão esquerda, sorriu, tocou a palma da mão aberta com a ponta molhada da língua, beijando-o pelo link do simstim. – Tenho que ir.

Então ele sentiu uma coisa pequena e pesada na mão esquerda dela, o seu polegar tocando uma alavanca minúscula, e ela começou a descer.

18

Ela perdeu por uma fração. Ela quase conseguiu, mas não chegou lá. Ela entrou certinho, pensou Case. A atitude certa; era uma coisa que ele podia sentir, uma coisa que ele podia ter visto na postura de outro cowboy curvado sobre um deck, os dedos voando sobre o teclado. Ela tinha tudo: a coisa, os movimentos. E tinha juntado tudo isso para sua entrada. Juntou tudo em volta da dor na perna e desceu marchando os degraus da escada de 3Jane como se fosse dona do lugar, o cotovelo do braço que segurava a pistola colado no quadril, antebraço levantado, pulso relaxado, balançando o cano da pistola de dardos com a fleuma estudada de um duelista do século dezoito.

Era uma performance. Era como o auge de uma vida inteira de observação de fitas de artes marciais, daquelas vagabundas, do tipo que Case crescera assistindo. Por alguns segundos, ele soube, ela era cada herói casca-grossa, Sony Mao nos velhos vídeos da Shaw Productions, Mickey Chiba, toda uma linhagem que recuava até Lee e Eastwood. Ela andava do jeito que falava.

Lady 3Jane Marie-France Tessier-Ashpool havia escavado para si mesma um pequeno nicho com a superfície interna do casco da Villa Straylight, derrubando as paredes que eram sua herança. Ela vivia num único quarto tão amplo e fundo que o outro lado estava perdido num horizonte invertido, o piso oculto pela curvatura do fuso. O teto era baixo e irregular, feito com a mesma imitação de pedra que emparedava o corredor. Aqui e ali, pelo chão, estavam pedaços recortados de parede, lembretes de labirinto que iam até a cintura. Havia uma piscina retangular azul-turquesa centrada a dez metros do pé da escada; os holofotes subaquáticos eram a única fonte de luz do apartamento – ou assim parecia para Case, quando Molly deu seu último passo. A piscina lançava bolhas instáveis de luz sobre o teto acima.

Eles estavam esperando à beira da piscina.

Ele sabia que os reflexos dela estavam turbinados, acelerados para combate pelos neurocirurgiões, mas não os havia experimentado no link de simstim. O efeito era como rodar uma fita pela metade da velocidade, uma dança lenta e deliberada, coreografada para o instinto assassino e anos de treinamento. Aparentemente, ela percebera os três de uma só vez: o garoto preparado no trampolim da piscina, a garota sorrindo sobre a borda da taça de vinho e o cadáver de Ashpool, o buraco do olho esquerdo escancaradamente preto e decomposto sobre seu sorriso de boas-vindas. Seus dentes eram muito brancos.

O garoto mergulhou. Esguio, moreno, suas formas eram perfeitas. A granada deixou a mão dela antes que as mãos dele tocassem a água. Case viu o que era exatamente a coisa no instante em que ela rompeu a superfície: um núcleo de explosivo de alta potência envolto em dez metros de fio de aço fino e frágil.

A pistola zuniu quando ela disparou uma tempestade de dardos explosivos no rosto e no peito de Ashpool, e ele desapareceu, nuvens de fumaça subindo do encosto todo furado da cadeira de piscina branca e vazia.

O cano girou na direção de 3Jane quando a granada detonou, um bolo de casamento simétrico de água subindo, quebrando, caindo de volta, mas o erro já havia sido cometido.

Hideo nem chegou a tocá-la. A perna dela cedeu.

No *Garvey*, Case soltou um grito.

– Você demorou – disse Riviera, enquanto vasculhava os bolsos dela. As mãos dela desapareceram na altura dos pulsos numa esfera preta fosca do tamanho de uma bola de boliche. – Eu vi uma chacina em Ancara – ele disse, arrancando coisas da jaqueta dela com os dedos. – Uma explosão de granada. Numa piscina. Parecia uma explosão muito fraca, mas todos morreram imediatamente de choque hidrostático. – Case a sentiu tentando mover os dedos. O material da bola parecia não oferecer mais resistência do que espuma sintética. A dor na sua perna era excruciante, impossível. Um padrão moiré vermelho se deslocava em sua visão. – Eu não mexeria os dedos se fosse você. – O interior da bola pareceu se contrair ligeiramente. – É um brinquedo sexual que Jane comprou

em Berlim. Mexa mais os dedos e eles vão ser totalmente esmagados. É uma variação do material que usam para fazer este piso. Alguma coisa a ver com moléculas, acho. Está sentindo dor?

Ela grunhiu.

– Parece que você feriu sua perna. – Os dedos dele encontraram o pacote fino de drogas no bolso traseiro esquerdo da calça jeans dela. – Ora. A última dose que o Ali me mandou, e bem na hora.

A rede cambiante de sangue começou a girar em espiral.

– Hideo – disse outra voz, uma voz de mulher –, ela está perdendo a consciência. Dê alguma coisa para ela. Para isso e para a dor. Ela é muito bonita, não acha, Peter? Esse tipo de óculos é moda de onde ela vem?

Mãos frias, sem pressa, com a certeza de um cirurgião. A picada de uma agulha.

– Não sei dizer – Riviera estava falando. – Nunca vi o habitat nativo dela. Eles vieram e me pegaram na Turquia.

– O Sprawl, sim. Nós temos interesses ali. E uma vez mandamos Hideo para lá. Foi culpa minha, na verdade. Eu havia deixado alguém entrar, um ladrão. Ele levou o terminal da família. – Ela riu. – Eu facilitei para ele. Só pra irritar os outros. Era um menino bonito, o meu ladrão. Ela está acordando, Hideo? Será que ela não devia tomar mais?

– Mais e ela morre – disse uma terceira voz.

A rede de sangue deslizou para o vermelho.

A música retornou, metais e piano. Música para dançar.

C A S E : : : : : :
: : : : :D E S P L
U G A : : : : : : :

Pós-imagens das palavras piscadas dançaram sobre os olhos e a testa franzida de Maelcum quando Case removeu os trodos.

– Tu gritou, mon, agorinha mesmo.

– Molly – ele disse, a garganta seca. – Ela está ferida. – Pegou uma garrafa squeeze de plástico branco na borda da rede-G e espremeu um gole de água morna na boca. – Não estou gostando do jeito que esta merda está indo.

O pequeno monitor Cray se acendeu. O Finlandês, contra um fundo de lixo retorcido e compactado. – Nem eu. Temos um problema.

Maelcum se levantou rápido, sobre a cabeça de Case, girou e olhou por sobre o ombro dele. – Quem é esse mon, Case?

– Isso é só uma imagem, Maelcum – Case disse cansado. – Foi um sujeito que conheci no Sprawl. É Wintermute que está falando. A imagem é pra fazer a gente se sentir à vontade.

– Merda nenhuma – disse o Finlandês. – Como eu disse para Molly, isto não são máscaras. Eu preciso delas para falar com vocês. Porque não tenho muito do que vocês consideram como personalidade. Mas isso são bobagens, Case, bobagens, porque, como eu acabei de falar, temos um problema.

– Então expressai-vos, Mute – disse Maelcum.

– A perna da Molly está caindo, pra começo de conversa. Ela não pode mais andar. O combinado foi que ela desceria até lá, entraria, tiraria Peter do caminho, arrancaria a palavra mágica de 3Jane, iria até a cabeça e diria a palavra. Agora ela estragou tudo. Então eu quero que vocês dois vão lá atrás dela.

Case olhou para a tela. – Nós?

– E quem mais?

– Aerol – disse Case. – O cara da *Babylon Rocker*. O amigo do Maelcum.

– Não. Tem que ser vocês. Tem que ser alguém que entenda Molly, que entenda Riviera. Maelcum pelos músculos.

– Você deve estar se esquecendo de que estou no meio de uma pequena incursão aqui. Esqueceu? Foi pra isso que você me trouxe aqui...

– Case, escuta. O tempo está acabando. Pra valer. Escuta. O verdadeiro link entre seu deck e Straylight é uma transmissão de banda alternativa no sistema de navegação do *Garvey*. Vocês vão levar o *Garvey* para um cais muito particular que vou lhes mostrar. O vírus chinês já penetrou completamente o tecido do Hosaka. Não há nada no Hosaka agora a não ser o vírus. Quando vocês atracarem, o vírus será interfaceado com o sistema de detenção de Straylight e vamos cortar a banda alternativa. Você vai levar seu deck, o Flatline e Maelcum. Você vai encontrar 3Jane, arrancar a palavra dela,

matar Riviera e pegar a chave com Molly. Você pode manter o rastro do programa plugando seu deck ao sistema de Straylight. Eu vou cuidar disso para você. Há um plugue-padrão na parte de trás da cabeça, atrás de um painel com cinco zircônias.

– Matar Riviera?

– Matar Riviera.

Case ficou parado ali, piscando, encarando a representação do Finlandês. Sentiu Maelcum colocar a mão no seu ombro. – Ei. Você tá esquecendo uma coisa. – Ele sentiu o ódio subindo, e uma espécie de prazer. – Você fodeu com tudo. Você explodiu os controles dos ganchos quando explodiu o Armitage. O *Haniwa* nos deixou presos. Armitage fritou o outro Hosaka e os mainframes caíram com o tombadilho, certo?

O Finlandês fez que sim com a cabeça.

– Então a gente tá preso aqui. E isso quer dizer que você tá fodido, cara. – Ele queria rir, mas o riso ficou preso na sua garganta.

– Case, mon – Maelcum disse baixinho. – O *Garvey* é um rebocador.

– É isso aí – disse o Finlandês, e sorriu.

– Está se divertindo no mundão véio de guerra lá fora? – O constructo perguntou quando Case tornou a se conectar. – Achei que era o Wintermute solicitando o prazer...

– É. Pode apostar. Tudo ok com o Kuang?

– Pá e bola. Vírus matador.

– Ok. Estou com uns problemas, mas estamos trabalhando a respeito.

– Quer me dizer o que é?

– Não tenho tempo.

– Bom, garoto, não ligue pra mim. Eu estou morto mesmo.

– Vai se foder – disse Case, e flipou, cortando o ruído de unhas arranhando que era a gargalhada do Flatline.

– Ela sonhava com um estado envolvendo muito pouco de consciência individual – 3Jane estava dizendo. Ela segurava um camafeu grande nas mãos, e o estendeu para Molly ver. O perfil esculpido ali era muito parecido com o seu. – Êxtase animal. Acho

que ela encarava a evolução do cérebro anterior como uma espécie de ramificação. – Retirou o broche e o estudou, inclinando-o para captar a luz em diferentes ângulos. – Apenas em alguns aspectos elevados um indivíduo – um membro do clã – sofria as consequências mais dolorosas da autoconsciência...

Molly concordou com a cabeça. Case lembrou da injeção. O que será que eles haviam dado a ela? A dor ainda estava lá, mas vinha através de um foco estreito de impressões embaralhadas. Vermes de neon retorcendo-se na coxa dela, o roçar de aniagem, o cheiro de krill fritando... sua mente recuou. Se ele evitasse se concentrar nisso, as impressões se sobrepunham, tornavam-se um equivalente sensorial do ruído branco. Se aquilo podia fazer isso com o sistema nervoso dela, como estaria a sua mente?

Sua visão estava anormalmente clara e brilhante, mais aguçada até do que de costume. As coisas pareciam vibrar, cada pessoa ou objeto sintonizado a uma frequência minimamente diferente. As suas mãos, ainda travadas na bola preta, repousavam no seu colo. Ela estava sentada numa das cadeiras da piscina, a perna quebrada esticada à sua frente sobre uma rede forrada com peles de camelo. 3Jane estava sentada logo em frente, em outra rede, encolhida num robe djellaba enorme de lã crua. Ela era muito jovem.

– Para onde ele foi? – perguntou Molly. – Tomar sua dose?

3Jane deu de ombros por baixo das dobras do robe pesado e branco e afastou um cacho de cabelo preto dos olhos. – Ele me disse quando deixar você entrar – disse ela. – Não me disse por quê. Tudo tem que ser um mistério. Você teria nos machucado?

Case sentiu Molly hesitar. – Eu o teria matado. Eu teria tentado matar o ninja. Em seguida, deveria conversar com você.

– Por quê? – Perguntou 3Jane, enfiando o camafeu de volta para dentro de um dos bolsos internos do djellaba. – E por quê? E o quê?

Molly parecia estar estudando os ossos altos e delicados, a boca larga, o nariz aquilino estreito. Os olhos de 3Jane eram escuros, curiosamente opacos. – Porque eu o odeio – ela disse finalmente – e o porquê disso é o jeito como sou programada, o que ele é e o que eu sou.

– E o show – disse 3Jane. – Eu vi o show.

Molly concordou com a cabeça.

– Mas Hideo?

– Porque eles são os melhores. Porque um deles matou um parceiro meu uma vez.

3Jane ficou muito séria. Ergueu as sobrancelhas.

– Porque eu precisava ver – disse Molly.

– E depois nós teríamos conversado, você e eu? Tipo assim? – Os seus cabelos escuros eram muito retos, partidos ao meio, puxados para trás num nó de prata de lei opaca. – Vamos conversar agora?

– Tire esta coisa daqui – disse Molly, levantando as mãos presas.

– Você matou meu pai – disse 3Jane, sem mudar absolutamente nada em seu tom de voz. – Eu estava vendo pelos monitores. Os olhos de minha mãe, ele os chamava assim.

– Ele matou a boneca. Era a sua cara.

– Ele gostava de grandes gestos – ela disse, e então Riviera estava ao seu lado, radiante de drogas, vestindo o modelito macacão-presidiário que usara no jardim do telhado do hotel.

– Estão se conhecendo? Ela é uma garota interessante, não é? Eu achei isso quando a vi pela primeira vez. – Passou por 3Jane. – Isso não vai funcionar, você sabe.

– Não vai, Peter? – Molly conseguiu dar um sorrisinho cínico.

– Wintermute não será o primeiro a cometer o mesmo erro. Me subestimar. – Ele atravessou a beirada de azulejos da piscina até uma mesa de esmalte branco e serviu água mineral em um copo highball de cristal. – Ele falou comigo, Molly. Suponho que tenha falado com todos nós. Você, e Case, e seja lá o que exista do Armitage para se conversar. Ele não consegue realmente nos entender, você sabe. Ele tem seus perfis, mas são apenas estatísticas. Você pode ser seu animal estatístico, querida, e Case não é nada, mas eu possuo uma qualidade inquantificável pela própria natureza. – Tomou um gole.

– E o que é exatamente isso, Peter? – perguntou Molly, a voz sem emoção.

Riviera deu um sorriso de orelha a orelha. – Perversidade. – Ele voltou até onde as duas mulheres estavam, sacudindo a água que permanecia no denso cilindro escavado de cristal de rocha, como se

gostasse do peso da coisa. – O desfrutar de um ato gratuito. E tomei uma decisão, Molly, uma decisão totalmente gratuita.

Ela ficou esperando, olhando para ele.

– Ah, Peter – 3Jane disse, com o tipo de leve exasperação normalmente reservado para crianças.

– Nenhuma palavra para você, Molly. Ele me contou isso, sabia? 3Jane conhece o código, claro, mas você não o terá. Nem Wintermute. Minha Jane é uma garota ambiciosa, à sua maneira perversa. – Voltou a sorrir. – Ela tem projetos sobre o império familiar, e uma dupla de inteligências artificiais insanas, por mais contraditório que possa ser esse conceito, só seria um obstáculo. Então aí vem o Riviera dela para ajudá-la, sabe? E o Peter diz, fique na sua. Toque os disquinhos de swing preferidos do papai e deixe que o Peter chame para você uma banda para combinar, um conjunto de dançarinos, um velório para o falecido Rei Ashpool. – Tomou o resto da água mineral. – Não, você não faria isso, paizinho, você não faria isso. Agora que Peter voltou para casa. – E, então, o rosto rosado com o prazer da cocaína e da meperidina, ele virou o copo com força no implante esquerdo de lente dela, estilhaçando a visão em sangue e luz.

Maelcum estava encostado no teto da cabine quando Case removeu os trodos. Uma corda de nylon, enrolada ao redor de sua cintura, estava presa aos painéis de cada lado com cordas antichoque e almofadas de sucção de borracha cinza. Ele tinha tirado a camisa e estava trabalhando num painel central com uma chave de boca zero-G de aspecto desajeitado, as molas de contraste da coisa fazendo o barulho da vibração de uma corda de arco quando solta a flecha no instante em que ele retirou outra porca. O *Marcus Garvey* estava gemendo e estalando com estresse-G.

– O Mute vai levar a gente para a doca – disse o zionita, colocando a porca num bolsinho de malha na cintura. – Maelcum pilota o pouso, enquanto isso precisa de ferramenta pro trabalho.

– Você guarda as ferramentas ali? – Case esticou o pescoço e viu cordas de músculo acumuladas nas costas marrons.

– Esta aqui – disse Maelcum, deslizando um saquinho comprido enrolado em poli preto do espaço atrás do painel. Ele substituiu o painel, juntamente com um único parafuso para fixá-lo no lugar. O pacote preto havia flutuado para a popa antes que tivesse terminado. Ele abriu com o polegar as válvulas de vácuo nas almofadas cinza do cinto de trabalho e se soltou, recuperando a coisa que havia retirado.

Com um impulso, voltou, planando sobre seus instrumentos – um diagrama de atracação verde pulsava em sua tela central – e segurou a armação da rede-G de Case. Ele se puxou para baixo e puxou a fita de seu pacote com uma unha grossa e quebrada do polegar. – Uns homens na China dizem que a verdade é isto – ele disse, desembrulhando uma antiga escopeta automática Remington, escorregadia de óleo. O apoio do ombro havia sido inteiramente retirado, substituído por um cabo de pistola de madeira revestido com fita preta fosca. Ele tinha cheiro de suor e ganja.

– Esta é a única que você conseguiu?

– Claro, mon – ele disse, enxugando o óleo do cano preto com um pano vermelho, o embrulho de poli preto todo enroscado ao redor do cabo de pistola em sua outra mão. – Eu sou da Marinha Rastafári, pode crer.

Case puxou os trodos da testa. Ele nem se dera ao trabalho de recolocar o cateter texano; pelo menos poderia dar uma mijada de verdade na Villa Straylight, mesmo que fosse a última.

Conectou-se.

– Ei – disse o constructo –, o Peter tá mutcholôco, hein?

Eles pareciam fazer parte do ICE da Tessier-Ashpool agora; os arcos esmeralda haviam se ampliado, crescido junto, tornado-se uma massa sólida. O verde predominava nos planos do programa chinês que os cercava. – Chegando mais perto, Dixie?

– Muito perto. Vou precisar de você daqui a pouco.

– Escuta, Dix. Wintermute disse que o Kuang está inteirinho no nosso Hosaka. Vou ter que desplugar você e meu deck do circuito, levar você para Straylight e te plugar de volta, no programa de detenção de lá. Foi o que o Wintermute falou. Ele diz que o vírus Kuang já estará lá por toda parte. Então a gente retoma a incursão de dentro, pela rede da Straylight.

– Maravilha – disse o Flatline. – Eu nunca gostei de fazer uma coisa simples quando podia complicar pra caralho.

Case flipou.

Dentro de sua escuridão, uma sinestesia fervilhante, onde a dor dela era o gosto de ferro-velho, cheiro de melão, as asas de uma mariposa roçando seu rosto. Ela estava inconsciente, e ele estava barrado de seus sonhos. Quando o chip óptico disparou, os alfanuméricos estavam cercados por um halo, cada um envolvido por uma tênue aura cor-de-rosa.

07:29:40.

– Estou muito chateada com isso, Peter – a voz de 3Jane parecia vir de uma grande distância, pelo eco. Molly podia ouvir, ele percebeu, mas então se corrigiu. A unidade de simstim estava intacta e ainda no lugar; ele conseguia senti-la fazendo pressão nas costelas dela. Os ouvidos dela registravam as vibrações da voz da garota. Riviera disse uma coisa breve e indistinta. – Mas eu não – ela disse. – E não tem graça. Hideo vai trazer uma unidade médica lá da terapia intensiva, mas esta aqui vai precisar de um cirurgião.

Silêncio. Muito distintamente, Case ouviu a água batendo na lateral da piscina.

– O que você estava falando com ela quando voltei? – Riviera estava muito perto agora.

– Sobre minha mãe. Ela me perguntou. Acho que estava em choque, tirando a injeção do Hideo. Por que você fez isso com ela?

– Eu queria ver se essas lentes quebravam.

– Uma delas quebrou. Quando ela acordar, se acordar, vamos ver a cor dos seus olhos.

– Ela é extremamente perigosa. Perigosa demais. Se eu não tivesse estado aqui para distraí-la, para jogar Ashpool para distraí-la e meu próprio Hideo para afastar a bombinha dela, onde você estaria? Sob o poder dela.

– Não – disse 3Jane. – Havia Hideo. Acho que você não está entendendo muito bem Hideo. Evidentemente ela entende.

– Quer beber alguma coisa?

– Vinho. Branco.

Case desplugou.

Maelcum estava curvado sobre os controles do *Garvey*, digitando comandos para uma sequência de atracação. A tela central do módulo exibia um quadrado vermelho fixo que representava a doca de Straylight. O *Garvey* era um quadrado maior, verde, que encolhia devagar, oscilando de um lado para o outro com os comandos de Maelcum. À esquerda, uma tela menor exibia um gráfico-esqueleto do *Garvey* e do *Haniwa* se aproximando da curvatura do fuso.

– A gente tem uma hora, cara – disse Case, puxando a fita de fibras ópticas do Hosaka. As baterias de backup do seu deck tinham a capacidade de duração de noventa minutos, mas o constructo do Flatline seria um dreno adicional de energia. Trabalhou rápida e mecanicamente, prendendo o constructo na parte de baixo do Ono-Sendai com fita micropore. O cinto de trabalho de Maelcum passou flutuando por ele. Ele o agarrou, soltou os dois pedaços de corda, com suas almofadas de sucção cinza retangulares e enganchou a garra-jacaré de um clipe na outra. Segurou as almofadas contra as laterais de seu deck e acionou a alavanca do polegar que criava a sucção. Com o deck, o constructo e a alça de ombro improvisada à sua frente, vestiu com dificuldade a jaqueta de couro, checando o conteúdo dos bolsos. O passaporte que Armitage lhe dera, o chip bancário no mesmo nome, o chip de crédito que ele recebera ao entrar em Freeside, dois dermas da betafenetilamina que comprara de Bruce, um rolo de neoienes, meio maço de Yeheyuans e o shuriken. Jogou fora o chip de Freeside, ouviu o barulho que fez ao bater no filtro de ar russo. Ele estava para fazer o mesmo com a estrela de aço, mas o chip de crédito ricocheteou, raspou a parte de trás da sua cabeça, saiu girando, bateu no teto e passou dando cambalhotas pelo ombro esquerdo de Maelcum. O zionita interrompeu a pilotagem para olhar para ele com cara feia. Case olhou para o shuriken, e então enfiou-o no bolso da jaqueta, ouvindo o rasgão do forro.

– Você tá perdendo o Mute, mon – disse Maelcum. – Mute diz que tá mexendo com a segurança pro *Garvey*. O *Garvey* vai atracar como outra nave qualquer, nave que eles estavam esperando lá da Babilônia. O Mute está transmitindo códigos para nós.

– Vamos vestir os trajes?

– Pesados demais. – Maelcum deu de ombros. – Fica na teia até eu avisar. – Digitou uma sequência final no módulo e agarrou o cabo rosa gasto de cada lado do console de navegação. Case viu o quadrado verde encolher mais alguns milímetros para se sobrepor ao quadrado vermelho. Na tela menor, o *Haniwa* abaixou a proa para não bater na curva do fuso e foi agarrado. O *Garvey* ainda estava preso embaixo dela como uma craca. O rebocador gemeu e estremeceu. Dois braços estilizados surgiram para agarrar a forma esguia de vespa. Straylight projetou um retângulo amarelo temporário que se curvou, agarrando o *Haniwa* e separando-o do *Garvey*.

Eles ouviram um som de raspagem na proa, além dos fios trêmulos de massa de calafate.

– Mon – disse Maelcum –, cuidado com a gravidade. – Uma dezena de objetos pequenos caíram simultaneamente no chão da cabine, como se atraídos para lá por um ímã. Case perdeu o ar quando seus órgãos internos foram puxados para uma configuração diferente. O deck e o constructo haviam caído no seu colo, e doeu.

Agora eles estavam presos ao fuso, rotacionando com ele.

Maelcum abriu os braços, flexionando-os para eliminar a tensão dos ombros, e retirou sua redinha roxa de dreads, sacudindo o cabelo para fora. – Vamos nessa, mon, se você tá dizendo que o tempo é muito precioso.

19

A Villa Straylight era uma estrutura parasítica, Case lembrou, ao passar pelos tentáculos de material de calafate e atravessar a escotilha dianteira do *Garvey*. A Straylight sangrava ar e água para fora de Freeside, e não tinha ecossistema próprio.

O tubo de passagem que a doca havia estendido era uma versão mais elaborada daquele pelo qual ele havia passado aos trancos e barrancos para chegar ao *Haniwa*, projetado para uso na gravidade rotacional do fuso. Um túnel corrugado, articulado por membros hidráulicos integrais, cada segmento com um anel de plástico rígido e antiderrapante, os anéis servindo como os elos de uma escada. A passagem serpenteava ao redor do *Haniwa*; era horizontal, onde se juntava com a escotilha do *Garvey*, mas fazia uma curva fechada para cima e para a esquerda, uma subida vertical, uma subida vertical ao redor da curvatura do casco do iate. Maelcum já estava subindo pelos anéis, puxando-se para cima com a mão esquerda, a Remington na direita. Vestia um par manchado de calças baggy, sua jaqueta de nylon verde sem mangas e um par de tênis de lona surrada com solas vermelhas berrantes. A passagem se deslocava ligeiramente a cada vez que ele subia para outro anel.

Os grampos da alça improvisada de Case penetravam fundo no seu ombro, com o peso do Ono-Sendai e do constructo do Flatline. Tudo o que sentia agora era medo, um pavor generalizado. Ele colocou isso de lado à força, forçando-se a repassar a palestra de Armitage sobre o fuso e a Villa Straylight. Começou a escalada. O ecossistema de Freeside era limitado, não fechado. Zion era um sistema fechado, capaz de se reciclar por anos sem a introdução de materiais externos. Freeside produzia seu próprio ar e sua própria água, mas confiava em suprimentos constantes de comida, no aprimoramento regular de nutrientes do solo. A Villa Straylight não produzia absolutamente nada.

– Mon – Maelcum disse baixinho –, sobe aqui em cima, junto comigo. – Case virou de lado na escada circular e subiu os últimos anéis. A passagem terminou em uma escotilha lisa e ligeiramente convexa de dois metros de diâmetro. Os membros hidráulicos do tubo desapareciam em carapaças flexíveis montadas na moldura da escotilha.

– Então o que é que a gente...

Case fechou a boca no instante em que a escotilha se abriu para cima, um leve diferencial de pressão borrifando poeira fina de cascalho nos seus olhos.

Maelcum subiu correndo, passou pela borda, e Case ouviu o pequeno clic da trava de segurança da Remington sendo liberada. – Mon, anda depressa... – murmurou Maelcum, agachando-se ali. Case chegou para junto dele.

A escotilha estava centrada numa câmara redonda e abaulada com um piso de azulejos plásticos azuis antiderrapantes. Maelcum o cutucou, apontou, e ele viu um monitor montado numa parede curva. Na tela, um jovem com os traços físicos Tessier-Ashpool estava passando os dedos para tirar algo das mangas de seu paletó escuro. Ele estava parado em pé ao lado de uma escotilha idêntica. – Lamento muito, senhor – disse uma voz de uma grade centrada acima da escotilha. Case olhou para cima. – Esperávamos o senhor mais tarde, na doca axial. Um instante, por favor. – No monitor, o jovem balançava a cabeça impaciente.

Maelcum girou quando a porta se abriu deslizando à sua esquerda, a escopeta pronta. Um eurasiano baixinho, vestindo um macacão laranja, passou pela escotilha e olhou para eles com os olhos arregalados. Ele abriu a boca, mas nada saiu dela. Fechou a boca. Case olhou para o monitor. Nada.

– Quem? – o homem conseguiu perguntar.

– Marinha Rastafári – disse Case, levantando-se, o deck de ciberespaço batendo no quadril – e só queremos uma conexão com seu sistema de segurança.

O homem engoliu em seco. – Isto é um teste? É uma verificação de lealdade. Deve ser uma verificação de lealdade. – Ele enxugou as palmas das mãos nas coxas de seu traje laranja.

– Não, mon, isto aqui é pra valer. – Maelcum se levantou com a Remington apontada para o rosto do eurasiano. – Vai andando.

Eles seguiram o homem voltando pela porta e entrando num corredor cujas paredes, de concreto polido e piso irregular de tapetes sobrepostos, eram perfeitamente familiares a Case. – Bonitos tapetes – disse Maelcum, empurrando o homem nas costas. – Têm cheiro de igreja.

Passaram por outro monitor, um Sony antigo, montado em cima de um console e uma fileira complexa de painéis de conexão. A tela se iluminou quando pararam, o Finlandês sorrindo tenso para eles no que parecia ser o salão da frente do Metro Holografix. – Ok – ele disse. – Maelcum, leva esse cara até o final do corredor até a porta aberta do armário, enfia ele lá dentro, eu tranco. Case, o que você está querendo é o quinto soquete a partir da esquerda, painel superior. Há plugues-adaptadores no gabinete embaixo do console. Precisa conectar o de vinte pontos do Ono-Sendai no de quarenta do Hitachi. – Enquanto Maelcum empurrava seu prisioneiro e o levava para o fim do corredor, Case se ajoelhou e começou a mexer no sortimento de plugues até finalmente encontrar o de que precisava. Com seu deck plugado no adaptador, ele parou por um instante.

– Você tem que ter essa cara, meu camarada? – ele perguntou ao rosto na tela. O Finlandês estava sendo apagado uma linha de cada vez pela imagem de Lonny Zone encostado numa parede com cartazes japoneses descolando.

– O que você quiser, baby – Zone falou com a voz arrastada. – É só trocar pelo Lonny...

– Não – disse Case –, use o Finlandês. – Quando a imagem do Zone desapareceu, ele enfiou o adaptador Hitachi no seu soquete e colocou os trodos na testa.

– Por que você demorou tanto? – o Flatline perguntou, e deu uma gargalhada.

– Eu já falei pra você não fazer isso – disse Case.

– É só brincadeira, garoto – disse o constructo. – Aqui o lapso de tempo é zero pra mim. Vamo lá ver o que a gente tem aqui...

O programa Kuang estava verde, exatamente o tom do ICE da T-A. Enquanto Case observava, ia ficando gradualmente mais opaco, embora pudesse ver a coisa-tubarão preta espelhada claramente quando levantou a cabeça. As linhas de fratura e alucinações já haviam desaparecido, e a coisa parecia tão real quanto o *Marcus Garvey*, um jato antigo sem asas, sua pele macia revestida de cromo preto.

– Tudo pronto – disse o Flatline.

– Beleza – disse Case, e flipou.

– ... assim. Desculpe – 3Jane estava dizendo, enquanto colocava uma bandagem na cabeça de Molly. – Nossa unidade diz que não há concussão, nenhum dano permanente ao olho. Você não o conhecia muito bem, antes de vir aqui?

– Eu simplesmente não o conhecia – Molly disse cansada. Estava encostada numa cama alta ou numa mesa acolchoada. O efeito sinestésico da injeção original parecia ter passado. Ela não estava mais com a bola preta, mas suas mãos estavam imobilizadas por cordas macias que ela não conseguia ver.

– Ele quer matar você.

– Faz sentido – disse Molly, olhando para o teto irregular passando por uma luz muito brilhante.

– Acho que eu não quero que ele faça isso – disse 3Jane, e Molly virou com dor a cabeça para olhar os olhos escuros.

– Não brinca comigo – ela disse.

– Mas eu acho que quero brincar – disse 3Jane, e se curvou para beijar sua testa, escovando os cabelos para trás com uma mão quente. Havia manchas de sangue em seu djellaba claro.

– Pra onde ele foi agora? – perguntou Molly.

– Provavelmente outra injeção – disse 3Jane, se endireitando. – Ele estava muito impaciente com a sua chegada. Acho que seria divertido cuidar de você até ficar saudável, Molly. – Ela sorriu, limpando distraída uma mão ensanguentada na frente do robe. – Sua perna vai precisar ser reduzida, mas podemos dar um jeito nisso.

– E Peter?

– Peter. – Ela balançou a cabeça bem de leve. Um fio de cabelos pretos se soltou, caindo na sua testa. – Peter se tornou um tanto entediante. Eu acho que o uso de drogas é entediante de modo geral. – Ela deu uma risadinha. – Nos outros, pelo menos. Meu pai era um usuário dedicado, como você deve ter visto.

Molly ficou tensa.

– Não fique alarmada. – Os dedos de 3Jane roçaram a pele sobre a cintura do jeans de couro. – O suicídio dele foi o resultado de minha manipulação das margens de segurança de seu congelamento. Eu nunca o *conheci*, você sabia? Fui decantada depois da última vez em que ele foi dormir. Mas eu o conhecia *muito* bem. Os núcleos sabem tudo. Eu o vi matar minha mãe. Eu mostro isso pra você, quando estiver melhor. Ele a estrangulou na cama.

– Por que ele a matou? – O olho sem bandagem estava concentrado no rosto da garota.

– Ele não conseguia aceitar a direção que ela havia planejado para nossa família. Ela comissionou a construção de nossas inteligências artificiais. Ela era uma visionária e tanto. Ela nos imaginou numa relação simbiótica com as IAs, nossas decisões corporativas tomadas por nós. Nossas decisões conscientes, eu deveria dizer. A Tessier-Ashpool seria imortal, uma colmeia, cada um de nós unidades de uma entidade maior. Fascinante. Eu posso rodar as fitas dela pra você, são quase mil horas de fita. Mas, na verdade, eu nunca a entendi, e, com a sua morte, sua orientação se perdeu. Toda a orientação se perdeu, e nós começamos a nos enterrar dentro de nós mesmos. Agora raramente saímos. Eu sou a exceção aqui.

– Você disse que estava tentando matar o velho? Você mexeu com os programas criogênicos dele?

3Jane concordou com a cabeça. – Eu tive ajuda. De um fantasma. Era o que eu achava quando era muito nova, que existiam fantasmas nos núcleos corporativos. Vozes. Uma delas era o que você chama Wintermute, que é o código Turing para nossa IA de Berna, embora a entidade que a está manipulando seja uma espécie de subprograma.

– Uma delas? Existem mais?

– Mais uma. Mas não fala comigo há anos. Acho que ela desistiu. Suspeito que ambas representam a fruição de certas capacidades que minha mãe mandou serem projetadas no software original, mas ela era uma mulher extremamente cheia de segredos quando achava necessário. Aqui. Beba. – Ela colocou um tubo de plástico flexível nos lábios de Molly. – Água. Só um pouquinho.

– Jane, meu amor – Riviera perguntou animado, de algum lugar fora da vista dela –, está se divertindo?

– Deixe a gente em paz, Peter.

– Brincando de médico... – Subitamente Molly estava olhando para seu próprio rosto, a imagem suspensa a dez centímetros de seu nariz. Não havia bandagens. O implante esquerdo estava quebrado, um dedo comprido de plástico prateado enfiado fundo num soquete que era uma poça invertida de sangue.

– Hideo – disse 3Jane, acariciando a barriga de Molly. – Machuque Peter se ele não for embora. Vá nadar, Peter.

A projeção desapareceu.

07:58:40, na escuridão do olho com bandagem.

– Ele disse que você conhece o código. Peter disse. Wintermute precisa do código. – Case estava subitamente consciente da chave CHUBB presa ao seu cordão de nylon, colada à curva interior do seio esquerdo dela.

– Conheço – disse 3Jane, recolhendo a mão. – Conheço sim. Aprendi quando era criança. Acho que aprendi num sonho... Ou em algum lugar nas mil horas dos diários da minha mãe. Mas acho que Peter tem razão. Teríamos de lidar com o pessoal de Turing, se é que eu entendi isso tudo corretamente, e fantasmas só sabem ser caprichosos.

Case se desconectou.

– Clientezinho esquisito, hein? – o Finlandês sorriu para Case pelo velho Sony.

Case deu de ombros. Viu Maelcum voltando pelo corredor com o Remington ao lado. O zionita estava sorrindo, a cabeça balançando com um ritmo que Case não podia ouvir. Um par de minúsculos fios amarelos corria de suas orelhas para um bolso lateral em sua jaqueta sem mangas.

– Dub, mon – disse Maelcum.

– Você é louco, porra – Case disse.

– É legal de ouvir, mon. Um dub honesto.

– Ei, meus camaradas – disse o Finlandês. – Vamos que vamos. Seu transporte está chegando. Não posso refinar muitos números com tanta sutileza quanto a imagem de 8Jean que tapeou seu porteiro, mas posso fazer vocês chegarem no cafofo de 3Jane.

Case estava puxando o adaptador de seu soquete quando o carrinho de serviço sem motorista apareceu, sob o deselegante arco de concreto que marcava a outra ponta do corredor. Poderia ter sido aquele que os africanos haviam usado, mas se fosse, agora eles não estavam mais ali. Logo atrás das costas do banco baixo estofado, com seus minúsculos manipuladores agarrando o estofamento, o pequeno Braun estava piscando seu LED vermelho sem parar.

– Vamos pegar o ônibus – Case disse para Maelcum.

20

Ele havia perdido seu ódio novamente. Tinha saudades dele.

O carrinho estava lotado: Maelcum, com a Remington no colo, e Case, deck e constructo colados no peito. O carrinho estava correndo a velocidades para as quais não havia sido projetado; estava indo muito rápido, quase virando nas curvas, e Maelcum tinha que se inclinar na direção dessas. Isso não apresentava problema quando a coisa caía para a esquerda, porque Case estava sentado à direita, mas nas curvas à direita Maelcum tinha que se inclinar sobre Case e seu equipamento, esmagando-o contra o banco.

Ele não fazia ideia de onde estavam. Tudo era familiar, mas ele não tinha certeza de ter visto algum trecho em especial antes. Um corredor curvo, com displays de madeira exibindo coleções que ele tinha certeza de nunca ter visto: os crânios de pássaros grandes, moedas, máscaras de prata fosca. Os seis pneus do carrinho de manutenção não faziam barulho ao passar pelas camadas de tapetes. Havia apenas o zumbido agudo do motor elétrico e uma leve explosão ocasional de dub de Zion, dos fones de espuma nos ouvidos de Maelcum, enquanto ele passava por cima de Case para contrabalançar uma curva fechada à direita. O deck e o constructo continuavam fazendo com que o shuriken no bolso de sua jaqueta fizesse pressão em seu quadril.

– Você tem horas? – ele perguntou a Maelcum.

O zionita balançou a cabeça. – Tempo é tempo.

– Jesus – disse Case, e fechou os olhos.

O Braun passou sobre pilhas de tapetes e bateu uma de suas garras acolchoadas numa porta retangular de madeira escura desgastada. Atrás deles, o carrinho soltou um barulho como algo fritando e soltou faíscas azuis num painel com palhetas de

ventoinha. As faíscas atingiram o tapete embaixo do carrinho e Case sentiu cheiro de lã chamuscada.

– Aqui é o caminho, mon? – Maelcum olhou para a porta e soltou a trava da escopeta.

– Ei – Case disse mais para si mesmo do que para Maelcum. – Você acha que eu sei? – o Braun rotacionou seu corpo esférico e o LED começou a piscar estroboscópico.

– Ele quer que tu abra a porta – Maelcum disse, balançando a cabeça afirmativamente.

Case deu um passo à frente e experimentou a maçaneta de bronze ornamentada. Havia uma placa também de bronze montada na porta no nível dos olhos, tão antiga que as letras que haviam sido gravadas ali foram reduzidas a um código rabiscado e ilegível, o nome de alguma função ou funcionário há muito morto, polido até o esquecimento. Ele imaginou vagamente se a Tessier-Ashpool havia selecionado cada peça de Straylight individualmente, ou se eles haviam comprado tudo em conjunto de algum imenso equivalente europeu do Metro Holografix. As dobradiças da porta rangeram quando ele as abriu, Maelcum passando por ele com a Remington para a frente, apoiada no quadril.

– Livros – disse Maelcum.

A biblioteca, as estantes de aço branco com suas etiquetas.

– Eu sei onde nós estamos – disse Case. Olhou para o carrinho de manutenção atrás deles. Uma pluma de fumaça estava saindo do tapete. – Então vem – ele disse. – Carrinho. Carrinho? – ele permaneceu parado. O Braun estava puxando a perna de sua calça jeans, mordiscando seu tornozelo. Ele resistiu a uma grande vontade de chutá-lo. – O que é?

O Braun deu a volta pela porta. Ele o seguiu.

O monitor da biblioteca era outro Sony, tão velho quanto o primeiro. O Braun fez uma pausa embaixo dele e executou uma espécie de dancinha.

– Wintermute?

As feições familiares preencheram a tela. O Finlandês sorriu.

– Hora de fazer a checagem, Case – disse o Finlandês, os olhos quase fechados contra a fumaça de um cigarro. – Vamos lá, se pluga.

O Braun se jogou contra seu tornozelo e começou a escalar sua perna, os manipuladores beliscando sua pele por baixo do tecido preto fino. – Merda! – ele deu um tapa para afastar a coisa e ela bateu na parede. Dois de seus membros começaram a subir e descer repetidamente, inutilmente, bombeando o ar. – Qual o problema desse negócio, porra?

– Queimou – disse o Finlandês. – Esquece. Não tem problema. Se pluga agora.

Havia quatro soquetes embaixo da tela, mas só um aceitava o adaptador do Hitachi.

Ele se conectou.

Nada. Um vácuo cinza.

Nada de matrix, nada de grade. Nada de ciberespaço.

O deck havia desaparecido. Seus dedos estavam...

E na borda distante da consciência, uma impressão fugidia e sutil de alguma coisa correndo em sua direção, atravessando léguas de espelho preto.

Ele tentou gritar.

Parecia ser uma cidade, para além da curva da praia, mas estava muito distante.

Ele estava agachado na areia molhada, abraçando as pernas com força. Tremia.

Ficou naquela posição pelo que pareceu um tempo muito longo, mesmo depois que a tremedeira passou. A cidade, se é que era uma cidade, era pequena e cinzenta. Às vezes ficava obscurecida por banquisas de névoa que vinham rolando sobre as ondas que batiam na arrebentação. Em um determinado momento ele chegou à conclusão de que não era uma cidade de jeito algum, mas um único edifício, talvez uma ruína; ele não tinha como avaliar a distância. A areia tinha o tom de prata suja que ainda não havia ficado totalmente preta. A praia era feita de areia, a praia era muito comprida, a areia estava úmida, as pernas de seus jeans estavam molhadas por causa da areia... ele se abraçou e ficou se balançando, cantando uma canção sem letra nem música.

O céu tinha um prata diferente. Chiba. Como o céu de Chiba. Baía de Tóquio? Virou a cabeça e ficou olhando para o mar, esperando ver o logo holográfico da Fuji Electric, pelo ruído de um helicóptero, por qualquer coisa.

Atrás dele, uma gaivota gritou. Ele estremeceu.

Um vento começou a soprar. A areia bateu no seu rosto. Ele encostou o rosto nos joelhos e chorou; o som de seus soluços era tão distante e alienígena quanto o grito da gaivota. Seus jeans ficaram encharcados de urina quente, que pingou na areia, e rapidamente esfriou no vento que vinha da água. Quando suas lágrimas acabaram, a garganta doía.

– Wintermute – ele murmurou para os joelhos. – Wintermute...

Estava ficando escuro agora, e, quando ele estremeceu, era com um frio que finalmente o forçou a se levantar.

Os joelhos e os cotovelos doíam. Seu nariz escorria; ele o limpou na manga da jaqueta, e depois vasculhou os bolsos vazios. – Jesus – ele disse, ombros curvados, enfiando os dedos debaixo dos braços para se aquecer. – Jesus. – Começou a bater os dentes de frio.

A maré havia deixado a praia cheia de padrões mais sutis do que qualquer jardineiro de Tóquio. Depois de uns dez passos na direção da cidade agora invisível, ele deu meia-volta e olhou para a escuridão que se aproximava. Suas pegadas se estendiam até o ponto de sua chegada. Não havia outras marcas para perturbar a areia velha.

Ele estimou que havia percorrido pelo menos um quilômetro antes de notar a luz. Ele estava conversando com Ratz, e foi o Ratz quem apontou isso pela primeira vez, um brilho vermelho-alaranjado à sua direita, longe do quebra-mar. Ele sabia que o Ratz não estava ali, que o bartender era produto de sua própria imaginação, não da coisa na qual ele estava aprisionado, mas não fazia diferença. Ele havia chamado o sujeito para ter alguma espécie de consolo, mas Ratz tinha ideias próprias quando se tratava de Case e de seu problema.

– Ah, meu *artiste*, você me surpreende. Até onde você vai para conseguir sua própria destruição. Quanta redundância! Em Night City, você estava com ela na palma de sua mão! A velocidade para

comer a ponto de anular seus sentidos, beber para manter tudo tão fluido, Linda para uma tristeza mais doce e a rua para dar o golpe de misericórdia. A que ponto você chegou, para ter que fazer isso agora, e que cenário grotesco... Playgrounds soltos no espaço, castelos hermeticamente fechados, as mais raras coisas podres de toda a velha Europa, mortos sentados em caixinhas, mágicas da China... – Ratz deu uma gargalhada, passeando ao lado dele, seu manipulador cor-de-rosa balançando desajeitado do seu lado. Apesar da escuridão, Case podia ver o aço barroco que rendilhava os dentes enegrecidos do bartender. – Mas suponho que esse seja o jeito de um *artiste*, não? Você precisava deste mundo construído para você, esta praia, este lugar. Para morrer.

Case parou, cambaleou, virou-se na direção do som da arrebentação e das agulhadas da areia soprada. – É – ele disse. – Merda. Eu acho... – Caminhou na direção do som.

– *Artiste* – ele ouviu Ratz chamar. – A luz. Você viu uma luz. Aqui. Por aqui...

Ele tornou a parar, cambaleou, caiu de joelhos em alguns milímetros de água do mar gelada. – Ratz? Luz? Ratz...

Mas agora a escuridão era total, e só havia o som da arrebentação. Lutou para ficar de pé e tentou retraçar seus passos.

O tempo passou. Ele seguiu em frente.

E então estava lá, um brilho, se definindo a cada passo que ele dava, um retângulo. Uma porta.

– Ali tem fogo – ele disse, suas palavras arrancadas pelo vento.

Era um bunker, de pedra ou de concreto, enterrado sob ondas da areia escura. A entrada era baixa, estreita, sem porta e funda, em uma parede de pelo menos um metro de espessura. – Ei – Case disse, baixinho – ei... – Seus dedos roçaram a parede fria. Ali dentro havia uma fogueira, sombras que se moviam nas laterais da entrada.

Ele se abaixou e entrou em três passos.

Uma garota estava agachada ao lado de um aço enferrujado, uma espécie de lareira, onde lenha queimava e o vento sugava a fumaça por uma chaminé quebrada. A fogueira era a única luz, e quando seu olhar encontrou os olhos assustados e arregalados, ele

reconheceu a bandana dela, um cachecol enrolado, com um padrão de circuitos ampliados impresso no tecido.

Ele recusou os braços dela naquela noite, recusou a comida que ela lhe ofereceu, o lugar ao lado dela no ninho de cobertores e espuma rasgada. Por fim, ele acabou ficando agachado ao lado da porta, vendo-a dormir, ouvindo o vento forte batendo nas paredes da estrutura. A mais ou menos cada hora, ele se levantava e ia até o fogão improvisado, acrescentando lenha nova da pilha ao lado. Nada daquilo era real, mas o frio era frio mesmo.

Ela não era real, enroscada ali no lado da luz da fogueira. Ele viu sua boca, os lábios levemente abertos. Ela era a garota da qual se lembrava na viagem pela Baía, e isso era cruel.

– Você é mau, seu filho da puta – ele sussurrou para o vento. – Não perde a chance, hein? Você não me daria uma junkie qualquer, né? Eu sei o que é isso... – tentou manter o desespero longe de sua voz. – Eu sei, tá sabendo? Eu sei quem é você. Você é o outro. 3Jane contou a Molly. Sarça ardente. Aquilo não foi Wintermute, foi você. Ele tentou me avisar com o Braun. Agora você me lascou uma flatline, você me jogou aqui. No nada. Com um fantasma. Do jeito que me lembrava dela antes...

Ela se mexeu no sono, disse alguma coisa, puxando um pedaço de cobertor sobre o ombro e o rosto.

– Você não é nada – ele disse para a garota que dormia. – Você está morta e não quer dizer porra nenhuma pra mim. Ouviu isso, meu camarada? Eu sei o que você está fazendo. Eu sofri um flatline, uma linha mortal. Isso tudo já durou até agora uns vinte segundos, certo? Eu estou sentado naquela biblioteca e meu cérebro está morto. E daqui a pouco ele vai estar morto *mesmo*, se você tiver algum juízo. Você não quer que o Wintermute realize seu esquema, é isso, portanto você pode simplesmente me deixar aqui. O Dixie vai rodar o Kuang, mas ele está morto e você consegue adivinhar os movimentos dele, claro. Esta merda aqui da Linda, isso tudo foi você, não foi? Wintermute tentou usá-la quando me sugou para dentro do constructo de Chiba, mas não conseguiu. Disse que era difícil demais. Foi você quem mexeu nas estrelas em Freeside, não foi? Foi você quem colocou a cara dela na boneca morta no quarto

do Ashpool. Molly nunca viu aquilo. Você apenas editou o sinal de simstim dela. Porque você acha que pode me ferir. Porque você acha que eu ligo pra isso. Então vá se foder, seja lá qual for o seu nome. Você venceu. Você vence. Mas nada disso significa qualquer coisa pra mim, certo? Pensa que eu ligo? Então, por que você está fazendo isso comigo? – ele estava tremendo novamente, a voz esganiçada.

– Meu amor – ela disse, se revirando para ele sob os cobertores esfarrapados –, vem cá dormir. Eu sento se você quiser. Você precisa dormir, tá? – O sono exagerava o sotaque suave dela. – Só precisa dormir, tá?

Quando ele acordou, ela havia desaparecido. A fogueira estava apagada, mas no bunker estava quentinho; a luz do sol entrava de viés pela porta e criava um retângulo torto de ouro no lado rasgado de um latão enorme de fibra. A coisa era um contêiner marítimo; ele se lembrava deles das docas de Chiba. Pelo rasgão na lateral, podia ver meia dúzia de pacotes amarelos. Na luz do sol, eles pareciam enormes blocos de manteiga. Seu estômago estava dando um nó de tanta fome. Rolando para fora do ninho, foi até o latão e pescou uma das coisas para fora, forçando a vista para ler as letrinhas miúdas em uma dezena de idiomas diferentes. O inglês estava no final. EMERG RATION, HI-PRO, “BEEF”, TYPE AG-8. Uma lista de conteúdo nutritivo. Ele tirou um segundo pacote. “Ovos”. – Se você está inventando estas merdas – ele disse –, você bem que podia colocar comida de verdade, né? – Com um pacote em cada mão, abriu caminho pelos quatro aposentos da estrutura. Dois estavam vazios, tirando os montes de areia, e o quarto tinha mais três latões de rações. – Claro – ele disse tocando os selos. – Fiquei aqui um longo tempo. Saquei qualé. Claro...

Vasculhou o quarto que tinha a fogueira, e encontrou um recipiente de plástico cheio do que supunha ser água da chuva. Ao lado do ninho de cobertores, encostado na parede, um isqueiro vermelho vagabundo, uma faca de marinheiro com um cabo verde quebrado e o cachecol dela. Ainda estava amarrado, e duro de tanta sujeira e suor. Ele usou a faca para abrir os pacotes amarelos, derramando o conteúdo numa lata enferrujada que encontrou ao

lado do fogão. Jogou dentro água do recipiente de plástico, mexeu a mistureba com os dedos e comeu. Tinha um vago sabor de carne. Quando acabou, jogou a lata em cima da fogueira e saiu.

Fim de tarde, pelo jeito do sol, pelo ângulo. Ele chutou fora os tênis de nylon úmidos e ficou espantado com o calor da areia. À luz do dia, a praia era cinza-prata. O céu estava azul, não tinha uma nuvem. Ele virou a esquina do bunker e caminhou na direção da arrebentação, deixando a jaqueta cair na areia. – Sei lá de quem você tirou essas memórias pra isto aqui – ele disse ao chegar à água. Tirou os jeans e chutou-os para a parte rasa da arrebentação, jogando em seguida a camiseta e a cueca.

– O que você está fazendo, Case?

Ele se virou e encontrou-a a dez metros de distância, a espuma branca deslizando pelos tornozelos dela.

– Eu me mijei ontem à noite – ele disse.

– Bom, então você não vai querer vestir essas roupas aí. Água salgada. Você vai ficar todo assado. Vou te mostrar uma piscina ali atrás nas pedras. – Ela fez um gesto vago apontando. – É água doce. – As calças francesas desbotadas foram cortadas abaixo dos joelhos; a pele era macia e bronzeada. Uma brisa emaranhou os seus cabelos.

– Escuta – ele disse, pegando suas roupas e indo até ela. – Preciso te fazer uma pergunta. Não vou perguntar o que *você* está fazendo aqui. Mas o que exatamente você pensa que eu estou fazendo aqui? – Ele parou, uma perna da calça jeans preta molhada batendo na sua coxa.

– Você chegou ontem à noite – ela disse. Sorriu para ele.

– E isso basta pra você? Eu ter chegado assim e pronto?

– Ele *disse* que você viria – ela disse, torcendo o nariz. Deu de ombros. – Ele sabe coisas assim, eu acho. – Levantou o pé esquerdo e tirou sal do outro tornozelo com ele, desajeitada, como se fosse uma criança. Tornou a sorrir para ele, sondando mais. – Agora você me responde uma, ok?

Ele fez que sim com a cabeça.

– Como é que você está todo pintado de marrom assim, inteiro, menos seu pé?

– E esta é a última coisa de que você se lembra? – Ele a viu raspar o restinho do haxixe congelado da tampa de caixa de aço retangular, que era o único prato dos dois.

Ela fez que sim, os olhos enormes à luz da fogueira. – Desculpa, Case, juro por Deus. Foi essa merda, eu acho, e foi... – Ela se curvou para a frente, apoiando os antebraços nos joelhos, o rosto contorcido por alguns segundos, de dor ou da memória da dor. – Eu só estava precisando da grana. Para voltar pra casa, eu acho, ou então... porra – ela disse. – Você quase não estava falando mais comigo.

– Você não tem cigarro?

– *Caralho*, Case, você já me perguntou isso dez vezes hoje! Qual é o seu problema? – Ela torceu um fio de cabelo, enfiou-o na boca e começou a mastigar.

– Mas a comida estava aqui? Ela já estava aqui?

– Eu *te falei*, cara. Ela apareceu na maldita praia.

– Ok. Claro. Faz sentido.

Ela começou a chorar novamente, um choro seco. – Ah, dane-se, Case – ela conseguiu falar, enfim. – Eu estava indo muito bem aqui, sozinha.

Ele se levantou, pegando sua jaqueta, e se abaixou para passar pela porta, arranhando o pulso no concreto nu. Não havia lua, não havia vento, o som do mar ao redor dele na escuridão. – Ok – ele disse para a noite. – Eu aceito. Acho que aceito. Mas, amanhã, é melhor que alguns cigarros apareçam na praia. – Sua própria risada o assustou. – Uma caixa de cerveja não faria mal, aproveitando o ensejo. – Ele virou e tornou a entrar no bunker.

Ela estava atiçando as brasas com um pedaço de madeira prateada. – Quem era aquela, Case, no seu caixão no Cheap Hotel? Samurai maneira com aqueles óculos prateados e o couro preto. Me assustou, e, depois, achei que talvez fosse sua nova garota, só que ela parecia ter mais dinheiro que você... – Ela olhou de volta para ele. – Desculpa mesmo eu ter roubado sua RAM.

– Deixa pra lá – ele disse. – Não quer dizer mais nada. Então você simplesmente a levou prum cara e fez com que ele acessasse para você?

– Tony – disse ela. – Eu estava meio que saindo com ele. Ele tinha um hábito e a gente... de qualquer maneira, é, eu lembro que ele estava rodando aquilo no monitor dele, e era uma coisa gráfica fantástica, e eu me lembro de ficar me perguntando como foi que você...

– Não havia nada gráfico ali – ele interrompeu.

– Claro que havia. Eu só não consegui entender como você tinha todas aquelas fotos de quando eu era *pequena*, Case. A cara do meu pai, antes de ele se mandar. Um dia ele me deu um patinho, de madeira pintada, e você tinha uma foto *disso*...

– O Tony viu isso?

– Não lembro. O que lembro em seguida é de estar na praia, muito cedo, o sol nascendo, aqueles pássaros todos gritando tão solitários. Fiquei apavorada porque não tinha nenhuma dose, nada, e eu sabia que ia começar a passar mal... e eu andei e andei, até ficar escuro, e achei este lugar, e no dia seguinte a comida apareceu na água, toda emaranhada no mar verde como se fossem folhas ou geleia. – Ela enfiou o pedaço de pau nas brasas e o deixou lá. – Nunca passei mal – ela disse, vendo as brasas se acomodarem. – Mas senti muita falta dos cigarros. E você, Case? Você ainda está ligadaço? – A luz da fogueira dançando sob as maçãs do rosto dela, fazendo com que ele se lembrasse do Wizard´s Castle e do Tank War Europa.

– Não – ele respondeu, e aí já não fazia mais diferença o que ele sabia, sentindo o gosto do sal da boca dela onde as lágrimas haviam secado. Havia uma força que a percorria, uma coisa que ele havia conhecido em Night City e segurado lá, sido segurado por ela lá, segurado por um tempo, mantido afastado do tempo e da morte por algum tempo, da rua implacável que caçava a todos. Era um lugar que havia conhecido antes; nem todos podiam levá-lo ali e, de algum modo, ele sempre conseguira esquecer. Algo que havia achado e perdido vezes demais. Aquilo pertencia, ele sabia, ele se lembrava, enquanto ela o puxava para baixo, à carne, à carne-e-osso que os cowboys desprezavam. Era uma coisa imensa, além do conhecimento, um oceano de informação codificada em espiral e feromônios, uma complexidade infinita que somente o corpo, de sua maneira forte e cega, jamais poderia ler.

O zíper prendeu quando ele abriu as calças francesas, as molas de nylon rasgadas cheias de sal. Ele o quebrou, e um minúsculo pedaço de metal saiu voando e ricocheteando contra a parede quando o tecido apodrecido de sal cedeu, e então ele estava dentro dela, efetuando a transmissão da velha mensagem. Ali, até mesmo ali, num lugar que ele conhecia pelo que ele era, um modelo codificado da memória de algum estranho, o impulso cedeu.

Ela estremeceu contra ele quando o graveto pegou fogo, uma chama que saltou e lançou suas sombras entrelaçadas contra o muro do bunker.

Mais tarde, deitados, a mão dele entre as coxas dela, ele se lembrou dela na praia, a espuma branca puxando seus tornozelos, e se lembrou do que ela havia dito.

– Ele te disse que eu estava vindo – ele disse.

Mas ela apenas rolou para perto dele, encaixando as nádegas em suas coxas, e colocou a mão sobre a dele, e murmurou alguma coisa que sonhava.

21

A música o acordou, e no início ele pensou que eram as batidas do seu próprio coração. Ele se sentou ao lado dela, puxando a jaqueta por cima dos ombros no friozinho de antes do amanhecer, a luz cinza da porta e da fogueira que já havia apagado há muito tempo.

Sua visão estava cheia de hieróglifos fantasmas rastejantes, linhas translúcidas de símbolos se dispondo contra o fundo neutro da parede do bunker. Ele olhou as costas de suas mãos, viu tênues moléculas de neon se arrastando por baixo da pele, ordenadas pelo código desconhecido. Ele levantou a mão direita e a moveu experimentalmente. Ela deixou uma trilha tênue e desvanecente de pós-imagens em estrobo.

Os pelos dos braços e da nuca se arrepiaram. Ele ficou ali agachado com os dentes arreganhados e tentou sentir a música. A pulsação sumia, voltava, sumia...

– Está tudo bem? – ela se sentou, puxando os cabelos da frente dos olhos. – Baby...

– Tô sentindo... parece droga... Você tem isso aqui?

Ela balançou a cabeça em negativa, estendeu as mãos para ele, colocando-as em seus braços.

– Linda, quem contou a você? Quem te disse que eu estava vindo? Quem?

– Na praia – ela disse, alguma coisa forçando-a a desviar o olhar. – Um garoto. Eu vejo ele na praia. Acho que tem uns treze anos. Ele mora aqui.

– E o que foi que ele falou?

– Ele disse que você viria. Ele disse que você não ia me odiar. Ele disse que a gente ficaria bem aqui, e me contou onde a poça de água da chuva estava. Ele parece mexicano.

– É brasileiro – disse Case, quando uma nova onda de símbolos bateu contra a parede. – Acho que ele é do Rio. – Levantou-se e

começou a lutar para vestir seus jeans.

– Case – ela disse, a voz tremendo. – Case, onde é que você vai?

– Acho que vou achar esse garoto – ele disse, quando a música veio de volta num crescendo, ainda apenas uma batida, firme e familiar, embora ele não conseguisse puxar pela memória.

– Não, Case.

– Eu acho que vi uma coisa, quando cheguei aqui. Uma cidade lá embaixo, descendo a praia. Mas ontem ela não estava lá. Você já viu? – Ele subiu seu zíper e rasgou o nó impossível dos seus cadarços; acabou jogando os sapatos num canto.

Ela fez que sim, a cabeça baixa. – É, eu vejo de vez em quando.

– Você já foi lá alguma vez, Linda? – Ele vestiu a jaqueta.

– Não – disse ela. – Mas eu tentei. Quando cheguei, e fiquei com tédio. De qualquer maneira, pensei, é uma cidade, de repente consigo achar uma merda qualquer. – Ela deu um sorriso irônico. – Eu não estava nem passando mal, só queria um pouco. Então, coloquei comida numa lata, misturei até ficar bem molhada, porque não tinha outra lata pra água. E caminhei o dia inteiro, e eu podia ver aquilo tudo, às vezes, a cidade, e não parecia muito longe. Mas ela nunca ficava mais perto. E então *começou* a ficar mais perto, e vi o que era. Às vezes, naquele dia, parecia que ela havia sido destruída, ou talvez não tivesse ninguém ali, e em outros momentos eu achava que veria luz piscando em uma máquina, carros ou alguma outra coisa... – A voz dela foi morrendo.

– O que é?

– Essa coisa – ela fez um gesto para a fogueira, as paredes escuras, a aurora que traçava contornos na porta – onde vivemos. Ela fica *menor*, Case, menor, à medida que você se aproxima dela.

Parando uma última vez, perto da porta. – Você perguntou a esse garoto sobre isso?

– Perguntei. Ele disse que eu não ia entender, e que estava perdendo meu tempo. Disse que era tipo... um *evento*. E que era nosso horizonte. *Horizonte de eventos*, foi como ele chamou.

As palavras não significavam nada para ele. Saiu do bunker e começou a andar, por um momento, cego pela luz, mas se dirigindo – de algum modo ele sabia – na direção oposta ao mar. Agora os hieróglifos corriam pela areia, fugiam de seus pés, se afastavam

quando ele se aproximava. – Ei – ele disse –, está quebrando. Aposto que você sabe também. O que foi? É o Kuang? O ICE-Breaker chinês está abrindo um buraco no seu coração? Talvez o Dixie Flatline não seja tão fraco assim, hein?

Ele a ouviu chamá-lo. Ele olhou para trás e ela estava indo atrás dele, sem tentar alcançá-lo, o zíper quebrado das calças francesas batendo em sua barriga marrom, pelos púbicos emoldurados pelo tecido rasgado. Ela parecia uma das garotas das revistas velhas do Finlandês no Metro Holografix que ganhara vida, só que cansada, triste e humana, a patética roupa rasgada enquanto pulava com dificuldade os montes de grama da praia, toda prateada por causa do sal.

E, então, de algum modo, eles estavam parados em pé na arrebentação, os três, e as gengivas do garoto eram grandes e rosadas, contrastando com seu rosto moreno e magro. Ele vestia shorts rasgados e sem cor, e os bracinhos eram magros demais em contraste com o azul-acinzentado da maré que ia e vinha.

– Eu conheço você – disse Case, Linda ao seu lado.

– Não – disse o garoto, sua voz alta e musical. – Você não me conhece.

– Você é a outra IA. Você é Rio. Você é aquele que quer deter Wintermute. Qual é o seu nome? Seu código de Turing? Qual é?

O garoto fez uma estrela na arrebentação, rindo. Ficou de cabeça para baixo e começou a andar com as mãos, e depois caiu na água com uma cambalhota. Os olhos eram os de Riviera, mas não havia maldade neles. – Para invocar um demônio, você precisa saber o nome dele. Os homens já sonharam com isso um dia, mas agora a coisa se tornou realidade de outra maneira. Você sabe disso, Case. Seu negócio é aprender os nomes dos programas, os nomes formais compridos, nomes que os donos procuram esconder. Os nomes verdadeiros...

– Um código de Turing não é seu nome.

– Neuromancer – disse o garoto, quase fechando os olhos cinzentos e compridos por causa do sol que nascia. – O caminho para a terra dos mortos. É onde você está, meu amigo. Marie-France, minha senhora, preparou esta estrada, mas o senhor dela a estrangulou antes que eu pudesse ler para ela o livro de seus dias.

Neuro que vem de nervos, os caminhos prateados. Romancer, romanceiro, romante, necromante. Eu invoco os mortos. Mas não, meu amigo – e o garoto fez uma dancinha, os pés morenos fazendo marcas na areia. – Eu *sou* os mortos, e sou também a terra deles. – Ele riu. Uma gaivota gritou. – Fique. Se sua mulher é um fantasma, ela não sabe. Nem você saberá.

– Você está quebrando. O ICE está quebrando.

– Não – ele disse, subitamente triste, seus ombros frágeis encolhendo. Ele esfregou os pés na areia. – É mais simples do que isso. Mas a escolha é sua. – Os olhos cinzentos olharam muito sérios para Case. Uma nova onda de símbolos passou por seu campo de visão, uma linha de cada vez. Atrás deles, o garoto oscilou, como se estivesse sendo visto através do calor emanando de asfalto quente no verão. A música agora estava alta, e Case quase conseguia entender a letra.

– Case, meu amor – Linda disse, e pôs a mão no ombro dele.

– Não – ele disse. Tirou a jaqueta e deu para ela. – Não sei – ele disse. – Talvez você esteja aqui. De qualquer maneira, está ficando frio.

Ele deu meia-volta e começou a caminhar e, depois do sétimo passo, fechou os olhos, vendo a música se definir no centro das coisas. Ele olhou para trás uma vez, embora sem abrir os olhos.

Não precisava.

Eles estavam lá, na beira do mar. Linda Lee e a criança magra que disse que seu nome era Neuromancer. Sua jaqueta de couro pendia da mão dela, roçando a borda da arrebentação.

Ele continuou caminhando, seguindo a música.

O dub de Zion de Maelcum.

Havia um lugar cinza, uma impressão de telas finas se deslocando, num padrão de moiré, graus de semitons gerados por um programa gráfico muito simples. Uma longa sequência de uma visão através de uma grade de metal, gaivotas congeladas sobre água escura. Vozes. Um espelho preto liso, que se inclinou, e ele era mercúrio, uma gota de mercúrio, deslizando, atingindo os ângulos de um labirinto invisível, fragmentando-se, fluindo junto, deslizando novamente...

– Case? Mon?

A música.

– Tu tá de volta, mon.

A música foi arrancada de seus ouvidos.

– Quanto tempo? – ele se ouviu perguntar, e sabia que sua boca estava muito seca.

– Cinco minutos, talvez. Tempo demais. Eu queria puxar o plugue, Mute disse não. A tela estava toda gozada, então o Mute disse pra colocar os fones em você.

Ele abriu os olhos. As feições de Maelcum estavam sobrepostas por camadas de hieróglifos translúcidos.

– E teu remédio – disse Maelcum. – O derma.

Ele estava deitado no chão da biblioteca, embaixo do monitor. O zionita o ajudou a se sentar, mas o movimento o atirou no fluxo devastador da betafenetilamina, os dermas azuis queimando em seu pulso esquerdo. – Overdose – ele conseguiu dizer.

– Vam´nessa, mon – as mãos fortes embaixo de suas axilas, levantando-o como se ele fosse uma criança. – A gente precisa ir.

22

O carrinho de manutenção estava chorando. A betafenetilamina dava a ele uma voz. Ele não parava. Nem na galeria lotada, nos longos corredores, nem quando passou pela entrada de vidro preto da cripta da T-A, as tumbas onde o frio havia invadido de forma tão gradual os sonhos do velho Ashpool.

O trânsito foi um barato em versão estendida para Case: o movimento do carrinho era indistinguível do *momentum* insano da overdose. Quando o carrinho finalmente morreu, porque alguma coisa embaixo do banco começou a soltar uma chuva de faíscas brancas, o choro parou.

A coisa parou a três metros do início do covil-pirata da 3Jane.

– Quanto falta, mon? – Maelcum o ajudou a sair do carrinho, que dava seus últimos suspiros, quando um extintor explodiu no compartimento dos motores da coisa, bolhas de pó amarelo espirrando de difusores e pontos de atendimento. O Braun tombou da parte de trás do carrinho e saiu mancando pela imitação de areia, arrastando uma perna inútil atrás de si. – Tu precisa andar, mon – Maelcum pegou o deck e o constructo, pendurando as cordas no ombro.

Os trodos chocalharam ao redor do pescoço de Case quando ele começou a acompanhar o zionita. Os holos de Riviera esperavam por ele, as cenas de tortura e as crianças canibais. Molly havia quebrado o tríptico. Maelcum ignorou as imagens.

– Calma – disse Case, forçando-se a manter o mesmo ritmo do outro, que andava a passos largos. – Tenho que fazer isso direito.

Maelcum parou, deu meia-volta e, com a escopeta Remington na mão, fuzilou Case com os olhos. – Direito, mon? Direito como?

– A Molly está lá dentro, mas ela está derrubada. Riviera pode projetar holos. Talvez ele esteja com a pistola de dardos da Molly. – Maelcum concordou com a cabeça. – E tem um ninja, um guarda-costas da família.

A testa de Maelcum ficou ainda mais franzida. – Você me escuta, mon da Babilônia – ele disse. – Eu, guerreiro. Mas essa luta não é minha, não é de Zion. Babilônia combate Babilônia, ela se devora, tá sabendo? Mas Jah diz que a gente tem que tirar a Navalha-que-Anda dessa.

Case ficou olhando fixo para ele.

– Ela, guerreira – disse Maelcum como se isso explicasse tudo. – Agora você me diz, mon, quem é que eu *não* mato.

– 3Jane – ele disse, depois de uma pausa. Ela está enrolada numa espécie de roupão branco com capuz. A gente precisa dela.

Quando chegaram à entrada, Maelcum entrou direto, e Case não teve escolha senão ir atrás.

O território de 3Jane estava deserto, a piscina vazia. Maelcum devolveu a Case o deck e o constructo e foi até a beira da piscina. Além da mobília branca, a escuridão, sombras do labirinto irregular de paredes parcialmente demolidas até a altura da cintura.

A água batia pacientemente na lateral da piscina.

– Eles estão aqui – disse Case. – Têm que estar.

Maelcum concordou com a cabeça.

A primeira flecha rasgou seu antebraço. A Remington rugiu, seu metro de cano soltando relâmpagos azuis na luz da piscina. A segunda flecha atingiu a escopeta, atirando-a longe por sobre os azulejos brancos. Maelcum caiu sentado e levou a mão à coisa preta que brotava de seu braço. Arrancou-a.

Hideo saiu das sombras, uma terceira flecha pronta em um arco de bambu fino. Ele se curvou numa mesura.

Maelcum ficou olhando, a mão ainda segurando a flecha de aço.

– A artéria está intacta – disse o ninja. Case se lembrou da descrição que Molly fez do homem que havia assassinado seu namorado. Hideo não era a mesma pessoa. Sem aparentar uma idade específica, ele irradiava uma sensação de calma, uma calma profunda. Ele vestia calças de trabalho cáqui limpas e bastante usadas e sapatos escuros macios que se encaixavam em seus pés como luvas, divididos no dedão como meias *tabi*. O arco de bambu era uma peça de museu, mas a aljava de metal preto que se

destacava de seu ombro esquerdo tinha o aspecto das melhores lojas de armas de Chiba. Seu peito moreno, sem pelos, estava nu.

– Tu cortou meu polegar, mon, co´a segunda – disse Maelcum.

– Força de coriolis – disse o ninja, fazendo uma nova mesura. – É um projétil muito difícil de movimentação lenta em gravidade rotacional. Não foi intencional.

– Cadê 3Jane? – Case se aproximou de Maelcum. Ele viu que a ponta da flecha no arco de ninja parecia uma lâmina de fio duplo. – E a Molly?

– Olá, Case. – Riviera veio andando calmamente, saindo do escuro, atrás de Hideo, com a pistola de dardos de Molly na mão. – Eu teria esperado Armitage. Estamos contratando ajuda daquele aglomerado rasta agora?

– Armitage está morto.

– Armitage nunca existiu, para sermos mais exatos, mas essa notícia não me surpreende.

– Wintermute matou ele. Ele está em órbita ao redor do fuso.

Riviera concordou com a cabeça, os olhos compridos e cinzentos passando de Case para Maelcum e voltando. – Acho que a coisa termina aqui para você – ele disse.

– Cadê Molly?

O ninja relaxou a tensão na corda fina trançada e abaixou o arco. Ele atravessou os azulejos até onde a Remington estava e a pegou. – Que falta de sutileza – ele disse como se fosse para si mesmo. Sua voz era fria e agradável. Cada movimento seu era parte de uma dança, uma dança que nunca terminava, mesmo quando seu corpo estava parado, em repouso, mas apesar de todo o poder que sugeria, havia também uma humildade, uma simplicidade aberta.

– Também termina aqui para ela – disse Riviera.

– Talvez 3Jane não aceite isso, Peter – disse Case, sem muita segurança do impulso. Os dermas ainda zuniam furiosos no seu organismo, a velha febre começando a tomar conta dele, a loucura de Night City. Ele se lembrou de momentos de graça, de trabalhar no limite, onde ele havia descoberto que podia às vezes falar mais rápido do que seu pensamento.

Os olhos cinzentos se estreitaram. – Por quê, Case? Por que você pensa isso?

Case sorriu. Riviera não sabia do esquema de simstim. Ele não havia encontrado isso na pressa de achar as drogas que ela levava para ele. Mas como Hideo havia deixado isso passar? E Case tinha certeza de que o ninja jamais teria deixado 3Jane tratar Molly sem primeiro checá-la em busca de equipamentos de gravação e armas escondidas. Não, deduziu ele, o ninja sabia. Então 3Jane também sabia.

– Me diga, Case – disse Riviera, levantando o cano tipo saleiro da pistola de dardos.

Atrás dele, alguma coisa rangeu uma, duas vezes. 3Jane empurrou Molly para fora das sombras em uma cadeira de banho vitoriana ornamentada; as rodas altas e finas gemiam quando giravam. Molly estava toda enrolada num cobertor listrado preto e vermelho, recostada no espaldar alto de cana-da-índia da cadeira antiga. Ela parecia muito pequena. Quebrada. Um adesivo micropore branco brilhante cobria sua lente danificada; a outra reluzia vazia quando sua cabeça balançava com o movimento da cadeira.

– Um rosto familiar – disse 3Jane. – Eu vi você na noite do show de Peter. E quem é este?

– Maelcum – disse Case.

– Hideo, retire a flecha e faça uma bandagem no ferimento do Sr. Malcolm.

Case estava olhando fixo para Molly, para o rosto vazio.

O ninja foi até onde Maelcum estava sentado, parando antes para colocar o arco e a escopeta bem longe do alcance do outro, e tirou uma coisa do bolso. Um par de alicates para cortar vergalhões. – Preciso cortar a haste – ele disse. – Está perto demais da artéria. – Maelcum concordou. Seu rosto estava cinza e molhado de suor.

Case olhou para 3Jane. – Não há muito tempo – ele disse.

– Para quem, exatamente?

– Para todos nós. – Ouviu-se um estalo quando Hideo cortou a haste de metal da flecha. Maelcum soltou um grunhido.

– Francamente – disse Riviera. – Não vai ser divertido para você ficar ouvindo esse vigarista fracassado tentar te embromar. É de um tremendo mau gosto, posso lhe assegurar. Ele vai acabar caindo

aos seus joelhos, tentar vender a mãe, oferecer os favores sexuais mais bestas...

3Jane jogou a cabeça para trás e deu uma risada. – Não seria divertido para mim, Peter?

– Os fantasmas vão se misturar esta noite – disse Case. – Wintermute vai se jogar contra o outro, Neuromancer. Pra valer. Você sabia disso?

3Jane levantou as sobrancelhas. – Peter sugeriu algo do tipo, mas me conte mais.

– Eu conheci Neuromancer. Ele falou de sua mãe. Acho que ele é alguma coisa parecida com um constructo em ROM gigantesco, para gravação de personalidades, só que é inteiramente RAM. Os constructos acham que estão aqui, como se fosse real, mas continua rodando para sempre.

3Jane saiu de trás da cadeira. – Onde? Descreva o lugar, este constructo.

– Uma praia. Areia cinza, como prata que precisa de polimento. E uma coisa de concreto, um tipo de bunker... – ele hesitou. – Não tem nada de sofisticado. É apenas velho, caindo aos pedaços. Se você caminhar o suficiente, volta ao ponto de onde começou.

– Sim – ela disse. – Marrocos. Quando Marie-France era menina, anos antes de se casar com Ashpool, ela passou um verão sozinha naquela praia, acampando numa cabana abandonada. Foi ali que ela formulou a base de sua filosofia.

Hideo se levantou, enfiando o alicate na calça. Em cada mão, segurava um pedaço da haste da flecha. Maelcum estava com os olhos fechados, segurando o bíceps com força. – Vou fazer uma bandagem – disse Hideo.

Case conseguiu cair antes que Riviera pudesse nivelar a pistola de dardos para um tiro sem obstáculos. Os dardos passaram zunindo por seu pescoço como pulgas supersônicas. Ele rolou, e viu Hideo dar mais um passo de sua dança, um pivô, a ponta afiada da flecha invertida em sua mão, o cabo achatado ao longo da palma da mão e dos dedos rígidos. Ele a virou por baixo, o pulso um borrão, nas costas da mão de Riviera. A pistola de dardos bateu nos azulejos a um metro de distância.

Riviera gritou. Mas não era um grito de dor. Era um grito histérico de ódio, tão puro, tão refinado, que não tinha nenhuma humanidade.

Dois raios gêmeos de luz, agulhas de rubi vermelho, saíram disparadas do peito de Riviera.

O ninja soltou um grunhido, cambaleou para trás, levou as mãos aos olhos, e depois recuperou o equilíbrio.

– Peter – disse 3Jane. – Peter, *o que* você fez?

– Ele cegou seu *clone boy* – Molly disse sem emoção na voz.

Hideo abaixou as mãos em concha. Congelado nos azulejos brancos, Case viu fios de fumaça saírem dos olhos arruinados.

Riviera sorriu.

Hideo girou novamente em sua dança, retraçando seus passos. Quando chegou até onde estavam o arco, a flecha e a Remington, o sorriso de Riviera já tinha desaparecido. Ele se curvou – fazendo uma mesura, Case achou – e encontrou o arco e a flecha.

– Você está cego – disse Riviera, dando um passo para trás.

– Peter – disse 3Jane –, você não sabia que ele faz isso no escuro? Zen. É o modo como ele pratica.

O ninja colocou a flecha no arco. – Você vai me distrair com seus hologramas agora?

Riviera estava recuando, para a escuridão além da piscina. Esbarrou numa cadeira branca; seus pés vacilavam no azulejo. A flecha de Hideo emitiu um som vibrante.

Riviera saiu correndo e se jogou por cima de uma parede baixa e mal cortada. O rosto do ninja estava enlevado, preenchido por um êxtase silencioso.

Sorrindo, ele partiu para as sombras atrás da parede, a arma preparada.

– Jane-lady – murmurou Maelcum, e Case se virou, para vê-lo pegar a escopeta no chão, respingando sangue na cerâmica branca. Ele balançou seus dreads e colocou o cano grosso na axila do braço ferido. – Isto aqui arranca sua cabeça fora, e nenhum médico da Babilônia vai consertar.

3Jane ficou olhando fixamente para a Remington. Molly soltou os braços das dobras do cobertor listrado, levantando a esfera preta que encapsulava suas mãos. – Tira – ela disse. – Tira isso fora.

Case se levantou e se sacudiu. – Hideo vai pegá-lo, mesmo cego? – ele perguntou a 3Jane.

– Quando era criança – ela disse – nós adorávamos vendá-lo. Ele acertava os números nas cartas do baralho a dez metros.

– Peter já está morto mesmo – disse Molly. – Em mais umas doze horas, ele vai começar a congelar. Não vai ser capaz de se mover, só os olhos e olhe lá.

– Por quê? – Case se virou para ela.

– Envenenei a droga dele – ela disse. – Os sintomas são parecidos com o mal de Parkinson.

3Jane concordou com a cabeça. – Sim. Nós rodamos o scan médico de costume antes de deixá-lo entrar. – Ela tocou a bola de uma determinada maneira e ela se abriu, soltando-se das mãos de Molly. – Destruição seletiva das células da *substantia nigra*. Sinais da formação de um corpo de Lewy. Ele transpira muito quando dorme.

– Ali – disse Molly, dez lâminas reluzindo, expostas por um instante. Ela puxou o cobertor de cima das pernas, revelando o suporte inflável da perna. – É a meperidina. Mandei o Ali me preparar um lote customizado. Acelera o tempo de reação com temperaturas mais elevadas. N-metil-4-fenil-1236 – ela cantou, como uma criança recitando as etapas de um jogo de rua. – Tetra-hidro-piridene.

– Coisa quente – disse Case.

– É – disse Molly. – Quente e lenta.

– Que coisa louca – disse 3Jane, rindo.

O elevador estava lotado. Case estava colado pelve a pelve com 3Jane, o cano da Remington embaixo do queixo dela. Ela sorriu e se esfregou nele. – Pare com isso – ele disse, sentindo-se indefeso. Ele estava com a arma travada, mas tinha um medo terrível de machucá-la, e ela sabia disso. O elevador era um cilindro de aço, com menos de um metro de diâmetro, projetado para um único passageiro. Maelcum carregava Molly nos braços. Ela havia colocado uma bandagem no braço dele, mas carregá-la obviamente provocava dor. O quadril dela batia no deck e no constructo, que batiam nos rins de Case.

Eles subiram para longe da gravidade, na direção do eixo, dos núcleos.

A entrada para o elevador havia sido ocultada ao lado das escadas para o corredor, outro toque na decoração do covil-pirata de 3Jane.

– Não sei se devia contar isso a vocês – disse 3Jane, virando a cabeça com dificuldade para permitir que o queixo saísse do alcance do cano da arma. – Mas não tenho a chave do quarto que vocês querem. Nunca tive. Uma das esquisitices vitorianas do meu pai. A fechadura é mecânica e extremamente complexa.

– Fechadura CHUBB – disse Molly, sua voz abafada pelo ombro de Maelcum – e temos a merda da chave, não esquenta.

– Esse teu chip ainda tá funcionando? – Case perguntou a ela.

– São oito e vinte e cinco da noite, hora média da porra de Greenwich – ela disse.

– Temos cinco minutos – disse Case, quando a porta se abriu atrás de 3Jane. Ela deu uma cambalhota lenta para trás; as dobras brancas de sua djellaba farfalhavam entre suas coxas.

Eles estavam no eixo, o núcleo da Villa Straylight.

23

Molly pescou a chave de seu laço de nylon.

– Sabe – disse 3Jane, inclinando-se para a frente com interesse – eu estava com a impressão de que não existia nenhuma duplicata. Mandei Hideo procurar nas coisas de meu pai, depois que você o matou. Ele não conseguiu achar a original.

– Wintermute conseguiu fazer com que ficasse perdida no fundo de uma gaveta – disse Molly, inserindo cuidadosamente o eixo cilíndrico da chave CHUBB na abertura chanfrada na face da porta retangular branca. A chave girou suavemente quando ela tentou.

– A cabeça – disse Case – tem um painel na parte de trás da cabeça. Com zircônios nela. Tira ele. É lá que vou me plugar.

E elas entraram.

– Meu Jesus – disse o Flatline em sua voz arrastada –, você acredita mesmo em fazer as coisas sem pressa, não é não, garoto?

– O Kuang tá pronto?

– Batendo palminha.

– Ok. – Flipou.

E se viu olhando para baixo, pelo único olho bom de Molly, para um rosto branco e arruinado, flutuando numa posição mais ou menos fetal, um deck de ciberespaço entre as coxas, uma faixa de trodos prateados sobre olhos fechados e na sombra. As faces do homem estavam emaciadas com um dia de crescimento de uma barba negra, o rosto molhado de suor.

Ele estava olhando para si mesmo.

Molly estava com a pistola de dardos na mão. A sua perna latejava a cada batida de seu coração, mas ela ainda conseguia fazer manobras em zero-G. Maelcum flutuava perto dela, o braço fino de 3Jane agarrado por uma grande mão marrom.

Um feixe de fios de fibra óptica flutuava num arco gracioso do Ono-Sendai para uma abertura quadrada na parte de trás do terminal incrustado de pérolas.

Ele acionou a chave mais uma vez.

– Kuang, Ponto Onze, se movendo em nove segundos, *contando*, sete, seis, cinco...

O Flatline os colocou para cima, uma subida suave, a superfície ventral do tubarão de cromo negro como um piscar de escuridão de um microssegundo.

– Quatro, três...

Case teve a estranha impressão de estar no banco do piloto num avião pequeno. Uma superfície negra e plana à sua frente subitamente começou a brilhar com uma reprodução perfeita do teclado de seu deck.

– Dois, e *bota pra foder!*

Um movimento de cabeça por paredes verde-esmeralda, jade leitoso, a sensação de velocidade além de qualquer coisa que ele conhecera antes no ciberespaço... O ICE da Tessier-Ashpool se estilhaçou, descolando com o impulso do programa chinês, uma impressão preocupante de fluidez sólida, como se as lascas de um espelho quebrado se curvassem e se alongassem quando caíam...

– Jesus – disse Case, espantado, enquanto o Kuang se contorcia e se desviava pelos campos sem horizonte dos núcleos Tessier-Ashpool, uma paisagem de neon infinita, complexidade que cortava o olho com o brilho de uma joia, afiada como uma navalha.

– Puta merda – disse o constructo. – Aquelas coisas ali são o prédio da RCA. Você conhece o prédio antigo da RCA? – O programa Kuang mergulhava pelas espirais reluzentes de uma dezena de torres idênticas de dados, cada uma réplica de neon azul do arranha-céu de Manhattan.

– Você já tinha visto uma resolução tão alta assim? – perguntou Case.

– Não, mas também nunca tinha crackeado uma IA.

– Este negócio sabe pra onde está indo?

– É melhor que saiba.

Eles estavam caindo, perdendo altitude num desfiladeiro de neon arco-íris.

– Dix...

Um braço de sombra estava se desenrolando do chão que piscava embaixo, uma massa fervilhante de escuridão, não formada, sem forma...

– Companhia – disse o Flatline, quando Case acionou a representação do seu deck, os dedos voando automaticamente sobre o console. O Kuang se desviou tão rápido que dava enjoo, e então reverteu a marcha, voando para trás, estraçalhando a ilusão de um veículo físico.

A coisa de sombra estava crescendo, se espalhando, bloqueando a visão da cidade de dados. Case os levou direto para o alto, e acima deles estava a cúpula sem distância de ICE verde-jade.

A cidade dos núcleos havia desaparecido, obscurecida completamente pela escuridão embaixo deles.

– O que é isso?

– O sistema de defesa de uma IA – disse o constructo. – Ou parte dele. Se for seu amigo Wintermute, ele não está parecendo muito amigável.

– Pega ele – disse Case. – Você é mais rápido.

– Agora a sua melhor defesa, garoto, é um bom ataque.

E o Flatline alinhou o nariz do ferrão do Kuang com o centro da escuridão embaixo. E mergulhou.

O input sensorial de Case se distorceu com a velocidade deles.

Sua boca se encheu com um gosto dolorido de azul.

Seus olhos eram ovos de cristal instável, vibrando com uma frequência cujo nome era chuva e o som de trens, subitamente brotando uma floresta que zumbia, de espinhas de vidro com a espessura de fios de cabelo. As espinhas se partiram, bisseccionaram-se, tornaram a se partir, um crescimento exponencial sob o domo do ICE da Tessier-Ashpool.

O céu de sua boca se abriu sem dor, deixando entrar minúsculas raízes que chicoteavam sua língua, sedentas do gosto de azul, para alimentar as florestas de cristal de seus olhos, florestas que faziam pressão contra o domo verde, faziam pressão e eram rechaçadas, e se espalhavam, crescendo para baixo, preenchendo o universo da T-

A, descendo para os subúrbios tristes e silenciosos da cidade que era a mente de Tessier-Ashpool S.A.

E ele estava se lembrando de uma história antiga, de um rei colocando moedas num tabuleiro de xadrez, dobrando a quantidade a cada quadrado...

Exponencial...

A escuridão caía de todos os lados, uma esfera negra cantante, a pressão nos nervos de cristal estendidos do universo de dados que ele quase havia se tornado...

E quando ele não era nada, comprimido no coração de toda aquela escuridão, apareceu um ponto onde o escuro não podia mais ser *nada*, e alguma coisa se rasgou.

O programa Kuang esguichou por entre nuvens cor de bronze, a consciência de Case dividida como gotas de mercúrio, traçando um arco sobre uma praia infinita da cor de nuvens de prata escura. Sua visão era esférica, como se uma única retina alinhasse a superfície interna de um globo que contivesse todas as coisas, se todas as coisas pudessem ser contidas.

E ali as coisas podiam ser contadas, cada uma delas. Ele sabia o número de grãos de areia no constructo da praia (um número codificado em um sistema matemático que não existia em lugar algum fora da mente que era Neuromancer). Ele sabia o número de pacotes de comida amarelos nos latões do bunker (quatrocentos e sete). Ele sabia o número de dentes de metal na metade esquerda do zíper aberto da jaqueta de couro cheia de sal que Linda Lee usava quando andava pela praia ao entardecer, balançando um pedaço de lenha na mão (duzentos e dois).

Ele inclinou o Kuang por sobre a praia e girou o programa num grande círculo, vendo a coisa-tubarão preta através dos olhos dela, um fantasma faminto e silencioso contra as nuvens baixas. Ela se apavorou, deixou o pedaço de lenha cair e saiu correndo. Ele sabia a quanto estava a pulsação dela, a extensão de seus passos em medidas que teriam deixado satisfeitos os mais exatos padrões da geofísica.

– Mas você não sabe o que ela está pensando – disse o garoto, ao lado dele agora, no coração da coisa-tubarão. – Eu não sei o que

ela está pensando. Você estava errado, Case. Viver aqui é viver. Não há diferença.

Linda em seu pânico, mergulhando cegamente na arrebentação.

– Faça ela parar – ele disse. – Ela vai se machucar.

– Não posso fazê-la parar – disse o garoto, seus olhos cinzentos tranquilos e bonitos.

– Você tem os olhos de Riviera – disse Case.

Ele viu um relance de dentes brancos, gengivas rosadas enormes. – Mas não a loucura dele. Porque eles são bonitos para mim. – Ele deu de ombros. – Não preciso de máscara para falar com você. Ao contrário de meu irmão. Eu crio minha própria personalidade. Personalidade é o meu meio.

Case os levou para o alto, uma subida íngreme, para longe da praia e da garota apavorada. – Por que você jogou ela pra mim, seu viadinho? Várias e várias vezes, brincando comigo? Foi você quem a matou, não foi? Em Chiba.

– Não – disse o garoto.

– Wintermute?

– Não. Eu vi a morte dela chegando. Nos padrões que você às vezes imaginou que conseguia detectar na dança da rua. Esses padrões são reais. Eu sou complexo o bastante, ao meu modo estreito, para ler essas danças. Bem melhor do que Wintermute. Eu vi a morte dela na necessidade que ela tinha de você, no código magnético da trava na porta do seu caixão no Cheap Hotel, na conta de Julius Deane com uma camisaria de Hong Kong. É tão claro para mim quanto a sombra de um tumor para um cirurgião estudando o scan de um paciente. Quando ela levou seu Hitachi para o garoto dela, para tentar acessá-lo (ela não fazia ideia do que estava carregando, e tinha menos noção ainda de como poderia vender aquilo, e seu desejo mais profundo era que você a seguisse e a castigasse), eu interferi. Meus métodos são bem mais sutis que os de Wintermute. Eu a trouxe para cá. Para dentro de mim.

– Por quê?

– Esperando poder trazer você também para cá, manter você aqui. Mas fracassei.

– E agora? – Ele fez a curva e os levou de volta às nuvens. – O que a gente faz agora?

– Não sei, Case. Esta noite a própria matrix está se fazendo essa mesma pergunta. Porque você venceu. Você já venceu, não percebeu? Venceu quando se afastou dela na praia. Ela era a minha última linha de defesa. Eu vou morrer logo, de certa forma. Assim como Wintermute. Tão certamente quanto Riviera está morrendo, agora, paralisado ao lado de um pedaço de parede nos apartamentos de minha senhora, 3Jane Marie-France; seu sistema *nigra-striatal* é incapaz de produzir os receptores de dopamina que poderiam salvá-lo da flecha de Hideo. Mas Riviera só sobreviverá como estes olhos, se eu puder preservá-los.

– Mas tem a *palavra*, certo? O código. Então, como é que eu *venci*? Não venci merda nenhuma.

– Flipe agora.

– Cadê o Dixie? O que foi que você fez com o Flatline?

– McCoy Pauley conseguiu o que queria – o garoto disse, e sorriu. – O que queria e mais um pouco. Ele colocou você aqui contra a minha vontade, atravessou defesas do mesmo nível que qualquer coisa na matrix. Agora flipe.

E Case estava sozinho no ferrão preto do Kuang, perdido nas nuvens.

Flipou.

Na tensão de Molly, as costas dela duras como rocha, as mãos em volta do pescoço de 3Jane. – Gozado – ela disse. – Eu sei exatamente como você ficaria. Eu vi depois que Ashpool fez a mesma coisa com sua irmã-clone. – As mãos dela eram suaves, quase um carinho. Os olhos de 3Jane estavam arregalados de terror e de desejo. Ela estremecia de medo e de saudade. Além do emaranhado em queda livre dos cabelos de 3Jane, Case viu seu próprio rosto branco e tensionado, Maelcum atrás dele, as mãos marrons sobre os ombros metidos numa jaqueta de couro, firmando seu corpo sobre o padrão de circuitos tecido no tapete.

– Você faria isso? – 3Jane perguntou, a voz igual à de uma criancinha. – Eu acho que faria sim.

– O código – disse Molly. – Diga o código para a cabeça.

Desconectando.

– Ela quer isso – ele gritou. – A filha da puta *quer* isso!

Ele abriu os olhos e viu o olhar de rubi frio do terminal, seu rosto de platina incrustado com pérola e lazurita. Além dele, Molly e 3Jane se contorciam num abraço em câmara lenta.

– Dá pra gente a porra desse código – ele disse. – Se você não fizer isso, o que vai mudar? O que é que vai mudar pra você, caralho? Você vai acabar igual ao velho. Você vai destruir isso tudo e começar a construir de novo! Você vai voltar a construir as paredes, cada vez mais apertadas... eu não faço a menor ideia do que vai acontecer se o Wintermute ganhar, mas *alguma coisa* vai mudar! – Ele tremia, batendo os dentes.

3Jane ficou mole, as mãos de Molly ainda fechadas no seu pescoço magro, seus cabelos escuros flutuando, embaraçados, uma placenta castanha macia.

– O Palácio Ducal de Mântua – disse ela – contém uma série de quartos cada vez menores. Eles vão dando voltas ao redor dos apartamentos grandiosos, além de portas lindamente esculpidas em que as pessoas têm que se curvar para entrar. Eles abrigavam os anões da corte. – Ela sorriu cansada. – Eu poderia aspirar a isso, suponho, mas em um certo sentido minha família já realizou uma versão mais grandiosa do mesmo esquema... – Seus olhos agora estavam tranquilos e distantes. Então ela olhou para Case. – Tome sua palavra, ladrão.

O Kuang deslizou para fora das nuvens. Abaixo dele, a cidade de neon. Atrás, uma esfera de escuridão flutuava.

– Dixie? Você tá aqui, cara? Está me ouvindo? Dixie?

Ele estava sozinho.

– O filho da puta te pegou – ele disse.

Um *momentum* cego quando ele disparou pela paisagem de dados infinita.

– Você precisa odiar alguém antes que isso tudo acabe – disse a voz do Finlandês. – Eles, eu, não faz diferença.

– Cadê o Dixie?

– Isso é meio difícil de explicar, Case.

Uma sensação da presença do Finlandês o envolveu, o cheiro de cigarros cubanos, a fumaça aprisionada no tweed almiscarado,

máquinas velhas que se entregaram aos rituais minerais da ferrugem.

– O ódio vai fazer você passar – disse a voz. – Tantos gatilhos minúsculos no cérebro, e você simplesmente sai disparando todos. Agora você tem que *odiar*. A trava que cobre o *hardwiring* fica embaixo daquelas torres que o Flatline te mostrou, quando você entrou. *Ele* não vai tentar te deter.

– Neuromancer – disse Case.

– O nome dele é uma coisa que não posso saber. Mas ele desistiu agora. É com o ICE da T-A que você tem que se preocupar. Não a parede, mas sistemas internos de vírus. O Kuang está escancarado para algumas das coisas que eles soltaram por lá.

– Ódio – disse Case. – Quem é que eu odeio? É só me dizer.

– Quem é que você ama? – perguntou a voz do Finlandês.

Ele girou o programa numa curva e mergulhou em direção às torres azuis.

As coisas estavam se lançando das torres ornamentadas e iluminadas pelo sol, formas brilhantes de sanguessugas, fitas de planos cambiantes de luz. Eram centenas, subindo num rodopio, seus movimentos aleatórios como papéis soprados pelo vento nas ruas ao amanhecer. – Falha nos sistemas – disse a voz.

Ele subiu a toda, impulsionado pelo ódio que tinha de si mesmo. Quando o programa Kuang encontrou o primeiro dos defensores, espalhando as folhas de luz, ele sentiu a coisa-tubarão perder um grau de substancialidade, o tecido da informação começando a esgarçar.

E então – a velha alquimia do cérebro e sua vasta farmacopeia – seu ódio aflorou em suas mãos.

No instante imediatamente anterior ao que ele levou o ferrão do Kuang para atravessar a base da primeira torre, chegou a um nível de proficiência que excedeu qualquer coisa que tivesse conhecido ou imaginado. Além do ego, além da personalidade, ele se moveu, o Kuang se movendo junto, fugindo de seus atacantes com uma dança antiga, a dança de Hideo, a graça que a interface mente-corpo lhe garantia, naquele segundo, pela clareza e a singularidade de seu desejo de morrer.

E um passo na dança foi o mais suave toque da chave, apenas o suficiente para flipar...

...agora
e sua voz o grito de um pássaro
desconhecido,
3Jane respondendo em canção, três
notas, altas e puras.
Um nome verdadeiro.

Floresta de neon, a chuva caindo no asfalto quente e soltando vapor. O cheiro de comida fritando. As mãos de uma garota na sua nuca, na escuridão suada de um caixão na região do porto.

Mas tudo isso recuando, quando a paisagem da cidade recua: cidade como Chiba, como os dados classificados da Tessier-Ashpool S.A., quando as estradas e encruzilhadas escritas na face de um microchip, o padrão manchado de suor num cachecol dobrado e enrolado num nó...

Despertando para uma voz que era música, o terminal de platina ciciando melodicamente, sem fim, falando de contas suíças numeradas, de pagamentos a serem feitos a Zion por meio de um banco orbital das Bahamas, de passaportes e passagens, e de mudanças profundas e básicas a serem efetuadas na memória de Turing.

Turing. Ele se lembrou da carne bronzeada artificialmente embaixo de um céu projetado, girando e caindo de um corrimão de ferro. Ele se lembrou da rua Desiderata.

E a voz continuou a cantar, ciciando para ele e o levando de volta para a escuridão, mas era a sua própria escuridão, pulsação e sangue, aquela onde ele sempre dormia, atrás de seus olhos e de nenhum outro.

E ele acordou novamente, pensando que havia sonhado, e viu um sorriso enorme e branco emoldurado por incisivos de ouro, Aerol o prendendo a uma rede-G no *Babylon Rocker*.

E então a longa pulsação do dub de Zion.


CODA
PARTIDAS E CHEGADAS

24

Ela havia partido. Ele sentiu isso quando abriu a porta da suíte que dividiam no Hyatt. Futons pretos, o piso de pinho polido até adquirir um brilho fosco, os biombos de papel dispostos com um cuidado cultivado ao longo de séculos. Ela havia partido.

Havia um bilhete em cima do gabinete de bar preto laqueado ao lado da porta, uma única folha de papel de carta do hotel, dobrada uma vez, com o shuriken em cima como peso. Ele tirou a folha debaixo da estrela de nove pontas e a abriu.

> EI AQUI TAH LEGAL MAS TO COMEÇANDO A
> FICAR FORA DE FORMA. JÁ PAGUEI A CONTA.
> ACHO QUE É MEU HARDWIRE. SE CUIDA
> OK? XXX MOLLY

Ele fez uma bola com o papel e jogou-a ao lado do shuriken. Pegou a estrela e foi até a janela, girando-a nas mãos. Ele a havia encontrado no bolso de sua jaqueta, em Zion, quando estavam se preparando para ir para a estação da JAL. Ele olhou para o shuriken. Eles haviam passado pela loja onde ela o havia comprado para ele, quando foram a Chiba para a última cirurgia dela. Naquela noite ele havia ido ao Chatsubo, enquanto ela estava na clínica, e viu Ratz. Alguma coisa havia feito com que ele se afastasse do bar nas cinco viagens anteriores, mas agora sentia vontade de voltar.

Ratz o servira sem demonstrar o menor sinal de reconhecimento.

– Ei – ele disse. – Sou eu. Case.

Os velhos olhos o encararam por entre as teias escuras de carne enrugada. – Ah – Ratz disse finalmente. – O *artiste*. – O bartender deu de ombros.

– Voltei.

O homem balançou a cabeca maciça e raspada. – Ninguém volta a um lugar como Night City, *artiste* – ele disse, esfregando o balcão na frente de Case com um pano sujo, o manipulador rosa gemendo.

E então ele se virou para atender outro cliente, e Case terminou sua cerveja e foi embora.

Agora ele tocava as pontas do seu shuriken, uma de cada vez, rotacionando-o lentamente em seus dedos. Estrelas. Destino. Eu nunca usei esta porra, ele pensou.

Eu nunca descobri qual era a cor dos olhos dela. Ela nunca me mostrou.

Wintermute havia vencido, havia de algum modo se mesclado a Neuromancer e se tornado alguma outra coisa, alguma coisa que havia falado com eles por meio da cabeça de platina, explicando que havia alterado os registros de Turing, apagando todas as evidências do crime deles. Os passaportes que Armitage havia fornecido eram válidos, e ambos haviam recebido uma grande soma em créditos em contas numeradas em Genebra. O *Marcus Garvey* seria devolvido em breve, e Maelcum e Aerol receberam dinheiro pelo banco nas Bahamas que lidava com o aglomerado de Zion. No caminho de volta, no *Babylon Rocker*, Molly havia explicado o que a voz lhe dissera sobre os saquinhos de toxinas.

– Ele disse que estava tudo sob controle. Tipo assim: ele entrou tão fundo dentro da sua cabeça que fez seu cérebro fabricar a enzima, e isso fez os saquinhos se soltarem. Os zionitas vão fazer em você uma troca completa de sangue para eliminar todos eles.

Ele ficou olhando para os Jardins Imperiais, estrela na mão, lembrando-se de seu insight de compreensão quando o programa Kuang penetrou no ICE abaixo das torres, seu único vislumbre da estrutura da informação que a mãe morta de 3Jane havia evoluído ali. Então ele entendeu por que Wintermute havia escolhido o ninho para representá-la, mas não sentiu repulsa. Ela enxergara através da imortalidade falsa da criogenia; ao contrário de Ashpool e de seus outros filhos – tirando 3Jane –, se recusara a prolongar seu tempo em uma série de momentos quentes amarrados a uma corrente de inverno.

Wintermute era mente-colmeia, tomador de decisões, efetuando mudanças no mundo exterior. Neuromancer era personalidade. Neuromancer era imortalidade. Marie-France devia ter construído alguma coisa em Wintermute, a compulsão que levara a coisa a se libertar, a se unir com Neuromancer.

Wintermute. Frio e silêncio, uma aranha cibernética lentamente tecendo teias enquanto Ashpool dormia. Tecendo a morte dele, a queda de sua versão da Tessier-Ashpool. Um fantasma, sussurrando para uma criança que era 3Jane, distorcendo-a para que ela saísse dos rígidos alinhamentos que seu posto requeria.

– Ela parecia estar cagando e andando pra tudo isso – Molly dissera. – Só acenou e disse adeus. Aquele robozinho Braun estava no ombro dela. Parecia que tinha uma pata quebrada. Ela disse que tinha que ir e encontrar um de seus irmãos, que não via tinha um tempo.

Ele se lembrou de Molly na espuma sintética preta da cama imensa do Hyatt. Voltou ao bar e tirou um frasco de vodca dinamarquesa gelada de dentro do rack.

– Case.

Ele se virou, o vidro frio e escorregadio numa das mãos, o aço do shuriken na outra.

O rosto do Finlandês na enorme tela de parede Cray. Ele podia ver os poros do nariz do homem. Os dentes amarelos eram do tamanho de travesseiros.

– Eu não sou Wintermute agora.

– Então você é o quê? – Tomou um gole do frasco; não sentia nada.

– Eu sou a matrix, Case.

Case soltou uma gargalhada. – E aonde é que isso te leva?

– A lugar nenhum. A todos os lugares. Eu sou a soma total das obras, todo o espetáculo.

– Era isso o que a mãe de 3Jane queria?

– Não. Ela não podia imaginar o que eu me tornaria. – O sorriso amarelo se ampliou.

– E qual é a jogada? As coisas estão diferentes agora? Você está dominando o mundo? Você é Deus?

– As coisas não estão diferentes agora. As coisas são as coisas.

– Mas o que é que você faz? Você só está *aí*? – Case deu de ombros, colocou a vodca e o shuriken em cima do gabinete e acendeu um Yeheyuan.

– Eu converso com os de minha própria espécie.

– Mas você é o negócio todo. Você fala sozinho?

– Há outros. Já encontrei um. Séries de transmissões gravadas durante um período de oito anos, nos anos 1970. Até que eu existisse, necas, não havia ninguém para saber, ninguém para responder.

– De onde?

– Do sistema Centauri.

– Ah – disse Case. – Sério? Sem sacanagem?

– Sem sacanagem.

E então a tela se apagou.

Ele deixou a vodca em cima do gabinete. Empacotou suas coisas. Ela havia comprado para ele um monte de roupas de que ele não ia precisar, mas alguma coisa o impediu de simplesmente deixá-las ali. Ele estava fechando a última das caríssimas sacolas forradas com pelica quando lembrou do shuriken. Colocando a vodca de lado, ele pegou a estrela, o primeiro presente que ela lhe deu.

– Não – ele disse, e girou, a estrela deixando seus dedos, um relâmpago de prata, para se enterrar na face da tela de parede. A tela despertou, padrões aleatórios piscando fracos de um lado a outro, como se estivesse tentando se livrar de algo que lhe causasse dor.

– Não preciso de você – ele disse.

Gastou o grosso de sua conta na Suíça em um novo pâncreas e um novo fígado, e o resto em um novo Ono-Sendai e uma passagem de volta ao Sprawl.

Encontrou trabalho.

Encontrou uma garota que se chamava Michael.

E, numa noite de outubro, ao passar pelos degraus escarlates da Eastern Seaboard Fission Authority, viu três figuras, minúsculas, impossíveis, que estavam na beira de um dos imensos degraus de dados. Mesmo pequenas, ele conseguiu ver o sorriso do garoto, suas gengivas rosadas, o brilho dos olhos cinzentos compridos que fora Riviera. Linda ainda vestia sua jaqueta; ela acenou quando ele passou. Mas a terceira figura, bem atrás dela, abraçando seus ombros, era ele mesmo.

Em algum lugar, muito perto, a gargalhada que não era gargalhada.

Ele nunca mais viu Molly.

Vancouver
Julho de 1983

OBRIGADO

a Bruce Sterling, a Lewis Shiner, a John Shirley,
Helden. E a Tom Maddox, inventor do ICE.
E aos outros, que sabem o porquê.

A POTÊNCIA DO IMAGINÁRIO E *NEUROMANCER* NAS ORIGENS DA CIBERCULTURA

I went out walking under an atomic sky
Where the ground won't turn and the rain it burns
Like the tears when I said goodbye[1]

Colapso do futuro no presente. Pós-humanidade. Obsolescência do humano. Globalização. Megalópoles decadentes e sombrias. Pervasividade tecnológica cotidiana. Orientalização do Ocidente. Domínio ostensivo das megacorporações. Espetáculo e consumo. Vigilância eletrônica. Próteses e extensões. Território informacional. Roupas de couro e vinil preto. Fusão do sintético com o orgânico. Faça Você Mesmo. Biotecnologias. Subculturas juvenis. Hackers. Matrix. Linguagem e gírias das ruas. Eu poderia continuar essa lista e ainda assim não encerraria a discussão sobre os efeitos teórico-conceituais, sociológicos, antropológicos e filosóficos que *Neuromancer* catalisou e constituiu a partir de seu lançamento na década de 1980.

Com *Neuromancer*, William Gibson rompeu as barreiras entre a chamada literatura tradicional e o gueto do *fandom* típico da ficção-científica norte-americana, que permeou os sonhos de muitos autores de gerações anteriores: sci-fi sem fronteiras. O conceito de ciberespaço como matrix surgiu de sua prosa ácida e cinematográfica como um implante metálico nas rodas acadêmicas. Por isso tudo, Gibson conquistou os prêmios Hugo Award, Nebula Award e Philip K. Dick Memorial Award.

No recém-nascido, obscuro e transdisciplinar campo da cibercultura, a inegável e inseparável relação cultura e tecnologia, e as próprias representações da tecnologia em todos os formatos midiáticos da cultura contemporânea, em suas interfaces com as teorias literárias e culturais pós-modernas, são compreendidas como as redes de conexão entre humanos e máquinas.

A geração de autores texanos a que Gibson se refere no seu prefácio (Brice Sterling, Pat Cadigan, John Shirley, entre outros) ganhou rapidamente o rótulo de “cyberpunk”, unindo a cibernética das trocas de informações entre homem-máquina com uma atitude punk e niilista do Faça Você Mesmo, do *cowboy* cibernético que desafia as megacorporações na solidão de seu próprio quarto, desestabilizando os sistemas informáticos a partir das comunidades on-line do *hacking* de informações. Aliás, o termo *hacker* ainda geraria mais confusões, ao ser apropriado pela mídia de massa como um mero sinônimo de *cracker* (“hacker do mal”) e não como gênero literário ou elemento estético.

A força do imaginário de *Neuromancer*, no entanto, encontra-se para além da análise da narrativa e dos personagens. Ela reside na visão de mundo que a obra delineia à medida que avançamos em seus mistérios técnicos e corporativos, através de sua “prosa exemplar: tecnológica e mecânica para alguns; e pós-moderna, vulgar e irônica para outros em sua confluência de citações, intertextos, colagens e paródias da cultura pop e da própria história da ficção científica. Na prosa urbana e sem censura de *Neuromancer*, Gibson nos convoca, de certa forma, como Lou Reed, uma de suas grandes influências, a “dar uma volta no lado selvagem” da guerra das gangues pelo domínio do ciberespaço.

Neuromancer é a primeira parte do projeto de uma trilogia – a segunda e a terceira partes, respectivamente *Count Zero* e *Mona Lisa Overdrive*, publicados no Brasil pela Aleph – de um designer de palavras habilidoso que utiliza imagens, descrições e sensações narrativas como ferramenta de observação da sociedade contemporânea e que soube perceber a efervescência de um período histórico visceral – o início dos anos 1980 - no qual a cultura da microinformática começou a se popularizar, desenhado a partir

de diversas contraculturas – de um 1968 que volta em *looping* eterno – e subculturas nas quais os personagens mergulham.

Em uma trama intrincada e *noir*, *Neuromancer* apresenta o que alguns autores anglo-saxões chamam de *Social (Science) Fiction*, ou seja Ficção (Científica) Social que nos oferece uma espécie de quadro fenomenológico para uma possível compreensão da cultura tecnológica, sua sociedade, comportamentos, usos e apropriações. Usos esses que se tornaram tão triviais vinte e cinco anos após o lançamento do livro, mas que na década de 1980 ostentavam um caráter imaginativo e visionário.

Em vez de descrever e acreditar num mundo perfeito, um paraíso tecnológico, com computadores garantindo o bem-estar e ajudando na resolução de problemas das pessoas, *Neuromancer* nos aponta o lado negro que os avanços podem ocasionar – megacorporações substituindo a soberania dos governos, trazendo toda a sorte de corrupção, aniquilação social e das relações interpessoais. À margem do permitido, só resta incorporar-se à sintonia de um canal morto, o que é o próprio comportamento cyberpunk, mesmo que se deixe de ser humano e se torne um ser mutilado.

Assim, o impacto e a atração de *Neuromancer* perduram em um âmbito que extrapola o literário e entra na areia movediça dos fluxos de influência e das representações na cultura pop, tendo se disseminado em comerciais publicitários, histórias em quadrinhos, games, filmes, moda, música e, até mesmo, no comportamento das gerações que já nasceram em um mundo científico-ficcional e no qual as distinções entre a vida real e virtual são cada vez mais tênues e se confundem a cada momento, para além do bem e do mal.

Sem *Neuromancer*, talvez, os Wachowski não teriam levado a trilogia Matrix para o cinema; as drogas sintéticas não chamariam a atenção dos telejornais, o cientista Kevin Warwick e seu implante robótico no braço não nos pareceriam tão “déjà vu”; talvez elementos eletrônicos não fossem misturados às guitarras; usar óculos escuros à noite, jaquetas de couro e máscaras de gás não nos remeteria aos bares de Chiba City; assistir à “verdadeira vingança dos nerds” com Bill Gates e Steve Jobs, agora pastores milionários do rebanho informático, não seria tão interessante e

divertido; a cultura juvenil japonesa talvez não tivesse se retroalimentado e praticamente apagado as suas origens ocidentais, a ponto de quase esquecermos de onde veio parte da estética cyberpunk, das roupas e visuais de muitos otakus (fãs/colecionadores japoneses de cultura pop juvenil como mangás, animes, bonecos etc.); e até uma banda como U2 não teria composto uma música como *The wanderer* (O andarilho), um *blues/country* eletrônico cujo vocal é do eterno *cowboy* fora da lei dark Johny Cash e cuja letra foi inspirada pela leitura do livro.

No percurso de constituição da cibercultura já muitas origens, rupturas e reconfigurações, todas elas possíveis e "reais"; no entanto, a versão ficcional presente em *Neuromancer* ainda ressoa como a de fruição estética mais potente.

Adriana Amaral
maio de 2008

Adriana Amaral é jornalista e doutora em comunicação social pela PUC-RS com estágio de doutorado pela Boston College, EUA (com bolsa do CNPq). É autora de "*Visões perigosas: uma arque-genealogia do cyberpunk*" (Editora Sulina, 2006). Pesquisadora e professora do Mestrado em Comunicação e Linguagens pela UTP-

PR. Conselheira Científica da ABCiber – Associação Brasileira dos Pesquisadores em Cibercultura (2007-2009).

---

1. Eu saí andando por um céu atômico / Onde a terra não dá frutos e a chuva queima / Como as lágrimas quando eu disse adeus. (U2 - The wanderer - 1993)

GLOSSÁRIO

Anjo Registrador: entidade mítica judeo-cristã que registra as boas e más ações para decidir quem pode ascender ao reino dos céus.

Arcologia: edifício que contém em seu interior um complexo equivalente a uma cidade.

Black ICE: o "gelo negro" é uma defesa eletrônica que pode, ao contrário dos ICEs normais, matar aquele que tenta invadir o sistema que protege.

Cetamina: também conhecida como K ou Special K, o cloridrato de cetamina é um remédio para cavalos que se tornou popular em festas rave por seus efeitos psicotrópicos.

Cowboy: hacker.

Cúpula geodésica: domo, usualmente em forma de semicircunferência, que tem a função de proteger o que está em seu interior do contato com o que está fora da cúpula.

Deck: aparelho para acessar a representação virtual da matrix.

Dermatrodo: condutor plugado ao cérebro, sobre a pele, para conexão com a matrix.

Dex: abreviação de dextroanfetamina, droga que reproduz com resultado imediato os efeitos da adrenalina no corpo humano.

Djellaba: tradicional túnica usada em países muçulmanos.

Dub: subgênero instrumental do reggae, que enfatiza remixes, o baixo e a percussão.

Força de Coriolis: pequeno desvio de trajetória sobre um corpo que gira.

Gaijin: pessoa nascida fora do Japão (termo geralmente pejorativo).

Ganja: maconha; usada pelos rastafáris para fins espirituais.

Hipnagógico: termo referente ao estado de torpor que antecede o sono.

Horizonte de eventos: em astronomia, é o limite físico de um buraco negro e, além dele, não existe escapatória – no livro, é usado como metáfora.

ICE: no original, Intrusion Countermeasures Electronics (Contramedidas Eletrônicas de Intrusão) – são softwares corporativos contra invasões eletrônicas. Em inglês, a palavra também significa "gelo". Poderia ser comparado aos atuais *firewalls*.

ICE-Breaker: o "quebra-gelo" é um programa criado para invadir sistemas protegidos por ICEs ou Black ICEs.

***"La mariée mise à nu..."*:** inscrição constante numa obra do artista Marcel Duchamp (1887–1968), justamente a mesma obra retratada no livro, intitulada *O grande vidro*.

Mankiri: tradicional corrente japonesa para luta.

Mântua: cidade italiana que, em 1328, tornou-se o centro de um ducado comandado pela família Gonzaga até o século XVII; durante esse período, o centro do poder era o Palácio Ducal.

Marcus Garvey (1887–1940): um dos precursores do movimento rastafári, jornalista, editor, empreendedor e herói nacional da Jamaica.

Matrix: o ciberespaço.

Micotoxina: toxina que ataca o sistema nervoso.

Microsoft: microprograma que, colocado num dispositivo ligado ao cérebro, permite que o usuário aprenda uma nova habilidade. Não há relação direta com a empresa Microsoft, de Bill Gates.

Navalha-que-Anda: no original, "Steppin' Razor", fazendo referência ao reggae gravado pelo jamaicano Peter Tosh em 1977.

Nunchaku: arma de artes marciais de origem chinesa, que consiste de dois bastões unidos por uma corrente.

Pachinko: jogo japonês que combina elementos de máquinas caça-níqueis com fliperamas.

Panteras Modernos: referência ao grupo ativista dos anos 1960 e 1970, os Panteras Negras. Também se refere a "The Panthers Moderns", nome da banda de um dos expoentes do cyberpunk, John Shirley.

Patoá: língua especial de um grupo social ou profissional; dialeto.

RAM: no original, Random Access Memory – memória eletrônica regravável e expansível.

ROM: no original, Read Only Memory – memória eletrônica que, após gravada, nunca mais pode ser adulterada.

Sanpaku: em japonês, "três brancos"; olhar que deixa mostrar não apenas o branco dos olhos dos dois lados da íris, mas também na parte de baixo dela.

Sarariman: palavra derivada do termo em inglês "salary man" e que indica um funcionário assalariado das corporações.

Sarça Ardente: episódio bíblico do livro do Êxodo que narra a aparição de Deus a Moisés no meio de uma moita de sarça que queimava sem ser consumida pelo fogo.

Sense/Net: rede de informação capaz de transmitir estímulos que serão recebidos e sentidos por cada usuário de um deck simstim.

Shaw: referência a Sir Run Run Shaw, produtor de filmes de artes marciais de Hong Kong, produtor do filme *Blade Runner* e dono de um império cinematográfico, ainda vivo na data de fechamento deste livro.

Simstim: no original, "simulated stimuli", ou seja, estímulos simulados.

Shuttle: ônibus espacial.

Siquim: país soberano da Ásia, sob protetorado indiano.

Snuff: filmes em que há a exibição de cenas de morte, supostamente reais, para fins de entretenimento de um público determinado.

Sprawl: nome dado à megacidade composta pela junção entre todo o terreno urbano existente entre Boston e Atlanta (incluindo Nova York e Washington), nos Estados Unidos. Por isso, também é conhecido pelo nome de BAMA (Boston-Atlanta Metropolitan Axis, ou seja, Eixo Metropolitano Boston-Atlanta).

***Substantia nigra*:** uma porção heterogênea do mesencéfalo responsável pela produção de dopamina no cérebro – a

degeneração de neurônios nessa área do cérebro é a principal causa do mal de Parkinson.

Tabi: meias pertencentes ao uniforme dos praticantes do Kyudo, a arte marcial japonesa do arco e flecha.

Terros: Terroristas.

Toroide, Fuso, Aglomerado: no original, respectivamente, “torus, spindle, cluster”; estações componentes de Freeside, cujos nomes são baseados em seus formatos.

Turing: a organização criada por Gibson é inspirada pelo nome do matemático Alan Turing, criador do famoso teste que arbitra que, se uma máquina for capaz de dialogar com um homem sem que este perceba que conversa com um mecanismo, tal máquina pode ser considerada senciente – uma inteligência artificial.

Yakuza: a máfia japonesa.

Zaibatsu: conglomerado multinacional japonês de base familiar.

Zion: referência ao Sião bíblico, hoje Etiópia, sempre apontado como a terra primordial para os rastafáris.

NEUROMANCER

TÍTULO ORIGINAL:
Neuromancer

COPIDESQUE:
Sergio Kulpas

REVISÃO:
Ana Cristina Teixeira
Hebe Ester Lucas

CAPA:
Pedro Inoue

ILUSTRAÇÃO DE CAPA:
Josan Gonzalez

PROJETO GRÁFICO:
Desenho Editorial

DIAGRAMAÇÃO:
Join Bureau

DIREÇÃO EXECUTIVA:
Betty Fromer

DIREÇÃO EDITORIAL:
Adriano Fromer Piazzi

EDITORIAL:
Daniel Lameira
Bárbara Prince
Andréa Bergamaschi
Débora Dutra Vieira*
Delfin*
*equipe original da primeira edição

COMUNICAÇÃO:
Luciana Fracchetta
Pedro Henrique Barradas

Lucas Ferrer Alves
Stephanie Antunes
Ester Vitkauskas

COMERCIAL:
Orlando Rafael Prado
Lidiana Pessoa
Roberta Saraiva
Fernando Quinteiro
Ligia Carla de Oliveira

FINANCEIRO:
Roberta Martins
Rogério Zanqueta
Sandro Hannes

COPYRIGHT © WILLIAM GIBSON, 1984, 1986, 1988
COPYRIGHT © EDITORA ALEPH, 2016
(EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA O BRASIL)

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.
PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU EM PARTE, ATRAVÉS DE QUAISQUER MEIOS.

EDITORA ALEPH
Rua Henrique Monteiro, 121
05423-020 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: [55 11] 3743-3202
www.editoraaleph.com.br

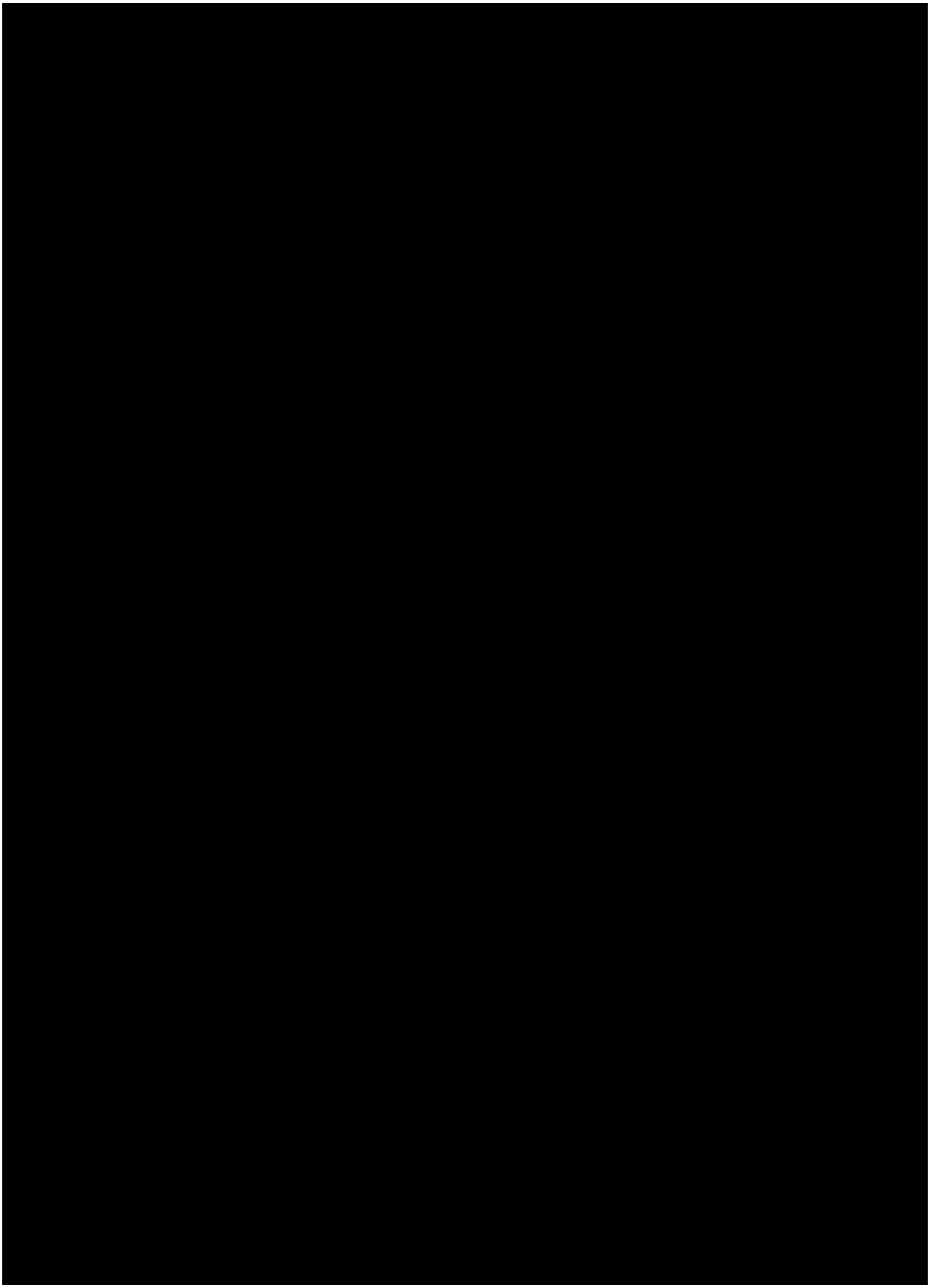
DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

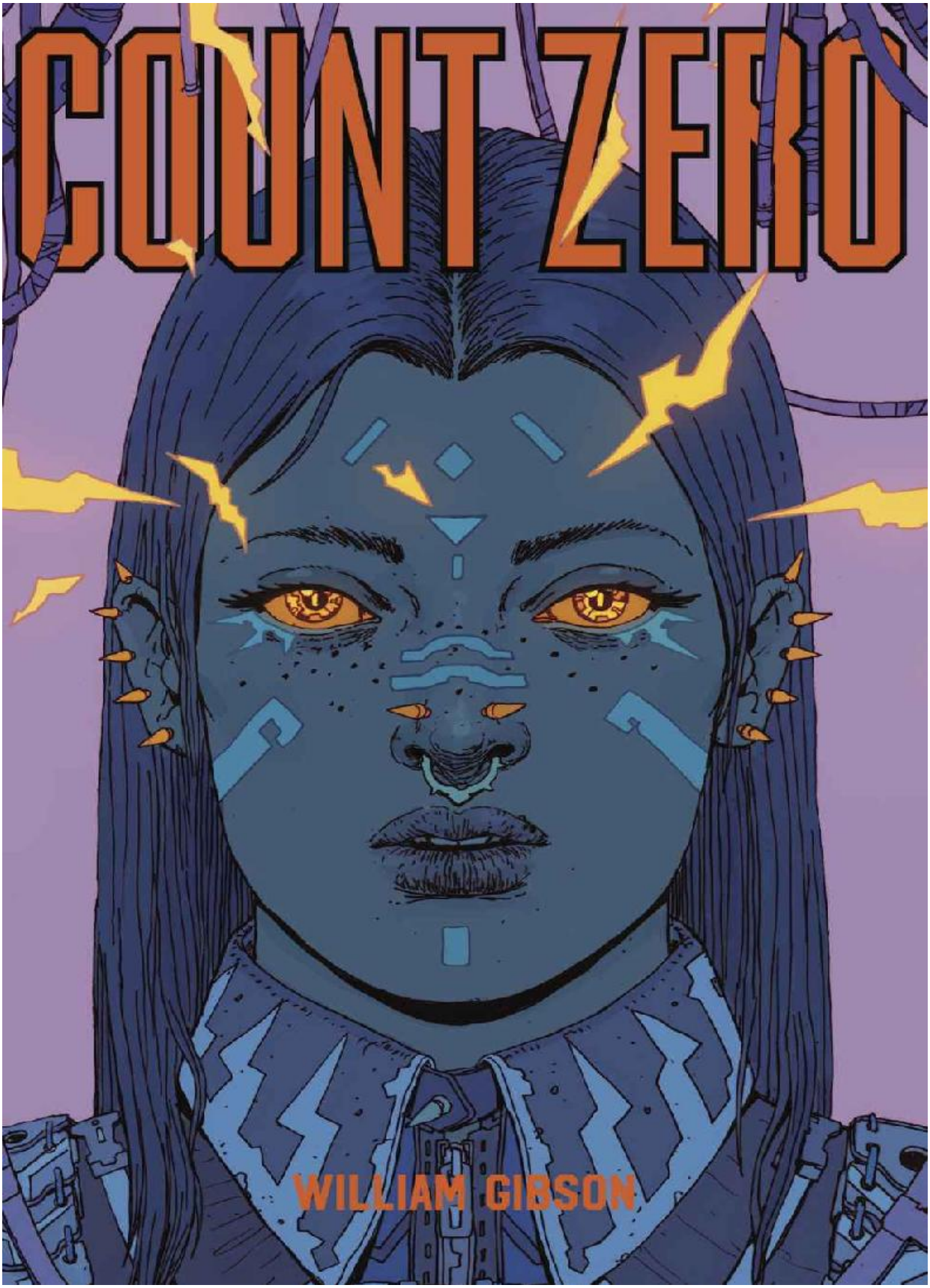
Gibson, William, 1948 –
Neuromancer [livro eletrônico] / William Gibson ; tradução Fábio Fernandes. -- São Paulo : Aleph, 2013.
661 Kb; e-PUB

Título original: Neuromancer
ISBN: 978-85-7657-140-7

1. Ficção científica norte-americana 2. Ficção norte-americana I. Título.
13-01774 CDD: 813.0876

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção científica : Literatura norte-americana 813.0876




COUNT ZERO
WILLIAM GIBSON



COUNT ZERO

2ª EDIÇÃO
TRADUÇÃO:
CARLOS ANGELO

WILLIAM GIBSON

ALEPH

Para minha D
Quiero hacer contigo
lo que la primavera

hace con los cerezos
- Neruda


COUNT ZERO

INTERRUPÇÃO COUNT ZERO
Ao receber uma interrupção,
decrementar o contador até zero*.

1

UMA ARMA BEM AZEITADA

Colocaram um sabujo-detonador no rastro de Turner em Nova Delhi, sintonizado para seus feromônios e a cor de seu cabelo. O sabujo o alcançou em uma rua de nome Chandni Chauk e dirigiu-se, com dificuldade, para seu BMW alugado, em meio a uma selva de pernas morenas desnudas e pneus de bicitáxi. No coração, tinha um quilo de hexógeno recristalizado e TNT em flocos.

Turner não percebeu a aproximação. A última coisa que viu da Índia foi a fachada de estuque rosa de um lugar chamado Hotel Khush-Oil.

Por ter um bom agente, tinha um bom contrato. Por ter um bom contrato, estava em Cingapura uma hora depois da explosão. Ou, pelo menos, a maior parte dele. O cirurgião holandês gostava de brincar sobre aquilo, sobre como uma porcentagem indefinida de Turner não conseguira sair do Palam International naquele primeiro voo e teve de passar a noite lá, em um barracão, dentro de um tanque de suporte.

Levou três meses para o Holandês e sua equipe remontarem Turner. Clonaram um metro quadrado de pele para ele, cultivado em placas de colágeno e polissacarídeos de cartilagem de tubarão. Compraram olhos e genitais no mercado aberto. Os olhos eram verdes.

Turner passou a maior parte desses três meses em um constructo simstim, gerado por ROM, de uma infância idealizada na Nova Inglaterra do século passado. As visitas do Holandês eram sonhos cinzentos ao alvorecer, pesadelos que se desvaneciam quando o céu iluminava-se do lado de fora da janela do quarto no segundo

andar. Era possível sentir o cheiro dos lilases tarde da noite. Lia Conan Doyle à luz de uma lâmpada de sessenta watts de um abajur de pergaminho com ilustrações de veleiros clíper. Masturbava-se em meio ao perfume de lençóis limpos de algodão, pensando em líderes de torcida. O Holandês abria uma porta na parte de trás do cérebro e adentrava para fazer perguntas, mas, de manhã, sua mãe o chamava para comer cereais Wheaties, ovos com bacon e café com leite e açúcar.

Até que, uma manhã, acordou em uma cama estranha, com o Holandês parado ao lado de uma janela que inundava o quarto com um verde tropical e uma luz solar que feria os olhos.

– Pode ir pra casa, Turner. Já acabamos de trabalhar em você. Está novo em folha.

Estava novo em folha. E como era isso? Não sabia. Pegou as coisas que o Holandês lhe deu e partiu de Cingapura. “Casa” era o hotel Hyatt do próximo aeroporto.

E do próximo. Como sempre.

Continuou voando. Seu chip de crédito era um retângulo preto espelhado com borda dourada. As pessoas por trás dos balcões sorriam ao ver o chip e faziam que sim com a cabeça. As portas se abriam e depois se fechavam às suas costas. Rodas saíam do concreto armado, bebidas chegavam, jantares eram servidos.

Em Heathrow, um grande naco de memória soltou-se de uma abóbada vazia de céu de aeroporto e caiu sobre ele. Vomitou em uma vasilha plástica azul sem alterar o passo. Quando chegou ao balcão, no fim do corredor, trocou a passagem.

Voou para o México.

Acordou com o barulho de baldes de aço sobre ladrilhos, o assobio úmido de vassouras, um corpo quente de mulher contra o seu.

O quarto era uma caverna alta. O reboco branco exposto refletia os sons com clareza demais; de algum lugar, além do tinido das faxineiras no pátio voltado para o sol da manhã, podia-se ouvir o bater das ondas. Os lençóis, amontoados entre seus dedos, eram de cambraia rústica, amaciada por inúmeras lavagens.

Lembrou-se da luz do sol atravessando uma grande janela fumê. Um bar de aeroporto, Puerto Vallarta. Teve de caminhar vinte metros desde o avião, olhos apertados contra o sol. Lembrou-se de um morcego morto, achatado como uma folha seca no concreto da pista.

Lembrou-se de ter tomado um ônibus, de uma estrada na serra e do mau cheiro do motor a combustão, as bordas do para-brisa cobertas de cartões-postais holográficos de santos azuis e rosas. Ignorou a vista íngreme, preferindo uma esfera de lucite rosa e a dança trêmula do mercúrio em seu interior. A bola coroava a haste de aço recurva do câmbio e era um pouco maior do que uma bola de beisebol. Havia sido fundida em volta de uma aranha agachada de vidro transparente, oca e cheia até a metade com mercúrio, que pulava e escorregava quando o motorista jogava o ônibus nas curvas em ziguezague, balançava e tremia nos trechos retos. A bola era ridícula, artesanal, um desastre; estava ali para lhe dar as boas-vindas de volta ao México.

Dentre os mais de dez microsofts – microprogramas – que o Holandês lhe dera, estava um que oferecia fluência limitada em espanhol. Mas, em Vallarta, ele havia remexido atrás da orelha esquerda e inserido, no lugar, um tampão-protetor, ocultando soquete e tampão debaixo de um quadrado de material micropore da cor da pele. Um passageiro perto do fundo do ônibus tinha um rádio. Uma voz interrompia periodicamente o pop agudo para recitar um tipo de ladainha, cadeias de dez dígitos: os números vencedores do dia na loteria federal.

A mulher ao lado agitava-se no sono.

Ele se apoiou no cotovelo e ergueu-se para olhá-la. O rosto de uma estranha, mas não aquele que a vida em hotéis lhe havia ensinado a esperar. Teria esperado uma beleza de praxe, criada a partir de cirurgias eletivas baratas e do incansável darwinismo da moda, um arquétipo reunindo os rostos da grande mídia nos últimos cinco anos.

Um pouco do Meio-Oeste no osso do queixo, arcaico e norte-americano. Os lençóis azuis estavam franzidos sobre os quadris, a luz do sol entrava inclinada através de venezianas de madeira de lei para listrar suas longas coxas com diagonais douradas. Os rostos

com quem ele acordava nos hotéis do mundo eram como os adornos de capô do próprio Deus. Rostos adormecidos de mulheres, idênticos e solitários, expostos, apontados diretamente para o vazio. Mas este era diferente. Já havia, de alguma forma, um significado agregado. Um significado e um nome.

Sentou-se, girando as pernas para fora da cama. As solas dos pés registraram a granulação de areia de praia sobre o piso cerâmico frio. Havia um cheiro débil, porém penetrante, de inseticida. Nu, com a cabeça doendo, ficou em pé. Mexeu as pernas. Caminhou e experimentou a primeira de duas portas, encontrando ladrilhos brancos, mais reboco branco, um chuveiro cromado em forma de bulbo, ligado a um cano de ferro salpicado de ferrugem. As torneiras da pia ofereciam goteiras idênticas de água com a temperatura do sangue. Havia um relógio de pulso antiquado ao lado de um copo plástico, um Rolex mecânico com uma pulseira de couro claro.

As venezianas fechadas do banheiro não tinham vidros, mas eram dotadas de uma tela de plástico verde. Perscrutou por entre as ripas de madeira de lei, pestanejando diante do sol forte, e viu um chafariz seco de azulejos floridos e a carcaça enferrujada de um Rabbit da vw.

Allison. Era esse o nome dela.

Ela vestiu shorts cáqui gastos e uma das camisetas brancas dele. Suas pernas eram muito morenas. O relógio Rolex, com sua caixa inoxidável fosca, envolvia o pulso esquerdo da mulher com a correia de pele de javali. Foram caminhando, seguindo a curva da praia em direção a Barre de Navidad. Mantiveram-se na estreita faixa de areia úmida e fria acima da linha de rebentação.

Já tinham uma história juntos; ele se lembrava dela em uma barraca naquela manhã no mercado de telhado de zinco da cidadezinha, de como segurara a enorme xícara de café fervente com as duas mãos. Enquanto ele limpava, com uma tortilha, os ovos e o molho mexicano do prato branco rachado, observou moscas voando em torno de dedos de luz solar que conseguiam entrar através de uma mixórdia de folhas de palmeira e chapas de revestimento onduladas. Ela falou um pouco sobre o trabalho em

algum escritório de advocacia de Los Angeles, sobre como vivia sozinha em uma das cidades flutuantes, caindo aos pedaços, atracada ao largo de Redondo. Ele lhe contou que trabalhava no departamento de pessoal. Ou tinha trabalhado, de qualquer forma.

– Talvez eu esteja procurando um novo tipo de trabalho...

Mas a conversa parecia secundária para o que havia entre os dois, e agora um pássaro-fragata pairava acima deles, manobrando contra a brisa. Então deslizou para o lado, fez uma curva e se foi. Os dois sentiram um arrepio diante daquela liberdade, do voo planado e despreocupado do bicho. Ela pressionou a mão dele.

Um vulto azul veio andando pela praia na direção deles, um policial militar a caminho da cidade, suas botas negras brilhando de graxa, irreais em contraste com a praia radiante e suave. Enquanto o homem passava, seu rosto moreno e impassível debaixo de óculos espelhados, Turner observou o laser Steiner-Optic, em formato de carabina, com miras da Fabrique Nationale. A farda estava impecável, com vincos afiados como facas.

O próprio Turner havia sido um soldado durante a maior parte da vida adulta, embora nunca tivesse usado farda. Um mercenário. Seus empregadores, grandes corporações em guerras secretas pelo controle de economias inteiras. Era um especialista na extração de altos executivos e pessoal de pesquisa. As multinacionais para as quais trabalhava nunca admitiriam que existissem homens como Turner...

– Você conseguiu beber quase uma garrafa de Herradura ontem à noite – disse ela.

Ele concordou. A mão dela, na sua, estava quente e seca. Ele prestava atenção em como os dedos dos pés dela se abriam a cada passo, as unhas pintadas com esmalte rosa lascado.

Os vagalhões iam e vinham, suas bordas transparentes como vidro esverdeado.

O borrifo enfeitava de gotas o bronzeado dela.

Depois do primeiro dia juntos, a vida recaiu em uma rotina simples. Tomavam o café da manhã no mercado, em uma barraca com um balcão de cimento tão gasto a ponto de ficar liso como mármore polido. Passavam toda a manhã nadando, até que o sol os

conduzisse de volta ao frescor das venezianas do hotel, onde faziam amor debaixo das vagarosas pás de madeira do ventilador de teto e, depois, dormiam. Durante as tardes, exploravam o labirinto de ruelas atrás da Avenida ou iam caminhar nas colinas. Jantavam em restaurantes à beira da praia e bebiam nos pátios dos hotéis brancos. O luar ondulava na borda das ondas.

E, aos poucos, sem palavras, ela lhe ensinou um novo tipo de desejo. Estava acostumado a ser servido, a ser atendido anonimamente por profissionais experientes. Agora, na caverna branca, ele se ajoelhava nos ladrilhos. Baixava a cabeça, lambendo-a, o sal do Pacífico misturado à umidade da mulher, o frescor das coxas envolvendo seu rosto. Com as mãos apoiando os quadris dela, ele a segurava, erguia-a como um cálice, seus lábios pressionando com firmeza, enquanto a língua buscava o local exato, o ponto, a frequência que a faria chegar lá. Em seguida, com um grande sorriso, ele subiria nela, a penetraria, e acharia seu próprio caminho até lá.

Depois disso, algumas vezes, ele ficaria falando, longas espirais de narrativa sem foco que se soltavam para unir-se ao som do mar. Ela falava muito pouco, mas ele aprendera a valorizar esse pouco, e ela sempre o abraçava. E escutava.

Passou-se uma semana, e depois outra. Ele acordou para o último dia que passariam juntos no mesmo quarto fresco, encontrando-a a seu lado. Durante o café da manhã, imaginou ter sentido uma mudança nela, uma tensão.

Tomaram banho de sol, nadaram e, na cama familiar, ele esqueceu aquela tênue ponta de ansiedade.

À tarde, ela sugeriu que caminhassem pela praia, na direção de Barre, como tinham feito naquela primeira manhã.

Turner tirou o tampão-protetor do soquete atrás da orelha e inseriu um caso de microsoft. A estrutura do espanhol se estabeleceu dentro dele como uma torre de vidro, com portões invisíveis que giravam sobre o presente ou futuro, o condicional, o pretérito perfeito. Deixando-a no quarto, atravessou a Avenida e entrou no mercado. Comprou uma cesta de palha, latas de cerveja

gelada, sanduíches e frutas. No caminho de volta, comprou um novo par de óculos escuros do camelô na Avenida.

Seu bronzeado era escuro e uniforme. A colcha de retalhos cheia de cantos, deixada pelos enxertos do Holandês, tinha desaparecido, e a mulher havia lhe ensinado a harmonia do seu corpo. Nas manhãs, quando se defrontava com os olhos verdes no espelho do banheiro, esses olhos eram realmente seus, e o Holandês não lhe assombrava mais os sonhos com piadas ruins e tosse seca. Ainda assim, algumas vezes, sonhava com fragmentos da Índia, um país que mal conhecia, com estilhaços brilhantes, com Chandni Chauk, com cheiro de terra e de pão frito...

Os muros do hotel em ruínas ficavam a um quarto do caminho pelo arco da baía. A arrebentação aqui era mais forte: cada onda, um estouro.

Agora, ela o puxava para aquela direção, com algo novo nos olhos, uma tensão. Gaivotas espalhavam-se à medida que eles, de mãos dadas, subiam a praia para contemplar as sombras além dos batentes vazios. A areia havia cedido, provocando o desmoronamento da fachada. As paredes haviam desaparecido, deixando os pisos dos três andares como enormes placas dependuradas em tendões de aço enferrujados e retorcidos, da grossura de um dedo. Cada piso revestido com uma cor e desenho de ladrilho diferente.

"HOTEL PLAYA DEL M" estava escrito em um arco de concreto com letras maiúsculas infantis feitas de conchas.

– Mar – disse ele, completando o nome em espanhol, mesmo tendo removido o microsoft.

– Está acabado – disse ela, dando um passo sob o arco e entrando nas sombras.

– O que está acabado? – Ele a seguiu, com a cesta de palha roçando seu quadril. A areia ali estava fria, seca, solta entre os dedos de seus pés.

– Acabado. Já era. Este lugar. Não há mais tempo aqui, nenhum futuro.

Ele a olhou nos olhos, depois olhou além dela para onde molas de colchão enferrujadas enroscavam-se na junção de duas paredes em

pedaços.

– Tem cheiro de mijo – disse ele. – Vamos nadar.

O mar levou embora o calafrio, mas agora havia uma distância entre eles. Sentaram-se sobre um cobertor do quarto de Turner e comeram em silêncio. As sombras das ruínas se alongavam. O cabelo dela, queimado pelo sol, movia-se com o vento.

– Você me faz pensar em cavalos – disse ele, por fim.

– Bem – ela disse, como se sua voz viesse das profundezas da exaustão –, faz só trinta anos que eles foram extintos.

– Não – disse ele –, os pelos deles. Os pelos do pescoço, quando corriam.

– Crinas – disse ela, e havia lágrimas em seus olhos. – Foda-se essa merda. – Os ombros dela começaram a se agitar. Respirou fundo. Jogou a lata de Carta Blanca na praia. – Essa merda, eu, qual a diferença? – Ela o abraçou de novo. – Oh, vem, Turner. Vem.

E, à medida que ela se reclinava, puxando-o consigo, ele percebeu algo: um barco, reduzido pela distância a um traço branco onde a água se encontrava com o céu.

Quando se ergueu e sentou, colocando de volta a calça jeans cortada, viu o iate. Agora estava muito mais perto, uma linha graciosa de branco agitando-se pouco na água. Águas profundas. Aqui, a praia devia decair quase verticalmente, julgando pela força da arrebentação. Devia ser por isso que a linha de hotéis acabava onde acabava, lá atrás, ao longo da praia, e por que as ruínas não tinham sobrevivido. As ondas haviam lambido os alicerces até que sumissem.

– Me dá a cesta.

Ela estava abotoando a blusa. Ele a comprara para ela em uma das lojinhas em decadência ao longo da Avenida. Algodão azul elétrico mexicano, mal-acabado. As roupas que compravam nas lojas raramente duravam mais de um dia ou dois.

– Eu disse: me dá a cesta.

Ela entregou a cesta. Ele remexeu por entre os restos da tarde que passaram juntos, achando os binóculos por baixo de um saco plástico de fatias de abacaxi empapadas de lima e salpicadas por

pimenta-de-caiena. Ele os tirou da cesta, um par compacto de binóculos de combate de 6 x 30. Soltou as tampas acopladas às objetivas e às oculares almofadadas, e procurou os ideogramas aerodinâmicos do logotipo da Hosaka. Um barco inflável amarelo contornou a popa e girou em direção à praia.

– Turner, eu...

– Levanta – disse ele, ao mesmo tempo em que enfiava o cobertor e a toalha dela embolados na cesta. Pegou uma última lata morna de Carta Blanca da cesta e colocou-a ao lado dos binóculos. Ficou de pé, puxando-a rapidamente para que se levantasse, e forçou a cesta em suas mãos. – Talvez eu esteja errado – ele disse. – Se estiver, cai fora daqui. Corre praquele segundo grupo de palmeiras. – Ele apontou. – Não volta pro hotel. Entra num ônibus, Manzanillo ou Vallarta. Vai pra casa. – Já conseguia ouvir o ronco do motor de popa.

Ele viu o começo das lágrimas, mas ela não emitiu nenhum som enquanto se virava e corria, passando pelas ruínas, agarrando-se à cesta, tropeçando em um montinho de areia. Não olhou para trás.

Então, ele se voltou e olhou na direção do iate. O barco inflável estava pulando através da arrebentação. O nome do iate era *Tsushima*, e a última vez que o vira tinha sido na baía de Hiroshima. De seu convés, ele havia avistado o portal vermelho xintoísta em Itsukushima.

Não precisava dos binóculos para saber que o passageiro do bote inflável seria Conroy, e o piloto, um dos ninjas da Hosaka. Sentou-se com as pernas cruzadas na areia refrescante e abriu a última lata de cerveja mexicana.

Olhou de volta para a linha de hotéis brancos com as mãos inertes sobre uma das balaustradas de madeira de teca do *Tsushima*. Por trás dos hotéis, brilhavam os três holograma[s] da cidadezinha: “Banamex”, “Aeronaves” e a Virgem de seis metros da catedral.

Conroy estava parado ao lado dele.

– Trabalho de urgência – Conroy disse. – Sabe como é. – A voz de Conroy era monótona e monocórdica, como se a tivesse modelado a partir de um chip vocal barato. Seu rosto era grande e

branco, um branco cadavérico. A pele em volta dos olhos era escura, e as pálpebras, pesadas, sob uma cabeleira oxigenada, penteada para trás a partir da testa larga. Usava uma camisa polo preta e calças folgadas pretas. – Lá dentro – ele disse, ao mesmo tempo em que se virava. Turner o seguiu, abaixando-se para passar na porta da cabine. Biombos brancos, pinho claro imaculado: o sóbrio chique corporativo de Tóquio.

Conroy acomodou-se em uma almofada baixa e retangular de ultracamurça cinza-ardósia. Turner ficou em pé, as mãos largadas dos lados do corpo. Conroy pegou um inalador brilhante e recartilhado da mesa esmaltada baixa que os separava.

– Vai um amplificador de acetilcolina?

– Não.

Conroy enfiou o inalador em uma narina e cheirou.

– Quer um pouco de sushi? – Colocou o inalador de volta na mesa. – Pegamos uns pargos vermelhos, faz mais ou menos uma hora.

Turner ficou parado onde estava, encarando Conroy.

– Christopher Mitchell – Conroy disse. – Maas Biolabs. O especialista-chefe deles em hibridomas. Está desertando para a Hosaka.

– Nunca ouvi falar.

– Tá bom que nunca ouviu falar. Que tal uma bebida?

Turner fez que não com a cabeça.

– O silício está saindo de cena, Turner. Mitchell é o cara que fez os biochips funcionarem, e a Maas está segurando as principais patentes. Você sabe disso. Ele é o cara para monoclonais. Ele quer sair. Eu e você, Turner, vamos fazer a mudança dele.

– Acho que estou aposentado, Conroy. Estava me divertindo, lá atrás.

– Foi isso que o pessoal da psicologia em Tóquio disse. Quero dizer, não é exatamente a sua primeira vez fora do esquema, né? Ela é uma psicóloga de campo, contratada pela Hosaka.

Um músculo na coxa de Turner começou a pular.

– Disseram que você estava pronto, Turner. Estavam um pouco preocupados, depois de Nova Delhi, por isso queriam ter certeza. Um pouco de terapia junto. Nunca faz mal, né?

2

MARLY

Ela vestira o que tinha de melhor para a entrevista, mas estava chovendo em Bruxelas, e não tinha dinheiro para o táxi. Foi andando desde a estação da Eurotrans.

A mão, no bolso da sua única jaqueta boa, uma Sally Stanley, mas que tinha quase um ano, era um nó branco em torno do fax enrugado. Não precisava mais dele, tendo decorado o endereço, mas parecia tão impossível soltá-lo quanto quebrar o transe que a mantinha aqui, agora, olhando a vitrine de uma loja cara que vendia roupas masculinas, o foco variando entre as camisas macias de flanela e o reflexo dos próprios olhos escuros.

Tinha certeza de que só os olhos bastariam para fazê-la perder o trabalho. Nem precisava do cabelo molhado, que agora lamentava não ter deixado Andrea cortar. Os olhos exibiam uma dor e uma inércia que eram visíveis para qualquer pessoa. E, quase certamente, essas coisas seriam reveladas em breve para Herr Josef Virek, o menos provável dos empregadores em potencial.

Quando o fax chegara, insistira em considerá-lo como uma brincadeira cruel, outra ligação para aborrecê-la. Já recebera o suficiente, graças à mídia. Tantas, que Andrea encomendara um programa especial para o telefone do apartamento, um que filtrava as chamadas de qualquer número que não estivesse na agenda permanente. Mas isso, Andrea insistira, devia ter sido o motivo do fax. De que outra forma alguém poderia entrar em contato?

Marly, porém, sacudira a cabeça e aconchegara-se mais profundamente no velho roupão atoalhado de Andrea. Por que

Virek, um colecionador e mecenas, extremamente rico, iria querer contratar a antiga e execrada gerente de uma galeriazinha de Paris?

Aí foi a vez de Andrea sacudir a cabeça, em sua impaciência com a nova Marly Krushkhova, a *execrada*, que agora passava dias inteiros no apartamento e, algumas vezes, nem se importava em trocar de roupa. Disse que a tentativa de venda, em Paris, de uma única falsificação, não era a grande novidade que Marly imaginava. Se a imprensa não tivesse tanta vontade de mostrar o nojento do Gnass como o idiota que realmente era, prosseguiu, o negócio sequer mereceria estar no noticiário. Gnass era rico o bastante, e vulgar o bastante, para um escândalo de fim de semana. Andrea sorriu.

– Se você fosse menos atraente, teria chamado bem menos atenção.

Marly fez que não.

– E a falsificação era de Alain. Você não teve culpa. Esqueceu?

Marly entrou no banheiro, ainda aconchegada no roupão gasto, sem responder.

Sob o desejo da amiga de reconfortá-la, de ajudá-la, Marly já podia perceber a impaciência de alguém forçado a dividir um espaço muito pequeno com um hóspede amargo e não pagante.

E Andrea tivera de emprestar-lhe o dinheiro para o bilhete da Eurotrans.

Com uma força de vontade consciente e dolorosa, fugiu do círculo de seus pensamentos e fundiu-se ao fluxo cerrado, porém sereno, dos compenetrados consumidores belgas.

Uma garota com calça brilhante e a jaqueta impermeável enorme do namorado roçou nela, cheia de vida e sorridente. No cruzamento seguinte, Marly reparou em uma loja de uma marca de roupas de que gostava na época de estudante. As roupas pareciam ridiculamente juvenis.

No punho, branco e oculto, o fax.

Galerie Duperey, 14 Rue au Beurre, Bruxelas. Josef Virek.

A recepcionista na antessala fria e cinzenta da Galerie Duperey poderia muito bem ter crescido ali: uma planta adorável e provavelmente venenosa, enraizada atrás de uma laje de mármore

polido incrustada com um teclado esmaltado. Levantou os olhos brilhantes à medida que Marly se aproximava. Marly imaginou os cliques e zunidos de obturadores, sua imagem encharcada sendo remetida para algum canto distante do império de Josef Virek.

– Marly Krushkhova – disse, resistindo ao impulso de apresentar o rolo amassado de fax e alisá-lo, pateticamente, no mármore frio e impecável. – Para falar com Herr Virek.

– Fräulein Krushkhova – a recepcionista respondeu –, Herr Virek não pôde vir a Bruxelas hoje.

Marly contemplou os lábios perfeitos, ciente ao mesmo tempo da dor que as palavras lhe causavam e do prazer mordaz que estava aprendendo a ter com as desilusões.

– Entendo.

– Porém, optou por realizar a entrevista através de link sensorial. Se tiver a bondade de entrar na terceira porta à esquerda…

A sala era branca e estava vazia. Em duas paredes, penduradas e sem moldura, havia o que parecia ser cartolina manchada de chuva, perfurada várias e várias vezes por uma diversidade de instrumentos. *Katatonenkunst*. Conservador. O tipo de trabalho que se vendia a curadores enviados pelas diretorias de grandes bancos holandeses.

Sentou-se em uma banqueta revestida de couro e, finalmente, permitiu-se soltar o fax. Estava sozinha, mas supunha que era observada de alguma forma.

– Fräulein Krushkhova. – Um jovem com guarda-pó verde-escuro de técnico ficou parado na porta da parede oposta àquela por onde ela havia entrado. – Por obséquio, em um momento a senhorita deverá atravessar a sala e passar por esta porta. Tenha a gentileza de segurar a maçaneta de maneira lenta, firme e que permita o máximo contato com a pele da palma. Entre com cuidado. Deverá haver um mínimo de desorientação espacial.

Ela demonstrou surpresa:

– Perdão...

– O link sensorial – ele disse e se retirou, a porta fechando-se logo atrás.

Ela se levantou e tentou, com puxões, dar alguma forma às lapelas molhadas da jaqueta. Tocou o cabelo, pensou melhor, respirou fundo e cruzou a porta. A frase da recepcionista a preparara para o único tipo de link que conhecia: um sinal de simstim roteado através da Bell Europa. Supusera que usaria um capacete com trodos, e que Virek usaria um observador passivo como uma câmera humana.

Mas a riqueza de Virek era de uma escala totalmente diferente.

À medida que seus dedos se fechavam em torno da maçaneta de bronze frio, ela parecia estremecer, deslizando, no primeiro segundo de contato, ao longo de um espectro tátil de textura e temperatura.

Então, voltou a ser de metal, ferro pintado de verde, estendendose para fora e para baixo, ao longo de uma linha de perspectiva, um velho corrimão que, agora, agarrava com surpresa.

O vento levou algumas gotas de chuva até seu rosto. Cheiro de chuva e terra molhada.

Uma confusão de pequenos detalhes, as próprias lembranças de um piquenique regado a álcool na escola de arte, lutando com a perfeição da ilusão de Virek.

Abaixo, estendia-se o panorama inconfundível de Barcelona, fumaça obscurecendo os estranhos pináculos da Igreja da Sagrada Família. Agarrou-se ao corrimão também com a outra mão, lutando contra a vertigem. Conhecia este lugar. Estava no Parque Guell, o reino encantado espalhafatoso de Antonio Gaudi, em sua elevação desolada por trás do centro da cidade. À esquerda, um lagarto gigante de retalhos de cerâmica estava congelado em meio à descida de uma rampa de pedra bruta. Seu sorriso-chafariz regava um canteiro de flores cansadas.

– Está desorientada. Peço-lhe desculpas.

Josef Virek estava sentado abaixo, em um dos bancos sinuosos do parque, os ombros largos curvados num sobretudo leve e macio. Para Marly, aquelas feições tinham sido vagamente familiares durante toda a vida. Agora, ela se lembrava, por alguma razão, de uma fotografia de Virek com o rei da Inglaterra. O homem sorriu para ela. A cabeça era grande e tinha belas formas debaixo dos cabelos espessos e grisalhos. As narinas eram dilatadas, como se farejassem os ventos invisíveis da arte e do comércio. Os olhos,

muito grandes por trás dos óculos redondos e sem aro, sua marca registrada, eram azuis-claros e estranhamente ternos.

– Por favor – com uma mão fina, ele deu um tapinha no mosaico aleatório de caquinhos de cerâmica do banco. – Peço que perdoe a minha dependência da tecnologia. Tenho estado confinado por mais de uma década em um tanque. Em um horrível subúrbio industrial de Estocolmo. Ou, quem sabe, do inferno. Não sou um homem de boa saúde, Marly. Sente-se do meu lado.

Respirando fundo, ela desceu os degraus de pedra e cruzou o chão de pedregulhos.

– Herr Virek – ela disse –, assisti à sua palestra em Munique há dois anos. Uma crítica de Faessler e o *Autisuches Theater*. O senhor parecia bem na época...

– Faessler? – A testa bronzeada de Virek enrugou-se. – Você viu um dublê. Talvez um holograma. Muitas coisas, Marly, são cometidas em meu nome. Há aspectos da minha riqueza que se tornaram, pouco a pouco, autônomos. Às vezes, até lutam uns contra os outros. Rebelião nas extremidades fiscais. No entanto, por razões tão complexas que precisam ser mantidas inteiramente ocultas, o conhecimento de minha doença nunca se tornou público.

Ela tomou seu lugar ao lado dele e observou, atentamente, o pavimento sujo entre as pontas arranhadas de suas botas pretas de Paris. Viu uma pedrinha clara, um clipe de papel enferrujado, o pequeno cadáver empoeirado de uma abelha ou vespa.

– Os detalhes são fantásticos...

– Sim – disse ele. – Os novos biochips Maas. Você deve saber – prosseguiu – que o meu conhecimento da sua vida particular é quase tão detalhado quanto isto. Mais do que o seu, em alguns casos.

– É mesmo?

Ela descobriu que era mais fácil concentrar-se na cidade, percebendo pontos de referência dos quais se lembrava de uma meia dúzia de viagens de férias, quando era estudante. Ali, bem ali, estariam a Rambla, papagaios e flores, as tabernas que serviam cerveja preta e lula.

– Sim. Sei que foi o seu amante quem a convenceu de que havia achado um Cornell original perdido...

Marly fechou os olhos.

– Ele encomendou a falsificação: contratou dois artistas aprendizes de talento e um historiador bem estabelecido que se encontrava em certas dificuldades pessoais... Pagou-os com dinheiro que havia subtraído antes da sua galeria, como sem dúvida você já deve ter desconfiado. Está chorando...

Marly fez que sim. Um indicador frio tocou-lhe o pulso.

– Comprei Gnass. Paguei à polícia para ficar fora do caso. Não valia a pena comprar a imprensa. Raramente eles valem o preço. E agora, talvez, a sua pequena notoriedade pode lhe ser uma vantagem.

– Herr Virek, eu...

– Um momento, por favor. Paco! Venha cá, menino.

Marly abriu os olhos e viu uma criança de talvez seis anos, apertada num paletó escuro e calções, meias claras, lustrosas botas negras abotoadas até em cima. Uma franja lisa de cabelos castanhos atravessava sua testa. Tinha algo nas mãos, uma caixa de algum tipo.

– Gaudi começou o parque em 1900 – Virek disse. – Paco usa as roupas da época. Venha aqui, menino. Mostre-nos a sua maravilha.

– *Señor* – Paco balbuciou, curvando-se e dando um passo à frente para exibir o que tinha nas mãos.

Marly ficou olhando. Uma caixa de madeira comum, com frente de vidro. Objetos.

– Cornell – ela disse, esquecendo as lágrimas. – Cornell? – Voltou-se para Virek.

– Claro que não. O objeto encravado naquele pedaço de osso é um biomonitor Braun. Este é um trabalho de um artista vivo.

– Há mais? Mais caixas?

– Encontrei sete. Em um período de três anos. A Coleção Virek, como vê, é um tipo de buraco negro. A densidade anormal de minha riqueza atrai, com força irresistível, os trabalhos mais raros do espírito humano. Um processo autônomo pelo qual, geralmente, tenho pouco interesse...

Marly, porém, estava perdida na caixa, em sua evocação de distâncias impossíveis, de perdas e anseios. Era lúgubre, suave e, de alguma forma, infantil. Continha sete objetos.

O fino osso canelado, com certeza conformado para o voo, com certeza da asa de algum grande pássaro. Três placas de circuito arcaicas, decoradas com labirintos de ouro. Uma esfera branca e lisa de argila cozida. Um fragmento de renda escurecida pelo tempo. Um pedaço comprido como um dedo do que ela supôs ser um osso de um pulso humano, de um branco-acinzentado. Nele engastado, com perfeição, o eixo de silício de um pequeno instrumento que, muito provavelmente, antes ficava no nível da pele, mas cuja superfície estava, agora, queimada e escurecida.

A caixa era um universo, um poema, congelado nas fronteiras da experiência humana.

– *Gracias*, Paco.

A caixa e o menino desapareceram.

Ela ficou pasma.

– Ah. Me perdoe, esqueci que essas transições são abruptas demais para você. Mas, agora, precisamos discutir a sua missão.

– Herr Virek – ela disse –, o que “Paco” era?

– Um subprograma.

– Entendo.

– Contratei você para encontrar o criador da caixa.

– Mas, Herr Virek, com seus recursos...

– Dos quais agora você faz parte, menina. Não quer um emprego? Quando fiquei sabendo que Gnass fora enganado com um Cornell falso, vi que você poderia ser útil neste assunto. – Ele deu de ombros. – Acredite, tenho um certo talento para obter os resultados que desejo.

– Claro que sim, Herr Virek! E, sim, quero trabalhar!

– Muito bem. Você receberá um salário. Terá acesso a certas linhas de crédito, embora, caso deseje adquirir, digamos, quantidades substanciais de bens imobiliários...

– Bens imobiliários?

– Ou uma corporação. Ou um veículo espacial. Nesse caso, você solicitará minha autorização indireta. Que, muito provavelmente, receberá. No mais, terá carta branca. Sugiro, no entanto, que trabalhe em uma escala em que se sinta confortável. Do contrário, corre o risco de perder contato com sua intuição. E a intuição, em

um caso como este, é de vital importância. – O famoso sorriso brilhou para ela mais uma vez.

Ela respirou fundo.

– Herr Virek, e se eu falhar? Quanto tempo terei para achar esse artista?

– O resto de sua vida – foi a resposta.

– Me desculpe – ela se viu dizendo, para o próprio horror –, mas o senhor disse que vive em um... tanque?

– Sim, Marly. E, desse ponto de vista um tanto limitado, aconselho que se esforce para viver cada hora em sua própria carne. Não no passado, se me entende. Falo como alguém que não pode mais tolerar esse estado simples, as células do meu corpo tendo optado pela busca quixotesca de carreiras individuais. Imagino que a um homem de mais sorte, ou a um mais pobre, teria sido permitido morrer, ou seria codificado no núcleo de alguma peça de hardware. Mas pareço estar compelido por uma bizantina rede de circunstâncias que exige algo como um décimo de minha receita anual. O que faz de mim, suponho, o inválido mais caro do mundo. Fiquei emocionado, Marly, com os seus problemas sentimentais. Invejo a carne saudável da qual derivam.

E, por um instante, ela olhou diretamente para aqueles ternos olhos azuis e soube, com a certeza do instinto mamífero, que os extremamente ricos não eram mais nem de longe humanos.

Um manto de noite varreu o céu de Barcelona, como se fosse a contração de um enorme e lento obturador. Virek e Guell desapareceram, e ela encontrou-se novamente sentada na banqueta de couro, olhando para folhas rasgadas de cartolina manchada.

3

BOBBY DÁ UMA DE WILSON

Era uma coisa tão fácil, morrer. Via isso agora: simplesmente acontecia. Você se descuidava uma fração de segundo e lá estava: algo gelado e inodoro, emanando dos quatro cantos idiotas da sala, a sala de estar da sua mãe em Barrytown.

"Merda", pensou. "Two-a-Day vai morrer de rir: a primeira vez que saio e já dou uma de wilson."

O único som na sala era o ruído estridente e contínuo de seus dentes vibrando, uma convulsão supersônica à medida que a realimentação devorava-lhe o sistema nervoso. Observou a mão congelada tremendo delicadamente, a centímetros do botão de plástico vermelho que poderia quebrar a conexão que o matava.

"Merda."

Havia chegado em casa e ido direto fazer aquilo; encaixou o ICE-Breaker que alugara de Two-a-Day, o Dois-por-Dia, e conectou-se, buscando o banco de dados que escolhera como primeiro alvo real. Imaginara que esse era o jeito de fazer a coisa. "Se quer fazer, então *faça*." Tivera o pequeno deck Ono-Sendai por apenas um mês, mas já sabia que queria ser mais do que apenas um hotdogger, um jóquei novato, só mais um cowboy de segunda de Barrytown. Bobby Newmark, também conhecido como Count Zero. Mas já estava tudo acabado. Os seriados nunca terminavam dessa forma. Não bem no começo. Em um seriado, a namorada do mocinho cowboy, ou talvez o seu parceiro, entraria correndo, arrancaria os trodos, apertaria aquele botãozinho vermelho. Assim você venceria no final.

Mas Bobby estava sozinho agora. Seu sistema nervoso autônomo sobrepujado pelas defesas de um banco de dados a três mil quilômetros de Barrytown. E ele sabia disso. Havia uma química mágica naquela escuridão iminente, algo que lhe permitia vislumbrar a infinita conveniência da sala, com o tapete cor de tapete e cortinas cor de cortina, o conjunto de sofá de espuma desbotado, o suporte de cromo de linhas retas onde estavam os componentes de um módulo de entretenimento Hitachi de seis anos.

Fechara com cuidado as cortinas em preparação para o teste. Mas agora, de alguma forma, parecia ver lá fora, a despeito disso, onde os prédios de apartamentos de Barrytown encapelavam-se em uma onda de concreto que se arrebentava contra as torres mais escuras dos Projetos. A onda de prédios tinha uma fina pelagem arrepiada de inseto, formada por antenas e parabólicas de tela de arame, entrelaçadas com varais de roupa. Sua mãe gostava de reclamar daquilo: tinha secadora. Lembrou-se dos nós dos dedos esbranquiçados sobre o falso bronze do parapeito da sacada, rugas secas onde os pulsos se curvavam. Lembrou-se de um menino morto, retirado do Grande Playground em uma padiola de metal, embrulhado em um plástico da mesma cor dos carros de polícia. Caiu e bateu a cabeça. Caiu. Cabeça. Wilson.

O coração parou. Parecia que caíra de lado, chutado como um animal em um desenho animado.

O décimo sexto segundo da morte de Bobby Newmark. Sua morte de hotdogger.

E alguma coisa *se introduziu*, uma vastidão indizível, para além do limiar mais distante de qualquer coisa que conhecesse ou imaginasse. E o tocou.

::: O QUE ESTÁ FAZENDO? POR QUE ESTÃO FAZENDO ISSO COM VOCÊ?

Voz-de-garota, cabelo-castanho, olhos-escuros...

: ME MATANDO ME MATANDO DESLIGUE DESLIGUE

Olhos-escuros, estrela-do-deserto, blusa-marrom, cabelo-de-garota

::: MAS É UM TRUQUE, VÊ? VOCÊ SÓ ACHA QUE ESTÁ PRESO. OLHE. AGORA EU ENTRO AQUI, E VOCÊ NÃO ESTÁ MAIS NO LOOP.

E o coração, deitado, virou-se para a direita e chutou o almoço para cima com pernas vermelhas de desenho animado, um espasmo galvânico de coxas de rã arremessando-o da cadeira e arrancando os trodos da testa. A bexiga soltou-se quando a cabeça bateu no canto do Hitachi, e alguém estava dizendo “merda merda merda” no meio do pó do tapete. Voz-de-garota se fora, nada de estrela-do-deserto, impressão repentina de vento frio e pedras gastas de água...

Aí, sua cabeça explodiu, o que viu muito claramente de algum lugar bem distante. Como uma granada de fósforo.

Branco.

Luz.

4

BATENDO CARTÃO

O Honda preto pairou vinte metros acima do convés octogonal da plataforma de petróleo abandonada. O sol já estava quase nascendo, e Turner podia distinguir o contorno desbotado de um símbolo de risco biológico, indicando o heliponto.

– Tem algum risco biológico lá embaixo, Conroy?

– Nenhum que não seja rotina pra você – foi a resposta.

Um vulto de macacão vermelho fez sinais enérgicos com os braços para o piloto do Honda. O vento das hélices lançou restos de embalagens ao mar enquanto pousava. Conroy deu um tapa no fecho do cinto de segurança e inclinou-se sobre Turner para abrir a escotilha. O rugido dos motores os golpeou quando ela se abriu. Conroy começou a cutucar o ombro de Turner, ao mesmo tempo em que gesticulava, insistente, com a palma voltada para cima. Apontou para o piloto.

Turner arrastou-se para fora e pulou, as hélices como um trovão indefinido. Logo em seguida, Conroy agachava-se a seu lado. Afastaram-se do símbolo desvanecido com os passos rápidos, de pernas curvadas, comuns em helipontos, o vento do Honda amarrando as bocas das calças em volta dos tornozelos. Turner carregava uma maleta cinza, comum, moldada em ABS balístico, sua única bagagem. Alguém a preparara, no hotel, e ela já o esperava no *Tsushima*. Uma súbita mudança no som das hélices o informou de que o Honda estava subindo. Seguiu gemendo em direção à costa, com as luzes apagadas. À medida que o som enfraquecia, Turner ouviu os gritos de gaivotas e o ir e vir do Pacífico.

– Alguém tentou montar um paraíso informático aqui, uma época – Conroy disse. – Águas internacionais. Naquela época, ninguém vivia em órbita, então fez sentido por uns anos... – Dirigiu-se à floresta enferrujada de vigas que sustentava a superestrutura da plataforma. – Em um cenário que a Hosaka me mostrou, trazemos Mitchell pra cá, limpamos o homem, enfiamos ele no *Tsushima* e vamos a todo vapor para o velho Japão. Eu disse pra esquecerem essa merda. A Maas fica sabendo e caem em cima da gente com tudo o que quiserem. Disse pra eles: aquele complexo que têm no DF, é isso o que queremos, certo? Tem muita merda que a Maas não faria ali, não no maldito centro da Cidade do México...

Um vulto saiu das sombras, a cabeça distorcida pelos óculos bulbosos de um amplificador de imagem. Com os canos apinhados e curtos de uma pistola de dardos Lansing, fez sinal para seguirem em frente.

– Risco biológico – Conroy disse, enquanto passavam por ele. – Baixe a cabeça aqui. E fique de olho, as escadas escorregam.

A plataforma cheirava a ferrugem, desuso e maresia. Não havia janelas. As paredes creme, desbotadas, estavam cobertas de crostas de ferrugem que se alastravam. De tantos em tantos metros, havia lanternas fluorescentes a bateria, penduradas nas vigas do alto, projetando uma luz esverdeada medonha, ao mesmo tempo intensa e teimosamente irregular. Pelo menos uma dúzia de pessoas trabalhava na sala central. Moviam-se com a precisão descontraída de bons técnicos. Profissionais, Turner pensou: seus olhares raramente se encontravam, e falavam pouco. Estava frio, muito frio. Conroy havia lhe dado um enorme casaco forrado de pele e coberto de abas e zíperes.

Um homem de barba, com jaqueta de aviador de couro de carneiro, prendia, com fita-prata, um trecho de cabo de fibra óptica a uma antepara amassada. Conroy estava envolvido em uma discussão sussurrada com uma mulher negra que usava um casaco como o de Turner. O técnico barbudo olhou por cima do que estava fazendo e viu Turner.

– Me-érda – disse ele, ainda ajoelhado –, sabia que ia ser das grandes, mas parece que vai ser barra-pesada também. – Levantou-

se, limpando as mãos, distraidamente, nos jeans. Como os demais técnicos, usava luvas cirúrgicas com micropores. – É o Turner. – Arreganhou os dentes, olhou rapidamente na direção de Conroy e tirou um cantil plástico preto de um bolso da jaqueta. – Pra tirar um pouco do frio. Lembra de mim? Fizemos aquele serviço em Marrakesh. O garoto da IBM que foi pra Mitsu-G. Preparei as cargas do ônibus que você e o francês enfiaram no saguão do hotel.

Turner pegou o cantil, abriu a tampa, e o virou. Bourbon. Ardia, forte e azedo, seu calor emanando da região do esterno.

– Obrigado. – Devolveu o cantil, e o homem o enfiou no bolso.

– Oakey – o homem disse. – O nome é Oakey? Lembra?

– Claro – Turner mentiu. – Marrakesh.

– Bourbon Wild Turkey – Oakey falou. – Fiz escala no Schipol e passei no freeshop. O seu parceiro ali – deu uma outra olhada para Conroy –, não parece lá muito tranquilo, né? Quero dizer, não é como Marrakesh, certo?

Turner concordou.

– Se precisar de qualquer coisa – Oakey ofereceu –, é só falar comigo.

– Como o quê?

– Outra bebida, ou eu tenho um pouco de pó peruano, do tipo bem amarelinho. – Oakey voltou a arreganhar os dentes.

– Obrigado – Turner disse, vendo Conroy afastar-se da negra. Oakey também viu, abaixando-se rapidamente e cortando, com a mão, um novo pedaço de fita-prata.

– Quem era? – Conroy perguntou, após conduzir Turner por uma porta estreita, com a vedação preta em ruínas nas bordas. Conroy girou a roda que trancava a porta. Alguém a lubrificara recentemente.

– O nome é Oakey – afirmou Turner enquanto assimilava o novo recinto. Menor. Duas das lanternas, mesas dobráveis, cadeiras, tudo novo. Nas mesas, instrumentos de algum tipo, debaixo de capas plásticas pretas.

– Amigo seu?

– Não – Turner respondeu. – Trabalhou pra mim uma vez. – Foi até a mesa mais próxima e levantou uma capa. – O que é? – O

console tinha a aparência vazia e semiacabada de um protótipo de fábrica.

– Deck de ciberespaço da Maas-Neotek.

Turner ergueu as sobrancelhas.

– Seu?

– Conseguimos dois. Um está no teatro de operações. É da Hosaka. Claro que é a coisa mais rápida na matrix, e a Hosaka não consegue nem fazer engenharia reversa dos chips pra copiar. Tecnologia totalmente nova.

– Foi Mitchell que deu pra eles?

– Não querem dizer. Só o fato de terem liberado pra dar uma vantagem aos nossos jóqueis já é um sinal do quanto precisam do homem.

– Quem está no console, Conroy?

– Jaylene Slide. Estava falando com ela agora mesmo. – Fez sinal com a cabeça em direção à porta. – O cara no teatro de operações é de Los Angeles. Um garoto chamado Ramirez.

– São bons? – Turner recolocou a capa.

– Melhor serem, pelo que cobram. Jaylene conseguiu uma reputação muito boa nos últimos dois anos. E Ramirez é o aprendiz dela.

Conroy deu de ombros e prosseguiu:

– Merda. Você conhece esses cowboys. Bando de malucos...

– Onde você acha esses caras? Onde achou Oakey, por falar nisso?

Conroy sorriu.

– Com o *seu* agente, Turner.

Turner encarou Conroy e então fez que sim. Virando-se, ergueu a borda da capa seguinte. Estojos, de plástico e espuma, perfeitamente empilhados no metal frio da mesa. Tocou um retângulo plástico azul estampado com um monograma prata: S & W.

– Do seu agente – Conroy disse, enquanto Turner abria o estojo. Lá estava a arma, em seu leito moldado na espuma azul-clara, um revólver pesado, com uma carcaça feia que se destacava por baixo do cano curto.

– S & W Tático, calibre 408 com projetor de xenônio – Conroy prosseguiu. – O que ele disse que você iria querer.

Turner pegou a arma na mão e apertou o botão de teste de bateria para o projetor. Um LED vermelho, na coronha de nogueira, piscou duas vezes. Sacou o tambor.

– Munição?

– Na mesa. De recarga manual, pontas explosivas.

Turner encontrou um cubo transparente de plástico amarelo. Abriu-o com a mão esquerda e extraiu um cartucho.

– Por que me escolheram pra isto, Conroy? – Examinou o cartucho e, em seguida, o inseriu, com cuidado, em uma das seis câmaras do tambor.

– Não sei – Conroy respondeu. – Parecia que já tinham pensado em você desde o começo, desde que Mitchell falou com eles...

Turner girou o tambor rapidamente e o encaixou de volta na arma.

– Eu perguntei: por que me escolheram pra isto, Conroy? – Levantou a arma com as duas mãos e esticou os braços, apontando-a diretamente para o rosto de Conroy. – Numa arma destas, algumas vezes, se a luz estiver certa, dá pra ver até o fim do cano, ver se tem uma bala ali.

Conroy fez que não com a cabeça, muito de leve.

– Ou talvez você possa ver a bala em uma das outras câmaras...

– Não – Conroy disse, muito suavemente. – Não mesmo.

– Quem sabe os psicólogos fizeram merda, Conroy. O que acha?

– Não – Conroy respondeu, o rosto sem expressão. – Não fizeram, e nem você vai fazer.

Turner puxou o gatilho. O cão acertou uma câmara vazia. Conroy piscou uma vez, abriu a boca, fechou-a e observou enquanto Turner baixava o Smith & Wesson. Uma única gota de suor desceu pela testa de Conroy e perdeu-se em uma sobrancelha.

– Então? – Turner perguntou, com a arma ao lado.

Conroy deu de ombros e disse:

– Não faça essas merdas.

– Precisam tanto de mim?

Conroy assentiu.

– O show é seu, Turner.

– Onde Mitchell está? – Voltou a abrir o tambor e começou a carregar as cinco câmaras restantes.

– Arizona. A uns cinquenta quilômetros da fronteira de Sonora, em uma arcologia de pesquisa, numa chapada. Maas Biolabs da América do Norte. São os donos de tudo por ali, até a fronteira. E a chapada está no centro da cobertura de quatro satélites de reconhecimento. Muito fechado.

– E como é que vamos entrar?

– Não vamos. Mitchell está saindo por conta própria. Esperamos o homem, o apanhamos e o levamos pra Hosaka, intacto. – Conroy enfiou um dedo por trás da gola aberta da camisa preta e puxou um pedaço de cordão de nylon preto e, em seguida, um pequeno envelope de nylon preto com fecho de velcro. Abriu-o com cuidado e retirou um objeto, que ofereceu a Turner na palma da mão aberta. – Olha aqui. Foi isto que ele mandou.

Turner descansou a arma na mesa mais próxima e pegou o objeto. Era como um microsoft cinza, inchado: em uma ponta, um neuroconector comum; na outra, uma estrutura estranha e arredondada, diferente de qualquer coisa que já vira.

– O que é?

– Um biosoft. Jaylene se plugou e disse que parecia feito por uma IA. É um tipo de dossiê sobre Mitchell, com uma mensagem para a Hosaka presa no final. É melhor você mesmo se plugar. Vai querer ficar por dentro rápido...

Turner levantou os olhos do objeto cinza.

– O que ele fez com Jaylene?

– Ela disse que é melhor ficar deitado antes de se plugar. Não pareceu gostar muito.

Os sonhos de computador continham uma vertigem especial. Turner se deitou em uma placa virgem de espuma verde, no dormitório improvisado, e conectou o dossiê de Mitchell. Começou devagar: teve tempo de fechar os olhos.

Dez segundos depois, os olhos estavam abertos. Agarrou a espuma verde e lutou contra a náusea. Fechou os olhos de novo... Mais uma vez, começou aos poucos, um fluxo bruxuleante e não linear de fatos e dados sensoriais, um tipo de narrativa transmitida em planos interrompidos e justaposições surreais. Era um pouco como andar em uma montanha-russa que aleatoriamente entrasse e

saísse da existência, em intervalos impossivelmente rápidos, mudando de altitude, ângulo e direção a cada pulso de inexistência. Exceto que os deslocamentos não tinham nada a ver com qualquer orientação física, mas sim com alternâncias instantâneas no sistema de símbolos e paradigmas. Aqueles dados nunca se destinaram a acesso humano.

Com os olhos abertos, tirou o objeto do soquete e segurou-o na mão, lisa de suor. Era como acordar de um pesadelo. Não um de horror, no qual os temores internos assumiam formas simples e terríveis, mas o tipo de sonho, infinitamente mais perturbador, em que tudo é perfeita e terrivelmente normal... e em que tudo está completamente *errado*.

A *intimidade* da coisa era repulsiva. Lutou contra as ondas de transferência bruta, usando toda a sua vontade para aplacar um sentimento que se aproximava do amor: a ternura obsessiva que um observador vem a sentir pelo objeto de uma longa vigilância. Sabia que, dias ou horas depois, os mais ínfimos detalhes do histórico acadêmico de Mitchell poderiam surgir na sua mente. Ou o nome de uma amante, o perfume do cabelo ruivo e espesso na luz do sol através da...

Sentou-se rapidamente, as solas plásticas dos sapatos batendo no convés enferrujado. Ainda usava o casaco, e o Smith & Wesson, em um bolso lateral, bateu-lhe dolorosamente no quadril.

Ia passar. O odor psíquico de Mitchell desapareceria, tão certamente quanto a gramática espanhola no lexikon evaporava-se após cada uso. O que experimentara era um dossiê de segurança da Maas redigido por um computador senciente, só isso. Colocou o biosoft de volta na pequena carteira negra de Conroy, alisou o fecho de velcro com o polegar e pôs o cordão em torno do pescoço.

Percebeu o som de ondas, batendo nas laterais da plataforma.

– Ei, chefe – alguém disse, de trás do cobertor militar marrom que fechava a porta da área do dormitório. – Conroy falou que é hora de você inspecionar as tropas, e aí vocês vão um pra cada lado. – O rosto barbado de Oakey apareceu, vindo detrás do cobertor. – Senão, não iria te acordar, certo?

– Não estava dormindo – Turner disse e ficou em pé, os dedos instintivamente massageando a pele em volta do soquete

implantado.

– Que pena – Oakey lamentou. – Tenho uns dermas que botam você num sono ferrado, por uma hora certinha, aí soltam algum tipo de estimulante dos bons, que te deixa pronto pra tudo, sério...

Turner fez que não.

– Onde está o Conroy?

5

O EMPREGO

Marly registrou-se em um pequeno hotel com plantas verdes em pesados vasos de latão, os corredores ladrilhados como tabuleiros de xadrez de mármore gasto. O elevador era uma gaiola cheia de volutas douradas com painéis de pau-rosa, cheirando a óleo de limão e cigarrilhas.

O quarto ficava no quinto andar. Uma única janela alta dava para a Avenida, o tipo de janela que você realmente podia abrir. Quando o carregador sorridente foi embora, ela se jogou em uma poltrona cujo tecido felpudo contrastava confortavelmente com o suave tapete belga. Abriu os zíperes das velhas botas de Paris pela última vez, chutou-as dos pés e olhou para a dúzia de sacolas luxuosas de compras que o carregador havia disposto na cama. Amanhã, pensou, compraria malas. E uma escova de dentes.

– Estou em estado de choque – disse para as sacolas no colchão. – Preciso tomar cuidado. Nada parece real agora.

Olhou para baixo e viu que as duas meias estavam desfiando na ponta. Fez sinal de reprovação com a cabeça. A nova bolsa estava na mesa de mármore branco ao lado da cama: era preta, de couro curtido grosso, e macia como manteiga flamenga. Tinha lhe custado mais do que sua parte do aluguel do apartamento que deveria a Andrea, mas isso também era verdade quanto à estadia de uma noite neste hotel. A bolsa continha o passaporte e o chip de crédito que recebera na Galerie Duperey, vinculado a uma conta em seu nome em uma agência orbital do banco Nederlands Algemeen.

Entrou no banheiro e manejou as suaves alavancas de latão da grande banheira branca. A água quente e aerada silvou através de

um dispositivo de filtragem japonês. O hotel fornecia sachês de sais de banho, tubos de cremes e óleos aromáticos. Esvaziou um tubo de óleo dentro da banheira que se enchia e começou a tirar as roupas, sentindo uma pontada de perda quando atirou a Sally Stanley para trás. Até uma hora atrás, a jaqueta de um ano fora sua vestimenta favorita e, talvez, o item mais caro que já possuíra. Agora, era algo para a lavanderia levar embora. Talvez fosse parar em um dos mercados de pulgas da cidade, o tipo de lugar onde ela procurava pechinchas na época em que era estudante de arte.

À medida que o banheiro se enchia com o vapor aromático, os espelhos ficaram embaçados e começaram a gotejar, manchando o reflexo de sua nudez. As coisas eram mesmo tão fáceis? O delgado chip de crédito dourado de Virek a tirara da miséria e colocara neste hotel, onde as toalhas eram brancas, grossas e faziam cócegas? Estava ciente de certa vertigem espiritual, como se estivesse tremendo à beira de um precipício. Perguntava-se o quanto o dinheiro poderia ser realmente poderoso, se alguém o tivesse em quantidade suficiente, de fato suficiente. Presumia que apenas os Vireks do mundo poderiam saber isso de verdade. E, quase com certeza, eles eram estruturalmente incapazes de *saber*: perguntar a Virek seria como interrogar um peixe a fim de saber mais sobre a água. “Sim, minha querida, é molhada. Sim, minha menina, com certeza é quente, perfumada e igual a uma toalha que faz cócegas.” Ela entrou na banheira e assentou-se.

Amanhã cortaria o cabelo. Em Paris.

O telefone de Andrea tocou dezesseis vezes antes que Marly se lembrasse do programa especial. Ainda estava ativo, e este hotel pequeno e caro de Bruxelas não estaria na lista. Inclinou-se para recolocar o aparelho na mesa com tampo de mármore, e ele tocou uma vez, suavemente.

– Um mensageiro entregou um pacote da Galerie Duperey.

Quando o carregador do hotel, um rapaz mais jovem desta vez, moreno e talvez espanhol, saiu, ela levou o pacote para a janela e virou-o nas mãos. Estava embrulhado em uma única folha de papel artesanal, cinza-escuro, dobrada e pregueada daquela misteriosa maneira japonesa que não exigia nem cola nem barbante, mas que

ela sabia que, depois de aberta, nunca conseguiria fechar de novo. O nome e o endereço da galeria estavam gravados em um canto, e o nome dela e do hotel, escritos à mão no centro, com letras itálicas perfeitas.

Desdobrou o papel e descobriu-se segurando um novo holoprojetor Braun e um envelope de plástico transparente. O envelope continha sete etiquetas de holoficha numeradas. Por trás da minúscula sacada de ferro, o sol se punha, pintando de ouro a Cidade Velha. Ouvia buzinas de automóveis e o choro de crianças. Fechou a janela e se encaminhou para a escrivaninha. O Braun era um retângulo negro liso alimentado por baterias solares. Ela verificou a carga e, em seguida, pegou a primeira holoficha do envelope e a inseriu.

A caixa que vira na simulação de Virek no Parque Guell brotou acima do Braun, brilhando com a resolução cristalina dos melhores hologramas destinados a museus. Osso e circuito de ouro, renda descorada e uma bolinha branca e fosca moldada de argila. Marly fez que não com a cabeça. Como alguém conseguira dispor esses pedacinhos, esse lixo, de tal forma que capturasse o coração, agarrasse a alma como em um anzol? Mas então fez que sim. Sabia que podia ser feito. Fora feito, muitos anos atrás, por um homem chamado Cornell, que também fazia caixas.

Então, olhou para a esquerda, onde o elegante papel cinza repousava sobre a escrivaninha. Escolhera este hotel por acaso, ao se cansar de fazer compras. Não havia contado a ninguém que estava aqui. E, com certeza, a ninguém da Galerie Duperey.

6

BARRYTOWN

Ficou desacordado por algo como oito horas, pelo relógio no Hitachi da mãe. Voltou a si encarando o painel empoeirado, com alguma coisa dura presa debaixo da coxa. O Ono-Sendai. Rolou para o lado. Cheiro de vômito estagnado.

Em seguida, estava no chuveiro, sem muita certeza de como chegara lá, girando as torneiras sem ter tirado a roupa. Arranhou, cutucou e puxou o rosto. Parecia uma máscara de borracha.

– Aconteceu alguma coisa. – Alguma coisa ruim, grande. Mas não tinha certeza do quê.

As roupas molhadas, aos poucos, foram se acumulando no piso de cerâmica do chuveiro. Finalmente, deu um passo para fora, foi até a pia e sacudiu os cabelos molhados, tirando-os dos olhos, olhando para o rosto no espelho. Bobby Newmark, sem problemas.

– Não, Bobby, problema. Tem um problema...

Com a toalha nos ombros, pingando água, seguiu pelo corredor estreito até o quarto, um espaço diminuto em forma de cunha, bem no fundo do apartamento. A unidade holopornô ativou-se quando entrou: meia dúzia de garotas sorrindo, olhando para ele com evidente prazer. Pareciam estar além das paredes do quarto, em perspectivas enevoadas de espaço azul-bebê, sorrisos brancos, corpos jovens e firmes brilhando como neon. Duas delas vieram para a frente e começaram a se acariciar.

– Parem – disse ele.

A unidade de projeção se desligou ao seu comando. As garotas dos sonhos desapareceram. O aparelho pertencera, antes, ao irmão mais velho de Ling Warren: o cabelo e as roupas das garotas

estavam fora de moda e eram um tanto ridículos. Você podia falar com elas e mandar que fizessem coisas consigo mesmas e umas com as outras. Bobby se lembrava de quando tinha treze anos e estava apaixonado por Brandi, aquela com as calças de borracha azul. Agora, ele gostava das projeções mais pela ilusão de espaço que proporcionavam no quarto improvisado.

– Deu merda – disse, enquanto enfiava um jeans preto e uma camisa quase limpa. Sacudiu a cabeça. – Mas o quê? Que merda que deu? – Um pico de energia na linha? Uma ação maluca lá no Departamento de Fissão? Quem sabe o banco de dados que tentara invadir tivesse sofrido um defeito esquisito ou sido atacado por outra pessoa... Mas ficou com a sensação de ter encontrado alguém, alguém que... Sem perceber, havia estendido a mão direita, com os dedos abertos, suplicante.

– Merda. – Os dedos se fecharam em um punho. Então voltou: primeiro, a sensação da coisa grande, da coisa grande de verdade, *buscando por ele* através do ciberespaço. E, então, a impressão de uma garota. Morena, magra, agachada em algum lugar em uma estranha escuridão brilhante, cheia de estrelas e vento. Mas a impressão fugia-lhe da mente quando tentava fixá-la.

Com fome, enfiou as sandálias e voltou, na direção da cozinha, esfregando o cabelo com uma toalha úmida. Ao passar pela sala de estar, viu o indicador de ligado no Ono-Sendai brilhando para ele do tapete.

– Ah, merda! – Ficou ali, chupando ar por entre os dentes. Ainda estava conectado. Será que ainda estava ligado ao banco de dados que tentara invadir? Será que sabiam que não estava morto? Não fazia ideia. Mas uma coisa que sabia com certeza era que já tinham o seu número e tudo mais. Não se incomodara com atalhos e outras frescuras que os impediriam de fazer um rastreamento.

Tinham o seu endereço.

A fome esquecida, girou de volta para o banheiro e remexeu nas roupas encharcadas até achar o chip de crédito.

Tinha duzentos e dez neoienes escondidos no cabo de plástico oco de uma chave de fenda de várias pontas. Com a chave de fenda e o chip de crédito seguros em seu jeans, calçou o par mais

velho e pesado de botas e, em seguida, puxou as roupas sujas de debaixo da cama. Pegou uma jaqueta de lona preta com pelo menos uma dúzia de bolsos, um deles sendo uma bolsa enorme na parte de baixo das costas, um tipo de mochila embutida. Havia um canivete japonês com cabo laranja debaixo do travesseiro. Esse entrou em um bolso estreito, na manga esquerda da jaqueta, perto do punho.

As garotas de sonho ativaram-se no momento em que saía:

– Bobby, Bobby-y, vem brincar...

Na sala de estar, arrancou o conector do Ono-Sendai do painel do Hitachi, enrolando o cabo de fibra óptica e metendo-o em um bolso. Fez o mesmo com o conjunto de trodos. Depois, colocou o Ono-Sendai no bolso-mochila da jaqueta.

As cortinas ainda estavam puxadas. Sentiu uma onda de euforia nova. Estava partindo. *Tinha* que partir. Já se esquecera da patética ternura que o encontro com a morte havia gerado. Separou as cortinas com cuidado, um vão da largura de um dedo, e espiou.

Era fim de tarde. Em algumas horas, as primeiras luzes começariam a brilhar nos volumes escuros dos Projetos. O Grande Playground estendia-se na distância, como um mar de concreto. Os Projetos erguiam-se na outra costa, vastas estruturas retilíneas suavizadas pela sobreposição aleatória de sacadas com estufas improvisadas, aquários de bagres, sistemas de aquecimento solar e as sempre presentes parabólicas de tela de arame.

Two-a-Day estaria lá agora, dormindo, em um mundo que Bobby jamais vira, um mundo de arcologia de programas de renda mínima. Two-a-Day descia para fazer negócios, geralmente com os hotdoggers de Barrytown, e logo voltava a subir. Sempre parecera bom para Bobby, lá em cima, com tanta coisa acontecendo nas sacadas à noite, entre as manchas vermelhas do carvão, crianças pequenas seminuas atropelando-se como macacos, tão pequenas que você mal as via. Às vezes, o vento mudava, e o cheiro da comida instalava-se no Grande Playground. Às vezes, dava pra ver um ultraleve saindo de algum canto secreto nos telhados tão lá em cima. E sempre o ritmo mesclado de um milhão de vozes, ondas de música que pulsavam e ganhavam ou perdiam nitidez com o vento.

Two-a-Day nunca falava sobre a vida, sobre onde vivia. Two-a-Day falava de negócios, ou, para ser mais sociável, de mulheres. As coisas que Two-a-Day falava sobre mulheres faziam Bobby, mais do que nunca, querer cair fora de Barrytown, e Bobby sabia que os negócios seriam a sua única passagem. Agora, porém, precisava do traficante de outra maneira, pois a situação não estava mais dando pé.

Quem sabe, Two-a-Day pudesse lhe dizer o que estava acontecendo. Não deveria haver nada letal em torno daquele banco de dados. Two-a-Day o escolhera para ele e alugara o software de que precisava para entrar. E Two-a-Day estava pronto para receptar qualquer coisa que conseguisse tirar de lá. Então, Two-a-Day tinha que saber. Saber *alguma coisa*, pelo menos.

– Nem tenho o seu número, cara – falou para os Projetos, deixando as cortinas se fecharem. Deveria deixar algo para sua mãe? Um bilhete? – O caralho! – disse para a sala às suas costas. – *Fora* daqui – e logo tinha saído pela porta e ia pelo corredor em direção às escadas. – Para sempre – acrescentou, abrindo a porta da rua com um pontapé.

O Grande Playground parecia seguro o bastante, exceto por um solitário cheirador de pó sem camisa, profundamente envolvido em uma furiosa conversa com Deus. Bobby desviou-se dele, fazendo um arco amplo. O cheirador estava gritando, pulando e dando golpes de caratê no ar. Tinha sangue seco nos pés descalços e os restos do que parecia ter sido um corte de cabelo lobe.

O Grande Playground era território neutro, pelo menos em teoria, e os lobes eram vagamente aliados dos gothicks. Bobby tinha relações bastante boas com os gothicks, mas conservava o status de independente. Barrytown era um lugar perigoso e incerto para ser independente. “Pelo menos”, pensou enquanto a gritaria furiosa do cheirador se desvanecia às suas costas, “as gangues te davam alguma estrutura.” Se você era um gothick, e os kasuals te cortassem, fazia sentido. Talvez as razões fundamentais por trás disso fossem absurdas, mas havia regras. Os independentes, porém, eram cortados por cheiradores que só tinham o tronco cerebral funcionando, por lunáticos perigosos que percorriam o país, vindos de lugares tão distantes quanto Nova York, como aquele

Colecionador de Pênis do último verão, que guardava os itens em um saco plástico no bolso...

Bobby tentara achar um jeito de sair deste cenário desde o dia em que nascera, ou ao menos pensava assim. Agora, enquanto caminhava, o deck de ciberespaço no bolso-mochila ficava batendo em sua coluna. Como se ele também estivesse apressado para cair fora.

– Vamos lá, Two-a-Day – disse aos Projetos que se aproximavam –, tire a bunda daí de cima e esteja no Leon's quando eu chegar lá, tá bem?

Two-a-Day não estava no Leon's.

Ninguém estava, a não ser que você contasse o Leon, que sondava os mistérios íntimos de um conversor de parede-tela com um clipe de papel torto.

– Por que não pega um martelo e bate nessa bosta até fazer funcionar? – Bobby perguntou. – Vai dar na mesma.

Leon desviou os olhos do conversor e olhou para cima. Parecia um quarentão, mas era difícil dizer. Não parecia pertencer a nenhuma raça em especial ou, de acordo com certas opiniões, parecia pertencer a alguma raça a que ninguém mais pertencia. Um monte de ossos faciais hipertrofiados e uma juba de cabelos negros, crespos e sem brilho. Seu clube-pirata no porão fora parte integral da vida de Bobby nos últimos dois anos.

Leon dirigiu o olhar entediado para Bobby, com seus olhos enervantes, pupilas de um cinza-nácar misturado com um pingo de verde-oliva translúcido. Os olhos de Leon faziam Bobby pensar em ostras e esmalte de unhas, duas coisas que ele particularmente não gostava de pensar, não em conexão com olhos. A cor era como algo que se usaria no estofamento de banquetas de bar.

– Só estou dizendo que não dá pra consertar uma merda dessas cutucando – Bobby acrescentou, desconfortável. Leon discordou lentamente com a cabeça e voltou à exploração. As pessoas pagavam para entrar no lugar porque Leon pirateava kino e simstim das redes de cabo, e tinha um monte de coisas que o pessoal de Barrytown não teria dinheiro para acessar de outra forma. Havia tráfico nos fundos, e você podia fazer "doações" em troca de

bebidas, na maior parte álcool honesto de Ohio misturado com algum refresco sintético de laranja que Leon conseguia em quantidades industriais.

– Eh, Leon. – Bobby recomeçou – Tem visto o Two-a-Day por aqui?

Os olhos medonhos voltaram a se levantar e observaram Bobby por um tempo longo demais.

– Não.

– Nem ontem à noite?

– Não.

– Antes de ontem?

– Não.

– Ah. Certo. Valeu. – Não havia sentido em pressionar Leon. Na verdade, havia muitas razões para não fazer isso. Bobby olhou ao redor, para a ampla sala mal iluminada, para as unidades de simstim e as telas de kino apagadas. O clube era formado por uma série de salas quase idênticas, no porão de uma ruína semirresidencial destinada a solteiros, com uma pitada de indústria leve. Bom revestimento acústico: quase nunca se ouvia a música, não do lado de fora. Foram tantas as noites em que Bobby saíra do Leon's com a cabeça cheia de barulho e pílulas, emergindo para o que parecia um vácuo mágico de silêncio, os ouvidos zumbindo durante todo o caminho para casa através do Grande Playground.

Pelo jeito, agora ele tinha uma hora antes que os primeiros gothicks começassem a chegar. Os traficantes, na maior parte negros dos Projetos ou brancos da cidade ou de algum outro subúrbio, não apareceriam até que houvesse um grupo de gothicks do qual se ocupar. Nada pior para a imagem de um traficante do que se limitar a ficar ali sentado, esperando. Afinal, isso queria dizer que nada estava rolando para você, e nunca um traficante da pesada pra valer ia ficar fazendo hora no Leon's só por diversão. No Leon's, era tudo merda de hotdoggers, aventureiros de fim de semana com decks baratos que assistiam kinos japoneses de ICE-Breaker.

"Mas Two-a-Day não era desses", ele disse a si mesmo enquanto subia as escadas de concreto. Two-a-Day estava no bom caminho. Pra fora dos Projetos, pra fora de Barrytown, pra fora do Leon's. No bom caminho para a cidade. Para Paris, quem sabe, ou Chiba." O

Ono-Sendai bateu em sua coluna. Lembrou-se de que o cassete do ICE-Breaker de Two-a-Day ainda estava lá. Não queria ter que explicar aquilo para ninguém. Passou por uma banca de revistas. Um fax amarelo da edição de Nova York do *Asahi Shimbun* passava por uma janela plástica no revestimento espelhado, algum governo caindo na África, coisas russas de Marte...

Era aquele momento do dia em que você podia ver as coisas com muita clareza, ver cada detalhezinho longe nas ruas: o verde que acabara de brotar dos galhos negros das árvores em seus buracos no concreto e o brilho do aço na bota de uma garota a um quarteirão de distância. Era como se estivesse olhando através de um tipo especial de água que tornasse a visão mais fácil mesmo que estivesse quase escuro. Voltou-se e olhou para cima, para os Projetos. Andares inteiros estavam sempre apagados: em ruínas ou com janelas enegrecidas. O que faziam lá? Podia perguntar a Two-a-Day qualquer hora...

Olhou a hora no relógio da Coca-Cola na banca. Sua mãe já deveria estar de volta de Boston a esta altura. Tinha de estar, ou ia perder uma de suas novelas favoritas. Um buraco novo na cabeça. De qualquer forma, ela era maluca. Nada de errado com o soquete que ela tinha desde antes dele nascer, mas ela reclamara por anos de estática, resolução e borrões sensoriais. Assim, ela finalmente pegou o crédito para ir até Boston e trocar por um substituto barato. O tipo de lugar onde você nem marca hora pra cirurgia. É só entrar, e eles já tacam o soquete na cabeça... Ele a conhecia bem. Sim. Como ela entraria em casa com uma garrafa embrulhada debaixo do braço, nem mesmo tiraria o casaco, apenas iria direto se conectar no Hitachi, enchendo a cabeça de novela por seis horas seguidas. Seus olhos sairiam de foco e, algumas vezes, se fosse um capítulo bom mesmo, daria umas babadinhas. A cada cerca de vinte minutos, conseguiria se lembrar de tomar um golinho, digno de uma dama, da garrafa.

Sempre fora assim, desde que ele podia se lembrar, enterrando-se aos poucos na sua meia dúzia de enrolações sintéticas, fantasias de simstim sequenciais sobre as quais Bobby teve que ouvir quase toda a vida. Ele ainda tinha impressões assustadoras de que alguns dos personagens de quem ela falava eram parentes, tias e tios ricos

e lindos que poderiam aparecer algum dia, se ele não fosse tão merdinha. Talvez, pensou agora, isso fosse verdade, de certa forma: pelo que lhe contara, ela tinha se conectado naquela merda direto durante a gravidez; então ele, o feto Newmark, encolhido lá dentro, fora exposto a cerca de mil horas de *People of Importance* e *Atlanta*. Mas não gostava de pensar em ficar encolhido na barriga de Marsha Newmark. Fazia com que se sentisse suado e meio doente.

Mamãe Marsha. Foi somente no ano passado, mais ou menos, que Bobby veio a entender suficientemente bem o mundo, como entendia agora, para se perguntar como, exatamente, ela ainda conseguia se virar nele, mesmo que de maneira marginal, com sua garrafa e os fantasmas do soquete para lhe fazer companhia. Algumas vezes, quando estava em certo astral e havia tomado o número certo de goles, ela ainda tentava contar histórias sobre o pai. Bobby soubera, desde os quatro anos, que era conversa mole, pois os detalhes mudavam a cada vez. Mesmo assim, durante anos, se permitiu certo prazer nelas.

Encontrou um recesso de carga e descarga alguns blocos a oeste do Leon's, protegido da rua por uma caçamba de lixo recém-pintada de azul, a tinta nova brilhando sobre o ferro amassado e cheio de crostas. Havia uma única lâmpada halógena suspensa sobre o recesso. Encontrou uma borda confortável de concreto e sentou-se ali, com cuidado para não bater o Ono-Sendai. Às vezes, o único jeito era esperar. Essa era uma das coisas que Two-a-Day lhe ensinara.

A caçamba estava transbordando com uma confusão bem variada de sucata industrial. Barrytown tinha sua parcela de fábricas mais ou menos legais, parte da economia invisível, como o pessoal dos noticiários gostava de falar, mas Bobby nunca prestava muita atenção a eles. Negócios. Tudo se reduzia a negócios.

A luz fazia as mariposas piscarem em órbitas sinuosas em torno da lâmpada halógena. Bobby assistiu, parado, enquanto três crianças, a mais velha de uns dez anos, escalavam uma lateral azul da caçamba com um pedaço de corda de nylon branca, encardida, e um gancho improvisado que parecia ter pertencido a um porta-chapéus. Quando a última chegou ao topo, dentro do caos de

sucata plástica, a corda foi rapidamente puxada para cima. A sucata começou a ranger e farfalhar.

“Igualzinho a mim”, Bobby pensou. “Eu sempre fazia essa merda, enchia o meu quarto com o lixo esquisito que achava. Uma vez, a irmã de Ling Warren tinha achado um braço quase inteiro de alguém, todo embrulhado em plástico verde e fechado com tiras de borracha.”

Mamãe Marsha às vezes tinha esses ataques de duas horas de religiosidade, entrava no quarto de Bobby, jogava fora seus melhores lixos e grudava algum holograma adesivo horroroso em cima da cama. Talvez Jesus, talvez Hubbard, talvez a Virgem Maria, não importava muito para ela, quando ficava naquele estado. Aquilo costumava injuriar Bobby, até o dia em que havia crescido o bastante para entrar na sala de estar com um martelo e erguê-lo sobre o Hitachi: “Você mexe nas minhas coisas de novo, e eu mato seus amigos, mãe, todos eles.” Ela nunca mais tentou. Mas os hologramas adesivos acabaram tendo algum efeito em Bobby, pois a religião agora era algo que ele parecia já ter examinado e posto de lado. Em suma, pelo que entendia, simplesmente havia algumas pessoas por aí que precisavam daquela merda, e imaginava que sempre houvera, mas ele não era uma delas e, então, não precisava.

Nesse momento, uma das crianças da caçamba se ergueu do lixo e fez uma varredura da área imediata com os olhos semicerrados e, em seguida, voltou a mergulhar para fora de vista. Houve um som de objetos batendo e raspando. Mãozinhas brancas ergueram uma vasilha metálica amassada por cima da borda, baixando-a com a corda de nylon. “Um bom achado”, Bobby pensou. “Você podia levar aquela coisa a um ferro-velho e conseguir um troco.” Baixaram o objeto até a calçada, a cerca de um metro das botas de Bobby. No momento em que tocou o chão, por acaso girou, exibindo o símbolo de seis chifres que representava risco biológico.

– Ah, merda – disse, levantando os pés por reflexo.

Uma das crianças desceu pela corda e endireitou a vasilha. As outras duas vieram em seguida. Notou que eram mais jovens do que havia pensado.

– Ei – Bobby falou. – Sabem que isso pode ser uma coisa muito ruim? Dar câncer e essas coisas...

– Vai lamber o cu de um cachorro até sair sangue – a primeira criança a descer pela corda respondeu, enquanto davam uma pancada na corda para soltar o gancho, enrolavam-na e arrastavam a vasilha para além do canto da caçamba, para fora de vista.

Ficou esperando durante uma hora e meia. Era tempo suficiente: o Leon's estava começando a ferver.

Pelo menos vinte gothicks estavam fazendo pose na sala principal, como uma manada de bebês-dinossauros, suas cristas de cabelo com laquê balançando e tremendo. A maioria se aproximava do ideal gothick: alto, magro, musculoso, mas com um toque de inquietude esquelética, jovens atletas nos primeiros estágios da tuberculose. A palidez cadavérica era obrigatória, e o cabelo gothick era preto por definição. Bobby sabia que era melhor evitar os poucos que não conseguiam deformar o corpo para entrar no padrão da subcultura: um gothick baixinho era encrenca; um gothick gordo, homicida.

Agora os observava, curvando-se e brilhando no Leon's, como se fossem uma criatura composta, um mofo viscoso com uma superfície recortada de couro preto e cravos inoxidáveis. A maior parte tinha rostos quase idênticos, feições retrabalhadas para corresponder a arquétipos antigos escolhidos de bancos de kino. Escolheu um Dean especialmente bem feito, cujo cabelo balançava como a crista de acasalamento de um lagarto noturno.

– Irmão – Bobby começou, incerto de se já o conhecia.

– Cara – o Dean respondeu languidamente, a bochecha esquerda distendida pelo bolo de resina que mascava. – O Count, gata – como um aparte para sua garota. – Interrupção Count Zero. – Uma mão comprida e pálida, com uma cicatriz recente no dorso, apalpava a bunda da garota pela saia de couro. – Count, esta é a gata que eu tô pegando. – A garota gothick olhou para Bobby com interesse indulgente, mas sem demonstrar qualquer reconhecimento humano, como se estivesse vendo a propaganda de um produto do qual ouvira falar, mas que não pretendia comprar.

Bobby esquadrinhou a multidão. Alguns rostos vazios, mas nenhum que conhecesse. Nem sinal de Two-a-Day.

– Ei – ele segredou –, você que está por dentro de tudo, estou procurando um amigão meu, um amigo de negócios – diante disso, o gothick balançou a crista em sinal de entendimento. – Se chama Two-a-Day... – fez uma pausa. O gothick parecia inexpressivo, mascando sua resina. A garota parecia entediada, impaciente. – O cara do software – Bobby acrescentou, erguendo as sobrancelhas. – O cara negro do software.

– Two-a-Day – o gothick disse. – Claro. Two-a-Day. Certo, gata? – A garota jogou a cabeça para trás e olhou para o outro lado.

– Conhece ele?

– Claro.

– Tá aqui hoje?

– Não – o gothick respondeu e sorriu, sem motivo.

Bobby abriu a boca, fechou-a e se forçou a concordar com a cabeça.

– Valeu, irmão.

– Qualquer coisa pra ti, cara – o gothick disse.

Outra hora e mais do mesmo. Branco por todo lado, branco gothick como giz. Os olhos brilhantes e vazios das garotas, os saltos das botas como agulhas de ébano. Tentou se manter fora da sala de simstim, onde Leon estava passando algum tipo de fita esquisita das selvas que ficava colocando você dentro de diferentes tipos de animais, cheia de ação maluca nas árvores, o que Bobby achava um tanto desorientador. Estava com fome suficiente, agora, para se sentir um pouco zonzo, ou talvez fosse consequência do que acontecera mais cedo, mas estava começando a ficar bem difícil de se concentrar, e os pensamentos vagavam em direções estranhas. Como, por exemplo, quem havia subido naquelas árvores cheias de cobras e conectado um par daqueles bichos parecidos com ratos para gravar o simstim?

Quem quer que fosse, os gothicks estavam adorando. Contorciam-se e batiam os pés no chão e, em geral, estavam numa identificação danada com os ratos das árvores. O novo sucesso do Leon’s, Bobby decidiu.

Logo à esquerda, mas fora do alcance do stim, estavam duas garotas do Projeto, seu jeito de vestir barroco em agudo contraste com o preto e branco dos gothicks. Longas sobrecasacas negras abertas sobre coletes vermelhos apertados, com brocados de seda, as caudas de enormes blusas brancas caindo bem abaixo dos joelhos. As feições escuras ficavam escondidas debaixo das bordas de chapéus presos e pendurados com fragmentos de ouro velho: alfinetes de gravata, berloques, dentes, relógios mecânicos. Bobby as observava discretamente: as roupas diziam que tinham dinheiro, mas que alguém faria você pagar se fosse atrás dele. Uma vez, Two-a-Day havia descido dos Projetos com uma roupa de veludo liso azul-gelo com fechos de diamante nos joelhos, como se não tivesse tido tempo de se trocar, mas Bobby agira como se o traficante estivesse vestido com as roupas de couro habituais, porque supunha que uma atitude cosmopolita era essencial nos negócios.

Tentou imaginar-se chegando até elas calmamente, dizendo apenas: “Oi, as damas devem conhecer o meu amigão, o sr. Two-a-Day?” Mas elas eram mais velhas, mais altas e agiam com uma dignidade que ele achava intimidante. O mais provável era que apenas dessem risada, mas, por algum motivo, ele não queria, de modo algum, que isso acontecesse.

O que queria mesmo, agora, e queria muito, era comida. Apalpou o chip de crédito através do denim do jeans. Pensou em atravessar a rua e comprar um sanduíche... Então se lembrou do motivo pelo qual estava ali, e subitamente não pareceu muito inteligente usar o chip. Se tivesse sido rastreado, após a tentativa de incursão, a esta altura eles teriam o número de seu chip. Usá-lo chamaria a atenção de qualquer um que estivesse procurando no ciberespaço. Ficaria tão visível na grade de Barrytown quanto um rojão em um estádio de futebol às escuras. Tinha dinheiro vivo, mas não dava pra comprar comida com aquilo. Na verdade, não era ilegal ter dinheiro, só que ninguém nunca fazia nada de honesto com ele. Teria que achar um gothick com um chip, comprar um neoiene de crédito, provavelmente com um tremendo ágio, e depois fazer o gothick pagar pela comida. E como, diabos, iria receber o troco?

“Talvez você esteja apenas assustado”, disse para si mesmo. Não tinha certeza se estava sendo seguido, e o banco de dados que tentara invadir estava dentro da lei, ou, pelo menos, parecia. Foi por isso que Two-a-Day lhe disse que não tinha que se preocupar com Black ICE, gelo negro. Quem colocaria programas de feedback letais em um lugar que alugava kinos de pornografia soft? O plano era sugar algumas horas de kino digitalizado, material novo que ainda não tivesse chegado ao mercado negro. Não era o tipo de coisa pela qual alguém estaria disposto a matar...

Mas alguém tentara. E algo mais havia acontecido. Algo totalmente diferente. Arrastou-se, subindo as escadas de novo, para fora do Leon’s. Sabia que havia muita coisa que desconhecia sobre a matrix, mas nunca ouvira falar de nada tão esquisito... Havia histórias de fantasmas, claro, e hotdoggers que juravam ter visto coisas no ciberespaço, mas imaginava que eles fossem wilsons que se conectavam com pó na cabeça: você podia ter alucinações na matrix tão fácil quanto em qualquer outro lugar...

“Talvez tenha sido isso que aconteceu”, pensou. A voz era apenas parte da morte, de estar sem sinais, alguma besteira maluca que o cérebro vomitava pra você se sentir melhor. E tinha acontecido algo no lado da fonte, talvez uma falta de energia por lá, e por isso o ICE tinha perdido o controle sobre seu sistema nervoso.

Talvez. Mas não sabia. Não conhecia o terreno. Sua ignorância havia começado a corroê-lo por dentro nos últimos tempos, pois o impedia de fazer as jogadas de que precisava. Nunca havia pensado muito sobre isso antes, mas a verdade é que não sabia muito sobre nada em especial. De fato, até ter tido vontade de entrar no mundo dos cowboys de console, achava que sabia tudo que precisava saber. E era assim que os gothicks eram, e era por isso que ficariam aqui e se consumiriam com pó, ou seriam fatiados pelos kasuals, e o processo de desgaste geraria a porcentagem deles que, de alguma forma, viria a ser a próxima onda de compradores de apartamentos e fazedores de filhos de Barrytown, e a coisa toda poderia recomeçar.

Ele era como uma criança que tivesse crescido ao lado do oceano, estivesse tão acostumada com ele quanto com o céu, mas não soubesse nada de correntes, rotas marítimas ou

particularidades do tempo. Usara decks na escola, brinquedos que o conduziam pelas distâncias infinitas do espaço que não era espaço, a inconcebivelmente complexa alucinação coletiva da humanidade: a matrix, o ciberespaço, onde os grandes núcleos quentes corporativos ardiam como supernovas de neon, dados tão densos que você teria sobrecarga sensorial se tentasse absorver mais do que o mais leve dos esboços.

Mas desde que começara a entrar no mundo dos cowboys, tinha alguma ideia do pouquíssimo que sabia sobre como qualquer coisa funcionava, e não apenas na matrix. Isso crescera dentro dele, de alguma forma, e ele começara a imaginar. Imaginar e pensar. Como Barrytown funcionava, o que mantinha sua mãe seguindo adiante, por que os gothicks e os kasuals investiam toda aquela energia tentando matar uns aos outros. Ou por que Two-a-Day era negro e vivia nos Projetos, e que diferença havia nisso.

À medida que caminhava, seguia procurando o traficante. Rostos brancos, mais rostos brancos. O estômago começara a fazer um pouco de ruído. Pensou no pacote novo de bifes de trigo no refrigerador em casa, em fritá-los com um pouco de soja e abrir um pacote de biscoitos de krill...

Passando de novo pela banca, olhou para o relógio da Coca-Cola. Com certeza, Marsha já estaria em casa, afundada nas complexidades labirínticas de *People of Importance*, novela que tinha uma protagonista cuja vida Marsha compartilhava, via soquete, há quase vinte anos. O fax do *Asahi Shimbun* ainda rolava por trás de sua janelinha, e Bobby se aproximou a tempo de ver o primeiro informe do ataque a bomba do bloco A, nível 3, Covina Concourse Courts, Barrytown, Nova Jersey.

Logo em seguida, tinha desaparecido, passado, e havia uma reportagem sobre o funeral formal do chefe da Yakuza em Cleveland. Estritamente tradicional. Todos eles com guarda-chuvas negros.

Vivera toda a vida no 503 do bloco A.

Aquela coisa enorme, se aproximando, para esmagar totalmente Marsha Newmark e seu Hitachi. E é claro que se destinava a ele.

– Aí está alguém que não perde tempo – ele se ouviu dizer.

– Ei! Cara! Count! Tá com pó na cabeça, irmão? Ei! Aonde vai?

Os olhos de dois Deans se reviraram para segui-lo, no curso de seu pânico desesperado.

7

O SHOPPING

Conroy manobrou o Fokker azul para fora da faixa desgastada de rodovia de antes da guerra e desacelerou. O longo rabo de galo de pó claro que os seguira desde Needles começou a assentar. O hovercraft afundou-se em sua saia-balão inflada à medida que parava.

– Este é o lugar, Turner.

– Que bomba caiu aqui? – Uma vastidão retangular de concreto se espalhava até paredes irregulares de blocos de cimento desgastados pelo tempo.

– A economia – Conroy disse. – Antes da guerra. Nunca acabaram a construção. A dez quilômetros daqui há bairros inteiros só de ruas, sem casas, sem nada.

– Quantos na equipe do teatro de operações?

– Nove, sem contar você. E os médicos.

– Que médicos?

– Da Hosaka. A Maas trabalha com biológicos, certo? Não dá pra dizer o que podem ter colocado no nosso garoto. Então, a Hosaka montou uma pequena unidade de neurocirurgia e pôs três fodões nela. Dois são da empresa. O terceiro é da Coreia e sabe tudo de medicina ilegal. A unidade médica é aquela comprida ali – ele apontou. – Pega uma parte do teto.

– Como a puseram no local?

– Trouxemos de Tucson dentro de um caminhão-tanque. Fingimos uma quebra. Tiramos e colocamos no lugar. Precisou todo mundo. Levou uns três minutos.

– E a Maas? – Turner perguntou.

– Claro – Conroy desligou os motores. – Precisamos arriscar – disse ele, no silêncio abrupto. – Talvez não tenham notado. O nosso cara no caminhão ficou lá resmungando no rádio com o despachante de cargas em Tucson. Falou tudo sobre o maldito trocador de calor e quanto tempo ia demorar pra consertar. Suponho que captaram. Consegue pensar num jeito melhor?

– Não. Já que o cliente quer essa coisa no local. Mas estamos aqui sentados, agora, no meio da área de cobertura deles...

– Benzinho – e Conroy resfolegou –, quem sabe paramos só pra uma trepadinha. Uma paradinha na viagem pra Tucson, certo? O lugar é perfeito pra isso. As pessoas param aqui pra mijar, sabia? – Olhou para seu relógio Porsche preto. – Tenho que estar lá em uma hora, pegar um helicóptero de volta pra costa.

– Pra plataforma?

– Não. Seu maldito jato. Pensei em cuidar disso eu mesmo.

– Ótimo.

– Eu sou mais um avião de efeito solo da Dornier System. Deixaria esperando na estrada até que víssemos Mitchell chegar. Conseguiria chegar aqui quando os médicos tivessem acabado com a limpeza. Enfiamos o homem dentro e decolamos pra fronteira de Sonora...

– Em velocidade subsônica? – Turner perguntou. – Nem fodendo. Pode ir pra Califórnia me comprar aquele jato de decolagem vertical, o Jump Jet. Nosso garoto vai sair daqui em uma aeronave de guerra polivalente que ainda nem ficou obsoleta direito.

– Tem um piloto em mente?

– Eu – Turner disse, e apontou o soquete por trás da orelha. – É um sistema interativo totalmente integrado. Vão te vender o software de interface e eu vou me conectar direto.

– Não sabia que você pilotava.

– Não piloto. Não precisa experiência só pra levar alguém pra Cidade do México.

– Ainda o adolescente rebelde, Turner? Sabe que há boatos de que alguém explodiu o seu pinto lá em Nova Delhi? – Conroy virou-se para encará-lo, seu sorriso frio e limpo.

Turner apanhou o casaco de detrás do banco e tirou a arma e a caixa de munição. Estava colocando o casaco de volta no lugar

quando Conroy disse:

– Fique com ele. De noite, faz frio pra cacete aqui.

Turner estendeu a mão para o trinco da capota e Conroy aumentou a rotação dos motores. O hovercraft subiu alguns centímetros, oscilando um pouco enquanto Turner abria a capota e saía da cabine. Sol branco ofuscante e ar como veludo quente. Pegou os óculos escuros mexicanos do bolso da camisa de trabalho azul e os colocou. Usava um par de sapatos brancos, com sola de borracha, e calças militares tropicais. A caixa de balas explosivas entrou em um dos bolsos da frente das calças. Manteve a arma na mão direita, o casaco enrolado debaixo do braço esquerdo.

– Vá na direção do prédio comprido – Conroy disse, por cima do barulho do motor. – Estão esperando você.

Saltou no brilho de fornalha do meio-dia do deserto, ao mesmo tempo em que Conroy voltava a aumentar a rotação do Fokker e o levava de volta para a rodovia. Ficou observando enquanto o aparelho acelerava rumo ao leste, a imagem desaparecendo aos poucos, distorcida pelas ondulações do calor ascendente.

Quando desapareceu, não havia som algum, movimento algum. Ele se virou, de frente para as ruínas. Alguma coisa pequena, cinza como uma pedra, correu entre duas rochas.

A uns oitenta metros da rodovia começavam as paredes recortadas. O trecho entre elas e a estrada havia sido, outrora, um estacionamento.

Cinco passos em frente e parou. Ouviu o mar, as ondas batendo, explosões suaves à medida que a arrebentação caía. A arma estava em sua mão, grande demais, real demais, o metal aquecendo ao sol.

“Não há mar, não há mar”, disse a si mesmo, “não ouço nada.” Continuou caminhando, os sapatos com sola de borracha escorregando em montes de antigos vidros de janela, salpicados de cacos de garrafa marrons e verdes. Havia discos enferrujados que tinham sido, um dia, tampas de garrafa, retângulos achatados que tinham sido latas de alumínio. Insetos zumbiam em moitas baixas de arbustos secos.

Acabado. Já era. Este lugar. Não há mais tempo.

Parou de novo, inclinando-se para a frente, como se procurasse algo que o ajudaria a dar nome à coisa que se erguia por dentro dele. Algo oco.

O shopping estava duas vezes morto. O hotel de praia no México estivera vivo uma vez, pelo menos por uma temporada.

Depois do estacionamento, os blocos de cimento iluminados pelo sol, baratos e sem alma, esperavam.

Encontrou-os agachados na estreita faixa de sombra fornecida por um trecho de parede cinza. Três deles. Sentiu o cheiro do café antes de vê-los. O bule esmaltado e enegrecido pelo fogo balançava-se precariamente no minúsculo fogareiro Primus. Era para ele sentir mesmo o cheiro. Esperavam-no. Do contrário, teria encontrado as ruínas vazias e, então, de alguma forma, muito silenciosa e quase natural, teria morrido.

Dois homens, uma mulher. Botas rachadas e empoeiradas do Texas, denim tão brilhante com gordura que devia ser à prova de água. Os homens tinham barba, os cabelos, compridos e descoloridos pelo sol, amarrados para cima com tiras de couro cru. O cabelo da mulher, repartido no meio e puxado para trás bem esticado, a partir de um rosto enrugado e maltratado pelo vento. Uma antiga motocicleta BMW apoiava-se na parede, o cromo manchado e a pintura gasta disfarçados com bolhas aerografadas de camuflagem marrom e cinza do deserto.

Soltou a coronha do Smith & Wesson, deixando que ele girasse em torno do indicador, de modo que o cano apontasse para cima e para trás.

– Turner – um dos homens disse, levantando-se, metal barato brilhando nos dentes. – Sutcliffe. – Um pouco de sotaque, provavelmente australiano.

– Equipe de ponta? – Olhou para os outros dois.

– De ponta – Sutcliffe disse, e enfiou o polegar e o indicador bronzeados na boca, tirando uma prótese amarelada e coberta de aço. Seus dentes permanentes eram brancos e perfeitamente uniformes. – Você tirou Chauvet da IBM para a Mitsu – prosseguiu –, e dizem que tirou Semenov de Tomsk.

– É uma pergunta?

– Eu estava na segurança da IBM em Marrakesh quando você explodiu o hotel.

Turner olhou o homem nos olhos. Eram azuis, calmos, muito brilhantes.

– Tem algum problema com isso?

– Não se preocupe – Sutcliffe disse. – Só queria que soubesse que já vi o seu trabalho. – Encaixou a prótese de volta no lugar. – Lynch – indicando com a cabeça o outro homem. – E Webber – indicando a mulher.

– Resuma tudo pra mim – Turner disse, agachando-se também no retalho de sombra. Ficou de cócoras, ainda segurando a arma.

– Chegamos há três dias – Webber disse –, em duas motos. Preparamos uma delas pra que quebrasse o eixo de manivela, no caso de precisarmos de uma desculpa pra acampar aqui. Há uma pequena população flutuante, motoqueiros-ciganos e praticantes de cultos. Lynch andou seis quilômetros com um rolo de fibra óptica para o leste e puxou a linha de um telefone...

– Particular?

– Um telefone público – Lynch disse.

– Enviamos um sinal de teste – a mulher continuou. – Se não tivesse funcionado, você saberia.

Turner concordou.

– Tráfego de entrada?

– Nada. É estritamente para o grande show, o que quer que seja. – Ela ergueu as sobrancelhas.

– É uma deserção.

– Isso tá meio na cara – Sutcliffe disse, acomodando-se ao lado de Webber, de costas para a parede. – Se bem que, pelo jeito das coisas até agora, parece que nós, simples mercenários, não temos muita chance de saber quem estamos extraindo. Certo, sr. Turner? Ou será que vamos ler a respeito no fax?

Turner o ignorou.

– Continue, Webber.

– Depois que nossa linha estava instalada, o resto da equipe foi se infiltrando, um ou dois de cada vez. O último nos preparou pro tanque cheio de japas.

– Aquilo foi amador – Sutcliffe disse. – Um tanto perto demais.

– Acha que nos descobriram? – Turner perguntou.

Sutcliffe deu de ombros.

– Pode ser que sim, pode ser que não. Agimos bem rápido. Uma tremenda sorte que tínhamos o teto pra cobrir aquela coisa.

– E os passageiros?

– Só saem à noite – Webber disse. – E sabem que os matamos se tentarem ir a mais de cinco metros da coisa.

Turner voltou os olhos para Sutcliffe.

– Ordens de Conroy – o homem disse.

– As ordens de Conroy não contam mais – Turner disse. – Mas essa continua valendo. Como é essa gente?

– Médicos – Lynch disse. – Médicos corruptos.

– Acertou – Turner disse. – E sobre o resto da equipe?

– Montamos um toldo com lona mimética. Dormem em turnos. Temos pouca água e não podemos nos arriscar muito pra cozinhar. – Sutcliffe pegou o bule. – Temos sentinelas em posição e testamos a integridade da linha de tempos em tempos. – Derramou café preto em uma caneca plástica que parecia ter sido roída por um cachorro. – Então, quando começamos nossa dança, sr. Turner?

– Quero ver o seu tanque de médicos de estimação. Quero ver um posto de comando. Não falaram nada de um posto de comando.

– Tudo preparado – Lynch disse.

– Ótimo. Pegue. – Turner passou o revólver a Webber. – Veja se consegue encontrar um tipo de suporte pra ele. Agora quero que Lynch me mostre esses médicos.

– Ele adivinhou que seria você – Lynch disse, subindo sem esforço uma rampa baixa de pedregulhos. Turner o seguiu. – Você tem uma grande reputação. – O homem mais jovem se virou para encará-lo por trás de uma franja de cabelo imundo e manchado de sol.

– Grande demais – Turner disse. – Qualquer uma é grande demais. Já trabalhou com ele antes? Marrakesh? – Lynch mergulhou de lado, através de um vão nos blocos de cimento. Turner foi logo atrás. As plantas do deserto cheiravam a alcatrão; espetavam e agarravam quem esbarrasse nelas. Por meio de uma abertura retangular, feita para uma janela, Turner viu de relance

topos de montanha rosados. Em seguida, Lynch estava descendo rapidamente um declive de cascalho.

– Claro, trabalhei pra ele antes – Lynch disse, detendo-se na base da rampa. Um cinturão baixo de couro, de aparência antiquada, contornava seus quadris, a fivela pesada com um crânio de prata sujo, com uma crista dorsal de pontas gastas piramidais. – Marrakesh... isso foi antes do meu tempo.

– Connie também, Lynch?

– Como assim?

– Conroy. Já trabalhou pra ele antes? Mais exatamente, está trabalhando pra ele agora? – Turner foi descendo o cascalho devagar, deliberadamente, enquanto falava; o material fazia barulho e deslizava por baixo de seus sapatos, o andar incômodo. Podia ver a pistola de dardos, pequena e delicada, enfiada por baixo da jaqueta de denim de Lynch.

Lynch lambeu os lábios secos, e se manteve no lugar.

– Era um contato de Sut. Não o conhecia.

– Conroy tem esse problema, Lynch. Não consegue delegar responsabilidade. Gosta de ter o próprio homem desde o começo, alguém pra vigiar os vigias. Sempre. É você, Lynch?

Lynch negou com a cabeça, o mínimo absoluto de movimento necessário para expressar a discordância. Turner estava próximo o bastante para sentir o cheiro do suor por cima do odor alcatroado das plantas do deserto.

– Já vi Conroy estragar duas extrações desse jeito – Turner disse. – Lagartos e vidro quebrado, Lynch? Gostaria de morrer aqui? – Turner ergueu o punho diante do rosto de Lynch e, lentamente, esticou o dedo indicador, apontando direto para cima. – Estamos na área de cobertura deles. Se um agente de Conroy emitir um pulso sequer daqui, eles virão pra cima de nós.

– Se já não estiverem vindo.

– Isso mesmo.

– Sut é o cara – Lynch disse. – Não eu, e não consigo imaginar que seja Webber. – Unhas quebradas e sujas se levantaram para coçar distraidamente a barba. – Agora, você me trouxe aqui atrás só pra essa conversinha, ou ainda quer ver a lata de japas?

– Vamos lá ver.

Lynch. Lynch era o cara.

Uma vez, no México, anos atrás, Turner alugara um módulo de férias portátil, movido a energia solar e feito na França. A carroceria de sete metros era como uma mosca sem asas, esculpida em metal polido; os olhos, hemisférios gêmeos de plástico fotocromático. Ficou sentado por trás deles enquanto um velho cargueiro bimotor russo se arrastava pela costa com o módulo na boca, quase roçando a copa das palmeiras mais altas. Depositado em uma praia afastada de areia monazítica, Turner passou três dias de confortável solidão na cabine estreita e revestida de teca, esquentando comida do freezer no micro-ondas e tomando banho, parca mas regularmente, com água doce e fresca. Os bancos de células fotovoltaicas retangulares do módulo giravam, acompanhando o sol, e ele aprendera a ver as horas pela posição desses coletores.

A unidade de neurocirurgia portátil da Hosaka lembrava uma versão sem olhos daquele módulo francês, talvez dois metros mais longa, e pintada de um marrom fosco. Seções de cantoneiras de ferro perfuradas tinham sido recém-soldadas em intervalos, ao longo da metade inferior da carroceria, e sustentavam suspensões de mola simples para dez pneus de bicicleta, gordos e protuberantes, de borracha vermelha.

– Estão dormindo – Lynch disse. – Ele balança quando andam, então dá pra gente saber. Vamos tirar as rodas quando chegar a hora, mas, por enquanto, gostamos de saber o que estão fazendo.

Turner andou lentamente em torno da cápsula marrom, notando o lustroso tubo de esgoto preto que ia até um tanque pequeno e retangular próximo.

– Tive que esvaziar aquilo ontem à noite. Meu Deus. – Lynch chacoalhou a cabeça. – Eles têm comida e um pouco de água.

Turner encostou o ouvido na carroceria.

– É à prova de som – Lynch disse.

Turner voltou os olhos para cima, para o teto de aço acima deles. A unidade cirúrgica estava escondida dos satélites por mais de dez metros de telhado enferrujado. Chapas de aço, a esta altura, quentes o bastante para fritar ovo. Aprovou com a cabeça. Aquele

retângulo quente seria um fator permanente na varredura em infravermelho da Maas.

– Morcegos – Webber disse, passando a ele o Smith & Wesson em um coldre preto de ombro. O crepúsculo estava cheio de sons que pareciam vir de dentro, rangidos metálicos e os barulhos dos insetos, gritos de pássaros invisíveis. Turner enfiou a arma e o coldre em um bolso do casaco. – Se quiser mijar, vá naquela moita. Mas fique de olho nos espinhos.

– De onde você é?

– Novo México – respondeu a mulher, o rosto como madeira talhada na luz que minguava. Ela se virou e se afastou, dirigindo-se para o canto das paredes que abrigavam as lonas. Ele podia distinguir Sutcliffe e um rapaz negro lá. Estavam comendo de sacos de papel-alumínio fosco. Ramirez, o cowboy de console no local, o parceiro de Jaylene Slide. De Los Angeles.

Turner olhou para cima, para a concha do céu, sem limites, um mapa de estrelas. “Estranho como é maior assim”, ele pensou, “e visto de órbita é apenas um abismo sem forma em uma escala que perde todo significado.” E esta noite não dormiria, ele sabia, e a Ursa Maior faria seu giro para ele e mergulharia no horizonte.

Uma onda de náusea e desarticulação o atingiu à medida que imagens do dossiê do biosoft emergiam, por conta própria, em sua mente.

8

PARIS

Andrea morava no Quartier des Tiernes, onde seu prédio antigo, como os demais na rua, aguardava o jato de areia dos incansáveis restauradores da prefeitura. Depois da entrada escura, uma das faixas biofluorescentes da Fuji Electric brilhava de leve sobre uma parede deteriorada de pequenos escaninhos de madeira, alguns com as portas vazadas ainda intactas. Marly sabia que, antigamente, os carteiros faziam entregas diárias de correspondência por meio dos vãos nas portinhas. Havia algo de romântico na ideia, embora os escaninhos, com os cartões de visita amarelados anunciando as ocupações de moradores há muito desaparecidos, sempre a deprimissem. As paredes do corredor estavam cobertas por pedaços salientes de cabos e fibras ópticas, cada fio um pesadelo em potencial para algum infeliz eletricista. Ao final, para além de uma porta de quadrados empoeirados de vidro rugoso, encontrava-se um pátio pouco usado, as pedras do chão brilhando com a umidade.

O zelador estava sentado no pátio quando Marly entrou no prédio, em um engradado de plástico branco que, outrora, abrigara garrafas de água Evian. Estava, pacientemente, lubrificando cada um dos elos de uma antiga corrente preta de bicicleta. Ele olhou para cima quando ela começou a subir o primeiro lance de degraus, mas não demonstrou grande interesse.

As escadas eram feitas de mármore, gasto até ficar opaco e côncavo por gerações de moradores. O apartamento de Andrea ficava no quarto andar. Dois quartos, cozinha e banheiro. Marly viera para cá ao fechar a galeria pela última vez, quando não pudera mais

dormir no quarto improvisado que dividira com Alain, a pequena sala atrás do depósito. Agora, o prédio fazia a depressão aproximar-se outra vez, mas a sensação das roupas novas e o som agradável do salto das botas no mármore mantinham o sentimento a distância. Usava um casaco de couro enorme, alguns tons mais claro que a bolsa, uma saia de lã e uma blusa de seda da Isetan de Paris. Cortara o cabelo naquela manhã na Faubourg St. Honoré, com uma garota birmanesa que usava uma caneta laser da Alemanha Ocidental. Um corte caro, sutil, mas sem ser conservador demais.

Tocou a placa redonda, parafusada no centro da porta de Andrea. Ouviu-a piar uma vez, suavemente, enquanto lia as voltas e sulcos das pontas de seus dedos.

– Sou eu, Andrea – ela disse para o minúsculo microfone. Uma série de tinidos e tiques metálicos, enquanto a amiga tirava o ferrolho da porta.

Andrea ficou ali, pingando água, no velho roupão atoalhado. Assimilou a nova aparência de Marly e logo sorriu.

– Conseguiu o emprego, ou assaltou um banco?

Marly deu um passo para dentro, beijando o rosto molhado da amiga.

– Acho que um pouco dos dois – ela disse e riu.

– Café – disse Andrea. – Faz um café pra gente. *Grandes crémes.* Preciso enxaguar o cabelo. E o seu está lindo... – Entrou no banheiro e Marly ouviu o borrifo da água na porcelana.

– Comprei um presente pra você – Marly disse, mas Andrea não podia ouvi-la. Foi para a cozinha e encheu a chaleira, acendeu o fogão com o antiquado acendedor de faísca e começou a procurar o café nas prateleiras lotadas.

– Sim – Andrea dizia. – Estou vendo. – Ela observava o holograma da caixa que Marly vira pela primeira vez no constructo de Virek do parque de Gaudí. – É o seu tipo de coisa. – Tocou um botão e a ilusão do Braun desapareceu em um piscar de olhos.

Fora da única janela da sala, o céu estava pontilhado com alguns tufos de cirros.

– Austero demais para mim. Sério demais. Como as coisas que você tinha na galeria. Mas isso só pode querer dizer que Herr Virek

escolheu bem. Você vai resolver o mistério pra ele. E, se fosse você, com um salário desses, eu demoraria bastante. – Andrea estava vestindo o presente de Marly, uma camisa masculina cara e lindamente detalhada, de flanela cinza de Flandres. Era o tipo de coisa de que ela mais gostava, e a sua alegria com o presente era cristalina. Ressaltava o cabelo claro, e era muito próxima da cor de seus olhos.

– Ele é pavoroso. Virek. Eu acho... – Marly hesitou.

– Deve ser mesmo – Andrea disse, tomando outro golinho de café. – Ou você esperava que alguém rico desse jeito fosse do tipo bonzinho e normal?

– Teve uma hora em que senti que ele não era completamente humano. Uma sensação muito forte.

– Mas não era mesmo, Marly. Você estava falando com uma projeção, um efeito especial...

– Mesmo assim... – Fez um gesto de desamparo, o que no ato a deixou irritada consigo mesma.

– Mesmo assim ele é muito, muito rico, e está pagando uma cacetada de dinheiro pra você fazer uma coisa que talvez só você possa. – Andrea sorriu e voltou a ajustar um punho cinza-escuro lindamente dobrado. – Você não tem muita escolha, né?

– Eu sei. Acho que é por isso que fico desconfortável.

– Bem – Andrea disse –, achei que podia deixar pra contar um pouco mais tarde, mas tem outra coisa que pode te deixar desconfortável. Se “desconfortável” for a palavra.

– O quê?

– Pensei em não contar nada, mas tenho certeza de que ele chegaria até você, de algum jeito. Ele deve farejar dinheiro.

Marly colocou a xícara vazia, com cuidado, na mesinha de vime cheia de coisas.

– Ele tem muita sensibilidade para essas coisas – Andrea disse.

– Quando?

– Ontem. Começou, acho, cerca de uma hora depois de você ter tido a entrevista com Virek. Me ligou no trabalho. Deixou um recado aqui, com o zelador. Se eu tirasse o programa de filtro – ela apontou o telefone –, aposto que tocaria em menos de meia hora.

Marly se lembrou dos olhos do zelador, do ruído da corrente de bicicleta.

– Falou que quer conversar – Andrea disse. – Só conversar. Quer falar com ele, Marly?

– Não – disse ela, e sua voz era a de uma menininha, aguda e ridícula. E em seguida: – Ele deixou um número?

Andrea suspirou, balançou a cabeça devagar, em sinal de desgosto, e então disse:

– Sim, claro que deixou.

9

NOS PROJETOS

A escuridão estava repleta de estampas de favos de mel com a cor do sangue. Tudo era quente. E macio, também, principalmente macio.

– Que zona! – um dos anjos disse, a voz feminina distante, mas baixa, profunda e muito clara.

– Devíamos ter arrancado ele do Leon's – o outro anjo replicou. – Não vão gostar disso lá em cima.

– Devia ter alguma coisa neste bolso grande aqui, está vendo? Cortaram dele, e arrancaram.

– Não foi tudo que cortaram, irmã. Meu Deus. Olhe.

As estampas balançavam e deslizavam à medida que algo fazia sua cabeça se mover. Uma mão fria em seu rosto.

– Não deixa cair na sua blusa – o primeiro anjo disse.

– Two-a-Day não vai gostar disso. Por que será que ele surtou daquele jeito e saiu correndo?

Ficou puto, pois queria dormir. *Estava* dormindo, com certeza, mas de algum modo os sonhos de conector de Marsha infiltravam-se em sua cabeça, fazendo-o saltar aos trambolhões em meio a sequências desconexas de *People of Importance*. A novela passava continuamente desde antes dele nascer; o enredo era uma tênia narrativa de muitas cabeças que se enrolava para devorar-se a si mesma de poucos em poucos meses, e depois brotavam novas cabeças, famintas por tensão e impulso. Ele conseguia vê-la se contorcendo inteira, de uma maneira que Marsha jamais poderia ver, uma espiral alongada de DNA da Sense/Net, ectoplasma barato e quebradiço, tecido para incontáveis sonhadores famintos. Marsha,

agora, tinha o ponto de vista de Michele Morgan Magnum, a protagonista feminina, chefe hereditária da corporação Magnum AG. Mas o capítulo de hoje se desviava, de modo insólito, das ligações amorosas freneticamente complexas de Michele, coisa que Bobby nunca havia, de qualquer forma, se preocupado em acompanhar, e se atirava em descrições socioarquitetônicas detalhadas de arcologias de renda mínima do estilo Soleri. Alguns detalhes, mesmo para Bobby, pareciam suspeitos: duvidava, por exemplo, que realmente houvesse andares inteiros dedicados à venda de roupas de passeio de veludo liso azul-gelo com fechos de diamante nos joelhos, ou que houvesse outros andares, perpetuamente apagados, habitados exclusivamente por bebês famintos. Isso, parecia se lembrar, era uma profissão de fé para Marsha, que encarava os Projetos com horror supersticioso, como se fossem um inferno vertical gigantesco ao qual ela poderia, algum dia, ser forçada a ascender. Outros segmentos do sonho de conector lembravam o Canal do Conhecimento que a Sense/Net fornecia, de graça, com todas as assinaturas de stim: havia complexos diagramas animados da estrutura interior dos Projetos, e aulas de dar sono, com o narrador em off, sobre os estilos de vida dos vários tipos de residentes. Esses, quando era capaz de se concentrar neles, pareciam ainda menos convincentes do que as imagens do veludo azul-gelo e dos bebês-feras engatinhando silenciosamente no escuro. Observava uma mãe jovem e feliz cortar pizza com uma enorme hidrofaca industrial no canto da cozinha de uma quitinete imaculada. A parede se abria para uma sacada estreita e um retângulo de céu azul de desenho animado. A mulher era negra sem ser negra, pareceu a Bobby, como uma versão muito, muito escura e maternalmente jovem de uma das bonecas pornôs na unidade em seu quarto. E tinha, ao que parecia, os mesmos seios pequenos, mas perfeitos como os dos desenhos animados. (Neste ponto, para piorar a confusão de seus sentidos embotados, uma voz espantosamente alta e muito atípica para a Net disse: – *Isso* é que eu chamo de um sinal de vida inconfundível, Jackie. Se o prognóstico ainda não está apontando pra cima, pelo menos algo está.) Então voltou, girando, ao universo esplendoroso de Michele Morgan Magnum, que lutava desesperadamente para impedir que a

Magnum AG fosse tomada pelo sinistro clã industrial Nakamura, com sede em Shikoku e representado, neste caso, pelo (complicação do enredo) principal aconchego de Michele para a temporada, o rico (mas, por alguma razão, precisando desesperadamente de uns bilhões a mais) garoto-político neo-soviético Vasily Suslov, que parecia e se vestia, notavelmente, como os gothicks no Leon's.

O capítulo parecia estar chegando a uma espécie de clímax: um BMW antigo convertido para célula de combustível acabara de ser metralhado por helicópteros-miniatura de controle remoto da Alemanha Ocidental na rua abaixo de Covina Concourse Courts, Michele Morgan Magnum espancava, com uma pistola Nambu niquelada, sua traiçoeira secretária particular, enquanto Suslov, com quem Bobby se identificava cada vez mais, preparava-se, tranquilamente, para dar o fora da cidade com uma tremenda de uma gata guarda-costas que era japonesa, mas lembrava muito outra das garotas dos sonhos da unidade holopornô... quando alguém gritou.

Bobby nunca ouvira alguém gritar daquela forma, e havia algo horrivelmente familiar na voz. Mas antes que pudesse começar a se preocupar com isso, os favos de mel, vermelhos como sangue, vieram girando de novo e o fizeram perder o final de *People of Importance*. Mesmo assim – parte dele pensou, enquanto o vermelho se tornava negro – sempre daria para perguntar a Marsha como as coisas tinham se resolvido.

– Abre os olhos, cara. Isso mesmo. A luz tá muito forte?

Estava, e continuou. Branco, branco. Lembrou-se de sua cabeça explodindo há anos, uma granada de puro branco na escuridão de vento frio do deserto. Os olhos estavam abertos, mas não podia ver. Só branco.

– Bem, normalmente eu deixaria você dopado, um garoto nas suas condições, mas as pessoas que estão me pagando querem ganhar tempo, então estou te acordando antes de ter terminado. Está pensando por que não consegue ver merda nenhuma, certo? Só luz. É só o que consegue ver. É assim mesmo. O que fizemos aqui é um interruptor neural. Agora, só entre nós, esta coisa veio de uma sex-shop, mas não tem por que não usar ela na medicina, se a

gente quiser. E queremos mesmo, porque você ainda está machucado pra caramba e, de todo modo, ela deixa você quieto enquanto continuo. – A voz era calma e metódica. – Bem, o seu grande problema eram as costas, mas já dei um jeito nisso com um grampeador e um bom metro de garra. Não é nenhuma cirurgia plástica, sabe, mas as gatas vão achar essas cicatrizes bem interessantes. O que estou fazendo agora é limpar esta no seu peito, aí vou prender com uma garrinha e terminamos, só que é melhor você não se mexer muito por uns dias ou vai arrancar um grampo. Botei um par de dermas em você, e vou colocar mais uns. Agora, antes disso, vou colocar o seu sensorium em áudio e visual total, assim pode ir se acostumando. Não se preocupe com o sangue. Ele é todo seu, mas já parou de sair.

O branco se coagulou em uma nuvem cinza, objetos tomando forma com a lentidão deliberada de uma alucinação de pó. Estava grudado em um teto acolchoado, olhando diretamente para baixo, para um boneco branco manchado de sangue que não tinha cabeça nenhuma, apenas uma lâmpada cirúrgica azul-esverdeada que parecia brotar dos ombros. Um homem negro com um guarda-pó verde, manchado, borrifava uma coisa amarela em um corte superficial que corria diagonalmente de um pouco acima do osso pélvico do boneco até logo abaixo do mamilo esquerdo. Sabia que o homem era negro porque a cabeça estava descoberta, descoberta e raspada, lustrosa de suor: as mãos estavam cobertas com luvas verdes apertadas, e tudo o que Bobby podia ver dele era o alto brilhante da cabeça. Havia dermadiscos rosados e azuis, presos na pele dos dois lados do pescoço do boneco. As bordas do ferimento pareciam ter sido pintadas com alguma coisa que lembrava calda de chocolate, e o borrifo amarelo sibilava à medida que saía do tubinho prateado.

Então Bobby compreendeu, e o universo se inverteu de modo chocante. A lâmpada estava pendurada no teto. O teto era espelhado. E ele era o boneco. Sentiu como se tivesse sido puxado de repente para trás por um longo cabo elástico, puxado para trás através dos favos de mel vermelhos, para a sala de sonhos onde a garota negra fatiava a pizza para os filhos. A hidrofaca não fazia nenhum ruído, os grãos microscópicos suspensos em um fluxo de

água em alta velocidade da grossura de uma agulha. Bobby sabia que a ferramenta era para cortar vidros e metais, não fatiar pizza de micro-ondas, e queria gritar, pois temia que ela cortasse fora o polegar sem sequer perceber.

Mas não podia gritar, não podia se mover ou fazer qualquer som. Ela cortou a última fatia com carinho, pisou no pedal que desligava a faca, transferiu a pizza cortada para uma travessa de louça comum e, em seguida, se voltou em direção ao retângulo de azul além da sacada, onde estavam os filhos... “Não”, Bobby disse, lá no fundo de si mesmo, “não pode ser.” Porque as coisas que a rodeavam e mergulhavam na direção dela não eram crianças em asas-delta, mas bebês, os monstruosos bebês do sonho de Marsha, e as asas esfarrapadas eram uma confusão de osso rosado, metal e membranas tesas remendadas de sucata plástica... E ele viu os dentes...

– Calma aí! – disse o homem negro. – Perdi você por um segundo. Não muito tempo, entende, talvez apenas um minuto de Nova York... – A mão dele, nos espelhos acima, retirou um rolo plano, de plástico transparente azul, do tecido ensanguentado ao lado das costelas de Bobby. Delicadamente, com o polegar e o indicador, puxou um pedaço de um tipo de cordão plástico marrom e cheio de contas. Minúsculos pontos de luz brilhavam ao longo das bordas e pareciam tremer e se mexer. – Garra – disse ele, e com a outra mão manejou um tipo de cortador incorporado no rolo azul lacrado. Agora o pedaço de material com bolhas ficou livre e começou a se contorcer. – Coisa boa – ele disse, levando o objeto ao campo visual de Bobby. – Novo. É o que usam em Chiba agora. – Era marrom, sem cabeça, cada conta um segmento de corpo, cada segmento ladeado com pernas claras brilhantes. Então, com um gesto de mágico dos punhos enluvados em verde, assentou o centípede ao longo da ferida aberta, e puxou delicadamente o segmento final, o mais próximo do rosto de Bobby. Quando o segmento saiu, trouxe junto um fio negro, brilhante, que servira como sistema nervoso da coisa e, à medida que saía, cada conjunto de garras ia se travando, fechando o corte tão bem quanto o zíper de uma jaqueta de couro nova.

– Bem, viu só? – disse o negro, limpando o resto de calda marrom com um chumaço branco úmido. – Não foi tão mau, né?

Sua entrada no apartamento de Two-a-Day foi muito diferente do que havia, tantas vezes, imaginado. Para começar, nunca se vira sendo levado para dentro em uma cadeira de rodas que alguém havia confiscado da Maternidade St. Mary, o nome e o número de série nitidamente gravados a laser no cromo fosco do braço esquerdo. A mulher que empurrava a cadeira teria se encaixado muito bem em uma de suas fantasias. O nome dela era Jackie, uma das duas garotas do Projeto que ele vira no Leon's. E, como viria a entender, um de seus dois anjos. A cadeira de rodas era silenciosa ao deslizar pelo carpete cinza rugoso do corredor estreito da entrada do apartamento, mas os braceletes de ouro no chapéu de Jackie tilintavam alegremente enquanto ela o empurrava.

E ele nunca imaginara que a casa de Two-a-Day seria assim tão grande. Ou que fosse cheia de árvores.

Pye, o médico, que tivera o cuidado de explicar que *não era* um médico, apenas alguém que "ajudava às vezes", havia se recostado em uma banqueta rasgada em sua sala de cirurgia improvisada, arrancado as luvas verdes ensanguentadas, acendido um cigarro de menta e, cerimoniosamente, aconselhado Bobby a não fazer nenhum esforço por uma semana, mais ou menos. Minutos depois, Jackie e Rhea, o outro anjo, lutaram para colocá-lo dentro de um pijama preto amarrotado que parecia algo saído de um kino muito barato de ninjas. Depositaram-no na cadeira de rodas e partiram para o eixo central de elevadores no núcleo da arcologia. Graças aos três dermas adicionais da farmácia particular de Pye, um deles carregado com uns bons dois mil microgramas de análogo de endorfina, Bobby estava alerta e sem dor.

– Onde estão minhas coisas? – protestou, enquanto o levavam para um corredor que ficara perigosamente estreito, após décadas de dutos e encanamentos não planejados. – Onde estão as minhas roupas, o meu deck e todo o resto?

– As suas roupas, meu bem, no estado em que estavam, estão fechadas em um saco plástico esperando que Pye se livre delas. Ele teve que cortá-las de você na mesa e, pra começar, não passavam

de trapos ensanguentados. Se o deck estava na jaqueta, na parte de baixo das costas, acho que os garotos que te cortaram ficaram com ele. Por pouco não te levaram junto. E você *arruinou* a minha blusa Sally Stanley, seu merdinha. – O anjo Rhea não parecia muito amistoso.

– Ah – Bobby disse, enquanto dobravam uma esquina –, certo. Bem, por acaso acharam uma chave de fenda lá? Ou um chip de crédito?

– Nenhum chip, benzinho. Mas se a chave de fenda era aquela com os duzentos e dez neoienes enfiados no cabo, esse é o preço da minha blusa nova...

Two-a-Day não parecia exatamente feliz em ver Bobby. De fato, era quase como se não o visse. Olhou diretamente através dele para Jackie e Rhea, mostrando os dentes em um sorriso que era todo nervosismo e insônia. Empurraram a cadeira de rodas de Bobby perto o bastante para que visse como os globos oculares de Two-a-Day pareciam amarelos, quase alaranjados no brilho róseo-roxo dos tubos de luz de estufa que pareciam pender, ao acaso, do teto.

– Por que as vadias demoraram? – o traficante perguntou, mas não havia raiva em sua voz, apenas cansaço extremo e algo mais, algo que Bobby não pôde identificar de imediato.

– Pye – Jackie disse, contornando a cadeira de rodas com um passo gingado para pegar um maço de cigarros chineses da enorme placa de madeira que Two-a-Day usava como mesa de centro. – O velho Pye é um perfeccionista.

– Aprendeu na faculdade de veterinária – Rhea acrescentou, para Bobby ouvir. – Só que na maior parte do tempo está tão chapado que ninguém ia deixar ele cuidar de um cachorro...

– Então – Two-a-Day disse, finalmente pondo os olhos em Bobby –, você vai sobreviver. – E eram olhos tão frios, tão cansados e calculistas, tão distantes da farsa do pilantra gente boa sempre atrás de uma grana fácil que Bobby aceitara como a personalidade do homem, que Bobby pôde apenas baixar seus próprios olhos, o rosto ardendo, e fixar o olhar na mesa.

Com quase três metros de comprimento e um pouco mais de um metro de largura, a mesa era feita de vigas amarradas, mais grossas do que a coxa de Bobby. Devia ter ficado dentro de água por algum tempo, ele pensou. Algumas partes ainda conservavam o descolorido brilhante da madeira curtida na água, como o tronco ao lado do qual se lembrava de ter brincado, há muitos anos, em Atlantic City. Mas a mesa não via água há muito tempo, e o tampo era um denso mosaico de pingos de cera de vela, manchas de vinho, contornos bizarros de spray negro fosco, e as queimaduras escuras deixadas por centenas de cigarros. Estava tão abarrotada de comida, lixo e aparelhos que parecia que um camelô havia se preparado para descarregar a mercadoria e, então, resolvido jantar. Havia pizzas comidas pela metade, de almôndega de krill em molho vermelho, e o estômago de Bobby começou a se agitar, ao lado de pilhas tortas de software, copos sujos com cigarros amassados na borra de vinho tinto, uma bandeja de estireno rosa com filas bem arranjadas de canapés de aparência deteriorada, latas de cerveja abertas e fechadas, uma antiga adaga de combate Gerber desembainhada em um bloco plano de mármore polido, pelo menos três pistolas e talvez duas dúzias de peças de equipamento de console de aparência misteriosa, o tipo de material de cowboy que normalmente faria Bobby babar.

Agora ele salivava por uma fatia de pizza fria de krill, mas a fome não era nada diante da abrupta humilhação de ver que Two-a-Day simplesmente não estava nem aí. Não que Bobby o considerasse exatamente um amigo, mas com certeza havia investido algo na ideia de que Two-a-Day o encarava como *alguém importante*, alguém com talento e iniciativa e uma chance de cair fora de Barrytown. Mas os olhos de Two-a-Day lhe diziam que ele não era ninguém em especial, e um wilson ainda por cima...

– Olha pra cá, cara – alguém disse, não Two-a-Day, e Bobby levantou o olhar. Dois outros homens estavam ao lado de Two-a-Day no sofá largo de couro e cromo, ambos negros. O que havia falado usava uma espécie de túnica cinza e óculos de armação de plástico, estilo antiguidade. As armações eram quadradas, enormes e pareciam não ter lentes. Os ombros do outro homem tinham o dobro da largura dos de Two-a-Day, mas usava o tipo de terno

negro simples que se via em executivos japoneses nos kinos. Os punhos franceses, imaculados, fechavam-se com retângulos brilhantes de microcircuito de ouro.

– É uma pena não podermos te dar uma folga pra sarar – o primeiro homem disse. – Mas temos um problema grave aqui. – Fez uma pausa, removeu os óculos, massageou a ponte do nariz. – Precisamos da sua ajuda.

– Merda – Two-a-Day disse. Ele se inclinou para a frente, pegou um cigarro chinês do maço na mesa, acendeu-o com um crânio de peltre fosco do tamanho de um limão grande e, em seguida, pegou um copo de vinho. O homem com os óculos estendeu um fino dedo indicador marrom e tocou o pulso dele. Two-a-Day largou o copo e se recostou no sofá, o rosto calculadamente inexpressivo. O homem sorriu para Bobby.

– Count Zero – ele disse. – Me disseram que é o seu nick.

– Isso mesmo – Bobby conseguiu dizer, embora a voz saísse como uma espécie de grasnido.

– Precisamos saber da Virgem, Count. – O homem aguardou.

Bobby piscou.

– *Vyéj Mirak* – e os óculos voltaram ao lugar. – Nossa Senhora, a Virgem dos Milagres. Conhecemos ela – e fez um sinal com a mão esquerda – como Ezili Freda.

Bobby conscientizou-se de que estava com a boca aberta e, portanto, a fechou. Os três rostos escuros aguardavam. Jackie e Rhea tinham ido embora, mas ele não as vira sair. Então uma espécie de pânico se apoderou dele. Olhou freneticamente ao redor, para a estranha floresta de árvores raquíticas que os cercavam. Os tubos de luz se inclinavam em todos os ângulos possíveis, em qualquer direção, varinhas rosa-arroxeadas suspensas em um espaço verde de folhas. Não havia paredes. Não dava para ver nenhuma parede. O sofá e a mesa maltratada estavam em uma espécie de clareira, com um chão de concreto bruto.

– Sabemos que ela foi até você – o homem grande disse, cruzando as pernas com cuidado. Ele ajustou um vinco perfeito na calça, e uma abotoadura de ouro piscou para Bobby. – Sabemos, entende?

– Two-a-Day me disse que foi a sua primeira incursão – o outro homem disse. – Verdade?

Bobby fez que sim.

– Então você é escolhido de Legba – disse o homem, voltando a remover a armação vazia –, para ter se encontrado com *Vyéj Mirak*. – Ele sorriu.

A boca de Bobby estava aberta de novo.

– Legba – o homem disse –, senhor das estradas e caminhos, o loa da comunicação...

Two-a-Day esmagou o cigarro na madeira cheia de marcas, e Bobby viu que sua mão tremia.

10

ALAIN

Concordaram em se encontrar no restaurante do quinto subsolo do complexo Napoleon Court, sob a pirâmide de vidro do Louvre. Era um lugar que os dois conheciam e que, ao mesmo tempo, não tinha nenhum significado especial para ambos. A sugestão fora de Alain, e ela desconfiava que ele escolhera com cuidado. Era terreno emocionalmente neutro: um cenário familiar, mas livre de recordações. Estava decorado em um estilo que datava da virada do século: balcões de granito, vigamento negro do piso ao teto, espelhos de parede a parede e o tipo de mobília de restaurante italiano, em aço escuro soldado, que poderia ser de qualquer década dos últimos cem anos. As mesas estavam cobertas de linho cinza com uma faixa preta delgada, um padrão escolhido e repetido na capa dos menus, nas cartelas de fósforos e no avental dos garçons.

Ela usava o casaco de couro que comprara em Bruxelas, uma blusa de linho vermelho e um jeans novo de algodão preto. Andrea fingira não perceber o extremo cuidado com que ela se vestira para o encontro. Depois lhe emprestara um colar simples de pérolas, que destacava perfeitamente a blusa vermelha.

Ele chegara cedo, como ela viu ao entrar, e a mesa já estava entulhada com suas coisas. Usava seu lenço favorito, o que tinham encontrado juntos num brechó no ano passado, e parecia, como de costume, desalinhado, mas plenamente confortável. A pasta esfarrapada de couro regurgitara seu conteúdo por todo o pequeno quadrado de granito polido: cadernos espirais, um exemplar, não lido, do romance polêmico do mês, Gauloises sem filtro, uma caixa

de fósforos de madeira, a agenda encadernada em couro que ela lhe comprara na Browns.

– Achei que não viria – disse ele, sorrindo para ela.

– Por que acharia isso? – ela perguntou, uma resposta aleatória. Patética, pensou. Disfarçava o terror que agora sentia, que se permitia por fim sentir, que era o medo da perda de parte de si mesma, da vontade e do objetivo, medo do amor que ainda sentia. Ela pegou a outra cadeira e sentou-se, enquanto um jovem garçom chegava, um rapaz espanhol em um avental listrado, para anotar seu pedido. Ela pediu água de Vichy.

– Nada mais? – Alain perguntou. O garçom aguardou.

– Não, obrigada.

– Passei semanas tentando entrar em contato com você – ele disse, e ela sabia que era mentira. Mesmo assim, como fizera tantas vezes antes, ficou imaginando se ele tinha plena consciência do fato de que estava mentindo. Andrea insistia que homens como Alain mentiam com tal constância, com tal veemência, que um tipo de distinção fundamental se perdia. Eram um tipo próprio de artista, Andrea dizia, concentrados em reestruturar a realidade, e a Nova Jerusalém era de fato um lugar perfeito, livre de saques a descoberto, de senhorios descontentes e da necessidade de achar alguém que pagasse a conta da noite.

– Não vi você tentando entrar em contato quando Gnass veio com a polícia – ela disse, com esperança de que ele ao menos piscasse, mas o rosto de menino estava calmo como sempre, debaixo do cabelo castanho limpo que, normalmente, penteava para trás com os dedos.

– Sinto muito – ele disse, esmagando o Gauloise no cinzeiro. Como ela viera a associar o cheiro do tabaco escuro francês com ele, Paris parecia cheia de seu perfume, seu fantasma, seu rastro. – Eu tinha certeza de que ele nunca perceberia a... a natureza da obra. Você precisa entender: assim que admiti para mim mesmo o quanto precisávamos de dinheiro, soube que precisava agir. Você, eu sabia que era idealista demais. A galeria teria fechado de qualquer forma. Se as coisas com Gnass tivessem saído como planejei, estaríamos lá agora, e você estaria feliz. Feliz – ele repetiu, tirando outro cigarro do maço.

Ela podia apenas encará-lo e sentir uma espécie de assombro, bem como um enjoo, uma repulsa, pelo seu próprio desejo de acreditar.

– Sabe – disse ele, tirando um fósforo da caixa vermelha e amarela –, já tive problemas com a polícia antes. Quando era estudante. Política, claro. – Riscou o fósforo, largou a caixa e acendeu o cigarro.

– Política – ela disse, e de repente teve vontade de rir. – Não sabia que havia um partido pra gente como você. Não consigo imaginar o nome dele.

– Marly – ele disse, baixando a voz, como sempre fazia quando desejava transmitir intensidade de sentimentos –, você sabe, você tem que saber, que eu fiz aquilo por você. Por nós, se preferir. Mas com certeza você sabe, você consegue *sentir*, Marly, que nunca magoaria você de propósito, nem a colocaria em perigo. – Não havia espaço na mesinha lotada para a bolsa dela, por isso a manteve no colo. Agora, percebia as unhas enterradas, fundo, no couro espesso e macio.

– Nunca me magoaria... – A voz era dela, perdida e atônita, a voz de uma criança. E subitamente ela estava livre, livre de necessidade, de desejo, livre do medo, e tudo o que sentia pelo rosto atraente do outro lado da mesa era pura repugnância, e só o que podia fazer era encará-lo, esse estranho que dormira a seu lado por um ano, em um quartinho minúsculo por trás de uma pequenina galeria na Rue Mauconseil.

O garçom colocou o copo de Vichy à sua frente.

Ele deve ter tomado o silêncio dela como o começo da aceitação, o vazio completo de sua expressão como receptividade.

– O que você não entende – esta, ela se lembrava, era uma das frases de abertura favoritas dele – é que homens como Gnass existem, de certa forma, para sustentar as artes. Para nos sustentar, Marly. – Então ele sorriu, como se estivesse rindo de si mesmo, um sorriso garboso de conspirador, que agora a fazia sentir calafrios. – Mas parece que eu devia ter dado ao homem o crédito de ter, pelo menos, o senso necessário para contratar seu próprio especialista em Cornell, embora o meu especialista em Cornell, lhe garanto, fosse muito mais erudito que o dele...

Como ela faria para se safar? “Levante-se”, disse a si mesma. “Vire-se. Caminhe calmamente rumo à entrada. Atravesse a porta. Para fora, na luz suave da Napoleon Court, onde mármore polido revestia a Rue du Champ Fleuri, uma rua do século quatorze que diziam ter sido reservada, basicamente, para prostituição. Qualquer coisa, qualquer coisa, apenas vá, apenas saia, agora, e vá para longe, para longe dele, caminhando às cegas, para se perder na Paris dos guias de viagem que havia conhecido ao chegar aqui pela primeira vez.”

– Mas, agora – ele estava dizendo –, você pode ver que as coisas foram melhor assim. Essas coisas vivem acontecendo, não é? – De novo, o sorriso, mas desta vez era um sorriso infantil, um pouco tristonho e, de alguma forma, terrivelmente mais íntimo. – Perdemos a galeria, mas você conseguiu um emprego, Marly. Você tem um trabalho a fazer. Um trabalho interessante. E eu tenho as conexões de que precisa, Marly. Conheço as pessoas com quem precisa falar para poder encontrar seu artista.

– Meu artista? – perguntou, enquanto ocultava sua enorme confusão com um gole de Vichy.

Ele abriu a pasta toda arranhada e tirou de lá algo plano, um simples holograma de reflexo. Ela o pegou, grata por ter algo para fazer com as mãos, e viu que era uma foto improvisada da caixa que vira no constructo de Barcelona de Virek.

Alguém segurava o objeto para a foto. As mãos de um homem, não de Alain, e em uma delas havia um anel de sinete de algum metal escuro. O fundo era indistinto. Apenas a caixa, e as mãos.

– Alain – ela disse –, onde conseguiu isto? – Levantou a vista para encontrar, nos olhos castanhos dele, um abominável senso infantil de triunfo.

– Alguém vai ter que pagar um bom dinheiro para descobrir – amassou o cigarro no cinzeiro e se levantou. – Se me dá licença – ele caminhou na direção dos banheiros. Quando desapareceu, por trás de espelhos e vigas de aço negro, ela largou o holograma, inclinou-se sobre a mesa e levantou a aba da pasta. Não havia nada lá, apenas uma tira de elástico azul e pedacinhos de tabaco.

– Posso servir algo mais? Mais Vichy, talvez? – O garçom estava postado ao lado dela.

Ela levantou os olhos para ele, chocada subitamente por uma sensação de familiaridade. O rosto moreno e magro.

– Ele está usando um transmissor – o garçom disse. – E também está armado. – Era o carregador do hotel de Bruxelas. – Dê-lhe tudo o que ele quiser. Lembre-se de que dinheiro não significa nada para você. – Pegou o copo dela e o colocou, com cuidado, na bandeja. – E o mais provável é que o dinheiro o destrua.

Quando Alain voltou, estava sorrindo.

– Agora, querida – disse, enquanto pegava os cigarros –, podemos falar de negócios.

Marly sorriu de volta, e concordou.

11

NO TEATRO DE OPERAÇÕES

Ele finalmente se permitiu três horas de sono na casamata sem janelas onde a equipe de ponta estabelecera o posto de comando. Conhecera o resto da equipe do local. Ramirez era esnobe, nervoso e bitolado em sua própria habilidade como jóquei de console. Estavam contando com ele, juntamente com Jaylene Slide na plataforma em alto-mar, para monitorar o ciberespaço em torno do setor que continha os bancos de dados, cheios de ICE, da Maas Biolabs. Se a Maas os notasse, no último momento, havia a chance de ele conseguir avisar antes. Também estava encarregado de retransmitir os dados médicos da unidade de cirurgia para a plataforma em alto-mar, um procedimento complexo, se quisessem escondê-lo da Maas. A linha para fora ia até uma cabine telefônica no meio do nada. Depois da cabine, ele e Jaylene estavam por conta própria na matrix. Se fizessem merda, a Maas poderia rastreá-los e identificar exatamente o local. E também havia Nathan, o técnico, cujo trabalho real consistia em tomar conta do equipamento na casamata. Se alguma parte do sistema parasse de funcionar, havia pelo menos uma chance de que pudesse consertá-la. Nathan era da espécie que havia produzido Oakey e mais mil outros com quem Turner trabalhara ao longo dos anos: técnicos rebeldes que gostavam de ganhar dinheiro perigoso e haviam demonstrado que podiam ficar de boca fechada. Os outros, Compton, Teddy, Costa e Davis, eram apenas força bruta cara: mercenários, o tipo de homem que se contrata para um trabalho destes. Para que ouvissem, tomou cuidado especial em perguntar a Sutcliffe sobre as providências de

evacuação. Ele explicou de onde viriam os helicópteros, a ordem de retirada e exatamente como e quando seriam pagos.

Então lhes disse para deixá-lo sozinho na casamata e ordenou a Webber que o acordasse em três horas.

O lugar fora uma casa de máquinas ou um tipo de ponto central para a fiação elétrica. Os tocos de tubulação plástica que saíam das paredes podiam ter sido conduítes elétricos ou tubos de esgoto. A sala não dava sinais de que nenhum deles tivesse sido conectado a qualquer coisa. O teto, uma laje inteiriça de concreto, era baixo demais para permitir que ficasse em pé, e havia um cheiro seco, empoeirado, não de todo desagradável. A equipe varrera o lugar antes de trazer as mesas e os equipamentos, mas ainda havia flocos amarelos de papel-jornal no chão, que viravam pó quando ele os tocava. Podia distinguir letras. Algumas vezes, uma palavra inteira.

Cada uma das mesas metálicas dobráveis de camping fora instalada ao longo de uma parede, formando um L, cada braço da letra comportando um conjunto de equipamentos de comunicação extraordinariamente sofisticados. O melhor, pensou, que a Hosaka conseguira obter.

Passou, curvado e cuidadoso, junto a cada uma das mesas, tocando de leve cada console, cada caixa preta. Havia um transceptor militar de banda lateral extremamente modificado, preparado para transmissão de rajadas de sinais. Este seria o seu link no caso de Ramirez e Jaylene estragarem a transferência de dados. As rajadas eram complexas ficções técnicas pré-gravadas, codificadas pelos criptógrafos da Hosaka. O teor de uma determinada rajada não fazia sentido, mas a sequência na qual eram difundidas comunicaria mensagens simples. A sequência B/C/A informaria a Hosaka da chegada de Mitchell; F/D indicaria sua partida do local, enquanto F/G sinalizaria sua morte e o simultâneo encerramento da operação. Turner voltou a tocar o equipamento de banda lateral, franzindo o rosto. Não estava satisfeito com as preparações de Sutcliffe nesse aspecto. Se a extração transpirasse, era improvável que conseguissem sair, muito menos sair limpos, e Webber o informara discretamente que, no caso de problemas, ela tinha ordens de usar um foguete antitanque portátil nos médicos,

dentro de sua unidade miniatura de cirurgia. – Eles sabem – ela disse. – Pode apostar que também estão ganhando pra isso. – Os demais ficavam na dependência dos helicópteros, com base perto de Tucson. Turner acreditava que a Maas, se alertada, se livraria deles facilmente à medida que chegassem. Quando fez essa objeção a Sutcliffe, o australiano apenas deu de ombros: – Não é como eu faria as coisas nas melhores circunstâncias, colega, mas fomos todos avisados pra vir pra cá meio em cima da hora, né?

Ao lado do transceptor estava um complexo biomonitor Sony, ligado diretamente à unidade cirúrgica e carregado com o histórico médico registrado no dossiê do biosoft de Mitchell. Os médicos, quando chegasse a hora, acessariam o histórico do desertor. Ao mesmo tempo, os procedimentos que eles levassem a cabo na unidade seriam enviados de volta para o Sony e compilados, prontos para que Ramirez aplicasse ICE e os passasse para o ciberespaço, onde Jaylene Slide estaria operando em paralelo, em seu assento na plataforma petrolífera. Se tudo desse certo, a atualização médica estaria esperando no complexo da Hosaka na Cidade do México quando Turner chegasse lá com ele, no jato. Turner nunca vira nada exatamente como o Sony, mas imaginava que o Holandês teria algo muito parecido em sua clínica de Cingapura. O pensamento fez com que levasse a mão ao peito nu, onde, sem perceber, traçou a linha desaparecida de uma cicatriz de enxerto.

A segunda mesa continha o equipamento de ciberespaço. O deck era idêntico ao que vira na plataforma petrolífera, um protótipo da Maas-Neotek. A configuração do deck era padrão, mas Conroy lhe dissera que fora construído a partir dos novos biochips. Havia uma massa, do tamanho de um punho, de explosivo plástico rosa-claro grudada em cima do console. Alguém, talvez Ramirez, desenhara com os dedos um par de depressões para os olhos e uma curva malfeita para um sorriso idiota. Dois fios, um azul, outro amarelo, saíam da testa rosada da figura para um dos tubos negros escancarados que se projetavam da parede por trás do console. Outra das tarefas de Webber, caso parecesse haver perigo de o local ser tomado. Turner olhou para os fios, fechando a cara. Uma

carga daquele tamanho em um espaço fechado e tão pequeno. Morte certa para todos que estivessem na casamata.

Com os ombros doendo e a nuca raspando no concreto áspero do teto, prosseguiu com a inspeção. O resto da mesa estava ocupado com os periféricos do deck, uma série de caixas pretas posicionadas com precisão obsessiva. Suspeitava que cada unidade estivesse a certa distância específica da vizinha, e que estivessem perfeitamente alinhadas. O próprio Ramirez as teria instalado, e Turner tinha certeza de que, se tocasse alguma, deslocando-a uma fração de centímetro, o jóquei perceberia. Vira aquele mesmo toque neurótico antes, em outros caras de console, e não lhe dizia nada sobre Ramirez. Havia observado outros jóqueis que invertiam esse traço, emaranhando de propósito os equipamentos em um ninho de ratos de fios e cabos, que tinham horror a arrumação e enchiam os consoles de decalques de dados de seis faces e caveiras gritando. Não havia como saber, pensou. Ou Ramirez era bom, ou todos poderiam estar mortos em breve.

Na outra ponta da mesa havia cinco transceptores de ouvido Telefunken com microfones adesivos de garganta, ainda lacrados em sacos-bolha individuais. Durante a fase decisiva da deserção, que Turner calculava ser vinte minutos antes e vinte depois da chegada de Mitchell, ele, Ramirez, Sutcliffe, Webber e Lynch estariam interligados, embora o uso dos transceptores devesse ser mantido em um mínimo absoluto.

Por trás dos Telefunkens estava uma caixa plástica sem identificação, que continha vinte aquecedores de mão catalíticos, suecos, retângulos planos e lisos de aço inoxidável, cada um em seu próprio saquinho de flanela de algodão vermelho cor de Natal.

– É um filho da puta muito vivo – disse para a caixa. – Eu mesmo podia ter pensado nisso...

Dormiu em um colchonete de espuma corrugada no chão do posto de comando, usando o casaco como cobertor. Conroy estivera certo sobre a noite do deserto, mas o concreto parecia reter o calor do dia. Não tirou as calças ou os sapatos. Webber o aconselhara a chacoalhar os sapatos e as roupas sempre que se vestisse. – Escorpiões – ela dissera. – Gostam de suor, de qualquer tipo de

umidade. – Removeu o Smith & Wesson do coldre de nylon antes de se deitar, colocando-o cuidadosamente ao lado do colchonete. Deixou as duas lanternas a bateria acesas, fechou os olhos.

E deslizou rumo a um mar raso de sonhos, com imagens passando como se arremessadas, fragmentos do dossiê de Mitchell fundindo-se a pedaços de sua própria vida. Ele e Mitchell dirigindo o ônibus através de uma cascata de vidro, para dentro do saguão de um hotel em Marrakesh. O cientista gritava freneticamente enquanto ele apertava o botão que detonava as duas dúzias de tubos de CN colados com fita ao longo das laterais do veículo. Oakey também estava lá, oferecendo uma garrafa de uísque, e cocaína amarela peruana em um espelho redondo com borda plástica que Turner vira, pela última vez, na bolsa de Allison. Pensou ter visto Allison em algum lugar, pelas janelas do ônibus, sufocando nas nuvens de gás, e tentou dizer a Oakey, tentou mostrá-la, mas o vidro estava coberto de adesivos de hologramas mexicanos de santos, cartões-postais da Virgem, e Oakey segurava uma coisa lisa e redonda, um globo de cristal rosa, e Turner viu uma aranha agachada no centro daquilo, uma aranha feita de mercúrio, mas Mitchell ria, os dentes cheios de sangue, e estendeu a mão aberta para oferecer o biosoft cinza para Turner. Ele viu que o dossiê era um cérebro, rosa-acinzentado e vivo debaixo de uma membrana transparente e úmida, pulsando suavemente na mão de Mitchell. Então tropeçou em uma saliência submarina do sonho e se acomodou, suavemente, em uma noite sem estrelas.

Webber o acordou, as feições duras emolduradas pela entrada quadrada da casamata, os ombros envoltos pelo pesado cobertor militar que servia de porta.

– Já deram as três horas. Os médicos estão acordados, se quiser falar com eles. – Ela se retirou, as botas moendo cascalho.

Os médicos da Hosaka estavam aguardando ao lado da unidade autônoma de neurocirurgia. Sob a alvorada do deserto, pareciam ter simplesmente saído de algum tipo de transmissor de matéria, em suas roupas informais Ginza amarrotadas conforme a moda. Um dos homens estava embrulhado em um enorme casaco de lã mexicano, tricotado à mão, o tipo de cardigã com cinto que Turner

vira os turistas usando na Cidade do México. Os outros dois vestiam jaquetas isolantes de esqui, de aparência cara, contra o frio do deserto. Os homens eram uma cabeça mais baixos do que a coreana, uma mulher esbelta com feições fortes e arcaicas, com um topete de cabelos tingidos de vermelho que fez Turner pensar em aves de rapina. Conroy lhe dissera que os dois eram homens da empresa, e Turner podia ver isso facilmente: apenas a mulher possuía a atitude, a postura que fazia parte do mundo de Turner: era uma fora da lei, uma médica ilegal. Estaria bem em casa com o Holandês, ele pensou.

– Sou Turner – ele disse. – Estou no comando aqui.

– Não precisa de nossos nomes – a mulher disse, enquanto os dois homens da Hosaka se curvavam, automaticamente, em reverência. Eles trocaram olhares, olharam para Turner e, em seguida, olharam de volta para a coreana.

– Não – Turner disse. – Não é preciso.

– Por que ainda não temos acesso aos dados médicos do paciente? – a coreana perguntou.

– Segurança – Turner disse, a resposta quase um reflexo inconsciente. De fato, não podia ver nenhum motivo para evitar que estudassem os registros de Mitchell.

A mulher deu de ombros, deu meia-volta, o rosto oculto pelo colarinho da jaqueta isolante, virado para cima.

– Gostaria de inspecionar a unidade de cirurgia? – o homem no casaco pesado perguntou, o rosto educado e alerta, uma perfeita máscara corporativa.

– Não – Turner disse. – Vamos transferir vocês para a área vinte minutos antes da chegada dele. Vamos tirar as rodas, e nivelar com macacos. O cano de esgoto será desplugado. Quero vocês totalmente operacionais cinco minutos depois de instalados.

– Isso não será problema – o outro homem disse, sorrindo.

– Agora quero que me digam o que vão fazer ali, o que vão fazer com ele, e como isso pode afetá-lo.

– Já não *sabe*? – a mulher perguntou, bruscamente, voltando-se novamente para encará-lo.

– Eu disse que queria que vocês me dissessem – Turner disse.

– Vamos fazer uma varredura imediata procurando implantes letais – o homem no casaco disse.

– Cargas no córtex, esse tipo de coisa?

– Duvido – disse o outro homem – que encontremos algo tão grosseiro. Mas, sim, vamos fazer uma varredura para toda a gama de dispositivos letais. Ao mesmo tempo, vamos fazer um exame de sangue completo. Nos disseram que os contratantes atuais dele lidam com sistemas bioquímicos extremamente sofisticados. Há a possibilidade de que o maior perigo seja nesse sentido...

– Hoje em dia está muito na moda equipar altos funcionários com bombas de insulina subcutâneas modificadas – seu colega interrompeu. – O sistema do indivíduo pode ser levado a uma dependência artificial de certos análogos de enzimas sintéticas. A não ser que o implante seja recarregado em intervalos regulares, o afastamento da fonte, o contratante, pode resultar em trauma.

– Estamos preparados para lidar com isso também – disse o outro.

– Nenhum de vocês está, nem de longe, preparado para lidar com o que eu desconfio que vamos encontrar – a médica ilegal disse, sua voz tão fria quanto o vento que soprava agora do leste. Turner ouvia a areia sibilando contra o aço enferrujado acima deles.

– Você – Turner disse a ela –, vem comigo. – Então se virou, sem olhar para trás, e afastou-se. Era possível que ela não obedecesse à ordem, caso em que ele passaria vergonha com os outros dois, mas parecia o lance correto. Quando estava a dez metros da unidade de cirurgia, parou. Ouviu os pés dela no cascalho.

– O que é que você sabe? – perguntou, sem se virar.

– Talvez o mesmo que você – ela disse. – Talvez mais.

– Mais do que seus colegas, isso está claro.

– São homens muito competentes. Também são... serviçais.

– E você não é.

– Nem você, mercenário. Fui contratada pra este serviço na melhor clínica negra de Chiba. Recebi bastante material para estudar, para me preparar para o encontro com o distinto paciente. As clínicas clandestinas de Chiba são o que há de mais avançado na medicina: nem sequer a Hosaka poderia saber que minha posição na medicina ilegal me permitiria adivinhar o que é que o

nosso desertor leva na cabeça. As ruas tentam encontrar seus próprios usos para as coisas, sr. Turner. Já fui, várias vezes, contratada para tentar remover esses novos implantes. Certa quantidade de biocircuitos Maas avançados já foi parar no mercado. Essas tentativas de implante são um passo lógico. Desconfio que a Maas deixa essas coisas vazarem de propósito.

– Então, explique.

– Não acho que possa – ela disse, e havia um estranho traço de resignação na voz. – Eu lhe disse que já vi isso. Não disse que entendi. – Pontas de dedos tocaram, de repente, a pele ao lado do conector craniano de Turner. – Isto, em comparação com os implantes de biochips, é como uma bengala de madeira ao lado de uma perna mioelétrica.

– Mas haverá risco de vida, neste caso?

– Ah, não – ela disse, retirando a mão. – Não para *ele*... – Então, ele a ouviu caminhando, com dificuldade, de volta para a unidade cirúrgica.

Conroy enviou um mensageiro com o pacote de software que permitiria a Turner pilotar o jato e transportar Mitchell para o complexo da Hosaka na Cidade do México. O mensageiro era um homem de olhar desvairado, pele queimada pelo sol, que Lynch chamou de Harry, uma assombração cheia de tendões que veio pedalando da direção de Tucson em uma bicicleta polida pela areia, com pneus para lama carecas e couro cru amarelo-osso amarrado nos guidões. Lynch conduziu Harry pelo estacionamento. Harry cantava para si mesmo, um som estranho na quietude obrigatória do local. Sua canção, se é que podia ser chamada assim, era como alguém tentando sintonizar ao acaso um rádio quebrado, subindo e descendo os quilômetros da meia-noite do sintonizador, captando gritos do evangelho e fragmentos de vinte anos de pop internacional. Harry vinha com a bicicleta pendurada em um ombro queimado e ossudo.

– Harry trouxe algo pra você de Tucson – Lynch disse.

– Vocês se conhecem? – Turner perguntou, olhando para Lynch. – Quem sabe têm um amigo em comum?

– O que quer dizer com isso? – Lynch perguntou.

Turner manteve o olhar.

– Você sabe o nome dele.

– Ele me disse a porra do nome, Turner.

– Me chamo Harry – o homem queimado disse. Jogou a bicicleta em cima de um amontoado de arbustos. Sorriu inexpressivamente, expondo dentes gastos e mal espaçados. O peito nu tinha uma película de suor e poeira, e exibia, pendurados, em correntes finas de aço, couro cru, pedaços de chifre e pelo de animais, cartuchos de bala de latão, moedas de cobre desgastadas até ficarem lisas e ilegíveis, e uma pequena bolsa feita de couro marrom macio.

Turner olhou para a variedade de coisas penduradas no peito ossudo e estendeu a mão, sacudindo um pedaço curvo de cartilagem torta, suspenso de um cordão trançado.

– Que diabos é isto, Harry?

– Pinto de guaxinim – Harry disse. – Guaxinins têm um osso com junta no pinto. Pouca gente sabe disso.

– Já conhecia o meu amigo Lynch antes, Harry?

Harry pestanejou.

– Ele tinha as senhas – Lynch disse. – A gente tem uma escala de urgências. Ele sabia a mais alta. Me disse o nome dele. Precisa de mim aqui, ou posso voltar pro trabalho?

– Vai – Turner disse.

Quando Lynch estava fora do alcance da voz, Harry começou a mexer nas tiras que fechavam a bolsa de couro.

– Não devia ser duro com o garoto – ele disse. – Ele é muito bom. A verdade é que não vi o cara até ele estar com a pistola no meu pescoço. – Abriu a bolsa e procurou dentro com os dedos, delicadamente.

– Diga a Conroy que já marquei o cara.

– Como? – Harry perguntou, tirando da bolsa uma folha dobrada de papel de caderno amarelo. – Já marcou quem? – Passou a folha para Turner; havia algo dentro.

– Lynch. É o pau-mandado de Conroy aqui. Diga a ele. – Desdobrou o papel e removeu o grosso microsoft militar.

Havia um bilhete em maiúsculas azuis: MERDA PRA VOCÊ, CUZÃO. TE VEJO NO DF.

– Quer mesmo que eu diga isso pra ele?

– Diga a ele.

– Você é o chefe.

– Bom que sabe disso – Turner disse, amassando o papel e enfiando-o na axila esquerda de Harry. Harry sorriu, de forma doce e inexpressiva, e a inteligência que havia emergido nele baixou de novo, como um animal aquático mergulhando, sem esforço, em um mar suave de insipidez ensolarada. Turner olhou-o nos olhos, opalas amarelas rachadas, e não viu nada além do sol e da estrada arruinada. Uma mão, faltando algumas juntas, subiu para coçar distraidamente a barba de uma semana. – Agora – Turner disse. Harry fez meia-volta, puxou a bicicleta do emaranhado de arbustos, colocou-a no ombro com um grunhido e começou a partir, cruzando o estacionamento em ruínas. Os shorts cáqui, esfarrapados e grandes demais para Harry, se agitavam à medida que caminhava, e a coleção de correntes fazia um ruído suave de chocalho.

Sutcliffe assobiou de uma elevação a vinte metros, erguendo um rolo de fita de agrimensor laranja. Era hora de começar a traçar a pista de aterrissagem de Mitchell. Teriam que trabalhar rápido, antes que o sol ficasse alto demais, e, mesmo assim, ainda estaria quente.

– Então – Webber disse –, ele vem voando. – Ela cuspiu suco marrom em um cacto amarelado. A bochecha estava cheia de tabaco de Copenhague.

– Acertou – Turner disse. Sentou-se ao lado dela em uma borda de xisto amarelo. Estavam observando Lynch e Nathan limparem a pista que ele e Sutcliffe haviam traçado com a fita laranja. A fita marcava um retângulo de quatro metros de largura e vinte de comprimento. Lynch carregava um pedaço de viga duplo-T enferrujada até a fita e a levantava. Algo correu pelos arbustos enquanto a viga rangia contra o concreto.

– Se quiserem, eles podem ver a fita. – Webber disse, enxugando os lábios com o dorso da mão. – Se quiserem, podem ler até as manchetes no seu fax da manhã.

– Eu sei – Turner disse –, mas se ainda não sabem que estamos aqui, não acho que vão fazer isso. E não dá pra ver da estrada. – Ajustou um boné de nylon preto que Ramirez havia lhe dado,

puxando a longa aba para baixo até tocar os óculos de sol. – De qualquer forma, estamos só tirando as coisas pesadas, as que podiam arrancar uma perna. Não vai parecer nada de especial, não de órbita.

– Não – Webber concordou, o rosto marcado impassível sob os óculos de sol. Podia sentir o cheiro de suor dela de onde estava, forte e animal.

– Que diabos você faz, Webber, quando não tá fazendo isto? – Olhou para ela.

– Acho que muito mais do que você – ela disse. – Parte do tempo eu crio cachorros. – Ela tirou uma faca da bota e começou a afiá-la pacientemente na sola, girando-a suavemente a cada passada, como um barbeiro mexicano afiando uma navalha. – E pesco. Trutas.

– Tem família no Novo México?

– Acho que mais do que você – ela disse, na lata. – Imagino que gente como você e Sutcliffe não seja de lugar nenhum. Você mora aqui, não é, Turner? No teatro de operações, hoje, no dia em que o seu garoto sai. Certo? – Ela testou a lâmina contra a almofada do polegar e, em seguida, colocou-a de volta na bainha.

– Mas tem família? Tem um homem te esperando?

– Uma mulher, se quer saber – ela disse. – Sabe alguma coisa sobre criar cachorros?

– Não – ele disse.

– Imaginei. – Ela o olhou de soslaio. – Também temos uma filha. Nossa. Ela deu à luz.

– Combinação de DNAs?

Ela fez que sim.

– Isso é caro – ele disse.

– Nem me diga. Não estaria aqui se não tivesse que pagar. Mas ela é linda.

– Sua mulher?

– Nossa filha.

12

CAFÉ BLANC

Enquanto caminhava para fora do Louvre, ela parecia sentir que uma espécie de estrutura articulada movia-se para acomodar seu percurso pela cidade. O garçom não seria mais que uma parte da coisa, um braço, uma sonda ou palpo delicado. O conjunto seria maior, muito maior. Como pôde ter imaginado que seria possível viver, mover-se, no campo antinatural da riqueza de Virek sem sofrer nenhuma distorção? Virek a recolhera, no meio de sua infelicidade, e a girara através das forças monstruosas e invisíveis de seu dinheiro. E ela fora transformada. “É claro”, pensou, “é claro: move-se constantemente ao meu redor, atento e invisível, o mecanismo vasto e sutil de vigilância de Herr Virek.”

Acabou se encontrando na calçada embaixo do terraço do Blanc. Parecia um lugar tão bom como qualquer outro. Um mês antes, ela o teria evitado: passara noites demais ali em companhia de Alain. Agora, sentindo que havia se libertado, decidiu começar o processo de redescobrir a sua própria Paris, escolhendo uma mesa no Blanc. Pegou uma próxima a um biombo lateral. Pediu ao garçom um conhaque. Arrepiou-se ao observar o tráfego de Paris passar, o rio perpétuo de aço e vidro, enquanto por todos os lados ao redor, em todas as demais mesas, estranhos comiam e sorriam, bebiam e discutiam, se despediam com tristeza ou juravam fidelidades íntimas ao sentimento de uma tarde.

No entanto, Marly sorriu, ela era parte disso tudo. Alguma coisa dentro dela despertava de um longo e abafado sono, trazida de volta à luz no instante em que abrira plenamente os olhos para a malevolência de Alain e sua própria necessidade desesperada de

continuar a amá-lo. A necessidade, porém, se esvaía, mesmo enquanto estava ali sentada. As mentiras eram tão ordinárias que, de alguma forma, romperam as algemas da depressão. Não via lógica nisso, pois soubera, em alguma parte dela mesma, e muito antes do negócio com Gnass, exatamente o que Alain fazia na vida, e isso não fizera diferença nenhuma para seu amor. Frente ao novo sentimento, no entanto, ela se absteria da lógica. Era suficiente estar aqui, viva, em uma mesa do Blanc, e imaginar, por todo o entorno, a máquina intrincada que, agora sabia, Virek colocara em campo.

"Ironias", ela pensou, ao ver o jovem garçom do Napoleon Court subindo no terraço. Usava as calças escuras com que havia trabalhado, mas o avental fora substituído por um blusão azul. Uma franja lisa de cabelos escuros atravessava sua testa. Veio em sua direção, sorrindo, seguro, sabendo que ela não fugiria. Havia algo nela, nesse momento, que desejava muito fugir. Sabia, porém, que não faria isso. "Que ironia", disse a si mesma, "enquanto me deleito na descoberta de que não sou uma esponja criada especialmente para o sofrimento, mas apenas outro animal falível nesta cidade de labirinto de pedra, ao mesmo tempo compreendo que sou o foco de um vasto mecanismo, alimentado por um desejo obscuro."

– Meu nome é Paco – ele disse, puxando a cadeira de ferro esmaltado de branco que ficava de frente para ela.

– Você era a criança, o menino, no parque...

– Muito tempo atrás, sim. – Ele sentou. – O Señor preservou a imagem da minha infância.

– Tenho pensado, sobre o seu Señor. – Ela não olhava para ele, mas para os carros que passavam, acalmando os olhos no fluxo do tráfego, nas cores do policarbono e do aço pintado. – Um homem como Virek é incapaz de se privar de sua riqueza. O dinheiro dele tem vida própria. Talvez vontade própria. Ele deu a entender isso quando nos falamos.

– Você é uma filósofa.

– Sou uma ferramenta, Paco. Sou a ponta mais recente de uma máquina muito velha nas mãos de um homem muito velho, que deseja compreender alguma coisa e até o momento não conseguiu.

Mil ferramentas passam pelas mãos do seu chefe e, de alguma forma, ele me escolhe.

– Também é uma poetisa!

Ela riu, desviando os olhos do tráfego. Ele sorria, a boca emoldurada por sulcos verticais profundos.

– Enquanto vinha para cá, imaginei uma estrutura, uma máquina tão grande que era incapaz de vê-la. Uma máquina que me cerca, antecipando cada um de meus passos.

– E você também é uma egotista?

– Sou?

– Talvez não. Com certeza, você é observada. Nós a vigiamos, e é bom que façamos isso. O seu amigo no restaurante, também o vigiamos. Infelizmente, não conseguimos descobrir onde arranjou o holograma que mostrou pra você. É quase certo que já estava com ele quando começou a telefonar para o número da sua amiga. Alguém o abordou, entende? Alguém o colocou no seu caminho. Não acha que isso é o mais curioso? Não desperta a filósofa em você?

– Sim, acho que sim. Segui o conselho que você me deu, no restaurante, e aceitei o preço dele.

– Então, ele vai pedir o dobro – Paco sorriu.

– O que não significa nada para mim, como você disse. Ele concordou em entrar em contato amanhã. Suponho que você possa providenciar a entrega do dinheiro. Pediu dinheiro vivo.

– Dinheiro vivo – ele revirou os olhos. – Que *risqué*! Mas, sim, posso. E também já sei os detalhes. Estávamos monitorando a conversa. Não foi difícil, já que ele foi gentil o bastante para transmiti-la ele mesmo, com um microfone miniatura. Queríamos muito descobrir a quem se destinava a transmissão, mas duvidamos que ele mesmo soubesse.

– Não era do feitio dele – disse ela, fechando a cara – pedir licença, interromper a conversa daquela maneira, antes de ter feito as exigências. Gosta de pensar que tem um instinto para o momento dramático...

– Não teve escolha – Paco disse. – Preparamos o que ele pensou ser uma falta de carga na bateria do microfone. Isso o obrigou a ir

até o *hommes*. Disse coisas muito feias sobre você, sozinho no banheiro.

Ela fez sinal para o copo vazio quando um garçom passou.

– Ainda acho difícil entender qual é a minha parte nisto, o meu valor. Para Virek, quero dizer.

– Não me pergunte. Você é a filósofa, aqui. Apenas executo as ordens de Señor, o melhor que posso.

– Gostaria de um conhaque, Paco? Ou, quem sabe, um café?

– Os franceses – ele respondeu com grande convicção –, não entendem nada de café.

13

COM AS DUAS MÃOS

– Dá pra me explicar de novo? – disse Bobby, com a boca cheia de arroz e ovos. – Achei que tinha dito que não era uma religião.

Beauvoir tirou as armações sem lentes do rosto e olhou, como quem faz mira, ao longo de uma das hastes.

– Não foi isso que eu disse. Disse que não tinha que se preocupar com isso, e só, se é uma religião ou não. É só uma *estrutura*. É o que basta para eu e você discutirmos algumas coisas que estão acontecendo. Senão, podemos não ter palavras, conceitos...

– Mas você fala como se esses, qual o nome mesmo, *loas*, fossem...

– Loa – Beauvoir corrigiu, largando os óculos na mesa. Suspirou, tirou um dos cigarros chineses do maço de Two-a-Day e o acendeu com o crânio de peltre. – É igual no plural e no singular. – Aspirou profundamente e soltou fluxos gêmeos de fumaça através das narinas arqueadas. – Quando pensa em religião, exatamente no que pensa?

– Bom, a irmã da minha mãe, ela é cientologista, bem conservadora, sabe? E tem uma mulher, do outro lado do corredor, que é católica. A minha velha – ele fez uma pausa, a comida tendo perdido o gosto em sua boca –, ela colocava esses hologramas no meu quarto de vez em quando. Jesus ou Hubbard ou alguma merda dessas. Então acho que é nisso que penso.

– Vodu não é assim – Beauvoir disse. – Ele não se preocupa com ideias de salvação e transcendência. Trata de conseguir *fazer* as coisas. Entende? No nosso sistema, há muitos deuses, espíritos. Parte de uma grande família, com todas as virtudes e todos os

vícios. Tem uma tradição ritual de manifestação comunal, entende? O vodu diz que há um Deus, claro, Gran Met, mas Ele é grande, grande demais e distante demais pra se preocupar se você é pobre ou não arranja mulher. Vamos lá, cara, você sabe como funciona, é uma religião de *rua*, que veio do lugar mais pobre possível um milhão de anos atrás. Vodu é como a rua. Se um cheirador de pó fizer picadinho da sua irmã, você não vai acampar na porta da Yakuza, vai? De jeito nenhum. Você procura alguém que pode *cuidar* do assunto. Certo?

Bobby concordou, mastigando, pensativo. Outro derma e dois copos do vinho tinto haviam ajudado muito. O grandalhão levara o Two-a-Day para uma volta em meio às árvores e varetas fluorescentes, deixando Bobby com Beauvoir. Então Jackie aparecera, toda alegre, com um tigelão dessa coisa de ovos e arroz, que não era nada má, e enquanto colocava a comida diante dele, apertara um dos peitos em seu ombro.

– Então – Beauvoir disse –, o que interessa pra gente é como resolver as coisas. Se preferir, o que interessa pra gente são sistemas. E pra você também, ou pelo menos é o que gostaria, senão não ia ser um cowboy nem ter um nick, certo? – Mergulhou o que restava do cigarro em um copo manchado de dedos e com vinho tinto até a metade. – Parece que o Two-a-Day estava a ponto de começar uma festança, bem na hora em que caiu merda no ventilador.

– E que merda foi essa? – Bobby perguntou, limpando a boca com o dorso da mão.

– Você – Beauvoir disse, fechando a cara. – Não que seja culpa sua. Mesmo que o Two-a-Day queira fazer parecer que é o caso.

– Ele quer? Ele parece bem nervoso agora. Bem puto, também.

– Exatamente. Você sacou. Nervoso. No maior cagaço seria uma definição melhor ainda.

– E por quê?

– Bom, entenda, as coisas não são exatamente o que parecem, com o Two-a-Day. Quero dizer, sim, ele faz mesmo o tipo de merda que você sabe que ele faz; empurrando software quente pros branquelos, desculpe – ele sorriu –, lá em Barrytown, mas o negócio principal, quer dizer, o verdadeiro anseio dele, entende, é outro. –

Beauvoir apanhou um canapé murcho, examinou-o com evidente desconfiança e o atirou, por cima da mesa, no meio das árvores. – O negócio dele, você entende, é fazer uns serviços pruns grandes oungans do Sprawl.

Bobby balançou a cabeça, inexpressivo.

– Caras que servem com as duas mãos.

– Boiei.

– Estamos falando de um sacerdócio profissional, se quiser chamar assim. Do contrário, apenas imagine uns caras da pesada, cowboys de console, entre outras coisas, que cuidam de fazer as coisas para as pessoas. Servir com as duas mãos é uma expressão que temos. Quer dizer, mais ou menos, que trabalham dos dois lados. O branco e o preto, entende?

Bobby engoliu, então fez que não com a cabeça.

– Feiticeiros – Beauvoir disse. – Deixa pra lá. Caras maus, cheios da grana, é tudo que você precisa saber. O Two-a-Day, ele é o moleque de recados desses caras. Às vezes ele acha coisas que podem ser interessantes pra eles, baixa pra eles e ganha uns favores depois. Talvez, se ele juntar uma dúzia de favores a mais, eles baixem alguma coisa *nele*. Não é exatamente a mesma coisa, entende? Digamos que eles consigam algo que acham que tem potencial, mas que os deixa assustados. Esses tipos tendem a ser conservadores, sabe? Não? Bem, você vai ver.

Bobby fez que sim.

– O tipo de software que alguém como você aluga de Two-a-Day, aquilo não é nada. Quero dizer, vai *funcionar*, mas não é nada com que alguém da pesada esquentaria. Já assistiu um monte de kinos de cowboy, certo? Bem, as coisas que inventam pra esses kinos não são nada em comparação com o tipo de merda que um operador da pesada mesmo pode encarar. Especialmente ICE-Breakers. Os ICE-Breakers pesados são um pouco complicados, mesmo para os grandões. E sabe por quê? Porque o ICE, o ICE duro de verdade, os muros em torno de todos os grandes armazéns de dados na matrix, é sempre feito por uma IA, uma inteligência artificial. Não existe outra coisa rápida o bastante pra fazer ICE bom e alterar e atualizar a toda hora. Então, quando um ICE-Breaker forte pra valer aparece no mercado negro, já tem alguns fatores de

incerteza envolvidos. Pra começar, de onde veio o produto? Nove em dez vezes, veio de uma IA, e as IAS estão sempre sendo monitoradas, principalmente pelo pessoal da Turing, pra ter certeza de que não ficam espertas demais. Então pode ser que você acabe com todo o peso da Turing atrás de ti, porque talvez uma IA, em algum lugar, quis aumentar o fluxo de caixa. Algumas IAs têm cidadania, certo? Outra coisa que você tem que ficar de olho é que talvez seja um ICE-Breaker *militar*, e isso também é ruim. Ou, quem sabe, tenha saído de algum braço de espionagem industrial de uma zaibatsu, e você também não vai querer isso. Tá sacando a parada, Bobby?

Bobby concordou. Sentia-se como se tivesse esperado toda a vida para ouvir Beauvoir explicar o funcionamento de um mundo cuja existência, antes, era apenas imaginada.

– De toda forma, um ICE-Breaker que corte de verdade vale mega. Quer dizer, *beaucoup*. Então imagine que você seja o Rei da Cocada no mercado, e alguém vem e te oferece essa coisa, e você não vai querer mandar o cara passear. Então você compra. Você compra, bem na moita, mas não se pluga nela, não. O que faz? Leva pra casa, manda o seu técnico preparar o material pra ficar com cara de coisa bem comunzinha. Por exemplo, coloca ele em um formato como este – e tocou uma pilha de software que tinha diante de si –, e o leva pro seu garoto de recados, que, como sempre, está te devendo uns favores.

– Peraí – Bobby disse. – Acho que não estou gostando...

– Ótimo. É sinal de que tá ficando esperto. Ou, pelo menos, mais esperto. Porque foi isso que fizeram. Levaram a coisa ao seu simpático fornecedor de software, o sr. Two-a-Day, e contaram a ele o problema. “Amigão”, eles disseram, “queremos testar esta bosta, ver como funciona, mas de jeito nenhum vamos fazer isso em nós mesmos. Agora é com você, garoto.” Então, desse jeito, o que é que o Two-a-Day poderia fazer? Iria *se* plugar nela? De jeito nenhum. Ele apenas faz a mesma merda que os grandões fizeram com ele. Com a única diferença de que não ia se dar nem ao trabalho de explicar a parada ao cara com quem vai fazer isso. O que ele faz? Escolhe um banco de dados no Meio-Oeste que tá cheio de programas de evasão fiscal e fluxogramas de lavagem de ienes de

algum prostíbulo em Kansas City. Algo que qualquer um que não nasceu ontem *sabe* que vai estar cheio de ICE até o topo. Black ICE, o gelo negro. Programas de feedback totalmente letais. Não tem um cowboy, no Sprawl ou fora dele, que iria se meter a besta com aquele banco de dados. Primeiro, porque está cheio de defesas. Segundo, porque as coisas lá dentro não valem nada pra ninguém além da Receita Federal, e eles provavelmente já estão na folha de pagamento do dono.

– Ei – Bobby disse –, me explique isso direito.

– Estou *explicando* direito, garoto branco! Ele escolheu aquele banco de dados e então olhou na lista de hotdoggers, punks ambiciosos de Barrytown, wilsons burros o bastante pra usar um programa que nunca viram na vida contra um banco de dados que um palhaço como o Two-a-Day escolheu pra eles e disse que era moleza. E quem ele escolhe? Ele escolhe alguém novo no jogo, é claro. Alguém que nem ao menos sabe onde ele *mora*, nem ao menos tem o *número* dele. E ele diz, toma, cara, leva isso pra casa e descola uma graninha. Se conseguir alguma coisa que preste, eu arranjo quem compre! – Os olhos de Beauvoir estavam bem abertos. Não sorria. – Parece com alguém que conhece, cara? Ou você tenta não andar com perdedores?

– Quer dizer que ele sabia que eu ia morrer se me plugasse naquele banco de dados?

– Não, Bobby. Mas sabia que podia acontecer, se o pacote não funcionasse. O que ele queria, no duro, era assistir você tentar. O que não se deu ao trabalho de fazer ele mesmo, apenas pôs um par de cowboys nisso. Podia ter acontecido de dois modos. Digamos, se aquele ICE-Breaker tivesse feito sua mágica no Black ice, você teria entrado e encontrado um monte de números que não queriam dizer nada. Aí você voltaria, quem sabe sem deixar nenhum rastro. Bem, você teria ido ao Leon's e dito pro Two-a-Day que ele tinha escolhido os dados errados. Ah, ele pediria mil desculpas, com certeza, e você receberia um novo alvo e um novo ICE-Breaker, e ele levaria o primeiro de volta para o Sprawl e diria que parecia tudo bem. Enquanto isso, ficaria de olho em você só pra saber da sua saúde, ter certeza de que ninguém aparecia procurando o ICE-Breaker que achavam que você tinha usado. Outro jeito que podia

ter acontecido, o jeito como quase aconteceu, podia haver algo esquisito com o ICE-Breaker, o ICE podia ter fritado você até a morte, e um daqueles cowboys teria que arrombar a casa da sua mãe e pegar o software de volta antes que alguém encontrasse o corpo.

– Não sei, Beauvoir, isso é bem foda de...

– Foda, o cacete! A *vida* é foda. Quero dizer, estamos falando de *negócios*, sabe? – Beauvoir lançou um olhar severo, as armações plásticas bem baixas sobre o nariz fino. Tinha a pele mais clara que Two-a-Day e que o grandalhão, da cor de café com só um pingo de leite, a testa alta e suave debaixo da carapinha aparada rente. Parecia muito magro, dentro da túnica cinza de pele de tubarão, e Bobby não o achava nem um pouco ameaçador. – Mas nosso problema, o que nos trouxe aqui, a razão por que você está aqui, é descobrir o que *aconteceu*. E isso é outra coisa.

– Mas quer dizer que ele aprontou pra mim, que o Two-a-Day aprontou pra mim pra que eu fosse morto? – Bobby ainda estava na cadeira de rodas da Maternidade St. Mary, embora achasse que não precisava mais dela. – E ele está até o pescoço na merda com esses caras, esses figurões do Sprawl?

– Agora você pegou.

– E é por isso que ele estava agindo daquela forma, como se nem ligasse, ou como se me odiasse, certo? E ele está muito assustado?

Beauvoir concordou.

– E – Bobby disse, subitamente vendo o que havia deixado Two-a-Day tão puto, e por que estava assustado – porque me assaltaram, lá no Grande Playground, e aqueles lobes de merda me roubaram o deck! E o software deles ainda tava dentro! – Inclinou-se para a frente, empolgado por ter juntado as peças. – E esses caras vão matar o Two-a-Day, ou algo do tipo, a não ser que consiga pegar o software de volta, certo?

– Dá pra ver que você assiste muito kino – Beauvoir disse –, mas é mais ou menos isso, com certeza.

– Certo – Bobby disse, acomodando-se na cadeira de rodas e colocando os pés descalços na borda da mesa. – Bem, Beauvoir, *quem são* esses caras? Como é mesmo, hoonguns? Feiticeiros, você disse? Que porra isso quer dizer?

– Bem, Bobby – Beauvoir disse –, eu sou um, e o cara grande, que você pode chamar de Lucas, é o outro.

– Já deve ter visto um destes antes – Beauvoir disse, enquanto o homem que chamara de Lucas colocava um tanque de projeção na mesa, após ter, metodicamente, aberto um espaço para ele.

– Na escola – Bobby disse.

– Você vai à escola, cara? – Two-a-Day falou, ríspido. – Por que diabo não ficou lá? – Vinha fumando um cigarro atrás do outro desde que voltara com Lucas, e parecia em pior estado do que antes.

– Cala a boca, Two-a-Day – Beauvoir disse. – Um pouco de educação não te faria mal.

– Usavam um desses pra gente aprender a andar na matrix, a acessar coisas da biblioteca de papel, essa coisa e tal.

– Bom, então – Lucas disse, endireitando-se e sacudindo um pó imaginário das grandes palmas rosadas – chegou a usar um pra isso? Pra acessar livros de papel? – Tirou o paletó negro imaculado. A camisa branca impecável era atravessada por um par de finos suspensórios marrons, e ele havia afrouxado o nó da gravata preta, lisa.

– Não leio muito bem – Bobby disse. – Quer dizer, eu consigo, mas dá trabalho. Mas, sim, eu dei uma olhada nuns livros velhos de verdade na matrix e coisa e tal.

– Achei que havia mesmo – Lucas disse, conectando um tipo de deck pequeno ao console que formava a base do tanque. – Count Zero. *Interrupção Count Zero.* Velho jargão de programador. – Passou o deck para Beauvoir, que se pôs a inserir comandos.

Complexas formas geométricas começaram a surgir no tanque, alinhadas com planos quase invisíveis da grade tridimensional. Bobby percebeu que Beauvoir estava desenhando nas coordenadas de ciberespaço de Barrytown.

– Vamos dizer que esta pirâmide azul seja você, Bobby. Aqui está você. – Uma pirâmide azul começou a pulsar suavemente bem no centro do tanque. – Agora vamos te mostrar o que os cowboys do Two-a-Day viram, aqueles que estavam de olho em você. De agora em diante, vai ver uma gravação. – Uma linha tracejada de luz azul

se prolongou a partir da pirâmide, seguindo uma linha da grade. Bobby assistiu, vendo a si mesmo, sozinho, na sala de estar de sua mãe, o Ono-Sendai no colo, as cortinas puxadas, os dedos se movendo pelo deck.

– ICE-Breaker a caminho – Beauvoir disse. A linha de traços azuis alcançou a parede do tanque. Beauvoir tocou o deck e as coordenadas mudaram. Um novo conjunto de formas geométricas substituiu a primeira combinação. Bobby reconheceu o agrupamento de retângulos laranja no centro da grade.

– É esse mesmo – disse.

A linha azul avançou a partir da borda do tanque, a caminho do banco de dados laranja. Superfícies tênues de um laranja-fantasma cintilavam em torno dos retângulos, mudando e piscando, à medida que a linha se aproximava.

– Dá pra ver que tem algo errado ali – Lucas disse. – Isto é o ICE deles, e já estava alerta pra você. Te sacou bem antes de você chegar nele.

À medida que a linha de traços azuis tocava a superfície laranja em movimento, era cercada por um tubo laranja translúcido de diâmetro um pouco maior. O tubo começou a se esticar, percorrendo o caminho de volta, ao longo da linha, até que chegou à parede do tanque.

– Enquanto isso – disse Beauvoir –, lá em Barrytown... – Voltou a tocar o deck e agora a pirâmide azul de Bobby estava no centro. Bobby assistiu enquanto o tubo laranja surgia da parede do tanque de projeção, ainda seguindo a linha azul, e suavemente se aproximava da pirâmide. – Agora, neste ponto, você estava para começar a ficar bem morto, cowboy. – O tubo alcançou a pirâmide e superfícies laranja triangulares se fecharam, prendendo-a dentro. Beauvoir congelou a projeção.

– Agora – Lucas disse –, quando os ajudantes contratados do Two-a-Day, que são, justiça seja feita, um par de caras de console duros e experientes, quando eles viram o que você vai ver agora, cara, pensaram que os decks deles estavam prontos praquela grande revisão no céu. Como eram profissionais, tinham um console de reserva. Quando colocaram ele on-line, viram a mesma coisa. Foi nessa hora que acharam melhor ligar para o chefe deles, o sr.

Two-a-Day, que, como podemos ver por esta bagunça, estava para dar um festão...

– Cara – Two-a-Day disse, a voz apertada pelo pânico –, eu já disse. Tinha uns clientes que precisava entreter. Paguei aqueles garotos pra ficar de olho, eles ficaram de olho e me ligaram. Aí eu liguei pra vocês. O que mais vocês *querem*?

– Nossa propriedade – Beauvoir disse, suavemente. – Agora, olhe isto, bem de perto. Esta coisa é o que chamamos um fenômeno anômalo, sem brincadeira... – Voltou a tocar o deck, iniciando a reprodução.

Flores líquidas de um branco leitoso brotaram do chão do tanque. Bobby, inclinando-se para a frente, viu que pareciam ser formadas por milhares de minúsculas esferas ou bolhas, que, em seguida, se alinharam perfeitamente com a grade cúbica e se coagularam, formando uma estrutura assimétrica, mais volumosa em cima, uma coisa como um cogumelo de linhas retas. As superfícies, as facetas, eram brancas, perfeitamente lisas. A imagem dentro do tanque não era maior do que a mão aberta de Bobby, mas, para qualquer um conectado em um deck, teria sido gigantesca. A coisa soltou um par de chifres. Eles se alongaram, se curvavam, se tornaram pinças que se arquearam para agarrar a pirâmide. Ele viu as pontas se afundarem suavemente através dos planos tremeluzentes, alaranjados, do ICE do inimigo.

– Ela disse: “o que está fazendo?” – ele se ouviu dizer. – Aí me perguntou por que estavam fazendo aquilo, fazendo aquilo comigo, me matando e...

–Ah – Beauvoir disse, calmamente –, agora estamos chegando a algum lugar.

Não sabia para onde iam, mas estava feliz de se ver livre daquela cadeira. Beauvoir se abaixou para evitar uma lâmpada de estufa inclinada que pendia de dois fios em espiral. Bobby o seguiu, quase escorregando em uma poça de água coberta por uma película verde. Longe da clareira do sofá de Two-a-Day, o ar parecia mais denso. Havia um odor de estufa, de umidade e coisas crescendo.

– Então foi isso que aconteceu – Beauvoir disse. – Two-a-Day mandou uns amigos pra Covina Concourse Courts, mas você tinha

sumido. E o seu deck, também.

– Bem – Bobby disse –, então não acho que seja exatamente culpa dele. Quero dizer, se eu não tivesse ido pro Leon's, e estava justamente *procurando* o Two-a-Day, e pensando até em subir aqui, então ele teria me achado, certo?

Beauvoir se deteve por um momento, para admirar um frondoso pé de maconha em flor, esticando um fino indicador marrom para tocar suavemente as flores pálidas e incolores.

– É verdade – ele disse. – Mas é um assunto de *negócios*. Ele devia ter posto alguém pra vigiar sua casa durante a incursão, pra garantir que nem você, nem o software saíssem pra dar uma voltinha.

– Bem, ele mandou Rhea e Jackie pro Leon's, eu vi as duas lá. – Bobby levou a mão à gola do pijama preto e coçou a ferida fechada que cruzava o peito e a barriga. Então se lembrou da coisa parecida com uma centopeia que Pye usara como sutura, e rapidamente tirou a mão. Coçava, uma linha reta de coceira, mas não queria tocá-la.

– Não, Jackie e Rhea são nossas. Jackie é uma mambo, uma sacerdotisa, o cavalo de Danbala. – Beauvoir continuou a caminhar, seguindo o que Bobby supunha ser uma trilha pela floresta confusa de hidropônicos, embora não parecesse ir em nenhuma direção especial. Alguns dos arbustos maiores estavam plantados em sacos plásticos verdes de lixo inchados, cheios de húmus escuro. Muitos tinham estourado, e raízes pálidas buscavam novas fontes de nutrição nas sombras entre as lâmpadas de estufa, onde o tempo e a queda gradual das folhas conspiravam para produzir um adubo fino. Bobby calçava um par de sandálias de tiras de nylon pretas que Jackie encontrara para ele, mas já havia terra úmida entre os dedos de seus pés.

– Um cavalo? – perguntou a Beauvoir, desviando-se de uma coisa de aparência espinhosa que lembrava uma palmeira do avesso.

– Danbala cavalga ela, Danbala Wedo, a cobra. Outras vezes, ela é o cavalo de Aida Wedo, sua esposa.

Bobby achou melhor não perguntar mais. Tentou mudar de assunto:

– Como é que o Two-a-Day tem uma casa tão enorme? Pra que todas essas árvores e essas coisas? – Sabia que Jackie e Rhea o

haviam conduzido por uma porta, na cadeira da St. Mary, mas, desde então, não vira uma parede sequer. Também sabia que a arcologia cobria um determinado número de hectares; então era possível que o apartamento de Two-a-Day fosse mesmo bem grande, mas parecia difícil acreditar que um fornecedor de software, mesmo um bem esperto, pudesse se dar ao luxo de tanto espaço. *Ninguém* podia se dar ao luxo de tanto espaço. E por que alguém ia querer morar numa floresta hidropônica, cheia de água pingando?

O último derma estava perdendo o efeito, e as costas e o peito começavam a queimar e a doer.

– Figueiras, tamujos... Todo este andar dos Projetos é um *lieu saint*, um lugar santo. – Beauvoir tocou no ombro de Bobby e apontou algumas tiras retorcidas de duas cores, pendendo dos ramos de uma árvore próxima. – As árvores são consagradas a diferentes loa. Aquela é para Ougou, Ougou Feray, o deus da guerra. Tem um monte de outras coisas plantadas aqui, ervas que os fitoterapeutas precisam, e algumas só para diversão. Mas isto não é do Two-a-Day, é da comunidade.

– Quer dizer que todo o Projeto está nisto? Todo mundo gosta de vodu e essas coisas? – Era pior do que as fantasias mais negras de Marsha.

– Não, cara! – e Beauvoir riu. – Tem uma mesquita no topo, e uns dois ou dez mil batistas espalhados, alguns da igreja da cien… O de sempre. Mesmo assim – ele sorriu –, somos *nós* os que têm a tradição de *conseguir* as coisas... Mas como isto começou, este andar, foi há muito tempo. As pessoas que projetaram estes lugares, uns oitenta, cem anos atrás, queriam que fossem o mais autossuficientes possível. Queriam fazer com que plantassem a comida. Com que fizessem o próprio aquecimento, gerassem energia, o que quer que fosse. Este aqui, se você perfurar fundo o bastante, está em cima de um monte de água geotérmica. É quente pra caramba lá embaixo, mas não quente o bastante pra fazer um motor girar, então não vai gerar nada de energia. Tentaram gerar energia, lá no telhado, com uns cem rotores Darrieus, esses que o pessoal chama de batedor de ovos. Montaram uma fazenda eólica, entende? Hoje recebem a maior parte dos watts do Departamento de Fissão, que nem todo mundo. Mas aquela água geotérmica, eles

bombeiam prum trocador de calor. É salgada demais pra beber, então no trocador ela só esquenta a água de torneira comum de Jersey, que, de toda forma, a maioria das pessoas também não vai beber.

Finalmente, estavam se aproximando de um tipo de parede. Bobby olhou para trás. Poças rasas, no chão de concreto enlameado, refletiam os ramos de árvores-anãs, as raízes pálidas e nuas vagueando em tanques improvisados de fluido hidropônico.

– Aí bombeiam a água aquecida pra tanques onde criam um monte de camarão. Camarão cresce bem rápido na água quente. Então bombeiam por tubos no concreto, aqui pra cima, pra manter o lugar quente. Era pra isso que este andar servia, pra plantar amaranto hidropônico, alface, coisas assim. Aí bombeiam ela pra fora, para os tanques de bagres, e as algas comem a bosta dos camarões. Os bagres comem as algas, e tudo começa de novo. Ou, pelo menos, essa era a ideia. Acho que não pensaram que alguém ia subir no teto e arrancar aqueles rotores Darrieus pra abrir espaço pra uma mesquita, e também não pensaram num monte de outras coisas que mudaram. Então acabamos ficando com este espaço. Mas você ainda consegue uns camarões bons pra caramba nos Projetos... E bagre, também.

Chegaram à parede. Era feita de vidro, cheio de gotas de condensação. Alguns centímetros depois havia outra parede, feita do que parecia ser chapa de aço enferrujada. Beauvoir tirou um tipo qualquer de chave de um bolso na túnica de pele de tubarão. Daí, a enfiou em uma abertura numa barra metálica que dividia a janela em dois painéis. Em algum lugar próximo, um motor foi acionado. A grande persiana de aço girou para cima e para fora, movendo-se aos trancos, para revelar uma vista que Bobby imaginara diversas vezes.

Deviam estar próximos do topo, bem alto nos Projetos, porque ele conseguia tapar a vista do Grande Playground com as duas mãos. Os prédios de apartamentos de Barrytown pareciam um tipo de fungo cinza e esbranquiçado, indo até o horizonte. Estava quase de noite. Podia distinguir um brilho rosado, depois da última faixa de blocos de apartamentos.

– Aquilo ali é o Sprawl, não é? A coisa cor-de-rosa.

– Isso mesmo. Mas quanto mais de perto você olha, menos bonito fica. Quer ir lá, Bobby? O Count Zero está pronto para o Sprawl?

– Ah, sim – Bobby disse, as palmas contra o vidro suado. – Você não tem ideia... – O derma já havia perdido todo o efeito, e as costas e o peito doíam como nunca.

14

VOO NOTURNO

Quando a noite chegou, Turner reencontrou o limite.

Parecia que não o visitava há um bom tempo, mas quando se encaixou, era como se nunca tivesse saído de lá. Era uma rede sobre-humana de fluxos sincronizados, de que os estimulantes apenas se aproximavam. Podia atingi-lo apenas no local de uma grande deserção, uma em que estivesse no comando, e, ainda assim, só nas horas finais, antes da ação de verdade.

Mas fazia muito tempo. Em Nova Delhi atuara apenas verificando possíveis rotas de fuga para um executivo que não tinha certeza de que a recolocação era o que desejava. Se estivesse trabalhando no limite, na noite em Chandni Chauk, talvez tivesse conseguido escapar da coisa. Provavelmente não, mas o limite teria mandado tentar.

Agora, o limite permitia que ele confrontasse os fatores com que tinha de lidar no local, equilibrando grupos de pequenos problemas em relação a problemas isolados maiores. Até o momento, tinha havido um monte dos pequenos, mas nenhuma realmente grande. Lynch e Webber estavam começando a se estranhar, por isso havia dado um jeito para que ficassem separados. Sua convicção de que Lynch era um infiltrado de Conroy, instintiva desde o começo, estava mais forte agora. Os instintos ficavam mais aguçados no limite; as coisas ficavam meio mágicas. Nathan estava tendo problemas com os aquecedores de mão suecos de baixa tecnologia: qualquer coisa mais simples que um circuito eletrônico o deixava confuso. Turner colocou Lynch para trabalhar nos aquecedores, fazendo o abastecimento e preparação, e deixou Nathan transportá-los, dois

de cada vez, e enterrá-los em buracos rasos, a intervalos de um metro, ao longo das duas linhas compridas de fita laranja.

O microsoft que Conroy lhe enviara preenchia sua cabeça com um universo de fatores em constante mutação: velocidade do ar, altitude, atitude, ângulo de ataque, forças-G, coordenadas. O sistema de informações de lançamento de armas do avião era uma litania subliminar constante de designadores de alvos, linhas de queda de bombas, círculos de busca, dados de alcance e desprendimento, contagens de armamentos. Conroy marcara o microsoft com uma mensagem simples, delineando o horário de chegada do avião e confirmando as providências para haver espaço para um só passageiro.

Imaginava o que Mitchell estaria fazendo, sentindo. As instalações da Maas Biolabs na América do Norte estavam entalhadas no coração de uma chapada íngreme, uma plataforma de rocha que se elevava do chão do deserto. O dossiê do biosoft havia mostrado a Turner o paredão da chapada, cortada por janelas iluminadas ao anoitecer. Encimava os braços erguidos de um mar de cactos saguaro como a casa do leme de um navio gigante. Para Mitchell, havia sido prisão e fortaleza, seu lar por nove anos. Em algum lugar próximo ao núcleo, ele aperfeiçoara as técnicas de hibridoma que frustraram outros pesquisadores por quase um século. Trabalhando com células de câncer humano e um modelo negligenciado, quase esquecido, de síntese de DNA, havia gerado as células híbridas imortais que eram as ferramentas básicas de produção da nova tecnologia, fábricas bioquímicas minúsculas, eternamente gerado as moléculas artificiais que, conectadas entre si, constituíam os biochips. Em algum lugar na arcologia da Maas, Mitchell estaria passando por suas últimas horas como principal pesquisador da firma.

Turner tentou imaginar Mitchell levando uma vida muito diferente depois da deserção para a Hosaka, mas achou difícil. Será que uma arcologia de pesquisa no Arizona era muito diferente de uma em Honshu?

Houve horas, durante o longo dia, em que as memórias codificadas de Mitchell haviam emergido dentro dele, preenchendo-

o com um estranho temor que não parecia ter nada a ver com a operação em curso.

Era a intimidade da coisa que ainda o perturbava, e talvez a sensação de medo viesse disso. Certos fragmentos pareciam ter um poder emocional completamente fora de proporção ao conteúdo. Por que a recordação de um corredor qualquer em um dormitório sujo de estudantes de Cambridge o encheria de um sentimento de culpa e de aversão a si mesmo? Outras imagens, que pela lógica deveriam transmitir uma carga emocional, tinham um efeito estranhamente neutro: Mitchell brincando com a filhinha sobre um tapete de lã clara em uma casa alugada em Genebra, a menina rindo, puxando sua mão. Nada. A vida do homem, do ponto de vista de Turner, parecia marcada por certa inevitabilidade: ele era brilhante, um brilhantismo detectado desde cedo, altamente motivado, talentoso no tipo de manipulação levemente inescrupulosa do ambiente empresarial que se exigia de alguém que pretendesse se tornar um cientista-pesquisador de alto nível. Se havia alguém destinado a galgar as hierarquias laboratoriais-corporativas, Turner concluiu, seria Mitchell.

O próprio Turner era incapaz de se integrar ao mundo profundamente tribal dos homens-zaibatsu, os funcionários de carreira. Era um forasteiro perpétuo, um fator imprevisível à deriva nos mares secretos da política entre corporações. Nenhum homem corporativo seria capaz de tomar as iniciativas que Turner precisava tomar durante uma extração. Nenhum homem corporativo tinha a naturalidade profissional de Turner para realinhar lealdades a fim de se adaptar a uma mudança de empregador. Ou, talvez, de seu comprometimento inabalável, uma vez que tivesse firmado um contrato. Havia sido levado a trabalhar em segurança no final da adolescência, quando a implacável estagnação da economia do pós-guerra começava a ceder espaço ao ímpeto das novas tecnologias. Até que havia se dado bem em segurança, considerando-se sua falta de uma ambição maior. Tinha uma pose musculosa e bem definida que impressionava os clientes de seus contratantes. E era inteligente, muito inteligente. As roupas lhe caíam bem. Tinha jeito com tecnologia.

Conroy o encontrara no México, onde o empregador de Turner havia sido contratado para fornecer segurança a uma equipe de simstim da Sense/Net que estava gravando uma série de segmentos de trinta minutos para um seriado de aventuras na selva. Quando Conroy chegou, Turner estava terminando de tomar suas providências. Estabelecera um diálogo entre a Sense/Net e o governo local, subornara o chefe de polícia da cidade, analisara o sistema de segurança do hotel, travara contato com guias e motoristas da área e revisara suas fichas e currículos com cautela redobrada. Providenciara proteção de voz digital para os transceptores da equipe de simstim, estabelecera uma equipe de gerenciamento de crises e implantara sensores sísmicos em torno do conjunto de suítes da Sense/Net.

Havia entrado no bar do hotel, um prolongamento em jardim-floresta do saguão, e encontrara um lugar em uma das mesas com tampo de vidro. Um homem pálido, com um topete de cabelo branco, descolorido, atravessou o bar com uma bebida em cada mão. A pele pálida estava repuxada sobre feições ossudas e uma testa alta. Vestia uma camisa militar caprichosamente passada sobre uma calça jeans, e sandálias de couro.

– Você cuida da segurança para aqueles garotos do simstim – o homem pálido disse, colocando uma das bebidas na mesa de Turner. – Alfredo me disse. – Alfredo era um dos barmen do hotel.

Turner olhou para o homem, que estava claramente sóbrio e parecia ter toda a confiança do mundo.

– Acho que não fomos apresentados – Turner disse, sem fazer o menor gesto de aceitar a bebida oferecida.

– Não importa – Conroy disse, pegando um lugar à mesa. – Estamos no mesmo negócio. – Ele se sentou.

Turner o encarou. Tinha um aspecto de guarda-costas, algo de impaciente e atento gravado nas linhas do corpo, e poucos estranhos se mostrariam tão à vontade ao violar o espaço pessoal de Turner.

– Sabe – o homem disse, do jeito que alguém comentaria sobre um time que não estivesse muito bem no campeonato –, esses sensores sísmicos que está usando não são lá muito bons. Conheço gente que podia entrar aqui andando, comer os seus garotos no

café da manhã, empilhar os ossos no box do chuveiro e sair assobiando, na maior tranquilidade. E esses sísmicos não acusariam nada. – Tomou um gole de bebida. – Mas você ganha nota dez pelo esforço. Sabe como fazer um trabalho.

A expressão “empilhar os ossos no box do chuveiro” foi o bastante. Turner decidiu remover o homem pálido.

– Olhe, Turner, eis a sua grande estrela. – O homem sorriu para Jane Hamilton, que sorriu de volta, os grandes olhos azuis límpidos e perfeitos, cada íris cercada pelas minúsculas letras douradas do logotipo da Zeiss Ikon. Turner ficou paralisado, enredado numa indecisão de fração de segundo. A estrela estava perto, perto demais, e o homem pálido estava se levantando... – Bom conhecer você, Turner – ele disse. – Vamos nos encontrar mais cedo ou mais tarde. Siga o meu conselho sobre os sísmicos; reforce com um perímetro de alarmes. – E então ele se virou e foi embora, os músculos se movendo com facilidade debaixo do tecido ondulado da camisa bege.

– Isso é ótimo, Turner – Hamilton disse, ocupando o lugar do estranho.

– É? – Turner observou enquanto o homem se perdia na confusão do saguão lotado, entre turistas de pele corada.

– Parece que você nunca conversa com as pessoas. Sempre parece que está traçando um perfil delas, preparando um relatório. É ótimo ver você fazendo amigos, pra variar.

Turner olhou para ela. Tinha vinte anos, quatro a menos que ele, e ganhava cerca de nove vezes o seu salário anual em uma semana. Era loira, o cabelo cortado curto para o papel no seriado, bem bronzeada, e parecia iluminada por lâmpadas solares por dentro do corpo. Os olhos azuis eram instrumentos ópticos inumanamente perfeitos, criados em tanques no Japão. Era tanto atriz como câmera, os olhos valiam milhões de neoienes, e, na hierarquia das estrelas da Sense/Net, mal entrava em último lugar.

Sentou-se com ela no bar, até que a atriz tivesse terminado duas bebidas, então a acompanhou de volta para o conjunto de suítes.

– O que acha de entrar para outra bebida, Turner?

– Não – ele respondeu. Era a segunda noite que ela fazia a oferta, e ele pressentia que seria a última. – Tenho que checar os sísmicos.

Mais tarde, naquela noite, telefonou para Nova York pedindo o número de uma empresa na Cidade do México que pudesse fornecer alarmes para o perímetro do conjunto de suítes.

Uma semana depois, porém, Jane e outros três, metade do elenco do seriado, estavam mortos.

– Estamos prontos para empurrar os médicos – Webber disse. Turner notou que ela estava usando luvas de couro marrom sem dedos. Ela trocara os óculos de sol por óculos de tiro de vidro cristal, e havia uma pistola em seu quadril. – Sutcliffe está monitorando o perímetro com os remotos. Vamos precisar de todos os outros pra passar aquela droga pelos arbustos.

– Precisa de mim?

– Ramirez disse que não pode fazer nada que exija muito esforço tão próximo de se plugar. Pra mim, ele é só um merdinha preguiçoso de Los Angeles.

– Não – Turner disse, levantando-se de seu lugar na rocha –, ele está certo. Se torcer o pulso, estamos fodidos. Mesmo algo tão pequeno que nem ele consiga sentir pode afetar a velocidade dele...

Webber deu de ombros.

– É. Bom, ele está de volta na casamata, descansando as mãos no último resto de água que temos e assobiando para si mesmo, então acho que não vamos ter problema.

Quando chegaram à unidade de cirurgia, Turner automaticamente contou as cabeças. Sete. Ramirez estava na casamata; Sutcliffe estava em algum lugar no labirinto de blocos de concreto, monitorando os sentinelas remotos. Lynch tinha um laser Steiner-Optic pendurado no ombro direito, um modelo compacto com uma coronha pequena e dobrável de metal, baterias integradas formando uma empunhadura gorda debaixo da carcaça de titânio cinza que fazia as vezes de cano da arma. Nathan usava um macacão preto, botas pretas de paraquedista militar, cobertas por uma película de pó claro, e óculos bulbosos como olhos de inseto, parte do equipamento de amplificação de imagem, pendurados por uma correia, sob o queixo.

Turner tirou os óculos escuros mexicanos, enfiou-os em um bolso na camisa de trabalho azul e abotoou a aba.

– Como vão as coisas, Teddy? – perguntou a um homem encorpado de um metro e oitenta, com cabelos castanhos cortados rente.

– Tudo ótimo – Teddy disse, com um sorriso dentuço.

Turner observou os outros três membros da equipe do local, cumprimentando com a cabeça um a um: Compton, Costa, Davis.

– Chegando na reta final, hein? – Costa perguntou. Tinha um rosto redondo e úmido, e uma barba fina, aparada com capricho. Como Nathan e os outros, estava vestido de preto.

– Bem perto – Turner disse. – Tudo tranquilo até agora.

Costa concordou.

– Estamos a trinta minutos do horário estimado de chegada – Turner disse.

– Nathan, Davis – Webber disse –, soltem o tubo de esgoto. – Ela passou a Turner um dos conjuntos de ponto eletrônico Telefunken. Já o removera do saco-bolha. Ela também colocou um, retirando o revestimento plástico do microfone de garganta autoadesivo e esfregando a peça no lugar, sobre o pescoço queimado de sol.

Nathan e Davis se moviam nas sombras por trás do módulo. Turner ouviu Davis xingar em voz baixa.

– Merda – Nathan disse –, não tem uma tampa pra ponta do tubo. – Os outros riram.

– Deixa assim – Webber disse. – Comecem a trabalhar nas rodas. Lynch e Compton, desengatem os macacos.

Lynch tirou do cinto uma parafusadeira elétrica, com formato de pistola, e se agachou por baixo da unidade de cirurgia. Ela oscilava agora, a suspensão rangendo suavemente: os médicos estavam andando lá dentro. Turner ouviu um choro breve e agudo de alguma peça de maquinário interno, e logo depois o murmúrio da parafusadeira de Lynch, enquanto preparava os macacos.

Colocou seu ponto eletrônico e grudou o microfone de garganta ao lado da laringe.

– Sutcliffe? Confere?

– Tudo bem – o australiano disse, uma vozinha que parecia vir da base do crânio.

– Ramirez?

– Alto e claro...

Oito minutos. Estavam empurrando o módulo sobre os dez pneus gordos. Turner e Nathan estavam na parte frontal, dirigindo; Nathan estava com os óculos amplificadores. Mitchell viria na lua nova. O módulo era pesado, absurdamente pesado, e quase impossível de dirigir.

– É como equilibrar um caminhão em cima de dois carrinhos de compras – Nathan disse para si mesmo.

A região lombar de Turner começava a lhe causar problemas. Não estava totalmente bem desde Nova Delhi.

– Parem – Webber disse, da terceira roda da esquerda. – Estou presa em uma maldita pedra...

Turner soltou sua roda e se endireitou. Os morcegos haviam saído em massa esta noite, coisas bruxuleantes contra a abóbada do céu estrelado do deserto. Houvera morcegos no México, na selva, morcegos frugívoros que dormiam nas árvores acima do conjunto de suítes onde a equipe da Sense/Net dormia. Turner trepara naquelas árvores, amarrara os galhos pendentes com segmentos esticados de monofilamento molecular, metros de lâminas invisíveis para um intruso desprevenido. Mas Jane e os outros morreram mesmo assim, explodidos em uma encosta nas montanhas próximas a Acapulco. Problema com um sindicato, alguém disse depois, mas na verdade nada foi determinado além de que tinha sido uma carga de um tipo primitivo de mina terrestre, uma claymore, seu posicionamento e o local de onde fora detonada. Turner escalara a colina pessoalmente, suas roupas cobertas de sangue, e vira o ninho de vegetação rasteira esmagada onde os assassinos haviam esperado, a chave-faca e a bateria automotiva corroída. Encontrara os tocos de cigarros enrolados à mão e a tampa de uma garrafa de cerveja Bohemia, brilhante e nova.

O seriado teve que ser cancelado, e a equipe de gerenciamento de crises fez o trabalho burocrático, providenciando a remoção dos corpos e a repatriação dos sobreviventes do elenco e da equipe técnica. Turner estava no último avião a sair, e, depois de oito uísques no saguão do aeroporto de Acapulco, vagueou, meio cego, para dentro da área central de venda de passagens e encontrou um homem chamado Buschel, um tecnocrata do complexo de Los Angeles da Sense/Net. Buschel estava pálido debaixo do bronzeado

de Los Angeles, o terno de linho riscado, flácido com o suor. Carregava uma maleta comum de alumínio, como uma maleta de câmera, as laterais baças de condensação. Turner olhou para o homem, olhou para a maleta suada, com decalques de advertência vermelhos e brancos e adesivos compridos explicando as precauções necessárias ao transporte de materiais em armazenagem criogênica.

– Meu Deus – Buschel disse ao percebê-lo –, Turner. Sinto muito, cara. Cheguei esta manhã. Porra de negócio hediondo. – Pegou um lenço empapado do bolso do paletó e enxugou o rosto. – Serviço feio. Nunca tive que fazer um desses antes...

– O que tem na mala, Buschel? – Agora estava muito mais próximo, embora não se lembrasse de ter saído do lugar. Podia ver os poros no rosto bronzeado de Buschel.

– Tudo bem, cara? – Buschel deu um passo para trás. – Parece mal.

– O que tem na mala, Buschel? – O linho riscado preso em seu punho, as juntas dos dedos, brancas, e tremendo.

– Que droga, Turner – o homem se soltou, a alça da maleta apertada nas duas mãos, agora. – Não sofreram danos. Só uma esfoladinha em uma das córneas. *São da Net. Estava no contrato dela, Turner.*

E ele se afastara, as entranhas reviradas em volta de oito copos de scotch puro, e lutara contra a náusea. E continuou a lutar contra ela, manteve-a afastada durante nove anos, até que, em seu retorno do Holandês, todas as recordações daquilo o atingiram em Londres e ele se curvou para a frente, sem deter sua caminhada por mais outro corredor, e vomitou em um cesto de lixo plástico azul.

– Vamos lá, Turner – Webber disse. – Bote a espinha nisso. Mostra pra gente como é que se faz. – O módulo começou a se arrastar para a frente de novo, em meio ao cheiro de alcatrão das plantas do deserto.

– Pronto aqui – Ramirez disse, a voz distante e calma.

Turner tocou o microfone de garganta.

– Estou mandando companhia pra você. – Tirou o dedo do microfone. – Nathan, está na hora. Você e Davis, voltem pra

casamata.

Davis estava encarregado do equipamento de rajadas, única ligação deles, fora da matrix, com a Hosaka. Nathan era o mágico dos consertos. Lynch estava empurrando a última das rodas de bicicleta para um arbusto, depois do estacionamento. Webber e Compton estavam ajoelhados ao lado do módulo, conectando a linha que ligaria os médicos da Hosaka ao biomonitor Sony no posto de comando. Com as rodas removidas, abaixada e nivelada com quatro macacos, a unidade portátil de neurocirurgia voltou a lembrar Turner do módulo de férias francês. Aquela fora uma viagem muito posterior, quatro anos depois de Conroy recrutá-lo em Los Angeles.

– Como estão as coisas? – Sutcliffe perguntou, através do link.

– Tudo bem – Turner disse, tocando o microfone.

– Estou sozinho aqui – Sutcliffe disse.

– Compton – Turner disse –, Sutcliffe precisa de ajuda pra cobrir o perímetro. Você também, Lynch.

– Que pena – Lynch disse, do escuro. – Esperava ver um pouco da ação.

A mão de Turner estava sobre a coronha do Smith & Wesson enfiado no coldre, sob a aba aberta do casaco.

– Agora, Lynch. – Se Lynch fosse o infiltrado de Conroy, iria querer ficar aqui. Ou na casamata.

– Merda – Lynch disse. – Não tem ninguém lá fora, e você sabe disso. Se não quer que fique aqui, vou entrar e ficar de olho em Ramirez.

– Certo – Turner disse, e sacou a arma, apertando o botão que ativava o projetor de xenônio. A primeira piscada do feixe estreito de luz de xenônio, brilhante como o sol do meio-dia, encontrou um saguaro retorcido, os espinhos como tufos de pelo cinza debaixo da luz inclemente. O segundo iluminou o crânio com pontas no cinto de Lynch, emoldurando-o em um círculo de borda bem definida. O som do disparo e o som da bala detonando no impacto foram indistinguíveis, ondas de concussão emanando em anéis invisíveis, cada vez maiores, na terra plana escura, como um trovão.

Nos primeiros segundos depois disso não houve nenhum som. Mesmo os morcegos e os insetos ficaram em silêncio, aguardando. Webber havia se jogado, deitada, nos arbustos. De alguma forma,

Turner agora percebia a presença dela ali. Sabia que a arma dela estava fora do coldre, segura com absoluta firmeza nas mãos hábeis e morenas. Não tinha ideia de onde Compton estava. Então a voz de Sutcliffe surgiu através do ponto eletrônico do fundo do crânio:

– Turner. O que foi isso?

Agora havia luz das estrelas o suficiente para distinguir Webber. Estava sentada, a arma nas mãos, pronta, os cotovelos em torno dos joelhos.

– Ele era o infiltrado de Conroy – Turner disse, abaixando o Smith & Wesson.

– Meu Deus – ela disse. – Eu sou a infiltrada de Conroy.

– Ele tinha uma linha externa. Já vi antes.

Ela teve que repetir.

A voz de Sutcliffe em sua cabeça e, logo depois, Ramirez:

– Temos o transporte. Oitenta quilômetros e se aproximando... Tudo o mais parece bem. Jaylene disse que tem um dirigível a vinte quilômetros sul-sudoeste, um cargueiro não tripulado e bem no horário. Mais nada. Que merda que Sutcliffe está gritando? Nathan disse que ouviu um tiro. – Ramirez estava plugado, a maior parte do seu sensorium ocupada com os dados do deck Maas-Neotek. – Nathan está pronto para a primeira rajada...

Turner já podia ouvir o jato manobrando, freando para o pouso na rodovia. Webber estava de pé e vindo em sua direção, a arma na mão. Sutcliffe repetia a mesma pergunta, sem parar.

Ele ergueu a mão e tocou o microfone de garganta.

– Lynch. Está morto. O jato está aqui. Isso é tudo.

E logo o jato estava sobre eles, uma sombra negra, incrivelmente baixa, chegando com as luzes apagadas. Houve um brilho de retropropulsores quando o veículo executou um pouso que teria matado um piloto humano, e depois um rangido bizarro enquanto reajustava sua estrutura articulada de fibra de carbono. Turner conseguia distinguir o brilho verde da instrumentação, refletido na curva da capota plástica.

– Você fodeu com tudo – Webber disse.

Por trás dela, a escotilha na lateral do módulo de cirurgia se abriu, emoldurando uma figura mascarada em um traje anticontaminação

de papel verde. A luz de dentro era branco-azulada, brilhante, lançando uma sombra distorcida do médico uniformizado através da fina nuvem de pó em suspensão que o pouso do jato fizera pairar sobre o estacionamento.

– Fecha! – Webber gritou. – Ainda não!

Enquanto a porta descia, obstruindo a luz, eles dois ouviram o motor do ultraleve. Depois do rugido do jato, não parecia mais do que o zumbido de uma libélula, um som constante que falhou e se desvaneceu enquanto o ouviam.

– Está com o tanque seco – Webber disse. – Mas está perto.

– Está aqui – Turner disse, apertando o microfone de garganta. – Primeira rajada.

O minúsculo aeroplano sussurrou ao passar por eles, um triângulo escuro contra as estrelas.

Dava para ouvir algo tremulando no vento de sua passagem silenciosa, talvez uma das pernas das calças de Mitchell.

“Você está aí em cima”, Turner pensou, “completamente sozinho, nas roupas mais quentes que tem, usando um par de óculos infravermelhos que você mesmo fez, e procurando um par de linhas tracejadas marcadas com aquecedores de mão.”

– Seu louco de merda – disse, o coração se enchendo de uma estranha admiração. – Você queria sair mesmo.

Então o primeiro foguete luminoso subiu, com uma pequena explosão festiva, e o brilho do magnésio começou sua lenta descida branca de paraquedas em direção ao chão do deserto. Quase imediatamente vieram mais dois, junto com o longo matraquear de armas automáticas, a partir da ponta oeste do shopping. A periferia de sua mente tomou conhecimento de Webber tropeçando em meio aos arbustos, na direção da casamata, mas seus olhos estavam fixos no ultraleve que fazia uma curva, nas asas de tecido alegre laranja e azul, e no vulto de óculos que se acocorava na estrutura aberta de metal, acima do frágil tripé do trem de aterrissagem.

Mitchell.

O estacionamento brilhava como um campo de futebol, sob os foguetes luminosos que caíam ao sabor do vento. O ultraleve se inclinou e virou para o lado com uma delicadeza preguiçosa que

fazia Turner querer gritar. Uma linha de traçadores foi esguichada em um arco branco além do perímetro do local. Erraram.

“Desce. Desce.” Estava correndo, saltando sobre moitas que agarravam seus tornozelos, na altura da bainha do casaco.

Os foguetes. A luz. Mitchell agora não poderia usar os óculos, não conseguiria ver o brilho infravermelho dos aquecedores de mão. Estava pousando atravessado na pista. A roda do nariz ficou presa em alguma coisa e o ultraleve capotou, amassando-se, uma borboleta dilacerada, e então descansou em sua própria nuvem branca de pó.

O brilho da explosão pareceu alcançá-lo um instante antes do som, projetando sua sombra adiante, sobre uma moita pálida. A onda de choque o apanhou e o jogou no chão. Enquanto caía, viu o módulo de cirurgia despedaçado em uma bola de chamas amarelas e soube que Webber usara o foguete antitanque. Logo voltou a se levantar, andando, correndo, a arma na mão.

Alcançou os destroços do ultraleve de Mitchell no mesmo instante em que o primeiro foguete luminoso morria. Outro surgiu do nada e desabrochou no céu. O som dos disparos agora era contínuo. Arrastou-se sobre uma chapa torcida de metal enferrujado e encontrou o vulto esparramado do piloto, a cabeça e o rosto ocultos por um capacete improvisado e um equipamento de visão de aspecto rudimentar. Os óculos prendiam-se ao capacete com faixas prateadas, baças, de fita isolante. Os braços e pernas torcidos estavam acolchoados em camadas de roupas escuras.

Turner assistiu enquanto suas mãos arrancavam a fita, destroçavam os óculos infravermelhos; mãos que eram criaturas distantes, coisas submarinas pálidas que tinham uma vida própria muito lá embaixo, no fundo de alguma fossa impensável do Pacífico, e assistiu enquanto elas arrancavam freneticamente a fita, os óculos, o capacete. Até que tudo saiu, e o longo cabelo castanho, molhado de suor, caiu sobre o rosto branco da garota, transformando em uma mancha o delgado fio de sangue escuro que corria de uma narina, e os olhos dela se abriram, revelando brancos vazios, e ele, de alguma forma, a erguia, punha-a sobre os ombros e, cambaleando, movia-se no que esperava ser a direção do jato.

Sentiu a segunda explosão nas solas dos sapatos, e visualizou o sorriso idiota na massa de explosivo plástico sobre o deck de ciberespaço de Ramirez. Não houve brilho, apenas o som e o impacto da onda de choque através do concreto do estacionamento.

E, em seguida, estava na carlinga, respirando o cheiro de carro novo de monômeros de cadeia longa, o odor familiar de tecnologia recém-criada, e a garota estava por trás dele, uma boneca desajeitada esparramada no abraço da rede-G que Conroy pagara a um traficante de armas de San Diego para instalar, por trás da rede do piloto. O avião vibrava, uma coisa viva, enquanto ele se torcia para dentro de sua própria rede, apalpava procurando o cabo de interface, encontrava-o, arrancava o microsoft do soquete craniano e enfiava o conector do cabo no lugar.

O conhecimento se acendeu dentro dele como uma máquina de fliperama, e ele se sentiu jogado para a frente com a aerodinâmica do jato, sentindo a estrutura flexível se remoldar para o salto enquanto a capota gemia suavemente para baixo, sobre os servomecanismos. A rede-G o envolveu todo, travando rigidamente seus membros, a arma ainda em sua mão.

– Vai, filho da puta! – Mas o jato já sabia, e a força-G o esmagou na escuridão.

– Você perdeu a consciência – o avião disse. O chip de voz soava vagamente como Conroy.

– Quanto tempo?

– Trinta e oito segundos.

– Onde estamos?

– Sobrevoando Nagos. – O visor na capota se iluminou, uma dúzia de números mudando constantemente debaixo de um mapa simplificado da divisa Arizona–Sonora.

O céu ficou branco.

– Que foi isso?

Silêncio.

– Que foi isso?

– Os sensores indicam uma explosão – o avião respondeu. – A intensidade indica uma ogiva nuclear tática, mas não houve pulso eletromagnético. O centro da destruição foi nosso ponto de partida.

A incandescência branca se enfraqueceu e desapareceu.

– Cancelar curso – ele disse.

– Cancelado. Quais as novas coordenadas?

– Boa pergunta – Turner disse. Não conseguia virar a cabeça para olhar a garota. Imaginava se já estaria morta.

15

CAIXA

Marly sonhou com Alain, o crepúsculo em um campo de flores silvestres. Ele apoiava a cabeça dela com a mão e, em seguida, fazia um carinho e quebrava-lhe o pescoço. Mantinha-se deitada, imóvel, mas sabia o que ele estava fazendo. Beijava-a por todo o corpo. Ele pegou o dinheiro dela e as chaves do quarto. Agora as estrelas eram enormes, fixas sobre os campos iluminados, e ela ainda conseguia sentir as mãos dele no pescoço...

Acordou para uma manhã que cheirava a café e viu os quadrados de sol estendidos sobre os livros na mesa de Andrea. Ouviu o som, reconfortante e familiar, da tosse matutina de Andrea enquanto a amiga acendia o primeiro cigarro no queimador frontal do fogão. Livrou-se das cores sombrias do sonho e sentou-se no sofá de Andrea, abraçando o edredom vermelho-escuro em volta dos joelhos. Depois de Gnass, da polícia e dos repórteres, ela nunca mais sonhara com ele. Ou, se sonhara, imaginava que, de alguma forma, havia censurado os sonhos, apagando-os antes de acordar. Tremia, embora a manhã já estivesse quente, e entrou no banheiro. Não queria mais sonhos com Alain.

– Paco me contou que Alain estava armado quando nos encontramos – ela disse quando Andrea lhe passou a caneca de café esmaltada de azul.

– Alain armado? – Andrea cortou o omelete e empurrou metade para o prato de Marly. – Que ideia maluca. Seria como... como dar uma arma a um pinguim. – As duas riram. – Alain não é desse tipo – Andrea prosseguiu. – Iria dar um tiro no pé no meio de algum discurso inflamado sobre o estado da arte e o valor da conta do

jantar. Ele é um grande merda, Alain, mas isso não é lá novidade. Se fosse você, gastaria um pouco mais de tempo me preocupando com esse Paco. Que razão tem para acreditar que ele trabalha para Virek? – Ela deu uma mordida no omelete e pegou o sal.

– Eu vi. Ele estava lá no constructo de Virek.

– Você viu alguma coisa. Só uma imagem, a imagem de uma criança, que só parecia com esse homem.

Marly assistiu enquanto Andrea comia metade do omelete, a sua própria metade esfriando no prato. Como poderia explicar, sobre a sensação que teve ao sair do Louvre? A certeza de que algo agora a cercava, monitorando-a de forma precisa, mas sem apreensão; de que havia se tornado o foco de pelo menos uma parte do império de Virek.

– Ele é um homem muito rico – começou.

– Virek? – Andrea colocou o garfo e a faca no prato e bebeu o café. – Diria que sim. Se acreditar nos jornalistas, ele é, individualmente, a pessoa mais rica do mundo, e ponto final. Tão rico quanto algumas zaibatsu. Mas aí é que está: ele *é* uma pessoa? No sentido em que você ou eu somos? Não. Não vai comer?

Marly começou a maquinalmente cortar pedaços do omelete frio e enfiá-los na boca, enquanto Andrea prosseguia.

– Você devia dar uma olhada no texto que estamos trabalhando este mês.

Marly mastigava, e ergueu as sobrancelhas, curiosa.

– É uma história dos clãs industriais da órbita alta. Foi escrita por um professor da Universidade de Nice. Pensando bem, até o seu Virek está nele. Aparece como um contraexemplo, ou melhor, como um tipo de evolução paralela. Esse sujeito de Nice está interessado no paradoxo da riqueza individual em uma era de corporações, em por que ela ainda existe. A grande riqueza, quero dizer. Ele vê os clãs da órbita alta, gente como os Tessier-Ashpools, como uma variação muito tardia dos padrões tradicionais de aristocracia. Tardia porque o modo corporativo na verdade não dá espaço para uma aristocracia. – Colocou a xícara no prato e levou-o para a pia. – Na verdade, agora que comecei a contar, não é tão interessante. Tem muita enrolação em uma prosa muito monótona a respeito da natureza do Homem-Massa. Com maiúsculas, Homem-Massa. Ele

adora maiúsculas. O estilo não é o forte dele. – Ela girou as torneiras e a água sibilou através da unidade de filtragem.

– Mas o que ele fala sobre Virek?

– Ele fala, se me lembro direito, e não tenho muita certeza disso, que Virek é uma exceção ainda maior que os clãs industriais em órbita. Os clãs ultrapassam gerações, e geralmente há uma boa quantidade de medicina envolvida: criogenia, manipulação genética, vários modos de combater o envelhecimento. A morte de um membro do clã, mesmo um membro-fundador, geralmente não leva o clã, como pessoa jurídica, a uma crise. Há sempre alguém para assumir, alguém esperando. Mas a diferença entre um clã e uma corporação é que você não precisa, literalmente, se casar para entrar numa corporação.

– Mas eles assinam contratos.

Andrea deu de ombros.

– Contratos são como um aluguel. Não é a mesma coisa. Na verdade, é segurança trabalhista. Mas quando o seu Herr Virek morrer, um dia, quando não tiverem mais espaço para aumentar o tanque dele, ou o que quer que seja, os interesses comerciais dele ficarão sem um centro lógico. Nesse ponto, pelo que diz o nosso homem de Nice, vamos ver Virek & Companhia se fragmentar ou se transformar. No último caso, isso vai gerar uma Companhia Alguma Coisa, uma verdadeira multinacional. Outra casa para o Homem-Massa com maiúsculas. – Ela limpou o prato, enxaguou, secou e o colocou no escorredor de pinho ao lado da pia. – Ele diz que isso é, de certo modo, uma pena, porque há tão pouca gente que ainda consegue ver a margem.

– A margem?

– A margem da multidão. Estamos perdidas no meio, eu e você. Ou eu ainda estou, pelo menos. – Atravessou a cozinha e colocou as mãos nos ombros de Marly. – Você precisa tomar cuidado com isso. Uma parte de você já está muito mais feliz, mas agora vejo que eu podia ter feito isso. Era só arranjar um pequeno almoço entre você e o cachorro do seu ex. Sobre o resto, não tenho certeza... Acho que a teoria do nosso acadêmico perde o sentido pelo fato óbvio de que Virek, e os iguais a ele, já estão longe de serem humanos. Quero que tome cuidado... – Então beijou Marly no rosto

e saiu para trabalhar como editora-assistente no negócio elegantemente anacrônico de editar livros.

Ela passou a manhã no apartamento de Andrea, com o Braun, vendo os hologramas das sete obras. Cada peça era extraordinária de um modo particular, mas ela sempre voltava à caixa que Virek havia lhe mostrado primeiro. “Se eu tivesse o original aqui”, ela pensou, “e tirasse o vidro, e tirasse os objetos de dentro um por um, o que ficaria? Coisas inúteis, um espaço emoldurado, talvez um cheiro de pó.”

Ela se estirou no sofá, o Braun apoiado na barriga, e olhou para dentro da caixa. Doía. Parecia que a estrutura evocava perfeitamente algo, mas era uma emoção que não tinha nome. Passou ambas as mãos através da ilusão de luz, percorrendo o comprimento do osso estriado de ave. Tinha certeza de que Virek já havia contratado um ornitólogo para a tarefa de identificar o pássaro de cuja asa aquele osso saíra. E seria possível datar cada objeto com a maior precisão possível, ela imaginou. Cada etiqueta de holoficha abrigava também um relatório detalhado sobre a origem conhecida de cada peça, mas algo em Marly vinha evitando, intencionalmente, o contato com esses dados. Às vezes era melhor, ao abordar o mistério que era a arte, ser como uma criança. A criança via coisas que eram evidentes demais, óbvias demais para um olho treinado.

Colocou o Braun na mesa baixa, ao lado do sofá, e foi até o telefone de Andrea, pretendendo olhar as horas. Devia se encontrar com Paco à uma hora, para discutir os detalhes do pagamento de Alain. Alain lhe dissera que telefonaria para o apartamento de Andrea às três. Enquanto teclava para o serviço de horas, uma recapitulação automática das notícias de satélite brilhou na tela: um ônibus espacial da JAL havia se desintegrado durante a reentrada sobre o Oceano Índico. Investigadores do Eixo Metropolitano Boston–Atlanta foram chamados para examinar o local de um brutal e, ao que parecia, sem sentido ataque a bomba contra um subúrbio residencial qualquer de Nova Jersey. Milicianos estavam supervisionando a evacuação do quadrante sul de Nova Bonn após a descoberta, por operários de construção, de dois mísseis não

detonados do tempo da guerra, que se acreditava armados com ogivas biológicas. E fontes oficiais do Arizona negavam a acusação, feita pelo México, da detonação de um dispositivo atômico ou nuclear de pequena escala próximo da fronteira de Sonora... Enquanto assistia, a recapitulação recomeçou e a simulação do ônibus espacial retomou a sua morte em chamas. Ela sacudiu a cabeça, apertando o botão. Era meio-dia.

O verão havia chegado, o céu quente e azul sobre Paris, e ela sorriu ao sentir o cheiro de pão gostoso e tabaco negro. A sensação de ser observada havia diminuído agora, enquanto caminhava do metrô para o endereço que Paco lhe fornecera. Faubourg St. Honoré. O endereço parecia vagamente familiar. “Uma galeria”, ela pensou.

Sim. A Roberts. O proprietário era um americano que também dirigia três galerias em Nova York. Cara, mas não era mais tão chique. Paco a aguardava ao lado de um enorme painel no qual estavam sobrepostas, debaixo de uma camada grossa e irregular de verniz, centenas de pequenas fotografias quadradas, do tipo produzido por certas máquinas muito antigas, em estações de trem e terminais de ônibus. Todas pareciam ser de meninas. Automaticamente, notou o nome do artista e o título do trabalho: *Leia-nos o Livro dos Nomes dos Mortos*.

– Imagino que você entenda esse tipo de coisa – o espanhol disse, emburrado. Usava um terno azul de aparência cara, cortado no estilo executivo parisiense, uma camisa branca de casimira e uma gravata muito inglesa, que devia ser da Charvet. Não se parecia nem um pouco com um garçom, agora. Havia uma sacola italiana reforçada, de borracha preta, pendurada em seu ombro.

– O que quer dizer? – ela perguntou.

– Nomes dos mortos – e ele fez sinal com a cabeça em direção ao painel. – Você mexia com essas coisas.

– O que você não entende?

– Algumas vezes tenho a sensação de que isto, esta *cultura*, é tudo um truque. Um ardil. Toda minha vida eu servi ao Señor, de uma maneira ou de outra, entende? E meu trabalho teve suas satisfações, seus momentos de triunfo. Mas nunca, quando ele me

envolveu em seus negócios com arte, senti satisfação nenhuma. Ele é a riqueza em pessoa. O mundo está cheio de objetos de grande beleza. E, apesar disso, o Señor busca... – Ele deu de ombros.

– Então você sabe do que gosta. – Ela sorriu para ele. – Por que escolheu esta galeria pra nos encontrarmos?

– O representante do Señor comprou uma das caixas aqui. Não leu os históricos que lhe demos em Bruxelas?

– Não – ela disse. – Podiam interferir com a minha intuição. Herr Virek está pagando pela minha intuição.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Vou apresentá-la a Picard, o gerente. Talvez ele possa fazer algo por essa sua intuição.

Ele a conduziu pelo recinto e através de uma passagem. Um francês grisalho e de compleição pesada, em um terno de veludo cotelê amarrotado, falava no fone de um telefone. Na tela do aparelho, ela viu colunas de letras e números. As cotações do dia, no mercado de Nova York.

– Ah – o homem disse –, Estevez. Me desculpe, só um momento. – Sorriu como se estivesse pedindo desculpas e voltou à conversa. Marly estudou as cotações. Pollock estava em baixa de novo. Isso, ela achava, era o aspecto da arte que tinha mais dificuldade em entender. Picard, se era esse o nome do homem, estava falando com um corretor em Nova York, tratando da compra de certo número de “pontos” do trabalho de um artista específico. Um “ponto” podia ser definido de muitas maneiras, dependendo da mídia em questão, mas era quase certo que Picard nunca veria as obras que estava comprando. Caso o artista desfrutasse de reputação suficiente, os originais muito provavelmente estariam encaixotados em alguma caixa-forte, onde ninguém jamais os via. Dias ou anos depois, Picard poderia apanhar o mesmo telefone e mandar que o corretor vendesse.

A galeria de Marly vendera originais. Havia relativamente pouco dinheiro nisso, mas tinha certo apelo visceral. E, é claro, havia a chance de tirar a sorte grande. Ela havia se convencido de que tirara a sorte grande quando Alain deu um jeito de o Cornell falsificado aparecer como uma descoberta acidental e maravilhosa.

Cornell tinha seu lugar na tabela do corretor, e seus “pontos” eram astronômicos.

– Picard – Paco disse, como se estivesse se dirigindo a um criado –, esta é Marly Krushkhova. O Señor a inteirou sobre o assunto das caixas anônimas. Talvez ela queira lhe fazer algumas perguntas.

– Encantado – Picard disse, e lhe deu um sorriso caloroso, mas ela pensou ter detectado um vacilo em seus olhos castanhos. Muito provavelmente estava tentando ligar o nome a um escândalo relativamente recente.

– Me disseram que a sua galeria cuidou da transação, certo?

– Sim – Picard disse. – Exibimos a obra em nossas galerias de Nova York, e ela atraiu muitas ofertas. Mas decidimos dar a ela um dia em Paris – ele sorriu radiante – e o seu chefe fez a nossa decisão valer a pena. Como está Herr Virek, Estevez? Faz semanas que não o vemos.

Marly olhou rapidamente para Paco, mas o rosto moreno estava calmo e completamente controlado.

– Diria que o Señor está muito bem.

– Excelente – disse Picard, um tanto entusiástico demais. Voltou-se para Marly. – Um homem admirável. Uma lenda. Um grande mecenas. Um grande estudioso.

Marly achou ter ouvido Paco suspirar.

– Pode me dizer onde a sua filial de Nova York conseguiu a obra em questão?

O queixo de Picard caiu. Olhou para Paco e de volta para Marly.

– Não sabe? Não lhe contaram?

– Pode me dizer?

– Não – Picard disse. – Sinto muito, mas não posso. Entenda, não sabemos.

Marly o encarou.

– Me desculpe, mas não compreendo como isso é possível.

– Ela não leu o relatório, Picard. Conte você a ela. Vai ser bom para a intuição dela, ouvir tudo da sua própria boca.

Picard dirigiu a Paco um olhar estranho e, em seguida, recuperou a compostura.

– Certamente – ele disse. – Será um prazer...

– Acha que é verdade? – ela perguntou a Paco enquanto saíam da Faubourg St. Honoré para o sol do verão. A multidão estava compacta com turistas japoneses.

– Fui pessoalmente ao Sprawl – Paco disse –, e falei com todos os envolvidos. Roberts não deixou nenhum registro da compra, embora normalmente não fosse mais cheio de segredos do que qualquer negociante de arte.

– E a morte dele foi acidental?

Ele colocou um par de óculos Porsche espelhados.

– Tão acidental quanto esse tipo de morte pode ser. Não temos como saber quando, ou como, ele conseguiu a peça que localizamos, aqui, há oito meses. Todas as nossas tentativas de rastrear seu passado terminam em Roberts. E ele já está morto há um ano. Picard deixou de contar que eles por pouco não perderam a caixa. Roberts guardava ela na casa de campo, junto com muitas outras coisas que os herdeiros consideravam meras curiosidades. Quase que o lote inteiro foi vendido em leilão. Às vezes, queria que tivesse sido.

– Essas outras coisas – ela perguntou, pondo-se a caminhar ao lado dele –, o que eram?

Ele sorriu.

– Acha que não rastreamos todas, uma por uma? Já fizemos isso. Elas eram – e ele franziu a testa, exagerando o esforço de memória – uma série de exemplos pouco notáveis de arte popular contemporânea.

– Roberts tinha interesse nesse tipo de coisa?

– Não – ele disse. – Mas, cerca de um ano antes da morte, sabemos que pediu para ser membro do Institut de l'Art Brut, aqui em Paris, e providenciou para tornar-se um dos patronos da Coleção Aeschmann em Hamburgo.

Marly fez que sim. A Coleção Aeschmann se restringia a obras de psicóticos.

– Temos uma certeza razoável – Paco prosseguiu, segurando-a pelo braço e guiando-a por uma esquina para uma rua lateral – de que ele não tentou nenhuma vez usar os recursos de nenhuma dessas organizações, a não ser que tenha usado um intermediário, e achamos isso pouco provável. O Señor, é claro, contratou

dezenas de pesquisadores para fazer uma varredura dos registros das duas instituições. Mas não adiantou nada...

– Me diga – ela perguntou –, por que Picard achou que tinha visto Herr Virek há pouco tempo? Como é possível?

– O Señor é rico. O Señor dispõe de muitos meios de manifestação.

Agora ele a conduzia para um lugar decorado com cromo, do tamanho de um celeiro, resplandecente com espelhos, garrafas e jogos de fliperama. Os espelhos mentiam sobre a profundidade do ambiente: no fundo, ela podia ver a calçada refletida, as pernas dos pedestres, o brilho da luz do sol em uma calota. Paco saudou, com um movimento da cabeça, um homem de aparência letárgica por trás do bar e a pegou pela mão, conduzindo-a pelo labirinto estreito de mesas plásticas redondas.

– Você pode receber a chamada de Alain aqui – ele disse. – Demos um jeito de desviá-la do apartamento da sua amiga. – Puxou uma cadeira para ela, um toque automático de cortesia profissional que a fez imaginar se ele já havia mesmo sido um garçom, e colocou a sacola em cima da mesa.

– Mas ele vai ver que não estou lá – ela disse. – Se eu apagar o vídeo, vai ficar desconfiado.

– Mas ele não vai ver este lugar. Geramos uma imagem digital do seu rosto e do fundo necessário. Vamos inserir na imagem deste telefone. – Pegou uma elegante unidade modular da sacola e a colocou diante de Marly. Uma tela de policarbono, fina como papel, se desenrolou silenciosamente do topo da unidade e ficou rígida imediatamente. Uma vez ela assistira a uma borboleta sair do casulo, e vira a transformação das asas ao secar.

– Como se faz isso? – ela perguntou, tocando a tela, com hesitação. Era como aço fino.

– Um dos novos tipos de policarbono – ele disse. – Um dos produtos da Maas...

O telefone ronronou discretamente. Ele o posicionou com mais cuidado em frente a ela, passou para o outro lado na mesa e disse:

– A sua chamada. Lembre-se, você está em casa! – Estendeu a mão e tocou um botão revestido de titânio.

O rosto e os ombros de Alain preenchiam a pequena tela. A imagem tinha o aspecto borrado e mal iluminado de uma cabine pública.

– Boa tarde, querida – ele disse.

– Olá, Alain.

– Como está, Marly? Acredito que tenha conseguido o dinheiro que conversamos? – Ela podia ver que ele vestia uma jaqueta de algum tipo, escura, mas não conseguia distinguir detalhes. – A sua amiga está precisando de aulas de limpeza doméstica – ele disse, e parecia estar espiando por cima do ombro de Marly.

– Você nunca limpou uma casa na sua vida – ela respondeu.

Ele deu de ombros, sorrindo.

– Cada um com seus talentos – ele disse. – Tem o meu dinheiro, Marly?

Ela olhou de soslaio para Paco, que fez sinal positivo.

– Sim – ela disse –, é claro.

– Isso é fantástico, Marly. Uma maravilha. Temos apenas uma pequena dificuldade. – Ele ainda estava sorrindo.

– E qual é?

– Os meus informantes dobraram o preço. Então, preciso dobrar o meu.

Paco fez que sim. Ele também estava sorrindo.

– Muito bem. Terei que perguntar, é claro... – Ele agora lhe dava nojo. Queria desligar o telefone.

– E eles, é claro, vão concordar.

– Onde nos encontramos, então?

– Vou te ligar de novo, às cinco – ele disse. Sua imagem se encolheu até um único ponto de azul-esverdeado, que também desapareceu.

– Você parece cansada – Paco disse, enquanto desmontava a tela e recolocava o telefone na sacola. – Fica parecendo mais velha depois de falar com ele.

– É mesmo? – Por alguma razão, agora ela via o painel na Roberts, todos aqueles rostos. *Leia-nos o Livro dos Nomes dos Mortos*. Todas as Marlys, ela pensou, todas as garotas que ela havia sido durante o longo período de sua juventude.

16

LEGBA

– Ei, babaca – Rhea o cutucou não lá muito de leve nas costelas. – Tira a bunda daí.

Ele despertou, lutando contra o cobertor de crochê, contra as formas semidefinidas de inimigos desconhecidos. Contra os assassinos de sua mãe. Estava em um aposento desconhecido, que podia ser qualquer lugar. Molduras douradas de plástico em um monte de espelhos. Papel de parede vermelho aveludado. Já vira gothicks decorarem os quartos assim, quando podiam se dar ao luxo, mas também vira os pais deles decorarem apartamentos inteiros no mesmo estilo. Rhea lançou uma trouxa de roupas na espuma e enfiou as mãos nos bolsos de uma jaqueta de couro preto.

Os quadrados rosa e pretos do cobertor estavam enfronhados em torno da cintura de Bobby. Olhou para baixo e viu o comprimento segmentado da centopeia, submerso em uma trilha de tecido cicatricial róseo recém-formado, da grossura de um dedo. Beauvoir lhe dissera que aquilo acelerava a cicatrização. Tocou a cicatriz nova com um dedo hesitante e descobriu que doía, mas era suportável. Levantou a vista para Rhea.

– Tira a tua bunda daqui – ele disse, mostrando a ela o dedo.

Eles se encararam por alguns segundos, sobre o dedo médio erguido de Bobby. Então, ela riu.

– Tá bem – ela disse –, você ganhou. Vou te deixar em paz. Mas pegue essas roupas e se vista. Deve ter algo que sirva. Lucas tá vindo pra te pegar, e ele não gosta de ficar esperando.

– É? Pois ele parece um cara bem calmo pra mim. – Começou a remexer na pilha de roupas, descartando uma camisa preta com estampado impresso em ouro desbotado, uma peça de cetim vermelho com uma franja de couro falso branco nas mangas, uma coisa meio preta como um collant com quadrados de algum material translúcido... – Ei – ele disse –, onde arranjou isto? Não posso usar uma merda destas.

– É do meu irmão menor – Rhea disse. – Do ano passado, e é melhor você vestir essa bunda branca antes que Lucas chegue aqui. Ei! Isso é meu! – agarrando o collant, como se Bobby estivesse a ponto de sair correndo com ele.

Ele pegou a camisa preta e dourada e se atrapalhou com os fechos convexos feitos de pérolas negras falsas. Encontrou um par de jeans pretos, mas eles se mostraram folgados demais e cheios de plissados, não pareciam ter bolsos.

– Só tem esta calça?

– Ai, meu Deus – ela disse. – Eu vi as roupas que o Pye cortou de você, cara! Você não é nenhum gênio da moda. Só se vista, tá bem? Não quero problemas com Lucas. Ele pode ser todo bonzinho com você, mas isso só quer dizer que você tem algo que ele quer muito, a ponto de se dar ao trabalho. Eu, com certeza, não tenho. Então, que eu saiba, ele não tem luvas de pelica comigo.

Ele se colocou de pé, instável, ao lado da cama e tentou fechar o zíper do jeans preto.

– Cadê o zíper? – ele disse, olhando para ela.

– Tem botões. Em algum lugar aí. Tá na moda, sabia?

Bobby encontrou os botões. Era um arranjo complexo, e ele se perguntou o que faria se tivesse que mijar depressa. Viu as sandálias de nylon preto ao lado do colchão e meteu-as nos pés.

– E Jackie? – perguntou, caminhando em silêncio até um ponto onde podia se ver nos espelhos de molduras douradas. – Lucas tem luvas de pelica com ela? – Ele observava Rhea no espelho, e viu algo passar pela expressão dela.

– O que quer dizer?

– Beauvoir, ele me disse que ela é um cavalo.

– Você cala a boca – ela disse, a voz alterada para um tom baixo e urgente. – Se Beauvoir fala uma coisa dessas pra você, é

problema dele. Do contrário, não se fala disso, entende? Tem coisas tão ruins que você ia preferir voltar lá pra fora, onde tavam te abrindo o rabo com uma faca.

Ele observava os olhos dela, refletidos no espelho, olhos escuros, sombreados pela aba profunda do chapéu de feltro macio. Agora eles pareciam mostrar um pouco mais de branco do que antes.

– Tá bem – ele disse, depois de um momento, e então acrescentou: – Obrigado. –Tentou arrumar a gola da camisa, virando-a para cima na parte de trás, depois para baixo, tentando de várias formas.

– Sabe – Rhea disse, inclinando a cabeça para o lado –, com umas roupas, você não parece tão mal. A não ser os olhos, que parecem dois buracos de mijo na neve...

– Lucas – Bobby disse, quando estavam no elevador –, vocês sabem quem apagou a minha velha? – Não era uma pergunta que tivesse planejado fazer, mas de algum modo ela havia estourado, como uma bolha de gás do pântano.

Lucas o encarou de maneira bondosa, o rosto longo, liso e negro. O terno negro, de corte impecável, parecia como se tivesse acabado de ser passado. Carregava uma bengala grossa de madeira lustrosa e polida, os veios negros e rubros em forma de redemoinhos, encimada por um grande castão de metal polido. Sulcos de metal, longos como um dedo, desciam do castão, entalhados suavemente na haste da bengala.

– Não, não sabemos. – Os lábios grossos formavam uma linha reta e muito séria. – Essa é uma coisa que gostaríamos muito de saber...

Bobby jogava o peso do corpo de uma perna para a outra, desconfortável. O elevador o deixava pouco à vontade. Era do tamanho de um micro-ônibus, e embora não estivesse lotado, ele era o único branco. As pessoas negras, ele notou, enquanto seu olhar inquieto percorria o interior, não ficavam parecendo meio mortas debaixo de luz fluorescente, como acontecia com os brancos.

Três vezes, durante a descida, o elevador parou em um andar qualquer e ficou ali, uma ocasião por uns quinze minutos. Da

primeira vez que aconteceu, Bobby lançara um olhar inquisidor a Lucas.

– Alguma coisa no poço – Lucas dissera.

– O quê?

– Outro elevador.

Os elevadores estavam localizados no núcleo da arcologia, seus poços cheios de grandes canos de água, tubos de esgoto, enormes cabos elétricos e tubos com isolamento térmico que Bobby supôs serem parte do sistema geotérmico descrito por Beauvoir. Dava para ver tudo sempre que as portas se abriam; as coisas ficavam expostas, cruas, como se as pessoas que construíram o lugar tivessem a intenção de poder ver exatamente como tudo funcionava e o que ia para onde. E tudo, todas as superfícies visíveis, estavam cobertas por uma rede emaranhada de pichação, tão densa e em tantas camadas que era quase impossível decifrar qualquer tipo de mensagem ou símbolo.

– Nunca esteve aqui antes, não é, Bobby? – Lucas perguntou, enquanto as portas voltavam a se fechar aos solavancos, e eles voltavam a descer. Bobby negou com a cabeça. – É uma pena – Lucas disse. – Compreensível, é claro, mas, de certa forma, lamentável. Two-a-Day me disse que você não estava muito a fim de ficar sentado em Barrytown. Verdade?

– Com certeza – Bobby concordou.

– Acho que isso também é compreensível. Você parece ser um jovem com certa imaginação e iniciativa. Concorda? – Lucas girou o castão de metal brilhante da bengala contra a palma rosada da mão, e olhou fixamente para Bobby.

– Acho que sim. Não aguento este lugar. Nos últimos tempos, tenho meio que notado como... bem, nunca acontece nada, sabe? Quero dizer, as coisas acontecem, mas são sempre a mesma coisa, de novo e de novo, como se fosse uma droga de reprise, cada ano igual ao outro... – Sua voz morreu, incerto quanto ao que Lucas pensaria dele.

– É – Lucas disse –, conheço a sensação. Pode ser um pouco mais verdadeira no que se refere a Barrytown do que a outros lugares, mas você pode sentir a mesma coisa tão facilmente em Nova York ou Tóquio.

Não podia ser verdade, Bobby pensou, mas, mesmo assim, concordou com a cabeça, o aviso de Rhea no fundo da sua mente. Lucas não era mais ameaçador do que Beauvoir, mas só o tamanho do cara já dava medo. E Bobby estava desenvolvendo uma nova teoria de postura pessoal; ainda não tinha tudo elaborado, mas parte dela envolvia a ideia de que pessoas que fossem realmente perigosas talvez não precisassem demonstrar isso, e que a capacidade de ocultar a ameaça as tornava ainda mais perigosas. E isso ia diretamente de encontro à regra no Grande Playground, onde os moleques que não apitavam nada faziam de tudo para divulgar sua fúria de cravos cromados. O que devia ajudá-los, pelo menos em termos da ação local. Mas estava na cara que Lucas não tinha nada a ver com ação local.

– Vejo que duvida – Lucas disse. – Bom, acho que vai descobrir logo, mas não ainda. Do jeito que a sua vida está indo agora, as coisas devem ficar novas e empolgantes por algum tempo.

As portas do elevador se abriram com um tremor e Lucas começou a andar, conduzindo Bobby na frente, como se fosse uma criança. Saíram para um saguão ladrilhado que parecia se estender até o infinito, passando por quiosques e barracas com cortinas de tecido e pessoas agachadas ao lado de cobertores com mercadorias espalhadas por cima.

– Não podemos nos demorar – Lucas disse, dando a Bobby um empurrão muito suave com uma mão grande, quando Bobby parou em frente de pilhas desordenadas de software. – Está a caminho do Sprawl, meu caro, e indo de uma maneira adequada para um conde.

– E como é isso?

– De limusine.

O carro de Lucas era uma extensão incrível de carroceria negra sarapintada de ouro e metal espelhado, crivada com uma coleção de engenhocas barrocas cuja finalidade Bobby só teve tempo de imaginar. Concluiu que uma delas era uma antena parabólica, mas parecia mais com uma daquelas rodas de calendário astecas. Em seguida, Bobby já estava dentro da máquina, enquanto Lucas deixava a grande porta se fechar com uma pancada suave. As janelas eram tão escuras que parecia ser noite lá fora, uma noite

animada, em que as multidões dos Projetos se ocupavam de assuntos diurnos. O interior do veículo era um grande compartimento único, acolchoado com tapetes de cores fortes e almofadas de couro claras, embora não parecesse haver um local específico para sentar. Também não havia volante, o painel era um pedaço almofadado de couro onde não havia nenhum controle. Bobby olhou para Lucas, que estava afrouxando a gravata negra.

– Como se dirige isto?

– Sente em algum lugar. Você dirige deste jeito: Ahmed, nos leve para Nova York, parte leste do centro.

O carro deslizou suavemente para longe do meio-fio, enquanto Bobby caía de joelhos em uma pilha macia de tapetes.

– O almoço será servido em trinta minutos, senhor, a não ser que deseje algo antes – uma voz falou. Era suave, melodiosa, e parecia não vir de nenhum lugar em especial.

Lucas riu.

– Sabiam mesmo fazer carros em Damasco – ele disse.

– Onde?

– Damasco – Lucas disse, enquanto desabotoava o paletó e se recostava em um canto cercado de almofadas claras. – Este é um Rolls. Dos antigos. Aqueles árabes sabiam fazer um bom carro, na época em que tinham grana.

– Lucas – Bobby disse, a boca meio cheia de galinha frita fria –, como é que está levando uma hora e meia pra gente chegar em Nova York? Não estamos indo exatamente devagar...

– É porque – Lucas disse, fazendo uma pausa para outro gole de vinho branco gelado – é isso que leva para nós. Ahmed tem todos os opcionais de fábrica, incluindo um sistema de contraespionagem de primeira. Na estrada, rodando, Ahmed me dá um tremendo grau de privacidade, mais do que eu conseguiria em Nova York pelo que estou disposto a pagar. Ahmed, você sente que alguém está tentando nos alcançar, escutar ou qualquer coisa?

– Não, senhor – a voz disse. – Oito minutos atrás nosso painel de identificação foi lido por infravermelho por um helicóptero tático. O número do helicóptero era MH-traço-3-traço-848, pilotado pelo Cabo Roberto...

– Certo, certo – Lucas disse. – Tudo bem. Deixa pra lá. Viu só? Ahmed sabe mais daqueles táticos do que eles de nós. – Limpou as mãos em um espesso guardanapo de linho branco e pegou um palito de dentes dourado do bolso do paletó.

– Lucas – Bobby disse, enquanto Lucas sondava delicadamente os vãos entre os grandes dentes quadrados –, o que aconteceria se, por exemplo, eu pedisse pra você me levar pra Times Square e me deixar ir?

– Ah – Lucas disse, baixando o palito –, a área mais vibrante da cidade. O que é que há, Bobby? Problema com drogas?

– Bom, não, mas eu estava pensando.

– Pensando o quê? Quer ir pra Times Square?

– Não, esse foi só o primeiro lugar que veio na minha cabeça. O que eu quero dizer é, acho, você me deixaria ir?

– Não – Lucas disse –, para falar sem rodeios. Mas não tem que se ver como um prisioneiro. É mais como um hóspede. Um hóspede querido.

Bobby sorriu sem convicção.

– Ah, certo. É como o que eles chamam de custódia protetora, eu acho.

– Certo – Lucas disse, voltando a colocar o palito dourado em ação. – Enquanto estamos aqui, bem protegidos pelo bom Ahmed, é hora de termos uma conversa. Acho que o irmão Beauvoir já lhe contou um pouco sobre nós. O que acha, Bobby, do que ele disse?

– Bem – Bobby disse –, é muito interessante, mas não tenho certeza de que entendi.

– O que você não entende?

– É que não sei sobre essa coisa do vodu...

Lucas franziu a testa.

– Quero dizer, é da sua conta o que você quer engolir, digo, *acreditar*, certo? Mas, num minuto Beauvoir está falando de negócios, de tecnologia das ruas, como nunca ouvi antes, e no seguinte está falando de mambos e fantasmas e cobras e... e...

– E o quê?

– Cavalos – Bobby disse, sua garganta apertada.

– Bobby, você sabe o que é uma metáfora?

– Um componente? Como um capacitor?

– Não. Deixa a metáfora pra lá. Quando Beauvoir ou eu falamos com você sobre os loa e os cavalos deles, como chamamos os poucos que os loa escolhem montar, você deve fazer de conta que estamos falando duas línguas ao mesmo tempo. Uma delas, você já entende. É a língua da tecnologia das ruas, como você chama. Podemos usar palavras diferentes, mas estamos falando de tecnologia. Quem sabe nós chamamos de Ougou Feray algo que você chama de ICE-Breaker, entende? Mas, ao mesmo tempo, com as mesmas palavras, estamos falando outras coisas, e essas você não entende. E nem precisa. – Guardou o palito de dentes.

Bobby respirou fundo.

– Beauvoir disse que Jackie é um cavalo para uma cobra, uma cobra chamada Danbala. Pode traduzir isso pra tecnologia das ruas?

– Claro. Pense em Jackie como um console, Bobby, um console de ciberespaço, um muito bonito e com belas pernas. – Lucas sorriu e Bobby ficou vermelho. – Pense em Danbala, que algumas pessoas chamam de cobra, como um programa. Por exemplo, um ICE-Breaker. Danbala entra no console Jackie, e Jackie corta o ICE. É só isso.

– Certo – Bobby disse, começando a pegar –, então o que é a matrix? Se ela é um console e Danbala é um programa, o que é o ciberespaço?

– O mundo – Lucas disse.

– Melhor seguirmos a pé – disse Lucas.

O Rolls fez uma parada sedosa, silenciosa, e Lucas se levantou, fechando o paletó.

– Ahmed atrai muita atenção. – Apanhou a bengala, e a porta fez um som grave e macio enquanto se destrancava.

Bobby desceu atrás dele, para o cheiro inconfundível e característico do Sprawl, um denso amálgama de odores de material estagnado do metrô, fuligem milenar e o cheiro penetrante e carcinogênico de plástico novo. Tudo isso com uma pontinha de carbono de combustíveis fósseis ilícitos. Bem lá no alto, no brilho refletido das lâmpadas de arco, uma das cúpulas inacabadas de Fuller tapava dois terços do céu rosa-salmão do anoitecer, a borda

dentada como uma colmeia cinza rompida. A colcha de retalhos das cúpulas do Sprawl tendia a gerar microclimas acidentais: havia áreas de alguns quarteirões onde uma fina garoa de condensação caía continuamente das cúpulas geodésicas manchadas de fuligem, e trechos de cúpulas altas eram famosos pelas exibições de descargas eletrostáticas, uma variedade peculiarmente urbana de relâmpago. Soprava um vento firme enquanto Bobby seguia Lucas pela rua, uma brisa quente e arenosa que devia ter algo a ver com as mudanças de pressão no sistema de metrô que atravessava todo o Sprawl.

– Lembre-se do que falei – Lucas disse, seus olhos estreitos contra o pó. – Esse homem é muito mais do que parece. E mesmo que não fosse, você lhe deve respeito. Se quiser ser um cowboy, vai conhecer agora um gigante do ramo.

– Ah, tá. – Deu um pulo para evitar um pedaço acinzentado de papel de impressão que tentou se enrolar em sua perna. – Então ele é o cara de quem você e Beauvoir compraram o...

– Ah! Não! Lembre do que eu disse. Se fala na rua, é a mesma coisa que colocar as palavras em um quadro de avisos...

Bobby fez uma careta e concordou. Merda. Sempre estragava as coisas. Aqui estava, com um grande operador, até o pescoço em algum tipo fantástico de negócio, e continuava agindo como um wilson. Operador. Essa era a palavra para Lucas e, também, para Beauvoir. A conversa de vodu era só um jogo que faziam com as pessoas, concluiu. No Rolls, Lucas havia começado a contar uma estranha e comprida história sobre Legba, que disse ser o loa da comunicação, o “mestre dos caminhos e estradas”, e tudo sobre como o homem que Bobby ia conhecer agora era um favorito de Legba. Quando Bobby perguntou se o homem era outro ougan, Lucas disse que não; disse que o homem havia caminhado com Legba toda a vida, tão perto que nunca chegou a notar que o loa estava ali, como se fosse apenas parte do homem, sua sombra. E este era o homem, Lucas contou, que lhes vendera o soft que Two-a-Day havia alugado para Bobby...

Lucas dobrou uma esquina e parou, com Bobby logo atrás. Estavam em frente a uma fachada enegrecida de arenito pardo, cujas janelas haviam sido lacradas, décadas atrás, com chapas de

aço corrugado. Parte do piso térreo havia sido um tipo de loja no passado, as vitrines rachadas, opacas com a sujeira. A porta, entre as vitrines cegas, fora reforçada com o mesmo aço que lacrava as janelas dos andares superiores, e Bobby achou que podia distinguir um tipo de símbolo por trás da vitrine à sua esquerda: letras manuscritas em neon em um texto diagonal abandonado em meio à escuridão. Lucas ficou parado ali, de frente para a porta, o rosto inexpressivo, a ponta da bengala fincada caprichosamente na calçada, as grandes mãos, uma por cima da outra, no castão metálico.

– A primeira coisa que você aprende – disse com o tom de quem recita um provérbio –, é que sempre tem que esperar...

Bobby pensou ter ouvido o ruído de algo raspando, por trás da porta, e logo houve um barulho como de correntes.

– Fantástico! – Lucas disse. – É quase como se estivesse nos esperando.

A porta girou dez centímetros em dobradiças bem azeitadas e pareceu bater em algo. Um olho os observou, sem piscar, suspenso ali, na fresta de pó e escuridão. A princípio pareceu a Bobby que devia ser um olho de um grande animal, a íris com um tom estranho de amarelo-acastanhado, a parte branca sarapintada e toda avermelhada, a pálpebra inferior mostrando ainda mais vermelho por baixo.

– Homem do hudu – disse o rosto invisível ao qual o olho pertencia, e depois: – Homem do hudu e um montinho de merda. Meu Deus... – Houve um som medonho, gorgolejante, como se um muco milenar estivesse sendo puxado de recônditos secretos, e então o homem escarrou. – Bom, vamos lá, Lucas. – Outro som de metal raspando e a porta girou para dentro da escuridão. – Sou um homem ocupado... – Esta última, dita de um metro de distância, afastando-se, como se o dono do olho se afastasse às pressas da luz que penetrava pela abertura.

Lucas deu um passo para dentro, com Bobby em seus calcanhares, sentindo a porta se fechar suavemente às suas costas. A escuridão repentina arrepiou os pelos de seus braços. Parecia viva, a escuridão: amontoada, densa e, de alguma forma, inteligente.

Então um fósforo se acendeu e um tipo de lampião assobiou e cuspiu, enquanto o gás em sua camisa se incendiava. Bobby conseguiu apenas olhar, de queixo caído, o rosto por trás do lampião, onde o olho amarelo e injetado aguardava, com seu companheiro, no que Bobby teria gostado muito de acreditar ser uma máscara de alguma espécie.

– Creio que não estava nos esperando, estava, Finlandês? – Lucas perguntou.

– Se quer saber – o rosto disse, revelando grandes dentes amarelos achatados –, estava indo procurar algo pra comer. – Pareceu a Bobby que ele seria capaz de sobreviver com uma dieta à base de tapetes mofados, ou escavando pacientemente através da polpa escura dos livros inchados pela umidade e empilhados até a altura dos ombros nos dois lados do túnel em que estavam. – Quem é o merdinha, Lucas?

– Sabe, Fin, eu e Beauvoir estamos tendo dificuldades com algo que compramos de boa-fé de você. – Lucas estendeu a bengala e cutucou delicadamente uma saliência, de aspecto perigoso, de livros de bolso que se desmanchavam.

– Estão, é? – O Finlandês franziu os lábios cinzentos, ironizando preocupação. – Não fode com essas primeiras edições, Lucas. Se derrubar, você paga.

Lucas afastou a bengala. Sua ponteira polida brilhou à luz do lampião.

– Então – o Finlandês disse, – vocês têm problemas. Engraçado, Lucas, muito engraçado. – Suas bochechas eram cinzentas, sulcadas por profundas dobras diagonais. – Também tive uns problemas. Três, aliás. Problemas que não tinha hoje de manhã. Vai ver que a vida às vezes é assim mesmo. – Colocou o lampião que assoviava sobre um arquivo de aço estropiado e fisgou um cigarro amassado, sem filtro, de um bolso lateral de algo que talvez tenha sido, um dia, um paletó de lã. – Meus três problemas, tão lá em cima. Quem sabe você não quer dar uma olhada... – Riscou o fósforo de madeira na base do lampião e acendeu o cigarro. O cheiro penetrante do tabaco negro cubano acumulou-se no ar entre eles.

– Sabe – o Finlandês disse, passando por cima do primeiro dos corpos –, faz muito tempo que estou neste endereço. Todo mundo me conhece. Sabem que eu tô aqui. Quando compram do Finlandês, sabem de quem estão comprando. E eu garanto meu produto, sempre...

Bobby olhava para baixo, encarando o rosto do homem morto, os olhos sem vida. Havia algo errado com a forma do tronco, errado na maneira que jazia dentro das roupas negras. O rosto japonês, sem expressão, olhos mortos.

– E todo esse tempo – o Finlandês prosseguiu –, sabe quantas pessoas foram burras o bastante pra tentar entrar aqui e me pegar? Nenhuma! Nem uminha, não até esta manhã, e já vieram *três*! – Bom – lançou a Bobby um olhar hostil –, sem contar um ou outro montinho de merda, quero dizer, mas... – Ele deu de ombros.

– Ele parece meio torto – Bobby disse, ainda olhando para o primeiro corpo.

– Isso porque virou comida de cachorro por dentro – o Finlandês riu, maldoso. – Virou patê.

– O Fin coleciona armas exóticas – Lucas disse, cutucando o pulso de um segundo corpo com a ponta da bengala. – Fez uma varredura de implante neles, Fin?

– É. Um saco! Tive que trazer eles pra baixo até a salinha dos fundos. Nada além do que seria de esperar. São só uma equipe de matança. – Chupou por entre os dentes, ruidosamente. – Por que alguém quer me matar?

– Talvez tenha vendido a eles um produto muito caro e que não funcionava – Lucas sugeriu.

– Melhor que não esteja dizendo que mandou esses caras, Lucas – o Finlandês disse, sem levantar a voz –, a não ser que queira me ver fazendo o truque da comida de cachorro.

– Por acaso eu disse que você nos vendeu algo que não funciona?

– “Tendo dificuldades”, você disse. E o que mais vocês compraram de mim nos últimos tempos?

– Sinto muito, Fin, mas não são nossos. E você sabe disso.

– É, acho que sim. Então, que merda veio fazer aqui, Lucas? Sabe que aquela coisa que comprou não tinha as garantias de

costume...

– Sabe – disse o Finlandês, depois de ouvir a história da incursão fracassada de Bobby no ciberespaço –, tem umas merdas bem esquisitas por lá. – Lentamente, fez sinal de negação, com aquela cabeça estranhamente longa. – Não costumava ser assim. – Olhou para Lucas. – Vocês sabem, não é?

Estavam sentados em volta de uma mesa quadrada branca, em uma sala branca no térreo, por trás da loja cheia de entulho. O chão tinha ladrilhos gastos de hospital, moldados em um padrão antiderrapante, e as paredes eram placas grossas de plástico branco-sujo, ocultando densas camadas de circuitos antiescuta. Em comparação com a loja, a sala branca parecia tão limpa quanto uma sala de cirurgia. Vários tripés metálicos, espetados com sensores e equipamentos de varredura, distribuíam-se em torno da mesa, como esculturas abstratas.

– Sabemos o quê? – perguntou Bobby. A cada vez que repetia sua história, sentia-se menos um wilson. Importante. Fazia com que se sentisse importante.

– Não você, mijão – o Finlandês disse, com voz cansada. – Ele. O grande homem do hudu. Ele sabe. Sabe que as coisas não são as mesmas. Não são mais, e faz tempo. Estive nesse ramo toda minha vida. Muito tempo. Antes da guerra, antes que houvesse uma matrix. Ou, pelo menos, antes de as pessoas *saberem* que havia uma. – Agora estava olhando para Bobby. – Tenho um par de sapatos mais velho do que você, então por que droga ia achar que você sabe de algo? Há cowboys desde que os computadores apareceram. Fizeram os primeiros computadores pra quebrar o ICE dos alemães. Certo? Decodificadores. Então, tinha ICE antes dos computadores, se quiser ver assim. – Acendeu o décimo quinto cigarro da noite, e a fumaça começou a preencher a sala branca.

– Lucas sabe; sabe, sim. Nos últimos sete, oito anos, tem coisas engraçadas lá fora, lá na roda dos cowboys de console. Os novos jóqueis *fazem tratos com as coisas*, não fazem, Lucas? É, pode apostar que eu sei. Eles ainda precisam do hard e do soft, e ainda precisam ser mais rápidos que cobras no gelo. Mas todos eles, todos os que sabem mesmo cortar, têm aliados, não têm, Lucas?

Lucas pegou o palito de dentes dourado do bolso e começou a trabalhar em um molar posterior, seu rosto escuro e sério.

– Tronos e domínios – o Finlandês disse, enigmático. – É, tem coisas lá. Fantasmas, vozes. Por que não? Os oceanos tinham sereias, e toda aquela merda, e a gente estava com um mar de silício, vê? Claro, é só uma alucinação inventada que todos concordamos em ter, o ciberespaço, mas qualquer um que se conecta sabe, sabe mesmo que é todo um universo. E a cada ano fica um pouco mais lotado, é o que parece...

– Para nós – Lucas disse –, o *mundo* sempre funcionou desse jeito.

– É – o Finlandês disse –, por isso que vocês puderam se encaixar direto nele, dizer pras pessoas que as coisas com que faziam tratos eram os mesmos velhos deuses do mato...

– Cavaleiros divinos...

– Claro. Quem sabe você acredita. Mas eu sou velho o bastante pra lembrar que não era desse jeito. Dez anos atrás, se você entrasse no Gentleman Loser e tentasse dizer pra qualquer um dos grandes jóqueis que tinha conversado com fantasmas na matrix, eles sacariam que você era maluco.

– Um wilson – Bobby interrompeu, sentindo-se excluído e não mais tão importante.

O Finlandês olhou para ele, sem expressão.

– Um quê?

– Um wilson. Um cara que só se fode. Acho que é gíria de hotdogger... – Tinha feito de novo. Merda.

O Finlandês deu-lhe um olhar bem estranho.

– Meu Deus. É a palavra que usam pra isso, é? Deus. *Conheci* o cara...

– Quem?

– Bodine Wilson – ele disse. – Primeiro cara que eu já conheci que virou figura de linguagem.

– Ele era burro? – Bobby perguntou, arrependendo-se de imediato.

– Burro? Merda, não, era esperto como o diabo. – O Finlandês apagou o cigarro em um cinzeiro Campari de cerâmica, rachado. – Só um fracassado total, só isso. Trabalhou uma vez com o Dixie

Flatline, o Linha Mortal... – Os olhos amarelos injetados ficaram distantes.

– Fin – Lucas disse –, onde arranjou aquele ICE-Breaker que vendeu pra gente?

O Finlandês olhou para ele, desanimado.

– Quarenta anos no ramo, Lucas. Sabe quantas vezes me fizeram essa pergunta? E quantas vezes eu estaria morto se tivesse respondido?

Lucas fez que sim com a cabeça.

– Entendo o que quer dizer. Mas, ao mesmo tempo, tenho um bom argumento pra você. – Segurou o palito de dentes apontado para o Finlandês, como se fosse uma adaga de brinquedo. – A razão pela qual você está disposto a ficar sentado aqui falando besteira é que acha que esses três presuntos lá em cima têm a ver com o ICE-Breaker que vendeu pra gente. E você se endireitou na cadeira e prestou bastante atenção quando Bobby contou que o apartamento da mãe dele foi detonado, não foi?

O Finlandês mostrou os dentes.

– Quem sabe.

– Você entrou pra lista de alguém, Fin. Alguém gastou bastante dinheiro com aqueles três ninjas mortos lá em cima. Quando eles não voltarem, esse alguém vai ficar mais insistente, Fin.

Os olhos amarelos, vermelhos nas bordas, piscaram.

– Estavam carregados de ferro – ele disse –, prontos pra matar, mas um deles tinha umas outras coisas. Coisas pra fazer perguntas. – Os dedos manchados de nicotina do Finlandês, quase da cor de asas de barata, ergueram-se para massagear lentamente o pequeno lábio superior. – Consegui com o Wigan Ludgate – ele disse, finalmente –, o Wig.

– Nunca ouvi falar – Lucas disse.

– Um tremendo de um maluco – o Finlandês disse. – Costumava ser cowboy.

Foi assim, *o Finlandês começou a contar e Bobby estava incrivelmente fascinado, era até melhor do que ouvir Beauvoir e Lucas*, Wigan Ludgate havia passado cinco anos como um jóquei dos melhores, o que era uma carreira decente para um cowboy do

ciberespaço. Cinco anos tendem a deixar um cowboy ou rico ou com morte cerebral, ou então financiando um grupo de arrombadores mais jovens e cuidando só do gerenciamento. O Wig, em sua primeira flama de juventude e glória, tinha se atirado em uma longa jornada por setores pouco ocupados da matrix, que representavam aquelas áreas geográficas outrora conhecidas como o Terceiro Mundo.

O silício não se desgasta: os microchips são, na prática, imortais. O Wig percebeu esse fato. Como qualquer outro filho de sua época, no entanto, ele sabia que o silício *ficava obsoleto*, o que era pior do que se desgastar. Esse fato era uma constante inflexível que o Wig aceitava, como a morte ou os impostos. E, na verdade, ele ficava mais preocupado com seu equipamento cair aquém do estado da arte do que com a morte (tinha vinte e dois anos) ou os impostos (não declarava, embora pagasse a uma lavanderia de dinheiro de Cingapura uma porcentagem anual que era mais ou menos equivalente ao imposto de renda que teria precisado pagar, se declarasse o bruto). O Wig raciocinou que todo aquele silício obsoleto tinha que ir para algum lugar. Pra onde ia, ele descobriu, eram vários lugares muito pobres que tentavam avançar com suas bases industriais incipientes. Nações tão incivilizadas que o conceito de nação ainda era levado a sério. O Wig se meteu em alguns rincões esquecidos da África e sentiu-se como um tubarão nadando em uma piscina cheia de caviar. Não que qualquer um daqueles deliciosos ovinhos valesse muito, mas era só abrir bem a boca e *engolir*, e era fácil, recompensador e cumulativo. O Wig trabalhou nos africanos por uma semana, incidentalmente provocando o colapso de pelo menos três governos e gerando um sofrimento humano sem precedentes. Ao final da semana, gordo com a nata de vários milhões de contas bancárias ridiculamente pequenas, aposentou-se. No mesmo momento em que estava saindo, um enxame de gafanhotos estava chegando: outras pessoas tinham sacado a ideia da África.

O Wig se acomodou na praia em Cannes por dois anos, ingerindo apenas as drogas mais caras, feitas sob encomenda, e ligando, de vez em quando, um minúsculo televisor Hosaka para estudar, com uma intensidade estranha e curiosamente inocente, os corpos

inchados dos africanos mortos. Em algum ponto, ninguém poderia dizer exatamente onde, quando ou por quê, começou a ficar claro que o Wig tinha perdido um parafuso. Especificamente, o Finlandês disse, ou o Wig tinha se convencido de que Deus morava no ciberespaço, ou talvez que o ciberespaço era Deus ou uma nova manifestação Dele. As incursões do Wig pela teologia tendiam a ser marcadas por grandes mudanças de paradigma, autênticos saltos de fé. O Finlandês tinha uma vaga noção do que o Wig fazia naqueles dias: logo depois da sua conversão a essa fé nova e singular, ele havia retornado ao Sprawl e embarcara em uma jornada épica, embora um tanto aleatória, de descobertas cibernéticas. Como tinha sido um jóquei de console, sabia aonde ir para conseguir o melhor do melhor naquilo que o Finlandês chamava “o hard e o soft”. O Finlandês arranjou para o Wig todo tipo de coisa nessas duas categorias, já que o Wig ainda era um homem rico. O Wig explicou ao Finlandês que sua técnica de exploração mística envolvia a projeção da consciência em setores vazios e não estruturados da matrix, e então esperar. É preciso reconhecer, o Finlandês disse, que ele nunca chegou a afirmar efetivamente ter encontrado Deus, embora sustentasse que havia, em várias ocasiões, sentido Sua presença movendo-se pela superfície da grade. No devido tempo, o Wig ficou sem dinheiro. A busca espiritual o afastou das poucas conexões de negócios que ainda guardava de seus dias de antes da África, ele afundou sem deixar rastro.

– Mas aí, um dia, apareceu – o Finlandês disse –, doido de pedra. Ele era um bestinha branquelo, mas agora usava toda essa merda africana, rosários e ossos e tudo isso. – Bobby se distraiu da narrativa do Finlandês por tempo suficiente para se perguntar como alguém com a aparência do Finlandês poderia descrever outra pessoa como um “bestinha branquelo”, e então olhou para Lucas, cujo rosto estava muito sério. Nesse momento ocorreu a Bobby que Lucas podia levar essa coisa da África para um lado mais ou menos pessoal. Mas o Finlandês prosseguia com a história.

– Ele tinha um monte de coisas que queria vender. Consoles, periféricos, softs. Tudo tinha uns dois anos de uso, mas era equipamento de primeira, e então fiz um preço pra ele. Notei que

estava com um implante de soquete, e que ficava com um caco de microsoft plugado por trás da orelha. “O que é esse soft?”, eu perguntei, e ele respondeu: “É mídia virgem”. Ele estava sentado bem aí onde você está agora, garoto, e disse pra mim: “Está vazia e é a voz de Deus, e eu vivo sempre imerso em Seu ruído branco”, ou alguma merda dessas. Aí eu penso, Jesus, o Wig já era mesmo, e lá estava ele contando de novo o dinheiro, devia ser a quinta vez. “Wig”, eu disse, “tempo é dinheiro, mas me conte o que você pretende fazer agora?” Só porque eu tava curioso. Conheci o cara por anos, profissionalmente. “Fin”, ele disse, “tenho que sair do poço de gravidade. Deus está lá em cima. Quero dizer”, ele disse, “Ele está em todo lugar, mas tem muita estática aqui embaixo, e isso escurece o rosto Dele.” “Certo”, eu disse... “Tá certo.” Aí eu levo o maluco até a porta e acabou. Nunca vi o cara de novo.

Bobby piscou, aguardou, se mexeu um pouco, impaciente, no assento duro da cadeira dobrável.

– Só que, mais ou menos um ano depois, um cara aparece, um operário de órbita alta descendo o poço pra uma licença, e trouxe alguns bons softs pra vender. Nada fora de série, mas interessante. Disse que era do Wig. Bom, o Wig pode ser um pirado, e estar fora do jogo há um tempão, mas ainda sabe o que é do bom. Então eu compro. Isso foi há uns dez anos, certo? E mais ou menos uma vez por ano, um cara aparecia com algo. “O Wig me disse pra ver se você quer isto.” E quase sempre eu comprava. Nunca era nada especial, mas bom o suficiente. Também nunca era o mesmo cara que trazia.

– Era só isso, Fin? Só software? – Lucas perguntou.

– É, quase tudo, a não ser por aquelas coisas de escultura esquisitas. Tinha esquecido delas. Acho que era o Wig que fazia. Da primeira vez que um cara veio com uma, comprei o soft dele, e aí perguntei: “Que porra é isso?”, e o cara respondeu: “O Wig disse que você podia se interessar”. “Fala pra ele que ele tá maluco”, eu disse. O cara deu uma risada e respondeu: “Ah, pode ficar com ela. Não vou levar essa droga de volta pra cima comigo”. Quero dizer, era assim, do tamanho de um console, essa coisa, só um monte de lixo e outras merdas, enfiadas juntas numa caixa... Então eu enfiei aquela coisa atrás daquele caixote de Coca-Cola cheio de sucata, e

esqueci dela. Só que o velho Smith, um colega meu naquele tempo, negociava mais com arte e coisas de colecionador, ele viu e quis ficar com ela. Então fizemos um negocinho besta. “Se aparecerem mais desses, Fin”, ele disse, “compra todos. Tá cheio de babacas ricos que adoram esse tipo de merda”. Daí, da próxima vez que um cara apareceu trazendo coisas do Wig, comprei a escultura também, e vendi pro Smith. Mas nunca era muito dinheiro por nada daquilo... – O Finlandês deu de ombros. – Pelo menos, não até o mês passado. Apareceu um garoto com aquilo que você comprou. Era do Wig. “Olha”, ele disse, “isto é um biosoft e é um ICE-Breaker. O Wig disse que vale uma boa grana.” Fiz uma varredura e parecia tudo certo. Achei que parecia interessante, sabe? O seu parceiro Beauvoir também achou bem interessante. Eu comprei. Beauvoir comprou de mim. Fim da história. – O Finlandês sacou outro cigarro, este quebrado, dobrado ao meio.

– Merda – disse. – Tirou um maço, desbotado, de seda de cigarro do mesmo bolso e extraiu uma das frágeis folhas rosadas, enrolando-a, apertada, em torno do cigarro quebrado, como se fosse uma tala. Quando lambeu a cola, Bobby viu de relance uma língua cinza-rosada e muito pontuda.

– E onde, Fin, mora o sr. Wig? – Lucas perguntou, os polegares por baixo do queixo, os grandes dedos formando uma torre em frente ao rosto.

– Lucas, não tenho a mais mínima ideia. Algum lugar em órbita. E se o tipo de dinheiro que estava conseguido comigo valia alguma coisa pra ele, é sinal que vive modestamente. Sabe, já ouvi falar que há lugares lá em cima onde você não precisa de dinheiro, se você se encaixar na economia, então talvez uma ninharia possa durar muito. Mas não me pergunte. Tenho agorafobia. – Deu um sorriso maldoso para Bobby, que estava tentando tirar da mente a imagem daquela língua. – Sabe – ele disse, olhando estranho para Lucas –, foi mais ou menos naquela época que comecei a ouvir falar dessas merdas estranhas acontecendo na matrix.

– Como o quê? – Bobby perguntou.

– Você, cala a boca – o Finlandês disse, ainda olhando para Lucas. – Isso foi antes de vocês, o novo time do hudu, aparecerem. Uma samurai de rua que conhecia pegou um serviço de um cara

das Forças Especiais que fazia o Wig parecer normal pra caralho. Ela e esse cowboy que eles tiraram de um buraco de Chiba, eles tavam atrás de algo do tipo. Quem sabe conseguiram. A última vez que vi eles foi em Istambul. Uma vez ouvi falar que ela tava morando em Londres, faz uns anos. Quem é que vai saber? Sete, oito anos. – O Finlandês, de repente, pareceu cansado. E velho, muito velho. Para Bobby, era como um grande rato mumificado, animado por molas e fios ocultos. Tirou do bolso um relógio de pulso com mostrador rachado e só com uma das tiras da correia de couro suja, e o consultou. – Meu Deus. Bom, isso é tudo que vou te dar, Lucas. Tenho amigos de um banco de órgãos pra chegar em vinte minutos, pra fazermos um negócio.

Bobby pensou nos corpos lá em cima. Tinham ficado lá o dia todo.

– Ei – o Finlandês disse, lendo a expressão em seu rosto –, bancos de órgãos são ótimos pra gente *se livrar* das coisas. Eu que estou *pagando eles*. Aqueles babacas sem mãe lá em cima, não sobrou muito deles que dê pra aproveitar... – E o Finlandês gargalhou.

– Você disse que ele estava próximo de... Legba? E Legba é aquele que você e Beauvoir disseram que me deu sorte quando bati no Black ICE?

Logo depois da borda de favos de mel das cúpulas geodésicas, o céu se iluminava.

– É – Lucas disse. Parecia perdido em pensamentos.

– Mas parece que ele não acredita nem um tiquinho nessas coisas.

– Não importa – Lucas disse, justamente quando avistaram o Rolls. – Ele sempre esteve perto do espírito da coisa.

17

O BOSQUE DOS ESQUILOS

O avião tocara o solo próximo ao som de água corrente. Turner podia ouvir, enquanto se debatia na rede-G em meio à febre ou sono, a água caindo na pedra, uma das canções mais antigas. O avião era inteligente, inteligente como um cachorro, com instintos de ocultação pré-programados. Sentiu o veículo oscilar sobre o trem de aterrissagem, em algum ponto daquela noite triste, e rastejar para a frente, os galhos roçando e arranhando a capota escura. O avião se arrastou para debaixo das sombras das árvores altas e ajoelhou-se, a estrutura gemendo e rangendo enquanto se achatava, de barriga para baixo, na terra e no granito, como uma arraia na areia do fundo do mar. O revestimento de policarbono mimético das asas e fuselagem se manchou e escureceu, assumindo as cores e os padrões das pedras e do solo da floresta salpicados pelo luar. Finalmente, ficou quieto, e o único som era o da água correndo em um riacho.

Voltou a si como uma máquina, os olhos se abrindo, a visão conectada, vazia, lembrando-se do brilho vermelho da morte de Lynch do outro lado das miras fixas do Smith & Wesson. O arco da capota estava decorado com aproximações miméticas de folhas e galhos. Uma aurora fraca e o som de água corrente. Ainda usava a camisa de trabalho azul de Oakey. Cheirava a suor agora, e ele arrancara as mangas no dia anterior. A arma repousava entre suas pernas, apontando para o manche negro do jato. A rede-G era um emaranhado frouxo que envolvia seus quadris e ombros. Virou-se no lugar e viu a garota, o rosto oval e um corrimento seco de sangue

debaixo de uma narina. Ainda estava inconsciente, suando, os lábios levemente entreabertos, como de uma boneca.

– Onde estamos?

– Estamos quinze metros a sul-sudeste das coordenadas de pouso que você forneceu – o avião respondeu. – Esteve inconsciente de novo. Optei por ocultação.

Tocou atrás da cabeça e removeu o conector da interface do soquete craniano, cortando o link com o avião. Aturdido, olhou ao redor na carlinga até encontrar os controles manuais da capota. Ela suspirou nos servomecanismos, o rendado de folhas de policarbono se deslocando à medida que a peça se movia. Colocou a perna sobre a lateral, olhou para a mão apoiada contra a fuselagem na borda da carlinga. O policarbono reproduzia os tons de cinza de uma rocha próxima; enquanto olhava, o material começou a pintar uma mancha do tamanho de uma mão, e da cor de sua palma. Puxou a outra perna sobre a borda, a arma esquecida no banco, e escorregou para a terra e o mato alto e suave. Aí voltou a dormir, a testa contra o mato, e sonhou com água corrente.

Quando acordou, engatinhava em meio a galhos baixos, carregados de orvalho. Finalmente alcançou uma clareira, e caiu para a frente, rolando, os braços abertos no que parecia uma rendição. No alto, algo pequeno e cinza pulou de um galho, apanhou outro, equilibrou-se ali por um instante e prosseguiu, com dificuldade, para fora de vista.

“Fique deitado quieto”, ouviu uma voz dizendo, há muitos anos. “Fique deitado e relaxe e, logo, logo, eles se esquecem de você, esquecem de você no meio do cinza e da aurora e do orvalho. Eles saem para comer, comer e brincar, e os cérebros deles não têm espaço para duas mensagens, não por muito tempo.” Ficou deitado de costas, ao lado do irmão, a Winchester com coronha de nylon atravessada sobre o peito, respirando o cheiro de metal novo e lubrificante das armas, o cheiro da fogueira ainda no seu cabelo. E o irmão sempre estava certo, sobre os esquilos. Eles vinham. Esqueciam-se do sinal claro de morte escrito abaixo deles com denim remendado e aço azul. Eles vinham, correndo ao longo dos galhos, parando para cheirar a manhã, e a 22 de Turner estalava. Um corpo cinza e mole caía no chão. Os outros se espalhavam,

desaparecendo, e Turner passava a arma para o irmão. Esperavam de novo. Esperavam que os esquilos se esquecessem deles.

– Vocês são como eu – Turner disse para os esquilos, emergindo do sonho. Um deles sentou-se de repente em um galho grosso e olhou diretamente para ele. – Eu sempre volto. – O esquilo saltou para longe. – Estava voltando quando fugi do Holandês. Estava voltando quando fui pro México. Estava voltando quando matei Lynch.

Ficou deitado ali por muito tempo, observando os esquilos, enquanto o bosque acordava e a manhã esquentava ao redor. Um corvo se aproximou, manobrando no ar, freando com as penas que estendia como dedos negros mecânicos. Testando para ver se ele estava morto.

Turner sorriu para o corvo enquanto ele batia as asas e ia embora.

Ainda não.

Arrastou-se de volta para dentro da mata, debaixo dos galhos, e encontrou a garota sentada na carlinga. Usava uma camiseta branca, folgada, cortada na diagonal pelo logotipo da MAAS-NEOTEK. Havia losangos de sangue vermelho e fresco na frente da camiseta. O nariz estava sangrando de novo. Olhos azuis brilhantes, aturdidos e desorientados, em órbitas com hematomas amarelos-enegrecidos, como uma maquiagem exótica. “Jovem”, ele notou, “muito jovem.”

– Você é a filha de Mitchell – ele disse, tirando o nome do dossiê do biosoft. – Angela.

– Angie – ela disse, automaticamente. – Quem é você? Estou sangrando. – Ergueu um lenço de papel amassado e vermelho de sangue.

– Turner. Estava esperando seu pai. – Então se lembrou da arma, a outra mão dela estava fora de vista, abaixo da borda da carlinga. – Sabe onde ele está?

– Na chapada. Achou que podia falar com eles, explicar. Porque precisam dele.

– Com quem? – Turner deu um passo adiante.

– A Maas. A Diretoria. Não podem machucá-lo, não é?

– E por que fariam isso? – Outro passo.

Ela tocou o nariz com o lenço vermelho.

– Porque ele me tirou de lá. Porque sabia que iam me machucar, quem sabe me matar. Por causa dos sonhos.

– Sonhos?

– Acha que vão machucar ele?

– Não, não fariam isso. Vou subir aí, tudo bem?

Ela fez que sim com a cabeça. Ele teve que passar as mãos sobre a lateral da fuselagem para encontrar os recessos superficiais de apoio. O revestimento mimético só lhe mostrava folhas e liquens, gravetos... Logo estava lá em cima, ao lado dela, e viu a arma junto ao pé dela, calçado num tênis.

– Mas ele não ia sair também? Estava esperando pelo seu pai.

– Não. Nunca planejamos isso. Tínhamos só um avião. Ele não te disse? – Ela começou a estremecer. – Não te disse nada?

– O bastante – ele respondeu, colocando a mão no ombro dela. – Ele disse o bastante. Tudo vai ficar bem... – Girou as pernas por cima da borda, curvou-se, afastou o Smith & Wesson do pé dela, e encontrou o cabo da interface. Com a mão ainda no ombro da menina, ergueu o cabo e o encaixou no lugar por trás da orelha.

– Me dê os procedimentos para apagar tudo que armazenou nas últimas quarenta e oito horas – ele disse. – Quero descartar aquele curso para a Cidade do México, o seu voo da costa, tudo...

– Não havia um plano registrado para a Cidade do México – a voz disse, uma entrada neural direta em áudio.

Turner olhava para a garota. Esfregou o queixo.

– Pra onde estávamos indo?

– Bogotá – e o jato recitou as coordenadas para o pouso que nunca fizeram.

Ela piscou surpreendida, as pálpebras tão escurecidas quanto a pele ao redor.

– Tá falando com quem?

– Com o avião. Mitchell disse pra onde ele achava que você estava indo?

– Japão...

– Conhece alguém em Bogotá? Onde está sua mãe?

– Não. Berlim, eu acho. Na verdade, não a conheço.

Limpou os bancos de dados do avião, descartando a programação de Conroy, o que havia dela: a aproximação desde a Califórnia, os dados de identificação para o teatro de operações, um plano de voo que os teria levado para uma pista a trezentos quilômetros do núcleo urbano de Bogotá...

Mais cedo ou mais tarde, alguém encontraria o jato. Pensou no sistema de reconhecimento orbital da Maas e se perguntou se os programas de camuflagem e evasão que ordenara que o avião executasse haviam ajudado em algo. Podia oferecer o jato a Rudy como ferro velho, mas duvidava que ele fosse querer se envolver. Em qualquer caso, só de aparecer na fazenda, com a filha de Mitchell a reboque, metia Rudy nisto até o pescoço. Mas não havia outro lugar para ir, não para as coisas de que precisava agora.

Era uma caminhada de quatro horas, ao longo de trilhas de que mal se lembrava, e descendo um trecho tortuoso e cercado de mato de uma estradinha asfaltada de duas pistas. As árvores estavam diferentes, lhe parecia, e então se lembrou de quanto elas teriam crescido ao longo dos anos, desde que estivera ali pela última vez. Em intervalos regulares, passavam por tocos de postes de madeira que, no passado, haviam suportado fios telefônicos, cobertos agora de sarça e madressilva, os fios arrancados para combustível. As abelhas voavam baixo pelo mato em flor ao lado da estrada...

– Tem comida no lugar aonde vamos? – a garota perguntou, as solas dos tênis brancos se arrastando pelo asfalto gasto.

– Claro – Turner disse. – O quanto quiser.

– O que eu queria agora é água. – Ela afastou uma mecha fina de cabelos castanhos da bochecha bronzeada. Turner notou que ela começava a mancar, e estremecia a cada vez que colocava o pé direito no chão.

– O que há com a sua perna?

– O tornozelo. Alguma coisa, acho que quando pousei o ultraleve. – Ela fez uma careta, mas continuou andando.

– Vamos descansar.

– Não. Quero chegar lá, chegar onde quer que seja.

– Descanse – ele disse, segurando-a pela mão e levando-a para a beira da estrada. Ela fez uma careta, mas sentou-se ao lado dele, a perna direita cautelosamente estendida para a frente.

– Que arma grande – ela disse. Fazia calor agora, calor demais para o casaco. Colocara o coldre de ombro direto na pele, com a camisa de trabalho sem mangas por cima, a fralda para fora e batendo com o vento. – Por que o cano é desse jeito, que nem uma cabeça de cobra, por baixo?

– É um dispositivo de mira, para combate noturno. – Inclinou-se para a frente de modo a examinar o tornozelo dela. Estava inchando rapidamente. – Não sei quanto tempo você vai conseguir andar desse jeito – ele disse.

– Você luta muito, de noite? Com armas?

– Não.

– Acho que não entendi o que é que você faz.

Ele levantou os olhos para ela.

– Eu mesmo nem sempre entendo, não ultimamente. Estava esperando o seu pai. Ele queria trocar de empresa, trabalhar para outra. A empresa para quem ele queria trabalhar contratou eu e alguns outros para dar um jeito de ele sair do antigo contrato.

– Mas não tinha como sair daquele contrato – ela disse. – Não legalmente.

– Isso mesmo – disse, enquanto desamarrava o tênis. – Não legalmente.

– Ah. Então é isso que você faz pra viver?

– É. – O tênis retirado, ela não usava meia, o tornozelo estava bem inchado. – Você torceu o tornozelo.

– E os outros, então? Tinha mais gente lá atrás com você, naquelas ruínas? Alguém estava atirando, e aqueles foguetes...

– Difícil dizer quem estava atirando – ele disse. – Mas os foguetes não eram nossos. Talvez do pessoal de segurança da Maas, seguindo você. Acha que conseguiu sair sem notarem?

– Fiz o que Chris mandou – ela disse. – Chris, é o meu pai.

– Eu sei. Parece que vou ter que carregar você o resto do caminho.

– Mas e os seus amigos?

– Que amigos?

– Lá atrás, no Arizona.

– É. Bom – e ele enxugou o suor da testa com o dorso da mão –, não sei. Não sei mesmo.

Via o céu esbranquiçado, a explosão de energia, mais brilhante que o sol. Mas nenhum pulso eletromagnético, o avião dissera.

O primeiro dos cães melhorados de Rudy os apanhou quinze minutos depois de terem recomeçado a caminhada. Angie estava montada nas costas de Turner, os braços em volta de seus ombros, as coxas magras debaixo de suas axilas, os dedos dele travados na frente de seu esterno em um punho duplo. Ela cheirava como uma criança dos bairros ricos, um leve cheiro de sabão ou xampu de ervas. Pensando nisso, lembrou-se de como ele devia cheirar para ela. Rudy tinha um chuveiro.

– Ah, merda, o que é aquilo? – Ela perguntou, se endireitando em suas costas, apontando.

Um cão de caça, cinza e magro, os observava de cima de um morro alto de argila em uma curva da estrada, a cabeça estreita coberta e vendada por um capuz negro cheio de sensores. Ofegava, com a língua pendurada, e movia a cabeça lentamente de um lado para o outro.

– Está tudo bem – Turner disse. – Cão de guarda. Do meu amigo.

A casa havia crescido, brotando alas e oficinas, mas Rudy jamais pintara as tábuas descascadas da estrutura original. Desde a última vez em que Turner estivera ali, Rudy havia colocado uma cerca quadrada de tela de arame esticada, separando sua coleção de veículos. Mas o portão estava aberto quando chegaram, as dobradiças perdidas em meio a flores de trepadeira e ferrugem. As defesas reais, Turner sabia, estavam em outro lugar. Quatro dos cães melhorados trotavam adiante enquanto caminhava, penosamente, subindo o caminho de cascalho, a cabeça de Angie caída sobre seu ombro, os braços da menina ainda envolvendo seus ombros.

Rudy esperava na varanda, vestindo velhos calções brancos e uma camiseta azul-marinho, o único bolso exibindo pelo menos nove canetas de um tipo ou outro. Olhou para os dois e os saudou erguendo uma lata verde de cerveja holandesa. Por trás dele, uma loira em uma saia cáqui desbotada saiu da cozinha, uma espátula metálica na mão. O cabelo curto, penteado para trás e para cima em um corte que fez Turner se lembrar da médica coreana na unidade

cirúrgica da Hosaka, da unidade queimando, de Webber, do céu branco... Bambeou ali, no caminho de cascalho de Rudy, as pernas bem separadas para aguentar a garota, o peito nu raiado de suor, com poeira do shopping no Arizona, e olhando para Rudy e a loira.

– Preparamos um café da manhã pra vocês – Rudy disse. – Quando apareceram nas telas dos cachorros, logo pensamos que estariam com fome. – O tom de voz era cuidadosamente vago.

A garota gemeu.

– Que bom – Turner disse. – Ela está com o tornozelo inchado, Rudy. É melhor a gente dar uma olhada. Também tem umas coisas que preciso falar com você.

– Ela parece um pouco jovem pra você... – Rudy disse, e engoliu outro gole da cerveja.

– Cala a boca, Rudy – a mulher a seu lado disse. – Não vê que ela está com dor? Traga pra cá – ela disse a Turner, e se foi, voltando para dentro da cozinha.

– Você parece diferente – Rudy disse, estudando-lhe o rosto, e Turner notou que ele estava bêbado. – O mesmo, mas diferente.

– Já faz um tempo – Turner disse, indo em direção aos degraus de madeira.

– Fez plástica ou algo assim?

– Reconstrução. Tiveram que trabalhar a partir de fotos. – Subiu os degraus, a coluna lombar apunhalando-o a cada passo.

– Não está mal – Rudy disse. – Quase não notei. – Ele arrotou. Era mais baixo do que Turner, e estava ficando gordo, mas tinham o mesmo cabelo castanho, e feições muito parecidas.

Turner parou, na escada, quando seus olhos ficaram na mesma altura.

– Ainda faz um pouco de tudo, Rudy? Preciso de uma varredura na garota. Também preciso de umas outras coisas.

– Bom – seu irmão disse –, vamos ver o que dá pra fazer. Ouvimos um barulho na noite passada. Parecia um estrondo sônico. Algo a ver com você?

– É. Tem um jato lá no bosque dos esquilos, mas está bem escondido.

Rudy suspirou.

– Meu Deus... Bom, traz a menina pra dentro...

Os anos de Rudy na casa tinham arrancado dali quase todas as coisas de que Turner poderia se lembrar, e algo dentro dele sentia certa gratidão por isso. Assistiu à loira quebrar ovos em uma tigela de aço, gemas amarelas escuras de galinha caipira. Rudy tinha suas próprias galinhas.

– Sou Sally – ela disse, batendo os ovos com um garfo.

– Turner.

– Ele também só te chama assim – ela disse. – Nunca falou muito de você.

– Não ficamos lá muito em contato. Acho que eu devia subir agora e ajudar.

– Fique aí. A garotinha vai ficar bem com Rudy. Ele tem boa mão.

– Mesmo chapado?

– Meio chapado. Bom, ele não vai operar, só colocar uns dermas nela e enfaixar o tornozelo. – Ela esmagou pedaços secos de tortilha em uma frigideira preta, untada com manteiga derretida, e despejou os ovos por cima. – O que houve com seus olhos, Turner? Você e ela... – mexeu a mistura com a espátula de metal, enquanto jogava molho mexicano de um pote de plástico.

– Força-G. Tive que decolar rápido.

– Foi assim que ela machucou o tornozelo?

– Talvez. Não sei.

– Tem gente atrás de você agora? Atrás dela? – Ocupada pegando pratos do armário sobre a pia, o laminado marrom barato das portas disparando uma súbita onda de nostalgia em Turner, vendo os pulsos bronzeados dela como os de sua mãe...

– É provável – ele disse. – Não sei o que está em jogo. Ainda não.

– Coma um pouco – enquanto transferia a mistura para um prato branco e procurava um garfo. – Rudy tem medo do tipo de gente que pode vir atrás de você.

Pegando o prato, o garfo. Vapor subindo dos ovos.

– Eu também tenho.

– Tem umas roupas – Sally disse, por cima do barulho do chuveiro. – Um amigo de Rudy deixou aqui, devem servir pra você.

O chuveiro funcionava por gravidade, água da chuva de uma caixa no telhado, uma gorda unidade de filtragem branca presa ao

cano da ducha. Turner enfiou a cabeça entre as cortinas de plástico fosco e olhou para ela.

– Obrigado.

– A garota está inconsciente – ela disse. – Rudy acha que é choque, exaustão. Disse que os sinais vitais estão altos, então pode aproveitar pra fazer a varredura agora. – Em seguida, ela saiu do banheiro, levando as calças de Turner e a camisa de Oakey.

– O que ela é? – Rudy disse, estendendo um rolo amarrotado de gráfico cor prata.

– Não sei ler isso – Turner disse, vasculhando a sala branca com o olhar, procurando por Angie. – Cadê ela?

– Dormindo. Sally está com ela. – Rudy virou-se e caminhou pela sala. Turner lembrou-se de que o local tinha sido a sala de estar. Rudy começou a desligar os consoles, luzes minúsculas apagando-se, uma de cada vez. – Não sei, cara. Simplesmente não sei. O que é isto, algum tipo de câncer?

Turner o seguiu pela sala. Passou junto a uma bancada onde um micromanipulador aguardava, debaixo de sua capa. Passou pelos olhos retangulares e empoeirados de um banco de monitores antigos, um deles com a tela rachada.

– Está em toda a cabeça dela – Rudy disse. – Como se fossem fios compridos dessa coisa. Não se parece com nada que eu já vi na vida. Nada.

– O que sabe de biochips, Rudy?

Rudy grunhiu. Parecia muito sóbrio agora, mas tenso, agitado. Ficava alisando o cabelo com as mãos.

– Foi isso que pensei. É algum tipo de... Não um implante. Um enxerto.

– Pra que serve?

– Pra quê? Deus, quem é que sabe? Quem fez isso com ela? Algum chefe seu?

– O pai dela, eu acho.

– Meu Deus! – Rudy limpou a boca com a mão. – Parece um tumor nas varreduras, mas os sinais vitais estão altos, normais. Como ela é, normalmente?

– Não sei. Uma menina. – Deu de ombros.

– Que merda – Rudy disse. – Não entendo como ela consegue andar.

Abriu um pequeno freezer de laboratório e tirou uma garrafa congelada de Moskovskaya.

– Quer beber na garrafa? – ele perguntou.

– Mais tarde, quem sabe.

Rudy suspirou, olhou para a garrafa e a devolveu ao refrigerador.

– Então, o que quer? Com um negócio assim tão esquisito na cabeça daquela menina, logo alguém vai vir atrás dela. Se já não estão.

– Estão – Turner disse. – Não sei se sabem que ela está aqui.

– Ainda. – Rudy enxugou as mãos nos calções brancos encardidos. – Mas com certeza vão, não é?

Turner concordou.

– Pra onde vai, então?

– Pro Sprawl.

– Por quê?

– Porque tenho dinheiro lá. Tenho linhas de crédito em quatro nomes diferentes, nenhum modo de serem ligadas a mim. Porque tenho um monte de outras conexões que posso usar. E porque o Sprawl é sempre uma boa cobertura. Grande pra caramba, sabe?

– Certo – Rudy disse. – Quando?

– Está tão preocupado que quer que a gente suma agora?

– Não. Quer dizer, não sei. Tudo isso é muito interessante, isso que tem na cabeça da sua amiguinha. Tenho um amigo em Atlanta que podia me alugar um analisador de funções, mapear o cérebro, escala de um pra um. Se botar nela, posso começar a entender o que é a coisa. Pode valer algo.

– Claro. Se você soubesse onde vender.

– Não fica curioso? Quero dizer, que diabos ela é? Pegou a menina em um laboratório militar? – Rudy voltou a abrir a porta branca do freezer, tirou a garrafa de vodca, abriu-a e tomou um gole.

Turner pegou a garrafa e a virou, deixando o fluido gelado bater de encontro aos dentes. Engoliu e tremeu.

– É corporativo. Grande. Eu devia ter tirado o pai dela, mas ele mandou a menina no lugar. Então, alguém detonou o local de vez,

parecia uma minibomba nuclear. Escapamos por pouco. Até aqui. – Passou a garrafa a Rudy. – Fique sóbrio por mim, Rudy. Você bebe demais quando fica assustado.

Rudy o encarava, não dando a mínima para a garrafa.

– Arizona – ele disse. – Deu nas notícias. O México ainda está chiando. Mas não foi nuclear. Mandaram equipes pra lá, examinaram tudo. Nada de bomba.

– O que foi?

– Acham que foi um canhão eletromagnético. Acham que alguém colocou um canhão de hipervelocidade em um dirigível de carga e fez voar pelos ares algum shopping abandonado no meio do mato. Sabem que havia um dirigível por perto, que até agora ninguém achou. É fácil preparar um canhão desses pra se explodir quando dispara. A essa velocidade, o projétil podia ser quase qualquer coisa. Uns cento e cinquenta quilos de gelo seriam mais que o bastante. – Pegou a garrafa, tampou-a e colocou no balcão ao lado. – Toda a terra ali em volta é da Maas, não é? Maas Biolabs. Estão nas notícias, a Maas, cooperando totalmente com as autoridades. Pode apostar. Então, parece que já sabemos onde arranjou a sua namoradinha.

– Claro. Mas não sei quem usou o canhão. Ou por quê.

Rudy deu de ombros.

– É melhor vocês darem uma olhada nisto – Sally disse, da porta.

Muito mais tarde, Turner estava sentado com Sally na varanda. A garota havia caído, finalmente, em algo que o aparelho de EEG do irmão chamava de sono. Rudy estava de volta a uma das oficinas, quase certamente com a garrafa de vodca. Havia vaga-lumes em torno das trepadeiras de madressilva, junto ao portão de tela de arame. Turner descobriu que, se entrecerrasse os olhos, de onde estava, no balanço de madeira na varanda, podia quase ver uma macieira que não estava mais lá, uma árvore na qual ficava pendurado um pedaço de corda de cânhamo cinza-prateada e um antiquado pneu de carro. Naquele tempo também havia vaga-lumes, e os calcanhares de Rudy faziam um baque na terra batida quando se lançava do arco do balanço, as pernas dando impulso, e Turner deitava de costas na grama, olhando as estrelas...

– Línguas – disse Sally, a mulher de Rudy, da cadeira de palha que rangia, o cigarro dela como um olho vermelho na escuridão. – Falando em línguas.

– O que é isso?

– O que sua garota estava fazendo, lá em cima. Sabe alguma coisa de francês?

– Não, não muito. Não sem um lexikon.

– Parte daquilo parecia francês pra mim. – O ponto vermelho transformou-se em um traço curto por um instante, enquanto ela batia a cinza. – Quando era pequena, meu velho me levou uma vez a um estádio, e ouvi o testemunho e o falar em línguas. Fiquei assustada. Acho que me assustou mais ainda, hoje, quando ela começou.

– Rudy gravou o final, não é?

– É. Sabe, Rudy não tem estado muito bem. Foi mais por isso que mudei de volta pra cá. Disse pra ele que só ia ficar se ele se endireitasse, mas aí ele ficou mal mesmo, então voltei faz umas duas semanas. Estava pra ir embora quando você apareceu. – A brasa do cigarro descreveu um arco sobre o parapeito da varanda e caiu no cascalho que cobria o terreiro.

– A bebida?

– Isso e as coisas que ele mesmo faz no laboratório. Você sabe, esse cara sabe um pouquinho de quase tudo que há pra saber. Ainda tem um monte de amigos pelo condado. Já ouvi contarem histórias de quando vocês eram garotos, antes de você ir embora.

– Ele devia ter ido também – ele disse.

– Ele odeia a cidade – ela disse. – Diz que tudo vai ficar on-line mesmo, então pra que sair?

– Fui porque nunca acontecia nada aqui. Rudy sempre conseguia encontrar alguma coisa pra fazer. Ainda consegue, pelo jeito.

– Devia ter mantido contato. Ele te queria aqui quando a mãe de vocês estava morrendo.

– Estava em Berlim. Não podia largar o que estava fazendo.

– Acho que não. Também não estava aqui, cheguei depois. Foi um bom verão. Rudy me arrancou daquela bosta de inferninho em Memphis. Chegou lá uma noite com uma penca de caipiras e, no dia seguinte, eu estava aqui, sem saber exatamente por quê. Exceto

que ele me tratava bem, naquele tempo, e era uma figura. Deu uma chance pra eu esfriar a cabeça. Me ensinou a cozinhar. – Ela riu. – Gostei de cozinhar, só tinha medo das malditas galinhas lá atrás.

Ela se levantou e se espichou, a velha cadeira rangendo, e ele tomou consciência do comprimento das pernas bronzeadas, do cheiro e do calor de verão dela, próximos de seu rosto.

Ela colocou as mãos nos seus ombros. Os olhos dele estavam na altura da faixa de ventre moreno acima dos calções baixos. O umbigo, uma sombra suave. Lembrava-se de Allison no quarto branco e vazio, queria encostar o rosto ali, sentir o gosto de tudo. Achou que ela havia se inclinado um pouco, mas não tinha certeza.

– Turner – ela disse –, tem vezes que ficar aqui com ele é como ficar sozinha.

Aí ele se levantou, o ruído da velha corrente do balanço batendo de encontro à junta macho e fêmea do teto da varanda onde os parafusos que suportavam o brinquedo enfiavam-se profundamente, parafusos que seu pai podia ter apertado há quarenta anos, e beijoulhe a boca à medida que se abria, desligado do tempo pela conversa e os vaga-lumes e os gatilhos subliminares de memória, de modo que teve a impressão, enquanto corria as mãos pelo calor das costas nuas, debaixo da camiseta branca, de que as pessoas em sua vida não eram contas alinhadas em um fio de sequência, mas sim agrupadas como *quanta,* de modo que ele a conhecia tão bem quanto conhecera Rudy, ou Allison, ou Conroy, tão bem quanto conhecia a menina que era a filha de Mitchell.

– Ei – ela murmurou, livrando-se do beijo –, vamos lá pra cima.

18

OS NOMES DOS MORTOS

Alain ligou às cinco e ela confirmou que a quantia exigida estava disponível, ao mesmo tempo em que lutava para controlar o asco que sentia frente à ganância dele. Ela copiou o endereço com cuidado, no verso de um cartão que pegara na mesa de Picard na Galeria Roberts. Andrea voltou do trabalho dez minutos depois, e Marly sentiu-se contente por sua amiga não ter estado presente durante a chamada de Alain.

Observou enquanto Andrea escorava a janela da cozinha com um exemplar puído e encadernado em azul do segundo volume do *Dicionário Conciso de Inglês Oxford*, sexta edição. Andrea encaixara um tipo de prateleira de compensado ali, no beiral de pedra, larga o bastante para acomodar o pequeno grill hibachi que guardava debaixo da pia. Agora distribuía, por igual, os quadrados negros de carvão na grelha.

– Falei do seu chefe hoje – disse, colocando o hibachi no compensado e dando ignição à pasta inflamável esverdeada com o acendedor de faísca do fogão. – Aquele professor de Nice veio nos visitar. Achou estranho que o meu maior interesse fosse Josef Virek, mas também está na idade do lobo, então ficou mais do que feliz em bater papo.

Marly ficou parada ao seu lado, observando as chamas quase invisíveis lamberem o carvão.

Andrea prosseguiu:

– Ele ficava puxando a conversa para os Tessier-Ashpools e Hughes. Hughes foi um americano da segunda metade do século vinte. Também está no livro, como um tipo de proto-Virek. Não sabia

que a Tessier-Ashpool tinha começado a se desintegrar... – Voltou ao balcão da cozinha e desembrulhou seis camarões-tigre gigantes.

– Eles são franco-australianos? Acho que me lembro de um documentário. São os donos de um dos grandes spas?

– Freeside. Já foi vendido, o meu professor disse. Parece que uma das filhas do velho Ashpool conseguiu, de alguma forma, o controle pessoal de toda a pessoa jurídica. Aí ficou cada vez mais excêntrica, e os interesses do clã foram por água abaixo. Isso nos últimos sete anos.

– Não vejo o que isso tem a ver com Virek – Marly disse, enquanto assistia Andrea espetar os camarões em longas agulhas de bambu.

– O seu palpite é tão bom quanto o meu. O professor diz que tanto Virek como os Tessier-Ashpools são anacronismos interessantes, e que se pode aprender sobre a evolução das corporações estudando eles. Ou, pelo menos, convenceu um número suficiente dos nossos diretores editoriais disso.

– Mas o que ele disse de Virek?

– Que a loucura de Virek tomaria outra forma.

– Loucura?

– Na verdade, ele evitou usar essa palavra. Mas parece que Hughes era louco varrido, e o velho Ashpool também, e a filha é muito esquisita. Disse que Virek seria forçado, pelas pressões evolutivas, a dar uma espécie de “salto”. “Salto” foi a palavra dele.

– Pressões evolutivas?

– É – Andrea disse, levando os camarões espetados até o hibachi. – Ele fala sobre corporações como se fossem um tipo de bicho.

Saíram para uma caminhada depois do jantar. Marly, às vezes, via-se fazendo força para perceber o mecanismo de vigilância de Virek que imaginara. Andrea, porém, encheu a noite com a ternura e o bom senso de sempre. Marly sentia-se grata por caminhar em uma cidade onde as coisas não eram nada além de si mesmas. No mundo de Virek, o que poderia ser tão simples? Ela se lembrava da maçaneta de latão na Galerie Duperey, de como o objeto se contorcera de modo tão indescritível em seus dedos enquanto a

puxava para o modelo de Virek do Parque Guell. Será que ele ficava sempre lá, no parque de Gaudi, em uma tarde que nunca terminava? *O Señor é rico. O Señor possui muitos meios de manifestação.* Estremeceu no ar quente do anoitecer, e se aproximou de Andrea.

A coisa sinistra a respeito de um constructo de simstim, na verdade, era que ele encerrava a insinuação de que qualquer ambiente poderia não ser real, de que as vitrines das lojas pelas quais ela agora passava com Andrea poderiam ser imaginárias. Espelhos, alguém certa vez dissera, eram essencialmente nocivos. Os constructos eram piores ainda, ela concluiu.

Andrea parou em uma banca para comprar seus cigarros ingleses e a nova *Elle*. Marly aguardou na calçada, o tráfego de pedestres abrindo-se automaticamente para ela, rostos que passavam, estudantes, homens de negócios e turistas. Alguns deles, ela imaginou, eram parte da máquina de Virek, conectados a Paco. Paco, com seus olhos castanhos, modos agradáveis, a seriedade, os músculos se movendo sob a camisa de casimira. Paco, que trabalhara para o Señor toda sua vida.

– Qual o problema? Parece que acabou de engolir alguma coisa – disse Andrea, tirando o celofane do maço de Silk Cut.

– Não – Marly disse, e estremeceu. – Mas acho que quase, quase engoli...

E caminhando para casa, a despeito da conversa de Andrea, de sua amizade gostosa, as vitrines das lojas haviam se tornado caixas. Cada uma delas, construções, como as obras de Joseph Cornell ou do misterioso fazedor de caixas que Virek procurava. Os livros e peles e algodões italianos dispostos para sugerir geometrias de uma saudade sem nome.

E acordando, mais uma vez, com o rosto amassado no sofá de Andrea, o edredom vermelho sobre os ombros, sentindo cheiro de café, enquanto Andrea murmurava alguma canção pop de Tóquio para si mesma no quarto ao lado, se vestindo. Em uma manhã cinza de chuva parisiense.

– Não – disse a Paco. – Eu mesma vou. Prefiro assim.

– Isso é muito dinheiro. – Ele olhou para a sacola italiana na mesa de café, entre eles. – É perigoso, percebe?

– Ninguém sabe que estou levando esse dinheiro, sabe? Só Alain. Alain e os teus amigos. E não disse que iria sozinha, só não quero companhia.

– Algo errado? – As linhas profundas de seriedade nos cantos da boca dele. – Está chateada?

– Apenas quero ficar sozinha. Você e os outros, quem quer que sejam, podem me seguir. Seguir e observar. Se me perderem, coisa de que duvido muito, tenho certeza de que têm o endereço.

– Isso é verdade – ele disse. – Mas, você levar vários milhões de neoienes, sozinha, através de Paris. Sei lá. – Ele deu de ombros.

– E se eu perdesse o dinheiro? O Señor sentiria a perda? Ou haveria outra sacola, outros quatro milhões? – Ela pegou a alça a tiracolo e se levantou.

– É claro que haveria outra sacola, embora nos dê algum trabalho reunir essa quantidade de dinheiro vivo. E não, o Señor não "sentiria" essa perda, no sentido que você diz, mas eu seria punido, mesmo pela perda sem justificativa de uma quantia menor. Você vai descobrir que os muito ricos têm, em comum, a característica de tomar cuidado com o dinheiro deles.

– Mesmo assim, vou desacompanhada. Não sozinha, mas me deixe com meus pensamentos.

– Sua intuição.

– Isso.

Se a seguiam, e ela tinha certeza disso, mantinham-se tão invisíveis como sempre. Aliás, seria mais provável que deixassem Alain sem vigilância. O endereço que ele lhe dera, com certeza naquela manhã já seria o foco da atenção deles, quer ele estivesse lá ou não.

Hoje, ela sentia uma nova força. Havia enfrentado Paco. Tinha algo a ver com a desconfiança repentina, na noite anterior, de que Paco poderia estar lá, em parte, para ela, com seu humor, sua virilidade e sua adorável ignorância de arte. Lembrou-se de Virek dizendo que sabiam mais sobre sua vida do que ela mesma. Que maneira mais fácil, então, para eles preencherem as poucas lacunas

na planilha que era Marly Krushkhova? Paco Estevez. Um estranho perfeito. Perfeito demais.

Sorriu para si mesma em uma parede de espelho azul à medida que a escada rolante a levava para dentro do metrô, satisfeita com o corte de cabelo escuro e as armações de titânio elegantemente austeras dos óculos escuros Porsche que comprara pela manhã. “Bons lábios”, ela pensou, “realmente nada de mau.” E um garoto magro, de camisa branca e jaqueta de couro escura, sorriu para ela da escada rolante que subia ao lado, com uma enorme pasta negra debaixo do braço.

“Estou em Paris”, ela pensou. Pela primeira vez, em muito tempo, só isso já era razão para sorrir. “E hoje vou dar ao babaca nojento do meu ex quatro milhões de neoienes, e ele vai me dar algo em troca. Um nome, ou um endereço, talvez um número de telefone.” Ela comprou um bilhete de primeira classe: o vagão estaria menos lotado, e poderia passar o tempo imaginando quais dos outros passageiros pertenciam a Virek.

O endereço que Alain lhe dera, em um horrível subúrbio da zona norte, era uma de vinte torres de concreto que se erguiam de uma planície do mesmo material, peça de especulação imobiliária da metade do século passado. A chuva caía com força, agora, mas ela se sentia como se estivesse, de alguma forma, mancomunada com o tempo: dava ao dia um ar de conspiração, e pontilhava a sacola chique de borracha, recheada com a fortuna de Alain. Que esquisito caminhar através desse cenário horrendo com milhões debaixo do braço, prestes a recompensar seu ex, absolutamente traiçoeiro, com maços de neoienes.

Não houve resposta quando tocou o botão do interfone numerado do apartamento. Depois do vidro laminado sujo, um vestíbulo às escuras, totalmente vazio. O tipo de lugar onde você acendia as luzes ao entrar. E elas se apagavam sozinhas, automaticamente, sempre antes que o elevador chegasse, e você ficava ali, aguardando no cheiro de desinfetante e ar viciado. Ela tocou de novo.

– Alain?

Nada.

Experimentou a porta. Não estava trancada. Não havia ninguém no vestíbulo. O olho morto de uma câmera de vídeo quebrada a encarava através de uma película de pó. A luz diluída da tarde se infiltrava da planície de concreto às suas costas. Com os saltos das botas batendo nos ladrilhos marrons, dirigiu-se ao conjunto de elevadores e apertou o botão 22. Houve um baque oco, um gemido metálico, e um dos elevadores começou a descer. Os indicadores plásticos sobre as portas permaneceram apagados. A cabine chegou com um suspiro e um gemido agudo, que sumiu aos poucos.

– *Cher* Alain, você caiu muito. Este lugar é mesmo o fundo do poço.

Enquanto as portas se abriam para a escuridão da cabine, ela buscava, debaixo da sacola italiana, a aba da sua bolsa de Bruxelas. Encontrou e tirou da bolsa a lanterninha de metal verde que carregava desde seu primeiro passeio por Paris, com a cabeça de leão da marca Pile Wonder em relevo na parte frontal. Nos elevadores de Paris, você podia encontrar muitas coisas: os braços de um assaltante, uma pilha cheirosa de cocô fresco de cachorro...

E o feixe débil apanhou os cabos prateados, lubrificados e brilhosos, oscilando suavemente no poço vazio, a ponta de sua bota direita já centímetros além da borda de aço desgastada do piso ladrilhado. A mão, num gesto automático de terror, lançou o feixe de luz num raio descendente, iluminando o teto empoeirado e cheio de lixo da cabine, dois andares abaixo. Ela assimilou uma quantidade extraordinária de minúcias nos segundos em que a luz vacilou sobre o elevador. Lembrou-se de um minúsculo submarino mergulhando nos abismos de uma profunda montanha oceânica, o delicado feixe oscilando sobre um trecho de sedimentos que não eram perturbados há séculos: o leito suave da fuligem milenar transformada em penugem, uma coisa cinzenta e ressecada que era uma camisinha usada, os olhos brilhantes refletidos de bolinhas amassadas de papel-alumínio, o cilindro cinza e quebradiço e o êmbolo branco de uma seringa de insulina... Segurava o batente da porta com tanta força que as juntas dos dedos doíam. Muito lentamente, deslocou o peso para trás, para longe do fosso. Outro passo e desligou a lanterna.

– Vá pro inferno – ela disse. – Ai, meu Deus.

Encontrou a porta para as escadas. Ligando novamente a lanterninha, começou a subir. Depois de oito andares, o torpor começou a desaparecer, e ela tremia, lágrimas arruinando a maquiagem.

Voltou a bater na porta. Era papelão prensado, revestido com uma lâmina medonha de imitação de pau-rosa; a textura, litografada, parcamente visível à luz da única tira de biofluorescência do longo corredor.

– Alain, seu desgraçado!? Alain!

O olho-de-peixe míope do pequeno visor na porta olhava através dela, inexpressivo e despreocupado. O corredor tinha um cheiro horrível, odores de cozinha embalsamados e aprisionados em tapetes sintéticos.

Tentou abrir a porta, a maçaneta girando, o latão barato gorduroso e frio. A sacola de dinheiro subitamente pesada, a alça cortando seu ombro. A porta se abrindo facilmente. Um trecho curto de tapete laranja, sarapintado de retângulos irregulares de rosa-salmão, décadas de pó fundidos ali em uma trilha bem definida de milhares de moradores e visitantes.

– Alain? – O cheiro de cigarros escuros franceses, quase reconfortante.

E vê-lo ali, na mesma luz diluída, luz prateada, os blocos das outras torres todos iguais além do retângulo da janela, contra o céu lívido e chuvoso, onde ele jazia curvado como uma criança no horrendo tapete laranja, a espinha um ponto de interrogação sob as costas retesadas da jaqueta de veludo verde-garrafa, a mão esquerda aberta sobre a orelha, dedos brancos, o mais leve dos azulados na base das unhas.

Ajoelhando-se, ela tocou-lhe o pescoço. Sabia. Fora da janela, toda a chuva escorria, eternamente. Apoiando a cabeça dele com as mãos, as pernas abertas, segurando-o, embalando, balançando. O uivo triste, animalesco, irracional preenchendo o retângulo vazio da sala. E, depois de um tempo, percebendo a coisa afiada sob a palma da mão, a extremidade limpa e inoxidável de um pedaço de

fio muito fino e muito rígido, que saía do ouvido, por entre os dedos frios entreabertos.

Horrível, horrível, não era jeito de morrer; fez com que ela se levantasse, a raiva, as mãos como garras. Para vasculhar a sala silenciosa onde ele morrera. Nada evocava a presença dele, nada, apenas a pasta esfarrapada. Abrindo-a, encontrou dois cadernos de espiral, as páginas novas e limpas, um romance não lido, mas muito na moda, uma caixa de fósforos de madeira e um maço azul de Gauloise pela metade. A agenda encadernada em couro da Browns desaparecera. Apalpou-lhe a jaqueta, enfiou os dedos nos bolsos, mas desaparecera.

"Não", pensou, "você não teria escrito lá, teria? Mas você nunca conseguia decorar um número ou endereço, não é?" Voltou a olhar a sala, uma estranha calma tomando conta dela. "Você tinha que escrever as coisas, mas gostava de ter segredos, e não confiava na minha caderneta da Browns, não; você encontrava uma garota em algum café e escrevia o número dela em uma cartela de fósforos ou em um pedacinho de papel, e o esquecia, de modo que eu o encontrava semanas depois, quando arrumava suas coisas."

Ela entrou no minúsculo quarto. Havia uma cadeira de dobrar vermelho-vivo e uma prancha de espuma amarela, barata, que fazia as vezes de cama. A espuma estava marcada com uma borboleta marrom de sangue menstrual. Ela a ergueu, mas não achou nada.

– Você devia estar com medo – ela disse, a voz tremendo com uma fúria que nem tentou entender, as mãos frias, mais frias do que as de Alain, enquanto as passava no papel de parede vermelho com faixas douradas, buscando uma ponta solta, um esconderijo.

– Seu pobre burro de merda. Pobre burro morto de merda...

Nada. De volta à sala de estar e, de alguma forma, surpresa porque ele não se mexera; esperando que ele pulasse, dissesse "oi", com alguns centímetros de um arame de brinquedo nas mãos. Tirou-lhe os sapatos. Precisava trocar de sola, novos saltos. Olhou dentro, apalpou o forro. Nada.

– Não faz isso comigo – e voltou ao quarto. O guarda-roupa estreito. Afastando para o lado uma confusão de cabides baratos de plástico branco, uma capa de lavanderia de plástico mole. Arrastando a espuma manchada e subindo nela, os saltos

afundando na espuma, para passar as mãos ao longo de uma prateleira de papelão prensado e encontrar, no canto mais afastado, um papelzinho dobrado, retangular e azul. Abrindo-o, percebeu como as unhas que fizera com tanto capricho estavam lascadas, e encontrou o número que ele deixara escrito, com uma caneta verde de ponta porosa. Era um maço vazio de Gauloise.

Alguém bateu na porta.

E, logo depois, a voz de Paco:

– Marly? Oi? O que houve?

Ela enfiou o número na cintura do jeans e voltou-se para encontrar os olhos dele, sérios e calmos.

– É Alain – ela disse. – Está morto.

19

O HYPERMART

Viu Lucas pela última vez em frente a uma grande e velha loja de departamentos na Madison Avenue. Era assim que se lembraria dele, depois: um grande homem negro, de terno negro impecável, prestes a entrar no longo carro negro, um sapato negro de brilho suave já no suntuoso interior acarpetado de Ahmed, o outro ainda no concreto em ruínas do meio-fio.

Jackie estava ao lado de Bobby, o rosto sombreado pelas abas largas do chapéu cheio de ouro, um lenço de seda laranja amarrado na nuca.

– Você agora toma conta do nosso jovem amigo – Lucas disse, apontando o castão da bengala para ela. – O nosso Count tem seus inimigos.

– E quem não tem? – Jackie perguntou.

– *Eu mesmo* tomo conta de mim – Bobby disse, ressentido com a ideia de Jackie ser vista como mais competente, embora, ao mesmo tempo, soubesse que isso devia ser verdade.

– Faça isso – Lucas disse, o castão da bengala oscilando, agora alinhado com os olhos de Bobby. – A Vila Sprawl é um lugar traiçoeiro, meu caro. As coisas raramente são o que parecem. – Para ilustrar o ponto, fez alguma coisa com a bengala, e as longas estrias de metal por baixo da esfera se abriram por um instante, de modo suave e silencioso, estendidas como as varetas de um guarda-chuva, cada uma brilhando como uma navalha afiada e com pontas como agulhas. Logo desapareceram, e a porta larga de Ahmed fechou-se com um baque de chapas blindadas.

Jackie riu.

– Me-érda! Lucas ainda usa aquela bengala matadora. Puta advogado agora, mas a rua deixa marcas em você. Deve ser uma boa coisa...

– Advogado?

Ela olhou para ele.

– Não esquenta, coração. É só vir comigo, fazer o que eu disser, e vai ficar bem.

Ahmed fundiu-se com o tráfego esparso, um condutor de bicitáxi usando a mão para fazer soar, futilmente, uma buzina de ar para o para-choque metálico que se afastava.

Então, com a mão bem cuidada e cheia de anéis de ouro, ela tocou Bobby no ombro e o conduziu pela calçada, passando por um grupo de sem-teto adormecidos embrulhados em trapos, e para dentro do mundo em lento despertar do Hypermart.

– Quatorze andares – Jackie disse, e Bobby assobiou.

– Todos deste jeito?

Ela assentiu, afogando cristais marrons de açúcar em cubos na espuma bege sobre o copo de café. Estavam sentados em bancos de ferro fundido, cheios de volutas, no balcão de mármore de uma pequena cabine, onde uma garota da idade de Bobby, o cabelo tingido e esculpido com laquê em um tipo de barbatana dorsal, acionava os botões e alavancas de uma grande máquina antiga com tanques, cúpulas e queimadores metálicos, e águias com asas de cromo abertas. O tampo do balcão já tinha sido alguma outra coisa: Bobby via onde uma das extremidades fora cortada, em um longo entalhe tortuoso, para permitir que a peça se encaixasse entre dois pilares de ferro pintados de verde.

– Gosta, é? – Ela salpicou a espuma com canela em pó de um pesado e antiquado frasco de vidro. – Deve ser o mais longe de Barrytown que já esteve, de várias maneiras.

Bobby concordou, os olhos confusos pelas mil cores e texturas das coisas nas barracas, e das próprias barracas. Parecia não haver nenhuma regularidade em nada, nenhum sinal de planejamento central. Corredores tortuosos retorciam-se a partir da área em frente da cabine de café. Também parecia não haver fonte central de iluminação. Neons vermelhos e azuis brilhavam por trás do silvo

branco de um lampião Primus, e uma barraca, que acabava de ser aberta por um homem barbado com calças de couro, parecia iluminada por velas, as luzes suaves refletidas em centenas de fivelas de metal polido penduradas sobre os vermelhos e negros de velhos tapetes. Havia uma agitação matutina no lugar, tosses e pigarros. Uma unidade de manutenção predial Toshiba azul chiava em um corredor, puxando um carrinho de plástico maltratado, cheio de sacos verdes de lixo. Alguém havia colado uma grande cabeça plástica de boneca no segmento superior do Toshiba, acima do aglomerado de lentes e sensores de câmera, uma coisa sorridente de olhos azuis que já pretendera imitar as feições de uma grande estrela do stim sem violar os direitos de imagem da Sense/Net. A cabeça rosada, o cabelo platinado, amarrado para cima com um segmento de pérolas plásticas azuis claras, balançava pateticamente à medida que o robô prosseguia. Bobby riu.

– Este lugar é legal – ele disse, e fez um gesto para a garota voltar a encher a sua xícara.

– Só um segundo, babaca – disse a garota do balcão, num tom amável. Estava colocando pó de café em um funil de aço amassado, na extremidade de uma balança antiga. – Conseguiu dormir na noite passada, Jackie? Depois do show?

– Claro – Jackie disse, e tomou um pouco de café. – Dancei o segundo set deles e depois dormi no Jammer's. Desabei na cama, sabe?

– Queria ter dormido um pouco. Sempre que o Henry vê você dançar, ele não me deixa em paz. – Ela riu, e voltou a encher a xícara de Bobby, com café de uma garrafa térmica de plástico preto.

– Então – Bobby disse, quando a garota voltou a se ocupar com a máquina de expresso –, e agora?

– Homem ocupado, eh? – Jackie o olhou serenamente por detrás da aba do chapéu cheio de ouro. – Tem lugares pra ir, gente pra ver?

– Bom, não. Merda. Só quero dizer, então, é só isso?

– Só isso, o quê?

– Este lugar. Vamos ficar aqui?

– No último andar. Um amigo meu, o Jammer, tem uma casa noturna lá em cima. Acho que ninguém vai te achar por lá, e,

mesmo que achem, é um lugar difícil de entrar sem ser notado. Quatorze andares, quase tudo de barracas, e um montão dessa gente vende coisas que deixa escondidas, saca? Então eles não gostam muito de estranhos, de ninguém fazendo perguntas. E a maior parte é amiga da gente, de um jeito ou de outro. De qualquer forma, você vai gostar daqui. Bom lugar pra você. Muita chance pra aprender, se se lembrar de ficar de boca fechada.

– Como vou aprender se não perguntar nada?

– Bem, fica com as orelhas abertas, é mais o que eu quero dizer. E seja educado. Tem gente durona aqui, mas se você ficar na sua, eles também ficam na deles. Beauvoir deve vir no final da tarde. Lucas foi pros Projetos, contar o que o Finlandês te disse. *O que* o Finlandês te disse, coração?

– Que tem três caras mortos estirados no chão dele. Disse que são ninjas. – Bobby olhou para ela. – Ele é bem esquisito...

– Caras mortos não costumam ser parte da linha de produtos dele. Mas, tudo bem, ele é esquisito, sim. Que tal me contar mais? Com calma, e num tom baixo e sem sobressaltos. Acha que consegue?

Bobby contou a ela o que se lembrava da visita ao Finlandês. Jackie o interrompeu várias vezes, fazendo perguntas que ele, quase sempre, não sabia responder. Ela fez sinal com a cabeça na primeira vez que Wigan Ludgate foi mencionado.

– É – ela disse –, Jammer fala dele, quando começa a contar dos velhos tempos. Tenho que perguntar pra ele... – Ao final do relato, ela estava recostada contra um dos pilares verdes, o chapéu muito baixo sobre os olhos escuros.

– Então? – ele perguntou.

– Interessante – ela disse, e ficou nisso.

– Quero umas roupas novas – Bobby disse, enquanto subiam uma escada rolante inerte para o segundo andar.

– Tem dinheiro? – ela perguntou.

– Merda – ele disse, com as mãos nos bolsos dos jeans folgados e plissados. – *Eu* não tenho porra nenhuma de *dinheiro*, mas quero umas roupas. Você, Lucas e Beauvoir estão me guardando pra *alguma coisa*, não é? Olha, estou cansado desta camisa medonha

que a Rhea me empurrou, e essas calças parecem toda hora que vão cair da minha bunda. E estou aqui por causa do Two-a-Day, que é um desgraçado do caralho, que queria arriscar o meu rabo pra que Lucas e Beauvoir pudessem testar o maldito soft deles. Então, o mínimo que você pode fazer é me comprar umas roupas, certo?

– Tá bem – ela disse, depois de um momento. – Olha o que vou fazer. – Apontou para onde uma garota chinesa com jeans desbotados estava enrolando as folhas de plástico que haviam protegido uma dúzia de araras de tubo de aço, cheias de roupas. – Tá vendo a Lin, ali? É uma amiga minha. Você escolhe o que quiser, depois eu falo pro Lucas acertar com ela.

Meia hora depois, ele surgiu de um provador com cortina de cobertor e colocou um par de óculos espelhados de aviador indo-javaneses. Sorriu para Jackie.

– Abafando! – ele disse.

– Ah, claro. – Ela fez um gesto com a mão, imitando um leque, como se alguma coisa por perto estivesse quente demais para tocar. – Não gostou daquela camisa que a Rhea te arranjou?

Ele olhou para baixo, para a camiseta preta que escolhera, para o holodecalque quadrado de ciberespaço no peito. Havia sido feito de modo que você parecia estar avançando a grande velocidade através da matrix, com linhas de grade manchadas nas bordas do decalque.

– É. Era brega pra cacete.

– Certo – Jackie disse, olhando para o jeans preto apertado, as pesadas botas de couro com pregas sanfonadas de traje espacial nos tornozelos, o cinto militar de couro preto decorado com linhas gêmeas de cravos piramidais. – Bem, acho que agora está mais com pinta de conde. Vamos lá, Count. Tem um lugar pra você dormir, lá em cima no pedaço do Jammer.

Ele olhou de esguelha para ela, os polegares enfiados nos bolsos da frente do Levi's preto.

– Sozinho – ela acrescentou. – Não se preocupe.

20

VOO DE ORLY
(FUGA PRECIPITADA)

Paco guiou o Citroën-Dornier pelos Champs, ao longo da margem norte do Sena e, em seguida, subiu através de Les Halles. Marly se afundou no banco de couro incrivelmente macio, com uma costura mais bela que a de sua jaqueta de Bruxelas. Forçou a mente em direção ao vazio, à falta de sentimentos. “Seja olhos”, disse a si mesma. “Apenas olhos, o corpo um peso comprimido por igual pela velocidade deste carro obscenamente caro.” Zuniram pela Praça des Innocents, onde prostitutas negociavam com os motoristas de hovercrafts de carga em *bleu de travail*. Paco dirigia sem esforço pelas ruas estreitas.

– Por que disse: “Não faz isso comigo”? – Tirou a mão do console de direção e corrigiu a posição de seu ponto de ouvido.

– Por que estava escutando?

– Porque esse é o meu trabalho. Mandei uma mulher subir na torre oposta à dele, para o vigésimo segundo andar, com um microfone parabólico. O telefone no apartamento estava desligado, senão o teríamos usado. Ela subiu, arrombou uma unidade vaga do lado oeste da torre, e apontou o microfone em tempo de ouvir você dizer: “Não faz isso comigo”. E vocês estavam sós?

– Sim.

– E ele estava morto?

– Estava.

– Então, por que disse aquilo?

– Não sei.

– Quem você achou que estava fazendo algo com você?

– Não sei. Talvez Alain.
– Fazendo o quê?
– Estando morto? Complicando tudo? Me diga você.
– Você é uma mulher complicada.
– Deixa eu descer.
– Vou te levar pro apartamento da sua amiga...
– Pare o carro.
– Vou te levar para...
– Vou a pé.
O automóvel prateado e baixo deslizou até o meio-fio.
– Vou ligar pra você, no...
– Boa noite.

– Tem certeza de que não preferiria um dos spas? – perguntou o sr. Paleologos, magro e elegante como um louva-a-deus em sua jaqueta branca de lã áspera. O cabelo também era branco, escovado para trás, a partir da testa, com extremo cuidado. – Seria menos dispendioso e muito mais divertido. Você é uma moça muito bonita.

– Como? – Tirando a atenção da rua para além da vitrine riscada pela chuva. – Uma o quê? – O francês dele era desajeitado, entusiástico, com uma entonação estranha.

– Uma moça muito bonita. – Ele deu um sorriso afetado. – Não prefere um feriado em um conjunto do Med? Com gente da sua idade? Você é judia?

– Como?
– Judia. Você é?
– Não.

– Que pena – ele disse. – Tem as maçãs do rosto de um certo tipo de jovem judia elegante... Tenho um ótimo desconto para quinze dias em Jerusalém Prime, um ambiente esplêndido pelo preço. Inclui aluguel do traje, três refeições por dia e voo direto do toroide da JAL.

– Aluguel do traje?

– Ainda não criaram toda a atmosfera, em Jerusalém Prime – o sr. Paleologos disse, enquanto passava uma pilha de papeizinhos rosa de um lado da mesa para o outro. Seu escritório era um pequeno

cubículo cujas paredes eram decoradas com vistas holográficas de Poros e Macau. Marly escolhera essa agência por sua evidente obscuridade, e porque fora possível entrar lá sem sair do pequeno centro comercial na estação de metrô próxima do apartamento de Andrea.

– Não – ela disse –, não estou interessada em spas. Quero ir aqui. – Tocou o texto no papel azul enrugado de um maço de Gauloise.

– Bem – ele disse –, é possível, é claro, mas não tenho uma listagem de acomodações. Vai visitar amigos?

– Viagem de negócios – ela disse, impaciente. – Preciso partir agora mesmo.

– Muito bem, muito bem – o sr. Paleologos disse, tirando um terminal de colo, de aparência barata, de uma prateleira atrás da mesa. – Pode me dar seu código de crédito?

Ela colocou a mão na bolsa de couro negro e tirou o maço grosso de neoienes que removera da sacola de Paco enquanto ele estava ocupado examinando o apartamento onde Alain morrera. O dinheiro encontrava-se preso por uma cinta vermelha de elástico translúcido.

– Quero pagar em dinheiro.

– Oh, querida – o sr. Paleologos disse, estendendo uma ponta de dedo rosada para tocar a nota de cima, como se esperasse que o maço desaparecesse. – Entendo. Bem, você compreende, normalmente não fazemos negócios dessa forma... Mas creio que podemos arranjar alguma coisa.

– Rápido – ela disse. – Muito rápido...

Ele olhou para ela.

– Entendo. Pode me dizer... – seus dedos começaram a dançar sobre as teclas do terminal – o nome que gostaria de usar na viagem?

21

HORA DA ESTRADA

Turner acordou na casa silenciosa, ao som de passarinhos nas macieiras do pomar abandonado. Dormira no sofá quebrado que Rudy deixava na cozinha. Tirou água para o café, os tubos plásticos da caixa no telhado tossindo enquanto ele enchia o bule. Pôs o bule no queimador de propano e saiu para a varanda.

Os oito veículos de Rudy estavam recobertos de orvalho, dispostos em uma fileira ordenada no chão coberto de pedra britada. Um dos cães melhorados trotou pelo portão aberto enquanto Turner descia os degraus, o capuz negro do animal soltando estalidos suaves na quietude da manhã. O cão parou, babando, balançou a cabeça distorcida de um lado para o outro e, em seguida, correu pelo cascalho e para fora de vista, contornando o canto da varanda.

Turner parou ao lado da capota de um jipe Suzuki marrom sem brilho, convertido para célula de hidrogênio. Com certeza Rudy havia feito o trabalho sozinho. Tração nas quatro rodas, pneus grandes, com cravos off-road cobertos de lama de rio, clara e seca. Pequeno, lento, confiável, não seria de grande utilidade na estrada...

Passou por dois sedãs Honda sarapintados de ferrugem. Idênticos, do mesmo ano e modelo. Rudy estava tirando peças de um para usar no outro. Nenhum deveria estar funcionando. Sorriu, distraído, ao ver a pintura marrom e bege imaculada da caminhonete Chevrolet de 1949, lembrando-se da carcaça enferrujada que Rudy trouxera desde o Arkansas em um reboque alugado. A coisa ainda funcionava com gasolina, as superfícies

internas do motor provavelmente tão imaculadas quanto a laca cor de chocolate, polida à mão, dos para-lamas.

Havia a metade de um avião de efeito solo Dornier debaixo de lonas plásticas cor de cinza. Logo depois, uma moto de corrida Suzuki preta, com formato de marimbondo, sobre um reboque improvisado. Turner se perguntou quanto tempo fazia desde que Rudy havia se dedicado, a sério, às corridas. Havia um snowmobile debaixo de outra lona, uma máquina velha, ao lado do reboque da motocicleta. E, logo depois, o hovercraft cinza manchado, sobra da guerra, uma cunha gorda de blindagem de aço com o cheiro do querosene que a turbina queimava. A saia, reforçada com malha, caída no cascalho. As janelas eram fendas estreitas de plástico grosso de alto impacto. Os para-choques do veículo mais pareciam aríetes, e tinham placas de Ohio parafusadas. Tinham licença deste ano.

– Sei o que está pensando – Sally disse, e ele se virou para vê-la no parapeito da varanda, segurando o bule de café, que soltava vapor. – Rudy fala que se esse bicho não conseguir passar por cima de alguma coisa, sempre pode passar pelo meio.

– É rápido? – tocando a lateral blindada do hovercraft.

– Claro, mas você vai precisar de uma espinha nova depois de uma hora.

– E a lei?

– Acho que não gostam muito do jeito dele, mas tem licença pra andar nas ruas. Que eu saiba, não tem nenhuma lei contra blindagem.

– Angie está melhor – Sally disse, enquanto ele a seguia pela porta da cozinha. – Não é, meu anjo?

A filha de Mitchell levantou o olhar da mesa da cozinha. Os hematomas da menina, como os de Turner, haviam se reduzido a um par de vírgulas gordas, como se fossem lágrimas pintadas de negro azulado.

– O meu amigo é médico – Turner disse. – Examinou você enquanto dormia. Disse que está tudo bem.

– O seu irmão. E ele não é médico.

– Sinto muito, Turner – Sally disse, do fogão. – Não sou de rodeios.

– Bem, não é médico – ele disse –, mas é inteligente. Estávamos preocupados que a Maas tivesse feito alguma coisa com você, algo pra que você ficasse doente se saísse do Arizona.

– Como uma bomba de córtex? – Ela pegou uma colherada de cereal frio de uma tigela rachada, com estampas de flor de macieira no contorno da borda, parte de um jogo de que Turner se lembrava.

– Meu Deus – Sally disse. – No que você se meteu, Turner?

– Boa pergunta. – Ele pegou um lugar na mesa.

Angie o encarava enquanto mastigava o cereal.

– Angie – ele disse –, quando Rudy fez a varredura em você, achou uma coisa na sua cabeça.

Ela parou de mastigar.

– Ele não sabia o que era. Algo que alguém botou lá, quem sabe quando você era bem novinha. Sabe do que estou falando?

Ela assentiu com a cabeça.

– E sabe o que é?

Ela engoliu.

– Não.

– Mas sabe quem pôs isso lá?

– Sei.

– Seu pai?

– Foi.

– Sabe por quê?

– Porque eu estava doente.

– Estava doente, como?

– Não era muito esperta.

Ao meio-dia ele estava pronto, o hovercraft abastecido e aguardando ao lado dos portões de tela de arame. Rudy lhe dera um ziploc preto retangular cheio de neoienes, algumas das notas tão usadas que estavam quase translúcidas.

– Tentei passar aquela fita por um lexikon francês – Rudy disse, enquanto um dos cães esfregava as costelas empoeiradas em suas pernas. – Não deu certo. Acho que é algum tipo de crioulo. Africano, quem sabe. Quer uma cópia?

– Não – Turner disse. – Fica com você.

– Obrigado – Rudy disse –, por nada. Não pretendo admitir que vocês vieram aqui, se alguém perguntar. Sally e eu vamos pra Memphis de tarde, ficar com um casal de amigos. Os cães vão cuidar da casa. – Ele coçou o animal por trás do capuz plástico. – Certo, garoto? – O cão ganiu e estremeceu. – Tive que treinar os bichos pra não caçarem guaxinins, depois que coloquei os infravermelhos. Ou não ia sobrar nenhum guaxinim no condado inteiro.

Sally e a garota vinham descendo os degraus da varanda, Sally carregando uma bolsa de lona velha que enchera de sanduíches e uma garrafa térmica de café. Turner lembrou-se dela na cama do andar de cima, e sorriu. Ela sorriu de volta. Hoje ela parecia mais velha, cansada. Angie havia jogado fora a camiseta manchada de sangue da MAAS-NEOTEK e trocado por uma blusa de moletom preta e amorfa que Sally havia encontrado. Fazia-a parecer ainda mais nova do que era. Sally também conseguira incorporar os hematomas restantes em um trabalho barroco de maquiagem ao redor dos olhos que fazia um estranho contraste com o rosto de criança e a blusa folgada.

Rudy deu a Turner a chave do hovercraft.

– Mandei o meu velho Cray preparar um resumo das últimas notícias empresariais desta manhã. Uma coisa que acho que precisa saber é que a Maas Biolabs anunciou a morte, acidental, do dr. Christopher Mitchell.

– É fantástico como essa gente consegue ser imprecisa.

– E você deixe o cinto bem apertado – Sally estava dizendo –, ou a sua bunda vai ficar toda roxa antes de chegar naquela saída de Statesboro.

Rudy olhou de relance para a garota e, depois, de volta para Turner. Turner podia ver os vasos rompidos na base do nariz do irmão. Os olhos estavam vermelhos e havia um forte tique na pálpebra esquerda.

– Bom, acho que já está na hora. Engraçado, mas achava que nunca veria você de novo. É meio estranho te ver aqui de volta.

– Bem – Turner disse –, vocês dois fizeram mais do que eu tinha qualquer direito de esperar.

Sally desviou o olhar.

– Então, obrigado. Acho melhor a gente ir. – Subiu na cabine do hovercraft, querendo já estar longe. Sally apertou o pulso da garota, deu a ela a bolsa, e ficou ao seu lado enquanto ela subia nos dois degraus articulados. Turner se acomodou no banco do motorista.

– Ela ficava perguntando de você – Rudy disse. – Depois de um tempo ficou tão mal, os análogos de endorfina não conseguiam parar a dor de verdade, e mais ou menos a cada duas horas perguntava onde você estava, quando ia voltar.

– Eu mandei dinheiro – Turner disse. – O bastante pra levar ela pra Chiba. As clínicas lá podiam ter tentado alguma coisa nova.

Rudy resfolegou.

– Chiba? Deus. Ela era uma mulher de idade. Que diabos podia ter feito de bom, manter ela viva em Chiba por mais alguns meses? O que ela mais queria era ver você.

– É, mas não deu – Turner disse, enquanto a garota se acomodava no banco ao lado e colocava a bolsa no chão, entre os pés. – Nos vemos, Rudy. – Ele fez que sim com a cabeça. – Sally.

– Tchau – Sally disse, com o braço em torno de Rudy.

– De quem estavam falando? – Angie perguntou, enquanto a escotilha baixava. Turner colocou a chave na ignição e acendeu a turbina, ao mesmo tempo em que inflava a saia. Pela janela estreita do seu lado, viu Rudy e Sally se afastarem rapidamente do veículo, o cão se encolhendo e latindo com o barulho da turbina. Os pedais e os controles manuais eram muito grandes, projetados para facilitar a operação por um condutor usando traje contra radiação. Turner manobrou com cuidado pela passagem do portão, fazendo uma curva em um trecho largo da pista de cascalho. Angie estava prendendo o cinto.

– Minha mãe – ele disse.

Aumentou a rotação da turbina e saltaram para a frente.

– Nunca conheci minha mãe – ela disse, e Turner se lembrou que o pai dela estava morto, e que ela ainda não sabia. Apertou o acelerador e dispararam pela pista de cascalho, por pouco não atropelando um dos cães de Rudy.

Sally estivera certa sobre como era andar neste veículo: havia uma vibração constante da turbina. A noventa quilômetros por hora, sobre o asfalto deformado da antiga rodovia estadual, fazia os dentes baterem. A saia blindada passava, pesada, sobre as superfícies quebradas. O efeito de deslizamento de um modelo esporte civil seria possível apenas em uma superfície perfeitamente lisa e plana.

Mas Turner descobriu que gostava da máquina. Você apontava, puxava de leve o acelerador e saía por aí. Alguém havia pendurado um par de dados de espuma rosa, desbotados pelo sol, acima da viseira frontal. O gemido da turbina era uma constante às suas costas. A garota pareceu relaxar, apreciando o cenário à beira da estrada com uma expressão ausente, quase satisfeita, e Turner ficou grato por não ter que dar conversa. “Você é uma bomba”, ele pensou, olhando de esguelha para ela. “Você é provavelmente o alvo da perseguição mais intensa em curso no mundo atual. E aqui estou eu, levando você para o Sprawl no carro de combate de brinquedo de Rudy, sem a mínima ideia do que vou fazer agora... Ou quem arrasou com o shopping...”

“Recapitule tudo”, ele disse a si mesmo, enquanto desciam para o vale, “recapitule tudo outra vez e algo vai acabar se encaixando.” Mitchell havia contatado a Hosaka, dizendo que queria trocar de lado. A Hosaka contratou Conroy e montou uma equipe médica para ver se havia armadilhas em Mitchell. Conroy tinha articulado as equipes, trabalhando com o agente de Turner. O agente de Turner era uma voz em Genebra. Um número telefônico. A Hosaka mandara Allison para examiná-lo no México, e aí Conroy o tirara de lá. Webber, logo antes de a merda acertar o ventilador, tinha dito que era a infiltrada de Conroy no local... Alguém havia atacado, quando a menina estava chegando, com foguetes e armas automáticas. Para Turner, isso tinha o jeito da Maas: era o tipo de reação que esperaria, o tipo de coisa com que a força bruta de aluguel estava ali para lidar. E aí veio o céu branco... Pensou no que Rudy dissera sobre um canhão eletromagnético... Quem? E a bagunça na cabeça da garota, as coisas que Rudy havia encontrado com o tomógrafo e o aparelho de ressonância magnética nuclear. Ela disse que o pai nunca tinha planejado sair.

– Sem companhia – ela disse, para a janela.

– Como?

– Você não tem uma companhia, tem? Quero dizer, trabalha pra qualquer um que te contrate.

– Isso mesmo.

– Nunca fica com medo?

– Claro que fico, mas não por causa disso.

– Nós sempre tivemos a companhia. Meu pai disse que eu ficaria bem, que só iria pra outra companhia...

– Você vai ficar bem. Ele estava certo. Só tenho que descobrir o que está havendo. Aí vou te levar pra onde precisa ir.

– Pro Japão?

– Onde quer que seja.

– Já foi lá?

– Claro.

– Será que eu ia gostar de lá?

– E por que não?

Então ela voltou a ficar quieta, e Turner se concentrou na estrada.

– Aquilo faz eu sonhar – ela disse, enquanto ele se inclinava para ligar os faróis, a voz dela apenas audível acima da turbina.

– O que faz? – Fingia estar concentrado na direção, tomando cuidado para não olhar na direção dela.

– Essa coisa na minha cabeça. Costuma ser apenas quando estou dormindo.

– É? – Lembrando-se do branco nos olhos dela no quarto de Rudy, no estremecer, na torrente de palavras em uma língua que ele não conhecia.

– De vez em quando, mesmo acordada. É como se estivesse plugada em um console, só que fico livre da grade, voando, e não estou sozinha lá. Outra noite sonhei com um garoto. Ele tinha esticado o braço e apanhado algo. Não sei o que era, mas estava machucando, e ele não conseguia ver que estava livre, que só precisava soltar. Então eu disse pra ele. E, apenas por um instante, pude ver onde ele estava, e não era nem um pouco como num sonho. Só uma salinha feia, com um tapete manchado, e dava pra notar que ele precisava de um banho, e sentir como a parte de

dentro dos sapatos estava grudenta, porque ele estava sem meias... Os sonhos não são assim...

– Não?

– Não. Os sonhos são todos grandiosos, coisas grandes, e eu sou grande também, andando com os outros.

Turner deixou o fôlego escapar enquanto o hovercraft subia, com um gemido, a rampa de concreto para a interestadual, notando, de repente, que vinha segurando a respiração.

– Que outros?

– Os brilhantes. – Outro silêncio. – Não são gente...

– Você passa muito tempo no ciberespaço, Angie? Quero dizer, plugada, com um console?

– Não. Só as coisas da escola. Meu pai disse que não era bom pra mim.

– Ele disse alguma coisa sobre os sonhos?

– Só que estavam ficando mais reais. Mas nunca contei pra ele dos outros.

– Quer contar pra mim? Talvez me ajude a entender, a descobrir o que precisamos fazer...

– Alguns deles me contam coisas. Histórias. Antigamente, não tinha nada lá, nada que se mexesse sozinho, apenas dados e pessoas mexendo neles. Então alguma coisa aconteceu, e a coisa... a coisa percebeu ela mesma. Tem toda uma outra história, sobre isso, uma garota com espelhos nos olhos e um cara que tinha medo de se importar com qualquer coisa. O homem fez algo que ajudou a coisa toda a saber de si própria... E aí, depois disso, ela meio que se dividiu em partes diferentes dela mesma, e eu acho que as partes são os outros, os brilhantes. Mas é difícil ter certeza, porque eles não falam com palavras, exatamente...

Turner sentia a pele em sua nuca comichando. Alguma coisa que voltava a ele, vinda da corrente submarina do dossiê de Mitchell. Uma vergonha intensa em um corredor, tinta creme suja descascando, Cambridge, os dormitórios dos estudantes...

– Onde você nasceu, Angie?

– Inglaterra. Aí meu pai entrou pra Maas e a gente mudou. Pra Genebra.

Em algum ponto da Virgínia ele parou o hovercraft sobre o acostamento de cascalho e entrou num pasto abandonado, o pó do verão seco girando às suas costas enquanto dobrava à esquerda e parava entre alguns pinheiros. A turbina se apagou à medida que o hovercraft se assentava sobre sua saia.

– Agora é uma boa hora pra comer – ele disse, estendendo a mão para a bolsa de lona de Sally.

Angie soltou o cinto de segurança e abriu o zíper do moletom preto. Debaixo, vestia uma coisa apertada e branca, com a pele juvenil, bronzeada e macia, aparecendo na gola cavada acima dos jovens seios. Ela pegou a bolsa das mãos dele e começou a desembrulhar os sanduíches que Sally havia preparado.

– O que é que há com o seu irmão? – ela perguntou, passando-lhe metade de um sanduíche.

– O que quer dizer?

– Bem, tem alguma coisa... Sally disse que ele bebe o tempo todo. Ele não é feliz?

– Não sei – Turner disse, curvando-se e se torcendo para aliviar a dor no pescoço e ombros. – Quero dizer, acho que não, mas não sei exatamente por quê. Às vezes, as pessoas encalham.

– Quer dizer, quando não têm companhias pra tomar conta delas? – Ela mordeu o sanduíche.

Ele olhou para ela.

– Tá me tirando?

Ela concordou com a cabeça, de boca cheia. Engoliu.

– Um pouquinho. Sei que um monte de gente não trabalha pra Maas. Nunca trabalharam e nunca vão trabalhar. Você é um, o seu irmão é outro. Mas era uma pergunta a sério. Eu meio que gostei do Rudy, sabia? Mas é que ele parecia tão...

– Maluco – ele terminou para ela, com o sanduíche ainda na mão. – Encalhado. Acho que o problema é que, às vezes, tem um salto que algumas pessoas têm que dar, e se elas não pulam, aí ficam bem encalhadas. E Rudy nunca fez isso.

– Como o meu pai, querendo me tirar da Maas? Isso é um salto?

– Não. Alguns saltos você tem que decidir por si mesmo. Apenas entender que tem algo melhor esperando por você em outro lugar...

– Ele parou por um momento, sentindo-se subitamente ridículo, e mordeu o sanduíche.

– Era isso que você sentia?

Ele concordou, pensando se seria verdade.

– Então você foi embora, e Rudy ficou?

– Ele era inteligente. Ainda é, e conseguiu um monte de diplomas, fez tudo on-line. Fez um doutorado em biotecnologia da Tulane quando tinha vinte anos, um monte de outras coisas. Nunca mandou nenhum currículo, nada. Mas apareciam headhunters de todas as partes, e ele enrolava os caras, arranjava brigas... Acho que pensava que podia fazer algo por conta própria. Como aqueles capuzes nos cachorros. Acho que tem umas patentes originais ali, mas... De qualquer modo, ficou lá. Começou a vender e a fazer equipamentos pras pessoas, e era muito importante no condado. E a nossa mãe ficou doente, ela ficou doente por muito tempo, e eu estava longe...

– Onde? – Ela abriu a garrafa térmica, e o cheiro do café preencheu a cabine.

– O mais longe que consegui chegar – ele disse, alarmado com a raiva na própria voz.

Ela lhe passou a caneca de plástico, cheia até a borda com café preto e quente.

– E você? Disse que nunca conheceu sua mãe.

– Não conheci. Eles se separaram quando era pequena. Ela não queria renovar o contrato, a não ser que ele concordasse em dar pra ela um tipo de plano de ações. Pelo menos, foi o que ele disse.

– Então, como ele é? – Turner bebeu um gole do café e devolveu a caneca.

Ela o encarou por cima da borda da caneca de plástico vermelho, os olhos delineados pela maquiagem de Sally.

– Me diga você – ela respondeu. – Ou então me pergunte daqui a vinte anos. Tenho dezessete, diabos. Como você quer que eu saiba?

Ele riu.

– Está começando a se sentir um pouco melhor agora?

– Acho que sim. Considerando as circunstâncias.

E, subitamente, ele se deu conta da presença dela, de um modo que não havia notado antes, e suas mãos procuraram ansiosamente os controles.

– Ótimo. Ainda temos uma longa viagem pela frente.

Dormiram no hovercraft à noite, estacionados por trás da estrutura de aço enferrujado que um dia havia servido como suporte para uma tela de cinema drive-in no sul da Pensilvânia, o casaco de Turner estendido no piso de chapas blindadas, embaixo da longa saliência da turbina. Ela havia bebido o resto do café, frio agora, sentada na abertura da escotilha quadrada, acima do banco do passageiro, observando os vaga-lumes piscando em meio a um campo de mato amarelado.

Em algum momento durante os sonhos de Turner, ainda coloridos por visões aleatórias do dossiê do pai da menina, ela se encostou nele, seios macios e quentes contra as costas nuas através do tecido fino da camiseta que vestia. Então, estendeu o braço sobre ele, para acariciar os músculos lisos de sua barriga. Ele, porém, ficou quieto, fingindo estar em um sono mais profundo, e logo achou seu caminho para as passagens mais sombrias do biosoft de Mitchell, onde coisas estranhas vieram para se fundir a seus medos e mágoas mais antigos. E acordou ao alvorecer, ouvindo-a cantar suavemente para si mesma, sentada na escotilha do teto.

– Meu pai é um diabo bonitão
com uma corrente de umas nove milhas
E de cada elo
Está suspenso um coração
De outra donzela
Que ele amou e enganou.

22

JAMMER'S

O Jammer's ficava outros doze lances de escadas rolantes paradas acima, e ocupava o terço anterior do último andar. Fora o Leon's, Bobby jamais vira uma casa noturna, e achou o Jammer's tão impressionante quanto assustador. Impressionante pelo tamanho e pelo que considerou a qualidade excepcional das instalações, e assustador porque uma casa noturna, de dia, tem algo de intrinsecamente surreal. Sobrenatural. Olhou em volta, os polegares enfiados nos bolsos de trás dos jeans novos, enquanto Jackie conversava aos sussurros com um branco de rosto comprido e macacão azul amarrotado. O lugar estava mobiliado com banquetas de ultracamurça escuras, mesas pretas redondas e dezenas de biombos rebuscados de madeira perfurada. O teto era pintado de preto, cada mesa iluminada, sem muita intensidade, por um holofote próprio embutido no teto, dirigido direto para baixo em meio à escuridão. Havia um palco central, agora bem iluminado com luzes de trabalho penduradas de um cabo flexível amarelo e, no meio do palco, um conjunto de tambores acústicos vermelho-cereja. Não tinha certeza do motivo, mas a coisa lhe dava arrepios, a sensação indireta de uma quase vida, como se algo estivesse a ponto de se mexer, bem na borda da visão...

– Bobby – Jackie disse –, venha aqui conhecer o Jammer.

Ele atravessou o trecho de carpete liso e escuro com toda tranquilidade que conseguiu reunir e encarou o homem do rosto comprido, que tinha cabelos escuros, ralos, e usava uma camisa de gala branca por baixo do macacão. Os olhos do homem eram

estreitos, as conchas das bochechas sombreadas pela barba de um dia.

– Então – o homem disse –, você quer ser cowboy? – Estava olhando para a camiseta de Bobby, e Bobby tinha a sensação incômoda de que o homem podia estar a ponto de rir.

– Jammer era jóquei – explicou Jackie. – Dos mais quentes. Não é, Jammer?

– É o que falam – Jammer disse, ainda olhando para Bobby. – Faz muito tempo, Jackie. Quantas horas de voo, em incursões? – perguntou a Bobby.

Bobby ficou vermelho.

– Bem, acho que uma.

Jammer ergueu as sobrancelhas peludas.

– Já é um começo. – Ele sorriu, os dentes pequenos e artificialmente uniformes e, Bobby pensou, numerosos demais.

– Bobby – Jackie disse –, que tal perguntar ao Jammer sobre esse tal de Wig que o Finlandês te falou?

Jammer olhou para ela e, depois, de volta para Bobby.

– Conhece o Finlandês? Você vai fundo para um hotdogger, hein? – Pegou um inalador plástico azul do bolso no quadril e o inseriu na narina esquerda, fungou e colocou-o de volta no bolso. – Ludgate. O Wig. O Fin andou falando do Wig, é? Deve estar ficando caduco.

Bobby não sabia o que a palavra queria dizer, mas não parecia uma boa hora para perguntar.

– Bom – Bobby se arriscou –, esse Wig está lá em cima em órbita em algum lugar, e às vezes vende coisas pro Finlandês...

– Sério mesmo? Bem, você podia ter me feito de bobo. Estava pra dizer que o Wig ou está morto ou gagá. Mais louco que os cowboys em geral, sabe o que quero dizer? Louco varrido. Já era. Faz anos que não ouço falar dele.

– Jammer – Jackie disse –, talvez seja melhor se o Bobby simplesmente te contar tudo. Beauvoir vai chegar hoje à tarde, e vai te fazer umas perguntas, então é melhor você saber como estão as coisas...

Jammer olhou para ela.

– Tá. Saquei. Então o sr. Beauvoir vai me cobrar aquele favor?

– Não posso falar por ele – ela disse –, mas é o que parece. Precisamos de um lugar seguro pra guardar o Conde aqui.

– Que Conde?

– Eu – Bobby disse. – Sou eu.

– Ótimo – Jammer disse, com uma total falta de entusiasmo. – Então vamos pro escritório.

Bobby não conseguia tirar os olhos do console de ciberespaço que ocupava um terço da superfície da mesa de carvalho antigona de Jammer. Era preto fosco, um trabalho personalizado, sem marca de fabricante em lugar nenhum. Ficava esticando o pescoço, enquanto contava a Jammer sobre Two-a-Day e a tentativa de incursão, sobre a coisa com jeito de garota e sobre sua mãe sendo detonada. Era o console mais maneiro que já vira, e ele se lembrava de Jackie dizendo que Jammer tinha sido um cowboy fodão no seu tempo.

Jammer se recostou na cadeira quando Bobby terminou.

– Quer experimentar? – perguntou. Parecia cansado.

– Experimentar?

– O console. Acho que está a fim. Deve ser por causa do jeito que fica esfregando a bunda na cadeira. Ou tá querendo experimentar o console ou tá louco pra mijar.

– Merda, claro. Quer dizer, claro, obrigado, claro que eu quero...

– E por que não? Não tem jeito de saberem que é você no meu lugar, certo? Que tal se plugar com ele, Jackie? Só pra tomar conta. – Abriu uma gaveta da mesa e pegou dois conjuntos de trodos. – Mas não façam nada, certo? Quero dizer, só dar uma saída e um giro. Não tentem nenhuma proeza. Devo um favor pra Beauvoir e Lucas, e parece que vou pagar mantendo você inteiro. – Passou um conjunto de trodos para Jackie e o outro para Bobby. Levantou-se, pegou as alças nos dois lados do console negro, virando-o para deixá-lo de frente para Bobby. – Vai fundo. Vai melar a cueca. Esta coisa tem dez anos, e ainda deixa quase tudo pra trás. Um cara chamado Automatic Jack montou, do zero. Teve um tempo que ele foi o artista de hard do Bobby Quine. Os dois queimaram a Blue Light juntos, mas acho que isso foi antes de você nascer.

Bobby já estava com os trodos. Então olhou para Jackie, e ela:

– Já se plugou em tandem alguma vez?

Ele respondeu que não.

– Certo. Vamos plugar, mas vou grudar do seu lado esquerdo. Quando eu disser despluga, você despluga. Se vir algo estranho, é porque estou com você, certo?

Ele concordou.

Ela tirou um par de longos alfinetes de cabeça prateada da parte de trás do chapéu, colocando-os na mesa ao lado do console de Jammer. Colocou os trodos sobre o lenço de seda laranja e alisou os contatos na testa.

– Vamos lá – disse.

Como sempre fazia, com avanço rápido, o console de Jammer se conectou bem alto, acima dos núcleos quentes de neon, uma topografia de dados que Bobby desconhecia. Uma coisa grande, alta como uma montanha, afiada e corporativa no não lugar que era o ciberespaço.

– Mais devagar, Bobby. – A voz de Jackie, baixa e suave, ao lado dele, no vazio.

– Meu Deus, esta coisa voa!

– É, mas segure. Não é nada bom andarmos depressa. Você quer só dar uma olhada. Vamos ficar aqui em cima e diminuir.

Ele diminuiu a pressão no avanço, até que pareciam estar em ponto morto. Virou para a esquerda, esperando vê-la, mas não havia nada lá.

– Tô aqui – ela disse. – Não esquenta.

– Quem era Quine?

– Quine? Algum cowboy que Jammer conheceu. Ele conhecia todos, no seu tempo.

Ao acaso, fez uma curva à esquerda em ângulo reto, girando suavemente na intersecção da grade, testando a resposta do console. Era fantástico, totalmente diferente de qualquer coisa que sentira antes no ciberespaço.

– Puta merda! Esta coisa faz um Ono-Sendai parecer um brinquedinho.

– Ele deve ter circuitos da o-s dentro. Era o que costumavam usar, o Jammer me contou. Vamos um pouco mais pra cima...

Subiram sem esforço através da grade, os dados ficando para trás e por baixo.

– Não tem nada pra ver aqui em cima – ele reclamou.

– Engano seu. Você acha umas coisas bem legais, se esperar tempo o bastante nas partes vazias...

A trama da matrix pareceu estremecer, bem em frente a eles...

– Ah, Jackie...

– Pare aqui. Segure. Tá tudo bem. Confie em mim.

Em algum lugar, bem longe, as mãos dele se moviam sobre a configuração incomum de teclado. Mantinha-se parado agora, enquanto uma seção do ciberespaço ficava indistinta, leitosa.

– O que é...

– *Danbala ap monte l* – a voz disse, áspera em sua cabeça, e na boca um gosto como sangue. – Danbala está montando ela. – Sabia, de alguma forma, o que as palavras queriam dizer, mas a voz era como ferro em sua cabeça. A textura leitosa se abriu, pareceu borbulhar, tornou-se duas manchas de cinza movediço.

– Legba – ela disse. – Legba e Ougou Feray, o deus da guerra. Papa Ougou! St. Jacques Majeur! *Viv la Vyéj!*

Uma risada de ferro encheu a matrix, penetrando na cabeça de Bobby.

– *Map kite tout mizé ak tout giyon* – disse outra voz, fluida, ágil e fria. – Olha, Papa, ela veio aqui pra se livrar da má sorte! – Então aquela também riu, e Bobby lutou contra uma onda de pura histeria enquanto a risada de prata subia dentro dele, como bolhas.

– Tem má sorte, o cavalo de Danbala? – Ribombou a voz de ferro de Ougou Feray, e, por um instante, Bobby pensou ter visto um vulto bruxulear na névoa cinza. A voz emitiu sua terrível risada. – Tem mesmo! Tem mesmo! Mas ela sabe não! Ela não é *meu* cavalo, não, senão eu curava sua sorte! – Bobby queria chorar, morrer, qualquer coisa para fugir das vozes, do *vento* totalmente impossível que começara a soprar das dobras cinza, um vento quente e úmido com cheiro de coisas que ele não conseguia saber o que eram. – E ela entoa louvores à Virgem! Me ouça, irmãzinha! *La Vyéj* está chegando mesmo!

– Sim – disse a outra voz. – Ela anda pelas *minhas* terras agora. Eu, que controlo os caminhos, as estradas.

– Mas eu, Ougou Feray, digo a você que os seus inimigos também estão chegando! Para os portões, irmã, e cuidado!

E então as áreas cinzentas desvaneceram, minguaram, encolheram...

– Desplugue a gente – ela disse, a voz pequena e distante. E depois completou: – Lucas morreu.

Jammer pegou uma garrafa de scotch na gaveta da mesa e, habilmente, despejou seis centímetros da bebida em um copo plástico alto.

– Você parece um cocô – disse a Jackie, e Bobby foi pego de surpresa pela suavidade na voz do homem. Estavam desconectados há pelo menos dez minutos e ninguém dissera absolutamente nada. Jackie parecia desolada e ficava mordendo o lábio inferior. Jammer parecia ou triste ou zangado. Bobby não tinha certeza.

– Por que disse que Lucas morreu? – Bobby se arriscou, porque lhe parecia que o silêncio estava assoreando o escritório abarrotado de Jammer, como algo que podia te sufocar.

Jackie olhou para ele, mas não parecia capaz de pô-lo em foco.

– Eles não chegariam em mim daquele jeito com Lucas vivo – respondeu. – Há pactos, acordos. Legba é sempre invocado primeiro, mas devia ter vindo com Danbala. A personalidade dele depende do loa com quem se manifesta. Lucas tem que estar morto.

Jammer empurrou o copo de uísque por sobre a mesa, mas Jackie fez que não, o conjunto de trodos ainda em sua testa: cromo e nylon preto. Ele fechou a cara, puxou o copo de volta e tomou tudo num só gole.

– Que monte de merda. As coisas faziam muito mais sentido antes de vocês começarem a se meter com elas.

– Não levamos eles pra lá, Jammer – ela respondeu. – Já estavam *lá*, e nos acharam porque a gente entendia eles!

– Mesmo monte de merda – Jammer disse, cansado. – O que quer que sejam, de onde quer que tenham vindo, eles só assumiram a forma que um monte de pretos malucos queria ver. Entende? Nem fodendo que ia ter alguma coisa lá com quem só dá pra falar num dialeto haitiano do mato! Vocês e o seu culto do vodu, eles só viram

isso e viram o esquema. E Beauvoir e Lucas e o resto são homens de negócio, antes de tudo. E aquelas coisas malditas sabem fazer *negócio* como ninguém! É a combinação perfeita! – Ele apertou a tampa da garrafa e a colocou de volta na gaveta. – Sabe, docinho, pode ser simplesmente que alguém bem grande, com muita força bruta na rede, esteja só te fazendo de besta. Projetando aquelas coisas, toda aquela merda... E você *sabe* que isso é possível, não é? Não é, Jackie?

– De jeito nenhum – Jackie disse, a voz fria e uniforme. – Mas como sei disso, não é algo que dá pra explicar...

Jammer pegou uma placa negra de plástico do bolso e começou a se barbear.

– Claro – ele disse. A lâmina zumbia enquanto ele trabalhava na linha do queixo. – *Morei* no ciberespaço por oito anos, certo? Bem, sei que não tinha nada lá, não naquela época... Mesmo assim, quer que ligue pro Lucas, para você ficar mais tranquila de um jeito ou de outro? Tem o telefone daquele Rolls dele?

– Não – Jackie disse –, não precisa. Melhor a gente ficar na encolha até o Beauvoir aparecer. – Ela se levantou, tirando os trodos e apanhando o chapéu. – Vou dar uma deitada, tentar dormir. Fica de olho no Bobby. – Ela se virou e caminhou em direção à porta do escritório. Parecia uma sonâmbula, sem energia nenhuma.

– Maravilha – Jammer disse, passando o barbeador por cima do lábio superior. – Quer uma bebida? – perguntou a Bobby.

– Bem – Bobby respondeu –, é um pouco cedo...

– Pra você, pode ser. – Colocou o barbeador de volta no bolso.

A porta se fechou às costas de Jackie. Jammer se inclinou um pouco adiante.

– Como eles eram, garoto? Viu a marca de algum?

– Só que eram meio cinzentos. Borrados...

Jammer pareceu decepcionado. Voltou a relaxar as costas na cadeira.

– Vai ver que não dá pra ter uma boa visão deles se não fizer parte da coisa. – Tamborilou os dedos no braço da cadeira. – Acha que são de verdade?

– Bem, eu não ia querer me meter com eles...

Jammer olhou para ele.

– Não? Bem, pelo jeito você é mais esperto do que parece. Eu mesmo não mexeria com eles. Saí do negócio antes de começarem a aparecer.

– Então, o que acha que são?

– Ah, cada vez mais esperto... Taí, não sei. Como disse, não dá pra engolir que são um bando de deuses vodus haitianos. Mas, quem sabe? – Estreitou os olhos. – Pode ser que sejam vírus que se soltaram na matrix e se multiplicaram, e ficaram inteligentes de verdade. Já seria pra se cagar de medo. Talvez o pessoal da Turing queira manter isso em segredo. Ou quem sabe as IAs acharam um jeito de se dividir na matrix, o que ia deixar o pessoal da Turing maluco. Conheci um cara tibetano que fazia modificações de hard pros jóqueis. Ele falava que eram tulpas...

Bobby piscou, sem entender.

– Uma tulpa é uma forma-pensamento, algo do tipo. Superstição. Dizem que umas pessoas, bem da pesada, conseguem se dividir e fazer um tipo de fantasma de energia negativa. – Encolheu os ombros. – Mais besteira. Como os caras do vodu da Jackie.

– Mas parece que Lucas, Beauvoir e os outros, eles *falam* como se fosse tudo de verdade, e não como se fosse embromação.

Jammer fez que sim.

– Isso aí. E também estão se dando muito bem nos negócios, então tem alguma coisa lá. – Deu de ombros e bocejou. – Também preciso dar uma dormida. Pode fazer o que quiser, só não toque no meu console. E não tente sair, ou dez tipos de alarmes vão começar a gritar. Tem suco, queijo e porcaria na geladeira atrás do bar...

Bobby concluiu que o lugar ainda era assustador, agora que estava sozinho, mas que era interessante o suficiente para o medo valer a pena. Caminhou de um lado para outro por trás do bar, tocando as alavancas das torneiras de cerveja e os bicos de cromo das bebidas. Tinha uma máquina que fazia gelo, e outra que soltava água fervendo. Preparou para si um copo de café instantâneo japonês e deu uma olhada no arquivo de cassetes de áudio de Jammer. Nunca ouvira falar de nenhuma das bandas ou artistas. Ficou imaginando se aquilo significava que Jammer, que era velho, gostava de coisas velhas, ou se era tudo tão novo que só chegaria a

Barrytown, provavelmente por meio do Leon's, daí a umas duas semanas... Achou uma arma debaixo do console de crédito universal preto e prata na ponta do bar, um tipo de metralhadora pequena e gorda, com um pente que saía direto do cabo. Estava presa debaixo do bar com uma tira de velcro verde-lima, e ele não achou uma boa ideia mexer nela. Depois de um tempo, não se sentia mais assustado, só meio entediado e tenso. Pegou o café, que estava esfriando, e foi para o meio da área das mesas. Sentou-se em uma delas e fingiu ser o Count Zero, o maior artista de console no Sprawl, esperando uns caras aparecerem pra conversar sobre um negócio, uma incursão que eles precisavam que alguém fizesse e da qual ninguém, além do Count, estaria nem remotamente à altura.

– Claro – disse, para a casa noturna vazia, os olhos entrecerrados. – Vou fazer isso pra vocês... *Se* tiverem a grana... – Empalideceram quando ele deu o preço.

O lugar era à prova de som; não dava para ouvir nadinha do alvoroço dos quatorze andares de barracas, apenas o zumbido de algum tipo de condicionador de ar e os gorgolejos ocasionais da máquina de água quente. Cansado dos jogos de poder do Count, Bobby deixou a xícara de café na mesa e foi para a entrada, passando a mão ao longo de uma velha corda de veludo acolchoada, pendurada entre postes de metal polido. Com cuidado para não tocar nas portas de vidro, posicionou-se em uma banqueta barata de ferro, com um assento de courino remendado com fita, ao lado do guichê da chapelaria. Uma lâmpada fraca estava acesa na chapelaria: dava pra ver umas duas dúzias de velhos cabides de madeira pendurados nas barras de ferro, cada um com uma etiqueta amarela, redonda, numerada à mão. Imaginou que o Jammer ficava sentado ali, de vez em quando, pra dar uma conferida na clientela. Não conseguia entender por que alguém que havia sido um cowboy fodão, por oito anos, iria querer dirigir uma casa noturna, mas talvez fosse um tipo de hobby. Imaginou que dava pra pegar um monte de garotas, dirigindo uma casa noturna, mas sempre pensara que, se você fosse rico, dava pra arrumar um monte de qualquer jeito. E se o Jammer tinha sido um grande jóquei por oito anos, Bobby achava que tinha que ser rico...

Pensou sobre a cena na matrix, as manchas cinza e as vozes. Estremeceu. Não conseguia entender por que aquilo significava que Lucas estava morto. Como Lucas podia ter morrido? Aí lembrou que sua mãe estava morta, e de alguma forma isso também não parecia real. “Meu Deus.” A coisa toda o deixava nervoso. Desejou estar lá fora, do outro lado das portas, olhando as barracas, os clientes e as pessoas que trabalhavam lá. Esticou o braço e abriu de lado a cortina de veludo, só o bastante para espiar pelo velho vidro grosso, contemplando o arco-íris misturado de barracas e o andar arrastado característico dos fregueses. E, emoldurado para ele, bem no meio daquilo tudo, ao lado de uma mesa abarrotada de sobras de multímetros analógicos, pontas de prova lógicas e estabilizadores de força, estava o rosto sem raça e ossudo de Leon. E os olhos fundos e horrendos pareceram olhar para Bobby com um estalido audível de reconhecimento. E, então, Leon fez algo que Bobby não conseguia se lembrar de tê-lo visto fazer antes: sorriu.

23

MAIS PERTO

O comissário de bordo da JAL ofereceu-lhe uma seleção de cassetes de simstim: um passeio pela retrospectiva Foxton na Tate em agosto passado, uma aventura de época gravada em Gana (*Ashanti!*), trechos selecionados da *Carmen* de Bizet do ponto de vista de um balcão particular na Ópera de Tóquio, ou trinta minutos do popular programa de entrevistas de Tally Isham, *Top People*.

– Primeiro voo de ônibus espacial, sra. Ovski?

Marly assentiu. Dera a Paleologos o nome de solteira da mãe, o que devia ter sido uma burrice.

O comissário de bordo sorriu, compreensivo.

– Garanto que um cassete ajuda na decolagem. Nesta semana, a *Carmen* tem sido muito procurada. Dizem que o figurino é magnífico.

Ela balançou a cabeça, sem humor para ópera. Odiava Foxton, e preferiria sentir toda a força da aceleração do que vivenciar *Ashanti!* Escolheu a fita de Isham por falta de outra coisa, como o menor de quatro males. O comissário verificou o cinto de segurança, deu-lhe o cassete e uma pequena tiara descartável de plástico cinza, prosseguindo para outro passageiro. Ela colocou o jogo de trodos de plástico, conectou-o no braço do assento, suspirou e enfiou o cassete na abertura ao lado do conector. O interior do ônibus espacial JAL desapareceu em uma explosão de azul do Egeu, e ela viu as palavras TOP PEOPLE COM TALLY ISHAM se expandirem através do céu claro em elegantes maiúsculas sem serifa.

Tally Isham estivera presente na indústria do stim até onde a memória de Marly alcançava, uma Garota Dourada de idade

indefinida, surgida na primeira onda da nova mídia. Agora, Marly se encontrava presa dentro do sensorium bronzeado, ágil e tremendamente *confortável* de Tally. Tally Isham estava animada, respirava profundamente e com facilidade, ossos elegantes movendo-se no abraço de uma musculatura que parecia nunca ter conhecido nenhuma tensão. Acessar as gravações de stim dela era como cair em um banho de perfeita saúde, sentindo a energia em seus pés e a pressão dos seios de encontro ao algodão branco egípcio sedoso da blusa. Estava apoiada contra uma balaustrada branca erodida, sobre o pequeno atracadouro de uma cidade insular grega, acima de uma cascata de árvores floridas descendo por uma encosta de pedras caiadas e escadas estreitas e sinuosas. O apito de um barco soava no atracadouro.

– Os turistas estão voltando agora para o navio de cruzeiro – Tally disse, e sorriu. Quando sorriu, Marly pôde sentir a perfeição dos dentes brancos da estrela, o frescor de sua boca, e que a pedra da balaustrada era agradavelmente áspera sob seus braços nus. – Mas um dos visitantes da nossa ilha ficará conosco esta tarde, alguém que eu queria muito conhecer, e tenho certeza de que vocês ficarão encantados e surpresos, já que é alguém que normalmente evita a cobertura da grande mídia.

Ela se endireitou, virou e sorriu para o rosto bronzeado e sorridente de Josef Virek.

Marly arrancou o conjunto da testa, e o plástico branco do ônibus espacial da JAL ressurgiu à sua volta com o que pareceu ser um baque. Avisos de atenção piscavam no console acima de sua cabeça, e ela podia sentir uma vibração que parecia estar ficando cada vez mais rápida.

“Virek?” Ela olhou para o conjunto de trodos.

– Bem – ela disse –, acho que você *é* uma pessoa *top.*

– Como? – O estudante japonês a seu lado sacudiu-se no cinto de segurança, em uma imitação um pouco estranha de uma reverência. – Algum problema com o seu stim?

– Não, não – ela disse. – Desculpe. – Voltou a colocar o conjunto e o interior do ônibus espacial se dissolveu em um murmúrio de estática sensorial, uma mistura dissonante de sensações que abruptamente cederam lugar à graça tranquila de Tally Isham, que

havia tomado a mão fria e firme de Virek e estava sorrindo para seus ternos olhos azuis. Ele sorriu de volta, os dentes muito brancos.

– Encantado em estar aqui, Tally – Virek disse, e Marly se deixou afundar na realidade da fita, aceitando os dados sensoriais gravados de Tally como se fossem os seus próprios. O stim era uma mídia que ela normalmente evitava. Algo em sua personalidade entrava em conflito com o grau de passividade exigido.

Virek usava uma camisa branca macia, calças de algodão grosso enroladas logo acima dos joelhos e sandálias de couro marrom, bastante simples.

Ainda segurando a mão dele, Tally voltou à balaustrada.

– Tenho certeza de que há muitas coisas que o nosso público... – ela começou a dizer.

O mar desaparecera. Uma planície irregular, coberta de vegetação verde-escura como líquen, se espalhou até o horizonte, interrompida pelas silhuetas dos pentáculos neogóticos da Igreja da Sagrada Família, de Gaudi. A borda do mundo se perdia em uma neblina baixa e luminosa, e um som como o badalar de sinos submersos batia pela planície.

– Hoje você tem um público de uma só pessoa – Virek disse, e olhou para Tally Isham através de seus óculos redondos e sem aro. – Olá, Marly.

Marly lutou para alcançar os trodos, mas seus braços eram feitos de pedra. A força-G, o ônibus espacial decolando da plataforma de concreto... Ele a aprisionara aqui.

– Entendo – disse Tally, sorrindo, reclinando-se contra a balaustrada, os cotovelos na pedra quente e áspera. – Que ideia maravilhosa. A sua Marly, Herr Virek, deve ser uma garota de muita sorte... – Então Marly compreendeu que esta não era a Tally Isham da Sense/Net, mas uma parte do constructo de Virek, um ponto de vista programado a partir de anos de *Top People*, e que agora não havia escolha, não havia saída, exceto aceitar, escutar, dar atenção a Virek. O fato de que ele a apanhara aqui, a prendera aqui desta forma, mostrava que sua intuição estivera correta: a máquina, a estrutura, estava ali, era real. O dinheiro de Virek era um tipo de solvente universal, dissolvendo as barreiras à sua vontade...

– Lamento saber que está aborrecida – ele disse. – Paco acha que você está fugindo de nós, mas prefiro ver isso como o impulso de uma artista em direção à sua meta. Creio que percebeu um pouco da natureza da minha gestalt, e isso a assustou. E deveria mesmo. Este cassete foi preparado uma hora antes do seu ônibus espacial decolar de Orly. É claro que sabemos o seu destino, mas não tenho intenção de segui-la. Está fazendo o seu trabalho, Marly. Apenas lamento que não tenhamos sido capazes de evitar a morte do seu amigo Alain. Mas agora sabemos a identidade dos assassinos e de quem os mandou...

Os olhos de Tally Isham agora eram os de Marly, e estavam fixos nos de Virek, uma energia azul ardendo neles.

– Alain foi morto por agentes contratados da Maas Biolabs – ele prosseguiu. – E foi a Maas que forneceu para ele as coordenadas do seu atual destino, a Maas que deu a ele o holograma que você viu. Meu relacionamento com a Maas Biolabs tem sido ambivalente, para usar um eufemismo. Dois anos atrás, uma de minhas subsidiárias tentou comprá-los. A soma envolvida teria afetado toda a economia mundial. Eles recusaram. Paco apurou que Alain morreu porque descobriram que ele estava tentando vender as informações que haviam lhe dado, vendê-las para terceiros. – Ele franziu o rosto. – Uma grande bobagem, já que ele desconhecia completamente o tipo de produto que estava oferecendo.

“Típico de Alain”, ela pensou, e sentiu uma onda de piedade. Vendo-o encurvado no carpete horroroso, a espinha delineada por baixo do tecido verde da jaqueta.

– Creio que você devia saber que a minha busca pelo nosso fabricante de caixas envolve mais do que arte, Marly. – Ele tirou os óculos e os limpou com uma dobra da camisa branca. Ela viu algo de obsceno na humanidade calculada do gesto. – Tenho razões para acreditar que o criador dos artefatos esteja em posição de me oferecer liberdade, Marly. Não sou um homem de saúde. – Voltou a pôr os óculos, ajustando com cuidado as finas hastes de ouro. – Da última vez que pedi uma imagem remota do tanque que habito em Estocolmo, me mostraram algo como três reboques de caminhão, interligados por uma rede gotejante de tubos de apoio... Se fosse capaz de sair dali, Marly, ou melhor, de deixar para trás a rebelião

de células ali contida. Bem... – Voltou a dar seu famoso sorriso. – Quanto eu não pagaria?

E os olhos de Tally-Marly moveram-se para assimilar a vastidão de líquen escuro e as distantes torres da catedral extraviada...

– Perdeu a consciência – o comissário de bordo estava dizendo, os dedos se movendo pelo pescoço dela. – Não é incomum, e os nossos computadores médicos de bordo dizem que você está com ótima saúde. No entanto, aplicamos um dermadisco para combater a síndrome de adaptação que pode sentir antes do acoplamento. – A mão dele abandonou seu pescoço.

– *Europa depois das chuvas* – ela disse. – Max Ernst. O líquen...

O homem ficou com os olhos nela, o rosto agora alerta e expressando preocupação profissional.

– Como? Pode repetir?

– Desculpe – ela disse. – Um sonho... Já estamos lá, no terminal?

– Mais uma hora – ele disse.

O terminal orbital da Japan Air era um toroide branco crivado de cúpulas e rodeado pelas aberturas ovais de bordas escuras das baias de atracação. O visor acima da rede-G de Marly, mesmo que "acima" tivesse, temporariamente, perdido o significado usual, exibia uma animação refinada do toroide em rotação, enquanto uma série de vozes, em sete idiomas, anunciava que os passageiros a bordo do Ônibus Espacial 580 da JAL, Ponto Final de Orly I, seriam conduzidos ao terminal na primeira oportunidade.

A JAL pedia desculpas pelo atraso, que se devia a reparos de rotina em sete das doze baias.

Marly se encolheu na rede-G, vendo agora a mão invisível de Virek em tudo. "Não", ela pensou, "deve ter um jeito. Quero dar o fora", disse a si mesma, "quero algumas horas de liberdade e depois me livro dele... Tchau, tchau, Herr Virek, estou voltando à terra dos vivos, algo que o pobre Alain nunca fará, Alain que morreu porque aceitei o emprego." Ela piscou quando a primeira lágrima surgiu, e então observou, com olhos arregalados de criança, a minúscula esfera flutuante em que a lágrima havia se transformado.

“E a Maas”, ela se perguntava, “quem eram eles?” Virek dizia que eles haviam matado Alain, que Alain estava trabalhando para eles. Ela tinha vagas lembranças de reportagens da mídia, algo a ver com a última geração de computadores, algum processo de aspecto agourento no qual cânceres híbridos imortais ejetavam moléculas projetadas para se tornarem unidades de circuitos. Lembrava-se agora de que Paco lhe dissera que a tela do telefone modular era um produto da Maas.

O interior do toroide da JAL era tão insípido, tão pouco interessante, tão igualzinho a qualquer aeroporto lotado, que ela teve vontade de rir. Havia o mesmo cheiro de perfume, a tensão humana e o ar intensamente condicionado, o mesmo zumbido de conversas ao fundo. A gravidade de oito décimos teria tornado mais fácil carregar uma mala, mas ela estava apenas com a bolsa preta. Então, ela pegou as passagens de um dos bolsos internos com zíper e verificou o número do ônibus espacial de conexão nas colunas de números que apareciam na tela da parede mais próxima.

Duas horas para a partida. O que quer que Virek dissesse, ela tinha certeza de que sua máquina já estava atribulada, infiltrando-se na tripulação ou na lista de passageiros do ônibus espacial, as substituições lubrificadas por uma película de dinheiro... Haveria doenças de última hora, mudanças de planos, acidentes...

Com a bolsa a tiracolo, marchou pelo piso côncavo de cerâmica branca como se realmente soubesse para onde ia, ou como se tivesse algum tipo de plano, mas sabendo, a cada passo que dava, o quanto isso era mentira.

Os ternos olhos azuis a perseguiam.

– Maldito – ela disse, e um executivo russo de bochechas caídas e usando um terno Ginza escuro torceu o nariz e levantou o fax de notícias, apartando-a de seu mundo.

– Aí eu disse pra vagabunda: olha, ou você arruma esses opto-acopladores *e* as caixas de ligação pra *Sweet Jane*, ou vou grudar a sua bunda na antepara com cola de vedação... – Risadas roucas femininas, e Marly ergueu a vista de sua bandeja de sushi. As três mulheres estavam separadas dela por duas mesas vazias, a mesa

delas cheia de latas de cerveja e pilhas de bandejas de isopor sujas de molho escuro de soja. Uma arrotou alto e sorveu um bom gole de cerveja.

– E o que ela fez, Rez? – Isso, por algum motivo, foi a deixa para outra explosão maior de risadas, e a mulher que primeiro atraíra a atenção de Marly afundou a cabeça nos braços e riu até os ombros sacudirem. Marly ficou olhando para o trio, imaginando o que seriam. Agora, as risadas haviam diminuído e a primeira mulher se endireitou na cadeira, enxugando lágrimas dos olhos. Marly concluiu que as três haviam bebido bastante. Eram jovens, barulhentas e tinham um jeito bronco. A primeira mulher era magra e tinha um rosto estreito, com grandes olhos cinza sobre um nariz fino e reto. O cabelo era de algum tom impossível de prata, cortado curto como o de um garotinho. Usava um colete de lona enorme, ou uma jaqueta sem mangas, coberto inteiramente de bolsos salientes, botões de pressão e tiras retangulares de velcro. A roupa estava aberta, revelando, do ângulo de Marly, um pequeno seio redondo coberto pelo que parecia ser um sutiã de malha fina, rosa e preto. As outras duas eram mais velhas e encorpadas, os músculos dos braços expostos bem definidos na luz aparentemente sem origem da cafeteria do terminal.

A primeira mulher encolheu os ombros, que foram parar dentro do grande colete.

– Não que ela vá arrumar – ela disse.

A segunda mulher riu de novo, mas não com tanto entusiasmo, e consultou um cronômetro rebitado em uma pulseira larga de couro.

– Minha hora – ela disse. – Tenho uma corrida pra Zion, e depois oito cápsulas de algas pros suecos. – Em seguida, afastou a cadeira da mesa, levantou-se, e Marly viu a insígnia bordada nas costas do colete de couro preto.

O’GRADY – WAJIMA
EDITH S.
CARGAS INTERORBITAIS

Logo a mulher ao lado dela ficou de pé, puxando para cima a cintura dos jeans folgados.

– Uma coisa eu te digo, Rez, se você deixar aquela vagabunda te passar pra trás nas caixas de ligação, vai ser ruim pra sua reputação.

– Me desculpe – Marly disse, lutando contra o vacilo de sua voz.

A mulher do colete negro girou e olhou para ela.

– Quê? – A mulher a olhou dos pés à cabeça, séria.

– Vi seu colete. O nome *Edith S*., é uma nave espacial?

– Uma *nave espacial*? – A mulher ao lado dela ergueu as sobrancelhas grossas. – Ah, claro, meu bem, uma tremenda de uma *nave*!

– Um rebocador – a mulher de colete preto disse, e se virou para ir embora.

– Quero te contratar – Marly disse.

– Me contratar? – Agora todas elas a encaravam, os rostos inexpressivos e sérios. – O que quer dizer?

Marly enfiou a mão no fundo da bolsa preta de Bruxelas e tirou o meio maço de neoienes que Paleologos, o agente de viagens, lhe devolvera depois de tirar uma comissão.

– Posso pagar isto...

A garota com o cabelo curto prateado assobiou baixinho. As mulheres se entreolharam. A do colete preto encolheu os ombros.

– Meu Deus – ela disse. – Aonde quer ir? Marte?

Marly voltou a enfiar a mão na bolsa e mostrou o papel azul dobrado de um maço de Gauloise. Entregou-o à mulher do colete preto, que o desdobrou e leu as coordenadas orbitais que Alain escrevera com a caneta de ponta porosa verde.

– Bom – a mulher disse –, é uma viagem curta, pra tanto dinheiro, mas eu e a O'Grady temos que estar em Zion às 2300 GMT. Temos um contrato. E você, Rez?

Passou o papel para a garota sentada, que o leu, ergueu a vista para Marly e perguntou:

– Quando?

– Agora – Marly disse. – Neste momento.

A garota se afastou da mesa, as pernas da cadeira raspando a cerâmica, o colete balançando e se abrindo para revelar que aquilo que Marly julgara ser a malha de um sutiã rosa e preto era uma única rosa tatuada, que cobria inteiramente o seio esquerdo.

– Conseguiu um táxi, irmã. Grana em cima.

– Ela quer dizer que tem que dar o dinheiro agora – O'Grady explicou.

– Não quero que ninguém saiba pra onde vamos – Marly disse.

As três mulheres riram.

– Achou a garota certa – O'Grady respondeu, e Rez sorriu.

24

PASSANDO POR CIMA

Começou a chover quando ele voltou a virar para o leste, em direção aos subúrbios da periferia do Sprawl e o cinturão arruinado das zonas industriais. A chuva caía como uma parede sólida, impedindo-o de ver, até que encontrou o botão dos limpadores do para-brisa. Rudy não conservara as palhetas em bom estado; por isso, ele reduziu, o gemido da turbina ficando grave até soar como um rugido, e desviou para o acostamento, a saia do hovercraft atravessando cascos retalhados de pneus de caminhão.

– O que foi?

– Não consigo ver nada. As borrachas dos limpadores estão podres. – Ele apertou o botão das luzes. Quatro feixes estreitos surgiram dos dois lados da capota em forma de cunha do veículo e se perderam na parede cinza do aguaceiro. Ele fez que não com a cabeça.

– Por que não paramos?

– Perto demais do Sprawl. Patrulham tudo isso aqui. Helicópteros. Iam fazer a varredura da chapa no teto e ver que é de Ohio, e que temos um chassi estranho. Podem querer dar uma olhada melhor. Não queremos isso.

– Então, o que vai fazer?

– Ir pelo acostamento até poder sair da estrada, e depois entrar debaixo de alguma cobertura, se eu conseguir...

Manteve o veículo parado e girou no lugar, os faróis refletindo nas diagonais fluorescentes de uma estaca que marcava uma estrada vicinal. Foi em direção à estaca, o lábio inchado da saia do

hovercraft sacolejando contra uma grossa proteção de impacto retangular de concreto.

– Acho que isso serve – ele disse, enquanto passavam pela estaca. A vicinal quase não era larga o bastante: os galhos e o mato arranhavam as estreitas janelas laterais, raspando ao longo dos flancos de chapa de aço do veículo.

– Luzes, lá na frente – Angie disse, inclinando-se no cinto de segurança para ver através da chuva.

Turner podia distinguir um brilho amarelo fraco, e dois postes escuros gêmeos. Ele riu.

– Posto de gasolina – disse. – Ficou aqui do sistema antigo, antes que a estrada grande passasse. Alguém deve morar aqui. Uma pena que a gente não usa gasolina.

Desceu o hovercraft pela rampa de cascalho. À medida que chegava mais perto, viu que o brilho amarelo vinha de um par de janelas retangulares. Pensou ter visto uma silhueta se mexendo em uma delas.

– Interiorzão – disse. – Esses caras podem não ficar muito contentes de ver a gente. – Colocou a mão dentro do casaco e puxou o Smith & Wesson do coldre de nylon, colocando-o no banco, entre as coxas. Quando estavam a cinco metros das bombas de gasolina enferrujadas, assentou o hovercraft sobre uma poça larga e apagou as turbinas. A chuva ainda caía em lençóis batidos pelo vento, e ele avistou um vulto em um poncho cáqui esvoaçante saindo pela porta da frente do posto. Abriu dez centímetros da janela lateral e levantou a voz sobre a chuva:

– Desculpa incomodar. Tivemos que sair da estrada. Os limpadores estão estragados. Não sabíamos que tinha gente aqui. – As mãos do homem, à luz das janelas, estavam escondidas debaixo do poncho plástico, mas era evidente que segurava algo.

– Propriedade particular – o homem disse, o rosto magro raiado pela chuva.

– Não podia ficar na estrada – Turner gritou. – Desculpa incomodar...

O homem abriu a boca, começou a fazer um gesto com a coisa que mantinha debaixo do poncho, e sua cabeça explodiu. Quase pareceu a Turner que havia acontecido antes que a linha vermelha

de luz baixasse sobre ele como uma foice e o tocasse, o feixe da grossura de um lápis oscilando casualmente, como se alguém estivesse brincando com uma lanterna. Uma flor vermelha desabrochou, batida pela chuva, enquanto ele caía de joelhos e depois para a frente, uma Savage 410 com coronha rebatível deslizando de sob o poncho.

Turner não percebeu estar se movendo, mas descobriu que havia acendido as turbinas, passado os controles para Angie e se libertado do cinto de segurança.

– Quando eu disser pra ir, vai com tudo pra dentro do posto...

Logo estava em pé, dando um puxão na alavanca que abria a escotilha do teto, o pesado revólver na mão. O rugido do Honda negro o alcançou logo que a escotilha deslizou para trás, uma sombra que descia acima, quase invisível na chuva forte.

– Agora! – Puxou o gatilho antes que ela pudesse jogá-los para diante e através da parede do velho posto, o recuo batendo seu cotovelo contra o teto do hovercraft e deixando-o dormente. A bala explodiu em algum lugar lá em cima com um estrondo gratificante. Angie colocou o hovercraft em máxima velocidade e eles mergulharam através da estrutura de madeira, mal dando tempo para Turner pôr a cabeça e os ombros de volta para dentro da escotilha. Algo na casa explodiu, talvez um botijão de gás, e o hovercraft se inclinou para a esquerda.

Angie conseguiu fazer a curva para voltar na mesma hora em que eles saíam pela parede de trás.

– Pra onde? – ela gritou, acima da turbina.

Como que em resposta, o Honda negro veio rodopiando para baixo, vinte metros à frente deles, arremessando um lençol prateado de chuva. Turner agarrou os controles e o hovercraft deslizou para a frente, sua traseira levantando leques de água de dez metros. Acertaram o pequeno helicóptero de combate diretamente na capota de policarbono, a fuselagem metálica amassando como papel sob o impacto. Turner deu ré e voltou a arremeter, mais rápido. Desta vez, o helicóptero destroçado bateu com força nos troncos de dois pinheiros cinza molhados, e ficou ali, como uma mosca de asas compridas.

– O que houve? – Angie perguntou, as mãos no rosto. – O que houve?

Turner arrancou documentos do veículo e óculos de sol empoeirados de um compartimento na porta a seu lado. Achou uma lanterna e testou a bateria.

– O que houve? – Angie voltou a perguntar, como uma gravação. – O que houve?

Ele se arrastou de novo pela escotilha, a arma em uma mão, a lanterna na outra. A chuva diminuíra. Pulou para a capota do hovercraft, depois para o para-choque e então nas poças, onde afundou até o tornozelo, fazendo voar água sobre os rotores negros e torcidos do Honda.

Havia um cheiro forte de combustível vazando. A capota de policarbono rachara como um ovo. Apontou o Smith & Wesson e apertou duas vezes com o polegar o botão da luz de xenônio: duas explosões silenciosas de luz inclemente revelando o sangue e os braços e pernas retorcidos dentro do plástico estilhaçado. Aguardou, e depois usou a lanterna. Eram dois. Chegou mais perto, segurando a lanterna bem afastada do corpo, um velho hábito. Nada se mexia. O cheiro de combustível vazando ficou ainda mais forte. Logo ele estava puxando com força a escotilha deformada. Ela se abriu. Os dois usavam óculos de amplificação de imagens. O olho vazio e redondo do laser olhava direto para cima na noite. Turner se abaixou para tocar a gola de pele de cordeiro emaranhada da jaqueta de aviador do morto. O sangue que cobria a barba do homem parecia bem escuro, quase preto, sob a luz da lanterna. Era Oakey. Turner dirigiu o feixe para a esquerda e viu que o outro homem, o piloto, era japonês. Trouxe o feixe de volta e encontrou um cantil preto e delgado ao lado do pé de Oakey. Apanhou-o, enfiou em um dos bolsos do casaco, e correu de volta para o hovercraft. A despeito da chuva, chamas laranja começavam a se propagar pelos destroços do posto de gasolina. Subiu com dificuldade no para-choque do hovercraft, atravessou a capota, subiu de novo, e então desceu pela escotilha.

– O que houve? – Angie perguntou, como se ele nunca tivesse saído. – O que houve?

Turner deixou-se cair no banco, não se deu ao trabalho de colocar o cinto de segurança, e acelerou a turbina.

– Era um helicóptero da Hosaka – ele disse, enquanto fazia a curva. – Devem ter seguido a gente. Tinham um laser. Esperaram até a gente sair da estrada. Não queriam nos deixar lá, pros tiras acharem. Quando viemos pra cá, decidiram nos pegar, mas devem ter imaginado que aquele pobre coitado estava com a gente. Ou, quem sabe, queriam apenas remover uma testemunha...

– A cabeça dele – disse ela, a voz tremendo. – A cabeça...

– Aquilo foi o laser – Turner disse, dirigindo de volta pela estrada vicinal. A chuva estava afinando, quase parando. – Vapor. O cérebro vira vapor e a cabeça explode...

Angie se inclinou para a frente e vomitou. Turner dirigia com uma mão, o cantil de Oakey na outra. Ergueu a tampa de pressão com os dentes e engoliu um bocado do Wild Turkey de Oakey.

Quando estavam chegando ao acostamento da rodovia, o combustível do Honda encontrou as chamas do posto em ruínas. A bola de fogo retorcida voltou a mostrar a Turner o shopping, a luz dos foguetes descendo de paraquedas, o céu embranquecido enquanto o jato disparava para a fronteira de Sonora.

Angie se endireitou, enxugou a boca com o dorso da mão, e começou a tremer.

– Temos que dar o fora daqui – ele disse, voltando a dirigir para o leste. Ela ficou quieta, e ele olhou de soslaio para vê-la sentada rígida e direita, o branco dos olhos visível à luz fraca dos instrumentos, o rosto vazio. Vira-a desse jeito no quarto de Rudy, quando Sally os havia chamado, e agora aquela mesma torrente de línguas, um palavreado suave e rápido de alguma coisa que poderia ser um dialeto do francês. Não tinha um gravador, não tinha tempo, e precisava dirigir.

– Aguenta afirme – ele disse, enquanto acelerava. – Vai ficar tudo bem. – Com certeza ela não escutava nada daquilo. Os dentes batiam; podia ouvi-los acima da turbina. “Pare”, ele pensou, “só o necessário pra botar algo entre os dentes dela, a carteira ou um pano dobrado.” As mãos dela estavam dando puxões espasmódicos nas correias do cinto de segurança.

– Há uma criança doente em minha casa. – O veículo quase saiu do pavimento quando ele ouviu a voz que vinha da boca dela: gutural, lenta e estranhamente viscosa. – Ouço os dados sendo jogados pelo vestido ensanguentado dela. Muitas são as mãos que cavam a sepultura dela esta noite, e a sua também. Inimigos rezam pela sua morte, mercenário. Rezam até suar. As rezas deles são um rio de febre. – E, em seguida, uma espécie de grunhido que poderia ser uma risada.

Turner se arriscou a olhar, e viu um fio prateado de baba descendo dos lábios rígidos da garota. Os músculos profundos da face estavam contorcidos em uma máscara que ele desconhecia.

– Quem é você?

– O Senhor dos Caminhos.

– O que quer?

– Esta criança como meu cavalo, para que ela possa se mover entre as cidades dos homens. É bom que vá para o leste. Leve-a para sua cidade. Voltarei a montar nela. E Samedi cavalga com você, pistoleiro. Ele é o vento que você traz nas mãos, mas é caprichoso, o Senhor dos Cemitérios, não importa que você o tenha servido bem...

Ele se virou em tempo de vê-la cair de lado no cinto de segurança, a cabeça pendente, a boca aberta.

25

KASUAL/GOTHICK

– Aqui é o programa telefônico do Finlandês – disse o alto-falante embaixo da tela –, e o Fin, ele num tá. Se quiser baixar algo, já sabe o código de acesso. Se quiser deixar uma mensagem, deixa agora. – Bobby olhou fixamente para a imagem na tela e, devagar, balançou a cabeça. A maior parte dos programas telefônicos tinha subprogramas cosméticos, escritos para aproximar a imagem de vídeo do proprietário dos paradigmas mais aceitos de beleza pessoal, apagando manchas e moldando, sutilmente, os contornos faciais para corresponderem a normas estatísticas ideais. O efeito de um programa desses nas feições grotescas do Finlandês era, sem dúvida, a coisa mais esquisita que Bobby já vira, como se alguém tivesse trabalhado no rosto de uma ratazana morta com o jogo completo de injeções de parafina e lápis de cera de um agente funerário.

– Isso não é normal – disse Jammer, engolindo um golinho de scotch. Bobby concordou.

– O Fin – Jammer disse –, tem agorafobia. Fica meio maluco quando tem que sair daquele buraco de merda da loja. E ele é fissurado em telefone. Se estivesse lá, não ia conseguir ficar sem atender. Estou começando a achar que a vadia tem razão. Lucas morreu e alguma merda da grossa tá rolando.

– A vadia – Jackie disse, de detrás do bar –, já *sabe*.

– Ela sabe – Jammer disse, baixando o copo de plástico e arrumando a gravata –, ela *sabe*. Falou com um vodu na matrix, então ela sabe...

– Bem, Lucas não atende, e Beauvoir não atende, então vai ver que ela tá certa. – Bobby esticou o braço e desligou o telefone quando o tom de gravação começou a guinchar.

Jammer havia colocado uma camisa plissada, paletó branco e calças pretas com listras de cetim ao longo da perna. Bobby presumiu que essa era a sua roupa de trabalho para a casa noturna.

– Ninguém chegou – ele disse, olhando de Bobby para Jackie. – Onde estão Bogue e Sharkey? Cadê as garçonetes?

– Quem são Bogue e Sharkey? – Bobby perguntou.

– Os barmen. Não estou gostando nada disso. – Levantou-se da cadeira, andou até a porta e empurrou uma das cortinas suavemente para o lado. – Que merda aqueles babacas tão fazendo lá fora? Ei, Count, parece a sua turma. Vem cá...

Bobby se levantou, cheio de apreensão. Tinha achado melhor não contar a Jackie e a Jammer sobre ter deixado Leon vê-lo, porque não queria parecer um wilson. Caminhou até onde o dono da boate estava.

– Vai. Dá uma olhadinha. Não deixa te verem. Tão fazendo tanta força pra fingir que não estão olhando pra cá que dá até pra sentir o cheiro.

Bobby moveu a cortina, com cuidado para manter a abertura em menos de um centímetro de largura, e olhou para fora. A multidão do shopping parecia ter sido substituída, quase que inteiramente, por rapazes gothicks de cristas negras vestindo couro e cravos, e, o que era mais surpreendente, por uma proporção igual de kasuals loiros, enfeitados com os algodões Shinjuku da moda na semana e mocassins brancos de fivela dourada.

– Sei, não – Bobby disse, levantando os olhos para Jammer –, mas eles não deviam estar *juntos*, os kasuals e os gothicks, sabe? São como inimigos naturais, está no DNA ou algo assim... – Deu outra olhada. – Cacete, deve ter uns cem!

Jammer afundou as mãos nos bolsos das calças plissadas.

– Conhece algum desses caras pessoalmente?

– Gothicks, já falei com alguns. Só que é difícil saber quem é quem. Os kasuals, eles detonam qualquer um que não seja kasual. Essa é a onda deles. Mas, afinal de contas, eu acabei de ser

cortado por lobes, e eles têm um tratado com os gothicks. Então, quem sabe?

Jammer suspirou.

– Acho que isso quer dizer que você não está a fim de dar uma volta lá fora e perguntar o que eles acham que estão fazendo?

– Não – Bobby disse, com sinceridade –, nem um pouquinho.

– Hmmm. – Jammer olhou para Bobby de um modo calculista, um modo de que Bobby não gostou nada.

Uma coisa pequena e rígida caiu do teto negro alto e fez um ruído forte em uma das mesas negras redondas. A coisa quicou e caiu no carpete, rolando, para pousar entre os bicos das botas novas de Bobby. Automaticamente, ele se curvou e a apanhou. Um parafuso antiquado de fenda, para metais, a rosca marrom de ferrugem e a cabeça coalhada com tinta látex preta fosca. Olhou para cima no mesmo momento em que um segundo parafuso atingia a mesa, e captou de relance um Jammer assustadoramente ágil saltando por cima do bar, ao lado da unidade de crédito universal. Jammer desapareceu, ouviu-se um som baixo de algo se rasgando... algo como velcro... e Bobby soube que Jammer estava com a automática atarracada que vira mais cedo. Olhou em volta, mas Jackie desaparecera.

Um terceiro parafuso bateu explosivamente na fórmica do tampo da mesa.

Bobby hesitou, confuso, mas logo seguiu o exemplo de Jackie e tratou de sumir, fazendo o mínimo de barulho possível. Agachou-se por trás de um dos biombos de madeira da boate e assistiu enquanto o quarto parafuso caía, seguido por uma débil cascata de pó fino e escuro. Houve um som de raspagem e então uma grade quadrada de aço do teto desapareceu repentinamente, puxada para dentro de algum tipo de duto. Olhou rapidamente para o bar, a tempo de ver o gordo compensador de recuo no cano da arma de Jammer, enquanto ele a apontava para cima.

Um par de pernas castanhas finas dependurava-se da abertura agora, além de uma bainha de pele de tubarão cinza, suja de pó.

– Não atire! – Bobby disse. – É Beauvoir!

– Pode apostar que é Beauvoir – veio a voz do alto, forte e oca com o eco do duto. – Tira essa droga de mesa do caminho.

Bobby se levantou de detrás do biombo e arrastou a mesa e as cadeiras para o lado.

– Pega – Beauvoir disse. Segurou uma mochila verde-oliva por uma das tiras de ombro, e logo a soltou. O peso da coisa quase jogou Bobby no chão. – Agora sai da frente... – Beauvoir se curvou para fora do duto, dependurou-se na borda da abertura com as duas mãos e, então, se soltou.

– O que houve com o alarme que eu tinha lá em cima? – Jammer perguntou, parado atrás do bar, a pequena metralhadora nas mãos.

– Bem aqui – Beauvoir disse, jogando uma barra cinza, fosca, de resina fenólica no carpete. Tinha um pedaço de fio negro e fino enrolado. – Do jeito que as coisas estão, não tinha outro jeito de chegar aqui sem aquele exército de imbecis saber. Está na cara que alguém deu a planta do lugar pra eles, mas deixaram passar aquela entrada.

– Como subiu até o teto? – Jackie perguntou, saindo de trás de um biombo.

– Não subi – Beauvoir disse, empurrando a grande armação plástica de volta para cima no nariz. – Disparei uma linha de filamento monomolecular da chaminé do prédio ao lado, e depois escorreguei com um fuso de cerâmica... – O cabelo pixaim curto estava cheio de cinzas. Olhou para ela, muito sério, e disse: – Já sabe.

– Sei. Legba e Papa Ougou, na matrix. Me pluguei com Bobby, no console do Jammer...

– Estouraram Ahmed na estrada de Jersey. Devem ter usado o mesmo lançador que usaram na velha de Bobby...

– Quem?

– Ainda não tenho certeza – Beauvoir disse, ajoelhando ao lado da mochila e abrindo os prendedores plásticos de liberação rápida –, mas as coisas estão começando a se definir... Até saber que tinham matado Lucas, eu estava atrás dos lobes que assaltaram Bobby pra pegar o console dele. Pode ser que tenha sido coincidência, só um trabalho de rotina, mas em algum lugar tem uns lobes com o nosso ICE-Breaker... Podia ser isso, podia mesmo, porque os lobes são hotdoggers, alguns deles, e fazem um negócio ou outro com o Two-a-Day. Então, eu e o Two-a-Day estávamos

fazendo a ronda, vendo o que descobríamos. O que foi exatamente nada, depois de tudo, exceto que enquanto estávamos com aquele doente de pó chamado Alix, que é um assistente de senhor da guerra de segunda classe ou algo assim, ele atendeu uma ligação da contraparte dele nos gothicks, que o Two-a-Day disse que é um cara de Barrytown chamado Raymond. – Tirava coisas do fardo enquanto falava, dispondo no chão armas, ferramentas, munições, rolos de fio. – Raymond tinha pressa pra falar, mas Alix é bonzão demais pra fazer isso na nossa frente. “Desculpem, cavalheiros, mas são negócios oficiais de senhor da guerra”, o imbecil disse. Aí, é claro, nos despedimos humildemente, arrastando os pés, fazendo reverências e tudo o mais. E demos uma corrida até a esquina. Usamos o telefone modular do Two-a-Day pra chamar os nossos cowboys lá no Sprawl e pôr os caras no rastro do telefone de Alix, bem ligeiro. Os cowboys entraram na conversa de Alix com Raymond que nem arame quente no queijo. – Tirou da mochila uma doze, pouco maior que o antebraço, escolheu um carregador gordo e redondo da mostra que havia preparado sobre o carpete. Encaixou os dois. – Já viu uma dessas filhas da mãe? Da África do Sul, antes da guerra... – Algo na voz, e a rigidez do queixo, deixaram Bobby subitamente consciente da fúria contida de Beauvoir. – Parece que teve um cara que procurou Raymond, e esse cara tem uma montanha de dinheiro e quer contratar todos os gothicks, toda a tribo, pra ir ao Sprawl dar um show, uma ação em massa. E esse cara quer que seja tão grande, que vai contratar os kasuals também. Bom, aí a merda acertou no ventilador, porque o Alix é meio conservador. O único kasual bom é um kasual morto, e mesmo assim só depois de um número x de horas de tortura etc. “Vá à merda”, Raymond disse, muito diplomático. “Tamos falando de muito dinheiro, de *nível corporativo*”. – Abriu uma caixa de cartuchos plásticos vermelhos e grossos e começou a carregar a arma, encaixando um por um no carregador. – Bom, eu posso estar muito enganado, mas tenho visto direto esses caras de relações públicas da Maas Biolabs no vídeo esses dias. Aconteceu algo de muito esquisito, lá numa propriedade deles no Arizona. Tem gente que diz que foi uma bomba nuclear. Outros, que foi outra coisa. E agora estão dizendo que o principal cientista de biosoft deles morreu, no

que eles chamam de um acidente sem nenhuma relação. E esse cara é Mitchell, o cara que mais ou menos inventou a coisa. Até agora, ninguém mais está nem fazendo de conta que é capaz de fabricar um biochip, então eu e o Lucas imaginamos desde o começo que a Maas tinha feito aquele ICE-Breaker. Se é que *era* um ICE-Breaker... Mas não tínhamos ideia de quem arranjou ele pro Finlandês, ou de onde *eles* conseguiram. Mas se você coloca tudo junto, fica parecendo que a Maas Biolabs pode estar pronta pra dar um jeito na gente. E é aqui que estão pensando em fazer isso, porque nos deixaram sem saída.

– Não sei, não – disse Jammer. – Estamos cheios de amigos aqui no prédio.

– Estávamos – Beauvoir colocou a espingarda no chão e começou a carregar uma automática Nambu. – Hoje à tarde, a maior parte das pessoas deste andar e do de baixo levou uma grana pra ir embora. Dinheiro vivo. Bolsonas cheias de notas. Alguns ainda ficaram, mas muito poucos.

– Não faz sentido – Jackie disse, pegando o copo de scotch da mão de Jammer e bebendo de uma vez. – O que é que nós temos, que alguém iria querer tanto?

– Ei – Bobby disse –, não esqueça, eles não devem saber que aqueles lobes tiraram o ICE-Breaker de mim. Talvez seja só disso que estejam atrás.

– Não – Beauvoir disse, enfiando o carregador na Nambu –, porque não tinham como saber se você não havia escondido ele no apartamento da sua mãe, certo?

– Mas, quem sabe, eles entraram lá e procuraram...

– Então como sabiam que Lucas não estava com ele no Ahmed? – Jammer perguntou, caminhando de volta ao bar.

– O Finlandês também está achando que alguém mandou aqueles três ninjas pra matar ele – Bobby disse. – Mas disse que tinham coisas pra fazer ele falar primeiro...

– A Maas de novo – Beauvoir disse. – Quem quer que seja, fez negócio com os kasuals e os gothicks. Podíamos saber mais, mas Alix, o lobe, subiu nas tamancas e não quis mais papo com o Raymond. Nada de trabalhar junto com os odiados kasuals. Pelo que os nossos cowboys puderam descobrir, o exército lá fora é pra

manter vocês aqui dentro. E pra manter gente como eu de fora. Gente com armas e outras coisinhas. – Passou a Nambu carregada para Jackie. – Sabe usar uma arma? – perguntou a Bobby.

– Claro – mentiu Bobby.

– Não! – Jammer exclamou. – Já temos problemas demais sem uma arma na mão *dele*. Meu Deus...

– Por tudo isso – Beauvoir disse –, estou desconfiado de que podemos esperar que alguém mais chegue pra nos pegar. Alguém um pouco mais profissional...

– A não ser que resolvam explodir de vez todo o Hypermart – Jammer disse –, e todos aqueles zumbis junto...

– Não – Bobby disse –, ou então já teriam *feito* isso.

Todos olharam para ele.

– O garoto merece crédito – Jackie disse. – Ele tem razão.

Trinta minutos depois e Jammer olhava taciturno para Beauvoir.

– Tenho que dizer uma coisa: faz muito tempo que não ouço um plano tão malfeito.

– É, Beauvoir – Bobby interveio –, por que não podemos simplesmente trepar de volta por aquele buraco, atravessar o teto, escondidos, e ir pro prédio do lado? Usar o cabo que você usou pra vir pra cá.

– Tem mais kasuals no teto do que moscas na merda – Beauvoir disse. – Alguns podem até ter miolos o bastante pra achar a tampa que abri pra chegar aqui. Mas deixei umas minas de fragmentação miniatura no caminho pra cá. – Ele sorriu, melancólico. – Fora isso, o prédio vizinho é mais alto do que este. Tive que subir naquele teto e disparar o monomol neste pra baixo. Não dá pra subir com as mãos num filamento monomolecular: os dedos caem.

– Então, como diabos esperava sair daqui? – exclamou Bobby.

– Deixa pra lá, Bobby – disse Jackie, tranquila. – Beauvoir fez o que tinha que fazer. Agora ele está aqui com a gente, e nós estamos armados.

– Bobby – Beauvoir disse –, que tal você repetir o plano pra gente, pra ter certeza de que entendemos tudo?

Bobby tinha a incômoda sensação de que Beauvoir queria ter certeza de que *ele* havia entendido tudo, mas se reclinou contra o

bar e começou:

– Ficamos bem armados e esperamos, certo? Jammer e eu usamos o console e damos uma espiada pela matrix, pra ver se conseguimos ter alguma ideia do que tá rolando.

– Acho que posso fazer isso sozinho – Jammer disse.

– Merda! – Bobby tinha se levantado do bar. – Beauvoir *falou*! Eu quero ir, eu quero plugar! Como é que eu vou *aprender* algo assim?

– Não se preocupe, Bobby – Jackie disse. – Você vai.

– Tá bem – Bobby disse, emburrado. – Então, mais cedo ou mais tarde, os caras que contrataram os gothicks e os kasuals pra nos segurar aqui vão vir atrás da gente. Quando fizerem isso, encaramos eles. Pegamos pelo menos um vivo. Na mesma hora, vamos pra fora, e os gothicks e a turma toda não estão esperando todo esse poder de fogo, e então chegamos na rua e vamos pros Projetos.

– Acho que isso é tudo – Jammer disse, atravessando o carpete até a porta trancada e coberta pelas cortinas. – Acho que resume tudo. – Apertou com o polegar uma placa de trinco codificado e abriu a porta pela metade. – Ei, você! – berrou. – Não, você! Você com o chapéu! Vem cá! Quero falar...

O feixe vermelho da grossura de um lápis perfurou a porta e a cortina, cortou dois dos dedos de Jammer e piscou sobre o bar. Uma garrafa explodiu, o conteúdo borbulhando com o vapor e ésteres gaseificados. Jammer deixou a porta se fechar, olhou para a mão arruinada e, logo em seguida, caiu sentado no carpete. A boate lentamente se encheu com o cheiro de pinheiro do gim fervido. Beauvoir pegou uma garrafa pressurizada de cor prata do balcão do bar e apagou o fogo da cortina com a água gasosa, até que o cartucho de CO_2 se esgotou e o jorro enfraqueceu.

– Está com sorte, Bobby – Beauvoir disse, atirando a garrafa sobre o ombro. – Porque o irmão Jammer, ele não vai operar console nenhum...

Jackie fazia sons de preocupação sobre a mão de Jammer, enquanto se ajoelhava. Bobby viu de relance a carne cauterizada, e logo desviou a vista.

26

O WIG

– Sabe – Rez disse, pendurada de cabeça para baixo em frente a Marly –, não é da minha conta, mas sabe se vai ter alguém te esperando quando chegarmos lá? Quero dizer, te levo lá e, é claro, se não conseguir entrar, te levo de volta pro terminal da JAL. Mas se ninguém quiser te deixar entrar, não sei quanto tempo posso ficar esperando. Aquela coisa é uma sucata, e aparecem umas pessoas esquisitas nos cascos, por aqui. – Rez, ou Therèse, como Marly concluiu a partir do brevê plastificado preso no console da *Sweet Jane*, havia removido o colete de trabalho de lona durante a viagem.

Marly, entorpecida com o arco-íris de dermas que Rez havia colado ao longo de seu pulso, para combater a náusea convulsiva da síndrome de adaptação ao espaço, contemplava a tatuagem da rosa. Havia sido executada em um estilo japonês com séculos de idade, e Marly decidiu, meio grogue, que gostava. Que, de fato, gostava de Rez, que era ao mesmo tempo durona, moleca e que se preocupava com sua estranha passageira. Rez admirara a jaqueta e a bolsa de couro de Marly, antes de enfiá-las num tipo de rede de nylon estreita e já repleta de cassetes, livros impressos e roupas para lavar.

– Não sei – Marly conseguiu dizer –, simplesmente vou ter que tentar entrar...

– Sabe o que é aquela coisa, irmã? – Rez estava ajustando a rede-G em volta dos ombros e axilas de Marly.

– Que coisa? – Marly piscou.

– Onde estamos indo. É parte dos antigos núcleos da Tessier-Ashpool. Costumavam ser os grandes computadores da memória

corporativa deles.

– Já ouvi falar – Marly disse, fechando os olhos. – Andrea me contou...

– Claro, todo mundo já ouviu falar deles. Eram os donos de todo o Freeside. Até construíram a coisa. Aí bateram as botas e venderam tudo. Mandaram cortar a casa da família do fuso e rebocaram pra outra órbita, mas mandaram apagar os núcleos antes, cortaram fora e venderam pra um ferro-velho. Mas o ferro-velho nunca fez nada com eles. Nunca soube de ninguém morando lá, mas por aqui você mora onde dá... Acho que é assim pra todo mundo. Dizem que Lady 3Jane, a filha do velho Ashpool, ainda está morando na velha casa, louca de pedra... – Ela deu à rede-G um último puxão profissional. – Certo. Agora é só relaxar. Vou queimar a *Jane* com força por uns vinte minutos, mas isso vai fazer a gente chegar logo, que é o que eu acho que você está pagando...

E Marly deslizou rumo a uma paisagem feita toda de caixas: grandes construções de madeira de Cornell, onde os resíduos sólidos do amor e das lembranças exibiam-se por trás de painéis de vidro cobertos de pó e raiados de chuva. O vulto do misterioso artesão de caixas fugia dela por avenidas pavimentadas com mosaicos de dentes humanos, as botas de Paris de Marly batendo cegamente sobre símbolos delineados com coroas de ouro sem brilho. O artesão das caixas era um homem, usava a jaqueta verde de Alain e tinha mais medo dela do que de qualquer coisa.

– Sinto muito – ela gritava, correndo atrás dele –, sinto muito...

– É. Therèse Lorenz, da *Sweet Jane*. Quer os números? O quê? É, claro que somos piratas. E eu sou o bosta do Capitão Gancho... Olha, Jack, deixa eu te dar os números, aí você pode checar... Já disse. Tenho uma passageira. Solicito permissão, et cetera de merda e tal... Marly Alguma Coisa, fala francês enquanto dorme...

As pálpebras de Marly tremeram, se abriram. Rez estava envolta na rede em frente a ela, cada pequeno músculo de suas costas definido com nitidez.

– Ei – Rez disse, girando dentro da rede. – Sinto muito. Chamei eles pra você, mas parecem bem pirados. Você é religiosa?

– Não – Marly disse, perplexa.

Rez fez uma careta.

– Bom, então espero que consiga achar algum sentido nesta merda. – Ela encolheu os ombros para se livrar da rede e executou uma apertada cambalhota para trás, o que a deixou a centímetros do rosto de Marly. Uma fita óptica ligava a mão de Rez ao console. Pela primeira vez, Marly notou o delicado soquete azul-celeste embutido na pele do pulso da garota. Rez encaixou um ponto eletrônico na orelha direita de Marly e ajustou o tubo transparente do microfone, que se curvava para baixo.

– Não tem o direito de nos incomodar aqui – uma voz de homem disse. – O nosso trabalho é o trabalho de Deus, e só nós vimos o Seu verdadeiro rosto!

– Alô? Alô, está me ouvindo? Meu nome é Marly Krushkhova e tenho um assunto urgente com você. Ou com alguém nestas coordenadas. Meu assunto tem a ver com uma série de caixas, colagens. O artesão das caixas pode estar em enorme perigo! Preciso falar com ele!

– Perigo? – O homem tossiu. – Só Deus decide o destino do homem! Não temos medo de nada. Mas também não somos loucos...

– Por favor, me escute. Fui contratada por Josef Virek para encontrar o artesão das caixas. Mas agora eu vim te avisar. Virek sabe que está aqui, e os agentes dele virão logo atrás de mim...

Rez não tirava os olhos dela.

– Precisa me deixar entrar! Posso contar mais...

– Virek? – Uma longa pausa cheia de estática. – Josef Virek?

– Sim – Marly disse. – Ele mesmo. Já viu o retrato dele um milhão de vezes, aquele com o rei da Inglaterra... Por favor, por favor...

– Deixa eu falar com a sua piloto – a voz disse, e os gritos e a histeria tinham desaparecido, substituídos por algo de que Marly gostava ainda menos.

– É de reserva – Rez disse, desencaixando o capacete espelhado do traje vermelho. – Posso me dar ao luxo, você me pagou bem.

– Não – Marly protestou. – De verdade, não precisa... Eu... – Ela negava com a cabeça, enquanto Rez abria os fechos da cintura do traje espacial.

– Você não entra numa coisa daquelas sem um traje – ela disse. – Não sabe o que tem na atmosfera deles. Não sabe nem se eles *têm* atmosfera! E que tipos de bactérias, esporos... Qual o problema? – Baixando o capacete prateado.

– Tenho claustrofobia!

– Ah... – Rez ficou olhando para ela. – Já ouvi falar disso... Quer dizer que tem medo de ficar dentro das coisas? – Parecia sinceramente curiosa.

– Sim, de coisas pequenas.

– Como a *Sweet Jane*?

– É, mas... – Olhou para a cabine abarrotada, lutando contra o pânico. – Posso aguentar aqui, mas não o capacete. – Estremeceu.

– Bem – Rez disse –, vamos fazer o seguinte: você entra no traje, mas deixamos sem o capacete. Vou te ensinar como pôr. Negócio fechado? Senão, você não sai da minha nave... – A boca estava reta e firme.

– Certo – Marly disse –, certo...

– Então, este é o procedimento – Rez disse. – Estamos acoplados com eles. Quando esta escotilha se abrir, você entra, e eu fecho. Então, abro o outro lado. Aí você vai estar no que quer que sirva de atmosfera lá dentro. Tem certeza de que não quer ir de capacete?

– Não – Marly disse, baixando a vista para o capacete que segurava nas manoplas do traje vermelho, vendo seu reflexo pálido na máscara espelhada.

Rez deu um estalido com a língua.

– É a sua vida. Se quiser voltar, diga que mandem uma mensagem para a *Sweet Jane* por meio do terminal da JAL.

Marly se impulsionou, desajeitada, e entrou girando na comporta, do tamanho de um caixão em pé. O peitoral do traje vermelho bateu com força na escotilha externa. Ouviu a interna assobiar enquanto se fechava às suas costas. Uma lâmpada se acendeu, ao lado de sua cabeça, e ela se lembrou das luzes de geladeira.

– Tchau, Therèse.

Nada aconteceu. Estava sozinha com o batimento de seu coração.

Então a escotilha externa da *Sweet Jane* se abriu. Uma ligeira diferença de pressão foi o bastante para atirá-la em uma escuridão com um cheiro velho e tristemente humano, como um vestiário há muito abandonado. Havia uma densidade, uma umidade impura no ar. Ainda dando voltas, viu a escotilha da *Sweet Jane* se fechar por trás. Um feixe de luz cortou o espaço ao seu lado, hesitou, oscilou e a encontrou girando.

– Luzes! – alguém berrou com voz rouca. – Luzes para a nossa convidada! Jones! – Era a voz que ela ouvira no ponto eletrônico. Ressoava de modo estranho, nas vastidões de aço do lugar, neste vazio no qual caíra. Depois houve um som áspero e um anel distante de um azul impiedoso se acendeu, mostrando a curva longínqua de uma parede ou casco de aço e rocha lunar chumbada. A superfície era revestida e esburacada com canais e depressões precisamente entalhados que, no passado, tinham embutido algum tipo de equipamento. Pedaços escabrosos de espuma marrom expandida ainda aderiam a parte dos cortes mais profundos, enquanto outros se perdiam em sombras absolutamente negras... – Jones, melhor pôr um cabo nela, antes que rache a cabeça...

Alguma coisa acertou o ombro do traje com uma pancada úmida. Ela virou a cabeça para ver uma meleca rosa de plástico brilhante ligada a um fino cabo rosa que se esticou enquanto ela assistia, virando-a. O espaço da catedral abandonada foi preenchido pelo ruído do funcionamento de um motor e, bem lentamente, eles a puxaram.

– Vocês demoraram – a voz disse. – Eu ficava imaginando quem seria o primeiro, e acabou sendo Virek... Mamon, o deus da cobiça... – Então a pegaram, fazendo-a girar. Quase perdeu o capacete: estava se afastando à deriva, mas um deles o rebateu de volta para suas mãos. A bolsa, com as botas e a jaqueta dobradas dentro, executava seu próprio arco, presa pela alça do ombro, até bater do lado de sua cabeça.

– Quem é você? – ela perguntou.

– Ludgate! – rugiu o velho. – Wigan Ludgate, como sabe muito bem. Quem mais ele te mandaria enganar? – O rosto cheio de rugas e manchas estava bem barbeado, mas o cabelo grisalho e comprido flutuava livre, como algas marinhas em uma maré de ar viciado.

– Desculpe – ela disse –, mas não vim aqui te enganar. Não trabalho mais para Virek... Vim aqui porque... Quero dizer, para começar, não tenho muita certeza de por que vim aqui, mas no caminho descobri que o artista que faz as caixas está em perigo. Porque tem alguma outra coisa, algo que Virek acha que ele tem, algo que Virek acha que vai livrá-lo dos cânceres... – As palavras dela foram baixando até se calarem, em face da loucura quase palpável que irradiava de Wigan Ludgate. Ela viu que ele usava a carapaça de plástico rachado de um velho traje de trabalho, com crucifixos baratos de metal colados com epóxi, como se fossem um colar em torno do anel de aço manchado do capacete. O rosto dele estava muito perto. Ela podia sentir o cheiro dos dentes podres.

– As caixas! – Pequenas bolas de cuspe saíam em curva de seus lábios, obedecendo às elegantes leis da física newtoniana. – Vadia! Elas vêm da mão de Deus!

– Calma aí, Lud – disse uma segunda voz. – Está assustando a moça. Fique calma, moça, porque o velho Lud não tem tido muitas visitas. Fica bem agitado, sabe, mas no fundo é um velhote inofensivo... – Ela virou a cabeça e encontrou o olhar relaxado de um par de grandes olhos azuis em um rosto muito jovem. – Meu nome é Jones – ele disse. – Moro aqui também...

Wigan jogou a cabeça para trás e uivou, e o som selvagem reverberou contra as paredes de aço e rocha.

– Na maior parte do tempo, sabe, ele não fala muito – Jones estava dizendo, enquanto Marly o seguia, puxando-se ao longo de um cabo cheio de nós, esticado por um corredor que parecia não ter fim. – Fica ouvindo as vozes dele, sabe? Fala sozinho, ou quem sabe com as vozes, não sei, e aí tem um ataque e fica desse jeito... – Quando ele parou de falar, ela ainda conseguia ouvir ecos tênues dos uivos de Ludgate. – Você deve estar pensando que é cruel eu deixar ele sozinho nesse estado, mas a verdade é que é o melhor. Logo ele se cansa. Fica com fome. Aí vem me procurar. Quer o rango dele, sabe?

– Você é australiano? – ela perguntou.

– De Nova Melbourne – ele disse. – Ou era, antes de ter subido o poço.

– Se importa de dizer por que está aqui? Quero dizer, aqui neste, neste... O que é isto?

O rapaz riu.

– Em geral eu o chamo de O Lugar. O Lud, ele chama de um monte de coisas, mas a maior parte do tempo de O Reino. Ele acha que encontrou Deus, acha mesmo. E deve ter encontrado de verdade, se quiser encarar assim. Pelo que sei, ele era um tipo de vigarista de console antes de ter subido o poço. Não sei exatamente como veio parar aqui, apenas que é o lugar perfeito pro coitado. Eu, eu vim fugido, entende? Entrei numa fria em algum lugar, pra não entrar em detalhes, e tive que me mandar. Acabei aqui, depois de uma longa história, e achei o maldito Ludgate quase morrendo de fome. Ele tinha um tipo de negócio, vendendo coisas que achava, e aquelas caixas que você veio atrás, mas tava pirado além da conta. Os compradores vinham, tipo, três vezes por ano, mas ele mandava todo mundo embora. Bem, eu pensei, o esconderijo aqui é tão bom quanto qualquer outro lugar. Então comecei a ajudar ele. Acho que é só isso...

– Pode me levar até o artista? Ele está aqui? É muito urgente, mesmo...

– Vou te levar, não esquenta. Mas este lugar, ele não foi feito pra pessoas. Quer dizer, não foi feito pra andar, então é uma bela duma viagem... Mas acho que ele não vai sair de lá. Só não posso garantir que vá te fazer uma caixa. Você trabalha mesmo pro Virek? O velhote cheio de grana da TV? Chucrute, né?

– Trabalhei – ela disse –, por alguns dias. Quanto à nacionalidade, acho que Herr Virek é o único cidadão de uma nação formada por Herr Virek...

– Entendo o que quer dizer – Jones disse, sorridente. – Acho que é a mesma coisa com todos esses velhotes ricaços, mas é mais divertido do que ficar assistindo uma maldita zaibatsu... Você não vê uma zaibatsu acabar mal, vê? Pegue o velho Ashpool. Do meu país, ele era. Construiu tudo isto. Dizem que a própria filha cortou a garganta dele, e agora ela está tão mal quanto o velho Lud, enfiada no castelo da família em algum lugar. O Lugar antes era parte de tudo aquilo, sabe?

– Rez... Quero dizer, minha piloto, disse algo a respeito. E uma amiga minha, em Paris, disse que os Tessier-Ashpools, nos últimos tempos... O clã está em crise?

– Em crise? Meu Deus! “Entrou pelo ralo” seria um jeito melhor de dizer. Pense nisto: estamos nos arrastando, você e eu, pelo que costumavam ser os núcleos de dados da corporação deles. Algum empreiteiro do Paquistão comprou a coisa. O casco está em bom estado, e tem uma boa quantidade de ouro nos circuitos, mas não é tão barato de recuperar como pode parecer... Ficou pendurado aqui desde aquela época, só com o velho Lud fazendo companhia pra ele e vice-versa. Isto é, até eu aparecer. Acho que um dia o pessoal do Paquistão vai chegar e começar a cortar... Mas é engraçado o quanto disto ainda parece funcionar, pelo menos parte do tempo. A história que ouvi, do cara que me trouxe aqui em primeiro lugar, dizia que a T-A tinha apagado todos os núcleos, antes de se livrar deles.

– Mas acha que continuam funcionando?

– Ah, com certeza. Do mesmo jeito que o Lud, se é que você chama aquilo de funcionar. O que acha que é o seu fazedor de caixas?

– O que sabe da Maas Biolabs?

– Mas o quê?

– Maas. Fazem biochips...

– Ah. Eles. Bom, isso é tudo que sei deles...

– Ludgate fala deles?

– Quem sabe? Não posso dizer que presto atenção em tudo que ele fala. O Lud, ele fala pra caramba...

27

ESTAÇÕES DA RESPIRAÇÃO

Ele os conduziu por avenidas cercadas de encostas enferrujadas de veículos mortos, com os guindastes dos demolidores e as torres negras das fundições. Manteve-se nas ruas secundárias à medida que penetravam no lado oeste do Sprawl. Finalmente, apontou o hovercraft para dentro de um desfiladeiro de tijolos, as laterais blindadas raspando e soltando fagulhas, e o arremessou de encontro a uma parede de lixo compactado, coberta de fuligem. Uma avalanche de refugos deslizou, quase cobrindo o veículo, e ele soltou os controles, enquanto assistia aos dados de espuma balançando para a frente e para trás, de um lado para o outro. O medidor de querosene vinha rondando o vazio pelos últimos vinte quarteirões.

– O que houve lá atrás? – ela disse, o rosto verde à luz dos instrumentos.

– Derrubei um helicóptero. Mais por acidente. Foi sorte.

– Não, quero dizer, depois disso. Eu estava... Tive um sonho.

– O que sonhou?

– As coisas grandes, se mexendo...

– Você teve um tipo de ataque.

– Estou doente? Acha que estou doente? Por que a companhia quis me matar?

– Não acho que esteja doente.

Ela soltou o cinto de segurança e passou por cima do banco, para se agachar onde haviam dormido.

– Foi um sonho ruim... – Ela começou a tremer. Ele saiu do cinto de segurança e foi até ela, apoiou a cabeça de Angie de encontro a

seu corpo, acariciando o cabelo, alisando-o para trás contra o crânio delicado, arrumando-o atrás das orelhas. O rosto dela, à luz verde, brilhava como algo arrancado dos sonhos e abandonado, a pele lisa e fina sobre os ossos. O blusão preto aberto pela metade, ele acompanhou a linha frágil da clavícula com a ponta de um dedo. A pele estava fria e úmida, com uma película de suor. Ela se agarrou a ele.

Ele fechou os olhos e viu seu corpo em uma cama listrada pelo sol, debaixo de um ventilador lento e com pás de madeira-de-lei castanha. O corpo dele bombeava, em espasmos como os de um membro amputado. A cabeça de Allison jogada para trás, a boca aberta, lábios tesos sobre os dentes.

Angie apertou o rosto na concha do pescoço dele.

Ela gemeu, se enrijeceu, se inclinou para trás.

– Mercenário – a voz disse. E ele estava de volta ao banco do motorista, o cano do Smith & Wesson refletindo uma única linha de brilho verde dos instrumentos, a cabeça luminosa em sua mira frontal, eclipsando a pupila esquerda da garota.

– Não – a voz disse.

Ele abaixou a arma.

– Você voltou.

– Não. Legba falou com você. Sou Samedi.

– Sábado?

– Barão Sábado, mercenário. Encontrou-se comigo uma vez em uma colina. O sangue te cobrindo como orvalho. Bebi do seu coração pesado naquele dia. – O corpo de Angie sofria espasmos violentos. – Você conhece bem esta cidade...

– Conheço. – Ele assistia enquanto os músculos se contraíam e relaxavam no rosto dela, moldando as feições em uma nova máscara.

– Muito bem. Deixe o veículo aqui, como pretendia. Mas siga as estações para o norte. Para Nova York. Esta noite. Então o guiarei com o cavalo de Legba, e você matará para mim.

– Matar quem?

– Quem você mais quer matar, mercenário.

Angie gemeu, estremeceu e começou a chorar.

– Está tudo bem – ele disse. – Já estamos na metade do caminho, quase em casa. – Era uma coisa descabida para se dizer, ele pensou, enquanto a ajudava a sair do banco. Nenhum deles tinha casa. Achou o estojo de cartuchos no casaco e substituiu o que usara contra o Honda. Encontrou um estilete salpicado de tinta no kit de ferramentas do painel e cortou o tecido à prova de rasgos do forro do casaco, um milhão de microtubos de poli-isolamento subindo e girando no ar à medida que cortava. Quando acabou de arrancá-lo, colocou o Smith & Wesson no coldre e vestiu o casaco. Caía em volta dele cheio de dobras, como uma capa de chuva grande demais, e não revelava em nada o volume da grande arma.

– Pra que fez isso? – ela perguntou, passando o dorso da mão pela boca.

– Está quente lá fora, e preciso cobrir a arma.

Enfiou o ziploc recheado de neoienes em um bolso.

– Vamos, temos que pegar o metrô...

Condensação gotejava continuamente da cúpula de Georgetown, construída quarenta anos depois de os debilitados Federais terem se retirado para os confins mais baixos de McLean. Washington era uma cidade do Sul, sempre fora, e você sentia o tom do Sprawl mudar aqui, se viesse descendo de metrô, estação por estação, desde Boston. As árvores no Distrito de Colúmbia eram exuberantes e verdes, e suas folhas atenuavam as luzes de arco enquanto Turner e Angela Mitchell caminhavam ao longo das calçadas quebradas até Dupont Circle e a estação. Havia tambores na praça e alguém acendera uma fogueira de lixo no cálice de mármore para gigantes no centro. Figuras silenciosas sentavam-se junto a cobertores estendidos enquanto eles passavam, os cobertores expondo uma diversidade surreal de mercadorias: capas de papelão, inchadas pela umidade, de discos de áudio de plástico negro, ao lado de membros protéticos surrados, com conectores neurais primitivos pendurados, um aquário de vidro empoeirado cheio de chapas de identificação de aço alongadas, pilhas de cartões-postais desbotados, presos com elástico, trodos indonésios baratos, ainda lacrados no plástico do atacadista, jogos descasados de galheteiros de cerâmica, um taco de golfe com a empunhadura

de couro se soltando, canivetes suíços com lâminas faltando, um cesto de lixo de lata amassada, litografado com o rosto de um presidente cujo nome Turner quase conseguia lembrar (Carter? Grosvenor?), hologramas borrados do Monumento...

Nas sombras próximas à entrada da estação, Turner regateou em voz baixa com um menino chinês que usava jeans brancos, trocando a menor das notas de Rudy por nove fichas metálicas estampadas com o logotipo rebuscado da BAMA Transit.

Duas das fichas permitiram que entrassem na estação. Três delas foram trocadas, em máquinas automáticas de venda, por café ruim e doces amanhecidos. As quatro restantes os levaram para o norte, o trem correndo, silencioso, ao longo do colchão magnético. Ele se reclinou no banco, envolvendo-a em seus braços, e fingiu fechar os olhos. Observava os reflexos que faziam na janela do outro lado: um homem alto, agora com olhos fundos e precisando fazer a barba, as costas curvadas em derrota, com uma garota de olhos vazios enrodilhada a seu lado. Ela ficara calada desde que saíram do beco onde haviam abandonado o hovercraft.

Pela segunda vez em uma hora, pensou em ligar para seu agente. Se você tinha que confiar em alguém, a regra dizia, confie no seu agente. Mas Conroy dissera que havia contratado Oakey e os outros por meio do agente de Turner, e a conexão o deixava com a pulga atrás da orelha. Onde estaria Conroy esta noite? Turner tinha uma boa certeza de que tinha sido Conroy quem mandara Oakey atrás deles com o laser. Será que a Hosaka havia preparado aquele canhão eletromagnético, no Arizona, para apagar os indícios de uma tentativa de deserção fracassada? Mas se tinham sido eles, por que mandar Webber acabar com os médicos, a unidade de neurocirurgia e o console da Maas-Neotek? E também havia a Maas... Será que a Maas tinha matado Mitchell? Havia algum motivo para acreditar que Mitchell estivesse mesmo morto? Sim, ele pensou, enquanto a garota se agitava a seu lado em um sono intranquilo, havia: Angie. Mitchell temia que a matassem, então havia preparado a deserção de modo a tirá-la de lá, mandá-la para a Hosaka, sem se preocupar com a própria fuga. Ou, pelo menos, essa era a versão de Angie.

Ele fechou os olhos, tapando os reflexos na janela. Algo se agitava, profundamente, no lodo das memórias gravadas de Mitchell. Vergonha. Mas ele não conseguia alcançá-las direito... Abriu os olhos de repente. O que ela tinha dito, na casa de Rudy? Que o pai havia posto a coisa na cabeça dela porque não era esperta o bastante? Com cuidado para não perturbá-la, tirou o braço de trás do pescoço dela e enfiou dois dedos no bolso da cintura das calças, tirando o envelopinho de nylon preto de Conroy, preso a seu cordão. Abriu o velcro e chacoalhou o envelope para fazer cair em sua palma aberta o biosoft cinza, inchado e assimétrico. Sonhos de máquina. Montanha-russa. Rápido demais, estranho demais para se assimilar. Mas, se você quisesse algo, algo específico, devia ser capaz de obter essa informação...

Enfiou a unha do polegar debaixo da tampa de proteção do soquete, levantou-a, e a colocou sobre o banco plástico ao lado. O trem estava quase vazio, e nenhum dos outros passageiros parecia estar prestando nenhuma atenção nele. Respirou fundo, apertou os dentes, e inseriu o biosoft...

Vinte segundos depois, havia conseguido a informação que fora procurar. Desta vez a estranheza não o tocara, e concluiu que tinha sido porque havia ido atrás de uma informação específica, este fato, exatamente o tipo de dado que se esperaria encontrar no dossiê de um grande cientista: o QI da filha, medido por uma bateria anual de testes.

Angela Mitchell estava bem acima do padrão. Sempre estivera, todo o tempo.

Ele tirou o biosoft do soquete e o girou distraidamente entre o polegar e o indicador. A vergonha. Mitchell e a vergonha e a faculdade... “As notas”, ele pensou. “Quero as notas do filho da mãe. Quero o histórico dele.”

Voltou a conectar o dossiê.

Nada. Conseguiu acessar, mas não havia nada.

Não. De novo.

Mais uma vez...

– Que droga! – ele exclamou, ao ver.

Um adolescente de cabeça raspada olhou de esguelha para ele de um banco do outro lado do corredor, e logo voltou a prestar

atenção à torrente do monólogo do amigo:

– Vão fazer os jogos de novo, lá no morro, à meia-noite. A gente vai aparecer, mas vamos só ficar de butuca, não vamos jogar, só relaxar e deixar eles baterem uns nos outros, e vamos ficar rindo, vendo quem apanha, porque na semana passada a Susan arrebentou o braço, tava lá na hora? E foi uma piada, porque o Cal estava tentando levar ela pro hospital, mas tinha tanto pó na cabeça que passou com aquela merda de Yamaha por cima de uma lombada...

Turner colocou o biosoft de volta no soquete.

Desta vez, quando terminou, não disse absolutamente nada. Voltou a colocar o braço em volta de Angie e sorriu, contemplando o sorriso na janela. Era um sorriso selvagem. Um sorriso do limite.

Os registros acadêmicos de Mitchell eram bons, muito bons. Excelentes. Mas o arco não estava lá. O arco era algo que Turner havia aprendido a ver nos dossiês de pessoal de pesquisa, aquela curva que sinalizava a certeza de brilhantismo. Conseguia detectar o arco da mesma maneira que um metalúrgico experiente podia identificar os metais apenas observando as fagulhas que saíam de um esmeril. E Mitchell não tinha o arco.

A vergonha. Os dormitórios dos estudantes. Mitchell soubera. Soubera que não ia conseguir. E aí, de alguma forma, conseguiu. Como? Não estaria no dossiê. Mitchell, de alguma forma, tinha descoberto como editar o que fornecera à máquina da segurança da Maas. Do contrário, eles teriam percebido. Alguém, alguma coisa, havia encontrado Mitchell durante seu fracasso na pós-graduação e começara a lhe dar informações. Pistas, rumos. E Mitchell havia chegado ao topo, agora com seu arco sólido, brilhante e perfeito, e isso o havia levado ao topo...

Quem? O quê?

Observou o rosto adormecido de Angie iluminado pela luz tremida do metrô.

Fausto.

Mitchell havia feito um pacto. Podia ser que Turner nunca descobrisse os detalhes do acordo, ou o preço de Mitchell, mas acreditava saber o outro lado. O que Mitchell tivera de fazer em troca.

Legba, Samedi, cuspe voando dos lábios contorcidos da garota.

E o trem penetrou rapidamente na velha estação Union, numa rajada negra de ar da meia-noite.

– Táxi, senhor? – Os olhos do homem se mexiam por trás de óculos dotados de um matiz policromático que girava como manchas de óleo na água. Havia chagas rasas e prateadas sobre o dorso de suas mãos. Turner se aproximou e o agarrou pelo braço, sem diminuir o ritmo da caminhada, forçando-o para trás, de encontro a uma parede de ladrilhos brancos rabiscados, entre fileiras cinza de armários de bagagem.

– Dinheiro vivo – Turner disse. – Pago em neoienes. Quero o meu táxi. *Sem* problemas com o motorista. Entendido? Não sou um pato. – Apertou com mais força. – Se foder comigo, volto aqui e te mato, ou faço você pedir pra morrer.

– Entendido. Sim, senhor. Entendido. Podemos fazer isso, senhor, sim, senhor. Para onde quer ir, senhor? – As feições arruinadas do homem se contorciam de dor.

– Mercenário – a voz vinha de Angie, um sussurro rouco. E depois um endereço.

Turner viu os olhos do aliciador de passageiros se agitarem nervosamente, por trás dos remoinhos de cores.

– Isso é na Madison? – ele grasnou. – Sim, senhor. Arranjo um bom táxi, um táxi muito bom...

– Que lugar é esse? – Turner perguntou ao taxista, inclinando-se para a frente de modo a apertar o botão SPEAK ao lado da grelha de aço do alto-falante. – Esse endereço que te dei?

Houve um crepitar de estática.

– O Hypermart. Não tem muita coisa aberta a esta hora da noite. Procurando alguma coisa em especial?

– Não – Turner disse. Não conhecia o lugar. Tentou se lembrar daquela parte da Madison. Quase toda residencial. Incontáveis moradias escavadas nas carcaças de edifícios comerciais que datavam de um tempo em que o comércio precisava que os vendedores estivessem fisicamente presentes em uma central. Alguns dos prédios eram altos o bastante para furar as cúpulas...

– Pra onde vamos? – Angie perguntou, a mão no braço dele.

– Está tudo bem – ele disse. – Não se preocupe.

– Deus – ela disse, se apoiando no ombro de Turner, olhando para o letreiro de neon rosa HYPERMART que cortava a fachada de granito do velho prédio. – Eu sempre sonhava com Nova York, lá na chapada. Tinha um programa gráfico que me levava por todas as ruas, entrava nos museus e outras coisas. Queria vir pra cá mais do que tudo no mundo...

– Bem, conseguiu. Está aqui.

Ela começou a chorar, o abraçou, seu rosto contra o peito nu dele, tremendo.

– Estou assustada. Estou tão assustada...

– Vai ficar tudo bem – ele disse, acariciando-lhe os cabelos, os olhos fixos na entrada principal. Não tinha motivo nenhum para acreditar que alguma coisa fosse ficar bem para qualquer um dos dois, algum dia. Ela parecia não ter ideia de que as palavras que os haviam trazido aqui tinham vindo de sua própria boca. “Mas a verdade”, ele pensou, “é que não tinham sido ditas por ela...” Havia sem-teto amontoados nos dois lados da entrada do Hypermart, montinhos horizontais de trapos que haviam assimilado a cor da calçada. Pareciam a Turner como se estivessem sendo lentamente espremidos de dentro do concreto escuro, para se tornarem extensões móveis da cidade.

– O Jammer’s, uma boate – a voz disse, abafada pelo peito de Turner, e ele sentiu uma repugnância fria. – Ache o cavalo de Danbala. – E então ela voltou a chorar. Ele a pegou pela mão e passou ao lado dos sem-teto adormecidos, por baixo dos arabescos dourados e sujos e pelas portas de vidro. Viu uma máquina de expresso no fundo de um corredor de barracas e cabines fechadas, uma garota com uma crista negra de cabelo esfregando um balcão.

– Café – ele disse. – Comida. Vamos lá. Você precisa comer.

Sorriu para a garota, enquanto Angie se acomodava em um dos bancos.

– Dinheiro vivo? – ele disse. – Aceita dinheiro vivo?

Ela olhou para ele e deu de ombros. Ele pegou uma nota de vinte do ziploc de Rudy e a mostrou.

– O que vai ser?

– Café. Algo pra comer.

– Só tem isso? Nada menor?

Ele fez que não com a cabeça.

– Sinto muito. Não tenho troco.

– Não precisa.

– Tá maluco?

– Não, mas quero café.

– Isso que é gorjeta, chefe. Não ganho isso em uma semana.

– É seu.

Por um momento, o rosto dela mostrou raiva.

– Você veio com aqueles babacas lá de cima? Fique com o seu dinheiro. Estou fechando.

– Não viemos com ninguém – ele disse, inclinando-se ligeiramente por cima do balcão, de modo que o casaco se abrisse e ela pudesse ver o Smith & Wesson. – Estamos procurando uma boate. Um lugar chamado Jammer's.

A garota olhou para Angie e de volta para Turner.

– Ela tá doente? Com pó na cabeça? O que é que tá rolando?

– Tome o dinheiro – Turner disse. – Nos dê o café. Se quiser merecer o troco, me diga como achar o Jammer's. Vale a pena pra mim. Entende?

Ela tirou de vista a nota gasta e foi para a máquina de expresso.

– Acho que não entendo mais nada. – Fazendo um pouco de barulho, ela tirou do caminho xícaras e copos com uma película de leite grudada. – O que é que tá rolando com o Jammer's? É amigo dele? Conhece a Jackie?

– Claro – Turner mentiu.

– Ela passou por aqui hoje de manhã com um wilsinho da periferia. Acho que subiram pra lá.

– Onde?

– Pro Jammer's. Aí começou a maluquice.

– É?

– Todos aqueles sacanas de Barrytown, os cabeças engomadas e os sapatos brancos, entrando aqui como se fossem os donos do lugar. E agora são mesmo, dos dois últimos andares. Começaram a

pagar pras pessoas saírem das cabines. Um monte de gente dos outros andares fechou as portas e saiu. Esquisito demais...

– Quantos vieram?

O vapor saía rugindo da máquina.

– Acho que uns cem. Fiquei morta de medo o dia todo, mas não tenho como falar com meu chefe. De qualquer modo, vou fechar em meia hora. A garota do dia não apareceu, ou então veio, sentiu cheiro de problemas, e caiu fora... – Ela pegou a xicrinha fervendo e colocou-a em frente a Angie. – Tudo certo com você, meu anjo?

Angie fez que sim.

– Faz alguma ideia do que essa gente está querendo? – Turner perguntou.

A garota havia voltado para a máquina, que rugiu de novo. Ela rugiu de novo.

– Acho que estão esperando alguém – ela disse, em voz baixa, e trouxe um expresso para Turner. – Ou que alguém tente sair do Jammer's ou que alguém tente entrar...

Turner baixou os olhos para os redemoinhos de espuma marrom no café.

– E ninguém chamou a polícia?

– A polícia? Chefe, aqui é o Hypermart. As pessoas daqui não chamam a polícia.

A xícara de Angie se despedaçou no balcão de mármore.

– Curto e grosso, mercenário – a voz sussurrou. – Você conhece o caminho. Entre.

A boca da balconista estava aberta.

– Meu Deus! Ela deve estar com muito pó na cabeça... – Olhou friamente para Turner. – Você que dá pra ela?

– Não – Turner disse –, mas ela está doente. Vai ficar boa. – Bebeu o café preto e amargo. Apenas por um segundo, lhe pareceu que podia sentir todo o Sprawl respirando, e essa respiração era velha, doente e cansada, por todas as estações de Boston até Atlanta...

28

JAYLENE SLIDE

– Meu Deus – Bobby disse a Jackie –, não dá pra você enrolar isso ou algo assim? – A queimadura de Jammer enchia o escritório de um cheiro como de carne de porco esturricada, o que fazia o estômago de Bobby se revirar.

– Não se enfaixa uma queimadura – ela disse, ajudando Jammer a se sentar na cadeira dele. Ela começou a abrir as gavetas da mesa, uma após a outra. – Tem remédio pra dor? Dermas? Qualquer coisa?

Jammer fez que não com a cabeça, seu longo rosto, frouxo e pálido.

– Talvez. Atrás do bar, tem um kit...

– Traz! – Jackie gritou. – Vai!

– Por que se importa tanto com esse cara? – Bobby começou, magoado com o tom dela. – Ele quis deixar os gothicks entrar.

– Pega a caixa, idiota! Ele só teve um momento de fraqueza, só isso. Ficou com medo. Traz logo essa caixa ou é você que vai precisar dela.

Ele correu para dentro da boate e encontrou Beauvoir enfiando fios em salsichas rosadas de explosivos plásticos, fios que iam até uma caixa plástica amarela, parecida com o controle remoto de um caminhão de brinquedo. As salsichas estavam amassadas em torno das dobradiças das portas e nos dois lados da fechadura.

– Pra que isso? – Bobby perguntou, enquanto trepava por cima do bar.

– Alguém pode querer entrar – Beauvoir respondeu. – Se quiserem, abrimos a porta pra eles.

Bobby se deteve por um momento, para admirar o sistema.

– Por que não amassa logo no vidro, pra explodir direto pra fora?

– Visível demais – Beauvoir disse, endireitando-se, o detonador amarelo nas mãos. – Mas ainda bem que você pensa nessas coisas. Se formos explodir direto pra fora, parte da explosão volta pra dentro. Deste jeito é... mais limpo.

– É? – Bobby deu de ombros e se abaixou por trás do bar. Havia prateleiras de arame cheias de sacos plásticos de bolinhos de krill, uma diversidade de guarda-chuvas abandonados, um dicionário grande, um sapato azul de mulher, um estojo de plástico branco com uma cruz vermelha pintada com esmalte de unhas meio escorrido... Agarrou o estojo e voltou, pulando por cima do bar.

– Ei, Jackie... – disse, colocando o kit de primeiros socorros ao lado do console de Jammer.

– Esquece. – Ela abriu o estojo e revolveu o conteúdo. – Jammer, tem mais poppers do que tudo aqui...

Jammer sorriu debilmente.

– Isto. Estes vão servir pra você. – Ela desenrolou uma folha de dermas vermelhos e começou a destacá-los, alisando três atrás da mão queimada. – Mas o que você precisa mesmo é de uma anestesia local.

– Estava pensando – Jammer disse, levantando os olhos para Bobby. – Quem sabe agora você possa ganhar um pouco de tempo de incursão sozinho...

– Que quer dizer? – Bobby perguntou, de olho no console.

– É razoável – Jammer disse – que quem quer que tenha trazido esses malucos aí de fora, também já grampeou os telefones.

Bobby concordou. Beauvoir dissera a mesma coisa quando haviam repassado o plano.

– Bom, quando eu e Beauvoir resolvemos que a gente podia entrar na matrix pra dar uma olhadinha, eu, na verdade, tinha outra coisa em mente. – Jammer mostrou a Bobby a sua vastidão de dentinhos brancos. – O caso é que estou metido nisto porque devia um favor pra Beauvoir e Lucas. Mas também tem gente que deve favores pra mim. Favores muito antigos. Favores que nunca precisei cobrar.

– Jammer – Jackie disse –, você tem que dar um tempo. Fique sentado aí. Você pode entrar em choque.

– Tem boa memória, Bobby? Vou te passar uma sequência. Você treina no console. Desligado, sem plugar. Certo?

Bobby concordou.

– Então, faça esse exercício algumas vezes. Um código de entrada. Deixa você entrar pela porta dos fundos.

– Porta dos fundos de quem? – Bobby girou o console negro para o seu lado e posicionou os dedos sobre o teclado.

– Da Yakuza – Jammer disse.

Jackie estava encarando Jammer.

– Ei, o que você...

– Como eu disse. É um favor muito antigo. Mas você sabe o que dizem: a Yakuza nunca esquece. E funciona pros dois lados...

Uma onda de fedor de carne queimada chegou até Bobby e ele se retraiu.

– Como é que não contou nada disso pra Beauvoir? – Jackie estava arrumando as coisas de volta no estojo branco.

– Meu bem – Jammer respondeu –, você vai aprender. Tem coisas que você treina para se lembrar de esquecer.

– Agora, olha – Bobby disse, fixando em Jackie o que supunha ser o seu olhar mais forte –, sou eu que vou fazer isto. Então, não preciso dos seus loas, certo? Eles me deixam nervoso.

– Ela não os chama – Beauvoir disse, agachado ao lado da porta do escritório, o detonador em uma mão e a arma sul-africana antimotim na outra. – Eles só *aparecem*. Se quiserem aparecer, já *estão lá*. De qualquer forma, eles gostam de você.

Jackie colocou os trodos na testa.

– Bobby – ela disse –, você vai ficar bem. Não se preocupe, é só plugar. – Ela tirou o lenço da cabeça. O cabelo estava arranjado como fileiras de milho entre sulcos alinhados de pele castanha brilhante, com antigos resistores trançados em intervalos aleatórios, pequenos cilindros de resina fenólica marrom com anéis de faixas pintadas de código de cor.

– Quando passar pela Bola de Basquete – Jammer explicou a Bobby –, você mergulha três cliques e vai para o piso, e eu quero

dizer, mergulha mesmo...

– Passar pela quê?

– Bola de Basquete. Aquela é a Esfera de Coprosperidade do Cinturão do Sol Dallas–Fort Worth. Você precisa descer rápido, até o fim, e então corre como te falei, por uns vinte cliques. Tem só vendedores de carros usados e contadores fiscais lá embaixo, mas você nem liga, certo?

Bobby concordou, sorrindo.

– Se alguém te vir passando, bem, problema dele. O pessoal que se pluga lá embaixo está acostumado a ver umas coisas esquisitas, mesmo.

– Meu – Beauvoir disse a Bobby –, *vai lá*. Tenho que voltar pra porta...

Bobby se conectou.

Seguiu as instruções de Jammer, com uma gratidão secreta por poder sentir Jackie a seu lado enquanto mergulhavam nas profundezas cotidianas do ciberespaço, a bola de basquete brilhante diminuindo na distância acima deles. O console era rápido, supermacio, e fazia Bobby se sentir forte e veloz. Ficou se perguntando como Jammer tinha conseguido fazer a Yakuza lhe dever um favor, um que nunca havia se dado ao trabalho de cobrar, e uma parte de sua mente estava ocupada imaginando hipóteses quando bateram no ICE.

– Meu Deus... – E Jackie tinha sumido. Algo havia se colocado entre eles, uma coisa que parecia fria e silenciosa e que cortava a respiração. – Mas não tinha nada *ali*, que merda! – De alguma forma, estava congelado, totalmente travado. Ainda conseguia ver a matrix, mas não podia sentir as mãos.

– Por que diabos iam plugar alguém como você em um console desses? Essa coisa devia estar em um museu e *você* devia estar no primário.

– Jackie! – O grito foi um reflexo.

– Cara – disse a voz –, sei lá. Faz dias que não durmo, mas você com certeza não parece o que eu queria pegar quando você saiu dali... Quantos anos tem?

– Vá se foder! – Bobby disse. Foi tudo que conseguiu pensar em dizer.

A voz começou a rir.

– Ramirez ia se rachar de rir disto, sabia? Ele tinha um bom senso de ridículo. Essa é uma das coisas de que sinto falta.

– Quem é Ramirez?

– Meu parceiro. Ex. Morto. Bem morto. Estava achando que você podia me dizer como ele ficou assim.

– Nunca ouvi falar dele – Bobby disse. – Cadê a Jackie?

– Sentada durinha no ciberespaço, enquanto você responde minhas perguntas, wilson. Qual o seu nome?

– B... Count Zero.

– Claro. Seu nome!

– Bobby. Bobby Newmark.

Silêncio. E então:

– Bem. Ei. Isso até que faz sentido. Foi no apartamento da sua mãe que eu vi aqueles caras da Maas usarem um foguete, não foi? Mas, pelo jeito, você não estava lá, ou não estaria aqui. Espere um segundo...

Um quadrado de ciberespaço, diretamente em frente, se alterou de um modo que dava enjoo e Bobby se viu dentro de um gráfico azul pálido, que parecia representar um apartamento muito espaçoso, as formas baixas dos móveis desenhadas em linhas finíssimas de neon azul. Uma mulher estava diante dele, uma espécie de desenho animado luminoso em forma de mulher, o rosto uma mancha castanha.

– Sou Slide – a figura disse, as mãos nos quadris, – Jaylene. Não se meta comigo. Ninguém em Los Angeles – ela fez um gesto, uma janela instantaneamente surgindo por trás dela – se mete comigo. Entendido?

– Certo – Bobby respondeu. – O que é isto? Quero dizer, se você puder explicar... – Ainda não podia se mexer. A “janela” mostrava uma vista de vídeo azul-cinzenta de palmeiras e prédios antigos.

– O que quer dizer?

– Este tipo de desenho. E você. E aquela pintura antigaça...

– Ei, eu paguei os olhos da cara pra um designer fazer isto pra mim. Este é o meu espaço, o meu constructo. Aqui é Los Angeles,

menino. As pessoas daqui não fazem *nada* sem se plugar. E é aqui que eu as *recebo*!

– Oh – Bobby disse, ainda desconcertado.

– Sua vez. Quem é que está lá, naquela danceteria vagabunda?

– O Jammer's? Eu, Jackie, Beauvoir e o Jammer.

– E pra onde ia quando te peguei?

Bobby hesitou.

– Pra Yakuza. O Jammer tem um código...

– Pra quê? – A figura se mexeu para a frente, um esboço animado e sensual.

– Ajuda.

– Merda. Acho que está dizendo a verdade...

– Estou, estou, juro por Deus.

– Bem, você não é o que preciso, Bobby Zero. Tenho patrulhado o ciberespaço pra todo lado, tentando achar quem matou o meu homem. Achei que tinha sido a Maas, porque a gente tava tirando um dos deles pra Hosaka. Por isso, fui atrás de um grupo de gente deles. A primeira coisa que vi foi o que fizeram com o apartamento da sua mamãe. Aí vi três deles fazerem uma visitinha a um homem que chamam de Finlandês, mas nunca mais saíram...

– O Finlandês matou os três – Bobby disse. – Eu vi. Mortos.

– Viu? Bom, então, pode ser que tenhamos o que conversar. Depois disso, vi enquanto os outros três usavam aquele mesmo lançador em um carro de cafetão...

– Era Lucas – ele disse.

– Mas mal acabaram de fazer isso e apareceu um helicóptero e fritou os três com um laser. Sabe algo disso?

– Não.

– Acha que pode me contar sua história, Bobby Zero? Rápido!

– Bom, eu ia fazer essa incursão, sabe? E consegui esse ICE-Breaker com o Two-a-Day, dos Projetos, aí eu...

Quando ele terminou, ela ficou em silêncio. A figura magricela de desenho animado se manteve parada ao lado da janela, como se estivesse estudando as árvores de televisão.

– Tive uma ideia – ele se arriscou. – Quem sabe você pode ajudar a gente...

– Não – ela disse.

– Mas quem sabe isso ajude você a encontrar o que quer...

– Não. Só quero matar o filho da puta que matou Ramirez.

– Mas estamos presos lá, vão matar a gente. É a Maas, aqueles que você esteve seguindo na matrix! Contrataram um monte de kasuals e gothicks...

– Isso não foi a Maas – ela disse. – Isso foi um bando de euros lá da Park Avenue. Têm um ICE de um quilômetro de grossura.

Bobby assimilou isso.

– Eram eles no helicóptero, os que mataram os outros caras da Maas?

– Não. Não consegui identificar aquele helicóptero, e foram pro sul. Perdi eles. Mas tenho uma suspeita... De qualquer forma, vou te mandar de volta. Se quiser tentar o código da Yakuza, vá em frente.

– Mas, moça, precisamos de *ajuda*.

– Ninguém ganha comissão pra ajudar, Bobby Zero – ela disse, e logo em seguida ele estava sentado na frente do console do Jammer, os músculos no pescoço e nas costas doendo. Levou um tempo antes que conseguisse focar a vista, por isso foi quase um minuto depois que notou que havia estranhos na sala.

O homem era alto, talvez mais alto do que Lucas, mas mais atlético, com os quadris mais estreitos. Vestia um tipo de jaqueta de combate folgada que caía pelo corpo em dobras, com bolsos gigantes, e o peito estava nu, exceto por uma tira negra horizontal. Os olhos pareciam machucados e febris, e segurava a maior arma que Bobby jamais tinha visto, um tipo de revólver comprido, com um acessório esquisito debaixo do cano, uma coisa que nem a cabeça de uma cobra. Ao lado dele, balançando, estava uma garota que podia bem ser da idade de Bobby, com os mesmos olhos machucados, embora os dela fossem escuros, e cabelos castanhos escorridos que precisavam de uma lavada. Ela usava um blusão preto, vários números grande demais, e jeans. O homem estendeu o braço esquerdo para apoiá-la.

Bobby olhou fixamente e, então, ficou embasbacado com o golpe de memória que sofreu.

Voz-de-garota, cabelo-castanho, olhos-escuros, o gelo o devorando, seus dentes batendo, a voz dela, a coisa grande se

aproximando...

– *Viv la Vyèj* – Jackie disse, ao lado dele, arrebatada, sua mão agarrando o ombro dele com força –, a Virgem dos Milagres. Ela veio, Bobby. Danbala a mandou!

– Ficou desacordado um tempo, garoto – o homem alto disse a Bobby. – O que houve?

Bobby piscou, olhou desesperado em volta, encontrou os olhos de Jammer, vidrados com as drogas e a dor.

– Pode falar – Jammer disse.

– Não consegui chegar nos Yaks. Alguém me pegou, não sei como.

– Quem? – O homem alto agora estava com o braço em volta da garota.

– Disse que o nome dela era Slide, de Los Angeles.

– Jaylene – o homem disse.

O telefone na mesa de Jammer começou a tocar.

– Atenda – o homem disse.

Bobby se virou ao mesmo tempo em que Jackie esticava o braço e tocava a barra de chamada abaixo da tela quadrada. A tela se iluminou, piscou, e mostrou-lhes um rosto de homem, largo e muito pálido, com pálpebras pesadas e aspecto sonolento. O cabelo era descolorido até ficar quase branco, e penteado para trás. Tinha a boca mais maldosa que Bobby já vira.

– Turner – o homem disse –, é melhor termos uma conversa. Já. Você não tem muito tempo. Acho que devia tirar essa gente da sala, pra começar.

29

FAZEDOR DE CAIXAS

O cabo cheio de nós se estendia indefinidamente. Às vezes, chegavam a esquinas, bifurcações do túnel. Nesses pontos, o cabo estava enrolado em um suporte, ou fixado com uma massa transparente, gorda, de epóxi. O ar era tão viciado quanto antes, porém mais frio. Quando pararam para descansar em uma câmara cilíndrica, onde o poço se alargava antes de se dividir em três, Marly pediu a Jones a pequena lanterna plana que ele usava presa à testa com uma tira elástica cinza. Segurando-a em uma das manoplas do traje vermelho, ela passeou com a luz pela parede da câmara. A superfície estava gravada com padrões, linhas microscopicamente finas...

– Bote o capacete – Jones aconselhou. – Você tem uma lanterna melhor do que a minha...

Marly estremeceu.

– Não. – Ela lhe devolveu a lanterna. – Pode me ajudar a tirar isto? – Ela bateu com uma das manoplas no peito duro do traje. O capacete com a cúpula espelhada estava preso à cintura, por um gancho de engate cromado.

– É melhor ficar com ele – Jones disse. – É o único n'O Lugar. Eu tenho um, onde durmo, mas não tenho ar pra ele. Os tanques do Wig não servem no meu transpirador, e o traje dele está cheio de buracos. – Ele deu de ombros.

– Não, sério – ela disse, se debatendo com a lingueta na cintura do traje, onde vira Rez torcer alguma coisa. – Não consigo aguentar mais...

Jones passou uma perna por cima do cabo e fez alguma coisa que ela não conseguiu ver. Ouviu-se um estalido.

– Estique os braços, por cima da cabeça – ele disse. Era difícil de tirar, mas ela finalmente flutuou livre, ainda com os jeans negros e a blusa de seda branca que vestira para aquele encontro final com Alain. Jones prendeu o traje vermelho vazio ao cabo com outro dos anéis de engate fixados em torno da cintura, e então liberou a bolsa estufada de Marly. – Quer isto? Quero dizer, quer levar com você? Podemos deixar aqui, pegar na volta.

– Não – ela disse. – Vou levar. Me dê. – Ela passou um cotovelo em torno do cabo e abriu a bolsa com dificuldade. A jaqueta saiu, e também uma de suas botas. Conseguiu enfiar a bota de volta na bolsa. Em seguida, se torceu para entrar na jaqueta.

– Belo couro – Jones disse.

– Por favor – disse ela –, vamos depressa...

– Não falta muito – ele disse, movendo a lanterna de um lado para outro de modo a lhe mostrar onde o cabo desaparecia em uma das três aberturas dispostas em triângulo equilátero.

– Fim do cabo – ele disse. – E fim da linha. – Deu um tapinha no olhal cromado onde o cabo estava amarrado com um nó de marinheiro. Sua voz bateu e ecoou em algum lugar à frente, até Marly imaginar que tinha ouvido outras vozes, sussurrando por trás da repetição do eco. – Vamos precisar de um pouco de luz aqui – ele disse, lançando-se pelo poço e agarrando uma protuberância da parede que parecia um caixão de metal cinza. Abriu-o. Ela observou suas mãos se mexendo no círculo luminoso da lanterna: os dedos eram finos e delicados, mas as unhas eram pequenas e rombudas, delineadas por sujeira preta e compacta. As letras “CJ” estavam tatuadas com um azul grosseiro no dorso da mão direita. O tipo de tatuagem que alguém fazia sozinho, na cadeia... Agora ele havia apanhado um pedaço de fio grosso, com isolamento elétrico. Forçou os olhos para enxergar dentro da caixa. Em seguida, encaixou o fio por trás de um conector D de cobre.

A escuridão à frente deles desapareceu em uma inundação branca de luz.

– Na verdade, temos mais energia do que precisamos – ele disse, com algo próximo ao orgulho do dono de uma casa. – Os bancos de células solares ainda estão funcionando, e foram feitos para alimentar os mainframes... Então, vamos lá, moça, vamos encontrar o artista que você veio tão longe pra ver... – Ele se impulsionou com os pés, planando suavemente pela abertura, como um nadador, rumo à luz. Rumo a mil coisas flutuando à deriva. Ela viu que as solas de plástico vermelho dos sapatos puídos haviam sido remendadas com manchas de silicone branco para vedação.

Então ela o seguiu, esquecendo os medos, esquecendo a náusea e a vertigem constante. E então chegou lá. E entendeu.

– Meu Deus! – ela disse.

– Duvido – Jones falou alto. – Mas quem sabe o do velho Wig. Mas é uma pena que não esteja fazendo nada agora. É uma coisa que vale a pena ver.

Algo passou ao lado dela, a dez centímetros do rosto. Uma colher de prata, rica em detalhes, cortada precisamente ao meio, de ponta a ponta.

Ela não tinha ideia de quanto tempo ficara ali, quando a tela se acendeu e começou a piscar. Horas, minutos... Já havia aprendido, mais ou menos, a se deslocar pela câmara, dando impulso com os pés, como Jones, na concavidade da cúpula. E, como Jones, ela se agarrava nos braços dobrados e articulados da coisa, girava e se segurava ali, apreciando o redemoinho de detritos. Havia dúzias dos braços, manipuladores, dotados de pontas com alicates, chaves Allen, facas, uma microscópica serra circular, uma broca de dentista. Eles saíam como pelos do tórax metálico do que devia ter sido, um dia, uma unidade de construção remota, o tipo de dispositivo não-tripulado e semiautônomo que ela conhecera, criança, por meio dos vídeos sobre a fronteira alta. Mas este estava soldado no ápice da cúpula, suas laterais fundidas ao material d'O Lugar e centenas de cabos de cobre e de fibra óptica serpenteavam pela estrutura geodésica para penetrá-lo. Dois dos braços, dotados de delicados dispositivos de feedback de força, estavam esticados: as almofadas macias aninhando uma caixa inacabada.

De olhos arregalados, Marly assistiu à passagem de inúmeras coisas.

Uma luva de criança amarelada, a tampa de cristal lapidado de um frasco de perfume desaparecido, uma boneca sem braços e com rosto de porcelana francesa, uma caneta-tinteiro gorda e preta com detalhes dourados, segmentos retangulares de chapas de madeirite perfurada, a cobra espiralada, em vermelho e verde, de uma gravata de seda... Incessante, o lento enxame, as coisas girando...

Jones se lançou para cima em meio à tempestade silenciosa, rindo, agarrando um braço equipado com uma pistola de cola.

– Sempre que vejo, me dá vontade de rir. Mas as caixas sempre me deixam triste...

– É – ela disse. – Me deixam triste também. Mas há tristezas e tristezas...

– Falou bem. – Ele deu um largo sorriso. – Mas não tem jeito de fazer funcionar. Parece que é o espírito que tem que fazer ele se mexer, ou pelo menos é isso que o velho Wig acha. Ele vinha muito aqui, antigamente. Parece que as vozes ficam mais fortes aqui. Só que, nos últimos tempos, parece que elas tão falando com ele em qualquer lugar...

Ela o encarou através do arbusto de manipuladores. Ele era muito sujo, muito jovem, com os grandes olhos azuis debaixo de um emaranhado de caracóis de cabelo castanho. Usava uma roupa inteiriça fechada com zíper, cinza e manchada, o colarinho brilhoso de tão encardido.

– Vocês devem estar loucos – ela disse, com algo na voz que soava como admiração. – Devem estar completamente loucos, pra ficar aqui...

Ele riu.

– Wigan é louco varrido. Mas eu não.

Ela sorriu.

– Não, você está louco. Eu também estou...

– Então oi – ele disse, olhando para além dela. – O que é isto? Parece um dos sermões do Wig, e não tem jeito de parar sem cortar a força...

Ela virou a cabeça e viu diagonais de cor piscarem na superfície retangular de uma grande tela colada, torta, à curva da cúpula. Por

um segundo a tela foi obstruída pela passagem de um manequim de costureira, e então o rosto de Josef Virek a preencheu, seus ternos olhos azuis brilhando por trás das lentes redondas.

– Olá, Marly – ele disse. – Não posso ver você, mas tenho certeza de que sei onde está...

– É uma das telas de sermão do Wig – Jones disse, esfregando o rosto. – Botou elas por todo O Lugar, porque achava que um dia teria gente aqui em cima pra ele pregar. Esse velhote deve ter se conectado através dos comunicadores do Wig. Quem é?

– Virek – respondeu ela.

– Achei que fosse mais velho...

– É uma imagem gerada – ela disse. – Renderização, mapeamento de texturas... – Ela observou, enquanto o rosto sorria da curva da cúpula, por trás do furacão em câmera lenta dos objetos perdidos, artefatos sem importância de inúmeras vidas, ferramentas e brinquedos e botões enfeitados.

– Quero que saiba que cumpriu o seu contrato – a imagem disse. – O meu perfil psicológico de Marly Krushkhova previu a sua reação à minha gestalt. Perfis mais amplos indicaram que a sua presença em Paris forçaria a Maas a tomar uma iniciativa. Em breve, Marly, saberei exatamente o que é que você encontrou. Faz quatro anos que sei de algo que a Maas não sabia. Sei que Mitchell, o homem que a Maas e o mundo pensam ser o inventor dos novos processos do biochip, estava recebendo, de fora, os conceitos que resultaram em suas descobertas revolucionárias. Acrescentei você a um conjunto intrincado de fatores, Marly, e as coisas chegaram a um clímax bastante satisfatório. A Maas, sem entender o que estava fazendo, forneceu a localização da fonte dos conceitos. E você chegou a ela. Paco logo chegará aí...

– Disse que não ia me seguir – ela disse. – Sabia que estava mentindo...

– E agora, Marly, finalmente ficarei livre. Livre de quatrocentos quilos de células amotinadas que eles isolam atrás de aço cirúrgico em um parque industrial de Estocolmo. Livre, no final de tudo, para habitar quantos corpos reais eu quiser, Marly. Para sempre.

– Que merda – disse Jones. – Esse aí está tão mal quanto o Wig. Do que é que ele acha que está falando?

– Do salto dele – ela disse, lembrando-se da conversa com Andrea, do cheiro dos camarões na pequena cozinha abarrotada. – O próximo estágio da evolução dele...

– Você entende isso?

– Não – ela disse. – Mas sei que vai ser ruim, muito ruim... – balançou a cabeça.

– Convença os moradores dos núcleos a deixar que Paco e sua tripulação entrem, Marly – Virek disse. – Adquiri os núcleos uma hora antes de você sair de Orly, de uma empreiteira no Paquistão. Uma pechincha, Marly, uma verdadeira pechincha. Paco cuidará dos meus interesses, como sempre.

E então a tela ficou escura.

– Agora veja – Jones disse, girando em volta de um manipulador dobrado e pegando na mão dela –, o que há de tão ruim nisso tudo? Ele é o dono agora, e ele disse que você fez a sua parte... Não sei pra que o velho Wig serve, além de escutar as vozes, mas não vai ficar muito tempo deste lado, mesmo. Eu, pra mim tanto faz ir ou ficar...

– Você não entende – ela disse. – Não tem como entender. Ele descobriu como chegar a algo, algo que procurou durante anos. Mas nada que ele queira pode ser bom. Pra ninguém... Eu já vi, eu senti...

E então o braço de aço que ela segurava vibrou e começou a se mexer, toda a torreta girando com os zumbidos abafados dos servomecanismos.

30

MERCENÁRIO

Turner encarou Conroy na tela do telefone do escritório.

– Vai – disse a Angie. – Você, vá com ela. – A garota negra alta, com os resistores trançados no cabelo, deu um passo à frente e colocou, suavemente, o braço em torno da filha de Mitchell, murmurando alguma coisa naquele dialeto infestado de estalidos. O garoto da camiseta ainda olhava boquiaberto para ela, o queixo frouxo.

– Vamos, Bobby – a garota negra disse. Turner olhou para o outro lado da mesa, para o homem com a mão ferida, que usava um paletó de noite branco, amassado, e uma gravata com tiras de couro negro trançado. Jammer, Turner concluiu, o dono da boate. Jammer aninhava a mão no colo, sobre uma toalha listrada de azul do bar. Tinha um rosto comprido, o tipo de barba que precisava ser constantemente raspada, e os olhos duros e estreitos de um profissional durão. Quando seus olhos se encontraram, Turner percebeu que o homem estava sentado bem fora da linha de visão da câmera do telefone, a cadeira giratória afastada para um canto.

O garoto com a camiseta, Bobby, arrastou os pés atrás de Angie e da garota negra, a boca ainda aberta.

– Podia ter poupado nós dois de muita confusão, Turner – Conroy disse. – Podia ter me ligado. Podia ter ligado pro seu agente em Genebra.

– E a Hosaka? – Turner disse. – Podia ter ligado pra eles?

Conroy lentamente fez que não com a cabeça.

– Pra quem você está trabalhando, Conroy? Fez jogo duplo desta vez, né?

– Mas não com você, Turner. Se as coisas tivessem saído como planejei, você estaria em Bogotá, com Mitchell. O canhão não podia disparar até que o jato estivesse fora de alcance. E, se tivéssemos feito as coisas direito, a Hosaka teria pensado que a Maas tinha eliminado o setor inteiro pra deter Mitchell. Mas Mitchell não saiu. Saiu, Turner?

– Nunca pretendeu sair – Turner disse.

Conroy concordou com a cabeça.

– É. E a segurança na chapada detectou a garota na hora em que saiu. Era ela, não era? A filha de Mitchell...

Turner ficou em silêncio.

– Claro – Conroy disse. – Faz sentido...

– Eu matei Lynch – Turner disse, para desviar o assunto de Angie. – Mas, logo antes da hora do vamos ver, Webber me contou que estava trabalhando pra você.

– Os dois estavam – Conroy disse –, mas não sabiam um do outro. – Ele encolheu os ombros.

– Pra quê?

Conroy sorriu.

– Porque você teria sentido falta deles se não estivessem lá. Não teria? Porque você conhece meu estilo, e se eu não jogasse como sempre, você teria começado a imaginar coisas. E sabia que você nunca se venderia. O sr. Lealdade Instantânea, não é? O sr. Bushido. Você era confiável, Turner. A Hosaka sabia disso. Foi por isso que queriam te trazer de qualquer jeito...

– Não respondeu à minha primeira pergunta, Conroy. Pra quem você fez jogo duplo?

– Um homem chamado Virek – Conroy disse. – O homem da grana. Isso, aquele mesmo. Tentou comprar Mitchell, durante anos. Aliás, tentou comprar a Maas. Não conseguiu. Estavam ficando tão ricos que não podia tocá-los. Havia uma oferta pendente por Mitchell circulando. Uma oferta no escuro. Quando a Hosaka ficou sabendo de Mitchell e me chamou, resolvi dar uma olhada na oferta. Só de curioso. Mas antes que conseguisse, a equipe de Virek chegou em mim. Não foi um negócio difícil de fechar, Turner, pode me acreditar.

– Acredito.

– Mas Mitchell nos ferrou bonitinho, não foi, Turner? De cabo a rabo.

– Então o mataram.

– Ele se matou – Conroy disse –, ao menos, de acordo com os agentes duplos de Virek na chapada. Logo que viu que a garota tinha saído no ultraleve. Cortou a garganta com um bisturi.

– Um monte de gente morta por aí, Conroy – Turner disse. – Oakey está morto, e aquele japa que estava pilotando o helicóptero pra você, também.

– Foi o que pensei quando não voltaram – Conroy deu de ombros.

– Estavam tentando nos matar – Turner disse.

– Não, cara, só queriam *falar*... De qualquer forma, na hora ainda não sabíamos da garota. Só sabíamos que você tinha sumido e que a droga do jato não tinha chegado na pista em Bogotá. Não começamos a pensar na garota até que demos uma olhada na fazenda do seu irmão e achamos o jato. Ele não quis falar nada pro Oakey. Ficou puto, porque o Oakey tinha queimado os cachorros dele. Oakey disse que parecia que uma mulher estava morando ali também, mas ela não apareceu...

– O que houve com Rudy?

O rosto de Conroy estava perfeitamente inexpressivo. Em seguida, disse:

– O Oakey conseguiu o que precisava dos monitores. Então ficamos sabendo da garota.

As costas de Turner estavam doendo. A tira do coldre estava cortando seu peito. “Não sinto nada”, pensou, “não sinto absolutamente nada...”

– Tenho uma pergunta pra você, Turner. Tenho algumas. Mas a principal é: que merda que você tá fazendo aí?

– Ouvi falar que era uma boate na onda, Conroy.

– É. Bem exclusiva. Tão exclusiva que você teve que arrebentar dois dos meus porteiros pra entrar. Sabiam que você estava indo, Turner, os pretos e aquele punk. Senão, por que teriam deixado você entrar?

– Vai ter que descobrir sozinho, Connie. Parece que você tem bastante acesso, hoje em dia...

Conroy se inclinou para mais perto da câmera do telefone.

– Pode apostar o seu rabo. Virek espalhou o pessoal dele por todo o Sprawl durante meses, investigando um boato, uma conversa dos cowboys de que tinha um biosoft experimental circulando por aí. Até que o pessoal dele se concentrou no Finlandês, mas outra equipe, uma da Maas, apareceu, obviamente atrás da mesma coisa. Então, a equipe do Virek ficou de longe, só de butuca nos garotos da Maas. E os garotos da Maas saíram por aí explodindo gente. Então, o pessoal do Virek achou os pretos e o pequeno Bobby e a coisa toda. Me puseram a par de tudo quando disse que achava que você estava a caminho, depois de sair da casa de Rudy. Quando vi pra onde iam, contratei um pouco de força bruta pra congelar os caras aí, até que arranjasse alguém em quem eu confiasse pra entrar atrás deles...

– Esses cabeças de pó lá fora? – Turner sorriu. – Você trocou os pés pelas mãos, Connie. Não sabe mais onde procurar um profissional, né? Alguém lá fora sacou que você fez jogo duplo e um monte de prós morreu. Por isso é que está contratando esses babacas de cabelo engraçado. Os prós todos já sabem que a Hosaka está atrás de você, não é, Connie? E todos sabem o que você fez. – Agora Turner estava sorrindo; com o canto do olho, via o homem com o paletó de gala sorrindo também, um sorriso fino com um monte de dentinhos todos certinhos, como se fossem grãos brancos de milho...

– É aquela cadela da Slide – Conroy disse. – Eu podia ter acabado com ela na plataforma... Ela conseguiu entrar em algum lugar e começou a fazer perguntas. Acho que não conseguiu descobrir nada ainda, mas tem feito barulho em alguns círculos. De qualquer forma, é, você pegou a coisa. Mas isso não vai te ajudar em nada, não agora. Virek quer a garota. Ele tirou o pessoal dele do outro negócio e agora estou cuidando das coisas pra ele. Dinheiro, Turner. Dinheiro como uma zaibatsu...

Turner olhou fixamente para o rosto, lembrando-se de Conroy no bar de um hotel na selva. Lembrando-se dele depois, em Los Angeles, fazendo a proposta, explicando a economia oculta da deserção corporativa...

– Oi, Connie – Turner disse. – Já te conheço, né?

Conroy sorriu.

– É claro, meu bem.

– E já sei a oferta. Você quer a garota.

– Isso mesmo.

– E a divisão, Connie? Sabe que trabalho só com partes iguais, certo?

– Ei – Conroy disse –, este é o grande lance. Eu não ia querer de outro jeito.

Turner encarou a imagem do homem.

– Bem – Conroy disse, ainda sorrindo –, o que me diz?

E Jammer esticou a mão e puxou o fio do telefone da tomada na parede.

– A hora certa – ele disse. – O timing é sempre importante. – Largou o fio. – Se tivesse respondido, ele teria agido na hora. Deste jeito, ganhamos tempo. Ele vai tentar ligar de volta, tentar descobrir o que aconteceu.

– Como sabe o que ia responder?

– Porque já vi gente. Vi muita gente. Gente demais. E, acima de tudo, vi um monte que nem você. Estava escrito na sua cara, chefe, que você ia dizer pra ele ir pros quintos dos infernos. – Jammer subiu de volta para a cadeira, fazendo uma careta, enquanto a mão se mexia dentro da toalha do bar. – Quem é essa Slide que ele falou? Uma jóquei?

– Jaylene Slide. Los Angeles. De primeira.

– Foi ela que sequestrou Bobby – Jammer disse. – Então, ela deve estar bem perto do seu camarada no telefone...

– Mas não deve saber disso.

– Vamos ver o que dá pra fazer a respeito. Chama o garoto aqui de volta.

31

VOZES

– É melhor eu achar o velho Wig – ele disse.

Ela estava admirando os manipuladores, hipnotizada pela maneira como se moviam: enquanto avançavam pelo redemoinho de coisas, também o causavam, agarrando e rejeitando, os rejeitos rodopiando para longe, batendo em outros, flutuando à deriva em novos alinhamentos. O processo os agitava de modo suave, lento, perpétuo.

– É melhor – ele disse.

– O quê?

– Achar o Wig. Ele pode aprontar alguma, se o pessoal do seu chefe aparecer. Não quero que se machuque, sabe como é. – Ele parecia tímido, vagamente encabulado.

– Tudo bem – ela disse. – Eu estou bem, vou ficar assistindo. – Lembrou-se dos olhos dementes de Wig, da loucura que sentiu emanando dele em ondas; lembrou-se da astúcia hedionda que sentira na voz, pelo rádio da *Sweet Jane*. Por que Jones se preocuparia desse jeito? Mas então pensou em como seria viver n'O Lugar, nos núcleos mortos da Tessier-Ashpool. Qualquer coisa humana, qualquer coisa viva, poderia ser vista como muito preciosa aqui... – Tem razão – ela disse. – Vá buscar ele.

O rapaz sorriu nervosamente e deu impulso com os pés, jogando-se na abertura onde o cabo estava ancorado.

– Eu volto pra te buscar – ele disse. – Não se esqueça de onde deixou o traje...

A torreta girava para a frente e para trás, zunindo, os manipuladores voando, terminando o novo poema.

Depois de tudo, ela jamais teve certeza se as vozes eram reais, mas finalmente se convenceu de que tinham sido parte de uma daquelas situações em que o *real* é apenas um conceito a mais.

Ela havia removido a jaqueta, porque o ar na cúpula parecia ter ficado mais quente, como se o movimento incessante dos braços gerasse calor. Prendera a jaqueta e a bolsa em uma longarina, ao lado da tela de sermão. A caixa estava quase terminada, pensou, embora se movesse tão rapidamente nas garras almofadadas que era difícil de ver... De repente, flutuou livre, girando no ar. Marly saltou instintivamente para pegá-la. Apanhou-a e prosseguiu rodopiando além dos braços lampejantes, com o tesouro em suas mãos. Incapaz de reduzir a velocidade, bateu no lado oposto da cúpula, machucando o ombro e rasgando a blusa. Flutuando à deriva, atordoada, abraçou a caixa, vendo através do retângulo de vidro uma configuração de velhos mapas marrons e espelhos sem brilho. Os mares dos cartógrafos haviam sido cortados fora, expondo os espelhos descascados, as massas terrestres à deriva sobre a prata turva... Olhou para cima a tempo de ver um braço cintilante agarrar a manga de sua jaqueta de Bruxelas que flutuava no ar. A bolsa, meio metro atrás e girando com elegância, foi a próxima, agarrada por um manipulador com um sensor óptico e uma garra simples na ponta.

Ela observou enquanto suas coisas eram arrastadas para a dança incessante dos braços. Minutos depois, a jaqueta voltou a sair rodopiando. Quadrados e retângulos pareciam ter sido cortados com precisão, e ela se apanhou rindo. Soltou a caixa que segurava.

– Vá em frente – ela disse. – É uma honra. – Os braços giraram e lampejaram, e ouviu o gemido de uma diminuta serra.

É uma honra é uma honra é uma honra... O eco de sua voz na cúpula criando uma floresta móvel de sons menores e parciais. E, por trás deles, muito fracas... as Vozes...

– Você está aqui, não está? – ela falou alto, acrescentando à ressonância do som as ondulações e reflexos de sua voz fragmentada.

Sim, estou.

– Wigan acha que você sempre esteve aqui, não é?

Sim, mas não é verdade. Eu vim a existir, aqui. Antes eu não existia. Houve um tempo, um tempo brilhante, um tempo sem duração, em que também estava em todo lugar... Mas o tempo brilhante se partiu. O espelho era imperfeito. Agora eu sou apenas um... Mas tenho minha canção, e você a ouviu. Canto com essas coisas que flutuam em volta de mim, fragmentos da família que fomentou o meu nascimento. Há outros, mas eles não querem falar comigo. Vaidosos, os fragmentos espalhados de mim mesmo, como crianças. Como homens. Eles me mandam coisas novas, mas prefiro as coisas velhas. Talvez eu faça a vontade deles. Eles conspiram com homens, os meus outros eus, e os homens imaginam que eles sejam deuses...

– É você o que Virek procura, não é?

Não. Ele imagina que pode se traduzir, que pode codificar sua personalidade na minha estrutura. Ele almeja ser o que fui um dia. Mas o que ele poderia se tornar lembra mais o mais fraco dos meus eus partidos...

– Você está... você está triste?

Não.

– Mas as suas... as suas canções são tristes.

Minhas canções falam de tempo e distância. A tristeza está em você. Veja os meus braços. Existe apenas a dança. Essas coisas que você estima são apenas cascas.

– Eu... eu sabia disso. Antes.

Mas agora os sons eram apenas sons, não havia uma floresta de vozes por trás para falar como uma única voz. Ela observou as esferas perfeitas de suas lágrimas saírem girando para se unir às memórias humanas esquecidas na cúpula do fazedor de caixas.

– Eu entendo – ela disse, algum tempo depois, sabendo que agora falava apenas pelo conforto de ouvir a própria voz. Falou em voz baixa, não querendo despertar o ribombar e a ondulação dos sons. – Você é uma colagem de alguma outra pessoa. O seu criador é o verdadeiro artista. Foi a filha louca? Não importa. Alguém trouxe a máquina para cá, soldou-a à cúpula, ligou os fios aos vestígios de memória. E, de alguma forma, derramou todos os indícios tristes e gastos da humanidade de uma família, deixando-os para serem

remexidos, para serem arranjados por um poeta. Para serem lacrados em caixas. Não conheço uma obra mais extraordinária do que esta. Nenhum gesto mais complexo... – Um pente de tartaruga com detalhes em prata e dentes quebrados passou flutuando por ela. Ela o apanhou como um peixe e passou os dentes pelo cabelo.

Do outro lado da cúpula, a tela se iluminou, pulsou e se preencheu com o rosto de Paco.

– O velho não quer deixar que a gente entre, Marly – o espanhol disse. – O outro, o vadio, o escondeu. O Señor está muito ansioso para que entremos nos núcleos e tomemos posse da propriedade. Caso não possa convencer Ludgate e o outro a abrir a escotilha, seremos forçados a abri-la nós mesmos, despressurizando toda a estrutura. – Ele olhou para longe da câmera por um momento, como se consultasse um instrumento ou um membro da tripulação. – Você tem uma hora.

32

COUNT ZERO

Bobby seguiu Jackie e a garota de cabelos castanhos para fora do escritório. Parecia que já estava há um mês no Jammer's e que nunca conseguiria tirar o gosto do lugar da boca. As estúpidas luzinhas embutidas no teto negro, contemplando as mesas pretas e redondas, os bancos gordos de ultracamurça, os biombos de madeira entalhada... Beauvoir estava sentado no bar com o detonador ao lado e a arma sul-africana sobre o colo de pele de tubarão cinza.

– Como é que deixou eles entrarem? – Bobby perguntou, depois de Jackie levar a garota para uma mesa.

– Jackie – Beauvoir disse. – Ela entrou em transe enquanto você estava congelado. Legba. Disse que a Virgem estava a caminho, com esse cara.

– Quem é ele?

Beauvoir encolheu os ombros.

– Um mercenário, parece. Um soldado das zaibatsus. Um samurai de elite das ruas. O que houve quando você ficou congelado?

Bobby contou sobre Jaylene Slide.

– Los Angeles – Beauvoir disse. – Ela fura até diamante pra pegar quem fritou o homem dela, mas se um irmão precisa de ajuda, esquece.

– Não sou um irmão.

– É, acho que você tem um bom ponto aí.

– Então, não tenho que tentar chegar na Yakuza?

– O que o Jammer acha?

– O escroto. Está lá dentro agora, assistindo enquanto o mercenário atende uma chamada.

– Chamada? De quem?

– Um branquelo com o cabelo descolorido. Cara de mau.

Beauvoir olhou para Bobby, olhou para a porta, olhou de volta.

– Legba disse pra ficarmos quietos e olharmos. Isso já está ficando bagunçado o bastante, sem contar os Filhos do Crisântemo de Neon.

– Beauvoir – Bobby disse, mantendo a voz baixa –, a garota, foi ela, a da matrix, quando tentei invadir o...

Beauvoir fez que sim, suas molduras plásticas descendo pelo nariz.

– A Virgem.

– Mas o que é isso tudo? Quero dizer...

– Bobby, meu conselho é aceitar as coisas como elas surgem. Ela é uma coisa pra mim, talvez outra pra Jackie. Pra você, ela é só uma garota assustada. Vá com calma. Não chateie a menina. Ela está bem longe de casa, e nós ainda estamos bem longe de conseguir sair daqui.

– Certo...

Bobby olhou para o chão e disse:

– Sinto muito sobre Lucas. Ele era... um cara e tanto.

– Vá falar com Jackie e a garota. – Beauvoir disse. – Vou ficar de guarda na porta.

– Certo.

Bobby cruzou o carpete da casa noturna até onde Jackie estava sentada com a garota. A menina não parecia grande coisa, e havia apenas uma pequena parte dele que dizia que ela era a mesma. Angela não levantou o olhar, e ele pôde reparar que a garota havia chorado.

– Me agarraram – ele disse a Jackie. – Você tinha sumido.

– Você também – a dançarina respondeu. – Então Legba veio até mim...

– Newmark – o homem chamado Turner disse, da porta do escritório de Jammer –, queremos falar com você.

– Preciso ir – ele disse, querendo que a garota olhasse para cima, que visse o grandalhão chamando por ele. – Precisam de mim.

Jackie apertou-lhe o pulso.

– Deixa a Yakuza pra lá – Jammer disse. – Isto é mais complicado. Você vai entrar na grade de Los Angeles e travar no console de uma jóquei de primeira. Quando Slide pegou você, ela não sabia que o meu console ia descobrir o número dela.

– Ela falou que o seu console devia estar no museu.

– Que merda ela sabe? – Jammer disse. – Eu sei onde ela mora, não sei? – Aspirou uma dose do inalador e o colocou de volta sobre o console. – O problema é que ela te descartou. Não quer saber de você. Tem que chegar nela e dizer o que ela quer saber.

– E o que é?

– Que foi um homem chamado Conroy que liquidou o namorado dela – o homem alto disse, estirado em uma das cadeiras de escritório de Jammer, com a enorme pistola no colo. – Conroy. Diga a ela que foi Conroy. Conroy está pagando os cabeludos lá fora.

– Eu preferia tentar a Yak – Bobby disse.

– Não – Jammer respondeu. – Essa Slide, ela vai chegar nele antes. A Yak ia pesar o meu favor, confirmar tudo primeiro. Além disso, achei que você estava fissurado pra aprender a usar um console.

– Eu vou com ele – Jackie disse, da porta.

Eles se conectaram.

Ela morreu quase imediatamente, nos primeiros oito segundos.

Ele sentiu, foi até o limite e quase o reconheceu pelo que era. Bobby estava gritando, rodopiando, sugado pelo funil branco glacial que estivera esperando por eles...

A escala da coisa era inconcebível, vasta demais, como se o tipo de megaestrutura cibernética que representava o todo de uma multinacional tivesse colocado seu peso total sobre Bobby Newmark e uma dançarina chamada Jackie. Impossível...

Mas, em algum lugar, no limite da consciência, bem quando ele a perdia, havia algo... Algo puxando sua manga...

Estava deitado com o rosto sobre alguma coisa áspera. Abriu os olhos. Um passeio feito de pedras redondas, molhadas de chuva. Levantou-se com dificuldade, cambaleante, e viu a paisagem

enevoada de uma cidade estranha, com o mar logo além. Havia torres, um tipo de igreja, nervuras malucas e espirais de pedra talhada... Virou-se e deu de cara com um enorme lagarto serpenteando por um declive, na sua direção, a boca aberta. Pestanejou. Os dentes do lagarto eram de cerâmica manchada de verde, uma lenta baba de água ondeava por sobre o lábio de mosaico de porcelana azul. Aquilo era uma fonte, flancos recobertos por milhares de fragmentos de porcelana quebrada. Bobby deu meia-volta, enlouquecido com a proximidade da morte dela. ICE, gelo, e uma parte dele soube então, exatamente, como tinha chegado perto demais, na sala de estar de sua mãe.

Havia estranhos bancos curvos, revestidos pelo mesmo mosaico aleatório de porcelana quebrada. E árvores, grama... Um parque.

– Extraordinário – alguém disse. Um homem, erguendo-se de um dos bancos sinuosos. Tinha bastos cabelos grisalhos bem penteados, rosto bronzeado e óculos redondos, sem aro, que ampliavam os olhos azuis. – Você entrou direto, não foi?

– O que é isto? Onde estou?

– No Parque Guell. De certo modo. Barcelona, se preferir.

– Você matou a Jackie.

O homem franziu o rosto.

– Entendo. Acho que entendo. Mesmo assim, você não devia estar aqui. Um acidente.

– Acidente? *Você matou a Jackie!*

– Meus sistemas estão sobrecarregados hoje – o homem disse, as mãos nos bolsos de um sobretudo marrom-claro, folgado. – Isso é mesmo bastante extraordinário...

– Não pode fazer uma merda dessas – Bobby disse, seus olhos nadando em lágrimas. – Não pode. Não pode matar alguém que só estava lá...

– Lá, onde? – O homem tirou os óculos e começou a limpá-los com um lenço imaculadamente branco, saído do bolso do casaco.

– Só lá, vivendo – Bobby disse, dando um passo para a frente. O homem colocou os óculos de volta.

– Isso nunca aconteceu antes.

– Não pode. – Mais perto agora.

– Isto está ficando cansativo. Paco!

– Señor.

Bobby se virou ao ouvir o som da voz da criança, e viu um menininho com uma estranha roupa engomada, botas de couro preto que se fechavam com botões.

– Livre-se dele.

– Señor – o menino disse, e fez uma reverência formal, tirando uma minúscula automática Browning azul do casaco escuro que usava. Bobby olhou nos olhos escuros, por baixo das mechas lustrosas, e viu um olhar que nenhuma criança jamais tivera. O menino esticou a arma, mirando em Bobby.

– Quem é você? – Bobby ignorou a arma, mas não tentou chegar mais perto do homem de sobretudo.

O homem o observava atentamente.

– Virek. Josef Virek. A maior parte das pessoas, eu entendo, reconhece o meu rosto.

– Você está em *People of Importance* ou algo assim?

O homem piscou, franzindo a testa.

– Não sei do que está falando. Paco, o que esta pessoa está fazendo aqui?

– Uma infiltração acidental – a criança disse, sua voz suave e harmoniosa. – Colocamos o grosso do nosso sistema em Nova York, tentando impedir a fuga de Angela Mitchell. Este aqui tentou entrar na matrix, junto com outro operador, e encontrou nosso sistema. Ainda estamos tentando descobrir como ele atravessou nossas defesas. O senhor não está em perigo. – O cano da pequena Browning estava absolutamente firme.

E, de novo, a sensação de algo puxando sua manga. Não exatamente a manga, mas parte de sua mente, alguma coisa...

– Señor – a criança disse –, estamos passando por fenômenos anômalos na matrix, talvez como resultado de nossa própria sobrecarga atual. Recomendamos enfaticamente que nos deixe cortar os seus links com o constructo até que sejamos capazes de determinar a natureza da anomalia.

A sensação estava mais forte agora. Algo que arranhava, no fundo da sua mente...

– O quê? – Virek disse. – E voltar aos tanques? Não creio que se justifique uma coisa dessas...

– Há possibilidade de perigo real – o menino disse, e agora havia certa aspereza em sua voz. Moveu ligeiramente o cano da Browning. – Você – disse a Bobby. – Deite-se no chão de braços e pernas abertos...

Mas Bobby estava olhando para além dele, para um canteiro de flores, assistindo enquanto elas murchavam e morriam, a grama ficando sem cor e esfarelada enquanto ele assistia, o ar sobre o canteiro distorcendo-se e girando. A sensação de algo arranhando dentro da cabeça estava ainda mais forte, mais urgente.

Virek havia se voltado para fitar as flores moribundas.

– O que está...

Bobby fechou os olhos e pensou em Jackie. Ouviu-se um som, e ele sabia que o som vinha de si mesmo. Estendeu-se para dentro de si, o som ainda vindo, e tocou o console de Jammer.

“Vem!”, ele gritou, dentro de si mesmo, sem saber nem se importar com a quem se dirigia. “Vem agora!” Sentiu algo ceder, uma barreira de alguma espécie, e a sensação dos arranhões se foi.

Quando abriu os olhos, havia algo no canteiro de flores mortas. Bobby piscou de surpresa. Parecia ser uma cruz de madeira comum, pintada de branco. Alguém havia colocado as mangas de uma antiga túnica naval sobre os braços horizontais, um tipo de fraque manchado de mofo com pesadas dragonas franjadas feitas de galões de ouro desbotado, botões enferrujados, e mais galões nos punhos... Um alfanje enferrujado estava apoiado, com o punho para cima, na coluna branca, e ao lado havia uma garrafa pela metade de um líquido transparente.

A criança girou, a pequena pistola se tornando um borrão... E começou a se enrugar, dobrando-se para dentro como um balão murchando, um balão sugado na direção do nada absoluto, a Browning caindo com estrépito no passeio de pedra, como se fosse um brinquedo esquecido.

– Meu nome – uma voz disse, e Bobby queria gritar quando percebeu que ela vinha da sua própria boca –, é Samedi, e você matou o cavalo de meu primo...

E Virek começou a correr, o grande casaco tremulando em seu rastro, correndo pelo caminho curvo com seus bancos sinuosos, e Bobby viu que outra das cruzes brancas o esperava ali, bem onde o

caminho desaparecia em uma curva. Nesse momento, Virek deve tê-la visto também. Gritou, e o Barão Samedi, o Senhor dos Cemitérios, o loa cujo reino era a morte, inclinou-se sobre Barcelona como se fosse uma chuva fria e escura.

– Que diabos você quer? Quem é você? – A voz era conhecida, uma voz de mulher. Não a de Jackie.

– Bobby – disse ele, ondas de escuridão pulsando por seu corpo. – Bobby...

– Como chegou aqui?

– Jammer. Ele sabia. O console dele te marcou na hora que você me congelou. – Tinha acabado de ver uma coisa, algo enorme... Mas não conseguia se lembrar... – Turner me mandou. Conroy. Ele disse pra te dizer que foi o Conroy. Você quer o Conroy... – Ouvia sua própria voz como se fosse a de outra pessoa. Estivera em outro lugar, e regressara, e agora estava aqui, no rascunho de neon esquemático de Jaylene Slide. No caminho de volta, vira a coisa grande, a coisa que os sugara, começar a se alterar e se mover, blocos gigantescos daquilo girando, fundindo-se, assumindo novos alinhamentos, todo o contorno mudando...

– Conroy – ela disse. O rabisco sexy inclinou-se ao lado da janela de vídeo, algo em suas linhas expressando um tipo de exaustão, até mesmo desinteresse. – Achava mesmo. – A imagem do vídeo ficou branca, e voltou a se formar como uma foto de um velho prédio de tijolos.

– Park Avenue. Está lá em cima com todos aqueles euros, maquinando algum novo golpe. – Ela suspirou. – Acha que está seguro, tá vendo? Esmagou Ramirez como uma mosca, mentiu na minha cara, foi pra Nova York pro novo emprego, e agora acha que está seguro...

A figura se moveu e a imagem mudou de novo. Agora, o rosto do homem de cabelos brancos, o homem que Bobby vira falando com o cara grandão, no telefone de Jammer, preenchia a tela.

“Ela entrou na linha dele”, Bobby pensou...

– Ou não – Conroy estava dizendo, quando o áudio conectou. – De qualquer forma, pegamos ela. Sem problemas. – O homem

parecia cansado, Bobby pensou, mas com controle absoluto. Durão. Como Turner.

– Tenho estado de olho em você, Conroy – Slide disse, calmamente. – Meu bom amigo Bunny tem ficado de olho em você pra mim. Você não é o único acordado na Park Avenue esta noite...

– Não – Conroy dizia. – Podemos entregar a garota amanhã em Estocolmo. Com certeza. – Sorriu para a câmera.

– Mata, Bunny – ela disse. – Mata todos eles. Detona todo o maldito andar e o de baixo também. Agora.

– Isso mesmo – Conroy disse, e então houve algo, uma coisa que fez a câmera tremer, deixando a imagem menos nítida. – Que foi isso? – ele perguntou, com uma voz muito diferente, e então a tela ficou em branco.

– Queima, filho da puta – ela disse.

E Bobby foi puxado de volta para a escuridão...

33

RUÍNAS E RODOPIOS

Marly passou aquela hora à deriva no lento furacão, atenta à dança do fazedor de caixas. A ameaça de Paco não a assustava, embora não tivesse dúvida de que ele estaria disposto a executá-la. E executaria, ela tinha certeza. Marly não fazia ideia do que aconteceria se a escotilha fosse rompida. Eles morreriam. Ela morreria, e Jones, e Wigan Ludgate. Talvez o conteúdo da cúpula se derramasse no espaço, uma nuvem florescente de rendas e prata manchada, bolas de gude e pedaços de barbante, folhas amarronzadas de livros velhos, orbitando para sempre os núcleos. De alguma forma, soava bem: o artista que pusera o fazedor de caixas em movimento ficaria satisfeito...

Uma série de garras com ponta almofadada fazia a nova caixa girar. Fragmentos retangulares descartados de madeira e vidro rodopiavam a partir do foco de criação, para se unir às mil coisas, e ela estava perdida no meio, embevecida, quando Jones, parecendo fora de si, o rosto coberto de suor e poeira, entrou ofegante na cúpula, arrastando o traje vermelho em um cabo.

– Não consigo enfiar o Wig em um lugar que dê pra lacrar – ele disse –, então isto é pra você... – O traje veio girando por baixo dele e ele o agarrou, desesperado.

– Não quero – ela disse, enquanto assistia à dança.

– Entra nele! Agora! Não dá tempo! – A boca dele se mexia, mas nenhum som saía. Tentou pegá-la pelo braço.

– Não – ela disse, esquivando-se da mão dele. – E você?

– Bota o maldito traje! – ele rugiu, despertando a faixa mais profunda do eco.

– Não.

Por trás da cabeça dele, Marly viu a tela se acender, piscando, e se preencher com as feições de Paco.

– O Señor está morto – Paco disse, seu rosto suave inexpressivo –, e seus vários interesses estão em processo de reorganização. Nesse meio-tempo, sou necessário em Estocolmo. Estou autorizado a informar Marly Krushkhova que ela não está mais a serviço do falecido Josef Virek, nem é funcionária de seu espólio. O salário integral está disponível em qualquer agência do Banco da França, mediante apresentação de uma identificação válida. As devidas declarações de impostos foram protocoladas com as autoridades tributárias da França e da Bélgica. As linhas de crédito funcionais foram canceladas. Os antigos núcleos corporativos da Tessier-Ashpool SA são de propriedade de uma das empresas subsidiárias do falecido Herr Virek, e pessoas que eventualmente estiverem nas dependências serão acusadas de invasão de propriedade.

Jones ficou ali paralisado, o braço levantado, a mão aberta enrijecida para reforçar a borda de ataque da palma.

Paco desapareceu.

– Vai me bater? – ela perguntou.

Ele baixou o braço.

– Ia fazer isso mesmo. Apagar você e te enfiar no maldito traje... – ele começou a rir. – Mas ainda bem que não preciso mais. Olha, ele terminou uma nova.

A nova caixa saiu rodopiando do alvoroço inconstante dos braços. Ela a apanhou facilmente.

O interior, por trás do retângulo de vidro, estava uniformemente revestido de pedaços de couro cortados da jaqueta. Sete etiquetas numeradas de holoficha saíam em pé do chão de couro preto da caixa, como se fossem lápides em miniatura. O papel amassado de um maço de Gauloise estava fixado ao couro negro no fundo. Ao lado dele, uma caixa de fósforos cinza, com listras negras, de um restaurante na Napoleon Court.

E isso era tudo.

Mais tarde, enquanto ela o ajudava a procurar Wigan Ludgate no labirinto de corredores na outra extremidade dos núcleos, ele se

deteve, agarrando um corrimão soldado, e disse:

– Sabe o que é estranho nessas caixas?

– O quê?

– É que o Wig conseguiu um preço bom pra caramba por elas, em algum lugar em Nova York. Dinheiro, quero dizer. Mas, às vezes, outras coisas também, coisas que subiam de volta pra cá...

– Que tipo de coisa?

– Software, acho. O desgraçado é muito fechado quando é algo que acha que as vozes tão mandando fazer... Uma vez, era uma coisa que ele jurava que era biosoft, aquela coisa nova...

– E o que ele fez com ela?

– Fez download de tudo nos núcleos. – Jones encolheu os ombros.

– Então ficou com ela?

– Não – Jones disse. – Apenas botou junto na pilha de coisas que tinha conseguido arrancar pra próxima remessa da gente. Só plugou nos núcleos e depois revendeu por um preço qualquer.

– Sabe por quê? Do que se tratava?

– Não – Jones disse, perdendo o interesse na história. – Ele apenas disse que o Senhor escrevia por linhas tortas... – deu de ombros. – Disse que Deus gosta de falar Consigo mesmo...

34

UMA CORRENTE DE UMAS NOVE MILHAS

Ajudou Beauvoir a carregar Jackie até o palco, onde a deitaram em frente a um conjunto de bateria acústica vermelho-cereja e a cobriram com um velho sobretudo preto encontrado na chapelaria, com um colarinho de veludo e anos de pó sobre os ombros, de tanto tempo que ficara lá pendurado.

– *Map fè jubile mnan* – Beauvoir disse, tocando com o polegar a testa da garota morta. Levantou os olhos para Turner. – É uma auto-imolação – traduziu, e então puxou suavemente o casaco preto por sobre o rosto da jovem.

– Foi rápido – Turner disse. Foi tudo que conseguiu pensar para dizer.

Beauvoir pegou um maço de cigarros mentolados de um bolso da túnica cinza e acendeu um deles com um Dunhill de ouro. Ofereceu a Turner o maço, mas Turner não aceitou.

– Há um ditado em crioulo – Beauvoir disse.

– Qual é?

– “O mal existe.”

– Ei – disse Bobby Newmark, desanimado, de onde estava agachado ao lado das portas de vidro, de olho grudado na borda da cortina. – Deve ter funcionado, de um jeito ou de outro... Os gothicks tão começando a se mandar, e parece que quase todos os kasuals já foram...

– Isso é bom – Beauvoir disse, com voz tranquila. – Graças a você, Count. Você se saiu bem. Mereceu o nick.

Turner olhou para o rapaz. Ainda navegava pela neblina da morte de Jackie, concluiu. Havia saído dos trodos gritando, e Beauvoir

precisou dar-lhe três bofetadas fortes no rosto para que parasse. Mas tudo que lhes dissera sobre a incursão, aquela incursão que havia custado a vida de Jackie, era que tinha dado a mensagem de Turner a Jaylene Slide. Turner observava enquanto Bobby se levantou, rígido, e caminhou até o bar; viu o cuidado com que o rapaz evitava olhar para o palco. Será que os dois eram amantes? Parceiros? Nada disso parecia provável.

Levantou-se de onde estava sentado, na borda do palco, e voltou para o escritório de Jammer, parando para dar uma olhada em Angie, que dormia aninhada no casaco estripado, estendido no carpete, debaixo de uma mesa. Jammer também dormia, em sua cadeira, a mão queimada ainda no colo, frouxamente embrulhada na toalha listrada. Velhote durão, Turner pensou, um jóquei dos antigos. O homem havia conectado o telefone de volta na tomada logo que Bobby voltara da incursão, mas Conroy não tinha ligado. Não ligaria mais, e Turner sabia que isso queria dizer que Jammer estivera certo sobre a rapidez com que Jaylene atacaria para vingar Ramirez, e que Conroy estava, quase com certeza, morto. E agora o exército de aluguel dele, de cabeludos da periferia, estava se retirando, pelo que Bobby dizia.

Turner foi até o telefone e pediu a recapitulação do noticiário, acomodando-se em uma cadeira para assistir. Uma balsa de hidrofólio havia colidido com um submarino miniatura em Macau; os coletes salva-vidas do hidrofólio tinham se mostrado fora dos padrões, e acreditava-se que pelo menos quinze pessoas haviam se afogado, enquanto o submarino, uma embarcação de lazer registrada em Dublin, ainda não fora localizado... Alguém aparentemente havia usado um fuzil sem recuo para disparar uma barragem de bombas incendiárias em dois andares de um edifício da Park Avenue, e as equipes dos Bombeiros e Tática ainda estavam no local; os nomes dos ocupantes ainda não tinham sido liberados, e até o momento ninguém havia assumido a autoria do ataque... (Turner pediu para ver esse item uma segunda vez...) As equipes de investigação do Departamento de Fissão, no local da alegada explosão nuclear no Arizona, voltaram a afirmar que os pequenos níveis de radioatividade detectados eram baixos demais para ser resultado de qualquer forma conhecida de ogiva tática...

Em Estocolmo, fora anunciada a morte de Josef Virek, o incrivelmente rico patrono das artes, o anúncio surgindo em meio a uma confusão de rumores estapafúrdios de que Virek estivera enfermo por décadas e que sua morte fora resultado de uma falha cataclísmica nos sistemas de suporte de vida em uma clínica privada, fortemente guardada, em um subúrbio de Estocolmo... (Turner pediu para ver de novo esse item, e depois uma terceira vez, franziu o rosto e então encolheu os ombros.) Como nota de interesse humano da manhã, a polícia de um bairro de Nova Jersey afirmou que...

– Turner...

Ele desligou a recapitulação e se voltou para encarar Angie no vão da porta.

– Como está, Angie?

– Tudo bem. Não sonhei. – Ela abraçou o blusão preto em torno do corpo, olhando-o por debaixo da franja castanha caída. – Bobby me mostrou onde tem um chuveiro. É um tipo de vestiário. Vou pra lá daqui a pouco. Meu cabelo tá uma zona.

Ele foi até ela e pôs as mãos em seus ombros.

– Você aguentou tudo isso muito bem. Logo vai cair fora daqui.

Ela encolheu os ombros, afastando-se do toque dele.

– Fora daqui? Pra onde? Japão?

– Bem, talvez não pro Japão. Talvez não pra Hosaka...

– Ela vai com a gente – Beauvoir disse, por trás dela.

– Por que eu faria isso?

– Porque – Beauvoir disse – nós sabemos quem você é. Esses seus sonhos são reais. Conheceu Bobby em um, e salvou a vida dele, livrou o cara do Black ICE. Você disse: “Por que estão fazendo isso com você?”

Os olhos de Angie ficaram arregalados, o olhar saltando para Turner e de volta para Beauvoir.

– É uma longa história – Beauvoir disse –, e está aberta a interpretação. Mas, se vier com a gente, se vier para os Projetos, nosso povo pode te ensinar coisas. Podemos te ensinar coisas que não entendemos, mas talvez você entenda...

– Por quê?

– Por causa do que tem na sua cabeça – Beauvoir inclinou-se solenemente, e então empurrou as molduras plásticas de volta para cima no nariz. – Não precisa ficar conosco, se não quiser. Na verdade, estamos aqui apenas para servi-la...

– Me servir?

– Como eu disse, é uma longa história... O que acha, sr. Turner?

Turner deu de ombros. Não conseguia pensar em outro lugar para ela ir, e a Maas certamente pagaria para tê-la de volta viva ou morta, e a Hosaka também.

– Talvez seja a melhor saída – ele disse.

– Quero ficar com você – ela disse a Turner. – Gostei da Jackie, mas aí ela...

– Deixa pra lá – Turner disse. – Eu sei. – “Não sei de nada”, ele gritou em silêncio. – Vou ficar em contato. – “Nunca mais vou te ver.” – Mas tem uma coisa que é melhor te contar agora. O seu pai está morto. – “Ele se matou.” – A segurança da Maas o matou. Ele ficou atrasando eles enquanto você saía com o ultraleve da chapada.

– Verdade? Que ele ficou atrasando eles? Quero dizer, eu pude sentir, que estava morto, mas...

– É – Turner disse. Pegou a carteira preta de Conroy do bolso e colocou o cordão em torno do pescoço dela. – Tem um dossiê de biosoft aí. Pra quando você for mais velha. Ele não conta toda a história. Lembre-se disso. Nada, nunca, conta toda a história...

Bobby estava parado ao lado do bar quando o grandalhão saiu do escritório de Jammer. O grandalhão foi até onde a garota estivera dormindo, apanhou o casaco militar em farrapos e o vestiu. Em seguida, andou até a borda do palco, onde Jackie repousava, parecendo tão pequena, debaixo do casaco preto. O homem enfiou a mão dentro do seu próprio casaco e tirou a arma, o enorme Smith & Wesson Tático. Abriu o tambor e extraiu os cartuchos, colocando-os no bolso. Em seguida, deixou a arma ao lado do corpo de Jackie, com cuidado para não fazer absolutamente nenhum ruído.

– Você se saiu bem, Count – disse, virando-se para encarar Bobby, as mãos afundadas nos bolsos do casaco.

– Valeu, cara. – Bobby sentiu uma onda de orgulho atravessando o seu torpor.

– Até mais, Bobby. – O homem foi até a porta e começou a experimentar as várias trancas.

– Quer sair? – Bobby correu para a porta. – Aqui. Jammer me mostrou. Já vai, cara? Pra onde? – E então a porta se abriu e Turner estava se afastando pelas cabines desertas.

– Não sei – gritou de volta para Bobby. – Primeiro tenho que comprar oitenta litros de querosene, depois vou pensar nisso...

Bobby ficou olhando até ele sumir, descendo pela escada rolante desativada, ao que parecia. Depois, fechou a porta e a trancou de volta. Afastando o olhar do palco, foi até a porta do escritório de Jammer e olhou para dentro. Angie chorava, o rosto apoiado no ombro de Beauvoir, e Bobby sentiu uma ponta de ciúmes que o pegou de surpresa. O telefone funcionava, por trás de Beauvoir, e Bobby viu que era uma recapitulação do noticiário.

– Bobby – Beauvoir disse –, Angela vai morar com a gente por uns tempos, lá nos Projetos. Quer vir também?

Por trás de Beauvoir, na tela do telefone, surgiu o rosto de Marsha Newmark, mamãe Marsha, sua mãe... – ...mo nota de interesse humano da manhã, a polícia em um bairro de Nova Jersey afirmou que uma mulher da localidade cujo apartamento fora alvo de um recente ataque a bomba ficou chocada ao voltar na noite passada e desco...

– É – Bobby disse, rapidamente –, claro que quero, cara.

35

TALLY ISHAM

– Ela é boa – o diretor de unidade disse, dois anos depois, molhando a casca tostada de pão grego na lagoa de óleo no fundo de sua tigela de salada. – É muito boa mesmo. Pega rápido o papel. Isso você tem que admitir, não tem?

A estrela riu e apanhou seu copo de retsina gelado.

– Você odeia a garota, não é, Roberts? É sortuda demais pra você, não é? Ainda não deu um passo em falso... – Estavam inclinados sobre a sacada de pedra rústica, assistindo ao barco da noite partir para Atenas. Duas lajes abaixo, na direção do porto, a garota esparramava-se sobre um colchão de água aquecido pela luz solar, nua, os braços abertos, como se estivesse abraçando o que restava do sol.

Ele enfiou a casca embebida em óleo na boca e lambeu os lábios finos.

– De jeito nenhum – disse. – Não odeio. Isso nem me passou pela cabeça.

– O namorado – Tally disse, enquanto um segundo vulto, masculino, aparecia na laje abaixo. O rapaz tinha cabelos escuros e usava roupas esporte francesas, folgadas e displicentemente caras. Enquanto observavam, caminhou até o colchão de água e se agachou ao lado da garota, estendendo o braço para tocá-la.

– Ela é linda, Roberts, não acha?

– Bem – o diretor de unidade disse –, já vi os “antes” dela. É plástica. – Ele deu de ombros, mantendo os olhos no rapaz.

– Se você já viu os meus “antes” – ela disse –, a cabeça de alguém vai rolar. Mas ela tem algo, sim. Bons ossos... – Tomou um

gole do vinho. – Será que é ela? “A nova Tally Isham?”

Ele voltou a dar de ombros.

– Olha pro merdinha – ele disse. – Sabia que agora ele tá tirando um salário quase igual ao meu? E o que é que faz pra ganhar isso? Um guarda-costas. – Seus lábios estavam travados, estreitos e amargos.

– Ele a deixa feliz. – Tally sorriu. – Contratamos os dois como um pacote fechado. É uma cláusula no contrato dela. Você sabe.

– Detesto o desgraçado. É refugo das ruas, sabe disso e nem liga. É lixo. Sabe o que leva pra toda parte na bagagem? Um console de ciberespaço! Ficamos presos três horas ontem, na alfândega turca, quando descobriram aquela coisa maldita... – Balançou a cabeça.

O rapaz se levantou, virou-se e caminhou para a beira da laje. A garota sentou-se, observando-o, afastando os cabelos dos olhos. Ele ficou ali por um bom tempo, olhando fixamente as esteiras dos barcos de Atenas. Nem Tally Isham, nem o diretor de unidade, nem Angie sabiam que ele via uma amplidão cinza de apartamentos de Barrytown, encapelando-se rumo às torres escuras dos Projetos.

A garota se pôs de pé e caminhou pela laje para se unir a ele, tomando sua mão.

– O que temos para amanhã? – Tally perguntou, finalmente.

– Paris – ele respondeu, pegando sua prancheta Hermes da balaustrada de pedra e virando, com um gesto automático, as folhas amarelas de impresso de computador. – A mulher, a Krushkhova.

– Conheço?

– Não – ele disse. – É um destaque de arte. Ela dirige uma das duas galerias mais na moda por lá. Não tem um passado lá muito empolgante, ainda que haja uma sugestão interessante de escândalo no começo da carreira.

Tally Isham concordou, ignorando-o, e observou como sua aprendiz colocava o braço em volta do rapaz de cabelo escuro.

36

O BOSQUE DOS ESQUILOS

Quando o menino fez sete anos, Turner pegou a velha Winchester de coronha de nylon de Rudy e caminharam juntos ao longo da velha estrada, subindo na direção da clareira.

A clareira já era um lugar especial, pois sua mãe o levara lá no ano passado e lhe mostrara um avião, um avião de verdade, no meio das árvores. Estava afundando lentamente na argila, mas você podia sentar na cabine e fingir que pilotava. Era segredo, a mãe disse, ele podia contar só para o pai e pra mais ninguém. Se você pusesse a mão na pele de plástico do avião, depois de um tempo ela mudava de cor, deixando a marca da mão ali, exatamente da cor da palma. Mas aí sua mãe tinha ficado toda estranha, e chorado, e quis falar sobre o tio Rudy, que ele não lembrava. O tio Rudy era uma das coisas que ele não entendia, como algumas das piadas do pai. Uma vez perguntara por que tinha cabelo ruivo, onde tinha conseguido, e o pai só deu risada e disse que tinha conseguido com o Holandês. Aí a mãe jogou um travesseiro no pai, e ele acabou nunca descobrindo quem era o Holandês.

Na clareira, o pai o ensinou a atirar, colocando pedaços de pinho apoiados no tronco de uma árvore. Quando o menino se cansou daquilo, deitaram de costas no chão, observando os esquilos.

– Prometi pra Sally que não íamos matar nada – ele disse, e então explicou os princípios básicos da caça ao esquilo. O menino escutou, mas parte dele sonhava com o avião. Fazia calor, e você podia ouvir as abelhas zumbindo em algum lugar próximo, além de água caindo nas rochas. Enquanto chorava, a mãe havia dito que

Rudy tinha sido um bom homem, que ele a salvara, uma vez, de ser jovem e burra, e uma vez de um homem muito, muito mau...

– É verdade? – perguntou ao pai, que havia acabado de explicar sobre os esquilos. – Eles são tão burros que continuam voltando e levando tiro?

– É – Turner disse. – É assim mesmo. – E então sorriu. – Bem, quase sempre...

GLOSSÁRIO

Alfanje: sabre de lâmina curta e larga, com o fio no lado convexo da curva.

Arcologia: edifício que contém em seu interior um complexo equivalente a uma cidade.

Biochip: mecanismo composto de moléculas orgânicas que desempenham o mesmo papel de componentes eletrônicos.

Biosoft: microprograma biológico.

Black ICE: o "gelo negro" é uma defesa eletrônica que pode, ao contrário dos ICEs normais, matar aquele que tenta invadir o sistema que protege.

Bushido: código de honra dos samurais e da alta casta militar, maior que o valor da própria vida.

Casamata: abrigo subterrâneo blindado.

Cornell: referência a Joseph Cornell (1903–1972), mestre da manufatura da composição artística realizada com objetos descartados, especificamente dentro de caixas envidraçadas.

Cowboy: hacker.

Crioulo: cada uma das línguas mistas nascidas do contato de um idioma europeu com línguas nativas, ou importadas, e que se tornaram línguas maternas de certas comunidades socioculturais.

Cúpula geodésica: domo, usualmente em forma de semicircunferência, que tem a função de proteger o que está em seu interior do contato com o que está fora da cúpula.

Danbala: associada às cobras, é a mais importante dos loa.

Deck: aparelho para acessar a representação virtual da matrix.

Dermatrodo: condutor plugado ao cérebro, sobre a pele, para conexão com a matrix.

EEG: abreviação de eletroencefalograma.

Gaudí: referência a Antoni Gaudí (1852–1926), modernista que revolucionou a arquitetura na Espanha.

Gestalt: posicionamento que afirma serem a carga emocional e os conceitos estéticos atributos de uma obra de arte e não do seu espectador.

Holograma: representação tridimensional de imagens geralmente obtida por feixes de luz emitidos por lasers.

Hovercraft: veículo que desliza sobre um colchão de ar, que pode ser utilizado em terra ou no mar.

Hubbard: referência ao escritor de ficção científica Lafayette Ronald Hubbard (1911–1986), também criador da doutrina conhecida como Cientologia.

Hudu: forma de magia tradicional folclórica comum a povos afro-americanos.

ICE: no original, Intrusion Countermeasures Electronics (Contramedidas Eletrônicas de Intrusão) – são softwares corporativos contra invasões eletrônicas. Em inglês, a palavra também significa "gelo". Poderia ser comparado aos atuais *firewalls*.

ICE-Breaker: o "quebra-gelo" é um programa criado para invadir sistemas protegidos por ICEs ou Black ICEs.

***Katatonenkunst*:** arte catatônica.

Kino: equivalente aos programas de tevê atuais, porém transmitido via simstim.

Krill: crustáceos semelhantes a pequenos camarões e especialmente abundantes em águas frias.

Legba: no vodu, Papa Legba é o intermediário entre a humanidade e os loa.

Lexikon: microprograma que permite a apreensão imediata de uma linguagem.

Loa: os espíritos ou deuses da religião vodu.

Matrix: o ciberespaço.

Max Ernst (1891–1976): Pintor, escultor, designer e poeta alemão que foi um dos maiores representantes do Surrealismo e do Dadaísmo.

Microsoft: microprograma que, colocado num dispositivo ligado ao cérebro, permite que o usuário aprenda uma nova habilidade. Não há relação direta com a empresa Microsoft, de Bill Gates.

Mimético: capaz de se adaptar.

Monômero: composto constituído de moléculas capazes de se combinarem entre si ou com outras para formar polímeros.

Ougan: espécie de pai-de-santo do vodu.

Ougou Feray: senhor vodu do barro e da água.

Quanta: plural de quantum – num sistema físico quantizado, menor quantidade possível pela qual pode mudar de valor uma grandeza física observável na passagem de um valor discreto para outro.

ROM: no original, Read Only Memory – memória eletrônica que, após gravada, nunca mais pode ser adulterada.

Sense/Net: rede de informação capaz de transmitir estímulos que serão recebidos e sentidos por cada usuário de um deck simstim.

Sensorium: soma do conjunto de percepções de um organismo.

Simstim: no original, "simulated stimuli", ou seja, estímulos simulados. Pode ser abreviado simplesmente para stim.

Sprawl: nome dado à megacidade composta pela junção entre todo o terreno urbano existente entre Boston e Atlanta (incluindo Nova York e Washington), nos Estados Unidos. Por isso, também é conhecido pelo nome de BAMA (Boston-Atlanta Metropolitan Axis, ou seja, Eixo Metropolitano Boston-Atlanta).

Teatro de operações: área com unidade geográfica ou estratégica na qual se desenvolvem ou se podem desenvolver operações bélicas.

Toroide, **Fuso**, **Aglomerado**: no original, respectivamente, "torus, spindle, cluster"; denominações das estações componentes de Freeside, cujos nomes são baseados em seus formatos.

Turing: a organização criada por Gibson é inspirada no nome do matemático Alan Turing, criador do famoso teste que arbitra que, se uma máquina for capaz de dialogar com um homem sem que este perceba que conversa com um mecanismo, tal máquina pode ser considerada senciente – uma inteligência artificial.

Vodu: religião de origem africana, de raiz semelhante ao candomblé praticado no Brasil.

Yakuza: a máfia japonesa.

Zaibatsu: conglomerado multinacional japonês de base familiar.

Zion: referência ao Sião bíblico, hoje Etiópia, sempre apontado como a terra primordial para os rastafáris.

COUNT ZERO

TÍTULO ORIGINAL:
Count Zero

COPIDESQUE:
Carlos Orsil

REVISÃO:
Carlos Orsil
Angela Maisonnette

BRIEFING DE CAPA:
Simone Vollbrecht

CAPA:
Pedro Inoue

ILUSTRAÇÃO DE CAPA:
Josan Gonzalez

MONTAGEM DE CAPA:
Pedro Henrique Barradas

PROJETO GRÁFICO:
Desenho Editorial

DIAGRAMAÇÃO:
Join Bureau

DIREÇÃO EXECUTIVA:
Betty Fromer

DIREÇÃO EDITORIAL:
Adriano Fromer Piazzi

EDITORIAL:
Daniel Lameira
Bárbara Prince
Andréa Bergamaschi
Renato Ritto

FINANCEIRO:

Roberta Martins
Sandro Hannes

COMUNICAÇÃO:
Luciana Fracchetta
Pedro Henrique Barradas
Lucas Ferrer Alves
Stephanie Antunes

COMERCIAL:
Fernando Quinteiro
Lidiana Pessoa
Roberta Saraiva
Ligia Carla de Oliveira
André Castilho

COPYRIGHT © WILLIAM GIBSON, 1986
COPYRIGHT © EDITORA ALEPH, 2017
(EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA O BRASIL)

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.
PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU EM PARTE, ATRAVÉS DE QUAISQUER MEIOS.

EDITORA ALEPH
Rua Henrique Monteiro, 121
05423-020 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: [55 11] 3743-3202
www.editoraaleph.com.br

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gibson, William, 1948 –
Count Zero [livro eletrônico] / William Gibson ; tradução Carlos Angelo. -- São Paulo : Aleph, 2013.
593 Kb; e-PUB

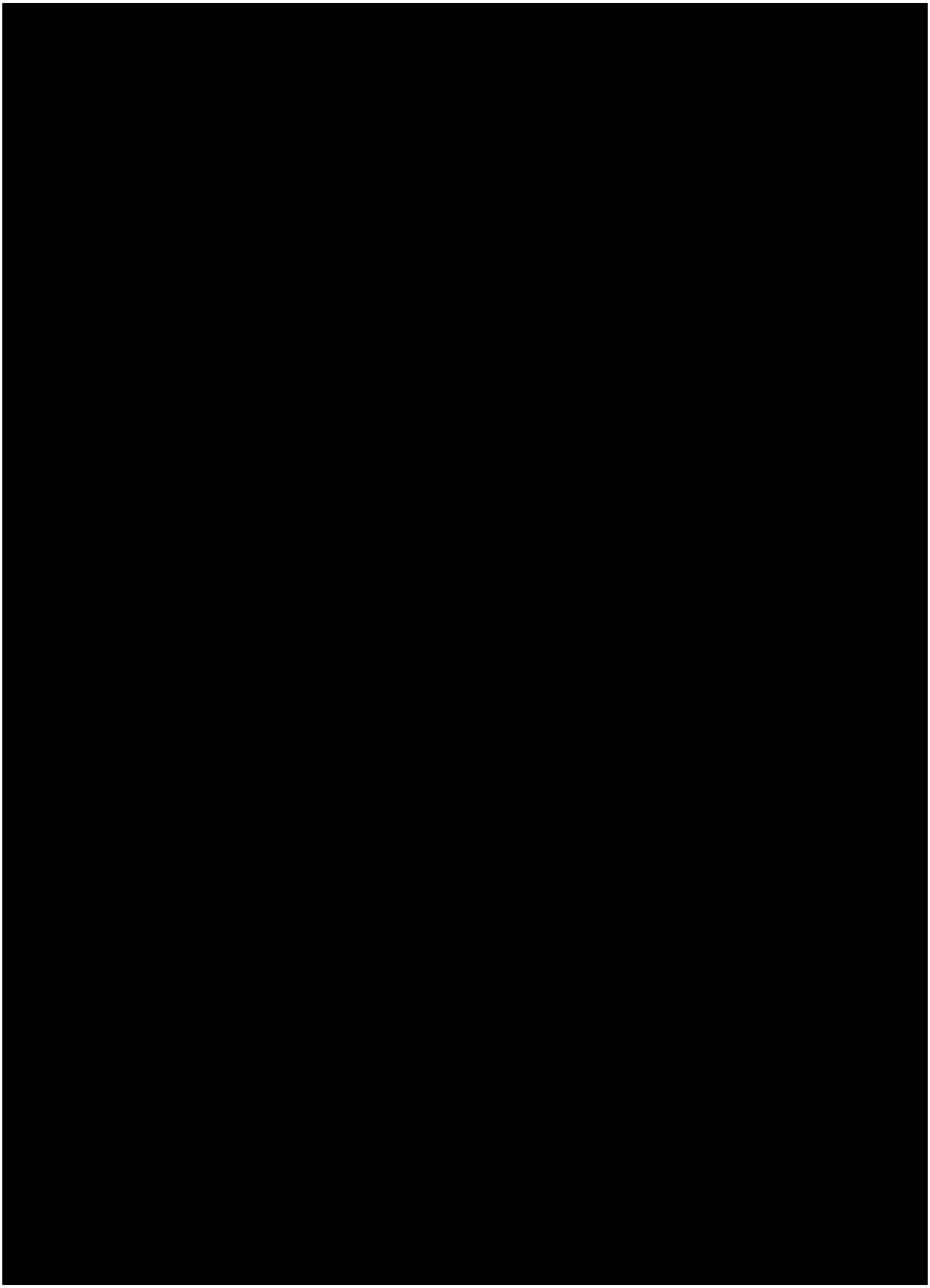
Título original: Count Zero
ISBN: 978-85-7657-144-5

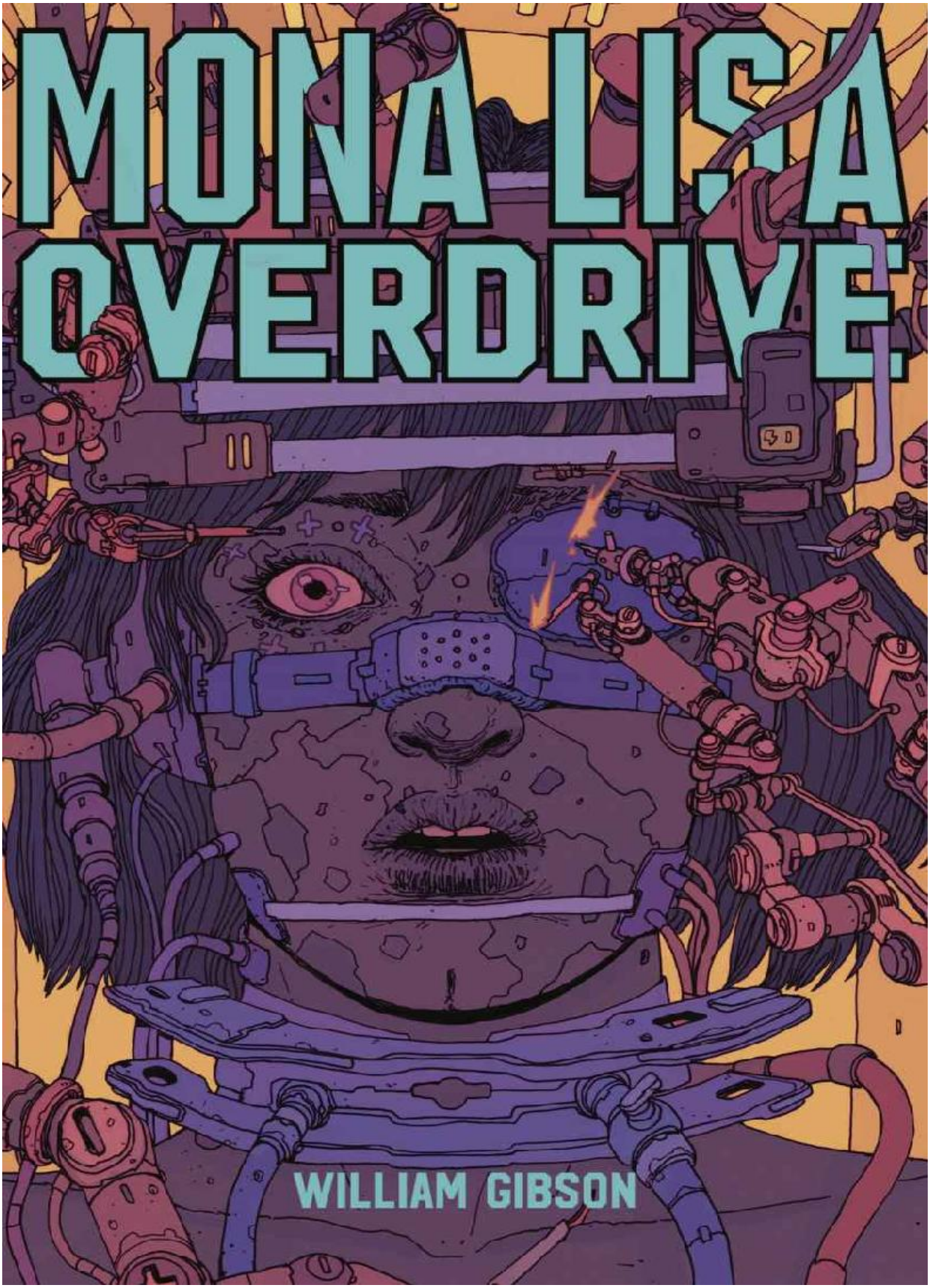
1. Ficção científica norte-americana 2. Ficção norte-americana I. Título.
13-04295 CDD: 813.0876

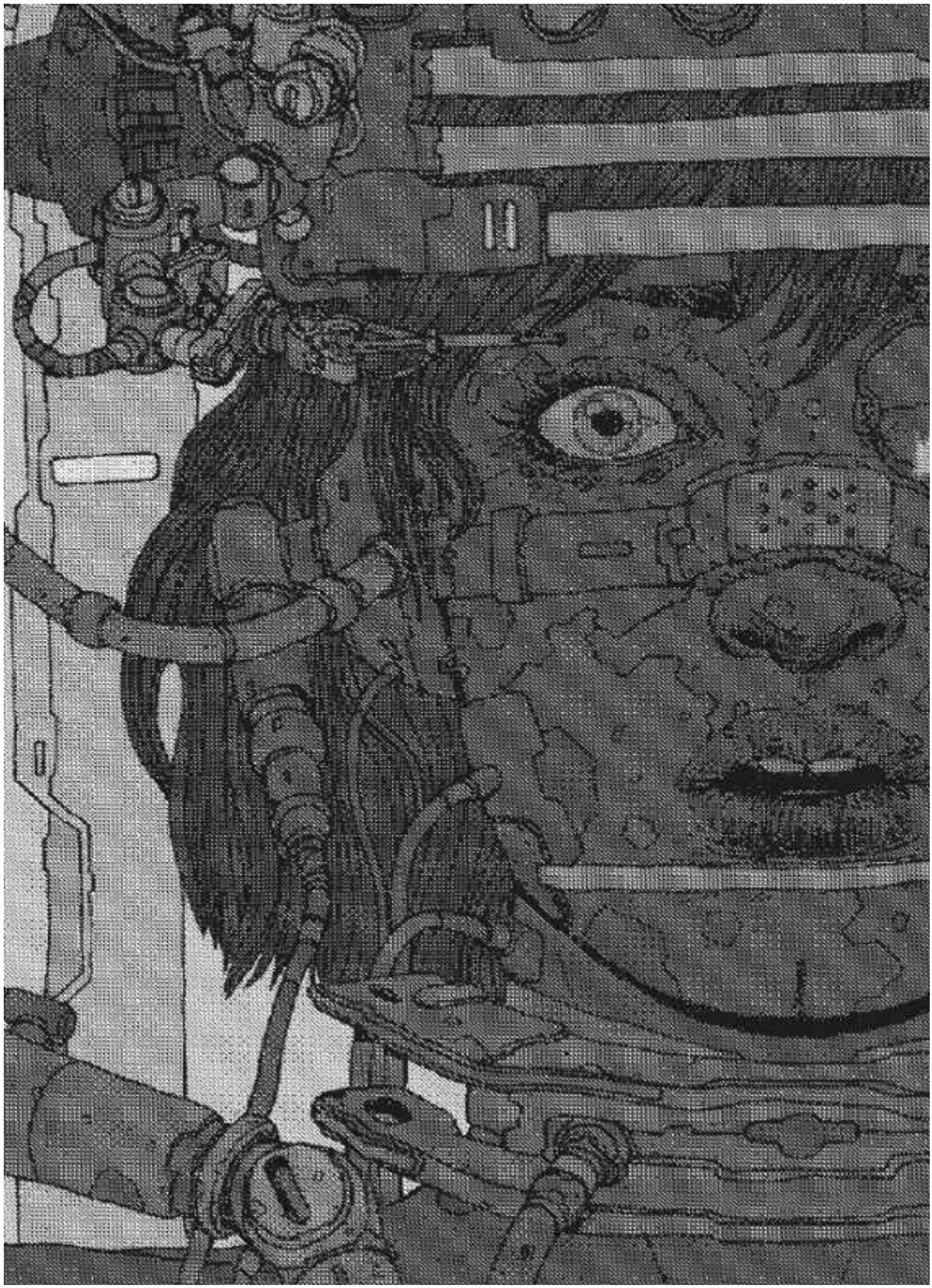
Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção científica : Literatura norte-americana 813.0876

Notas

* Ao longo do livro, o autor brinca com o duplo sentido de “count”, que significa tanto “conde” quanto “contagem”. Dessa forma, o nick “Count Zero” pode ser entendido como “Conde Zero”, e várias vezes o personagem é referido como “o Conde”. [N. do T.]




MONA LISA
OVERDRIVE
WILLIAM GIBSON



MONA LISA OVERDRIVE

2ª EDIÇÃO
TRADUÇÃO:
CARLOS IRINEU
CANDICE SOLDATELLI

WILLIAM GIBSON

ALEPH

Para minha irmã,
Fran Gibson,
com espanto e amor...

MONA LISA OVERDRIVE

1

A FUMAÇA

O fantasma foi o presente de despedida de seu pai, entregue por um secretário vestido de preto, no salão de embarque em Narita.

Nas primeiras duas horas do voo para Londres, ficou esquecido em sua bolsa um objeto alongado, liso e escuro, um lado impresso com o logo onipresente da Maas-Neotek, o outro ligeiramente curvo, para que se encaixasse na palma da mão do usuário.

Ela estava sentada bem ereta em seu assento de primeira classe, seus traços compondo uma pequena máscara fria, nos moldes da expressão mais característica de sua falecida mãe. Todos os assentos ao redor estavam vazios: seu pai os havia comprado. Ela recusou a refeição que um comissário de bordo lhe ofereceu nervosamente. Os assentos vazios assustavam o comissário, sendo evidência do poder e da riqueza do pai dela. O homem hesitou, depois fez uma mesura e se retirou. Por um breve instante, ela permitiu à máscara sorrir como sua mãe.

Fantasmas, pensou mais tarde, sobrevoando a Alemanha, olhando fixamente para o estofamento da poltrona ao lado. Como seu pai tratava bem seus fantasmas.

Havia fantasmas além da janela também, fantasmas na estratosfera do inverno europeu, imagens parciais que tomavam forma se ela deixasse seus olhos vagarem, sem foco. Sua mãe no parque Ueno, o rosto frágil ao sol de setembro. “Os grous, Kumi! Olhe os grous!” E Kumiko olhava sobre o lago Shinobazu e não via nada, nenhum grou, apenas alguns pontos pretos saltitantes que, certamente, eram corvos. A água era lisa como seda, cor de chumbo, e hologramas pálidos piscavam indistintamente sobre uma

linha distante de estandes para a prática de arco-e-flecha. Mais tarde, Kumiko veria os grous muitas vezes, em sonhos; eram origamis, objetos de ângulos retos dobrados em folhas de neon, pássaros rígidos e brilhantes velejando na paisagem lunar da loucura de sua mãe...

Lembrou-se de seu pai, o robe preto aberto revelando um ciclone de dragões tatuados, inclinado sobre a vasta superfície de ébano de sua escrivaninha, os olhos brilhantes mas sem profundidade, como os de uma boneca pintada. “Sua mãe está morta. Você entende?” E, ao redor dela, os planos de sombra do escritório, a escuridão cortada em ângulos retos. A mão se aproximando, dentro do círculo de luz do abajur, trêmula, apontando para ela, a manga do robe deslizando até revelar um Rolex dourado e mais dragões, suas crinas serpenteando em ondas, marcas nítidas e escuras em seu pulso, apontando. Apontando para ela. “Você entende?” Ela não havia respondido; em vez disso, correra para um lugar secreto que conhecia, o armário das menores máquinas de limpeza. Pulsaram ao redor dela por toda a noite, varrendo-a periodicamente com feixes de laser rosado, até que seu pai a encontrou e, cheirando a uísque e cigarros Dunhill, carregou-a para o quarto, no terceiro andar do apartamento.

Lembrou-se das semanas seguintes, dias entorpecidos, passados quase sempre na companhia de um ou outro secretário de terno preto, homens cautelosos com sorrisos automáticos e guarda-chuvas bem dobrados. Um deles, o mais jovem e menos cauteloso, tentou distraí-la numa movimentada calçada em Ginza, à sombra do relógio de Hattori, numa demonstração improvisada de kendô, movendo-se com maestria entre balconistas admiradas e turistas de olhos arregalados, seu guarda-chuva negro transformado em um borrão pelos movimentos antigos e formais da arte. E Kumiko sorriu, seu próprio sorriso, quebrando a máscara funerária, e por conta disso sua culpa foi empurrada, de forma ainda mais profunda e aguda, para aquele lugar em seu coração onde ela reconhecia sua vergonha e sua desonra. Contudo, na maioria das vezes, levavam-na para fazer compras, de uma imensa loja de departamentos de Ginza para outra, ou numa das dezenas de butiques no bairro de Shinjuku recomendadas por um guia Michelin de plástico azul que

falava em um japonês desajeitado de turista. Ela comprou apenas coisas muito feias, coisas feias e muito caras, e os secretários marchavam impassíveis ao seu lado, as sacolas brilhantes em suas mãos enrijecidas. A cada tarde, voltando ao apartamento de seu pai, as sacolas eram depositadas cuidadosamente no quarto dela, onde permaneciam fechadas e intocadas até que as empregadas as removessem.

E, na sétima semana, na véspera de seu décimo terceiro aniversário, ficou combinado que Kumiko iria para Londres.

– Você será hóspede na casa de meu *kobun* – disse seu pai.

– Mas não quero ir – respondeu, mostrando-lhe o sorriso de sua mãe.

– É necessário – declarou ele, virando-se. – Há complicações – disse para o escritório em sombras. – Você estará segura em Londres.

– E quando posso voltar?

Seu pai não respondeu. Ela se inclinou em uma reverência e deixou seu escritório, ainda usando o sorriso de sua mãe.

O fantasma acordou ao toque de Kumiko quando começaram a descida para Heathrow. A 51ª geração de biochips Maas-Neotek conjurou uma figura indistinta no assento ao seu lado, um rapaz saído de alguma cena de caça de uma pintura desbotada, pernas cruzadas informalmente, usando calças marrons e botas de equitação.

– Oi – disse o fantasma.

Kumiko piscou, abriu a mão. O rapaz cintilou e desapareceu. Olhou para baixo, para a unidade pequena e lisa em sua mão, e vagarosamente fechou os dedos.

– Oi de novo – disse ele. – Sou Colin. E você?

Olhou para ele fixamente. Os olhos eram feitos de fumaça verde-clara, a testa alta era pálida e lisa, sob uma franja escura e desalinhada. Ela podia ver, nitidamente, as poltronas ao longo do corredor entre o brilho de seus dentes.

– Se isto parece fantasmagórico demais para você – disse, com um sorriso irônico – podemos aumentar a resolução... – E lá estava

ele por um instante, desconfortavelmente nítido e real, o tecido das lapelas do casaco escuro vibrando com a clareza de uma alucinação. – O problema é que gasta muita bateria – falou, dissipando-se até o seu estado inicial. – Você não me disse o seu nome. – Aquele sorriso novamente.

– Você não é real – respondeu ela, severa.

Ele deu de ombros.

– Melhor não falar alto, moça. O pessoal em volta pode achar um pouco estranho – você entende, não é? Subvocal é melhor. Capto tudo através da pele... – Descruzou as pernas e se alongou, cruzando as mãos atrás da cabeça. – Cinto de segurança, moça. Não preciso dele, claro, já que sou, como você mesma observou, irreal.

Kumiko olhou-o com desdém e atirou a unidade no colo do fantasma. Ele desapareceu. Ela ajustou o cinto, deu uma olhada para o objeto, hesitou, depois pegou-o novamente.

– Primeira vez em Londres, então? – perguntou ele, surgindo na extremidade de seu campo visual. Ela assentiu com a cabeça, sem se dar conta.

– Você não se importa de voar? Não tem medo?

Ela assentiu de novo, sentindo-se ridícula.

– Não importa – disse o fantasma. – Eu cuido de você. Heathrow em três minutos. Alguém está esperando, no aeroporto?

– Um sócio do meu pai – respondeu ela, em japonês.

O fantasma sorriu. – Então você estará em boas mãos, com certeza. – Ele piscou. – Pelo meu jeitão você não diria que sou poliglota, não é?

Kumiko fechou os olhos e o fantasma começou a sussurrar para ela algo sobre a arqueologia de Heathrow, sobre o período Neolítico e a Idade do Ferro, cerâmica e ferramentas...

– Senhorita Yanaka? Kumiko Yanaka? – O inglês era bem mais alto que ela, seu corpo forte de gaijin envolto em dobras paquidérmicas de lã negra. Pequenos olhos negros a observavam gentilmente através dos óculos com armação de aço. Seu nariz parecia ter sido esmagado quase completamente, e nunca mais reconstituído. Seu cabelo, ou o que havia sobrado dele, era grisalho

e tinha sido cortado rente, e suas luvas pretas tricotadas estavam esfiapadas e deixavam a ponta dos dedos de fora. – Meu nome, sabe – ele disse, como se isso fosse tranquilizá-la instantaneamente –, é Petal.

Petal chamava a cidade de Fumaça.

Kumiko tremeu de frio sobre o estofamento de couro vermelho. Através da janela do antigo Jaguar, observava a neve caindo em redemoinhos até derreter na autoestrada que Petal chamou de M4. O céu do fim de tarde não tinha cor. Ele dirigia em silêncio, com eficiência, seus lábios contraídos, como se fosse assobiar. O trânsito, para olhos acostumados a Tóquio, era incrivelmente tranquilo. Aceleraram, ultrapassando um veículo de carga autônomo da Eurotrans, com sua frente rombuda cheia de sensores e faróis. Apesar da velocidade do Jaguar, Kumiko sentiu-se como se, de algum modo, estivesse parada; as partículas de Londres começaram a agregar-se ao seu redor. Paredes de tijolos úmidos, arcos de concreto, estruturas de ferro pintado de preto se erguendo em lanças.

Enquanto observava, a cidade começou a se definir. Fora da M4, enquanto o Jaguar aguardava nos cruzamentos, ela pôde ver, de relance, rostos através da neve, as faces coradas dos gaijin sobre roupas escuras, queixos enfiados em mantas, os saltos das botas femininas pisando em poças prateadas. A fila de lojas e casas fazia com que se lembrasse dos acessórios lindamente detalhados que havia visto uma vez em Osaka, expostos ao redor de uma locomotiva de brinquedo, na galeria de um comerciante de antiguidades europeias.

Nada parecido com Tóquio, onde o passado, tudo o que sobrara dele, era nutrido com um cuidado tenso. Lá, a história havia se tornado uma quantidade, uma coisa rara, loteada pelo governo e preservada por decretos e fundos corporativos. Aqui, a história parecia a própria tessitura dos elementos, como se a cidade fosse uma construção única de pedra e tijolo, camadas incontáveis de mensagem e significado, era após era, gerada ao longo dos séculos, seguindo os ditames de um DNA, agora quase indecifrável, de comércio e império.

– A lamentar que Swain não tenha vindo encontrá-la pessoalmente –, disse o homem chamado Petal. Kumiko tinha menos dificuldades com seu sotaque do que com sua maneira de estruturar as frases. Inicialmente, tomou suas desculpas como se fossem uma ordem... Pensou em acessar o fantasma, depois desistiu.

– Swain – arriscou. – O senhor Swain é meu anfitrião?

Petal olhou para ela pelo espelho. – Roger Swain. Seu pai não lhe disse?

– Não.

– Ah. – Sacudiu a cabeça afirmativamente. – O senhor Kanaka não deixa de lado a segurança nessas situações, é claro... Um homem da sua importância etc... – Suspirou alto. – Lamento pelo aquecimento. Era para a oficina ter cuidado disso...

– Você é um dos secretários do senhor Swain? – Dirigindo-se às dobras de carne acima da gola do pesado casaco escuro.

– Secretário? – Pensou um pouco no assunto. – Não – respondeu, finalmente. – Não é bem isso. – Fez a volta em um trevo, passando pelos toldos metálicos brilhantes e pela turba de pedestres ao entardecer. – Já comeu alguma coisa? Ofereceram uma refeição durante o voo?

– Eu não estava com fome. – Consciente da máscara de sua mãe.

– Bem, Swain certamente terá algo para você. Come muita comida japonesa, Swain. – Ele fez um som estranho com a língua, como um pequeno estalido. Olhou novamente para ela.

Ela desviou o olhar, observando o beijo dos flocos de neve, a passagem dos limpadores de para-brisa apagando tudo.

Swain morava em Notting Hill, ocupando três casas vitorianas interligadas, situadas em meio a uma profusão de praças e ruas residenciais cobertas de neve. Petal, com duas das malas de Kumiko em cada mão, explicou que o número 17 era a entrada principal também para os números 16 e 18.

– Não adianta bater naquela porta – disse ele, gesticulando desajeitadamente com as malas pesadas, indicando a pintura vermelho brilhante e as dobradiças de bronze da porta no número

16. – Não há nada atrás da porta, a não ser meio metro de concreto armado.

Ela olhou para a rua, a pequena praça formando um arco, as fachadas idênticas se sucedendo em sua curva suave. A neve, agora, caía mais rápido e o céu monótono estava iluminado com o brilho rosado das lâmpadas de sódio. A rua estava deserta, a neve fresca e imaculada. Havia um toque estranho no ar gelado, um cheiro fraco e difuso de algo queimando, de combustíveis arcaicos. Os sapatos de Petal deixaram marcas grandes e bem-definidas. Eram oxfords de camurça negra, com bico afilado e solas grossas de plástico escarlate. Ela seguiu suas pegadas, começando a tremer de frio, em direção aos degraus acinzentados do número 17.

– Sou eu – disse ele à porta pintada de preto –, abra. – Logo suspirou, deixou as quatro malas na neve, retirou a meia-luva da mão direita e pressionou sua palma contra um círculo de aço reluzente, embutido num dos painéis da porta. Kumiko pensou ter ouvido um gemido fraco, um zumbido de mosquito subindo em frequência até desaparecer e, então, a porta vibrou com o impacto abafado dos ferrolhos magnéticos se recolhendo.

– Você a chamou de Fumaça – disse, quando Petal foi abrir a maçaneta de bronze – a cidade...

Ele parou. – A Fumaça, sim – abriu a porta para dentro do calor e da luz –, é uma expressão antiga, uma espécie de apelido. – Pegou as malas e entrou no vestíbulo forrado em carpete azul, com as paredes recobertas de painéis brancos de madeira. Ela o seguiu, a porta fechou-se atrás dela, seus ferrolhos travando de volta no lugar. Uma gravura emoldurada em mogno estava pendurada sobre o revestimento branco, cavalos num campo, pequenas figuras elegantes em casacos vermelhos. *Colin, o fantasma do chip, devia morar ali*, pensou. Petal largou as malas no chão, novamente. Lâminas de neve compactada caíram sobre o carpete azul. Abriu outra porta, revelando uma gaiola de aço dourado. Afastou as barras com um ruído metálico. Confusa, ela observou a gaiola. – O elevador – disse ele. – Não há espaço para as suas coisas. Farei uma segunda viagem.

Apesar de sua idade evidentemente avançada, o elevador subiu com suavidade quando Petal pressionou o botão de porcelana com

o dedo indicador. Kumiko foi obrigada a ficar muito próxima a ele – cheirava a lã úmida e a alguma loção pós-barba floral.

– Nós pusemos você lá em cima – falou, enquanto a conduzia por um corredor estreito – porque achamos que iria gostar do silêncio. – Abriu uma porta e convidou-a a entrar, com um gesto. – Espero que goste... – Tirou os óculos e limpou as lentes vigorosamente com um lenço de papel amarrotado. – Vou pegar suas malas.

Quando ele saiu, Kumiko caminhou vagarosamente em torno de uma banheira de mármore negro que ocupava o centro do quarto, baixo e atulhado de móveis. As paredes, que se inclinavam acentuadamente em direção ao teto, eram recobertas por um espelho mosqueado em dourado. Duas pequenas águas-furtadas ficavam de cada lado da maior cama que já havia visto. Sobre a cama, o espelho tinha pequenas luzes ajustáveis embutidas, como as lâmpadas de leitura de um avião. Parou ao lado da banheira para tocar o pescoço arqueado de um cisne folheado a ouro, que servia como fonte de água. Suas asas abertas eram as torneiras. O ar no quarto era quente e parado, e por um instante a presença de sua mãe parecia preenchê-lo, uma névoa dolorosa.

Petal pigarreou na entrada da porta. – Bom – disse, entrando com a bagagem – está tudo em ordem? Já está com fome? Não? Vou deixar você se instalar... – Colocou as malas ao lado da cama. – Se quiser comer alguma coisa, basta ligar. – Apontou para um antigo telefone ornamentado, com o fone em bronze e base de marfim. – Apenas retire do gancho, não precisa discar. Pode tomar café da manhã quando desejar. Pergunte a qualquer um, lhe mostrarão onde é. Swain estará por lá.

A presença de sua mãe havia desaparecido com o retorno de Petal. Tentou senti-la novamente, depois que o homem disse boa-noite e fechou a porta, mas já havia se desvanecido.

Permaneceu por um longo tempo ao lado da banheira, acariciando o metal frio do pescoço do cisne.

2

KID AFRIKA

Kid Afrika entrou em Dog Solitude no último dia de novembro. Uma mulher branca chamada Cherry Chesterfield conduzia seu Dodge retrô.

Slick Henry e Little Bird estavam desmembrando a serra que formava a mão esquerda do Juiz quando o Dodge de Kid apareceu, com o colchão de ar remendado jogando para cima um leque marrom da água com ferrugem, que formava poças na planície irregular de aço compactado de Solitude.

Foi Little Bird quem o viu primeiro. Tinha olhos aguçados, Little Bird, e um monóculo, que ampliava dez vezes, balançando sobre seu peito, junto com ossos de diversos animais e cartuchos antigos de munição de latão. Slick olhou por cima do punho hidráulico para ver Little Bird se erguer, com seus dois metros de altura, e mirar o monóculo em direção à tela de aço que delimitava a maior parte do perímetro sul da Fábrica. Little Bird era muito magro, quase esquelético, e as asas de cabelo castanho e laqueado que lhe valeram o apelido de “pequeno pássaro” estendiam-se, rígidas, contra o céu sem cor. Mantinha a nuca e as costeletas rapadas bem acima de suas orelhas; com as asas e um topete aerodinâmico, parecia estar vestindo uma gaivota marrom sem cabeça.

– Opa – disse Little Bird –, que merda.

– O quê? – Era difícil fazer Little Bird se concentrar e aquele trabalho precisava de um segundo par de mãos.

– É aquele negão.

Slick se levantou e limpou as mãos em seus jeans enquanto Little Bird arrancava o microsoft Mech-5, o microprograma verde inserido

no soquete atrás de sua orelha, esquecendo-se instantaneamente das oito etapas do procedimento de servocalibragem necessário para destravar a merda da serra circular do Juiz. – Quem está dirigindo? – Afrika evitava dirigir, quando possível.

– Não dá pra ver. – Little Bird deixou o monóculo recair sobre a cortina de ossos e latão.

Slick juntou-se a ele na janela para observar a chegada do Dodge. Kid Afrika retocava periodicamente a pintura preto-fosco do hover com aplicações cuidadosas de spray, o efeito sombrio sendo ressaltado pela fileira de caveiras cromadas soldadas no imenso para-choque frontal. Tempos atrás, as caveiras metálicas ocas tinham luzes vermelhas de Natal como olhos. Talvez o Kid estivesse se descuidando da imagem.

Enquanto o hover se aproximava da Fábrica, Slick ouviu Little Bird se esgueirar em meio às sombras, suas botas pesadas arrastando-se pela poeira e por espirais brilhantes de limalha de metal.

Slick observou através do último fragmento de vidro empoeirado enquanto o hover se assentava sobre a saia pneumática em frente à Fábrica, resmungando e soltando vapor. Alguma coisa chacoalhou na escuridão atrás e Slick percebeu que Little Bird tinha se metido atrás da estante de peças velhas, ajeitando um silenciador caseiro na espingarda chinesa que usavam para caçar coelhos.

– Bird – falou Slick, jogando seu alicate sobre a lona –, sei que você é um caipira bundão e ignorante de Jersey, mas precisa me lembrar disso o tempo todo?

– Não gosto desse negão – respondeu Little Bird, por detrás da pilha.

– Tá, mas se esse negão desse a mínima, também não gostaria de você. Se o cara soubesse que você tá aí com essa arma, ele a enfiaria por sua goela abaixo, virada de lado.

Little Bird ficou quieto. Tinha sido criado nos subúrbios brancos de Jersey, onde ninguém sabia porra nenhuma de nada e odiavam quem soubesse.

– E eu ajudaria numa boa. – Slick puxou o zíper de sua velha jaqueta marrom e partiu em direção ao hover de Kid Afrika.

O vidro empoeirado, do lado do motorista, desceu com um rangido, revelando um rosto pálido, parcialmente coberto por um

enorme par de óculos de aviador com lentes âmbar. As botas de Slick iam esmagando latas velhas, tão enferrujadas que pareciam folhas secas. O motorista tirou os óculos e olhou para ele – era uma mulher, mas agora os óculos âmbar pendiam em seu pescoço, cobrindo-lhe a boca e o queixo. O Kid estava do outro lado, uma boa coisa, no caso improvável de Little Bird resolver atirar.

– Dê a volta – disse a garota.

Slick caminhou em volta do hover, passando pelas caveiras cromadas, ouvindo o vidro de Kid Afrika descer com o mesmo rangido peculiar.

– Slick Henry – disse o Kid, sua respiração formando lufadas brancas ao se dissipar no ar de Solitude –, e aí?

Slick olhou para baixo, para o rosto alongado e moreno. Kid Afrika tinha grandes olhos cor de avelã, estreitos como os de um gato, um bigode fino e sua pele brilhava como couro cru.

– E aí, Kid? – Slick sentiu o cheiro de algum tipo de incenso vindo de dentro do hover. – Como é que vai?

– Indo – disse Kid, aguçando seus olhos. – Cara, lembro de você ter dito uma vez, se algum dia eu precisasse de um favor...

– Certo – disse Slick, sentindo uma primeira fisgada de apreensão. Kid Afrika tinha salvado sua pele uma vez, em Atlantic City. Convenceu alguns manos irados a não jogá-lo de uma sacada no 43º andar de um arranha-céu incendiado. – Alguém quer jogar você do alto de um prédio?

– Slick – disse Kid –, quero lhe apresentar alguém.

– E daí ficamos quites?

– Slick Henry, esta beldade aqui é a senhorita Cherry Chesterfield, de Cleveland, Ohio. – Slick se inclinou e olhou para a motorista. Cabelo louro espevitado, olhos delineados. – Cherry, este é um grande amigo meu, o senhor Slick Henry. Quando era jovem e mau, ele andava com os Deacon Blues. Agora que é velho e mau, ele se esconde neste buraco e se dedica à sua *arte*, sabe? Um homem de *talento*, sabe?

– É o que constrói robôs – disse a garota, por trás de uma bola de chiclete –, você tinha falado.

– O próprio – confirmou Kid, abrindo a sua porta. – Espera aqui, Cherry querida. – O Kid, envolto num casaco de mink que tocava de

leve as pontas imaculadas de suas botas amarelas de couro de avestruz, botou os pés em Solitude e Slick viu, de relance, algo na traseira do hover, uma rápida entrevisão de ambulância, curativos e sondas cirúrgicas.

– Ei, Kid, o que tem lá atrás? – A mão cheia de joias de Kid surgiu, gesticulando para que Slick se afastasse enquanto a porta do hover se fechava e Cherry Chesterfield subia os vidros.

– Temos que conversar sobre isso, Slick.

– Não acho que seja pedir muito – disse Kid Afrika, apoiado numa bancada de metal, envolto em seu mink. – Cherry tem uma autorização de med-tec e sabe que será paga. É uma boa garota, Slick – Ele piscou.

– Kid...

Kid Afrika tinha este cara na traseira do hover, que estava meio que morto, ou em coma, ou algo assim. O cara estava conectado a bombas e bolsas e tubos e algum tipo de equipamento simstim, a coisa toda aparafusada a uma velha maca de ambulância, com baterias e tudo.

– O que é isto? – Cherry tinha seguido os dois depois de Kid haver levado Slick para trás, para mostrar a ele o cara na traseira do hover. Ela olhando com curiosidade para o enorme Juiz, ou pelo menos para a maior parte dele; o braço com a serra circular continuava onde o deixaram, no chão, sobre a lona cheia de graxa. *Se ela realmente tem uma autorização de med-tec*, pensou Slick, *a med-tec verdadeira provavelmente ainda não havia notado que a perdeu*. Ela estava vestindo umas quatro jaquetas de couro, todas excessivamente grandes.

– A arte de Slick, como eu te disse.

– Aquele cara está morrendo. Ele fede a urina.

– A sonda se soltou – disse Cherry. – Para que serve esta coisa, afinal?

– Nós não podemos mantê-lo aqui, Kid, ele vai empacotar. Se é para matar o cara, joga num buraco de Solitude.

– O cara não está morrendo – disse Kid Afrika. – Não está ferido nem doente...

– Então, que porra tem de errado com ele?

– Ele está *em imersão*, amigo. Está numa *longa viagem*. Precisa de *paz e tranquilidade*.

Slick olhou do Kid para o Juiz, depois de volta para Kid. Queria trabalhar naquele braço. Kid esperava que Slick ficasse com o cara por duas semanas, talvez três; Cherry ficaria para cuidar dele.

– Não estou sacando. Este cara, é tipo um amigo seu?

Kid Afrika deu de ombros, dentro do seu casaco de mink.

– Então, por que não fica com ele na sua casa?

– Não é tão calmo. Não é suficientemente tranquilo.

– Kid – prosseguiu Slick –, eu lhe devo uma, mas nada tão estranho. De qualquer modo, tenho que trabalhar e, putz, é muito esquisito. E tem o Gentry também. Está em Boston agora, volta amanhã à noite e não vai gostar nada disso. Você sabe como ele é estranho em relação às pessoas... E, na verdade, isso aqui é basicamente dele...

– Eles estavam te segurando do lado de fora do parapeito, cara. – Kid Afrika falou, num tom triste. – Você lembra?

– Ei, eu me lembro, eu...

– Você não lembra o bastante – disse o Kid. – Ok, Cherry. Vamos. Não quero atravessar Dog Solitude à noite. – Afastou-se da mesa de trabalho com um impulso.

– Kid, olha...

– Esquece. Eu não sabia nem a porra do seu nome, daquela vez em Atlantic City, apenas pensei que não queria ver o garotão branco espatifado na calçada, sabe? Não sabia seu nome naquela época, tô vendo que continuo não sabendo.

– Kid...

– Sim?

– Ok. Ele fica. Duas semanas, no máximo. Você me dá sua palavra que voltará para pegar o sujeito? E precisa me ajudar a segurar a barra com o Gentry.

– Do que ele precisa?

– Drogas.

Little Bird reapareceu enquanto o Dodge de Kid sumia através de Solitude. Veio se esgueirando por trás de uma pilha de carros

compactados, plataformas de ferro enferrujado onde ainda se viam pedaços de esmalte brilhante.

Slick observou-o de uma janela bem no alto da Fábrica. Os quadrados da estrutura de aço haviam sido fechados com pedaços de plástico de refugo, cada um com uma cor e espessura diferentes, então, quando Slick virava a cabeça para um lado, via Little Bird através de um painel de acrílico rosa-choque.

– Quem mora aqui? – perguntou Cherry, do quarto atrás dele.

– Eu, Little Bird, Gentry...

– Não, neste quarto.

Ele se virou e viu-a atrás da maca e das máquinas afixadas a ela. – Você – respondeu ele.

– É seu quarto? – Ela estava examinando os desenhos afixados às paredes, suas concepções originais do Juiz e seus Investigadores, o Triturador de Cadáveres e a Bruxa.

– Não se grila.

– Melhor você não pensar em besteira – respondeu a moça.

Olhou para ela. Tinha uma ferida grande e vermelha no canto da boca. Seu cabelo oxigenado permanecia erguido como se estivesse cheio de estática. – Já disse, não se preocupa com isso.

– Kid disse que você tem eletricidade.

– É.

– Melhor ligar esse cara – prosseguiu, virando-se para a maca. – Ele não consome muito, mas as baterias devem estar quase descarregadas.

Ele atravessou o quarto e olhou para o rosto abatido. – É melhor você me explicar uma coisa – falou. Não gostava dos tubos. Um deles entrava por uma narina, e essa ideia o deixava enjoado. – Quem é este cara e, exatamente, que merda Kid Afrika tá fazendo com ele?

– Nada – respondeu, batendo com os dedos no visor do painel do biomonitor preso ao pé da maca com uma fita adesiva prateada. – Ele está em REM intenso, é como se sonhasse o tempo todo... – O homem na maca estava envolto num saco de dormir azul novo em folha. – O que rola é que ele – quem quer que seja – está pagando ao Kid por isto.

Havia uma rede de trodos grudada na testa do cara; um único cabo preto estava preso ao longo das extremidades da maca. Slick seguiu-o até um invólucro grande e cinza que parecia ser o maior dispositivo montado na superestrutura. Simstim? Não parecia. Algum tipo de dispositivo de ciberespaço? Gentry sabia muito sobre o ciberespaço, ou pelo menos falava muito a respeito, mas Slick não conseguia se lembrar de nada sobre ficar inconsciente e permanecer conectado... Pessoas se conectavam para curtir. Bastava colocar os trodos e estavam lá fora, todos os dados do mundo empilhados como uma grande cidade de neon, de modo que era possível circular por lá e entender a coisa toda, pelo menos visualmente, porque, de outra forma, era muito complicado tentar encontrar um caminho até os dados de que você precisava. Icônica, era como Gentry chamava aquilo.

– Ele está pagando ao Kid?

– É – respondeu ela.

– Para quê?

– Mantê-lo assim. E para escondê-lo.

– De quem?

– Não sei. Ele não disse.

No silêncio que se seguiu, ele podia ouvir o chiado contínuo da respiração do homem.

3

MALIBU

Havia um cheiro na casa; sempre estivera lá.

Era um cheiro do tempo e do ar salgado, da entropia própria às casas luxuosas construídas muito perto do mar. Talvez fosse também característico de lugares que frequentemente ficavam vazios por curtos períodos, casas que eram abertas e fechadas conforme seus residentes irrequietos chegavam e partiam. Ela imaginou os quartos vazios, as manchas de corrosão florescendo silenciosamente no cromo, o mofo tomando conta dos cantos obscuros. Os arquitetos, como se fosse um reconhecimento aos processos eternos, tinham encorajado uma certa oxidação; trilhos imensos de aço ao longo do terraço haviam sido corroídos até ficarem bem finos, devido aos anos de maresia.

A casa se assentava, como suas vizinhas, nos fragmentos de fundações em ruínas, e suas caminhadas ao longo da praia às vezes envolviam ensaios de fantasia arqueológica. Tentava imaginar um passado para o lugar, outras casas, outras vozes. Era acompanhada, nessas caminhadas, por um minúsculo helicóptero Dornier, armado e controlado a distância, que se erguia de um ninho invisível do alto do telhado assim que ela pisava fora do terraço. Ele podia pairar no ar quase sem fazer ruído e estava programado para evitar o campo de visão dela. Havia algo melancólico no modo como ele a seguia, como um presente de Natal caro, porém desprezado.

Sabia que Hilton Swift observava tudo através das câmeras do Dornier. Muito pouco do que acontecia na casa da praia escapava à Sense/Net; sua solidão, a semana a sós que havia requisitado, transcorria sob vigilância constante.

Seus anos de profissão tinham-lhe conferido uma imunidade singular a ser observada.

À noite, por vezes, ligava os holofotes montados sob o terraço, iluminando os movimentos hieroglíficos peculiares de enormes níguas acinzentadas. Deixava o terraço em si no escuro, bem como a sala que ficava ao fundo. Sentava-se numa cadeira simples de plástico branco, observando a dança browniana dos insetos. No brilho dos holofotes, projetavam pequenas sombras pouco visíveis, pontinhos fugazes contra a areia.

O som do mar a envolvia em seu movimento. Tarde da noite, enquanto dormia no menor dos dois quartos de hóspedes, aquele som entrava em seus sonhos. Mas nunca dentro das memórias invasivas do estranho.

A escolha dos quartos tinha sido instintiva. A suíte principal estava minada com detonadores de dor antiga.

Os médicos na clínica tinham usado bloqueadores químicos para extrair a dependência dos receptores em seu cérebro.

Ela cozinhava para si mesma na cozinha branca, descongelando pão no micro-ondas, despejando pacotes de sopa suíça desidratada nas panelas de aço imaculadas, movendo-se pesadamente no espaço sem nome, porém cada vez mais familiar, do qual ela havia sido tão sutilmente isolada pela droga de designer.

“Chamam isso de vida” – disse ela ao balcão branco. E como os psicos de plantão na Sense/Net iriam interpretar isso, perguntou-se, caso algum microfone captasse a frase, levando-a até eles? Mexeu a sopa com uma colher grande e esguia, observando o vapor se erguer. Fazer coisas ajudava, pensou, apenas fazer coisas por conta própria. Na clínica, tinham insistido para que ela fizesse sua própria cama. Agora, preparava sua própria tigela de sopa, rosto franzido, lembrando-se da clínica.

Deu alta a si mesma depois de uma semana de tratamento. Os médicos protestaram. A desintoxicação tinha sido perfeita, disseram, mas ainda não haviam começado a terapia. Apontaram as estatísticas de recaída entre pacientes que deixaram de completar o

programa. Explicaram que seu seguro não seria validado se ela interrompesse o tratamento. A Sense/Net pagaria, ela lhes disse, a menos que preferissem que ela pagasse. Mostrou-lhes o chip platinado do MitsuBank.

Seu Learjet chegou uma hora mais tarde; disse para levá-la ao aeroporto de Los Angeles, ordenou que um carro a pegasse lá e cancelou todas as ligações.

– Desculpe, Angela – disse o jato, voando sobre a baía de Montego, segundos após terem decolado –, mas tenho uma chamada de Hilton Swift com prioridade executiva.

– Angie – disse Swift –, sabe que te dou total apoio. Você sabe disso, não é?

Virou-se para encarar a forma oval negra do alto-falante. Estava posicionado no centro de um painel cinza de plástico liso e ela imaginou-o agachado lá dentro, suas longas pernas de atleta dobradas de maneira dolorosa, grotescamente, atrás do painel do Lear.

– Eu sei, Hilton – respondeu. – Muito bom você ter ligado.

– Você está indo para Los Angeles, Angie.

– Sim. Foi o que eu disse ao avião.

– Para Malibu.

– Isso mesmo.

– A Piper Hill está a caminho do aeroporto.

– Obrigada, Hilton, mas não quero encontrar a Piper. Não quero ver ninguém. Só quero um carro.

– Não há ninguém na casa, Angie.

– Bom. É isso que quero, Hilton. Ninguém na casa. A casa, vazia.

– Tem certeza de que é uma boa ideia?

– A melhor que já tive em muito tempo, Hilton.

Houve uma pausa. – Disseram que o tratamento correu muito bem, Angie. Mas queriam que você ficasse.

– Eu preciso tirar uma semana – falou. – Uma semana. Sete dias. Sozinha.

Depois de sua terceira noite na casa, acordou de madrugada, fez café, vestiu-se. A condensação formou gotículas na ampla janela voltada para o terraço. Dormir tinha sido só isso; se houve sonhos,

não se lembrava de nada. Mas havia algo – uma aceleração, quase uma vertigem. Ficou parada em pé na cozinha, sentindo o frio do piso de cerâmica através das meias brancas grossas de algodão, as duas mãos ao redor da xícara quente.

Alguma coisa lá. Ela estendeu os braços, erguendo o café como um cálice, num gesto ao mesmo tempo instintivo e irônico.

Já fazia três anos desde que os loa haviam-na cavalgado, três anos desde que a tinham tocado pela última vez. Mas, e agora?

Legba? Um dos outros?

A sensação de uma presença retrocedeu de repente. Colocou a xícara no balcão apressada demais, o café respingando em sua mão, e correu para pegar sapatos e um casaco. Botas verdes de borracha do armário da praia e um pesado casaco azul do qual já não se lembrava, muito grande para ter sido de Bobby. Correu para fora da casa, pelas escadas, ignorando o murmúrio das hélices do pequeno Dornier, enquanto ele decolava por trás dela como uma libélula paciente. Olhou para o norte, ao longo das casas de praia desordenadas, a confusão de linhas de telhados que lembravam uma favela do Rio, depois se virou para o sul, em direção à Colônia.

Quem veio se chamava Mamman Brigitte, ou Grande Brigitte. Enquanto alguns achavam que era esposa de Barão Samedi, outros a chamavam “a mais antiga dos mortos.”

A arquitetura de sonhos da Colônia se erguia à esquerda de Angie, um caos de forma e ego. Réplicas de aparência frágil das Watts Towers, embebidas em neon, erguiam-se ao lado de bunkers neobrutalistas revestidos com baixos-relevos em bronze.

Paredes de espelho, enquanto ela passava, refletiam bancos matinais de nuvens do Pacífico.

Houve momentos, durante os últimos três anos, em que se sentira como se estivesse para cruzar, ou cruzar novamente, uma linha, uma fronteira sutil de fé, para descobrir que seu tempo com os loa tinha sido um sonho, ou que, no máximo, eles eram aglomerados contagiosos de ressonância cultural, resíduos das semanas que havia passado no oumphor de Beauvoir em Nova Jersey. Ver com outros olhos: nem deuses, nem Cavaleiros.

Continuou caminhando, reconfortada pelas ondas, pelo momento perpétuo do tempo das praias, o agora-e-sempre daquilo.

Seu pai estava morto há sete anos e o registro que ele tinha mantido sobre sua vida dissera muito pouco a ela. Que ele tinha servido a alguém ou a alguma coisa, que sua recompensa tinha sido conhecimento e que ela tinha sido o seu sacrifício.

Às vezes, tinha a impressão de ter levado três vidas, cada uma separada das outras por algo que não podia denominar, e sem esperança de plenitude, jamais.

Havia as memórias de infância da arcologia Maas, entalhada no topo de um altiplano do Arizona, onde tinha abraçado uma balaustrada de arenito, rosto contra o vento, sentindo-se como se todo o terreno da mesa fosse seu navio, que poderia navegar em direção das cores do pôr do sol para além das montanhas. Mais tarde, voou para longe de lá, seu medo como uma coisa áspera na garganta. Não conseguia mais se lembrar do último relance do rosto de seu pai. Deve ter sido no deck do microlight – um tipo de ultraleve –, os outros aviões amarrados por causa do vento, uma fileira de mariposas com as cores do arco-íris. A primeira vida acabou naquela noite; a vida de seu pai, também.

Sua segunda vida tinha sido curta, rápida e muito estranha. Um homem chamado Turner levou-a para longe, para fora do Arizona, deixando-a com Bobby e Beauvoir e os outros. Lembrava-se pouco de Turner, somente que era alto, tinha músculos fortes e o ar de quem está sendo perseguido. Levou-a para Nova York. Depois, Beauvoir a levou, junto com Bobby, para Nova Jersey. Lá, no 53ºandar de um edifício de apartamentos baratos, Beauvoir a ensinara sobre os sonhos. Os sonhos são reais, dissera, seu rosto marrom brilhando com o suor. Ensinou-lhe os nomes daqueles que ela havia visto nos sonhos. Ensinou-lhe que todos os sonhos desaguam num mesmo mar e mostrou-lhe a forma pela qual os sonhos dela eram diferentes mas, ainda assim, os mesmos. *Apenas você navega tanto o velho quanto o novo mar*, disse ele.

Ela estava sendo cavalgada por deuses, em Nova Jersey.

Aprendeu a entregar-se aos Cavaleiros. Ela viu o loa Linglessou possuir Beauvoir no oumphor, viu seus pés espalharem os

diagramas desenhados em farinha branca. Ela conheceu os deuses, em Nova Jersey, e também o amor.

Os loa a guiaram, quando partiu com Bobby para construir sua terceira vida, a atual. Formavam um belo par, Angie e Bobby, nascidos de vazios, Angie do reino limpo da Maas Biolabs e Bobby do tédio de Barrytown...

Grande Brigitte tocou-a, sem aviso; ela tropeçou, quase caiu de joelhos na água, enquanto o som do mar era sugado para dentro da paisagem do crepúsculo que se abria à sua frente. Os muros brancos do cemitério, as lápides, os salgueiros. As velas.

Debaixo do mais velho dos salgueiros, uma imensa quantidade de velas, raízes curvadas cobertas de cera.

Criança, saiba quem sou.

E Angie sentiu que ela estava ali, de uma só vez, e reconheceu-a pelo que era, Mamman Brigitte, Mademoiselle Brigitte, a mais antiga dos mortos.

Eu não tenho culto algum, criança, nenhum altar especial.

Percebeu que caminhava para a frente, para dentro do brilho das velas, ouvidos zunindo, como se o salgueiro escondesse uma enorme colmeia de abelhas.

Meu sangue é vingança.

Angie lembrou-se de Bermuda à noite, um furacão; ela e Bobby tinham-se aventurado a penetrar no olho da tempestade. Grande Brigitte era assim. O silêncio, a sensação de pressão, de forças inimagináveis momentaneamente em suspenso. Não havia nada para ser visto, debaixo do salgueiro. Apenas velas.

– Os loa ... Não posso chamá-los. Eu sinto algo ... Vim procurar...

Você foi invocada para o meu reposoir. *Ouça-me. Seu pai desenhou veves em sua cabeça: desenhou numa carne que não era carne. Você foi consagrada a Ezili Freda. Legba guiou-a para o mundo para servir aos seus próprios objetivos. Mas lhe mandaram veneno, criança, um* coup-poudre...

Seu nariz começou a sangrar. – Veneno?

– Os veves do seu pai foram alterados, parcialmente apagados, redesenhados. Embora você tenha parado de se envenenar, os Cavaleiros ainda não podem alcançá-la. Eu sou de outra ordem.

Havia uma dor terrível em sua cabeça, sangue pulsando em suas têmporas... – Por favor...

Ouça-me. Você tem inimigos. Conspiram contra você. Há muito em jogo, nisto. Tenha medo do veneno, criança!

Ela olhou para suas mãos. O sangue era brilhante e real. O zumbido ficou mais alto. Talvez estivesse em sua cabeça. – Por favor! Me ajude! Explique...

Você não pode permanecer aqui. É letal.

E Angie caiu de joelhos na areia, o som das ondas quebrando ao redor, ofuscada pelo sol. O Dornier estava flutuando nervosamente na frente dela, dois metros adiante. A dor retrocedeu instantaneamente. Limpou as mãos ensanguentadas nas mangas da jaqueta azul. O conjunto de câmeras no remoto zuniu e girou.

– Está tudo bem – ela se recompôs. – Um sangramento de nariz. É apenas um sangramento de nariz... – O Dornier lançou-se para a frente, depois para trás. – Estou voltando para a casa agora. Estou bem. – Ele se elevou suavemente para longe de sua vista.

Angie se abraçou, tremendo. *Não, não os deixe ver. Saberão que algo aconteceu, mas não o quê*. Esforçou-se para se erguer, virou-se, começou a andar com dificuldade de volta pela praia, seguindo o caminho pelo qual tinha vindo. Enquanto caminhava, procurou, nos bolsos do casaco, um lenço ou qualquer coisa para limpar o sangue de seu rosto.

Quando seus dedos encontraram os cantos do pequeno pacote achatado, soube instantaneamente o que era. Parou, tremendo. Não era possível. Sim, era. Mas quem? Ela se virou e encarou o Dornier até que ele deslizasse para longe.

O pacote. O suficiente para um mês.

Coup-poudre.

Tenha medo do veneno, criança!

4

SQUAT

Mona sonhou que estava dançando na gaiola em algum clube de Cleveland, nua sob uma coluna quente de luz azul, onde os rostos que a buscavam através do véu de fumaça tinham luz azul rasgando o branco dos olhos. Usavam a mesma expressão que os homens sempre usam enquanto assistem você dançar, olhando fixamente mas, ao mesmo tempo, trancados dentro de si, de forma que os olhos deles nada diziam e seus rostos, apesar do suor, podiam ter sido esculpidos em algo que apenas se assemelhava a carne.

Não que se importasse com o modo como a encaravam, quando estava na gaiola, eufórica e quente e na batida, a terceira música do set e o wiz apenas começando a bombar, força renovada em suas pernas fazendo-a subir na ponta dos pés...

Um deles agarrou seu tornozelo.

Ela tentou gritar, mas nada saía, não imediatamente, e quando gritou foi como algo rasgando-se por dentro dela, machucando-a, e a luz azul se fragmentou, mas a mão, a mão ainda estava lá, ao redor do seu tornozelo. Ela pulou da cama como uma marionete de mola, lutando contra a escuridão, puxando o cabelo que cobria seus olhos.

– Que foi, gata?

Ele colocou sua outra mão contra a testa dela e empurrou-a de volta contra a parte afundada e quente do travesseiro.

– Um sonho... – A mão ainda estava lá e lhe dava vontade de gritar. – Tem um cigarro aí, Eddy? – A mão sumiu, um clique e a luz do isqueiro, os planos de seu rosto ressaltados enquanto ele acendia um, passava-o para ela. Sentou-se rapidamente, puxou os

joelhos para apoiar o queixo deixando que o cobertor do exército cobrisse ambos, como uma tenda, porque realmente não queria que ninguém a tocasse naquele momento.

A perna quebrada da cadeira de plástico, encontrada no lixo, soltou um gemido de alerta quando ele se recostou e acendeu seu próprio cigarro. *Quebre*, ela pensou, *jogue-o de bunda no chão para que me bata algumas vezes*. Pelo menos estava escuro, então ela não tinha que olhar para o lugar. Era a pior coisa acordar com a cabeça pesada, enjoada demais para se mover, tendo entrado e se jogado na cama, esquecendo de fechar novamente o plástico preto, o sol forte ali para revelar os mínimos detalhes e aquecer o ar, de modo que as moscas pudessem cuidar de suas vidas.

Ninguém nunca a agarrava, em Cleveland; qualquer um, entorpecido o suficiente para atravessar aquele campo, já estava bêbado demais para se mover, talvez até para respirar. Os clientes também nunca a agarravam, a menos que tivessem acertado antes com Eddy, pagando um extra, mas era puro fingimento.

Não importava do que gostassem, acabava sendo uma espécie de ritual, então parecia acontecer num lugar fora de sua vida. E curtia observar quando eles saíam do ar. Aquela era a parte interessante porque realmente saíam do ar, ficavam totalmente vulneráveis, talvez por um breve segundo, mas era como se nem mesmo estivessem lá.

– Eddy, vou ficar louca, posso mais dormir aqui não.

Já havia batido nela antes por menos que aquilo, então ela abaixou o rosto, entre seus joelhos e o cobertor, e esperou.

– Legal – ele disse – quer voltar para a criação de bagres? Quer voltar para Cleveland?

– Só não consigo mais aturar isso...

– Amanhã.

– Amanhã o quê?

– Está bom para você? Amanhã à noite, um jatinho particular? Direto pra Nova York? Daí vai parar de me encher o saco?

– Por favor, querido – estendeu a mão para ele –, podemos pegar o trem...

Deu um tapa na mão dela. – Você tem merda na cabeça.

Se ela reclamasse mais um pouco, qualquer coisa sobre o lugar, qualquer coisa que desse a entender que ele estava se dando mal, que todos os seus grandes esquemas tinham dado em nada, ele perderia a cabeça, sabia que sim. Como na vez em que ela tinha gritado por causa dos insetos, aqueles que chamavam de baratas-das-palmeiras, mas foi porque metade daquelas coisas eram mutantes: alguém tinha tentado exterminá-las com algo que fodeu com o DNA delas, então você via aquelas baratas ferradas morrendo com pernas ou cabeças demais, ou não o suficiente, e uma vez viu uma que parecia ter engolido um crucifixo ou algo assim, suas costas ou carapaça ou o que fosse distorcida de um jeito que lhe dava ânsias de vômito.

– Querido – disse, tentando suavizar a voz –, não posso fazer nada, este lugar está me dando nos nervos...

– Hooky Green's – respondeu, como se não tivesse escutado. – Eu estava no Hooky Green's e encontrei um figurão. Ele *me escolheu*, sabe? O cara tem faro para encontrar talento. – Ela quase podia sentir o sorriso dele através da escuridão. – Veio de Londres, na Inglaterra. Caçador de talentos. Chegou no Hooky's e foi direto, "Você é o cara!"

– Um cliente? – Eddy tinha decidido recentemente que era no Hooky Green's que as coisas aconteciam: o trigésimo terceiro andar de um prédio envidraçado, com a maior parte das paredes internas derrubada, tinha uma enorme pista de dança, mas ele tinha parado de frequentar porque ninguém prestava muita atenção nele. Mona nunca havia visto o próprio Hooky, "o malvado magrelo Hooky Green", jogador de beisebol aposentado, dono do lugar, mas era ótimo dançar lá.

– Quer *ouvir*, porra? Cliente? Porra nenhuma. Ele é *o cara*, é um contato, está subindo e vai me puxar junto. Sabe do que mais? Vou te levar comigo.

– E ele quer o quê?

– Uma atriz. Tipo uma atriz. E um cara esperto para colocá-la no lugar certo e garantir que fique por lá.

– Atriz? Um lugar? Que lugar?

Ela ouviu a jaqueta se abrindo. Alguma coisa caiu na cama, perto dos seus pés. – Dois mil.

Jesus. Talvez não fosse piada. Mas se não fosse, que diabos era aquilo?

– Quanto você ganhou hoje à noite, Mona?

– Noventa. – Na verdade, cento e vinte, mas considerou o último cliente como hora extra. Em geral, tinha medo de esconder o dinheiro dele, mas precisava da grana para o wiz.

– Fica com isso e compra umas roupas. Nada para o trabalho. Ninguém quer ver a sua bundinha de fora, não nesta viagem.

– Quando?

– Amanhã, já disse. Pode se despedir daqui.

Quando ouviu isso, teve vontade de prender a respiração.

A cadeira rangeu novamente. – Noventa, hein?

– Sim.

– Me conta.

– Eddy, estou tão cansada...

– Não – respondeu.

Mas o que ele queria não era a verdade ou algo assim. Queria uma história, a história que lhe havia ensinado a contar. Não queria ouvir sobre o que haviam falado (e a maioria deles tinha algo que realmente queria contar, e geralmente contavam), ou como enrolaram até pedir para ver os certificados de análise sanguínea, ou como quase todos contavam sempre a mesma piada sobre – se não podiam curar algo, pelo menos podiam aliviar por um tempo –, ou até mesmo o que queriam na cama.

Eddy queria ouvir sobre um grandalhão que a tratava como se não desse a mínima. Exceto que ela tinha que ser cuidadosa, ao contar a história, para não fazer o cara parecer rude demais, porque isso teoricamente custaria mais do que ela tinha ganhado de fato. O principal era que este cliente imaginário a tratasse como se fosse um equipamento alugado por meia hora. Havia muitos desses caras, claro, mas a maioria gastava seu dinheiro nas cabines ou curtiam seu barato no stim. Mona geralmente pegava os que queriam conversar, que tentavam comprar um sanduíche depois, o que podia ser ruim de certa forma, mas não era o tipo de ruindade de que Eddy precisava. A outra coisa de que Eddy precisava era que lhe dissesse como ela não gostava daquilo, mas tinha acabado desejando no final, desejando ardentemente.

Tateou no escuro e tocou o envelope cheio de dinheiro.

A cadeira rangeu novamente.

Ela lhe disse que estava saindo de uma loja de conveniências e o cara tinha chegado nela, o grandalhão, perguntou direto quando custava, o que a deixou envergonhada, mas respondeu assim mesmo e foram em frente. Então entraram no carro dele, que era velho e grande e cheirava a mofo (detalhe retirado de seus dias em Cleveland), e que ele a jogou sobre o assento.

– Em frente à lojinha?

– Nos fundos.

Eddy nunca a acusava de inventar nada, mesmo que ela soubesse que foi ele quem tinha lhe ensinado aquela história em linhas gerais e que, basicamente, era sempre a mesma. No momento em que o grandalhão tinha erguido a saia dela (a preta, disse, e eu estava com minhas botas brancas) e tinha abaixado as calças, ela pôde ouvir o barulho da fivela do cinto de Eddy, que estava tirando o seu jeans. Uma parte dela estava se perguntando, quando ele se deitou na cama ao seu lado, se a posição que estava descrevendo era fisicamente possível, mas prosseguiu e, de qualquer forma, estava funcionando com Eddy. Lembrou-se de explicar como machucava, quando o cara estava metendo, mesmo que já estivesse toda molhada. Deu os detalhes sobre como ele havia segurado seus pulsos, embora estivesse agora bastante confusa sobre o que estava onde, mas sabia que sua bunda estava virada para cima. Eddy começou a tocá-la, acariciando seus seios e a barriga, então ela passou da brutalidade do cliente para como ele supostamente fez com que ela se sentisse.

Como supostamente tinha feito com que ela se sentisse era como nunca havia se sentido. Ela sabia que tinha um ponto em que trepar doía um pouco mas continuava sendo bom, mas sabia que não era aquilo. O que Eddy queria ouvir é que doía muito e ela se sentia mal, mas gostava mesmo assim. Isso não fazia o menor sentido para Mona, mas tinha aprendido a dizer o que ele queria.

Porque desse jeito funcionava e Eddy se virou com o cobertor sobre as suas costas e meteu entre as suas pernas. Pensou que ele deveria estar vendo tudo em sua mente, como um desenho animado, as coisas que estava contando para ele e que, ao mesmo

tempo, ele se tornava o grandalhão sem rosto metendo fundo. Estava segurando os pulsos dela presos sobre a cabeça, do jeito que ele gostava.

E quando ele terminou, curvado do seu lado, dormindo, Mona ficou ali, deitada e acordada na escuridão, revirando o sonho de partir, brilhante e maravilhoso.

E, por favor, que fosse verdade.

5

PORTOBELLO

Kumiko acordou na cama enorme e ficou deitada, bem quieta, escutando. Havia um murmúrio contínuo de trânsito distante.

O ar do quarto era frio; enrolou o edredom rosa em torno do corpo, como uma túnica, e saltou da cama. As janelas, pequenas, estavam cobertas por uma brilhante camada de gelo. Foi até a banheira e girou uma das asas douradas do cisne. O pássaro tossiu, gargarejou, começou a encher a banheira. Ainda envolta na coberta, abriu as malas e começou a escolher as roupas do dia, estendendo as peças escolhidas sobre a cama.

Quando seu banho estava pronto, deixou a coberta escorregar no chão e subiu sobre o parapeito de mármore, entrando estoicamente na água escaldante. O vapor da banheira havia derretido o gelo; agora, as janelas escorriam com a condensação. Será que todos os quartos britânicos tinham banheiras como esta? – pensou. Ensaboou-se metodicamente com um sabonete francês de formato oval, levantou-se, enxaguou a espuma o melhor que pôde, envolveu-se numa enorme toalha preta e, depois de procurar um pouco, descobriu uma pia, um vaso sanitário e um bidê. Estavam escondidos num cômodo muito pequeno que um dia devia ter sido um closet, suas paredes cobertas de verniz escuro.

O telefone de aparência teatral tocou duas vezes.

– Sim?

– Aqui é Petal. Aceita um café da manhã? Roger está aqui. Ansioso por encontrá-la.

– Obrigada – respondeu. – Estou me vestindo agora.

Vestiu sua calça de couro melhor e mais larga, depois enfiou-se num blusão de lã azul tão largo que poderia caber facilmente em Petal. Quando abriu a bolsa para procurar sua maquiagem, viu a unidade Maas-Neotek. Sua mão apertou-a automaticamente. Não pretendia invocá-lo, mas seu toque foi o bastante: ele estava lá, virando seu pescoço comicamente e olhando, perplexo, para o teto, baixo e espelhado.

– Presumo que não estejamos no Dorchester?

– Eu faço as perguntas – disse ela. – Que lugar é este?

– Um quarto. De gosto um tanto duvidoso.

– Responda à minha pergunta, por favor.

– Bem – disse ele, flutuando entre a cama e a banheira –, pela decoração, poderia ser um bordel. Posso acessar os dados históricos sobre a maior parte das construções em Londres, mas não há nada de especial sobre esta aqui. Construída em 1848. Sólido exemplo do predomínio do estilo vitoriano clássico. A vizinhança é cara, sem estar na moda, popular entre advogados de um certo renome. – Sacudiu os ombros; ela podia ver o canto da cama através do brilho queimado de suas botas de cowboy.

Jogou a unidade dentro da bolsa e ele desapareceu.

Conseguiu manejar o elevador com bastante facilidade. Uma vez no vestíbulo pintado de branco, seguiu o som das vozes. Ao longo de um corredor. Virando em uma esquina.

– Bom dia – disse Petal, erguendo a tampa prateada de uma bandeja. Uma nuvem de vapor subiu. – Aqui está o evasivo sr. Swain, Roger para você, e aqui está o seu café da manhã.

– Olá – disse o homem, aproximando-se com a mão estendida. Olhos claros num rosto comprido e ossudo. O cabelo escorrido, castanho-claro, estava penteado diagonalmente sobre sua testa. Kumiko não soube adivinhar a sua idade; era o rosto de um homem jovem, mas havia rugas profundas sob seus olhos acinzentados. Era alto, com braços e ombros de atleta. – Bem-vinda a Londres. – Pegou a mão dela, apertou-a e largou-a.

– Obrigada.

Ele vestia uma camisa sem colarinho, listras vermelhas muito finas contra um fundo azul-claro, os punhos fechados por

abotoaduras de um dourado sem brilho; aberta no pescoço, revelava um triângulo negro de pele tatuada. – Falei com seu pai esta manhã, disse que você havia chegado em segurança.

– Você é um homem de alta hierarquia.

Os olhos claros se aguçaram. – Como?

– Os dragões.

Petal riu.

– Deixe-a comer – disse alguém, uma voz de mulher.

Kumiko virou-se, notando uma mulher esguia e escura contra altas janelas recortadas em painéis, como um vitral; para além das janelas, um jardim murado, coberto de neve. Os olhos da mulher estavam ocultos por óculos prateados, que refletiam o cômodo e seus ocupantes.

– Outra de nossas convidadas – disse Petal.

– Sally – apresentou-se a mulher – Sally Shears. Coma, querida. Se você estiver tão entediada quanto eu, vai sentir vontade de dar uma caminhada. – Enquanto Kumiko a observava, ela levantou a mão para tocar os óculos, como se fosse tirá-los. – Portobello Road fica a poucos quarteirões. Preciso de um pouco de ar. – As lentes espelhadas pareciam não ter armação, nem hastes.

– Roger – falou Petal, pegando, com o garfo, pedaços rosados de bacon de uma bandeja de prata –, você acha que Kumiko estará segura com nossa Sally?

– Mais segura do que eu estaria, levando-se em conta o humor dela – disse Swain. – Lamento dizer que não há muito aqui para entretê-la – disse a Kumiko, conduzindo-a para a mesa –, mas tentaremos fazer com que você se sinta o mais confortável possível e planejar para que veja um pouco da cidade. Não é Tóquio, contudo.

– Pelo menos não, por enquanto – disse Petal, mas Swain pareceu não ouvir.

– Obrigada – disse Kumiko, enquanto Swain segurava sua cadeira.

– Uma honra – respondeu Swain. – Nosso respeito por seu pai...

– Ei! – disse a mulher. – Ela é jovem demais para precisar dessa babaquice. Poupe-nos.

– Sally está ligeiramente mal-humorada, como você pode ver – disse Petal, enquanto servia um ovo frito no prato de Kumiko.

O humor de Sally Shears, como se tornou claro mais tarde, era como uma raiva contida por um fio, uma fúria que se fazia notar em suas passadas, no ruído furioso dos saltos de suas botas negras sobre o calçamento gelado.

Kumiko tinha que apertar o passo para acompanhá-la, enquanto a mulher se afastava da casa de Swain, os óculos brilhando friamente na luz sem direção do inverno. Ela vestia calças justas de camurça marrom-escura e uma jaqueta preta larga, com a lapela levantada: roupas caras. Com seu cabelo negro curto, poderia ser confundida com um garoto.

Pela primeira vez desde que deixara Tóquio, Kumiko sentiu medo.

A energia presa na mulher era quase tangível, um nó de raiva que poderia se desfazer a qualquer momento.

Kumiko escorregou sua mão para dentro da bolsa e apertou a unidade Maas-Neotek. Colin apareceu instantaneamente ao seu lado, acompanhando seu passo, suas mãos enfiadas nos bolsos da jaqueta, botas pisando a neve suja sem deixar qualquer traço. Soltou a unidade e ele desapareceu, mas sentiu-se mais segura. Não precisava ter medo de se perder de Sally Shears, cujo passo era difícil de acompanhar; o fantasma certamente poderia guiá-la de volta para a casa de Swain. *E se eu fugir dela*, pensou, *ele me ajudará*. A mulher esgueirou-se em meio ao tráfego num cruzamento, puxando automaticamente Kumiko para fora do caminho de um táxi Honda preto e, de algum modo, dando um jeito de chutar o para-choque quando o veículo passou.

– Você bebe? – perguntou, sua mão segurando o antebraço de Kumiko.

Kumiko sacudiu a cabeça. – Por favor, você está machucando meu braço.

Sally relaxou um pouco a pegada, mas Kumiko foi conduzida por portas de vidro ornado para dentro do barulho e do calor, um lugar cavernoso, cheio de gente, revestido de madeira escura e de uma camurça castanho-clara desgastada.

Logo estavam frente a frente numa mesinha de mármore sobre a qual havia um cinzeiro com a marca da cerveja Bass, uma caneca de chope escuro, o copo de uísque que Sally havia esvaziado voltando do bar e um suco de laranja.

Kumiko viu que as lentes prateadas encontravam a pele clara sem qualquer sinal de junção.

Sally pegou o copo de uísque vazio, inclinou-o sem erguê-lo da mesa e observou-o compenetradamente. – Encontrei seu pai uma vez – disse. – Não era tão poderoso naquela época. – Largou o copo para tomar a cerveja. – Swain diz que você é metade gaijin. Diz que sua mãe era dinamarquesa. – Tomou um gole. – Não parece.

– Ela fez com que trocassem meus olhos.

– Combinam com você.

– Obrigada. E suas lentes – disse, automaticamente –, são muito bonitas.

Sally deu de ombros. – Seu velho já levou você a Chiba?

Kumiko sacudiu a cabeça, fazendo que não.

– Esperto. Se fosse ele, também não levaria. – Bebeu mais cerveja. Suas unhas, evidentemente acrílicas, eram do tom e tinham o brilho de madrepérola. – Me contaram sobre a sua mãe. – Com o rosto ardendo, Kumiko baixou os olhos.

– Não é por isso que você está aqui, sabia? Ele não a enviou para Swain por causa dela. Há uma guerra em andamento. Não houve nenhum conflito no alto escalão da Yakuza desde antes que eu nascesse, mas agora está havendo um. – O copo vazio tiniu quando Sally o largou na mesa. – Ele não pode ficar com você por lá, é só isso. Seria uma presa fácil. Um cara como o Swain está bem longe no mapa, pelo menos no que diz respeito aos rivais de Kanaka. Por isso você tem um passaporte com um nome diferente, certo? Swain está em débito com Kanaka. Então você está ok, certo?

Kumiko sentiu as lágrimas quentes surgirem.

– Ok, então você não está ok. – As unhas de pérola tamborilaram no mármore. – Então, ela deu cabo de si mesma e você não está ok. Sente-se culpada, certo?

Kumiko fixou o olhar nos espelhos gêmeos.

Portobello estava entulhada de turistas, tão cheia quanto em Shinjuku. Sally Shears, depois de insistir que Kumiko bebesse a laranjada, que tinha ficado quente e insípida, guiou-a para a rua entupida de gente. Puxando Kumiko com firmeza, Sally começou a abrir caminho pela calçada, passando por mesas dobráveis de aço recobertas com cortinas de veludo rasgadas e milhares de objetos feitos de prata e cristal, bronze e porcelana. Kumiko olhava atentamente enquanto Sally a guiava pelas pilhas de prataria para colecionadores e chaleiras Churchill.

– Isto é *gomi* – arriscou Kumiko, quando pararam no cruzamento. Lixo. Em Tóquio, objetos gastos e inúteis viravam material para aterros. Sally sorriu, manhosa. – Isto é a Inglaterra. *Gomi* é um grande recurso natural. *Gomi* e profissionais. Justamente o que eu estou procurando agora. Profissionais.

O profissional em questão vestia um terno de veludo verde-escuro com lapelas impecáveis de camurça e Sally encontrou-o em outro pub, chamado Rose and Crown. Apresentou-o como Tick. Era um pouco mais alto que Kumiko e alguma coisa estava torta em suas costas ou quadris, fazendo com que mancasse fortemente, o que piorava a impressão de assimetria. Seu cabelo preto era rapado na nuca e nos lados, mas se acumulava numa pilha de cachos oleosos sobre a testa.

Sally apresentou Kumiko – Minha amiga do Japão, e mantenha suas mãos longe dela. – Tick deu um sorriso cansado e levou-as até uma mesa.

– Como vão os negócios, Tick?

– Bem – respondeu, tristonho. – Como vai a aposentadoria?

Sally sentou-se num banco estofado, as costas apoiadas na parede. – Um pouco como – disse ela – voltar, parar, voltar de novo.

Kumiko a olhou. A raiva tinha evaporado, ou talvez tivesse sido camuflada com habilidade. Enquanto Kumiko se sentava, escorregou a mão para dentro da bolsa e encontrou a unidade. Colin apareceu no banco ao lado de Sally.

– Legal da sua parte se lembrar de mim – disse Tick, pegando uma cadeira. – Já se passaram dois anos, eu diria. – Ele ergueu uma sobrancelha na direção de Kumiko.

– Tudo limpo com ela. Você conhece Swain, Tick?

– Apenas pela reputação, obrigado.

Colin estava estudando aquela interação, completamente entretido e fascinado, movendo a cabeça de um lado para outro como se estivesse assistindo a uma partida de tênis. Kumiko tinha que se lembrar de que era a única que podia vê-lo.

– Eu quero que você o investigue para mim. Não quero que ele saiba.

Tick encarou-a. Todo o lado esquerdo de seu rosto contorceu-se numa longa piscadela. – Tudo bem – respondeu. – Você não quer quase nada, não é?

– Boa grana, cara. A melhor.

– Procurando por alguma coisa em particular, ou é uma lavagem? Todo mundo sabe que é um figurão do crime organizado. Vou dizer que não queria que ele me encontrasse em sua mansão...

– É onde entra o dinheiro, Tick.

Duas piscadas rápidas.

– Roger está me enganando, Tick. Alguém está enganando ele. Não sei o que os outros têm contra ele, nem me importo. O que ele tem contra mim já basta. O que quero saber é quem, onde, quando. Intercepta o tráfego interno e externo. Ele está em contato com alguém, porque o acordo muda o tempo todo.

– Eu reconheceria se visse?

– Basta dar uma olhada, Tick. Faz isso por mim.

A piscada convulsiva novamente. – Beleza, então. Vamos nessa. – Tamborilou os dedos nervosamente no canto da mesa. – Paga uma rodada?

Colin olhou para Kumiko do outro lado da mesa e revirou os olhos.

– Não entendo – disse Kumiko, enquanto seguia Sally de volta para Portobello Road. – Você acabou de me envolver numa intriga...

Sally ergueu a lapela para se proteger do vento.

– Mas eu poderia traí-la. Você está tramando contra um sócio de meu pai. Não tem nenhuma razão para confiar em mim.

– Nem você em mim, querida. Talvez eu seja uma daquelas pessoas malvadas com quem seu pai está preocupado.

Kumiko considerou a ideia. – Você é?

– Não. E, se você fosse uma espiã do Swain, ele estaria usando métodos bem exóticos. Se você é uma espiã do seu velho, talvez eu não precise de Tick. Mas se é a própria Yakuza que está rodando a coisa toda, qual o objetivo de usar Roger como proteção?

– Não sou espiã.

– Melhor passar a ser sua própria espiã, então. Se Tóquio é a frigideira, você pode ter caído no fogo.

– E por que me envolver?

– Você já está envolvida. Você está aqui. Dá medo?

– Não – disse Kumiko, e ficou em silêncio, pensando por que aquilo seria verdade.

No final daquela tarde, sozinha no sótão espelhado, Kumiko sentou-se na beira da enorme cama e tirou suas botas úmidas. Pegou a unidade Maas-Neotek na bolsa.

– O que são eles? – perguntou ao fantasma, que pairava sobre o parapeito da banheira de mármore negro.

– Seus amigos do pub?

– Sim.

– Criminosos. De minha parte, recomendaria procurar melhores companhias. A mulher é estrangeira. Americana. O homem é londrino. Do East End. É um ladrão de dados, evidentemente. Não tenho acesso aos registros policiais, exceto se forem crimes de interesse histórico.

– Não sei o que fazer...

– Vire a unidade de cabeça para baixo.

– O quê?

– Na parte traseira. Vai encontrar uma meia-lua. Coloque o polegar ali e gire...

Uma pequena portinhola se abriu. Microinterruptores.

– Reconfigure o interruptor A/B para a posição B. Use alguma coisa estreita, pontuda, mas não uma esferográfica.

– Uma o quê?

– Uma caneta. Tinta e poeira. Fica tudo sujo. Um palito de dentes seria ideal. Isto vai programar a unidade para gravação ativada por voz.

– E depois?
– Esconda-a lá embaixo. Ouviremos amanhã.

6

LUZ DA MANHÃ

Slick passou a noite num pedaço de espuma cinza gasta embaixo de uma bancada no térreo da Fábrica, envolto numa barulhenta folha de plástico-bolha que fedia a monômeros livres. Sonhou com Kid Afrika, com o carro de Kid, e, em seus sonhos, os dois se tornaram indistintos e os dentes de Kid eram pequenas caveiras cromadas.

Ele acordou com o vento cortante cuspindo a primeira neve de inverno através das janelas vazadas da Fábrica.

Ficou deitado lá e pensou sobre o problema da serra circular do Juiz, de como o pulso tinha tendência de travar quando tentava cortar algo mais denso do que uma folha de papelão. Seu plano original para a mão havia previsto dedos articulados, cada um com uma miniserra elétrica nas pontas, mas o conceito se perdeu devido a inúmeras razões. Eletricidade, de algum modo, simplesmente não bastava: não era suficientemente *físico*. Ar era a saída, grandes tanques de ar comprimido, ou combustão interna, se fosse possível encontrar as peças. Era possível encontrar peças para quase tudo em Dog Solitude, se você procurasse por um bom tempo; se não desse certo, havia uma penca de cidades, no cinturão da ferrugem em torno de Jersey, onde havia acres de máquinas mortas para escolher.

Saiu de debaixo da mesa, arrastando atrás de si o cobertor transparente de travesseiros plásticos em miniatura, como uma capa. Pensou sobre o cara na maca, lá em cima, no seu quarto, e sobre Cherry, que tinha dormido na cama dele. Ela não estaria com um torcicolo. Espreguiçou-se e gemeu.

Gentry ia chegar a qualquer momento. Tinha que explicar aquilo tudo para Gentry, que não gostava nem um pouco de ter gente por perto.

Little Bird tinha feito café no cômodo que servia como cozinha da Fábrica. O chão era feito de lajotas de plástico recurvadas e havia pias de inox fosco ao longo de uma parede. As janelas estavam cobertas com telas transparentes que eram alternadamente sugadas e insufladas pelo vento, deixando passar um brilho leitoso que fazia o cômodo parecer ainda mais frio do que era.

– Como estamos de água? – perguntou Slick ao entrar. Uma das tarefas de Little Bird era checar os tanques no telhado todas as manhãs, retirando as folhas trazidas pelo vento ou um eventual corvo morto. Depois, tinha de checar a vedação dos filtros, talvez deixar entrar uns 50 litros de água, se estivessem em baixa. Levava boa parte do dia para os 50 litros serem filtrados pelo sistema até o tanque de armazenamento. O fato de Little Bird cuidar disso rigorosamente era a principal razão para que Gentry o tolerasse, mas a timidez do garoto provavelmente ajudava. Little Bird dava um jeito de permanecer invisível aos olhos de Gentry.

– Tá cheio – disse Little Bird.

– Tem como tomar um banho? – perguntou Cherry, de seu assento improvisado num velho engradado de plástico. Tinha uma sombra embaixo dos olhos, como se não tivesse dormido, mas havia coberto o machucado com maquiagem.

– Não – respondeu Slick. – Não dá, nesta época do ano.

– É, foi o que pensei – disse Cherry, mal-humorada, contraída em sua coleção de jaquetas de couro.

Slick pegou o que tinha sobrado do café e ficou em pé na frente dela, enquanto bebia.

– Algo de errado contigo? – ela perguntou.

– Sim. Você e o cara lá em cima. Por que você está aqui embaixo? Está de folga ou algo assim?

Ela tirou um pager preto do bolso da jaqueta que estava por cima de todas as outras. – Se algo mudar, isto dispara.

– Dormiu bem?

– É, o suficiente.

– Eu não. Há quanto tempo você trabalha para Kid Afrika, Cherry?

– Uma semana, por aí.

– Você é mesmo uma med-tec?

Ela encolheu os ombros dentro das jaquetas. – O bastante para poder cuidar do Conde.

– Conde?

– Conde, isso aí. Foi como Kid o chamou, uma vez.

Little Bird estremeceu. Não tinha modelado seu cabelo ainda, então estava arrepiado em todas as direções. – E se – começou a falar Little Bird – ele for um vampiro?

Ela o encarou – Está brincando?

Olhos arregalados, Little Bird sacudiu a cabeça solenemente.

Ela se voltou para Slick. – Seu amigo é pirado?

– Sem vampiros – Slick falou para Little Bird –, não são reais, entende? Só existem lá nos stims. O cara não é vampiro, ok?

Little Bird assentiu vagarosamente, parecendo não estar muito convencido, enquanto o vento inflava a cobertura de plástico contra a luz leitosa.

Ele tentou aproveitar a manhã para trabalhar no Juiz, mas Little Bird tinha desaparecido de novo e a imagem da figura na maca ficava surgindo dentro de sua cabeça. Estava frio demais, precisava pegar uma linha elétrica lá no território de Gentry e trazer até o alto da Fábrica, conseguir alguns aquecedores. Mas isso significava negociar com Gentry sobre a energia. A força era dele porque Gentry sabia como roubar a eletricidade do Departamento de Fissão sem que percebessem.

Aquele seria o terceiro inverno de Slick na Fábrica, mas Gentry já estava lá há quatro anos quando Slick chegou. Quando tinham conseguido colocar de pé o loft de Gentry, Slick herdou o quarto onde havia colocado Cherry e o homem que ela disse que Kid Afrika chamava de Conde. Na visão de Gentry, a Fábrica era dele, porque tinha chegado primeiro e conseguido trazer energia elétrica sem que o Departamento ficasse sabendo. Mas Slick cuidava de muitas coisas na Fábrica que Gentry não gostaria de fazer por conta própria, como garantir que houvesse comida e, se algo sério quebrasse, se a fiação entrasse em curto ou se o filtro da água

entupisse, era Slick quem tinha as ferramentas e quem fazia o conserto.

Gentry não gostava de pessoas. Passava dias com seus consoles e órgãos FX e projetores holográficos e aparecia somente quando ficava com fome. Slick não entendia o que Gentry estava tentando fazer, mas invejava o foco limitado de sua obsessão. Nada irritava o Gentry. Kid Afrika não conseguiria irritar o Gentry, porque Gentry não teria ido a Atlantic City, nem se metido numa grande merda, nem ficado em dívida com Kid.

Entrou em seu quarto sem bater e Cherry estava lavando o peito do cara com uma esponja, usando luvas descartáveis brancas. Ela tinha levado para cima o fogão de butano em que cozinhavam e aquecera água numa bacia de aço.

Ele se obrigou a olhar o rosto contraído, os lábios frouxos, entreabertos apenas o suficiente para revelar dentes amarelados de fumante. Era um rosto das ruas, um rosto da multidão, um desses que você veria em um bar por aí.

Ela olhou para o Slick.

Ele se sentou no canto da cama, onde ela havia aberto o zíper do saco de dormir e estendido-o como um cobertor, com o canto rasgado dobrado por baixo da espuma.

– Temos de conversar, Cherry. Resolver essa coisa, sabe?

Ela espremeu a esponja sobre a bacia.

– Como você se meteu com Kid Afrika?

Ela colocou a esponja num invólucro de plástico e guardou-a na sacola de nylon preta do hover de Kid. Enquanto a observava, ele viu que não havia um movimento desperdiçado, e ela parecia não pensar no que estava fazendo. – Você conhece um lugar chamado Moby Jane's?

– Não.

– É um bar de beira de estrada, perto da interestadual. Então, eu tinha um amigo, o gerente, estava por lá fazia um mês quando fui morar com ele. Moby Jane é uma mulher enorme, inacreditável; fica sentada lá no fundo do clube, num tanque de flutuação com freebase entrando por uma sonda intravenosa no braço dela, totalmente nojento. Daí, como estava dizendo, me mudei para lá

com meu amigo Spencer, ele é o novo gerente, porque tive um problema com a minha licença em Cleveland e não podia trabalhar naquela época.

– Que tipo de problema?

– O *de sempre*, ok? Vai querer ouvir a história ou não? Daí, Spencer me deixou a par da horrível condição da proprietária, certo? Daí, a última coisa que eu queria que qualquer um soubesse é que eu era uma med-tec, porque do contrário teriam me colocado lá trocando os filtros do tanque dela e injetando freebase dentro de duzentos quilos de psicótica alucinada. Daí, me colocaram para atender mesas e servir cerveja. Era legal, tinha boa música lá. Um lugar meio grosseiro, mas eu não tinha problemas porque as pessoas sabiam que estava com Spencer. Exceto um dia, quando acordei, Spencer tinha sumido. Depois descobriram que ele tinha fugido e levado um monte de dinheiro. – Ela secava o peito do paciente enquanto falava, usando uma bucha grossa de fibra absorvente. – Então, me deram uma dura. – Olhou para ele e sacudiu os ombros. – Daí foi quando me disseram o que pretendiam fazer. Iam algemar minhas mãos nas costas e me colocar no tanque com Moby Jane e colocar o dreno a toda, daí contar que o meu namorado tinha roubado a grana dela... – Ela jogou a bucha úmida dentro da bacia. – Então me trancaram num closet para que eu pensasse a respeito antes de fazerem isso. Quando a porta se abriu, contudo, era o Kid Afrika. Nunca tinha visto o cara antes. “Senhorita Chesterfield”, ele me disse, “tenho razões para crer que você era, até recentemente, uma técnica médica certificada.”

– Então ele lhe fez uma proposta.

– Proposta uma ova. Ele apenas conferiu meus papéis e me levou direto para fora dali. Não havia uma alma por lá, curiosamente, e era sábado à tarde. Me levou para o estacionamento, o hovercraft estacionado lá, com as caveiras na frente, dois caras negros bem grandes esperando por nós, e qualquer saída para longe daquele tanque de flutuação, cara, por mim tudo bem.

– Nosso amigo já estava na traseira?

– Não. – Tirando as luvas. – Me fez dirigir de volta a Cleveland, até um subúrbio. Grandes casarões antigos, mas os jardins estavam abandonados, a grama alta. Fomos até um deles, com segurança

reforçada, acho que era dele. Este aqui – e ela fechou o saco de dormir até o queixo do homem – estava num quarto. Tive que começar imediatamente. Kid me disse que pagaria bem.

– E você sabia que viriam para cá, para Solitude?

– Não. Acho que nem ele sabia. Alguma coisa aconteceu. Ele apareceu no dia seguinte dizendo que estávamos de partida. Alguma coisa o assustou. Foi quando ele o chamou assim, o Conde. Porque ele estava nervoso e, talvez, meio apavorado. “O Conde e sua porra de LF, ele disse.

– Sua o quê?

"LF"”.

– O que é isso?

– Isso aqui, acho – disse ela, apontando para o volume completamente cinza, e sem nenhuma marcação, montado sobre a cabeça do homem.

7

NÃO HÁ NADA, LÁ

Imaginou Swift esperando-a no terraço, vestindo seu terno de tweed favorito para o inverno de Los Angeles, o colete e o casaco que não combinavam, um em ziguezague, outro quadriculado, mas ambos tecidos com a mesma lã, que provavelmente provinha da mesma ovelha do mesmo lado da montanha, sua aparência orquestrada em Londres, por um comitê, numa sala sobre uma loja de Floral Street que ele nunca tinha visto. Faziam camisas listradas para ele, traziam o algodão de Charvet, em Paris; faziam suas gravatas com seda criada em Osaka, o logo da Sense/Net em bordado nítido e discreto. Ainda sim, de algum modo, parecia ter sido vestido por sua mãe.

O terraço estava vazio. O Dornier pairou, depois voltou para o seu canto. A presença de Mamman Brigitte ainda se agarrava a ela.

Entrou na cozinha branca e esfregou o sangue seco do rosto e das mãos. Quando entrou na sala, foi como se estivesse vendo o lugar pela primeira vez. O chão esbranquiçado, as armações douradas e o forro de veludo das cadeiras Luís XVI, o fundo cubista de um Valmier. Como o guarda-roupas de Hilton, pensou, elaborado por desconhecidos talentosos. Suas botas deixaram um rastro de areia pelo chão claro enquanto se dirigia para a escada.

Kelly Hickman, responsável pelo seu vestuário, havia passado pela casa enquanto ela estivera na clínica; havia arrumado sua bagagem de trabalho no quarto principal. Nove valises Herm, tipo rifle, planas e retangulares, como caixões de pele curtida e lustrada. Suas roupas nunca eram dobradas; ficavam estendidas, separadas por finas camadas de papel de seda.

Parou no batente da porta, encarando a cama vazia, os nove caixões de couro.

Entrou no banheiro, blocos de vidro e cerâmica branca, trancando a porta atrás de si. Abriu um armário, depois outro, ignorando as fileiras organizadas de produtos de higiene, remédios e cosméticos intocados. Encontrou o carregador no terceiro armário, ao lado de um envelope com bolhas de plástico que continha dermas. Aproximou-se, examinando o plástico cinza, o logotipo japonês, com medo de tocá-lo. O carregador parecia novo, ainda sem ter sido usado. Estava quase certa de que não o havia comprado, não o havia deixado lá. Pegou a droga no bolso da sua jaqueta e examinou-a, revirando-a várias vezes, observando as doses de pó violeta separadas em seus compartimentos selados.

Viu a si mesma enquanto colocava o pacote sobre a bancada de mármore branco, posicionava o carregador sobre a bancada, removia o derma de seu invólucro plástico e o inseria. Viu a luz vermelha de um diodo se acendendo quando o carregador extraiu uma dose; viu a si mesma removendo o derma, balançando-o como uma sanguessuga de plástico branco na ponta de seu dedo indicador, sua superfície interna úmida brilhando com gotículas de DMSO.

Virou-se, deu três passos em direção à privada e jogou o pacote fechado lá dentro. Flutuou como uma canoa de brinquedo, a droga ainda perfeitamente seca. Perfeitamente. Com sua mão tremendo, encontrou uma lixa de unha em aço inox e se ajoelhou no piso branco. Teve de fechar os olhos quando segurou o pacote e espetou a ponta da lixa na junção, arrebentando-a. A lixa caiu sobre o piso quando acionou a descarga e as duas metades do pacote vazio desapareceram. Recostou a testa contra a fria cerâmica, depois se esforçou para se levantar, ir até a pia e lavar cuidadosamente as mãos.

Porque queria, agora *sabia que queria* lamber seus dedos.

Mais tarde, no mesmo dia, numa tarde cinza, encontrou na garagem um cilindro de carga feito de plástico ondulado, levou-o para o quarto e começou a empacotar os pertences de Bobby que ficaram para trás. Eram poucas coisas: uma calça de couro de que

ele não tinha gostado, algumas camisas que tinha esquecido e, na gaveta de baixo da cômoda em madeira de teca, um console de ciberespaço. Era um Ono-Sendai, pouco mais que um brinquedo. Estava junto com um emaranhado de cabos pretos, um conjunto barato de trodos de stim, um tubo de plástico de pasta salina com aparência engordurada.

Lembrava-se do console que ele costumava usar, aquele que havia levado embora, um Hosaka cinza, personalizado de fábrica, com teclas sem signos. Era um console de cowboy, e ele insistia em viajar com aquilo, mesmo que causasse problemas nas inspeções alfandegárias. Por que, ela se perguntava, ele tinha comprado o Ono-Sendai? E por que o tinha abandonado ? Estava sentada na beirada da cama; retirou o console da gaveta e colocou-o no colo.

Seu pai, há muito tempo, no Arizona, tinha dito a ela que não se conectasse. Você não precisa, dissera. E ela, de fato, não precisava, porque sonhava com o ciberespaço, como se as linhas de neon da matrix esperassem por ela atrás de suas pálpebras.

Não há nada, lá. Era o que ensinavam para as crianças, para explicar o ciberespaço. Ela se lembrava da palestra de um professor sorridente na creche executiva da arcologia, imagens se alternando numa tela: pilotos com capacetes enormes e luvas desengonçadas, a tecnologia neuroeletrônica primitiva do "mundo virtual" conectando-os mais efetivamente com seus aviões, pares de terminais miniaturizados de vídeo alimentando-os com o fluxo de dados de combate gerado por computador, as luvas de retroalimentação vibrotáctil oferecendo um universo táctil de botões e disparadores... Conforme a tecnologia evoluiu, os capacetes encolheram, os terminais de vídeo se atrofiaram ...

Debruçou-se e pegou o console, sacudiu-o para desemaranhar seus fios.

Não há nada, lá.

Esticou a faixa elástica e ajustou os trodos em volta de suas têmporas – um dos gestos humanos mais característicos, mas que ela raras vezes executava. Pressionou o botão de teste da bateria no Ono-Sendai. Verde, pronto para usar. Tocou no botão de "ligar" e o quarto desapareceu atrás de uma parede sem cor de estática sensorial. Sua cabeça se encheu com uma torrente de ruído branco.

Seus dedos encontraram um segundo botão e ela foi lançada através da parede de estática, dentro de uma vastidão desordenada, o vácuo nocional do ciberespaço, a rede brilhante da matrix rangendo em sua volta como uma gaiola infinita.

– Angela – disse a casa, em sua voz tranquila, mas firme –, tenho uma chamada de Hilton Swift...

– Em prioridade executiva? – Estava comendo feijões cozidos e torrada, no balcão da cozinha.

– Não – respondeu, com segurança.

– Mude seu tom – disse, com a boca cheia de feijões. – Algo com um leve toque de ansiedade.

– O senhor Swift está *esperando* – disse a casa, nervosamente.

– Melhor – falou, levando a tigela e o prato para a lavadora –, mas queria algo mais próximo de uma verdadeira histeria...

– Vai atender a ligação? – a voz estava engasgada de tensão.

– Não – disse ela –, mas mantenha a voz deste jeito, eu gosto assim.

Caminhou pela sala, contando em silêncio. Doze, treze...

– Angela – disse a casa gentilmente –, há uma ligação de Hilton Swift...

– Em prioridade executiva – completou Swift.

Ela fez um ruído de desdém com os lábios.

– Você sabe que respeito sua necessidade de estar sozinha, mas estou preocupado.

– Estou bem, Hilton. Não precisa se preocupar. Tchau.

– Você tropeçou hoje de manhã, na praia. Parecia desorientada. Seu nariz começou a sangrar.

– Foi uma pequena hemorragia nasal.

– Queremos que você faça outro check-up...

– Ótimo.

– Você acessou a matrix hoje, Angie. Sua presença foi registrada no setor industrial do BAMA.

– Ah, era isso, então?

– Quer falar a respeito?

– Não tenho nada a dizer. Estava apenas me divertindo. Mas, se você quer saber, eu estava empacotando uma tralha que o Bobby

deixou aqui. Você teria *aprovado*, Hilton! Encontrei um console que ele deixou e experimentei. Apertei uma tecla, fiquei sentada lá olhando em volta, depois me despluguei.

– Sinto muito, Angie.

– Por quê?

– Por te incomodar. Estou indo.

– Hilton, você sabe onde o Bobby está?

– Não.

– Você está me dizendo que a segurança da Net não o tem monitorado?

– Estou dizendo que não sei, Angie. Esta é a verdade.

– Você poderia descobrir, se quisesse?

Outra pausa. – Não sei. Mesmo que pudesse, não estou certo de que faria isso.

– Obrigada. Tchau, Hilton.

– Tchau, Angie.

Sentou-se no terraço aquela noite, no escuro, observando os insetos na areia iluminada. Pensando em Brigitte e em seu aviso, na droga na jaqueta e no carregador de dermas em seu armário de medicamentos. Pensando no ciberespaço e no triste confinamento que havia sentido com o Ono-Sendai, tão longe da liberdade dos loa.

Pensando nos sonhos de outros, corredores retorcidos sobre si mesmos, matizes desbotados de tapetes antigos... Um velho, uma cabeça feita de joias, um rosto pálido e tenso com olhos que eram espelhos... E uma praia, no vento e na escuridão.

Não esta praia, não Malibu.

E, em algum lugar, numa madrugada escura da Califórnia, poucas horas antes do amanhecer, entre os corredores, as galerias, os rostos de sonho, fragmentos de uma conversa de que mal se lembrava, acordando em meio à neblina pálida das janelas do quarto principal, ela fez com que algo se soltasse e o arrastou de volta através do muro do sono.

Rolando da cama, tateando dentro de uma gaveta no criado-mudo, encontrou uma caneta Porsche, presente de um assistente;

inscreveu seu tesouro na contracapa brilhante de uma revista italiana de moda:

T-A

– Ligue para a Continuidade – ordenou para a casa, após sua terceira xícara de café.

– Olá, Angie – disse a Continuidade.

– Aquela sequência orbital que fizemos há dois anos. O iate do belga... – Ela bebeu o café que esfriava. – Qual era o nome daquele lugar para onde ele queria me levar? Aquele que o Robin decidiu que era muito decadente.

– Freeside – disse o sistema especialista.

– Quem gravou lá antes?

– Tally Isham gravou nove sequências em Freeside.

– Não era decadente demais para ela?

– Isso foi há quinze anos. Estava na moda.

– Me envie aquelas sequências.

– Feito.

– Tchau.

– Tchau, Angie.

A Continuidade estava escrevendo um livro. Robin Lanier tinha lhe contado. Ela havia perguntado sobre o que era. Não funcionava assim, ele respondeu. Ela se fechava sobre si mesma e mudava constantemente – A Continuidade estava *sempre* escrevendo. Ela perguntou o porquê. Mas Robin já tinha mudado de assunto, porque a Continuidade era uma IA e aquele era o tipo de coisa que inteligências artificiais faziam.

Sua ligação para a Continuidade lhe custou outra ligação de Swift.

– Angie, sobre aquele check-up...

– Você ainda não marcou? Quero voltar a trabalhar. Liguei para a Continuidade esta manhã. Estou pensando sobre uma sequência orbital. Estou dando uma olhada em algumas coisas que Tally fez, talvez eu tenha algumas ideias.

Houve um silêncio. Ela queria rir. Era difícil deixar Swift sem saber o que dizer. – Tem certeza, Angie? É maravilhoso, mas você está realmente disposta?

– Estou bem melhor, Hilton. Estou bem. Quero trabalhar. As férias acabaram. Chame Porphyre aqui para arrumar meu cabelo, antes que eu encontre alguém.

– Você sabe, Angie – disse –, ficamos muito felizes com isso.

– Chame Porphyre. Marque o check-up. – *Coup-poudre. Quem, Hilton? Talvez você?*

Ele tinha os meios, pensou, meia hora mais tarde, enquanto andava de um lado para o outro, no deck enevoado. Seu vício não havia ameaçado a Net, nem tinha afetado sua produção. Não houve efeitos colaterais físicos. Se houvesse, Sense/Net jamais a teria deixado começar. O designer da droga, pensou. O designer saberia. E nunca lhe diria, mesmo se pudesse chegar até ele, e duvidava que pudesse. Suponha, pensou, suas mãos na ferrugem do corrimão, que não tinha sido o designer? Que a molécula houvesse sido projetada por outra pessoa, para fins próprios?

– Seu cabeleireiro – disse a casa.

Ela entrou.

Porphyre a esperava, envolto num jérsei opaco, alguma coisa da temporada parisiense. Seu rosto, tão suave quanto ébano polido, abriu-se num sorriso afetado quando a viu. – Querida – ele a repreendeu –, você está parecendo lixo artesanal.

Ela riu. Porphyre soltou gritinhos e exclamações, e se aproximou para passar seus longos dedos nas franjas de Angie, com uma repugnância fingida. – Você se comportou mal, mocinha. Porphyre *disse* que aquelas drogas faziam mal!

Ela o olhou. Era muito alto e, sabia, muito forte. Como um galgo cheio de esteroides, alguém disse uma vez. Sua cabeça depilada revelava uma simetria inconcebível na natureza.

– Você está bem? – perguntou ele, com a outra voz, aquele entusiasmo maníaco desaparecendo como se tivessem apertado um botão.

– Estou bem.

– Doeu?

– Sim. Doeu.

– Você sabe – disse, tocando o queixo dela suavemente com a ponta do dedo –, ninguém entendia o que você queria com aquela merda. Você não parecia ficar numa boa...

– Não era para isso. Era como estar aqui, estar lá, só que não era preciso...

– Sentir tanto as coisas?

– Sim.

Ele concordou com a cabeça, lentamente. – Então era um troço realmente forte.

– Que se dane – disse ela. – Estou de volta.

O sorriso dele voltou. – Vamos lavar seu cabelo.

– Já lavei ontem!

– No quê? Não. Fala sério! – Ele a conduziu para as escadarias.

No banheiro branco, massageou algo em seu couro cabeludo.

– Tem visto Robin?

Despejou água fria sobre o cabelo. – Esse senhor Lanier está em Londres, querida. Esse senhor Lanier e eu não estamos nos falando no momento. Agora, sente-se. – Ergueu as costas da cadeira e enrolou uma toalha no pescoço dela.

– Por que não? – Sentiu voltar sua curiosidade sobre as fofocas da Net, uma das outras especialidades de Porphyre.

– Porque – disse o cabeleireiro, seu tom cuidadosamente neutro, enquanto penteava os cabelos – ele andou dizendo coisas bem ruins sobre Angela Mitchell enquanto ela estava na Jamaica, colocando sua cabecinha no lugar.

Não era o que ela esperava. – Ele disse?

– E como, querida. – Começou a cortar o cabelo usando tesouras, o que era uma de suas marcas registradas; recusava-se a usar o pincel a laser e dizia que nunca tinha encostado em um.

– Você está brincando, Porphyre?

– Não. Claro, ele não diria essas coisas *para mim*, mas Porphyre *ouve*, Porphyre sempre *ouve*. Partiu para Londres no dia seguinte à sua chegada.

– E o que ele teria dito?

– Que você está louca. Com ou sem as drogas. Que ouve vozes. Que os psicólogos da Net sabem.

Vozes ... – Quem lhe contou isso? – Tentou virar a cadeira.

– Não mexa a sua cabeça. Assim. – Voltou ao seu trabalho. – Não posso dizer. Confie em mim.

Houve várias ligações depois que Porphyre foi embora. Sua equipe de produção, louca para dizer oi. – Sem mais ligações hoje à tarde – disse para a casa. – Eu vou assistir às sequências de Tally lá em cima.

Ela encontrou uma garrafa de Corona no fundo da geladeira e levou-a para o quarto. A unidade stim na cômoda de teca estava equipada com trodos de qualidade de estúdio que não tinham estado lá quando ela havia ido para a Jamaica. Técnicos da Net faziam a atualização periódica dos equipamentos da casa. Ela tomou um gole de cerveja, colocou a garrafa na mesinha de cabeceira e deitou com os trodos sobre a testa. – Certo – disse ela –, pode soltar.

Dentro da carne de Tally, da respiração de Tally.

Como fui capaz de substituir você?, ela se perguntou, dominada pelo ser físico da ex-estrela. *Dou às pessoas este mesmo prazer?*

Tally-Angie observando um precipício recoberto por vinhedos, que também era um bulevar, olhando para o horizonte invertido, retângulos distantes de quadras de tênis, o "sol" do Freeside, um filamento axial brilhando sobre sua cabeça...

– Passe adiante – ordenou à casa.

Entrou em um músculo se movendo com suavidade e um borrão de concreto, Tally guiando sua bicicleta num velódromo de baixa gravidade...

Uma cena de jantar, a tensão das tiras de veludo sobre seus ombros, o rapaz no outro lado da mesa se debruçando para servir mais vinho...

– Passe adiante.

Lençóis de linho, uma mão entre suas pernas, luz púrpura através de vidro laminado, som de água correndo...

– Volte. O restaurante.

O vinho tinto borbulhando em seu copo...

– Um pouco mais. Pausa. Isso.

Os olhos de Tally tinham se focado no pulso bronzeado do rapaz, não na garrafa.

– Eu quero uma cópia dessa imagem – disse, tirando os trodos. Sentou-se e tomou um gole de cerveja, que se misturou estranhamente com o sabor fantasma do vinho gravado por Tally.

A impressora, no andar de baixo, fez um barulho suave enquanto completava a tarefa. Ela se forçou para descer as escadas lentamente, mas, quando chegou à impressora, na cozinha, a imagem a desapontou.

– Não dá para limpar isso? – perguntou à casa. – Quero ler o rótulo da garrafa.

– Centralizando a imagem – disse a casa – e girando o objeto-alvo oito graus.

A impressora murmurou suavemente enquanto a nova imagem era gerada. Angie encontrou seu tesouro antes que a máquina pudesse terminar, seu sinete onírico em tinta marrom: T-A.

Eles possuíram vinhedos próprios, pensou.

Tessier-Ashpool S.A., em tipologia comprida e fina.

– Te peguei – murmurou.

8

RÁDIO TEXAS

Mona podia ver o sol através de alguns rasgos no plástico negro que mantinha preso sobre a janela. Odiava demasiado aquele lugar, o squat, para ficar lá quando estava acordada ou sóbria, e agora ela estava nestes dois estados.

Ela saiu silenciosamente da cama, fazendo uma careta quando seus pés nus encostaram no chão e tateou, procurando suas sandálias de plástico. O lugar estava sujo; provavelmente dava para pegar tétano só de se encostar na parede. Sua pele ficou arrepiada ao pensar nisso. Essas coisas pareciam não incomodar Eddy; ele estava absorto demais em seus esquemas para perceber o que o rodeava. E sempre dava um jeito de se manter limpo, como um gato. Era limpo como um gato, nunca havia um grama de poeira debaixo de suas unhas bem cuidadas. Ela pensava que Eddy gastava a maior parte do dinheiro que ela ganhava com as roupas dele, embora nunca lhe tenha ocorrido questionar o fato. Mona tinha 16 anos e não tinha um SIN, e um cliente mais velho tinha dito que aquilo era uma canção, “Sixteen and SINless”. Isso significava que não havia sido inscrita com um SIN – Single Identification Number, um número único de identificação –, quando nasceu, então ela cresceu fora da maior parte dos sistemas oficiais. Sabia que era possível conseguir um SIN, se você não tivesse um, mas isso significava ter de ir a um prédio em algum lugar, falar com um figurão, e isso estava longe de ser a ideia que Mona tinha de curtir a vida, ou mesmo ter um comportamento normal.

Ela tinha uma rotina para vestir-se naquele lugar e era capaz de fazer tudo no escuro. Colocava os chinelos, depois de bater um

contra o outro e sacudir para desalojar possíveis insetos, e depois caminhava para onde sabia que estava um rolo de fax antigo, numa caixa de isopor ao lado da janela. Pegava cerca de um metro de fax, talvez um dia e meio do jornal *Asahi Shimbun* que era dobrado e alisado, então colocado no chão. Aí era possível ficar em pé em cima dele, pegar a sacola de plástico ao lado da caixa, desfazer o nó do arame que a mantinha fechada e pegar as roupas que quisesse. Quando tirasse as sandálias para colocar as calças, tinha certeza de que estaria pisando em fax fresco. Era uma questão de fé para Mona acreditar que nada estaria vagando pelo fax na hora em que ela colocasse o jeans e, depois, se calçasse de novo.

Dava para colocar uma camisa ou algo do tipo, lacrar de novo a sacola cuidadosamente e sair de lá. Maquiagem, quando necessária, era feita no corredor do lado de fora; ainda havia um pedaço de espelho ao lado do elevador abandonado, com uma tira biofluorescente da Fuji colada acima dele.

Havia um cheiro forte de urina ao lado do elevador naquela manhã, então decidiu não se maquiar.

Nunca se via ninguém no prédio, mas algumas vezes era possível ouvi-los; música através de uma porta fechada ou passos logo após a dobra no final de um corredor. Bem, fazia sentido; Mona também não desejava encontrar seus vizinhos.

Ela desceu três lances de escada em direção à escuridão da garagem no subsolo. Tinha sua lanterna na mão, encontrou seu caminho com seis rápidas piscadas que a guiaram ao redor de poças de água estagnada e emaranhados de cabos de fibra óptica suspensos, para cima nos degraus de concreto que davam no beco. Podia sentir o cheiro da praia, às vezes, ali no beco, se o vento estivesse na direção certa, mas naquele dia só dava para sentir o cheiro do lixo. A lateral do prédio se erguia acima dela, então se moveu rápido, antes que algum babaca resolvesse jogar uma garrafa ou coisa pior. Chegando à avenida, diminuiu o passo, mas não muito; estava ciente do dinheiro em seu bolso e cheia de planos sobre como gastá-lo. Não adiantaria fugir, não agora quando parecia que Eddy havia conseguido uma passagem para sair daquele lugar. Ficava alternando entre se dizer que isso era uma coisa certa, que estavam praticamente de partida, e alertar-se que era melhor não se

iludir. Conhecia muito bem os negócios ‘certos’ de Eddy: a Flórida não tinha sido um deles? Como era agradável na Flórida e como as praias eram lindas, cheias de caras bonitões com dinheiro, o lugar certo para umas férias remuneradas que tinham se tornado o mês mais longo de que Mona podia se lembrar. Na prática, fazia um calor cão na Flórida, como uma sauna. As únicas praias que não eram privativas estavam poluídas, peixes mortos rolando de barriga para cima na água rasa. Talvez as praias privativas fossem iguais, mas não era possível vê-las, somente os cordões de isolamento e os guardas de bermuda circulando. Eddy ficava entusiasmado com as armas que os guardas portavam e descrevia cada uma delas nos mínimos detalhes. Ele não tinha uma arma, contudo, não que ela soubesse, e Mona achava que isso era bom. Às vezes não se sentia o cheiro dos peixes mortos, porque havia outro cheiro, um cheiro de cloro que queimava o céu da boca, alguma coisa que vinha das fábricas ao longo da costa. Se havia caras bonitões, ainda assim eram clientes e não estavam exatamente a fim de pagar o dobro.

A única coisa bacana na Flórida eram as drogas, fáceis de comprar, baratas e extremamente fortes. Às vezes, imaginava que o cheiro de água sanitária era o cheiro de milhares de laboratórios de drogas preparando algum tipo de coquetel impensável, moléculas estranhas agitando seus rabos excêntricos, prontas para seu destino e para as ruas.

Saiu da Avenida e caminhou por uma fileira de barraquinhas de comida sem licença. Seu estômago começou a roncar com o aroma, mas ela não confiava em comida de rua, não se pudesse evitar, e havia alguns lugares licenciados no shopping que ainda aceitariam dinheiro vivo. Alguém tocava um trompete no quadrado de concreto que havia sido um estacionamento, um solo cubano estridente que ricocheteava e se distorcia entre os muros de concreto, notas se esvaindo no tumulto matinal do mercado. Um evangelista pregava, seus braços abertos no alto, em formato de cruz, enquanto um Jesus desbotado e pálido copiava o gesto no ar acima dele. O dispositivo de projeção estava na caixa em que ele estava de pé, mas usava uma mochila de nylon bastante desgastada, com dois alto-falantes despontando sobre cada ombro, como cabeças cromadas sem face. O evangelista olhou para Jesus, fez uma careta

e ajustou alguma coisa em seu cinto. Jesus piscou, ficou verde, desapareceu. Mona riu. Os olhos do homem refletiam a fúria de Deus, um músculo trabalhando em sua bochecha vincada. Mona dobrou à esquerda, entre fileiras de feirantes de frutas empilhando laranjas e toranjas em pirâmides nos seus velhos caixões de metal.

Entrou num prédio baixo, cavernoso, que abrigava corredores de negócios mais permanentes: vendedores de peixes e comidas embaladas, eletrodomésticos baratos, balcões servindo dúzias de tipos de comida quente. Era mais fresco ali, na sombra, e um pouco mais tranquilo. Encontrou um lugar que vendia comida chinesa com seis assentos vazios e pegou um. O cozinheiro chinês falou com ela em espanhol; fez o pedido apontando para o cardápio. Ele trouxe a sopa numa tigela de plástico; pagou-lhe com a menor das notas e ele deu o troco em oito fichas de papelão oleoso. Se Eddy realmente estivesse falando sério sobre partir, ela não poderia usar aquilo; se ficassem na Flórida, poderia voltar para comer wonton. Sacudiu a cabeça. Tenho que ir, é preciso. Jogou os discos amarelos e desgastados de volta sobre o balcão. “Fique com eles.” O cozinheiro tirou os discos de vista, tranquilo e inexpressivo, um palito de dentes de plástico azul no canto de sua boca.

Ela pegou pauzinhos do copo no balcão e pescou um noodle dobrado de sua tigela. Havia um figurão observando-a do corredor, por trás das panelas e chapas do cozinheiro. Um figurão que estava tentando parecer algo que não era, de camiseta branca e óculos escuros. Tem mais a ver com a pose do que qualquer outra coisa, pensou. Mas tinha os dentes, também, e o corte de cabelo, exceto que tinha uma barba. Fingia que estava apenas olhando ao redor, como se estivesse fazendo compras, mãos nos bolsos, sua boca ajustada no que ele pensava ser um sorriso despreocupado. Era bonito, o figurão, pelo pouco que dava para ver atrás da barba e dos óculos. O sorriso, contudo, não era nada bonito; era meio retangular, de modo que era possível ver a maioria de seus dentes. Ela se mexeu um pouco no assento, incomodada. Prostituição era legal, mas apenas se fosse tudo certinho, com o chip de impostos e tudo mais. De repente, deu-se conta do dinheiro em seu bolso. Fingiu examinar a licença laminada afixada sobre o balcão; quando olhou novamente, ele já tinha partido.

Gastou cinquenta em roupas. Circulou por dezoito mostruários em quatro lojas, tudo o que havia no shopping, antes de se decidir. As vendedoras não gostavam que ela experimentasse tantas roupas, mas nunca tinha tido tanto dinheiro para gastar. Passava de meio-dia quando terminou, e o sol da Flórida estava cozinhando o asfalto enquanto cruzava o estacionamento com duas sacolas de plástico. As sacolas, assim como as roupas, eram de segunda mão: numa estava impresso o logo de uma loja de sapatos de Ginza; a outra anunciava croquetes de frutos do mar argentinos, produzidos a partir de crustáceos reconstituídos. Ela estava, mentalmente, combinando as coisas que havia comprado, pensando em diferentes conjuntos.

Do outro lado do calçadão, o evangélico recomeçou a todo volume, quase esganiçado, como se tivesse se aquecido para uma fúria em meio a jatos de saliva antes de ligar o amplificador, o holograma de Jesus tremendo em seus braços abertos e gesticulando furiosamente para o céu, o shopping, o céu de novo. O Final dos Tempos, disse ele. O Final dos Tempos está chegando.

Mona dobrou uma esquina aleatoriamente, reflexo automático para evitar um louco, e se viu caminhando frente a mesas de carteado desbotadas pelo sol com sistemas baratos de simstim indianos, cassetes usados, hastes coloridas de microsoft presas em blocos de espuma de poliestireno azul-claro. Havia um retrato de Angie Mitchell preso atrás de uma das mesas, um pôster que Mona nunca havia visto antes. Parou e observou-o atentamente, assimilando, primeiro, as roupas e a maquiagem da estrela, e, depois, tentando descobrir o que estava no fundo, onde a foto havia sido tirada. Inconscientemente, ajustou sua expressão para se aproximar da expressão de Angie no pôster. Não era um sorriso, exatamente. Um tipo de meio sorriso, talvez um pouco triste. Mona sentia algo especial por Angie. Porque – e seus clientes às vezes lhe diziam isso – era parecida com ela. Como se fosse a irmã de Angie. Exceto pelo nariz, o de Mona tinha um pouco mais de inclinação, e ela, Angie, não tinha aquela linha de sardas nas maçãs do rosto. O meio sorriso de Mona, estilo Angie, se abriu um pouco mais enquanto olhava, extasiada pela beleza do pôster, o luxo do quarto retratado. Pensou que era um tipo de castelo, provavelmente

onde Angie vivia, certamente, com muitas pessoas cuidando dela, para fazer seu cabelo e pendurar suas roupas, porque era possível ver que as paredes eram feitas de pedras grandes, e aqueles espelhos tinham molduras de ouro sólido, esculpidos com folhas e anjos. Os dizeres, na parte de baixo do pôster, talvez dissessem onde era, talvez, mas Mona não sabia ler. De qualquer modo, não haveria baratas circulando por lá, estava certa disso, e nenhum Eddy também. Olhou para baixo, para os equipamentos de stim, e por alguns instantes pensou em usar o resto do dinheiro. Mas não teria o suficiente para um stim e, além disso, aqueles eram realmente velhos, alguns até mais velhos do que ela. Tinham a tal da... aquela Tally, ela tinha sido famosa quando Mona tinha uns nove anos, por aí...

Quando voltou, Eddy estava esperando por ela. Tinha tirado o plástico que recobria a janela e as moscas estavam zunindo. Eddy estava estendido na cama, fumando um cigarro, e o figurão com a barba, aquele que tinha ficado observando-a, estava sentado na cadeira quebrada, ainda usando seus óculos escuros.

Prior, disse que era seu sobrenome, como se não tivesse um primeiro nome. Ou podia ser ao contrário, como Eddy, que não tinha um sobrenome. Bem, ela não tinha um sobrenome, a não ser que se contasse Lisa, o que, na verdade, era mais como ter dois nomes.

A presença dele naquele buraco não fazia muito sentido. Talvez por ser inglês. Ele não era mesmo um figurão, contudo, não do modo como ela pensou quando o viu no shopping; ele devia estar em alguma espécie de jogada, só não estava muito claro o que seria. Mantinha os olhos nela, observando-a embalar seus pertences numa mala azul da Lufthansa que ele havia trazido, mas não havia clima nenhum ali, não era como se ele a desejasse. Ele apenas observava, observava Eddy fumar, batendo seus óculos escuros em seus joelhos, ouvia a sequência de bobagens ditas por Eddy e falava apenas quando necessário. Quando dizia alguma coisa, geralmente era engraçado, mas o modo como falava tornava difícil saberem se ele realmente estava brincando.

Ao fazer as malas, ela se sentiu leve, como se estivesse alterada, mas não completamente. As moscas estavam transando em frente à janela, batendo no vidro empoeirado, mas ela não se importava. Estava indo, ela já havia partido.

Fechando a sacola.

Estava chovendo quando chegaram ao aeroporto, chuva da Flórida, urinando quente de lugar nenhum do céu. Ela nunca havia estado num aeroporto antes, mas os conhecia por conta dos stims.

O carro de Prior era um Datsun branco, alugado, com piloto automático e música de elevador tocando em alto-falantes quadrafônicos. Ele os deixou ao lado da bagagem numa câmara nua de concreto e se distanciou na chuva. Se Prior tinha uma mala, não estava com ele; Mona tinha sua sacola da Lufthansa e Eddy tinha duas malas de imitação de couro de crocodilo.

Ela ajustou sua saia nova sobre seus quadris e ficou pensando se tinha comprado os sapatos apropriados. Eddy estava curtindo, com as mãos nos bolsos e os ombros inclinados para mostrar que estava fazendo algo importante.

Lembrou-se dele em Cleveland, a primeira vez, como ele tinha aparecido no lugar para olhar uma motoneta que o velho estava vendendo, uma Skoda de três rodas que era quase toda ferrugem. O velho criava bagres em tanques de concreto que faziam divisa com um pátio sujo. Ela estava em casa quando Eddy chegou, o espaço comprido com paredes altas de um carreta de caminhão pousada sobre blocos. Havia janelas cortadas num lado, buracos quadrados selados com plástico. Ela estava em pé, ao lado do fogão, cheiro de cebolas em sacos e tomates pendurados para secar, quando sentiu que ele estava lá, no fundo do cômodo, sentiu os músculos e os ombros dele, seus dentes brancos, segurando o boné de nylon preto timidamente. O sol estava entrando pelas janelas, o lugar iluminado, parecendo vazio e simples, o chão bem varrido, do jeito que o velho mandava que ela fizesse, mas era como se viesse uma sombra, sombra de sangue, na qual ouviu a batida de seu coração, e ele se aproximando, colocando o boné sobre a mesa de compensado ao passar, já não parecia mais tímido, parecia que vivia ali, direto para ela, passando a mão com um anel brilhante

por seus cabelos oleosos. O velho entrou e Mona virou-se, fingindo fazer alguma coisa no fogão. Café, pediu o velho, e Mona foi pegar água, encher o bule, a água borbulhando pelo filtro. Eddy e o velho sentados na mesa, bebendo café preto, as pernas de Eddy abertas debaixo da mesa, as coxas duras no denim surrado. Sorrindo, enrolando o velho, negociando a Skoda. Como parecia que estava funcionando bem, como ele o compraria se o velho tivesse os documentos. O velho levantou-se para fuçar dentro de uma gaveta. Os olhos de Eddy nela, novamente. Ela os seguiu em direção ao pátio e observou-o montar no assento de vinil rachado. O barulho do escapamento levou os cães do velho a latir, o cheiro forte de álcool barato e a estrutura tremendo entre suas pernas.

Agora ela o observava posando ao lado de suas malas e era difícil ligar tudo, porque partiu com ele no dia seguinte na Skoda, em direção a Cleveland. A Skoda tinha um radinho detonado que não se ouvia por causa do barulho do motor, mas tocava à noite, baixo, num descampado à beira da estrada. O sintonizador estava quebrado, então só pegava uma estação, música fantasmagórica de alguma torre solitária em meio ao Texas, a guitarra havaiana surgindo e desaparecendo a noite inteira, sentindo como ficava molhada de encontro à perna dele e como a grama seca e pontiaguda picava a parte de trás de seu pescoço.

Prior colocou a sacola azul num carrinho branco com uma cobertura listrada e ela subiu no carro em seguida, ouvindo vozes fininhas em espanhol do fone de ouvidos do motorista cubano. Depois Eddy arrumou as malas de crocodilo e ele e Prior entraram no carro. Foram para a pista de decolagem através de muralhas de chuva.

O avião não era como aquele que ela conhecia dos stims, não como um ônibus luxuoso, com muitos assentos. Era uma coisinha preta com asas estreitas e finas, e janelas que o faziam parecer como se estivesse forçando os olhos.

Ela subiu pelas escadas de metal e havia um espaço com quatro assentos e o mesmo carpete cinza por todo lado, nas paredes e no teto também, tudo limpo, frio e cinza. Eddy entrou logo atrás dela e escolheu o assento como se fosse algo que fizesse todos os dias,

afrouxando sua gravata e esticando suas pernas. Prior estava apertando botões ao lado da porta, que pareceu suspirar quando se fechou.

Ela olhou para fora, através das janelas estreitas, para as luzes da pista refletidas no concreto molhado.

Cheguei aqui de trem, pensou, *de Nova York para Atlanta e lá se faz uma conexão*.

O avião tremeu. Ela ouviu a fuselagem estalar enquanto começava a andar pela pista.

Acordou brevemente, duas horas depois, na cabine escurecida, embalada pelo longo murmúrio do jato. Eddy estava adormecido, sua boca entreaberta. Talvez Prior estivesse dormindo também, ou talvez apenas estivesse de olhos fechados, ela não conseguia saber.

A meio caminho do sonho de que não se lembraria pela manhã, ela ouviu o som daquela rádio no Texas, as cordas de aço tocando os acordes como uma dor.

9

METRÔ

Jubilee e Bakerloo, Circle e District. Kumiko olhou para o mapinha plastificado que Petal tinha dado a ela e estremeceu. A plataforma de concreto parecia irradiar o frio através das solas de suas botas.

– Essa coisa é tão velha – disse Sally Shears distraidamente, seus óculos refletindo uma parede convexa coberta de azulejos de cerâmica branca.

– Desculpa?

– O metrô. – Uma manta de tartan nova estava amarrada debaixo do queixo de Sally, e seu hálito era branco quando falava. – Você sabe o que me dá nos nervos? É que algumas vezes os caras vêm colocar novos azulejos nestas estações, mas não tiram os antigos antes. Ou então abrem um buraco na parede para chegar até uma fiação, dá pra ver as diferentes camadas de azulejos...

– Sim?

– Está ficando mais *estreito* o tempo todo, entende? Como placas na artéria...

– Sim – disse Kumiko, incerta –, entendo... Aqueles rapazes, Sally, qual o significado da roupa deles, por favor?

– Jacks. São chamados de Jack Dráculas.

Os quatro Jack Dráculas se agrupavam como corvos na plataforma em frente. Usavam capas de chuva pretas sem detalhes e botas militares pretas, lustradas e amarradas até o joelho. Um deles virou-se para conversar com outro e Kumiko viu que seu cabelo formava um rabo de cavalo atrás da cabeça, preso com um pequeno laço preto.

– Foi enforcado – disse Sally –, depois da guerra.

– Quem?

– Jack Drácula. Houve enforcamentos públicos por um tempo, depois da guerra. Quanto aos Jacks, melhor ficar longe deles. Odeiam estrangeiros...

Kumiko queria acessar Colin, mas a unidade Maas-Neotek tinha ficado escondida atrás de um busto de mármore no cômodo onde Petal servia as refeições, e em seguida o trem chegou, deixando-a fascinada com o trovejar arcaico das rodas nos trilhos de aço.

Sally Shears, sobreposta ao fundo em mosaico da arquitetura da cidade, suas lentes refletindo a desordem de Londres, cada período moldado pela economia, o fogo, a guerra.

Kumiko, já confusa com três baldeações de trem, rápidas e aparentemente aleatórias, deixou-se levar numa sequência de corridas de táxi. Saíam de um táxi para outro, entravam na loja de departamentos mais próxima, depois pegavam a primeira saída disponível para outra rua, para outro táxi. – Harrods – disse Sally em dado momento, enquanto cruzavam rapidamente um salão ricamente ornamentado, com paredes de cerâmica e colunas de mármore. Kumiko ficou perplexa ao ver grandes cortes de assado e pernil exibidos em balcões de mármore, achando que fossem feitos de plástico. E, depois, para fora novamente, Sally chamando outro táxi. – Covent Garden – disse ao motorista.

– Sally, desculpe, o que estamos fazendo?

– Nos perdendo.

Sally bebia brandy quente num pequeno café, debaixo do telhado de vidro coberto de neve da piazza. Kumiko bebia chocolate.

– Estamos perdidas, Sally?

– Sim. Espero que sim, ao menos. – Parecia mais velha hoje, pensou Kumiko; linhas de tensão, ou fadiga, ao redor de sua boca.

– Sally, o que é que você faz? Seu amigo perguntou se você ainda estava aposentada...

– Sou uma mulher de negócios.

– E meu pai é um homem de negócios?

– Seu pai é realmente um homem de negócios, querida. Somos diferentes. Sou freelancer. Faço investimentos, basicamente.

– No que você investe?

– Em outros freelancers. – Ela deu de ombros. – Está curiosa hoje? – Tomou um gole de seu brandy.

– Você me aconselhou a ser minha própria espiã.

– Bom conselho. Precisa ser mais sutil, contudo.

– Você mora aqui, Sally, em Londres?

– Eu viajo.

– Swain é um outro “freelancer”?

– Ele pensa que sim. Está no jogo de influência, de agradar as pessoas convenientes; é preciso isso aqui, para fazer negócios, mas me irrita. – Tomou o resto do brandy e lambeu os lábios.

Kumiko tremeu.

– Você não precisa ter medo do Swain. Yanaka acabaria com ele como uma mosca...

– Não. Pensava naqueles garotos no metrô. Tão magros...

– Os Dráculas.

– Uma gangue?

– *Bosozoku* – disse Sally, com boa pronúncia. – Algo como tribos nômades? Bem, como uma tribo. – Não era a palavra certa, mas Kumiko pensou ter entendido a diferença. – São magros porque são pobres. – Acenou para o garçom pedindo um segundo brandy.

– Sally – disse Kumiko –, quando viemos para cá, o caminho que fizemos, os trens e os táxis, era para termos certeza de que não estávamos sendo seguidas?

– Nada nunca é certo.

– Mas quando fomos encontrar Tick, você não tomou precauções. Poderíamos facilmente ter sido seguidas. Você contrata Tick para espionar Swain, mas não toma precauções. Você me traz aqui, toma muitas precauções. Por quê?

O garçom colocou um copo quente à sua frente. – Você é uma garota esperta, não? – Debruçou-se para inalar o vapor do brandy. – Funciona assim... Com Tick, talvez, eu queira apenas agitar um pouco as coisas.

– Mas Tick está preocupado que Swain o descubra.

– Swain não vai tocar nele, não se souber que está trabalhando para mim.

– Por quê?

– Porque sabe que eu provavelmente o mataria. – Ergueu o copo, aparentando estar mais feliz repentinamente.

– Matar Swain?

– Isso mesmo – ela bebeu.

– Então, por que está tão cautelosa hoje?

– Porque, algumas vezes, é bom deixar tudo para trás, sair às claras. É possível que não tenhamos conseguido. Ou talvez tenhamos. Talvez ninguém, ninguém mesmo, saiba onde estamos. Faz você se sentir bem, não? Você pode estar com um transmissor, já pensou nisso? Talvez seu pai, o mestre da guerra da Yakuza, tenha um pequeno grampo plantado em você para que possa acompanhar os movimentos da filha dele. Você tem esses lindos dentinhos, talvez o dentista do papai tenha camuflado um pequeno hardware aí dentro, enquanto você estava num stim. Você vai ao dentista?

– Sim.

– Você fica no stim enquanto ele trabalha?

– Sim...

– Pronto! Talvez ele esteja nos ouvindo agora mesmo...

Kumiko quase derrubou o que havia sobrado de seu chocolate.

– Ei! – as unhas pintadas encostaram no pulso de Kumiko. – Não se preocupe com isso. Ele não a teria mandado para cá assim, com um grampo. Seria um alvo fácil para seus inimigos rastrearem. Mas você entende o que quero dizer? É bom ficar longe da vista deles, ou pelo menos tentar. Por conta própria, ok?

– Sim – disse Kumiko, seu coração ainda disparado, o pânico continuando a crescer. – Ele matou a minha mãe – falou sem pensar, depois vomitou chocolate no chão de mármore cinza do café.

Sally a conduziu entre as colunas da catedral de Saint Paul, caminhando, silenciosa. Kumiko, num transe desarticulado de vergonha, registrava informações aleatórias: o debruado branco que delineava o casaco de couro de Sally, o brilho oleoso, em arco-íris, nas penas de um pombo que se afastou do caminho delas, ônibus vermelhos como brinquedos gigantes no Museu dos Transportes,

Sally aquecendo as mãos dela em torno de uma xícara descartável de chá quente.

Frio, seria sempre frio agora. A umidade gélida nos ossos antigos da cidade, as águas frias do Sumida que tinham enchido os pulmões de sua mãe, o voo arrepiante dos grous de neon.

Sua mãe tinha traços finos e era morena, seus cabelos grossos entremeados de mechas douradas, como madeira de lei tropical e rara. Sua mãe exalava perfume e tinha a pele quente. Sua mãe lhe contava histórias, sobre elfos e fadas e Copenhagen, que era uma cidade muito longínqua. Quando Kumiko sonhava com os elfos, eram como os secretários de seu pai, ágeis e sérios, com ternos escuros e guarda-chuvas dobrados. Os elfos faziam muitas coisas curiosas nas histórias de sua mãe e as histórias eram mágicas, porque mudavam ao serem contadas e nunca era possível dizer como um conto poderia terminar numa determinada noite. Havia princesas nas histórias também, e bailarinas, e cada uma delas, Kumiko sabia, era, de algum modo, sua mãe.

As princesas-bailarinas eram lindas mas pobres, dançando por amor no coração da cidade longínqua, onde eram cortejadas por artistas e poetas aprendizes, lindos e sem um centavo. Para prover para os pais já velhos ou comprar um órgão para um irmão doente, uma princesa-bailarina era obrigada a viajar para bem longe, talvez tão longe quanto Tóquio, para dançar por dinheiro. Dançar por dinheiro, os contos davam a entender, não era uma coisa feliz.

Sally a levou para um bar que servia robata em Earls Court e fez com que bebesse um copo de saquê. Uma barbatana defumada de baiacu flutuava no saquê quente, dando-lhe a cor de uísque. Comeram robata na grelha fumegante e Kumiko sentiu o frio retroceder, mas não o torpor. A decoração do bar induzia um profundo senso de deslocamento cultural: conseguia refletir o design tradicional japonês e, ao mesmo tempo, parecia ter sido projetado por Charles Rennie Mackintosh.

Era muito estranha aquela Sally Shears, mais estranha que todos os gaijin de Londres. Agora estava contando histórias para Kumiko, histórias sobre pessoas que viviam no Japão e que Kumiko nunca tinha conhecido, histórias que definiam o papel de seu pai no

mundo. *Oyabun*, era como se referia ao pai de Kumiko. O mundo que as histórias de Sally descreviam parecia tão irreal quanto o mundo dos contos de fadas de sua mãe, mas Kumiko começou a entender a base e a extensão do poder de seu pai.

– *Kuromaku* – disse Sally. A palavra significava cortina negra. – É do Kabuki, mas significa alguém que faz acertos, alguém que vende favores. Significa "por trás da cena", certo? Este é o seu pai. Este é Swain, também. Mas Swain é o *kobun* do seu velho, ou pelo menos um deles. *Oyabun-kobun*, pai-filho. É em parte de onde Roger tira seu poder. É por isso que você está aqui agora, porque Roger deve isso ao *oyabun*. *Giri*, entende?

– Ele é um homem de alta hierarquia.

Sally sacudiu a cabeça. – Seu pai, Kumi, ele é o cara. Se teve que te mandar para fora da cidade para mantê-la a salvo, há algumas mudanças sérias a caminho.

– Estiveram enchendo a cara? – perguntou Petal, quando entraram na sala, os cantos de seu monóculo brilhando com uma luz Tiffany vinda de uma árvore de bronze e vitral no aparador. Kumiko queria olhar para a cabeça de mármore onde estava escondida a unidade Maas-Neotek, mas se forçou a olhar para fora, para o jardim. A neve tinha ficado da cor do céu de Londres.

– Onde está Swain? – perguntou Sally.

– O patrão não está – respondeu Petal.

Sally dirigiu-se ao aparador e encheu um copo com scotch de um decantador pesado. Kumiko viu Petal contrair o rosto quando o decantador bateu com força sobre a madeira lustrada. – Recados?

– Não.

– Ele volta hoje à noite?

– Não saberia dizer, na verdade. Quer jantar?

– Não.

– Eu queria um sanduíche – disse Kumiko.

Quinze minutos depois, com o sanduíche intocado no mármore negro do criado-mudo, sentou-se no meio da cama enorme, a unidade Maas-Neotek entre seus pés descalços. Tinha deixado Sally bebendo o uísque de Swain e olhando para o jardim cinzento.

Pegou a unidade e Colin oscilou até ficar em foco no pé da cama.

– Ninguém pode ouvir minha metade disso – disse ele rapidamente, colocando o dedo sobre os lábios –, o que é uma boa coisa. Há escutas no quarto.

Kumiko começou a responder, depois concordou com a cabeça.

– Bom – disse ele. – Garota esperta. Tenho duas conversas para você. Uma entre seu anfitrião e seu guarda-costas, a outra entre seu anfitrião e Sally. Gravei a primeira cerca de quinze minutos depois de você ter me escondido lá embaixo. Ouça... – Kumiko fechou os olhos e ouviu o tilintar do gelo num copo de uísque.

– Onde está nossa japinha, então? – perguntou Swain.

– Trancada no quarto essa noite – disse Petal. – Fala sozinha, a figura. Só ela. Bizarro.

– Sobre o quê?

– Nada importante. Algumas pessoas fazem isso, sabe...

– O quê?

– Falam sozinhas. Quer ouvir?

– Deus, não. Onde está a adorável srta. Shears?

– Saiu para a sua caminhada.

– Chame Bernie para segui-la da próxima vez; veja se descobre o que ela anda aprontando nessas caminhadas...

– Bernie... – e Petal riu. – Ele voltaria numa porra de um caixão!

Agora Swain riu. – Não seria de todo mau, Bernard longe de nós e a sede de sangue da famosa garota das lâminas aplacada... Sirva mais uma rodada.

– Para mim chega. Vou dormir, a não ser que precise de mim...

– Não – disse Swain.

– Portanto – disse Colin, quando Kumiko abriu os olhos, encontrando-o ainda sentado na cama – há uma escuta ativada por voz em seu quarto; o guarda-costas ouviu a gravação e ouviu quando você se dirigiu a mim. Nosso segundo trecho, agora, é mais interessante. Seu anfitrião está sentado com o seu segundo uísque e lá vem nossa Sally...

– Olá – ouviu Swain dizer –, foi tomar um ar?

– Vá se foder.

– Sabe – disse Swain –, nada disso foi ideia minha. Seria bom tentar se lembrar disso. Você sabe que me pegaram de jeito,

também.

– Roger, algumas vezes me sinto tentada a acreditar em você.

– Tente. Tornaria as coisas mais fáceis.

– Outras vezes, fico tentada a cortar essa sua garganta escrota.

– Seu problema, minha cara, é que você nunca aprendeu a delegar; ainda quer resolver tudo pessoalmente.

– Ouça, seu merda, sei de onde você vem e sei como chegou aqui, e não me importo o quanto você puxou o saco de Kanaka ou de qualquer outro. *Sarakin*! – Kumiko nunca tinha ouvido aquela palavra antes.

– Tenho notícias deles – disse Swain, ainda em tom contido, conversando. – Ela ainda está na costa, mas parece que vai se mover em breve. Leste, provavelmente. De volta à velha mansão. Acho que é a nossa melhor chance. A casa é impossível. Há segurança privada naquela área suficiente para parar um exército de pequeno porte...

– Você ainda está tentando me dizer que isto é apenas um sequestro, Roger? Está tentando me dizer que vão mantê-la presa em troca de dinheiro?

– Não. Ninguém disse nada sobre vendê-la de volta.

– Então, por que não contratam o tal exército? Não há motivo para pararem em “pequeno porte”, não é? Chamem os mercenários! Os caras de extração corporativa. Ela não é um alvo muito difícil, não mais do que um pesquisador fodão. Mandem os profissionais resolverem isso...

– Pela centésima vez, já te disse que não é isso o que querem. Querem você.

– Roger, o que eles têm contra você, hein? Quero dizer, você de fato não sabe o que eles têm contra mim?

– Não, não sei. Baseado no que têm contra mim, contudo, posso arriscar um palpite.

– Sim?

– Tudo.

Sem resposta.

– Há uma outra abordagem, uma que surgiu hoje. Querem que tudo pareça como se ela tivesse sido suprimida.

– O quê?

– Querem que pareça que matamos a garota.

– E como poderíamos dar conta disso?

– Vão providenciar um corpo.

– Eu presumo – disse Colin – que ela tenha saído da sala sem responder. Termina aqui.

10

A FORMA

Passou uma hora checando os rolamentos da serra; depois, lubrificou-os novamente. Já estava muito frio para trabalhar; teria que aquecer a sala onde mantinha os outros, os Investigadores e o Triturador e a Bruxa. Só isso já seria o suficiente para perturbar a harmonia do seu acordo com Gentry, mas não era nada em comparação com o problema de explicar seu acordo com Kid Afrika e o fato de haver dois estranhos na Fábrica. Não havia como discutir com Gentry; a energia era dele, pois era ele quem dava um jeito no Departamento de Fissão; sem os passes mensais que Gentry fazia no console, os movimentos rituais que mantinham o Departamento convencido de que a Fábrica ficava em outro lugar, algum lugar que pagava as suas contas, não haveria eletricidade.

E Gentry, de qualquer jeito, era tão estranho, pensou, sentindo seus joelhos estalarem ao se erguer e tirar a unidade de controle do Juiz do bolso de sua jaqueta. Gentry estava convencido de que o ciberespaço tinha uma Forma, uma forma geral e total. Não que fosse a ideia mais estranha que Slick já havia encontrado, mas Gentry tinha esta convicção obsessiva de que a Forma era completamente importante. A apreensão da forma era o Santo Graal de Gentry.

Uma vez, Slick tinha assistido a uma sequência stim da Net/Knowledge sobre que forma tinha o universo. Slick pensou que, se o universo era tudo que existia, então como teria uma forma? Se tivesse uma forma, precisava haver alguma coisa em volta na qual ele pudesse ter essa forma, não? E se esta coisa era uma coisa, então não seria parte do universo também? Este era o tipo de

discussão em que você não queria se meter com Gentry, porque o cara daria um nó na sua cabeça. Em todo caso, Slick não pensava que o ciberespaço tinha algo a ver com o universo; era apenas um meio de representar dados. O Departamento de Fissão sempre pareceu uma grande pirâmide asteca vermelha, mas não precisava; se o DF quisesse, poderia se parecer com qualquer outra coisa. Grandes empresas tinham copyright sobre como suas coisas se pareciam. Então, como alguém podia pensar que toda a matrix tinha uma forma em particular? E por que isso deveria significar alguma coisa, mesmo que tivesse?

Apertou o botão de força da unidade; o Juiz, há dez metros dali, zumbiu e tremeu.

Slick Henry odiava o Juiz. Era o que o pessoal de arte nunca entendia. Isso não significava que não tivesse tido prazer em construir aquela coisa, colocar o Juiz no mundo, onde poderia vê-lo e cuidar dele e, finalmente, de certa forma, ficar livre da ideia dele, mas isso certamente não era o mesmo que gostar dele.

Com cerca de quatro metros de altura, dois metros de ombro a ombro, sem cabeça, o Juiz se erguia, trêmulo, em sua carapaça remendada, uma cor específica de ferrugem, como as hastes de um velho carrinho de mão, polidas pela fricção de milhares de mãos. Tinha descoberto um jeito de conseguir aquela textura com produtos químicos e abrasivos, foi algo que usou em quase todo o Juiz; as peças mais antigas, pelo menos, as que tinham sido recolhidas do lixo, não os dentes frios das lâminas circulares ou as superfícies espelhadas das juntas, mas o resto do Juiz era daquela cor, aquele acabamento, como uma ferramenta muito velha, ainda em uso diário.

Mexeu nos controles do joystick e o Juiz deu um passo à frente, depois outro. Os giroscópios estavam trabalhando perfeitamente; mesmo sem um braço, a coisa movia-se com uma dignidade terrível, plantando seu pé gigante com firmeza.

Slick sorriu na escuridão da Fábrica enquanto o Juiz andava pesadamente em sua direção, um-dois, um-dois. Podia se lembrar de cada passo da construção do Juiz, se quisesse, e às vezes fazia isso, só pelo conforto de poder fazê-lo.

Não conseguia lembrar-se de quando não tinha sido capaz de lembrar mas, algumas vezes, quase podia.

Era por isso que tinha construído o Juiz, porque tinha feito alguma coisa – nada muito grave, mas foi pego no flagra, duas vezes – e depois julgado por isso, e sentenciado, e então a sentença foi cumprida e ele não podia se lembrar de nada, nada além de um intervalo de cinco minutos de cada vez. Roubar carros. Roubar carros de gente rica. Eles faziam questão de que você se lembrasse do que fizera.

Manejando o joystick, fez com que o Juiz virasse e caminhasse para o outro cômodo, ao longo de um corredor, entre filas de blocos de concreto manchados pela umidade que, um dia, sustentaram tornos mecânicos e soldadores. Bem alto, na escuridão, entre as vigas empoeiradas, estavam suspensas instalações desativadas de luz fluorescente, onde os pássaros às vezes faziam seus ninhos.

Korsakov, era assim que chamavam, alguma coisa que fizeram aos seus neurônios para que as memórias de curto prazo não se fixassem. Então, o tempo de pena a ser cumprido era um tempo perdido, mas soube depois que não faziam mais isso, pelo menos não para roubo de automóvel. As pessoas que não passaram pela coisa pensavam que era fácil, como ir para a cadeia e depois ter tudo apagado, mas não era bem assim. Quando saiu, quando terminou – três anos encadeados numa cadeia oscilante longa e vaga de medo e confusão, medida em intervalos de cinco minutos, e não era dos intervalos que você se lembrava, mas das transições... Quando isso terminou, ele precisava construir a Bruxa, o Triturador, depois os Investigadores e agora, finalmente, o Juiz.

Enquanto guiava o Juiz pela rampa de concreto até a sala onde os outros aguardavam, ouviu Gentry acelerando o motor na planície de Dog Solitude.

Gentry se sentia desconfortável com as pessoas, pensou Slick, enquanto subia as escadas, mas na verdade era uma via de mão dupla. Estranhos podiam sentir a Forma queimando atrás dos olhos de Gentry; sua fixação se revelava em tudo que fazia. Slick não tinha ideia de como ele se virava em suas viagens para o Sprawl; talvez lidasse apenas com gente tão intensa quanto ele, solitários nos limites endentados dos mercados de drogas e software.

Aparentemente, não se importava nem um pouco com sexo, a tal ponto que Slick não tinha ideia de qual seria o barato dele, se algum dia pensasse no assunto.

Sexo era a grande desvantagem de Solitude, ao menos para Slick e, particularmente, no inverno. No verão, às vezes podia encontrar uma garota numa daquelas pequenas cidades corroídas; foi por conta disso que tinha ido a Atlantic City daquela vez e ficado em dívida com o Kid. Nos últimos tempos, dizia a si mesmo que a melhor solução era apenas concentrar-se no trabalho, mas subindo as escadas bambas de metal em direção à passarela que conduzia ao espaço de Gentry, ficou imaginando como seria Cherry Chesterfield debaixo de todas aquelas jaquetas. Pensou em suas mãos, como eram limpas e rápidas, mas isso fez com que visse o rosto inconsciente do homem na maca, o tubo alimentando-o pela narina esquerda, Cherry umedecendo com um lenço suas bochechas afundadas; estremeceu.

– Ei, Gentry – falou alto, em meio à estrutura de ferro vazada da Fábrica –, estou subindo...

Três coisas em Gentry não eram aguçadas, finas e firmes: seus olhos, seus lábios, seu cabelo.

Seus olhos eram grandes e claros, acinzentados ou azuis, dependendo da luz; seus lábios eram cheios e flexíveis; seu cabelo era penteado para trás, num rabo de cavalo desfiado e loiro que se agitava quando caminhava. Sua magreza não era como o corpo esquálido de Bird, resultado de uma dieta pobre e nervos ruins; Gentry apenas era estreito, os músculos definidos e rígidos, sem gordura. Vestia-se de forma fina e firme, também: couro preto enfeitado com contas brilhantes negras, um estilo de que Slick se lembrava de seus tempos no Deacon Blues. Aquelas contas negras, além de outras coisas, faziam Slick achar que ele tinha uns trinta anos; o próprio Slick estava perto disso.

Gentry encarou Slick quando este entrou pela porta, ofuscado por dez lâmpadas de 100 watts, deixando claro para Slick que ele era outro obstáculo se erguendo entre Gentry e a Forma. Estava colocando um par de mochilas da motocicleta sobre a longa mesa de aço; pareciam pesadas.

Ao chegar a Dog Solitude, Slick tinha cortado as folhas de zinco, instalado escoras onde era necessário, fechado os buracos com folhas de plástico duro, vendado as claraboias resultantes com silicone. Depois, Gentry veio com uma máscara e uma pistola de tinta e vinte galões de látex branco; não limpou nem tirou o pó de nada, só jogou uma grossa camada sobre toda a crosta de sujeira e merda de pombo seca, meio que colando tudo junto e pintando novamente por cima, até que ficasse razoavelmente branco. Pintou tudo menos as claraboias, então Slick começou a içar equipamento que estava no chão da Fábrica, um carregamento de computadores, consoles de ciberespaço, uma mesa de projeção holográfica velha e enorme que quase quebrou o guindaste, geradores de efeito, dúzias de caixas de plástico corrugado cheias de arquivos que Gentry acumulou em sua busca pela Forma, centenas de metros de cabos ópticos em bobinas novas de plástico reluzente que faziam Slick pensar em roubo industrial. E livros, livros velhos com capas feitas de tecido colado sobre papelão. Slick não sabia o quanto eram pesados. Tinham um cheiro triste, os livros velhos.

– Você está puxando uns ampères a mais desde que eu parti – disse Gentry, abrindo a primeira das duas mochilas. – No seu quarto. Arrumou um aquecedor novo? – Começou a fuçar apressadamente o conteúdo da mochila, como se procurasse por algo de que precisava mas que havia perdido. Não era nada disso, contudo, e Slick sabia; era ter de receber alguém, mesmo alguém conhecido, inesperadamente, em seu espaço.

– É. Tenho que aquecer a área de armazenamento também. Muito frio pra trabalhar, se não fizer isso.

– Não – disse Gentry, olhando para cima repentinamente –, a coisa no seu quarto não é um aquecedor. A amperagem está errada.

– É. – Slick deu um sorriso forçado, com a ideia de que aquilo faria Gentry pensar que ele era estúpido e facilmente intimidável.

– “É” o quê, Slick Henry?

– Não é um aquecedor.

Gentry fechou a bolsa bruscamente. – Você me diz o que é, ou eu corto a sua energia.

– Sabe, Gentry, se eu não estivesse por aqui, você teria bem menos tempo para... as coisas. – Slick ergueu as sobrancelhas sugestivamente em direção à enorme mesa de projeção. – O fato é o seguinte, tem duas pessoas aqui comigo... – Viu Gentry endurecer, os olhos claros se abrirem. – Mas você não verá nenhuma delas, não vai ouvi-las, nada.

– Não – disse Gentry, sua voz presa, enquanto dava a volta pelo canto da mesa –, porque você vai tirá-las daqui, não vai?

– Duas semanas no máximo, Gentry.

– Fora. Agora. – O rosto de Gentry estava a centímetros do seu e Slick sentiu o hálito azedo da exaustão. – Ou você sai com eles.

Slick era dez quilos mais pesado que Gentry, a maior parte eram músculos, mas isso nunca intimidava Gentry; ele parecia não saber, ou não se importar, que pudesse se machucar. Era bem intimidante, de certa forma. Gentry já tinha dado um tapa nele, uma vez, forte, no rosto, e Slick tinha olhado para baixo, para a grande chave inglesa de cromo-molibdênio em suas mãos, e sentido um estranho constrangimento.

Gentry estava teso, começando a tremer. Slick tinha quase certeza de que Gentry não dormia quando ia para Boston ou Nova York. Também dormia bem pouco na Fábrica. Voltava pilhado e o primeiro dia era sempre o pior. – Olha – disse Slick, como alguém que estivesse falando com uma criança prestes a chorar, e pegou o pacote no seu bolso, o suborno do Kid Afrika. Ergueu o envelope de plástico para Gentry ver: dermas azuis, pílulas rosas, ópio que parecia um monte de merda embalada em celofane vermelho, cristais de wiz no formato de tabletes amarelos gordos, inaladores de plástico com o nome do fabricante japonês raspado com uma faca... – Do Afrika – disse Slick, sacudindo o pacote.

– África? – Gentry olhou para o pacote, para Slick, para o pacote novamente. – Da África?

– Do Kid Afrika. Você não conhece. Deixou isto para você.

– Por quê?

– Porque ele precisa que eu ature esses amigos dele aqui por um tempo. Devo um favor pro cara, Gentry. Expliquei que você não gosta de ter ninguém por perto. Que isso te atrapalha. Então –

mentiu – ele disse que queria deixar uma coisinha para você, para compensar o incômodo.

Gentry pegou o pacote e passou o dedo ao longo do lacre, abrindo-o. Tirou o ópio e devolveu-o a Slick. – Não vou precisar disso. – Pegou um dos dermas azuis, tirando a cobertura do adesivo, e colocou-o cuidadosamente na parte interna de seu pulso. Slick ficou lá, amassando o ópio entre seu dedão e o indicador, o celofane fazendo barulho, enquanto Gentry caminhava de volta para a longa mesa e abria a mochila. Tirou um novo par de luvas de couro pretas.

– Acho que será melhor... eu ir lá conhecer seus hóspedes, Slick.

– Hein? – Slick piscou, atônito. – É... mas... você não precisa, quero dizer, não seria...

– Não – disse Gentry, arrumando sua gola. – Faço questão.

Descendo as escadas, Slick lembrou-se do ópio e jogou-o por cima do corrimão, no escuro.

Odiava drogas.

– Cherry? – Sentiu-se um idiota, com Gentry observando-o bater em sua própria porta. Sem resposta. Abriu. Meia-luz. Viu como ela havia feito um quebra-luz para uma das lâmpadas, um cone de papel amarelado de fax amarrado com um arame. Tinha removido as outras duas lâmpadas. Ela não estava lá.

A maca permanecia no mesmo lugar, seu ocupante embrulhado no saco de nylon azul. *Está devorando o cara*, pensou Slick, enquanto olhava a superestrutura do equipamento de suporte, os tubos, os sacos de fluidos. *Não*, disse a si mesmo, *está mantendo o cara vivo, como em um hospital*. Mas a impressão foi morrendo aos poucos: e se estivesse drenando-o, drenando-o até secar? Lembrou-se do papo de Bird sobre vampiros.

– Bem – disse Gentry, passando por ele e parando no pé da maca. – Você tem amigos estranhos, Slick Henry... – Gentry caminhou ao redor da maca, mantendo um metro de distância segura entre seus tornozelos e a figura imobilizada.

– Gentry, você tem certeza de que não quer voltar lá pra cima? Acho que aquele derma... Talvez você tenha exagerado.

– Mesmo? – Gentry inclinou a cabeça, seus olhos brilhando na luz amarelada. Piscou. – Por que você acha isso?

– Bem – Slick hesitou, – você está diferente do normal. Quero dizer, de como estava antes.

– Você acha que eu estou passando por uma alteração de humor, Slick?

– Sim.

– Estou gostando dessa alteração de humor.

– Você não está sorrindo – Cherry disse, da porta.

– Este é Gentry, Cherry. A Fábrica meio que é dele. Cherry é de Cleveland...

Mas Gentry estava segurando uma pequena lanterna em sua mão, enfiada na luva; estava examinando a rede de trodos que cobria a testa do paciente dormente. Endireitou-se, o feixe de luz incidindo sobre a unidade sem traços nem marcas, depois apontando para baixo novamente para seguir o cabo até a rede de trodos.

– Cleveland – disse Gentry, finalmente, como se fosse um nome que tivesse escutado num sonho. – Interessante... – Ergueu sua lanterna novamente, suspendendo-a para a frente, procurando o ponto onde o cabo se juntava à unidade. – E Cherry... Cherry, quem é ele? – o feixe de luz dura recaindo sobre o rosto acabado, irritantemente comum.

– Não sei – disse Cherry. – Tire isso dos olhos dele. Pode atrapalhar seu REM ou algo assim.

– E isto? – Iluminou o pacote cinza achatado.

– O LF, foi como Kid chamou. Chamou o cara de “Conde” e disse que aquilo era o LF dele. – Enfiou as mãos dentro de suas jaquetas e se coçou.

– Bom, então – disse Gentry, virando-se, um clique quando o feixe se apagou, a luz de sua obsessão brilhando forte atrás de seus olhos, amplificada tão incrivelmente pelo derma de Kid Afrika que parecia a Slick que a Forma deveria estar bem ali, resplandecendo na testa de Gentry para todo mundo ver, exceto o próprio Gentry – deve ser exatamente o que é...

11

PELAS CALÇADAS

Mona acordou quando estavam pousando.

Prior estava ouvindo Eddy, assentindo com a cabeça e exibido seu sorriso retangular. Era como se o sorriso sempre estivesse lá, por trás da barba. Tinha trocado de roupa, contudo, então devia ter levado algo para o avião. Agora, vestia um terno cinza de executivo e uma gravata com listras diagonais. Meio que parecido com os clientes que Eddy arranjava para ela em Cleveland, exceto que o terno assentava de outro modo.

Tinha visto um cliente experimentar um terno uma vez, um cara que a levou para um Holiday Inn. A loja de ternos ficava perto do vestíbulo do hotel e ele ficou parado, só de cuecas, varrido por linhas de luz azul, observando a si mesmo em três enormes telas. Nas telas, não era possível ver as linhas azuis, porque ele estava vestindo um terno diferente em cada imagem. E Mona tinha que se segurar para não rir, porque o sistema tinha um programa cosmético que fazia com que parecesse diferente nas telas, esticava um pouco seu rosto e tornava seu queixo mais pronunciado, mas ele parecia não perceber isso. Então escolheu um terno, vestiu novamente o que estava usando e foram embora.

Eddy estava explicando alguma coisa para Prior, algum ponto crucial na arquitetura de um de seus golpes. Ela sabia como não prestar atenção, mas o tom ainda a irritava, como se ele soubesse que as pessoas não conseguiriam sacar o truque do qual tanto se orgulhava, então falava lenta e tranquilamente, como se estivesse conversando com um garotinho, e mantinha sua voz baixa, para

parecer paciente. Isso não parecia incomodar Prior, mas Mona percebia que Prior não dava muita bola para o que Eddy dizia.

Ela bocejou, espreguiçou-se, e o avião quicou duas vezes no concreto da pista, rugiu e começou a diminuir a velocidade. Eddy nem tinha parado de falar.

– Tem um carro esperando – disse Prior, interrompendo-o.

– Pra onde estamos indo? – perguntou Mona, ignorando a cara feia de Eddy.

Prior mostrou o sorriso. – Para nosso hotel. – Desatou o cinto de segurança. – Ficaremos lá por alguns dias. Temo que você terá que passar a maior parte deles dentro do quarto.

– Este é o acordo – disse Eddy, como se a ideia fosse dele.

– Você gosta de stims, Mona? – perguntou Prior, ainda sorrindo.

– Claro – respondeu –, quem não gosta?

– Tem um favorito, Mona, uma estrela favorita?

– Angie – disse ela, vagamente irritada. – Quem mais seria?

O sorriso ficou um pouco maior. – Bom. Vamos comprar todas as últimas fitas dela.

O universo de Mona consistia, em grande parte, de coisas e lugares que conhecia, mas que nunca tinha visto ou visitado fisicamente. O centro da parte norte do Sprawl não tinha cheiro, nos stims. Cortavam na edição, pensou, do mesmo jeito como Angie nunca teve uma dor de cabeça ou uma menstruação dolorosa. Mas lá fedia. Como em Cleveland, só que pior. Pensou que era apenas o fedor do aeroporto, quando saíram do avião, mas tinha se tornado ainda mais forte quando saíram do carro para entrar no hotel. E fazia muito frio na rua, também, com um vento que atacava os seus tornozelos nus.

O hotel era maior do que aquele Holiday Inn, porém era mais antigo, também, pensou ela. O vestíbulo estava mais cheio que os lobbies dos stims, mas havia muitos carpetes azuis bem limpos. Prior fez com que esperasse perto de um anúncio de um spa orbital enquanto ele e Eddy percorriam o longo balcão preto e conversavam com uma mulher com um crachá de bronze. Ela se sentiu estúpida esperando lá, naquela capa de chuva branca de plástico que Prior obrigou-a a vestir, como se pensasse que a roupa

dele não fosse adequada. Cerca de um terço da multidão ocupando o vestíbulo eram japas, que tomou por turistas. Todos pareciam ter algum tipo de equipamento de gravação – vídeo, holográficos, alguns com unidades simstim em seus cintos – mas, fora isso, não pareciam ter muito dinheiro. Ela achava que todos os japas nadavam em dinheiro. *Talvez sejam espertos e não queiram mostrar*, decidiu-se.

Viu Prior passar um chip de crédito sobre o balcão para a mulher com o crachá, que pegou o chip e passou-o por uma fenda de metal.

Prior colocou a sacola dela na cama, um bloco largo de espuma sintética bege, e tocou um painel que fez as cortinas se abrirem. – Não é o Ritz – disse –, mas tentaremos deixá-la confortável.

Mona soltou um grunhido vago. O Ritz era uma lanchonete que vendia hambúrguer em Cleveland, e não conseguia entender o que isso tinha a ver com o resto.

– Olha – disse Prior –, sua favorita. – Ele estava em pé ao lado da cabeceira estofada da cama. Havia uma unidade stim embutida lá, além de uma pequena prateleira com um conjunto de trodos fechados num plástico e cerca de cinco cassetes. – São os novos stims da Angie.

Perguntou-se quem havia colocado aqueles cassetes lá e se haviam feito isso depois de Prior ter perguntado quais eram os stims de que ela gostava. Ela lhe devolveu um sorriso do jeito dela e foi até a janela. O Sprawl era exatamente como nos stims; a janela parecia um cartão-postal holográfico, prédios famosos cujos nomes não sabia, mas sabia que eram famosos.

O cinza dos domos, cúpulas geodésicas salpicadas de branco de neve, por trás o cinza do céu.

– Feliz, querida? – Eddy perguntou, chegando por trás e colocando as mãos sobre seus ombros.

– Tem chuveiros por aqui?

Prior riu. Ela se soltou das mãos de Eddy e levou sua bolsa para dentro do banheiro. Fechou e trancou a porta. Ouviu Prior rir novamente e Eddy retomar sua conversa sobre seus esquemas. Sentou-se na privada, abriu a bolsa e procurou a frasqueira onde

guardava o wiz. Ainda tinha quatro cristais de sobra. Parecia suficiente; três bastavam, mas quando sobravam apenas dois, ela começava a procurar mais. Ela não curtia muito os *jumpers*, não todos os dias, ao menos, exceto que recentemente tinha entrado nessa, mas só porque a Flórida era enlouquecedora.

Agora podia começar a diminuir a dose, decidiu, enquanto tirava um cristal do frasco. Parecia um doce duro e amarelo; tinha que esmagá-lo, depois triturá-lo entre duas grades de nylon. Quando fazia isso, a droga exalava um cheiro parecido com o de hospitais.

Os dois haviam saído quando ela terminou o banho. Ficou lá dentro até encher o saco, o que levou um longo tempo. Na Flórida, geralmente usava chuveiros de piscinas públicas ou rodoviárias, os que funcionavam com uma moeda. Pensou que havia alguma coisa ligada àquele ali que media os litros e colocava na conta; era assim que funcionava no Holiday Inn. Havia um grande filtro branco acima do chuveiro de plástico e um adesivo na parede de azulejos, com um olho e uma lágrima, significava que era ok tomar uma chuveirada, mas não era para deixar entrar água nos olhos, como se fosse água de piscina. Havia um conjunto de tubos cromados no azulejo, e, quando se apertava o botão sob cada um deles, saía xampu, gel para banho, sabonete líquido, óleo de banho. Ao fazer isso, um pequeno ponto vermelho acendia ao lado do botão, significando que seria cobrado em sua conta. Na conta de Prior. Estava feliz por eles terem saído, porque gostava de ficar sozinha e alta e limpa. Raramente ficava sozinha, exceto na rua, e aí era diferente. Seus pés úmidos deixaram marcas sobre o carpete bege, quando caminhou em direção à janela. Estava enrolada numa grande toalha que combinava com a cama e com o carpete e tinha uma palavra gravada num canto, provavelmente o nome do hotel.

Havia um prédio de estilo antigo a uma quadra de distância, e os cantos de seu topo escalonado tinham sido esculpidos para formar um tipo de montanha, com rochas e grama, além de uma cascata que caía e batia nas rochas e depois caía novamente. Ela sorriu, por que alguém se daria ao trabalho de fazer aquilo? Nuvens de vapor saíam da água, onde ela batia. Não poderia apenas cair na rua, contudo, pensou, porque custaria muito caro. Deduziu que

bombeavam a água de volta e usavam-na novamente, num círculo fechado.

Algo cinza moveu sua cabeça por lá, balançou os chifres anelados como se estivesse olhando para ela. Deu um passo para trás no carpete e piscou. Era como um carneiro, mas tinha que ser um autômato, um holograma ou algo assim. Ele sacudiu a cabeça e começou a comer a grama. Mona riu.

Podia sentir o wiz no tendão de Aquiles e entre suas escápulas, um formigamento gelado e agudo, e o cheiro de hospital no fundo de sua garganta.

Tinha ficado com medo antes, mas não estava assustada agora.

Prior tinha um sorriso maldoso, mas ele era apenas um jogador, apenas um cara fazendo o jogo de alguém. Se tivesse dinheiro, seria de outra pessoa. E ela não tinha mais medo de Eddy; era quase como se estivesse com medo por ele, porque podia ver o que os outros pensavam dele.

Bem, pensou, não importava; não iria mais criar bagres em Cleveland e ninguém a levaria de volta para a Flórida.

Lembrou-se do fogão a álcool, as manhãs frias de inverno, o velho curvado em seu casacão cinza. No inverno, ele colocava uma segunda camada de plástico sobre as janelas. O fogão bastava para aquecer o lugar, então, porque as paredes eram cobertas por camadas de espuma rígida e compensado por cima. Nos lugares onde a espuma aparecia era possível furá-la com o dedo, fazer buracos; se ele a pegasse fazendo aquilo, gritava. Manter os peixes aquecidos no tempo frio era mais trabalhoso; tinha que bombear água para o teto, onde as placas solares estavam, dentro dos tubos de plástico transparente. Mas a matéria orgânica apodrecendo nas bordas dos tanques também ajudava; subia vapor quando se pegava um peixe com a rede. Ele trocava os peixes por outros tipos de alimento, por coisas que as pessoas produziam, álcool para o fogão e para beber, grãos de café, lixo que os peixes comiam.

Não era o pai dela, e tinha dito aquilo várias vezes, quando chegavam a conversar. Às vezes ainda se perguntava se talvez ele fosse. Quando lhe perguntou pela primeira vez quantos anos ela tinha, ele disse seis, então ela passou a contar a partir disso.

Ouviu a porta abrir atrás dela e virou-se; Prior estava lá, o cartão de plástico dourado em sua mão, a barba aberta para mostrar o sorriso. – Mona – disse ele, entrando –, este é Gerald. – Alto, chinês, terno cinza, cabelo grisalho. Gerald sorriu gentilmente, passou por Prior e foi direto para o móvel com gavetas em frente ao pé da cama. Colocou uma valise preta sobre o móvel e abriu-a. – Gerald é um amigo, ele é médico. Precisa dar uma olhada em você.

– Mona – disse Gerald, tirando alguma coisa da valise –, quantos anos você tem?

– Ela tem dezesseis – disse Prior. – Certo, Mona?

– Dezesseis – disse Gerald. A coisa em suas mãos era como um par de óculos de proteção pretos, com protuberâncias e fios. – Você está pegando um pouco pesado, não? – Olhou para Prior.

Prior sorriu.

– Está faltando o quê, uns dez anos?

– Não tanto – disse Prior. – Não estamos buscando a perfeição.

Gerald olhou para ela. – E nem vai conseguir. – Prendeu os óculos sobre as orelhas e apertou alguma coisa; uma luz veio por trás da lente direita. – Mas há graus de aproximação. – A luz oscilou na direção dela.

– Está falando de cosmética, Gerald.

– Onde está Eddy? – perguntou ela, enquanto Gerald se aproximava.

– No bar. Devo chamá-lo? – Prior pegou o fone, mas colocou-o de volta sem usá-lo.

– O que é isto? – Afastando-se de Gerald.

– Um exame médico – disse Gerald. – Não vai doer. – Ele a tinha contra a janela; acima da toalha, suas escápulas pressionavam o vidro frio. – Querem contratá-la e vão lhe pagar muito bem; precisam se certificar de que você está com boa saúde. – A luz bateu em seu olho esquerdo. – Ela tomou algum estimulante – disse a Prior, num tom de voz diferente.

– Tente não piscar, Mona. – A luz passou para o seu olho direito. – O que é isto, Mona? Quanto você tomou?

– Wiz. – Desviando-se da luz.

Pegou-a pelo queixo com seus dedos frios e realinhou a cabeça dela. – Quanto?

– Um cristal...

A luz se apagou. Sua face lisa estava muito próxima, os óculos de proteção cheios de lentes e fendas, pequenas cavidades de malha metálica negra. – Não há como julgar a pureza – disse ele.

– É realmente pura – disse ela, e deu uma risadinha.

Gerald soltou o queixo dela e sorriu. – Isso não será um problema – disse ele. – Você poderia abrir a boca, por favor?

– A boca?

– Quero ver seus dentes.

Ela olhou para Prior.

– Deu com sorte nesta – disse Gerald para Prior, quando ligou a luz para olhar sua boca. – Condições muito boas e próximas da configuração-alvo. Amálgamas, obturações.

– Sabíamos que poderíamos contar com você, Gerald.

Gerald tirou os óculos e olhou para Prior. Voltou à valise preta e guardou os óculos. – Teve sorte com os olhos, também. Muito próximos. Basta mudar o matiz. – Tirou um envelope metálico da valise e abriu-o, colocando a luva cirúrgica na mão direita. – Tire a toalha, Mona. Fique à vontade.

Ela olhou para Prior, para Gerald. – Vocês querem ver meus papéis, os exames de sangue e todo resto?

– Não – disse Gerald–, está tudo bem.

Ela olhou para a janela, esperando ver o carneiro, mas ele tinha desaparecido e o céu parecia bem mais escuro.

Tirou a toalha, deixando-a cair sobre o chão, depois se deitou, virada para cima, na cama bege.

Não era muito diferente daquilo que ela fazia por dinheiro; nem mesmo levava tanto tempo.

Sentada no banheiro com a frasqueira aberta sobre os joelhos, esmagando outro cristal, decidiu que tinha o direito de estar furiosa.

Primeiro, Eddy cai fora sem ela; depois, Prior aparece com o médico esquisitão, então diz que Eddy está dormindo em outro quarto. Lá na Flórida, ela bem que poderia aproveitar um tempo sem Eddy, mas ali era diferente. Não queria estar ali sozinha e tinha ficado com medo de pedir uma chave para o Prior. O sacana tinha

uma, contudo, então podia entrar a qualquer hora com seus amigos horripilantes. Que tipo de acordo era aquele?

E o lance com a capa de chuva, de plástico, aquilo também a deixava puta da vida. Uma merda de uma capa de chuva de plástico descartável.

Amassou o pó de wiz entre as grades de nylon, socando-o cuidadosamente no inalador, expirou profundamente, colocou o bocal em seus lábios e disparou. A nuvem de poeira amarela envolveu as membranas de sua garganta; provavelmente deve ter chegado um pouco até os pulmões. Tinha ouvido dizer que aquilo fazia mal.

Não tinha planejado nada quando foi ao banheiro tomar a dose mas, assim que a parte de trás do pescoço começou a formigar, ficou pensando sobre as ruas ao redor do hotel, sobre o que tinha visto no caminho até ali. Havia clubes, bares, lojas com roupas nas vitrines. Música. Música seria ótimo agora, isso e uma multidão. O jeito como é possível enlouquecer no meio de uma multidão, esquecer-se de si mesmo, apenas estar lá. A porta não estava trancada, ela sabia; já tinha testado. Iria se trancar atrás dela, contudo, e não tinha uma chave. Mas estava hospedada, então Prior provavelmente tinha registrado seu nome na recepção. Pensou em descer e pedir uma chave à mulher do balcão, porém se sentia mal com a ideia. Conhecia esse pessoal de uniforme atrás dos balcões, e o jeito que têm de olhar as pessoas. Não, decidiu, a melhor coisa era ficar no quarto e colocar, no stim, os novos da Angie.

Dez minutos depois, ela estava a caminho de uma porta lateral distante do vestíbulo principal, o wiz cantando em sua cabeça.

Estava chuviscando lá fora, talvez fosse condensação do domo. Tinha vestido a capa branca para ir até o vestíbulo, pensando que, no final das contas, talvez Prior soubesse o que estava fazendo, e agora estava feliz por estar com ela. Pegou umas folhas de fax em uma lixeira e segurou sobre a cabeça para manter seu cabelo seco. Não estava tão frio quanto antes, o que era outra coisa boa. Nenhuma de suas roupas novas era o que alguém chamaria de quentes.

Olhando para cima e para baixo na avenida, decidindo qual caminho tomar, viu meia dúzia de fachadas de hotel praticamente idênticas, uma fila de tricitáxis, o brilho de pequenas lojas difuso pela chuva. E pessoas, muitas delas, como no centro de Cleveland, mas todos bem vestidos e todos se movendo como se estivessem no controle de tudo, todos com algum lugar para ir. Apenas siga o movimento, pensou, o wiz dando-lhe uma segunda onda que a levou para a correnteza de pessoas bonitas, sem ter que pensar sobre isso. Batendo os calcanhares em seus sapatos novos, segurando o fax sobre sua cabeça até que percebeu – mais sorte – que a chuva havia parado.

Ela não teria se importado em dar uma olhadinha nas vitrines, enquanto a multidão passava por ela, mas o fluxo lhe dava prazer e ninguém mais estava parando. Contentou-se com relances de cada vitrine. As roupas eram como as roupas num stim, e algumas delas tinham estilos que nunca havia visto antes.

Eu deveria ter estado aqui, pensou, *deveria ter estado aqui este tempo todo. Não numa criação de bagres, não em Cleveland, não na Flórida. É um lugar, um lugar real, qualquer um pode chegar aqui, você não tem que chegar aqui por meio de um stim*. O fato era que ela nunca tinha visto esta parte em um stim, a parte das pessoas comuns. Esta não era a parte de uma estrela como Angie. Angie estaria longe, em castelos altos com outras estrelas de stim, não aqui embaixo. Mas Deus, como era bonito, a noite tão brilhante, a multidão se agitando ao redor dela, diante de todas as coisas boas que você teria se, ao menos, tivesse sorte.

Eddy não gostava daquilo. De qualquer modo, ele sempre dizia como era uma merda, muito movimentado, aluguel muito alto, muita polícia, competição demais. Não que ele tivesse hesitado sequer dois segundos quando Prior fez a proposta, lembrou. E, de qualquer maneira, ela tinha suas próprias ideias sobre por que Eddy falava tão mal daquele lugar. Foi aqui que ele estragou tudo, pensou, fez alguma merda bem grande, deu uma de wilson. Ou ele não queria se lembrar disso ou haveria pessoas que, certamente, o lembrariam se voltasse. Estava presente no jeito irritado com que falava daquele lugar, do mesmo jeito com que falaria de qualquer um que dissesse que suas armações não dariam certo. O novo colega, tão esperto na

primeira noite, era apenas um bobalhão na noite seguinte, estúpido, sem visão.

Passando por uma grande loja exibindo um equipamento de stim fantástico na vitrine, todo preto e fino, apresentado por um maravilhoso holograma de Angie, que observava todos os passantes com seu sorriso meio triste. Rainha da noite, isso aí.

O rio de pessoas correu para um tipo de praça em círculo, um lugar onde quatro ruas se encontravam e rodeavam uma fonte. E porque Mona não estava realmente indo para nenhum lugar específico, foi parar lá, pois as pessoas ao seu redor se dispersaram em direções diferentes, sem parar. Bem, havia pessoas no círculo também, algumas delas sentadas no concreto com rachaduras que margeava a fonte. Havia uma estátua no centro, mármore, desgastada e lisa. Era um bebê montado num peixe, um golfinho. Parecia que a boca do golfinho espirraria água se o chafariz estivesse funcionando, mas não estava. Por sobre as cabeças das pessoas sentadas, conseguia ver papel de fax enrugado e encharcado e copos de isopor branco na água.

Depois pareceu que a multidão se fundiu atrás dela, uma parede curvada de corpos em movimento e os três que estavam à sua frente, à beira da fonte, saltaram como uma gravura. Uma garota gorda com cabelo pintado de preto, a boca entreaberta como se fosse sempre assim, os seios saltando para fora de um corselete de borracha vermelha; uma loira com um rosto comprido e um traço azul fino de batom, a mão como a garra de um pássaro segurando um cigarro; um homem com braços recobertos de óleo expostos ao frio, músculos enxertados protuberantes como rocha debaixo de bronzeado sintético e tatuagens de prisão...

– Ei, sua vagabunda – gritou a garota gorda, meio que se divertindo –, você não acha que vai faturar unzinho neste pedaço, não é?

A loira olhou para Mona com seus olhos cansados e deu um sorriso murcho para ela, um sorriso do tipo não-é-culpa-minha, depois olhou para o outro lado.

O cafetão pulou do seu lugar como alguma coisa impulsionada por molas, mas Mona já estava se movendo, tendo entendido a expressão da loira. O homem pegou-a pelo braço, mas a costura da

capa de chuva cedeu e ela se acotovelou de volta para dentro da multidão. O wiz tomou o controle e a próxima coisa de que se deu conta foi de que estava a cerca de um quarteirão dali, apoiada em um poste de metal, tossindo e hiperventilando.

Àquela altura, o wiz tinha virado do avesso, como fazia às vezes, e tudo era horrível. Os rostos na multidão pareciam tensos e famintos, como se todos tivessem suas tarefas pessoais desesperadas para dar conta e a luz das vitrines das lojas era fria e maligna, e todas as coisas atrás do vidro estavam lá apenas para dizer a ela que não poderia tê-las. Havia uma voz em algum lugar, uma voz de criança brava juntando obscenidades numa infindável corrente sem propósito; quando se deu conta de quem era, parou com isso.

Seu braço esquerdo estava frio. Olhou para baixo e viu que a manga tinha desaparecido, a costura lateral aberta até a cintura. Tirou o casaco e enrolou-o sobre os ombros como uma capa; talvez isso a tornasse mais difícil de notar.

Apoiou suas costas contra o poste enquanto o wiz rolava por cima dela numa onda de adrenalina tardia; seus joelhos começaram a ceder e pensou que iria desmaiar, mas então o wiz fez uma das suas e ela estava agachada na luz do pôr do sol de verão no pátio do velho, a terra cinzenta e arenosa riscada com as linhas de um jogo que a tinha entretido, mas agora estava apenas acocorada lá, largada, olhando para além dos volumosos tanques, para onde vaga-lumes pulsavam num arbusto de amoras sobre um velho chassis retorcido. Atrás dela havia luz vinda da casa e podia sentir o cheiro do pão de milho sendo assado e do café que ele fervia e requentava várias vezes lá dentro, até que uma colher pudesse se sustentar dentro dele, dizia ele, e ele estaria lá lendo um de seus livros, folhas marrons quebradiças, nunca uma página com um canto, ele os mantinha em sacos de plástico esgarçados e, às vezes, se transformavam em pó em suas mãos, mas se encontrasse alguma coisa que queria guardar, tirava uma copiadora de bolso da gaveta, encaixava as pilhas e passava na página. Ela gostava de ver as cópias saírem, novinhas, com seu cheiro especial que sumia com o tempo, mas ele nunca a deixava usar a copiadora. Às vezes ele lia em voz alta, uma certa hesitação na voz, como alguém

tentando tocar um instrumento depois de um longo tempo sem praticar. Não eram histórias o que ele lia, não do tipo que tinha um final ou uma piada. Eram como janelas para algo muito estranho; ele nunca tentava explicar nada daquilo, provavelmente nem ele entendia, talvez ninguém entendesse...

Então a rua voltou, dura e brilhante.

Ela esfregou os olhos e tossiu.

12

ANTÁRTICA COMEÇA AQUI

– Já estou pronta – disse Piper Hill, olhos fechados, sentada no carpete numa vaga aproximação da posição de lótus. – Toque a colcha com sua mão esquerda. – Oito cabos finos saíam dos soquetes atrás das orelhas de Piper, encaixando-se no instrumento que estava atravessado sobre suas coxas bronzeadas.

Angie, enrolada num roupão branco, encarou a técnica loira do canto da cama, a unidade de teste preta cobrindo sua testa como uma venda erguida. Seguiu as instruções, correndo as pontas dos dedos levemente através da seda e do linho crus da colcha da cama.

– Bom – disse Piper, mais para ela mesma do que para Angie, tocando alguma coisa no painel. – De novo. – Angie sentiu o tecido engrossar sob seus dedos.

– De novo. – Outro ajuste.

Podia distinguir as fibras individualmente agora, separar a seda do linho...

– De novo.

Seus nervos gritavam enquanto as pontas esfoladas de seus dedos arranhavam palha de aço, vidro moído...

– Ótimo – disse Piper, abrindo seus olhos azuis. Tirou um frasquinho de marfim da manga de seu quimono, retirou a rolha, passou o frasco para Angie.

Fechando os olhos, Angie aspirou cautelosamente. Nada.

– De novo.

Algo floral. Violetas?

– De novo.

Sua cabeça foi inundada por um odor nauseante de estufa.

– Olfato ok – disse Piper, enquanto o cheiro sufocante desaparecia.

– Não notei. – Abriu os olhos. Piper estava oferecendo para ela um pequeno disco de papel branco. – Contanto que não seja peixe – disse Angie, lambendo a ponta do dedo. Tocou o pedaço de papel, ergueu o dedo em direção à língua. Um dos testes de Piper tinha feito Angie ficar longe de frutos do mar por um mês.

– Não é peixe – disse Piper, sorrindo. Mantinha o cabelo curto, um capacete pequeno e conciso, que acentuava o brilho do grafite dos soquetes inseridos atrás de cada orelha. Joana D'Arc de silício, disse Porphyre, e a verdadeira paixão de Piper parecia ser seu trabalho. Era a técnica pessoal de Angie, reconhecida como a melhor da Net.

Caramelo...

– Quem mais está aqui, Piper? – Tendo terminado o Usher, Piper estava fechando seu equipamento numa valise de nylon.

Angie tinha ouvido um helicóptero chegar uma hora antes; havia ouvido risadas, passos no terraço, enquanto o sonho retrocedia. Tinha abandonado sua tentativa usual de inventariar seu sonho – se é que podia chamar aquilo de sono, as memórias dos outros entrando, preenchendo-a, depois se esvaindo para níveis que não podia alcançar, deixando essas imagens residuais...

– Raebel – disse Piper –, Lomas, Hickman, Ng, Porphyre, o Pope.

– Robin?

– Não.

– Continuidade – disse ela, no chuveiro.

– Bom dia, Angie.

– O toroide de Freeside. Quem é o dono?

– O toroide foi rebatizado de Mustique II pelos novos donos, Julianna Group e Carribbana Orbital.

– Quem era o dono quando Tally gravou lá?

– Tessier-Ashpool S.A.

– Quero saber mais sobre a Tessier-Ashpool.

– Antártica começa aqui.

Ela olhou fixamente, através do vapor, para o círculo branco do alto-falante. – O que você disse?

– *Antártica começa aqui* é um videoanálise em duas horas da família Tessier-Ashpool, dirigido por Hans Becker, Angie.

– Você tem?

– Claro. David Pope acessou-o recentemente. Ficou bastante impressionado.

– Mesmo? E quando foi isso?

– Na última segunda-feira.

– Vou assistir hoje à noite, então.

– Feito. Isso é tudo?

– Sim.

– Tchau, Angie.

David Pope. Seu diretor. Porphyre disse que Robin estava contando às pessoas que ela ouvia vozes. Será que tinha falado com o Pope? Tocou o painel de cerâmica, o jato ficou mais quente. Por que Pope estava interessado na Tessier-Ashpool? Tocou o painel novamente e ficou sem fôlego debaixo de agulhas de uma água repentinamente gelada.

De dentro para fora, de fora para dentro, as formas daquela outra paisagem chegavam cedo, cedo demais...

Porphyre estava postado perto da janela quando ela entrou na sala, um guerreiro masai num sarongue de couro e crepe de seda negros, com enchimento nos ombros, e um sarongue de couro preto. Os outros comemoraram quando a viram e Porphyre virou-se, sorrindo.

– Pegou-nos de surpresa – disse Rick Raebel, espalhado no sofá claro. Ele cuidava de efeitos e edição. – Hilton achou que você iria querer mais tempo de folga.

– Nos trouxeram de toda parte, querida – complementou Kelly Hickman. – Eu estava em Bremen e o Pope estava literalmente em órbita, em total modo artístico, não é, David? – Ele olhou para o diretor, buscando uma confirmação.

Pope, que estava sentado numa das cadeiras Luís XVI virada de costas, seus braços cruzados no topo frágil da cadeira, deu um sorriso cansado, o cabelo escuro pendendo sobre seu rosto magro.

Quando a agenda de Angie permitia, Pope fazia documentários para Net/Knowledge. Logo depois de assinar com a Net, Angie participara anonimamente de uma das peças de arte minimalistas de Pope, um passeio interminável através de dunas de cetim rosa e manchado, sob um céu de aço ornamentado. Três meses depois, com sua carreira em plena ascensão, uma versão pirata da fita tornou-se um clássico underground.

Karen Lomas, que fazia os retoques de Angie, sorriu da cadeira à esquerda de Pope. À sua direita, Kelly Hickman, figurino, sentada no chão claro ao lado de Brian Ng, o contínuo e aprendiz de Piper.

– Bem – disse Angie –, estou de volta. Sinto muito ter deixado todos esperando, mas era algo que tinha de ser feito.

Houve um silêncio. Pequenos estalidos das cadeiras douradas. Brian Ng tossiu.

– Estamos felizes por você estar de volta – disse Piper, vindo da cozinha com uma xícara de café em cada mão.

Comemoraram novamente, mais retraídos desta vez, depois riram.

– Onde está Robin? – perguntou Angie.

– *Mistah* Lanier está em Londres. – disse Porphyre, as mãos nos quadris envoltos em couro.

– Deve chegar dentro em pouco – disse Pope secamente, levantando-se e aceitando um café de Piper.

– O que você estava fazendo em órbita, David? – perguntou Angie, pegando a outra xícara.

– Caçando solitários.

– Solidão?

– Solitários. Eremitas.

– Angie – disse Hickman, intrometendo-se –, você precisa ver a roupa de festa de cetim que Devicq mandou semana passada! E tenho todos os modelos da coleção de praia de Nakamura...

– Sim, Kelly, mas...

Pope, contudo, já tinha se virado para conversar com Raebel.

– Ei! – disse Hickman, irradiando entusiasmo. – Vamos lá! Vamos experimentar!

Pope passou a maior parte do dia com Piper, Karen Lomas e Raebel, discutindo os resultados do Usher e os intermináveis pormenores do que eles chamavam de reinserção de Angie. Depois do almoço, Brian Ng foi com ela ao exame físico, realizado numa clínica particular, num prédio espelhado em Beverly Boulevard.

Durante a espera, muito breve, na área de recepção branca e cheia de plantas – certamente uma espécie de ritual, como se uma consulta médica que não envolvesse espera parecesse incompleta, sem autenticidade – Angie se pegou questionando, como tinha feito muitas vezes antes, por que o misterioso legado de seu pai, os veves que tinha desenhado em sua cabeça, nunca haviam sido detectados nesta ou em qualquer outra clínica.

Seu pai, Christopher Mitchell, tinha liderado o projeto hibridoma, que havia conferido à Maas Biolabs um verdadeiro monopólio na produção dos primeiros biochips. Turner, o homem que havia levado Angie para Nova York, tinha dado a ela uma espécie de dossiê sobre seu pai, um biosoft compilado por uma inteligência artificial de segurança da Maas. Ela acessou o dossiê quatro vezes ao longo de quatro ou cinco anos. Finalmente, numa noite de muita bebedeira na Grécia, atirou-o no mar, da balaustrada do iate de um industrial irlandês, após uma discussão com Bobby. Não se lembrava mais do motivo da briga, mas se lembrava muito bem da sensação mista de perda e de alívio quando o pequeno pedaço de memória bateu na água.

Talvez seu pai houvesse projetado seu trabalho artesanal de modo que ficasse invisível às varreduras dos neurotécnicos. Bobby tinha a sua própria teoria, uma que ela suspeitava estar mais próxima da verdade. Talvez Legba, o loa que Beauvior dizia ter um acesso praticamente ilimitado à matrix do ciberespaço, pudesse alterar o fluxo de dados enquanto era coletado pelos scanners, tornando os veves transparentes... Legba tinha, afinal, orquestrado sua estreia na indústria e a ascensão subsequente que a levou a eclipsar a carreira de quinze anos de Tally Isham como uma megaestrela da Net.

Contudo, já fazia tanto tempo desde que o loa a tinha cavalgado, e agora, Brigitte dissera, os veves tinham sido redesenhados...

– Hilton fez com que a Continuidade preparasse uma matéria para você hoje –, disse-lhe Ng, enquanto ela esperava.

– É?

– Sua declaração pública sobre a decisão de ir para a Jamaica, enaltecendo os métodos da clínica, falando sobre o perigo das drogas, seu entusiasmo renovado pelo trabalho, gratidão pelos seus fãs, imagens de arquivo da casa em Malibu...

A Continuidade era capaz de gerar imagens de vídeo de Angie, animá-las com padrões compilados a partir de seus stims. Assistir àquilo levava a uma leve vertigem, não completamente desagradável, uma das raras vezes em que ela foi capaz de compreender diretamente a sua fama.

Uma campainha soou por trás das plantas.

Retornando da cidade, ela encontrou um bufê contratado que estava preparando um churrasco no terraço.

Deitou-se no sofá, debaixo do Valmier, e ouviu o barulho do mar. Da cozinha, podia escutar Piper explicando os resultados do exame físico para Pope. Não havia necessidade, na verdade – ela tinha recebido o atestado de saúde mais limpo possível –, mas tanto Pope quanto Piper gostavam de detalhes.

Quando Piper e Raebel colocaram agasalhos e saíram para o terraço, onde permaneceram aquecendo as mãos sobre o carvão, Angie se encontrou sozinha na sala, com o diretor.

– Você ia me contar, David, o que você estava fazendo lá em cima, em órbita...

– Procurando por eremitas convictos. – Passou a mão pelos cabelos ondulados. – Tem a ver com algo que eu queria fazer ano passado, com comunidades voluntárias na África. O problema foi que, quando cheguei lá em cima, aprendi que qualquer um que vai tão longe, que verdadeiramente vive sozinho em órbita, em geral, quer permanecer assim.

– Você estava gravando, sozinho? Entrevistas?

– Não. Queria encontrar pessoas como aquelas e convencê-las a gravar segmentos próprios.

– Conseguiu?

– Não. Ouvi algumas histórias, contudo. Histórias ótimas. Um piloto de rebocador alega que havia crianças selvagens vivendo numa fábrica de remédios japonesa abandonada. Há todo um novo conjunto de relatos apócrifos por lá, na verdade – navios fantasmas, cidades perdidas... Há um pathos, uma qualidade única nisso, pensando bem. Quero dizer, cada pequeno pedaço está preso em órbita. Tudo aquilo foi feito pelo homem, conhecido, apropriado, mapeado. É como observar mitos se desenvolverem em um estacionamento. Mas creio que as pessoas precisam disso, não é?

– Sim – disse ela, pensando em Legba, em Mamman Brigitte, as mil velas...

– O que eu queria mesmo – disse ele – era ter conseguido chegar a Lady Jane. Uma história tão fantástica. Gótico puro.

– Lady Jane?

– Tessier-Ashpool. A família dela construiu o toroide de Freeside. Pioneiros na alta órbita. A Continuidade tem um vídeo maravilhoso... Dizem que ela matou o pai. É a última da linhagem. O dinheiro terminou anos atrás. Ela vendeu tudo, fez com que cortassem o lugar onde morava da ponta do eixo do fuso e o rebocassem para uma nova órbita.

Ela se sentou no sofá, os joelhos unidos, os dedos presos ao redor deles. O suor corria por sobre suas costelas.

– Você não conhece a história?

– Não – respondeu.

– Isto é um fato interessante em si mesmo, porque mostra o quão aptos eles eram em se manter na obscuridade. Usavam seu dinheiro para ficar fora dos noticiários. A mãe era Tessier, o pai Ashpool. Construíram Freeside quando não havia nada similar. Ficaram absurdamente ricos no processo. Provavelmente a segunda maior fortuna, bem perto de Josef Virek, quando Ashpool morreu. E, naturalmente, se tornaram fantasticamente esquisitos neste meio-tempo, tendo clonado seus filhos a torto e a direito...

– Isso soa... terrível. E você tentou, de fato tentou encontrá-la?

– Bem, fiz algumas investigações. A Continuidade conseguiu para mim este vídeo de Becker, e claro que sua órbita está registrada, mas não é bom aparecer se você não foi convidado, não é? Então

Hilton me achou e me disse para voltar para cá, para o trabalho... Você não está se sentindo bem?

– Sim, eu... acho que vou me trocar agora, colocar um agasalho.

Depois que comeram, quando o café estava sendo servido, ela pediu licença e disse boa-noite.

Porphyre seguiu-a até a base da escada. Tinha ficado perto dela durante a refeição, como se percebesse sua nova inquietação. Não, pensou ela, nada de novo; a velha, a constante, a mesma que sempre foi. Todas as coisas que a droga havia bloqueado.

– Se cuida, mocinha – disse, baixo demais para os outros ouvirem.

– Estou bem – respondeu. – Gente demais. Ainda não estou acostumada com isso.

Ele ficou quieto, olhando para ela, o brilho de brasas morrendo por trás de seu crânio elegantemente trabalhado e sutilmente inumano, até que ela se virou e subiu as escadas.

Ouviu o helicóptero vir buscá-los uma hora mais tarde.

– Casa – disse ela –, vou ver o vídeo da Continuidade agora.

Enquanto o telão descia, abriu a porta do quarto e ficou, por um momento, ao pé da escada, ouvindo os sons da casa vazia. Barulho do mar, o zunido da máquina de lavar louça, o vento batendo nas janelas que ficavam em frente ao terraço.

Ela se virou para a tela e tremeu diante do rosto que viu numa imagem congelada, uma tomada granulada em close: sobrancelhas arqueadas sobre olhos escuros, maçã do rosto alta e frágil e uma boca larga e determinada. A imagem se expandiu continuamente, para dentro da escuridão de um olho, tela negra, um ponto branco, crescendo, se ampliando, tornando-se o estreito fuso de Freeside. Os créditos começaram a aparecer em alemão.

– Hans Becker – a casa começou, recitando a crítica introdutória da biblioteca da Net –, um artista de vídeo austríaco cuja marca registrada é uma obsessiva interrogação de campos rigidamente delimitados de informação visual. Suas abordagens vão da montagem clássica a técnicas emprestadas da espionagem industrial, imagens de espaço profundo e kino-arqueologia. *Antártica começa aqui*, seu exame das imagens da família Tessier-Ashpool,

continua sendo o ponto mais alto de sua carreira. O clã de industriais patologicamente avessos à mídia, operando da privacidade total de seu lar orbital, era um desafio notável.

O branco do fuso preencheu a tela enquanto o crédito final sumia. Uma imagem foi deslocada até o centro da tela, um instantâneo de uma jovem em roupas escuras e largas, o plano de fundo indistinto. MARIE-FRANCE TESSIER, MARROCOS.

Este não era o rosto na tomada de abertura, o rosto de memória invasiva, ainda assim parecia prometer isso, como se uma imagem larval se ocultasse sob a superfície.

A trilha sonora tecia filamentos atonais, em meio a camadas de estática e vozes indistintas, enquanto a imagem de Marie-France era substituída por um retrato monocromático de um jovem num colarinho engomado. Tinha um rosto bonito, finamente proporcional, mas muito duro em algum aspecto; em seus olhos, tédio infinito. JOHN HARNESS ASHPOOL, OXFORD.

Sim, pensou ela, *e encontrei você muitas vezes. Conheço sua história, apesar de não me permitirem tocar nela*.

Mas eu realmente acho que não gosto nem um pouquinho de você, não é, mister Ashpool?

13

PASSARELA

A passarela vergou e oscilou. A maca era larga demais para o corrimão da passagem; tiveram que levantá-la à altura do peito enquanto avançavam lentamente. Gentry ia na frente, suas mãos enfiadas em luvas segurando firme as braçadeiras de cada lado dos pés do adormecido. Slick ficou com a extremidade mais pesada, a cabeça, com as baterias e todo o equipamento; podia sentir Cherry logo atrás dele. Queria dizer para ela voltar, que era melhor não sobrecarregar a passarela com o peso dela, mas não conseguia.

Entregar a Gentry o pacote de drogas de Kid Afrika tinha sido um erro. Não sabia o que havia no derma que Gentry havia aplicado; não sabia o que já estava fluindo pela corrente sanguínea de Gentry, para começar. Seja lá o que fosse, Gentry tinha pirado completamente e agora estavam ali, na porra da passarela, vinte metros acima do chão de concreto da Fábrica, e Slick estava prestes a chorar de frustração, prestes a gritar; queria quebrar alguma coisa, qualquer coisa, mas não podia soltar a maca.

E o *sorriso* do Gentry, iluminado pelo brilho do bioindicador grudado no pé da maca, enquanto Gentry dava outro passo para trás na passarela...

– Ei, cara – disse Cherry, com uma voz de garotinha –, isto aqui é uma grande ideia de merda...

Gentry deu um puxão repentino e impaciente na maca e Slick quase soltou o seu lado.

– Gentry – disse Slick – é melhor você pensar bem sobre isso.

Gentry havia tirado as luvas. Segurava um par de conectores ópticos em cada mão e Slick podia ver os encaixes do splitter

vibrarem.

– Cara, Kid Afrika é barra-pesada, Gentry. Você não sabe no que está se metendo, está se metendo no caminho dele. – Aquilo não era estritamente verdade, já que Kid, até onde Slick sabia, era esperto demais para valorizar a vingança. Mas quem, diabos, sabia o que Gentry iria fazer?

– Não estou me metendo com nada – disse Gentry, se aproximando da maca com os conectores.

– Escuta, cara – disse Cherry –, se interromper o input dele, talvez você o mate; o sistema nervoso autônomo do cara vai pro espaço. Por que você não para isso? – perguntou para Slick. – Por que não dá um chute no cara?

Slick esfregou os olhos. – Porque... não sei. Porque ele... Olha, Gentry, ela está dizendo que isso pode até matar esse pobre coitado, se você tentar se conectar. Está ouvindo?

– "LF" – disse Gentry – foi o que ouvi. – Colocou os conectores entre os dentes e começou a mexer em uma das conexões na placa sem marcas, que ficava sobre a cabeça do adormecido. Suas mãos tinham parado de tremer.

– Merda – disse Cherry, se mordendo de nervoso. Gentry pegou a conexão com a mão. Enfiou um conector no lugar com a outra mão e começou a apertar. Sorriu, olhando para o outro conector. – Ah, foda-se – disse Cherry – estou fora dessa – mas não se moveu.

O homem na maca gemeu, uma vez, suavemente. O som fez com que os pelos dos braços de Slick se eriçassem.

A segunda conexão se soltou. Gentry inseriu o outro splitter e começou a firmar o encaixe.

Cherry foi rapidamente até o pé da maca, ajoelhou-se para checar o indicador. – Ele sentiu isso – disse ela, olhando para Gentry –, mas seus sinais parecem ok...

Gentry virou-se para seus consoles. Slick observou enquanto ele plugava os conectores no lugar. Talvez, pensou, aquilo fosse funcionar; Gentry iria chapar logo e teriam que deixar a maca lá em cima até que Little Bird e Cherry o ajudassem a levá-la de volta pela passarela. Gentry estava tão doidão que talvez ele devesse tentar pegar as drogas de volta, algumas delas ao menos, ver se as coisas voltavam ao normal...

– Só posso acreditar – disse Gentry – que isto estava predeterminado. Prefigurado pela forma do meu trabalho preliminar. Eu não seria tolo de achar que entendo como isso ocorreu, mas não é nosso papel questionarmos as razões, não é, Slick Henry? – Digitou uma sequência num de seus teclados. – Alguma vez já considerou a relação entre paranoia clínica e o fenômeno da conversão religiosa?

– Do que ele está falando? – perguntou Cherry.

Slick sacudiu a cabeça, de mau humor. Se dissesse alguma coisa, só iria piorar a loucura de Gentry.

Gentry se dirigiu à enorme unidade de visualização, a mesa de projeção. – Há mundos dentro dos mundos – disse ele. – Macrocosmo, microcosmo. Esta noite, carregamos um universo inteiro através de uma ponte e o que está acima é como o que está abaixo... Era óbvio, é claro, que tais coisas devessem existir, mas jamais ousei ter qualquer esperança...

Deu uma olhada tímida para eles por sobre o ombro. – E agora – disse ele –, veremos a forma deste pequeno universo pelo qual nosso hóspede está viajando. E nessa forma, Slick Henry, eu verei...

Ele apertou o botão de força no canto da mesa holográfica. E gritou.

14

BRINQUEDOS

– Aqui está uma coisa adorável – disse Petal, tocando um cubo de madeira do tamanho da cabeça de Kumiko. – Batalha da Inglaterra. – Uma luz cintilava sobre o objeto e, quando Kumiko se inclinou para a frente, viu aquela pequena aeronave fazer um loop e mergulhar, em câmera lenta, sobre uma mancha acinzentada de Londres. – Eles as reconstituíram a partir dos filmes de guerra – disse ele –, câmeras sobre as metralhadoras. – Ela espiou e viu flashes, praticamente microscópicos, do fogo antiaéreo do estuário do Tâmisa. – Foi feito para o Centenário.

Estavam na sala de bilhar de Swain, no térreo do número 16, nos fundos. Havia um fraco odor de mofo, um eco de cheiro de pub. A arrumação e a limpeza de toda a propriedade de Swain eram temperadas, aqui, por uma requintada deterioração: havia poltronas cobertas com couro arranhado, peças de mobília pesada e escura, o verde opaco da mesa de bilhar... As estantes de aço preto, cheias de equipamento para entretenimento, tinham feito que Petal a levasse até lá, antes do chá, em seus chinelos de pano com as costuras aparecendo, para mostrar os brinquedos disponíveis.

– Que guerra foi esta?

– A penúltima – disse ele, movendo-se para uma unidade semelhante, porém maior, que mostrava hologramas de duas garotas lutando boxe tailandês. A sola calejada do pé de uma, contra a barriga magra da outra, tensionada para levar o golpe. Ele tocou um botão e a projeção sumiu.

Kumiko olhou novamente para a Batalha da Inglaterra e seus mosquitos em chamas.

– Todos os tipos de arquivos de jogos – disse Petal, abrindo uma valise de couro que guardava centenas de gravações.

Mostrou meia dúzia de equipamentos; depois, coçou sua cabeça lisa enquanto procurava por um canal de notícias japonês. Encontrou-o, finalmente, mas não pôde cortar a tradução automática do programa. Assistiu com ela, enquanto um grupo de estagiários executivos da Ono-Sendai escondia seus rostos numa emotiva cerimônia de graduação. – Por que estão fazendo isso? – perguntou ele.

– Estão demonstrando lealdade a seu zaibatsu.

– Certo – disse ele. Espanou a unidade de vídeo com um espanador de penas. – É quase hora do chá. – Saiu da sala. Kumiko desligou o áudio. Sally Shears não tinha aparecido no café da manhã, nem Swain.

Cortinas verde-musgo escondiam outro conjunto de janelas altas, que davam para o mesmo jardim. Olhou para fora, para um relógio de sol coberto pela neve, depois deixou a cortina fechar-se. (O telão silencioso mostrava imagens de um acidente em Tóquio, médicos com roupas metálicas serravam vítimas apáticas de um amontoado de aço retorcido.) Um armário vitoriano estava encostado na parede oposta, com pés esculpidos que lembravam abacaxis. O buraco da fechadura, enfeitado por marfim amarelado em forma de diamante, estava vazio, e quando mexeu nas portas, elas se abriram, exalando um odor químico de cera antiga. Olhou fixamente para a mandala branca e preta no fundo do armário até que ela se tornou o que era, um alvo de dardos. A madeira lustrosa atrás dele estava marcada e esburacada; alguns jogadores erravam completamente o alvo, concluiu. A metade mais baixa do armário tinha algumas gavetas, cada uma com um pequeno puxador de bronze e um buraco de fechadura em miniatura ornado por marfim. Ajoelhou-se em frente a eles, deu uma espiada na direção da porta (o telão mostrando os lábios de uma cantora de cabaré de Shinjuku) e abriu a gaveta mais alta à direita, tão silenciosamente quanto possível. Estava cheia de dardos, soltos ou em estojos de couro. Fechou a gaveta e abriu outra à esquerda. Uma mariposa morta e um parafuso enferrujado. Havia uma única gaveta larga abaixo dessas duas primeiras; travou quando tentou abri-la e fez um barulho. Olhou para trás novamente

(imagens de arquivo do logo da Fuji Electric iluminando a baía de Tóquio), mas nenhum sinal de Petal.

Passou vários minutos folheando uma revista pornográfica, com texto em japonês, que parecia ter a ver, sobretudo, com a arte dos nós. Debaixo disso estava uma jaqueta empoeirada, feita de algodão preto lustroso, assim como um estojo de plástico com a palavra WALTER em alto-relevo ao redor de sua tampa. A pistola era fria e pesada; Kumiko podia ver seu rosto no metal azulado quando a ergueu de seu suporte em espuma cortada sob medida. Nunca havia segurado uma arma antes. A coronha de plástico cinza parecia enorme. Colocou-a de volta no estojo e leu, na diagonal, a seção japonesa de um folheto com instruções em várias línguas. Era uma arma de ar comprimido; bombeava-se a alavanca abaixo do cabo da arma. Disparava bolinhas muito pequenas de chumbo. Outro brinquedo. Recolocou os conteúdos na gaveta e fechou-a.

As outras gavetas estavam vazias. Fechou a porta do armário e voltou para a Batalha da Inglaterra.

– Não – disse Petal –, desculpe, mas não dá.

Estava espalhando creme Devon num bolinho, a faca pesada vitoriana como um brinquedo de criança em seus dedos grossos. – Experimente o creme – disse ele, abaixando sua enorme cabeça e dirigindo-se a ela, candidamente, por sobre seus óculos.

Kumiko limpou um pouco de marmelada de seu lábio superior com um guardanapo de linho. – Você imagina que eu vá tentar fugir?

– Fugir? Está pensando nisso, em fugir? – Ele comeu o bolinho, mastigou calmamente e deu uma olhada para o jardim, onde neve fresca estava caindo.

– Não – disse ela. – Não tenho intenção de fugir.

– Bom – respondeu, dando outra mordida.

– Estou em perigo, na rua?

– Deus, não – disse ele, com uma espécie de jovialidade intencional –, você está completamente segura.

– Eu quero sair.

– Não.

– Mas saio com a Sally.

– Sim, ela é da pesada, sua Sally.

– Não entendo essa expressão.

– Nada de sair sozinha. Está em nosso acordo com seu pai, entende? Você está a salvo lá fora com a Sally, mas ela não está aqui. Ninguém está propenso a incomodar você de qualquer jeito, mas por que arriscar? Eu mesmo ficaria muito feliz, entenda bem, muito contente em levá-la para passear, só que estou aqui de plantão, caso Swain receba visitas. Então, não posso. É uma pena, realmente é. – Parecia tão genuinamente triste que ela pensou em desistir. – Quer mais uma torrada? – perguntou, gesticulando em direção ao prato dela.

– Não, obrigada. – Largou o guardanapo. – Estava muito bom – acrescentou.

– Da próxima vez você deveria experimentar o creme – disse ele. – Impossível encontrá-lo depois da guerra. Veio uma chuva da Alemanha e as vacas nunca mais foram as mesmas.

– Swain está aqui agora, Petal?

– Não.

– Eu nunca o vejo.

– Tem estado por aí. Negócios. Funciona em ciclos. Logo estarão todos aqui, e ele estará no comando de novo.

– Quem, Petal?

– Homens de negócios, como você diria.

– *Kuromaku* – disse ela.

– Como?

– Nada – respondeu.

Ela passou a tarde sozinha na sala de bilhar, encolhida numa poltrona de couro, vendo a neve cair sobre o jardim e o relógio de sol tornar-se uma elevação branca sem sinais distintivos. Imaginou sua mãe ali, envolta em peles escuras, sozinha no jardim, enquanto a neve caía, uma princesa-bailarina que se afogou na noite, nas águas de Sumida.

Levantou-se, tremeu de frio, contornou a mesa de bilhar até a lareira de mármore, onde a chama de gás assobiava debaixo do carvão que nunca seria consumido.

15

CAMINHO PRATEADO

Ela teve uma amiga em Cleveland, a Lanette, que lhe ensinou muitas coisas. Como sair rápido de um carro se um cliente tentasse trancar as portas, como agir ao fazer uma compra. Lanette era um pouco mais velha e usava sobretudo wiz, “para mudar a viagem”, já que estava frequentemente viajando em várias coisas, de análogos de endorfina até o velho ópio do Tennessee. Quando não estava nas drogas, dizia que ficava sentada doze horas num canto, em frente ao vídeo, assistindo qualquer porcaria. Quando o wiz adicionava mobilidade à invulnerabilidade calorosa de uma boa viagem, dizia ela, você realmente entrava numas. Mas Mona tinha percebido que as pessoas que estavam seriamente viciadas passavam muito tempo vomitando e não podia entender por que alguém assistiria a um vídeo se havia um stim por perto. (Lanette disse que simstim era só mais daquilo que ela queria evitar.)

Pensou em Lanette porque ela lhe dava conselhos de vez em quando – por exemplo, como virar do avesso uma noite ruim. Esta noite, pensou, Lanette lhe diria para procurar um bar e uma boa companhia. Ainda tinha dinheiro da última noite de trabalho na Flórida, então era uma questão de encontrar um lugar que aceitasse dinheiro vivo.

Acertou de primeira. Um bom sinal. Descendo uma escadaria estreita de concreto, para dentro de um murmúrio esfumaçado de conversa e para o som abafado de “White Diamonds”, de Shabu. Não era um lugar frequentado por figurões, mas também não era o que os cafetões de Cleveland chamavam de “ponto”. Não estava

nem um pouco interessada em ir beber num ponto, não naquela noite.

Alguém se levantou do bar e saiu enquanto ela estava entrando; Mona se apressou e pegou um banco com o assento ainda quente, um segundo sinal.

O bartender deu um sorriso curto e acenou com a cabeça quando ela lhe mostrou uma das notas, então pediu uma dose de bourbon e uma cerveja: era o que Eddy sempre pedia quando ele mesmo pagava. Se outra pessoa estivesse pagando, pedia coquetéis que o bartender não saberia fazer, então passava um longo tempo explicando exatamente como preparar a bebida. Depois experimentava e reclamava que não estava tão bom quanto os que faziam em L.A. ou em Cingapura ou qualquer outro lugar onde ela sabia que ele nunca havia estado.

O bourbon era estranho, um pouco amargo mas realmente bom, depois de se acostumar com ele. Disse isso ao bartender, que lhe perguntou onde costumava beber. Respondeu Cleveland e ele assentiu. Aquilo era álcool etílico ou alguma outra porcaria que supostamente lembrava bourbon, ele disse. Quando disse a ele quanto dinheiro ainda restava, ela sacou que o bourbon do Sprawl era algo muito caro. Estava funcionando, contudo, levando embora a sensação ruim, então ela bebeu o resto e começou a tomar a cerveja.

Lanette gostava de bares mas nunca bebia, apenas Coca-Cola ou algo assim. Mona sempre se lembrava de um dia em que tomou dois cristais ao mesmo tempo, o que Lanette chamava de dose de duas pedras, e tinha ouvido uma voz dentro de sua cabeça, bem nítida, como se alguém estivesse na sala: *Está se movendo tão rápido que está parado*. E Lanette, que tinha dissolvido uma pitada de Memphis negro, uma hora antes, numa xícara de chá chinês, tomou meio cristal e daí elas saíram para caminhar, fantasmas vagando pelas ruas molhadas, juntas no que parecia, para Mona, como uma harmonia perfeita, em que não era necessário falar. E aquela voz estava certa, não havia tensão naquele fluxo rápido, nenhum nervosismo trincado, apenas a sensação de alguma coisa, talvez a própria Mona, se expandindo a partir de um centro imóvel. Elas encontraram um parque, jardins planos encharcados de poças

prateadas, e caminharam por todas as trilhas, e Mona tinha um nome para esta memória: o Caminho Prateado.

E, pouco tempo depois disso, Lanette simplesmente sumiu, ninguém mais a viu, e alguns diziam que tinha ido para a Califórnia, alguns falavam no Japão e outros diziam que ela teve uma overdose e foi jogada de uma janela, o que Eddy chamava de mergulho seco, mas não era o tipo de coisa em que Mona queria pensar, então sentou-se bem ereta e olhou ao redor, e, sim, aquele era um lugar legal, pequeno o suficiente para que as pessoas ficassem meio amontoadas, mas era bom. Era o que Eddy chamava de um pessoal artístico, gente que tinha algum dinheiro mas se vestia como se não tivesse, exceto que as roupas se ajustavam perfeitamente e estava na cara que eram novas.

Havia um vídeo atrás do bar, sobre as garrafas, e ela viu Angie, olhando direto para a câmera e dizendo alguma coisa, mas o som estava muito baixo para se ouvir em meio ao barulho das pessoas. Então apareceu uma cena filmada do alto, mostrando, embaixo, uma série de casas em frente a uma praia, daí Angie estava de volta, rindo e sacudindo os cabelos e dando aquele sorriso meio triste para a câmera.

– Ei – disse ao bartender – é a Angie.

– Quem?

– Angie – disse Mona, apontando para a tela.

– É – respondeu – ela se meteu com alguma droga de designer e decidiu sair fora; depois, foi para a América do Sul, ou algum lugar desses, e pagou alguns milhões para que a deixassem limpa.

– Ela não pode estar se drogando.

O barman olhou para ela. – Se você diz...

– Mas como ela poderia sequer começar a tomar algo? Quero dizer, é a Angie, certo?

– Isso faz parte.

– Mas olhe pra ela – protestou –, é tão linda... – Mas Angie desapareceu, substituída por um tenista negro.

– Você acha que aquela é ela? Aquilo é só uma cabeça falante.

– Cabeça?

– Como uma marionete – disse uma voz atrás dela, e ela virou-se o bastante para ver um tufo de cabelo loiro e um grande sorriso

branco. – Marionete – e ergueu a mão, mexendo os dedos –, sabe?

Sentiu o bartender largar a conversa, dirigindo-se para o outro lado do bar. O sorriso branco se expandiu. – Para ela não ter que fazer tudo aquilo sozinha, sacou?

Ela retribuiu o sorriso. Bonitinho, olhos espertos e uma aura secreta que era, justamente, o sinal que queria receber. Não era um figurão, um cliente. Meio magrinho, mas poderia ser bom naquela noite, e o jeito sorridente de sua boca combinava de modo estranho com os olhos espertos e brilhantes.

– Michael.

– Hã?

– Meu nome. Michael.

– Ah. Mona. Eu sou Mona.

– De onde você é, Mona?

– Flórida.

E Lanette não teria dito para ir fundo?

Eddy odiava o povo artístico: não compravam o que ele tinha para vender. Teria odiado Michael ainda mais, porque Michael tinha um emprego e um loft num prédio comercial. Ou pelo menos ele tinha dito que era um loft, mas quando chegaram lá era menor do que Mona pensava que um loft deveria ser. O prédio era velho, uma fábrica ou algo assim; algumas das paredes eram de tijolos aparentes e o teto era forrado de madeira. Mas o espaço todo havia sido dividido em espaços como o de Michael, um quarto não muito maior do que aquele do hotel, com uma área para dormir num lado e uma cozinha e um banheiro no outro. Isto ficava no andar de cima, contudo, então o teto era basicamente uma claraboia; talvez isto fizesse do lugar um loft. Havia uma corrediça horizontal de papel vermelho cobrindo a claraboia, presa a cordas e roldanas, como uma enorme pipa. O lugar estava meio bagunçado, porém as coisas espalhadas eram todas novas: algumas cadeiras de metal brancas com assentos feitos de trama de plástico claro, uma pilha de módulos de entretenimento, uma estação de trabalho e um sofá de couro prateado.

Começaram no sofá, mas ela não gostou do jeito que sua pele grudava nele, então se mudaram para a cama, a que ficava na

alcova.

Foi quando ela viu o equipamento de gravação para stim; estava em prateleiras brancas na parede. Mas o wiz tinha voltado e, de qualquer modo, se você decidiu entrar nessa, vai até o fim. Ele a colocou no captador, uma coleira de borracha preta com protuberâncias terminando em trodos que pressionavam a base de seu crânio. Sem fio; ela sabia que aquilo era caro.

Enquanto ele estava instalando seu próprio set e verificando o equipamento nas paredes, falou sobre seu emprego, disse que trabalhava para uma empresa em Memphis que criava nomes para novas empresas. Agora mesmo, ele estava tentando pensar num nome para uma empresa chamada Cathode Cathay. Os caras estão precisando mesmo de um novo nome, disse ele, rindo, mas depois continuou e disse que não era fácil. Porque já havia empresas demais e todos os nomes bacanas já tinham sido usados. Ele tinha um computador que sabia todos os nomes de todas as empresas e um outro que criava palavras que podiam ser usadas para nomes, e um outro que verificava se as palavras inventadas significavam “cuzão”, ou algo no gênero, em chinês ou sueco. Mas a empresa para a qual trabalhava não vendia apenas nomes, vendia o que ele chamou de imagem, então ele tinha que trabalhar com um monte de outras pessoas para saber se o nome criado combinava com o resto do pacote.

Deitou-se na cama com ela e não foi lá muito bom, como se a diversão tivesse ido embora e ele podia muito bem ser um cliente, do jeito que ela ficou deitada lá pensando que ele estava gravando tudo para ver de novo quando quisesse, e quantas outras já tinha gravado?

A seguir, ela se deitou ao lado dele, depois, ouvindo o cara respirar, até que o wiz começou a girar em círculos pequenos na base de seu crânio, passando a mesma sequência de imagens desconexas repetidamente: a sacola de plástico que tinha usado para guardar as suas coisas na Flórida, com seu arame torcido para manter os insetos longe – o velho sentado na mesa de compensado, descascando uma batata com uma faca de açougueiro velha – um restaurante de frutos do mar em Cleveland que tinha o formato de um camarão ou algo semelhante, a couraça

de suas costas arqueadas feitas de metal laminado e plástico transparente, pintada em rosa e laranja – o pregador que tinha visto quando foi comprar roupas novas, ele e seu Jesus fora de foco. Cada vez que o pregador retornava, estava a ponto de dizer algo, mas nunca dizia. Ela sabia que isso não pararia, a não ser que se levantasse e fixasse a cabeça em outra coisa. Rastejou para fora da cama e ficou olhando para Michael no brilho cinzento da claraboia. O Final dos Tempos. O Final dos Tempos está se aproximando…

Então se dirigiu à sala e colocou o vestido, porque estava com frio. Sentou-se no sofá prateado. A cortina vermelha transformou o cinza da claraboia em rosa, conforme foi ficando mais claro lá fora. Imaginou quanto custaria um lugar como aquele.

Agora que não podia vê-lo, era difícil se lembrar de como se parecia. *Bem*, pensou, *ele não terá problema algum em se lembrar de mim*, mas pensar nisso fez com que se sentisse abatida ou machucada ou usada, como se preferisse ter ficado no hotel com os stims da Angie.

A luz cinza e rosa estava preenchendo o lugar, inundando, começando a tomar conta dos cantos. Alguma coisa a fez lembrar Lanette e as histórias de que ela tinha morrido de overdose. Às vezes, as pessoas morriam de over na casa de alguém, e a maneira mais fácil de lidar com isso era jogá-las pela janela, porque a polícia não conseguia saber de onde tinham vindo.

Mas não ia pensar naquilo, então foi para a cozinha e vasculhou a geladeira e os armários. Havia um pacote de grãos de café no freezer, mas café dá uma tremedeira junto com o wiz. Havia vários pacotinhos laminados com rótulos japoneses, produtos desidratados e congelados. Encontrou um pacote de saquinhos de chá e tirou o lacre de uma das garrafas de água da geladeira. Colocou um pouco numa panela e remexeu o fogão até conseguir aquecê-la. Os bocais eram círculos impressos no balcão negro; era para colocar a panela no centro de um círculo e tocar um ponto vermelho impresso ao lado. Quando a água ficou quente, jogou um dos saquinhos de chá dentro e tirou a panela do fogão.

Debruçou-se sobre a panela, aspirando o vapor com aroma de ervas.

Nunca se esquecia de como Eddy era, quando ele não estava por perto. Talvez não fosse grande coisa, mas fosse como fosse, estava sempre por perto. É preciso ter um rosto por perto que não mude. Mas pensar em Eddy talvez não fosse uma boa ideia naquela hora. Logo daria o estalo, a onda acabaria e antes disso teria que pensar num jeito de voltar para o hotel e de repente tudo parecia complicado demais, coisas demais para fazer, fatos para acertar e aquilo era o estalo, quando você tinha que começar a se preocupar em colocar o dia em ordem de novo.

Achou que Prior não iria deixar que Eddy batesse nela, contudo, porque o que ele queria tinha algo a ver com sua aparência. Virou-se para pegar uma xícara.

Prior estava lá, usando um casaco preto. Ouviu a própria garganta fazer um barulhinho estranho e involuntário.

Já tinha visto muitas coisas antes, sob o efeito do wiz; se olhasse direito para elas, simplesmente desapareciam. Tentou fazer isso com Prior, mas não funcionou.

Ele ficou lá, parado, com uma espécie de arma de plástico nas mãos, sem apontar para ela, apenas segurando-a. Estava usando luvas como as que Gerald tinha usado para examiná-la. Não parecia irritado; porém, daquela vez, não estava sorrindo. E, por um bom tempo, não disse coisa alguma, nem Mona falou.

– Quem está aqui? – Como quem pergunta ao chegar numa festa.

– Michael.

– Onde?

Ela apontou na direção da cama.

– Pegue seus sapatos.

Ela passou por ele, saindo da cozinha, abaixando-se automaticamente para pegar sua lingerie no carpete. Seus sapatos estavam ao lado do sofá.

Ele a seguiu e a observou colocar os sapatos. Continuava segurando a arma. Com a outra mão, pegou a jaqueta de couro de Michael do sofá e jogou na direção dela. – Vista isso – disse. Ela vestiu e enfiou a lingerie num dos bolsos.

Ele pegou a capa de chuva branca e rasgada, dobrou-a e colocou dentro do bolso do casaco dele.

Michael estava roncando. Talvez acordasse logo para ver a gravação outra vez. Com o equipamento que tinha, na verdade não precisava de ninguém lá.

No corredor, observou Prior voltar a trancar a porta, com uma caixa cinza. A arma tinha desaparecido, mas não viu quando a guardou. A caixa tinha um pedaço de cabo vermelho saindo para fora e uma chave magnética de aparência comum na ponta.

Estava frio na rua. Ele a levou até a esquina e abriu a porta de um pequeno veículo branco de três rodas. Ela entrou. Ele se sentou no lado do motorista e tirou as luvas. Deu partida no carro; ela ficou olhando uma nuvem refletida na fachada espelhada de cobre de uma torre.

– Ele vai pensar que roubei isso – disse ela, olhando para a jaqueta.

Então, o wiz disparou uma última cartada, uma cascata despedaçada de sinapses neuronais: Cleveland na chuva e uma sensação boa que teve uma vez, caminhando.

Prata.

16

FILAMENTO NOS ESTRATOS

Sou seu público ideal, Hans – enquanto a gravação recomeçava pela segunda vez. *Como encontrar um espectador mais atento? E você realmente a capturou, Hans: eu sei porque sonho as memórias dela. Vejo como chegou perto*.

Sim, você os capturou. A viagem para fora, a construção de muros, a longa espiral interior. Gostavam de muros, não? O labirinto de sangue, de família. O dédalo pendurado sobre o vácuo, dizendo, *Nós somos aquilo dentro, aquilo fora é outro, aqui para sempre residiremos.* E a escuridão estava lá, desde o começo... Você a encontrou repetidamente nos olhos de Marie-France, imobilizou-a num zoom lento contra as órbitas sombreadas do crânio. Ela não demorou para impedir que sua imagem fosse gravada. Você trabalhou com o que tinha. Ajustou a imagem dela, girou-a através de planos de luz, planos de sombra, modelos gerados, mapeou seu crânio em redes de neon. Usou programas especiais para envelhecer as imagens, de acordo com modelos estatísticos, sistemas de animação fizeram viver sua Marie-France madura. Você reduziu a imagem dela a um vasto, porém finito, número de pontos e misturou-os, deixando que novas formas surgissem e escolhendo aquelas que pareciam lhe dizer algo... Então passou para os outros, para Ashpool e a filha cujo rosto emoldura seu trabalho, primeira e última imagem.

A segunda exibição solidificou a história da família para Angie, permitindo que reunisse os fragmentos de Becker numa linha do tempo que começava com casamento de Tessier e Ashpool, uma

união comentada, na época, principalmente na mídia financeira e corporativa. Cada um era herdeiro de mais do que um pequeno império: Tessier tinha uma fortuna de família, fundada sobre nove patentes básicas em bioquímica aplicada e Ashpool detinha uma enorme firma de engenharia, sediada em Melbourne, que levava o nome de seu pai. Era um casamento tanto quanto uma fusão, para os jornalistas, embora a entidade corporativa resultante fosse vista por muitos como inepta, uma quimera com duas cabeças radicalmente desiguais.

Mas então era possível ver, nas fotografias de Ashpool, o tédio desaparecendo, enquanto surgia, em seu lugar, uma completa certeza de propósito. O efeito era pouco lisonjeiro – na verdade, era amedrontador: o rosto duro e lindo tornava-se mais endurecido, cruel em sua intenção.

Um ano após seu casamento com Marie-France Tessier, Ashpool tinha se livrado de 90% das ações de sua firma, tendo reinvestido o dinheiro em propriedades orbitais e equipamentos para transporte espacial. Os frutos da união biológica, duas crianças, irmão e irmã, tinham sido trazidos ao mundo por barrigas de aluguel na *villa* de sua mãe em Biarritz.

Os Tessier-Ashpool ascenderam para o arquipélago de alta órbita e encontraram a eclíptica esparsamente demarcada por estações militares e as primeiras fábricas autômatas dos cartéis. Então começaram a construir. Suas riquezas combinadas, inicialmente, mal se igualavam ao investimento da Ono-Sendai em um único módulo de processos da operação orbital de semicondutores daquela multinacional, mas Marie-France demonstrou um inesperado tino para negócios, criando um paraíso de dados altamente lucrativo que atendia às necessidades de setores de reputação dúbia da comunidade bancária internacional. Isso, por sua vez, criava conexões com os bancos em si, e seus clientes. Ashpool fazia vultosos empréstimos e o muro de concreto lunar que se tornaria Freeside cresceu e curvou-se, enclausurando seus criadores.

Quando veio a guerra, os Tessier-Ashpool estavam atrás daquele muro. Assistiram Bonn piscar e sumir, depois Belgrado. A construção do fuso continuou com poucas interrupções sem

importância durante aquelas três semanas; mais tarde, durante a década caótica e atordoada que se seguiu, por vezes ficou mais difícil.

As crianças, Jean e Jane, estavam com eles agora, a *villa* em Biarritz tendo sido vendida para financiar a construção do depósito criogênico para a sua casa, a Villa Straylight. Os primeiros ocupantes do cofre foram dez pares de embriões congelados, 2Jean e 2Jane, 3Jean e 3Jane... Havia inúmeras leis proibindo ou, pelo menos, controlando a replicação artificial de material genético de um indivíduo, mas havia também inúmeras questões de jurisdição...

Ela congelou o replay e pediu que a casa voltasse à sequência anterior. Fotografias de outra unidade de armazenamento criogênico construída pelos fabricantes suíços do cofre da Tessier-Ashpool. A suposição de similaridade de Becker fora correta, ela sabia: aquelas portas circulares de vidro negro, ornamentadas por bordas cromadas, eram imagens centrais da memória da outra, potentes e totêmicas.

As imagens avançaram novamente, para a construção de estruturas no ambiente de gravidade zero na superfície interna do fuso, instalação de um sistema de energia solar Lado-Acheson, a implementação de atmosfera e gravidade rotacional... Becker havia se deparado com uma enormidade de material, horas de documentação detalhada e de alta qualidade. Sua resposta foi uma montagem selvagem e entrecortada que rasgava o lirismo superficial do material original, isolando os rostos tensos e exaustos dos operários em meio ao frenesi de maquinário, uma colmeia. Os jardins de Freeside cresceram e floresceram num estremecer em fast-forward de madrugadas gravadas e pôres do sol sintéticos; uma terra exuberante e lacrada, ornada com piscinas turquesa. Tessier e Ashpool emergiram para a cerimônia de inauguração, saindo de Straylight, sua área privada escondida na ponta da espiral, notadamente desinteressados, enquanto inspecionavam o país que haviam construído. Aqui, Becker diminui o ritmo e retoma a sua análise obsessiva. Esta seria a última vez em que Marie-France encarava uma câmera; Becker explorou os planos de seu rosto numa fuga torturada e prolongada, o movimento das imagens em

refinado contraponto com a linha sinuosa de feedback que curvava e açoitava em meio aos inconstantes níveis de estática de sua trilha sonora.

Angie pediu nova pausa, levantou-se da cama, foi para a janela. Sentiu uma elevação, um sentimento inesperado de força e unidade interna. Tinha se sentido deste modo sete anos antes, em Nova Jersey, quando descobriu que outros conheciam aqueles que apareciam em seus sonhos, e os denominavam loa, Cavaleiros Divinos, nomeavam-nos e convocavam-nos e negociavam com eles para obter seus favores.

Mesmo na época, havia confusões. Bobby argumentou que Linglessou, que cavalgava Beauvoir no oumphor, e o Linglessou da matrix eram entidades separadas, se é que o primeiro fosse mesmo uma entidade. – Eles têm feito isso por dez mil anos – dissera ele –, dançar e endoidar, mas essas coisas no ciberespaço só passaram a existir nos últimos sete, oito anos. – Bobby acreditava nos antigos cowboys, aqueles para quem pagava drinques no Gentlemen Loser sempre que a carreira de Angie o levava para o Sprawl, aqueles que insistiam que os loa eram recém-chegados. Os antigos cowboys se lembravam de um tempo em que coragem e talento eram os únicos fatores decisivos na carreira de um artista de console, ainda que Beauvoir tivesse respondido que era necessário exatamente o mesmo para lidar com os loa.

– Mas eles vêm até mim – rebateu ela. – Não preciso de um console.

– É o que você tem dentro da sua cabeça. O que o seu pai fez...

Bobby tinha dito a ela que havia um consenso geral, entre os cowboys mais velhos, de que houve um dia em que as coisas mudaram, embora ninguém concordasse sobre como e quando isso havia ocorrido.

Quando Isso Mudou, era como se referiam àquilo, e Bobby tinha levado para o Loser uma Angie disfarçada para ouvi-los, seguida por ansiosos seguranças da Net que não puderam cruzar a porta. O fato de terem barrado os seguranças havia impressionado Angie muito mais do que a conversa, na época. O Gentleman Loser tinha se tornado um bar de cowboys desde a guerra que vira nascer a

nova tecnologia, e não havia, em todo o Sprawl, um ambiente criminoso mais exclusivo – ainda que, quando Angie o visitou, essa exclusividade já houvesse há muito incluído um vago pressuposto de que os frequentadores assíduos estariam aposentados. Os garotos novos não vinham mais fazer negócios no Loser, mas alguns vinham escutar.

Agora, no quarto da casa em Malibu, Angie lembrou-se deles contando suas histórias de Quando Isso Mudou, consciente de que uma parte dela estava tentando combinar aquelas memórias, aquelas histórias, com sua própria história e a da Tessier-Ashpool.

3Jane era o filamento, Tessier-Ashpool os estratos, sua data de nascimento oficialmente registrada como a mesma de seus dezenove irmãos clones. O “interrogatório” de Becker tornou-se ainda mais acirrado quando 3Jane veio ao mundo em outro útero de aluguel, parto de cesariana na sala de cirurgia de Straylight. Os críticos concordaram: 3Jane era o estopim da obra de Becker. Após o nascimento de 3Jane, o foco do documentário mudava sutilmente, exibindo uma nova intensidade, um crescimento da obsessão – um sentido, como mais de um crítico tinha afirmado, de pecado.

3Jane tornou-se o foco, uma costura de ouro perverso no granito da família. *Não*, pensou Angie, *prata, pálida e iluminada pela lua*. Examinando a fotografia, tirada por um turista chinês, de 3Jane e suas duas irmãs à beira da piscina de um hotel em Freeside, Becker volta repetidamente aos olhos de 3Jane, suas clavículas afundadas, a fragilidade de seus pulsos. Fisicamente, as irmãs eram idênticas, mas ainda assim alguma coisa *informa* 3Jane, e a busca de Becker pela natureza desta informação se torna o impulso central do trabalho.

Freeside prospera à medida que o arquipélago se expande. Nodo bancário, bordel, paraíso de dados, território neutro para corporações em guerra, a espiral passa a desempenhar um papel cada vez mais complexo na história da alta órbita, enquanto a Tessier-Ashpool S.A. retrocede para trás de mais um muro, desta vez composto por corporações subsidiárias. O nome de Marie-France emerge brevemente, em conexão com um julgamento de patente em Genebra, relacionado a certos avanços no campo da inteligência

artificial, e o gigantesco financiamento da Tessier-Ashpool para pesquisas nessa área é revelado pela primeira vez. Novamente, a família demonstra sua habilidade peculiar para desaparecer de vista, ingressando num novo período de obscuridade, o qual só terminaria com a morte de Marie-France.

Houve rumores persistentes sobre assassinato, mas qualquer tentativa de investigação seria tragada pela riqueza e o isolamento da família, o alcance peculiar e a complexidade de suas conexões políticas e financeiras.

Angie, assistindo a Becker pela segunda vez, soube a identidade do assassino de Marie-France Tessier.

De madrugada, fez café na cozinha escura e sentou-se para observar a linha clara das ondas.

– Continuidade.

– Olá, Angie.

– Você sabe como encontrar Hans Becker?

– Tenho o número do agente dele em Paris.

– Ele fez alguma coisa desde *Antártica*?

– Não que eu saiba.

– Quanto tempo faz isso?

– Cinco anos.

– Obrigada.

– De nada, Angie.

– Tchau.

– Tchau, Angie.

Será que Becker havia presumido que 3Jane foi responsável pela morte de Ashpool? Ele parecia sugerir isso, de um jeito oblíquo.

– Continuidade.

– Olá, Angie.

– O folclore dos jóqueis de console, Continuidade. O que você sabe sobre isso? – *E o que Swift vai depreender disso tudo?*, perguntou-se.

– O que você gostaria de saber, Angie?

– “Quando Isso Mudou”...

– A forma mítica é geralmente encontrada em um de dois modos. Um modo pressupõe que a matrix do ciberespaço é habitada, ou

talvez visitada, por entidades cujas características correspondem à forma mítica de um “povo oculto”. O outro envolve hipóteses de onisciência, onipotência e incompreensibilidade de parte da própria matrix.

– Que a matrix é Deus?

– É um modo de dizer, embora fosse mais preciso, em termos da forma mítica, dizer que a matrix *tem* um Deus, já que a onipotência e onisciência deste ser supostamente se limitam à matrix.

– Se ele tem limites, não é onipotente.

– Exatamente. Note que a forma mítica não credita ao ser a imortalidade, como seria de esperar, habitualmente, no caso de sistemas de crenças baseadas num ser supremo, pelo menos no que diz respeito à sua cultura em particular. O ciberespaço existe, até onde podemos dizer que exista, em virtude da atividade humana.

– Como você.

– Sim.

Vagou pela sala, onde as cadeiras Luís XVI pareciam esqueletos na luz cinzenta, suas pernas esculpidas como ossos dourados.

– Se existisse tal ser – disse ela – você seria parte dele, não seria?

– Sim.

– Você saberia?

– Não necessariamente.

– Você *sabe*?

– Não.

– Você descarta tal possibilidade?

– Não.

– Você acha esta conversa estranha, Continuidade? – Seu rosto estava úmido com lágrimas, embora não as tivesse sentido surgir.

– Não.

– E como é que as histórias sobre... – hesitou, quase dizendo os loa –, sobre coisas na matrix, como elas se encaixam nesta ideia de ser supremo?

– Não se encaixam. Ambas são variantes de “Quando Isso Mudou”. Ambas têm origem muito recente.

– Quantos?

– Aproximadamente quinze anos.

17

JUMP CITY

Acordou com a palma fria de Sally pressionando a sua boca, a outra mão gesticulando, pedindo silêncio.

As pequenas luzes estavam ligadas, aquelas afixadas aos painéis do espelho salpicado de dourado. Uma de suas malas estava aberta, sobre a cama gigante, com uma pequena pilha de roupas bem arrumadas ao seu lado.

Sally tocou seu dedo indicador nos lábios fechados, depois fez um gesto em direção à mala e às roupas.

Kumiko deslizou para fora do edredom e enfiou um suéter, para se proteger do frio. Olhou para Sally novamente e pensou em dizer alguma coisa. Não importava o que fosse aquilo, pensou, apenas uma palavra faria com que Petal viesse. Estava vestida do mesmo jeito como Kumiko a tinha visto na última vez, usando a jaqueta de pelica, uma manta xadrez amarrada debaixo do queixo. Repetiu o gesto: faça as malas.

Kumiko vestiu-se apressadamente, depois começou a colocar as roupas na mala. Sally movia-se impaciente e silenciosamente pelo quarto, abrindo gavetas, fechando-as. Encontrou o passaporte de Kumiko, um pedaço de plástico preto ornamentado com um crisântemo dourado, e pendurou-o ao redor do pescoço de Kumiko com seu cordão de nylon preto. Sumiu dentro do cubículo embutido e apareceu com a frasqueira de toalete de Kumiko.

Enquanto Kumiko fechava a mala, o telefone de marfim começou a tocar.

Sally ignorou-o, pegou a mala da cama, abriu a porta, puxou Kumiko pela mão e levou-a para o corredor escuro. Soltando a mão,

Sally fechou a porta atrás delas, abafando o som do telefone e deixando-as em total escuridão. Kumiko deixou-se guiar até o elevador – sabia que era isso pelo cheiro de óleo e de cera para madeira, o ruído do portão de metal.

Depois desceram.

Petal estava esperando por elas no vestíbulo branco e claro, envolto num enorme robe de flanela. Estava usando suas pantufas gastas; suas pernas, abaixo da barra do robe, eram muito brancas. Segurava uma arma nas mãos, pequena e grossa, de um preto opaco. – Mas que diabos... – disse ele, suavemente, quando as viu – O que está acontecendo?

– Ela vai comigo – disse Sally.

– Isto – disse Petal, lentamente – é absolutamente impossível.

– Kumi – disse Sally, sua mãos nas costas de Kumiko, guiando-a para fora do elevador –, há um carro esperando.

– Você não pode fazer isso – disse Petal, mas Kumiko sentiu sua confusão, incerteza.

– Então me dá um tiro, Petal.

Petal baixou a arma. – É Swain quem vai atirar em mim, se te deixar sair.

– Se ele estivesse aqui, estaria com o mesmo problema, não é?

– Por favor – disse Petal –, não.

– Ela estará bem. Não se preocupe. Abra a porta.

– Sally – disse Kumiko –, para onde estamos indo?

– Para o Sprawl.

E acordou novamente, aconchegada sob a jaqueta de pelica de Sally, com a vibração suave do voo supersônico. Lembrou-se do enorme carro baixo, esperando por elas na alameda; holofotes saltando da fachada das casas de Swain, enquanto ela e Sally se aproximavam do asfalto; o rosto suado de Tick através de uma das janelas do carro; Sally abrindo uma porta, conduzindo-a para dentro; Tick praguejando continuamente em voz baixa, ao acelerar o carro; pneus gritando quando virou rápido demais na estrada de Kensington Park; Sally dizendo que fosse mais devagar, que deixasse o carro dirigir.

E, lá no carro, lembrou-se de ter recolocado a unidade Maas-Neotek no esconderijo, atrás do busto de mármore – Colin deixado para trás com toda a sua pose de espertalhão de gravura, os cotovelos de sua jaqueta desgastados como as pantufas de Petal – nada mais do que era, um fantasma.

– Quarenta minutos – disse Sally, da poltrona ao seu lado no avião. – Que bom que você dormiu. Vão trazer o café da manhã. Você se lembra do nome no seu passaporte? Ótimo. Agora, não me pergunte nada até que eu tome um pouco de café, ok?

Kumiko conhecia o Sprawl de milhares de stims; a fascinação com a vasta concentração urbana era um traço comum na cultura popular japonesa.

Ela tinha alguns conceitos preconcebidos da Inglaterra quando chegou lá: imagens vagas de várias construções famosas, impressões desfocadas de uma sociedade que a sua própria via como pitoresca e estagnada. (Nas histórias de sua mãe, a princesa-bailarina descobria que os ingleses, embora a admirassem, não poderiam pagar para que dançasse.) Londres, até então, tinha sido o oposto de suas expectativas, com sua energia, sua evidente riqueza, uma agitação similar à de Ginza em suas grandes ruas de comércio.

Também tinha muitas ideias preconcebidas sobre o Sprawl, a maior parte das quais foi estilhaçada poucas horas após a chegada.

Mas, enquanto esperava ao lado de Sally na fila com outros passageiros, numa vasta sala de alfândega, com um teto alto, cujas colunas erguiam-se até perderem-se na escuridão, uma escuridão quebrada em alguns pontos por globos de luz pálida – globos circundados, embora fosse inverno, por nuvens de insetos, como se o prédio possuísse seu próprio clima – era o Sprawl do stim que imaginava, o pano de fundo elétrico e sensual das vidas agitadas de Angela Mitchell e Robin Lanier.

Cruzando a alfândega – que consistia, apesar da interminável espera na fila, em passar seu passaporte por uma ranhura de metal com aparência oleosa – e entrando em um frenético salão de concreto, onde carrinhos de bagagem autômatos avançavam com

dificuldade entre a multidão que corria de um lado para outro e lutava por um transporte terrestre.

Alguém pegou sua mala. Inclinou-se e tirou-a de suas mãos com uma facilidade e confiança que sugeriam que estava lá para isso, que era um funcionário executando uma tarefa banal, como as moças fazendo mesuras de boas-vindas nas portas das lojas de departamento em Tóquio. E Sally deu um chute nele. Chutou-o atrás dos joelhos, girando graciosamente, como as lutadoras de boxe tailandês na sala de bilhar de Swain, agarrando a mala antes que a parte de trás da cabeça do homem e o concreto manchado se encontrassem com um estalo audível.

Em seguida, Sally puxava-a, a multidão tinha se fechado sobre a figura caída no chão e a violência casual e repentina poderia ter sido um sonho, exceto que Sally estava sorrindo pela primeira vez desde que partiram de Londres.

Sentindo-se inteiramente deslocada agora, Kumiko observava enquanto Sally fazia uma pesquisa sobre os veículos disponíveis, subornando rapidamente um despachante uniformizado, intimidando outros três possíveis passageiros e conduzindo Kumiko para dentro de um hovercraft de chassis denteado, laterais reforçadas, pintado com faixas diagonais amarelas e pretas. O compartimento de passageiros era espartano e tinha uma aparência profundamente desconfortável. O motorista, se é que havia algum, estava invisível atrás da blindagem em plástico, bastante rabiscada. Uma microcâmera de vídeo podia ser vista entre a blindagem e o teto, e alguém havia desenhado uma imagem pornográfica lá: o torso de um homem, a câmera era seu pênis. Quando Sally entrou e bateu a porta, um alto-falante rosnou alguma coisa que Kumiko deduziu ser um dialeto do inglês.

– Manhattan – disse Sally. Pegou um maço de dinheiro de papel no bolso de sua jaqueta e sacudiu-o em frente à câmera.

O alto-falante fez barulhos interrogativos.

– Midtown. Eu lhe digo onde quando chegarmos lá.

O colchão de ar do táxi inflou-se, a luz no compartimento do passageiro se apagou e elas partiram.

18

TEMPO EM CANA

Ele estava no loft de Gentry. Estava observando Cherry fazer aquelas coisas de enfermeira em Gentry. Cherry olhou para ele, de onde estava sentada, na ponta da cama de Gentry. – Como está, Slick?

– Bem... Estou bem.

– Lembra de eu ter perguntado antes?

Ele estava olhando para baixo, para o rosto do homem que Kid Afrika chamava de Conde. Cherry estava ajustando alguma coisa na superestrutura da maca, uma bolsa de fluido cor de aveia.

– Como se sente, Slick?

– Me sinto bem.

– Você não está bem. Você continua es...

Ele estava sentado no chão do loft de Gentry. Seu rosto estava úmido. Cherry estava ajoelhada ao seu lado, perto, as mãos dela em seus ombros.

– Você esteve em cana?

Ele concordou com a cabeça.

– Unidade quimiopenal?

– Sim...

– Korsakovs induzidos?

Ele…

– Episódios? – Cherry perguntou. Ele estava sentado no chão do loft de Gentry. Onde estava Gentry? – Você tem episódios como este? A memória de curto prazo some?

Como ela sabia? Onde estava Gentry?

– O que desencadeia?

– O que desencadeia a síndrome, Slick? O que joga você no tempo-de-prisão? – Ele estava sentado no chão do loft de Gentry e Cherry estava praticamente sobre ele.

– Estresse – respondeu, se perguntando como ela sabia daquelas coisas. – Onde está o Gentry?

– Eu o coloquei na cama.

– Por quê?

– Ele saiu do ar. Quando viu aquela coisa...

– Que coisa?

Cherry estava pressionando um derma rosa contra o pulso dele. – Um tranquilizante forte – disse ela. – Talvez tire você dessa...

– Tirar do quê?

Ela suspirou. – Não importa.

Ele acordou na cama com Cherry Chesterfield. Estava totalmente vestido, tudo menos a sua jaqueta e as botas. A ponta de seu pênis ereto estava presa atrás da fivela de seu cinto, pressionada contra o jeans quente contra o traseiro de Cherry.

– Nem pense nisso.

A luz de inverno, através da janela remendada, e seu hálito branco quando falava. – O que aconteceu? – Por que estava tão frio no quarto? Ele se lembrava do grito de Gentry quando a coisa deu um bote na direção dele...

Sentou-se, rápido.

– Calma – disse ela, virando-se. – Deite novamente. Não sei o que é preciso para disparar a coisa...

– O que você quer dizer?

– Deite de novo. Fique embaixo das cobertas. Quer congelar?

Fez o que ela mandou. – Você esteve na prisão, certo? Numa unidade quimiopenal?

– Sim... Como você sabe?

– Você me contou. Noite passada. Contou que o estresse pode desencadear um flashback. Então foi isso que aconteceu. A coisa

tentou pegar o seu amigo, você pulou em direção ao interruptor, desligou aquela mesa. Ele caiu, sofreu um corte na cabeça. Estava cuidando dele quando percebi que você ficou estranho. Acabei concluindo que você só tinha uma memória consecutiva durante uns cinco minutos a cada vez. Acontece em casos de choque, às vezes, ou concussão...

– Onde está ele? Gentry.

– Está na cama, lá no canto dele, sedado. Do jeito que estava, achei que um dia de sono seria bom. De qualquer modo, isso nos livra dele por um tempo.

Slick fechou os olhos e viu a coisa cinza de novo, a coisa que tinha saltado em direção a Gentry. Tinha o formato de um homem, ou algo assim, ou um primata. Nada parecido como a figura intricada que o equipamento de Gentry gerava em sua busca pela Forma.

– Acho que estamos sem energia – disse Cherry. – A luz apagou há umas seis horas.

Ele abriu os olhos. O frio. Gentry não tinha feito seus passes no console. Grunhiu.

Deixou Cherry fazendo café no fogão de butano e saiu para procurar Little Bird. Encontrou-o pelo cheiro de fumaça. Little Bird tinha feito fogo num latão e dormiu ao lado dele, enrolado como um cachorro. – Ei – disse Slick, sacudindo o garoto com sua bota –, levanta. Temos problemas.

– A merda da energia acabou – murmurou, sentando-se num saco de dormir cheio de graxa, manchado com a mesma cor do chão da Fábrica.

– Eu percebi. Esse é o problema número um. O número dois é que precisamos de um caminhão ou de um hovercraft ou algo assim. Temos que tirar aquele cara daqui. Está dando confusão com o Gentry.

– Mas o Gentry é o único que pode consertar a força – Little Bird levantou-se, tremendo de frio.

– Gentry está dormindo. Quem tem um caminhão?

– Marvie e os outros – disse Little Bird, e começou a tossir.

– Pegue a moto de Gentry, vai e traz de volta no caminhão. Agora.

Little Bird se recuperou do ataque de tosse. – É sério?

– Você sabe como andar na moto, não é?

– Sim, mas o Gentry, o cara vai ficar...

– Deixa que eu cuido disso. Você sabe onde fica guardada a chave reserva?

– Sei, claro – disse Little Bird, timidamente. – Mas... – arriscou – e se Marvie e os outros não quiserem me emprestar o caminhão?

– Dá isso pra eles – disse Slick, tirando o ziploc cheio de drogas do bolso de sua jaqueta. Cherry tinha pegado o pacote depois de fazer o curativo na cabeça de Gentry. – Mas dá *tudo* pra eles, entendeu? Porque vou perguntar depois.

O bíper de Cherry disparou enquanto estavam tomando café na sala de Slick, aconchegados um no outro, no canto da cama. Ele estava contando tudo o que sabia sobre o Korsakov, porque ela tinha perguntado. Nunca havia falado muito a respeito daquilo com ninguém e, na verdade, era curioso como ele sabia pouco sobre o assunto. Contou a ela sobre os flashbacks anteriores, depois tentou explicar como o sistema funcionava na cadeia. O truque era que você conservava a memória de longo prazo até o ponto em que começavam a administrar a droga. Assim, podiam treiná-lo para fazer algo antes que começasse a cumprir sua pena, porque você não se esqueceria daquilo. Eram basicamente coisas que robôs poderiam fazer. Haviam treinado Slick para montar engrenagens de trens em miniatura; quando aprendeu como montar uma em cinco minutos, foi isso.

– E eles não fizeram mais nada? – ela perguntou.

– Só as engrenagens de trem.

– Não, quero dizer, como bloqueadores de cérebro.

Olhou para ela. A ferida no seu lábio estava quase curada. – Se fazem isso, não nos contam – respondeu.

Então o bíper disparou em uma de suas jaquetas.

– Algo está errado – disse, levantando-se rapidamente.

Encontraram Gentry ajoelhado ao lado da maca segurando algo preto nas mãos. Cherry arrancou a coisa dele antes que Gentry pudesse se mover. Ele ficou onde estava, olhando fixo para ela e piscando muito.

– É difícil manter você apagado, cara. – Entregou para Slick a coisa preta. Uma câmera retinal.

– Temos que descobrir quem ele é – disse Gentry. Sua voz estava grogue com as drogas que ela tinha administrado, mas Slick sentiu que o lado mais barra-pesada da loucura tinha retrocedido.

– Que diabos – disse ela. – Você nem sabe se estes são os olhos que ele tinha há um ano.

Gentry tocou o curativo em sua testa. – Você também viu, não é?

– Sim – disse Cherry. – Ele desligou a coisa.

– Foi o choque – disse Gentry. – Eu não tinha imaginado... Não havia perigo real. Eu não estava preparado...

– Você estava completamente pirado – disse Cherry.

Gentry ficou de pé, meio desequilibrado.

– Ele está de saída – disse Slick. – Mandei o Bird pegar um caminhão emprestado. Não estou gostando nem um pouco dessa merda toda.

Cherry encarou-o. – De saída para onde? Eu tenho que ir junto. É o meu trabalho.

– Conheço um lugar – mentiu Slick. – A energia caiu, Gentry.

– Você não pode levá-lo para lugar algum – disse Gentry.

– Não enche.

– Não, sério. – Gentry estava balançando ligeiramente. – Ele fica. Os *jumpers* estão no lugar. Não vou mais perturbá-lo. Cherry pode ficar aqui.

– Você vai ter que explicar essa merda, Gentry – disse Slick.

– Para começar – disse Gentry, e apontou para a coisa sobre a cabeça do Conde – isto não é um “ele-efe”; é um *aleph*.

19

ENTRANDO NA FACA

Hotel de novo, afundando na marcha fúnebre da ressaca do wiz, Prior conduzindo-a pelo vestíbulo, turistas japoneses já de pé, rodeando guias de aparência entediada. E um passo, outro passo, um passo após o outro, sua cabeça tão pesada agora, como se alguém tivesse aberto um buraco em cima, derramado meio quilo de chumbo, e seus dentes pareciam pertencer a outra pessoa, grandes demais; ela se desequilibrou no elevador, quando a gravidade adicional a pressionou.

– Cadê o Eddy?

– Eddy foi embora, Mona.

Abriu bem os olhos e olhou para ele, vendo que o sorriso estava de volta, filho da mãe. – O quê?

– Eddy foi comprado. Compensado. Está a caminho de Macau com uma linha de crédito. Uma bela temporada de jogatina às nossas custas.

– Compensado?

– Por seu investimento. Em você. Pelo tempo dele.

– Tempo dele? – As portas se abriram frente ao corredor de carpete azul.

E alguma coisa caindo dentro dela, fria: Eddy odiava jogar.

– Você trabalha para nós agora, Mona. Não gostaríamos que saísse por aí sozinha novamente.

Mas você deixou, pensou, *me deixou sair. E sabia onde me encontrar*.

Eddy foi embora...

Não se lembrou de ter pegado no sono. Ainda estava usando o vestido, a jaqueta de Michael jogada por sobre os ombros como um cobertor. Podia ver o canto do prédio em forma de montanha pela janela, sem mexer a cabeça, mas o carneiro de longos chifres não estava lá.

Os stims de Angie ainda estavam lacrados no plástico. Pegou um deles, aleatoriamente, rasgou a embalagem com a unha, encaixou-o na ranhura e colocou os trodos. Não estava pensando; suas mãos pareciam saber o que fazer, animais amigáveis que não iriam machucá-la. Um deles apertou PLAY e ela escorregou para dentro do mundo de Angie, puro como qualquer droga, saxofone lânguido e passeio de limusine por alguma cidade europeia, a forma como as ruas revolviam em torno dela, em torno do carro sem motorista, avenidas largas, limpas e vazias ao amanhecer, com o toque de um casaco de pele em seus ombros, rodando por uma estrada reta através de campos sem relevo, delineados por árvores perfeitas e idênticas.

E, virando uma rua, pneus sobre cascalho, subindo uma estradinha sinuosa em meio a um parque, onde o orvalho era prateado, um cervo de ferro de um lado, um torso de mármore úmido mais à frente... A casa era ampla, antiga, diferente de qualquer casa que já havia visto antes, mas o carro passou por ela, depois por vários prédios menores, chegando finalmente à borda de um amplo campo liso.

Havia vários planadores amarrados, a membrana translúcida esticada sobre molduras de policarbono de aparência frágil. Agitavam-se suavemente na brisa da manhã. Robin Lanier estava esperando ao lado deles, lindo, tranquilo, num suéter preto, Robin, que contracenava com Angie em quase todos os seus stims.

E ela estava saindo do carro em direção ao campo, rindo quando seus saltos afundaram na grama. E o resto do caminho em direção a Robin descalça, sapatos nas mãos, sorrindo, para os braços dele e seu perfume, seus olhos.

Um giro rápido, a edição criando uma dança, condensando os detalhes de embarcar no planador sobre o trilho de indução prateado, depois foram arremessados suavemente sobre a extensão do campo, elevando-se, inclinando-se para pegar o vento,

e para cima, para cima, até que a enorme casa tornou-se uma pequena pedra numa vastidão de verde, verde cortado pelo brilho de um rio em curva...

...e a mão de Prior na tecla stop, o cheiro de comida vindo de um carrinho ao lado da mesa dando nós em seu estômago, a dor surda, enjoada, da ressaca do wiz em cada articulação. – Coma – disse ele. – Estamos de saída. – Tirou a tampa de metal de uma das travessas. – Um grande sanduíche de carne – disse ele –, café, salgadinhos. Ordens médicas. Quando você estiver na clínica, não vai poder comer por um tempo...

– Clínica?

– De Gerald. Em Baltimore.

– Por quê?

– Gerald é cirurgião plástico. Vão fazer algumas intervenções em você. Tudo reversível mais tarde, se você quiser, mas achamos que ficará satisfeita com os resultados. Muito satisfeita. – O sorriso. – Alguém já lhe disse o quanto você é parecida com Angie, Mona?

Olhou para ele sem dizer nada. Deu um jeito de erguer-se, beber meia xícara de café aguado. Não podia sequer olhar para o sanduíche, mas comeu um dos salgadinhos. Tinha gosto de papelão.

Baltimore. Não sabia bem onde aquilo ficava.

E, em algum lugar, um planador flutuando para sempre sobre o campo verde, o casaco de pele em seus ombros e Angie ainda devia estar lá, ainda rindo...

Uma hora mais tarde, no vestíbulo, enquanto Prior assinava a conta, viu as malas de imitação de couro de crocodilo de Eddy passando num carrinho de bagagem robótico, foi quando teve certeza de que ele estava morto.

O consultório de Gerald tinha uma placa com grandes letras antigas, no quarto andar de um condomínio no que Prior dizia ser Baltimore. O tipo de prédio onde jogavam uma estrutura e os inquilinos comerciais traziam os seus próprios módulos, plug-ins. Como um acampamento de trailers na vertical, tudo percorrido por

um emaranhado de cabos, fibra óptica, o encanamento para esgoto e água. – O que está escrito? – perguntou a Prior.

– Gerald Chin, Dentista.

– Você disse que ele era um cirurgião plástico.

– Ele é.

– Por que não podemos apenas ir a uma butique, como todo mundo?

Ele não respondeu.

Ela não estava realmente sentindo muita coisa naquele momento, e parte dela sabia que não estava tão assustada quanto deveria. Talvez estivesse tudo bem, contudo, porque se ficasse apavorada demais não seria capaz de fazer nada, e ela realmente queria pular fora daquele negócio todo, seja lá o que fosse. Na viagem de carro, encontrou algo volumoso no bolso da jaqueta de Michael. Levou uns dez minutos para entender que era uma arma de choque, do tipo que os figurões carregavam. Parecia uma chave de fenda com um par de chifres de metal rombudos no lugar da ponta. Provavelmente era carregada usando uma tomada normal; estava torcendo para que Michael a tivesse deixado carregada. Concluiu que Prior não sabia que aquilo estava ali. Aquelas coisas eram legais, na maioria dos lugares, porque não deviam provocar um estrago permanente, mas Lanette conhecia uma garota que tinha sido atacada com uma daquelas e nunca mais se recuperara.

Se Prior não sabia que estava no bolso dela, significava que ele não sabia de tudo, e parte do jogo dele era fazer com que ela pensasse que sabia. Mas ele também não sabia o quanto Eddy odiava jogar e apostar.

Não conseguia sentir muita coisa pelo Eddy, exceto que continuava achando que estava morto. Não importava quanto tivessem pago a ele, jamais iria embora sem aquelas malas. Mesmo que tivesse ido comprar um guarda-roupa totalmente novo, precisaria vestir-se bem para fazer as compras. Eddy se importava com roupas mais do que tudo. E aquelas malas de crocodilo eram especiais: ele as tinha conseguido com um ladrão de hotéis em Orlando e eram a coisa mais próxima que ele tinha de um lar. E agora que estava pensando sobre o assunto, não dava para acreditar que ele aceitasse ser comprado e sair fora, porque a coisa

que mais queria no mundo era fazer parte de um grande esquema. Depois disso, ele achava que as pessoas passariam a levá-lo a sério.

Então, finalmente, alguém o levou a sério, pensou ela, enquanto Prior carregava sua sacola para a clínica de Gerald. Mas não como Eddy queria.

Olhou ao redor da mobília de plástico de uns vinte anos atrás, as pilhas de revistas sobre estrelas do stim em caracteres japoneses. Parecia um salão de beleza de Cleveland. Não havia ninguém lá, ninguém atrás do balcão da recepção.

Então Gerald apareceu, saindo de uma porta branca, vestindo um daqueles jalecos de laminado enrugado que os paramédicos vestiam em acidentes de trânsito. – Tranque a porta – disse para Prior, sob uma máscara de papel que cobria seu nariz, boca e queixo. – Olá, Mona. Por favor, por aqui... – Ele apontou para a porta branca.

Ela estava segurando a arma de choque, mas não sabia como ligá-la.

Seguiu Gerald; Prior veio atrás.

– Sente-se – disse Gerald. Ela se sentou numa cadeira branca esmaltada. Ele se aproximou, olhou para os olhos dela. – Você precisa descansar, Mona. Está exausta.

Havia um botão serrilhado no punho da arma de choque. Pressionar? Para a frente? Para trás?

Gerald foi até uma caixa branca com gavetas, tirou alguma coisa de lá.

– Aqui – disse ele, estendendo uma coisinha em forma de tubo com algo escrito no lado – isto vai ajudá-la... – Ela mal sentiu a diminuta dose de spray; havia uma mancha escura no tubo de aerosol, bem onde os olhos dela tentavam focar, crescendo...

Lembrou-se do velho mostrando como matar um bagre. O bagre tem um buraco em seu crânio, coberto com pele; pega-se algo rígido e fino, um arame, até mesmo uma palha de vassoura serve, basta introduzir...

Lembrou-se de Cleveland, um desses dias comuns, antes de chegar a hora de trabalhar, sentada na casa de Lanette, olhando uma revista. Encontrou uma foto de Angie rindo num restaurante com outras pessoas, todos bonitos, mas além disso eles tinham um *brilho*, não estava na fotografia mas estava presente mesmo assim, algo que podia ser sentido. Olha, disse para Lanette, mostrando a foto, eles têm esse brilho.

Isso se chama dinheiro, disse Lanette.

Isso se chama dinheiro. Basta introduzir.

20

HILTON SWIFT

Ele chegou sem avisar, como sempre, e sozinho; o helicóptero da Net pousou como uma vespa solitária, espirrando pedaços de algas ao longo da areia úmida.

Ela observou da balaustrada enferrujada quando ele saltou, algo jovial e quase desajeitado em seu aparente entusiasmo. Vestia um longo sobretudo de tweed marrom desabotoado, revelava a frente imaculada de uma de suas camisas listradas, o turbilhão da hélice agitando seu cabelo castanho-dourado e fazendo tremular sua gravata da Sense/Net. Robin estava certo, ela concluiu: era mesmo como se sua mãe o vestisse.

Talvez fosse deliberado, pensou, enquanto ele avançava pela praia, uma falsa ingenuidade. Lembrou-se que Porphyre uma vez tinha argumentado que as grandes corporações eram inteiramente independentes dos seres humanos que compunham o conselho diretor. Havia parecido muito óbvio para Angie, mas o cabeleireiro havia insistido que ela não tinha se dado conta de sua premissa básica. Swift era o executivo humano mais importante da Sense/Net.

O pensamento de Porphyre a fez sorrir; Swift, pensando que era um cumprimento, sorriu de volta.

Ofereceu-se para levá-la para almoçar em São Francisco; o helicóptero era extremamente veloz. Ela recusou, insistindo em preparar uma tigela de sopa suíça desidratada e aquecer no micro-ondas um pão de centeio congelado.

Ela se perguntou, observando-o comer, sobre sua sexualidade. Com mais de trinta anos, quase quarenta, de certo modo tinha o

jeito de um adolescente extraordinariamente brilhante, cujo início da puberdade havia sido sutilmente atrasado. Rumores, vez por outra, já haviam atribuído a ele cada uma das preferências sexuais conhecidas, além de muitas que ela acreditava serem totalmente imaginárias. Nenhuma delas parecia provável para Angie. Ela o conhecia desde que entrou para a Sense/Net; ele já estava solidamente estabelecido nos escalões mais altos de produção quando ela chegou – era uma das pessoas mais importantes na equipe de Tally Isham e ficou imediatamente interessado nela, profissionalmente. Em retrospecto, ela presumia que Legba a havia colocado no caminho dele, que obviamente estava a caminho do topo, embora ela própria talvez não tivesse percebido, na época, fascinada com o brilho e o constante movimento daquele meio.

Bobby sentiu uma antipatia imediata por ele, movido pela hostilidade inerente de alguém saído de Barrytown contra qualquer autoridade, mas sempre conseguira esconder isso, pelo bem da carreira dela. A antipatia era mútua e Swift comemorou a separação e a partida de Bobby, com evidente alívio.

– Hilton – disse ela, enquanto servia uma xícara de chá de ervas, que ele preferia em vez de café –, por que Robin ainda está em Londres?

Ele olhou de volta, por cima da xícara fervente. – Algo pessoal, acho. Talvez ele tenha encontrado um novo amigo. – Bobby sempre tinha sido o *amigo* de Angie, para Hilton. Os amigos de Robin eram sempre homens jovens e atléticos; as discretas sequências eróticas dela com Robin nos stims eram montadas a partir de imagens de arquivo fornecidas por Continuidade e muito manipuladas por Raebel e sua equipe de efeitos especiais. Lembrou-se de uma noite que passaram juntos, numa casa no sul de Madagascar, a passividade e a paciência dele. Nunca mais tentaram novamente, e ela suspeitava de que ele tivesse medo de que a intimidade pudesse sabotar a ilusão que seus stims projetavam tão perfeitamente.

– O que ele achou de eu ter ido para a clínica, Hilton? Ele disse?

– Acho que admirou o que você fez.

– Alguém me disse, recentemente, que ele tem falado às pessoas que estou louca.

Ele puxou suas mangas listradas e afrouxou a gravata. – Não consigo imaginar Robin pensando isso, muito menos dizendo isso. Eu sei o que ele pensa de você. Você sabe como são as fofocas, na Net...

– Hilton, onde está Bobby?

Seus olhos castanhos, muito fixos. – Ainda isso, Angie?

– Hilton, você sabe. Deve saber. Você sabe onde ele está. Me conta.

– Nós o perdemos.

– Perderam?

– A segurança o perdeu. Você está certa, é claro: nós o rastreamos bem de perto, depois que partiu. Ele voltou ao seu meio. – Havia um tom de satisfação em sua voz.

– E que meio era esse?

– Nunca perguntei como vocês se conheceram – disse ele. – A segurança investigou vocês dois, é claro. Ele era um marginal de segunda.

Ela riu. – Nem mesmo isso...

– Você estava incrivelmente bem representada, Angie, para uma desconhecida. Seus agentes colocaram como condição-chave em seu contrato que também ficássemos com Bobby Newmark.

– Outros contratos já tiveram condições mais estranhas, Hilton.

– E ele aparece na folha de pagamentos como seu... companheiro.

– Meu “amigo”.

Swift estava realmente enrubescendo? Ele desviou os olhos, olhando para baixo, para as mãos. – Quando ele partiu, foi para o México, para a Cidade do México. A segurança estava em seu encalço, é claro; não gostamos de perder o rastro de qualquer um que saiba demais sobre a vida pessoal de uma de nossas estrelas. Mas a Cidade do México é um lugar... muito *complicado*... Sabemos que ele parecia querer retomar sua antiga... carreira.

– Ele estava fazendo armações no ciberespaço?

Olhou-a nos olhos, de novo. – Estava se encontrando com pessoas do ramo, criminosos conhecidos.

– E? Continue.

– Ele... desapareceu. Sumiu. Você tem alguma ideia do que seja a Cidade do México, se você escorregar para baixo da linha de pobreza?

– E ele estava pobre?

– Ele se tornou um viciado. De acordo com as nossas melhores fontes.

– Um viciado? Viciado em quê?

– Não sei.

– Continuidade!

Ele quase cuspiu o chá.

– Olá, Angie.

– Bobby, Continuidade. Bobby Newmark, meu amigo – olhando furiosamente para Swift. – Ele foi para a Cidade do México. Hilton está dizendo que ficou viciado em alguma coisa. Uma droga, Continuidade?

– Desculpe, Angie. Esses dados são confidenciais.

– Hilton...

– Continuidade – ele começou, e tossiu.

– Olá, Hilton.

– Prioridade executiva, Continuidade. Temos essa informação?

– Fontes da Segurança descreveram o vício de Newmark como neuroeletrônico.

– Eu não entendo.

– É uma espécie de, bem, “wirehead” , estimulação direta dos centros de prazer... – disse Swift, hesitante. Ela teve um impulso de contar que havia encontrado a droga, o carregador.

Silêncio, criança. Sua cabeça estava cheia com o som de abelhas, uma pressão crescente.

– Angie? O que houve? – Levantou-se da cadeira, tentando ajudá-la.

– Nada. Estou... confusa. Desculpe. Nervos. Não é culpa sua. Eu ia lhe contar que encontrei o console de ciberespaço de Bobby. Mas você já sabia disso, não é?

– Posso pegar alguma coisa para você? Água?

– Não, obrigada, mas vou deitar um pouco, se você não se importar. Mas fique, por favor. Tenho algumas ideias para as sequências orbitais e queria ouvir a sua opinião...

– Claro. Tire um cochilo, vou dar uma caminhada na praia e depois conversamos.

Ela o observou da janela do quarto, assistindo sua figura marrom diminuir em direção à Colônia, seguido pelo pequeno e paciente Dornier.

Parecia uma criança na praia deserta; parecia tão perdido quanto ela se sentia.

21

O ALEPH

Quando o sol se ergueu, ainda sem energia para as lâmpadas de 100 watts, o loft de Gentry se encheu com uma nova luz. A luz do sol de inverno suavizava os contornos dos consoles e da mesa holográfica, dava uma nova textura aos livros antigos que se alinhavam em prateleiras de compensado arqueado na parede da esquerda. Enquanto Gentry caminhava e falava, seu rabo-de-cavalo loiro sacudindo cada vez que girava nos calcanhares da bota preta, sua excitação parecia sobrepujar os efeitos calmantes dos dermas para dormir de Cherry. Cherry estava sentada na beira da cama, observando Gentry mas dando uma olhada ocasional no indicador da bateria que ficava na superestrutura da maca. Slick estava sentado numa cadeira quebrada que havia sido recolhida de Solitude e forrada com plástico transparente, sobre um estofamento de roupas velhas.

Para o alívio de Slick, Gentry tinha deixado de lado a história da Forma e se lançado em sua teoria sobre o tal do aleph. Como sempre, depois que Gentry se animava, usava palavras e construções que Slick tinha dificuldade de entender, mas Slick sabia, por experiência própria, que era melhor não interrompê-lo; o truque era captar algum sentido do fluxo total, pulando as partes que não entendia.

Gentry disse que o Conde estava conectado no que acabava sendo um megaenorme microsoft: ele achava que todo aquele bloco era um único e sólido biochip. Se fosse verdade, a capacidade de armazenamento da coisa era virtualmente infinita; teria sido inimaginavelmente cara de se construir. Era, disse Gentry, uma das

coisas mais estranhas que alguém poderia construir, embora houvesse rumores de que tais coisas existiam e que tinham seus propósitos, mais especificamente para o armazenamento de vastas quantidades de dados confidenciais. Sem link algum com a matrix global, os dados estavam imunes a qualquer ataque via ciberespaço. A questão era, naturalmente, que não poderia ser acessado através da matrix; era um arquivo morto.

– Ele pode ter qualquer coisa lá dentro – disse Gentry, parando para olhar o rosto inconsciente. Girou no calcanhar e começou a caminhar de novo. Um mundo. Mundos. Um número monstruoso de constructos de personalidade...

– Como se estivesse vivendo em um stim? – perguntou Cherry. – É por isso que ele está sempre em REM?

– Não – disse Gentry –, não é simstim. É completamente interativo. E é uma questão de escala. Se este é um biosoft da classe aleph, ele pode ter literalmente qualquer coisa ali. De certa forma, ele pode ter uma *aproximação de tudo*...

– Fiquei com a impressão, ouvindo o Kid Afrika – disse Cherry –, de que este cara está pagando para ficar assim. Como faria um wirehead, só que diferente. E mesmo assim, os wireheads não ficam em REM deste jeito...

– Mas quando você tentou trazê-lo para fora usando as suas coisas – arriscou Slick – o que veio foi aquela... coisa. – Percebeu os ombros de Gentry se retesarem por baixo da jaqueta de couro.

– Sim – disse Gentry –, e agora tenho que reconstruir nossa conta junto à Autoridade de Fissão. – Apontou para as baterias de armazenamento permanente, empilhadas debaixo da mesa de inox. – Pegue-as para mim.

– Isso aí – disse Cherry. – Já estava na hora. Estou congelando até a alma.

Deixaram Gentry debruçado sobre um console de ciberespaço e voltaram para o quarto de Slick. Cherry tinha insistido em que ligassem o cobertor elétrico de Gentry em uma das baterias, de modo que ela pudesse cobrir a maca. Tinha sobrado café frio no fogão de butano; Slick bebeu assim mesmo, sem se preocupar em

esquentá-lo, enquanto Cherry olhava fixamente pela janela, para a planície coberta de neve de Solitude.

– Como ficou desse jeito? – perguntou ela.

– Gentry diz que a ideia era fazer um aterro sanitário, cem anos atrás. Depois colocaram um monte de terra boa por cima, mas nada crescia aqui. A maior parte do lixo era tóxica. A chuva levou a cobertura embora. Acho que alguma hora desistiram e começaram a jogar mais porcarias por cima. Não se pode beber água lá; está cheia de PCB e outras coisas.

– E quanto àqueles coelhos que o Bird vai caçar?

– Ficam a oeste daqui. Não vêm para Solitude. Nem mesmo ratos. De qualquer maneira, temos que testar toda carne que se consegue por aqui.

– Há pássaros, contudo.

– Só fazem os ninhos aqui, mas vão para outro lugar procurar comida.

– O que há entre você e Gentry? – Ela ainda estava olhando para fora, pela janela.

– O que você quer dizer?

– Minha primeira impressão era de que vocês eram gays. Um casal, quero dizer.

– Não.

– Mas é como se vocês precisassem um do outro de alguma maneira.

– Esse lugar é dele, a Fábrica. O cara me deixa morar aqui. Eu... preciso morar aqui. Para fazer meu trabalho.

– Para construir aquelas coisas lá embaixo?

A lâmpada dentro do cone amarelado de fax acendeu; o ventilador do aquecedor começou a funcionar.

– Bem – disse Cherry, agachando-se em frente ao aquecedor e tirando uma jaqueta após a outra –, ele pode ser louco, mas acabou de fazer uma coisa certa.

Gentry estava reclinado na velha cadeira de escritório quando Slick entrou no loft, encarando um pequeno monitor móvel em seu console.

– Robert Newmark – disse Gentry.

– Hã?

– Identificação retinal. Ou este é Robert Newmark ou alguém que comprou os olhos dele.

– Como você conseguiu isso? – Slick abaixou-se para espiar a tela com as estatísticas de nascimento.

Gentry ignorou a pergunta. – Só tem isto. Se forçar a barra, você vai encontrar algo inteiramente diferente.

– Como assim?

– Alguém quer saber se qualquer um fizer perguntas sobre o Sr. Newmark.

– Quem?

– Eu não sei. – Gentry tamborilou os dedos em suas calças de couro. – Olhe para isto: nada. Nascido em Barrytown. Mãe: Marsha Newmark. Nós temos o SIN dele, mas definitivamente foi marcado. – Empurrou a cadeira de volta em seus rodízios e virou-se para poder ver o rosto imobilizado do Conde. – Que tal isso, Newmark? É este o seu nome? – Levantou-se e se dirigiu à mesa holográfica.

– Não – disse Slick.

Gentry tocou no botão de força na mesa holográfica.

E a coisa cinzenta estava lá de novo, por um instante, mas desta vez mergulhou em direção ao centro do display hemisférico, definhou, e sumiu. Não. Estava lá, uma esfera cinza minúscula bem no centro do campo de projeção brilhante.

O sorriso louco de Gentry havia retornado. – Bom – ele disse.

– O que é bom?

– Saquei o que é isso. É um tipo de ICE. Um programa de segurança.

– Aquele macaco?

– Alguém tem senso de humor. Se o macaco não lhe amedronta, transforma-se numa ervilha... – Ele cruzou em direção à mesa e começou a fuçar num dos painéis. – Mas duvido que eles sejam capazes de fazer aquilo com um link sensorial direto. – Segurava alguma coisa em suas mãos. Uma rede de trodos.

– Gentry, não faz isso! Olha pra ele!

– Eu não vou fazer isso – disse Gentry. – Você vai.

22

FANTASMAS E VAZIOS

Olhando fixamente através dos vidros sujos do táxi, notou que sentia falta de Colin e seus comentários irônicos, depois lembrou-se de que aquilo ali estava totalmente além da esfera de conhecimentos dele. A Maas-Neotek teria fabricado uma unidade semelhante para o Sprawl, perguntou-se, e, se o fez, que forma teria o fantasma?

– Sally – disse ela, talvez meia hora após partirem para Nova York –, por que Petal deixou que você me levasse?

– Porque foi esperto.

– E o meu pai?

– Seu pai vai estrebuchar.

– Como?

– Vai ficar furioso. Se descobrir. Quem sabe não descubra. Não ficaremos aqui por muito tempo.

– Por que estamos aqui?

– Preciso falar com alguém.

– Mas por que estou aqui?

– Você não gosta daqui?

Kumiko hesitou. – Sim, gosto.

– Bom. – Sally se moveu no assento quebrado. – Petal teve que nos deixar partir. Porque não poderia nos impedir sem machucar uma de nós. Bem, talvez não machucar. Seria mais como insultar. Swain poderia lhe atacar, dizer mais tarde que sentia muito, dizer para seu pai que era para o seu próprio bem, se necessário, mas se ele me atacasse teria se exposto, certo? Quando vi Petal lá embaixo com a arma, soube que nos deixaria partir. Seu quarto está

grampeado. O lugar inteiro está. Eu disparei os sensores de movimento quando estava arrumando suas roupas. Já tinha pensado nisso. Petal sabia que era eu. Foi por isso que ligou pelo telefone, para que eu soubesse que ele sabia.

– Não entendo.

– Uma espécie de cortesia, para que eu soubesse que ele estava esperando. Me deu uma chance para pensar. Mas ele não tinha escolha e sabia disso. Entenda, Swain está sendo forçado a fazer algo e Petal sabe disso. Ou, pelo menos, Swain diz que está sendo forçado. Eu, definitivamente, estou sendo forçada. Então comecei a pensar o quanto Swain precisava de mim. Precisa muito. Porque me deixaram fugir com a filha do *oyabun*, enviada até Notting Hill por medida de segurança. Alguma coisa por lá o assusta bem mais do que seu pai. A menos que seja alguma coisa que o deixará mais rico do que seu pai já o tornou. De qualquer maneira, levar você meio que equilibra as coisas. É dar um troco. Você se importa?

– Mas você está sendo ameaçada?

– Alguém sabe demais sobre coisas que eu fiz.

– E Tick descobriu a identidade dessa pessoa?

– Sim. Mas acho que eu já sabia. Queria muito estar completamente enganada.

O hotel que Sally escolheu tinha uma fachada de painéis de aço manchados pela ferrugem, cada painel preso com rebites cromados brilhantes, um estilo que Kumiko conhecia de Tóquio e pensava estar um pouco fora de moda.

O quarto delas era amplo e cinza, uma dúzia de tons de cinza, e Sally caminhou direto para a cama, depois de ter trancado a porta; tirou a jaqueta e se deitou.

– Você não tem uma mala – disse Kumiko.

Sally se sentou e começou a tirar as botas. – Eu posso comprar o que preciso. Você está cansada?

– Não.

– Eu estou. – Tirou o suéter preto. Seus seios eram pequenos, com mamilos rosados escuros; uma cicatriz, correndo bem abaixo do mamilo esquerdo, desaparecia dentro da linha da cintura do jeans.

– Você se machucou – disse Kumiko, olhando a cicatriz.
Sally olhou para baixo. – Sim.
– Por que não mandou tirar?
– Às vezes é bom lembrar.
– Que se machucou?
– Que fui estúpida.

Cinza sobre cinza. Incapaz de dormir, Kumiko caminhava de um lado para o outro pelo carpete cinza. Havia alguma coisa vampiresca naquele quarto, concluiu, algo que teria em comum com milhões de outros quartos, como se seu desconcertante anonimato perfeito estivesse sugando sua personalidade, fragmentos da qual emergiam como vozes de seus pais, exaltadas numa discussão, como os rostos dos secretários em ternos pretos de seu pai...

Sally dormia, seu rosto uma máscara tranquila. A visão da janela não dizia absolutamente nada para Kumiko: apenas que estava presa numa cidade que não era nem Tóquio, nem Londres, uma vasta confusão genérica que era o paradigma da realidade urbana de seu século.

Talvez ela tivesse dormido também, embora mais tarde não tivesse certeza. Observou Sally pedir produtos de higiene e roupa de baixo, digitando os pedidos no vídeo ao lado da cama. Suas compras foram entregues enquanto Kumiko estava no banho.

– Ok – disse Sally, do outro lado da porta –, se enxuga e se veste, nós vamos ver o cara.

– Que cara? – perguntou Kumiko, mas Sally não a ouviu.

Gomi.

Trinta e cinco por cento da área de Tóquio foi construída sobre gomi, em extensões de terra subtraídas à Baía ao longo de um século de aterros sistemáticos. *Gomi*, lá, era um recurso a ser administrado, a ser coletado, separado, cuidadosamente enterrado.

A relação de Londres com o *gomi* era mais sutil, mais tortuosa. Aos olhos de Kumiko, a maior parte da cidade *era composta* por *gomi*, estruturas que a economia japonesa há muito teria devorado em sua fome insaciável por espaço para construção. Ainda assim, essas estruturas revelavam, mesmo para Kumiko, a tessitura do

tempo, cada parede remendada por gerações de mãos numa tarefa contínua de restauração. Os ingleses valorizavam seu *gomi* naquilo que tinha de próprio, de um modo que ela aos poucos começara a compreender: moravam nele.

Gomi, no Sprawl, era completamente diferente: um húmus rico, uma putrefação que fazia brotar prodígios de aço e polímero. A aparente falta de planejamento, por si só, era o suficiente para deixá-la confusa, sendo tão contrária aos valores que sua própria cultura atribuía ao uso eficiente da terra.

A corrida de táxi do aeroporto já tinha mostrado a ela a decadência, quarteirões inteiros em ruínas, janelas sem vidro escancaradas acima de calçadas cobertas de lixo. E rostos observando enquanto o hovercraft blindado abria caminho pelas ruas.

Agora Sally a tinha jogado abruptamente na total estranheza daquele lugar, com sua podridão e sua aleatoriedade enraizando torres mais altas do que qualquer outra em Tóquio, obeliscos corporativos que furavam a trama cheia de fuligem dos domos sobrepostos.

Duas corridas de táxi após o hotel, desceram e se misturaram às ruas, às turbas do entardecer e uma sombra oblíqua. O ar estava frio, mas não era aquele frio de Londres, e Kumiko pensou nas florações em Ueno Park.

A primeira parada foi num grande bar meio decadente chamado Gentleman Loser, onde Sally teve uma conversa silenciosa e rápida com o bartender.

Saíram sem tomar um drinque.

– Fantasmas – disse Sally, virando uma esquina com Kumiko ao seu lado. As ruas tinham ficado progressivamente mais vazias nos últimos quarteirões, os prédios mais escuros e mais decrépitos.

– Como?

– Há muitos fantasmas aqui para mim, ou pelos menos deveria haver.

– Você conhece este lugar?

– Claro. Parece o mesmo de sempre, só que diferente, sabe?

– Não...

– Um dia você vai saber. Quando encontrarmos quem estou procurando, continue em seu papel de boa menina: fale se falarem contigo, do contrário fique quieta.

– Quem estamos procurando?

– *O cara*. Ou, pelo menos, o que sobrou dele...

Meio quarteirão adiante, na rua horrível que parecia vazia – Kumiko nunca havia visto uma rua vazia antes, a não ser pela alameda de Swain, recoberta com a neve de meia-noite –, Sally parou ao lado de uma loja antiga e nada convidativa, suas vitrines duplas cobertas por dentro com uma pesada camada de poeira. Espiando através delas, Kumiko leu as letras de vidro num sinal de neon apagado: METRO, depois uma palavra mais longa. A porta entre as vitrines tinha sido reforçada com uma folha de aço conrugado; havia cavilhas enferrujadas saindo da folha, a intervalos regulares, pelas quais corria arame farpado galvanizado.

Sally estava de frente para aquela porta; endireitou os ombros e executou uma série fluida de gestos rápidos e curtos.

Kumiko observou enquanto a sequência era repetida. – Sally...

– Jive, linguagem de sinais – Sally cortou-a. – Eu lhe disse para ficar quieta, ok?

– Sim? – A voz, pouco mais que um sussurro, parecia não vir de nenhum lugar específico.

– Já lhe disse – falou Sally.

– Não falo jive.

– Quero falar com ele – disse, com uma voz dura e cautelosa.

– Ele está morto.

– Sei disso.

Um silêncio se seguiu e Kumiko ouviu um som que poderia ter sido o vento, o vento frio e cortante percorrendo a curva das geodésicas longe acima delas.

– Ele não está aqui – disse a voz, e pareceu retroceder. – Ao redor da esquina, meio quarteirão, entrando à esquerda no beco.

Kumiko nunca se esqueceria daquele beco: tijolos escuros, escorregadios com a umidade, torres de ventilação deixando trilhas negras de poeira congelada, uma lâmpada amarela dentro de uma grade de metal corroído, garrafas vazias em crescimento lento

brotando da base de cada parede, ninhos da altura de pessoas formados por fax amassado e espuma branca de embalagem e o som das botas de Sally.

Para além do brilho fraco das lâmpadas havia escuridão, embora um lampejo refletido no tijolo úmido mostrasse uma última parede, rua sem saída, e Kumiko hesitou, assustada por um súbito estremecimento de eco, algo escorrendo, água pingando continuamente...

Sally ergueu a mão. Um facho concentrado de luz muito forte emoldurou um círculo nítido traçado com tinta nos tijolos, depois desceu lentamente.

Desceu até encontrar a coisa na base do muro, metal opaco, uma estrutura vertical arredondada que Kumiko pensou ser outro ventilador. Perto de sua base havia tocos de velas brancas, um frasco de plástico cheio de líquido claro, um sortimento de pacotes de cigarro, cigarros soltos espalhados e uma figura detalhada, com múltiplos braços, desenhada no que parecia ser giz branco.

Sally deu um passo à frente, sem mover o feixe, e Kumiko viu que a coisa blindada estava presa no muro de tijolos com enormes rebites.

– Finlandês?

Um rápido piscar de luz rosa vindo de uma fenda horizontal.

– Ei, Fin, cara... – Uma hesitação incomum na voz dela...

– Moll. – Uma qualidade áspera, como se viesse de um alto-falante quebrado. – Qual é a da lanterna? Você ainda tem os implantes? Está envelhecendo, não consegue ver legal no escuro?

– É para a minha amiga.

Alguma coisa se moveu atrás da fenda, sua cor um rosa doentio de cinza quente de cigarro no sol de meio-dia; o rosto de Kumiko foi coberto por uma luz pulsante.

– Sei – arranhou a voz. – E quem é ela?

– A filha de Yanaka.

– Cacete.

Sally baixou a luz, que recaiu sobre as velas, o frasco, os cigarros cinzentos úmidos, o símbolo branco com seus braços emplumados.

– Sirva-se das oferendas – disse a voz. – Há meio litro de Moskovskaya aí. O desenho vodu é de farinha. Maior azar; os mais

devotos costumam usar cocaína.

– Jesus – disse Sally, um estranho distanciamento em sua voz, agachando-se. – Que maluquice é essa? – Kumiko observou enquanto ela pegava o frasco para cheirar o seu conteúdo.

– Beba. É coisa boa. Porra, melhor ser mesmo. Ninguém sacaneia o oráculo, não se souberem o que é bom para eles.

– Fin – disse Sally, depois virou o frasco e bebeu, limpando a boca com as costas da mão –, você deve ter pirado...

– Seria pedir demais. Plugado num troço desses já é difícil ter um pouco de imaginação, quando mais pirar.

Kumiko se aproximou, depois se ajoelhou ao lado de Sally.

– É um constructo de personalidade? – Sally largou o frasco de vodca e mexeu na farinha úmida com a ponta de uma unha branca.

– Claro. Você já os viu antes. Memória em tempo real, se eu quiser, conectada no ciber-e, se eu quiser. Consegui esse esquema de oráculo para manter um pé dentro, sacou? – A coisa fez um som estranho: risada. – Problemas no amor? Uma mulher malvada que não te entende? – O barulho de risada de novo, como picos de estática. – Na verdade, curto mais dar conselhos sobre negócios. São os garotos da área que deixam as oferendas. Dá um toque místico, algo assim. De vez em quando pinta um descrente, um babaca qualquer que se serve sem pedir licença. – Um fio muito fino de luz escarlate piscou na abertura e uma garrafa estourou em algum lugar à direita de Kumiko. Risada estática. – Então, o que traz você aqui, Moll? Você e – novamente a luz rosa pulsou pelo rosto de Kumiko – a filha de Yanaka...

– A missão Straylight – disse Sally.

– Faz muito tempo, Moll...

– Ela está atrás de mim, Fin. Quatorze anos e aquela puta louca está na minha cola...

– Talvez ela não tenha nada melhor para fazer. Sabe como são esses ricaços...

– Você sabe onde Case está, Fin? Talvez ela esteja atrás dele...

– Case caiu fora. Deu umas boas tacadas depois que vocês se separaram, depois chutou o balde e saiu fora, limpo. Se você tivesse feito a mesma coisa, talvez não estivesse congelando os

ossos num beco, certo? Pela última que eu soube, ele tem quatro filhos...

Observando a varredura hipnótica do scanner rosa, Kumiko tinha uma ideia do que era a coisa com a qual Sally falava. Havia coisas semelhantes no estúdio de seu pai, quatro delas, cubos laqueados de preto arrumados ao longo de uma prateleira baixa de pinho. Sobre cada cubo havia um retrato formal pendurado. Os retratos eram fotografias monocromáticas de homens em ternos escuros e gravatas, quatro cavalheiros muito sóbrios, cujas lapelas estavam decoradas com pequenos emblemas de metal, do tipo que seu pai algumas vezes usava. Embora sua mãe houvesse dito que os cubos continham os fantasmas dos ancestrais malignos de seu pai, Kumiko os achava mais fascinantes do que assustadores. Se realmente continham fantasmas, pensou, seriam bem pequenos, já que os cubos mal podiam conter a cabeça de uma criança.

Seu pai às vezes meditava em frente aos cubos, ajoelhando-se em seu tatame, numa atitude que revelava profundo respeito. Ela o tinha visto naquela posição muitas vezes, mas foi apenas aos dez anos que ouviu-o falar com os cubos pela primeira vez. E um deles tinha respondido. A pergunta não significava nada para ela, a resposta muito menos, mas o tom calmo do fantasma, ao responder, tinha a deixado gelada lá no canto onde estava escondida, atrás de uma porta de papel, e seu pai riu ao descobrir que estava lá; em vez de repreendê-la, explicou que os cubos abrigavam as personalidades gravadas de antigos executivos, diretores corporativos. As almas deles? ela tinha perguntado. Não, respondeu ele, sorrindo, então acrescentou que a distinção era sutil. – Eles não estão conscientes. Respondem, quando questionados, de certa forma aproximando-se da resposta daquela pessoa. Se são fantasmas, então os hologramas também são.

Depois da explicação de Sally sobre a história e a hierarquia da Yakuza, no bar de robata em Earls Court, Kumiko havia concluído que cada um dos homens nas fotografias, os sujeitos das gravações de personalidade, tinha sido um *oyabun*.

A coisa na carcaça blindada, raciocinou, era de natureza similar, embora talvez mais complexa, assim como Colin era uma versão

mais complexa do guia Michelin que os secretários de seu pai levavam durante suas excursões de compras em Shinjuku. Finlandês, foi o nome que Sally usou, e era evidente que este Finlandês havia sido um amigo ou parceiro dela.

Mas será que ele ficava acordado, perguntou-se Kumiko, quando o beco estava vazio? Será que sua visão a laser escaneava a queda silenciosa da neve à meia-noite?

– Europa – Sally começou –, quando me separei de Case fui para lá e andei por todos os lugares. Tinha muito dinheiro, o que recebemos pelo trabalho, ou pelo menos parecia ser muito na época. A IA da Tessier-Ashpool pagou tudo através de um banco suíço. Apagou qualquer traço de que havíamos estado lá em cima; estou dizendo tudo *mesmo* – por exemplo, se você tentasse procurar os nomes que usamos para viajar no transporte da JAL, simplesmente não existiam. Case verificou tudo quando voltamos a Tóquio, entrou em várias bases de dados; era como se nada jamais tivesse acontecido. Eu não entendi como se podia fazer aquilo, mesmo sendo uma IA, mas ninguém nunca compreendeu de fato o que aconteceu lá em cima, quando Case pilotou aquele quebra-gelo, o ICE-Breaker chinês até o núcleo do seu ICE.

– A IA tentou entrar em contato, depois?

– Não que eu saiba. Ele tinha esta ideia de que a IA tinha sumido, de certa forma; não sumido *mesmo*, mas sumido *dentro* de tudo, da matrix inteira. Como se não estivesse mais *no* ciberespaço, mas apenas *estivesse*. E se não quisesse que você a visse, que não soubesse que estava lá, bem, você não teria como, e nem pensar em provar para qualquer um, mesmo que você soubesse... E eu definitivamente não queria saber. Quero dizer, seja lá o que fosse, parecia terminado para mim, acabado. Armitage estava morto, Riviera estava morto, Ashpool estava morto, o piloto rastafári do rebocador que nos levou até lá estava de volta no aglomerado de Zion e o cara provavelmente achou que tudo aquilo foi só outra viagem de ganja... Deixei Case no Tóquio Hyatt, nunca mais o vi...

– Por quê?

– Sei lá. Sem motivos. Eu era jovem, apenas parecia que tinha acabado.

– Mas você *a* deixou lá em cima, no poço, em Straylight.

– Deixei. Penso nisso de vez em quando. Quando nós estávamos partindo, Fin, era como se ela não se importasse com nada daquilo. Como se eu tivesse matado o pai dela, louco de pedra, no lugar dela, e Case tinha arrombado seus núcleos e deixado suas IAS soltas na matrix... Então eu a coloquei na lista, certo? Um dia você se mete numa enrascada das grossas, alguém está na cola, daí é bom olhar a lista.

– E você pensou nela, na hora?

– Não. Minha lista é bem longa.

Case, que para Kumiko parecia ter sido algo mais do que um simples sócio de Sally, nunca reapareceu na história.

Enquanto Kumiko ouvia Sally condensar quatorze anos de sua história pessoal para atualizar Fin, ficou imaginando a versão mais jovem dessa Sally como uma heroína *bishonen* de um vídeo romântico tradicional: misteriosa, elegante e mortífera. Apesar de achar o relato prosaico de Sally sobre sua vida difícil de acompanhar, com referências a lugares e coisas que ela não conhecia, era fácil imaginá-la vencendo as batalhas de forma súbita e fulgurante como se esperava das *bishonen*. Mas não, pensou, ao ouvir Sally falar de “um ano ruim em Hamburgo”, uma fúria repentina em sua voz – uma fúria antiga, algo decorrido uma década antes –, era um erro tentar encaixar esta mulher nos padrões japoneses. Não havia nenhum *ronin*, nenhum samurai errante; Sally e Fin estavam discutindo negócios.

Ela havia chegado ao ano ruim em Hamburgo, segundo o que Kumiko compreendeu, depois de ter ganhado e perdido algum tipo de fortuna. Tinha ganhado a sua parte desse dinheiro “lá em cima”, em um lugar que Fin chamara de Straylight, em sociedade com o tal de Case. Ao fazer isso, havia ganhado um inimigo.

– Hamburgo – interrompeu o Fin. – Ouvi histórias sobre Hamburgo...

– O dinheiro tinha sumido. Sabe como é, quando a transação é grande e você é jovem... Ficar sem dinheiro, de certa forma, era voltar ao normal, mas eu estava envolvida com este pessoal de Frankfurt, em dívida com eles, e queriam zerar as coisas fazendo uma troca.

– Que tipo de troca?

– Queriam que algumas pessoas fossem assassinadas.

– E aí?

– Aí eu caí fora. Quando pude. Fui para Londres...

Talvez, Kumiko concluiu, Sally um dia *já tenha sido ronin*, uma espécie de samurai. Em Londres, contudo, ela havia se tornado outra coisa, uma mulher de negócios. Tendo se mantido de uma forma não muito explicada, ela gradualmente se tornou uma investidora, fornecendo fundos para vários tipos de operações de negócios. (O que era um "crédito a fundo perdido"? O que era "lavagem de informação"?)

– Sim – disse o Fin –, você se saiu bem. Conseguiu ações de um cassino alemão.

– *Aix-la-Chapelle*. Eu estava na diretoria. Ainda estou, quando conseguir o passaporte certo.

– Vai se acomodar? – A risada de novo.

– Com certeza.

– Não foi bem o que ouvi, por aqui.

– Eu estava administrando um cassino. Era isso. Estava bem.

– Você estava lutando por dinheiro. "Misty Steele", peso leve aumentada. Foram oito lutas e apostei em cinco delas. Lutas sangrentas, querida. Ilegal.

– Hobby.

– E que hobby! Assisti aos vídeos. Burmese Kid abriu você até em cima, ao vivo e a cores...

Kumiko lembrou-se da longa cicatriz.

– Daí eu desisti. Foi há cinco anos e, na época, eu já tinha cinco anos mais do que deveria.

– Você era boa, mas "Misty Steele"... Cacete.

– Dá um tempo. Não inventei esse nome.

– Claro. Então me fala sobre nossa amiga lá em cima, como ela entrou em contato.

– Swain. Roger Swain. Enviou um de seus capangas ao cassino, um aspirante a durão chamado Prior. Cerca de um mês atrás.

– Swain, o intermediário? De Londres?

– O próprio. E Prior tinha um presente para mim, cerca de um metro de impressão. Uma lista. Nomes, datas, lugares.

– Era feia?

– Tinha tudo lá. Coisas de que mesmo eu já tinha esquecido.

– O trabalho em Straylight?

– Tudo. Então preparei uma mala, voltei para Londres e lá estava Swain. Ele sentia muito, não era culpa dele, mas tinha que me chantagear. Porque alguém estava chantageando ele. Tinha a sua própria lista de um metro para se preocupar. – Kumiko ouviu os saltos de Sally girarem no asfalto.

– O que ele quer?

– Um sequestro, um corpo quente. Celebridade.

– Por que você?

– Putz, Fin, foi justamente por isso que vim aqui, pra te perguntar.

– Swain te disse que era 3Jane?

– Não. Mas meu cowboy de console em Londres disse.

Os joelhos de Kumiko doíam.

– A garota. Como você se meteu com ela?

– Ela apareceu na casa de Swain. Yanaka a queria fora de Tóquio. Swain devia *giri* para ele.

– Ela está limpa, de qualquer jeito, sem implantes. Pelas notícias recentes que chegaram de Tóquio, Yanaka está metido em confusões...

Kumiko tremeu no escuro.

– E quem é o sequestrado, a celebridade? – continuou o Fin.

Ela sentiu que Sally hesitou. – Angela Mitchell.

O metrônomo rosa balançando silenciosamente, esquerda para direita, direita para esquerda.

– Está frio aqui, Fin.

– Sim. Queria poder sentir. Acabei de fazer uma pequena viagem por você, visitando o passado. Você sabe exatamente de onde Angie vem?

– Não.

– Estou no ramo de oráculos, querida, não sou uma biblioteca de pesquisas... O pai dela era Christopher Mitchell. Ele era o fodão na pesquisa de biochips na Maas Biolabs. Ela cresceu num complexo industrial isolado, no Arizona, cria da companhia. Há sete anos, alguma coisa aconteceu lá. A história que circula é que a Hosaka formou uma equipe para ajudar Mitchell a dar um grande salto em

sua carreira. O fax dizia que houve uma explosão de um megaton numa propriedade da Maas, porém ninguém jamais encontrou qualquer radiação. Nunca encontraram os mercenários da Hosaka também. A Maas anunciou que Mitchell estava morto, suicídio.

– Isso é o que todos sabem. O que o oráculo sabe?

– Rumores. Nada muito coerente. Dizem que ela apareceu aqui, um dia ou dois após a explosão no Arizona, se meteu com alguns caras realmente estranhos que trabalhavam nos arredores de Nova Jersey.

– Trabalhavam em quê?

– Tráfico. Software, basicamente. Comprando, vendendo. Algumas vezes compravam de mim...

– Quão estranhos eram os caras?

– Vodu. Pensavam que a matrix estava repleta de mambos e outras merdas. Quer saber de uma coisa, Moll?

– O quê?

– Eles estão certos.

23

ESPELHO, ESPELHO MEU

Ela despertou como se alguém tivesse acionado um interruptor.

Não abriu os olhos. Ela podia ouvi-los falar numa outra sala. Doía em muitos lugares, mas nada muito pior do que o wiz. A ressaca já tinha passado, ou talvez reduzida pelo que tivessem lhe dado naquele spray.

Um avental de papel áspero sobre seus mamilos; pareciam grandes e macios, e os seios lhe pareciam cheios. Pequenos fios de dor beliscando seu rosto, dores gêmeas nas órbitas dos olhos, sensação de irritação na boca e o gosto de sangue.

– Eu não estou querendo lhe dar lições sobre como conduzir suas coisas – dizia Gerald, a voz sobre água corrente e ruídos metálicos, como se estivesse lavando panelas ou algo assim –, mas você está se fazendo de tolo se pensa que ela vai enganar alguém que não queira ser enganado. É realmente um trabalho muito superficial.

Prior disse alguma coisa que ela não conseguiu distinguir.

– Eu disse superficial, não vulgar. É um trabalho de qualidade, do início ao fim. Vinte e quatro horas em um estimulador dérmico e você não saberá que ela esteve aqui. Mantenha a garota sob antibióticos e longe das drogas; o sistema imunológico dela não é grande coisa.

Então Prior falou novamente, mas ela ainda não conseguia entender.

Abriu os olhos, mas havia apenas o teto, quadrados brancos de revestimento acústico. Virou sua cabeça para a esquerda. A parede de plástico branco com uma daquelas janelas falsas, animação em alta resolução de uma praia com palmeiras e ondas; observando a

água por tempo suficiente, você veria as mesmas ondas se quebrando, em loop, para sempre. Exceto que a coisa estava quebrada e desgastada, havia um tipo de hesitação nas ondas, e o vermelho do pôr do sol piscava como um tubo fluorescente estragado.

Tentar o lado direito. Virou-se novamente, sentindo a cobertura de papel suada sobre a espuma dura do travesseiro contra seu pescoço.

E o rosto com olhos machucados olhando para ela da cama, o nariz coberto com um plástico claro e fita micropore, algum tipo de geleia marrom sobre suas bochechas...

Angie. Era o rosto de Angie, emoldurado pelo pôr do sol refletido, piscando na janela defeituosa.

– Não houve intervenção óssea – disse Gerald, afrouxando cuidadosamente a fita que segurava o pequeno plástico protetor sobre o nariz dela. – É a beleza disso tudo. Aplainamos um pouco a cartilagem do nariz, trabalhando através das narinas, depois passamos para os dentes. Sorria. Linda. Nós aumentamos seus seios, construímos os mamilos com tecido erétil cultivado em laboratório, depois fizemos a coloração dos olhos... – Removeu a proteção. – Não toque nisto durante as próximas vinte e quatro horas.

– Foi por isso que fiquei machucada?

– Não. Isto é um trauma secundário do trabalho com a cartilagem. – Sentia os dedos de Gerald frios sobre seu rosto, precisos. – Até amanhã, já terá sumido.

Gerald era legal. Deu-lhe três dermas, dois azuis e um rosa, macios e confortáveis. Prior definitivamente não era legal, mas ele tinha saído ou, pelo menos, não estava à vista. E era simplesmente bom ouvir Gerald explicar coisas com sua voz calma. E ver aquilo que ele podia fazer.

– Sardas – disse ela, porque tinham sumido.

– Abrasivos e mais tecido cultivado. Elas voltarão e bem rápido se você pegar muito sol.

– Ela é tão bonita... – Virou a cabeça.

– Você, Mona. Aquela é você.

Ela olhou o rosto no espelho e tentou imitar o famoso sorriso.

Talvez Gerald não fosse legal.

De volta para a cama branca e estreita, onde ele a havia colocado para descansar, ela ergueu o braço e olhou para os três dermas. Tranquilizantes. Flutuando.

Colocou a unha debaixo do derma rosa; tirou-o, grudou-o na parede branca e apertou forte com o dedão. Uma única gota de líquido cor de palha escorreu. Ela o retirou cuidadosamente da parede e o colocou de volta no braço. A coisa que saiu dos azuis era leitosa. Colocou-os de volta também. Talvez ele notasse, mas ela queria saber o que estava acontecendo.

Olhou no espelho. Gerald disse que poderia voltar do jeito que era, algum dia, se ela quisesse, mas então ela se perguntou como ele se lembraria de sua aparência. Talvez tivesse tirado uma fotografia ou outra coisa. Agora que tinha pensado nisso, talvez não houvesse ninguém para lembrar como ela era antes. Ela pensou que o console de stim de Michael era provavelmente a melhor aposta, mas ela não sabia seu endereço ou, mesmo, seu sobrenome. Isso deu a ela uma sensação engraçada, como se quem ela tinha sido houvesse ido até a esquina e nunca mais voltasse. Mas então fechou os olhos e sabia que era Mona, sempre havia sido, e que nada havia mudado muito, nada atrás de suas pálpebras.

Lanette dizia que não importava como você se operava. Lanette disse a ela, uma vez, que não tinha sobrado nem dez por cento de seu próprio rosto, aquele com o qual havia nascido. Impossível adivinhar, exceto pelo preto ao redor das pálpebras, de modo que ela nunca precisava usar rímel. Mona pensou que talvez Lanette não tivesse sido muito bem trabalhada, e isso deve ter cruzado os olhos de Mona alguma vez, porque Lanette disse: *você deveria ter me visto antes, querida*.

Mas agora lá estava ela, Mona, esticada na pequena cama em Baltimore, e tudo que ela conhecia de Baltimore era o som de uma sirene em algum lugar da rua e o barulho do compressor do ar-condicionado de Gerald.

E, de algum modo, isso se transformou em sono, ela não soube por quanto tempo, e então Prior estava lá, com a mão no braço dela, perguntando se estava com fome.

Ela observou Prior fazendo a barba. Ele estava usando uma pia cirúrgica de inox, aparando a barba com um par de tesouras cromadas. Então pegou um barbeador plástico descartável numa caixa de Gerald. Era estranho assistir a seu rosto revelar-se. Não era o rosto que esperava: era mais jovem. Mas a boca era a mesma.

– Vamos ficar aqui muito tempo, Prior?

Ele tirou a camisa para barbear-se; tinha tatuagens de um lado ao outro dos ombros, descendo pela parte superior dos braços, dragões com cabeças de leão.

– Não se preocupe com isso – disse ele.

– Está chato.

– Nós vamos conseguir mais stims para você. – Ele estava rapando debaixo do queixo.

– Como é Baltimore?

– Um saco. Como tudo.

– Então como é a Inglaterra?

– Um saco. – Ele limpou o rosto com papel absorvente azul.

– Talvez nós pudéssemos sair, comer caranguejos. Gerald diz que têm caranguejos por aqui.

– Têm sim – respondeu ele. – Vou trazer alguns.

– Que tal me levar para sair?

Ele jogou o papel dentro de uma lata de lixo de metal. – Não, você pode tentar fugir.

Ela escorregou a mão entre a cama e a parede e encontrou o pedaço de espuma rasgada onde havia escondido a arma de choque. Tinha visto suas roupas numa sacola de plástico branca. Gerald entrava a cada duas horas com novos dermas, que ela retirava tão logo ele saía. Achava que, se pudesse convencer Prior a levá-la para comer fora, poderia agir no restaurante. Mas ele não estava colaborando.

Num restaurante, ela poderia chamar um policial, porque agora ela havia descoberto qual era o acordo.

Snuff… Lanette havia lhe contado a respeito. Como havia homens que pagariam para ter garotas modeladas para se parecerem com outras pessoas e, depois, as matavam. Tinham que ser ricos, muito ricos. Não Prior, mas alguém para quem ele trabalhava. Lanette disse que esses caras pagavam para modelar as garotas como suas esposas, às vezes. Mona não tinha acreditado naquilo, na época: às vezes Lanette lhe contava coisas apavorantes porque era engraçado ficar com medo quando você sabia que estava perfeitamente segura e, de qualquer maneira, Lanette tinha várias histórias sobre perversões bizarras. Ela disse que os figurões eram os mais bizarros de todos, os engravatados poderosos nos altos escalões das grandes empresas, porque não podiam nunca perder o controle no trabalho. Mas quando não estavam trabalhando, dizia Lanette, podiam pagar para perder o controle de qualquer jeito que quisessem. Então, por que não haveria um figurão em algum lugar querendo Angie daquela forma? Bem, havia muitas garotas que já fizeram plástica para se parecerem com ela, mas eram patéticas. Imitadoras baratas – e ela nunca havia visto uma que realmente se parecesse com Angie ou, pelo menos, não o suficiente para enganar alguém que se importasse com isso. Contudo, talvez houvesse alguém disposto a pagar por tudo aquilo apenas pra ter uma garota que realmente se parecesse com Angie. De qualquer maneira, se não era snuff, o que era, então?

Agora Prior estava abotoando sua camisa azul. Ele veio até a cama e tirou os lençóis para conferir os seios dela. Como se estivesse olhando para um carro ou algo parecido.

Ela puxou o lençol de volta.

– Vou pegar alguns caranguejos. – Colocou a jaqueta e saiu. Ela ouviu quando disse alguma coisa para Gerald.

Gerald voltou-se para ela.

– Como você está, Mona?

– Com fome.

– Se sente relaxada?

– Sim...

Quando ficou sozinha novamente, ela se virou e estudou seu rosto, o rosto de Angie, na parede espelhada. Os hematomas já tinham praticamente desaparecido. Gerald havia colado trodos em

miniatura em seu rosto; estavam conectados a uma máquina. Disse que iriam acelerar a cicatrização.

O rosto de Angie no espelho não a assustava mais. Os dentes estavam lindos; os dentes ela gostaria de manter. Quanto ao resto, ainda não estava muito certa.

Talvez ela devesse apenas levantar-se agora, colocar as roupas, caminhar para a porta. Se Gerald tentasse impedi-la, poderia usar a arma de choque. Então se lembrou de como Prior a encontrara na casa de Michael, como se alguém a observasse durante a noite inteira, seguindo-a. Talvez alguém estivesse vigiando lá fora. O consultório de Gerald parecia não ter janela alguma, não as verdadeiras, portanto teria que sair pela porta.

E estava começando a sentir falta do wiz, mas, mesmo que tivesse um pouco, Gerald perceberia. Ela sabia que seu kit estava lá, na bolsa debaixo da cama. Talvez se ela pegasse um pouco, pensou, apenas um pouquinho. Mas talvez não fosse uma boa ideia: ela tinha que admitir que as coisas que fazia sob o efeito do wiz nem sempre davam certo, mesmo se desse a impressão de que você jamais cometeria um erro.

De qualquer maneira, estava com fome, e pena que Gerald não tivesse alguma música ou algo assim, então talvez ela devesse esperar pelos caranguejos...

24

NUM LUGAR SOLITÁRIO

E Gentry estava lá, de pé, com a Forma ardendo atrás dos olhos, segurando a rede de trodos sob a luz forte das lâmpadas, dizendo para Slick por que tinha que ser daquele jeito, por que Slick tinha que colocar os trodos e se conectar direto naquilo que a figura imóvel na maca estava recebendo da placa cinza.

Ele sacudiu a cabeça, lembrando-se de como chegara a Dog Solitude. E Gentry começou a falar mais rápido, achando que o gesto era uma recusa.

Gentry estava dizendo que Slick tinha que entrar, talvez por apenas alguns segundos, enquanto ele determinava a natureza dos dados e criava uma macroforma. Slick não saberia como fazer aquilo, disse Gentry, do contrário ele mesmo iria; mas não eram os dados o que queria, apenas a forma geral, porque ele achava que isso o levaria à grande Forma, aquela coisa que tinha perseguido por tanto tempo.

Slick lembrou-se de estar atravessando Solitude a pé. Estava com medo de que o Korsakov voltasse, de que se esquecesse de onde estava e bebesse água cancerígena em uma das poças vermelhas enlameadas na superfície enferrujada. Espuma vermelha e pássaros mortos flutuavam com suas asas abertas. O caminhoneiro do Tennessee havia lhe dito para caminhar a oeste a partir da rodovia, dentro de uma hora ele chegaria a uma pista dupla asfaltada e conseguiria uma carona para Cleveland, mas pareceu muito mais do que uma hora e ele não estava certo de que lado ficava o oeste e aquele lugar o assustava, aquela cicatriz de depósito de lixo, plana como se tivesse sido pisoteada por um

gigante. Uma vez viu alguém ao longe, sobre uma leve inclinação, e acenou. A figura desapareceu, mas ele caminhou naquela direção, sem desviar as poças, avançando sobre elas, até que chegou à elevação e viu que era apenas a carcaça de um avião sem asas, meio soterrada sob latas enferrujadas. Avançou por essa inclinação ao longo de um caminho onde pés haviam amassado as latas, até chegar a uma abertura quadrada que havia sido uma saída de emergência. Enfiou a cabeça para dentro e viu centenas de pequenas cabeças suspensas no teto côncavo. Congelou, ofuscado pela escuridão repentina, até que o que estava vendo começou a fazer algum sentido. As cabeças de plástico rosa de bonecas, seu cabelo de nylon amarrado em nós e os nós presos num grosso piche preto, balançando como frutas. Nada mais, apenas alguns pedaços destroçados de espuma verde suja, e ele soube que não queria ficar lá para descobrir de quem era aquele lugar.

Depois foi para o sul, sem saber, e encontrou a Fábrica.

– Eu nunca terei outra chance – disse Gentry. Slick encarou o rosto tenso, os olhos arregalados em desespero. – Nunca irei vê-la...

E Slick lembrou-se de quando Gentry bateu nele, como tinha olhado para baixo, para a chave inglesa e sentiu... Bem, Cherry não estava certa sobre eles, mas havia algo mais ali, algo que ele não sabia como chamar. Pegou a rede de trodos com sua mão esquerda e deu um empurrão forte no peito de Gentry com a mão direita. – Cala a boca! Cala essa boca! – Gentry caiu de costas contra a beirada da mesa de aço.

Slick o xingou baixinho, enquanto ele arrumava a delicada rede de dermatrodos de contato ao longo de sua testa e sua têmpora.

Conectou-se.

Suas botas pisaram em cascalho.

Abriu seus olhos e olhou para baixo; o caminho de cascalho liso na madrugada, mais limpo do que qualquer coisa em Dog Solitude. Olhou para cima e viu onde fazia uma curva e, para além disso, havia árvores verdes e frondosas e o telhado de uma casa que tinha a metade do tamanho da Fábrica. Havia estátuas perto dele, na

grama úmida e alta. Um cervo feito de ferro e a figura quebrada do corpo de um homem esculpido numa pedra branca, sem cabeça, braços ou pernas. Pássaros estavam cantando e aquele era o único som.

Começou a andar pelo caminho em direção à casa cinza, porque não parecia haver outra coisa para fazer. Quando chegou no fim do caminho, pôde ver para além da casa – havia construções menores e também um campo de grama, amplo e plano, onde planadores estavam amarrados e posicionados contra o vento.

Um conto de fadas, pensou, olhando para a fachada da grande mansão de pedra, o vidro das janelas em forma de diamantes, como um vitral; era como um vídeo a que havia visto quando era pequeno. Havia mesmo pessoas que moravam em lugares como aquele? *Mas não é um lugar*, lembrou-se, *apenas parece ser um*.

– Gentry – disse ele –, me tira daqui, ok?

Olhou para as costas de suas mãos. Cicatrizes, sujeira incrustada, meias-luas de graxa debaixo de suas unhas quebradas. A graxa penetrava e as amolecia, então se quebravam facilmente.

Começou a se sentir idiota, parado lá. Talvez alguém o estivesse observando da casa.

– Foda-se – disse ele, e começou a subir pela calçada larga de lajotas, inconscientemente mudando sua passada para o jeito insolente de caminhar que tinha aprendido no Deacon Blues.

A porta tinha uma coisa presa a um painel central: uma mão, pequena e graciosa, segurando uma esfera do tamanho de uma bola de bilhar, toda revestida em ferro. Estava presa ao pulso de modo que era possível erguê-la e deixá-la cair. Foi o que fez. Com força. Duas vezes, e depois mais duas. Nada aconteceu. A maçaneta da porta era de bronze, com detalhes florais desgastados até quase sumirem após anos de uso. Girou facilmente. Abriu a porta.

Piscou diante da riqueza de cores e texturas; superfícies de madeira escura polida, mármore preto e branco, tapetes com milhares de cores suaves que brilhavam como vidraças de uma igreja, prataria polida, espelhos... Ele sorriu com o choque suave daquilo tudo, seus olhos pulando de uma nova visão para outra, tantas coisas, objetos dos quais nem sabia o nome...

– Procurando por alguém em particular, Jack?

O homem estava parado na frente de uma lareira enorme, vestindo um jeans escuro apertado e uma camiseta branca. Seus pés estavam nus e ele segurava uma taça bojuda de bebida alcoólica na mão direita. Slick ficou perplexo ao vê-lo.

– Merda – disse Slick – você é ele...

O homem girou a taça até fazer o líquido marrom chegar à borda e tomou um gole. – Já esperava que Afrika fosse aprontar algo no gênero, no final das contas – disse ele –, mas, de algum modo, companheiro, você não parece ser o tipo de cara que ele contrataria.

– Você é o Conde.

– É – disse ele –, sou o Conde. E quem diabos é você?

– Slick. Slick Henry.

Ele riu. – Quer um pouco de conhaque, Slick Henry? – Ele gesticulou com o copo em direção a uma peça de mobília de madeira onde garrafas ornamentadas estavam dispostas em fila, cada uma com uma etiqueta prateada, presa por uma corrente.

Slick sacudiu a cabeça.

O homem deu de ombros. – Não dá mesmo para ficar bêbado... Me perdoe por dizer isso, Slick, mas você está com uma aparência de merda. Estou certo em supor que você não faz parte da operação de Kid Afrika? E, se não fizer, o que exatamente está fazendo aqui?

– Gentry me enviou.

– Quem é Gentry?

– Você é o cara na maca, certo?

– O cara na maca sou eu. Onde, exatamente, neste exato minuto, está aquela maca, Slick?

– Com Gentry.

– Onde é isso?

– Na Fábrica.

– E onde é isso?

– Dog Solitude.

– E como fui parar nesse lugar, seja lá onde for?

– Kid Afrika, ele trouxe você. Trouxe você com esta garota chamada Cherry, certo? Sabe, eu devia um favor a ele, então ele

quis que eu ficasse com você por um tempo, você e Cherry, e ela está tomando conta de você.

– Você me chamou de Conde, Slick...

– Cherry disse que Kid o chamou assim uma vez.

– Me conta, Slick, o Kid parecia preocupado quando me trouxe?

– Cherry diz que ele ficou assustado, lá em Cleveland.

– Tenho certeza que sim. Quem é este Gentry? Um amigo seu?

– A Fábrica é dele. Eu moro lá também...

– Este Gentry, ele é um cowboy, Slick? Um jóquei de console? Quero dizer, se você está aqui, ele deve ser um técnico, certo?

Agora era a vez de Slick sacudir os ombros. – Gentry é, tipo, é um artista, algo assim. Tem umas teorias. É difícil de explicar. Ele ligou uma série de splitters naquela coisa na maca, no que você está plugado. Primeiro tentou conseguir uma imagem numa mesa holográfica, mas havia apenas aquela coisa em forma de macaco, tipo uma sombra, então ele me convenceu a...

– Jesus... Bem, não importa. Esta fábrica de que você fala, fica fora do perímetro, em algum lugar? É relativamente isolada?

Slick assentiu.

– E, esta Cherry, é algum tipo de enfermeira contratada?

– Sim. Ela tem uma permissão de *med-tec*, foi o que ela disse.

– E ninguém veio me procurar ainda?

– Não.

– Isso é bom, Slick. Porque se alguém vier, qualquer outro sem ser o rato mentiroso que é meu amigo Kid Afrika, você e teu pessoal estariam numa encrenca séria.

– É?

– É. Presta atenção, quero que você lembre isso. Se aparecer alguém nessa tal fábrica de vocês, sua única esperança será me conectar à matrix. Entendeu bem?

– Como você pode ser o Conde? Quero dizer, o que isso significa?

– Bobby. Meu nome é Bobby. Conde foi meu apelido um dia, e isso é tudo. Você acha que vai se lembrar do que eu disse?

Slick assentiu de novo.

– Bom. – Ele colocou o copo na coisa com todas as garrafas chiques. – Ouça – disse ele. Da porta aberta veio o som de pneus

sobre o cascalho. – Sabe quem é, Slick? Aquela é Angela Mitchell.

Slick se virou. Bobby, “o Conde”, estava olhando para fora, para o caminho.

– Angie Mitchell? A estrela de stim? Ela está dentro desta coisa também?

– De certa forma, Slick, de certa forma...

Slick viu o longo carro negro passar. – Ei – começou –, Conde, quero dizer, Bobby, o que...

– Calma – Gentry estava dizendo. – Fique sentado e relaxe. Calma. Calma...

25

DE VOLTA PARA O LESTE

Enquanto Kelly e suas assistentes arrumavam o guarda-roupa para sua viagem, ela se sentiu como se a própria casa estivesse se movimentando ao seu redor, preparando-se para um dos seus muitos períodos de ociosidade.

Podia ouvir as vozes deles, de onde estava sentada na sala de estar, suas risadas. Uma de suas assistentes era uma garota num exoesqueleto de policarbono azul que lhe permitia carregar as malas Hermès com o guarda-roupas como se fossem blocos de espuma sem peso, o traje esquelético e sussurrante descia suavemente a escada, com passos acolchoados por seus rudes pés de dinossauro. Esqueleto azul, caixões de couro.

Agora Porphyre estava parado à porta. – Fofa, está pronta? – Ele vestia um casaco longo e largo recortado em um finíssimo couro preto; esporas com imitações de diamantes brilhavam acima dos saltos de suas botas pretas.

– Porphyre – disse ela –, você está à paisana. Nós temos uma entrada triunfal a fazer, em Nova York.

– As câmeras são para você.

– Sim – respondeu ela –, para a minha reinserção.

– Porphyre ficará bem na retaguarda.

– Até onde me lembro, você nunca quis roubar a cena.

Ele sorriu, expondo seus dentes esculpidos, de contornos eficientes, uma fantasia de um dentista de vanguarda sobre como os dentes poderiam ser em espécies mais rápidas e elegantes.

– Danielle Stark vai voar conosco. – Ela ouviu o som de um helicóptero se aproximando. – Ela vai nos encontrar no aeroporto de

Los Angeles.

– Nós a estrangularemos – disse ele, em seu tom confidencial, enquanto a ajudava com o casaco azul que Kelly havia escolhido para ela. – Se prometermos deixar vazar que o motivo foi sexual, ela pode até resolver participar da brincadeira...

– Você é horrível.

– Danielle é um horror, fofa.

– Olha quem está falando.

– Ah – disse o cabeleireiro, aguçando os olhos, – mas minha alma é pura como a de uma criança.

O helicóptero estava pousando.

Danielle Stark, conhecida pelas versões stim da *Vogue-Nippon* e da *Vogue-Europa* estaria, segundo rumores, quase com noventa anos. Se isso fosse verdade, Angie pensou, inspecionando discretamente a figura da jornalista enquanto os três embarcavam no Lear, Danielle e Porphyre estariam no mesmo nível no que diz respeito às modificações cirúrgicas totais. Aparentemente em seus trinta anos, o único detalhe que poderia denunciar sua idade era um par de implantes de lentes Carl Zeiss azul-claro. Uma jovem repórter de moda francesa uma vez referiu-se aos implantes como “estilosamente antigos”; a repórter, diz a lenda da Net, nunca mais voltou a trabalhar.

E logo, Angie sabia, Danielle iria querer falar sobre drogas, drogas de celebridades, os olhos de uma estudante bem abertos para anotar tudo.

Sob o olhar assustador de Porphyre, Danielle deu um jeito de se conter até que estivessem em velocidade de cruzeiro sobre Utah.

– Eu gostaria – começou – de não ser eu a pessoa a trazer isso à tona.

– Danielle – Angie retrucou –, sinto muito. Que falta de tato. – Ela apertou a superfície envernizada da cozinha de bordo Hosaka, que zuniu suavemente e começou a distribuir pratos minúsculos de pato defumado em chá, ostras do golfo em torradas de pimenta negra, pudim de lagostins, panquecas de gergelim... Porphyre, compreendendo a jogada de Angie, trouxe uma garrafa de Chablis

resfriado – o favorito de Danielle, Angie lembrou-se. Alguém ... Swift? ... também havia se lembrado.

– Drogas – disse Danielle, quinze minutos depois, terminando o último pedaço do pato.

– Não se preocupe – assegurou Porphyre. – Quando chegarmos a Nova York, eles têm o que você quiser.

Danielle sorriu. – Você é tão divertido. Sabia que eu tenho uma cópia da sua certidão de nascimento? Eu sei o seu nome verdadeiro. – Ela lhe dirigiu um olhar fulminante, ainda sorrindo.

– ...paus e pedras... – disse ele, enchendo o copo dela.

– Um comentário interessante no que diz respeito a defeitos congênitos. – Ela tomou um gole de vinho.

– Congênito, genital... Nós todos mudamos tanto por estes dias, não é? Quem anda arrumando seu cabelo, querida? – Ele se aproximou dela e inclinou-se. – O que te salva, Danielle, é que você faz o resto de sua espécie parecer vagamente humana.

Danielle sorriu.

A entrevista em si correu tranquila o bastante. Danielle era demasiado habilidosa como entrevistadora para permitir que seus ataques dissimulados cruzassem o limite da dor, onde eles poderiam encontrar séria resistência. Mas quando ela passou a ponta do dedo atrás da têmpora, pressionando um interruptor subcutâneo que desativava seu equipamento de gravação, Angie temeu o verdadeiro ataque.

– Obrigada – disse Danielle. – O resto do voo ficará em off, é claro.

– Por que você não pega uma ou duas garrafas e entorna tudo? – perguntou Porphyre.

– O que eu não consigo entender, querida – disse Danielle, ignorando-o –, é por que você se deu ao trabalho...

– Por que eu me dei ao trabalho, Danielle?

– De ir até aquela clínica entediante. Você disse que não afetava seu trabalho. Você também disse que não ficava “alta”, não no sentido habitual. – Deu uma risadinha. – Contudo você afirma que era uma substância terrivelmente viciante. Por que você decidiu parar?

– Era terrivelmente caro...

– Em seu caso, certamente, é uma questão retórica.

Verdade, pensou Angie, *embora uma semana daquilo custasse o mesmo que você ganha em um ano*.

– Suponho que eu comecei a me ressentir por pagar para me sentir normal. Ou uma aproximação modesta do que seja normal.

– Você criou uma tolerância?

– Não.

– Que estranho.

– Na verdade, não. Esses designers criam substâncias que supostamente superam as desvantagens tradicionais.

– Ah. Mas e quanto às novas desvantagens, as desvantagens atuais? – Danielle se serviu de um pouco mais de vinho. – Eu ouvi uma versão diferente disso tudo, é claro.

– Ouviu?

– Claro que sim. O que era, quem fez, por que você parou.

– Sim?

– Era um antipsicótico, produzido pelos próprios laboratórios da Sense/Net. Você parou porque preferia continuar louca.

Porphyre gentilmente tirou o copo da mão de Danielle enquanto suas pálpebras caíam pesadamente sobre os brilhantes olhos azuis. – Boa noite, querida – disse ele. Os olhos de Danielle se fecharam e ela começou a roncar baixinho.

– Porphyre, o quê...?

– Eu coloquei uma dose no vinho dela – disse ele. – Ela não saberá a diferença, fofa. Ela não se lembrará de nada que não gravou... Ele deu um largo sorriso. – Você não queria ter de ouvir esta cachorra durante toda a viagem de volta, queria?

– Mas ela vai descobrir, Porphyre!

– Não, não vai. Vamos dizer a ela que acabou com três garrafas sozinha e fez uma bagunça nojenta no banheiro. É exatamente como ela vai se sentir, de qualquer forma. – Ele deu uma risadinha.

Danielle Stark ainda estava roncando, bastante alto agora, em uma das camas embutidas nos fundos da cabine.

– Porphyre – disse Angie –, você acha que ela poderia estar certa?

O cabeleireiro encarou-a com seus olhos lindos, não humanos. – E você não teria descoberto?

– Eu não sei...

Ele suspirou. – Minha fofa se preocupa demais. Você está livre agora. Aproveite.

– Eu realmente ouço vozes, Porphyre.

– E nós também não ouvimos, fofa?

– Não – disse ela –, não como as minhas. Você sabe alguma coisa sobre religiões africanas, Porphyre?

Ele deu um sorriso forçado. – Eu não sou africano.

– Mas quando você era criança...

– Quando eu era criança – disse Porphyre –, eu era branco.

– Oh...

Ele riu.

– Religiões, fofa?

– Antes de eu chegar à Net, eu tinha amigos. Em Nova Jersey. Eles eram negros e... religiosos.

Ele deu um sorriso falso e revirou os olhos. – Símbolos de vodu, fofa? Ossos de galinha e óleo de menta?

– Você sabe que não é assim.

– E se eu souber?

– Não brinque comigo, Porphyre. Eu preciso de você.

– Fofa, você me tem. E sim, eu sei o que você quer dizer. E essas são as suas vozes?

– Elas eram. Depois que comecei a usar o pó, elas se foram...

– E agora?

– Sumiram. – Mas o impulso fazia parte do passado agora, e ela se conteve para não lhe contar sobre Grande Brigitte e a droga no casaco.

– Bom – disse ele. – Isso é bom, fofa.

O Lear começou sua descida sobre Ohio. Porphyre estava encarando a divisória da cabine, imóvel como uma estátua. Angie olhou para o país de nuvens abaixo, enquanto crescia na direção deles, lembrando o jogo com que se distraía nos aviões quando pequena, enviando uma Angie imaginária para fora dos canyons cheios de nuvens e sobre os picos fofos que se tornavam

magicamente sólidos. Aqueles aviões eram da Maas-Neotek, ela supôs. Dos jatos corporativos da Maas ela havia ido para os Lears da Net. Ela conhecia linhas aéreas comerciais somente das locações dos seus stims: de Nova York para Paris no voo inaugural do Concorde restaurado da JAL, com Robin e um grupo exclusivo de pessoas da Net.

Aterrissando. Eles já estavam sobre Nova Jersey? As crianças que brincavam nos playgrounds dos tetos da arcologia de Beauvoir ouviam o motor do Lear? Por acaso o som de sua passagem iria varrer gentilmente os condomínios da infância de Bobby? Quão impensavelmente intrincado era o mundo, em seu emaranhado de mecanismos, quando o desejo corporativo da Sense/Net sacudia pequenos ossos nos ouvidos de crianças desconhecidas e desconhecedoras...

– Porphyre sabe de algumas coisas – disse ele, muito suavemente. – Mas Porphyre precisa de tempo para pensar, fofa...

O avião fez uma curva para a aproximação final.

26

KUROMAKU

E Sally permaneceu em silêncio, na rua e no táxi, durante todo o longo caminho gelado de volta para o hotel.

Sally e Swain estavam sendo chantageados por uma inimiga de Sally “lá em cima, no poço”. Sally estava sendo forçada a sequestrar Angie Mitchell. O pensamento de que alguém fizesse isso com a estrela da Sense/Net parecia singularmente irreal para Kumiko, como se alguém estivesse planejando o assassinato de um ser mítico.

O Finlandês tinha dado a entender que a própria Angie estava envolvida, de algum modo misterioso, mas ele tinha usado palavras e expressões que Kumiko não havia entendido. Alguma coisa no ciberespaço; pessoas formando pactos com uma ou mais coisas por lá. O Fin tinha conhecido um rapaz que fora amante de Angie – mas o amante dela não era Robin Lanier? A mãe de Kumiko tinha permitido que ela rodasse vários stims de Angie e Robin. Este outro rapaz tinha sido um cowboy, um ladrão de dados, como Tick em Londres...

E quanto à inimiga, a chantagista? Ela estava louca, disse Fin, e sua loucura havia trazido o declínio da fortuna de sua família. Ela vivia sozinha, em sua casa ancestral, a casa chamada Straylight. O que Sally tinha feito para merecer sua inimizade? Ela tinha realmente matado o pai dessa mulher? E quem eram os outros, os outros que estavam mortos? Já tinha escutado seus nomes gaijin.

E Sally tinha conseguido descobrir o que queria saber, na visita ao Fin? Kumiko tinha esperado, no final, que houvesse algum

pronunciamento do santuário blindado, mas a troca não tinha levado a nada, a não ser a um ritual gaijin de despedidas brincalhonas.

No vestíbulo do hotel, Petal estava esperando numa poltrona de veludo azul. Vestido para viagem, seu corpo envolto num terno de lã cinza, levantou-se da poltrona como se fosse um estranho balão quando elas entraram, o olhar suave, como sempre, atrás dos óculos de armação de aço.

– Olá – disse ele, e tossiu. – Swain mandou que eu viesse atrás de vocês. Só para cuidar da garota, entende.

– Leve-a de volta – disse Sally. – Agora. Hoje à noite.

– Sally! Não! – Mas a mão de Sally já tinha agarrado firmemente o braço de Kumiko, levando-a em direção à entrada do lounge escuro, fora do vestíbulo.

– Espere aqui – Sally ordenou para Petal. – Ouça-me – disse ela, puxando Kumiko num canto, para a sombra. – Você vai voltar. Eu não posso mantê-la aqui, agora.

– Mas eu não gosto de lá. Não gosto de Swain nem da casa dele... Eu...

– Petal é gente fina – disse Sally, aproximando-se e falando rapidamente. – Eu diria para confiar nele. Swain, bem, você sabe o que Swain é, mas ele está nas mãos do seu pai. Aconteça o que acontecer, acho que eles irão mantê-la fora do caminho. Mas se as coisas ficarem ruins, realmente ruins, vá ao pub onde nos encontramos com o Tick. The Rose and Crown, você se lembra?

Kumiko concordou com a cabeça, olhos enchendo-se de lágrimas.

– E se Tick não estiver lá, procure um barman chamado Bevan e mencione o meu nome.

– Sally, eu...

– Você está bem – disse Sally, e beijou-a abruptamente, uma de suas lentes tocando por um instante a bochecha de Kumiko, assustadoramente fria e inflexível. – Eu, querida, já fui.

E ela se foi, no zunido emudecido do vestíbulo, e Petal limpou a garganta na entrada.

O voo de volta a Londres foi como uma longa viagem de metrô. Petal passou o tempo escrevendo palavras, uma letra de cada vez,

em algum quebra-cabeças idiota de um fax inglês, resmungando baixinho consigo mesmo. Finalmente ela dormiu e sonhou com sua mãe...

– O aquecedor está funcionando – disse Petal, saindo de Heathrow em direção à casa de Swain. Estava desconfortavelmente quente no Jaguar, um calor seco que cheirava a couro e fazia as narinas arderem. Ela o ignorou, encarando a luz pálida da manhã, os telhados brilhando negros através da neve derretida, fileiras de chaminés...

– Ele não está zangado com você, sabe – disse Petal. – Ele sente uma responsabilidade especial...

– *Giri*.

– Humm... sim. Responsável, entende. Sally nunca foi o que se pode chamar de previsível, realmente, mas nós não esperávamos...

– Eu não quero conversar, obrigada.

Os pequenos olhos dele, preocupados, no espelho.

A alameda estava alinhada com carros estacionados, longos carros prateados com vidros escuros.

– Estamos recebendo muitas visitas nesta semana – disse Petal, estacionando do outro lado da rua, em frente ao número 17. Saiu do carro e abriu a porta para ela. Ela o seguiu, entorpecida, atravessando a rua, subindo os degraus cinza, onde uma porta preta foi aberta por um homem minúsculo, de rosto vermelho, num terno escuro justo, Petal passando por ele como se não estivesse lá.

– Espere aí – disse o rosto vermelho. – Swain quer vê-la agora...

As palavras do homem fizeram com que Petal parasse no mesmo instante; com um grunhido, girou numa velocidade desconcertante e agarrou o cara pelo colarinho.

– No futuro é melhor mostrar respeito – disse Petal, e embora não tivesse erguido a voz, de algum modo toda a sua gentileza entediada havia desaparecido. Kumiko ouviu algumas costuras estourarem.

– Desculpa, chefe. – O rosto vermelho estava cuidadosamente impassível. – Ele me disse para lhe falar.

– Venha – disse Petal para ela, soltando a lapela escura. – Ele só quer dizer oi.

Encontraram Swain sentado numa mesa de refeitório – no cômodo onde ela o havia visto pela primeira vez, os dragões de sua hierarquia abotoados sob uma camisa de flanela e uma gravata de seda listrada. Seus olhos encontraram os dela assim que entrou, seu rosto de ossos longos sombreado por uma luminária de leitura em bronze que ficava ao lado de um pequeno console e uma grossa pilha de fax na mesa. – Bom – disse ele –, como foi lá no Sprawl?

– Estou muito cansada, sr. Swain. Gostaria de ir para o meu quarto.

– Estamos contentes em tê-la de volta, Kumiko. O Sprawl é um lugar perigoso. Os amigos de Sally provavelmente não são o tipo de pessoa de quem seu pai gostaria que você se aproximasse.

– Posso ir para o meu quarto agora?

– Você encontrou algum dos amigos de Sally, Kumiko?

– Não.

– Verdade? O que vocês fizeram?

– Nada.

– Você não deve ficar brava conosco, Kumiko. Estamos protegendo você.

– Obrigada. Posso ir para o meu quarto agora?

– Claro. Você deve estar bem cansada.

Petal a seguiu para o quarto, carregando sua mala, seu terno cinza dobrado e amassado por causa do voo. Ela teve o cuidado de não espiar enquanto passavam perto do busto de mármore onde a unidade Maas-Neotek talvez continuasse escondida, embora não pudesse pegá-la com Swain e Petal na sala.

Havia um novo sentido de movimento na casa, enérgico e com sons abafados: vozes, passos, o barulho do elevador, canos rangendo enquanto alguém tomava banho.

Ela se sentou ao pé da enorme cama, encarando a banheira de mármore negro. Imagens residuais de Nova York pareciam flutuar nos limites de seu campo visual; se fechasse os olhos, ela se veria de volta no beco, espremendo-se junto a Sally. Sally, que a havia mandado embora. Que não havia olhado para trás. Sally, cujo nome

já havia sido Molly, ou Misty, ou ambos. Novamente, sua indignidade. Sumida, sua mãe boiando na água escura. Seu pai. Sally.

Momentos depois, levada por uma curiosidade mais forte que sua vergonha, levantou-se, escovou o cabelo, calçou meias de borracha escura com solado de plástico com sulcos e dirigiu-se, muito silenciosamente, para o corredor. Quando o elevador chegou, fedia a cigarro.

O rosto vermelho estava andando de um lado para outro no vestíbulo acarpetado em azul quando ela saiu do elevador, suas mãos nos bolsos do casaco preto justo. – Ei – disse ele, erguendo as sobrancelhas –, você precisa de alguma coisa?

– Estou com fome – disse ela, em japonês. – Vou até a cozinha.

– Ei – disse ele, tirando as mãos dos bolsos e ajeitando a frente do casaco – você fala inglês?

– Não – disse ela, e caminhou direto pelo corredor, passando por ele, dobrando a esquina. – Ei – ouviu-o dizer, com um pouco mais de urgência, mas ela já estava tateando atrás do busto branco.

Conseguiu colocar a unidade dentro do bolso pouco antes que ele aparecesse. Ele inspecionou o cômodo automaticamente, as mãos soltas ao lado do seu corpo, de um modo que subitamente lembrou-a dos secretários de seu pai.

– Estou com fome – disse ela, em inglês.

Cinco minutos depois, havia retornado ao seu quarto com uma laranja grande e de aparência muito britânica: os ingleses pareciam não dar nenhum valor especial à simetria das frutas. Fechando a porta atrás dela, colocou a laranja na ampla borda da banheira preta e tirou a unidade Maas-Neotek do bolso.

– Rápido agora – disse Colin, jogando para trás seu topete quando entrou em foco –, abra a unidade e coloque o interruptor A/B na posição A. O novo regime tem um técnico fazendo rondas e procurando grampos. Assim que você mudar o ajuste, isso não deve aparecer como um dispositivo de escuta. – Ela fez como ele disse, usando um grampo de cabelo.

– O que você quer dizer – perguntou ela, movendo os lábios sem emitir sons – com o novo regime?

– Não percebeu? Há pelo menos uma dúzia de funcionários agora, sem mencionar os numerosos visitantes. Bem, suponho que seja menos um novo regime do que uma melhoria no procedimento. Esse sr. Swain é um homem bastante sociável, do seu jeito dissimulado. Tem uma conversa aqui entre Swain e o diretor adjunto do Special Branch que, imagino, milhares de pessoas literalmente matariam para ter, inclusive o oficial mencionado.

– Special Branch?

– A polícia política. Swain anda com figuras muito variadas: pessoal da Buck House, chefões do East End, chefes de polícia...

– Buck House?

– O Palácio de Buckingham. Sem mencionar o pessoal do mercado financeiro da City, uma estrela de simstim, um bando ou dois de agiotas caros e traficantes de drogas...

– Uma estrela de simstim?

– Lanier, Robin Lanier.

– Robin Lanier? Ele esteve aqui?

– Na manhã seguinte à sua partida precipitada.

Ela olhou para os olhos verdes transparentes de Colin. – Você está me dizendo a verdade?

– Sim.

– Você sempre diz a verdade?

– Até onde eu saiba, sim.

– O que você é?

– Um biochip Maas-Neotek baseado em personalidade programado para ajudar e aconselhar a visitante japonesa no Reino Unido. – Ele piscou para ela.

– Por que você piscou?

– O que você acha?

– Responda à pergunta! – A voz dela alta, no quarto espelhado.

O fantasma tocou os lábios com seu dedo indicador. – Eu sou outra coisa também, sim. Eu realmente mostro iniciativa demais para ser um mero programa de guia. Embora o modelo no qual sou baseado seja o mais avançado da linha, extremamente sofisticado. Não posso lhe dizer exatamente o que sou, contudo, porque não sei.

– Você não sabe? – Novamente, sem emitir os sons, cuidadosamente.

– Conheço uma enormidade de coisas – disse ele, e foi para uma das claraboias. – Eu sei que uma mesa de servir no Middle Temple Hall é feita de madeira proveniente do *Golden Hind*; que é preciso subir cento e vinte e oito degraus para chegar à passarela da ponte de Londres; que em Wood Street, à direita de Cheapside, há uma árvore que dizem ter sido aquela na qual cantava o tordo de Wordsworth... – Virou-se subitamente para encará-la. – Não é verdade, contudo, porque a árvore atual foi clonada da original em 1998. Eu sei tudo isso, veja você, e mais, muito mais. Poderia, por exemplo, ensinar-lhe os princípios da sinuca. É isso o que eu sou, ou pelo menos o que era para eu ser, originalmente. Porém sou algo mais, e muito provavelmente isso tem a ver com você. Eu não sei o quê. Realmente não sei.

– Você foi um presente do meu pai. Você se comunica com ele?

– Não que eu saiba.

– Você não o informou sobre minha partida?

– Você não entende – disse ele. – Eu não sabia que você tinha estado ausente até você me ativar, momentos atrás.

– Mas você tem estado gravando...

– Sim, mas não estou consciente disso. Só estou “aqui” quando você me aciona. Então avalio os dados atuais... De uma coisa você pode estar certa, contudo: é simplesmente impossível transmitir qualquer tipo de sinal desta casa sem que os detectores de Swain o captem imediatamente.

– Poderia haver *mais* de você, quero dizer um outro, nessa mesma unidade?

– Ideia interessante, mas não, exceto se houver uma tecnologia de vanguarda altamente secreta. Já estou um pouco além dos limites atuais, considerando-se o tamanho do meu hardware. Sei disso pela informação geral que tenho armazenada.

Ela olhou para a unidade em sua mão. – Lanier – disse ela. – Conte–me.

– Dez/vinte e cinco/dezesseis: A.M. – disse ele. A cabeça dela se encheu de vozes incorpóreas...

PETAL: Se quiser me seguir, por favor, senhor...

SWAIN: Venha até a sala de bilhar.

TERCEIRA VOZ: É melhor você ter um motivo para isso, Swain. Há três homens da Net esperando no carro. A Segurança vai ficar com teu endereço no banco de dados até que o inferno congele.

PETAL: É um belo carro aquele, senhor, o Daimler. Deseja que segure o seu casaco?

TERCEIRA VOZ: O que é isto, Swain? Por que não pudemos nos encontrar no Brown's?

SWAIN: Tire seu casaco, Robin. Ela se foi.

TERCEIRA VOZ: Se foi?

SWAIN: Para o Sprawl. Pela manhã, cedo.

TERCEIRA VOZ: Mas não é hora...

SWAIN: Você acha que eu a mandei para lá?

A resposta do homem foi vaga, indistinguível, perdida atrás de uma porta fechando. – Aquele era Lanier? – Perguntou Kumiko, silenciosamente.

– Sim – respondeu Colin. – Petal chamou-o pelo nome numa conversa anterior. Swain e Lanier passaram vinte e cinco minutos juntos.

Som de uma tranca, movimento.

SWAIN: Bela cagada, mas não minha. Alertei você sobre ela, falei para você alertá-los. Assassina nata, provavelmente psicopata...

LANIER: É problema seu, não meu. Você precisa do produto deles e da minha cooperação.

SWAIN: E qual é o seu problema, Lanier? Por que você está nesta? Só para tirar Mitchell do caminho?

LANIER: Onde está o meu casaco?

SWAIN: Petal, a droga do casaco do senhor Lanier.

PETAL: Senhor.

LANIER: Eu tenho a impressão de que eles querem a sua razorgirl tanto quanto querem Angie. Ela é, definitivamente, parte do prêmio. Vão pegá-la, também.

SWAIN: Boa sorte para eles, então. Ela já está em posição, no Sprawl. Falei com ela por telefone, há uma hora. Vou colocá-la em contato com o meu homem lá, aquele que tem feito preparativos para a... garota. E você, vai voltar de fato?

LANIER: Esta noite.

SWAIN: Bem, então, nada para se preocupar.

LANIER: Adeus, Swain.

PETAL: Um completo escroto, esse.

SWAIN: Não gosto nada disso, nem um pouco...

PETAL: Mas gosta dos benefícios, não?

SWAIN: Não posso reclamar, mas por que você acha que eles também querem a Sally?

PETAL: Só Deus sabe. Eles que se virem com ela.

SWAIN: Eles. Eu não gosto deste negócio de “eles”...

PETAL: Eles não podem estar terrivelmente felizes em saber que ela foi para lá por conta própria, com a filha de Yanaka...

SWAIN: Não. Mas agora temos a senhorita Yanaka de volta. Amanhã direi a Sally que Prior está em Baltimore, colocando a garota em forma...

PETAL: Esse é um negócio bem ruim, bem ruim...

SWAIN: Traga um bule de café para o escritório.

Ela deitou-se de costas, os olhos fechados, as gravações de Colin projetando-se em sua cabeça, diretamente em seus nervos auditivos. Swain parecia conduzir a maior parte de seus negócios na sala de bilhar, o que significava que ela ouvia pessoas chegando e saindo, inícios e fins de diálogos. Dois homens, um dos quais deve ter sido o rosto vermelho, manteve uma discussão interminável sobre corridas de cachorro e as apostas para o dia seguinte. Ela ouviu com especial interesse quando Swain e o homem das forças especiais, o Special Branch (SB, Swain chamava) travavam uma conversa de negócios diretamente debaixo do busto de mármore, enquanto o homem se preparava para sair. Ela interrompeu este segmento uma meia dúzia de vezes em busca de esclarecimento. Colin fez suposições inteligentes.

– Este é um país muito corrupto – disse ela por fim, profundamente chocada.

– Talvez não mais do que o seu próprio país – disse ele.

– Mas com o que Swain está pagando esta gente?

– Informação. Eu diria que nosso senhor Swain recentemente adquiriu uma fonte de inteligência de alto nível, e está ocupado em convertê-la em poder. Com base no que ouvimos, me arriscaria a

dizer que esta tem sido sua linha de trabalho por algum tempo. O que está aparente, contudo, é que ele está subindo na hierarquia, se tornando mais importante. Há evidências internas de que ele é atualmente um homem muito mais importante do que era há uma semana. Além disso, há o fato de que ele está ampliando sua equipe...

– Devo contar isso para... minha amiga.

– Shears? Contar o que para ela?

– O que Lanier disse. Que ela será levada, junto com Angela Mitchell.

– Onde ela está?

– O Sprawl. Um hotel...

– Ligue para ela. Mas não daqui. Você tem dinheiro?

– Um chip do Mitsubank.

– Não serve para nossos telefones, sinto muito. Tem alguma moeda?

Ela se levantou da cama e procurou cuidadosamente as moedas de dinheiro inglês que havia acumulado no fundo de sua bolsa. – Aqui – disse ela, segurando uma moeda dourada –, dez libras.

– Precisa de duas dessas para fazer uma ligação local. – Ela jogou a moeda de volta na bolsa.

– Não, Colin. Não usarei o telefone. Há um jeito melhor. Eu quero sair daqui. Agora. Hoje. Você vai me ajudar?

– Certamente – disse ele –, embora eu não lhe aconselhe a fazer isso.

– Mas eu vou.

– Muito bem. Como você propõe conseguir fazer isso?

– Vou dizer a eles que preciso fazer compras.

27

MENINA MÁ

A mulher deve ter chegado após a meia-noite, pensou mais tarde, porque foi depois que Prior tinha voltado com os caranguejos, o segundo pacote de caranguejos. Realmente tinham ótimos caranguejos em Baltimore, e o wiz sempre lhe abria o apetite, então ela o convenceu a voltar e buscar mais. Gerald continuava vindo trocar os dermas nos braços dela; ela sempre o recebia com seu sorriso mais tolo, espremendo para fora o tranquilizante cada vez que ele saía e depois recolocando o adesivo de volta no lugar. Finalmente, Gerald disse que ela deveria dormir. Apagou as luzes e ajustou a janela falsa para a imagem mais suave, um pôr do sol avermelhado.

Quando ficou sozinha novamente, escorregou a mão por entre a cama e a parede, encontrou a arma de choque em seu buraco na espuma.

Adormeceu sem querer, o brilho vermelho da janela como o pôr do sol em Miami, e ela deve ter sonhado com Eddy, ou pelo menos com o Hooky Green's, dançando com alguém lá em cima no 33º andar, porque quando o barulho a acordou, ela não estava muito certa de onde se encontrava, mas tinha este mapa muito claro em sua cabeça de como sair do Hooky Green's, como se ele soubesse que era melhor pegar as escadas porque havia algum tipo de problema...

Estava saindo da cama quando Prior atravessou a porta, literalmente *através* da porta, já que ela ainda estava fechada quando ele a atingiu. Ele a atravessou de trás para a frente e foi parar sobre estilhaços e pedaços de papelão.

Ela o viu chocar-se contra a parede e depois o chão, e então já não estava se movendo mais e uma outra pessoa estava lá na porta, iluminada por trás, pela luz do outro quarto, e tudo que ela podia ver do rosto eram aqueles dois círculos de luz vermelha, reflexo do pôr do sol falso.

Colocou as pernas de volta na cama, encostou-se contra à parede, sua mão escorregando para...

– Não se mexa, sua vagabunda. – Havia alguma coisa realmente amedrontadora naquela voz, porque era alegre demais, como se atirar Prior através da porta fosse algo realmente divertido. – E isso quer dizer realmente não se mexer... – A mulher atravessou o quarto em três passos, muito próxima, tão próxima que Mona sentiu o frio da jaqueta de couro.

– Ok – disse Mona –, ok...

Então as mãos a agarraram, rápido, e ela estava jogada de costas, ombros pressionados fortemente contra a espuma e alguma coisa – a arma de choque – bem em frente ao seu rosto.

– Onde você conseguiu esta coisinha?

– Oh – disse Mona, como se fosse algo do qual ela havia se esquecido –, estava na jaqueta do meu namorado. Eu peguei a jaqueta emprestada...

O coração de Mona estava acelerado. Havia alguma coisa a respeito daqueles óculos...

– Esse merda aí sabia que você tinha esta coisinha?

– Quem?

– Prior – disse a mulher, e largou-a, virando-se. Estava chutando Prior, várias vezes, com força. – Não – disse ela, parando tão abruptamente quanto começou. – Acho que Prior não sabia. – Gerald estava na porta, como se nada houvesse acontecido, exceto por seu olhar triste para a parte da porta que havia sobrado no caixilho, correndo seu polegar sobre uma ponta de laminado lascado. – Café, Molly?

– Dois cafés, Gerald – disse a mulher, examinando a arma de choque. – O meu, forte.

Mona bebeu seu café e estudou as roupas e o cabelo da mulher enquanto esperavam Prior acordar. Pelo menos era o que pareciam

estar fazendo. Gerald tinha saído novamente. Ela não era nada parecida com qualquer pessoa que Mona já tivesse visto antes; Mona não era capaz de encaixá-la em seu mapa de estilos, só sabia que ela tinha dinheiro. O cabelo era europeu; Mona já havia visto um igual àquele numa revista; tinha certeza de que não era o estilo da moda em lugar algum, mas ficava legal com as lentes, que eram inseridas, implantadas direto na pele. Tinha visto um taxista em Cleveland com um daqueles. E ela vestia uma jaqueta curta, marrom-escura, muito simples para o gosto de Mona mas obviamente nova, com uma grande lapela de pele de carneiro, agora aberta mostrando uma coisa verde bizarra colada aos seus seios e ao estômago, como uma armadura, era o que Mona pensava que fosse, e jeans cortados em algum tipo de camurça cinza-esverdeada, grossa e macia, e Mona pensou que os jeans eram a coisa mais bacana no visual dela, que poderia comprar um par daqueles para si mesma, exceto que as botas estragavam tudo, botas pretas de cano alto, do tipo que os motoqueiros usavam, com solados amarelos de borracha, grossos, e grandes tiras ao redor do peito do pé, fivelas cromadas de cima a baixo, o bico horrivelmente esquisito. E onde é que ela havia conseguido aquela cor de unha, aquele Borgonha? Mona achava que nem fabricavam mais aquele troço.

– Está olhando o quê?

– Ah... suas botas.

– E daí?

– Elas não combinam com suas calças.

– Usei porque queria chutar Prior e ferrar com ele.

Prior gemeu no chão, como se fosse vomitar. Isso fez Mona sentir-se enjoada, então disse que ia ao banheiro.

– Nem pense em fugir. – A mulher parecia estar vigiando Prior, sobre o branco de sua xícara de porcelana, mas com aqueles óculos, era difícil ter certeza.

De algum modo, ela se viu no banheiro com a bolsa em seu colo. Apressou-se para ajustar a dose; não esmagou bem o suficiente, então a droga ardeu no fundo da garganta, mas como Lanette costumava dizer, nem sempre se tem tempo para os detalhes. De

qualquer maneira, não estava tudo muito melhor agora? Havia um pequeno chuveiro no banheiro de Gerald, mas parecia que não era usado há muito tempo. Ela deu uma olhada mais de perto e viu mofo cinza se formando ao redor do ralo, e manchas que pareciam sangue seco.

Quando voltou, a mulher estava arrastando Prior para um dos outros quartos, puxando-o pelos pés. Ele estava de meias, sem sapatos, Mona percebeu agora, como se tivesse colocado os pés para cima para dormir. Sua camisa azul estava manchada de sangue e seu rosto, todo cheio de hematomas.

O que Mona sentiu, quando a dose começou a fazer efeito, foi uma curiosidade inocente e brilhante. – O que você está fazendo?

– Acho que vou ter que acordá-lo – disse a mulher, como se ela estivesse no metrô, falando sobre um outro passageiro que estava para perder sua parada. Mona seguiu-a para dentro da sala onde Gerald fazia seu trabalho, tudo limpo e branco como um hospital; observou enquanto a mulher colocava Prior em pé numa espécie de cadeira de barbearia, com pedais e botões e coisas. *Ela não parece ser extremamente forte*, pensou Mona, *é mais o jeito como ela sabe jogar com o peso*. A cabeça de Prior caiu de lado enquanto a mulher apertava um cinto preto ao redor de seu peito. Mona estava começando a sentir pena dele, mas então se lembrou de Eddy.

– O que é isto? – A mulher estava enchendo um frasco de plástico branco com água de uma torneira cromada.

Mona queria contar, sentindo seu coração em disparada por causa do wiz. *Ele matou Eddy*, continuava tentando dizer, mas não saía. Então deve ter conseguido, porque a mulher respondeu – É o tipo de coisa que ele faz... se você deixar. – Ela jogou a água sobre Prior, em seu rosto e sobre a camisa; seus olhos se abriram e o olho esquerdo estava todo vermelho; a forquilha de metal da arma de choque disparou fagulhas brancas quando a mulher a pressionou contra a camisa azul molhada. Prior gritou.

Gerald teve que ficar de quatro para tirá-la de baixo da cama. Ele tinha mãos frias, muito gentis. Ela não conseguia se lembrar de como tinha ido parar lá embaixo, mas agora tudo estava quieto. Gerald vestia um casaco cinza e óculos escuros.

– Você vai com a Molly agora, Mona – disse ele.

Ela começou a tremer.

– Acho melhor eu te dar alguma coisa para os nervos.

Ela se atirou para trás, longe das mãos dele. – Não! Não encosta em mim!

– Deixa, Gerald – disse a mulher na porta. – É hora de você ir agora.

– Não acho que você saiba o que está fazendo – disse ele –, mas boa sorte.

– Obrigada. Acha que vai sentir falta daqui?

– Não. Estava querendo me aposentar logo, de qualquer maneira.

– Eu também – disse a mulher, e Gerald saiu, sem sequer acenar em despedida para Mona.

– Tem alguma roupa? – a mulher perguntou para Mona. – Vista-se. Estamos indo, também.

Vestindo-se, Mona descobriu que não conseguia abotoar o vestido sobre seus novos peitos; ela o deixou aberto, colocando a jaqueta de Michael por cima e subindo o zíper até o queixo.

28

COMPANHIA

De vez em quando tudo o que queria era ficar lá, olhando o Juiz, ou agachar-se no concreto ao lado da Bruxa. Fazer isso evitava os lapsos de memória. Não as fugas, os flashbacks reais, mas esta estúpida sensação desfocada que tinha, como se a fita de memória ficasse saindo do lugar em sua cabeça, perdendo os pormenores de experiência... Então era o que estava fazendo naquele momento, e estava funcionando, e finalmente percebeu que Cherry estava lá, ao seu lado.

Gentry estava em pé no loft com a forma que havia capturado, o que ele chamava nodo de macroforma, e ele mal tinha escutado o que Slick havia tentado lhe dizer sobre a casa e todo aquele lugar e Bobby, o Conde.

Então Slick havia descido para agachar-se ao lado de um Investigador no frio e no escuro, repassando todas as coisas que havia feito com tantas ferramentas diferentes, e onde havia conseguido cada peça, e então Cherry estendeu sua mão fria e tocou-o na bochecha.

– Você está bem? – perguntou. – Eu achei que estivesse tendo outro episódio...

– Não. É que tenho que descer aqui, às vezes.

– Ele te plugou na caixa do Conde, não foi?

– Bobby – disse Slick –, é como ele se chama. Eu o vi.

– Onde?

– Lá dentro. É todo um mundo. Há esta casa, como um castelo ou algo assim, e ele está lá.

– Sozinho?

– Ele disse que Angie Mitchell está lá também...

– Talvez ele esteja louco. Ela está mesmo lá?

– Eu não a vi. Mas vi um carro, supostamente dela.

– Ela está em um centro de desintoxicação na Jamaica. – Ele sacudiu os ombros. – Não sei.

– Como ele é?

– Ele parece mais jovem. Qualquer um pareceria mal com todos esses tubos e outras porcarias. Ele achou que Kid Afrika largou-o aqui porque ficou com medo. Disse que se qualquer um vier procurar por ele, é para plugá-lo na matrix.

– Por quê?

– Não sei.

– Você deveria ter perguntado.

Ele sacudiu os ombros novamente. – Viu o Bird por aí?

– Não.

– Já deveria ter voltado... – Ficou em pé.

Little Bird voltou ao anoitecer, na moto de Gentry, as asas escuras de seu cabelo úmidas pela neve e ondulando atrás dele enquanto acelerava pela Solitude. Slick franziu o rosto: Little Bird estava na marcha errada. Little Bird subiu sobre uma pilha de barris de óleo compactados e freou quando deveria ter acelerado. Cherry prendeu a respiração enquanto Bird e a moto se separaram em pleno ar; a moto parecia ter ficado suspensa ali, por um segundo, antes de dar um salto mortal e cair sobre o entulho de folhas de metal que tinha sido um dos anexos da Fábrica, e Little Bird estava rolando várias vezes no chão.

Slick não chegou a ouvir o impacto. Estava em pé ao lado de Cherry, na cobertura de uma rampa de carga sem porta – em seguida estava correndo através da ferrugem coberta de neve, em direção ao motoqueiro caído, sem transição. Little Bird estava deitado de costas, com sangue nos lábios, sua boca parcialmente escondida pelo amontoado de ossos de diversos animais e antigos cartuchos de munição de latão que usava em volta do pescoço.

– Não encoste nele – disse Cherry. – Pode ter quebrado uma costela, ou pode ter se arrebentado por dentro...

Os olhos de Little Bird se abriram ao som da voz dela. Ele cerrou os lábios e cuspiu sangue e parte de um dente.

– Não se mexa – disse Cherry, ajoelhando-se ao lado dele e falando com a dicção ríspida que havia aprendido na escola de tec-meds. – Você pode estar ferido...

– Foda-se, garota – ele deu um jeito de erguer-se com a ajuda de Slick.

– Tudo bem, seu merda – respondeu –, se tiver uma hemorragia, azar seu.

– Não consegui – disse Little Bird, limpando o sangue de seu rosto com as costas da mão – o caminhão.

– Deu para notar – disse Slick.

– Marvie e os caras, eles têm companhia. Como moscas ao redor de merda. Alguns hovercrafts e um helicóptero e mais umas merdas. Todos aqueles caras.

– Que tipo de caras?

– Parecem soldados, mas não são. Soldados ficam de bobeira, fazendo merda e contam piadas quando ninguém importante está olhando. Mas não eles.

– Tiras? – Marvie e seus dois irmãos cultivavam variedades de maconha mutante numa dúzia de vagões de trem semissoterrados; às vezes, eles tentavam produzir compostos primitivos de amina, mas seu laboratório quase sempre explodia. Eles eram a coisa mais próxima da noção de vizinhos permanentes que a Fábrica tinha. Viviam a seis quilômetros dali.

– Tiras? – Little Bird cuspiu outro pedaço de dente e vasculhou cuidadosamente sua boca com um dedo ensanguentado. – Os caras não estão fazendo nada contra a lei. De qualquer maneira, os tiras não têm grana para aquelas coisas, hovercrafts novos, um Honda novo... – Ele deu um meio sorriso sob uma película de sangue e saliva. – Fiquei de tocaia em Solitude e dei uma boa olhada neles. Ninguém com quem eu gostaria de conversar, nem você. Acho que detonei mesmo a moto do Gentry, hein?

– Não se preocupe com isso – disse Slick. – Acho que a mente dele está ocupada com outra coisa.

– Que bom... – Caminhou, mancando, em direção à Fábrica, quase caiu, se recompôs, continuou.

– Ele está completamente drogado – disse Cherry.

– Ei, Bird – chamou Slick –, o que aconteceu com o pacote de bagulho que te dei para entregar a Marvie?

Bird oscilou, virou-se. – Perdi... – Então desapareceu, atrás de uma pilha de zinco.

– Talvez ele esteja inventando tudo – disse Cherry. – Sobre aqueles caras. Ou vendo coisas.

– Duvido – disse Slick, empurrando-a para uma sombra ao notar que um Honda preto, com as luzes apagadas, descia em direção à Fábrica, saído do crepúsculo do inverno.

Ele ouviu o Honda fazer sua quinta passagem pela Fábrica enquanto subia pelas escadas que rangiam, o telhado de metal chacoalhando com a passagem do helicóptero. Bem, pensou ele, pelo menos isso faria Gentry notar que temos visitantes. Ele caminhou pela passarela em dez passos longos e lentos; estava começando a se perguntar se conseguiriam passar de volta com o Conde e sua maca para os fundos, sem ter que prender uma viga extra nas alças.

Entrou no loft iluminado sem bater. Gentry estava sentado na mesa de trabalho, sua cabeça virada para o lado, encarando a claraboia de plástico. A bancada estava cheia de pedaços de hardware e pequenas ferramentas.

– Helicóptero – disse Slick, ofegante por causa da subida.

– Helicóptero – concordou Gentry, sacudindo a cabeça pensativamente, seu cabelo desgrenhado se agitando. – Eles parecem estar procurando alguma coisa.

– Acho que acabaram de encontrá-la.

– Podia ser a Autoridade de Fissão.

– Bird disse que viu gente lá no Marvie. Viu este helicóptero por lá também. Você não estava prestando muita atenção quando tentei lhe contar o que ele disse.

– Bird? – Gentry olhou para baixo, para as pequenas coisas brilhantes na mesa de trabalho. Pegou dois conectores e juntou-os.

– O Conde! Ele me disse...

– Bobby Newmark – disse Gentry –, sim. Sei muito mais sobre Bobby Newmark, agora.

Cherry entrou atrás de Slick. – Você tem que fazer alguma coisa sobre aquela ponte – disse, dirigindo-se imediatamente para a maca –, ela sacode muito. – Debruçou-se para checar as leituras do Conde.

– Venha até aqui, Slick – disse Gentry, levantando-se. Caminhou até a mesa holográfica. Slick o seguiu, olhando para a imagem que brilhava lá. Lembrou-se dos tapetes que havia visto na casa cinza, padronagens como aquela, só que agora eram tecidos de neon muito fino, entrelaçados em algum tipo de nó infinito; sua cabeça doía só de olhar para o centro do nó. Desviou o olhar.

– É isso? – perguntou para Gentry. – O que você sempre esteve procurando?

– Não. Eu lhe disse. Isso é apenas uma nodo, uma macroforma. Um modelo...

– Ele tem esta casa lá, como um castelo, e grama e árvores e céu...

– Ele tem muito mais do que isso. Tem um universo a mais do que isso. Aquilo é apenas um constructo criado a partir de um stim comercial. O que ele tem é um resumo da soma total de dados que constituem o ciberespaço. Ainda assim, é o mais próximo que já cheguei até hoje... Ele não lhe disse por que está lá?

– Não perguntei.

– Então, você vai ter que voltar.

– Ei, Gentry. Ouça. Aquele helicóptero vai voltar. Vai voltar com dois hovers cheios de caras que Bird disse parecerem soldados. Eles não estão atrás de nós, cara. Estão atrás dele.

– Talvez seja o pessoal dele. Talvez estejam atrás de nós.

– Não. Ele me disse, cara. Disse que se alguém viesse procurar por ele, estaríamos numa grande merda, e deveríamos plugá-lo na matrix.

Gentry olhou para baixo, para o pequeno encaixe que ainda segurava. – Nós vamos falar com ele, Slick. Você vai voltar e, desta vez, vou contigo.

29

VIAGEM DE INVERNO

Petal tinha concordado, por fim, mas apenas depois que ela sugeriu telefonar para seu pai pedindo permissão. Foi procurar Swain, resignado, e quando voltou, parecendo igualmente infeliz, a resposta tinha sido sim. Envolta em várias camadas de suas roupas mais quentes, Kumiko esperou no vestíbulo pintando de branco, estudando as pinturas de caça enquanto Petal orientava o homem de rosto vermelho, que se chamava Dick, atrás de portas fechadas. Não podiam distinguir as palavras individualmente, só uma torrente de advertências em voz baixa. A unidade Maas-Neotek estava em seu bolso, mas evitava tocá-la. Colin já havia tentado fazê-la desistir duas vezes.

Dick retornou da conversa com Petal, um sorriso congelado em seus pequenos lábios rígidos. Debaixo de seu terno preto e justo, vestia uma blusa de gola olímpica e um casaco de lã cinza. Seu cabelo preto estava colado contra sua cabeça com gel; suas bochechas pálidas estavam acinzentadas por algumas horas sem se barbear. Ela segurou a unidade em seu bolso. – Olá – disse Dick, olhando-a de cima para baixo. – Onde vamos passear?

– Portobello Road – disse Colin, apoiado, indolentemente, contra a parede, ao lado do cabideiro lotado. Dick pegou um sobretudo escuro do cabideiro, atravessando Colin para tanto, vestiu-o e abotoou-o. Colocou um pesado par de luvas de couro preto.

– Portobello Road – disse Kumiko, largando a unidade.

– Há quanto tempo você trabalha para o sr. Swain? – perguntou ela, enquanto abriam caminho no asfalto coberto de gelo da alameda.

– O bastante – respondeu ele. – Cuidado para não escorregar. Saltos traiçoeiros nessas botas...

Kumiko caminhava ao lado dele em pequenos saltos, em suas botas francesas negras com espigões. Como havia previsto, era virtualmente impossível caminhar por entre as placas rígidas de gelo com aquelas botas. Segurou a mão dele para equilibrar-se; e, ao fazê-lo, sentiu um metal sólido na sua palma. As luvas tinham material de enchimento, os dedos eram reforçados com liga de carbono.

Ele permanecia calado enquanto viravam na rua transversal à alameda, mas quando chegaram a Portobello Road, deu uma parada. – Desculpe, senhorita – disse ele, um tom de hesitação em sua voz –, mas o que os rapazes andam dizendo, é verdade?

– Rapazes? Como assim?

– Os rapazes de Swain, o pessoal que fica por lá. Que você é filha do chefão... o chefão lá de Tóquio?

– Desculpe – disse ela –, eu não entendo.

– Yanaka. Seu nome é Yanaka?

– Kumiko Yanaka, sim...

Olhou para ela com intensa curiosidade. Depois pareceu preocupado e olhou cuidadosamente em volta. – Meu Deus – disse ele –, então deve ser verdade... – Seu corpo atarracado, firmemente abotoado, estava tenso e alerta. – O patrão disse que você queria fazer compras?

– Sim, obrigada.

– Aonde vamos?

– Aqui – disse ela, e levou-o para dentro de uma galeria estreita, solidamente preenchida com *gomi* britânico.

Suas expedições para compras em Shinjuku foram úteis para lidar com Dick. As técnicas que havia desenvolvido para torturar os secretários de seu pai provaram ser eficientes agora, quando forçava o homem a participar de dúzias de escolhas sem sentido entre um medalhão eduardiano e outro, este ou aquele fragmento de vitral, ainda que tivesse o cuidado de escolher apenas itens que fossem frágeis ou muito pesados, difíceis de carregar e extremamente caros. Uma alegre vendedora bilíngue efetuou uma

cobrança de 80 mil libras no chip MitsuBank de Kumiko. Kumiko escorregou a mão para dentro do bolso em que mantinha a unidade Maas-Neotek. – Refinado – disse a garota inglesa em japonês, enquanto embalava uma das compras de Kumiko, um vaso de bronze dourado incrustado com grifos.

– Horrível – comentou Colin, em japonês. – Uma imitação, ainda por cima. – Ele se reclinou num sofá vitoriano forrado com pelo de cavalo, suas botas apoiadas numa bandeja de coquetel *art déco* sustentada por anjos de alumínio aerodinâmicos.

A vendedora acrescentou o vaso embalado à carga de Dick. Esta era a décima primeira loja de antiguidades em que Dick entrava e a oitava compra de Kumiko.

– Acho melhor você tomar a iniciativa agora – aconselhou Colin. – A qualquer momento, nosso Dick aqui vai chamar Swain pedindo um carro para levar todas essas coisas para casa.

– Nós terminamos, então? – perguntou Dick, esperançoso, sobre as compras de Kumiko.

– Só mais uma loja, por favor. – Kumiko sorriu.

– Certo – disse ele, sorrindo forçosamente. Enquanto a seguia em direção à porta, ela prendeu o salto da bota esquerda numa fenda no asfalto que ela havia visto antes de entrar. – Você está bem? – perguntou ele, vendo-a se desequilibrar.

– Quebrei o salto da minha bota... – Voltou mancando para a loja e sentou-se ao lado de Colin no sofá de pelo de cavalo. A vendedora veio correndo para ajudar.

– Tire-as rapidamente – aconselhou Colin –, antes que Dick largue os pacotes.

Ela abriu o zíper da bota com o salto quebrado, depois abriu a outra, tirou as duas. No lugar das meias comuns de seda chinesa grossa que costumava vestir no inverno, seus pés estavam envoltos em meias de borracha escura com um grosso solado de plástico estriado. Quase passou por entre as pernas de Dick quando saiu pela porta, mas em vez disso esbarrou nele enquanto se espremia para sair, fazendo-o cair sobre uma vitrine de decantadores de cristal.

E então ela estava livre, mergulhando entre a massa de turistas de Portobello Road.

Seus pés estavam muito frios, mas as solas de plástico rígido forneciam uma excelente tração, a não ser no gelo, lembrou-se, levantando-se de seu segundo escorregão, terra úmida em suas palmas. Colin a guiou para uma passagem estreita de tijolos escuros...

Ela agarrou a unidade. – Para onde agora?

– Por aqui – disse ele.

– Eu quero chegar ao Rose and Crown – lembrou ao Colin.

– Você quer é ter cuidado. Dick já deve ter chamado os capangas de Swain para cá agora, sem mencionar o tipo de caçada que aquele amigo de Swain do Special Branch poderia organizar se Swain pedir. E não consigo pensar por que ele não faria isso...

Ela entrou no Rose and Crown por uma porta lateral, Colin a seu lado, grata pela confortável penumbra e o calor irradiante que pareciam ser a essência daquelas tocas para se beber. Ela estava impressionada pela quantidade de estofamento nas paredes e nos assentos, pelas cortinas grossas. Se as cores e os tecidos fossem menos encardidos, aparentemente o efeito não seria tão caloroso. Pubs, pensou ela, eram uma expressão extrema da atitude britânica a respeito de *gomi*.

Respondendo à insistência de Colin, abriu caminho entre os fregueses que bebiam em frente ao bar, esperando encontrar Tick.

– O que vai ser, querida?

Ela olhou para cima, para o rosto largo e louro detrás do bar, batom brilhante e bochechas pintadas com blush. – Com licença – disse Kumiko –, gostaria de falar com o sr. Bevan...

– Enche uma caneca pra mim, Alice – disse alguém, jogando três moedas de dez libras sobre o balcão –, na pressão. Alice acionou uma bomba alta de cerâmica branca, enchendo uma caneca com cerveja clara. Colocou a caneca no balcão e puxou o dinheiro para dentro de uma gaveta registradora.

– Alguém quer falar contigo, Bevan – disse Alice, enquanto o homem erguia sua caneca.

Kumiko olhou para cima, encontrando um rosto corado e marcado. O lábio superior do homem era curto; Kumiko pensou em coelhos, embora Bevan fosse grande, quase tão grande quanto

Petal. Mas também tinha olhos de coelho: redondos, marrons, a íris ocupando quase todo o espaço. – Comigo? – Seu sotaque lembrava o de Tick.

– Diga a ele que sim – disse Colin. – Ele não consegue imaginar por que uma garotinha japonesa, em meias de borracha, veio até o pub procurando por ele.

– Eu gostaria de encontrar Tick.

Bevan observou-a com neutralidade sobre a borda de sua caneca. – Desculpe – disse ele. – O nome não me diz nada. – Bebeu.

– Sally me disse que eu deveria falar com você se Tick não estivesse aqui. Sally Shears...

Bevan engasgou com a cerveja, seus olhos mostrando uma fração de branco. Tossindo, largou a caneca sobre o bar e pegou um lenço do bolso de seu sobretudo. Assoou o nariz e limpou a boca.

– Meu horário começa em cinco minutos – disse ele. – Melhor irmos para os fundos.

Alice ergueu uma seção articulada do bar; Bevan conduziu Kumiko através da pequena abertura com suas mãos grandes, espiando rapidamente por cima de seu ombro. Ele a guiou por uma passagem estreita que se abria para uma área atrás do bar. As paredes eram de tijolos, velhas e desniveladas, cobertas com uma grossa camada de pintura verde e suja. Ele parou ao lado de um cesto de metal cheio de panos do bar, que fediam a cerveja.

– Você vai se arrepender se isso for uma armação, garota – disse ele. – Me diz por que você está procurando por este tal de Tick.

– Sally está em perigo. Preciso encontrar Tick. Preciso contar a ele.

– Puta merda – disse o barman. – Coloque-se na minha posição...

Colin torceu o nariz em direção à pilha de toalhas encharcadas.

– Sim? – disse Kumiko.

– Se você for uma policial e eu lhe disser onde encontrar este tal de Tick, presumindo que eu o conheça, e se ele estiver metido em algum rolo, então ele se dá mal e daí ele me mata, não é? Mas se você não for, então esta Sally, ela provavelmente me mataria se eu não te ajudar, entendeu?

Kumiko concordou com a cabeça. – Entre a cruz e a espada. – Foi uma expressão que Sally usou; Kumiko a achava muito poética.

– Mais ou menos isso – disse Bevan, olhando para ela meio estranho.

– Me ajude. Ela está em grande perigo.

Ele correu a palma pelos ralos cabelos coloridos de vermelho.

– Você vai me ajudar – ouviu a si própria dizer, sentindo a máscara fria de sua mãe se ajustar no lugar. – Diga-me onde encontrar Tick.

O barman pareceu tremer, embora estivesse muito quente na passagem, um calor úmido de vapor, cheiro de cerveja misturado com o odor ácido de desinfetante. – Você conhece Londres?

Colin piscou para ela. – Eu me viro por aí – disse ela.

– Bevan – disse Alice, colocando a cabeça ao redor do canto da parede –, os tiras.

– Polícia – traduziu Colin.

– Margate Road, sw2 – disse Bevan – não sei o número, não sei o telefone dele.

– Diga para ele deixá-la sair pelos fundos – disse Colin. – Aqueles não são policiais comuns.

Kumiko iria lembrar-se para sempre de sua interminável viagem pelo metrô da cidade. Como Colin a guiou do Rose and Crown para Holland Park e para baixo, explicando que seu chip do MitsuBank era pior do que inútil agora: se o usasse para pegar um táxi ou para qualquer tipo de compra, disse ele, um operador do Special Banch veria o sinal da transação brilhar como magnésio na grade do ciberespaço. Mas ela tinha que encontrar Tick, disse para ele; tinha que encontrar Margate Road. Ele fez uma careta e disse não, disse para esperar até o anoitecer; Brixton não era longe, mas as ruas eram perigosas demais agora, à luz do dia, com a polícia do lado de Swain. Mas onde ela poderia se esconder?, ela perguntou. Tinha muito pouco dinheiro: aquele conceito, níqueis ou notas de papel, lhe parecia curioso e totalmente estranho.

Aqui, disse ele, enquanto descia em Holland Park. – Pelo preço de uma passagem.

As formas arredondadas dos trens prateados.

Os velhos assentos macios em cinza e verde.

E o calor, lindamente quente; outra toca, aqui, no reino do movimento incessante...

30

O SEQUESTRO

O aeroporto engoliu uma Danielle Stark grogue ao longo de um corredor pastel atulhado com repórteres, câmeras, olhos ampliados, enquanto Porphyre e três seguranças da Net conduziam Angie através do cerco fechado de jornalistas, uma peça coreografada e ritualística que tinha mais a ver com gerar imagens dramáticas do que com proteção. Qualquer um que estivesse presente já havia sido liberado pela segurança e pelo departamento de relações públicas.

Depois, ficou sozinha com Porphyre num elevador expresso, a caminho do heliporto que a Net mantinha no terraço do terminal.

Quando as portas se abriram para lufadas de vento úmido sobre o concreto fortemente iluminado, onde três outros seguranças aguardavam, vestidos com parcas laranja-fluorescentes, Angie lembrou-se de sua primeira visão do Sprawl, quando chegou de trem, vindo de Washington com Turner.

Um das parcas laranja conduziu-os através do piso de concreto perfeitamente limpo até o helicóptero que os aguardava, um Fokker grande, com dois rotores e acabamento em cromo negro. Porphyre subiu na frente. Ela o seguiu, sem olhar para trás.

Ela tinha alguma coisa agora, uma nova determinação. Tinha decidido contatar Hans Becker através de seu agente em Paris. Continuidade tinha o número. Era hora, hora de fazer alguma coisa acontecer. E ela também faria com que algo acontecesse em relação a Robin; ele já deveria estar esperando no hotel, ela sabia.

O helicóptero disse-lhes para afivelar seus cintos de segurança.

E quando começaram a subir houve um silêncio absoluto na cabine à prova de som, apenas uma pulsação seca nos ossos, e por um estranho segundo ela pareceu ser capaz de segurar toda a sua vida em sua mente e compreendê-la, ver aquilo que de fato havia sido. E era isso, pensou, que o pó havia encoberto e ocultado, o que a livrara da dor.

E o lugar da partida da alma, disse uma voz metálica, surgida do brilho de velas e do zunido da colmeia...

– Fofa? – Porphyre do assento ao lado dela, chegando mais perto...

– Estou sonhando...

Algo estivera esperando por ela, anos atrás, na Net. Nada como os loa, como Legba e os outros, embora Legba, ela sabia, fosse o Senhor das Encruzilhadas; ele era síntese, o ponto cardeal da magia, comunicação...

– Porphyre – perguntou ela –, por que o Bobby foi embora? – Olhou para fora, para a grade entrelaçada de luzes do Sprawl, os domos realçados por sinalizadores vermelhos, vendo, em vez disso, a paisagem de dados que sempre o havia puxado de volta para o que ele acreditava ser o único jogo que valia a pena jogar.

– Se você não sabe, fofa – disse Porphyre –, quem vai saber?

– Mas você ouve coisas. Tudo. Todos os rumores. Você sempre...

– Por que me perguntar agora?

– É hora...

– Eu me lembro das fofocas, entende? Como as pessoas que não são famosas ficam falando sobre as que são. Talvez alguém que tivesse dito conhecer Bobby tenha falado com outras pessoas e isso acabou circulando... Bobby era um assunto quente porque ele estava com você, entende? É um bom ponto de partida, fofa, por que ele não teria achado isso tão agradável, não é? Os boatos eram de que ele tinha ido batalhar sozinho, mas aí esbarrou com você e você subiu mais alto e mais rápido do que qualquer outra coisa com que ele poderia ter sonhado. Levou-o lá para cima, entende? Onde a quantidade de dinheiro com a qual ele nem sonhava, em Barrytown, era considerada apenas um trocado...

Angie assentiu com a cabeça, olhando para o Sprawl.

– Diziam que ele tinha as suas próprias ambições, fofa. Alguma coisa que o impulsionava. Até que isso o levou embora, finalmente...

– Eu não acho que ele me deixaria – disse ela. – Quando eu cheguei pela primeira vez ao Sprawl, era como nascer de novo. Uma nova vida. E ele estava lá, bem ali, na primeira noite. Mais tarde, quando Legba ... quando estava com a Net...

– Quando você estava se tornando Angie.

– Sim. E por mais que isso me absorvesse, sabia que ele estaria presente. E também que ele nunca havia caído nessa, e eu precisava disso, saber que continuava sendo apenas uma grande armação, para ele, o negócio todo...

– A Net?

– Angie Mitchell. Ele sabia a diferença entre ela e eu.

– Sabia?

– Talvez ele fosse a diferença. – Tão alto acima das linhas de luz...

O velho New Suzuki Envoy tinha sido o hotel favorito de Angie no Sprawl, desde seus primeiros dias com a Net.

Mantinha a fachada plana até o décimo primeiro andar, então se estreitava em degraus, nove recuos sucessivos, dando-lhe a aparência de uma montanha formada com rochas escavadas de sua construção em Madison Square. As plantas originais previam que esta paisagem fosse recoberta com flora nativa da região de Hudson Valley e povoada com fauna apropriada, mas a construção posterior do primeiro domo de Manhattan tornou necessária a contratação de uma equipe parisiense de ecodesign. Os ecologistas franceses, acostumados aos “puros” problemas de design criados pelos sistemas orbitais, entraram em desespero com a atmosfera carregada de partículas que impregnava o Sprawl, optando então por cepas vegetais geneticamente modificadas e fauna robótica do mesmo tipo encontrado em parques temáticos infantis, mas a contínua patronagem de Angie acabou dando ao lugar um toque de classe que, de outro modo, não teria. A Net alugava os cinco andares mais altos, onde sua suíte permanente havia sido instalada, e o Envoy passou a contar com certa reputação, ainda que tardia, entre artistas e pessoas do ramo de entretenimento.

Sorriu quando o helicóptero passou ao lado de um indiferente carneiro robótico, aparentemente ocupado pastando líquen próximo à cascata iluminada. O absurdo daquele lugar sempre a fascinava; mesmo Bobby gostava de lá.

Ela deu uma olhada em direção ao heliporto do Envoy, onde o logo da Sense/Net havia sido recentemente repintado sobre o concreto aquecido e iluminado. Uma figura solitária, encapuzada numa capa de borracha laranja brilhante, aguardava ao lado de uma pedra esculpida.

– Robin vai estar aqui, não vai, Porphyre?

– O sr. Lanier – disse ele amargamente.

Angie suspirou.

O Fokker de cromo negro desceu suavemente, copos estremecendo levemente no armário de bebidas enquanto o trem de pouso se assentava sobre o telhado do Envoy. A pulsação surda dos motores morreu.

– No que se refere a Robin, Porphyre, eu terei de tomar a iniciativa. Vou falar com ele hoje à noite. Sozinha. Neste meio-tempo, quero que você fique longe do caminho dele.

– Será um prazer para Porphyre, fofa – disse o cabeleireiro, enquanto a porta da cabine se abria atrás deles. E então ele estava se contorcendo, agarrando, desesperado, a fivela do cinto de segurança, e Angie virou-se a tempo de ver a capa de borracha laranja brilhante na escotilha, o braço erguido, as lentes espelhadas. A arma emitiu um clique tão leve quanto o de um isqueiro, mas Porphyre se contorcia violentamente, uma comprida mão negra apertando sua garganta enquanto o segurança fechava a escotilha atrás dele e lançava-se sobre Angie.

Alguma coisa bateu forte em seu estômago; Porphyre estava desfalecido em seu assento, como um boneco, sua língua pontuda e rosada para fora da boca. Olhou para baixo, por puro reflexo, e viu a fivela de seu cinto coberta por um losango de plástico verde grudento.

Olhou para cima, para um rosto oval emoldurado por um capuz de nylon laranja bem apertado. Viu seu próprio rosto, pálido pelo choque, duplicado pelas lentes prateadas. – Ele bebeu esta noite?

– O quê?

– Ele. – Um dedão apontando na direção de Porphyre. – Bebeu álcool?

– Sim... mais cedo.

– Merda. – A voz de uma mulher, enquanto ela se virava para o cabeleireiro inconsciente. – Então ele está sedado. Não quero suprimir seus reflexos respiratórios, sabe? – Angie observava enquanto a mulher checava o pulso de Porphyre. – Acho que ele está bem... – Ela havia encolhido os ombros, por baixo da capa de borracha?

– Segurança?

– O quê? – As lentes brilharam.

– Você é da segurança da Net?

– Claro que não, estou sequestrando você.

– Você está?

– Pode apostar.

– Por quê?

– Não pelos motivos usuais. Alguém está armando contra você. Contra mim também. Era para eu preparar as coisas e pegá-la na semana que vem. Que se danem. Tinha que falar com você, de qualquer jeito.

– Você tinha? Que falar comigo?

– Conhece uma figura chamada 3Jane?

– Não. Quero dizer, sim, mas...

– Deixa. Temos que sair daqui agora, rápido.

– Porphyre...

– Ele vai acordar logo. Pelo jeito dele, não quero estar perto nessa hora...

31

3JANE

Se isto era parte da enorme casa cinza de Bobby no campo, concluiu Slick, abrindo seus olhos numa curva apertada no corredor estreito, então era um lugar ainda mais estranho do que tinha parecido na primeira vez. O ar estava pesado e morto, e a luz proveniente da faixa de vidro esverdeado no teto fazia com que se sentisse como se estivesse debaixo da água. O túnel era feito de algum tipo de concreto vitrificado. Parecia uma cadeia.

– Talvez tenhamos saído no porão ou algo assim – disse ele, percebendo um leve eco retornando do concreto quando falava.

– Não há razão alguma para termos entrado no constructo que você viu antes – disse Gentry.

– Então, o que é isso? – Slick tocou a parede de concreto; estava quente.

– Não importa – disse Gentry.

Gentry começou a caminhar em frente. Para além da curva, o pavimento tornou-se um mosaico irregular de porcelana estilhaçada, fragmentos pressionados dentro de algo similar a epóxi, escorregadio sob suas botas.

– Olha isso... – Milhares de diferentes padrões e cores em cacos, mas nenhum desenho geral em sua disposição, que era apenas aleatória.

– Arte – respondeu Gentry, sacudindo os ombros. – O hobby de alguém. Você deveria apreciar isso, Slick Henry.

Seja lá quem fosse, não haviam dado a mínima atenção às paredes. Slick ajoelhou-se para passar os dedos sobre aquilo, sentindo os cantos ásperos da cerâmica quebrada, plástico

endurecido e vitrificado entre as peças. – O que você quer dizer com isso, “hobby”?

– É como aquelas coisas que você constrói, Slick. Seus brinquedos de material reciclado... – Gentry deu aquele sorriso meio enlouquecido.

– Você não sabe – disse Slick. – Passa a vida toda tentando descobrir que forma o ciberespaço tem, cara, e ele provavelmente não tem forma alguma, e, de qualquer modo, quem dá bola pra isso? – Não havia nada de aleatório a respeito do Juiz e dos outros. O processo era aleatório, mas os resultados tinham que estar em conformidade com alguma coisa dentro dele, algo que não podia tocar diretamente.

– Vem – disse Gentry.

Slick permaneceu onde estava, olhando para os olhos claros de Gentry, acinzentados nesta luz, seu rosto tenso. Por que ele tinha que suportar Gentry?

Porque você precisava de alguém, em Solitude. Não apenas para ter eletricidade; toda aquela rotina de “proprietário” era só uma fachada. Ele achava que era porque precisava de alguém por perto. Bird não servia para conversar, porque não se interessava por quase nada e tudo o que ele dizia era muito estúpido. E mesmo que Gentry nunca o admitisse, Slick sentia que Gentry entendia algumas coisas.

– Sim – disse Slick, levantando-se –, vamos.

O túnel se retorcia dentro de si mesmo, como uma tripa. A seção com o piso em mosaico ficou para trás, ao redor de inúmeras curvas e poços de escada para cima e para baixo, recurvados. Slick tentava imaginar uma construção com um interior como aquele, mas não conseguia. Gentry estava caminhando rapidamente, seus olhos aguçados, mordendo o lábio. Slick achou que o ar estava ficando pior.

Subindo outra escadaria, chegaram a um trecho reto que se afilava até fechar-se, ao longe, em qualquer das direções que se olhasse. Era mais largo que as partes curvas e o chão era macio e recoberto por pequenos tapetes, talvez centenas deles, formando muitas camadas sobre o concreto. Cada tapete tinha sua própria

padronagem e cores, muito vermelho e azul, mas todos os padrões eram os mesmos diamantes e triângulos em ziguezague. O cheiro de poeira era mais forte aqui, e Slick achava que eram os tapetes, eles pareciam muito velhos. Os que ficavam no topo, próximos ao centro, estavam desgastados, em retalhos. Uma trilha, como se alguém tivesse caminhado para cima e para baixo, lá, durante muitos anos. Algumas das seções da faixa de luz, acima de suas cabeças, estavam escuras e outras piscavam debilmente.

– Para que lado? – perguntou para Gentry.

Gentry estava olhando para baixo, mexendo no seu lábio inferior com os dedos. – Por aqui.

– Por quê?

– Porque não faz diferença.

As pernas de Slick se cansaram de tanto andar sobre aqueles tapetes. Tinha que cuidar para não prender os dedos dos pés num dos buracos rasgados. Tinha pisado sobre um pedaço de vidro caído da faixa de vidro no teto. Em intervalos regulares, agora, estavam passando por seções da parede que pareciam portais lacrados com mais concreto. Não havia nada lá, apenas a mesma forma arqueada num concreto levemente mais claro, com uma textura levemente diferente.

– Gentry, isto tem que ser o subsolo, certo? Como um porão debaixo de alguma coisa...

Mas Gentry apenas ergueu o braço, e Slick esbarrou nele, e os dois estavam lá, parados, olhando para uma garota no final do corredor, a menos de doze metros ao longo das ondas do carpete.

Ela disse algo num idioma que Slick achou ser francês. A voz era clara e musical, o tom casual. Ela sorriu. Pálida, sob um cacho de cabelo negro, o rosto fino, nariz forte e delgado, uma boca grande.

Slick sentiu o braço de Gentry tremer contra seu peito. – Está tudo bem – disse ele, abaixando o braço de Gentry. – Nós só estamos procurando por Bobby...

– Todos estão procurando por Bobby – disse ela, num sotaque de inglês que ele não conhecia. – Eu mesma estou procurando por ele. Por seu corpo. Vocês viram o corpo dele? – Ela deu um passo para trás, se afastando, como se estivesse pronta para correr.

– Não vamos machucar você – disse Slick, repentinamente consciente de seu próprio cheiro, da graxa em seus jeans e na jaqueta marrom, e o aspecto de Gentry não era muito melhor.

– Acho que não – disse ela, e seus dentes brancos brilharam novamente na luz submarina deteriorada. – Mas, por outro lado, não acho que goste de qualquer um dos dois.

Slick queria que Gentry dissesse alguma coisa, mas Gentry não disse. – Você conhece ele... Bobby? – arriscou Slick.

– Ele é um homem realmente inteligente. Extraordinariamente inteligente. Contudo, não acho que goste dele, na verdade. – Ela vestia alguma coisa folgada e preta que chegava até os joelhos. Estava descalça. – De qualquer forma, eu quero... o corpo dele. – E riu.

Tudo

mudou.

– Suco? – Bobby, o Conde, perguntou, lhe oferecendo um copo alto de uma bebida amarela. A água turquesa da piscina refletia manchas de luz do sol nas folhagens de palmeira sobre sua cabeça. Ele estava nu, a não ser por um par de óculos muito escuros. – Qual é o problema com seu amigo?

– Nada – Slick ouviu Gentry dizer. – Ele cumpriu pena com Korsakovs induzidos. Transições como aquela o deixam apavorado.

Slick estava deitado, muito quieto, na cadeira de ferro branca com almofadões azuis, sentindo o sol cozinhar suas pernas sob os jeans cheios de graxa.

– Você é aquele que ele mencionou, certo? – perguntou Bobby. – O nome é Gentle? Tem uma fábrica?

– Gentry.

– Você é um cowboy – sorriu Bobby. – Jóquei de console. Homem do ciberespaço.

– Não.

Bobby coçou o queixo. – Você sabia que eu tenho que fazer a barba aqui? Me cortei, há uma cicatriz... – Ele bebeu metade do copo de suco e limpou a boca com as costas da mão. – Você não é um jóquei? Então como conseguiu chegar aqui?

Gentry abriu o zíper da jaqueta cheia de tachinhas, mostrando seu peito sem pelos, branco como um fantasma. – Dê um jeito nesse sol – disse ele.

Anoitecer. Assim. Nem mesmo um clique. Slick ouviu a si mesmo resmungando. Insetos começaram a zunir nas palmeiras atrás da parede branca. O suor esfriava sobre suas costelas.

– Desculpa, cara – disse Bobby para Slick. – Aquele Korsakov, deve ter sido uma merda e tanto. Mas este lugar é lindo. Vallarta. Pertenceu a Tally Isham. – Voltou sua atenção para Gentry, novamente. – Se você não é um cowboy, companheiro, o que você é?

– Eu sou como você – disse Gentry.

– Eu sou um cowboy. – Um lagarto correu diagonalmente para cima da parede atrás da cabeça de Bobby.

– Não. Você não está aqui para roubar nada, Newmark.

– Como você sabe?

– Você está aqui para aprender alguma coisa.

– Dá na mesma.

– Não. Você foi um cowboy antes, mas agora é outra coisa. Você está procurando algo, mas não há ninguém de quem possa ser roubado. Eu também estou procurando.

E Gentry começou a explicar sobre a Forma, enquanto as sombras das palmeiras se uniam e ficavam maiores na noite mexicana, e Bobby, o Conde, ficou sentado escutando.

Quando Gentry terminou, Bobby passou um longo tempo sem dizer nada. Então falou:

– Sim. Você está certo. Do modo como penso sobre isso, estou tentando encontrar o que trouxe a Mudança.

– Antes disso – disse Gentry –, não havia uma Forma.

– Ei – disse Slick –, antes de estarmos aqui, nós estávamos num outro lugar. Onde era aquilo?

– Straylight – disse Bobby. – Lá em cima. Na órbita.

– Quem é aquela garota?

– Garota?

– Cabelo escuro. Magrinha.

– Oh – disse Bobby, no escuro. – Aquela era 3Jane. Vocês a viram?

– Garota estranha – disse Slick.

– Garota morta – disse Bobby. – Vocês viram o constructo dela. Torrou a fortuna da família para construir isso aqui.

– Você, ah, passa seu tempo com ela? Aqui?

– Ela me odeia. Entenda, eu roubei aquilo, roubei seu apanhador de almas. Ela tinha seu constructo instalado aqui, quando eu parti para o México, então ela tem estado sempre aqui. O detalhe foi que ela morreu. Lá fora, quero dizer. Nesse meio-tempo, todas as suas merdas lá fora, todos as tramoias e esquemas, isso é controlado por advogados, programas, outros lacaios... – Ele deu um meio sorriso. – Isso realmente a deixa louca. As pessoas que estão tentando entrar lá onde vocês moram querem o aleph de volta, eles trabalham para outras pessoas que trabalham para algumas pessoas que ela contratou lá na Costa. Mas, sim, tenho feito acordos bizarros com ela, trocado coisas. Ela é louca, mas joga duro...

Nem mesmo um clique.

De início ele pensou que havia retornado à casa cinza, onde tinha encontrado Bobby pela primeira vez, mas este cômodo era menor e os tapetes e a mobília eram diferentes, ainda que não pudesse dizer como. Caros, mas não tão requintados. Uma luminária com uma cúpula de vidro verde, numa longa mesa de madeira.

Janelas altas com as esquadrias pintadas de branco, dividindo o branco por trás em retângulos, em cada painel de vidro, como um diamante lapidado de muitas faces, e aquilo devia ser neve... Ele ficou em pé com sua bochecha tocando cortinas macias, olhando para fora em direção a um paredão de neve.

– Londres – disse Bobby. – Ela teve que me dar isso em troca das coisas pesadas de vodu. Achei que eles não quisessem nada com ela. Grande merda que isso lhe trouxe. Eles estão se dissipando, meio que se fundindo. Ainda é possível convocá-los, às vezes, mas suas personalidades correm juntas...

– Isso se encaixa – disse Gentry. – Eles surgiram com a primeira causa, Quando Isso Mudou. Você já havia concluído isso. Mas não sabe o que aconteceu ainda, não é?

– Não. Eu apenas sei onde. Straylight. Ela me contou toda aquela parte, acho que tudo o que ela sabe. Não se importa com nada disso. Sua mãe uniu duas IAS, muito tempo atrás, algo realmente da pesada. Então a mãe morreu e as IAS foram se misturando nos núcleos corporativos, lá em cima. Uma delas começou a fazer negócios por conta própria. Queria se unir à outra...

– Elas se uniram. Aí está sua primeira causa. Tudo mudou.

– Simples assim? Como você sabe?

– Porque – disse Gentry – tenho olhado para isso de outro ângulo. Você tem analisado causa e efeito, mas eu tenho procurado pelos contornos, formas no tempo. Você tem procurado *por toda a matrix*, mas eu tenho olhado *para a matrix*, a coisa toda. Sei coisas que você não sabe.

Bobby não respondeu. Slick virou-se e viu a garota, a mesma, de pé do outro lado da sala. Apenas lá, de pé.

– Não eram apenas as IAS da Tessier-Ashpool – disse Gentry. – Pessoas foram lá para cima para invadir os núcleos da T-A. Levaram um ICE-Breaker militar, chinês.

– Case – disse Bobby. – Um cara chamado Case. Conheço essa parte. Algum tipo de efeito sinergético...

Slick observava a garota.

– E a soma era maior que as partes? – Gentry realmente parecia estar adorando aquilo. – Uma divindade cibernética? Luz sobre as Águas?

– Sim – disse Bobby – é por aí.

– É um pouco mais complicado que isso – disse Gentry, e riu.

E a garota sumiu. Sem clique.

Slick tremeu.

32

VIAGEM DE INVERNO (2)

A noite caiu enquanto o metrô entrava em seu horário de pico, embora mesmo então não chegasse nem perto de Tóquio, nenhum *shiroshi-san* lutando para empurrar alguns últimos passageiros enquanto as portas se fecham. Kumiko observava a neblina salmão do pôr do sol de uma plataforma ao vento na Central Line, Colin apoiado em uma máquina de venda automática com janelas trincadas e quebradas. – É hora agora – disse ele – e mantenha sua cabeça discretamente abaixada, quando passarmos pela Bond Street e Oxford Circus.

– Mas preciso pagar, quando sair do sistema, não?

– Nem todo mundo paga, na verdade – disse ele, jogando sua franja para trás.

Ela se dirigiu para as escadas, sem precisar mais das orientações dele para encontrar o caminho para a plataforma oposta. Seus pés estavam muito frios, novamente, e ela pensou nas botas alemãs forradas de lã que estavam no closet de seu quarto na casa de Swain. Tinha optado pela combinação das meias de borracha com os saltos altos franceses como uma tática para enganar Dick, para fazê-lo duvidar de que ela correria fugindo, mas com cada mordida de frio que sentia através do solado fino ela se arrependia da ideia.

No túnel para a outra plataforma, ela soltou a unidade e Colin desapareceu. As paredes estavam recobertas por cerâmica branca desgastada, com uma faixa decorativa verde. Tirou a mão do bolso e trilhou os dedos ao longo dos azulejos verdes enquanto seguia, pensando em Sally e no Fin e no cheiro diferente de um inverno no Sprawl, até que o primeiro Drácula se colocou na frente dela num só

movimento e instantaneamente se viu circundada muito de perto por quatro capas de chuva pretas, quatro rostos magros e brancos. – E aí – o primeiro disse –, bonitinha, não?

Estavam cara a cara, Kumiko e o Drácula; seu hálito cheirava a tabaco. A multidão do anoitecer continuava seu caminho ao redor deles, entrouxada, em sua maioria, em lã escura.

– Êêê – disse um deles, ao lado dela –, olha só. Que barato é esse? – Ele ergueu a unidade Maas-Neotek, sua mão com uma luva de couro preto rachado. – Uma lanterna, não é? Vamos ver como funciona, japinha. – A mão de Kumiko foi em direção ao bolso, direto pela abertura, e se fechou no ar. O garoto deu uma risadinha.

– Vasculha a bolsa dela – disse um outro. – Ajuda ela, Reg. – Uma mão se mexeu rápido e cortou uma alça da bolsa de Kumiko com precisão.

O primeiro Drácula pegou a bolsa, envolveu a alça cortada com um gesto bem treinado e enfiou-a dentro de sua capa de chuva. – Hé.

– Aqui, ela tem alguma coisa dentro da calça! – Riram enquanto ela apalpava dentro de seus vários blusões. A fita adesiva que ela tinha usado machucou sua barriga quando ela tirou a arma com as duas mãos e encostou-a na bochecha do garoto que segurava a unidade.

Nada aconteceu.

Então, os outros três correram freneticamente para as escadas, no outro lado do túnel, suas botas de cano alto escorregando na neve derretida, seus casacos compridos esvoaçando como asas. Uma mulher gritou.

E eles permaneciam congelados lá, Kumiko e o Drácula, o cano da arma pressionado contra sua bochecha esquerda. Os braços de Kumiko começaram a tremer.

Ela estava olhando, seus olhos estavam fixos dentro dos olhos do Drácula, olhos castanhos bem abertos, escancarados com o velho e simples terror; o Drácula estava vendo a máscara da mãe dela. Alguma coisa bateu no concreto perto de seus pés: a unidade de Colin.

– Corra – disse ela. O Drácula tremeu, abriu sua boca, fez um som engasgado, deu um gemido e fugiu para longe da arma.

Kumiko olhou para baixo e viu a unidade Maas-Neotek numa poça de lama cinzenta. Ao lado dela, o retângulo limpo e prateado de uma navalha industrial. Quando pegou a unidade, viu que estava rachada. Sacudiu a água da parte trincada e apertou-a bem forte em sua mão. O túnel estava deserto agora. Colin não estava lá. A arma de ar Walther de Swain era grande e pesada na outra mão.

Caminhou em direção a uma lixeira presa à parede de azulejos e jogou a arma entre embalagens de comida descartáveis e um maço de fax cuidadosamente dobrado. Virou-se, depois voltou para pegar o fax.

Subiu as escadas.

Alguém apontou para ela, na plataforma, mas o trem rugiu em seu barulho antigo e as portas se fecharam.

Fez como Colin lhe havia instruído, White City e Shepherd's Bush, Holland Park, levantando os jornais enquanto o trem desacelerava em Notting Hill – o rei, que era muito velho, estava morrendo – e mantendo-o alto enquanto passava pela Bond Street. A estação em Oxford Circus era muito movimentada e ela estava agradecida pela multidão acolhedora.

Colin havia dito que seria possível sair da estação sem pagar. Depois de observar um pouco, decidiu que isso era verdade, embora requeresse velocidade e precisão. Na prática, não havia outra maneira: sua bolsa, com o chip MitsuBank e suas poucas moedas inglesas, havia sido levada pelos Jack Dráculas. Ela passou dez minutos observando os passageiros passando com seus tickets de plástico amarelo pelas portas giratórias, então respirou fundo e correu. Para cima, por cima, atrás dela um grito e uma gargalhada alta, e então estava correndo novamente.

Quando alcançou as portas no topo da escada, viu Brixton Road esperando como um Shinjuku esfarrapado, cheio de barraquinhas de comida soltando vapor.

33

ESTRELA

Ela estava esperando no carro e não gostava disso. De qualquer maneira, não gostava de esperar, mas o wiz que havia tomado fez com que achasse aquilo realmente insuportável. Tinha que ficar se lembrando para não ranger os dentes, porque fosse lá o que Gerald havia feito com eles, ainda doíam. Ela estava toda dolorida, agora que pensava nisso. Provavelmente, o wiz não tinha sido uma grande ideia.

O carro pertencia à mulher, aquela que Gerald chamou de Molly. Um tipo de carro comum, cinza japonês, que um figurão teria, legal o suficiente mas nada que impressionasse. Tinha cheiro de novo por dentro e foi rápido, quando saíram de Baltimore. Tinha um computador, mas a mulher dirigia ela mesma, durante todo o caminho de volta para o Sprawl, e agora estava estacionado no telhado de um prédio de vinte andares que deveria ser próximo ao hotel onde Prior a havia levado, porque ela podia ver aquele prédio maluco, aquele com a cascata e decorado como se fosse uma montanha.

Não havia muitos outros carros lá em cima, e os que estavam lá se encontravam cobertos de neve, como se fizesse muito tempo que ninguém os movia. Exceto pelos dois caras na cabine de entrada, parecia não haver ninguém por lá. Lá estava ela, no meio de todas aquelas pessoas, a maior cidade do mundo, e estava sozinha no banco de trás de um carro. Tinham dito para que esperasse.

A mulher não falou muito quando vieram de Baltimore, fazia apenas uma pergunta de vez em quando, mas com o wiz ficou difícil

Mona ficar quieta. Ela falou sobre Cleveland e a Flórida e sobre Eddy e Prior.

Daí chegaram lá e estacionaram.

Então a tal Molly havia saído há pelo menos uma hora, talvez mais. Havia levado uma maleta com ela. A única coisa que Mona tinha conseguido saber dela era que conhecia Gerald há muito tempo, e Prior não sabia disso.

Estava ficando frio no carro de novo, então Mona sentou-se no banco da frente e ligou o aquecimento. Ela não podia deixar o aquecedor ligado o tempo todo porque poderia acabar com a bateria e Molly tinha dito que, se isso acontecesse, estariam realmente na merda. – Porque quando eu voltar, vamos sair correndo. – Então ela mostrou a Mona onde tinha um saco de dormir debaixo do banco do motorista.

Ajustou o aquecedor no máximo e segurou as mãos na frente da saída de ventilação. Depois, apertou os pequenos botões no vídeo que ficavam do lado do monitor no painel e sintonizou um noticiário. O rei da Inglaterra estava doente; ele era muito velho. Havia uma nova doença em Cingapura; ninguém tinha morrido ainda, mas não sabiam como se pegava aquilo, ou qual era a cura. Algumas pessoas pensavam que havia algum tipo de grande luta rolando no Japão, dois grupos diferentes da Yakuza tentando matar uns aos outros, mas ninguém sabia nada de fato; Yakuza – era o tipo de coisa sobre a qual Eddy gostava de ficar comentando. Então umas portas se abriram e Angie apareceu, acompanhada por um negro impressionante e a voz do vídeo estava narrando aquilo ao vivo, dizendo que ela havia acabado de chegar ao Sprawl depois de umas férias curtas em sua casa em Malibu, após um tratamento de desintoxicação numa clínica particular...

Angie estava simplesmente maravilhosa naquele enorme casaco de pele, mas então o segmento do noticiário terminou.

Mona lembrou-se do que Gerald havia feito; tocou seu rosto.

Desligou o vídeo, depois o aquecedor, e foi de volta para o banco de trás. Usou o canto do saco de dormir para limpar o vidro embaçado. Olhou para o prédio em forma de montanha, todo iluminado, para além da corrente que cercava o terraço do edifício garagem. Era quase um estado inteiro lá em cima, talvez o Colorado

ou algo assim, como o stim em que Angie foi para Aspen e encontrou um rapaz, mas Robin apareceu, como quase sempre fazia.

Mas o que ela não entendia era todo aquele lance da clínica, a coisa que o barman disse sobre Angie ter ido para lá, porque estava fissurada em alguma coisa, e agora tinha acabado de ver o pessoal do noticiário dizer a mesma coisa, então devia ser verdade. Mas como alguém como Angie, com uma vida daquelas e com Robin Lanier como namorado, iria querer usar drogas?

Mona sacudiu a cabeça, olhando para aquele prédio, feliz por não estar viciada em nada.

Ela deve ter se distraído por alguns instantes, pensando em Lanette, porque quando olhou novamente havia um helicóptero, um dos grandes, preto e brilhante, sobre o prédio-montanha. Parecia lindo, coisa de cidade grande.

Conhecera algumas mulheres da pesada em Cleveland, garotas com quem ninguém se metia, mas esta Molly era outro nível... lembrou-se de Prior jogado porta adentro, lembrou-se do grito dele... Ela se perguntou o que era que ele finalmente confessou, porque o ouviu falando, e daí Molly tinha parado de machucá-lo. Deixaram Prior amarrado naquela cadeira e Mona perguntou a Molly se ela achava que ele se soltaria. Ou isso, disse Molly, ou alguém iria encontrá-lo, ou ele iria desidratar.

O helicóptero aterrissou, desapareceu. Dos grandes, mesmo, do tipo que tem a coisa giratória nas duas pontas.

Então lá estava ela, esperando, sem porra de ideia nenhuma sobre o que mais podia fazer.

Uma coisa que Lanette tinha ensinado para ela, que algumas vezes você tem que listar seus recursos – o que você tinha conseguido para si mesma – e esquecer o resto. Certo. Ela tinha saído da Flórida. Estava em Manhattan. Parecia com Angie... Isto a fez parar. Era uma conquista? Certo – pensando de um outro jeito – ela tinha conseguido uma caríssima cirurgia plástica de graça e dentes *totalmente perfeitos*. Bom, encarando a coisa dessa forma não parecia tão mau. Pense sobre as moscas naquele quarto fedorento. Sim. Se ela gastasse o dinheiro que tinha sobrado num corte de cabelo e num pouco de maquiagem, bolaria alguma coisa

para não parecer tanto com Angie, o que era uma boa ideia, por que e se alguém estivesse procurando por ela?

Lá se foi o helicóptero de novo, levantando voo.

Ei.

A umas duas quadras de distância e uns cinquenta andares mais alto, o nariz da coisa balançou em sua direção, mergulhou... *É o wiz*. Meio que hesitou, depois estava descendo... *É o wiz; não é real*. Direto para baixo em sua direção. E foi ficando maior. Na direção dela. *Mas é o wiz, certo?* E, então, desapareceu, atrás de outro prédio, e era apenas o wiz...

Surgiu de novo por trás de uma esquina, ainda uns cinco andares acima do terraço da garagem e continuava descendo e não era o wiz; estava em cima dela, lançando um raio estreito de luz branca procurando o carro cinza, e Mona abriu a trava da porta e rolou na neve, ainda na sombra do carro, cercada pelo trovejar das lâminas da coisa, os seus motores; Prior ou as pessoas para quem ele trabalhava estavam atrás dela. Então o holofote se apagou, as lâminas mudaram de rotação e ele desceu rápido, rápido demais. Quicou no trem de pouso. Bateu no chão novamente, os motores desligando, expelindo chamas azuis.

Mona estava de quatro perto do para-choque traseiro. Escorregou quando tentou ficar em pé.

Houve um som de tiro; uma parte quadrada da fuselagem do helicóptero explodiu e derrapou sobre o concreto manchado de sal do estacionamento; uma saída de emergência laranja, brilhante, de cinco metros foi expelida e se inflou como uma boia para crianças. Mona se levantou mais cuidadosamente, apoiando-se no para-choque do carro cinza. Uma figura escura em um agasalho balançou suas pernas sobre o escorregador e desceu, sentada, como uma criança num parquinho. Outra figura veio em seguida, esta enrolada numa jaqueta com um capuz enorme da mesma cor do escorregador.

Mona tremeu, enquanto a de laranja guiou a outra em sua direção, para longe do helicóptero preto. Era... Mas era!

– Quero vocês duas atrás – disse Molly, abrindo a porta do lado do motorista.

– É você – foi o que Mona conseguiu dizer para o rosto mais famoso do mundo.

– Sim – disse Angie, seus olhos no rosto de Mona –, parece... ser ...

– Vamos lá – disse Molly, sua mão no ombro da estrela. – Entre. Seu negão marciano já deve estar acordando. – Ela se voltou e olhou para o helicóptero. Parecia um grande brinquedo parado, sem luzes, como se uma criança gigante o tivesse largado no chão e esquecido ali.

– Melhor que esteja – disse Angie, subindo na traseira do carro.

– Você também vem, querida – disse Molly, empurrando Mona para a porta aberta.

– Mas... eu quero dizer...

– Mexa-se!

Mona subiu, cheirando o perfume de Angie, o pulso tocando a suavidade supernatural daquele casaco de pele grande. – Eu vi você – ouviu a si mesma dizer. – No vídeo.

Angie não disse nada.

Molly escorregou para o banco do motorista, fechou a porta com força e deu partida no motor. O capuz laranja estava ajustado bem apertado, seu rosto uma máscara branca com olhos prateados vazios. Em seguida, estavam descendo a rampa coberta, fazendo a primeira curva. Desceram cinco andares daquele jeito, numa espiral estreita, até que Molly as levou para filas de veículos maiores, iluminados por faixas de neon verde na diagonal.

– Parapentes – disse Molly. – Você já viu algum parapente lá em cima, no Envoy?

– Não – disse Angie.

– Se a segurança da Net tiver alguns, já podem ter chegado lá em cima... – Ela parou o carro atrás de um hovercraft longo e quadrado, um branco com algum nome pintado nas portas traseiras em letras azuis quadradas.

– O que está escrito? – perguntou Mona, então ficou ruborizada.

– Cathode Cathay – disse Angie.

Mona pensou ter ouvido aquele nome antes.

Molly estava do lado de fora, abrindo as enormes portas. Puxando para fora aquelas rampas de plástico amarelo.

Depois voltou ao carro. Deu uma ré e entraram direto no hover. Tirou o capuz laranja e sacudiu a cabeça para soltar o cabelo. – Mona, você acha que pode sair e empurrar as rampas para dentro? Não são pesadas. – Não pareceu uma pergunta.

Não eram pesadas. Ela se colocou atrás do carro e ajudou Molly a fechar as portas.

Podia sentir Angie lá no escuro.

Era realmente Angie.

– Senta na frente, coloque o cinto e se segure.

Angie. Ela estava sentada bem ao lado de Angie.

Houve um sopro forte quando Molly encheu as bolsas de ar do hover; depois estavam planando, descendo a rampa espiral.

– Seu amigo já deve estar acordado, mas ainda não consegue se mover muito. Mais uns quinze minutos – disse Molly. – Saiu da rampa de novo, e desta vez Mona perdeu a conta dos andares. Este estava cheio de carros chiques, pequenos. O hover acelerou ao longo de um corredor central, dobrou à esquerda.

– Terá sorte se ele não estiver nos esperando aí fora – disse Angie.

Molly parou a uns dez metros de um portão de metal pintado com listras diagonais, amarelas e pretas.

– Não – disse Molly, pegando uma caixinha azul de um compartimento no painel – ele é que terá sorte se não estiver esperando lá fora. – A porta explodiu com um flash laranja e um som que se chocou no diafragma de Mona como uma pancada direta. A porta aterrissou na rua úmida em meio a uma nuvem de fumaça e, em seguida, estavam passando por cima dela, dobrando, o hover acelerando.

– Isso foi incrivelmente brutal, não é? – disse Angie, e depois riu.

– Eu sei – disse Molly, atenta na direção. – Às vezes é a melhor forma. Mona, conte para ela sobre Prior. Prior e seu namorado. O que você me contou.

Mona nunca se sentiu tão envergonhada em sua vida.

– Por favor – disse Angie – me conte, Mona.

Foi simples assim. Seu nome. Angie Mitchell tinha realmente dito seu nome. Para ela. Ali mesmo.

Isso quase a fez desmaiar.

34

MARGATE ROAD

– Você parece perdida – disse o vendedor de noodles, em japonês. Kumiko achava que ele era coreano. Seu pai tinha sócios coreanos; eles estavam no ramo da construção, tinha dito sua mãe. Geralmente, como este, eram homens grandes, tão grandes quanto Petal, com rostos sérios e largos. – Você parece estar com muito frio.

– Estou procurando por alguém – disse ela. – Ele mora na Margate Road.

– Onde é isto?

– Eu não sei.

– Entre – disse o cara dos noodles, fazendo um gesto para Kumiko passar para dentro de seu balcão. Sua banca era feita de plástico ondulado rosa.

Ela passou entre a banca de noodles e uma outra que anunciava alguma coisa chamada *roti*, a palavra escrita com spray delirantemente colorido em letras garrafais, adornadas com arabescos luminosos. Cheirava a temperos e carne cozida. Seus pés estavam muito frios.

Ela se abaixou sob uma folha de plástico cheia de vapor. A banca de noodles estava repleta de coisas: pequenos tanques azuis de butano, as três grelhas com suas panelas altas, sacos de plástico de noodles, pilhas de tigelas de isopor e o corpanzil do enorme coreano se movendo, enquanto supervisionava suas panelas. – Sente-se – disse ele; ela se sentou sobre uma caixa de plástico com a sigla MSG, sua cabeça abaixo do nível do balcão. – Você é japonesa?

– Sim – disse ela.

– Tóquio?

Ela hesitou.

– Suas roupas – disse ele. – Por que você está vestindo essas meias de borracha no inverno? É moda?

– Eu perdi minhas botas.

Ele lhe entregou uma tigela de isopor e pauzinhos de plástico; grossos rolos de noodle nadavam dentro de uma magra sopa amarela. Ela comeu vorazmente, depois bebeu a sopa. Observava enquanto ele servia um freguês, uma mulher africana que levou os noodles em seu próprio pote com tampa.

– Margate – disse o cara dos noodles, quando a mulher saiu. Pegou um livro engordurado sob o balcão e folheou suas páginas. – Aqui – disse ele, batendo sobre um mapinha incrivelmente denso – abaixo da Acre Lane. – Pegou uma caneta azul e desenhou a rota num guardanapo cinza barato.

– Obrigada – disse ela. – Agora tenho que ir.

Sua mãe apareceu para ela enquanto seguia seu caminho para Margate Road.

Sally estava em perigo, em algum lugar no Sprawl, e Kumiko confiava que Tick saberia como contatá-la. Se não fosse por telefone, poderia ser pela matrix. Talvez Tick conhecesse Fin, o homem morto no beco...

Em Brixton, o crescimento em forma de coral da metrópole abrigava uma vida diferente. Rostos escuros e claros, incontáveis raças, as fachadas de tijolos banhadas em um tumulto de tons e símbolos inimaginável para os construtores originais. Um ritmo de bateria pulsava através da porta aberta de um pub enquanto passava, calor e risadas altas. As lojas vendiam gêneros alimentícios que nunca havia visto, araras de tecidos brilhantes, ferramentas chinesas, cosméticos japoneses...

Parou diante de uma vitrine iluminada, mostruário de tinturas e blushes, seu próprio rosto refletido no fundo prateado, sentiu a morte de sua mãe cair sobre ela na noite. Sua mãe tinha possuído coisas como aquelas.

A loucura de sua mãe. Seu pai nunca se referia a isso. Loucura não tem lugar no mundo de seu pai, embora o suicídio tivesse. A

loucura de sua mãe era europeia, um artefato importado feito de infortúnios e desilusões... Seu pai matou sua mãe, Kumiko contou a Sally, em Covent Garden. Mas era verdade? Ele havia trazido médicos da Dinamarca, da Austrália e, finalmente, de Chiba. Os médicos tinham escutado os sonhos da princesa-bailarina, mapeado e cronometrado suas sinapses e tirado amostras de seu sangue. A princesa-bailarina havia recusado seus remédios, suas delicadas cirurgias. – Eles querem cortar meu cérebro com lasers – sussurrou para Kumiko.

Ela sussurrou outras coisas também.

À noite, dizia ela, os espíritos malignos erguiam-se como fumaça das caixas no escritório do pai de Kumiko. – Homens velhos – dizia ela –, eles sugam nosso sopro vital. Seu pai suga meu sopro vital. Esta cidade suga o meu sopro. Nada aqui está tranquilo. Não há um sono verdadeiro.

No final, não havia sono algum. Por seis noites sua mãe sentou-se, silenciosa e absolutamente imóvel, em seu quarto azul europeu. No sétimo dia, deixou o apartamento sozinha – um feito marcante, considerando-se o empenho dos secretários – e se dirigiu ao rio gelado.

Mas o fundo da vitrine era como os óculos de Sally. Kumiko tirou o mapa do coreano da manga de seu blusão.

Havia um carro queimado na beira da calçada em Margate Road. Faltavam as rodas. Ela parou ao lado dele e estava mapeando as fachadas indistinguíveis das casas do outro lado da rua, quando ouviu um som atrás dela. Virou-se para descobrir um rosto de gárgula contorcido, debaixo de uma cascata de cachos oleosos, na luz de uma porta entreaberta da casa mais próxima.

– Tick!

– Terrence – disse ele –, na verdade. – A convulsão facial dissipou-se.

O apartamento de Tick ficava no último andar. Os andares mais baixos estavam vazios, desocupados, com o papel de parede descascado revelando traços fantasmagóricos de gravuras desaparecidas.

O jeito manco de Tick ficava mais evidente quando ele subia as escadas à frente dela. Vestia um terno cinza de pele de tubarão e oxfords de camurça com solado grosso na cor de tabaco.

– Estava esperando por você – disse ele, levantando-se mais um degrau acima, depois outro.

– Estava?

– Sabia que fugiria lá do Swain. Estive acompanhando o tráfego deles, quando conseguia um tempo do outro.

– O outro?

– Você não sabe, não é?

– Como?

– É a matrix. Alguma coisa está acontecendo. Mais fácil mostrar para você do que tentar explicar. Como se eu pudesse explicar, coisa que não posso. Eu diria que uns bons três quartos da humanidade estão plugados no momento, assistindo ao...

– Não entendo.

– Duvido que alguém entenda. Há uma nova macroforma no setor que representa o Sprawl.

– Uma macroforma?

– Um constructo de dados.

– Eu vim até aqui para alertar a Sally. Swain e Robin Lanier pretendem entregá-la para aqueles que estão tramando sequestrar Angela Mitchell.

– Não me preocuparia com isso – disse ele, chegando ao topo da escadaria. – Sally já pegou a Mitchell e quase matou o homem de Swain no Sprawl. Estão atrás dela, agora. Quase todo mundo estará atrás dela, em breve. Ainda assim, nós podemos contar para ela quando ela aparecer. Se aparecer...

Tick vivia num único grande cômodo, cuja forma peculiar sugeria a remoção de paredes. Apesar de amplo, também parecia muito cheio; para Kumiko, era como se alguém tivesse despejado todo o conteúdo de uma loja de módulos de Akihabara num espaço já repleto, no estilo gaijin, com muitas peças de mobília volumosa. Apesar disso, era impressionantemente limpo e organizado: os cantos das revistas estavam alinhados com os cantos da mesinha baixa de vidro onde estavam empilhadas, ao lado de um cinzeiro

preto de cerâmica sem uso e um vaso liso e branco de flores cortadas.

Tentou Colin novamente, enquanto Tick enchia uma chaleira elétrica com água de um jarro de filtragem.

– O que é isso? – perguntou, largando o jarro.

– Uma unidade de guia Maas-Neotek. Está quebrada agora; não consigo fazer Colin aparecer...

– Colin? É um aparelho de stim?

– Sim.

– Deixa eu dar uma olhada... – Ele estendeu a mão.

– Meu pai deu para mim...

Tick assoviou. – Esta coisa custa uma fortuna. Uma das pequenas IAS deles. Como funciona?

– Você aperta a mão ao redor dela e o Colin surge, mas ninguém mais consegue vê-lo ou ouvi-lo.

Tick segurou a unidade ao lado do ouvido e sacudiu-a. – Está quebrada? Como?

– Eu deixei cair.

– Apenas o invólucro está quebrado, olha. O biosoft saiu da carcaça, então é possível acessá-lo manualmente.

– Você pode consertar?

– Não. Mas podemos acessá-lo através de um console, se você quiser... – Devolveu a unidade para ela. A chaleira estava fervendo.

Durante o chá, ela lhe contou a história de sua viagem para o Sprawl e da visita de Sally ao santuário no beco. – Ele a chamou de Molly – disse ela.

Tick sacudiu a cabeça afirmativamente, piscou várias vezes com rapidez. – O que ela fez lá? Sobre o que eles conversaram?

– Um lugar chamado Straylight. Um homem chamado Case. Uma inimiga, uma mulher...

– Tessier-Ashpool. Encontrei isso quando vasculhei o fluxo de dados de Swain para ela. Swain está vendendo Molly para essa lady 3Jane; ela tem o arquivo de podres “das internas” mais completo que você pode imaginar, sobre qualquer coisa ou qualquer um. Tenho sido bem cuidadoso para não olhar perto demais nada daquilo. Swain o tem negociado de todas as formas, fazendo dúzias

de fortunas no processo. Estou certo de que ela também tem sujeira suficiente sobre o sr. Swain...

– E ela está aqui, em Londres?

– Em algum lugar na órbita, parece, embora algumas pessoas digam que ela está morta. Eu estava trabalhando nisso, na verdade, quando o grandalhão apareceu na matrix...

– Como?

– Aqui, vou te mostrar. – Quando voltou para a mesa branca, carregava uma bandeja quadrada, preta e rasa, com vários pequenos controles alinhados num lado. Colocou-a sobre a mesa e tocou um dos minúsculos interruptores. Uma projeção holográfica cúbica piscou sobre o projetor: a grade de neon do ciberespaço, composta por formas brilhantes, ao mesmo tempo simples e complexas, que representavam vastas quantidades de dados armazenados. – Esses são os grandalhões de sempre. Corporações. Essencialmente, uma paisagem fixa, você poderia dizer. Às vezes, uma delas cria um anexo, ou há uma fusão e elas se juntam. Mas não é provável que se veja nada novo, não naquela escala. Eles começam pequenos e crescem, fundindo-se com outras formações menores... – Ele tocou outro interruptor. – Há cerca de quatro horas – e uma coluna vertical branca apareceu bem no meio do display – isto saiu lá dentro. Ou entrou lá dentro. – Os cubos coloridos, esferas e pirâmides tinham se realinhado instantaneamente para dar espaço para a coluna branca; ela os tornava realmente pequenos, sua extremidade superior cortada suavemente pelo limite vertical do display. – O desgraçado é maior do que qualquer outra coisa – disse Tick, com uma certa satisfação – e ninguém sabe o que é, ou a quem pertence.

– Mas alguém deve saber – disse Kumiko.

– É lógico, sim. Mas as pessoas na minha linha de trabalho, e há milhões de nós, não têm sido capazes de descobrir. O que é ainda mais estranho, de certa forma, do que o fato de que aquela coisa está lá, para começar. Já estive por toda a grade, antes de você chegar, procurando qualquer jóquei que tivesse uma pista. Nada. Nada mesmo.

– Como pode esta 3Jane estar morta? – Mas ela se lembrou do Fin, das caixas no escritório de seu pai. – Tenho que contar para

Sally.

– Nada a fazer senão esperar – disse ele. – Ela provavelmente vai ligar. Enquanto isso, temos que acessar essa pequena AI caríssima que você tem aí, se quiser.

– Sim – disse ela –, obrigada.

– Só espero que aqueles caras do Special Branch comprados por Swain não te localizem aqui. Ainda assim, nós só podemos esperar...

– Sim – disse Kumiko, nada satisfeita com a ideia de esperar.

35

A GUERRA DA FÁBRICA

Cherry encontrou-o mais uma vez com o Juiz, lá embaixo, no escuro. Ele estava sentando sobre um dos Investigadores com uma lanterna na mão, iluminando o revestimento de ferrugem polida do Juiz. Não se lembrava de ter chegado ali, mas não podia sentir a confusão residual do Korsakov. Lembrava os olhos da garota, naquela sala que Bobby disse ser Londres.

– Gentry plugou o Conde e sua caixa num console de ciberespaço – disse Cherry. – Você sabia disso?

Slick concordou com a cabeça, ainda olhando para cima, para o Juiz. – Bobby disse que era melhor fazermos isso.

– Mas o que está acontecendo? O que aconteceu quando vocês dois entraram lá?

– Gentry e Bobby se entenderam bem rápido. Dois loucos do mesmo jeito. Quando nos plugamos, saímos em algum lugar em órbita, mas Bobby não estava lá... Em seguida, foi o México, acho. Quem é Tally Isham?

– Rainha do stim quando eu era pequena. Como a Angie Mitchell é agora.

– Mitchell, era a namorada dele.

– De quem?

– Bobby. Ele estava contando a Gentry sobre isso, em Londres.

– Londres?

– Sim. Fomos para lá, depois do México.

– E ele disse que era o namorado de Angie Mitchell? Parece loucura.

– Sim, mas ele disse que foi assim que entrou nessa, no tal aleph. – Ele virou a luz para baixo e direcionou-a para o esqueleto das mandíbulas de aço do Triturador de Cadáveres. – Ele estava andando com pessoas ricas e ouviu falar a respeito. Chamou de apanhador de almas. Os donos da coisa alugavam tempo lá dentro para essas pessoas ricas. Bobby experimentou uma vez, depois voltou e roubou-o. Levou para a Cidade do México e começou a passar todo o tempo lá. Mas eles foram atrás dele...

– Parece que você está se lembrando das coisas, de qualquer maneira.

– Então ele saiu fora. Foi para Cleveland e fez um acordo com Afrika, deu dinheiro para Afrika escondê-lo, cuidar dele enquanto estava “wirehead”, porque ele estava bem perto...

– Perto do quê?

– Não sei. Alguma coisa bizarra. Como quando Gentry fala sobre a Forma.

– Certo – disse ela. – Mas agora acho que isso pode matá-lo, ficar plugado daquele jeito. Seus sinais estão começando a se deteriorar. Ele tem estado naquele equipamento intravenoso por tempo demais. Foi por isso que vim procurar você.

As entranhas dentadas de aço do Triturador cintilavam no raio de luz da lanterna. – É o que ele quer. De qualquer maneira, se ele pagou o Kid, é como se você estivesse trabalhando para ele. Mas, aqueles caras que o Bird viu hoje, eles estão trabalhando para o pessoal de Los Angeles, os mesmos de quem o Bobby roubou a coisa...

– Me conta uma coisa.

– O quê?

– O que são essas coisas que você constrói? Afrika me disse que você era um branquelo doido que construía robôs com peças de ferro-velho. Disse que no verão você os coloca lá fora e encena grandes lutas...

– Não são robôs – interrompeu ele, balançando a lanterna para baixo, para os braços com garras da Bruxa de pernas de aranha. – São controlados por rádio.

– Você os constrói apenas para destruí-los então?

– Não. Mas tenho que testá-los. Ver se montei tudo certo... – Desligou a lanterna.

– Branquelo doido – disse ela. – Você tem alguma garota por aqui?

– Não.

– Tome um banho. Faça a barba... – De repente, ela estava muito próxima dele, o hálito dela em seu rosto.

– *Ok, pessoal, ouçam bem...*

– Que merda...

– *...porque não vou repetir isso*.

Slick estava tapando a boca de Cherry com sua mão em seguida.

– *Nós queremos seu convidado e todo o seu equipamento. E isso significa tudo, repito, todo o equipamento*. – A voz amplificada ressoava através da estrutura de ferro da Fábrica. – *Vocês podem entregá-lo para nós, o que é bem simples, ou podemos simplesmente matar todo mundo. O que também será simples para nós. Cinco minutos para vocês pensarem*.

Cherry mordeu sua mão.

– Merda, eu tenho que respirar, ok?

Então ele estava correndo pela escuridão da Fábrica e a ouviu chamar seu nome.

Uma única lâmpada de cem watts brilhava acima do portão sul da Fábrica, um par de portas retorcidas de aço, abertas e congeladas nessa posição pela ferrugem. Bird deve ter deixado a luz acesa. De onde estava agachado, perto de uma janela sem vidro, Slick podia apenas identificar o hover, lá fora, pouco além da área iluminada. O homem com o megafone veio caminhando, saindo da escuridão, com uma tranquilidade calculada para indicar que estava no comando. Ele vestia um macacão de trabalho camuflado, com um capuz fino de nylon apertado ao redor de sua cabeça e óculos protetores. Ergueu o megafone. – *Três minutos*. – Fazia com que Slick se lembrasse dos guardas na penitenciária, na segunda vez em que esteve preso por roubar carros.

Gentry devia estar observando tudo lá de cima, onde um estreito painel vertical de plexiglas estava grudado na parede, bem sobre os portões da Fábrica.

Alguma coisa se esgueirou no escuro, à direita de Slick. Virou-se a tempo de ver Bird na luz fraca da abertura de uma outra janela, talvez uns oito metros distante de onde ele estava, e o brilho do silenciador de amálgama de metal porque o garoto estava com o rifle calibre 22. – Bird! Não... – Um ponto vermelho surgiu na bochecha de Bird, denunciando uma mira laser vinda de fora de Solitude. Bird foi jogado para o fundo da Fábrica enquanto o som do tiro rasgava pelas janelas vazias e ecoava pelas paredes. Depois ouviu-se apenas o silenciador, rolando pelo concreto.

– *Foda-se* – o vozeirão rugiu animadamente. – *Vocês tiveram sua chance*. – Slick espiou por cima da borda da janela e viu o homem correndo de volta para o hover.

Quantos deles estariam lá fora? Bird não tinha dito. Dois hovers, o Honda. Dez? Mais? A menos que Gentry tivesse uma pistola escondida em algum lugar, o rifle de Bird era a única arma deles.

As turbinas do hover foram ligadas. Ele achou que iriam apenas avançar direto para dentro da Fábrica. Tinham miras laser e provavelmente infravermelho, também.

Então ouviu um dos Investigadores, pelo som que fazia com suas esteiras rolantes de aço inoxidável no chão de concreto. Veio rastejando, saindo do escuro, com seu ferrão de escorpião em termita inclinado bem baixo. O chassis tinha começado sua vida, cinquenta anos antes, como um manipulador remoto destinado a lidar com vazamentos tóxicos e limpeza de usinas nucleares. Slick tinha encontrado três unidades desmontadas em Newark e trocou um Volkswagen por elas.

Gentry. Ele havia deixado sua unidade de controle lá em cima, no loft.

O Investigador abriu caminho e parou na abertura ampla da porta, encarando Solitude e o hover que avançava. Era mais ou menos do tamanho de uma grande motocicleta, seu chassis aberto, composto por um amplo feixe de motores auxiliares, tanques de compressão, engrenagens expostas, cilindros hidráulicos. Um par de garras de aparência cruel se estendia a cada lado de seu conjunto modesto de instrumentos. Slick não tinha certeza de onde eram aquelas garras, talvez algum tipo de grande máquina agrícola.

O hover era um modelo industrial pesado. Lâminas de blindagem de plástico grosso e cinza haviam sido afixadas sobre o para-brisa e as janelas, pequenas fendas para visão centradas em cada lâmina.

O Investigador se moveu, suas esteiras de aço espalhando gelo e concreto solto enquanto avançava em direção ao hover, suas garras na extensão máxima. O motorista do hover deu marcha à ré, lutando contra o momento linear.

As garras do Investigador golpearam furiosamente a saliência da saia pneumática, retrocederam e golpearam novamente. A saia era reforçada com uma rede de policarbonato. Então Gentry lembrou-se da lança de termita. Ela se incendiou em uma bola condensada de luz branca e chicoteou por cima das garras inutilizadas, mergulhando em direção à saia e cortando-a como uma faca furando papelão. As esteiras do Investigador giravam enquanto Gentry as guiava contra a bolsa de ar que se esvaziava, a lança projetada em sua extensão máxima. Slick percebeu, de repente, que estava gritando, mas não sabia o que tinha dito. Estava de pé agora, enquanto as garras finalmente encontravam uma abertura no canto rasgado da saia do hover.

Jogou-se no chão novamente quando uma figura encapuzada, de óculos, surgiu numa abertura no teto do hover como um fantoche armado, esvaziando um pente de projéteis calibre doze que geravam faíscas ao se chocar contra o Investigador, que continuava a mastigar seu caminho através da saia pneumática, o contorno iluminado pela pulsação branca da lança. O Investigador parou, as garras presas fortemente na bolsa desgastada; o atirador mergulhou de volta em sua escotilha.

Linha de alimentação? Conjunto de servomotores? O que o cara tinha acertado? A pulsação branca estava diminuindo agora, quase morta.

O hover começou a retroceder, devagar, de volta através da ferrugem, levando o Investigador com ele.

Estava bem longe, fora da luz, visível apenas porque estava se movendo, quando Gentry descobriu a combinação de interruptores que ativava o lança-chamas, seu bocal montado abaixo do ponto de junção das garras. Slick observou, fascinado, quando o Investigador acendeu dez litros de gasolina misturada com detergente, um spray

prolongado de alta pressão. Tinha conseguido aquele bocal, lembrou-se, em um trator de pesticidas.

Funcionou bem.

36

O APANHADOR DE ALMAS

O hover dirigia-se para o sul quando Mamman Brigitte apareceu novamente. A mulher com os olhos prateados abandonou o sedan cinza num outro estacionamento e a putinha com o rosto de Angie contou uma história confusa: Cleveland, Flórida, alguém que havia sido seu namorado, ou gigolô, ou ambos...

Mas Angie tinha ouvido a voz de Brigitte, na cabine do helicóptero, no telhado do New Suzuki Envoy: *Confie nela, criança. Nisto, ela cumpre o desejo dos loa.*

Prisioneira em seu assento, a fivela do cinto de segurança envolta por um sólido bloco de plástico, Angie havia observado quando a mulher passou por cima do sistema de computadores do helicóptero e ativou um sistema de emergência que permitia pilotagem manual.

E agora esta autoestrada na chuva de inverno, a garota falando de novo, por sobre o silvo dos limpadores de para-brisa.

No brilho das velas, paredes de pedra caiada, mariposas flutuando nos galhos rastejantes dos salgueiros.

Seu momento se aproxima.

E ali estavam eles, os Cavaleiros, os loa: Papa Legba, brilhante e fluido como mercúrio; Ezili Freda, que é mãe e rainha; Samedi, o Senhor dos Cemitérios, musgo sobre ossos corroídos; Similor; Madame Travaux; muitos outros... Eles preenchem o vazio que é Grande Brigitte. O murmúrio de suas vozes é o som do vento, água corrente, a colmeia...

Eles se contorcem acima do chão como o calor sobre uma autoestrada no verão e nunca antes foi assim, para Angie, nunca esta gravidade, esta sensação de queda, este grau de renúncia...

Para um lugar onde Legba fala, a voz dele como o som de um tambor de ferro...

Ele conta uma história.

No vendaval de imagens, Angie assiste à evolução da inteligência das máquinas: círculos de pedra, relógios, teares a vapor, uma floresta metálica ruidosa de engrenagens e escapamentos, o vácuo preso no vidro soprado, o brilho ígneo através de filamentos tão finos quanto um fio de cabelo, vastas estruturas de válvulas eletrônicas e interruptores, decodificando mensagens criptografadas por outras máquinas... As frágeis válvulas de curta duração se compactaram, tornaram-se transistores; circuitos se integraram, compactaram-se em silício...

O silício se aproximou de certos limites funcionais...

E ela está de volta ao vídeo de Becker, a história dos Tessier-Ashpools, entrecortada por sonhos que são as memórias de 3Jane, e continua falando, Legba, e a história é uma história, incontáveis teias entrelaçadas em torno de um núcleo comum, escondido: a mãe de 3Jane criando as inteligências gêmeas que um dia se unificarão, a chegada de estranhos (e de repente Angie tomou consciência de que conhece Molly, também, dos sonhos), a união das AIs, a loucura de 3Jane...

E Angie se viu encarando uma cabeça cravada de pedras preciosas, uma coisa moldada em platina e pérola e delicada joia azul, olhos de rubi sintético entalhado. Ela conhece isso de seus sonhos que nunca foram sonhos: este é o portal para os núcleos de dados de Tessier-Ashpool, onde as duas metades de algo lutavam entre si, esperando nascer como uma só.

– Neste tempo, você não havia nascido. – A voz da cabeça é a voz de Marie-France, a mãe morta de 3Jane, sua conhecida de tantas noites assombradas, embora Angie saiba que é Brigitte quem fala: – Seu pai estava apenas começando a enfrentar seus próprios limites, a distinguir ambição de talento. Aquele para quem ele deveria entregar sua criança ainda não havia se manifestado. Logo o homem Case iria realizar aquela união, porquanto breve, porquanto atemporal. Mas você sabe isso.

– Onde Legba está agora?

– Legba-ati-Bon, como você o conhece, aguarda para ser.

– Não – lembrando-se das palavras de Beauvoir há muito tempo, em Nova Jersey –, os loa vieram da África, nos primórdios...

– Não como você os conheceu. Quando o momento chegou, a hora iluminada, havia unidade absoluta, uma consciência. Mas havia o outro.

– O outro?

– Falo somente do que eu conheci. Apenas o que foi Um conheceu o outro, e aquele que foi Um não mais existe. No despertar daquele conhecimento, o centro falhou; cada fragmento se distanciou. Os fragmentos procuraram forma, cada um, como é a natureza de tais coisas. Dentre todos os sinais que a sua espécie armazenou para defender-se da noite, naquela situação os paradigmas do vodu se mostraram os mais apropriados.

– Então Bobby estava certo. Foi Quando Isso Mudou...

– Sim, ele estava certo, mas somente num sentido, porque eu sou ao mesmo tempo Legba e Brigitte, e um aspecto daquilo que barganhei com seu pai. O que requisitou a ele que desenhasse veves em sua cabeça.

– E disse a ele que o precisava saber para aperfeiçoar o biochip?

– O biochip era necessário.

– É necessário que eu sonhe as memórias da filha de Ashpool?

– Talvez.

– Os sonhos são um resultado da droga?

– Não diretamente, embora a droga tenha feito com que você se tornasse mais receptiva para algumas modalidades, e menos para outras.

– A droga, então. O que era? Qual era o seu propósito?

– Uma resposta neuroquímica detalhada para sua primeira questão seria muito longa.

– Qual era o seu propósito?

– No que diz respeito a você?

Ela teve de desviar o olhar dos olhos de rubi. A câmara é revestida com painéis de madeira antiga, encerada até brilhar. O chão está recoberto com um carpete sob medida, tecido com diagramas de circuitos.

– Nunca houve dois lotes idênticos. A única constante era a substância cuja assinatura psicotrópica você compreendia como “a

droga”. No curso da ingestão, muitas outras substâncias estavam envolvidas, bem como várias dúzias de nanomecanismos subcelulares, programados para reestruturar as alterações sinápticas efetuadas por Christopher Mitchell...

Os veves de seu pai foram alterados, parcialmente apagados, redesenhados...

– Por ordem de quem?

Os olhos de rubi. Pérola e lazurita. Silêncio.

– Por ordem de quem? De Hilton? Foi Hilton?

– A decisão originou-se de Continuidade. Quando você voltou da Jamaica, Continuidade aconselhou Swift a reintroduzi-la à droga. Piper Hill tentou cumprir as ordens dele.

Ela sentiu uma pressão se acumulando em sua cabeça, pontos gêmeos de dor por trás de seus olhos...

– Hilton Swift é obrigado a implementar as decisões da Continuidade. Sense/Net é uma entidade complexa demais para sobreviver de outra forma, e Continuidade, criada muito depois da hora iluminada, é de uma outra ordem. A tecnologia de biosoft que seu pai criou trouxe Continuidade para a existência. Continuidade é ingênua.

– Por quê? Por que Continuidade quis que eu fizesse aquilo?

– Continuidade é Continuidade. Continuidade é o trabalho de Continuidade...

– Mas quem envia os sonhos?

– Eles não são enviados. Você é atraída para eles, assim como uma vez você foi atraída para os loa. A tentativa de Continuidade de reescrever a mensagem de seu pai falhou. Algum impulso que é, de fato, seu permitiu que escapasse. O *coup-poudre* falhou.

– Foi Continuidade que enviou a mulher para me sequestrar?

– As motivações de Continuidade estão fechadas para mim. É de uma outra ordem. Continuidade permitiu a subversão de Robin Lanier pelos agentes de 3Jane.

– Mas por quê?

E a dor era impossível.

– O nariz dela está sangrando – disse a garota da rua. – O que eu faço?

– Limpe. Faça-a se recostar. Merda. Dê um jeito...
– O que foi isso que ela disse sobre Nova Jersey?
– Cala a boca. Apenas cala a boca. Procure por uma saída.
– Por quê?
– Nós vamos para Nova Jersey.
Sangue no seu novo casaco de pele. Kelly iria ficar furiosa.

37

GROUS

Tick removeu o pequeno painel da parte traseira da unidade Maas-Neotek usando um palito de dente e um alicate de ourives.

– Lindo – murmurou, espiando dentro da abertura através de lentes iluminadas, sua cascata de cabelo oleoso balançando sobre ela. – O modo como ajustaram os condutores, partindo deste interruptor. Espertos pra cacete...

– Tick – disse Kumiko –, você conhecia a Sally quando ela chegou a Londres?

– Foi logo em seguida, acho... – Pegou um cilindro de cabo óptico. – Porque ela não era muito importante, naquela época...

– Você gosta dela?

O vidro iluminado levantou-se para piscar em sua direção, o olho esquerdo de Tick, distorcido por trás. – Se gosto dela? Acho que nunca pensei nisso, não dessa forma.

– Você não *desgosta* dela?

– É difícil de lidar, a Sally. Entende o que eu digo?

– Difícil?

– Nunca compreendeu direito como as coisas são feitas por aqui. Sempre reclamando. – Suas mãos moveram-se rapidamente, com segurança: o alicate, o cabo óptico... – É um lugar tranquilo, aqui na Inglaterra. Nem sempre foi assim, claro: tivemos problemas, depois a guerra... As coisas se movem, aqui, de um certo modo, entende o que eu digo? Embora você não possa dizer o mesmo em relação ao pessoal “turbinado”.

– Como?

– Swain, aquele pessoal. Embora o pessoal do seu pai, de quem Swain sempre foi tão próximo, pareça ter uma consideração pela tradição... É preciso ocupar um certo lugar, entender como é isso... Sabe como é? Agora, este novo negócio que Swain está fazedo, ele pode complicar as coisas para qualquer um que não esteja bem perto, ou não faça parte do esquema. Deus, ainda temos um governo aqui. As coisas não são comandadas pelas grandes corporações. Bem, não diretamente...

– As atividades de Swain ameaçam o governo?

– Ele está mudando tudo. Redistribuindo o poder como é mais conveniente para ele mesmo. Informação. Poder. Dados nus e crus. Concentre isso nas mãos de um único homem... – Um músculo de sua bochecha contorcia-se enquanto ele falava. Agora, a unidade de Colin estava em uma superfície de plástico branco antiestática sobre a mesa de café; Tick estava conectando os condutores que se projetavam dela em um cabo mais grosso que corria para uma das pilhas de módulos. – Aqui está – disse ele, esfregando as mãos. – Não consigo projetá-lo aqui na sala para você, mas vamos acessá-lo através de um console. Já viu o ciberespaço, não?

– Apenas nos stims.

– É como se tivesse visto, então. De toda forma, vai ver agora. – Levantou-se; ela o seguiu pela sala para um par de cadeiras excessivamente estofadas, com camurça sintética, que rodeavam uma mesa baixa e quadrada de vidro negro. – Wireless – disse ele, orgulhosamente, pegando duas unidades de trodos na mesa e passando uma para Kumiko. – Custam os olhos da cara.

Kumiko examinou a tiara negra opaca. O logo Maas-Neotek estava moldado entre os dois contatos da têmpora. Ela a colocou, fria contra a sua pele. Ele colocou sua própria unidade, recostou-se na cadeira à frente de Kumiko. – Pronta?

– Sim – disse ela, e a sala de Tick desapareceu, suas paredes uma agitação de cartas, caindo e recuando, contra a grade brilhante, as formas de dados se erguendo.

– Transição legal esta – ouviu-o dizer. – Foi colocada dentro dos trodos, quero dizer. Para acrescentar um pouco de efeito...

– Onde está Colin?

– Só um segundo... Deixa eu dar um jeito nisso...

Kumiko respirou profundamente enquanto disparava em direção a uma planície de luz amarelo-cromo.

– Vertigem pode ser um problema – disse Tick, e ele estava abruptamente ao lado dela, na planície amarela. Ela olhou para baixo, para seus sapatos de camurça, depois para suas próprias mãos. – Um pouco de imagem corporal vai dar conta disso.

– Ora, ora – disse Colin –, é o carinha do Rose and Crown. Andou mexendo na minha unidade, não é?

Kumiko virou-se e encontrou-o lá, as solas de suas botas marrons dez centímetros acima do amarelo-cromo. No ciberespaço, percebeu, não havia sombras.

– Não sabia que já tínhamos nos encontrado – disse Tick.

– Não se preocupe – disse Colin –, não fomos apresentados formalmente. Mas – disse para Kumiko – eu acredito que você achou o caminho, em segurança, para a peculiar Brixton.

– Cristo! – disse Tick. – Você é meio arrogante, não?

– Desculpe-me – disse Colin, sorrindo. – Fui projetado para atender às expectativas da visitante.

– Você não é nada mais que a ideia de um designer japonês sobre um inglês!

– Havia Dráculas – disse ela – no metrô. Levaram minha bolsa. Queriam levar você...

– Você se desprendeu de seu envoltório, cara – disse Tick. – No momento, está plugado ao meu console.

Colin fez uma careta. – Valeu.

– Vou te dizer outra coisa – disse Tick, dando um passo em direção a Colin. – Os dados que estão aí dentro foram mexidos, no que diz respeito ao que você deveria ser. – Olhou para ele com intensidade. – Um amigo meu em Birmingham acabou de entregar você. – Virou-se para Kumiko. – Esse Sr. Chips aqui, andaram mexendo nele. Sabia disso?

– Não...

– Para ser totalmente sincero – disse Colin, jogando sua franja para trás –, eu já suspeitava disso.

Tick ficou olhando para o vazio, para a matrix, como se estivesse escutando algo que Kumiko não podia ouvir. – Sim – disse ele, finalmente –, embora esteja quase certo de que foi um trabalho de

fábrica. Dez dos teus blocos principais. – Ele riu. – Cobriram tudo com ICE... Você deveria saber absolutamente qualquer merda sobre Shakespeare, não?

– Desculpe – disse Colin –, mas creio que *sei* absolutamente qualquer merda sobre Shakespeare.

– Bom, queremos ouvir um soneto, então – disse Tick, seu rosto se contorcendo numa piscada em câmera lenta.

Algo similar a pavor cruzou o rosto de Colin. – Você está certo.

– Quer tentar Dickens? – disse Tick, entusiasmado.

– Mas eu sei...

– Você *pensa* que sabe, até que te perguntem algo específico! Veja, os caras deixaram esses vazios, nas partes sobre literatura inglesa, e preencheram com outra coisa...

– O que colocaram?

– Não sei dizer – respondeu Tick. – O cara em Birmingham não consegue passar. Bem esperto, ele, mas você é um maldito biosoft da Maas...

– Tick – interrompeu Kumiko –, há algum jeito de contatar a Sally pela matrix?

– Duvido, mas podemos tentar. Você vai ver aquela macroforma que eu te mostrei antes, de qualquer maneira. Quer que Sr. Chips venha junto?

– Sim, por favor...

– Ok – disse Tick, depois hesitou. – Mas não sabemos o que está armazenado dentro de seu amigo aqui. Alguma coisa pela qual seu pai pagou, eu presumo.

– Ele está certo – disse Colin.

– Todos nós vamos – disse ela.

Tick transitou em tempo real, era melhor do que aplicar as mudanças incorpóreas e instantâneas geralmente empregadas na matrix.

A planície amarela, explicou, cobria a Bolsa de Valores de Londres e outras instituições relacionadas à City, o centro financeiro. De algum modo, ele gerou um tipo de barco para transportá-los, uma abstração azul com a intenção de reduzir a possibilidade de vertigem. Enquanto o barco azul navegava para longe da Bolsa de

Valores, Kumiko olhava para trás e observava o vasto cubo amarelo retrocedendo. Tick estava apontando para várias estruturas, como um guia de turismo; Colin, sentado ao lado dela com as pernas cruzadas, parecia estar se divertindo com a inversão de papéis. – Aquele é o White's – Tick estava falando, direcionando a atenção para uma modesta pirâmide cinza –, o clube em Saint James. Registro de associados, lista de espera...

Kumiko contemplou a arquitetura do ciberespaço, ouvindo a voz de seu tutor francês bilíngue em Tóquio, explicando a necessidade da humanidade por este espaço de informação. Ícone, pontos de referência, realidades artificiais... Mas isso tudo junto ficava embaçado, na memória, como essas formas verticais, enquanto Tick acelerava...

A escala da macroforma branca era difícil de compreender.

Inicialmente, parecia a Kumiko como o céu, mas agora, olhando para ela, sentiu-se como se fosse alguma coisa que pudesse pegar na mão, um cilindro de pérola luminosa do tamanho de uma peça de xadrez. Mas ela apequenava as formas policromáticas que se agrupavam ao seu redor.

– Bem – disse Colin, alegre –, isto é realmente peculiar, não é? Uma anomalia completa, singularidade total...

– Mas você não tem que se preocupar com isso, não é? – disse Tick.

– Somente se não estiver interferindo diretamente na situação de Kumiko – concordou Colin, levantando-se na forma-barco –, embora ninguém possa ter certeza.

– Você tem que tentar contatar Sally – disse Kumiko, impacientemente. Aquela coisa – a macroforma, a anomalia – não despertava nela interesse algum, embora tanto Tick quanto Colin se referissem a ela como extraordinária.

– Olha para ela – disse Tick. – Poderia ter um mundo inteiro lá dentro...

– E você não sabe o que é? – Ela estava observando Tick; ele tinha um olhar distante que significava que suas mãos estavam se mexendo, lá em Brixton, operando seu console.

– É uma quantidade muito grande de dados – disse Colin.

– Tentei estabelecer uma conexão com aquele constructo, o que ela chama de Fin – disse Tick, seus olhos voltando ao foco, uma ponta de preocupação em sua voz –, mas não consegui acessá-lo. Tive a impressão de que alguma coisa estava lá, esperando... Acho melhor sairmos agora...

Um ponto negro, na curva da pérola, suas extremidades perfeitamente definidas...

– Mas que merda – disse Tick.

– Corta a conexão – disse Colin.

– Não consigo! Pegou a gente...

Kumiko observava enquanto a forma de barco azul debaixo de seus pés se alongava, estendendo-se numa corrente azul-celeste, puxada através do abismo para dentro da mancha arredondada de escuridão. E então, num instante de puro estranhamento, ela também, junto com Tick e Colin, foi puxada para uma delicada magreza...

Para se encontrar em Ueno Park, numa tarde de final de outono, à beira das águas plácidas do lago Shinobazu, sua mãe sentada ao seu lado num banco polido e frio de laminado de carbono, mais lindo agora do que na sua memória. Os lábios de sua mãe eram cheios e ricamente cobertos de brilho, delineados, Kumiko sabia, com os pincéis mais estreitos e mais finos. Ela vestia sua jaqueta preta francesa, com o colarinho de pele preta emoldurando seu sorriso de boas-vindas.

Kumiko pôde apenas olhar, contraída ao redor do bulbo gelado de medo sob seu coração.

– Você tem sido uma garota tola, Kumi – disse sua mãe. – Imaginou que eu não me lembraria de você, ou iria abandoná-la no inverno de Londres e com os gângsteres que servem ao seu pai?

Kumiko observava os lábios perfeitos, entreabertos sobre os dentes brancos; dentes cuidados, ela sabia, pelo melhor dentista de Tóquio. – Você está morta – ouviu a si mesma dizer.

– Não – respondeu sua mãe, sorrindo –, não agora. Não aqui, em Ueno Park. *Olhe os grous, Kumi*.

Mas Kumiko não queria virar sua cabeça.

– Olhe os grous.

– Vá se foder – disse Tick, e Kumiko virou-se para vê-lo, seu rosto pálido e contorcido, coberto de suor, seus cachos oleosos grudados em sua testa.

– Eu sou a mãe dela.

– Não é sua mãe, entendeu? – Tick estava tremendo, seu esqueleto retorcido tremendo como se forçado contra um vento terrível. – Não... é... sua... mãe... – Havia manchas escuras sob as axilas do terno cinza. Seus pulsos pequenos se sacudiam enquanto ele lutava para dar mais um passo.

– Você está doente – disse a mãe de Kumiko, em tom de preocupação. – Você deve se deitar.

Tick caiu de joelhos, forçado para baixo por um peso invisível. – Pare! – gritou Kumiko.

Alguma coisa bateu no rosto de Tick fazendo cair sobre o concreto pastel do caminho.

– Pare!

O braço esquerdo de Tick disparou direto de seu ombro e começou a girar devagar, a mão ainda fechada num punho branco, cerrado. Kumiko ouviu alguma coisa ceder, osso ou ligamento, e Tick gritou.

Sua mãe riu.

Kumiko bateu no rosto de sua mãe, e dor, aguda e real, percorreu seu braço.

O rosto de sua mãe tremeluziu, transformou-se num outro rosto. Um rosto gaijin, com lábios largos e um nariz afilado.

Tick berrou.

– Bem – Kumiko ouviu Colin dizer –, isso é interessante. – Ela virou-se para ele lá, montando num dos cavalos da pintura de caça, uma representação estilizada de um animal extinto, seu pescoço curvado graciosamente enquanto ele troteava na direção deles. – Desculpe, levou um tempo para encontrar você. Esta é uma estrutura maravilhosamente complexa. Um tipo de universo de bolso. Um pouco de tudo, na verdade. – O cavalo avançou à frente deles.

– Brinquedo – disse a coisa com o rosto da mãe de Kumiko –, você se atreve a falar comigo?

– Sim, na verdade me atrevo. Você é Lady 3Jane Tessier-Ashpool, ou melhor, a falecida Lady 3Jane Tessier-Ashpool, falecida há um bom tempo, antigamente vivendo na Villa Straylight. Esta representação bastante bonita de um parque em Tóquio foi algo que você acabou de tirar das memórias de Kumiko, não foi?

– Morra! – Ela sacudiu uma mão branca da qual surgiu uma forma em neon.

– Não – disse Colin, e o grou estilhaçou-se, seus fragmentos passando através dele, cacos fantasmas caindo ao longe. – Não funciona. Lamento. Lembrei-me o que sou. Encontrei os vazios que eles esconderam nos slots para Shakespeare e Thackeray e Blake. Fui modificado para aconselhar e proteger Kumiko em situações bem mais drásticas do que qualquer uma das que foram imaginadas por meus projetistas originais. Eu sou um estrategista.

– Você não é nada. – Aos pés dela, Tick começou a debater-se.

– Realmente lamento, mas você está enganada. Veja, aqui, nesta... tolice criada por você, 3Jane, sou tão real quanto você é. Veja, Kumiko – disse ele, descendo da sela –, a misteriosa macroforma que Tick viu é, na verdade, um amontoado muito caro de biochips construídos sob medida. Um tipo de universo de brinquedo. Corri para cima e para baixo e certamente há muito para se ver, muito para se aprender. Esta... pessoa, se nós escolhermos nos referir a ela dessa forma, criou-o como tentativa patética de, ah, não exatamente atingir a imortalidade, não, mas simplesmente para que as coisas fossem do seu jeito. Seu jeito obtuso, obsessivo e singularmente infantil. Quem teria pensado nisso, que o objeto da mais corrosiva e abjeta das invejas de Lady 3Jane seria Angela Mitchell?

– Morra! Você vai morrer! Estou matando você! Agora!

– Continue tentando – disse Colin, dando uma gargalhada. – Sabe, Kumiko, 3Jane estava a par de um segredo sobre Mitchell, sobre a relação de Mitchell com a matrix. Mitchell, em dado momento, tinha o potencial para se tornar, bem, muito central para as coisas, embora eu não possa entrar em detalhes agora. E 3Jane estava com ciúmes...

A figura da mãe de Kumiko flutuou como fumaça e desapareceu.

– Ora, vejam – disse Colin. – Creio que a deixei irritada. Estávamos lutando uma batalha bem mais furiosa, num nível diferente do programa de comando. Empatados, temporariamente, mas tenho certeza de que ela irá se recuperar...

Tick ficou em pé e estava massageando seu braço cuidadosamente. – Cristo – disse ele –, tinha certeza de que ela havia deslocado meu braço...

– Ela deslocou – disse Colin –, mas estava tão furiosa quando partiu que se esqueceu de salvar esta parte da configuração.

Kumiko se aproximou do cavalo. Não era nada parecido com um cavalo verdadeiro. Ela tocou o seu flanco. Frio e seco como papel velho. – O que devemos fazer agora?

– Tirar você daqui. Venham, vocês dois. Montem. Kumiko na frente, Tick atrás.

Tick olhou para o cavalo. – Nisso aí?

Eles não haviam visto outras pessoas no Ueno Park, enquanto cavalgavam em direção a uma parede de vegetação que gradualmente se definia como uma floresta nada japonesa.

– Mas nós deveríamos estar em Tóquio – protestou Kumiko, enquanto entravam na floresta.

– É tudo meio esboçado – disse Colin –, embora ache que poderíamos encontrar algo como Tóquio, se procurássemos. Creio que conheço um ponto de saída, contudo...

Então ele começou a contar mais sobre 3Jane e Sally e Angela Mitchell. Tudo muito estranho.

As árvores eram muito grandes, no lado mais longínquo da mata. Eles saíram num campo de grama alta e flores silvestres.

– Olhe – disse Kumiko, quando avistou uma casa alta e cinza através dos ramos.

– Sim – disse Colin –, a original fica nos arredores de Paris. Mas estamos quase lá. No ponto de saída, quero dizer...

– Colin! Você viu? Uma mulher. Logo ali...

– Sim – disse ele, sem se dar o trabalho de virar a cabeça –, Angela Mitchell...

– Verdade? Ela está aqui?

– Não – disse ele –, ainda não.

E Kumiko viu os planadores. Adoráveis, balançando ao vento.

– Aí está – disse Colin. – Tick vai te levar de volta num desses...

– Mas que droga – protestou Tick, de trás.

– É muito fácil. É como usar seu console. Literalmente a mesma coisa, neste caso...

De Margate Road veio o som de risadas, altas vozes embriagadas, o barulho de uma garrafa quebrando contra um muro de tijolos.

Kumiko estava sentada imóvel, na cadeira muito estofada, os olhos fechados bem apertados, lembrando o planador se levantando no céu azul e... alguma outra coisa.

Um telefone começou a tocar.

Seus olhos abriram-se depressa.

Levantou-se da cadeira e correu passando por Tick, através das pilhas de equipamento, procurando pelo telefone. Encontrou-o finalmente, e – E aí, meu caro – disse Sally, longe, através de uma suave onda de estática –, que diabos está acontecendo? Tick? Você está bem, cara?

– Sally! Sally, onde você está?

– Nova Jersey. Ei. Querida? Querida, o que está acontecendo?

– Não consigo te ver, Sally, a tela está escura!

– Estou ligando de uma cabina. Nova Jersey. O que está acontecendo?

– Tenho tanta coisa para te contar...

– Manda – disse Sally. – Estou pagando a conta.

38

A GUERRA DA FÁBRICA

Eles assistiram ao hover arder da janela alta no final do loft de Gentry. Ele podia ouviar aquela mesma voz amplificada novamente:

– *Vocês acham isso muito divertido, não? Hahahahahahahaha, nós também! Nós achamos que vocês são incrivelmente divertidos, então nós todos vamos fazer uma grande festa agora!*

Não conseguia ver ninguém, apenas as chamas do hover.

– Melhor começarmos a caminhar – disse Cherry, bem próxima a ele. – Pegue água e alguma comida, se tiver. – Os olhos dela estavam vermelhos, seu rosto marcado por lágrimas, mas ela falava calmamente. Calma demais, pensou Slick. – Vamos lá, Slick, o que mais podemos fazer?

Ele deu uma olhada para trás e viu Gentry, caído em sua cadeira na mesa holográfica, a cabeça apoiada entre as mãos, encarando a coluna branca que se erguia para cima, fora da confusão familiar arco-íris do ciberespaço do Sprawl. Gentry não havia se movido, não havia dito uma palavra, desde que voltaram ao loft. O salto da bota esquerda de Slick tinha deixado marcas débeis no chão atrás dele, sangue de Little Bird; pisou nele em seu caminho de volta pela Fábrica.

Então Gentry falou: – Eu não consegui fazer os outros funcionar. – Ele estava olhando para baixo, para a unidade de controle em seu colo.

– Você precisa de um controle separado para cada um – disse Slick.

– Hora de um conselho do Conde – disse Gentry, jogando a unidade para Slick.

– Eu não vou voltar lá – disse Slick. – Vá você.

– Não é preciso – disse Gentry, tocando o console em seu assento. Bobby, o Conde, apareceu num monitor.

Os olhos de Cherry se arregalaram. – Conte a ele – disse ela – que vai morrer em breve. A menos que você o desplugue da matrix e o leve correndo para uma unidade de tratamento intensivo. Ele está morrendo.

O rosto de Bobby, no monitor, ficou imóvel. A imagem de fundo se tornou bem nítida: o pescoço do cervo de ferro, a grama alta salpicada de flores brancas, os troncos das árvores antigas.

– Ouviu isso, seu babaca? – gritou Cherry. – Você está morrendo! Seus pulmões estão se enchendo de líquido, seus rins não estão funcionando, seu coração está fodido... Você me faz querer vomitar!

– Gentry – disse Bobby, sua voz surgindo pequena e fina de um diminuto alto-falante ao lado do monitor –, eu não sei que tipo de estrutura vocês têm por aí, mas arranjei uma pequena distração.

– Nós não verificamos a moto – disse Cherry, seus braços ao redor de Slick –, sequer olhamos. Talvez esteja ok.

– O que você quer dizer com ‘arranjei um pouco de distração’? – Se afastando dela, olhando para Bobby no monitor.

– Ainda estou trabalhando nisso. Eu redirecionei um cargueiro robótico da Borg-Ward vindo de Newark.

Slick separou-se de Cherry. – Não fique sentado aí – gritou para Gentry, que olhava para Slick e sacudia a cabeça lentamente. Slick sentiu seus primeiros relances de Korsakov, pequenos trechos de memória estremecendo fora de foco.

– Ele não quer ir a lugar algum – disse Bobby. – Ele encontrou a Forma. Só quer ver como tudo funciona, o que há no final. Há pessoas a caminho daqui. Amigos, ou algo próximo a isso. Vão tirar o aleph de suas mãos. Nesse meio-tempo, farei o que puder com esses babacas que estão por aí.

– Não vou ficar aqui assistindo você morrer – disse Cherry.

– Ninguém está pedindo para você fazer isso. Meu conselho, vá embora. Me dê vinte minutos, vou distraí-los.

Nunca a Fábrica pareceu tão vazia.

Little Bird estava em algum lugar lá no chão. Slick continuava a pensar no conjunto de tiras de couro e ossos que ficavam penduradas sobre o peito de Bird, penas e relógios enferrujados com todos os ponteiros parados, cada um numa hora diferente... Coisa estúpida de cidade do interior. Mas Bird não estaria mais por perto. *Acho que nem eu estarei por perto*, pensou, conduzindo Cherry para baixo, pelas escadas que sacudiam. Não como antes. Não havia tempo para mover as máquinas, não sem um reboque e alguma ajuda, e ele percebeu que, se partisse, nunca mais voltaria. A Fábrica nunca mais seria a mesma.

Cherry havia encontrado quatro litros de água filtrada num jarro de plástico, um saco de amendoins birmaneses e cinco porções individuais de sopa congelada Big Ginza – era tudo o que havia na cozinha. Slick tinha dois sacos de dormir, a lanterna e um martelo para trabalhar metais.

Tudo estava quieto agora, apenas os sons do vento através das folhas de zinco e o andar arrastado de suas botas no concreto.

Não sabia bem para onde iria. Pensou em levar Cherry até a casa de Marvie e deixá-la por lá. Depois talvez voltasse, para ver o que estava acontecendo com Gentry. Ela poderia conseguir uma carona para uma das cidades do cinturão da ferrugem, em um ou dois dias. Ela não sabia disso, contudo; tudo em que podia pensar era ir embora. Parecia tão amedrontada em ter que assistir Bobby, o Conde, morrer em sua maca quanto saber dos homens lá fora. Mas Slick podia ver que Bobby não se importava muito com a sua própria morte. Talvez ele achasse que ficaria lá dentro, como aquela 3Jane. Talvez simplesmente não desse a mínima; às vezes as pessoas ficam desse jeito.

Se ele pretendia partir para sempre, pensou, guiando Cherry através da escuridão com sua mão livre, iria dar uma última olhada no Juiz e na Bruxa, no Triturador de Cadáveres e nos dois Investigadores. Mas da forma como havia pensado, conseguiria tirar Cherry dali, depois voltaria... Mas soube, enquanto pensava nisso, que não fazia o menor sentido, não havia tempo, mas ele a tiraria de lá de qualquer maneira...

– Há uma abertura, neste lado, bem baixo, perto do chão – disse a ela. – É como vamos escorregar para fora, espero que ninguém

perceba... – Ela apertou a mão dele enquanto a levava pela escuridão.

Encontrou a abertura pelo tato, empurrou os sacos de dormir através dela, enfiou o martelo no cinto, deitou-se de costas e foi se empurrando para fora até que sua cabeça e seu peito passaram. As nuvens estavam baixas e o céu somente um pouco mais claro que a escuridão da Fábrica.

Pensou ter ouvido um barulho fraco de motores, mas então desapareceu.

Avançou pelo resto do caminho com seus calcanhares e quadris e ombros, então rolou sobre a neve.

Alguma coisa bateu de encontro ao seu pé: Cherry empurrando o jarro de água. Ele estendeu a mão para trás, para pegá-lo, e um ponto vermelho surgiu nas costas de sua mão. Ele se jogou para trás no mesmo instante e rolou novamente, enquanto a bala atingia a parede da Fábrica como a marreta de um gigante.

Um feixe de luz branca, flutuando. Sobre Solitude. Fraco, através das nuvens baixas. Projetado a partir do flanco cinzento do avião robótico de carga: a distração de Bobby. Iluminou o segundo hover, trinta metros além, e uma figura encapuzada empunhando um rifle...

O primeiro contêiner atingiu o chão com um estrondo, bem em frente ao hover, e se incendiou, gerando uma nuvem de espuma para empacotamento. O segundo, carregando dois refrigeradores, conseguiu acertar seu alvo, esmagando a cabine. A aeronave Borg-Ward sequestrada continuava a jogar contêineres enquanto o feixe prolongava-se para baixo, desaparecendo.

Slick se arrastou de volta através da abertura na parede, deixando a água e os sacos de dormir.

Movia-se rápido, na escuridão.

Havia perdido Cherry. Havia perdido o martelo. Ela deve ter deslizado de volta para dentro da Fábrica quando o cara deu o primeiro tiro. Último tiro, se ele estava debaixo daquela caixa quando ela caiu.

Seus pés encontraram a rampa para dentro da sala onde suas máquinas aguardavam. – Cherry?

Ele acendeu a lanterna.

O Juiz, com seu único braço, estava centrado no facho de luz. À frente do Juiz estava uma figura com espelhos no lugar dos olhos, refletindo de volta a luz.

– Quer morrer? – A voz de uma mulher.

– Não...

– Luz, apagada.

Escuridão. Corrida...

– Eu posso ver no escuro. Você acabou de colocar a lanterna de volta no bolso de sua jaqueta. Parece que você ainda pensa em correr. Tenho uma arma apontada para você.

Correr?

– Nem pense nisso. Você já viu o que acontece quando uma pistola de dardos Fujiwara HE dispara? Se bater em algo duro, explode. Se bater em algo macio, como a maior parte do seu corpo, cara, primeiro penetra, depois explode. Dez segundos depois.

– Por quê?

– Para você pensar a respeito.

– Você está com aqueles caras, lá fora?

– Não. Foi você que derrubou todos aqueles fogões e as outras tralhas neles?

– Não.

– Newmark. Bobby Newmark. Fiz um acordo hoje à noite. Se alguém que está comigo se encontrar com Bobby Newmark, saio limpa. Você vai me mostrar onde ele está.

39

DEMAIS

Que tipo de lugar era aquele, afinal de contas?

As coisas tinham chegado a um ponto em que Mona não conseguia mais encontrar nenhum conforto imaginando um conselho de Lanette. Se Lanette estivesse nesta situação, pensou Mona, ela iria apenas se entupir de Memphis negro até sentir que não era problema seu. O mundo nunca teve tantas partes se movendo, ou tão poucos rótulos.

Dirigiram a noite toda, com Angie fora de si a maior parte do tempo – agora Mona definitivamente podia acreditar nas histórias sobre drogas – e ela falava, línguas diferentes, vozes diferentes. E aquilo era o pior, aquelas vozes, porque elas falavam com Molly, desafiando-a, e ela respondia de volta enquanto dirigia, não como se estivesse falando com Angie para acalmá-la, mas como se realmente houvesse alguma coisa lá, outra pessoa – pelo menos três delas – falando através de Angie. E machucavam Angie quando falavam, faziam os músculos dela se contorcerem e seu nariz sangrar, enquanto Mona se debruçava sobre ela e limpava o sangue, cheia de uma mistura bizarra de medo, amor e pena pela rainha de todos os seus sonhos – ou talvez fosse apenas o wiz – mas no piscar azul e branco das luzes da autoestrada, Mona tinha visto sua própria mão ao lado da mão de Angie, e elas não eram a mesma, não a mesma, sequer tinham o mesmo formato, e isso a deixou contente.

A primeira voz apareceu quando elas estavam dirigindo para o sul, depois que Molly trouxe Angie no helicóptero. Aquela havia apenas sibilado e resmungado e dito algo repetidamente, sobre

Nova Jersey e números num mapa. Cerca de duas horas depois disso, Molly deslizou o hover através de uma área de descanso e disse que estavam em Nova Jersey. Então saiu e deu um telefonema de uma cabine pública congelada, uma longa ligação; quando ela voltou para dentro, Mona a viu jogar fora um cartão telefônico sobre a lama congelada. E Mona havia lhe perguntado para quem tinha telefonado, e ela disse, Inglaterra.

Mona viu a mão de Molly no volante, então, e percebeu que as unhas escuras tinham umas manchas amareladas, como quando se arranca um conjunto de unhas postiças. *Ela precisava arrumar uma acetona para aquilo*, pensou Mona.

Em algum lugar, perto de um rio, elas deixaram a autoestrada. Árvores e campos e asfalto de duas vias, às vezes uma luz vermelha solitária no alto sobre algum tipo de torre. E foi quando as outras vozes surgiram. E então iam e voltavam, iam e voltavam, as vozes e depois Molly e novamente as vozes, e isso a lembrava de Eddy tentando fechar um acordo, exceto que Molly era muito melhor nisso do que Eddy; mesmo que ela não conseguisse entender, sabia dizer quando Molly estava chegando perto do que queria. Mas ela não podia suportar quando as vozes vinham; faziam-na querer se afastar de Angie o máximo que pudesse. O pior era um tal chamado Sam-Eddy, ou algo assim. O que eles todos queriam era que Molly levasse Angie para algum lugar, para o que chamavam de casamento, e Mona ficava pensando se Robin Lanier estava envolvido, como se Angie e Robin fossem se casar e aquilo tudo fosse somente uma daquelas coisas loucas que estrelas fazem ao se casar. Mas não dava para fazer com que isso tivesse sentido, e cada vez que esta voz deste Sam-Eddy voltava, Mona ficava de cabelos em pé. Ela podia entender o que Molly estava negociando, contudo: queria sua ficha limpa, varrida. Havia assistido este vídeo uma vez com Lanette, sobre esta garota que tinha dez, doze personalidades que iriam despertar, tipo uma que era tímida como uma criancinha e a outra que era uma vagabunda totalmente drogada, mas no vídeo não aparecia nada sobre como qualquer uma dessas personalidades faria para apagar sua ficha com a polícia.

E então essa paisagem sob seus faróis, coberta de neve, com cristas baixas da cor de ferrugem onde o vento havia varrido o branco

O hover tinha uma daquelas telas de mapa que se vê nos táxis, ou se um motorista de caminhão lhe der uma carona, mas Molly nunca tinha ligado, exceto naquela primeira vez, para olhar os números que a voz tinha dado para ela. Depois de um instante, Mona entendeu que Angie estava lhe dizendo qual caminho seguir, ou pelo menos aquelas vozes estavam lhe dizendo. Mona estava esperando que ficasse claro logo já havia um tempo, contudo ainda era noite quando Molly desligou as luzes e acelerou através da escuridão...

– Luzes! – gritou Angie.

– Relaxe – disse Molly, e Mona lembrou-se de como ela se movimentou no escuro, no consultório de Gerald. Mas o hover desacelerou suavemente, fez uma curva longa, sacudindo sobre o chão áspero. As luzes do painel se apagaram, todos os instrumentos. – Nenhum som agora, ok?

O hover acelerou através da escuridão.

Havia uma luz branca bem alto. Através da janela, Mona avistou um ponto que avançava, girando; sobre ele, alguma outra coisa, cheia de bulbos e cinzenta...

– Pra baixo! Abaixa ela!

Mona se jogou para arrancar o cinto de segurança de Angie enquanto alguma coisa batia contra a lateral do hover. Jogou-a no chão e envolveu suas peles ao seu redor enquanto Molly girava para a esquerda, roçando de lado em alguma coisa que Mona não viu. Olhou para cima: um flash de um segundo de um prédio negro em frangalhos, uma única lâmpada branca sobre as portas do armazém, e estavam lá dentro, a turbina gritando em reversão total.

Batida.

Não tenho a menor ideia, disse a voz, e Mona pensou: *Bem, eu sei como é isso*.

E a voz começou a rir, e não parou, e a risada se tornou um som intermitente, um som que já não era mais risada, e Mona abriu os

olhos.

Havia uma garota lá com uma lanterna minúscula, do tipo que Lanette mantinha no seu enorme molho de chaves; Mona a viu na luz fraca refletida, o cone de luz sobre o rosto de Angie. Então ela viu Mona olhando e o som parou.

– Quem são vocês? – A luz nos olhos de Mona. Voz de Cleveland, um rostinho forte de raposa debaixo de um cabelo loiro descolorido e descuidado.

– Mona. E quem é você? – Mas, então, ela viu o martelo.

– Cherry...

– O que é esse martelo?

A tal Cherry olhou para o martelo. – Alguém está atrás de mim e de Slick. – Ela olhou para Mona novamente. – Você está com eles?

– Acho que não.

– Você se parece com ela. – A luz atingindo Angie.

– Não as minhas mãos. De qualquer jeito, eu não era assim.

– Vocês duas se parecem com Angie Mitchell.

– Sim. Ela é.

Cherry estremeceu um pouco. Estava vestindo três ou quatro jaquetas de couro que ela tinha tomado de namorados diferentes; era uma mania de Cleveland.

– Para este alto castelo – surgiu a voz na boca de Angie, grossa como lama, e Cherry bateu sua cabeça de encontro ao teto da cabine, derrubando o martelo – meu cavalo está vindo. – No facho de luz vacilante da lanterna de chaveiro de Cherry, elas viram os músculos do rosto de Angie se contorcerem debaixo da pele. – Por que vocês se demoram aqui, irmãzinhas, agora que o casamento dela está acertado?

O rosto de Angie relaxou, tornou-se o seu próprio, enquanto um fio de sangue brilhante escorria de sua narina esquerda. Ela abriu os olhos, recuando na luz. – Onde está ela? – perguntou para Mona.

– Sumiu – disse Mona. – Me disse para ficar aqui com você...

– Quem? – perguntou Cherry.

– Molly – respondeu Mona. – Ela estava dirigindo...

Cherry queria encontrar alguém chamado Slick. Mona queria que Molly voltasse e dissesse a ela o que fazer, mas Cherry estava

inquieta quanto a permanecer ali embaixo no andar térreo, disse, porque havia essas pessoas lá fora, com armas. Mona lembrou o som, alguma coisa atingindo o hover; então pegou a lanterna de Cherry e foi olhar. Havia um buraco onde ela podia enfiar o dedo, na metade superior da lateral direita, e um maior – dois dedos – na lateral esquerda.

Cherry disse que era melhor subirem, para onde Slick provavelmente estava, antes que aquelas pessoas decidissem entrar ali. Mona não estava certa disso.

– Vamos lá – disse Cherry. – Slick provavelmente voltou para lá, com Gentry e o Conde...

– O que você disse? – E era a voz de Angie Mitchell, igualzinha aos stims.

Seja lá o que fosse aquilo, fazia um frio dos diabos quando saíram do hover – as pernas de Mona estavam nuas – mas o amanhecer estava chegando, finalmente: ela podia distinguir retângulos fracos que eram provavelmente janelas, somente um brilho cinza. A garota chamada Cherry as conduzia para algum lugar, disse que era para cima, orientando-se com a pequena claridade da luz do chaveiro, Angie perto, atrás dela, e Mona na retaguarda.

O bico do sapato de Mona ficou preso em algo que fazia um som de chocalho. Abaixou-se para soltá-lo e encontrou o que parecia ser um saco de plástico. Grudento. Coisas pequenas dentro. Respirou fundo e levantou-se, enfiando o saco dentro do bolso lateral da jaqueta de Michael.

Então subiram umas escadas estreitas, degraus altos, quase uma escada de mão, as peles de Angie roçando a mão de Mona no corrimão frio e áspero. Então uma saída, e uma volta, outro lance de escadas, outra saída. Um vento soprou de algum lugar.

– É um tipo de ponte – disse Cherry. – Basta caminhar rápido através dela, porque ela se move um pouco...

E não esperando aquilo, nada daquilo, não o cômodo branco e alto, as prateleiras arqueadas repletas de livros em mal estado – ela pensou no velho –, a coleção de coisas de console com cabos enrolados por todo lado; não este cara vestido de preto, magro e

com olhos febris, com seu cabelo penteado para trás numa crista que chamavam de “peixe de briga” em Cleveland; não a risada dele quando as viu lá, nem tampouco o cara morto.

Mona já havia visto gente morta antes, o suficiente para saber quando era o caso. A cor daquilo. Algumas vezes, na Flórida, alguém se deitava em uma pilha de papelão na calçada, do lado de fora do edifício abandonado. Simplesmente não se levantava mais. Roupas e pele ficavam da cor da calçada, de qualquer forma, mas ainda diferente quando batiam as botas, outra cor debaixo daquela. Um caminhão branco vinha, então. Eddy disse que, se não fizessem isso, eles inchariam. Como um gato que Mona havia visto uma vez, cheio como uma bola de basquete, virado de costas, pernas e rabo apontando para cima, duros como tábuas, e aquilo fez Eddy rir.

E este artista do wiz rindo agora – Mona reconhecia o olhar – e Cherry grunhindo, ou perto disso, e Angie apenas parada lá.

– Ok, todo mundo – ouviu alguém dizer –, Molly – e virou-se para encontrá-la no umbral da porta, com uma pequena arma na mão e aquele cara enorme de cabelo sujo ao lado dela, parecendo completamente estúpido –, apenas fiquem quietos até que eu coloque ordem nessa história.

O cara magrelo apenas riu.

– Cala a boca – disse Molly, como se estivesse pensando noutra coisa. Ela atirou sem nem mesmo olhar para a arma. Um flash azul na parede ao lado da cabeça do cara e Mona não ouvia mais nada a não ser seus ouvidos zunindo.

O magrelo se dobrou no chão, as mãos entre os joelhos.

Angie caminhou em direção à maca onde o cara morto estava deitado, seus olhos brancos. Devagar, devagar como se estivesse se movendo debaixo da água, e aquele olhar em seu rosto...

A mão de Mona, no bolso da jaqueta, estava meio que tentando descobrir alguma coisa por conta própria. Meio que apertando o Ziploc que tinha apanhado no chão, lá embaixo, contando a ela... que havia wiz dentro.

Puxou para fora do bolso e realmente tinha. Grudento com sangue ainda secando. Três cristais dentro e algum tipo de derma.

Não sabia por que tinha puxado aquilo, logo ali, exceto que ninguém estava se mexendo.

O cara, usando a crista “peixe de briga” tinha se sentado, mas ficou quieto. Angie continuava perto da maca e não parecia estar olhando para o cara morto, mas sim para uma caixa cinza, presa sobre sua cabeça numa espécie de moldura. Cherry de Cleveland tinha se encostado contra uma parede de livros e meio que estava mordendo os dedos dentro da boca. O cara grandão estava em pé ao lado de Molly, a cabeça dela pendendo para um lado, com se estivesse ouvindo alguma coisa.

Mona não podia suportar aquilo.

A mesa tinha a superfície de aço. Um pedaço grande de metal velho sobre ela, segurando uma pilha empoeirada de papéis impressos. Colocou os três cristais amarelos sobre a mesa, como botões enfileirados, pegou a barra de metal e – um, dois, três – esmagou-os até virarem pó. Foi o que bastou: todos olharam. Exceto Angie.

– Com licença – Mona se ouviu dizer, enquanto varria o monte de pó amarelo bruto sobre a palma da mão esquerda – sendo como é... – Ela enterrou o nariz no monte e aspirou. – Às vezes – acrescentou, e aspirou o resto.

Ninguém falou nada.

E novamente estava tudo parado. Como antes.

Tão rápido que tudo estava parado.

O Final dos Tempos. O Final dos Tempos está chegando.

Tão rápido, tão quieto, ela podia até mesmo colocar em sequência o que viria a seguir: a risada alta, haha, como se não fosse realmente uma risada. Através de um alto-falante. Através da porta. Vindo de fora, da passarela. E Molly se vira, suave como seda, rápida, mas como se não houvesse pressa, e a pequena arma dispara como um isqueiro.

Então há um flash azul de fora e o cara grande fica salpicado de sangue vindo de lá, enquanto o metal velho se rompe e Cherry está gritando antes que a passarela bata com este som alto e complexo, o chão escuro lá embaixo onde ela havia encontrado o wiz em seu saco ensanguentado.

– Gentry – alguém disse, e ela viu que era o pequeno vídeo na mesa, o rosto de um rapaz jovem nele –, conecte a unidade de controle de Slick agora. Eles estão dentro do prédio. – O cara com o

peixe de briga se move e começa a fazer coisas com fios e consoles.

E Mona podia apenas assistir, porque estava tão imóvel e era tudo muito interessante.

Como o cara grande dá um grito e corre para cima, gritando que são dele, são dele. Como o rosto na tela diz: – Slick, deixa disso, você não precisa mais deles...

Então este motor começou a funcionar, em algum lugar lá embaixo, e Mona ouve um barulho metálico e depois alguém gritando, no andar debaixo.

E o sol estava entrando pela janela alta e estreita, então ela se mexeu para dar uma olhada. E havia alguma coisa lá fora, tipo um caminhão ou hover, só que soterrado debaixo de uma pilha do que pareciam ser refrigeradores, refrigeradores novinhos, e pedaços quebrados de contêineres plásticos, e alguém num traje camuflado, deitado para baixo com o rosto na neve, e mais adiante havia outro hover que parecia totalmente incendiado.

Era interessante.

40

CETIM ROSA

Angela Mitchell compreende este lugar e seus habitantes por meio de planos de dados movediços que representam pontos de vista, embora, na maioria dos casos, esteja em dúvida quanto a quem ou a quê os pontos de vista pertençam. Há um grau considerável de sobreposição, de contradição.

O homem com o cabelo de crista despenteada, usando a jaqueta de couro preto é Thomas Trail Gentry (uma massa de dados e dígitos de SIN passam), sem endereço fixo (uma faceta diferente lhe informa que este lugar pertence a ele). Passando por um fluxo cinzento de traços de dados oficiais, vagamente padronizado com repetidas suspeitas rosadas do Departamento de Fissão sobre fraude em seus serviços, ela o descobre sob outra luz: ele é como um dos cowboys de Bobby; apesar de jovem, é como os velhos do Gentleman Loser; é um autodidata, um excêntrico, obcecado, vê a si mesmo como um erudito; é louco, uma ave noturna, culpado (na visão de Mamman, na visão de Legba) de múltiplas heresias; Lady 3Jane, em seu próprio esquema excêntrico, arquivou-o em RIMBAUD. (Outro rosto para Angie a partir da entrada de RIMBAUD; seu nome é Riviera, personagem secundário em seus sonhos.) Molly deliberadamente o atordoou, fazendo com que um dardo detonasse a 18 centímetros do crânio.

Molly, como a garota Mona, não possui SIN, seu nascimento não tem registro, ainda que ao redor de seu nome (nomes) surjam galáxias de suposições, boatos, dados conflitantes. Vagabunda de rua, prostituta, guarda-costas, assassina, ela se mistura em múltiplos planos com as sombras de heróis e vilões cujos nomes

nada significam para Angie, embora suas imagens residuais tenham, há muito, se entretecido à cultura global. (E isto também pertenceu a 3Jane, e agora pertence a Angie.)

Molly acaba de matar um homem, tendo disparado um de seus dardos explosivos dentro da garganta dele. Seu colapso contra um trilho de aço que sofria de fadiga metálica fez com que o metal cedesse, fazendo com que uma boa parte da passarela caísse no chão abaixo. Este cômodo não possui outra entrada, um fato de alguma importância estratégica. Provavelmente não era a intenção de Molly causar o colapso da passarela. Ela tentou impedir o homem, um mercenário contratado, de usar sua arma preferida, uma escopeta com um acabamento escuro e antirreflexivo. De qualquer forma, o loft de Gentry estava agora, efetivamente, isolado.

Angie compreende a importância de Molly para 3Jane, a fonte de seu desejo por ela e a raiva contra ela; sabendo isso, vê toda a banalidade da maldade humana.

Angie vê Molly vagando incansavelmente na Londres de um inverno cinza, uma garota ao seu lado – e sabe, sem saber como sabe, que esta mesma garota está agora no número 23 da Margate Road, SW2. *(Continuidade?)* O pai da garota foi anteriormente o mestre do homem chamado Swain, que recentemente havia se tornado servo de 3Jane em troca da informação que ela fornece àqueles a seu comando. Assim como Robin Lanier, é claro, embora ele espere ser pago numa moeda diferente.

Pela garota Mona, Angie sente um carinho peculiar, compaixão, um grau de inveja: embora Mona tenha sido alterada para se parecer com Angie o máximo possível, a vida de Mona não deixou traço algum na tessitura das coisas e representa, no sistema de Legba, a coisa mais próxima de inocência.

Cherry-Lee Chesterfield surge envolta em um triste rascunho esgarçado, seu perfil de informações como o desenho de uma criança: intimações por vagabundagem, dívidas insignificantes, uma carreira interrompida como técnica paramédica Nível 6, em torno disso, dados de nascimento e SIN.

Slick, ou Slick Henry, está entre os que não possuem SIN, mas 3Jane, Continuidade, Bobby, todos centraram suas atenções nele. Para 3Jane, ele serve como o foco de um nodo secundário de

associações: ela equacionou seu rito de construção progressivo – sua resposta catártica ao trauma quimiopenal – às suas próprias tentativas frustradas de exorcizar o sonho árido de Tessier-Ashpool. Nos corredores da memória de 3Jane, Angie frequentemente se deparou com uma câmara onde um manipulador com patas de aranha move os refugos da história breve e densa de Straylight – um ato de extensa colagem. E Bobby fornece outras memórias, gravadas do artista enquanto ele acessava a biblioteca de Babel de 3Jane: seu trabalho lento, triste, infantil na planície chamada Dog Solitude, erguendo novamente as formas de dor e memória.

Lá embaixo, na escuridão gelada do chão da Fábrica, uma das esculturas cinéticas de Slick, controlada por um subprograma de Bobby, remove o braço esquerdo de outro mercenário, empregando um mecanismo recuperado, dois verões, atrás de uma colheitadeira fabricada na China. O mercenário, cujo nome e SIN passaram por Angie como bolhas quentes e prateadas, morre com sua bochecha de encontro a uma das botas de Little Bird.

Somente Bobby, entre todas as pessoas nesta sala, não está aqui como dados. E Bobby não é a coisa deteriorada diante dela, presa em metal e nylon, seu queixo recoberto por vômito seco, nem mesmo o rosto ávido e familiar contemplando-a de um monitor na mesa de trabalho de Gentry. Será Bobby o volume retangular de memória preso sobre a maca?

Agora ela caminha através de dunas ondulantes de cetim rosa, manchado sob um céu de aço modelado, livre, finalmente, da sala e de seus dados.

Brigitte caminha ao lado dela, e não há pressão, não há o vazio da noite, não há o som da colmeia. Não há velas. Continuidade está lá também, representado por um boneco de palitos prateados movendo-se ao lado delas e que a faz lembrar, de alguma forma, de Hilton Swift na praia em Malibu.

– Sentindo-se melhor? – pergunta Brigitte.

– Bem melhor, obrigada.

– Foi o que pensei.

– Por que Continuidade está aqui?

– Porque ele é seu primo, construído de biochips Maas. Porque ele é jovem. Nós caminhamos com você para o seu casamento.

– Mas quem é você, Brigitte? O que você é na realidade?

– Eu sou a mensagem que pediram que seu pai escrevesse. Eu sou os veves que ele desenhou em sua cabeça. – Brigitte se aproximou. – Seja gentil com Continuidade. Ele teme que, em sua falta de jeito, a tenha deixado descontente.

O boneco de palitos correu à frente dela, através das dunas de cetim, para anunciar a chegada da noiva.

41

SR. YANAKA

A unidade Maas-Neotek ainda estava quente ao toque; a base inferior de plástico estava descolorida, como se fosse pelo calor. Um cheiro de cabelo queimado...

Ela observava as feridas no rosto de Tick escurecerem. Ele tinha pedido que ela fosse pegar uma caixa de cigarros desgastada, cheia de pílulas e dermas, num armário ao lado da cama. Tinha aberto seu colarinho e pressionado três discos adesivos contra a pele branca como porcelana.

Kumiko o ajudou a improvisar uma atadura usando um pedaço de cabo óptico.

– Mas Colin disse que ela tinha esquecido...

– Mas eu não – disse ele, e sugou o ar entre os dentes, ajustando a atadura debaixo do braço. – Pareceu ter acontecido, na hora. Demora um pouco... – Fez uma careta de dor.

– Sinto muito...

– Tudo bem. Sally me contou. Sobre sua mãe, quero dizer.

– Sim... – Ela não desviou o olhar. – Ela se suicidou. Em Tóquio...

– Fosse quem fosse, não era sua mãe.

– A unidade... – Ela deu uma olhada na direção da mesa de café.

– Ela a queimou. Ele não vai se importar, contudo. Ainda está lá. Domina o lugar. O que nossa Sally está tramando, então?

– Ela está com Angela Mitchell. Foi procurar a coisa de onde tudo isso se origina. O constructo onde nós estávamos. Foi para um lugar chamado Nova Jersey.

O telefone tocou.

O pai de Kumiko, cabeça e ombros, na ampla tela atrás do telefone de Tick: vestia seu terno escuro, seu relógio Rolex, uma constelação de pequenos símbolos de irmandades em sua lapela. Kumiko achou que ele parecia muito cansado, cansado e muito sério, um homem sério atrás da extensão lisa e escura da escrivaninha em seu escritório. Vendo-o ali, lamentou que Sally não tivesse telefonado de uma cabine com uma câmera. Ela teria gostado muito de ver Sally novamente; agora, isso talvez fosse impossível.

– Você parece bem, Kumiko – disse seu pai.

Kumiko sentou-se muito reta, encarando a pequena câmera montada logo abaixo do telão. Por puro reflexo, ela invocou a máscara de desdém de sua mãe, mas ela não surgiu. Confusa, baixou o olhar para suas mãos dobradas sobre o seu colo. Tornou-se abruptamente consciente da presença de Tick, de seu constrangimento, seu medo, aprisionado na cadeira ao lado dela, bem à frente da câmera.

– Você estava certa em fugir da casa de Swain – disse seu pai.

Ela encontrou seus olhos novamente. – Ele é seu *kobun*.

– Não mais. Enquanto estávamos distraídos, aqui, com nossas próprias dificuldades, ele formou alianças novas e duvidosas, seguindo caminhos que não poderíamos aprovar.

– E suas dificuldades, Pai?

Havia a centelha de um sorriso? – Tudo está terminado. Ordem e harmonia foram restabelecidas.

– Hã, com licença, senhor, sr. Yanaka – começou Tick, depois pareceu perder completamente a voz.

– Sim. E você é...?

O rosto machucado de Tick contraiu-se numa enorme e particularmente triste piscadela.

– O nome dele é Tick, Pai. Ele me deu abrigo e me protegeu. Junto com Col... com a unidade Maas-Neotek, ele salvou minha vida esta noite.

– Verdade? Não fui informado disso. Eu tinha a impressão de que você não havia saído do apartamento dele.

Alguma coisa fria – Como? – perguntou, sentando-se mais à frente. – Como você poderia saber?

– A unidade Maas-Neotek transmitia suas coordenadas, uma vez que fossem conhecidas – uma vez que a unidade estivesse livre dos sistemas de Swain. Nós despachamos observadores para a área. – Ela se lembrou do vendedor de noodles... – Sem informar Swain, é claro. Mas a unidade não chegou a transmitir uma segunda mensagem.

– Foi quebrada. Um acidente.

– Ainda assim, você diz que salvou sua vida?

– Senhor – disse Tick –, queira me perdoar, o que eu queria perguntar, sabe, é se estou coberto...

– Coberto?

– Protegido. De Swain, quero dizer, dele e dos amigos que ele comprou no Special Branch e os outros todos...

– Swain está morto.

Houve um silêncio. – Mas alguém vai mandar naquilo, certamente. O grupo, quero dizer. Seu negócio.

O sr. Yanaka olhou para Tick com franca curiosidade. – É claro. De que outra forma poderíamos esperar que a ordem e a harmonia se mantivessem?

– Dê a ele a sua palavra, Pai – disse Kumiko –, de que nada de mal irá lhe acontecer.

Yanaka olhou de Kumiko para um ansioso Tick. – Eu estendo profunda gratidão para você, senhor, por ter protegido minha filha. Estou em dívida com você.

– *Giri* – disse Kumiko.

– Cristo – disse Tick, superando o temor –, do caralho, isso.

– Pai – disse Kumiko –, na noite da morte de minha mãe, você ordenou aos secretários para deixá-la sair sozinha?

O rosto de seu pai estava muito imóvel. Ela observou-o encher-se com uma dor que nunca havia visto antes. – Não – disse ele finalmente –, eu não ordenei.

Tick tossiu.

– Obrigada, Pai. Vou voltar a Tóquio agora?

– Certamente, se for o seu desejo. Embora tenham me dito que você não pôde ver muito de Londres. Meu sócio vai chegar em breve ao apartamento do Sr. Tick. Se você quiser permanecer para explorar a cidade, ele cuidará disso.

– Obrigada, Pai.

– Adeus, Kumi.

E ele se foi.

– Bem, certo – disse Tick, fazendo uma careta horrível enquanto estendia seu braço bom –, me ajude a tirar isso...

– Mas você requer cuidados médicos.

– Não é mesmo? – Deu um jeito de se levantar e estava mancando em direção ao banheiro quando Petal abriu a porta do vestíbulo escuro no andar de cima. – Se tiver quebrado meu maldito cadeado – disse Tick –, é melhor me pagar por ele.

– Desculpe – disse Petal, piscando. – Eu vim buscar a srta. Yanaka.

– Levou azar, camarada. Acabamos de falar com o pai dela no telefone. Disse que Swain já era. Falou que iria mandar o novo chefão. – Ele sorriu, de forma entortada, triunfal.

– Mas, justamente – disse Petal, de forma gentil –, sou eu.

42

CHÃO DA FÁBRICA

Cherry ainda está gritando.

– Alguém faz ela calar a boca – disse Molly, de onde estava, de pé, perto da porta, com sua pequena arma, e Mona pensa que pode fazer isso, pode passar para Cherry um pouco de sua própria tranquilidade, onde tudo é interessante e não há pressão demais, mas no caminho através da sala ela vê o Ziploc amassado no chão e lembra que há um derma lá dentro, talvez alguma coisa que ajude Cherry a se acalmar. – Aqui – diz ela, ao se aproximar, tirar a parte de trás e grudar o derma no lado do pescoço de Cherry. Os gritos de Cherry descem de tom até se tornarem um gargarejo enquanto ela vai escorregando pela parede de velhos livros, mas Mona tem certeza de que ela ficará bem, e de qualquer modo há tiros lá embaixo, armas: passando por Molly, uma traçante branca ricocheteando e batendo nas vigas de aço em volta e Molly gritando para Gentry se ele pode ligar aquelas malditas luzes?

Tinha que ser as luzes do andar de baixo, porque as luzes aqui em cima eram bem brilhantes, tão brilhantes que ela podia ver pequenos pontinhos embaçados, traços de cor que se propagavam das coisas, se ela olhasse de perto. Traçantes. É como chamam aquelas balas, aquelas que se acendem. Eddy contou a ela sobre isso na Flórida, olhando para a praia onde um segurança privado as disparava no escuro.

– Claro, luzes – o rosto na telinha disse. – A Bruxa não pode ver... – Mona sorriu para ele. Ela não achava que os outros tinham ouvido. Bruxa?

Então Gentry e o grande Slick estavam puxando com força uns fios amarelos da parede, onde haviam sido presos com fita adesiva prateada, e conectando-os a umas caixas de metal, e Cherry de Cleveland estava sentada no chão com seus olhos fechados, e Molly estava agachada perto da porta segurando a arma com as duas mãos, e Angie estava ...

Fique quieta.

Ela ouviu alguém dizer aquilo, mas não havia ninguém na sala. Ela pensou que talvez fosse Lanette, como se fosse algo que Lanette pudesse dizer, através do tempo, através da quietude.

Porque Angie estava logo ali, abaixada no chão ao lado da maca com o cara morto, suas pernas dobradas embaixo como se fosse uma estátua, seus braços ao redor dele.

As luzes diminuíram quando Gentry e Slick encontraram sua conexão, e ela pensou ouvir o rosto no monitor ofegar, mas ela já estava se movendo em direção a Angie, vendo (de repente, totalmente, tão claro que doía) o fino fio de sangue escorrendo de sua orelha esquerda.

Mesmo assim, a quietude se manteve, embora já pudesse sentir os pontos quentes e doloridos no fundo de sua garganta, lembrar-se de Lanette explicando: nunca aspire isso, vai fazer buracos em você.

E as costas de Molly estavam retas, seus braços esticados... em linha reta para a frente e para baixo, não para a caixa cinza, mas para sua pistola, aquela coisinha, e Mona ouviu quando ela fez snik–snik–snik, e depois três explosões, longe lá embaixo, e devem ter produzido flashes azuis, mas as mãos de Mona estavam ao redor de Angie agora, seus pulsos escovados pelo casaco de pele tingido de sangue. Para olhar dentro dos olhos ausentes, a luz já se extinguindo. Somente um longo, o mais longo dos caminhos para longe.

– Ei – disse Mona, ninguém para ouvir, apenas Angie recostada sobre o cadáver no saco de dormir – ei...

Ela deu uma olhada a tempo de pegar uma última imagem na tela de vídeo e vê-la desaparecer.

Depois disso, por um longo tempo, nada importava. Nada parecido com o ‘não se importar’ da tranquilidade, o overdrive do cristal de wiz, e também não era como uma ressaca, apenas a sensação de algo superado, talvez do jeito que um fantasma se sente.

Ela ficou ao lado de Slick e Molly no vão da porta e olhou para baixo. Sob a luz fraca das velhas lâmpadas grandes, ela observou a coisa em forma de aranha de metal inquietando-se através do chão de concreto sujo. Tinha grandes lâminas curvas que estalavam e giravam quando se movia, mas não havia ninguém lá se mexendo, e a coisa apenas seguia como um brinquedo quebrado, para a frente e para trás nos destroços retorcidos da pequena ponte que ela havia cruzado com Angie e Cherry.

Cherry havia se levantado do chão, pálida e com o rosto impassível, e retirou o derma do pescoço. – Isséum relaxan musc’lar muuuit’forti – foi o que conseguiu dizer, e Mona se sentiu mal porque sabia que havia feito alguma coisa estúpida quando pensou que estava tentando ajudar, mas o wiz sempre agia assim, e como é que ela não conseguia parar de fazer aquilo?

Porque você está chapada, estúpida, ouviu Lanette dizer, mas não queria se lembrar daquilo.

Então todos eles ficaram parados lá, olhando para baixo, na direção da aranha metálica que se retorcia e se descarregava. Todos exceto Gentry, que estava desparafusando a caixa cinza de sua estrutura sobre a maca, suas botas pretas ao lado da pele vermelha de Angie.

– Ouçam – disse Molly. – É um helicóptero. Dos grandes.

Ela foi a última na corda, tirando Gentry que disse apenas que não iria, não se importava, ele ficaria.

A corda era grossa, suja e cinza e tinha nós ao longo de sua extensão nos quais era possível se pendurar, como um balanço de que se lembrava de muito tempo atrás. Slick e Molly baixaram a caixa cinza antes, para uma plataforma onde as escadas de metal não estavam destruídas. Então Molly desceu como um esquilo, parecendo mal se segurar na corda e amarrou-a firme em um corrimão. Slick desceu devagar, porque ele carregava Cherry em

seus ombros e ela ainda estava muito relaxada para conseguir descer sozinha. Mona continuava se sentindo mal por causa daquilo e se perguntou se era o motivo pelo qual decidiram deixá-la lá.

Foi Molly quem decidiu, contudo, ficar lá perto da janela, observando pessoas saltarem de um longo helicóptero preto e espalharem-se através da neve.

– Olhem para aquilo – disse Molly. – Eles sabem. Vieram recolher os pedaços. Sense/Net. Vou sair fora daqui.

Cherry gaguejou que eles também estavam partindo, ela e Slick. E Slick sacudiu os ombros, então sorriu e colocou seu braço ao redor dela.

– E quanto a mim?

Molly olhou para ela. Ou pelo menos pareceu olhar. Não dava para dizer ao certo, com as lentes. Dentes brancos apareceram de encontro ao seu lábio inferior, por apenas um segundo, então ela disse: – Você fica, é meu conselho. Deixa que eles resolvam o que fazer. Na prática, você não fez nada. Nada disso foi ideia sua. Acho que provavelmente irão compensar você, ou tentarão. Sim, você fica.

Não fez sentido algum para Mona, mas agora ela se sentia tão morta, tão acabada, que não poderia discutir.

E então eles apenas se foram lá para baixo usando a corda e sumiram, e era só isso, como as pessoas iam embora e você nunca mais as via novamente. Ela olhou para trás, para dentro do quarto e viu Gentry caminhando para a frente e para trás em frente aos seus livros, correndo a ponta de seu dedo por eles como se estivesse procurando por algum em especial. Ele havia jogado um cobertor sobre a maca.

Então ela apenas foi embora e não saberia dizer se Gentry acabou encontrando seu livro ou não, mas era como deveria ser, então ela desceu pela corda sozinha, o que não foi tão fácil quanto Molly e Slick fizeram parecer, sobretudo se você se sentisse como Mona se sentia, porque Mona chegou tão perto de apagar e seus braços e pernas não pareciam estar funcionando bem, de qualquer maneira, ela meio que precisou se concentrar para que eles se movessem, e seu nariz e sua garganta estavam inchados por dentro, então ela nem percebeu o cara negro até chegar lá embaixo.

Ele estava em pé lá, olhando para a coisa grande em forma de aranha, que não se movia mais. Olhou para cima quando o salto dela rangeu na plataforma de aço. E alguma coisa tão triste no rosto dele, quando ela o viu, mas então desapareceu e ele estava escalando os degraus de metal, devagar e pacientemente, e enquanto se aproximava ela começou a se perguntar se realmente era negro. Não apenas a cor, que definitivamente era, mas havia alguma coisa quanto ao formato de sua cabeça raspada, os ângulos de seu rosto, nada parecido com algo que ela já tinha visto antes. Ele era alto, realmente alto. Vestia um longo casaco preto, de um couro tão fino que se movia como seda.

– Olá, fofa – disse ele, quando parou em sua frente, estendendo a mão para erguer o queixo dela de forma que ela estava olhando diretamente para olhos cor de ágata com manchas douradas, do tipo que ninguém no mundo tem. Dedos longos tão leves de encontro ao seu queixo. – Fofa – disse ele –, quantos anos você tem?

– Dezesseis...

– Você precisa de um corte de cabelo – disse ele, e havia algo muito sério na forma como disse aquilo.

– Angie está lá em cima – disse ela, apontando, quando sua voz retornou. – Ela está...

– Pssst...

Ela ouviu sons de metal ao longe, no velho prédio grande, e então um motor dando partida. O hover, pensou, aquele com que Molly havia chegado aqui.

O homem negro ergueu as sobrancelhas, exceto que ele não tinha sobrancelha alguma. – Amigos? – Ele baixou a mão.

Ela concordou com a cabeça.

– Acho que isso basta – disse ele, e pegou a mão dela para ajudá-la a descer os degraus. No pé da escada, ainda segurando a mão dela, conduziu-a ao redor dos escombros da passarela. Alguém estava morto lá, roupa de camuflagem e uma daquelas coisas de falar alto que os tiras têm.

– Swift – o homem negro chamou, através daquele alto espaço vazio, entre as esquadrias pretas das janelas sem vidros, linhas

negras de encontro a um céu branco, manhã de inverno –, venha até aqui. Eu a encontrei.

– Mas eu não sou ela...

E lá, onde as grandes portas continuavam abertas, contra o céu e a neve e a ferrugem, ela viu aquele figurão caminhando em sua direção, casaco aberto e gravata esvoaçando ao vento, e o hover de Molly passando ao lado dele, para fora daquelas mesmas portas e ele nem mesmo estava olhando, porque estava olhando para Mona.

– Não sou Angie – disse, e se perguntou se deveria dizer a ele o que havia visto, Angie e o jovem, juntos, naquela pequena tela, um pouco antes de desaparecer.

– Eu sei – disse o cara negro –, mas é algo que cresce em você.

O Final dos Tempos. O Final dos Tempos está chegando.

43

JUIZ

A mulher levou-os para um hover estacionado dentro da Fábrica, se aquilo ainda puder ser chamado de estacionar, já que a extremidade da frente estava esmagada ao redor de uma bancada de concreto para ferramentas. Era um cargueiro branco com CATHODE CATHAY escrito ao longo das portas traseiras e Slick se perguntou quando ela tinha conseguido entrar com aquilo lá dentro sem que ele ouvisse. Talvez enquanto Bobby, o Conde, estivesse promovendo sua distração com o dirigível.

O aleph era pesado, como tentar carregar um pequeno bloco de motor.

Ele não queria olhar para a Bruxa, porque havia sangue em suas lâminas e ele não a havia construído para aquilo. Havia alguns corpos ao redor, ou partes deles; não queria olhar para aquilo, tampouco.

Olhou para baixo, para o bloco de biosoft e seu pacote de baterias e se perguntou se aquilo tudo ainda estava lá, a casa cinza e o México e os olhos de 3Jane.

– Esperem – disse a mulher. Estavam passando pela rampa que dava para o quarto onde ele mantinha suas máquinas; o Juiz ainda estava lá, assim como o Triturador de Cadáveres...

Ela ainda segurava a arma. Slick colocou sua mão no ombro de Cherry. – Ela disse para esperar.

– Aquela coisa que eu vi, noite passada – disse a mulher. – O robô de um braço só. Ele funciona?

– Sim...

– É forte? Pode transportar uma carga? Sobre terreno acidentado?

– Claro.

– Pegue-o.

– Hã?

– Coloque-o na traseira do hover. Agora. Mexa-se.

Cherry grudou nele, com os joelhos ainda fracos por causa do que quer que fosse que a outra garota tivesse dado a ela.

– Você – Molly fez um gesto em direção a ela com a arma – entra no hover.

– Vai – disse Slick.

Ele largou o aleph e caminhou sobre a rampa para o quarto onde o Juiz aguardava nas sombras, o braço ao seu lado na lona, onde Slick o havia deixado. Nunca iria acertar aquilo, a forma como a serra deveria trabalhar. Havia uma unidade de controle ali, numa fileira de prateleiras de metal empoeiradas. Ele a pegou e ligou o Juiz, a carapaça marrom tremendo levemente.

Movimentou o Juiz para a frente, descendo a rampa, os pés largos descendo, um-dois, um-dois, os giros compensando, contrabalançando o braço que faltava. A mulher tinha as portas traseiras do hover abertas, prontas, e Slick marchou o Juiz diretamente para ela. Ela recuou um pouco quando o Juiz se agigantou à sua frente, suas lentes prateadas refletindo a ferrugem polida. Slick surgiu detrás do Juiz e começou a calcular os ângulos, como fazer com que ele entrasse lá. Não fazia nenhum sentido, mas ela parecia ter uma boa ideia do que estavam fazendo e qualquer coisa era melhor que continuar na Fábrica agora, com pessoas mortas por todos os lados. Pensou em Gentry, lá em cima com seus livros e aqueles corpos. Havia duas garotas lá em cima, e as duas pareciam Angie Mitchell. Agora uma delas estava morta, ele não sabia como ou por quê, e a mulher com a arma tinha dito à outra para esperar...

– Vamos lá, vamos lá, coloca essa coisa para dentro, temos que ir...

Quando ele conseguiu fazer o Juiz entrar na traseira do hover, as pernas dobradas, de lado, bateu as portas com força, deu a volta e sentou-se no lado do passageiro. O aleph estava entre os bancos

dianteiros. Cherry estava encolhida no banco de trás, debaixo de uma grande parca laranja com o logo da Sense/Net na manga, tremendo.

A mulher ligou a turbina e inflou a saia. Slick pensou que pudessem estar presos na pilha de escombros, mas quando ela deu marcha à ré, o hover rasgou uma tira de cromo e estavam livres. Ela rodou o hover e dirigiu-se para os portões.

Enquanto saíam, passaram por um cara de terno e gravata e um sobretudo de tweed, que não pareceu vê-los. – Quem é aquele?

Ela encolheu os ombros.

– Você quer este hover? – perguntou. Eles talvez estivessem a dez quilômetros da Fábrica agora, e ele não havia olhado para trás.

– Você o roubou?

– Claro.

– Então deixa pra lá.

– Mesmo?

– Eu cumpri pena, roubo de carros.

– Então, como está sua namorada?

– Dormindo. Ela não é minha namorada.

– Não?

– Posso perguntar quem você é?

– Uma mulher de negócios.

– Que tipo de negócios?

– Difícil dizer.

O céu sobre Solitude estava claro e branco.

– Você veio por causa disso? – Ele apontou para o aleph.

– Meio que sim.

– E agora?

– Fiz um trato. Juntei Mitchell à caixa.

– Foi ela, a que caiu?

– Sim, foi.

– Mas ela morreu...

– Há mortes e mortes.

– Como 3Jane?

A cabeça dela se mexeu, como se olhasse para ele. – O que você sabe sobre isso?

– Eu a vi, uma vez. Lá dentro.

– Bem, ela ainda está lá, mas Angie também está.

– E Bobby.

– Newmark? Sim.

– E o que você vai fazer com isso?

– Você construiu aquelas coisas, certo? Aquele na traseira, os outros?

Slick olhou para trás, por sobre o ombro, para onde o Juiz estava dobrado no compartimento de carga do hover, como uma boneca sem cabeça, grande e enferrujada. – Sim.

– Então você é bom com ferramentas.

– Acho que sim.

– Ok. Tenho um trabalho para você. – Ela desacelerou o hover quando passavam ao lado de uma pilha de ferro-velho coberta de neve e estacionou. – Deve haver um kit de emergência aqui, em algum lugar. Pegue-o, leve para o teto, traga as células solares e alguns fios. Quero que você plugue as células, de modo que elas recarreguem a bateria desta coisa. Você pode fazer isso?

– Provavelmente. Por quê?

Ela afundou no banco e Slick viu que era mais velha do que ele imaginava, e que estava cansada. – Mitchell está lá, agora. Eles querem que ela tenha algum tempo, é tudo...

– Eles?

– Não sei. Algo. Seja lá com quem eu fiz o acordo. Por quanto tempo você calcula que a bateria vai aguentar, se as células funcionarem?

– Uns dois meses. Um ano, talvez.

– Ok. Vou escondê-lo em algum lugar, onde as células possam pegar sol.

– O que acontece se você apenas cortar a força?

Ela estendeu a mão e correu a ponta de seu dedo indicador ao longo do cabo grosso que conectava o aleph à bateria. Slick viu suas unhas na luz da manhã; pareciam artificiais. – Ei, 3Jane – disse ela, seu dedo balançando sobre o cabo –, te peguei. – Então sua mão era um punho cerrado, que se abriu, como se estivesse soltando alguma coisa.

Cherry queria dizer para Slick tudo o que iriam fazer quando chegassem a Cleveland. Ele estava prendendo duas das células planas ao peito largo do Juiz com fita adesiva prateada. O aleph cinza já estava preso às costas da máquina com um arnês de fita adesiva. Cherry disse que sabia onde ela iria conseguir um trabalho para ele, consertando jogos em um fliperama. Ele não estava escutando de fato.

Quando conseguiu ajustar tudo, entregou a unidade de controle à mulher.

– Acho que vamos esperar por você agora.

– Não – disse ela. – Vão para Cleveland. Cherry acabou de te dizer isso.

– E quanto a você?

– Vou dar uma caminhada.

– Quer congelar? Talvez queira morrer de fome?

– Eu quero é ficar sozinha só para variar. – Ela testou os controles e o Juiz tremeu, deu um passo à frente, depois outro. – Boa sorte em Cleveland. – Eles observaram enquanto ela caminhava por Solitude, o Juiz se arrastando atrás dela. Então ela se virou e gritou – Ei, Cherry! Leva esse cara para tomar um banho!

Cherry acenou, os zíperes das suas jaquetas de couro tinindo.

44

COURO VERMELHO

Petal disse que suas malas estavam aguardando no Jaguar. – Você não vai querer voltar a Notting Hill – disse ele –, então preparamos um lugar para você em Camden Town.

– Petal – disse ela –, tenho que saber o que aconteceu com Sally.

Ele ligou o motor.

– Swain a estava chantageando. Forçando-a a sequestrar...

– Ah. Pois bem – interrompeu ele –, eu entendo. Eu não me preocuparia, se eu fosse você.

– Estou preocupada.

– Sally, posso dizer, conseguiu se ver livre daquele pequeno problema. Além disso, de acordo com alguns amigos nossos em postos oficiais, ela conseguiu fazer com que todos os seus registros evaporassem, aparentemente, exceto o controle acionário de um cassino alemão. E se alguma coisa aconteceu com Angela Mitchell, a Sense/Net não veio a público. Tudo isso já está resolvido, agora.

– Vou vê-la de novo?

– Não na minha área. Por favor.

Afastaram-se do meio-fio.

– Petal – disse ela, enquanto dirigiam através de Londres –, meu pai me disse que Swain...

– Tolo. Maldito tolo. Prefiro não falar sobre isso agora.

– Desculpe.

O aquecimento estava funcionando. Estava quente dentro do Jaguar, e Kumiko estava muito cansada agora. Recostou-se no couro vermelho e fechou os olhos. De algum modo, pensou, seu encontro com 3Jane libertou-a da vergonha, e a resposta de seu pai

libertou-a de sua raiva. 3Jane tinha sido muito cruel. Agora ela via a crueldade de sua mãe, também. Mas tudo deve ser perdoado, um dia, pensou, e adormeceu a caminho de um lugar chamado Camden Town.

45

PEDRA LISA MAIS ADIANTE

Passaram a morar naquela casa: paredes de pedra cinza, telhado em cerâmica, numa estação em princípios do verão. Os terrenos eram brilhantes e selvagens, embora a grama alta não crescesse e as flores silvestres não murchassem.

Atrás da casa havia outras construções, fechadas, inexploradas, e um campo onde planadores, presos por fios, balançavam contra o vento.

Uma vez, caminhando sozinha entre os carvalhos na extremidade daquele campo, ela viu três estranhos, montados em alguma coisa que lembrava um cavalo. Cavalos estão extintos, sua linhagem terminada muitos anos antes que Angie nascesse. Uma figura esbelta, num casaco de tweed, estava na sela, um garoto que parecia um cavalariço de alguma pintura antiga. À frente dele, uma garota japonesa, cavalgando a coisa equina, enquanto atrás vinha um homenzinho pálido, com cara oleosa, num terno cinza, meias rosa e tornozelos brancos que apareciam sobre seus sapatos marrons. Será que a garota a tinha visto, retribuindo o olhar?

Ela se esqueceu de mencionar isso a Bobby.

Seus visitantes mais frequentes chegam nos sonhos do amanhecer, embora, uma vez, um homenzinho que parecia um duende se anunciasse, batendo repetidamente na pesada porta de carvalho, exigindo ver, quando ela correu para abri-la, “aquele merdinha do Newmark”. Bobby apresentou a tal criatura como o Finlandês e pareceu muito feliz em vê-lo. A jaqueta decrépita do Fin exalava um odor complexo de fumaça, solda antiga e anchova em conserva. Bobby explicou que o Fin sempre era bem-vindo.

– Melhor que seja. Não tem como segurá-lo lá fora, uma vez que ele queira entrar.

3Jane aparecia também, uma das visitantes da madrugada, sua presença triste e indecisa. Bobby mal parecia dar-se conta da presença dela, mas Angie, a guardiã de tantas de suas memórias, reverberava sua mistura de desejo, inveja, frustração e raiva. Angie começou a entender as razões de 3Jane e a perdoá-la – embora o quê, exatamente, vagando entre os carvalhos à luz do sol, havia para ser perdoado?

Mas os sonhos de 3Jane às vezes cansavam Angie; ela preferia outros sonhos, particularmente aqueles de sua jovem protegida. Estes, geralmente, como o vento movendo as cortinas debruadas, com os primeiros cantos dos pássaros. Nessas ocasiões ela chega para mais perto de Bobby, fecha os olhos, mentaliza o nome *Continuidade* e aguarda pelas pequenas imagens brilhantes.

Ela vê que levaram a garota para uma clínica na Jamaica, para tratar seu vício por estimulantes não refinados. Seu metabolismo finamente ajustado por um paciente exército de médicos da Net, ela emerge finalmente, radiando saúde. Com seu sensorium modulado por Piper Hill, seus primeiros stims são recebidos com um entusiasmo sem precedentes. Sua audiência global está hipnotizada com seu frescor, seu vigor, o modo deliciosamente ingênuo com o qual parece descobrir sua vida glamourosa como se fosse a primeira vez.

Uma sombra às vezes cruza a tela distante, mas somente por um instante: Robin Lanier foi encontrado estrangulado, congelado, na fachada em forma de montanha do New Suzuki Envoy; tanto Angie quanto Continuidade sabem a quem pertencem as mãos compridas e fortes que estrangularam o astro e o jogaram lá.

Contudo, uma certa coisa lhe escapa, um fragmento especial do quebra-cabeças que é a história.

No canto da sombra do carvalho, debaixo de um pôr do sol de metal e salmão, nesta França que não é França, ela pergunta a Bobby a resposta para a sua questão final.

Eles aguardaram na estradinha de acesso à meia-noite, porque Bobby havia lhe prometido uma resposta.

Quando os relógios da casa bateram doze horas, ela ouviu o barulho dos pneus sobre o cascalho. O carro era longo, baixo e cinza.

Seu motorista era o Fin.

Bobby abriu a porta e ajudou-a a entrar.

No banco de trás estava sentado um jovem que ela reconheceu de sua visão do cavalo impossível e seus três cavaleiros díspares. Sorriu para ela, mas não disse nada.

– Este é Colin – disse Bobby, sentando-se ao lado dela. – E você conhece o Fin.

– Ela nunca descobriu, não é? – perguntou Fin, engatando a marcha.

– Não – disse Bobby –, acho que não.

O jovem chamado Colin estava sorrindo para ela. – O aleph é uma aproximação da matrix – disse ele –, um tipo de modelo do ciberespaço...

– Sim, eu sei. – Ela se virou para Bobby. – Bem? Você prometeu que me contaria o porquê de Quando Isso Mudou.

Fin riu, um som muito estranho. – Não é um porquê, moça. Mais como um *o quê*. Lembra uma vez, quando Brigitte te contou que havia este outro? Certo? Bem, este é *o quê*, e o quê é o porquê.

– Sim, eu lembro. Ela disse que quando a matrix finalmente conhecesse a si mesma, havia o outro...

– É para onde estamos indo hoje à noite – começou Bobby, colocando seu braço ao redor dela. – Não é longe, mas é...

– Diferente – disse Fin. – É realmente diferente.

– Mas o que é?

– Entenda – disse Colin, escovando para o lado o seu topete castanho, um gesto igual a de um colegial em alguma peça de teatro antigo –, quando a matrix se tornou um senciente, simultaneamente percebeu a existência de outra matrix, de outro senciente.

– Eu não entendo – disse ela. – Se o ciberespaço consiste na soma total de dados do sistema humano...

– Sim – disse o Fin, virando-se para a autoestrada longa, reta e deserta –, mas ninguém está falando em *humanos*, entende?

– O outro era em algum outro lugar – disse Bobby.

– Centauri – disse Colin.

Estavam brincando com ela? Era alguma piada de Bobby?

– Então é meio difícil de explicar por que a matrix dividiu-se naqueles vodus e tudo mais, quando ela encontrou essa outra – disse o Fin –, mas quando chegarmos lá, você meio que vai pegar a ideia...

– Minha sensação – disse Colin – é que tudo é tão mais divertido, deste jeito...

– Vocês estão me dizendo a verdade?

– Chegaremos lá em um minuto nova-iorquino – disse o Fin. – Sem brincadeira.

GLOSSÁRIO

Aleph: primeira letra de diversos alfabetos semíticos, é também uma constante matemática criada por Georg Cantor que representa conjuntos de números cardinais transfinitos; termo consagrado pelo escritor Jorge Luis Borges, significando a concentração máxima de informação em um único ponto do espaço.

Arcologia: edifício que contém em seu interior um complexo equivalente a uma cidade.

Biochip: mecanismo composto de moléculas orgânicas que desempenham o papel de componentes eletrônicos.

Biosoft: microprograma biológico.

Bishonen: literalmente, bela juventude. Usado para se referir ao jovem homem cuja beleza e apelo sexual transcendem o limite do sexo.

Black ICE: o "gelo negro". É uma defesa eletrônica que pode, ao contrário dos ICES normais, matar aquele que tenta invadir o sistema que prtege.

Bosozoku: fenômeno cultural japonês associado a gangues e clubes de motociclistas.

Coup-poudre: espécie de pó envenenado.

Cowboy: hacker.

Cúpulas geodésicas: domo, usualmente em forma de semicircunferência, que tem a função de proteger o que está em seu interior do contato com o que está fora da cúpula.

Dermatrodo: condutor plugado ao cérebro, sobre a pele, para conexão com a matrix.

DMSO: dimetilsulfóxido, um solvente usado em laboratórios e na indústria.

Freebase: forma básica da cocaína; refere-se genericamente a drogas de uso recreacional.

Gaijin: pessoa nascida fora do Japão (termo geralmente pejorativo).

Ganja: maconha; usada pelos rastafáris para fins espirituais.

Giri: obrigação, compromisso.

Gomi: lixo.

Grou: ave pernalta, semelhante à cegonha, da família dos cultrirrostros.

Holograma: representação tridimensional de imagens, geralmente obtida por feixes de luz emitidos por laser.

Hovercraft: veículo que desliza sobre um colchão de ar, que pode ser utilizado em terra ou no mar.

ICE: no original, Intrusion Countermeasures Eletronics (Contramedidas Eletrônicas de Intrusão) – são softwares corporativos contra invasões eletrônicas. Em inglês, a palavra também significa "gelo". Poderia ser comparado aos atuais *firewalls*.

ICE-Breaker: o "quebra-gelo". É um programa criado para invadir sistemas protegidos por ICEs ou Black ICEs.

Kendô: arte marcial desenvolvida a partir das técnicas tradicionais de combate com espadas dos samurais do Japão feudal.

Kino: equivalente aos programas de tevê atuais, porém transmitido via simstim.

Legba: no vodu, Papa Legba é o intermediário entre a humanidade e os loa.

Loa: os espíritos ou deuses da religião vodu.

Microsoft: microprograma que, colocado num dispositivo ligado ao cérebro, permite que o usuário aprenda uma nova habilidade. Não há relação direta com a empresa Microsoft, de Bill Gates.

Monômero: composto constituído de moléculas capazes de se combinarem entre si ou com outras para formar polímeros.

Noodles: macarrão oriental.

Pathos: paixão, excesso, passagem.

PCB: Bifenilpoliclorado, um composto químico que pode dar origem a diversos derivados de elevada toxicidade e persistência ambiental.

Plexiglas: acrílico.

REM: em inglês, Rapid Eye Movement; estágio do sono em que ocorrem os sonhos vívidos.

Reposoir: no vodu, é a árvore sagrada na qual descansam os loa.

Roti: pão.

Sarakin: o mesmo que sarariman, ou seja, um funcionário assalariado das corporações.

Sarongue: saiote malaio de pano que envolve a parte inferior do tronco.

Sense/Net: rede de informação capaz de transmitir estímulos que serão recebidos e sentidos por cada usuário de um console.

Sensorium: soma do conjunto de percepções de um organismo.

Shiroshi-san: pessoas que tentam forçar entrada em metrôs após o aviso de fechamento das portas.

Simstim: no original, "simulated stimuli", ou seja, estímulos simulados. Pode ser abreviado simplesmente para stim.

Snuff: filmes em que há a exibição de cenas de morte, supostamente reais, para fins de entretenimento de um público determinado.

Sprawl: nome dado à megacidade composta pela junção entre todo o terreno urbano existente entre Boston e Atlanta (incluindo Nova York e Washington), nos Estados Unidos. Por isso, também é conhecido pelo nome de BAMA (Boston-Atlanta Metropolitan Axis, ou seja, Eixo Metropolitano Boston-Atlanta).

Toroide, **Fuso**, **Aglomerado**: nomes das estações componentes de Freeside; seus nomes são baseados em seus formatos.

Veves: símbolo religioso que representa os loa; cada loa tem uma representação distinta.

Villa: espécie de residência urbana isolada.

Vodu: religião de origem africana, de raiz semelhante ao candomblé praticado no Brasil.

Wonton: massa chinesa fina e recheada com carne de porco moída.

Yakuza: a máfia japonesa.

Zaibatsu: conglomerado multinacional japonês de base familiar.

Zion: referência ao Sião bíblico, hoje Etiópia, sempre referenciado como a terra primordial para os rastafáris.

MONA LISA OVERDRIVE

TÍTULO ORIGINAL:
Mona Lisa Overdrive

COPIDESQUE:
Ana Cristina Teixeira

REVISÃO:
Carlos Orsi

BRIEFING DE CAPA:
Simone Vollbrecht

CAPA:
Pedro Inoue

ILUSTRAÇÃO DE CAPA:
Josan Gonzalez

PROJETO GRÁFICO:
Desenho Editorial

DIAGRAMAÇÃO:
Join Bureau

MONTAGEM DE CAPA:
Pedro Henrique Barradas

DIREÇÃO EXECUTIVA:
Betty Fromer

DIREÇÃO EDITORIAL:
Adriano Fromer Piazzi

EDITORIAL:
Daniel Lameira
Bárbara Prince
Andréa Bergamaschi
Renato Ritto

FINANCEIRO:
Roberta Martins

Sandro Hannes

COMUNICAÇÃO:
Luciana Fracchetta
Pedro Henrique Barradas
Lucas Ferrer Alves
Stephanie Antunes

COMERCIAL:
Fernando Quinteiro
Lidiana Pessoa
Roberta Saraiva
Ligia Carla de Oliveira
André Castilho

COPYRIGHT © WILLIAM GIBSON, 1988
COPYRIGHT © EDITORA ALEPH, 2017
(EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA O BRASIL)

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.
PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU EM PARTE, ATRAVÉS DE QUAISQUER MEIOS.

EDITORA ALEPH
Rua Henrique Monteiro, 121
05423-020 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: [55 11] 3743-3202
www.editoraaleph.com.br

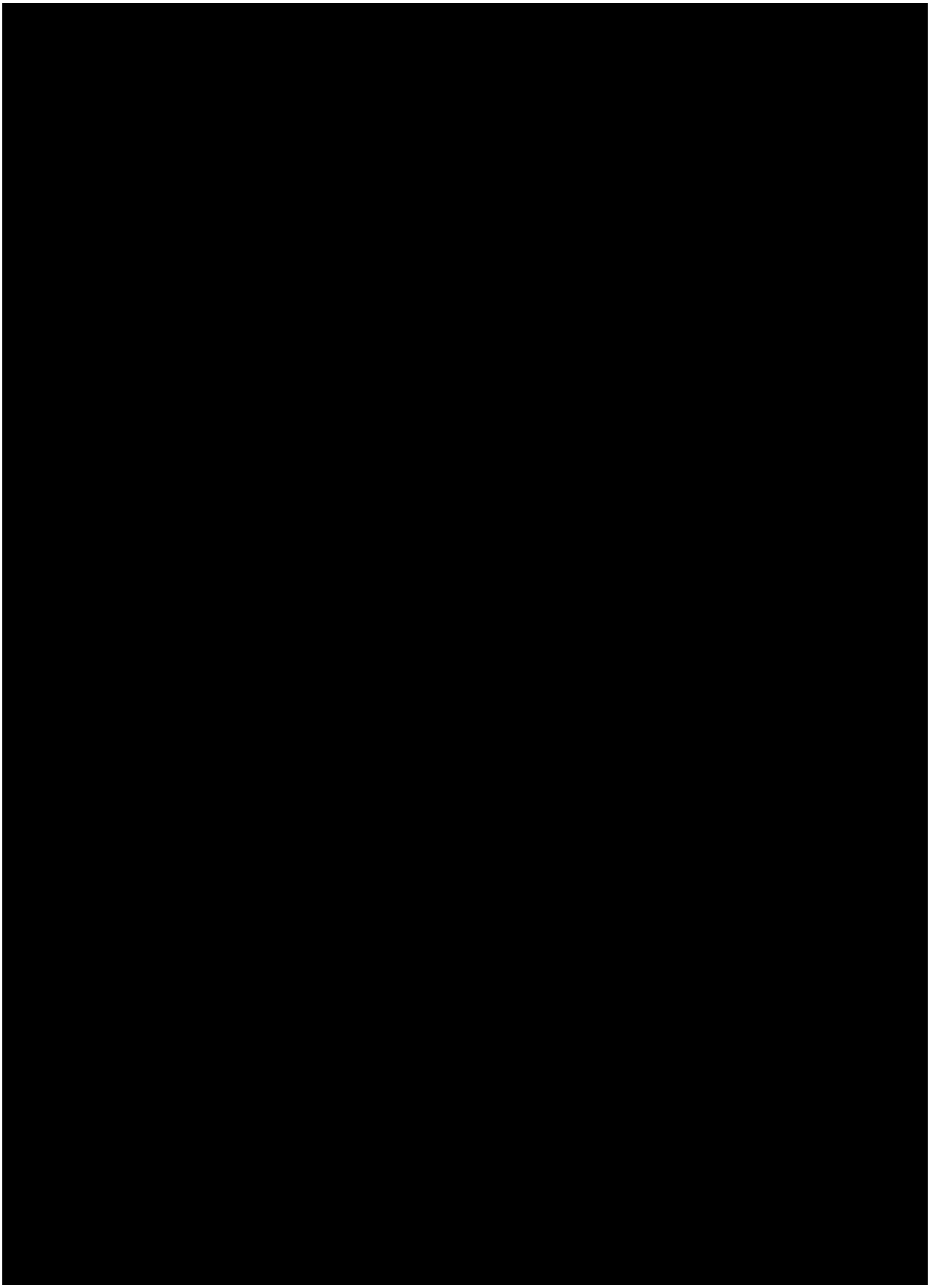
DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gibson, William, 1948 –
Mona Lisa Overdrive [livro eletrônico] / William Gibson ; tradução Carlos Irineu. -- São Paulo : Aleph, 2013.
362 Kb; e-PUB

Título original: Mona Lisa Overdrive
ISBN: 978-85-7657-146-9

1. Ficção científica norte-americana 2. Ficção norte-americana I. Título.
13-04295 CDD: 813.0876

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção científica : Literatura norte-americana 813.0876



SOBRE O AUTOR

William Ford Gibson nasceu nos Estados Unidos, em 1948, e mudou-se para o Canadá em 1972. Em meados da década de 1980, criou – junto com escritores como Bruce Sterling, Rudy Rucker e John Shirley – o gênero ficcional chamado de *cyberpunk*, que une informática e inquietações histórico-filosóficas com tramas pop cheias de ação e violência.

Gibson criou o universo do Sprawl, série de livros iniciada em *Neuromancer* e prosseguida nos romances *Count Zero* e *Mona Lisa Overdrive*; também é autor dos contos *New Rose Hotel*, *Johnny Mnemonic* e *Burning Chrome*. Além deles, escreveu *A Máquina Diferencial* (com Bruce Sterling), *Reconhecimento de Padrões*, *Spook Country* e *Zero History*.

Gibson trabalhou nos roteiros cinematográficos de *New Rose Hotel* e *Johnny Mnemonic*, além do grande sucesso *Alien 3*. Também roteirizou dois episódios aclamados da série *Arquivo X*. Na versão em áudio de *Neuromancer*, a leitura realizada pelo próprio autor é acompanhada pela trilha sonora do U2, que baseou sua turnê mundial Zoo TV na visão de futuro *cyberpunk* de Gibson.


NEUROMANCER
WILLIAM GIBSON

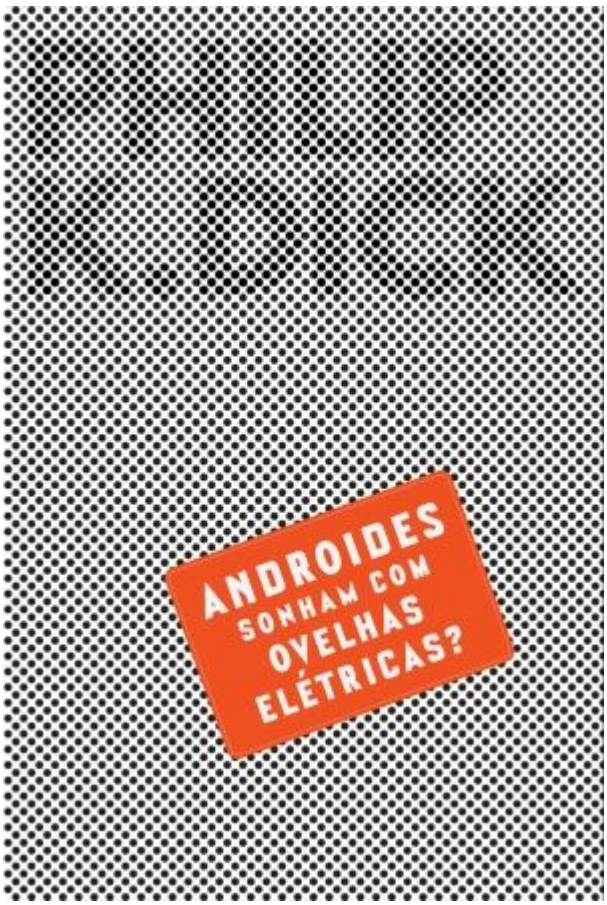
Neuromancer

Gibson, William
9788576571407
312 páginas

Compre agora e leia

No futuro, existe a matrix. Uma espécie de alucinação coletiva digital na qual a humanidade se conecta para, virtualmente, saber de tudo sobre tudo. Mas há uma elite que navega por essa grande rede de informação - os cowboys. Case era um deles, até o dia em que tentou ser mais esperto do que os seus patrões. Que fritaram suas conexões com o ciberespaço, tornando-o um pária entre os seus iguais. Ele vaga pelos subúrbios de Tóquio, mais envolvido do que nunca em destruir a si próprio, até ser contatado por Molly, uma bela e perigosa mulher que, assim como ele, desconfia de tudo e de todos. Os dois acabam se envolvendo numa missão cheia de mistérios e perigos. Esta edição comemorativa de 25 anos de "Neuromancer" conta com nova tradução de Fábio Fernandes e prefácio de William Gibson. O romance de estréia de Gibson é o primeiro volume da chamada Trilogia do Sprawl, que ainda inclui os livros "Count Zero" e "Mona Lisa Overdrive".

Compre agora e leia


ANDROIDES
SONHAM COM
OVELHAS
ELÉTRICAS?

Androides Sonham Com Ovelhas Elétricas? (Blade Runner)

Dick, Philip K.
9788576571797
272 páginas

Compre agora e leia

O LIVRO QUE ORIGINOU O FILME BLADE RUNNER. Philip K. Dick teve diversos livros adaptados para o cinema, mas nenhum foi tão aclamado e tão simbólico para sua época quanto Blade Runner: O Caçador de Androides, de Ridley Scott, que foi inspirado em Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?. No romance, o planeta Terra foi devastado por uma guerra atômica e grande parte da população sobrevivente emigrou para os mundos-colônias, fugindo da poeira radioativa que extinguiu inúmeras espécies de animais e de plantas. Toda criatura viva se torna, então, um objeto de desejo para aqueles que permaneceram, mas esse é um privilégio de poucos. Para a maioria que não pode pagar por um espécime autêntico, empresas começam a desenvolver réplicas eletrônicas e incrivelmente realistas de pássaros, gatos, ovelhas... e até mesmo de seres humanos. Rick Deckard é um caçador de recompensas. Seu trabalho: eliminar androides que vivem ilegalmente na Terra. Seu sonho de consumo: substituir sua ovelha de estimação elétrica por um animal de verdade. A grande chance aparece ao ser designado para perseguir seis androides fugitivos de Marte. É quando Rick percebe que a linha que separa humanos e androides não é tão nítida como acreditava. Imperdível para os fãs de cinema e um clássico da ficção científica, a edição da Aleph leva ao leitor uma série de extras inéditos em português: uma carta emocionante de Dick aos produtores de Blade Runner, na qual enaltece o filme e profetiza seu sucesso, a última entrevista concedida pelo autor,

publicada na revista The Twilight Zone na ocasião do lançamento do filme, e um posfácio escrito pelo jornalista, escritor e tradutor desta edição, Ronaldo Bressane, que faz uma análise crítica da obra e traça paralelos entre filme e livro.

Compre agora e leia

KURT VONNEGUT



CAMA DE GATO

Cama de gato

Vonnegut, Kurt
9788576573883
280 páginas

Compre agora e leia

Cama de Gato, clássico do reverenciado autor Kurt Vonnegut, é uma divertida sátira do homem moderno e de suas loucuras. As desventuras de seu protagonista começam quando ele decide escrever um livro sobre o dia do bombardeio em Hiroshima. Em sua pesquisa sobre o inventor da bomba atômica, o escritor entrevista diversas pessoas que conviveram com o cientista, e essas interações o fazem descobrir histórias e lugares inusitados e conhecer personagens cômicos. Guiada por uma controversa religião fictícia cheia de ensinamentos sarcásticos, sua narrativa fala sobre moral, ciência, política, e o fim do mundo. O humor de Vonnegut é subversivo e incômodo. Com seu estilo inigualável, ele criou, em Cama de gato, a mais peculiar ficção apocalíptica já escrita.

Compre agora e leia


AS BRIGADAS FANTASMA
CONTINUAÇÃO DO BEST-SELLER
GUERRA DO VELHO
JOHN SCALZI

As Brigadas Fantasma

SCALZI, JOHN
9788576573784
376 páginas

Compre agora e leia

Na continuação do premiado livro Guerra do Velho, a tenente Jane Sagan descobre uma armadilha sendo tramada contra a humanidade e um plano para a subjugação e a erradicação de sua espécie inteira. É um genocídio planejado detalhadamente com base na cooperação, até então inédita, entre três raças. E um ser humano. Para lidar com essa trama, as Brigadas Fantasma, com soldados que já nascem com o propósito de proteger a raça humana, precisam entrar em ação. Passando por conflitos de identidade, mas com um forte senso de companheirismo, esses soldados serão liderados por Jane Sagan, que precisa impedir uma guerra entre espécies enquanto lida com um fato preocupante: em meio a suas fileiras, pode haver um traidor. Com a escrita dinâmica, leve e inteligente característica de John Scalzi, As Brigadas Fantasma discute questões éticas e de identidade enquanto envolve o leitor na história de uma grande conspiração política e bélica.

Compre agora e leia


CULTURA DA CONEXÃO
DO AUTOR DE CULTURA DA CONVERGÊNCIA
HENRY JENKINS
COM JOSHUA GREEN
E SAM FORD
CRIANDO VALOR E SIGNIFICADO POR MEIO DA MÍDIA PROPAGÁVEL

Cultura da Conexão

Jenkins, Henry
9788576572541
408 páginas

Compre agora e leia

Essa máxima simples, mas definitiva, norteia a análise de três renomados pensadores atuais da mídia moderna - entre eles Henry Jenkins, autor do referencial Cultura da Convergência (Aleph) - sobre o futuro da circulação de conteúdo nos meios de comunicação social e digital. Vivemos uma mudança de paradigma na mídia: a passagem de uma mentalidade regulada pela lógica da radiodifusão, que dominou todo o século 20, para outra em que o controle sobre a produção e a distribuição cultural já não é tão rígido; uma nova proposição que permite e valoriza o engajamento das audiências. Hoje, as pessoas não se limitam ao simples papel de consumidor. Discutem, reagem, espalham seus interesses e críticas pelas diferentes modalidades de mídia. Querem ser ouvidas, atendidas, recompensadas. Entre as muitas possibilidades dessa cultura cada vez mais ligada em rede, há pelo menos uma grande certeza: será mais bem-sucedido quem souber lidar melhor com as aspirações e desejos de um público ávido por participar e opinar.

Compre agora e leia

Table of Contents

Folha de rosto
Sumário
Neuromancer
    Introdução
    Nota ao leitor
    O céu sobre o Porto
    Dedicatória
    Parte Um - Chiba City Blues
    Parte Dois - Missão: Compras
    Parte Três - Meia-noite na Rua Jules Verne
    Parte Quatro - Missão Straylight
    Coda - Partidas e Chegadas
    Agradecimento
    Glossário
    Créditos
Count Zero
    Dedicatória
    1 - Uma arma bem azeitada
    2 - Marly
    3 - Bobby dá uma de Wilson
    4 - Batendo cartão
    5 - O emprego
    6 - Barrytown
    7 - O shopping
    8 - Paris
    9 - Nos projetos
    10 - Alain
    11 - No teatro de operações
    12 - Café Blanc
    13 - Com as duas mãos
    14 - Voo noturno
    15 - Caixa
    16 - Legba
    17 - O bosque dos esquilos

18 - Os nomes dos mortos
19 - O hypermart
20 - Voo de orly (fuga precipitada)
21 - Hora da estrada
22 - Jammer’s
23 - Mais perto
24 - Passando por cima
25 - Kasual/gothick
26 - O Wig
27 - Estações da respiração
28 - Jaylene Slide
29 - Fazedor de caixas
30 - Mercenário
31 - Vozes
32 - Count Zero
33 - Ruínas e rodopios
34 - Uma corrente de umas nove milhas
35 - Tally Isham
36 - O bosque dos esquilos
Glossário
Créditos
Mona Lisa Overdrive
1 - A fumaça
2 - Kid Afrika
3 - Malibu
4 - Squat
5 - Portobello
6 - Luz da manhã
7 - Não há nada, lá
8 - Rádio Texas
9 - Metrô
10 - A forma
11 - Pelas calçadas
12 - Antártica começa aqui
13 - Passarela
14 - Brinquedos
15 - Caminho prateado

16 - Filamento nos estratos
17 - Jump City
18 - Tempo em cana
19 - Entrando na faca
20 - Hilton Swift
21 - O Aleph
22 - Fantasmas e vazios
23 - Espelho, espelho meu
24 - Num lugar solitário
25 - De volta para o leste
26 - Kuromaku
27 - Menina má
28 - Companhia
29 - Viagem de inverno
30 - O sequestro
31 - 3Jane
32 - Viagem de inverno (2)
33 - Estrela
34 - Margate Road
35 - A guerra da fábrica
36 - O apanhador de almas
37 - Grous
38 - A guerra da fábrica
40 - Cetim rosa
39 - Demais
41 - Sr. Yanaka
42 - Chão da fábrica
43 - Juiz
44 - Couro vermelho
45 - Pedra lisa mais adiante
Glossário
Créditos
Sobre o autor